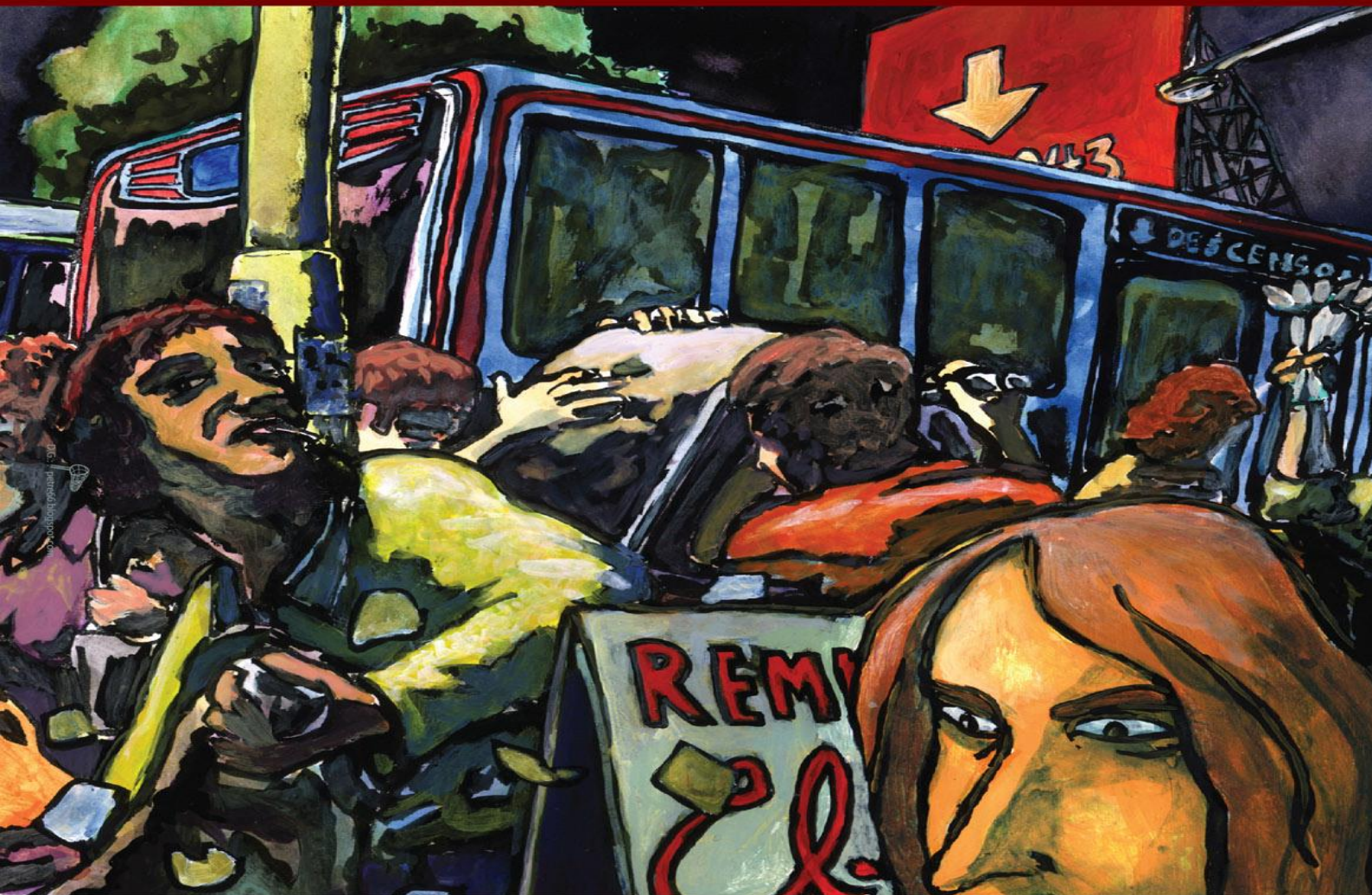


# LUTAS, EXPERIÊNCIAS E DEBATES NA AMÉRICA LATINA. ANAIS DAS IV JORNADAS INTERNACIONAIS DE PROBLEMAS LATINO-AMERICANOS





PAULO RENATO DA SILVA, MARIO AYALA  
FABRICIO PEREIRA DA SILVA , FERNANDO JOSÉ MARTINS  
(COMPILADORES)

# **LUTAS, EXPERIÊNCIAS E DEBATES NA AMÉRICA LATINA**

**Anais das IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos**

**Foz do Iguaçu**  
**Imago Mundi / PPG - IELA UNILA**  
**2015**

Primera edición, 2015

Lutas, experiências e debates na América Latina : Anais das IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos / Alan Baichman ... [et al.] ; compilado por Paulo Renato da Silva , Mario Ayala, Fabricio Pereira da Silva y Fernando José Martins. - 1a ed. edición bilingüe. - Longchamps : Imago Mundi ; Foz do Iguaçu : Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2015.

Libro digital, EPUB

Archivo Digital: descarga

ISBN 978-950-793-223-6

1. Ciencias Sociales y Humanidades. I. Ayala, Mario, comp. II. Paulo Renato da Silva, comp. III. Fabricio Pereira da Silva, comp. IV. Fernando José Martins comp.

CDD 301

Imagen de portada: Horacio Petre ,“Pacífico” (Buenos Aires, 2004)





## ÍNDICE

|   |            |
|---|------------|
| <b>Introdução</b> Paulo Renato da Silva, Mario Ayala, Fabricio Pereira da Silva e Fernando José Martins .....   | <b>1</b>   |
| <b>Debates de teoría política latinoamericana en México durante la bisagra de los años setenta y ochenta: avances de investigación</b> Alan Baichman, Martín Cortes e Andrés Tzeiman .....  | <b>4</b>   |
| <b>A imagem do índio através do tempo no Brasil</b> Ana Caroline Bonfim Pereira, Anderson Igor Leal Costa e Jocenildo Teixeira de Souza.....  | <b>21</b>  |
| <b>Estado, polícia e sociedade: uma análise das ações do batalhão de operações especiais (BOPE) no Amapá</b> Ana Caroline Bonfim Pereira .....  | <b>32</b>  |
| <b>O Processo de extinção das Aldeias e a permanência da Identidade Indígena na Vila de Itaguaí no século XIX: em busca da manutenção de direitos</b> Ana Cláudia de Souza Ferreira....   | <b>45</b>  |
| <b>Os lugares de memória da ditadura militar no contexto da justiça de transição brasileira - Anaclara Volpi Antonini.....</b>  | <b>60</b>  |
| <b>Más allá del Estado, más acá de la frontera. Reflexiones en torno a las mujeres paseras de la frontera La Quiaca (Argentina) - Villazón (Bolivia)</b> Andrea Noelia López .....  | <b>71</b>  |
| <b>A securitização da migração e sua faceta expressiva por meio das noções de cidadania e cultura nas sociedades de recebimento</b> Arthur Lersch Mallmann, Cecília Maieron Pereira, Filipe Seefeldt de Césaró, Maria Catarina Zanini ..... | <b>82</b>  |
| <b>20 años de lucha por la tierra, 20 años de contrainsurgencia en Chiapas: 1994-2014</b> Azucena Citlalli Jaso Galván .....  | <b>94</b>  |
| <b>Juventude, engajamento e participação e os padrões culturais da sociedade em rede</b> Carla Mendonça.....  | <b>111</b> |
| <b>Lutas e organização política no meio rural brasileiro: notas a partir dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais</b> Caroline Araújo Bordalo .....  | <b>130</b> |
| <b>Fluxos e experiências de trabalhadores no transporte não regulamentado de café na fronteira Brasil-Paraguai (1960)</b> Cíntia Fiorotti .....   | <b>147</b> |
| <b>Deslizes do movimento sindical brasileiro e repercussões para classe trabalhadora: o caso dos profissionais secretários e secretários executivos</b> Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz .....  | <b>161</b> |
| <b>“Incidencia política de organizaciones sociales autogestivas.” Un analisis sobre el entramado de cooperativas y el movimiento cartonero</b> Constanza Lupi e Santiago Fernandez Galeano ...  | <b>176</b> |
| <b>Militancia e imaginario comunista. La actividad política de la Federación Juvenil Comunista en la Argentina de la post-dictadura (1983-1989)</b> Débora Elizabet Ermosi .....  | <b>200</b> |
| <b>Uma análise sociológica da contradição entre a lei e a representação dos adolescentes na mídia impressa de Macapá</b> Delque Pantoja Medeiros e Rubieli de Abreu Oliveira .....  | <b>218</b> |
| <b>O papel dos serviços de atenção primária à saúde no enfrentamento da pobreza: uma análise preliminar dos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná - Brasil</b> Delque Pantoja Medeiros e Rubieli de Abreu Oliveira .....             | <b>231</b> |
| <b>El Partido Socialista argentino y su desempeño en el sindicalismo industrial en los años treinta. El caso de la Unión Obrera Textil, 1930-1943</b> Diego Ceruso .....  | <b>248</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Democracia, desenvolvimento capitalista e as lutas dos trabalhadores no Brasil (2013/2014)</b><br>Douglas Ribeiro Barboza, Jacqueline Aline Botelho Lima Barboza, Emilia Oliveira rodrigues,<br>Fabiana da Conceição Timoteo, Daniele Cristina de Brito e Flávia Maurício Figueiredo..... | <b>270</b> |
| <b>TELESUR y la Diplomacia Pública venezolana</b> Érico Matos .....  | <b>288</b> |
| <b>"Por motivação exclusivamente política": movimento sindical e as dificuldades na busca pela anistia</b> Fernanda Raquel Abreu Silva.....  | <b>302</b> |
| <b>O Trabalhador Fronteiriço e o Regime Jurídico de Trabalho na Fronteira</b> Fernando José Martins e Manoela Marli Jaqueira .....   | <b>315</b> |
| <b>Domesticando o movimento indígena: O multiculturalismo no Equador neoliberal</b> Fernando José Martins e Manoela Marli Jaqueira .....   | <b>328</b> |
| <b>Cuotas de género en la producción periodística y de ficción. Propuestas teóricas y marcos normativos para el cambio</b> Florencia Laura Rovetto, Ana Clara Borsani e Luciana Caudana ....   | <b>344</b> |
| <b>Anauê! Plínio Salgado e a guinada à direita do nacionalismo brasileiro</b> Gianluca Simi .....  | <b>356</b> |
| <b>Intelectuales kirchneristas: una lectura abierta a Carta</b> Gregorio Dolce .....   | <b>370</b> |
| <b>Los primeros pasos de la derrota: represión política, frente popular y pérdida de influencia del Partido Comunista argentino en el movimiento obrero durante los prolegómenos del peronismo, 1943-1945</b> Hernán Camarero.....   | <b>382</b> |
| <b>Graffiti: Diálogo Estampado de Cores</b> Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira, Jéssika Silva Teixeira e Italo Felipe Cury .....   | <b>399</b> |
| <b>Justiçamento: o espetáculo do urbano (a vingança privada da atualidade)</b> Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira e Jéssika Silva Teixeira .....   | <b>413</b> |
| <b>A busca de um conceito: resistências sociais (Uma abertura dentro da crise)</b> Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira, Marília Luiza de Carvalho Reis e Tuany de Sousa França .....  | <b>424</b> |
| <b>Entre o antigo e o novo: considerações sobre as novas formas de atuação política das juventudes organizadas</b> Joane dos Santos Araújo.....  | <b>438</b> |
| <b>Remando Contra a Maré: A Iniciativa dos Cursos de Agroecologia do MST/PR</b> João Henrique Souza Pires e Henrique Tahan Novaes .....  | <b>454</b> |
| <b>Raça na Descolonialidade Epistêmica</b> João Roberto Barros II .....  | <b>469</b> |
| <b>O movimento anarquista no Brasil durante a Primeira República</b> Jocenildo Teixeira de Souza .....   | <b>482</b> |
| <b>“Ganhei a Situação”:</b> uma análise sobre a abordagem e a seletividade policial José Luis dos Santos Leal.....   | <b>495</b> |
| <b>O Grupo <i>Tortura Nunca Mais/RJ</i>: um olhar etnográfico</b> Lívia de Barros Salgado e Victória Grabois .....   | <b>507</b> |
| <b>Unidade Camponesa: resistência e processos de luta em Goiás</b> Luiz Henrique de Gomes Moura, Thiago Sebastião de Melo e José Valdir Misnerovicz .....  | <b>525</b> |
| <b>E da dor se fez arte: Ideologia, memória e representação das ditadura</b> Margarida de Menezes Ferreira Miranda Fernandes .....   | <b>550</b> |
| <b>Sindicalismo Revolucionario, trabajadores y política en Argentina durante el primer gobierno de Yrigoyen (1916-1922)</b> María Alejandra Monserrat .....  | <b>563</b> |
| <b>Sustentabilidad, Estado y gestión comunitaria del agua en México y Ecuador</b> María Griselda Günther e Adriana Sandoval-Moreno .....   | <b>579</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>Policinando a polícia: aspectos das forças de segurança pública do Brasil no contexto latino americano</b> Marina Zminko Kurchaidt .....   | <b>597</b> |
| <b>A resistência que vem da aldeia</b> Maurício Amorim Holanda .....  | <b>611</b> |
| <b>O caráter potencialmente revolucionário da pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)</b> Melina Casari Paludeto e Neusa Maria Dal Ri .....   | <b>620</b> |
| <b>Conflito por terra e água nos sules: Comunidades Huarpes (Mendoza, Argentina) e camponeses do que hoje é Suape (Pernambuco, Brasil)</b> Mercedes Solá Pérez e Virginia Miranda Gassull.....                                  | <b>635</b> |
| <b>Mediações em tempo de redes digitais: cultura, comunicação, hegemonia e juventude nas manifestações de junho de 2013 no Brasil</b> Michele Caroline Torinelli e Ana Luisa Fayet Sallas .....                                 | <b>652</b> |
| <b>Movimentos camponeses contra a dominação e concentração de poder no Paraguay</b> Nadia Alderete .....  | <b>671</b> |
| <b>Análisis de la “Política integral de envejecimiento positivo en Chile</b> Natalie Rojas Vilches....  | <b>685</b> |
| <b>Activismo digital: ¿nuevos repertorios juveniles o movilización efímera? El caso #yosoy132</b> Omar Cerrillo Garnica .....   | <b>690</b> |
| <b>Superexplotación en la industria de la confección de indumentaria. Aproximaciones a partir de las transformaciones recientes. Buenos Aires 2004-2013</b> Paula Dinorah Salgado .....   | <b>704</b> |
| <b>Migración y trabajo: las “fronteras” de la explotación. El caso de la industria de la indumentaria. Buenos Aires, 2001-2013</b> Paula Dinorah Salgado.....   | <b>732</b> |
| <b>A gênese da classe trabalhadora no Brasil: da colônia à Independência</b> Rachel Silva Rodrigues .....   | <b>757</b> |
| <b>Violência Sexual Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes: Considerações sobre a Proteção Jurídica e o Enfrentamento no Brasil</b> Rafael Bueno da Rosa Moreira e Diogo Lentz Meller .....                               | <b>778</b> |
| <b>Império americano, Banco Mundial e reforma do Estado</b> Rafael de Paula Fernandes Mateus  | <b>791</b> |
| <b>As contribuições de Antonio Gramsci para a formação do educador</b> Rafael Vicente de Moraes .....   | <b>803</b> |
| <b>Soberania Alimentar e o Pacto para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia: uma visão pós-colonialista das Relações Internacionais</b> Raissa Lorena Malcher Sena.....   | <b>813</b> |
| <b>Contradição, Politecnia e Revolução: Limites de uma polêmica</b> Ricardo Scopel Velho .....  | <b>825</b> |
| <b>Sufrimento do trabalhador brasileiro: conjuntura internacional, política pública e o tensionamento político da classe trabalhadora</b> Roberto Coelho do Carmo .....   | <b>839</b> |
| <b>Violência intrafamiliar do micro ao macrossistema: uma perspectiva bioecológica para pensar a educação</b> Rosa Elena Bueno, Araci Asinelli-Luz, Adão Aparecido Xavier, Aline do Rocio Neves e Marlene Schussler D'Aroz..... | <b>863</b> |
| <b>Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais: relatos de conflitos e demandas para as políticas públicas</b> Rosângela Bujokas de Siqueira e Danuta Estrufika Cantóia Luiz.....   | <b>882</b> |
| <b>Entre Movimentos: Diálogos e Perspectivas a respeito da Lei 11.645/2008</b> Tamires Cristina dos Santos e Clarice Cohn .....   | <b>900</b> |
| <b>Democracia enquanto tecnocracia: Uma análise da atuação da UNICEF na República Dominicana</b> Tassiana Vieira de Assis.....  | <b>916</b> |

|   |             |
|---|-------------|
| <b>A Questão Agrária brasileira: uma análise dos governos do Partido dos Trabalhadores entre os anos de 2003-2010</b> Thaylize Goes Nunes Pereira e Mirian Claudia Lourenção Simonetti.....   | <b>934</b>  |
| <b>Mobilizações Urbanas Latino-Americanas, e o direito de ir e vir: Caracazo e as revoltas de junho de 2013 no Brasil</b> Vanessa Cristhina Zorek Daniel, Manoela Marli Jaqueira e Fernando José Martins .....  | <b>955</b>  |
| <b>A construção da identidade nacional e cultural e a relação com a instabilidade política haitiana no final do século 20</b> Victor de Carli Lopes e Wagner Fernandes de Azevedo .....   | <b>966</b>  |
| <b>El dilema de la Autonomía: movilización social y proyectos alternativos en América Latina</b> Victoria Darling .....   | <b>983</b>  |
| <b><i>Todos juntos y al mismo tiempo. Lucha política y formas de organización del movimiento obrero argentino: el caso de Electromecánica Argentina (1969-1975)</i></b> Walter L. Koppmann .  | <b>996</b>  |
| <b>50 años del golpe en Brasil: preguntas y debates en torno a la producción historiográfica</b> Brenda Rupar , Julia Rigueiro .....  | <b>1009</b> |
| <b>Militares y democracia, una puja vigente durante el gobierno de Alfonsín</b> María Delicia Zurita.....   | <b>1025</b> |
| <b>No violencia estratégica y su aplicación en Paraguay: desestabilización y des-ciudadanización</b> Facundo Bordachar, Andrés Bustos .....   | <b>1045</b> |
| <b>Entre el desafuero y la destitución: desestabilización de proyectos sub-nacionales alternativos al neoliberalismo en México y Colombia</b> Fernando Martín Collizzolli .....   | <b>1059</b> |
| <b>Nuevas medidas económicas en las democracias de América Latina. La política social de precios en Argentina y Venezuela en el escenario de disputa entre los gobiernos del giro a la izquierda y la reconfiguración de las derechas</b> Florencia Tursi Colombo ..... | <b>1077</b> |
| <b>A preferência ideológica na formulação de políticas públicas</b> Aline do Rocio Neves, Samira Kauchakje, Evelise Zampier da Silva .....  | <b>1092</b> |
| <b>La difícil construcción de una derecha democrática en América Latina</b> Sergio Daniel Morresi .....   | <b>1103</b> |



## Introdução

### Balço das IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos: “América Latina: lutas e debates por uma integração dos povos”

Paulo Renato da Silva<sup>1</sup>

Mario Ayala<sup>2</sup>

Fabricio Pereira da Silva<sup>3</sup>

Fernando José Martins<sup>4</sup>

Este livro reúne trabalhos apresentados nas IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos, realizadas de 27 a 29 de novembro de 2014 em Foz do Iguaçu (Brasil). Organizado pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), o evento deu sequência a encontros que já estão se tornando (assim esperamos) uma tradição de reflexão crítica acerca dos desafios latino-americanos.

A ideia inicial das Jornadas remonta à organização das *Jornadas Historia México en Argentina* (Rosário, setembro de 2006). Na sequência daquele evento, começou-se a pensar em criar um espaço de encontro e intercâmbio sobre problemas latino-americanos que permitisse articular distintos interesses e inquietudes. A intenção era criar uma rede acadêmica sobre a temática que pudesse reforçar as atividades docentes e de pesquisa de seus participantes, vinculando-os a outros espaços acadêmicos e organizações sociais da região. Pairava a ideia de intervir no campo político-social desde nosso espaço acadêmico em construção, pois que todos os que se articularam à ideia vinham de participarem diversas experiências políticas militantes desde meados dos anos 1990. Fazia falta armar uma rede e pensar conjuntamente a região e seus problemas. Por estas razões os objetivos foram múltiplos e complementares: a) articular uma rede na Argentina e na região entre acadêmicos latino-americanistas; b) reunir cátedras e estudiosos de História da América Latina Contemporânea; c) debater preocupações políticas e intelectuais a respeito da mudança de época nas lutas políticas e

---

<sup>1</sup> Professor da Graduação de História-América Latina, do Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG – IELA UNILA) e do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

<sup>2</sup> Professor da Cátedra de Problemas Latino-Americanos Contemporâneos e Pesquisador do Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones sobre America Latina, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires (UBA).

<sup>3</sup> Professor da Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (PPGCP-UFF).

<sup>4</sup> Professor do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus Foz do Iguaçu.

sociais anti-neoliberais que se ativaram desde a década de 1990, em particular quanto aos movimentos sociais; d) reunir e realizar este balanço com acadêmicos, especialistas, pesquisadores/ativistas de movimentos sociais. Essas preocupações desembocaram nas I Jornadas, na Universidade Nacional de Mar del Plata (2008).

Quando iniciamos os trabalhos visando à organização das IV Jornadas, tínhamos duas preocupações. Primeiro, queríamos que elas dessem prosseguimento ao espaço bianual de diálogo e inovação iniciado em Mar del Plata e que teve prosseguimento na Universidade Nacional de Córdoba (Córdoba, 2010) e na Universidade Nacional de Cuyo (Mendoza, 2012), na medida em que as Jornadas sempre foram marcadas pela vocação latino-americanista e pela abertura a novos temas. Para isso tínhamos que atrair acadêmicos e militantes sociais de diversas latitudes, e garantir o espaço para a realização de debates francos. Segundo, gostaríamos que esta edição constituísse o marco de sua definitiva internacionalização. As Jornadas tiveram desde sempre em sua organização e assistência a atuação de pesquisadores, professores e ativistas de todas as partes da América Latina e do mundo, mas nasceram da iniciativa de diversos colegas, cátedras, cursos e movimentos sociais da Argentina. No entanto, sentíamos que o evento havia atingido maturidade suficiente para começar a viajar mais, voltando de tempos em tempos ao seu rincão natal. O local escolhido (a Fronteira Tri-nacional de Brasil, Argentina e Paraguai) e a vocação latino-americanista de uma das instituições organizadoras (a UNILA) não foram mera coincidência.

Esperamos ter cumprido com os dois objetivos. Ao menos, realizamos as maiores Jornadas até o momento, com 40 Simpósios Temáticos, 670 resumos recebidos e 450 aceitos (totalizando 510 autores). Tivemos ao fim e ao cabo cerca de 600 participantes entre apresentadores e assistentes. Além da expressiva participação de brasileiros de diferentes partes do país, as *IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos* também contaram com a participação maciça de estrangeiros que vieram de vários países, sobretudo da América Latina. Como é tradição das Jornadas, garantimos espaços para apresentação e discussão de trabalhos em andamento ou concluídos, de jovens ou experientes pesquisadores, com distintos enfoques teórico-metodológicos, e suas atividades se caracterizaram pela interação entre acadêmicos e ativistas de organizações e movimentos sociais. Militantes sociais de toda ordem, de organizações não governamentais a movimentos sociais, compuseram o público do evento, em conjunto com acadêmicos, estudantes e professores. Vale ressaltar também o número de militantes sociais que estão no interior da academia, realizando estudos de pós-graduação, ou mesmo de graduação, que foram significativos na composição do evento. E esperamos que as Jornadas viajem sempre que possível a novos países, com intercaladas com retornos a seu país de origem.

Na convocatória das Jornadas, propomos como tema central “América Latina: lutas e debates por uma integração dos povos”. Desdobramos essa proposta em três eixos:

1) A atuação dos movimentos sociais, sindicatos e da cidadania em geral em defesa de uma “outra” integração latino-americana, com maior preocupação social e participação cidadã. Organizações e ativistas vêm atuando em diversos campos como a luta pela terra, emprego e condições de trabalho dignas, saúde, livre circulação humana, ecologia, a defesa dos direitos humanos e a memória em torno de suas violações, por transformações nos espaços e instituições de integração, e propondo diversas formas de articulação supranacional (como a Via Campesina ou movimentos altermundialistas). Se a análise dos espaços e instituições “oficiais” de integração é importante, também se impõe crescentemente o estudo da atuação da cidadania supranacional dentro e fora desses espaços, pois as estratégias de ação dos movimentos sociais adotam cada vez mais uma lógica de articulação transnacional.

2) Seguem de mãos dadas com esse debate os esforços por se pensar a América Latina “desde” a América Latina, nos diversos campos do conhecimento relacionados às ciências humanas e sociais. Debates em torno da colonialidade, da reativação da teoria crítica e propostas em torno de novos padrões de desenvolvimento (como o “bem viver”) se tornam frequentes, denotando a crescente necessidade de produção (não mais reprodução) de pensamento local.

3) Novos movimentos de protesto, organizações sociais, movimentos políticos, governos e espaços participativos se impõem como atores no cenário latino-americano desses primeiros anos do século XXI. Para que se possa pensar em integração e em novos paradigmas teórico-políticos e um novo horizonte emancipatório para a região, torna-se essencial refletir sobre problemas como: as relações entre “antigos”, “novos” e “novíssimos” movimentos sociais, e destes com os partidos; os novos governos progressistas e Estados refundados, e suas complexas relações com as organizações populares; e as possibilidades e limites na articulação entre as instituições representativas e a democracia das ruas; os novos “lugares de memória” e a (re)escrita da História na América Latina.

Após um número da *Revista Sures* (n. 5, 2015) reunindo trabalhos dos conferencistas convidados, agora entregamos ao público uma compilação de 70 dos trabalhos apresentados nas *IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos*. Acreditamos que eles expressam os referidos eixos, enfatizando notadamente o debate em torno dos movimentos sociais. Esperamos que a leitura constitua um panorama dos debates ocorridos naqueles dias em Foz do Iguaçu. Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (IELA) da UNILA pelo apoio à organização do evento e à edição deste livro; a Manoela Jaqueira, Aline Cristina Paiva e Vanessa Zorek por todo o apoio logístico; e a Matheus Pestana e Cecilia Kondolf pela ajuda na edição do livro.

Boa leitura!

## **Debates de teoría política latinoamericana en México durante la bisagra de los años setenta y ochenta: avances de investigación**

Alan Baichman (CCC/UBA [alanbaich@hotmail.com](mailto:alanbaich@hotmail.com)); Martín Cortes (CCC/UBA [martincortes30@yahoo.com.ar](mailto:martincortes30@yahoo.com.ar));

Andrés Tzeiman (CCC/UBA [andrestzeiman@hotmail.com](mailto:andrestzeiman@hotmail.com))

### **Resumen**

El presente trabajo se inscribe en un proyecto de investigación titulado *Estado y Marxismo en la Teoría Política Latinoamericana. Un análisis de los debates de los años setenta y ochenta*, el cual lleva tres años. En él analizamos los debates sobre teoría política latinoamericana producidos en el contexto mexicano durante la bisagra de los años setenta y ochenta, escogiendo como objeto de estudio cuatro libros elaborados entre los años 1978 y 1981. En todos los casos se expresa la confluencia de autores de diferentes regiones del continente, y se incorpora el aporte de intelectuales europeos de relevancia. Partimos de la hipótesis acerca del carácter singular e inédito de este momento de reflexión de orden latinoamericano. Con el propósito de sistematizarlos, hemos establecido ejes temáticos que consideramos principales en el clima de época de referencia, y que a su vez, constituyen el nudo central de las reformulaciones a las que la teoría marxista estaba siendo sometida como balance de las experiencias políticas recientes. Los tres ejes temáticos/conceptuales en los que agrupamos los trabajos en este texto son: 1) Estado; 2) Hegemonía; 3) Socialismo y democracia.

### **Summary**

This work is part of a research project entitled *State and Marxism in Latin American Political Theory. An analysis of the debates of the seventies and eighties*, which has been started three years ago. It analyzed the debates on Latin American political theory produced in the Mexican context hinge during the seventies and eighties, choosing as study object four books produced between 1978 and 1981. In all cases the confluence of authors expressed different regions of the continent, and the contribution of European intellectuals of relevance is incorporated. We hypothesize about the unique and unprecedented nature of this moment of Latin American reflection. In order to systematize, we have established themes that we consider key in the climate of reference epoch, and which in turn, form the central core of the reformulations to Marxist theory was undergoing as stock of recent political experiences. The three thematic / conceptual axes on which group the work in this paper are: 1) State; 2) Hegemony; 3) Socialism and Democracy.



## 1. Introducción

El presente trabajo se inscribe en un proyecto de investigación titulado *Estado y Marxismo en la Teoría Política Latinoamericana. Un análisis de los debates de los años setenta y ochenta*, el cual ya tiene tres años de duración. Se lleva a cabo entonces la redacción de esta ponencia en el marco del inicio de una etapa del proceso investigativo que pretende comenzar con la elaboración de las conclusiones, y por ende, con la realización de un trabajo final que cristalice lo desarrollado hasta aquí. En ese sentido, y de acuerdo con las necesidades actuales de la investigación mencionada, esta ponencia tiene como propósito presentar una sistematización de los ejes de trabajo que se han construido en base al objeto de estudio seleccionado.

El proyecto de investigación de referencia, con el afán de analizar los debates sobre teoría política latinoamericana producidos en el contexto mexicano durante la bisagra de los años setenta y ochenta, ha escogido como objeto de estudio cuatro volúmenes que recogen trabajos de teoría política elaborados entre los años 1978 y 1981. Tres de ellos recopilan las ponencias de distintos seminarios llevados a cabo en esos años, mientras que el cuarto es una compilación de artículos. En todos los casos se expresa la confluencia de autores de diferentes regiones del continente -aportando por ende miradas diversas sobre la heterogeneidad que existe entre los países latinoamericanos-, e incluso se incorpora en algunos volúmenes el aporte de intelectuales europeos de relevancia.

En primer lugar, seleccionamos el encuentro realizado en octubre de 1978 en Puebla, bajo el nombre de “El Estado de transición en América Latina”, que sería publicado dos años más tarde como *Movimientos populares y alternativas de poder en América Latina* (AAVV, 1980). Participan allí, entre otros, Norbert Lechner, Oscar del Barco, Enzo Faletto, Carlos Franco y Ludolfo Paramio.

En segundo lugar, en febrero de 1980, se realiza en Morelia el seminario *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*, que se publicaría con título homónimo cuatro años más tarde (Labastida, 1985). Autores como José Aricó, Ernesto Laclau, Emilio de Ipola, Norbert Lechner, Juan Carlos Portantiero y Fernando Henrique Cardoso participaron de los debates allí suscitados.

En tercer lugar, hablamos del seminario realizado en 1981 en Oaxaca, titulado *Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea*, publicado homónimamente en 1986 (Labastida, 1986). Entre otros, René Zavaleta, Adolfo Sánchez Vázquez, Juan Carlos Portantiero, Manuel Antonio Garretón, Elmar Altvater y Christine Buci-Glucksmann exponen en ese contexto sus trabajos sobre dilemas políticos de la región.

Además, hemos atendido especialmente una compilación hecha por Norbert Lechner. Se trata del libro *Estado y política en América Latina*, publicado en México en 1981 (Lechner, 1981).

Además del propio Lechner, participan en ella Ernesto Laclau, Edelberto Torres Rivas, Sergio Zermeno, Oscar Landi y Guillermo O'Donnell, entre otros.

Luego de haber realizado una exhaustiva revisión de estos cuatro volúmenes señalados, llevamos adelante una búsqueda tendiente a complementar dicha revisión con la lectura y el análisis de otros volúmenes, así como de revistas en las que los problemas de interés eran debatidos. Hablamos de revistas como *Controversia*, *Cuadernos Políticos*, *Crítica & Utopía*, *Revista Mexicana de Sociología*, la peruana *Socialismo y Participación*, entre otras, que acompañaron la realización de importantes seminarios, coloquios, debates y cursos como los que constituyen nuestro objeto de estudio, y que se dedicaron al abordaje de trascendentes problemas de teoría política en América Latina. Además, el mundo editorial mexicano daba lugar a un rico momento en materia de variadas publicaciones dentro del universo marxista. Sostenemos pues que en el contexto mexicano de la intersección entre los años setenta y ochenta, se produjo un clima privilegiado, de confluencia de numerosos y destacados intelectuales latinoamericanos (como los mencionados más arriba), en el que predominaron las reflexiones en el campo de la teoría política, y donde los moldes teóricos del marxismo acuñados en las décadas precedentes fueron puestos en cuestión. Entonces, además de los cuatro volúmenes seleccionados, hemos realizado una lectura pormenorizada de ciertas revistas y trabajos individuales de algunos autores de renombre que nos permitieron completar y complejizar las características de los debates que se desarrollaban en aquel clima de época.

Partimos de la hipótesis acerca del carácter singular e inédito de este momento de reflexión de orden latinoamericano. Tratamos por lo tanto de eludir aquella lectura que reduce los debates en México a la condición de "semillas" de los debates que se desarrollarían luego en torno a la transición democrática entrados los años ochenta. Esto nos parece importante porque al menos dos razones de peso conspiran contra la justa valoración de las contribuciones desarrolladas en el país azteca en el período indicado. Por un lado, el carácter casi súbitamente interrumpido del clima intelectual allí desarrollado, por el retorno a los países de origen en el caso de los autores conosureños que en ese momento estaban exiliados, y por los giros temáticos que ese viaje de vuelta supuso. Por el otro, el hecho de que los debates de los ochenta llegaron a desarrollar una coherencia interna y un alcance teórico y político evidentemente superior al clima que los precedía.

En resumidas cuentas, a continuación desarrollaremos un trabajo que quizá no resulte del todo atractivo, pero que constituye una etapa particular en nuestro proceso de investigación, y que al mismo tiempo, puede brindar interesantes herramientas a quien desee sumergirse en los debates producidos en el contexto al que se dedica esta ponencia. Haremos entonces un repaso puntual por los cuatro volúmenes arriba señalados, artículo por artículo, y precisaremos la temática predominan-

te en cada uno de ellos, haciendo una breve mención en algunos casos a los problemas teóricos allí abordados. Con ese propósito, hemos establecido cuatro ejes temáticos que a nuestro modo de ver resultan los principales en el clima de época de referencia, y que a su vez, constituyen el nudo de las reformulaciones a las que la teoría marxista estaba siendo sometida como balance de las experiencias políticas recientes. Fundamentalmente las derrotas del movimiento popular en el Cono Sur, aunque también en algunos casos, acerca del alza de la lucha de clases en Centroamérica. Los tres ejes temáticos/conceptuales en los que agruparemos los trabajos serán: 1) Estado; 2) Hegemonía; 3) Socialismo y democracia. Dejaremos el eje de Nación para otro trabajo.

## **2. Estado**

Aquel volumen en el que predomina indudablemente la reflexión acerca del Estado en América Latina es, en consonancia con su título, el libro *Estado y política en América Latina*. Probablemente en ese trabajo haya pensado Norbert Lechner en el célebre apartado *De la revolución a la democracia* -perteneciente a *Los patios interiores de la democracia* (de 1984)- al señalar que en 1981 se interrumpió el abordaje sistemático del Estado en las ciencias sociales latinoamericanas. Sin embargo, en los otros tres volúmenes referidos también existen textos abocados a ese problema teórico-político.

Comenzando por el Seminario de Puebla de 1978, su misma convocatoria al inicio del libro parte de un señalamiento acerca de la insuficiencia de los enunciados clásicos del marxismo sobre el Estado, y más aún, de un atraso de la teoría en ese sentido. Sostiene, a su vez, que en aquel contexto las clases dominadas debían suplir la importante carencia que significaba la falta de un proyecto de Estado popular de transición. En ese sentido, el Seminario se proponía, desde la convocatoria, analizar las alternativas al Estado burgués prefiguradas por los movimientos populares. Pero hay allí dos trabajos que remiten particularmente al problema del Estado: los de Lechner y Del Barco y Bruno.

El de Lechner, un *Post scriptum*, se centra en una crítica a la idea de *extinción del Estado*, que si bien estaba presente en los textos de Marx, se fortalecería en la matriz leninista. Y plantea que dicha concepción tiende a escamotear las relaciones de dominación existentes en el socialismo. En tal sentido, el gran tema que aparece como preocupación en este trabajo es el de la constitución del socialismo en tanto nuevo orden político, en el cual el Estado resulta la exteriorización y objetivación del sentido social bajo una forma de generalidad.

Por su parte, Del Barco y Bruno recuperan la definición de Estado de Gramsci, subrayando su profunda inmersión en la sociedad civil y su actuación fundamentalmente a través del consenso. Asimismo, señalan el carácter contradictorio del Estado burgués, entendiendo su condición estructural, mas considerándolo al mismo tiempo como campo de batalla donde tiene lugar la disputa política. También Teresa Lozada (1980), aunque en un texto dedicado al estudio específico de la crisis política entonces vigente en México, recupera el legado teórico de Gramsci al señalar que “el Estado es el complejo de actividad práctica y teórica con la que la clase dominante mantiene el dominio a través del consenso”, rompiendo de ese modo con la concepción del Estado como mero aparato e instrumento de dominio de clase.

Por su parte, si bien el volumen titulado *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina* está mayormente dedicado al concepto de hegemonía, algunos de los trabajos allí contenidos aportan ciertos elementos sobre el concepto de Estado. En el trabajo de Emilio de Ípola y Liliana de Riz podemos encontrar un ejemplo de esto, ya que si bien hay una predominancia del problema de la hegemonía, encontramos un aporte preciso acerca del Estado. Allí los autores sostienen que un rasgo histórico y estructural de todas las sociedades latinoamericanas es que el Estado ha desempeñado un papel “social” fundamental. A tal punto, que según ellos, no parece excesivo afirmar que es esas sociedades *todo pasa por el Estado*, particularmente si se tiene en cuenta que es precisamente el Estado el terreno privilegiado en el que las fuerzas sociales se constituyen como tales. Consecuencia de este papel del Estado ha sido entonces la marcada politización de los conflictos y sujetos sociales.

En tanto, el texto de Lechner, titulado *Aparato de Estado y forma de Estado*, tiene como centro (tal como lo indica el propio título) la cuestión estatal. Nuevamente aquí el problema del Estado está íntimamente vinculado a la construcción de un nuevo orden político. El autor chileno-alemán sostiene que las izquierdas han equiparado la estrategia de poder con la estrategia de orden, perdiendo de vista de esa forma el momento político general en la conformación de un nuevo orden social. Pues si bien aquello que caracteriza a la sociedad capitalista es la división en clases de la sociedad, un nuevo orden debe ocuparse de constituir un momento general que permita sintetizar los intereses particulares y de ese modo cohesionar y resumir la convivencia social, comprendiendo que el poder unificador de la sociedad es el Estado. Así, Lechner diferencia entre *forma de Estado* y *aparato de Estado*, entendiendo a la primera como el referente fundante de la convivencia social, la cual por cierto, ha sido tendencialmente desplazada por las izquierdas para centrar su preocupación en el aparato de Estado. Una distinción que, según el autor, está presenta ya en la obra de Gramsci, en la contraposición del Estado en Oriente (como aparato estatal) y en Occidente (como “idea de Estado”) y en la noción de hegemonía como transformación de un poder particular a un orden gene-



ral (“espíritu estatal”), cuya constitución debe ser tarea del movimiento popular. El Estado es entonces la *forma* bajo la cual la sociedad se unifica y representa a sí misma.

Destacamos en este libro también el artículo de Chantal Mouffe, titulado *Hegemonía, política e ideología*. Allí de nuevo tiene preeminencia el problema de la hegemonía, mas aparecen elementos de conceptualización del fenómeno estatal. Pues el eje central de su trabajo es la relación entre Estado e ideología, tratando de brindar una lectura alternativa a la de Louis Althusser con su concepto de *Aparatos ideológicos del Estado*. La autora sostiene que un concepto elemental para abordar aquella relación es el gramsciano de *Estado integral*. El cual implica la inclusión en el Estado tanto de la sociedad civil como de la sociedad política. Y al mismo tiempo, un concepto ampliado del Estado que contemple su carácter *educador*, así como su capacidad de absorber a toda la sociedad mediante una ampliación de sus funciones y de sus bases sociales. En cierta relación con este texto de Mouffe, debemos mencionar el texto de Carlos Pereyra (mexicano, y uno de los fundadores de la revista *Cuadernos Políticos*), cuyo propósito es también el de entablar un debate con el concepto althusseriano de *Aparatos ideológicos del Estado*.

El seminario de Oaxaca, por otra parte, resulta un tanto particular, pues allí no solo participan un gran número de intelectuales europeos, sino también porque comienzan a emerger una serie de problemáticas y autores que desplazan al marxismo como eje de gravedad en cierta parte de las discusiones. De cualquier forma, ello no impide que aparezcan reflexiones en torno a lo estatal.

En su artículo sobre la crisis de los países centroamericanos en el ocaso de los años setenta, Edelberto Torres Rivas señala las características de la lucha política en esa subregión: represión y terror generalizado, vacío hegemónico y desvalorización total de los elementos propiamente democrático-burgueses. Lo cual provoca que el ejército se convierta en un actor privilegiado de la política, así como también que dicha institución sea una expresión de relaciones de fuerza que, a su vez, reproduce en su interior las divisiones y conflictos que surcan la sociedad. Sostiene también Torres Rivas que en sociedades atrasadas como las centroamericanas, el margen de autonomía relativa del Estado es menor en relación a otras formaciones económico-sociales, mientras que se constituye en el terreno en el que las fuerzas sociales dominantes terminan de constituirse.

Por su parte, Enzo Faletto escribe un artículo que busca debatir con las teorías de Raúl Prebisch. Allí, sostiene que algo característico de América Latina es expresar las pujas distributivas en fuertes presiones sobre el Estado. La disputa por el excedente se concentra en el Estado, en tanto también se ha erigido como principal mecanismo de redistribución. Esto explica, según Faletto, las crisis de las democracias latinoamericanas, que dieron lugar a los procesos de desmantelamiento del Estado a fines de los años setenta, en la medida en que éstos tenían un fuerte papel distribuidor.

Como colorario de los abordajes de este volumen sobre lo estatal, es interesante hablar aquí del artículo de Christine Buci-Glucksmann. Su trabajo expresa cabalmente un acuse de recibo de la “crisis del marxismo” que se estaba viviendo en la Europa latina, pero en el ámbito del debate latinoamericano. Sin embargo, la intervención de Buci-Glucksmann no se centra en los problemas específicamente latinoamericanos de la teoría política. La propuesta en clave gramsciana de una concepción ampliada de la política plantea una deslocalización de la política, su desformalización y su deskeynesización. Dando cuenta de esa forma, de un intento de desplazamiento de la política en relación al Estado, un aspecto que evidentemente se contrapone con muchas de las lecturas sobre el fenómeno estatal en América Latina. Con estas apreciaciones queremos destacar tanto la recepción de la “crisis del marxismo” como la traducción que de ese fenómeno deberán hacer los autores latinoamericanos en vistas de no asumir ciertas derivas específicamente europeas de aquellas reformulaciones.

Por último, son muchos y muy variados los aportes que sobre la cuestión estatal se despliegan en el volumen *Estado y política en América Latina*, compilado por Lechner. Empezando por la presentación de dicho libro, éste último autor parte de un déficit teórico en los estudios sobre el Estado, considerando que éste siempre ha estado involucrado en los conflictos sociales. Propone por lo tanto que el volumen colabore en la elaboración de una perspectiva para su abordaje. Más allá de ello, presenta algunos elementos preliminares. Por un lado, retoma de Marx la idea de “síntesis de la sociedad bajo la forma de Estado”, es decir, el Estado como producto y como productor de la sociedad. Y plantea que la separación moderna de Estado-sociedad no es una separación “orgánica”, y que por ende, debe pensarse la objetivación del poder como un aspecto constitutivo de la vida social.

Por su parte, Sergio Zermeño en su artículo problematiza la existencia en los países de desarrollo capitalista tardío de una difracción entre economía y política. Un fenómeno que también se despliega, por lo tanto, en América Latina. Es decir, que el desarrollo capitalista latinoamericano se produce sin que necesariamente absorba al conjunto de la unidad societal. Sostiene entonces que esa dislocación provoca funciones emergentes del Estado en la medida en que éste es el único capaz de afrontar la difracción economía/sociedad. Esta singularidad latinoamericana genera en nuestros países, según Zermeño, recurrentes crisis de hegemonía. Se configura una situación en donde afrontamos una sobrepolitización de la sociedad, y a su vez, una desocialización de la dinámica histórica.

Hasta aquí hemos presentado algunos de los elementos encontrados en los cuatro volúmenes a los que hemos hecho referencia en la introducción de este trabajo. Podríamos explayarnos sobre otros aportes menores, aunque consideramos que las menciones realizadas otorgan un panorama

relativamente acabado tanto de las contribuciones efectuadas como de los autores involucrados en las mismas.

### **3. Hegemonía**

La tematización del concepto de hegemonía presente en los volúmenes que estamos analizando, involucra dos aspectos, los cuales se encuentran íntimamente vinculados entre sí a través de un punto de partida teórico. Éste es el de la discusión apuntada por José Aricó en el prólogo a *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*, acerca del carácter irreductible o no del concepto de *hegemonía* acuñado por Gramsci (autor fundamental en las reformulaciones teóricas de este clima de época) en relación a la categoría leninista de *alianza de clases*. De este debate se desprenden los dos aspectos que estarán en debate en los volúmenes de nuestro interés. Por un lado, el problema del reduccionismo de clase, es decir, el cuestionamiento del carácter transparente de la relación entre el lugar en el proceso de producción y el lugar ocupado en el plano de la política. O bien, la teorización del tránsito de uno hacia otro lugar, considerando su complejidad y la opacidad que caracteriza ese sinuoso camino. Esto no es otra cosa que el dilema de la constitución de los sujetos políticos en la lucha de clases. Por el otro lado, la hegemonía aparece tematizada bajo el problema de la construcción de un interés general, que logre condensar los intereses particulares que existen en la sociedad. A continuación haremos un repaso por los trabajos de estos cuatro volúmenes a los que venimos refiriéndonos en los que se presenta un desarrollo teórico a propósito del concepto de hegemonía, aclarando inicialmente que el grueso de los mismos se halla en *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina*, puesto que dicho volumen tiene propiamente como su objetivo central adentrarse en ello.

En el volumen *Movimientos populares y alternativas de poder en América Latina* tanto los artículos de Herbert Souza y Norbert Lechner, como el escrito conjuntamente por Ludolfo Paramio y Jorge Reverte realizan aportes al concepto de hegemonía. El trabajo de Souza, -dedicado principalmente al estudio de las posibilidades de transición a la democracia en Brasil luego de quince años ininterrumpidos de dictadura-, se plantea los desafíos en la construcción de un proyecto hegemónico. En ese sentido, el autor plantea en primer lugar la articulación interna entre los intereses diferenciados de las clases subordinadas, para expresar a los intereses particulares y generales de las fuerzas sociales que componen el proyecto. El cual, en segundo lugar, debe implicar un movimiento político capaz de establecer para sí el objetivo de conquistar todas las líneas de lucha, en todas las trincheras de la sociedad (economía, política, ideología). En un tono similar, Lechner en su ya men-

cionado *Post scriptum*, define prácticamente al socialismo como la construcción de un orden cuyo problema central es la mediación entre intereses particulares e interés general.

En tanto, el artículo de Paramio y Reverte se aboca a la dilucidación de las posibilidades de una transición de la dictadura a la democracia en España bajo una hegemonía obrera. Para ello, ambos autores sostienen que la incorporación de las capas medias en la construcción de un proyecto popular de transición tiene un papel fundamental. Así, indican que la clase obrera no puede prescindir de ellas en la conformación de un nuevo bloque hegemónico. Esto los lleva a realizar una consideración de importancia en relación con la definición de las clases: su definición política no constituye una derivación necesaria de la posición estructural y económica de las clases. Más bien, cualquier planteamiento teórico realista debe partir del reconocimiento de que la posición estructural de clase no determina las pautas de intervención políticas de los grupos. Es decir, no existe derivación necesaria en esa relación, sino un proceso complejo de constitución de sujetos políticos.

Mientras tanto, *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina* está completamente dedicado a abordar el problema de la hegemonía, en los propios términos en que más arriba lo expresáramos junto con Aricó. Aunque ciertamente encontramos algunos artículos puntuales que revisten especial interés. Uno de ellos es, sin duda, el de Ernesto Laclau. Quizá sea este el autor que más desarrolla el concepto de hegemonía en el sentido del carácter complejo de la constitución de sujetos políticos. Y lo hace tratando de ajustar cuentas con algunas formas tradicionales de concebir el Estado y la política en el marxismo: el reduccionismo de clase, la concepción racionalista y empirista de las clases, y una visión estrecha de los antagonismos sociales.

El nudo del trabajo de Laclau está en la superación de la idea leninista de alianza de clases, pues para él la hegemonía no es una relación de alianza entre agentes sociales preconstituidos, sino el principio mismo de constitución de dichos agentes sociales. Y en ello tiene un rol preponderante el concepto de *articulación*, en la medida en que es a través de él como se pueden construir nuevos sujetos de forma consensual. Tal es así que concibe a los sujetos en tanto sujetos múltiples y a las luchas sociales como prácticas articuladoras. Asimismo, también juega un papel determinante el concepto de *antagonismo*, pero entendido en un sentido plural, ya que según Laclau no existe un único antagonismo, sino que éstos son múltiples y variados. En síntesis, una estrategia revolucionaria no puede desplegarse de las contradicciones económicas del sistema, sino que debe constituirse como forma histórica de articulación de contradicciones diversas en una coyuntura dada (Laclau, 1985: 29).

En el artículo de Juan Carlos Portantiero, los conceptos de hegemonía y Estado aparecen fuertemente imbricados. Mas resaltamos especialmente de su trabajo el concepto de *modelo de he-*

*gemonía*, acuñado allí por el autor. En dicho texto Portantiero se dedica a pensar la cristalización de las distintas expresiones que asume la relación entre Estado y masas durante distintas fases estatales, asumiendo como referente ineludible la dimensión institucional u organizacional del conflicto entre clases. Así, la acción política dotada de vocación hegemónica por parte de las clases subalternas implica la movilización hacia espacios institucionales que cristalicen (aun cuando eso ocurra de forma refractaria) las demandas populares. El Estado entonces no es solo un producto de las clases dominantes para garantizar la hegemonía burguesa (como lo planteara clásicamente el marxismo), sino también un lugar en donde se lleva a cabo la integración conflictiva de los sectores subalternos. Por ende, las sucesivas fases estatales constituyen distintos modelos de hegemonía en los cuales las luchas populares se expresan diferencialmente en el Estado. La producción de hegemonía es, por tanto, la relación específica entre masas e instituciones, configurada históricamente, en tanto parte constitutiva de la experiencia política consciente de las clases populares (Portantiero, 1985). De esa forma, el Estado resulta el momento político de la dominación capitalista, y al mismo tiempo se erige como espacio crucial en la disputa hegemónica para los sectores subalternos.

Por otro lado, encontramos el trabajo de Manuel Antonio Garretón, quien escribe un interesante artículo acerca de las transformaciones en la sociedad chilena luego del golpe militar de 1973. Allí, recogiendo el binomio gramsciano coerción/consenso, el autor sostiene que la asonada militar tuvo una doble vocación: contrarrevolucionaria y fundacional. La primera destinada a reprimir la organización social y política, que había provocado en Chile un desarrollo agudo de la lucha de clases. La segunda como un intento global de reorganización de la sociedad, en un contexto de reconfiguración del capitalismo a escala internacional. Esta segunda dimensión plantea el problema de la hegemonía al interior del propio bloque dominante, un aspecto que según Garretón, no estaba saldado al momento del golpe de Estado. Si bien el autor afirma que no existe un modelo hegemónico, pues predomina el uso de la fuerza como forma de la política, sostiene al mismo tiempo que luego de varios años de gobierno militar comienza a asomar la introducción de un nuevo orden, que condensa lo viejo y lo nuevo, desarticulando modelos de representación anteriormente existentes. Algunos núcleos novedosos de sentido común empiezan a emerger como expresión de una nueva hegemonía: los temas del orden, la seguridad, la eficiencia y la desconfianza en la política son ejemplos de ello. La creación incipiente de nuevas normas, valores y estructuras básicas de la sociedad, se presentan en el artículo como cuestiones relativas al problema de la hegemonía.

Quizá valga la pena mencionar, a modo de excepción, el trabajo conjunto de Rafael Loyola Díaz y Carlos Martínez Assad. Allí, los autores discuten con quienes sostienen la inexistencia en Lenin de una hegemonía previa del proletariado sobre el conjunto de las clases explotadas, para convertirse en clase hegemónica. Es decir, a diferencia de la mayoría de los intelectuales que for-

man parte del volumen, Loyola y Martínez Assad afirman que existe una continuidad sin rupturas entre las obras de Lenin y Gramsci, aun en lo que respecta a los conceptos de *alianza de clases* y *hegemonía*.

En lo que se refiere al volumen titulado *Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea*, es importante considerar nuevamente lo planteado más arriba, acerca del influjo europeo de esta publicación. Pues aquí aparece especialmente un problema que era tratado con singular atención en los países capitalistas avanzados: el de la aparición de nuevos sujetos, a la luz del surgimiento de luchas novedosas (ecologistas, feministas, etc.). Un aspecto que signa de manera notoria las preocupaciones en torno al concepto de hegemonía. El artículo de Chantal Mouffe es expresivo en ese sentido, ya que apunta el surgimiento de nuevos sujetos y movimientos, así como también pone en tela de juicio el carácter hegemónico de la clase obrera. Al mismo tiempo, llega a preguntarse en qué medida continua resultando adecuada la utilización del propio concepto de “clase obrera”. Aparece entonces aquí el carácter múltiple de los antagonismos, quitando centralidad al conflicto de clase, entendiéndolo como uno de tanto posibles. Una conceptualización que conduce a la autora al problema de la articulación de las luchas, colocando el acento en la confluencia de todas las reivindicaciones de carácter democrático.

En el mismo movimiento debemos ubicar el trabajo de Ernesto Laclau en este volumen. Sostiene allí Laclau:

La unidad de la clase como objeto último de análisis se disuelve, como en el caso del fonema, en un conjunto de *distinctive features* y no contamos con ninguna teoría de la articulación diferencial de los mismos. ‘Lucha de clases’, en consecuencia, pasa a ser un término que no es correcto ni incorrecto, sino radicalmente insuficiente para enfrentar los presentes problemas de la práctica socialista (Laclau, 1986: 32, énfasis del original).

El discurso y el lenguaje se convierten en los elementos teóricos centrales de la conceptualización de Laclau, pues la unidad de la clase se constituye, según dicho autor, discursivamente, entendiendo al discurso como una práctica material, y al sujeto como un resultado de prácticas discursivas antagónicas.

Sin embargo, en *Estado y política en América Latina*, Laclau plantea una mirada diferente. Frente a la crisis en la que ha entrado la teoría marxista del Estado como consecuencia de los aspectos que en el curso del artículo Laclau se encarga de señalar en cuanto a las teorías vigentes (teoría

del capitalismo monopolista de Estado, la escuela lógica del capital, teoría de la crisis fiscal del Estado, teoría neorricardiana y teoría de Poulantzas), propone centrar la visión en el debate marxista italiano, el cual abreva fundamentalmente en la obra gramsciana. De tal manera, plantea una serie de aspectos a recuperar y sobre los cuales construir una nueva teoría marxista del Estado y de la política: 1) La concepción gramsciana de la totalidad social, a partir del concepto de “bloque histórico” como unidad orgánica de estructura y superestructura, y la noción de “hegemonía” como articulador diferencial de los elementos de la sociedad. Entendiendo al marxismo como historicismo absoluto, y dejando de lado al economicismo; 2) Concepción ampliada del Estado y de la política. La sociedad civil como campo de disputa del sentido común de las masas y no solo de la dirección política, y la revolución como guerra de posiciones de largo aliento; y 3) Radical historicidad de los sujetos de las prácticas hegemónicas. Una lógica de articulación que rompe con el reduccionismo clasista.

Mientras que en el epílogo del libro, en sintonía con otros trabajos ya presentados más arriba, Lechner plantea el problema de la construcción de una representación general de la sociedad en la conformación de un nuevo orden social, solo posible a través de la práctica hegemónica.

Si bien otros artículos que trabajan el problema del Estado, o bien, la relación entre socialismo y democracia, contienen elementos que ineludiblemente conducen a una problematización en torno al concepto de hegemonía, consideramos que los artículos repasados en las anteriores páginas constituyen un muestrario de los debates que pretende recoger la investigación que estamos presentando en este trabajo.

#### **4. Socialismo y democracia**

El momento que hemos ubicado en la bisagra de los años setenta y ochenta como espacio para la emergencia de ciertas reformulaciones en el campo del marxismo en América Latina encuentra en la relación entre socialismo y democracia otro tópico destacado. Seguramente no sea casual que precisamente en una época donde se produce la instauración de regímenes autoritarios en la región, la democracia se presente como un aspecto de interés en el seno de las izquierdas. Aquel razonamiento que será principalmente puesto en cuestión, y profundamente reelaborado en este contexto, es el de la equiparación de la democracia burguesa con una dictadura de las clases dominantes. Si Lenin sostenía que la democracia, para referirse a ella con exactitud, debía ser llamada por su apellido, esta época será testigo de una indagación en la democracia como valor *per se*, al concebirla como un producto de los procesos históricos de lucha popular, en la medida en que, a la



luz de los acontecimientos, la dominación burguesa puede perfectamente desarrollarse a través de regímenes autoritarios.

En esa sintonía, en *Movimientos populares y alternativas de poder en América Latina* encontramos los trabajos del peruano Carlos Franco y del chileno Enzo Faletto. El primero parte del reconocimiento de que la democracia no ha sido percibida por la izquierda marxista latinoamericana como “su” problema sino en época reciente. Afirma que, más bien, supo ser experimentada como una trampa tendida por quienes en su nombre prolongaron su dominio histórico. La democracia fue usada por la izquierda preferentemente como una táctica para avanzar, en sociedades donde históricamente ha primado la penuria, la miseria y la escasez. Su ausencia como objetivo teórico y político revela, según Franco, una concepción del socialismo que hace del Estado y no de la sociedad el objeto de transformación. En contrapartida, el intelectual peruano sostiene que democracia y socialismo no deben ser problemas distintos sino dimensiones constitutivas de una misma realidad, de un mismo proyecto. Aún más, plantea que socialismo, democracia y desarrollo son problemas inseparados, en la medida en que un sistema democrático tiene como condición necesaria un proceso de cambios orientados al desarrollo económico.

Por su parte, Enzo Faletto también inicia su trabajo reconociendo que la democracia ha estado ausente como experiencia política y social en la historia de los países latinoamericanos. De hecho, la burguesía y la transformación capitalista ocurrida en las naciones de nuestra región, sostiene Faletto, no han logrado la instauración de una real democracia burguesa, aun cuando su consecución haya estado presente como aspiración. Más bien en América Latina se han desarrollado democracias donde ha existido una contradicción entre masificación y forma elitista de ejercicio del poder, lo cual ha redundado en un predominio de una forma autoritaria y coercitiva de relación del poder estatal hacia las masas. Sin embargo, Faletto afirma que la instauración de regímenes autoritarios en la región ha provocado una revalorización de la democracia formal que parte no solo de su consideración como un “mal menor” frente al autoritarismo, sino de las dificultades crecientes que han experimentado los grupos dominantes para mantener su poder en los procesos de ampliación democrática.

También el texto de Herbert Souza mencionado más arriba a propósito del concepto de hegemonía contiene algunas apreciaciones acerca del vínculo entre socialismo y democracia. Este intelectual brasileño observa que un número creciente de marxistas tiende a retomar la cuestión de la democracia como un aspecto fundamental de la historia política de las clases subordinadas y como parte incluso de la propia tradición marxista. La democratización no es otra cosa que un producto de la lucha popular. Así, según Souza, una de las tareas más importantes que tiene la izquierda es

la de rescatar el concepto de democracia del arsenal de la burguesía, para reincorporarla, en tanto les pertenece, al arsenal de las clases subordinadas.

Si bien en el volumen *Hegemonía y alternativas políticas en América Latina* predomina notoriamente, tal como señaláramos más arriba, la reflexión en torno al concepto de hegemonía, también podemos hallar algunas contribuciones acerca del vínculo entre socialismo y democracia. Un ejemplo de ello, es el artículo de Teodoro Petkoff, dedicado al análisis de la construcción de una nueva hegemonía en Venezuela, en tanto el reformismo existente en ese país genera la necesidad de abordar la cuestión de los avances democráticos, en el marco de una perspectiva socialista. Petkoff rechaza en su trabajo la idea de la democracia como una *trampa* de los sectores dominantes o un régimen solo nacido para ocultar su beneficio, sino que constituye una conquista histórica del pueblo. De esa forma, desestima una visión instrumentalista u oportunista de la democracia. En consonancia, señala que una izquierda con vocación hegemónica debe asumir la condición democrática y no dejarla en manos de los sectores dominantes. Esto se inscribe en una concepción del rol de las izquierdas que, según Petkoff, asuma el protagonismo de convertirse en intérprete y factor de estímulo en los procesos históricos.

Asimismo, Norbert Lechner en su texto (dedicado mayoritariamente a la cuestión estatal) también hace algunas apreciaciones sobre la relación entre socialismo y democracia. En dicho intelectual, la democracia aparece como un problema al considerar la división social como un fenómeno que persistirá aún en el socialismo. En la línea de lo desarrollado más arriba acerca de Lechner, en tanto el nuevo orden social no suprimirá la existencia de la política, será necesaria una organización de la sociedad dividida, y por tanto, una fuerza social particular que logre construir un espacio de condensación de los intereses generales de la sociedad. Una tarea para la cual el ejercicio democrático resulta inmanente.

En cuanto al volumen titulado *Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea*, Edelberto Torres Rivas, a propósito del proceso político centroamericano se pregunta por el carácter del socialismo (¿Qué socialismo?), para responderse que “cuando no hay una cultura burguesa implantada como raigambre histórica, la lucha por la democracia y la libertad se convierten en un acto de rebeldía” (Torres Rivas, 1986: 278). En el caso centroamericano entonces la construcción del socialismo se debe fusionar necesariamente con el reclamo histórico por el ejercicio de la democracia. Se refiere a un socialismo con libertad, a una democracia socialista, en la medida en que un orden nuevo no puede sacrificar los valores y los reclamos por los cuales lucho en la vieja sociedad.

Por su parte, Enzo Faletto en su artículo realiza una crítica similar a la arriba consignada hacia la visión instrumental de la democracia. Sostiene:

Ya es por todos conocido que el dogmatismo, que veía en la democracia solamente una hábil forma de enmascaramiento de la dominación burguesa y capitalista, ha sido reemplazado por un análisis más rico y matizado. No obstante, conviene tener presente que desarrollo capitalista y democracia no han coincidido necesariamente, y menos aún es sostenible que la democracia es un desprendimiento del capitalismo (Faletto, 1986: 247).

Mientras tanto, Lechner en su artículo inscribe su aporte sobre el vínculo entre democracia y socialismo en el análisis del proyecto neoconservador en curso en Chile en aquel entonces. Observa que el propósito principal de la contraofensiva en ese país es el derrocamiento de la política, pues según Lechner “la voluntad de los hombres de decidir sobre sus condiciones materiales de vida y de asumir colectivamente la responsabilidad por la vida de todos es combatida en tanto socialismo” (Lechner, 1986: 216). Y sentencia luego: “La decisión colectiva y consciente sobre el proceso de producción material de la vida – de eso tratan democracia y socialismo” (Lechner, 1986: 217). La estrategia neoconservadora en Chile, concluye Lechner, llega a vislumbrar mejor de los que lo ha hecho la izquierda, la vinculación entre democracia y socialismo.

En *Estado y política en América Latina* escasean las reflexiones en torno al vínculo entre socialismo y democracia, predominando –como señaláramos más arriba- las contribuciones acerca del fenómeno estatal. De cualquier forma, quisiéramos rescatar de allí el trabajo de Fernando Henrique Cardoso en el que la discusión sobre el problema de lo político, conduce a una revisión de la cuestión de la representación, y en particular la forma en que ello ha sido abordado desde la teoría marxista. En ese sentido, Cardoso pone en debate la necesidad de promover una relación dialéctica entre participación y representación, reconociendo las posibilidades que brindan las instituciones de la democracia burguesa, y problematizando las tendencias a reificar la democracia directa que existieron en la tradición marxista. Por eso, plantea que si bien la “pura” democracia liberal no debe ser concebida como un prerrequisito para una perspectiva socialista, sí debe ser entendida como una *condición favorable*.

## **5. Palabras finales: perspectivas de trabajo**

El presente trabajo tuvo como principal objetivo sintetizar la lectura sistemática de cuatro volúmenes, que desde nuestra mirada resultan expresivos de buena parte de los problemas de teoría política latinoamericana que fueron desarrollados en la intersección de los años setenta y ochenta, en el contexto de la academia mexicana. Su exposición quizá un tanto esquemática si bien imposibilitó una interacción mayor entre los textos y autores, creemos que permitió dar cuenta con claridad los ejes de lectura que han sido producto del proceso de investigación encarado, así como las tematizaciones de cada una de esas líneas teóricas.

En tanto expresión de una etapa particular de un proyecto de investigación, el siguiente paso de este trabajo es el de sistematizar algunas lecturas complementarias a los cuatro volúmenes repasados en estas páginas, con el fin de evitar el agotamiento de las temáticas y los ejes teóricos en los seminarios colectivos desarrollados en México en el período en cuestión, sino también exponer los trabajos de autoría individual de distintos intelectuales, que dan cuenta del clima de época que permitió el abordaje de los problemas de teoría política latinoamericana a los que hemos hecho referencia. Libros como *La crisis del Estado en América Latina* (Norbert Lechner), *Los usos de Gramsci* (Juan Carlos Portantiero), *Marx y América Latina* (José Aricó), *El Estado en América Latina* (René Zavaleta Mercado), *Política e ideología en la teoría marxista* (Ernesto Laclau), por solo nombrar algunos distinguidos ejemplos, demuestran el plafón individual de los temas trabajados en los volúmenes colectivos. Asimismo, la síntesis de problemas abordados en publicaciones de la época nos permitirá completar este mapa general. El dossier sobre democracia de la revista *Controversia* sea probablemente el ejemplo más notorio de ello, en tanto allí aparece claramente esbozada la cuestión del vínculo entre socialismo y democracia.

Finalmente, un último paso estará constituido por la recomposición en un trabajo final de lo expuesto en esta ponencia, así como de las tareas mencionadas en el párrafo anterior. Siendo el objetivo prioritario en ese proceso poder generar la interacción entre las diversas temáticas abordadas, buscando de esa forma pensar la posibilidad de la emergencia en el contexto mexicano de nuevos elementos de teoría política, con un notorio perfil latinoamericano. Insertando a su vez esa búsqueda en las condiciones de producción que resultaron posibles en un momento tan particular de América Latina como fue la bisagra de los años setenta y ochenta.

## **Bibliografía**

AAVV. Movimientos populares y alternativa de poder en América Latina. México: Universidad Autónoma de Puebla, 1980.

FALETTTO, Enzo. “Opciones políticas en América Latina. Comentario crítico a la propuesta del doctor Prebisch”. En Labastida, Julio. Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea. México: Siglo XXI, 1986, pp. 244-249.

LABASTIDA, Julio. Hegemonía y alternativas políticas en América Latina. México: Siglo XXI, 1985.

\_\_\_\_\_. Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea. México: Siglo XXI, 1986.

LACLAU, Ernesto. “Tesis acerca de la forma hegemónica de la política”. En Labastida, Julio. Hegemonía y alternativas políticas en América Latina. México: Siglo XXI, 1985, pp. 19-44.

\_\_\_\_\_. “Discurso, hegemonía y política: consideraciones sobre la crisis del marxismo”. En Labastida, Julio. Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea. México: Siglo XXI, 1986, pp. 30-40.

LECHNER, Norbert (comp.). Estado y política en América Latina. México: Siglo XXI, 1981.

\_\_\_\_\_. “El proyecto neoconservador y la democracia”. En Labastida, Julio. Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea. México: Siglo XXI, 1986, pp. 215-243.

LOSADA C., Teresa. “Apuntes para la caracterización de la crisis política en México”, En: AAVV. Movimientos populares y alternativa de poder en América Latina. México: Universidad Autónoma de Puebla, 1980.

PORTANTIERO, Juan Carlos. “Notas sobre crisis y producción de acción hegemónica”. En Labastida, Julio. Hegemonía y alternativas políticas en América Latina. México: Siglo XXI, 1985, pp. 279-299.

TORRES RIVAS, Edelberto. “Ocho claves para comprender la crisis en Centroamérica”. En Labastida, Julio. Los nuevos procesos sociales y la teoría política contemporánea. México: Siglo XXI, 1986, pp. 260-282.

## **A imagem do índio através do tempo no Brasil**

Ana Caroline Bonfim Pereira (Universidade Federal do Amapá; e-mail: ana.caroline\_ap@hotmail.com)<sup>5</sup>;

Anderson Igor Leal Costa (Universidade Federal do Amapá; e-mail: anderson.igor.leal.costa@gmail.com)<sup>6</sup>;

Jocenildo Teixeira de Souza (Universidade Federal do Amapá; e-mail: jocenildoteixeira@gmail.com)<sup>7</sup>;

### **Resumo**

Este presente artigo tem o objetivo de abordar a percepção do homem europeu, em relação aos povos nativos do Brasil, e quais relações foram travadas ao longo de cinco séculos, de acordo com a imagem e representação dos índios para esse homem “civilizado”.

**Palavras-chave:** Imagens, Índios, Brasil

### **Substract**

This present article aims to address the perception of European man, when compared to the native peoples of Brazil, and relationships which were fought over five centuries, according to the image and representation of Indians to this "civilized" man.

**Keywords:** Image, Indian, Brazil

Durante cinco séculos, povos nativos, também chamados de “índios” quando os portugueses chegaram a suas terras e posteriormente a denominaram Brasil, têm sido incompreendidos, mal tratados, expulsos de suas terras, escravizados ou mortos, apesar de serem os legítimos donos dessas terras, foram duramente tratados, covardemente sufocados por todos os não índios que exerceram poder de comando no Brasil, com raras exceções em que se concederam direitos, equiparações a cidadãos brasileiros, pelo Estado, entretanto, boa parte da sociedade não reconhece como legítima a terra, os costumes, tradições e a cultura desses povos nativos.

---

<sup>5</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, bolsista do PET - Programa de Educação Tutorial, integrante do GEPVIC (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Violências e Criminalizações).

<sup>6</sup> Acadêmico do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, bolsista do PET - Programa de Educação Tutorial, integrante do GEPVIC (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Violências e Criminalizações).

<sup>7</sup> Acadêmico do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá.

Apesar do encantamento *inicial*, com o “bom selvagem”, esse ser autóctone, que tinha uma cultura e uma modo de vida, bem diferente do modo de vida dos europeus que aqui chegaram, passaram a ser uma ameaça, seus costumes execráveis, portanto deveriam ser “civilizados” pelo europeu que aqui aportou, muito embora fosse ele o natural dessas terras, após a conquista do europeu, o mesmo é tornado exótico e estranho e sua própria terra, enquanto o estrangeiro se auto-proclama o agora “natural” dessas novas terras, essa relação conflituosa, de cinco séculos, na qual quem sempre perdeu foram os povos nativos das Américas, conseqüentemente do Brasil, será a tônica explorada, pois a busca da supremacia do “homem civilizado sobre o não civilizado”, leva a várias conseqüências, das quais os povos nativos são herdeiros e o Estado e sociedade presentes devem lançar um olhar diferente, mais humanizado, sob pena de ambos cometerem genocídio tão grave quanto os que foram cometidos ao longo da história.

### **O “Achamento” do Brasil**

O Brasil foi descoberto no dia 22 de abril de 1500, pela frota comandada pelo navegador português Pedro Álvares Cabral. Na nau capitânea viajava um passageiro para Calicute, Pero Vaz de Caminha. Indicado para o posto de escrivão geral desta feitoria na Índia, ele aproveitou a oportunidade para escrever a “carta de achamento do Brasil”, tal carta, assim como a *Ilíada*, descrevera as belezas da nova terra e o deslumbramento do europeu com suas novidades que havia se deparado, incluindo povos que já estavam aqui há mais tempo que Portugal tornara-se um reino, na Europa. (GRUPIONI, 2000, p. 39).

Ora, sabemos hoje que as sociedades indígenas estavam implantadas no Brasil há mais de 12.000 anos e tiveram muito tempo para se transformar. Por outro lado, os ‘índios’ descritos pelos cronistas são essencialmente os Tupi e os Guarani do litoral, cujas sociedades e costumes eram muito distintos das tribos de outros grupos linguísticos ou étnicos existentes daquela época. (PROUS, 2006, p. 7)

Quando os portugueses aportaram na nova terra, quase por um acidente, não fosse à intencionalidade de descobrir novos quinhões a serem explorados, a exemplo do que já haviam feito ao longo da costa africana, contornando-a, até chegarem ao oriente distante da Índia e China, depara-se com uma terra muito estranha à europeia, similar em alguns aspectos à África equatorial e com alguma semelhança ao asiático, porém a terra brasileira era completamente singular, e com habitantes singulares também.

Antes mesmo do *achamento* do Brasil, o Vaticano estabelece as normas básicas de ação colonizadora, ao regulamentar, com os olhos ainda postos na África, as novas cruzadas que não se lançavam contra hereges adoradores e outro Deus, mas contra pagãos e inocentes. (Darcy Ribeiro,) e constava nos escritos do papa que seus povos escravizáveis por quem os subjugassem.

É perceptível que os portugueses não se preocupavam com as pessoas que moravam aqui no Brasil, no caso os índios. Eles tinham a preocupação de explorar a terra, primeiramente foi o pau-brasil, logo após os minérios; a intenção era de ocupar e explorar e levar subsídios as metrópoles para o fortalecimento da mesma. E isto era muito presente no livro de Paulo Prado, o Retrato do Brasil que relata um objetivo estritamente econômico e “aventureiro” do colonizador visto que não criava vínculos de identidade nacional, mas utilizava a colônia para “o enriquecimento fácil e rápido”.

No início a aproximação, deu-se de forma pacífica, sem maiores conflitos, visto que no litoral, do que hoje são terras baianas, encontraram um povo receptivo ao novo homem que aqui chegava, sem desconfiar do porvir dessa chegada e que na prática seria a tomada de posse suas e das demais terras do Brasil.

De toda forma o “achamento” do Brasil, foi apenas o começo da redução do homem natural de suas terras, tanto em população como na própria condição de exótico em sua própria terra, como vemos assim, o achamento foi conveniente ao português, como vemos nas palavras de Lúcia Bettencourt:

O termo ‘achar’, preferido por Caminha, sugere que se suspeitava da existência da existência da terra, e que o desvio na rota ensinada por Vasco da Gama nas instruções de navegação dadas a Cabral por escrito, se deveu ao propósito de encontrar aquilo mesmo que já se esperava encontrar – terra (...), a experiência de ver, pela primeira vez, uma região estranha, habitada por uma gente tão diferente dos povos conhecidos pelos europeus, fascina Caminha que descreve a terra e seus habitantes com detalhes de paisagista e retratista. (GRUPIONI, 2000, p. 39).

No início havia um verdadeiro encantamento, uma espécie de ufanía, embora poucos relatos tenham restado daquela época, eram cartas em forma de crônica que descreviam com riqueza de detalhes tanto a terra quanto as pessoas que aqui viviam.

A terra aparece sempre descrita como fértil, formosa, copiosa, de climas brandos, de águas fartas. Só o que muda é a opinião dos escritores quanto aos habitantes da região. Se Caminha os descreve sempre em termos altamente positivos, comparando-os, velada ou abertamente, aos habitantes do Jardim do Édem,



outros autores, vivenciando ou outro momento histórico, nos brindarão com descrições negativas ressaltando a crueldade e selvageria dos naturais da terra. (GRUPIONI, 2000, p. 41).

Caminha, ao escrever para seu rei está, mais do que narrando um descobrimento de terras, está fazendo um relato de cronista baseado em sua percepção e através do prisma europeu, a partir do qual surge, primeiramente a imagem de um povo amigável, ingênuo, inocente como habitantes do paraíso terrestre e que, passada a euforia da descoberta do novo, essa imagem vai aos poucos se desfazendo em cartas posteriores de outros cronistas, é o momento em que os portugueses se deparam com o exótico e esse exótico lhe causa estranheza e até aversão, e de acordo com os relatos das próximas cartas, onde tomamos conhecimento da antropofagia, das lutas, do modo de vida agitado e estranho de um povo cujos padrões se afastam tanto dos conhecidos pelos portugueses.

Quem lê os primeiros relatos sobre o Novo Mundo, observa que a descrição dos nativos da terra obedece a um padrão sempre igual: são seres belos, fortes, livres, ‘sem fé, sem rei e sem lei esse modo de vida era incompatível com o que os conquistadores tinham como paradigma de civilidade e tudo que deriva da mesma, pois como os nativos estavam agora na condição de súditos de um novo rei, portanto sob sua égide deveria haver mudança em seu modo de vida.

### **A tentativa de moldar o nativo através da religião**

Tal modo de vida causava estranheza ao homem, que está, imerso na cultura religiosa cristã, e principalmente devido aos primeiros catequistas designados para o Novo Mundo serem da ordem jesuíta, cujos mesmos, eram herdeiros de uma ordem moral ortodoxa e conservadora e tinham uma organização hierárquica que em muito se assemelha à ordem militar eficiente de nossos dias. Coube a esses missionários o labor da evangelização do gentio selvagem, pois as práticas por aqui, eram tidas como horrendas, pagãs, idólatras, cujos praticantes deveriam ter contato com a civilidade e abandonar seus costumes.

Com o conhecimento dos costumes, os cristãos se veem convivendo com pessoas cuja ‘civilização’ mais se aproxima do paradigma de ‘selvageria’. Com um estilo de vida comunitário onde toda propriedade é dividida igualmente, com casas onde habitam várias famílias compartilhando tudo, com costumes sem paralelo com a experiência europeia, os indígenas vão merecer descrições que demonstram uma atitude atônita de quem não compreende bem o que descreve.

Contraposta à imagem boa e bela dos nativos, a ação da conquista ergueu outra, avesso e negação da primeira. Agora, os ‘índios’ são traiçoeiros, bárbaros, indolentes, pagãos, imprestáveis e perigosos. “Postos sob o signo da barbárie, deveriam ser escravizados, evangelizados e, quando necessário, exterminados.” (GRUPIONI, 2000, p. 12).

Quarenta e nove anos mais tarde (...). A visão idílica já não era mais possível aos olhos escolásticos europeus que viam costumes inaceitáveis entre os pagãos – poligamia, canibalismo, idolatria. O homem renascentista, com seu desejo de conhecer e entender dava lugar ao jesuíta desejoso de modificar e corrigir. (GRUPIONI, 2000, p. 41).

Os jesuítas eram bons observadores, entretanto como eram fruto da sociedade cristã, demonstravam mais que estranheza, chegavam a emitir verdadeiro juízo de valor sobre a civilidade, e com base na sua própria compreensão de civilidade, descreviam os índios como pessoas em ‘estágio bestial’, pois não se concebia o agir, do índio, como um agir civilizado, portanto o homem natural, era descrito como exótico e estranho, motivo pelo qual deveria ser “educado” nos moldes do homem europeu.

A construção simbólica, estereotipada, sobre os índios se iniciou com a tentativa de colonização dos europeus, especificamente com os portugueses e sua respectiva religião, liderada por jesuítas.

Em 1557, em seu ‘Diálogo sobre a conversão do gentio’, Padre Manuel da Nóbrega propõe-se a discutir se ‘eles (indígenas) têm alma como nós (europeus)’. O mérito deste texto está nas conclusões a que chega o Irmão Mateus Nogueira, alter-ego de Nóbrega. Estas conclusões explicam a selvageria como fruto das diferenças sociais entre europeus e indígenas. Com uma organização política tão distinta dos sistemas europeus, os índios brasileiros, apesar de sua condição humana, e, portanto, merecedora do esforço catequista, se apresentam como ‘bestas’ – estado do homem depois do pecado original. (GRUPIONI, 2000, p. 42).

E até mesmo o fato de não haver guerras constantes ou por motivos similares aos do homem “civilizado” europeu, quando os mesmos descrevem que não havia guerra por cobiça, porque todos tinham tudo em comum e nada além do que pescam e caçam e o fruto que toda árvore dá, mas somente por ódio e vingança; em tanta maneira que se dão uma topada atiram-se com os dentes ao pau ou a pedra onde a deram, e comem piolhos e pulgas e toda imundícia, apenas por se vingar do mal que lhes fizeram, como gente que ainda não aprendeu non reddendum malum pro malo. (GRUPIONI, 2000, p. 41).

A busca incessante de civilizar o autóctone brasileiro levou o governo português a empreender diversas missões ao longo do território brasileiro, muito embora não tenham sido somente os portugueses a aportar e explorar esse território, foi com o português que se travaram maiores conflitos, uma vez que, diferentemente dos franceses que estiveram no norte e no sudeste do Brasil e desenvolveram bom relacionamento, principalmente em nível comercial, com os índios locais, os portugueses por sua vez, agora não mais como “descobridores” e sim como conquistadores, passaram a exercer uma ação que oscilou entre a paz e a guerra, de acordo com Melatti:

Durante todo o período colonial, o Governo português, no que concerne à legislação sobre os indígenas, oscilou entre os interesses dos colonos, que desejavam escravizar os índios, e os esforços dos missionários, que tinham por objetivo convertê-los ao cristianismo e ao mesmo tempo fazê-los adotar os costumes dos civilizados. (MELATTI, 1986, p. 186).

Se considerarmos que os índios no Brasil, foram considerados em primeiro momento seres belos e formidáveis e que após os portugueses adentrarem no espaço e na cultura dos índios perceberam que a primeira impressão não era totalmente condizente com a realidade que os portugueses se deparam e que fizeram questão de corrigir a seu modo, pois de alguma forma ou o índio era amigo, caso adotasse a prática civilizatória portuguesa ou era declarado inimigo, com consequências, que iam desde a escravização à morte.

Para Freyre, o missionário é uma espécie de carrasco do indígena. Através de sua ação religiosa aconteceu degradação moral e destruição. O curumim por exemplo, era retirado de sua família para se moldar aos padrões europeus. “Dele o jesuíta fez o homem artificial que quis (Ibidem, p 214).

Muitos índios se tornaram civilizados e convertidos ao Cristianismo. O destino histórico dos índios “bravos” seria a extinção, segundo a historiografia, que ora destaca o extermínio indígena pelas guerras, epidemias e superexploração do trabalho e ora frisa a sua assimilação por meio de uma “mestiçagem e “aculturação”. Na visão de Vânia Maria Losana Moreira, “o índio” desaparece como sujeito distinto, seja pelo irreduzível e cruel extermínio físico, seja pela extinção de sua “pureza” biológica ou “autenticidade” sociocultural.

As práticas indígenas por aqui encontradas, não eram hegemônicas, pois havia diferenças marcantes entre as tribos espalhadas no território brasileiro, muito embora o paganismo, fosse objeto, pois não conheciam a fé cristã e os dogmas decorrentes dos mesmos, a poligamia era outro tabu para os cristãos, pois contrariava também seus preceitos religiosos, e o mais cruel para os

conquistadores, o canibalismo, pois o forte impacto das imagens de canibalismo no inconsciente europeu e mesmo na nossa contemporaneidade deve-se em grande medida à transgressão do tabu de não comer carne humana, (MELATTI, 1986, p. 57).

### **A redução da cultura indígena**

A desvalorização da cultura Indígena ocorreu no decorrer da história quer no aspecto prático quer no campo científico. Depois que houve a perda do encantamento do Índio, os intelectuais se recusavam reconhecer as suas tradições e seus costumes como algo original e único. No Brasil, por exemplo, tem-se o exemplo de dois pensadores sociais brasileiros, Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre, que apesar de exercer uma tentativa de uma nova compreensão sobre a formação da cultura brasileira, mostravam resquícios de um pensamento etnocêntrico.

A motivação da conquista e expansão territorial portuguesa em terras indígenas se deu, basicamente pelo fator preponderante econômico, entretanto teve como pano de fundo a questão religiosa, pois como Igreja e estado ainda mantinham uma espécie de personalidade comum, na qual o Igreja norteava os caminhos dos fiéis príncipes, os quais por sua vez levavam a cabo os ideais e ditames religiosos preceituados pela Igreja Católica.

Embora haja inúmeras motivações para se empreender o projeto de expansão do território, o que gradativamente reduziu as terras e conseqüentemente o número de índios no Brasil, na verdade, desde a chegada dos primeiros colonizadores até a atualidade, tem havido luta contra os índios, uma luta em que estes sempre saem perdendo. (MELATTI, 1986, p. 179).

Essas lutas e esses conflitos acabaram por dizimar a população indígena no Brasil, que agora vive restrita em terras demarcadas, muitos povos indígenas perderam a sua identidade cultural em razão da penetração da cultura do “não índio”.

Assim como os sertanistas de outrora, os sertanejos atuais, possuem ambições de explorar os recursos naturais de áreas indígenas e até mesmo, tentam utilizar a mão de obra indígena, de forma barata, para levarem a efeito seus empreendimentos, esses interesses ambiciosos favorecem a manutenção de preconceitos, que não somente desvaloriza o trabalho indígena, como também implica dizer que as terras indígenas seriam melhor aproveitadas se estivessem nas mãos dos *civilizados*. (MELATTI, 1986, p. 179).

Essa ideia vem sendo reforçada, por séculos e vem se materializando, na forma de leis que agridem o meio natural dos povos nativos, em benefício de interesses econômicos, ligados ao setor agro pecuário, em nome de uma pretensa modernização dos “civilizados”, por isso muitos povos naturais estão sendo mal tratados, perseguidos e expulsos de suas terras ancestrais e parte da sociedade alienada não intervém ou sequer lança um olhar para a causa das vítimas, por estar contaminada de preconceitos incutidos ao longo da história.

Atualmente o conceito de “aculturação” foi modificado por transculturação. E segundo Vânia Maria Losada Moreira:

“Os índios não transitam diretamente da situação “tribal” para a de “povo” ou “brasileiro”, como supôs Caio Prado Júnior e ainda supõe o senso comum. O percurso não é uma linha reta, sem contradições e mediações, mas antes uma transformação de “índios específicos”, portadores de línguas e cultura particular, para a condição de “índios genéricos”.

Diferentemente do pensamento de Caio Prado Júnior, na atualidade, o índio é reconhecido como um agente histórico e social que transforma e é transformado pelo processo colonial (Almeida 2003), seja na história do tempo presente, prenhe de exemplos de ressurgimento étnico (Oliveira 1999a). Porém é inevitável reconhecer que a sua história foi construída com base na humilhação, sofrimento, violência e mortes.

Portanto, dos poucos povos que restam, não se tem certeza se continuaram vivos para preservar sua história, ou se, serão levados a miscigenação como forma de garantir, pelo menos, um legado na memória de seus sucessores. A percepção que se tem é a de que cada vez mais, os poucos que restam, estão fadados a serem os últimos de sua cultura, num espaço cada vez menor.

### **Considerações finais**

Os índios de hoje sofrem com a herança que, o português, o sertanejo e o não índio deixaram ao longo de cinco séculos de exploração e expropriação em seu próprio território, apesar de leis que garantem alguns direitos, não há como negar que o verdadeiro dono do Brasil tenha sido vilipendiado, mal tratado, usurpado de todo um patrimônio cultural e natural que o mesmo era o legítimo herdeiro.

Grande parte dos habitantes das cidades tem uma visão romântica do índio. Fazem do índio um ser naturalmente bom. Tal visão foi cultivada por pensadores europeus do passado, baseados

nos dados dos primeiros viajantes, e culminou nas ideias de Rousseau a respeito da bondade natural do Homem. Romancista e poetas brasileiros, sobretudo José de Alencar e Gonçalves Dias, foram responsáveis pela divulgação dessa visão romântica do índio: o índio ativo, cortês, corajoso. Nina Rodrigues apresenta uma razão para o cultivo de tais idéias sobre o índio do Brasil. Segundo este autor, os fatores sociais que levaram o Brasil à independência foram acompanhados de um sentimento de oposição e antagonismo contra os portugueses, que concorreu para quebrar os laços de continuidade afetiva e dar aos brasileiros consciência de uma vida autônoma. (MELATTI, 1986, p. 194).

O Estado oscila entre o protecionismo genérico, mostrando que o índio é importante para a identidade nacional, mas ao mesmo tempo, este se transforma em um empecilho para o progresso, por exemplo, atividades econômicas que estão a ser desenvolvidas pelo capital privado em áreas indígenas que possuem riquezas naturais, como minério, madeira e locais que são propícios para o agronegócio ou criação de projetos de desenvolvimento do governo federal como a construção de Hidrelétricas, mas são impedidos por movimentos sociais indígenas. Exemplos como o massacre de 14 índios Tikuna no Igarapé do Capacete em 1988, a tragédia nos Ianomâmis no auge da atividade de garimpagem e problema atual da implantação da Hidrelétrica de Belo Monte que está causando consequências alarmantes e prejudiciais as comunidades indígenas que mora na redondeza. Para os planejadores governamentais, os índios são um “problema ambiental para as grandes obras de engenharia”. E estes pensamentos resulta em mortes e conflitos Inter étnicos. O conhecimento tradicional indígena, dos remédios naturais a perfumes e decorações corporais tem sido utilizado pela Indústria Farmacêutica, de Cosméticos e outros mercados nacionais e internacionais que usam destes valores tradicionais para auferirem lucros exorbitantes. Existem debates que o Índio não pode ser mais confundido com a natureza, um ser similar aos animais; pois eles se constituem como grupos humanos e culturalmente diferenciais. Infelizmente, as terras indígenas são vistas como fontes de matérias primas e de riqueza. Algumas tribos vendem madeiras para empresas nacionais e internacionais e liberam para a exploração de garimpagem, porém é necessário analisar este fenômeno com cautela, visto que estas ações são resultantes de um desrespeito por parte do Estado por não proteger as terras indígenas e de alguns empreendedores do agronegócio que se aproximam dos índios somente para cunho lucrativo, forçando estes a utilizar uma alternativa que proteja as suas terras e identidade de seu povo.

Hoje em dia, no entanto não há um pensamento homogêneo sobre a imagem do índio, por todos os ângulos que se olhe sempre haverá uma contaminação no modo de pensar e de imaginar o

índio no presente, pois se para muitos é necessário preservação do mesmo, com sua língua, códigos, cultura ideológica e material, para que possam ser estudados e compreendidos, como uma herança cultural viva, cuja ancestralidade desconhecemos, para que se possa apreender o que esses povos têm a oferecer ao não índio e à sociedade moderna de modo geral.

Há quem queira defender a cultura dos autóctones, meramente pelo seu direito de ancestralidade e propriedade de um território que outra fora deles, esses encontram resistência junto ao latifúndio e minifúndios quem invadem para explorar os recursos naturais de terras demarcadas ou em conflito por demarcação.

Há também aqueles que buscam a preservação, com integração desses povos, com a sociedade moderna, muito embora, na prática ocorra o cerceamento dos direitos primários dos indígenas, no momento em que são equiparados aos não índios, pois se forem cidadãos brasileiros comuns, perdem a tutela do Estado.

Entre tantos interesses diversos, os povos nativos são olvidados sobre o que realmente querem, pois durante cinco séculos, não se ouve a voz dos mesmos, são apenas tidos como estranhos na sua própria terra de herança, desde a chegada dos portugueses o natural (os nativos da terra-índios) tornou-se exótico e o exótico (portugueses) tornou-se natural.

Essa percepção de que foram, ao longo do tempo, usurpados de sua própria terra, foram forçados e muitas vezes reduzidos a escravos, esses povos têm, e o Estado atual e a sociedade presente têm uma dívida impagável, herança desses quinhentos anos, que não foram eles que contrariam essa dívida, entretanto são responsáveis pelo reparo que deve ser efetuado da melhor forma que possa amenizar, pelo menos, os agravos causados aos povos nativos do Brasil.

## **Referências**

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Índios no Brasil. 4º Ed, São Paulo: Global, 2000.

MELATTI, Júlio Cesar. Índios do Brasil. 5º Ed, São Paulo:HUCITEC, 1986.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. História, etnia e nação: O Índio e a formação nacional sob a ótica de Caio Prado Júnior. 63-84, Memória Americana 16, 2008.

PROUS, André. O Brasil antes dos Brasileiros: a pré-história do nosso país. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

RIBEIRO, Darcy (org.). Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 4<sup>a</sup> Ed, Petrópolis: Vozes, 1982.



## **Estado, polícia e sociedade: uma análise das ações do batalhão de operações especiais (BOPE) no Amapá**

Ana Caroline Bonfim Pereira; (Universidade Federal do Amapá; e-mail: ana.caroline\_ap@hotmail.com)<sup>8</sup>

Orientador: Dr. Ed Carlos de Sousa Guimarães; (Universidade Federal do Amapá; E-mail: edcarlos@unifap.br)

**Resumo:** O artigo tem o objetivo de analisar a percepção das pessoas sobre as ações do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), especialmente dos moradores da baixada do Ambrósio, a partir de então, analisar o grau e a medida de aceitação e reprovação dessas ações. Problematicando qual limite do uso da força e violência policial. As análises decorrem das abordagens de entrevistas com questões semiestruturadas com os moradores da baixada do Ambrósio localizada no Município de Santana (AMAPÁ).

**Palavras-chave:** BOPE, violência policial, Baixada do Ambrósio.

**Abstract:** The article aims to analyze the perception of people about the actions of the Special Operations Battalion (BOPE), especially the residents of the downloaded from Ambrose, from then analyze the degree and extent of acceptance and rejection of these actions. Discussing which limit the use of force and police violence. The analyzes derive from interviews with semi-structured approaches to issues with residents of the downloaded from Ambrose in the municipality of Santana (Amapa).

**Keywords:** BOPE, police violence, Ambrose Baixada

Este artigo é resultado de uma pesquisa, ainda em curso, que tem o objetivo de analisar como os moradores da área da Baixada do Ambrósio percebem as ações empreendidas pelo Batalhão de Operações Especiais (BOPE), no ano de 2014. Pretende compreender como funcionam os mecanismos que legitimam o uso da força repressora pelo Estado, bem como analisar o grau e a medida de aceitação, aprovação e reprovação dessas ações por parte da população.

A escolha da Baixada do Ambrósio deu-se por ser uma região com atuações do BOPE, que tiveram grande repercussão na sociedade amapaense, a área é apontada como uma zona sensí-

---

<sup>8</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amapá, bolsista do PET - Programa de Educação Tutorial, integrante do GEPVIC (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Violências e Criminalizações).

vel, pois sobre a mesma foram registrados altos índices de criminalidade nos anos de 2011 a 2013, de acordo com os dados do Centro Integrado de Operações de Defesa Social – CIODES da Polícia Militar do Amapá. Nessa área foram empreendidas grandes operações policiais (“Sophia 2”, “Berinjela”, “Apocalipse” e “saturação”); sendo a última, de preparação para a implantação da Unidade de Policiamento comunitário (UPC); e outras atuações recorrentes de apreensão de grandes quantidades de drogas e prisão de criminosos.

A Baixada do Ambrósio é uma área localizada na área portuária do município de Santana-AP, sendo densamente povoada por parcela da população socioeconomicamente vulnerável da região. Ocupando uma imensa área de várzea, também conhecida como área de ressaca ou área de ponte, esses espaços alagadiços são impróprios para a moradia humana, mas são ocupados por famílias inteiras que impedidas de terem acesso à moradia, direcionam-se para as mesmas.

As casas construídas são do tipo palafita, que se aglomeram umas sobre as outras, são dispostas de forma aparentemente aleatória, “divididas entre residências, estabelecimentos comerciais, igrejas e estabelecimentos híbridos (casa/comércio, geralmente batedoras de açai), são geralmente feitas de madeira. Possuindo como única via de acesso pontes de madeiras”. (ANDRADE, 2014,p.8)

As análises que decorrem das abordagens de entrevistas são o principal eixo de pesquisa que nortearão a compreensão sobre como o BOPE é visto pelos moradores da Baixada do Ambrósio, sob a ótica das Ciências Sociais. A metodologia aplicada foi de entrevistas com questões semi estruturadas, direcionadas especificamente sobre a maneira com a qual aqueles moradores representam e significam a presença do BOPE na Baixada do Ambrósio.

### **Reservado aos “Heróis”**

O Batalhão de Operações Especiais (BOPE) foi criado em 1978, após ganhar força a ideia de que a polícia militar necessitava de um grupo especial para atuar em situações de crise. Entre as suas missões estão o combate ao crime organizado, captura de delinquentes fortemente armados, o resgate de reféns e a contenção de rebeliões, entre outras operações de alto risco. Para tanto, os

policiais recebem uma formação diferenciada, voltada para operações de “guerra” urbana, que inclui um processo severo de seleção e treinamento<sup>9</sup>.

De acordo com histórico disponibilizado pelo BOPE/AP, o Batalhão surgiu de uma necessidade e observância do Comando da Polícia Militar do Estado do Amapá, principalmente ao ver que em outros estados já se utilizavam de tropa especializada para ações mais complexas. Então no ano de 2002, iniciaram os trabalhos para a criação e efetivação do BOPE/AP.

Desta maneira, o BOPE/AP foi ativado na Polícia Militar do Estado do Amapá através do Decreto nº 6797 de 06 de dezembro de 2002, pela governadora, na época, Maria Dalva de Souza Figueiredo, sob comando do Coronel Aires, o qual nomeou em janeiro de 2003, o então Major Marcos Vasconcelos da Cruz como o primeiro comandante.

Hoje, o Batalhão possui Quatro companhias: ROTAM (rondas táticas motorizadas), Companhia de choque (controle de distúrbios civis, controle de tumultos e repressão a rebeliões ou motins em presídios), COE (companhia de operações especiais e GIRO ( grupo de intervenção rápida ostensiva, policiamento com motos). O BOPE é responsável também pelo canil da Polícia Militar do Amapá- PMAP, que está subordinado a companhia de choque.

O 5º BOPE/AP dentre outras atribuições, é responsável pelo policiamento tático motorizado em todo o estado, o patrulhamento em áreas de risco, cobertura de eventos de grande envergadura, controle de distúrbios, intervenção em estabelecimentos prisionais, gerenciamento de crises com refém e outras missões que necessitem da ação de uma tropa especializada. O BOPE é considerado a tropa de pronto emprego do Estado, e está subordinado diretamente ao Comandante Geral da PMAP e ao Governador do Estado, e só atua em sua totalidade, sob ordem dos mesmos<sup>10</sup>.

Para situações em que se exige uma abordagem diferenciada, um treinamento tático mais complexo o BOPE é acionado. Fato notório que algumas vezes os “criminosos” são alvejados e mortos pelos policiais, o que rende uma fama ao BOPE de polícia que está “autorizada” a matar. As consequências dessas ações são o que geram a popularidade desses policiais, que são tratados

---

<sup>9</sup> [www.policiamilitar.rj.gov.br/bope] Acesso em 27 /09 /2013

<sup>10</sup> Documento disponibilizado na primeira parte da pesquisa empírica, em visita ao 5º Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado do Amapá BPM-BOPE.

como verdadeiros “heróis”, que livram a sociedade de pessoas más. O BOPE é considerado uma tropa de elite que se distingue dos demais integrantes da corporação policial militar e da polícia civil em razão de sua alta qualificação técnica.

### **Legalidade e Legitimidade do uso da força**

A leitura especializada em segurança pública e violência policial tem demonstrado com inúmeros trabalhos que não é de hoje que a polícia tem papel relevante na manutenção da ordem na sociedade. Caldeira evidencia que apesar das mudanças democráticas as forças armadas continuam tendo sua imagem associada a arbitrariedades, a violência e incompetência na prevenção e solução da maioria dos crimes. (CALDEIRA, 2000, p.181)

Os policiais do BOPE são conhecidos pelo uso da força letal. Costa (2004) esclarece que a força letal, ou permissão para matar, deve ser usada apenas em casos extremos, quando a vida do policial ou a de outro cidadão estiver em perigo. Fora dessas situações o uso desnecessário e injustificado da força letal constitui uma forma de violência policial.

Em muitos países, a polícia é acusada de uso excessivo da força enquanto realiza operações policiais em que suspeita haver atividades ilícitas ou quando está em busca de pessoas ou material suspeito. Quando a violência é dirigida contra suspeitos, toma forma de detenções violentas ou abuso da força letal, mas quando é dirigida contra determinadas populações, normalmente grupos sociais vistos como perigosos, constitui uma forma especial de violência policial (COSTA, 2004, p.16).

Os principais alvos dessa violência são os seguimentos excluídos, em sua maioria pessoas negras, pobres, moradores de áreas deterioradas, os trabalhadores rurais e as minorias discriminadas. Segundo Costa os moradores de áreas mais pobres, dotados de escassos serviços urbanos, são as maiores vítimas de homicídios.

Para Cardoso (2012), não há como desconsiderar que os agentes trabalham cotidianamente classificando lugares e pessoas a partir de uma formação que lhes ensina a olhar para situações e avaliar os riscos a partir de parâmetros arraigados na instituição. Em outras palavras, existem pessoas mais suspeitas que outras.

Entretanto, também não se verifica um esforço ordenado no Estado e dos governos para coibir essas práticas violentas. Os agentes responsáveis por tais praticam em geral não são responsabilizados administrativamente, e tampouco são punidos pela justiça. Nesse caso a regra é a impunidade. (COSTA, 2004, p.18)

O uso da força é uma marca das instituições policiais, mas a possibilidade do uso da força não confere total liberdade para decidirem quando devem ou não utilizar desse mecanismo, assunto relevante da teoria democrática, pois diz respeito aos limites ao exercício do poder. Na América Latina, o uso desproporcional da força pelas forças policiais é prática recorrente e estão normalmente relacionadas à utilização do poder letal.

Costa (2004) explica que o uso da força seria o principal instrumento da ação policial, no entanto há distinção entre violência policial e uso da força legítima, problematiza: qual a linha demarcatória, até que ponto é legítima, ou admissível, o uso da força? Expõe que o limite entre o uso da força legítima e violência varia em função da forma como cada sociedade interpreta noção de violência.

Portanto não há um consenso sobre o limite do uso da força. Segundo Paulo de Mesquita (1999, apud COSTA, 2004, p.51) revela que existem três interpretações principais sobre o tema, uma jurídica, uma sociológica e outra profissional, sobre a interpretação sociológica, há uma tendência em distinguir força e violência a partir da noção de legitimidade, com base na percepção determinados grupos sociais acerca da constituição e do exercício da autoridade, por isso o uso da força pode ser considerado ilegítimo.

A legitimidade com relação ao exercício da autoridade estatal não é dada, mas sim construída a partir de um conjunto de valores e crenças, bem como é função de uma estrutura social e política. Isso possibilita que a violência policial contra grupos socialmente desprivilegiados seja admitida. (COSTA, 2004, p.52)

Na América Latina existe uma persistência da violência policial e os governos democráticos tem demonstrado dificuldade em submeter o aparato policial a um maior controle. O Estado brasileiro falha, pois não tem obtido sucesso em atribuir restrições ao uso legítimo da violência. O fim dos regimes autoritários e a desvinculação formal entre polícias e forças armadas levariam a construção de uma polícia cidadã, mas ao contrário as polícias continuam violando os direitos humanos.

A violência e o abuso de autoridade cometidos por policiais contra cidadãos comuns refletem uma séria deficiência dos regimes políticos implantados na América Latina. Tais práticas traduzem o desrespeito por parte do Estado a alguns direitos mais elementares presentes na ideia de cidadania, que são os direitos civis. (COSTA, 2004, p.26).

Essas violações dos direitos civis expressam a precariedade do Estado de direito, no qual este estado pressupõe que os agentes estatais agirão de acordo com a legislação e todos receberam tratamento igual perante a lei, uma das maiores deficiências do estado de direito é a aplicação desigual da lei e os excessos cometidos pelos agentes estatais.

Sem dúvida, a história social brasileira é uma história de violência e autoritarismo, em que o déficit de Estado, principalmente entre os segmentos mais pobres da população, é uma constante. Entretanto, de tempos em tempos, novas formas de violência são incorporadas ao repertório de comportamentos sociais. Nesse sentido, novas e antigas formas de violência passam a compor o cotidiano da sociedade. (COSTA, 2004, p.125)

Analisar a forma como as polícias se relacionam com a sociedade, enfatizando os grupos sociais que são alvos mais frequentes das polícias e aos principais mecanismos utilizados para realizar essa discriminação social.

A violência policial tradicionalmente fez parte do repertório de ações estatais para controlar as classes subordinadas. Em vez de buscar o apoio e a confiança das comunidades excluídas, as polícias contentaram-se com intervenções pontuais e concentraram seus esforços no patrulhamento das fronteiras que dividem os diversos segmentos sociais. (Costa, 2004, p. 142).

As fronteiras entre o legal e o ilegal são instáveis; e como os abusos policiais são cometidos, na maioria das vezes, impunemente, não só a polícia é temida como também o sistema judiciário é deslegitimado e percebido como recurso não confiável na solução de conflitos. Dessa forma, a combinação de polícia violenta com sistema de justiça deslegitimado é fatal para o controle da violência civil em qualquer situação, mesmo numa democracia ela na verdade ajuda na proliferação da violência, ameaçando as instituições democráticas. (CALDEIRA, 2000, p.155).

O acatamento da autoridade almejado pelo Estado e seus agentes diz respeito ao grau de legitimidade de que esta autoridade política desfruta junto à sociedade. Nesse ponto, a relação

entre a lei e a ordem não se mostra contraditória. Quanto mais legítima for percebida a forma como as polícias realizam suas tarefas, mais fácil será sua aceitação da sua autoridade e, portanto, menor a necessidade de recurso à violência. (COSTA, 2004, p.37).

Esse apoio ou tolerância da sociedade civil com relação à violência policial é um dos principais obstáculos à reforma das polícias. Tal apoio materializa-se de diversas formas. Alguns políticos, notórios defensores da violência policial, tem constantemente recebido apoio eleitoral. (COSTA, 2004, p.128)

A sociedade civil sente-se cada vez mais ameaçada e em boa medida apoia e tolera as práticas policiais violentas. Propostas de endurecimento no “combate à criminalidade” tem frequentemente encontrado respaldo em parte significativa da opinião pública e do eleitorado. (COSTA, 2004, p.142) O fracasso da sociedade em contestar os abusos dos direitos humanos é dá suporte a esse tipo de conduta. (HUGGINS *et al*, 2006, p.478) A não- intervenção da sociedade civil contra a forma de atuação da polícia, dá sustentação ao que cometem abusos e preservam os abusos que comentem.

## **Polícia e Sociedade**

A Baixada do Ambrósio localiza-se no município de Santana, tem sua criação ligada a instalação da empresa mineralógica Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI), neste período iniciou-se a construção da ferrovia Santana/Serra do Navio no Estado do Amapá, a construção da ferrovia objetivava transportar os operários e o carregamento de minério. Conseqüentemente Santana teve um grande crescimento populacional.

Com objetivo de conseguir empregos e bons salários, muitas pessoas, como populações ribeirinhos e diversos migrantes principalmente do Estado do Pará e do Nordeste deslocaram-se para Santana-AP, e isso gerou o aumento desordenado da cidade, gerando bolsões de miséria, viajantes, ribeirinhos alojaram-se em pequenos barracos, palafitas, formando, assim, o que mais tarde seria a Baixada do Ambrósio. E junto com o “desenvolvimento” do município de Santana, houve o crescimento do comércio informal e ilícito, casas de prostituição, drogas entre outros. O projeto da empresa mineralógica Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI) trouxe variados problemas sociais para região.

O grau de aprovação do BOPE na Baixada do Ambrósio deve-se principalmente pela ineficiência de policiais que não pertencem ao BOPE, pois para esses moradores, o Batalhão de Operações Especiais está acima da Polícia Militar. Portanto neste artigo ao referir-se aos policiais militares, refere-se aos policiais que não pertencem ao BOPE. Como se constata na fala de um dos moradores:

“A polícia não resolve nada e não pega nada, porque aqui tem muita ponte e a polícia não da conta. O BOPE vem com tudo, só que eles vem só por um caminho, e quando eles estão em uma entrada da baixada, os informantes ligam e os bandidos fogem, eu queria que muito falar com essas pessoas de autoridades (BOPE) pra eles trazerem aquelas duas cachorras, que eles iam encontrar muita coisa na baixada” (Entrevistado 1).

Assim, para os moradores da baixada o BOPE representa uma esperança de que esses policiais são os únicos que podem resolver o “problema da violência” e a sensação de insegurança naquela região, sensação essa que é diferente de medo, pois muitos moradores declaram não ter medo de morar na Baixada: “O BOPE é o BOPE, e os bandidos respeitam, já vem com aquele impacto, aquelas armas, correndo, ai já sabe que vai ter onda”. (Entrevistado 2).

A forma como o BOPE age nessa área é vista como um espetáculo. A entrada do BOPE é sempre triunfal, com um grande armamento, um cenário de guerra, do Estado contra o tráfico de drogas. O que rende a fama aos policiais de “heróis” que lutam contra a criminalidade. Dessa forma um entrevistado manifesta-se: “O BOPE ajuda muito, eles são heróis, mas eles não pegam ninguém, ainda vão na casa errada, porque tem que pegar quem vendem e não só aqueles que usam” (Entrevistado 3).

No final do ano de 2012, o estado adotou uma nova política de segurança pública na área com a implantação da Unidade de Policiamento Comunitário (UPC). O policiamento comunitário surgiu na década de 1980, com a ideia de estabelecer uma policia cidadã, uma policia que tenha respeito aos direitos humanos e o atendimento às reais necessidades da comunidade. Não obstante, os moradores já começaram a criticar a atuação da PM/AP: “A polícia só vinha no início da UPC, no primeiro mês, agora nem vem mais, só entram aqui quando a briga termina, levam muitas vezes só a pessoa morta”. (Entrevistado 2).

Dessa maneira, os moradores reclamam do descaso da Unidade de policiamento comunitário que foi implantada para atender aquela região, dizem que antes as rondas eram feitas cons-



tantemente, no primeiro mês de funcionamento, melhorou a vidas dos moradores, os assaltos diminuíram, a polícia age com descaso, pois não atende as demandas da comunidade quando é acionada, quando atendem, deslocam-se depois de horas. Revela uma moradora angustiada com sua situação:

Eu tô sendo ameaçada, não posso chamar a polícia porque eles não fazem nada, tem medo de entrar aqui, e quando a gente chama eles ainda demoram mais de 30 minutos, só vem pra tirar os corpos, me sinto desrespeitada, e às vezes a gente liga eles dizem: deixa eles se matar. Já o BOPE eles possuem uma fama, entram pra agir, eu gosto porque eles fazem acontecer(Entrevistada 5).

Portanto, o BOPE ganha evidência aos olhos dos moradores devido a falta de atendimento da UPC, tornando-se assim necessários a sua atuação para atender as demandas daqueles moradores. Segundo eles, tranquilidade só é possível com as incursões do BOPE, pois os criminosos não atuam com a mesma frequência nos dias que acontecem e sucedem às operações.

Para alguns moradores houve descaso e desrespeito aos direitos fundamentais dos moradores, quando o BOPE entra na Baixada com todo aquele armamento, e usando da violência para conseguir seus objetivos. Sobre falta de segurança dos residente da Baixada, um habitador fala sobre o seu desconforto:

“Eu to acostumado, só me sinto desconfortável por morar onde não tem segurança, a polícia tem mais medo de nós do que nós dela, quando o BOPE vem aqui são em casos extremos, como quando o detento foge do presídio, por exemplo, só que o BOPE pode resolver, usam da autoridade, quando eles entram todo mundo corre pras suas casa, eu fico com receio, com medo de bala perdida. Todas as policias, o BOPE generaliza, acha que todo mundo é igual, não dividi quem é honesto, trabalhador e quem não é, a violência com os bandidos, traficantes é normal, depois que nós não vemos mais eu já não sei, o que é ruim porque as outras pessoas honestas podem sair feridas daqui quando isso acontece”. (Entrevistado 6).

Para Cardoso (2012, p.116) a simples criação de uma unidade especial não é capaz de implementar modificações estruturais nas instituições policiais. A abordagem policial, quando no trato com

esta parcela da população, representa um desafio à aspiração constitucional de garantia universal e equânime dos direitos sociais e civis.

Outro aspecto registrado é a influencia da mídia na criação de estereótipos sobre os residentes daquela área. Como demonstra um morador que sofre com os estigmas de ser morador da Baixada do Ambrósio: “A mídia exagera sobre a baixada do Ambrósio, as vezes é verdade o que passa no jornal, mas nem sempre foi aquilo que exatamente aconteceu, ai eu sofro com o preconceito na escola, e em vários lugares, quando que falo que sou desse bairro, levo na brincadeira”(Entrevistado 6)

É necessário também levar em conta que a mídia também contribui para a construção desses lugares e pessoas estereotipadas, segundo Michaud (*apud* BONAMIGO & FAVARETTO, 2011), a mídia produz realidades e a relação que as pessoas estabelecem com o mundo passa pelas imagens, que podem ser engendradas e distorcidas, gerando a insegurança nas pessoas mesmo sem elas terem sido vítimas de práticas violentas”, o que Bauman (2008) chama de medo derivado. É o que se vê na fala ressentida de uma moradora.

“O que eu não gosto, é que pra eles todo mundo na baixada do Ambrósio é bandido, traficante ou prostituta, parece que aqui não tem gente de bem, não respeitam, não gosto da violência do BOPE, porque de certa forma todo mundo tá sujeito aqui, eles batem e até matam como se fosse normal, as pessoas têm medo de serem acertadas pelas balas”. (Entrevistada 7).

Em diversas falas os moradores da Baixada do Ambrósio exprimem as dificuldades de morar naquela região, principalmente porque querem ser respeitados pela polícia, afirmando que a visão existente na sociedade é que todos que residem na Baixada são bandidos ou envolvidos, sendo que muitos trabalham, o trabalho é a referencia na Baixada para “pessoas de bem” percebe-se demanda por reconhecimento.

O “respeito” de que tanto falam não corresponde ao respeito à norma, é sim o respeito à pessoa. Pessoa que, segundo eles, dependendo das suas escolhas, merece ter sua dignidade reconhecida por meio de tratamento adequado. Trata-se de uma concepção derivada da expectativa pelo reconhecimento daquilo que Cardoso de Oliveira (2011) chamou de “substância moral das pessoas

dignas”. É isto que demandam e, cada vez mais recorrentemente, explicitam em palavras e atos. Dentro deste universo simbólico, o direito de ser tratado com respeito sinaliza o reconhecimento da condição moral da pessoa. (CARDOSO,2012, p.113)

## **Conclusão**

Para a maioria dos moradores da Baixada do Ambrósio entrevistados, as ações do BOPE não são violentas quando empreendidas contra os criminosos, tais atuações possuem o apoio dos moradores, os quais esperam que os agentes do BOPE “livrem” a sociedade dos bandidos, portanto as ações que resultam em mortes de criminosos são vistos como normais, pois é isso que se espera deles, um resultado rápido, o extermínio do inimigo.

RUDNICKI (In Santos, 2011, p.207) alega que a polícia precisa torna-se um órgão de todos, precisa superar a perspectiva de ser instrumento de conservação do *status quo*. O tempo mudou, mas a polícia brasileira preserva a perspectiva de que sua atuação é na área criminal, de “combate” à criminalidade.

A mídia por sua vez destaca as ações do BOPE enfatizando que tais ações visam eliminar os criminosos da sociedade, de certa forma ajudando a difundir na opinião pública que as ações do BOPE e o até mesmo o uso letal da força são justificáveis em razão do “bem” que os mesmos estão fazendo à sociedade.

Para os moradores da Baixada conviver com os vários tipos de crime se tornou algo rotineiro, portanto, faz parte do dia a dia dos mesmos, não sentem medo, nem mesmo comoção diante dos vários crimes de homicídio, latrocínio, assaltos recorrentes e confrontos de gangues que resultam em mortes. Portanto para esses moradores os episódios acima são banais, apenas sentem insegurança por estarem sujeitos aos efeitos colaterais desses crimes. Para eles o BOPE torna-se necessário, segundo os moradores, para coibir práticas de crime.

Pela observação, *in loco*, percebe-se que a “maioria” dos moradores da Baixada sofre vários tipos de violências, pois não tem assistência e infraestrutura do Estado, não possuem saneamento, educação, saúde, sofrem uma segunda violência do Estado decorrente das ações policiais, além de serem vítimas também do estigma e do preconceito da pobreza e criminalidade que lhe são atribuídos pelo conjunto da sociedade sobre os mesmos, e por fim são vítimas da violência dos criminosos da Baixada.

Além dessas múltiplas violências, pode-se inferir que o Estado também comete outro tipo de violência, quando os agentes públicos de segurança agem com descaso e desídia, eliminando o respeito os direitos humanos, que encontra-se como um sério obstáculo à segurança pública do cidadão comum. Dessa forma desrespeitando os direitos básicos dos moradores, corroborando assim para que os mesmo fiquem sujeitos a crescente violência e criminalidade.

## Referências

- ANDRADE, Arthur Anthunes Leite de. Representação da criminalidade urbana: medo e insegurança social no bairro da Baixada do Ambrósio/AP” Relatório final de pesquisa realizada no GEPVIC (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalizações). Programa de iniciação científica voluntária - PROVIC. Universidade Federal do Amapá. Macapá, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. A dimensão simbólica dos direitos e a análise dos conflitos. *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, v.53. São Paulo, 2011.
- CARDOSO, Marcus. A Linguagem Dos Direitos E O Simbólico Nas Reclamações Dos Moradores De Favelas”, *Confluências*, Vol. 14, N. 2. Niterói: Ppgsd-Uff, Dezembro, 2012.
- HUGGINS. Martha k, *et al.* Operários da violência: policias torturadores e assassinos reconstroem as atrocidades brasileiras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- COSTA, A. Entre a Lei e a Ordem: violência e reforma nas polícias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- FAVARETTO, Marcia Regina. BONAMIGO, Irme Salete. **A mídia de Chapecó e o consumo de equipamento de segurança**. Disponível em: <http://www.unochapeco.edu.br/static/files/trabalhosanais/Pesquisa/Gest%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Marcia%20Regina%20Favaretto.pdf>. Acesso em 01/10/2013.

- FILHO, Edilson; CONTENTE, Paulo; FERREIRA, Tatiane. **Aspectos sócio-ambientais no bairro Área Portuária do Município de Santana-Ap.** UNIFAP [Trabalho de Conclusão de Curso], Macapá, 2009.
- RUDNICKI apud SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org) et al. *Violência e Cidadania: praticas sociológicas e compromissos sociais.* Porto Alegre: Sulina Editora UFRGS, 2011.

## O Processo de extinção das Aldeias e a permanência da Identidade Indígena na Vila de Itaguaí no século XIX: em busca da manutenção de direitos

Ana Cláudia de Souza Ferreira (Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ/ Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro – FAPERJ. E-mail: [souzaac87@gmail.com](mailto:souzaac87@gmail.com)<sup>11</sup>)

### Resumo

O trabalho pretende abordar em um primeiro momento, a discussão histórico-bibliográfica sobre o processo de extinção das aldeias indígenas criadas no período colonial. Em seguida busca-se analisar as possíveis estratégias dos indígenas da Aldeia de São Francisco Xavier de Itaguaí em busca da manutenção de suas terras durante o século XIX, visto que, autoridades políticas e certos intelectuais brasileiros começavam a defender a miscigenação dos povos indígenas na tentativa de diluir o sujeito *índio* e sua identidade e ao procederem dessa forma a expropriação das terras indígenas (na forma de aldeamentos) se intensificava cada vez mais. Esse processo de lutas dos indígenas no século XIX, nos auxilia a pensar que a busca pelos direitos desses grupos se constitui historicamente e é dotado de complexidade e, ainda se faz presente nos dias atuais, necessitando de maior compreensão, diálogo e respeito.

**Palavras-chave:** estratégias, direitos, indígenas, Itaguaí, século XIX.

### Abstract

This study addresses at first, the historical and bibliographical discussion on the process of extinction of villages created during the colonial period. Then seeks to analyze the possible strategies of indigenous village of Saint Francisco Xavier of Itaguaí in search of maintaining their land during the nineteenth century, since political authorities and certain Brazilian intellectuals began to advocate the mixing of indigenous peoples in attempt to dilute the subject and his *índio* identity and proceed that way the expropriation of indigenous lands (as villages) intensified increasingly. This process of struggles of indigenous people in the nineteenth century, help us to think that the search for the rights of these groups is historically and is endowed with complexity, and is still present today, requiring greater understanding, dialogue and respect.

**Keywords:** strategies, rights, indigenous, Itaguaí, nineteenth century.

---

<sup>11</sup> Trabalho elaborado sob a orientação da Professora Doutora Vânia Maria Losada Moreira (UFRRJ).

## Introdução

Esta pesquisa se debruça sobre a história do Aldeamento de São Francisco Xavier de Itaguaí, também conhecida como Aldeia de Itaguaí<sup>12</sup>. O aldeamento foi fundado no século XVII e administrado pelos padres jesuítas até o ano de sua expulsão em 1759, por decorrência da política pombalina<sup>13</sup>. Foi um dos quatro aldeamentos mais importantes e duradouros do Rio de Janeiro (ALMEIDA, 2003; LEITE, 2006). Os Índios dessa Aldeia conseguiram ser atendidos em alguns de seus requerimentos, no que diz respeito à manutenção e aquisição de terras junto à Coroa, tanto no período colonial quanto no imperial (ALMEIDA, 2003; SILVA, 1854).

Para compreender a complexidade que envolve esses espaços, propõe-se analisá-los a partir dos novos olhares, tanto da historiografia como da antropologia, para pensar a temática indígena. A história indígena tem se tornado alvo de estudos dos historiadores, a partir de forte diálogo com os estudos antropológicos, refinando o entendimento sobre o universo de luta e disputas que estes agentes históricos tiveram e suas possíveis estratégias de resistência à extinção dos aldeamentos (e de suas terras). As novas abordagens tanto no campo da História quanto no da Antropologia vem contextualizando e problematizando a tentativa de exclusão dos índios da sociedade brasileira (ALMEIDA, 2010; CARNEIRO DA CUNHA, 2012). Nesse sentido, este trabalho visa contribuir para a análise dos índios como agentes sociais e históricos, ao contrário do que foi sendo disseminado no Brasil, sobretudo no século XIX, de que os índios não teriam história, apenas “etnografia”<sup>14</sup>.

Partindo das novas abordagens e vieses teóricos em torno da temática indígena, no termo aldeia ou aldeamento foram acrescentados novos significados, além daquele utilizado para designar o local onde um grupo de nativos originalmente moravam “nas matas e sertões”. Assim, aldeia passou

---

<sup>12</sup> Neste trabalho, optou-se por utilizar tanto a palavra aldeia ou aldeamento, sendo ambos designadores dos ajuntamentos criados no período colonial com índios aliados ou índios descidos de seus locais de origens para determinadas regiões, geralmente, locais mais próximos aos núcleos coloniais dos portugueses. Os índios desses aldeamentos foram denominados índios aldeados no decorrer da história. Alguns desses aldeamentos foram administrados inicialmente pelos jesuítas, mas também podiam ser administrados por outras ordens religiosas ou particulares. Porém, mas do que isso, esses espaços foram também locais de transformação de sentidos e agência indígena, o que será abordado mais adiante.

<sup>13</sup> Para autores que trabalham com a questão da política indigenista do Marquês de Pombal, Cf.: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010; PERRONE-MOISÉS, Beatriz. “Índios livres e índios escravos. Os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI e XVIII)”, In: CARNEIRO DA CUNHA (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 1992, pp. 115-131.

<sup>14</sup> Essa ideia era defendida pelo historiador do século XIX, Francisco Adolfo Vanhargen que não era favorável ao tratamento brando em relação aos índios, tão pouco era simpatizante dos que estudavam ou defendiam os indígenas no Brasil. Embora esse tipo de pensamento esteja sendo colocado de lado em decorrência das novas pesquisas que visam colocar os indígenas na história, não se pode negar que em alguns espaços a ideia de que os índios não possuem ou não protagonizam a história ou ainda de que eles responderam passivamente ou foram assimilados ainda permanece.

a ser entendida, por um lado, como espaços de ressocialização e de transformação dos índios no mundo colonial, segundo os interesses que giravam em torno do mundo europeu e colonizador; e, por outro, como espaços onde os índios podiam refazer suas vidas e articular seus próprios interesses. Nos aldeamentos os índios apreenderam ensinamentos, práticas e novos costumes. Mas não perderam a sua cultura, seus costumes, apesar de sofrerem transformações, onde eles mesmos participavam desse processo (ALMEIDA, 2003; MALHEIROS, 2008). E esses espaços, apropriados e ressignificados pelos índios ali inseridos, se tornaram alvos de intensas disputas envolvendo diferentes atores sociais, sobretudo a partir do final do século XVIII. Esse processo de disputas territoriais, assim como o debate em torno da definição do que seria o sujeito índio, se acentuaria ainda mais no século XIX. Partindo da leitura de alguns autores, os quais serão citados adiante, procuro analisar o que podemos caracterizar como “processo de extinção da aldeia”<sup>15</sup>. Parte importante do debate “histórico-bibliográfico”<sup>16</sup> sobre este tema termina por focalizar, além disso, a questão teórica em torno da identidade indígena.

### **Uma análise sobre o “processo de extinção das aldeias” no século XIX**

Os estudos sobre o processo de luta dos índios por direitos tem sido alvo de pesquisa, a princípio no campo antropológico, mas a questão vem ganhando terreno também na história. Alguns autores nos ajudam a compreender o processo de extinção das aldeias e a luta dos índios pela manutenção de seus espaços e territórios, assinalando a importância da identidade indígena dos grupos aldeados como instrumento de luta pela posse da terra.

Segundo Manuela Carneiro da Cunha, no século XIX, a política indigenista em muitos locais ainda era pautada pelo Diretório dos Índios (ou Diretório Pombalino de 1757). Com a Revogação deste em 1798, abriu-se uma lacuna na política indigenista. Para Carneiro da Cunha, até 1845 a legislação indigenista consistia em uma legislação flutuante e em larga medida subsidiária de uma política de terras (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 67-68). A partir do “Regulamento acerca das Missões, Catequese e Civilização dos Índios” surge a tentativa de o Império legislar sobre as questões indígenas de forma mais geral (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 68). Porém, mesmo assim, essa legislação não foi exercida de forma homogênea, nem respeitada em sua totalidade no Brasil.

---

<sup>15</sup> Termo utilizado por Maria Regina Celestino de Almeida em suas pesquisas.

<sup>16</sup> Cito “histórico-bibliográfico” pois se utiliza textos de pesquisadores de outros campos de pesquisa, como a Antropologia, por exemplo, essenciais para a compreensão do tema que é alvo deste estudo.



A partir da leitura do Regulamento das Missões de 1845 é possível perceber a presença dos incentivos aos casamentos dos índios entre si e entre pessoas de “outra raça”, sendo também permitido que não-índios arrendassem as terras indígenas. Ou seja, estão presentes na legislação de 1845 dois importantes objetivos do Diretório Pombalino: a miscigenação dos índios e a extinção das distinções entre eles e os não-índios; e o regime de tutela, que se personifica nos Diretores<sup>17</sup>. Os índios teriam acesso à terra, tanto os já aldeados como aqueles que aceitassem a situação do aldeamento e se deixassem ser “civilizados”. Teriam acesso, portanto, a um território, ainda que esse não fosse mais igual ao que tinham no período anterior à colonização da América.

Edson Hely Silva salienta que o Regulamento de Missões incorporou muitas das propostas presentes no *Apontamentos para a Civilização dos Índios Bravos do Império do Brasil* de José Bonifácio de Andrada e Silva e (...) estabelecera as diretrizes da política indigenista oficial, onde era estimulada a integração dos grupos indígenas à sociedade da época” (SILVA, 1995: 29). Luana Teixeira, seguindo a mesma linha de reflexão, comenta que o mesmo Regulamento visava a assimilação dos índios ao novo Estado, onde “o Decreto ratifica a postura histórica de reconhecimento do direito à ocupação da terra pelos povos nativos, ainda que na forma limitada de aldeamentos” (TEIXEIRA, 2013: 8)<sup>18</sup>.

Em relação ao processo de extinção das aldeias, Carneiro da Cunha ressalta que a partir de 1850, com a promulgação da Lei de Terras, inaugurou-se uma política agressiva em relação às terras das antigas aldeias coloniais. Um mês após a promulgação da lei, o governo determinava que as terras dos índios que andavam “dispersos e confundidos à massa da população civilizada” fossem incorporadas aos próprios nacionais (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 79). Caracterizando o período, declara que, aos poucos, os territórios das antigas aldeias que deveriam ser mantidos na posse dos índios, segundo a referida Lei, começaram a ser substituídos por lotes individuais. Conclui dizendo que “cada passo é uma pequena burla, e o produto final, resultante desses passos mesquinhos, é uma expropriação total” (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 82). Ainda durante o século XIX, há a

---

<sup>17</sup> “Decreto N.º 426 – de 24 de julho de 1845, contém o Regulamento acerca das Missões de catechese, e civilização dos Índios”. In: *Coleção das leis do Império do Brasil*, 1845, Tomo VIII, Parte II. Sobre os arrendamentos, p. 88; em relação aos casamentos, p. 89.

<sup>18</sup> Sobre a política de integração dos índios à sociedade brasileira do século XIX e a expropriação de suas terras, outros autores seguem a mesma linha de reflexão, dentre outros, Cf.: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Política Indigenista e Etnicidade: estratégias indígenas no processo de extinção das aldeias do Rio de Janeiro – Século XIX. Sociedades em movimento. Los pueblos indígenas de América Latina*. Tandil (Argentina), IEHS, 2007; MACHADO, Maria Marina. *Trajatória da destruição: Índios e Terras no Império do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006; SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. *Terra e Trabalho: indígenas na província das Alagoas. XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011; XAVIER, Maico Oliveira. *Cabocullos são os brancos”: dinâmicas nas relações socioculturais dos índios do Termo de Vila Viçosa Real – Século XIX*. Fortaleza: SECULT/CE, 2012.

ocorrência de indígenas que recorreram à justiça para pleitear direitos (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 92).

Na ação do governo imperial fica perceptível a necessidade de reconhecer e distinguir os índios que estavam “misturados à população”, daqueles que, ao contrário, ainda viviam aldeados. Ou seja, o objetivo era garantir terra apenas aos índios, distinguindo-os dos demais grupos formados por não-índios, por mestiços ou ainda por índios considerados demasiado civilizados para ainda serem considerados “índios”, segundo o modelo de indianidade da época. Mesmo havendo essa distinção, os índios aldeados passaram pelo processo de perdas territoriais. Na análise de Carneiro da Cunha, a política de mestiçagem iniciada por Pombal “acaba servindo, cem anos mais tarde, de pretexto à espoliação das terras dos aldeamentos em que haviam sido instalados os índios” (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 105). A política pombalina visava tornar os índios súditos da Coroa, não os distinguindo dos demais habitantes do Brasil. Para isso, os casamentos entre não índios foram incentivados; passou-se a permitir a entrada de não índios dentro das aldeias; bem como a presença de vendas e engenhos nas terras dos índios. Esta política de assimilação permitiu que, no século XIX, a mistura entre índios e não índios fosse utilizada pelo Estado imperial como pretexto para a expropriação de terras indígenas.

Maria Regina Celestino de Almeida corrobora os argumentos de Manuela Carneiro da Cunha. Para ela, no século XIX há uma política que visa extinguir as terras indígenas, girando em torno da questão relacionada às teorias raciais e do crescente interesse das câmaras municipais e dos moradores pelos territórios dos aldeamentos. O governo estava preocupado em verificar a existência de índios nos aldeamentos. Caso os índios não estivessem aldeados ou fossem considerados mestiços (assim chamados muitos indivíduos que eram descendentes de indígenas), perderiam o acesso às suas terras. No meio de todo esse processo, os índios se faziam presentes e buscavam manter seus direitos (ALMEIDA, 2008).

No século XIX, o discurso de que os índios aldeados já não eram mais tão “índios” e que, portanto, não haveria a necessidade da existência de aldeias, foi um argumento bastante presente nas falas de autoridades e intelectuais interessadas em apropriarem-se das terras indígenas (ALMEIDA, 2008: 32). Quanto aos índios, estes continuariam tendo direito à terra enquanto fossem considerados como tais (ALMEIDA, 2008: 30).

Vânia Maria Losada Moreira, debruçando-se sobre a questão indígena da Vila de Itaguaí, salienta que, em 1824, os índios que habitavam nas terras da Fazenda de Santa Cruz foram considerados pelo Imperador D. Pedro I “cidadãos”, tendo assim, como os demais moradores da Fazenda, que pagar foro. Tudo isso foi recebido com entusiasmo pelos índios de Itaguaí, que, possivelmente

buscavam se livrar do regime de tutela. Moreira salienta que, “neste episódio, fica bastante configurado que os índios se apropriaram da categoria de cidadãos e trataram de organizar sua própria agenda política” (MOREIRA, 2010: 134)<sup>19</sup>. Porém, esse acontecimento pode ter apressado e facilitado o processo de extinção da aldeia, visto que buscava diluir a identidade indígena, trocando-a pela de “cidadãos do Império”. Pode-se dizer que, do ponto de vista do governo imperial, a afirmação que os índios eram “cidadãos” tendia a supor que eles deixaram de ser índios, tentando levar à negação de outra identidade que eles possuíam: a de índios. Nesse caso, havia interesses políticos, pois, como afirma Vânia Moreira:

(...) nos processos de construção, reprodução ou dissolução das identidades (étnicas ou políticas), o Estado costuma exercer um papel importante, baseado no poder de atribuir aos indivíduos ou aos grupos sociais direitos e deveres que podem reforçar, ou não, determinadas identidades e classificações sociais e políticas<sup>20</sup>.

Contudo, Vânia Moreira nos adverte que, embora os índios tenham sido alistados à Guarda Nacional e o juiz de órfãos de Itaguaí tenha declarado a extinção da denominação de aldeia, isso não significa dizer que os índios já não existiam mais na região (MOREIRA, 2010: 136).

A Aldeia de Itaguaí foi estabelecida em terras da Fazenda de Santa Cruz, pertencentes aos padres jesuítas. Por suas terras estarem dentro do território da dita Fazenda, se tornou alvo de disputas, que se acirraram no final do século XVIII. A Aldeia de Itaguaí foi alvo de disputas territoriais desde seu fundamento, e os índios participaram ativamente da luta em busca da manutenção dos privilégios e direitos territoriais adquiridos no Brasil colonial<sup>21</sup>. Foi também alvo de cobiça por mão-de-obra indígena, por parte de colonos, padres e da Coroa. Em 1818, Itaguaí, foi elevada à categoria de Vila<sup>22</sup>, sendo sua ereção confirmada em 1820. As terras da aldeia seriam tomadas como patrimônio da Vila; porém, não há clareza quanto a isso, posto que a Aldeia continuou aparecendo nos documentos do período.

---

<sup>19</sup> Como o governo, tanto o colonial quanto o imperial acreditavam que os índios não tinham plenas condições de se autogovernarem, eles podiam ser colocados sob tutela de autoridades, moradores e padres, tendo também o intuito de utilizar o trabalho indígena. Confira: MONTEIRO, John, Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. ALMEIDA, 2003, op. cit.

<sup>20</sup> MOREIRA, Vânia Maria Losada. “De índio a guarda nacional: cidadania e direitos indígenas no Império - Vila de Itaguaí, 1822-1836”, *Topoi - Revista de História*, v. 11, n. 21, jul.-dez., 2010, pp. 127-142.

<sup>21</sup> Para a História do aldeamento de Itaguaí, Confira: ALMEIDA, 2003, op. cit.; SILVA, Joaquim Norberto de Souza e (1854). “Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB*, Tomo 17, 3ª série, n. 14, 1854; MOREIRA, 2010, op. cit., pp. 127-142.

<sup>22</sup> Categoria equivalente ao que hoje conhecemos por município.

Em 1834, o juiz de órfãos de Itaguaí declarava ao Presidente da Província a denominação de aldeia extinta e dizia que os índios não eram mais considerados “índios aldeados” (SILVA, 1854: 194). Mas as fontes históricas indicam que os índios permaneceram na região por muito mais tempo, sendo ainda considerados “índios aldeados”. Em 1839, a Câmara Municipal de Itaguaí fez um pedido à Presidência da Província de meia légua de terras dadas aos índios por D. João VI. Segundo o mapa anexado ao processo, habitavam 37 famílias indígenas no local, junto com descendentes e agregados, somando uma população total de 141 pessoas. Porém, de acordo com a petição, uma parte das terras estavam desocupadas e, segundo a argumentação desenvolvida no documento, não eram usadas pelos índios. Assim, foi sugerido que essas terras não utilizadas fossem dadas como patrimônio à Câmara e as restantes demarcadas em “certo numero de braças, para cada família segundo a proporção das pessoas que tiverem, ficando isentos de pagarem foros”. O juiz de órfãos interino, representante legal dos índios, aparece como sendo Domingos José Teixeira Chaves<sup>23</sup>.

Como mostra este documento, a cobiça da Câmara de Itaguaí pelas terras indígenas era grande, embora os habitantes índios ainda vivessem no local. Além disso, embora o grupo de índios fosse menor quando comparado ao que existia no início do aldeamento, eles continuavam na região e vários ainda se reconheciam como índios ou índios aldeados.

Conforme salienta Ligia Silva, a Lei de Terras foi aprovada em 30 de setembro de 1850, depois da Lei Eusébio de Queirós (de 4 de setembro de 1850) que aboliu a importação de escravos para o Brasil. As duas leis buscavam solucionar antigos problemas brasileiros, mostrando que a política de terras e a obtenção de mão-de-obra estavam relacionadas. Entretanto, para a autora, a Lei de Terras foi aprovada também para permitir a regularização da posse e propriedade de terras no Império, pois isso exigia uma solução própria<sup>24</sup>.

João Pacheco Oliveira salienta que com a Lei de Terras iniciou-se um movimento de regularização das propriedades rurais. Em relação às terras indígenas, os governos provinciais começaram, sucessivamente a declarar a extinção dos antigos aldeamentos e a incorporar seus terrenos a

---

<sup>23</sup> Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Fundo Presidência da Província do Rio de Janeiro, notação 0633.

<sup>24</sup> SILVA, Ligia Osório. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850*. 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, pp. 135-136.

comarcas e municípios em formação<sup>25</sup>. Dessa forma, aos indígenas, “limitou-se seriamente as suas posses deixando impressas marcas em suas memórias e narrativas” (OLIVEIRA, 2004: 26).

Vânia Moreira aponta que a Lei de Terras de 1850 e o Regulamento de 1854, assim como outras leis e avisos do período tinham como objetivo precípua desamortizar as terras indígenas. O direito do ‘indigenato’ era bem atenuado na Lei de Terras. A Lei designava terras para colonização indígena, contudo, depois do decreto de 1854, de n. 1.368, designava-se que essas terras seriam para colonização e aldeamento onde existissem “hordas selvagens”. O próprio uso do termo colonização nesse contexto, segundo Moreira, aproximava os índios da situação dos estrangeiros, sendo assim ignorado o direito de domínio dos índios baseado no “indigenato”. Os índios que já eram tidos como ressocializados passaram a ser vistos como misturados, “índio só no nome” ou considerados “mestiços”. A permanência dos índios em suas terras ficou cada vez mais nas mãos de autoridades locais que definiam os graus de ressocialização e integração desses<sup>26</sup>.

### **A permanência da identidade indígena, busca pela manutenção de direitos e os índios de Itaguai**

Trabalhando o processo de formação da identidade indígena, Maria Regina Celestino de Almeida argumenta que as categorias de *índio* e *índio aldeado* tornaram-se parte integrante da identidade desses indivíduos que habitavam as aldeias. Os índios se apropriaram dela e passaram por metamorfoses (modificações) culturais, identitárias, etc. e também utilizaram essa identidade como meio de alcançar e/ou manter seus direitos (ALMEIDA, 2003; 2008, 2010).

Para ser considerada uma categoria étnica e identitária, segundo Fredrik Barth, é necessário a auto atribuição e a atribuição dos outros. Constituindo-se em um grupo de indivíduos que se reconhecem e são reconhecidos dentro de uma categoria diferenciada das demais existentes formando assim “fronteiras” entre os mesmos (BARTH, 1998). Entende-se que essas mesmas fronteiras podem sofrer modificações dependendo de situações políticas e sociais. Assim sendo, as fronteiras não são fechadas e imóveis.

---

<sup>25</sup> OLIVEIRA, João Pacheco. Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. OLIVEIRA, João Pacheco (org.). Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa/LACED, 2004, pp. 25-26.

<sup>26</sup> MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Deslegitimação das diferenças étnicas, ‘cidanização’ e desamortização das terras de índios: notas sobre liberalismo, indigenismo e leis agrárias no México e no Brasil na década de 1850”. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 4, n. 8, julho-dezembro de 2012, p. 76-77. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2012v4n8p68>>

Trata-se também de uma organização social e compartilhamento cultural, não se reduzindo apenas de uma questão biológica (CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 104, 109). Corroborando com o argumento de Barth, Carneiro da Cunha define que:

A identidade étnica de um grupo indígena é, portanto, exclusivamente função da autoidentificação e da identificação pela sociedade envolvente. Setores deste poderão, portanto, ter interesse, em dadas circunstâncias, em negar essa identidade aos grupos indígenas (...)<sup>27</sup>.

Para o caso de Itaguaí, acredita-se, que as categorias *índio* e *índio aldeado* formavam uma “fronteira étnica”<sup>28</sup> que identificava e diferenciava o grupo indígena dos demais existentes, sendo ao mesmo tempo uma forma de se organizar dentro da sociedade onde viviam, visando manter seu espaço e os direitos adquiridos. Porém, mesmo com essa distinção entre os grupos, esses mesmos podiam possuir relações de conflitos e/ou de solidariedades, dependendo do contexto.

A forma de organização social dos grupos indígenas estava ligada aos seus territórios e às experiências vividas como grupo. Assim sendo, as aldeias (ou aldeamentos) passaram a caracterizar o local de moradia, convívio, identificação e pertencimento de muitos grupos indígenas. Muitos desses índios passaram por transformações e tiveram que se adaptar às novas formas de organizações adquirindo e/ou se apropriando de uma nova identidade a partir de novos elementos presentes no mundo colonial. Podemos dizer que esses índios passaram pelo “processo de territorialização”<sup>29</sup> onde houve uma reorganização social que implicava, dentre outros fatores, a “criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora” e a “re-definição sobre os recursos ambientais” (PACHECO OLIVEIRA, 2004: 22).

Entendemos que, embora a cobiça pelas terras dos antigos aldeamentos tenha se intensificado durante o século XIX, esses índios continuavam a se reconhecerem como *índio* ou *índio aldeado*, categorias que também estão presentes nas fontes conforme podemos perceber no trecho:

Digo eu Francisco Xavier, *Índio Aldeado* nesta Freguesia de Sam Francisco Xavier de Itaguahy, que sou Senhor e possuidor de setenta e seis braças de terras de frente

---

<sup>27</sup> CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p. 109.

<sup>28</sup> Utiliza-se tal termo com base nas argumentações de Fredrik Barth. BARTH, Fredrik. “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: POUTIGNAT, Philippe.; STREIFF-FENART, Jocelyne (orgs.). *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, pp. 187-227.

<sup>29</sup> PACHECO OLIVEIRA, 2004, op. cit., p. 42.

e noventa e seis braças de fundos no lugar denominado Matto dos Índios, terras dos Índios nesta Freguesia de Sam Francisco Xavier de Itaguahy (...) (grifo meu)<sup>30</sup>.

O exemplo acima explicita a declaração de terras de um indígena. Os Registros Paroquiais de Terras, também conhecido como “Registro do Vigário”, ficou estabelecido no Decreto 1.318 de 1854 que regulamentava a Lei de Terras de 1850, cujo objetivo seria o cumprimento da referida lei, a fim de organizar a questão em torno da legitimação e aquisição de terra no Brasil. Assim, dava-se um prazo para que os possuidores registrassem suas posses.

Em relação às terras indígenas, Carneiro da Cunha relembrando a argumentação de João Mendes Jr., ressalta que as mesmas não podiam ser declaradas devolutas. Além disso, o título de indigenato não exigia a legitimação das ditas terras. As terras indígenas, mesmo após a Lei de Terras, não necessitariam de nenhuma legitimação, posto que “o título dos índios sobre suas terras é um título originário, que decorre do simples fato de serem índios” (MENDES Jr., 1992 Apud CARNEIRO DA CUNHA, 2012: 72).

Há outros exemplos de declarações, como a de Januário Ferreira que em 1856 declarava possuir vinte e oito braças de frente e trinta e oito de fundos, no lugar cujo nome era *Matto dos Índios*. Januário Ferreira se denominava como *Índio*. Outros moradores da Freguesia de São Francisco Xavier de Itaguaí declaravam possuir terras no mesmo lugar em que os índios declaravam habitar, a maioria no *Matto dos Índios*. O Barão de Itaguahy, por exemplo, que declarou possuir terras em vários locais da Vila de Itaguaí, dizia que possuía “meio prazo de terras, pouco mais ou menos nas terras dos Índios” e ter comprado por escritura pública<sup>31</sup>. Manoel Simão Gonçalves também se declarava senhor e possuidor de uma pequena porção de terras no *Matto dos Índios*, “terras dos Índios de Itaguaí nesta Freguesia de São Francisco Xavier de Itaguaí”<sup>32</sup>. Ele também aparece na seção de fazendeiros de café no Almanak Laemmert<sup>33</sup>. Um de seus confrontantes eram os herdeiros de Antonio Jozé Tavares, Januario Ferreira e a “*índia aldeada*” Dionizia Delfina Roza.

A permanência da denominação de Aldeia para se referir às terras dos índios em Itaguaí também pode ser verificada nos registros, tanto nas declarações de índios quanto nas dos demais moradores, sobretudo no “Matto dos Índios”, lugar que segundo as declarações seria “terra dos ín-

---

<sup>30</sup> Fonte: Livro de Registros Paroquiais de Terras de São Francisco Xavier de Itaguaí (1855-1857), folha 18 f., assento n° 52.

<sup>31</sup> Ibidem, folha 21 v., assento n° 64 (Januario Ferreira) e folhas 12 v. e 13 f. (Barão de Itaguahy), assento n° 35.

<sup>32</sup> Fonte: Livro de Registros Paroquiais de Terras de São Francisco Xavier de Itaguaí (1855-1857), folha 12 f., assento n° 32.

<sup>33</sup> Fonte: Almanak Administrativo e Mercantil Laemmert: 1851, p. 93; 1852; 1853; 1856, p. 109.

dios de Itaguahy”, sendo acrescentado por vezes a frase “nesta Freguesia de Sam [ou São] Francisco Xavier de Itaguahy”<sup>34</sup>. Percebemos que ser índio e ser considerado como tal era a garantia de manutenção das terras adquiridas como patrimônio da aldeia apesar do governo imperial, a partir da Lei de Terras, ter iniciado um processo de desamortização e privatização de terras indígenas, visando acabar com as terras coletivas das antigas aldeias (ALMEIDA; MOREIRA, 2012).

No povoado de Santa Cruz do Espírito Santo, índios conseguiram registrar suas terras junto ao vigário, até mesmo na forma de terras coletivas<sup>35</sup>, Sendo que “os registros de terras de índios de Santa Cruz demonstram que, pelo menos naquele momento histórico, ainda existia uma clara tendência em aceitar e reconhecer a presença indígena na região” (ALMEIDA; MOREIRA, 2012: 22). Quiçá, nem todos os índios de Itaguaí tivessem declarado suas terras e outros podem ter declarado sem tal identificação. Embora em um número menos expressivo do que os demais moradores, esses índios conseguiram registrar suas terras e ainda eram reconhecidos como tais, assim como aqueles do Espírito Santo. Quiçá, estivessem usando a declaração de terras como uma possível estratégia afim de permanecer tendo direito às terras que lhes foram dadas no período colonial.

Pode-se perceber que os índios possuíam um território onde os poucos que restavam devem ter se reunido ali, o *Matto dos Índios* e feito desse lugar sua “Aldeia”, seu lugar talvez de comunidade coletiva e de pertencimento. Mesmo que os casos de declaração sejam poucos, acreditamos na possibilidade de que outros índios pudessem estar vivendo nos terrenos daqueles que conseguiram declarar suas posses ou em fazendas da região, ou ainda estivessem morando em outra região, quiçá próxima.

A partir da análise realizada até aqui, podemos verificar que a identidade representada nas categorias índio e índio aldeado pode ter corroborado para que algumas das aldeias só fossem extintas no meado do século XIX, embora a extinção das mesmas não significasse a extinção total dos índios nas províncias. O discurso de mestiçagem e decadência dos índios das antigas aldeias se intensificou no século XIX, provocando medidas que visavam à desapropriação das terras indígenas. Nesse momento, o “ser índio” estava sendo questionado como nunca antes. Tratava, se podemos

---

<sup>34</sup> Exemplos disso podem ser verificados em: Livro de Registros Paroquiais de Terras de São Francisco Xavier de Itaguaí (1855-1857), folha 25 v., assento nº 79 e 99.

<sup>35</sup> ALMEIDA, Maria Regina Celestino de.; MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Índios, moradores e câmaras municipais: etnicidade e conflitos agrários no Rio de Janeiro e no Espírito Santo (séculos XVIII e XIX)”. *Mundo agrário*, vol. 13, n. 25. La Plata, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1515-59942012000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1515-59942012000200008&script=sci_arttext)> acesso: junho de 2013.



ousar dizer, de uma tentativa de “desindianização”<sup>36</sup> desses grupos, sobretudo, por parte das autoridades políticas, ou seja, a tentativa de “diluir”, tornar invisível a identidade dos grupos indígenas, reconhecida pelas categorias *índio* e/ou *índio aldeado*.

## **Considerações Finais**

No trabalho, ainda que brevemente, buscamos compreender os grupos indígenas como possuidores de uma identidade e de uma forma organizacional. Os mesmos ao tomarem as categorias de *índio* e de *índio aldeado*, outrora criadas no período colonial, apropriaram-se delas como sua identidade, mas também como uma forma estratégica de organizar-se socialmente para pretear o acesso à terra. Uma vez que, caso não fossem considerados *índios* não teriam mais direito a permanecer e legitimar seus territórios (muitos deles conquistados no período colonial graças a serviços prestados à Coroa), e que a partir do período imperial passava a ser cada vez mais cobiçado tanto pelo governo quanto por grandes fazendeiros.

Destarte, a agência política e social dos indígenas a partir dessa identidade, pode ter possibilitado um retardamento no processo de extinção de suas aldeias, ou das terras que para eles eram suas por direito e que poderiam significar a sua “Aldeia”. Todo o processo de lutas e transformações tanto étnicas, quanto históricas, culturais, etc. desses índios durante o século XIX em prol de um direito legítimo e originário, o direito à terra, nos auxilia a pensar nas estratégias e nos caminhos seguidos por esses agentes sociais. E por que não dizer que, nos auxiliam a pensar e buscar compreender com mais clareza a luta dos diferentes povos indígenas atuais, mostrando também a necessidade de inserir os índios na história e de compreender as diferentes resistências indígenas, conforme nos salientou John Manuel Monteiro, “cabe aos estudiosos da história dos índios, romper com as abordagens que enxergam na resistência apenas a reação anônima, coletiva e estruturalmente limitada. Novas leituras do espaço intermediário poderão revelar os sinuosos caminhos por onde passou – e passa – a resistência”<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Termo utilizado por Eduardo Viveiros de Castro para demonstrar como o Estado visava tornar os índios em não-índios na década de 1970. Contudo esse processo de desindianização possui raízes nos séculos anteriores conforme assinala o autor. Confira: CASTRO, Eduardo Viveiros de. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. *Povos Indígenas no Brasil: 2001-2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

<sup>37</sup> MONTEIRO, John Manuel. “Armas e armadilhas. História e resistência dos índios”. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 243.

## Bibliografia

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “Política indigenista e etnicidade: estratégias indígenas no processo de extinção das aldeias do Rio de Janeiro – Século XIX”, *Sociedades em movimento. Los pueblos indígenas de América Latina en el siglo XIX*, Tandil: IEHS, Argentina, pp. 219-233, 2007.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de.; MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Índios, moradores e câmaras municipais: etnicidade e conflitos agrários no Rio de Janeiro e no Espírito Santo (séculos XVIII e XIX)”, *Mundo Agrário*, vol. 13, n. 25, 2º semestre, 2012, La Plata, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1515-59942012000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1515-59942012000200008&script=sci_arttext) acesso: junho de 2013.

BARTH, Fredrik. “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, pp. 187-227.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. *Povos Indígenas no Brasil: 2001-2005*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Política indigenista no século XIX”. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura: FAPESP, 1992, pp. 133-154.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

FRIDMAN, Fania. “Três vilas da Província Fluminense”, *VI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Natal, 2000.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo VI, livro I, capítulo III – Fazendas e engenhos do distrito federal. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006.

LOUREIRO, Pedro Mendes.; GODOY, Marcelo Magalhães. “Os Registros Paroquiais de Terras na História e na Historiografia: estudo da apropriação fundiária na província de Minas Gerais segundo uma outra metodologia para o tratamento do primeiro cadastro geral de terras do Brasil”, *XIV Seminário sobre a Economia Mineira*, Diamantina, 2010.

MALHEIROS, Márcia Fernanda. *Homens de fronteira: Índios e Capuchinhos na ocupação do Leste do Paraíba ou Goytacases - séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.

MONTEIRO, John Manuel. “Armas e armadilhas História e resistência dos índios”. In: *A outra margem do Ocidente*. NOVAES, Adauto (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 239-249.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “De índio a guarda nacional: cidadania e direitos indígenas no Império - Vila de Itaguaí, 1822-1836”, *Topoi - Revista de História*, v. 11, n. 21, jul.-dez., 2010, pp. 127-142.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. “Deslegitimação das diferenças étnicas, ‘cidanização’ e desamortização das terras de índios: notas sobre liberalismo, indigenismo e leis agrárias no México e no Brasil na década de 1850”. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 4, n. 8, jul.-dez., 2012, p. 68-85. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2012v4n8p68>>

OLIVEIRA, João Pacheco de (2004). “Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. In: *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Livraria LACED, 2004.

SILVA, Edson Hely. *O Lugar do Índio. Conflitos, Esbulhos de Terras e Resistência Indígena no século XIX: O caso de Escada-PE (1860-1880)*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

SILVA, Ligia Osório. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da Lei de 1850*. 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. “Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 14, Tomo 17, 3ª série, 1854.

TEIXEIRA, Luana. “‘Integrados à massa da população’: ‘Índios’ e a categoria ‘Pardo’ nas contagens populacionais do Império”. *6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Santa Catarina: UFSC, maio de 2013.

## Fontes

Almanak Administrativo e Mercantil Laemmert (1851-1856). Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/almanak>> Acesso: 04/2011.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Fundo Presidência da Província do Rio de Janeiro, notação 0633.

Decreto N.º 426 – de 24 de julho de 1845, contém o Regulamento acerca das Missões de catechese, e civilização dos Índios. In: *Coleção das leis do Império do Brasil*, 1845, Tomo VIII, Parte II.

Livro de Registros Paroquiais de Terras de São Francisco Xavier de Itaguaí, n. 39 (1854-1857). Disponível em: <<http://www.aperj.rj.gov.br/>> Acesso: 06/2012

**Os lugares de memória da ditadura militar no contexto da justiça de transição brasileira**  
**Los lugares de memoria de la dictadura militar en el contexto de la justicia de transición brasileña**

Anaclara Volpi Antonini<sup>38</sup> (Universidade de São Paulo, anaclaravolpi@gmail.com)

**Resumo:**

Este artigo analisa a mobilização em torno da preservação e recuperação de lugares que registram material ou simbolicamente memórias da violência de Estado e da resistência política durante a ditadura militar brasileira (1964-1985). Entendendo-os como parte do processo de justiça de transição que vem se aprofundando desde a década de 1990 no país, buscamos refletir sobre a importância dos lugares de memória a partir das reivindicações por Memória, Verdade e Justiça.

**Palavras-chave:** ditadura militar, justiça de transição, lugar de memória, reparação, reconciliação.

**Abstract:**

In this article, I analyze the effort for the preservation and restoration of places that have material or symbolic memories of state violence and political resistance during the Brazilian military dictatorship (1964-1985) attached to them. Understanding them as part of the transitional justice process that has deepened since the 1990s in the country, I reflect on the importance of places of memory departing from the claims for memory, truth and justice.

**Keywords:** military dictatorship, transitional justice, place of memory, reparation, reconciliation.

**Apontamentos sobre a justiça de transição brasileira<sup>39</sup>**

---

<sup>38</sup> Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

<sup>39</sup> Este artigo faz parte de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo em nível Mestrado, que trata dos lugares de memória da ditadura militar na metrópole de São Paulo.

Para analisar a justiça transicional brasileira, é preciso atentar aos limites deste processo e à permanência de estruturas institucionais e práticas do regime militar, instalado no Brasil entre 1964 e 1985, ainda no período democrático atual. Esse processo não concluído de acerto de contas com o passado, como afirma Janaína Teles (2010), faz com que os mecanismos de apuração e resposta ao legado de violência deixado pelo regime autoritário não se efetivem completamente a ponto dos organizadores do livro “O que resta da ditadura” (2010), Edson Teles e Vladimir Safatle, afirmarem que o Brasil não chegou a concretizar uma justiça de transição.

Iniciativas como a criação da Comissão Nacional da Verdade e das comissões locais da verdade, políticas de reparação financeira e simbólica, ações judiciais, entre outras, são partes do processo que vem se aprofundando desde a década de 1990 a partir da atuação fundamental dos perseguidos políticos e dos familiares de mortos e desaparecidos. No entanto, é preciso ressaltar que a história da ditadura militar brasileira ainda é marcada por discursos e documentos que obscurecem muitas das violações aos direitos humanos, que estavam por trás de cada ação do regime militar. Diante disso, se impõe a necessidade de discussão intensa sobre a memória do período através do aprofundamento da concepção de memória da resistência e da repressão e do conhecimento sobre os lugares que registram as mesmas.

As políticas de reparação se iniciaram com a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos em 1995 e foram complementadas pela Comissão de Anistia a partir de 2002. Tais políticas, no tocante às mortes, desaparecimentos e torturas verificados durante o regime militar brasileiro, se dedicam a reconhecer como mortos os que desapareceram neste período e indenizar suas famílias ou reconhecer como anistiados os que foram perseguidos, indenizando-os individualmente. No entanto, têm até hoje caráter predominantemente econômico e individual, para além da reparação simbólica ligada ao reconhecimento da responsabilidade do Estado brasileiro pela perseguição ou morte de dissidentes políticos.

Criada pela Lei federal nº 12.528 de 18 de novembro de 2011, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) tomou posse no dia 16 de maio de 2012 e tinha inicialmente dois anos para fazer seu relatório, prazo prorrogado até dezembro de 2014. Segundo a lei que a instituiu, o objetivo desta Comissão consistiu em apurar os abusos e violações dos direitos humanos ocorridos entre os anos de 1946 a 1988 (período compreendido pelas duas últimas constituições democráticas brasileiras), apontando no artigo 3º o dever de investigar os casos de “torturas, mortes, desaparecimentos forçados, ocultação de cadáveres e sua autoria, ainda que ocorridos no exterior” e “identificar e

tornar públicos as estruturas, os locais, as instituições e as circunstâncias relacionadas à prática de violações de direitos humanos” (BRASIL, 2011).

O trabalho de pesquisa da Comissão foi dividido entre diferentes grupos temáticos coordenados por membros nomeados pela presidenta da república ao início do mandato da CNV. Além disso, a Comissão realizou parcerias com outras comissões da verdade e instituições. Desde o início, foram realizadas audiências públicas e reuniões de trabalho para colher depoimentos e apresentar relatórios preliminares da pesquisa, e os materiais resultantes desses trabalhos foram disponibilizados no site da Comissão. Os comitês de memória, verdade e justiça tiveram um importante papel, cobrando e colaborando sistematicamente na apuração de informações.

Constituída somente 27 anos depois da restituição democrática, a CNV apresentou, pela primeira vez, um documento do Estado brasileiro representando a história oficial do regime militar. Em um artigo de 2013, Rodrigo Patto Sá Motta analisou criticamente as disputas pela representação da História política recente e a atuação da comissão, ressaltando o caráter reconciliador da mesma. O autor questionou a afirmação da lei que cria a CNV, que coloca o estabelecimento do “direito à memória e à verdade histórica” como prioridades. Isso porque, para ele, não se trataria de uma verdade histórica já que a influência dos historiadores não se evidencia na formação do seu quadro dirigente. Sua hipótese para o uso do termo “verdade histórica” é que ele teria sido escolhido diante da “impossibilidade de demandar verdade jurídica, já que esta tem implicações criminais e penais” (Motta, 2013:67). De fato, o título do editorial publicado pelos membros da comissão no jornal Folha de São Paulo quando da divulgação de seu relatório final em 10 de dezembro de 2014, foi “Verdade, memória e **reconciliação**”<sup>40</sup> (grifo nosso), em que afirmam que “a busca da verdade, o resgate da memória e a promoção da reconciliação nacional foram, assim, o norte que guiou toda a atividade da CNV” (DALLARI et al, 2014).

Segundo Inês Soares e Renan Quinalha, o modelo de justiça de transição no Brasil ainda se “afasta do processo penal e do enfoque punitivo dos autores das atrocidades” (Soares; Quinalha, 2011:76). Janaína Teles (2010), ao detalhar as diversas ações judiciais movidas por familiares tanto na justiça brasileira como no plano internacional, mostra que apesar de alguns casos de vitó-

---

<sup>40</sup> Publicação posterior à apresentação do trabalho nas Jornadas. Vide: DALLARI, P.; DIAS, J. C.; CAVALCANTI FILHO, J. P.; KEHL, M. R.; PINHEIRO, P. S.; CARDOSO, R. Verdade, memória e reconciliação. Folha de S. Paulo. São Paulo, 10 Dez. 2014. Editorial. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/199372-verdade-memoria-e-reconciliacao.shtml>>. Acesso em: Dez. 2014.

rias nesta instância, como algumas correções em atestados de óbito e responsabilizações de torturadores no plano civil, muitas famílias ainda esperam a conclusão dos processos, marcados pela lentidão e pela impunidade.

Para além dos mecanismos judiciais e da reparação financeira e simbólica, estão sendo articuladas estratégias como a desapropriação, o tombamento e a memorialização de lugares relacionados à repressão política. Em agosto de 2012, iniciou-se o processo de desapropriação da chamada Casa da Morte, aparato clandestino mantido pelo Centro de Informações do Exército (CIE) em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Um ano depois, o prédio da 2ª Auditoria Militar situado na rua Brigadeiro Luís Antônio em São Paulo foi cedido à Ordem dos Advogados do Brasil – SP, e em janeiro de 2014, o prédio que abrigou o DOI-CODI de São Paulo (Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operação de Defesa Interna) foi tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo), entre outras ações em andamento no país.

Anterior a essas iniciativas, o Memorial da Resistência de São Paulo, onde funcionou o DEOPS/SP (Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo), passou por diferentes propostas e reformulações até ser inaugurado em janeiro de 2009 e ainda é o único antigo centro repressivo que abriga um espaço museológico aberto ao público no país, servindo como referência para movimentos que estão reivindicando a transformação de outros espaços de repressão no Brasil em centros de memória.

A intensa mobilização dos perseguidos políticos e dos familiares de mortos e desaparecidos, individualmente ou organizados através de comitês e comissões por memória, verdade e justiça, é fundamental para o desenvolvimento de cada uma das ações ao colocar em tensão o princípio da conciliação afirmado na transição brasileira. Janaína Teles (2010) retrata o desgaste que os familiares e perseguidos sofrem diante da impunidade que se reafirma como resposta a muitas das ações judiciais e políticas empreendidas. Entretanto, é importante ressaltar que a memória produzida por eles vêm se fortalecendo através das denúncias das violações, contribuindo tanto com testemunhos para as comissões da verdade quanto participando delas e atuando na produção de conhecimento sobre o regime.

Os relatos dos que viveram a ditadura militar e nela sofreram perseguições físicas e morais traz à tona uma memória que não é fácil de ser lembrada e que tem sido reiteradamente obscurecida. Uma memória que deve travar lutas políticas tanto para ser reconhecida para além das versões



oficiais até então veiculadas, como para se manter no espaço e permanecer como uma marca na metrópole.

### **Os lugares de memória e as reivindicações por Memória, Verdade e Justiça**

No caso da relação de alguns países latino-americanos com seu passado recente, é importante destacar a centralidade das reivindicações por memória, verdade e justiça, presentes na agenda política dos movimentos de direitos humanos que se mobilizam pelo esclarecimento das violações dos direitos essenciais e seu reconhecimento pela sociedade e pelo Estado. No plano institucional brasileiro, a memória e a verdade estão se aprofundando aos poucos, enquanto a justiça ainda está restrita às responsabilizações civis, longe do processo penal propriamente dito, como já foi apontado. Aqui, reunimos algumas questões sobre *memória, verdade e justiça* e sua relação com os lugares que registram espacialmente a violência estatal e a resistência dos perseguidos políticos.

A associação entre os conceitos de memória e verdade estabelece um desafio particular à historiografia, mas ganha um significado particular dentro do debate sobre o passado recente latino-americano. Esta relação é explicada por Anne Pérotin-Dumon (2007) a partir da maneira como se realizou a política de repressão em muitos países da América Latina, que também podemos atribuir ao Brasil mesmo que este país não seja o foco de sua análise. Segundo a autora, “a repressão foi acompanhada do seu ocultamento sistemático e prolongado, motivo pelo qual a luta moral pelos direitos humanos foi simultaneamente uma luta contra a negação de que eles tenham sido violados” (PÉROTIN-DUMON, 2007:9 - tradução livre). Ao tornar-se um imperativo da luta dos movimentos de direitos humanos, o sentido da verdade se transforma e passa a incorporar a memória e o testemunho como resposta às verdades até então construídas pelo Estado repressivo com base em documentos falsificados/falsos. Dessa maneira, a luta e os imperativos memória e verdade se opõem, se conflitam e, ao mesmo tempo, transformam o sentido desses conceitos no âmbito da História como campo do conhecimento. A busca por verdade neste contexto contradiz os limites da verdade do ponto de vista do conhecimento (como princípio que legitima a ciência histórica, mas que é necessariamente subjetivo), e ao mesmo se justifica diante de construções intelectuais que negam as violações, seja do nazismo ou das ditaduras latino-americanas. Trata-se de um *passado vivo*, ou seja, um período que as pessoas recordam e que, ao mesmo tempo, está presente,

atuando como uma “grande sombra estendida sobre nossa época” (PÉROTIN-DUMON, 2007:8 - tradução livre).

Ao unir o compromisso do historiador ao dos movimentos de direitos humanos, perseguidos políticos e familiares, Anne Pérotin-Dumon propõe algo parecido à força messiânica que Walter Benjamin (2008) atribui à tarefa do historiador materialista. “Acaso não nos encontramos hoje os historiadores da América Latina na mesma situação imperativa de defender a verdade histórica da violência recente?” (PÉROTIN-DUMON, 2007:15 - tradução livre), pergunta a autora. E tal postura pode ser adotada não apenas por historiadores.

Atualmente, lutar por memória, verdade e justiça no Brasil significa lutar contra as mentiras inventadas pelo regime militar, contra a supressão das suas marcas espaciais e recordações “indesejáveis”, mas também significa lutar contra o *festejo alegre do esquecimento* que pode se instaurar no período democrático.

Tzvetan Todorov (2000) utiliza a expressão “festejo alegre do esquecimento” no seu livro *Los abusos de la memoria*, no qual afirma que tanto os regimes totalitários quanto as democracias liberais ameaçam a memória. Um pelo ocultamento de informações, o outro, pelo excesso. Ao incluir os Estados democráticos em sua análise sobre a supressão da memória, mostra que o esquecimento é produto também do moderno e não apenas da ação de regimes totalitários. O autor aborda inicialmente os Estados totalitários e sua necessidade de suprimir as marcas de determinadas memórias, substituindo-as por mentiras e invenções, e depois trata do consumo cada vez mais rápido de informações e do esquecimento, menos bruto e mais “alegre”, provocado pela sociedade do ócio das democracias liberais. Evidentemente, tratam-se de diferentes maneiras de produzir o esquecimento, mas que constituem a chamada “memória ameaçada”.

A produção do esquecimento tem efeitos não apenas nas ideias e nos documentos, mas também no espaço. O exemplo dado inicialmente por Todorov é o dos colonizadores espanhóis, que retiraram e queimaram “todos os vestígios que testemunhassem a antiga grandeza dos vencidos” (Todorov, 2000: 11 - tradução livre). Outras “guerras contra a memória” também foram de maneira a evitar lembranças molestas, indesejáveis: “as marcas do que existiu são ou bem suprimidas, ou bem maquiadas e transformadas; as mentiras e as invenções ocupam o lugar da realidade” (Todorov, 2000:12 - tradução livre). À vista disso, o autor coloca a importância tanto dos lugares quanto dos testemunhos como forma de combater a perda da memória e as próprias ações

dos regimes totalitários. Trata-se, portanto, de uma tarefa transformadora que se realiza no presente e se orienta para o presente.

A sociedade civil e os movimentos de direitos humanos têm um papel central para as mobilizações em torno da busca da verdade sobre os acontecimentos e reunião de provas, reparação das ilegalidades e julgamento dos culpados, defesa e assistência às vítimas, garantia das lembranças sobre o sucedido e **preservação de suas marcas tangíveis** (PÉROTIN-DUMON, 2007:5) (grifo nosso). Dependendo do seu uso posterior, os lugares que registram memórias da ditadura militar e as lutas pelo seu reconhecimento e preservação podem ser vistos como resistência tanto contra a negação e repetição do passado violento quanto contra o processo de produção do espaço urbano como amnésico<sup>41</sup>. Tais “marcas tangíveis” podem ser usadas como recurso para a preservação da memória, a busca da verdade e inclusive para servir de provas das violações nos processos de justiça.

Inês Soares e Renan Quinalha (2011) afirmam que atos de memorialização, como a construção de memoriais, o estabelecimento de datas comemorativas, a formação de museus e a proteção de um espaço como lugar de memória, entre outros, são “relevantes não somente para as vítimas diretamente atingidas como também para toda a sociedade (...) por representarem o reconhecimento público do legado de violência (ou do passado violento)” (SOARES; QUINALHA, 2011:80). Os processos de memorialização buscam atuar não apenas no plano da reparação simbólica, mas também na criação de espaços de difusão e discussão das violações do período militar que se constituam como referências para as batalhas contra as violações atuais, além das lutas por justiça em relação ao período.

Na cidade de São Paulo, destacam-se três iniciativas de memorialização de lugares relacionados à repressão política, já citadas, que estão em distintos estágios de apropriação. Enquanto o Memorial da Resistência de São Paulo, que ocupa o térreo do edifício onde funcionou o DEOPS/SP, é ainda o único antigo centro repressivo no Brasil transformado em memorial aberto ao público, o prédio da Auditoria Militar de São Paulo, onde aconteceram interrogatórios, julgamen-

---

<sup>41</sup> O *espaço amnésico* é um conceito desenvolvido pela geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos. A rapidez de transformação da morfologia de São Paulo faz com que sejam perdidos inúmeros de seus referenciais espaciais, impondo o que a geógrafa caracteriza como uma nova relação espaço-temporal. Segundo a autora, o tempo é invadido pela rotina do trabalho e da produção, tornando-se quantificação, e o espaço, ao registrar a destruição constante dos referenciais urbanos, torna-se distância, levando ao que ela conceitua como *tempo efêmero* e *espaço amnésico* (CARLOS, 2001:349). Este debate está sendo aprofundado na minha pesquisa de mestrado e será objeto de publicação posteriormente.

tos e torturas durante o regime militar, foi recentemente cedido pela União à Ordem dos Advogados do Brasil seção São Paulo (OAB-SP) e será transformado no Memorial da Luta pela Justiça, em projeto. Por sua vez, o conjunto edificado do antigo DOI-CODI, foi tombado pelo Condephaat, que indicou seu uso como memorial, seguindo as reivindicações dos movimentos da sociedade civil. No futuro, espera-se que estes três lugares constituam uma rota da memória da ditadura militar em São Paulo.

Os lugares de memória têm um enorme potencial já que podem disponibilizar informações e materiais para exposição, expandindo sua divulgação para o conhecimento e apropriação da população em geral para evitar a repetição ou manutenção de violações dos direitos humanos no tempo presente. Dessa forma, eles se destacam no campo das políticas e ações de reparação, já que extrapolam o caráter econômico da reparação ao se colocarem como uma forma de reparação simbólica coletiva, ou seja, direcionada a toda a sociedade.

Por sua vez, Elizabeth Jelin e Victoria Langland (2003), estudiosas das memórias da repressão política no Cone Sul, apontam a potência existente em cada esforço de memorialização dos lugares que registram acontecimentos e práticas repressivas. Nas suas palavras, os espaços marcados como lugares de memória “agregam uma nova camada de sentido a um lugar que já está carregado de história, de memórias, de significados públicos e de sentimentos privados” (JELIN; LANGLAND, 2003:5 - tradução livre) e podem mudar de sentido em momentos futuros.

É importante ressaltar o papel desses espaços também como fonte de provas para investigações sobre as violações que ocorreram nos aparatos repressivos. Como mostram as experiências de países como Chile e Argentina, eles podem servir para a apuração das violações e reunião de evidências para os processos de investigação do período e possíveis ações judiciais. Ações em andamento no Espacio Memoria y Derechos Humanos “Ex-ESMA”, em Buenos Aires, e no Espacio para la Memoria y Promoción de los Derechos Humanos “La Perla”, em Córdoba – os mais importantes centros clandestinos de detenção, tortura e extermínio da Argentina – são exemplos do uso dos espaços onde aconteceram violações para a investigação de provas materiais que são utilizadas nos processos da Justiça argentina.

Ao nosso ver, o parecer de tombamento do DOI-CODI de São Paulo feito pelo Condephaat em 2014 condensa as três reivindicações elencadas, memória, verdade e justiça. Trata-se de um caso paradigmático já que é o primeiro no estado de São Paulo a ser tombado exclusivamente pela sua história relacionada à ditadura militar, sendo fundamental ressaltar a relevância de incorporar

esta memória difícil às práticas patrimoniais. O parecer técnico que dá fundamentação ao tombamento das antigas instalações do DOI-CODI em São Paulo foi fruto de uma pesquisa minuciosa sobre o aparato repressivo que, além de reconhecer a importância de sua preservação e indicar sua transformação em um memorial, vislumbrou o uso do edifício para futuras investigações no âmbito judicial. O processo trouxe uma diretriz inovadora ao determinar a necessidade de avaliação prospectiva e estratigráfica nas paredes e pisos antes de qualquer intervenção no espaço ocupado pelo Setor de Inteligência. Segundo a historiadora Deborah Neves, responsável pelo estudo de tombamento na UPPH (Condephaat), o estudo e as recomendações jurídicas foram uma resposta em relação ao que foi feito no processo de restauro do edifício do antigo DEOPS/Estrada de Ferro Sorocabana, que apagou muitos dos vestígios referentes à sua história como aparato repressivo durante a instalação do chamado Memorial da Liberdade (2002-2007).

Além de declarar a importância da preservação das antigas dependências do DOI-CODI, o instrumento do tombamento recomendou sua transformação em um memorial aberto ao público. Mesmo não sendo esta a atribuição específica de um órgão de preservação de bens culturais, o processo de tombamento elencado destaca um tema fundamental para o papel dos lugares de memória na luta por memória, verdade e justiça: seu uso.

O uso que será feito da memória é uma questão central para Todorov (2000). Para fundamentar sua crítica aos usos da memória, o autor sustenta que o acontecimento recuperado pode ser tratado de maneira *literal* ou *exemplar*. Enquanto a memória literal possui um fim em si mesma e produz recordações incomparáveis entre si, a memória exemplar pode servir de modelo para compreender situações novas com agentes diferentes. A exemplaridade, ao recuperar o passado como uma “manifestação entre outras de uma categoria mais geral” (TODOROV, 2000,:31 - tradução livre) sem negar a singularidade dos acontecimentos, converte o passado em um princípio de ação no presente.

A representação da memória de maneira literal ou exemplar e o uso que será feito destes veículos de memória estão relacionados a demandas e conflitos entre os sujeitos que motivam esses processos (em geral, as vítimas, sobreviventes, movimentos de direitos humanos), os especialistas (curadores, artistas, museólogos, etc.) e a ação governamental. Tratam-se de espaços e memórias em disputa. Diante da importância do princípio da reconciliação, tal como ele se constitui na justiça transicional brasileira, tendemos a pensar que a construção dos lugares de memória servirá majoritariamente a este princípio. Por outro lado, as demandas de demarcação pública de lugares de memória da ditadura militar fazem parte de um processo que envolve disputas simbóli-

cas, políticas e ideológicas que não restritas a um debate sobre êxitos ou fracassos, e que, principalmente, ainda não estão concluídas.

## **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 222-232.

BRASIL. Palácio do Planalto. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de instalação da Comissão da Verdade, 16 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-instalacao-da-comissao-da-verdade-brasilia-df>>. Acesso em: abr. 2014.

CARLOS, A. F. A. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, E.; LANGLAND, V. (Comps.). *Monumentos, memoriales y marcas territoriales*. Madrid: Siglo XXI de España, 2003.

MOTTA, R. P. S. História, Memória e as disputas pela representação do passado presente. In: *Patrimônio e Memória*. São Paulo: Unesp, v. 9, n. 1, p. 56-70, jan.-jun./2013.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez./1993.

PÉROTIN-DUMON, A. Verdad y memoria: escribir la historia de nuestro tempo. In: *Historizar el pasado vivo en América Latina*, 2007. Disponível em: <[http://www.historizarelpasado.vi-vo.cl/es\\_resultado\\_textos.php?categoria=Liminar.+Verdad+y+memoria%3A+escribir+la+historia+de+nuestro+tiempo&titulo=Liminar.+Verdad+y+memoria%3A+escribir+la+historia+de+nuestro+tiempo](http://www.historizarelpasado.vi-vo.cl/es_resultado_textos.php?categoria=Liminar.+Verdad+y+memoria%3A+escribir+la+historia+de+nuestro+tiempo&titulo=Liminar.+Verdad+y+memoria%3A+escribir+la+historia+de+nuestro+tiempo)>. Acesso em: abr. 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - CONDEPHAAT. Parecer técnico UPPH nº GEI-256-2021. Processo de tombamento nº 66578/2012.

SEIXAS, I.; POLITI, M. Os elos que vinculam as vivências encarceradas com as perspectivas de comunicação museológica: o olhar dos ex-presos políticos. In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Coord.). Memorial da Resistência de São Paulo. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009, p. 199-207.

SOARES, I. V. P.; QUINALHA, R. H. Lugares de memória no cenário brasileiro da justiça de transição. Revista Internacional de Direito e Cidadania, n. 10, p. 75-86, jun./2011.

TELES, J. A. Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por “verdade e justiça” no Brasil. In: TELES, E. e SAFATLE, V. (Orgs.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 253-298.

TELES, E. Entre justiça e violência: estado de exceção nas democracias do Brasil e da África do Sul. In: TELES, E. e SAFATLE, V. (Orgs.). O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 299-318.

TODOROV, T. Los abusos de la memoria. Buenos Aires: Paidós, 2000.

**Más allá del Estado, más acá de la frontera. Reflexiones en torno a las mujeres paseras de la frontera La Quiaca (Argentina) - Villazón (Bolivia)**

**Para além do Estado, mais cá da fronteira. Reflexões em torno das mulheres paseras da fronteira A Quiaca (Argentina) - Villazón (Bolívia)**

Andrea Noelia López (UNJu - CONICET – UNQ - andynlopez@gmail.com)

**Resumen**

El presente trabajo tiene como intención reflexionar sobre experiencias de mujeres que se dedican a cruzar mercadería por circuitos que evitan los controles aduaneros y de gendarmería en las fronteras argentino-bolivianas, en límite La Quiaca -Villazón. Mujeres denominadas paseras, a los que un sector de la sociedad y el Estado consideran criminales, pero quienes se desenvuelven en los terrenos fronterizos resistiendo un orden económico, social y político. Un *collage* que articula teoría y praxis en una retórica política que da cuenta de la disidencia de algunas experiencias.

**Palabras Claves:** Estado – Frontera – Mujeres.

**Abstract**

This paper is intended to reflect on the experiences of women who engage in cross merchandise for circuits that avoid customs and gendarmerie controls Argentine-Bolivian border in La Quiaca - Villazón limit. Women called paseras, for which a sector of society and the State considered criminals, but those working on the borderlands resisting economic, social and political order. A collage that links theory and praxis in a political rhetoric that realizes the dissent of some experiences.

**Keywords:** State - Frontera - Womens.

**Introducción: Más allá de los etiquetamientos**

Las fronteras, o ciudades fronterizas, son creaciones del Estado-nación en pos de la soberanía territorial, límite material de la ficción espacial de las naciones, concebidas como puerta de entrada o salida al territorio, márgenes de la ciudadanía. Y sin embargo, por fuera del invento estatal, la ‘ilegitimidad’ de algunos flujos tensiona de manera permanente y definitiva las fronteras,



haciendo de la práctica cotidiana la irreverencia a la ciudadanía y la reinención constante de los límites materiales.

El presente trabajo tiene como intención reflexionar sobre experiencias de mujeres que se dedican a pasar mercadería por circuitos que evitan los controles aduaneros y de gendarmería en la frontera argentino-bolivianas, en limite La Quiaca -Villazón. Mujeres denominadas paseras, a los que un sector de la sociedad y el Estado consideran criminales, pero quienes se desenvuelven en los terrenos fronterizos resistiendo un orden económico, social y político

### **El Estado como un espacio absoluto**

El ingreso al mundo moderno trajo aparejado diferente percepción de lo que se consideraba “la política” hasta entonces. Empieza a pensarse en una política más vinculada como herramienta y actividad humana al servicio de las transformaciones sociales. Un proceso de secularización y constitución de poder que propició las bases sobre las cuales se construyó el Estado Moderno.

Un Estado considerado principalmente como ordenamiento social y dispositivos de control. Un dispositivo, dice Foucault, constituido por una diversidad de elementos que comprenden agencia, instituciones (educativas, publicas, de fuerza, etc.), discursos, imaginarios sociales, leyes, sentencias, instalaciones arquitectónicas, pautas cotidianas, rutinas sociales, entre muchos otros elementos. Elementos heterogéneos que pertenecen al campo de lo decible como al de lo no decible. El dispositivo entonces se transforma en la red que puede establecerse entre todos los elementos (Foucault 1995, cit. en Rodríguez Alzuela 2014)

El Estado Nacional como forma, esto es, como formación estatal estuvo ligado estructuralmente a la expulsión recurrente de minorías nacionales al condensar costumbres sociales muy diferentes y transformarlas en una costumbre sistemática de regulación de norma, de pautas, y de normalización. Así los distintos dispositivos estuvieron pensados para que todos los habitantes del Estado nacional, sea cual fuere su ubicación geográfica dentro del territorio, pensarán y vivieran en un espacio absoluto. Un lugar estable y estabilizado, con tiempos, ritmos, formas de pensar, mirar, habitar y transitar unificados, un proceso de progresiva unificación y homogenización de los modos de vida.

Sin embargo dice Segato (2007) a la sombra de la vigilancia cultural, en nuestro país se construyeron ‘alteridades históricas’. Comunidades con un estilo propio de interacción entre sus partes y entre muchos de los dispositivos del Estado que las atraviesan. Se establecieron diferencias, grupos sociales percibidos en la interacción como distintos, entendidos como lxs ‘otrxs inapropiables’ (Haraway 1999). Los cuales, por más imposición del Estado pudieron establecer formas propias de interacción entre sus maneras de habitar, transitar, habitar sus espacios y algunos de los dispositivos del Estado.

### **Las fronteras, el Estado y lo prohibido**

Las fronteras o ciudades fronterizas son creaciones del Estado-nación en pos de la soberanía territorial, límite material de la ficción espacial de las naciones, concebidas como puerta de entrada o salida al territorio. Estos espacios señalan la proporción de la superficie terrestre que procura apropiarse, material y simbólicamente, un determinado Estado para definir el alcance de su poder coercitivo. Son la señal de hasta donde se extiende un sistema de derechos, deberes y garantías aun cuando estos pueden funcionar de forma deficiente.

Estas ciudades son espacios liminares del tejido cultural donde se entraman y se reproducen la diferencia hacia afuera pero, especialmente, hacia adentro del territorio nacional (Cebrelli y Arancibia 2011). Sus habitantes a menudo desarrollan sus propios intereses, que pueden o no coincidir con los del gobierno central, aunque el gobierno central se esfuerce, a partir de sus diversos dispositivos instalados allí, por evitar el debilitamiento de lealtad entre sus habitantes fronterizos.

En el límite como en la ciudad que lo contiene, se instaura una forma de demarcación bien delimitada y controlada a partir de la presencia, más visibles que en otras ciudades, de algunos dispositivos de control del Estado relacionados, principalmente con instituciones de fuerzas de seguridad y control. La gendarmería, el personal de Aduana y migraciones son convencionalmente los encargados de deshacer, o al menos de contener el delito.

Los gobernantes de un Estado Nacional deciden que términos usar o permitirán usar para referirse a determinadas cuestiones. En este proceso se resguardan, reordenan, recrean, y crean categorías que acaban siendo versiones oficiales del mundo social (Starr 1992, cit. en Renoldi 2008). Son clasificaciones cuyo poder constructivo está dado partir de ciertos valores preponde-

rantes que se inscriben significativamente en la historia. En el caso de las ciudades fronterizas del norte argentino el llamado ‘contrabando’ y los ‘inmigrantes’ son los delitos, considerados por el Estado, que intentan por lo menos controlarse.

Al crear una norma, dice Becker (2012), se crea al mismo tiempo la desviación, pues se establece la norma cuya infracción constituye una desviación. Desde este punto de vista la desviación no es una cualidad del acto que la persona comete sino una consecuencia de la aplicación de la regla y la posterior sanción sobre el infractor por parte de un tercero (Becker 2012). Sin embargo las personas etiquetadas así bien pueden tener un punto de vista diferente sobre el tema. Quizá no acepten las reglas por las cuales está siendo juzgado como ‘fuera de lo normal’ por las etiquetas que naturaliza a agentes y grupo dentro de esas categorías.

En algunas situaciones el simple hecho de que alguien haya cometido una infracción a la regla no implica necesariamente que los otros, aun sabiéndolo, respondan ante el hecho consumado. La respuesta ante un hecho considerado desviado varía enormemente. Muchos actos considerados por las instituciones del Estado como delitos son tolerados o porque es demasiado difícil de detener, o porque mucha gente se beneficia con él. Entonces no se trata de una aplicación igualitaria de la ley a todas y todos los ciudadanos y en todas las circunstancias.

La dicotomía de lo legal/ilegal en estas ciudades impuesta desde las leyes del Estado afecta fundamentalmente las vidas de las personas y parece delimitar un camino ‘del bien’ y otro que nos conduciría a las profundidades del mal (Brigida 2008). Pero cuando enfocamos el problema desde la perspectiva de la experiencia cotidiana, de la necesidad diaria de innumerables decisiones sobre lo correcto y lo incorrecto con que nos confronta la vida, la delgada línea que los separa pareciera confusa.

## **Las Mujeres paseras: Formas de pensar y vivir la frontera**

### Una pequeña descripción del escenario.

Cuando el Estado Nacional Argentino comenzó el lento proceso para definir los límites de su respectivo territorio, empezó también una ardua transformación de demarcación de la frontera argentino-boliviana que culminó en 1925. Los límites fueron impuestos desde los sectores dominantes de ambos países, Buenos Aires y La Paz, que conocían escasamente el terreno y las características culturales de la población (Cestón y Carbonetti 2007). Así se crearon tres pasos fronteri-

zos legales con Bolivia<sup>42</sup>: La Quiaca y Villazón, Aguas Blancas y Bermejo y Profesor Salvador Masa y Yacuiba, la primera ubicada en la provincia de Jujuy y las dos últimas localizadas en los bordes de la provincia de Salta.

El paso internacional La Quiaca - Villazón pone en contacto a la provincia de Jujuy y el departamento de Potosí que actualmente una de las regiones más pobres de ambos país. A pesar de la imposición de esos límites en los primeros años del siglo XX no había diferencia. Hasta entonces la vida social de los pobladores no estaba segregada por la pertenencia a una u otra comunidad política, así parientes y amistades podían residir y circular en ambos lados del límite estatal sin obstáculos institucionales (Karasik 2005). Esta situación continuó hasta 1946 cuando Gendarmería Nacional ocupó la región fronteriza y comenzó un proceso de división estatal. Límite estatal que hasta hoy genera molestias a muchos pobladores que continúan de alguna manera con las interacciones económicas, sociales, culturales.

En cuanto a su condición de ciudad, tanto La Quiaca como Villazón tienen una ubicación que coincide con la posición periférida en relación a los centros de poderes políticos y económicos de sus respectivos países. La provincia de Jujuy, al igual que muchas otras, resultó crecientemente marginalizada en la construcción del Estado Moderno por su articulación en un modelo de desarrollo capitalista cuyo mayor dinamismo se ubicó en las zona pampeana y el puerto de Buenos Aires. En una sociedad como la Argentina establecida desde un pánico a la diversidad (Segato 2007), el paisaje norteño, la población kolla y la vecindad con Bolivia no fueron rasgos que se desearon asumir o mostrar como parte de la Nación, en un proceso de construcción de límites políticos, sociales y culturales entre lo que se imagina como claramente Argentino y lo que no lo sería (karasik 2000).

En cuanto a su actividad económica, en ambas ciudades parte importante de ella deriva de las posibilidades comerciales que inauguran las diferencias de cambio y la oferta diferencial de productos para las y los pobladores de uno u otro país y salvo algunas experiencias no hay producción industrial significativa en esta ciudad. Comercios minoristas para el viajero y mayoristas para la exportación, negocios de comida y hotelería son algunas de las actividades que dinamizan

---

<sup>42</sup> La frontera con Bolivia tiene más de 700 kilómetros de longitud en total, pero solo se ha instalado tres pasos 'legales', Sin embargo por otros lugares el cruce también es posible.

y generan empleos en este espacio fronterizo (Ibíd.), así como la administración pública en general y el paso fronterizo.

### El trabajo de pasar mercadería

En el límite internacional La Quiaca-Villazón se encuentran ubicados, del lado argentino, el Escuadrón N° 21 "La Quiaca" de Gendarmería Nacional y la Dirección General de Aduana (DGA) de la Administración Federal de Ingresos Públicos (AFIP). Esta articulación de fuerzas estatales tiene por misión el registro y control de la circulación de personas y vehículos, como así también el pago de los canones de derechos de importación.

A diario llegan a la zona servicios regulares de transporte con pasajeros: ómnibus, minibuses, remises particulares con compradores/as mayoristas y minoristas motivados/as por una economía cambiaria favorable para las y los argentinos<sup>43</sup>. Los comerciantes, que compran bienes y productos en Villazón para revenderlos en los valles del sur de la provincia (mayormente textiles), superan ampliamente el límite permitido valuado en 150 dólares por persona por mes por ser menor al que necesitan, es entonces cuando entran en juego las paseras<sup>44</sup>: mujeres que se dedican a cruzar la mercadería de las y los compradores por circuitos que evitan el control aduanero y de gendarmería<sup>45</sup>.

El trabajo de pasar mercadería comienza en las calles 'Pasaje Coronel Araya' y 'Max Chungaras' de la ciudad boliviana de Villazón, donde las trabajadoras esperan a las y los compradores que necesitan de su labor. Allí reciben la mercadería para transportarla hasta la Terminal de la ciudad argentina, La Quiaca. Los bienes y mercancías que se cruzan van desde ropas (camisas, jeans, ropa interior) y calzados hasta electrodomésticos de uso particular (reproductor de DVD, pavas, radios, etc.), entre otros. Éstos nunca son iguales sino que varían de acuerdo a la temporada del año, por ejemplo a principios de épocas escolares mochilas, útiles y zapatillas resaltan sobre

---

<sup>43</sup> El mayor auge de las compras en el vecino país Bolivia fue durante los '90 con la ficción de la paridad entre el dólar y el peso argentino. Si bien la moneda argentina ha ido disminuyendo en relación al boliviano en los últimos años, todavía hoy se pueden conseguir productos a menor precio.

<sup>44</sup> Este trabajo también es realizado por hombre, sin embargo nuestra investigación concentra su atención en experiencias de mujeres.

<sup>45</sup> El trabajo de pasar mercadería por circuitos que evitan el control aduanero y de gendarmería, es una tarea que se realiza en otros límites de la frontera Argentino-boliviana como así también en otras fronteras internacionales: por ejemplo Posadas (Argentina) – Encarnación (Paraguay) Ver Schiavoni (1993).

otros<sup>46</sup>. Los objetos llegan a la ciudad de Villazón desde el interior de Bolivia, pero no son de producción nacional sino importaciones provenientes de otros países.

Una vez que las trabajadoras recolectaron, anotaron, controlaron y acomodaron en lonas o mochilas la mercadería, localizan a taxis para que las acerquen hasta la vera del río. El trayecto del cruce alternativo se realiza por algunos de los tramos del Río La Quiaca, que no superan una distancia mayor a 300 metros del paso oficial. Río que posee poco caudal de agua durante la mayor parte del año, pero que encuentra su complicación en las bajas temperatura que mantiene. Allí a sus espaldas, en bolsos o mochilas, las mujeres transportan los diferentes artículos.

El trabajo no es una práctica individual sino más bien organizado ya sea en la contratación del servicio colectivo -un grupo o familia- o sea en el cruce colectivo de la frontera, porque casi siempre se cruza en grupo. La distribución de los pesos de los volúmenes a transportar se realiza a partir de configuraciones históricas de lectura de los cuerpos. Así las mujeres jóvenes ponen en circulación menores cantidades de mercadería. En esta línea fácilmente podría establecerse la misma distribución de peso entre los géneros pero la experiencia de tránsito en la frontera se rebela contra esta lectura y da cuenta de procesos más conexos entre cuerpos. Algunas mujeres, en el recorrido de su experiencia, llegan a soportar grandes cantidades de peso sobre sus espaldas. Eso hace para sí un formateo de las relaciones de género y del cuerpo en este contexto.

Es interesante remarcar que este trabajo no es ajeno a las y los gendarmes ubicados en el puesto oficial. Pero dada la cantidad de personas que se dedican a esta actividad y las necesidades de autoempleos en la zona, desde hace unos años el trabajo de las paseras intenta no prohibirse en su totalidad (a través de la quita total de mercadería), sino controlar el cruce de lo que llevan las trabajadoras. El trayecto alternativo es sometido, circunstancialmente, a controles arbitrarios en la zona del recorrido. Sorpresivamente las trabajadoras encuentran Gendarmes predispuestos a decomisar la mercadería. Si lo que se transporta son ropas o juguetes comienza una “negociación” entre los y las Gendarmes y las paseras. Allí convergen dos actitudes: la pericia de las trabajadoras para establecer acuerdos y la predisposición de la/el gendarme para aceptarlo o viceversa. Es en este “acuerdo” espontáneo que se define el destino total o parcial de la mercadería transportada.

---

<sup>46</sup> De la misma forma, las mujeres paseras no conforman un grupo homogéneo, sus formas de operar difieren según los rubros que trabajen y el momento de su carrera. Las paseras a lo largo de su vida, hacen una carrera dentro de su oficio.

En la mayoría de los casos las mujeres aprenden a calcular las situaciones para poder prever las reacciones de las y los otros en juego.

Una vez que las mujeres cruzaron el río, ya en la ciudad argentina, caminan unos doscientos metros donde las esperan remises que las acercan hasta la Terminal de la ciudad, lugar donde termina su trabajo. La entrega de la mercadería consignada para el traslado no sólo marca el fin del recorrido de ésta por la zona de frontera sino también del oficio mismo. Es en el lugar de destino donde se realiza el pago del servicio de traslado y, si corresponde, el rearmado de la mercadería distribuida en distintas personas.

Toda esta escena de tránsito y pasaje por la frontera también es posible a través de lo que podríamos denominar un sistema de comunicación entre las personas dedicadas a esta práctica. El pasar mercadería en la frontera se realiza varias veces al día ejecutando el mismo trayecto una y otra vez. En este tránsito se conoce y reconoce con otras personas que realizan la misma práctica y en los encuentros por distintos segmentos del trayecto se comparte información acerca las actitudes de control posible.

El pasar mercadería es una actividad de circuito comercial precario e informal de consumo popular altamente marginalizado y estigmatizado por personas que no viven allí. ‘La ilegalidad’ que rodea a esta actividad tiñe de desprecio todo lo vinculado a ella. etc. El otro que desconoce pero fundamentalmente que excluye carga de otredad la vida social de estos espacios, especialmente la de los sectores populares.

Una trabajo que claramente tiene un correlación con una economía vulnerable, en particular en lo que se refiere al mercado de trabajo y la precarización laboral, donde la creación de autoempleos permitió buscar elementos para satisfacer las necesidades económicas de las familias. Sin embargo también encontramos aquí rasgos culturales y sociales que se corresponden con el hecho de que muchas de las mujeres ha pasado la mayor parte de sus vidas vinculados de una u otra manera con esta labor, no solo porque su madre o algunos de sus familiares se dedica a cruzar mercadería desde hace muchos años, sino fundamentalmente por el mismo contacto permanente que implica una cotidianeidad desarrollada en una zona de frontera donde cruzar mercadería comenzó a desarrollarse desde los inicios del poblado. Un Oficios cuyas habilidades y conocimiento se transmiten de manera adulta a niña, de madre a hija, en forma casi silenciosa, casi gestual, cotidiana.

## **Reflexiones finales: Vivir las paradojas**

Por más control estatal que se emplace en esos lugares, el trabajo de pasar mercadería se realiza a diario y durante gran parte del día. No como una práctica ajena a las y los Gendarmes y aduaneros/as, sino como un trabajo ‘negociado’ por parte de los integrantes de esas instituciones y las y los pobladores que experimentan, viven y significan sus trabajos paseros desde otros lugares. Las mujeres saben por experiencia propia que al cruzar el río, se cruza la línea, se cruza la aduana, se está en otro país, con otra moneda, con otra ley. Sin embargo el cruce no les provoca extrañeza porque del otro lado están los mismos vecinos. Ellas saben en qué consisten las diferencias pero también las continuidades vecinales.

La ciudad fronteriza de La Quiaca –Villazón se habita bajo la norma pero también desde la exploración, no desde la certeza de aquella sino más bien desde la confusión de lo posible. Lugares que sus pobladoras habitan donde la norma se hace carne pero también donde la carne hace a la norma. Y donde esa norma se confunde y amplía los límites de lo posible. Ciudades fronterizas confusas donde algunos dispositivos del Estado Nacion(al) no se relajan, si no que no alcanza a obstaculizar la acción disidente. Es así que al igual que Camblog (2009) creemos que los habitantes de los bordes no actúan las paradojas, las habitan y las transitan en sus praxis y en su experiencia cotidiana.

Pensamos en los espacios fronterizos como lugares diferentes, historias diferentes, ‘topos’ culturales diferenciados, al decir de Panikkar (2007), que se encuentran en un diálogo diatópico. Ciudades habitadas por individuos cuyo comportamiento está ‘desviado’ con respecto a la media o a la norma exigida. Lugares que quiebran, o cuando menos producen una grieta, en algunas trampas del Estado, trampa en tanto sus dispositivos se nos presenta como único horizonte de perspectiva posible, cuando esa ficción Estado-céntrica de la ciudadanía simétrica parece ser el único umbral de expectativa posible, el único marco para la acción (Zubia 2014).

Tampoco apuntamos a estabilizar la radicalidad de algunos espacios, convirtiéndolos en un reduccionismo folklórico de otredad. El proyecto aquí propuesto reniega de estas interpretaciones que no hacen más que aislar la diferencia en el diálogo, reduciéndola en una exotización antropológica. Trabajamos desde experiencias de mujeres que habitan espacios que suponen siempre un sistema de apertura y uno de cierre que, a la vez, aíslan y los vuelven penetrables. Espacios que crean en su forma de habitar otro espacio, otro espacio real, tan perfecto, tan meticuloso, tan bien



ordenado, como el absoluto del Estado que les resulta desordenado, mal administrado y embrollado.

En este trabajo pensamos y reflexionamos sobre la experiencia de las mujeres paseras, no desde la 'legalidad/ilegalidad' de sus prácticas como premisa, sino en tanto evidencia de un emergente sociocultural que implica redes complejas y agencias no previstas para ellas como sujetas. Los hábitos y practicas culturales sólo pueden ser entendidos en el marco de un universo específico de sentido, para poder entender determinadas prácticas sociales y culturales es necesario comprenderlas bajo, en, desde, las condiciones en las que viven sus actoras.

Es desde la frontera La Quiaca-Villazón, desde estos bordes, que estudiamos los lugares marcados por las identidades propias que abren la discusión por la manera de pensar y actuar algunos dispositivos del Estado. Espacios que no han sido representados en ellos y cuyas experiencias propias no son contenidas (López y Zubia 2014). Desafíos que se abren justamente en este borde porque dan cuenta de que el dominio nunca es tal; de que siempre queda algo por fuera. Esas fueras, experiencias de mujeres paseras, son los que retomamos para 'amenazar' algunas certezas, algunas seguridades. Abogamos por la búsqueda de una epistemología para reflexionar en otras formas de pensar, actuar, vivir los 'mundos' posibles y de las alternativas que conllevan. Lugares que han quedado por fuera de la epistemología globalizada y globalizante. Una apertura que haga hincapié en lugares y prácticas de continuidades, donde lo universal hace aguas frente a los particularismos.

## **Bibliografía**

CAMBLONG, Ana. "Habitar la frontera". En VELAZQUEZ (coor.) *Fronteras de Signis* 13. Primera edición. Buenos Aires: La Crujia, 2009 pp.131-135.

CEBRELLI Alejandra y ARANCIBIA Víctor. "Las representaciones y sus márgenes. Identidades y territorios en situación de frontera". En *Reflexiones marginales*, Número. 10, 2011.

CELTON, Dora y CARBONETTI, Adrián. "Argentina-Bolivia. Historia de un espacio fronterizo". En Hervé DOMENACH, Dora CELTON, Hugo ARZE, y Philippe HAMELIN (Editores) *Movilidad y procesos migratorios en el espacio de frontera Argentina Boliviana*. Primera edición. Córdoba: Copiar, 2007, pp. 25-35.

HARAWAY, Danna. “Las promesas de los monstruos: una política regeneradora para otros inapropiados/bles”. En *Revista Política y Sociedad*, Número 30, pp. 121-163, 1999.

KARASIK, Gabriela. “Tras la genealogía del diablo. Discusiones sobre la nación y el Estado en la frontera argentino-boliviano”. En GRIMSON, Alejandro (comp.) *Fronteras, naciones e identidades. La periferia como centro*. Primera edición. Buenos Aires: La Crujia, 2000. pp. 152-184.

LÓPEZ, Andrea y ZUBIA, Gonzalo. “Lugares (in) propios. Más allá de la cartografía estado-céntrica”. En revista *Fronteras* Volumen 1, numero 1, pp 34-70, 2014.

PANIKKAR, Ramiro. *Mito, fe y hermenéutica*. Barcelona: Herder, 2007.

RENOLDI, Brigida. *Narcotráfico y justicia: La autoridad de lo escrito en el juicio oral*. Primera edición. Buenos Aires: Antropofagia, 2008.

ROGRÍGUEZ ALZUETA, Esteban. *Temor y control: La gestión de la inseguridad como forma de gobierno*. Primera edición. Buenos Aires: Futuro anterior, 2014.

SCHIAVONI, Lidia. *Pesadas Cargas, Frágiles pasos*. Primera edición. Misiones: Los tesisistas Universidad Nacional de misiones, 1993.

SEGATO, Rita. *La nación y sus otros: Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempo de Políticas de la Identidad*. Primera edición. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

ZUBIA, Gonzalo. “Las trampas de la identidad bajo el designio del logos. En revista *POLIS* revista latinoamericana, número 38 pueblos indígenas y descolonización, pp. 1-14, 2014.

**A securitização da migração e sua faceta expressiva por meio das noções de cidadania e cultura nas sociedades de recebimento**

**La securitización de la migración y su faceta expresiva por las nociones de ciudadanía y cultura en las sociedades de recibo**

Arthur Lersch Mallmann (Universidade Federal de Santa Maria, arthur.mallmann@gmail.com); Cecília Maieron Pereira (Universidade Federal de Santa Maria, cecilia\_maieron@hotmail.com); Filipe Seefeldt de César (Universidade Federal de Santa Maria, fsdecesaro@hotmail.com); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Catarina Zanini (Universidade Federal de Santa Maria, zanini.ufsm@gmail.com)

**Resumo**

O presente artigo busca tratar dos principais elementos do processo de securitização da migração. A principal contribuição aqui objetivada é a de esclarecer de que forma a vinculação de temas de migração às agendas de segurança está ligada retroativamente à forma pela qual a sociedade civil trata o não-nacional.

**Palavras-chave: securitização; migração; cultura; cidadania; nacionalidade.**

**Abstract**

The presente seeks to debate the principal elements of the process of securitization of migration. The main contribution sought here is to debate how the linking of themes of migration to security agendas is retroactively related to the means by which the civil society treats the non-national.

**Key-words: securitization; migration; culture; citizenship; nationality.**

**Resumo**

Este artículo trata de aclarar los principales elementos del proceso de securitización de la migración. La contribución principal aquí objetivada es aclarar como la vinculación de las cuestiones de migración a las agendas de seguridad está relacionada retroactivamente a la forma en que la sociedad civil trata a los no nacionales.

**Palabras-clave: securitización; migración; cultura; ciudadanía; nacionalidad.**

**1. Migração, cidadania e cultura: faces de um mesmo processo**

As mudanças que o Estado westfaliano trouxe à tona e a forma ela qual sua concepção política ao longo dos séculos atingiu um maior poder de moldar a comunidade nacional sob sua responsabilidade fizeram emergir o fato de que o indivíduo passaria a ser reconhecido e concebido, legitimamente, apenas como nacional (pertencente a uma comunidade, a uma estrutura de padrões e planos determinados de vida): “[...] este plano não é simplesmente um padrão destituído de significado moral: é um plano de conduta correta, uma organização de conceitos sobre o bom, a verdade e, mesmo, a beleza” (REDFIELD, 1956, p. 400).

O projeto histórico de Estado-nação objetiva, por meio da formação de blocos cultural-nacionais imaginados como homogêneos, estabelecer a demarcação de sua população. Nesse âmbito, a cidadania em sua acepção moderna é um vínculo jurídico entre pessoa e Estado, algo que expressa sua comunhão a esse Estado como sendo maior do que a qualquer outro – é uma questão de soberania. Essa, portanto, consolida o monopólio do Estado como extensivo também sobre a própria identidade do indivíduo. Como aponta Reis (2004), é a partir desse panorama que a imigração redefine a tríplice relação: obriga o Estado a formalizar as regras de acesso à cidadania, historicamente vinculada a uma condição identitária, a nacionalidade.

### **1.1 Migração: expressão de relações de poder**

Frente um sistema internacional cada vez mais interdependente e onde atores não-estatais e o poder sobre a informação passam a ter maior importância, a análise da condição social de migrante é capaz de fornecer um mapa de algumas das relações de dominação presentes nas sociedades contemporâneas.

O controle de fronteiras para ingresso em território nacional, o conjunto de significados socialmente construídos em relação ao “outro” e o nível de politização dos temas de imigração, refúgio e asilo são alguns dos elementos indicadores de uma “volatilidade” que essencialmente envolve os processos migratórios. Manipuláveis pelo Estado de imigração, esses elementos indicadores se modificam em favor das necessidades do contexto e a partir de um cálculo de tipo custos/benefícios – econômicos, políticos, sociais e culturais:

se a função de tudo isso, dos fatos como dos discursos, aparece como uma lembrança para os imigrantes de sua condição de trabalhadores apenas tolerados e tolerados a título provisório, o objetivo visado é o de poder agir sobre a realidade

social (ou seja, a imigração) até submetê-la à definição que dela se dá (SAYAD, 1998, p. 54).

Os elementos supracitados refletem diretamente da identidade do indivíduo que migra. Por natureza, é enraizada na circunstância vivida, na indefinição contínua e está sempre ligada às perspectivas de reconhecimento. O processo de migrar está, então, necessariamente entranhado numa experiência local-temporal: “Portanto, ser e lugar pautam a experiência existencial e prática do imigrante. Ser e lugar se configuram num binômio fundamental para se tentar entrar na lógica das migrações e dos imigrantes” (FERREIRA, 2011, p. 255). A situação social na qual o migrante se insere, portanto, engloba-o no que Sayad (2000) chama de fato social total, um processo que envolve relações duais com o espaço, o tempo, a terra e o grupo de origem (e o grupo para o qual se entrou) e elementos diversos que envolvem a própria experiência de migrar, nos vários aspectos da vida humana (social, político, psicológico, físico, etc).

Da mesma forma pela qual o indivíduo não existe ou não é sujeitificado internacionalmente (apenas nacionalmente, vinculado a uma comunidade), o migrante é apenas concebido a partir do *status quo* de trabalhador. Seu “álibi” justificador é o trabalho, é o que legitima sua presença em um território que não o de sua nação de origem. Essa relação direta, marcada pelo senso comum, subordina a condição humana à condição de mão de obra, de elemento de produção que apenas se faz presente e assim lhe é permitido estar porque dele se faz necessário economicamente por um período momentâneo.

## **1.2 Migração, cidadania e nacionalidade: o recrudescimento da identidade nacional**

Para melhor compreendermos a interação que se estabelece entre o Estado e o indivíduo, seja ele um migrante ou um nativo, é importante definirmos o conceito de cidadania e de nacionalidade que trabalharemos no presente trabalho. Isso se faz necessário pela amplitude dos conceitos, pelas diversas maneiras em que pode ser interpretado e pelas mudanças que ocorreram no mundo, o que pede para uma reinterpretação ou uma adequação do mesmo à realidade. Também delinearemos os conceitos provenientes da complexificação trazida pelo migrante e pela globalização e, por fim, explanar de um modo breve a dinâmica do recrudescimento do nacionalismo ou da identidade nacional em reação ao imigrante.

A cidadania, antes de tudo, é o pertencimento a uma comunidade política, é o “direito a ter direitos”. Na visão de Jerónimo e Vink (2013), “a cidadania é necessariamente limitada a um gru-

po definido de pessoas que são identificadas como membros da comunidade política” e, portanto, “não pode deixar de estabelecer uma fronteira entre nós e os outros” (p. 24). Tal fronteira, e é importante que tenhamos isso em mente, é preponderante para definir quem é o cidadão.

Outro conceito a ser definido é o de nacionalidade. A nacionalidade, para Guillermo Rúben (1987), pode ser dividida entre a dita “natural”, relacionado com o território onde se nasceu, e a outra, “dogmática”, ligada ao vínculo sentimental e ao compartilhamento de valores comuns (p. 8). Cidadania e nacionalidade por vezes se confundem, por vezes interagem em alguns pontos e por outras são vistas como bastante distintas. Há situações, como a dos ítalo-brasileiros, em que é concedida a cidadania a descendentes italianos, o que os deixa com uma dupla-cidadania (direito a ter direitos), mas não necessariamente lhes garante a nacionalidade, tanto da aprovação da própria pessoa, ou seja, do fato de ela se sentir italiana, quanto da aprovação externa, a saber, se as pessoas – principalmente os próprios italianos – percebem aquela como italiana. O migrante, nesse cenário, é visto como o desestabilizador da tríade do Estado-nação soberano: a equação entre território, cultura e povo (GLICK SHILLER, 1997, p. 41). Não obstante, também responsável por fenômenos como a translocalidade (Appadurai, 1997) e a transnacionalidade (Glick Schiller, 1997), que são consequências diretas do movimento humano e complexificam essas noções de cidadania e nacionalidade. O primeiro conceito se refere ao divórcio do território como base para a lealdade e sentimento nacional, ou seja, o fato de o migrante levar consigo o seu próprio país e produzir localidades – como as famosas *Chinatown*s – é o que caracteriza a translocalidade. A transnacionalidade, por sua vez, define-se pelo processo pelo qual imigrantes constroem redes sociais que interligam o seu país de origem ao país de recebimento (GLICK SCHILLER et al, 1992, p. 1), como nos casos em que há um constante envio de remessas e uma interação, facilitada pela internet, entre familiares e amigos provenientes do país de origem do imigrante.

Ao definirmos esses conceitos, é possível identificar uma relação íntima entre cidadania/nacionalidade e como estes de certa forma estão presentes na translocalidade e no transnacionalismo. No entanto, a dinâmica que cabe destacar neste capítulo é como o migrante, ao se fazer presente em um país, intensifica a fronteira entre o “nós” e os “outros”, fortalecendo noções de nacionalidade e cidadania. Isso acontece porque o migrante força a sociedade a se confrontar todo o dia com o que não é nacional, com o que não é cidadão. Dessa forma, a partir de uma referência oposta, recrudescem-se a identidade nacional.

### **1.3 Migração e cultura: os motores expressivos da alteridade**

A dinâmica da fronteira entre o “nós” e os “outros” deriva das implicações culturais que a migração apresenta. A interação com grupos de valores diferentes acarretam pensar nos nossos, ou seja, a alteridade que fomenta a identificação. Assim sendo, os processos migratórios são um deslocamento de manifestações religiosas, étnicas, linguísticas, de costumes e comportamentos, que não correspondem, com variados graus, à cultura estabelecida do local a que se migrou. A problematização deriva da percepção de que “os migrantes corroem a cultura nacional” (VERTOVEC, 2011, p. 242), ou seja, que sua presença é uma ameaça a valores tidos como hegemônicos. Dentro da perspectiva de Estado e soberania, a manifestação cultural, inerente ao indivíduo, torna-se uma questão e pode ser objeto de securitização.

A cultura, definida de forma breve, diz respeito ao “conjunto de valores, estruturas cognitivas e conhecimento acumulado”, como, por exemplo, a linguagem (PORTES, 2008, p. 6). De acordo com Ruth Benedict (2000):

A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração. Desde que o indivíduo veio ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos fatos e a sua conduta (p. 15).

Para se compreender como o processo de securitização da migração se dá na noção de cultura, certos pontos devem ser destacados. No mundo moderno “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural.” (HALL, 2006, p. 47). É um discurso que influencia nossas concepções e percepções de nós mesmos. É a partir de uma ideia de que a cultura nacional é homogênea, fixa, estática e que produz uma identidade definida e compartilhada por todos os seus membros, que o contato com o migrante traz questionamentos. Nesse sentido e utilizando a relação entre os “estabelecidos” e os “outsiders” de Nobeit Elias (2000), há uma hierarquia de poder que é formada entre os grupos, da mesma maneira que certos grupos “estabelecidos” conceberão a si mesmos como superiores e dotados de virtudes que os tornam “melhores” daqueles considerados os “outsiders”.

A relação entre cultura e a securitização da migração dizem respeito a valores que por um lado são tidos como superiores e fixos, e de outro, traços culturais que são estigmatizados. Essas ideias vão de encontro ao fato de que as identidades são múltiplas e fluidas e à defesa da multicul-

turalidade do mundo globalizado. Ressalta-se que a cultura, com seus traços étnicos, valores, entre outros, são possibilidades de visão do mundo, sendo não mais ou menos corretas. Ao se securitizar traços culturais, aspectos inerentes do indivíduo ou grupo são levados à esfera política.

## **2. Migração e Estado**

### **2.1 Migração como ferramenta para a racionalidade estatal**

Já explicitamos anteriormente que as migrações são envolvidas, essencialmente e de maneira protagonista, por atores estatais. Esses utilizam formulações jurídicas imigratórias como a filtragem de diversas noções de nação advindas de diferentes grupos de pressão: "as políticas de migração refletem o dissenso dos diferentes atores políticos, dentro e fora do Estado, sobre a construção de suas fronteiras" (REIS, 2004, p. 160). No entanto, ainda permanece a questão: como o deslocamento humano é afetado, nas sociedades contemporâneas, sob a lógica da racionalidade estatal?

Elencaremos aqui, de acordo com o escopo e extensão previstos para essa pesquisa, duas formas pelas quais isso é passível de ocorrer, e que estão entre as várias interpretações possíveis para o tema: política externa (para países de emigração) e segurança (para países de imigração). Vale destacar que essa classificação não pretende enquadrar emigração como exclusivamente relacionada à política externa ou imigração como exclusivamente relacionada à securitização.

A emigração vista a partir de um viés de política externa não necessariamente constitui de um fenômeno possibilitado apenas pelas mudanças sociais abrangentes inerentes à globalização. Porque formulada por um bloco político centralizado e direcionada para um fenômeno tão antigo, a política externa para emigração pode ser facilmente ajustada ao contexto e às necessidades consideradas como prioridades da nação. Isso é notável no que Cervo (1992) interpreta como "braço da política externa", quando analisa a emigração italiana para o Brasil segundo vista pelo governo Mussolini: os emigrados seriam, nesse sentido, a presença do país de sua origem no país para o qual migraram – emigração notada de um ponto de vista de oportunidade ao Estado, como um suporte de assistência às ambições políticas relativas ao exterior

A imigração também é comumente posta, especialmente após os ataques do 11 de setembro, como um tema envolvido pela racionalidade presente na lógica de Estado-nação. Assim, flexibilizar ou enrijecer fronteiras é também lidar com segurança. Nesse sentido, é importante enten-



der como a formação da nação sobre a égide do Estado a condicionou, enquanto sociedade, a tomar como racionalmente legítimo o pensamento de que qualquer entrada de povos estrangeiros em seu território seria uma potencial ameaça à sua integridade, e, portanto, à sua segurança<sup>47</sup>. Através dessa racionalização, interpreta-se:

ao invés de um valor ou fato, a segurança se torna uma linguagem e/ou um interesse, conhecimento ou habilidade profissional ligada a organizações em particular, que são sempre moldadas em relação a outras linguagens, atores e práticas que as contestam (HUYSMANS e SQUIRE, 2009, p. 9).

Ainda nos resta responder a mais duas questões: Como se dá o processo de securitização da migração? De que maneira ele se expressa na sociedade? De tais perguntas trataremos nas seções a seguir.

## **2.2 A securitização da migração**

Os debates sobre segurança no campo das Relações Internacionais tornaram-se mais variados e multidirecionados a partir dos anos 80, paralelamente às novas dinâmicas do sistema internacional gradualmente em voga. As interpretações clássicas de segurança passaram a sofrer novas necessidades teóricas, e nesse sentido a Escola de Copenhague tem grande importância. Ao tomar o ambiente de segurança como construído a partir de um contexto social próprio, tal escola não apresenta a segurança como algo pré-determinado presente na estrutura na qual os atores estão inseridos – como apontariam os estudos clássicos de segurança. Nesse sentido, segurança e discurso são tomados como dois elementos que se encontram em constante interação para a criação de uma realidade intersubjetiva antes não existente ou não socialmente percebida como tal. A partir daí é que o processo securitizador toma forma: parte de interesses articulados para legitimar novas percepções acerca de um determinado tema. Portanto, “por securitização entendemos o processo político e intelectual de identificação de um objeto como ameaça, concluindo, assim, que o assunto deve passar a constar no domínio (e na agenda) da segurança” (BRANCANTE e REIS, 2009, p. 3).

---

<sup>47</sup> Significância da percepção de segurança para a constituição de uma comunidade política está em voga dentre os temas de estudos de segurança, como aponta van Munster (2005). A definição de segurança social aqui usada é ligada à coesão social, ou ao carisma grupal, portanto essencial para a constituição de uma comunidade política, como posto por Elias (2000).

De que forma se dá, no entanto, a securitização de temas específicos em migração? Nesse momento, estabelecemos dois elementos importantes para ilustrar (de forma breve e adaptável ao escopo desse trabalho) tal processo: “contaminação” discursiva e extensão do ato securitizador para uma política de gestão de riscos.

Os autores da Escola de Copenhague dão atenção ao que chamam de uma análise de segurança que envolva vários setores, definidos como “áreas distintas de discurso nas quais uma variedade de diferentes valores (soberania, riqueza, identidade, sustentabilidade, entre outros) podem ser o foco de lutas de poder” (BUZAN et al, 1997, p. 196). Cada setor (como o econômico, por exemplo), possui seu próprio conjunto de dinâmicas e objetos referenciais, que, no entanto podem exercer influência intersetorial quando da geração de um processo securitizador – a própria imigração é em diversos casos tratada em setores diferentes do social, como o econômico e o da saúde (como nos exemplifica a fala de Jean-Marie Le Pen, candidato ao Parlamento Europeu, que em junho deste ano afirmou que o vírus do ebola poderia “resolver o problema da imigração na Europa”<sup>48</sup>). Nesse sentido, a migração está sujeita a avaliações, considerações e objeções de diferentes áreas de discurso. Portanto, o tratamento dado a temas de migração depende, de modo geral, de certa “contaminação” discursiva.

O segundo e último elemento citado por nós para essa seção constitui do potencial que um ato securitizador possui de gradualmente evoluir para uma política de gestão de riscos. Ao contrário do ato discursivo de securitização, a gestão de riscos, conforme exposta por van Munster (2005), não envolve uma decisão de cunho binário (que resulte na relação amigo/inimigo), mas sim um tipo de identificação constante e regulador de ameaças em potencial. Nesse sentido, "em gestão, um sujeito não é encontrado como uma única pessoa com algum tipo de indispensável singularidade, mas como um agregado de fatores, uma modulação que pode ser gerida e domada através de constante monitoramento" (VAN MUNSTER, 2005, p. 7). O objetivo então é antever o objeto securitizado, e, para o caso da imigração, estabelecer poder sobre grandes populações. Expressa a tentativa de evitar o constrangimento de ter que lidar com populações que buscam melhores oportunidades de vida e que, dessa forma, revelam um elemento comum entre o “nós” e o “eles”:

---

<sup>48</sup> Fonte: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/ebola-pode-resolver-o-problema-de-imigracao-da-europa-considera-jeanmarie-le-pen-1636950>>. Acesso em: 12/10/14.

A única base moral possível para oferecer refúgio a alguém que desembarca em Dover, embora não tenhamos qualquer obrigação em relação à mesma pessoa a alguns quilômetros dali no Canal, é que ao aportar no território, ao nos olhar na cara, ela se tornou o símbolo da nossa própria Alteridade, e essa proximidade de presença inaugura a obrigação ética que existe para com o rosto que sente dor e sofre, que é também o meu próprio. (DOUZINAS, 2009, p. 371).

### **3 A retroatividade entre a securitização da migração e a sua expressão social**

Não apenas pode-se concluir que as noções utilitaristas de cultura e cidadania correntes na sociedade civil aumentam o interesse político em securitização, mas também que são impulsionadas pelas mesmas, visto que “discursos representando a migração como um desafio cultural para a integração social e política têm se tornado uma fonte importante para a mobilização de retóricas de segurança e de instituições” (HUYSMANS, 2000, p. 762). O conjunto de costumes, padrões de vida e crenças é assim posto em pautas de segurança, de monitoramento e de proteção constante, pois é para isso que a sociedade se direciona (pela manutenção de um senso comum politizado), e é direcionada (por discursos institucionalizados, por tomadores de decisão e por políticas públicas). Assim, a continuidade de políticas de securitização para com os temas de migração está ligada a uma lógica cíclica que tem como ponto de partida a tomada de decisão racional do agente político de Robert Dahl (1997). Sob essa óptica, o tomador de decisão se encontra diante do seguinte questionamento: porque flexibilizar fronteiras se o que a sociedade reproduz é a vontade de manter sua rigidez sob noções estabelecidas de cultura e de cidadania?

A securitização da migração, nesse sentido, toma corpo quando é aceita e quando faz aceitar. Quando vai ao encontro de mais do que projetos de governo, mas do que está posto socialmente como “nacional”, e toda a valoração que essa noção envolve acerca de cultura e cidadania. Entender o que significa “cultura” e “cidadania” para uma sociedade é entender a lógica pela qual a mesma se percebe e percebe aqueles que a ela não pertencem. É penetrar na lógica de relacionamento que estabelece com políticas de securitização, naturalizando-as de forma a legitimá-las. É ver que a lógica retroativa entre securitização da migração e a expressão social de noções utilitaristas de cultura e cidadania impossibilitam, como aponta Ferreira (2011), que o migrante desempenhe seu potencial, enquanto detentor de direitos humanos, de novo elemento para mudanças de blocos culturais homogêneos.

## Referências bibliográficas

APPADURAI, A. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 49, p. 33–46, 1997.

BENEDICT, Ruth. “A ciência do costume”. In: BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000. p. 13-32.

BRACANTE, Pedro Henrique e REIS, Rossana Rocha. “A Securitização da Imigração: um mapa do debate sobre e algumas considerações críticas”. *Lua Nova*, 77: p. 73-104, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n77/a03n77.pdf>>.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de; *Security: a new framework for analysis*. Boulder-CO: Lynne Rienner Publishers, 1997.

CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1992.

DAHL, Robert A. *Poliarquia*. São Paulo: Edusp, 1997.

DE BOTTON, Alain. *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

DOUZINAS, Costas. *O Fim dos Direitos Humanos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

ELIAS, Norbert. “Introdução”. In: ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 7-50

FERREIRA, C. E. R. "O imigrante como um subversivo prático-político, possibilidade de um 'novo mundo' – o projeto universal-cosmopolita dos Direitos Humanos em contraposição à Soberania territorial". *Emancipação*, v. 11, n. 2, p. 253–266, dez. 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tupy Kurumin, 2006.

HUYSMANS, Jef e SQUIRE, Vicki. “Migration and Security”. In: Dunn Cavelty, Myriam and Mauer, Victor eds, *Handbook of Security Studies*. London: Routledge, 2009.

HUYSMANS, Jef. "The European Union and the Securitization of Migration". *Journal of Common Market Studies*, Vol. 38, No. 5, p. 751-777, 2000.

JERÓNIMO, Patrícia; VINK, Maarten Peter. *Os múltiplos de cidadania e os seus direitos*. 2013.

NEVES, Arthur Volpon e LOTÉRIO, Bruno. "Securitização de processos migratórios". *Quarto Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais*. Belo Horizonte, 2013. Disponível em:

[http://www.encontronacional2013.abri.org.br/resources/anais/20/1370052701\\_ARQUIVO\\_SecuritizacaodeProcessosMigratorios.pdf](http://www.encontronacional2013.abri.org.br/resources/anais/20/1370052701_ARQUIVO_SecuritizacaodeProcessosMigratorios.pdf)

PORTES, A. "Migration and Social Change: Some Conceptual Reflections". *Theorizing Key Migration Debates*, Anais. Princeton: Oxford University, 2008

REDFIELD, Robert. "Como atua a sociedade humana", In: SHAPIRO, Harry. *Homem, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Fondo de Cultura, 1972. pp. 397-423.

REIS, Rossana Rocha. "Soberania, direitos humanos e migrações internacionais". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 19, nº. 55, p. 149-163, março 2004.

RUBEN, Guillermo Raúl. *O que é nacionalidade?* 2ª Ed. Brasília: Brasiliense, 1987.

SAYAD, Abdelmalek. "O que é um imigrante?" In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998. p.45-72.

SAYAD, Abdelmalek. "Imigração e convenções internacionais". In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998. p.235-286.

SAYAD, Abdelmalek. "O retorno constitutivo da condição do imigrante". *Travessia*, Ano XII, 2000.

SCHILLER, Nina Glick. "From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration". *Anthropological Quarterly*, 1, 68, p.48, 1995.

SCHILLER, Nina Glick; FOURON, Georges; TAVARES, M. T. "Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional". *Revista crítica de ciências sociais*, n. 48, p. 33-66, 1997.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. "Towards a definition of transnationalism". *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 645, n. 1, p. 9-14, 1998.

VAN MUNSTER, Rens. "Logics of Security: The Copenhagen School, Risk Management and the War on Terror". *Political Science Publications*, University of Southern Denmark, 2005.

VERTOVEC, Steven. "The Cultural Politics of Nation and Migration". *Annual Review of Anthropology*, Vol. 40, p. 241-256, 2011.

ZOHRY, A. "Migration Without Borders: North Africa as a reserve of cheap labour for Europe". *Migration Without Borders Series*, UNESCO, Paris, 2005

**20 años de lucha por la tierra, 20 años de contrainsurgencia en Chiapas: 1994-2014**  
**20 anos de luta pela terra, 20 anos de contrainsurgência em Chiapas: 1994-2014**

Azucena Citlalli Jaso Galván (Universidade de São Paulo – USP; acjasogalvan@gmail.com).

**Resumen**

El TLCAN, significaba para México la modificación del artículo 27 constitucional. O sea, la posibilidad de privatizar tierras que antes estaban bajo un régimen ejidal (tierras comunitarias que no podían ser vendidas o parceladas). El levantamiento del EZLN el 1 de enero de 1994 colocó en pauta el despojo que implicaba el cambio en el régimen de tenencia de a tierra. Una de las primeras acciones de los zapatistas fue la recuperación de tierras. Tras un proceso de reorganización de las comunidades, se decreta la formación de cinco Caracoles con sus respectivas Juntas de Buen Gobierno. En estos territorios se desarrollan proyectos económicos, políticos y culturales, de manera totalmente autónoma y diferenciada de las políticas estatales. El objetivo de este trabajo es observar cómo se desarrolló y consolidó la toma de tierras. Al mismo tiempo que observaremos las características del combate a la autonomía, que el Estado mexicano ha aplicado a lo largo de veinte años en el estado de Chiapas.

**Palabras Clave:** Ejército Zapatista de Liberación Nacional; lucha por la tierra; contrainsurgencia.

**Abstract**

TLCAN indicated to Mexico a change in the constitutional article 27. That is the opportunity to privatize land that before was under an *ejidal* rule (communal land that could not be sold or parceled up). The EZLN uprising on January 1<sup>st</sup> 1994 inserted into the agenda the plunder that implied the tenancy regime change. One of the first Zapatista measures was the land reclamations. Following a communitarian reorganization run, it is decreed the formation of five Caracoles with their respective Juntas de Buen Gobierno. In those territories flourished economical, political and cultural projects totally autonomous and differentiated from the state polices. This work focus on the land grabs development and consolidation. In the same time, it observes the fight against autonomy characteristics', which the Mexican state is applying over twenty years in Chiapas.

**Keywords:** Ejército Zapatista de Liberación Nacional; struggle for land; counterinsurgency.

## **La tierra en Chiapas: algunos datos**

El estado de Chiapas, ubicado en el sur del territorio mexicano, posee 75 mil 634,4 kilómetros cuadrados, aproximadamente 7,5 hectáreas, o sea, el 3,7 por ciento del total del territorio nacional. Es el octavo estado en términos de extensión y está conformado por 111 municipios y 9 regiones económicas (MARCOS, 27/01/94). Al no ser beneficiado por la reforma agraria cardenista, el latifundio –institución consolidada por la dictadura porfirista– continuó intacto hasta los años treinta. La crisis de la producción del café de los años setenta, propició la decadencia del sistema de peonaje. Siendo vendido a un precio alto en el extranjero y pagado miserablemente a los productores chiapanecos.

En esa misma década, el estado se convierte en el principal productor de electricidad y territorio de extracción de petróleo (GONZÁLEZ CASANOVA, 1995: 86). En Chiapas existen 86 pozos petroleros, que producen alrededor de 92 mil barriles y 516.7 mil millones de pies cúbicos de gas diariamente. Dejando a su paso el despojo de tierras y la devastación ecológica, entre otros costos sociales como el alcoholismo y la prostitución (MARCOS, 27/01/1994).

El avance en la construcción de las represas, trajo consigo el abandono de fértiles tierras en el cauce del río Grijalva (Las Peñitas, Chicoasén y La Angostura), debido a la inundación de 200 mil hectáreas. Varios campesinos fueron a trabajar como obreros en los megaproyectos, sin embargo, rápidamente fueron sustituidos por campesinos guatemaltecos que, en condiciones infrahumanas, fueron colocados en el mercado como mano de obra más barata. El 55 por ciento de la energía producida en las hidroeléctricas del país proviene de Chiapas, representando el 20 por ciento del consumo total de energía. Paradójicamente, hacia 1993, sólo una de cada tres viviendas contaba con luz eléctrica (MARCOS, 27/01/1994).

En 1971, el gobierno de Luis Echeverría (1970-1976) entrega la Selva a los lacandones, grupo étnico casi extinto, bajo el argumento de la restitución de tierra a los dueños originales. Inmediatamente después del acto simbólico se iniciaron las negociaciones directas entre el Estado y la Compañía Forestal Lacandona. Consiguieron el monopolio de la deforestación. Entre 1981 y 1989 “salieron 2 millones 444 mil 700 metros cúbicos de maderas preciosas, coníferas y corrientes tropicales con destino al Distrito Federal, Puebla, Veracruz y Quintana Roo. En 1988 la explotación maderera dio una ganancia de 23 mil 900 millones de pesos, 6 mil por ciento más que en 1980” (MARCOS, 27/01/1994).



La década de los ochenta en Chiapas, se caracterizó por la radicalización del conflicto agrario. Entre 1950 y 1982, se realizó un movimiento migratorio hacia la región de la Selva, aglutinando tanto a los despojados de tierras, como a los campesinos proletarizados. Así los tzeltales, tzotziles, choles, tojolabales y zoques todos habitantes de la Selva que resistieron al proceso de proletarianización, tenían un programa común que giraba en torno a la lucha por la tierra y la defensa del modo de vida comunitario. Fue una época de “invasiones”<sup>49</sup> campesinas a latifundios y fincas, así como de proliferación de organizaciones independientes.

La politización de los indígenas campesinos de la Selva conjugaba tres momentos fundamentales de la historia de la izquierda en la segunda mitad del siglo XX mexicano: 1) la experiencia del Congreso Indígena de 1974<sup>50</sup>; 2) la renovación pastoral y la opción por los pobres, cuyo centro fue la diócesis de San Cristóbal, innovando los mecanismos organizativos en las comunidades; y 3) el encuentro con las experiencias de estudiantes radicalizados después de 1968, así como guerrilleros de otras partes del país, que llegaron al estado de Chiapas huyendo de la violencia de Estado.

Por otro lado, la respuesta gubernamental fue de represión, persecución y asesinato de líderes. A finales de la década de los ochenta y principio de los noventa, “400 fincas y latifundios fueron invadidos por los campesinos; 100 mil sobrevivieron como precaristas, 70 mil solicitaron tierras al Departamento Agrario sin que nadie los atendiera” (GONZÁLEZ CASANOVA, 1995: 84-86), representando el 27 por ciento del total de las demandas de tierras de todo el país. Es en este contexto que se gesta el EZLN.

## **El Tratado de Libre Comercio y el Ejército Zapatista de Liberación Nacional**

Si el despojo ya se estaba practicando desde 1982, con la implantación de las reformas neoliberales, en la década de los noventa se acentúa, y en materia agraria el parte aguas es la mo-

---

<sup>49</sup> “Invasión” es el término oficial para la práctica que los movimientos sociales denominan “recuperación” o “toma” de tierras.

<sup>50</sup> El Congreso Nacional Indígena de 1974, fue un esfuerzo organizativo de la Diócesis de San Cristóbal de Las Casas, al mando del entonces Obispo Samuel Ruiz, con motivo de los 500 años del nacimiento de Fray Bartolomé de Las Casas. A pesar de haber sido subsidiado por el gobierno del estado de Chiapas, el congreso se convirtió en una tribuna en donde alrededor de mil 500 indígenas levantaron sus voces contra el abandono, la marginación, la pobreza y los abusos. Es reconocido como el semillero de organizaciones indígenas y campesinas independientes (AUBRY, 15/10/2004).

dificación al artículo 27 constitucional de 1992. La nueva ley agraria daba derecho a los ejidatarios para comprar, vender, rentar o usar como garantía las parcelas individuales y las tierras comunales; permitía también que las compañías privadas pudieran comprar tierras, generando la posibilidad de creación de asociaciones de inversionistas privados; por último, garantizaba la propiedad eliminando cualquier posibilidad legal para que los campesinos solicitaran el reparto de tierras.

El entonces presidente, Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), quiso legitimar esas modificaciones, bajo el argumento de que se atraería la inversión privada en la agricultura, con lo que se aumentaría la productividad de la tierra y, como final feliz, el bienestar social se expandiría por el campo (WARMAN, 08/04/1994).

En diciembre de ese mismo año, los presidentes de México, Estados Unidos y el primer ministro de Canadá firman el Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLC). Los objetivos de dicho acuerdo, según el propio texto del tratado son seis: 1) promover las condiciones para una competencia justa; 2) incrementar las oportunidades de inversión; 3) proporcionar la protección adecuada a los derechos de propiedad intelectual; 4) establecer procedimientos eficaces para la aplicación del TLC para la solución de controversias; 5) fomentar la cooperación trilateral, regional y multilateral, entre otros; 6) eliminar barreras al comercio entre Canadá, México y Estados Unidos, estimulando el desarrollo económico y dando a cada país signatario igual acceso a sus respectivos mercados (TLC, 1992). Ya con el artículo 27 debidamente modificado las transnacionales se instalaron rápidamente en territorio mexicano. Específicamente en Chiapas compraron tierras la Cargill (comercializadora de granos), Monsanto (transgénicos), Coca-Cola y Nestlé (grandes consumidores de tierra y agua) (GALICIA, 2010: 44). El despojo fue legalizado.

Los proyectos económicos avanzaban: el 1 de enero de 1994 entraría en vigor el TLC. La incursión de México al primer mundo se vio ensombrecida por una acción sin precedentes en la historia de México: Un ejército mayoritariamente indígena con una amplia base de apoyo, toma siete cabeceras municipales: San Cristóbal de Las Casas, Ocosingo, Las Margaritas, Altamirano, Chanal, Oxchuc y Huixtán, y le declara la guerra al Estado mexicano, exigiendo trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz (EZLN, 1993).

Ese mismo día, el EZLN dio a conocer a través de su órgano de difusión “El Despertados Mexicano”, una serie de leyes revolucionarias que serían aplicadas en las zonas de influencia za-

patista. Estas leyes fueron aprobadas desde 1993 y fueron ampliamente consensadas entre los pueblos que apoyaron el levantamiento.<sup>51</sup>

La Ley Agraria Revolucionaria consta de 16 artículos. En ella se evalúa la necesidad de continuar con la lucha por tierra y libertad que iniciara Emiliano Zapata desde 1910. La ley, con validez para todo el territorio mexicano, está orientada al beneficio de campesinos pobres y jornaleros agrícolas, afectando la concentración de tierras en manos de latifundistas y empresas agropecuarias nacionales y extranjeras. Se propone que la extensión máxima para una propiedad sea de 100 hectáreas cuando sean tierras no tan fértiles y 50 cuando lo sean. Los ejidos y tierras comunales no serían afectados por la ley. Importante destacar que las tierras serían una propiedad colectiva repartida a campesinos sin tierra y jornaleros agrícolas, no para el beneficio individual, sino “para la formación de cooperativas, sociedades campesinas o colectivos de producción agrícola y ganadera” (EZLN, 12/1993).

Aplicando esta ley revolucionaria, entre aquel 1 de enero y el 19 de diciembre del mismo año, los zapatistas avanzaron de la zona de la Selva, hacia los Altos y el norte del estado. En total, 38 municipios estaban controlados por las bases de apoyo zapatistas (GALICIA, 2010: 56). La extensión de las tierras tomadas y expropiadas por el EZLN es hasta ahora incierto, pues ellos no aceptaron “registrar” las tierras ante la Secretaría de la Reforma Agraria.

Estas primeras acciones dieron un nuevo aire a las organizaciones campesinas del estado. Las bases de tales organizaciones también comienzan un proceso importantísimo de toma de tierras. En enero de 1994 se funda el Consejo Estatal de Organizaciones Indígenas y Campesinas (CEOIC), próximo a la línea zapatista en la cuestión agraria. Agrupaba 285 organizaciones, muchas de ellas con líneas políticas y partidarias opuestas, pero que concordaron en adherir las demandas zapatistas: la lucha por la tierra, la producción comunitaria y la construcción de gobiernos locales (autonomía).

La estrategia gubernamental ante esta unión campesina e indígena y su acogimiento a la Ley Agraria Revolucionaria, fue de divisionismo a través de negociaciones individuales con las dirigencias, prometiendo dádivas. La estrategia de confrontación entre organizaciones políticas

---

<sup>51</sup> Ley de impuestos de guerra; Ley de derechos y obligaciones de los pueblos en lucha; Ley de derechos y obligaciones de las Fuerzas Armadas Revolucionarias; Ley agraria revolucionaria; Ley revolucionaria de mujeres; Ley de reforma urbana; Ley del trabajo; Ley de industria y comercio; Ley de seguridad social; Ley de justicia.

incitada desde arriba, fue expresada en un discurso de Ernesto Zedillo, en donde asegura que los Acuerdos Agrarios “son una buena lección de que en el marco de la ley, a través del diálogo y a través de la política, se pueden resolver, incluso, los problemas más difíciles y las demandas más sentidas de las comunidades”. Utilizando la vieja táctica de dividir a las organizaciones en buenas y malas (según los niveles de negociación a las que se presten), se coloca como un interlocutor neutral y dispuesto a defender la ley asegurando que “sí es posible llegar a acuerdos con organizaciones sociales de cualquier ideología política y de cualquier tendencia social, siempre y cuando predominen la buena fe, la confianza mutua y el respeto a la ley” (ZEDILLO, 19/05/1996). Según las estadísticas de las propias autoridades, la demanda de regularización fue de 500 mil hectáreas, sin embargo sólo fueron autorizadas 137 720 (GALICIA, 2010: 75).

Regresando a 1994, el 12 de octubre, las organizaciones pertenecientes a la CEOIC, hicieron un llamado para construir Regiones Autónomas Pluriétnicas (RAP). Fue un momento de multiplicación de tomas de edificios y de pedidos de destitución de presidentes municipales. Al mismo tiempo, cada comunidad comenzó a nombrar a sus representantes y a elaborar normas de funcionamiento interno, siendo una de las principales el impedimento de entrada de cuerpos policiales y funcionarios públicos (GALICIA, 2010: 78). Este fue un primer intento de ejercicio de autonomía. El impulso duró poco y se vio limitado por la constante búsqueda de financiamientos y de articulación partidaria por parte de las dirigencias indígenas y campesinas.

Entre 1995 y 1996, paralelamente a un accidentado y traicionado proceso de diálogo con el Estado, las bases zapatistas establecen los Municipios Autónomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ), articulados en torno a un autogobierno fundamentado en la democracia, la libertad y la justicia. Los MAREZ fueron conformados por bases de apoyo del EZLN, pero también por campesinos e indígenas que podían inclusive, pertenecer a otras organizaciones sociales. Basados en los Acuerdos de San Andrés Larráinzar firmados por el EZLN y el gobierno federal (16 febrero 1996), en donde se destaca el reconocimiento del derecho de los municipios para asociarse entre sí, “de acuerdo con los fines que les convengan como pueblos indígenas” (LÓPEZ MONJARDÍN, 1999: 129) los zapatistas comenzaron a ejercer el derecho a la organización política y a la construcción de nuevos municipios, propiciando un movimiento de recampesinización del territorio chiapaneco.

En esos municipios existían cinco Aguascalientes, que eran centros de encuentros políticos y culturales entre la sociedad civil y los rebeldes zapatistas: Roberto Barrios, La Garrucha, Oventic, Morelia, La Realidad. Hacia 1994, ese concepto estaba vinculado a la autonomía territorial, “es decir para afirmarse con el control militar rebelde. Ya para 1996, el concepto (...) evolucionó

(sobre todo en un sentido estratégico), a expandir la rebeldía en la población civil de Chiapas” (GALICIA, 2010: 95). Entendemos así, la práctica de la autonomía como un ejercicio político en el que necesariamente existan

pueblos con derechos plenos, territorios, recursos naturales, formas propias de organización y de representación política ante instancias estatales, ejercicio de la justicia interna a partir de su propio derecho, conservación y desarrollo de sus culturas y elaboración y ejecución y puesta en práctica de sus propios planes de desarrollo, dentro de sus demandas más significativas (LÓPEZ BÁRCENAS, 2011: 68).

Es importante señalar que la autonomía, no es una lucha por independencia, es una lucha por el reconocimiento constitucional de su carácter de pueblos indígenas.

En 1998, el Ejército Federal desmantela algunas cabeceras municipales de los MAREZ, posicionando cuarteles, estrechando un cerco militar. Ante este panorama, tras casi cinco años de reorganización en silencio, el EZLN anuncia el nacimiento de los Caracoles. Éstos son centros en donde se coordinan los municipios autónomos, y en donde se articulan proyectos (educación, salud, comercio justo, entre otros) que dan sustento y realidad a la autonomía: el Caracol de la Realidad (tojolabales, tzeltales y mames) “Madre de los Caracoles del Mar de Nuestros Sueños”; El Caracol de Morelia (tzeltales, tzotziles y tojolabales) “Torbellino de Nuestras Palabras”; el Caracol de La Garrucha (tzeltales) “Resistencia hacia un Nuevo Amanecer”; el Caracol de Roberto Barrios (choles zoques y tzeltales) “Que habla para Todos”; el Caracol de Oventic (tzotziles y tzeltales) “Resistencia y rebeldía por la Humanidad”. Cada Caracol, contaba con una Junta de Buen Gobierno (JBG): JBG Selva Fronteriza “Hacia la Esperanza”; JBG Tzots Choj “Corazón de Arcoíris de la Esperanza”; JBG Selva Tzeltal “El camino del futuro”; JBG Zona Norte “Nueva Semilla que va a producir”; JBG Los Altos “Corazón Céntrico de los Zapatistas Delante del Mundo”. Cada una de la cual está encargada de administrar los proyectos económicos, políticos y culturales que desarrolla cada municipio (MARCOS, 07/20013).

Ya vimos cómo el estado chiapaneco es considerado de interés económico y estratégico, no sólo nacional, después de 1994, también transnacional. Vimos también como los zapatistas se reapropian y resignifican ese mismo espacio, a partir de prácticas políticas, sociales y económicas diferenciadas. Es en este terreno en donde se desarrolla el principal ataque al movimiento zapatista. Este es el escenario de la contrainsurgencia, escenario con veinte años de vigencia. A continuación intentaremos esbozar la estrategia estatal en contra de la autonomía zapatista.

## **Guerra total**

Para Carlos Montemayor, la recurrencia y sobrevivencia de los grupos armados durante la segunda mitad del siglo XX se deriva a la nula intención de los sucesivos gobiernos por intentar crear soluciones de fondo. El resultado de los análisis de los órganos de inteligencia, siempre es una estrategia de combate y exterminio. O sea, la perspectiva oficial elimina las características sociales que dan origen y forma a los movimientos armados, que lo explican (MONTEMAYOR, 1999: 7). Considerando lo anterior, son tres los elementos claves de la contrainsurgencia en Chiapas: la confrontación directa con las Fuerzas Armadas y la militarización (entre el inicio del levantamiento y febrero de 1995), la guerra de baja intensidad y el paramilitarismo.

La represión y la militarización no son estrategias nuevas para la contención del movimiento social en México. Por ejemplo

de 1974 a 1987 se cuentan 982 líderes asesinados tan sólo en una parte de la región indígena de Chiapas; 1,084 campesinos detenidos sin bases legales; 379 heridos de gravedad; 505 secuestrados o torturados; 334 desaparecidos; 38 mujeres violadas; miles de expulsados de sus casas y sus tierras; 89 poblados que sufrieron quemados de viviendas y destrucción de cultivos (GONZÁLEZ CASANOVA, 1995: 89).

Desde la década de los setenta el territorio chiapaneco se encontraba militarizado, ya que el estado es considerado como una fuente de recursos naturales importancia estratégica, además de contener, como se mencionó anteriormente, las hidroeléctricas que generan tres cuartos de la energía consumida en todo el país, convirtiendo al territorio en zona de seguridad nacional. Entonces, la estrategia de guerra total contra la población organizada chiapaneca, no fue una novedad en 1994, ni fue una respuesta al levantamiento zapatista.

En nombre de la protección al estado de derecho, Chiapas vivió una guerra abierta los primeros 12 días del año 94. La movilización de tropas fue la más importante desde los años setenta: 12 mil tropas por tierra y aire (SIERRA GUZMÁN, 2003: 113). Se registró un aumento en el número de zonas militares del Estado. La estrategia partía del Plan de Defensa Nacional 2 (DN-2), con el que se pretendía, primero, exterminar a los guerrilleros, para posteriormente aislar económica y políticamente a las bases de apoyo. El plan incluía la formación especializada en contrainsurgencia y la compra de armamentos. Esto fue realizado con ayuda de los Estados Unidos. Dise-

ñado por este plan, nació el Grupo Aeromóvil de Fuerzas Especiales (GAFES), grupo militar de élite seleccionado por los altos mandos militares mexicanos, entrenado en la técnica de guerra de baja intensidad, como fueran utilizadas en El Salvador y Nicaragua algunos años atrás (REYES, 2009).<sup>52</sup>

El resultado fueron 500 muertos (entre soldados, civiles y rebeldes). El Ejército mexicano masacró indígenas en Ocosingo, y bombardeó la zona de Los Altos y la Selva. El Ejército federal avanzó sobre el territorio zapatista con el camino abierto por las guardias blancas, que funcionaron como guías. A pesar de las voces de la sociedad civil mexicana e internacional que gritaron para parar la masacre. Tras violentar en innumerables ocasiones el cese al fuego pactado, en febrero 1995 se registra una imponente movilización de incursión a La Selva, imponiendo un cerco en las comunidades, con el objetivo de hacer cumplir la orden de aprensión de los líderes del EZLN.

A partir de 1995, tras el último fracaso militar, y bajo presión nacional e internacional encima, con la supuesta intención de reanudar el diálogo con el EZLN, el Estado mexicano comienza a ensayar la aplicación de la Guerra de Baja Intensidad (GBI). El elemento militar no desaparece, sin embargo, hay mayor énfasis en la utilización de las instituciones sociales, la manipulación de la opinión pública y la paramilitarización del territorio.

### **Guerra de Baja Intensidad: la teoría**

En la doctrina de la contrainsurgencia, desarrollada durante la Guerra Fría, el adversario debe ser aniquilado, para que deje de existir de manera latente como elemento de oposición. Bajo esta doctrina desarrollada por los EUA y otras potencias neocolonialistas como Francia, es necesario “descubrir la lógica de la lucha enemiga, descifrar y aprender sus tácticas para aplicarlas en defensa de los propios intereses, y destruir al adversario en su propio campo y con sus mismas armas políticas” (EZCURRA, 1998: 95).

Cuando el Ejército se enfrenta a un movimiento guerrillero, además de enfrentarse a una parte de la población organizada militarmente pero en condiciones de inferioridad numérica y

---

<sup>52</sup> Hacia 2007, 1 mil 382 elementos de un total de 5 mil 500 Gafes, habían desertado del Ejército y conformarían uno de los grupos de sicarios vinculados tanto al narcotráfico, como al secuestro y a la trata de personas, más violentos que operan hoy en México: Los Zetas.

material, se enfrenta a toda una comunidad que simpatiza con el ejército guerrillero y que también presta servicios y protección a los rebeldes. En este sentido fue necesaria una revaloración de la coordinación entre las medidas políticas y militares para combatir la ola revolucionaria. Para saber de qué manera enfrentar esta nueva situación, y no contribuir al fortalecimiento de las fuerzas guerrilleras, se sistematizó la experiencia militar estadounidense que, sobra decir, es inmensa. En febrero de 1951, las Fuerzas Armadas norteamericanas emitieron el *Manual de Campaña 31-20*, pieza clave de la doctrina militar de los países en donde los norteamericanos tuvieron influencia o intereses de por medio.

El manual propone la elaboración de planes político-militares integrales: “El plan necesita incorporar un análisis detallado del país, las características nacionales así como las costumbres, creencias, inquietudes, esperanzas y deseos de la población” (BIRTLE, 2008: 27). Se presupone que el trabajo de inteligencia acompañado de la propaganda adecuada, ayudaría a que las políticas económicas, políticas y militares pudieran ser ejecutadas de manera eficiente y con la aceptación de la comunidad. Esto daría como resultado el aislamiento de los movimientos de resistencia respecto a la población civil. Esta nueva forma de combate fue denominada eufemísticamente “ganar los corazones y las mentes de la población” durante la larga y brutal guerra de Vietnam. La filosofía contrainsurgente era clara: “el Pueblo poco a poco está aproximándose al comunismo porque son pobres. Si se regala al Pueblo todo lo que quiere —televisiones, automóviles y otras cosas— nadie se pasará al comunismo” (BIRTLE, 2008: 27).

Lo fundamental en esta estrategia es la incorporación de tácticas no militares como la acción cívica y la guerra psicológica, con el objetivo estratégico de construir un consentimiento activo y organizado: “El ser humano tiene su punto más crítico en la mente. Una vez alcanzada su mente, ha sido vencido el ‘animal político’, sin recibir necesariamente balas (...). Esta concepción de la guerra de guerrillas como guerra política convierte a las operaciones Psicológicas en el factor determinante de los resultados” (EZCURRA, 1998: 96). De esta manera, la lucha ideológica se militariza.

Las operaciones psicológicas sirven para influir de manera contundente en la conducta tanto de las bases sociales, como en las del propio enemigo. La acción cívica es denominada también “ayuda humanitaria” o asistencialismo, y lo que se pretende es comenzar a generar consensos sobre el buen funcionamiento del sistema que impera. Para lograr un clima favorable para el desarrollo de la GBI, se utiliza a las fuerzas militares, tanto para limpiar su historial de represión como para legitimar su participación en la política represiva del Estado mexicano.



Este tipo de asistencialismo provoca que se descomponga el tejido social, “mediante el financiamiento de proyectos productivos que rompen con la vocación tradicional del suelo y las formas consuetudinarias de producción y propiedad colectiva de la tierra.” Un claro ejemplo de esto, es la introducción de “actividades altamente depredadores y rentables, como la ganadería o la palma real. En este sentido, por ejemplo, la Organización de Cafeticultores de Ocosingo (ORCAO), con el auxilio de programas oficiales, desarrollaron actividades económicas sin el consenso pleno de las comunidades, aumentando las acciones violentas contra ésta y las autoridades autónomas” (LÓPEZ Y RIVAS, 2013).

### **Los desplazados y el paramilitarismo**

Como mencionamos párrafos arriba, la imposición del cerco militar desde 1995 obligó al desplazamiento de más de 20 mil zapatistas. En cuanto las negociaciones entre el Estado y el EZLN estaban “avanzando”, la paramilitarización comenzó a elevar la espiral de violencia contra las comunidades.

Los paramilitares son una especie de mutación del viejo fenómeno de las guardias blancas. Éstos últimos eran campesinos que recibían algún tipo de pago de los finqueros y terratenientes. Su objetivo, evidentemente, era cuidar de los intereses del patrón, matando líderes campesinos, amedrentando familias, obligando a otros a trabajar, etc. Los paramilitares, en la forma como son conocidos a partir de los años sesenta, son un grupo de personas con entrenamiento, armamento y misión militar, sin estar vinculado legalmente a la institución castrense:

actúan por una delegación del poder del Estado y colaboran a los fines de éste, pero sin formar parte propiamente de la ‘administración pública’. Así lo paramilitar no se define sólo por similitud de misiones u organización, sino porque se origina en una delegación de la fuerza punitiva del Estado (LÓPEZ Y RIVAS, 2013).

La impunidad es garantizada por los cuerpos policiacos, gobiernos locales, grandes propietarios, y recientemente compañías trasnacionales.

El objetivo es aislar al EZLN de sus bases de apoyo, para posteriormente conseguir su aniquilamiento: quitarle el agua al pez. En este sentido, los paramilitares matan, aterrorizan a la población y “recuperan” tierras que están bajo la influencia política zapatista. Crean un clima de in-

seguridad para desmovilizar, creando, además, el rompimiento del tejido social por medios violentos (Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, s/f: 12). Solamente en 1994, entre enero y mayo, se contabilizaron 35 mil personas desplazadas (Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, s/f: 3). En un solo día de enfrentamiento (9 de febrero de 1995), se desplazan 12 mil personas, muchas de las cuales no regresan hasta hoy a sus comunidades.

El método de cooptación de paramilitares es, sobre todo, a través de promesas, la mayoría de las veces falsas, de recursos económicos y beneficios para las comunidades. Promoviendo, al mismo tiempo, la división entre organizaciones que podrían llegar a unificar demandas. Hubo organizaciones enteras que se paramilitarizaron, organizaciones que en algún momento de su historia fueron de izquierda (como podemos ver por sus nombres), o que fueron conformadas a partir de núcleos de apoyo al Partido Revolucionario Institucional (PRI). Algunos ejemplos son: Paz y Justicia, Chinchulines, Fuerzas Armadas del Pueblo, Tomás Munzer (evangélicos), Primera Fuerza, Alianza San Bartolomé de los Llanos, Chinchulines, Máscara Roja, ORCAO, Organización para la Defensa de los Derechos Indígenas y Campesinos (OPDDIC), Movimiento Indígena Revolucionario Antizapatista (MIRA), entre otros muchos nombres y siglas (SIERRA GUZMÁN, 2003: 174).

Uno de los mecanismos utilizados por el paramilitarismo, es el desplazamiento de comunidades, sean estas zapatistas, simplemente simpatizantes, o pertenecientes a otras organizaciones sociales no oficialistas. Siendo de nuevo, atacado el derecho a la tierra, significando la sistemática “violación sistemática del derecho humano de llevar una vida digna en su propia tierra. El sentido de comunalidad y el tejido comunitario y organizativo que habían construido fue despojado y cortado abruptamente. Perdieron su economía familiar y la libertad para desarrollar actividades productivas” (Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, 2003: 6). El desplazamiento va acompañado de asesinatos, desapariciones, encarcelamientos, tortura, detenciones arbitrarias, violación de mujeres, quema de casas, destrucción de templos, robos, saqueos y masacres.

Un caso paradigmático de esta estrategia, ampliamente documentado, sucedió en la comunidad de Acteal, el 22 de diciembre de 1997. Un grupo de indígenas mayas tzotziles, pertenecientes al grupo paramilitar Máscara Roja, equipados con armas de grueso calibre, dispararon en contra de 45 personas de la organización civil Las Abejas (18 mujeres adultas, cinco de ellas con embarazos hasta de 7 meses de gestación; 7 hombres adultos; 16 mujeres menores de edad, entre los 8 meses y los 17 años de edad; 4 niños entre los 2 y los 15 años de edad) e hirieron a 26, en su mayoría menores de edad. Las personas atacadas se encontraban refugiadas en la comunidad de

Acteal debido al continuo hostigamiento paramilitar. Estaban completamente desarmados, realizando una jornada de ayuno y oración en la capilla de la comunidad de Acteal para pedir por la paz en la región. La masacre, cuyas imágenes recorrieron el mundo, continúa impune. A pesar de la presentación de pruebas que identifican a los asesinos, los paramilitares involucrados, y hasta 2006 detenidos como sospechosos, fueron liberados por falta de pruebas.

### **Reflexiones finales: sobre la continuidad de la violencia**

El breve espacio de este trabajo imposibilita profundizar en la complejidad del movimiento zapatista. Diversas iniciativas fueron lanzadas por el EZLN a través de las seis Declaraciones de la Selva Lacandona (marchas, plebiscitos, diálogos, etc.). Los esfuerzos para negociar con el gobierno federal fueron sistemáticamente traicionados. A partir de la Sexta Declaración (2006), los zapatistas ponen en papel lo que ya estaban haciendo en la práctica, la desconfianza absoluta en la clase política y la renuencia a cualquier tipo de diálogo con ella. Decisión que les costó también, el rechazo de los medios masivos de comunicación, quienes también comenzaron a desinformar sobre el conflicto vivido en las comunidades, legitimando la violencia o quitando el foco en los motivos de la misma, por ejemplo cuando afirman que lo que existe en territorio chiapaneco son conflictos religiosos o enfrentamiento entre zapatistas y no zapatistas sin esclarecer los vínculos políticos de los no zapatistas.

Un año antes de la Sexta Declaración, en marzo de 2005, los mandatarios de EUA, Canadá y México firman la Alianza para la Seguridad y la Prosperidad de América del Norte (ASPAN). El foco de esta nueva alianza, está puesta en la cooperación para la seguridad de la región. A través de la Iniciativa Mérida (2008), el TLC se militariza. Hubo una distribución de presupuesto estadounidense para la modernización del sistema de comunicaciones, radares, entrenamiento de perros, helicópteros y aeronaves, además de la asesoría y entrenamiento técnico (GONZÁLEZ TORRES, 2012: 8-9), con el fin último de combatir al narcotráfico.

La declaración de la guerra contra el narcotráfico iniciada en 2006, así como la modernización del aparato represivo son factores necesarios para entender la situación actual que los zapatistas están enfrentando. El número de muertos civiles, o “bajas colaterales” continúa en aumento en todo el territorio nacional. Siendo los lugares considerados estratégicos por la concentración de riquezas naturales, así como de intereses económicos transnacionales, los que han puesto más militantes muertos, presos políticos, y claro, paramilitares.

El monopolio de la violencia ya no pertenece únicamente al PRI, ahora todos los partidos – inclusive los que se dicen de oposición– comparten la misión de exterminio de las comunidades indígenas, no solamente en Chiapas. El Partido Verde (PV), El Partido de la Revolución Democrática (PRD), el Partido del Trabajo (PT) y el Partido Acción Nacional (PAN), están impenetrablemente coludidos en esta empresa al servicio de los intereses económicos abiertos desde 1994 por el TLC. Cada una de las acciones paramilitares y policiacas en contra de las comunidades ha sido debidamente relatada y denunciada por la JBG en donde se cometió el delito. El registro de las agresiones desde 2009, es minucioso<sup>53</sup>, en ellas vemos cuales son las estrategias de ataque y los actores (con nombre, apellido, así como su filiación política) son denunciados. Hasta la fecha, ninguna persona ha sido detenida o procesada, ningún crimen ha sido esclarecido.

El 21 de diciembre de 2012, 40 mil zapatistas dan una demostración de fuerza tomando pacíficamente la capital del estado, San Cristóbal de Las Casas. En 20 años de lucha zapatista, una generación ya fue criada en condiciones de autonomía. Los proyectos económicos, de salud, de educación y sobre todo, el ejercicio de la democracia participativa están siendo consolidados. Existe un relevo generacional, tanto en el mando de las JBG, como en el EZLN. En 2014, los Caracoles fueron nuevamente abiertos para que, quienes estuvieran dispuestos, acudieran a aprender de la experiencia zapatista. La experiencia fue exitosa.

Previo a una reunión con el mismo carácter, pero con las organizaciones integrantes al Congreso Nacional Indígena (CNI) como invitadas, el 2 de mayo de 2014, se suscita un ataque de paramilitares pertenecientes a la Central Independiente de Obreros Agrícolas y Campesinos – Histórica (CIOAC-H). El resultado fue el asesinato brutal (por la forma y por el significado) de José Luis Solís López, el Sargento Galeano. Además de la destrucción de la clínica que trabaja atendiendo los problemas de los zapatastistas –y de los propios cioaquistas– en el Caracol de La Realidad. Este brutal episodio generó una ola de solidaridad nacional e internacional, además de un movimiento en los mandos del EZLN. La figura más pintoresca y representativa del EZLN, el Subcomandante Insurgente Marcos, hasta entonces vocero, fue sustituido por el Subcomandante Insurgente Moisés. Pero lo más importante: las comunidades decidieron la muerte simbólica de Marcos. El objetivo: el renacimiento colectivo del Subcomandante Insurgente Galeano.

---

<sup>53</sup> Las denuncias pueden ser consultadas en: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/category/denunciasjbg/page/6/>

Las falsas promesas de mejorías en el campo, así como en la calidad de vida de los indígenas y campesinos aumentan con el ir y venir de la clase política. El Ejército, los paramilitares y el crimen organizado ejecutan, secuestran y encarcelan, unos apoyados en los otros. Las compañías trasnacionales (mineras, agrícolas, extractivistas, turísticas) avanzan y consolidan el despojo. Sin embargo, las resistencias se mantienen en pie de lucha. La defensa de la tierra es un elemento vigente en la mayoría de las organizaciones independientes, indígenas y campesinas. El zapatismo, con la experiencia de 20 años, es un ejemplo de ello.

## Referencias

AUBRY, Andrés. “El Congreso Indígena de 1974, 30 años después”. *La Jornada*, 15/10/2004  
Disponible en:  
<http://www.jornada.unam.mx/2004/10/15/012a1pol.php?origen=opinion.php&fly=1> [Último acceso en: 28/09/2014]

BIRTLE, Andrew J. “Persuasión y coerción en las guerras de contrainsurgencia”. *Militar Review. Edición Hispanoamericana*, n. 6, pp. 23-32, noviembre-diciembre, 2008.

Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas. *Los grupos paramilitares en Chiapas*, (folleto), Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, San Cristóbal de Las Casas, s/f.

Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas. *Desplazados por el conflicto armado en Chiapas; Informe para relator oficial de la ONU para los Derechos Humanos y fundamentales de los indígenas*, Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de Las Casas, San Cristóbal de Las Casas, 2003.

EZCURRA, Ana María. *Intervención en América Latina. Los Conflictos de Baja Intensidad*, Claves Latinoamericanas - Instituto de Estudios y Acción Social (IDEAS), Buenos Aires, 1998.

EZLN. “Ley Agraria Revolucionaria”, 12/1993. Disponible en:  
[http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993\\_12\\_f.htm](http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993_12_f.htm) [Último acceso en: 28/09/2014).

EZLN. “Primera Declaración de la Selva Lacandona”, 1993. Disponible en:  
<http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993.htm> [Último acceso en: 28/09/2014).

GALICIA GALLARETA, Mario Gabriel. *El EZLN y la lucha por la tierra*, Tesis de licenciatura en Estudios Latinoamericanos – UNAM, México, 2010.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. “Causas de la rebelión en Chiapas”. *Política y Sociedad*, UNAM, n. 117, pp. 83-94septiembre-diciembre, 1995.

GONZÁLEZ TORRES, Jonathan Agustín. “¿Qué es la Iniciativa Mérida?”. *Cuadernos del Colectivo por una política integral hacia las drogas*, n. 4, noviembre, 2012.

LÓPEZ BÁRCENAS, Francisco. “Las autonomías indígenas en América Latina” en: *Pensar las autonomías*, Sísifo Ediciones – Bajo Tierra Ediciones, México, 2011, pp. 67-102.

LÓPEZ MONJARDÍN, Adriana. “Los Acuerdos de San Andrés y los gobiernos autónomos en Chiapas”. *Espiral, estudios sobre Estado y sociedad*, v. 5, n. 14, pp. 127-145, enero-abril, 1999.

LÓPEZ Y RIVAS, Guillermo. “Paramilitarismo y contrainsurgencia en México, una historia necesaria”. *En el volcán, Corriente crítica de trabajadores de la cultura en el estado de Morelos*, 2013. Disponible en: [http://www.enelvolcan.com/feb2013/226-paramilitarismo-y-contrainsurgencia-en-mexico-una-historia-necesaria#\\_ftn1](http://www.enelvolcan.com/feb2013/226-paramilitarismo-y-contrainsurgencia-en-mexico-una-historia-necesaria#_ftn1) [Última consulta en: 28/09/2014].

MARCOS, Subcomandante Insurgente. “Chiapas: El sureste en dos vientos”. 27/01/1994. Disponible en: [http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994\\_01\\_27.htm](http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994_01_27.htm) [Último acceso en: 28/09/2014].

MARCOS, Subcomandante Insurgente. “Chiapas: la Treceava Estela”. 07/2003. Disponible en: [http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2003/2003\\_07\\_a.htm](http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2003/2003_07_a.htm) [Último acceso en: 28/09/2014].

MONTEMAYOR, Carlos. *La guerrilla recurrente*, Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, Ciudad Juárez, 1999.

SIERRA GUZMÁN, Jorge Luis. *El enemigo interno; Contrainsurgencia y Fuerzas Armadas en México*, Centro de Estudios Estratégicos de América del Norte – Universidad Iberoamericana – Plaza y Valdés, México, 2003.

Tratado de Libre Comercio de América del Norte. 1992. Disponible en: [http://www.sice.oas.org/Trade/nafta\\_s/Indice1.asp](http://www.sice.oas.org/Trade/nafta_s/Indice1.asp) [Último acceso en: 28/09/2014].

WARMAN, Arturo. “La Reforma al Artículo 27 Constitucional”. *La Jornada*, 08/04/1994. Disponible en: <http://www.pa.gob.mx/publica/pa070203.htm> [Último acceso en: 28/09/2014]

ZEDILLO, Ernesto. “Palabras del presidente Zedillo en el acto ‘Proceso de conclusión de los Acuerdos Agrarios: La producción de un nuevo reto’”. 19/05/1996. Disponible en: <http://www.pa.gob.mx/publica/pa070909.htm> [Último acceso en: 28/09/2014]

## **Juventude, engajamento e participação e os padrões culturais da sociedade em rede** **Juventud, compromiso cívico y participación y los patrones culturales de la sociedad red**

Carla Mendonça (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos –, [cetiene@gmail.com](mailto:cetiene@gmail.com))

### **Resumo**

Este artigo apresenta resultado de pesquisa exploratória que buscou compreender e explicar, nos termos da ação social weberiana, como jovens de países de diferentes culturas usam ferramentas de autocomunicação de massa com o fim de engajamento cívico e participação pública. A pesquisa parte dos estudos da Sociedade em Rede, de Manuel Castells, e utiliza novos conceitos de engajamento cívico, de participação política e de esfera pública, híbrida de digital e de urbana. Ressalta ainda o papel da juventude nos movimentos sociais em rede. Na pesquisa qualitativa, com o uso de análise de conteúdo, foram avaliados artigos publicados em blogs por brasileiros e americanos da faixa etária de 14 a 25 anos sobre os protestos no Brasil em 2013 e o movimento Occupy Wall Street em 2011. Na pesquisa comparativa, identifiquei que eles usam essas ferramentas expressando valores cosmopolitas, multiculturais e de individualismo em rede.

Palavras-chave: juventude, engajamento cívico, participação pública, novas mídias, sociedade em rede

### **Resumen**

Esto trabajo expone resultados de un estudio sobre cómo jóvenes de distintos países usan herramientas de comunicación digital con fines de participación ciudadana y compromiso cívico partiendo de la teoría de acción social de Max Weber. La investigación tiene la premisa que en la época de la sociedad en red hay nuevas formas de compromiso cívico y participación política, de las cuales emerge una nueva esfera pública, que es un híbrido entre las acciones que se realizan en los espacios digital y urbano. Esto permite un empoderamiento de las juventudes en los movimientos sociales en red. Mediante técnicas de investigación cualitativa, fueron revisados los artículos publicados en blogs brasileños y norteamericanos, administrados por jóvenes entre 14 a 25 años. El contenido tiene como temas centrales las protestas en Brasil en 2013 y el movimiento Occupy Wall Street en Estados Unidos en 2011. Mediante este estudio comparativo identifiqué que ellos comparten la expresión de valores cosmopolitas, multiculturales y de individualismo en red.



Palabras llave: juventud, compromiso cívico, participación ciudadana, nuevos medios sociales, sociedad red

### **Abstract**

This paper presents outcomes of an exploratory research that aimed to comprehend and explain, in a Weberian model, how young people from different national culture settings use the mass self-communication tools for the purposes of increasing civic engagement and public participation. The research considered de network society background and brings new concepts of civic engagement, participatory politics and a new public sphere, which is hybrid of digital and urban. It highlights the role of youth in the new networked social movements. Throughout a qualitative research, by means of content analyses, posts published on blogs by Brazilians and Americans within the ages 14 to 25 about the 2013 Brazilian protests and the Occupy Wall Street movement were analyzed. Throughout the comparative research step, I identified that they use the mass self-communication tools expressing cosmopolitan, multicultural and network individualism cultural values.

Key words: youth, civic engagement, participatory politics, new media, network society

### ***Introdução***

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa exploratória que buscou compreender e explicar como jovens de países de diferentes culturas usam ferramentas de autocomunicação de massa com o fim de engajamento cívico e participação pública no contexto da sociedade em rede global. O estudo ressalta o papel da juventude em movimentos sociais em rede.

Os novos conceitos apresentados são resultantes dos intensos diálogos que vem sendo realizados entre pesquisadores sobre o uso e os impactos tão recentes das novas mídias na sociedade, especialmente, quando se trata do protagonismo juvenil, e inclusive no que diz respeito às novas práticas políticas que podem vir a moldar o milênio que se inicia.

Castells (1999) propõe que a sociedade em rede é uma nova estrutura social que emerge no contexto da globalização multidimensional que vivemos há algumas décadas. Essa sociedade se manifesta de várias formas conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta, delineada pela reestruturação global do modo capitalista de produção. Ela se organiza em redes

ativadas por tecnologias de informação e comunicação baseadas na microeletrônica e no processamento digital de informação. Tem configurações específicas de redes globais, nacionais e locais em um espaço de interação social multidimensional possibilitado por essas tecnologias.

Essa nova estrutura transforma bases sociais, diz Castells (2009). As fontes de poder – violência e discurso, coerção e persuasão, dominação política e enquadramento cultural –, por exemplo, não mudaram na sociedade em rede, mas agora são estabelecidas em dois territórios: na articulação entre global e local e nas redes. Como as redes são múltiplas, as relações de poder são típicas de cada uma delas.

O estado-nação não desaparece, mas as fronteiras nacionais das relações de poder são apenas mais uma dimensão onde poder e contrapoder operam. O processo de decisão passa a ser realizado em uma rede de interação entre instituições nacionais, supranacionais, internacionais, regionais e locais e chegando à sociedade civil. Diante disso, as relações de poder nas redes globais só podem ser afetadas por discursos globais difundidos por meio das redes globais de comunicação.

Estruturas sociais, como a sociedade em rede, são os arranjos organizacionais dos homens em suas relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder expressos em comunicação significativa codificada pela cultura, afirma Castells (2009). Em sua especificidade, a sociedade em rede integra essas múltiplas culturas definidas por diferentes histórias e geografias em diferentes partes do mundo, e se desenvolve nessa multiplicidade, postula Castells (2009). Ela se materializa em formas específicas, levando à formação de diversos sistemas culturais e institucionais globais.

Ainda conforme o autor, ela existe globalmente em tempo real e é global em sua estrutura. Ela não apenas implementa sua lógica no mundo inteiro, mas mantém sua organização em rede em nível global ao mesmo tempo que se especifica em cada sociedade. Mesmo que a maioria das pessoas do mundo não esteja incluída em suas redes, somos todos afetados pelos processos que ocorrem nelas. Ela coexiste com sociedades rurais, comunais e industriais em todos os países.

Para Bauman e May (2010), embora sintamos o mundo no espaço local, as pessoas e as coisas que percebemos não são mais exclusivamente locais: mídias de todos os tipos ampliam nosso campo de percepção, oferecendo-nos perspectivas externas ao que julgamos local. Mesmo o conceito de comunidade se transforma: ele dependia da noção de interação face a face em um espaço territorial, limitado pela mobilidade. Agora os participantes das interações podem estar em diferentes pontos do planeta, independente de seu pertencimento a uma rede de espaço definido.

Esse novo tipo de comunidade capitaliza-se por atividades comunicacionais, por um saber adquirido por descrição, em situações de copresença, por meio da mídia.

Para Castells (2012), com o surgimento da autocomunicação de massa nesse contexto, movimentos sociais e indivíduos rebeldes tem a sua disposição extraordinário meio para construir autonomia e fazer frente às instituições da sociedade em seus próprios termos e em torno de seus próprios projetos. A tecnologia não é apenas uma ferramenta, é um meio, uma construção social com suas próprias repercussões e é também produto de uma cultura que valoriza a autonomia individual e a construção individual de um projeto do ator social.

Para Almond e Verba (1989), a questão central da política pública no final do Século XX e início do XXI é que conteúdo esta cultura emergente no mundo terá. Os autores afirmam que, aparentemente, a cultura ocidental se difunde rapidamente junto com a tecnologia da qual ela depende. Eles acreditam que o problema no conteúdo dessa cultura emergente é seu caráter político porque, embora o movimento em direção à tecnologia e à racionalidade pareça uniforme em todo o mundo, a direção da mudança política é menos clara. Eles identificam um aspecto dessa nova cultura política: a participação. “Though this coming world political culture appears to be dominated by the participation explosion, what the mode of participation will be is uncertain.” (ALMOND; VERBA, 1989, p. 3)

Inglehart e Welzel (2009) afirmam que as mudanças de valores de geração para geração refletem mudanças históricas nas condições existenciais de uma sociedade e que essas mudanças ocorrem nas sociedades onde as gerações mais jovens vivenciam condições de formação diferentes das vividas pelas mais velhas. Esse processo permite a mudança intergeracional de valores, um processo gradual que ocorre à medida que uma geração mais jovem substitui a anterior na população adulta de uma sociedade. Os autores preveem que as grandes mudanças culturais que estão ocorrendo, as quais são associadas a um processo de mudança intergeracional promovido por níveis crescentes de segurança existencial, tem implicações na mudança política das próximas décadas e produzirá apoio e demanda crescente por democracia.

Para Herrera (2012), a juventude desse início de milênio é indubitavelmente capaz de inovar nas esferas culturais e intelectuais, como mostra a explosão de ideias e conteúdo criativo online. Herrera (2012) cita que a literatura das gerações, desde o final da década de 1990, liga diretamente às tecnologias da informação e da comunicação os estudos dessa geração, numa afirmação de quanto mudanças geracionais e tecnológicas são percebidas como intimamente ligadas em nos-

so tempo. A autora afirma que teóricos da área compartilham o entendimento de que a geração nascida no final dos anos 1970 carrega padrões de sociabilidade, cognição e valores distintos das gerações da era pré-digital.

Jovens que têm hoje cerca de 20 anos constituem uma geração de nativos digitais – a internet se popularizou na década de 1990, e a internet 2.0 surgiu nos primeiros anos deste século. Eles são ainda a população que mais acessa a internet. Nos Estados Unidos, dados do United States Census Bureau (2013) indicam que, entre os jovens americanos de 18 a 34 anos, 82% tinham acesso à internet em casa. No Brasil, a Pnad Domicílios (2013), do IBGE, identificou que os jovens entre 15 e 19 anos são os que mais acessam: 74,1% dos que estão entre os 15 e os 17 anos. Eles são seguidos pelos que estão entre 18 e 19 anos, 71,8%, e pelo grupo de 20 a 24, no qual 66,4% dos indivíduos acessa a internet.

### ***A cultura da sociedade em rede***

A dimensão cultural do processo de transformação multidimensional da comunicação nessa nova sociedade, propõe Castells (2009), pode ser apreendida na intersecção entre duas tendências: o desenvolvimento paralelo de uma cultura global – a globalização – e identidades culturais múltiplas – a identificação – e o aparecimento simultâneo do individualismo e do comunitarismo.

Nessa intersecção, formam-se quatro padrões culturais. O consumo de marcas é o processo pelo qual os indivíduos definem significado ao seu consumo. O cosmopolitismo é a expressão da consciência de um destino comum no planeta, seja ele em termos de meio ambiente, direitos humanos, princípios morais, interdependência econômica global ou segurança geopolítica, apoiada por atores sociais que se veem como cidadãos do mundo.

Há ainda o individualismo em rede, pelo qual os indivíduos expandem sua sociabilidade usando as redes de comunicação digital para construir seus próprios mundos culturais conforme suas preferências e projetos e os modificando de acordo com a evolução de seus interesses pessoais e valores; e o multiculturalismo, o reconhecimento de identidades múltiplas em um mundo constituído pela diversidade de comunidades culturais.

As tecnologias da informação e da comunicação são os principais vetores dos padrões culturais da sociedade em rede. O desenvolvimento dessa tecnologia levou a uma revolução global em todo o sistema de mídia e nos processos de comunicação de massa.

### ***As novas mídias***

A evolução das mídias de massa, a difusão da internet, da comunicação sem fio e de uma variedade de ferramentas de *softwares* sociais geraram o desenvolvimento de redes horizontais de comunicação interativa que conectam o global ao local e vice-versa, produzindo a glocalidade, no conceito de Meyrowitz (2005). Ferramentas de organização voluntária dos usuários da internet em redes sociais, as chamadas mídias sociais, como Orkut e Facebook, e de autoexpressão, como blogs, fotoblogs e videoblogs, conectam indivíduos de todos os continentes. Com essa convergência, o poder de comunicação e de processamento da informação da internet distribui-se pela realidade da vida social. As pessoas se apropriam dessas novas formas de comunicação e constroem seus próprios sistemas de comunicação de massa e autoexpressão.

Autocomunicação de massa é o conceito proposto por Castells (2009) para esse novo tipo de comunicação. A comunicação de massa – impressos, rádio e televisão – foi predominantemente unidirecional, e essa nova forma de comunicação é interativa, com capacidade de envio de mensagens de muitos para muitos, em tempo real. Ela é comunicação de massa porque potencializa o alcance de uma audiência global e é ainda autocomunicação porque a produção da mensagem é autogerada, a definição do potencial de recepção é autodirecionada e a recuperação de mensagens específicas ou de conteúdo da internet e das redes de comunicação eletrônica é autosselecionada. As três formas de comunicação – interpessoal, de massa e autocomunicação de massa – não se substituem, elas coexistem, interagem e se complementam.

O que é novo historicamente com consequências consideráveis para a organização e a mudança sociais é a articulação de todas as formas de comunicação em um hipertexto digital, composto e interativo que inclui, mistura e recombina em sua diversidade a totalidade das expressões culturais da interação humana. Castells (2009) afirma que essa nova realidade comunicativa é composta por emissores globalmente distribuídos conectados por redes de computadores.

Baseada na internet e nas redes sem cabo, essa comunicação é horizontal, interativa e de larga escala e sua morfologia define a forma de mobilização e de mudança social na sociedade em rede. A autocomunicação de massa é ferramenta fundamental de resistência e contrapoder, é decisiva para a mobilização, a organização, a deliberação, a coordenação e a decisão dos movimentos sociais do Século XXI.

### ***Juventude e ação política***

O movimento Occupy Wall Street invadiu as cidades americanas em setembro de 2011. Indignados com as consequências da crise econômica iniciada em 2008, com o poder e a influência das corporações, com o abandono de promessas de campanha eleitoral por Barack Obama, inspirados pelo movimento egípcio e chamados às ruas por redes de ativistas que se organizavam há meses pelas redes digitais, cerca de mil pessoas foram para Wall Street e ocuparam o parque Zuccotti, em Nova Iorque, em 17 de setembro. A repressão policial, documentada e publicada nas diversas plataformas da internet, gerou solidariedade, alimentou e propagou os protestos por todo o país que se estenderam pelo mês de outubro. O movimento continua vivo nas redes digitais.

No Brasil, uma série de protestos explodiu em junho de 2013, depois de meses de manifestações em diversas capitais, como Porto Alegre e São Paulo, contra o aumento das tarifas do transporte público, organizadas pelas redes sociais, especialmente pelo Facebook. A repressão violenta da polícia de São Paulo na noite de 13 de junho foi documentada e publicada pelos manifestantes na internet e gerou indignação nacional e apoio de cidadãos de todo o país aos protestos estudantis. Milhões de pessoas juntaram-se a eles e foram para as ruas manifestar apoio a diversas causas em centenas de cidades. A mobilização continuou pelo mês de julho, e manifestações esporádicas continuam ocorrendo pelo país, organizadas por diversos grupos sociais.

Esses movimentos em rede, protagonizados pelos jovens, são exemplos do uso da autocomunicação de massa para fins políticos. As mídias sociais, como Twitter e MySpace, e as plataformas que facilitam a interação, como sites com possibilidade de comentários, tornaram-se canais de informação política e a principal arena pública de expressão, troca de ideias políticas e mobilização, conforme Kahne, Middaugh e Allen (2012). Ao oferecer ferramentas para essas ações, as novas mídias criam novas possibilidades para o engajamento cívico e a política participativa.

Para estudar práticas de engajamento cívico e de participação pública com o uso dessas ferramentas, focar na juventude é uma escolha estratégica. Os jovens são os primeiros a adotar as novidades tecnológicas e as usam massivamente, estão geralmente envolvidos em atividades de cultura participativa *online* e são os primeiros a aplicar suas expectativas e práticas na realidade política, dizem Kahne, Middaugh e Allen (2012).

A corrente geracional das teorias sociológicas da juventude adota uma noção de juventude como fase da vida e põe ênfase em seu aspecto unitário, mesmo reconhecendo que há diferentes perspectivas de vida entre jovens de uma mesma geração, explica Pais (1990). Essa corrente discute a continuidade e a descontinuidade dos valores intergeracionais, a renovação e a continuidade da sociedade dependendo da relação entre as gerações.

O grupo da juventude, nesse paradigma analítico, é composto por indivíduos cujas idades se concentram dentro de um intervalo relativamente estreito; portadores de sentimentos comuns de se encontrarem coletivamente em presença de certos grupos distintos do seu pela idade; e que têm sentimentos de que existem diferenças etárias e, não menos significativas, diferenças nas referências sociais e culturais, como informação, valores, interesses, projetos etc.

É necessário ainda reconhecer os contextos de vivência dos jovens porque é no curso de suas interações cotidianas que constroem formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e de ação. Um enfoque histórico, de estrutura social, também baliza o que é juventude, além do recorte das gerações por estado-nação, porque elas têm características nacionais.

A interação com as novas mídias e ferramentas de comunicação faz os jovens pelo globo desenvolverem comportamentos e atitudes comuns, diz Herrera (2012). A geração nascida no final dos anos 1970 carrega padrões de sociabilidade, cognição e valores distintos das gerações da era pré-digital. Eles são mais horizontais, interativos, participativos, abertos, colaborativos e mutualmente influentes, com tendência a orientações coletivistas. Se eles forem capazes de acessar e explorar os recursos, inovar política e culturalmente e cultivar lideranças estratégicas, podemos começar a falar em uma geração global, afirma a autora.

Conforme os estudos da socialização política de Niemi e Hepburn (1995), o período entre 14 e 25 anos são os de mais rápido aprendizado de capacidades e atitudes políticas adultas. Grupos de amigos, mídia e eventos são agências proeminentes na socialização política dos jovens, e, entre outras questões, elas proporcionam o aumento do potencial de mudança nas atitudes políticas de uma geração para a outra. O que pode ser socialização inadequada para a manutenção das estruturas políticas existentes, destaca Easton (1968), pode ser altamente apropriada para trazer novas estruturas baseadas em novos ideais e novos tipos de acomodação política no sistema.

As mudanças de valores de geração para geração refletem mudanças históricas nas condições existenciais de uma sociedade, elas ocorrem nas sociedades onde as gerações mais jovens vivenciam condições de formação diferentes das vividas pelas mais velhas, destacam Inglehart e

Welzel (2009). Em nossos anos de formação, não absorvemos todos os valores que nos passam, e temos maior probabilidade de adotar aqueles valores coerentes com nossa própria experiência nos anos de nossa formação.

Na atualidade, há um contraste intrigante na disposição política da juventude. Quando são considerados os padrões tradicionais, os níveis de comprometimento, capacidade e atividade cívicos e políticos dos jovens são baixos e declinantes em todos os grupos demográficos. Ao mesmo tempo, eles são altamente engajados com as novas mídias, que são envolventes e alinhadas com formas de vida cívica e política, dizem Kahne, Middaugh e Allen (2012). Isso quer dizer que eles estão investindo e inovando em novas formas de participação, as *online*, as quais facilitam sua inclusão nas atividades políticas tradicionais, mas são diferentes das concebidas pelas gerações anteriores.

Há, assim, a decadência de um paradigma tradicional de engajamento cívico com novas orientações cívicas sendo encontradas entre os jovens de diferentes países. Essa tendência inclui o aparecimento de causas políticas baseadas em preocupações com estilos de vida, como comportamentos de consumo e a emergência de redes de protestos locais e globais.

Seu novo engajamento cívico, para Kahne, Middaugh e Allen (2012), é o de uma cidadania efetivada: parte da valorização de se ter a voz como membro de um grupo e observar as autoridades públicas – líderes de opinião, oficiais e jornalistas – em direção a um engajamento pessoal mais amplo, com redes de pares que reúnem informações e organizam a ação cívica usando tecnologias de comunicação social que maximizam a expressão individual.

Da mesma forma, a política participativa passou a ser composta por atos baseados em interação de grupos de pares por meio dos quais indivíduos e grupos buscam exercer voz e influência nas questões de interesse público. São exemplos desses atos, exemplificam Cohen e Kahne (2012), iniciar um grupo político *online*, escrever e disseminar um comentário sobre política em um blog ou compartilhar um vídeo com conteúdo político. Consumir informação política não é um ato de política participativa, mas circular informação política ou compartilhar a perspectiva pessoal sobre um fato é uma atividade participativa.

A política participativa, no contexto atual, estende-se para além do processo eleitoral, que domina as discussões na ciência política, e inclui diversos tipos de esforços de indivíduos e grupos para influenciar os temas de interesse público. Além dos processos eleitorais, o ativismo (protestos, boicotes, petições), as atividades cívicas (caridade e serviços comunitários) e as políticas de



estilo de vida (vegetarianismo, ações pelos direitos dos animais) constituem práticas de política participativa.

O esforço de compreensão de se e como as novas mídias estão transformando a natureza da vida política exige uma ampliação do foco tradicional de instituições e práticas. Habermas (1999) criou o conceito de esfera pública antes do advento dessas tecnologias. Para ele, esfera pública é um domínio da vida social, acessível a todos os cidadãos e, em princípio, no qual a opinião pública pode ser formada. Uma parte da esfera pública é constituída em conversações em que pessoas privadas se reúnem para formar um público. Cidadãos agem como público quando negociam questões de interesse geral sem coerção, com a garantia de que se reúnem e expressam opiniões livremente. Quando o público é grande, esse tipo de comunicação exige recursos para disseminação e influência. O autor cita periódicos, jornais, rádio e televisão como meios da esfera pública.

Para Canclini (2001), no entanto, a esfera pública não se esgota mais no campo das interações políticas ou no âmbito nacional. O público não abrange somente as atividades estatais ou diretamente ligadas a atores políticos, mas também o conjunto dos atores – nacionais e internacionais – capazes de influir na organização do sentido coletivo e nas bases culturais e políticas da ação dos cidadãos. Castells (2012) propõe, assim, que há um novo espaço público, uma nova esfera pública, como evolução dos termos habermasianos: um espaço híbrido, digital e urbano.

Nesse contexto, surge o conceito de *civic media* (mídia cívica), que é “qualquer uso de qualquer tecnologia com o propósito de ampliar o engajamento cívico e a participação pública, possibilitando a troca de informação significativa, promovendo a conectividade social, construindo perspectivas críticas, garantindo transparência e *accountability* ou fortalecendo a ação cidadã”. (JENKINS, 2013, informação verbal, tradução minha)<sup>54</sup>

O conceito, de Henry Jenkins, foi adotado pelo Center for Civic Media do Massachusetts Institute of Technology (MIT), o qual informa em seu site<sup>55</sup> que o termo se refere a qualquer forma de comunicação que fortalece os vínculos sociais em uma comunidade ou cria um forte senso de engajamento cívico entre seus integrantes. Mídia cívica vai além de reunir informações e repor-

---

<sup>54</sup> Conceito obtido no programa da disciplina COMM 620 – Special Topics: Civic Media and Participatory Politics, ministrada por Henry Jenkins na Annenberg School for Communication and Journalism da University of Southern California, na primavera de 2013.

<sup>55</sup> O site do MIT Center for Civic Media pode ser visitado no endereço eletrônico <http://civic.mit.edu>.

tar. Há uma variedade de novas técnicas de mídia cívica, das tecnologias para protestos e desobediência civil a sistemas de envio de mensagens por celular que permitem atividades cotidianas instantâneas e mais sofisticadas. O conceito de mídia cívica serve perfeitamente como ideal típico, como veremos adiante.

### ***Problema de pesquisa***

Nesse contexto, como jovens de países de diferentes culturas usam as ferramentas de auto-comunicação de massa com o fim de engajamento cívico e participação pública? Ao iniciar o problema de pesquisa com o advérbio de interrogação “como”, demonstro a preocupação em compreender o encadeamento de ações em que o processo que estudo se desenvolve, a ação social de jovens por meio da internet, e suas causas. Para Max Weber, a sociologia é “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos.” (WEBER, 2000, v. 1, p. 3)

Considero ainda que o conceito de ação comunicativa de Habermas (1998) pressupõe, então, a linguagem como um meio de entendimento em que falantes e ouvintes se referem, desde o horizonte que seu mundo representa, simultaneamente a algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo, para negociar definições da situação que possam ser compartilhadas por todos. Forma-se a interação, “[...] el entendimiento lingüístico es sólo el mecanismo de coordinación de la acción, que ajusta los planes de acción y las actividades teleológicas de los participantes para que puedan constituir una interacción.” (HABERMAS, 1998, p. 138)

Busquei neste estudo, assim, a compreensão interpretativa da ação social e sua explicação causal em seu curso e em seus efeitos, nos termos de Weber (2000), considerando que: 1) os indivíduos, os agentes, são jovens brasileiros e americanos; 2) o tipo ideal é o conceito de mídia cívica; 3) a ação social é a ação comunicativa, a interação, por meio da internet; 4) o curso da ação é o uso que eles fazem de ferramentas de autocomunicação de massa empregando as categorias analíticas extraídas do tipo ideal; e 5) o sentido, o fim racional da ação, seria seu uso com propósito de engajamento cívico e participação pública.

Adotei o tipo ideal, o conceito de mídia cívica, considerando-o ação ideal típica com fim racional de engajamento cívico e participação pública. Ele define uma ação, qualquer uso de qualquer tecnologia, como social e racional ao propor seu encadeamento – a troca de informação signi-

ficativa, a promoção da conectividade social, a construção de perspectivas críticas, a garantia de transparência e *accountability* ou fortalecendo a ação do cidadão – com o sentido de ampliação do engajamento cívico e da participação pública.

### **Metodologia**

O objeto desta pesquisa são indivíduos da faixa etária dos 14 aos 25 anos, conforme recomendam os estudos da socialização política; brasileiros e americanos; usuários de ferramentas de autocomunicação de massa, mais especificamente, blogs; que publicaram conteúdos sobre os protestos no Brasil em 2013 e sobre o movimento Occupy Wall Street em 2011.

Escolhi os blogs entre as ferramentas de comunicação de massa por três fatores principais. O primeiro é o fato de que se ter um blog por si só configura participação pública. Em segundo lugar, blogs são plataformas múltiplas que permitem todos os formatos de comunicação – escrita e audiovisual – e interatividade. Por fim, blogs são públicos, notas postadas e comentários de outras pessoas estão abertos ao público, o que reduz as questões éticas e de privacidade envolvidas<sup>56</sup>.

Selecionei blogs da rede de blogs Tumblr<sup>57</sup>. Além de ser popular entre os jovens, o Tumblr funciona em rede, o que amplia as possibilidades de interatividade dos blogueiros. Analisei artigos dos arquivos de junho e julho de 2013 publicados por dez blogueiros brasileiros, com idades entre 16 e 22 anos, quatro do gênero feminino e seis do masculino, com um total de 168 artigos publicados sobre os protestos no país; e de setembro e outubro de 2011 publicados por dez americanos com idades entre 16 e 23 anos, oito do gênero feminino e dois do masculino, com um total de 195 artigos publicados sobre o movimento Occupy Wall Street.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Redes sociais como o Facebook, a mais popular do mundo, geram problemas éticos para pesquisas de análise de conteúdo publicado em ambientes *online*. Como se tratam de redes sociais de característica privada – as relações entre os usuários dependem de consentimento – é necessário solicitar autorização de pesquisa ao usuário e, teoricamente, a todos os seus amigos, todos aqueles que terão suas mensagens expostas ao pesquisador.

<sup>57</sup> O endereço eletrônico do Tumblr é [www.tumblr.com](http://www.tumblr.com).

<sup>58</sup> A realização da análise do conteúdo publicado nos blogs do Tumblr não exige autorização do usuário, conforme divulga o próprio site na sua política de privacidade: “User Content: By default, all sharing through the Services is public, and when you provide us with content it is published so that anyone can view it. Although we do provide tools, like password-protected blogs, that let you publish content privately, you should assume that anything you publish is publicly accessible unless you have explicitly selected otherwise. Content published and shared publicly is accessible to everyone, including search engines, and you may lose any privacy rights you might have regarding that

Após a realização de uma análise de conteúdo para compreender a ação de cada um dos dois grupos, passei à pesquisa comparativa, finalizando com a análise das configurações de condições causais entre os dois casos.

### ***A tipologia da ação***

Com a compreensão das ações sociais e sua comparação, cheguei a um encadeamento comum da ação comunicativa dos blogueiros brasileiros e americanos analisados, realizada por meio das ferramentas de autocomunicação de massa com fim de engajamento cívico e participação pública nos protestos no Brasil e no movimento Occupy Wall Street nos Estados Unidos. O encadeamento significativo da ação deles permite ainda a elaboração de uma tipologia. Com a publicação de conteúdos em seus blogs, esses jovens agem por meio de nove elos de encadeamento de suas ações, sendo os cinco do tipo ideal:

1) Construção de perspectivas críticas: criticam o sistema social como um todo, criticam seus Estados e afirmam a necessidade de mudança, mas não deixam de questionar o movimento, seus métodos, intenções e possibilidades de resultados;

2) Fortalecimento da ação cidadã: dimensão mais frequente nos dois projetos, é marcada pelo destaque ao protagonismo popular, pela importância da mobilização popular, pela promoção da necessidade de mudança, por reivindicações de diferentes decisões por governos e Estados e pela defesa da desobediência civil;

3) Garantia de transparência e *accountability*: exigem mais transparência do Estado e dos agentes públicos, denunciam a corrupção, exigem melhores políticas públicas, registram e denunciam a violência das instituições estatais, especialmente, das polícias, e querem políticas de acordo com os interesses e necessidades do povo;

---

content. In addition, information shared publicly may be copied and shared throughout the Internet, including through features native to the Services, such as "Reblogging." While you are free to remove published pieces of content from or delete your Account, because of the nature of Internet sharing, the strong possibility of Reblogging of your content by others, and technological limitations inherent to the Services, copies of that content may exist elsewhere and be retained indefinitely, including in our systems." Essa informação está disponível em: <http://www.tumblr.com/policy/en/privacy>. No entanto, a utilização de citações ao longo do texto, o que não faço aqui, exigiria autorização de seus autores.

4) Promoção da conectividade social: divulgam o movimento e chamam os outros e o outro para a mobilização coletiva; promovem com veemência a conectividade entre gerações e estimulam a criação e ampliação de redes sociais digitais; e

5) Troca de informação significativa: divulgam agendas de mobilizações, dicas de ação e trocam informações políticas, como o que saiu na grande mídia e como denunciar abusos policiais.

Outros quatro elos aparecem na realidade de suas ações:

6) Cute Cats<sup>59</sup>: humor, principalmente, refere os movimentos, aparecendo em cartuns, fotografias e até citação de conteúdo da grande mídia;

7) Deslegitimação das instituições: a desconfiança nos políticos é recorrente;

8) Incitação à violência: em alguns momentos, afirmam a necessidade de uma ação revolucionária violenta; e

9) Sentimento de orgulho do movimento: o entusiasmo e sentimento de pertencimento de um povo que vai à luta é presente.

### ***As causas da ação***

Utilizei os padrões culturais da sociedade em rede para estabelecer as conexões causais e compreender o sentido da ação dos jovens estudados. O padrão cultural individualismo em rede está presente em todas as ações porque o fato de esses jovens terem compartilhado conteúdo sobre o movimento social por meio de uma ferramenta de autocomunicação de massa caracteriza a presença dele entre seus valores e atitudes. Esse padrão encontra sua melhor forma de expressão na autocomunicação de massa, um sistema de comunicação caracterizado por autonomia, redes horizontais, interatividade e recombinação de conteúdo pela iniciativa do indivíduo e suas redes digitais, representada neste estudo por blogs.

---

<sup>59</sup> A estratégia Cute Cats refere-se à teoria de Zuckerman (2012), o qual defende que a publicação de conteúdo cotidiano, como fotos de bebês e de animais de estimação, por pessoas inexperientes produz uso massivo da internet e dificuldades para seu controle por governos repressivos, por exemplo.

O padrão consumo de marcas não foi encontrado em sequer um artigo de todos os analisados. Fica clara a separação que esses jovens fazem dos significados de seu consumo individual e dos temas de interesse público que devem estar incluídos nas agendas de movimentos em rede, como os dos quais participaram.

O multiculturalismo foi encontrado em todas as dimensões da pesquisa. Não é difícil compreender sua presença. Os protestos no Brasil e o movimento Occupy Wall Street, assim como outros movimentos sociais em rede que explodiram recentemente pelo mundo, têm como gatilhos insatisfações com conjunturas nacionais. De fato, esses movimentos começam nas redes digitais e invadem o local, como a Avenida Paulista, de São Paulo, e a Wall Street, de Nova Iorque. A repressão dos protestos pelas polícias, forças institucionais também locais, no máximo regionais, gera indignação nacional e leva milhões de pessoas aos espaços públicos urbanos por todo o país. Nesse processo, surgem as críticas aos Estados, as reivindicações de políticas públicas, de transparência das instituições nacionais e a apropriação dos símbolos nacionais, por exemplo. Até a estratégia Cute Cats costuma carregar conteúdo cultural de humor específico.

No entanto, também surgem nesse processo reivindicações de características cosmopolitas, como críticas ao sistema capitalista global, a necessidade de mudança social para todos, a afirmação da necessidade de uma revolução, o destaque ao protagonismo popular, reivindicações de direitos humanos e a promoção da conectividade de uma humanidade que compartilha a indignação, independente de nacionalidades.

Assim, cheguei à identificação das condições causais da ação. A ação comunicativa dos blogueiros brasileiros e dos blogueiros americanos analisados expressa o conjunto de valores individualismo em rede, cosmopolitismo e multiculturalismo.

## ***Conclusão***

Pode-se considerar que os jovens pesquisados praticaram ação social porque é inerente à ação comunicativa por meio das redes digitais a consideração do comportamento dos outros – os amigos, os seguidores, os demais blogueiros –, no que se refere ao sentido visado por cada agente. O participante de uma rede desse tipo interage e espera interação: quanto mais compartilhadas, curtidas ou comentários, maior é o sucesso de sua ação.

De fato, há regularidades de conduta nessas ações comunicativas, realizadas por meio de códigos linguísticos que refletem as relações desses jovens com seus mundos objetivo, social e subjetivo. Elas têm caráter coletivo porque múltiplos indivíduos agem significativamente de maneira parecida, elas constituem uma relação social genuína, na qual os agentes se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações.

Isso fica claro quando se verifica a quantidade de notas nos artigos publicados. As notas, na rede de blogs Tumblr, referem-se a reblogadas, curtidas e comentários, inclusive com interface com outras plataformas, como Twitter e Facebook, indicando o potencial de interatividade de cada publicação. A frequência de notas registradas nos artigos de brasileiros e americanos foi de apenas uma a até centenas de milhares.

Dos 168 artigos publicados pelos brasileiros, 97 tinham notas, e o artigo que produziu maior interatividade tinha 229.812 notas. Entre os americanos, dos 194 artigos publicados, 127 tinham notas, e o artigo que produziu maior interatividade tinha 233.367 notas. A interatividade aqui indica uma relação social específica dos meios digitais, massiva e de potencial exponencial.

O sentido, o fim da ação, desses jovens se manifesta nas ações concretas de publicação de conteúdo e é marcado profundamente por racionalidade. Há pouco conteúdo de expressão de ações afetivas, voltando aos termos weberianos, mesmo entre as ações não previstas como ideais. As poucas entre elas, encontradas na realidade, são marcadas por sentimentos de entusiasmo, desconfiança e violência.

Seus atos não são isolados, de fato, apresentam a sequência de elos significativos que vimos acima. Os nexos entre esses elos constituem o processo de ação deles como uma unidade, o meio para alcançar o fim de engajamento cívico e participação pública. E mais: o objetivo deles é o de engajamento cívico e de participação pública nos movimentos sociais em rede de seus países, movimentos de esfera pública híbrida – digital e com ocupação do espaço público urbano. Sua ação começa com a publicação do conteúdo em seus blogs, mas entra em um círculo virtuoso de ação: do digital para as ruas e das ruas novamente para o digital, ampliando engajamento e participação e alimentando ações e relações sociais neles.

Assim, cheguei à identificação de condições causais, elos e sentido da ação – causas, curso e fins. A ação comunicativa dos blogueiros brasileiros e dos blogueiros americanos analisados, agindo na especificidade dos movimentos sociais em rede de seus países, e que tem como atitudes a tipologia apresentada anteriormente, é a expressão do conjunto de valores individualismo em

rede, cosmopolitismo e multiculturalismo com o objetivo de ampliar o engajamento cívico e a participação pública nos movimentos sociais em rede dos quais fizeram parte.

O novo paradigma de engajamento cívico para esses jovens, emergente na nova esfera pública híbrida, é o da cidadania efetivada proposta por Bennett, Wells e Freelon (2011): a que parte da valorização de se ter a voz como membro de um grupo e observar temas e autoridades públicas. Eles têm as redes de pares que reúnem informações e organizam a ação cívica usando as tecnologias de comunicação e maximizando a expressão individual, iniciando o processo com o compartilhamento de conteúdo.

Dessa maneira também se caracteriza sua política participativa. Eles agem baseados na interação com grupos de outros jovens, manifestando-se sobre as questões de interesse público. Em seus blogs, promovem a interação política com outros jovens, escrevem e compartilham comentários, reblogam vídeos e imagens. A circulação da informação política é alta, como podemos ver no volume de notas que expressa essa interatividade.

No entanto, comunicar-se, mobilizar-se, engajar-se e participar nas redes digitais e mesmo em movimentos sociais em rede, digitais e urbanos, ainda é diferente de ter voz, influenciar e, mais distante ainda, de promover a mudança social. A mudança social depende da mudança de valores e atitudes, mas também da adaptação das instituições à cultura nova que se forma. Os jovens protagonistas dos novos movimentos sociais têm em suas mãos e mentes as ferramentas e valores culturais para promoverem a mudança na sociedade em rede – mudança ainda incógnita.

## **Referências**

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. *The Civic Culture: political attitudes and democracy in five nations*. SAGE, 1989. BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRASIL. IBGE. *Pnad 2011: acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. Rio de Janeiro, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 1 v.



\_\_\_\_\_. *Communication Power*. New York: Oxford University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *Networks of Outrage and Hope: social movements in the internet age*. Cambridge: Polity Press, 2012.

COHEN, Cathy; KAHNE, Joseph. *Participatory Politics: new media and youth political action*. MacArthur Foundation, 2012.

EASTON, David. "The Theoretical Relevance of Political Socialization". *Canadian Journal of Political Science/Revue canadienne de science politique*. v. 1, n. 2, p. 125-146, June 1968.

HABERMAS, Jürgen. *The Public Sphere*. In MARRIS, Paul; THORNHAM, Sue (Eds.). *Media Studies: a reader*. 2. ed. New York: New York University Press, 1999. p. 92-97.

\_\_\_\_\_. *Teoría de la Acción Comunicativa, I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1998.

HERRERA, Linda. "Youth and Citizenship in the Digital Age: a view from Egypt". *Harvard Educational Review*. n. 82 (3), p. 333-352, 2012.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernização, Mudança Cultural e Democracia: a sequência do desenvolvimento humano*. Tradução Hilda Maria Lemos Pantoja Coelho. São Paulo: Francis, 2009.

KAHNE, Joseph; MIDDAGH, Ellen; ALLEN, Danielle. "Youth, New Media, and Participatory Politics". In: ALLEN, Danielle (Ed.). *Youth, New Media, and Citizenship*. 2012. No prelo.

MEYROWITZ, Joshua. "The Rise of Glocality: new senses of place and identity in the global village". In: NYÍRI, Kristóf (Ed.). *A Sense of Place: the global and the local in mobile communication*. Vienna: Passagen Verlag, 2005.

NIEMI, Richard; HEPBURN, Mary "A. The rebirth of political socialization". *Perspectives on Political Science*. v. 24, issue 1, winter 1995.

PAIS, José Machado. "A construção sociológica da juventude: alguns contributos". *Análise Social*. v. XXV, 1990.

UNITED STATES OF AMÉRICA. U.S. Census Bureau. Computer and Internet Use in the United States: population characteristics. May, 2013. Disponível em: <http://www.census.gov/prod/2013pubs/p20-569.pdf>. Acesso em: 22 out 2013.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 4 ed. Brasília: Editora da UnB, 2000-2009. 1 v.

## **Lutas e organização política no meio rural brasileiro: notas a partir dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais**

Caroline Araújo Bordalo<sup>60</sup>

O propósito deste trabalho é analisar os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais no Brasil a partir de uma perspectiva comparativa. Tais movimentos surgiram no final da década de 1970 e início na década de 1980 num contexto de intensa ebulição política e de forte questionamento do sindicalismo levado a cabo até aquele período. Dois movimentos serão norteadores para esse desiderato: o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste e o Movimento de Mulheres Camponesas. Partimos aqui da hipótese de que ambos representam tradições políticas e formas distintas de diálogo com o Estado, o que nos permite compor um quadro amplo de análise que leve em consideração não apenas a efervescência política da década de 1980, mas as relações historicamente delineadas nacional e internacionalmente antes e depois desse marco. Trata-se, portanto, de estabelecer uma espécie de cartografia das relações construídas entre os movimentos sociais e as demais organizações (sindicalismo rural e sua forte tradição no Nordeste, o MST na região Sul, a Via Campesina, demais movimentos de luta pela terra) que compõe o campo de disputa pela representação política das trabalhadoras e trabalhadores rurais a partir da dinâmica com o Estado.

### **1. Introdução**

Somos gente, somos força, temos que ter igualdade/ E do lado dos homens,  
transformar a sociedade/ Vamos conquistar o espaço que tem no mundo  
pra nós/ Chefiar os sindicatos e na política ter voz. (música, MMTR-Ne,  
1990)

Começar a compreender os caminhos que levam à mobilização e à organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais exige que se considere quais foram as condições sociais que favoreceram a emergência dessas ações. No caso brasileiro, em determinados contextos históricos, podemos perceber o surgimento de movimentos políticos e organizações concomitantemente em diversos pontos do país. E se podemos dizer que esses conflitos possuem uma multiplicidade de dimensões, um verdadeiro mosaico, acredito também que uma perspectiva rica de análise deve

---

<sup>60</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-RJ e docente do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/RJ. Correio eletrônico: carolinebordalo@gmail.com.

buscar articular essas dimensões, identificando que fio liga os principais caminhos tomados pelos movimentos, entidades e organização no campo.

No caso das mulheres rurais, a participação nos “espaços da política” tem a década de 1980 como principal marco. Ainda que não seja sociologicamente possível descolar esse período das lutas históricas dos trabalhadores rurais desde pelo menos a década de 1950, sem dúvida, a década de 1980 é uma referência quando olhamos para os diversos movimentos de mulheres que despontaram em vários estados, todos formados por mulheres membros de sindicatos filiados à Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) ou à Central Única dos Trabalhadores, dado que as principais estruturas organizacionais em áreas rurais eram os sindicatos, ou ainda de outros movimentos como, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

É nesse contexto que surgem o Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina (MMA-SC) em 1984, o Movimento de Mulheres Assentadas de São Paulo (MMA-SP) em 1985, o Movimento Popular de Mulheres do Paraná (MPMP) em 1983, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul (MMTR-RS) em 1985, Comissão Estadual de Mulheres da Federação dos Trabalhadores de Rondônia (CEM/ FETAGRO) em 1985, Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Espírito Santo (AMUTRES) em 1986, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste e do Sertão Central de Pernambuco em 1986, o Centro de Associações de Mulheres Trabalhadoras do Acre (CAMUTRA) em 1987, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sergipe (MMTR-SE), a articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco de Babaçu em 1989 (AMQCM e atual Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco de Babaçu- MIQCB), e finalmente a Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CUT (CNMTR/CUT) e (CNMTR/CONTAG) em 1995.

Embora cada movimento organizado possua características próprias em relação às condições sócio-históricas que tornaram possíveis o seu surgimento, podemos identificar a partir da análise da forma como estes movimentos se inserem na dinâmica política das organizações já existentes (como os sindicatos e os movimentos) a relevância de pensá-los a partir da articulação de uma situação local com os movimentos mais gerais da luta pela representação política dos trabalhadores rurais, uma vez que estamos tratando de uma forma muito específica de “política”. Se é possível traçar semelhanças nessas experiências levadas a cabo de norte a sul do país, o fato de a literatura que se dedica a compreender tais movimentos ter abstraído os caminhos da socialização política que tornaram possíveis essas iniciativas acabou por dar contornos demasiadamente gerais so-

bre esse processo de organização das mulheres. Desse modo, e como aponta Cappellin (1994), os diversos envolvimento que se realizaram anteriormente e durante o engajamento na militância sindical são ocasiões ricas para caracterizar a pluralidade da aprendizagem do que a autora define como lealdade de base e que dá sentido à identificação de grupo.

Não raro, percebemos que, nesses estudos, os pressupostos da ação das mulheres conferem preponderância à sua condição subordinada política, econômica e socialmente. A sua condição social surge como explicação bem como a sua organização em movimentos autônomos numa conjuntura favorável. Desse modo, o itinerário que aqui consideramos como aspecto sociológico fundamental para perceber como esse processo se constrói é geralmente secundarizado em prol de uma perspectiva mais normativa e ampla sobre as mudanças que atingiram as mulheres rurais. Porém, mais do que compreender “o que mudou”, creio que compreender “por onde passa a mudança” possa nos levar a um caminho mais profícuo e nos apontar as reais semelhanças e diferenças entre essas experiências e melhor caracterizar os processos sociais em que se desenrolam.

Assim, a questão da participação da mulher e, sobretudo, a forma como essa participação é outorgada por cada movimento diz muito a respeito das questões colocadas para organizações como, por exemplo, a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) e a sua relação com a crescente oposição sindical iniciada na década de 1980 bem como acerca do surgimento da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1983 e o Movimento de Trabalhadores rurais Sem-Terra (MST), em 1984.<sup>61</sup> Pois como observa Navarro (1996) foram os sindicatos e os movimentos sociais recém surgidos os principais canais que conferiram visibilidade política a iniciativa de organização das mulheres.

Esse contexto mais amplo não será abordado nesse artigo. No entanto, compreender o aparecimento desses movimentos compostos apenas por mulheres rurais não é possível sem considerar esses aspectos mais gerais. Interessa-nos aqui compreender o modo como essas mudanças no cenário político nacional se configura no caso de Pernambuco e da formação do MMTR-NE, onde a questão da participação política das mulheres surge a partir de mobilizações no sertão do estado, fruto de uma conjugação de circunstâncias e aspectos relacionados à atuação da Fetape, à atuação de lideranças sindicais ligadas aos movimentos de oposição sindical, à atuação do Estado e de um

---

<sup>61</sup> À esse respeito ver Medeiros (1989).

período marcado por uma forte seca, acabam por formar a base social do engajamento de mulheres tanto nos movimentos independentes quanto no movimento sindical. Trata-se, portanto, de compreender a emergência dos movimentos de mulheres a partir da sua relação com forte tradição sindical do estado.

Nesse sentido, ao nos afastarmos de qualquer concepção naturalista do surgimento destes movimentos, acabamos por identificar uma rede de interdependência (ELIAS, 2002) entre determinados grupos num contexto onde a disputa em torno da representação política dos trabalhadores acaba por impor a dinâmica da organização nos anos seguintes. Assim, a despeito de uma perspectiva que busque uma causa única para a mobilização e organização das mulheres rurais, o que este artigo pretende abordar é a multiplicidade de dimensões sociais e políticas presentes na conformação de formas específicas de participação e do “fazer política” das mulheres rurais tanto em Pernambuco quanto na região sul do país, no caso do Movimento de Mulheres Camponesas, focando na relação dos aspectos supracitados.

Parto aqui de uma *démarche* sociológica de acordo com a qual o surgimento de organizações políticas e, sobretudo, dos movimentos de mulheres rurais devem ser entendidos não como uma espécie de resposta ou reação à uma determinada situação dada à priori ou ainda de um “desmascaramento” de uma situação de opressão e injustiça social. O que de alguma forma nos levaria à conceitos como o de “consciência política”, por exemplo. Trata-se, portanto, de compreender como a tradição sindical de Pernambuco imprime nas organizações de mulheres determinadas características que, sem esvaziar o sentido do surgimento destes movimentos, aponta para um princípio de explicação sociológica para a legitimação de uma concepção específica de política e como, no caso do MMC, nos leva a observar a construção do movimento como representante legítimo das mulheres rurais diante do Estado, conformando uma forma específica de diálogo.

## **2. Dos processos que unem aos que afastam sindicatos, movimentos e a disputa pela representação política no campo**

Ao observarmos de forma mais detida o processo de consolidação destes movimentos, percebemos que ao mesmo tempo em que é relevante considerar os aspectos em comum e que tornavam possível a construção compartilhada de bandeiras de lutas específicas das mulheres rurais, é a partir de suas principais distinções que podemos encontrar uma chave de explicação sociológica acerca dos posicionamentos tomados nas duas últimas décadas. Se as primeiras iniciativas de or-

ganização estadual dessas mulheres nos permitiam tratar de forma mais genérica estes movimentos - os Movimentos de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTRs) - o decorrer da década de 1980 e os anos seguintes trariam à tona diferenciações mais profundas entre estes, alertando para a necessidade de se abdicar de uma abordagem mais abstrata dessa experiência que surgiu concomitantemente em quase todos os estados do país.

Esse processo tem sido apontado de uma forma um tanto linear onde o surgimento dos movimentos de mulheres rurais no início dessa década teriam levado à formação de articulações regionais – o AIMTR-Sul em 1985 (Articulação das Mulheres Trabalhadoras Rurais da região Sul) e o MMTR-NE (Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste) em 1986 - e posteriormente, em 1995, a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR). Assim, a formação em 2004 do Movimento de Mulheres Camponesas é percebida como um processo de amadurecimento político das trabalhadoras e a mudança da nomenclatura uma estratégia importante na medida em que *camponesa* nesse contexto, e como coloca a definição do próprio movimento, engloba uma gama diversificada de situações:

Somos mulheres camponesas: agricultoras, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, parceiras, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, sem terra, assentadas... Mulheres índias, negras, descendentes de europeus. Somos a soma da diversidade do nosso país. (MMC, 2004: p.1)

No entanto, este processo é marcado por profundas divergências entre as mulheres do sul e as mulheres do nordeste, presentes desde os primeiros encontros. Nos Anais do 1º Encontro da ANMTR em 1997 é possível apontar que, neste processo de organização das mulheres rurais, os conflitos entre as formas de encaminharem as suas demandas se colocaram de forma visível. Ainda que o objetivo do encontro tenha sido o de constituir um espaço de discussão, elaboração, uni-

ficação e encaminhamento das lutas as avaliações dos movimentos presentes<sup>62</sup> apontam para uma clara divisão.

Destarte, é importante frisar que todo o texto que compõe o documento se alinha às orientações apresentadas pelos movimentos da região sul, frisando as articulações políticas já estabelecidas com outros movimentos sociais e entidades tais como, por exemplo, o MST e a CUT. Apesar de apresentarem suas críticas no que se refere aos conflitos de gênero, ambos são colocados como os interlocutores por excelência das mulheres rurais na discussão sobre a relação entre as lutas de classe e gênero.

A criação da ANMTR não representou a dissolução do MMTR-NE ou ainda a sua vinculação enquanto parte integrante da proposta de articulação nacional que açambarcaria diversos movimentos de mulheres autônomos. Ao contrário, embora tenha surgido a ANMTR, esta representou de fato a convergência dos movimentos anteriormente integrados à AIMTR-Sul. Os demais movimentos adotaram neste momento a posição de estabelecer as lutas que são unificadoras, tais como desenvolver ações para garantir os direitos conquistados: Previdência, Saúde; desenvolver ações para que sejam garantidos às trabalhadoras rurais os benefícios já conquistados em lei; realizar ações no dia 8 de março e intensificar a Campanha Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural.

Ao resgatarmos essa distinção entre o MMTR-NE e o MMC, queremos apontar que as relações políticas bem como as concepções que ambos possuem de se fazer política são relevantes para compreender o processo em que estes movimentos estão imersos. Uma vez que essa articulação nacional entre os movimentos de mulheres rurais não ocorreu com a formação da ANMTR e, posteriormente do MMC e, ao contrário, acabaram por reforçar distinções presentes desde os primeiros momentos quando da formação dos movimentos estaduais, é necessário lançar luz não apenas nas questões específicas relativas às mulheres, mas como tais questões são apropriadas e incorporadas às disputas políticas.

---

<sup>62</sup> As organizações presentes foram: Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina (MMA-SC), Movimento de Mulheres Assentadas de São Paulo (MMA-SP), Movimento Popular de Mulheres do Paraná (MPMP), Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul (MMTR-RS), Articulação de Instâncias de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sul (AIMTR-Sul), Comissão Estadual de Mulheres da Fetagro- RO, Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Nordeste (MMTR-NE), Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Espírito Santo (AMUTRES), Centro de Associação de Mulheres Trabalhadoras do Acre (CAMUTRA), Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CUT (CNMTR-CUT), Associação de Pequenos Produtores Rurais do Sul de Roraima (APROSUR), Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sergipe (MMTR-SE).



O fato de ambos os movimentos lutarem por um processo de democratização e de promoção da igualdade nas relações entre homens e mulheres não se traduziu em possibilidade de se articular politicamente, unificando esforços nesse sentido. Sem aprofundar a análise sobre este aspecto, Paulilo (2004) expõe essa diferenciação entre os movimentos da região sul e os movimentos da região nordeste, os quais seriam atrelados à estrutura do sindicalismo rural. Na perspectiva da autora, esse seria um aspecto emblemático da subordinação e da pouca autonomia construída por estes movimentos.

De acordo com o que foi citado, o que se depreende é que tais movimentos de mulheres ainda se encontram atrelados ao espectro das grandes disputas entre os movimentos sociais e o movimento sindical como que, de forma irrefletida (ou por falta de clareza em relação à sua luta enquanto mulher e trabalhadora), transpusesse para as lutas das mulheres as articulações políticas já realizadas por ambos.

Neste sentido, caberia ao pesquisador analisar o “maior” ou “menor” grau de autonomia para, então, apontar quais movimentos representariam de fato uma mudança significativa nas relações de gênero na medida em que outros seriam tomados, por oposição, como portadores de uma ação política equívoca. Sob esta ótica, os movimentos de mulheres rurais organizados na região nordeste seriam classificados de acordo com a última definição. Neste caso, tal perspectiva normativa, ao hierarquizar estes movimentos acaba por obscurecer o fenômeno e o processo social que, inclusive, nos permite estabelecer a comparação entre eles. Sobre estas distinções, Paulilo (2004) argumenta que se fundamentam no diferente peso que os movimentos dão às questões de classe ou gênero, ou seja, para a autora o que distancia um movimento de outro é a sua compreensão acerca destes aspectos:

O medo de dividir a luta, derivado da ideia de que existe uma única luta que vale a pena e de que ela tem dono, leva a desencontros entre os diferentes movimentos de mulheres dependendo da ênfase que dão a questões de classe ou gênero. Esses desencontros, porém, são minimizados através de um conceito amplo de “igualdade de gênero” em que cabem muitas desigualdades. O diálogo, então, torna-se mais difícil porque na prática, a aparente homogeneidade dos chamões se desfaz, e o que era diferença aparece como dissidência, dando lugar a recriminações e ressentimentos. (PAULILO, 2004: p. 17)

Ao contrário, consideramos que a articulação política com outros movimentos, entidades e organizações dos movimentos de mulheres nada tem de irrefletido e que, de forma alguma, devem ser analisados como se respondessem às demandas dos movimentos mistos. Como se existisse uma espécie de tutela por parte destes em relação aos movimentos de mulheres e que, ao fim e ao cabo, respondessem às suas demandas no âmbito da disputa política mais ampla. Como exposto anteriormente, a relação entre os movimentos de mulheres e as organizações mistas são complexas, permeada por conflitos, mas também por aproximações, concordâncias e esse será um aspecto explorado em nossa pesquisa.

O que buscamos apontar pode ser sintetizado nestes pontos: *i*) a dicotomia novos/velhos movimentos nos limita na compreensão das relações entre movimentos sociais mistos, movimentos de mulheres rurais, o movimento sindical rural e demais organizações atuantes neste contexto; *ii*) para além dos discursos dos movimentos de mulheres rurais, as relações estabelecidas entre espaços de participação e representação distintos tanto quando do seu surgimento quanto de sua consolidação, conformaram concepções de política (que aqui não será tomada simplesmente como uma questão de expressão máxima da racionalidade dos indivíduos mas como uma dimensão complexa que envolve posicionamentos e experiências históricas de grupos e indivíduos) diferenciadas; *iii*) se a relação estabelecida entre movimentos autônomos e movimentos mistos envolvem uma tentativa de controle por parte dos últimos, numa tentativa de tutela tal como observam Paulillo (2004) e Carneiro (2004), devemos também observar em que medida esta noção de tutela não é influenciada por uma expectativa externa à experiência destes movimentos.

Acreditamos que, após mais de três décadas de organização, reduzir esta relação a uma subordinação dos movimentos de mulheres nos impede de perceber seus questionamentos, as tensões inerentes a essas relações e que podem configurar mudanças significativas em determinados contextos, o processo de socialização política e de adesão a formas específicas de se inserir nas disputas pela representação política das trabalhadoras rurais. Como foi apontado anteriormente, a formação do Movimento de Mulheres Camponesas em 2004 foi reivindicado como a consolidação e o amadurecimento do processo de organização das mulheres rurais nas diversas regiões do Bra-

sil, capaz de aglutinar categorias distintas por meio da identificação com a categoria “camponesa”.

63

Em trabalho de pesquisa anterior junto ao MMC, tais distinções aparecem de forma latente (BORDALO, 2005). O MMC, de abrangência nacional, possui sua sede em Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Em 2005, estive na sede para realizar entrevistas com suas lideranças e compreender mais a respeito da atuação do movimento e dos motivos da sede ser no sul do país. Quando perguntava sobre a atuação do MMC em outros estados as respostas seguiam uma mesma narrativa: a região sul ainda era a “base do movimento”.

Outra dirigente me explicava que a unificação havia sido um importante passo, mas que “o movimento tem que ficar perto da sua base, uma vez que o Sul é sem dúvida a região mais ‘avançada’ no sentido da luta, do que nas outras regiões”, sendo esse o principal motivo da secretaria ser em Passo Fundo. Outra líder do movimento me dizia que “não tem nenhum movimento no Brasil que não tenha virado MMC, só em Pernambuco que não tem, lá as mulheres são viciadas em sindicato” e que, ao contrário, o momento era o de fortalecer “o movimento” como meio de conquistas de direitos sociais.

Nesses termos, podemos, grosso modo, perceber que estes movimentos se orientam por concepções distintas de política que dizem respeito a aspectos conjunturais da disputa pela representação política dos trabalhadores rurais, mas que também nos remete ao processo histórico de organização destes trabalhadores. Por essa razão, entender quem são essas mulheres “que buscam fortalecer o movimento” em contraposição às mulheres “viciadas em sindicato”, em que pese as tradições políticas levadas à cabo tanto no Sul quanto no Nordeste do país, nos remete diretamente às formas de socialização destas.

Desse modo, podemos que o fato de se constituir como um movimento independente, não fez com que fosse possível uma articulação com a AIMTR-Sul, tampouco com o MMC. Não é o fato de considerar importante ter um espaço composto somente por mulheres para se tratar das “questões específicas das mulheres rurais” que torna possível a articulação entre os diferentes movimentos.

---

<sup>63</sup> Tal reivindicação é compartilhada tanto pelo próprio movimento quanto por autores como Paulilo (2004).

### 3. O Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste

“Ocupamos o espaço no campo sindical e hoje temos mulheres sindicalizadas, delegadas de base, dirigentes em sindicatos, federações e confederação fortalecendo assim a organização das mulheres no sindicalismo” (grifo meu, MMTR-NE, 1996)

Para compreender o surgimento do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste em 1987 é preciso compreender a gama de possibilidades postas para os movimentos independentes de mulheres rurais na década de 1980. Dada a formação de diversos movimentos de mulheres rurais tenta-se, nesse período, criar possibilidades de uma articulação mais ampla, que viabilize ação concreta para além do contexto e das demandas locais de cada estado. Assim, em 1986 é realizado o primeiro encontro nacional de mulheres em Barueri, São Paulo, apoiado pela CUT e pelo MST, com o objetivo de criar uma organização nacional das trabalhadoras rurais. Entretanto, a proposta de participação dos estados do nordeste teria surgido após a viagem de uma liderança do Movimento das Mulheres Trabalhadoras do Brejo da Paraíba para o Rio Grande do Sul.

Contudo, ao final do encontro, a formação de uma articulação nacional de movimentos de mulheres rurais foi considerada prematura pelo conjunto de movimentos que lá estavam. Limitando-se a resolução de que os movimentos deveriam concentrar esforços para a criação de redes regionais. De acordo com as considerações de Deere (2004), esse encontro foi seminal para o surgimento do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – Nordeste em 1986, e da Articulação das Instâncias das Mulheres Trabalhadoras Rurais – Sul (AIMTR – Sul), em 1988.<sup>64</sup> Ainda que não se tenha levado à cabo a proposta de uma articulação nacional, no 1º Encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, Alice Falcão, representante do MST faz um relato da luta pela reforma agrária no Rio Grande Sul. De onde podemos inferir que, em certo sentido, esse fato indicava uma possibilidade de articulação futura.

---

<sup>64</sup> Em 1995, foi criada a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR) e, mais recentemente em 2004, o Movimento de Mulheres Camponesas. Dados recentes da pesquisa mostram que a ANMTR (que não existe mais) tinha pouca representatividade nos estados do nordeste. Sua “base” eram os MMTRs dos Estados do Sul e que atualmente compõe o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)

Ao observarmos as questões presentes nos anais dos encontros do MMTR-NE, nota-se a referência constante à necessidade de sindicalização das mulheres e de formação para uma “atuação qualificada” nos sindicatos desde o primeiro encontro. Como questões principais aparecem: “campanha para esclarecer a importância de se associar, dos direitos, papel da mulher na sociedade; se capacitar politicamente para assumir cargos/ coordenações; incentivar participação e associação, troca de experiências com companheiras que já conquistaram o espaço (dirigentes sindicais); troca de experiências de lutas de sindicalização, etc.” (MMTR-NE) Entretanto, a visão sobre a importância de se associar e dos sindicatos como forma legítima de representação viria a se tornar um divisor de águas entre as articulações regionais, MMTR-NE e AIMTR-SUL, e que tem ao longo desses anos aprofundado as divergências de concepção política.

Desde o início, o MMTR-NE contou com as mesmas lideranças do MMTR-Sertão Central e não por acaso sua sede foi por de vinte anos em Serra Talhada. A formação de uma articulação regional teria dado fôlego à continuidade às atividades, ampliando as bandeiras e demandas que por dois anos foi pautada pelo MMTR-Sertão Central. As dificuldades de mobilização, organização e, sobretudo, de articulação nos e entre os estados, delegaria à Pernambuco uma espécie de direção do movimento. O fato de ter nascido do estado uma organização mais sólida, (dada a relação com a Fetape) teria contribuído para que grande parte da dinâmica do movimento seja pautada pelo cenário político de Pernambuco. Desde os primeiros momentos da formação até os dias de hoje a alternância entre MMTR-Sertão Central, MMTR-NE e Fetape é comum à trajetória de muitas lideranças como, por exemplo, Vanete, Cícera, Auxiliadora Cabral, Lúcia Lira e Margarida Pereira. Assim como é significativo que uma cópia da tese apresentada no IV Congresso da Contag componha os anais do 1º Encontro do movimento.

Com atuação nos nove estados do nordeste, o MMTR-NE possui atualmente uma capilaridade significativa de trabalhos com mulheres rurais, contando com cerca de 450 grupos de base. Cabe aqui pontuar que, mesmo nos grupos de base, não há mulheres que pertençam à outros movimentos de mulheres que não aos MMTRs de cada estado ou aos sindicatos ligados às respectivas federações. Na própria estrutura organizativa do movimento é possível identificar a influência da relação com os sindicatos seja pelo fato de que todas as dezoito dirigentes ocupam cargos nos sindicatos, ou ainda na própria estrutura do movimento que possui, além duas dirigentes e cerca de 20 sócias em cada estado. Em julho deste ano, foi realizada na Câmara de Vereadores de Caruaru uma oficina do Fórum Itinerante e Paralelo da Previdência Social, com a participação de 85 mulheres rurais do sertão do estado. Todas filiadas à sindicatos.

Todo esse entrelaçamento presente na composição do MMTR-NE nos aponta para a impossibilidade de compreender qualquer “movimento” fora de um campo de relações que fazem parte tanto do seu histórico como corresponde à uma determinada experiência social. E se atualmente podemos falar de duas grandes articulações de mulheres trabalhadoras rurais no Brasil, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste e o Movimento de Mulheres Camponesas, devemos nos perguntar quais são suas interseções e quais distinções mais profundas inviabilizam uma iniciativa que, em meados da década de 80, esboçou a proposta de uma articulação nacional de mulheres rurais. Quando em 1995 surge a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, alguns momentos pontuais uniram o MMTR-NE e a AIMTR- Sul como, por exemplo, numa massiva campanha de documentação da mulher trabalhadora rural. Entretanto, cada articulação regional possuía uma dinâmica própria de atuação e não uma mínima diretriz conjunta que retomasse o projeto anterior. Entretanto, desde o início da década de 1990 a proposta de uma única articulação sequer aparece na pauta dos movimentos e por volta de 1995 a oposição à AIMTR-Sul torna-se clara nos relatórios do MMTR-NE.

No caso específico do MMTR-NE uma questão é fundamental. Ao colocar o sindicato como espaço por excelência de representação do trabalhador rural, o trabalho desenvolvido durante esses vinte anos em nenhum momento disputou essa representação. Por mais que conflitos fossem constituintes desta relação, estes eram de outra ordem e se relacionavam, sobretudo às disputas internas à estrutura sindical, uma vez que podemos dizer que ao mesmo tempo em que o peso da demanda pela inserção das mulheres nos sindicatos sofreu variações em cada período do movimento, ela é uma presença constante até os dias atuais.

Desse modo, conclui-se que fato de se constituir como um movimento independente, não fez com que fosse possível uma articulação com a AIMTR-Sul, tampouco com o MMC. Não é o fato de considerar importante ter um espaço composto somente por mulheres para se tratar das “questões específicas das mulheres rurais” que torna possível a articulação entre os diferentes movimentos. Nesses termos, o que a análise do MMTR-NE vem demonstrar é que é na relação com o sindicalismo rural (sobretudo a partir das influências de uma federação como a Fetape) que sua ação política é dotada de sentido. Desse modo, é compreensível a realização conjunta de eventos como o 8 de março ou ainda a Marcha das Margaridas pela CONTAG e pelo MMTR-NE e a ausência do Movimento de Mulheres Camponesas, do MST e da Via Campesina. Ou seja, o MMTR-NE constituiu-se cotidianamente como parte de um campo de relações que não apenas não compartilha po-

sições políticas com outros movimentos mas que consolida os sindicatos como representação política legítima dos trabalhadores rurais.

#### 4. Considerações finais

A literatura acadêmica que se debruça sobre as ações coletivas e movimentos sociais contemporâneos apontam para os movimentos de mulheres como protagonistas de uma das mais significativas transformações sociais na redefinição de relações entre homens e mulheres. Sem dúvida, esta é uma dimensão fundamental e parte de um processo longo e de intensas mudanças das sociedades. Chama a atenção o fato de que, na análise acerca dos “movimentos de mulheres trabalhadoras rurais” presente em parte significativa da literatura, a ênfase recai sobre as noções de ‘movimento’ e de ‘mulheres rurais’. O termo ‘trabalhadora’ é subtraído sem que se pesem as consequências dessa ausência. Isto é, problematiza-se teoricamente o movimento, problematiza-se o gênero bem como as diferenças entre mulheres urbanas e rurais (sobretudo a partir da perspectiva da conquista de direitos sociais por uma e outra), desnaturaliza-se uma série de concepções para, ao final, reificar categorias sociológicas fundamentais como *trabalho* e *representação política* e, sobretudo, reifica-se o processo social onde essas categorias são dotadas de sentido sociológico.

Se, autoras como Capellin (1994, 1987) e Carneiro (1994, 1987) se dedicaram a compreender como se dera a inserção das mulheres rurais nos sindicatos e nos movimentos de luta por terra, a produção acadêmica posterior parte do próprio movimento de mulheres rurais já constituído para analisar as mudanças decorrentes da sua organização e participação política. Assim, existe uma imensa lacuna entre esse processo que compreende o engajamento das mulheres nas lutas encampadas pelo sindicalismo rural e por outros movimentos sociais e a formação dos movimentos independentes de mulheres trabalhadoras rurais. Ou seja, de um lado temos alguns poucos estudos que se dedicam a compreender os fatores relevantes para a entrada das mulheres na vida sindical e nos movimentos sociais e, de outro, temos uma gama de pesquisas que não problematizam o processo de formação destes movimentos. Estes surgem como algo dado, como se sua existência fosse auto-evidente, uma vez que geralmente é percebido como consequência necessária de uma situação de dominação e opressão por parte das mulheres rurais.

Por esse viés, perde-se todo o caminho trilhado por essas mulheres, os reais processos que conferem sentido e significado a esses movimentos em favor de uma perspectiva normativa que visa medir a eficiência destes em operar transformações significativas. Dito isto, as questões que

subjazem este artigo foram: “como pensar teórico-metodologicamente tais transformações no meio rural brasileiro? Como pensar estas mudanças sem reificar a dinâmica deste mesmo processo ou ainda sem cair no fetichismo da categoria “movimento” como se fosse possível localizar uma espécie de “epicentro” da mudança social?

O caso de Pernambuco traz um desafio que nos parece exemplar: a existência de dois “movimentos” que por mais de vinte anos se fortaleceram a partir de uma relação intensa com o sindicalismo de uma das federações mais atuantes do país, a Fetape. Ressalte-se, portanto, que neste caso, pensar em termos dicotômicos nos ajudaria pouco a compreender em que cenário essa relação se estabelece e como se nutre pelo cotidiano da vida sindical. A partir do que foi exposto até agora podemos dizer que o “fazer política” das mulheres pernambucanas estão pautadas por uma concepção de política onde o sindicato se constitui como um espaço privilegiado. Obviamente, não se trata aqui de subsumir tanto o MMTR-Sertão Central quanto MMTR-NE à história do sindicalismo em Pernambuco. Ao contrário, trata-se de chamar atenção para um determinado tipo de socialização política que de acordo com Capellin, “diz respeito às influências e aos processos que fazem com que um indivíduo se torne um sujeito político”<sup>65</sup>.

Essa relação de sentido entre movimentos de mulheres e sindicatos no caso de Pernambuco, foi aqui compreendida à partir das proposições de Norbert Elias. Atento à dinâmicas das relações sociais, Elias vai de encontro a qualquer abordagem teleológica dos processos de onde estas emergem. Portanto, podemos apontar para duas colocações. Em primeiro lugar, a experiência das mobilizações de mulheres no sertão de Pernambuco, não estavam de modo algum apartadas de uma dinâmica política mais ampla onde tanto a atuação da Fetape como a da Contag passavam por um momento de crescente instabilidade e questionamento por outros setores que surgiram com força no meio rural brasileiro. Se por um lado o discurso da “necessidade de organização da mulher no campo” extrapola fronteiras com o aparecimento de diversos grupos e organizações sob a denominação de “mulher trabalhadora rural” em quase todos os estados do país, é a disputa pela representação política dos trabalhadores rurais que acaba por imputar conotações específicas à esses movimentos em regiões como o Sul e o Nordeste do Brasil.

---

<sup>65</sup> De acordo com a autora: “A ação política e a não ação não responde somente a posição das pessoas no sistema de interesses na sociedade, nem tampouco há uma perfeita coincidência entre posição de classe e consciência política. É neste ponto que se insere a problemática da socialização política, considerada como conjunto diversificado de processos, influências e de fatores que entram a compor a adesão dos indivíduos à um sistema de regras político-sociais” (CAPELLIN, 1994:3)



E a análise, ainda que breve, de um movimento que atua a nível estadual e outro que busca ampliar suas bases para os demais estados da região são significativos quando o situamos no contexto político de surgimento dos movimentos no início da década de 1980 bem como nas propostas de uma nacionalização do movimento em meados dessa década e, ao mesmo tempo, da não viabilidade dessa proposta dados os encaminhamentos mais gerais da política agrária e do posicionamento de outros grupos, entidades e movimentos sociais nos anos que se seguiram.

Em segundo lugar, ainda que autoras como Carmem Diana Deere (2002) apontem com razão que o tema da participação das mulheres permaneça um dentre vários outros tanto no movimento sindical como nos movimentos de luta pela terra, alterações significativas vêm ocorrendo e o caso de Pernambuco demonstra vitalidade nesse sentido, apesar dos muitos obstáculos. O que em geral pode obscurecer alguns processos é a procura pela articulação coerente entre classe e gênero, preocupação que pauta alguns estudos dedicados ao tema e que, pautados pela noção de “movimentos sociais” (e da sua suposta maleabilidade e capacidade de construir “novas” relações sociais), tendem a enxergar nos sindicatos uma estrutura rígida e pouco capaz de operar grandes transformações sociais. Portanto, não se trata de apontar os “reais protagonistas da mudança” mas de colocar que os movimentos de mulheres em Pernambuco trazem uma novidade significativa na medida em que, ao mesmo tempo em que se voltam para a atuação sindical, ao longo desses anos acabaram por alterar o modo de inserção das mulheres nos sindicatos.

Assim, a atuação tanto do MMTR-Sertão Central quanto do MMTR-Ne tem ao mesmo tempo em que cria um espaço político para as mulheres rurais acabam também por fortalecer os sindicatos como via de representação política dos trabalhadores no campo, direcionando suas reivindicações por dentro e para a democratização da estrutura sindical. Portanto, essa breve reflexão buscou não lançar mão de classificações à priori apontando para as possíveis permanências tais como a forte hierarquia ou ainda o machismo presente no cotidiano sindical, como uma espécie de “mais do mesmo”. Mesmo porque o sindicalismo rural não possui nenhum privilégio nesse sentido se comparado à outros espaços da sociedade.

## 5. **Bibliografia**

ABREU E LIMA, Maria do Socorro. (2006); *As mulheres no sindicalismo rural*. In: SCOTT, Parry e CORDEIRO, Rosineide. *Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. Ed. Universitária da UFPE. Recife

\_\_\_\_\_. (2003); *Revisitando o campo: lutas, organização, contradições 1962-1987*. Tese de Doutorado em História, UFPE. Recife.

CAPPELIN, Paola. 1994. *Atrás das Práticas: o perfil das sindicalistas*. Paper apresentado no XVIII Encontro da ANPOCS. Caxambu.

\_\_\_\_\_. (1987); *Silenciosas e combativas: as contribuições das mulheres na estrutura sindical do Nordeste 1976-1986*. UFPB: Fundação Carlos Chagas, Paraíba.

CORDEIRO, Rosineide. (2006); *Empoderamento e mudança das relações de gênero: as lutas das trabalhadoras rurais no Sertão Central de Pernambuco*. In: SCOTT, Parry e CORDEIRO, Rosineide. *Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas*. Ed. Universitária da UFPE. Recife.

\_\_\_\_\_. (2004); *Além das secas e das chuvas: os usos da nomeação mulher trabalhadora rural no Sertão de Pernambuco*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP. São Paulo.

ELIAS, Norbert. (2002); *Escritos e Ensaios: Estado, Processo e Opinião Pública*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_. (1995); *Mi trayectoria intelectual*. Ediciones La península. Barcelona.

MEDEIROS, Leonilde. (1989); *História dos Movimentos Sociais no Campo*. FASE, Rio de Janeiro.

NAVARRO, Zander. (org) (1996); *Política, protesto e cidadania no campo: as lutas sociais dos colonos e trabalhadores rurais no Rio Grande do Sul*. Editora da UFRGS. Porto Alegre.

PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio. (1997); *Debates Econômicos, Processos Sociais e Lutas Políticas: reflexão sobre a questão agrária*, Debates CPDA Nº 1. Rio de Janeiro.

PANDOLFI, Maria Lia. (1986); *Na margem do lago: um estudo sobre o sindicalismo rural*. Dissertação de mestrado, UFPE. Recife.

PAULILO, Maria Ignez Paulilo. (2000); *Movimento de Mulheres agricultoras: terra e matrimônio*. PPGSP/UFSC, Cadernos de Pesquisa, nº. 21, Junho. Florianópolis.

\_\_\_\_\_.(2004); *Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise*. Estudos Feministas, 12(1): 360, janeiro-abril/. Florianópolis.

\_\_\_\_\_.(2007); PAULILO, Maria Ignez. *Movimentos de mulheres agricultoras e empoderamento no Brasil*.. Mimeo.

\_\_\_\_\_. (2009); *Trabalho doméstico: reflexões a partir de Polanyi e Arendt*. Mimeo.

REIS, Elisa. 1998. *Processos e escolhas: estudos de Sociologia Política*. Contracapa. Rio de Janeiro.

SALES, Celecina de Maria Veras. (2007); *Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos*. Estudos Feministas, 15(2): 240, maio-agosto. Florianópolis.

SALVARO, Giovana Ilka. (2010); LAGO, Mara Coelho de S. WOLFF, Cristina S. *Mulheres agricultoras e mulheres camponesas: lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades*.: Psicologia & Sociedade, 25(1), 79-89. Florianópolis.

SANTOS, Roselí Alves. (1991); *A participação política das mulheres agricultoras nas organizações populares e sindicais no sudoeste do Paraná*. Geo UERJ - Ano 12, nº. 21, v. 2, 2º semestre de 2010. Rio de Janeiro.

SCOTT, Joan. *Gênero, uma categoria útil para análise histórica*. mimeo. Recife.

## **Fluxos e experiências de trabalhadores no transporte não regulamentado de café na fronteira Brasil-Paraguai (1960)**

Cíntia Fiorotti<sup>66</sup>

**Resumo:** Neste texto buscamos compreender como os trabalhadores envolvidos no comércio e/ou transporte não regulamentado de café na fronteira Brasil-Paraguai interpretam e lidam com as legislações e fiscalizações sobre "contrabando" ao serem apreendidos e acusados desta prática. Para tanto, selecionamos um auto criminal catalogado e arquivado como "crime de contrabando" entre os autos pesquisados no Fundo Documental do Fórum da Comarca de Toledo (1954 a 1980)<sup>67</sup>, sobre os cuidados do Núcleo de Documentação e Pesquisa - NDP, no Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS, Unioeste, Campus de Toledo-PR. Este auto criminal trouxe registros das falas dos apreensores, promotores, juízes, advogados e dos trabalhadores apreendidos sobre a prática do transporte e/ou comercialização de mercadorias não regulamentadas na fronteira em parte da Região Oeste do Paraná com o Leste do departamento de Canindeyú/Paraguai.

### **Apresentação:**

No Fundo Documental do Fórum da Comarca de Toledo, catalogado entre 1954 a 1980, encontramos quatorze autos criminais sobre contrabando de café entre os anos de 1961 e 1966 e, neste mesmo período, apenas um auto criminal de contrabando de alimentos e combustível. Depois de 1966 a 1980, há apenas o registro de um auto criminal em 1972 catalogado como contrabando de madeira, em que seu conteúdo principal traz a denúncia de extração ilegal de madeira.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Professora de história pela SEED-PR/BR. Doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia-MG/BR, na linha de pesquisa "Trabalho e Movimentos Sociais". E-mail: cintiafiorotti@hotmail.com

<sup>67</sup> Neste período respondiam na Comarca de Toledo diversos autos cíveis e criminais de vários municípios e distritos rurais próximos a Toledo-PR, entre estes, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Porto Mendes, Santa Helena, São Pedro, Palotina, Assis Chateaubriand, Terra Roxa do Oeste, Nova Santa Rosa e Ouro Verde. Pesquisa realizada a partir de 16 autos criminais catalogados como "crime de contrabando". In.: BOSI, Antônio (org.). **Catálogo da Coleção dos Autos Criminais da Comarca de Toledo (1954-1980)**. 1º ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

<sup>68</sup> Sobre isto, autores como Alfredo da Mota Menezes, nos ajudam a compreender como a extração de madeira nesta região de fronteira, acontecia com a extração em terras no Paraguai, sendo trazidas "ilegalmente" para madeireiras em cidades que fazem divisa com o Brasil. De modo geral, quando necessário, estas madeireiras conseguiam alegar para a fiscalização brasileira que as mesmas haviam sido retiradas legalmente de áreas de terras brasileiras, onde não havia muito controle sobre a quantidade possível de ser extraída numa determinada área e o tempo de reflorestamento da mesma. In.: MENEZES, Alfredo da Mota. **A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955- 1980**. Campinas (SP) :

Dentre a leitura destes registros, foi escolhido um auto criminal, por permitir a compreensão de como os trabalhadores lidavam com a Lei usada pelos representantes do Estado na acusação de contrabando. Isto permitiu compreender como as interpretações e as subjetividades registradas e expressas nos testemunhos e pareceres dos autos criminais trazem indícios de como parte dos sujeitos envolvidos no transporte não regulamentado de mercadorias entre os dois países, que viviam e trabalhavam nesta região de fronteira, compreendiam e orientavam seus modos de vida lidando com os limites entre o “legal” e “ilegal”.

### **Trabalhadores e a fiscalização na fronteira em 1960:**

As acusações de "contrabando de café" presentes nos autos criminais, eram feitas até 1970 com base no Artigo 334<sup>69</sup> do Código Penal Brasileiro - CPB. Junto a estas acusações, combinava-se a Resolução no. 259 do Instituto Brasileiro de Café - IBC, onde é indicado que "não pode ser transportado (Café) a porto marítimo ou a fronteira sem a necessária guia de exportação emitida pelo próprio instituto".<sup>70</sup> Ao longo das leituras dos autos criminais descritos como "crime de contrabando" entre 1960 e 1970 da Comarca de Toledo-PR, observamos nas referências às acusações de “contrabando” algumas diferenças entre as interpretações feitas pelos responsáveis pelas apreensões, as denúncias dos promotores públicos e as avaliações dos juízes de direito.

Sobre isto, o Auto Criminal de apreensão do dia 28 de dezembro de 1961 traz interpretações sobre o contrabando e suas respectivas caracterizações amparadas, entre outros, na compreensão legal de "zona fiscal" de fronteira entre os anos de 1960 e 1970.<sup>71</sup> Este evento ocorreu du-

---

Papirus, 1987. (Obra resultante de uma pesquisa de doutorado em história pelos Centro de Estudos Latino-Americano da Tulane University-USA).

<sup>69</sup> Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940, define no mesmo no Artigo 334, as práticas de contrabando e descaminho como: "[...] importar ou exportar mercadoria proibida ou iludir, no todo ou em parte, o pagamento de direito ou imposto devido pela entrada, pela saída ou pelo consumo de mercadoria [...]" A maioria dos autos criminais combinam a acusação do artigo que define contrabando com o Artigo 12, inciso II e, às vezes, com o Artigo 25, ambos do Código Penal Brasileiro – CPB.

<sup>70</sup> Auto criminal de 1964. Acervo NDP: 553/50, folha nº. 72. Julgamento de *Altair*. (Juiz de Direito) 12 de outubro de 1970. As resoluções do IBC sobre normas do transporte de café na fronteira citadas nos autos criminais foram pesquisadas na íntegra com consulta ao Fundo do IBC da Biblioteca Nacional.

<sup>71</sup> Até 1966, não havia a diferenciação entre “zona primária” e “zona secundária” de fronteira ainda utilizada nas definições atuais que será trazida ao longo do texto.

rante a madrugada na localidade do Porto Britânia e nas proximidades do Rio São Francisco (verdadeiro), município de Marechal C. Rondon.<sup>72</sup> Refere-se a apreensão de 90 sacas de café e 8 homens, com faixa etária entre 17 e 54 anos. Três deles declararam-se agricultores, dois lavradores, um comerciante, um proprietário do sítio e industrial e um carpinteiro, sendo este último de nacionalidade argentina.

Com base nos recorrentes aspectos das versões dos testemunhos dos acusados, o transporte do café até as proximidades do Rio Paraná, onde seria encaminhado para o Paraguai, mobilizou todo um conjunto de trabalhadores e divisão de tarefas. Depois de a mercadoria chegar ao Porto Britânia, ocorreu o descarregamento do caminhão, armazenagem do café no sítio, carregamento das sacas em uma carroça até a barranca do rio São Francisco, descarregamento na barranca, travessia do café com uma canoa até a outra margem deste mesmo rio, sendo esta a última etapa até o momento da interrupção pelos policiais.

Os relatórios de 1962, do delegado regional de polícia, assim como os testemunhos de um sargento do exército e de três policiais militares estaduais que realizaram as apreensões deste auto, acusam em comum os apreendidos de "[...] estarem fazendo contrabando de café para a república vizinha".<sup>73</sup> Para eles, o lugar onde o café transitava e as práticas do transporte durante a madrugada evidenciavam tal crime. Assim, novamente um destes policiais, em 1966, em resposta ao inquérito, afirma "[...] que costumeiramente elementos do destacamento da polícia militar local saíam pelas imediações de Toledo, as vezes seguindo até as proximidades do Porto Britânia, a procura de contrabandistas de café e outros produtos, visto como naquela região são frequentes os contraban-

---

<sup>72</sup> O Rio São Francisco (verdadeiro) e também o Rio São Francisco (falso), localizados em Entre Rios, nas proximidades de Santa Helena-PR, são mencionados como parte dos trajetos até chegar às margens necessárias para atravessar a fronteira utilizando portos existentes na Costa Oeste do Paraná. Muitos dos municípios e portos citados nos autos de apreensão ficavam localizados na antiga chamada "Fazenda Britânia" da "Compañia de Maderas del Alto Paraná", sediada na Argentina, parte de uma companhia inglesa "The Alto Paraná Development Company Ltd", "comprada" em 1946 pela "Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná"-MARIPÁ, que encampou um projeto privado e especulativo de revenda de terras em colônias de 25 hectares a 10 alqueires. Os registros do início desta empresa conhecida popularmente por Fazenda Britânia são de 1905, realizando a "produção", extração e comercialização de erva-mate e madeira, utilizando também força de trabalho indígena tanto do lado brasileiro como do paraguaio. Sua extensão era de aproximadamente de 274.752,846 hectares, passando na fronteira entre a foz do Rio Guaçu até a foz do Rio São Francisco Falso. Parte dos portos deixados pelo comércio regulamentado ou não feito por esta empresa foi ganhando outras utilidades ao longo do século XX, como o "contrabando" de café e o transito de pessoas e outros produtos. Consulta as obras de: KOLLING, Paulo. **Sociedade e Política em Marechal Cândido Rondon**. Tempos históricos. Vol. 10, 1º sem/2007 (p.351-367)./ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, Mensus e Colonos- historia do oeste paranaense**. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

<sup>73</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52.

distas[...] ".<sup>74</sup> A denúncia do Ministério Público em 1966 é tratar todos os acusados como praticantes de "contrabando de café para o Paraguai".<sup>75</sup>

Nos autos criminais foi recorrente uma linguagem comum de representantes do estado agindo na fiscalização em tratar popularmente e registrar acusações de "Crime de Contrabando" a toda abordagem feita ao transporte de café sem a guia de autorização do IBC e nota fiscal do produto na então compreendida "zona fiscal" de fronteira. Quando se iniciavam os inquéritos policiais e vinham os pareceres do Ministério Público, praticamente todos os promotores e delegados compreendiam e denunciavam a maioria dos acusados nestas apreensões por "crime de contrabando". Já nos julgamentos dos juízes, a interpretação específica da lei sobre cada caso fazia com que muitas destas acusações, também amparadas no Art. 334 do CPB e na definição de "zona fiscal", passassem a serem tratadas judicialmente como "tentativa de contrabando". A leitura e parecer da sentença em 1970, ainda ressalta que:

Referindo-se a Lei Penal em "importar ou exportar mercadoria proibida ou sem o pagamento de direito ou imposto", quer dizer que todo tráfico de mercadoria sem atendimento às normas estabelecidas pelo fisco, no interior da "zona fiscal", constitui infração do artigo 334, do C.P. Em relação ao café, notadamente, vigem as disposições constantes da Resolução nº 259, do I.B.C., no sentido de que é vedado seu transporte sem a guia de exportação fornecida pelo próprio Instituto.

Ora Se no caso dos autos está provado que o café beneficiado figurante do auto de apreensão de fls. 6, foi encontrado, parte na barranca do Rio São Francisco, parte num depósito, situado à beira do Rio Paraná, tudo no interior da "zona fiscal", evidenciando-se que, segundo consta dos autos, o produto não se achava acobertado por guia de exportação.

[...] "Se a mercadoria é apreendida dentro da zona fiscal, há tentativa e, se transportada para além dos limites da zona fiscal, há crime consumado." Decorre daí que, sendo as 90 sacas apreendidas no interior da zona fiscal, parte na barra do

---

<sup>74</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961 - Contrabando Café Porto Britânia. Acervo NDP: 572/52. Folha nº. 72. Testemunho de *Gilmar*, soldado da PM, Toledo, 05 de abril de 1966. *Obs.: Os nomes citados em itálico são pseudônimos, substituídos por nomes da seleção brasileira de futebol de 1966.*

<sup>75</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52. Denúncia feita por *Lima*, promotor público em 9 de novembro de 1966.

São Francisco, parte num depósito do Porto Britânia, os acusados não conjugaram o verbo núcleo da infração penal - "exportar", por circunstâncias alheias às suas vontades, eis que, foram pilhados pela polícia no momento em que tomavam as providências para transpor a zona fiscal, vadeando parte das bolsas de café de uma para outra margem do Rio São Francisco, que aliás, não é o curso fluvial divisório Brasil-Paraguai, que tem o Rio Paraná sua fronteira natural.

Deste modo, contrariamente ao que propõe a denúncia, o café não transpôs a zona fiscal, nem chegou a ser, qualquer das sacas, conduzida à vizinha República.

Inicialmente, tenho por desclassificada a denúncia da fl. 2 (*Na denúncia feita pelo promotor público consta "o crime de passar as sacas para o Paraguai", - art. 25*), para admitir apenas, contrabando tentado - art. 334, comb. com o art. 12, nº II.<sup>76</sup>

O Juiz responsável pelo texto, *Altair*, atuou de dezembro de 1964 a dezembro de 1970 na Comarca de Toledo, sendo identificados seus pareceres em cerca de oito autos criminais referentes a contrabando no Fundo da Comarca no NDP.<sup>77</sup> Nos pareceres escritos em 1970, sempre há a preocupação de *Altair* em definir sua interpretação da caracterização de "zona fiscal" e "crime de contrabando", criando como recurso a definição de "contrabando consumado" e "contrabando tentado" para contrapor as acusações feitas pelo ministério público, pela polícia e militares do exército.

Entre 1960 e 1970, observamos como a leitura sobre a interpretação das normas que regem o contrabando não é homogênea por parte daqueles que atuam como representantes do Estado. Há por parte de policias sempre o recorrente reconhecimento de "zona fiscal", como um lugar onde, uma mercadoria considerada como produto de contrabando, é encontrada, apreendida e julgada como tal mesmo sem a exportação ter sido efetivada ou ter chego próximo aos portos. São ações orientadas pelo próprio Estado, criando normas e regulamentos específicos sobre um determinado tipo de mercadoria com maior circulação no mercado, impulsionando a fiscalização e a criminalização sobre determinadas práticas por meio da atuação destes policiais e militares do exército. O

---

<sup>76</sup> Auto Criminal 28 de dezembro de 1961 - Contrabando de Café no Porto Britânia. Acervo NDP: 572/52. Folha nº. 105 a 107. Julgamento *Altair*. (Juiz de direito) em 9 de outubro de 1970. Obs.: conteúdo em itálico e parênteses acrescentado pela autora.

<sup>77</sup> Há apenas 3 pareceres de juizes antes de 1966, sendo os demais pareceres e arquivamentos constando deste ano até 1974.



café como parte de uma mercadoria com representação significativa na economia brasileira, ao ter um alto fluxo de exportação irregular, fazia com que o Estado perdesse com a arrecadação dos devidos impostos.<sup>78</sup>

Embora exista nos pareceres do Juiz *Altair* o reconhecimento de que os denunciados não estavam transpondo a fronteira com o café, quando confirmada a intenção de contrabando, os acusados também eram criminalizados ao serem julgados por “contrabando tentado” com base no Art. 334. Para os trabalhadores, esta diferenciação entre serem denunciados por “crime de contrabando” e ser julgados por “tentativa de contrabando”, significava o cumprimento de uma pena cerca de quatro meses menor de que a aplicada quando a travessia não regulamentada da mercadoria pela fronteira era confirmada como “contrabando consumado”.

Nos relatos dos acusados neste processo, observamos certo conhecimento dos trabalhadores apreendidos sobre algumas das características definidoras da prática de contrabando. No primeiro testemunho do acusado "Gilmar"<sup>79</sup>, 45 anos, carpinteiro, natural de Posadas/AR, analfabeto, solteiro e residente em Rio Branco, Marechal Cândido Rondon-PR, coletado em janeiro de 1962, o policial escrivão descreve a fala dele:

estava dormindo quando chegou a aproximadamente as 23:00 horas o Sr. "Djalma", e lhe chamou para que levantasse, e disse que tinha uma carga para o declarante levar para o lado de lá de São Francisco que lhe pagaria bem, com estas propostas o declarante juntamente a "Nilton" foram esperar na barranca do Rios São Francisco, e lá chegando esperaram que chegasse a carroça com o Café, e o declarante passou 29 sacas de café em uma canoa, e depois viram que chegou gente ao local, vendo que não era companheiro correram para o mato e vieram para sua casa.<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> IBGE. Estatísticas do século XX. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/29092003estatisticasecxxhtml.shtm>. Acesso em: maio de 2014.

<sup>79</sup> Obs.: Os nomes dos acusados foram substituídos por pseudônimos, usando nomes de jogadores de futebol da seleção brasileira de 1962.

<sup>80</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52. Interrogatório feito à "Gilmar" em 04 de janeiro de 1962. Folha 47. Na leitura deste auto criminal observamos como há a peculiaridade dos primeiros testemunhos dos apreendidos serem coletados quase uma semana após a prisão em flagrante. O citado "Nilton", 54 anos, natural de Ponta-Porã MS, solteiro, agricultor, primário incompleto, residente em Porto Britânia, Marechal Cândido Rondon-PR,

Dentro das possibilidades encontradas por "Gilmar" ao prestar o primeiro testemunho, o mesmo procurou construir sua fala articulando os questionamentos feitos pelos apreensores à tentativa de legitimar como interpretava seu ato e qual significado o atribuía. Ao construir sua versão, busca marcar o lugar social de onde fala, enquanto trabalhador, morador nas redondezas do sítio e que, mesmo já estando em seu horário de descanso, apenas aceitava uma ordem para realizar mais um trabalho no sítio ao qual ele costumava prestar serviços. Ainda, para legitimar seu ato argumenta que *“um dinheiro a mais seria bem vindo”*. "Gilmar" busca deixar implicitamente que não vivia daquela ocupação, mas que sua principal renda provinha de sua profissão. Assim, joga com os valores em torno da construção social do “bom trabalhador”, que neste caso teria um ofício e que não recusava trabalho braçal, mesmo fora de horário, pois precisa trabalhar para prover renda.

Quando usa a “presença de estranhos” para justificar sua fuga e não expressa qualquer referência à presença da polícia, deixa por entender nas entrelinhas do registro do testemunho como ele e seu companheiro não temiam a presença da polícia, porque em sua defesa precisa indicar como eles não estavam a transgredir a Lei ao realizar o trabalho pelo qual foram contratados.

Os trabalhadores envolvidos nas funções de carregadores no transporte não regulamentado de café para o Paraguai, que possuíam conhecimento sobre as implicações das acusações por tal prática, buscavam fugir do local para não serem presos em flagrante. A fuga era uma das tentativas e estratégias para se defenderem, pois significava, entre outros, evitar as acusações, a identificação, o sofrimento de coerções por parte dos apreensores no momento da prisão em flagrante e de terem maiores possibilidades de responder ao inquérito policial em liberdade.

No primeiro testemunho de 1961, "Gilmar" busca indicar a legalidade de seu trabalho na travessia do café, ao deixar registrado que o trajeto feito por ele e seu companheiro era apenas de uma margem para outra do Rio São Francisco. Ainda, no segundo testemunho coletado em dezembro de 1963 pelos investigadores da polícia, após mais de um ano da apreensão, "Gilmar", ao responder ao inquérito policial, recorreu novamente ao conhecimento adquirido sobre a definição de fronteira nacional e a Lei que caracteriza contrabando, para argumentar como, de acordo com a Lei, o trabalho realizado não era ilegal. Afirmou que, "[...] encontrava-se na canoa no Rio São

---

declarou-se como funcionário do dono do sítio e indicou ser contratado para passar café, também pelo Sr. "Djalma". Este último será trazido no decorrer do texto. Na leitura deste auto criminal observamos como há a peculiaridade dos primeiros testemunhos dos apreendidos serem coletados quase uma semana após a prisão em flagrante.

Francisco puxando café, tendo conhecimento da infração pela qual estava sendo acusado", mas que o lugar onde estava atravessando o café para o outro lado do Rio, ainda não era Paraguai, "[...] pois a Fronteira com o Paraguai fica além do Rio Paraná, e o café que o depoente passou ficou em território brasileiro".<sup>81</sup>

Assim como o trabalhador apreendido, muitos dos acusados recorrem à própria Lei utilizada pelos apreensores ao criminalizá-lo para argumentar a legalidade do seu ato. O momento do testemunho é reconhecido como um espaço também utilizado pelos trabalhadores para construir com base nas próprias acusações ora a legalidade e ora a legitimidade de suas ações. Fazem isto, jogando com as possibilidades de fazer uso das próprias definições legais em seu favor.

Na sequência do testemunho de "Gilmar" coletado para o inquérito, percebemos a tensão que emerge naquele espaço da coleta de um novo depoimento entre sujeitos que se reconhecem socialmente de formas diferentes: acusado e apreensor. O escrivão segue com a descrição da fala de "Gilmar", afirmando que o mesmo mencionou que "apenas algum café foi passado com a canoa até aparecer a polícia e acabar com a alegria".<sup>82</sup> Neste registro de uma expressão espontânea e informal, surge a impressão de que o policial responsável por datilografar o testemunho, também intervém no registro da fala, buscando explorar como o "contrabando de café" era entendido como um dinheiro vindo facilmente, sem esforço ou muito trabalho para aqueles que o aceitavam. Da mesma forma, o escrivão usa este espaço e condição que ocupa para reafirmar o poder da polícia em manter a ordem social ao impedir a concretização de práticas ilegais e fora dos padrões de trabalhos comumente aceitos socialmente.

Os relatos dos trabalhadores presentes nos autos criminais pesquisados nos levam a perceber como muitos deles já estavam familiarizados com a presença da fiscalização sobre a prática de transportar café não regulamentado para o Paraguai e as consequências legais da mesma. Ao longo das entrevistas construídas com moradores que viveram em Guaíra nas décadas entre 1940 e 1970, foi comum fazerem referências à presença constante do exército e da polícia militar em patrulha-

---

<sup>81</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52. Interrogatório feito à "Gilmar" em 16 de dezembro de 1963. Folha 47.

<sup>82</sup> Idem.

mentos destinados ao combate ao contrabando. Um dos moradores entrevistados, *Jairzinho*, tentou mostrar seu conhecimento ao ser questionado sobre como era o comércio na fronteira,

[...] Houve aqui em 1956 o contrabando de café. [...] O exército que tentava cuidar [...] Passava em balsa, passava pelo rio, ali onde tem o rio, onde tem uma casinha abandonada, ali era um porto. Eles faziam balsa, pegava os tambores vazios de gasolina de uns 200 litros e daí eles soldavam a tampa e soldava tudo e largava na água e em cima punha madeira e amarrava e em cima colocava o contrabando, passavam lá por cima, vai assim e depois entra dentro de uma ilha perto da costa do Paraguai, pra cima de onde hoje é a ponte Airton Senna, aí pegava um pedaço do rio na divisa com o Mato Grosso do Sul, ia pelo rio, porque ali não tinha nada, não tinha porto era só mato ali. Tinha gente que trazia muita saca de café de Maringá e Londrina, daquela região e o quartel cuidava.<sup>83</sup>

A descrição feita pelo entrevistado nos leva a pensar em como as apreensões de “contrabando de café” era algo presente nos assuntos cotidianos de muitas pessoas que viviam na fronteira neste período. Independente da rota e do transporte descritos por ele serem possíveis ou não, sua fala traz indícios de como alguns moradores possuíam conhecimento a respeito da presença do contrabando de café, fosse ouvindo a respeito das apreensões ou por presenciarem esta prática na fronteira. A repressão e divulgação das apreensões, também surgiam como uma tentativa de disciplinar a população local sobre as práticas que deveriam ou não ser aceitas socialmente.

Em um dos testemunhos colhidos no mesmo auto criminal de 1961, "Zito", 24 anos, agricultor, natural de Joaçaba-SC, escolarizado até o terceiro ano primário, casado, residente em Porto Britânia, Marechal Cândido Rondon-PR e funcionário contratado sazonalmente pelo proprietário do sítio, alega ter perguntado ao seu contratante no dia em que combinou o serviço e o valor "*se não dava galho*" trabalhar transportando o café numa carroça até a margem do rio sentido Paraguai. De acordo com a transcrição de seu depoimento, ele disse ter aceitado a proposta ao ouvir resposta negativa, sabendo apenas “[...] quando se achava à margem do São Francisco, "Djalma"

---

<sup>83</sup> *Jairzinho*, 91 anos, nacionalidade brasileira, residente em Guaíra e aposentado pelo IBGE. Entrevista gravada em agosto de 2013.

explicou que o café seria contrabandeado, mas nesta altura o interrogado já havia trabalhado e continuou até que foram surpreendidos com a chegada da polícia”.<sup>84</sup>

Embora seu depoimento traga a confirmação na participação da acusação de “tentativa de contrabando”, “Zito” procura legitimar seu envolvimento expondo a preocupação tida em confirmar a legalidade de seu trabalho, antes de aceitá-lo. Por este caminho, visa construir sua defesa demonstrando conhecimento prévio sobre as práticas criminalizadas na região onde moravam e possuir valores morais que o permitiriam recusar a proposta, caso soubesse tratar-se de contrabando. No momento do testemunho, ele recorre aos valores construídos em torno do trabalho dentro de uma sociedade capitalista, ao afirma-se enquanto trabalhador e honesto perante as acusações feitas por militares do exército e policiais.

Conforme observado nos testemunhos deste auto criminal, os acusados fazem referências à “Djalma” como o principal mentor da tentativa de transportar o café não regulamentado. “Djalma”, 25 anos, natural de Erechim-RS, lavrador e comerciante de erva-mate, solteiro, residente em Cascavel-PR, teve seu depoimento coletado em mesma data do auto de prisão em flagrante junto aos demais ouvidos, mesmo ele tendo fugido do local no dia da apreensão feita pelos policiais militares. Ao ser interrogado, disse saber que o contrabando de sacas de café era crime, “[...] tendo o cuidado, quanto ao trânsito das mesmas em cobri-las com sacos de erva mate”.<sup>85</sup>

Portanto, o conhecimento sobre a presença constante de fiscalização fazia com que os trabalhadores lidassem com isto, tentando criar táticas para burlá-la. Recorrer ao uso de produtos, também agrícolas, em uma região onde predominava a economia rural, mas que não eram mercadorias visadas pela fiscalização naquele momento, era uma das formas encontradas para burlar o controle da entrada e saída não regulamentada de café.

A descrição contida no testemunho de “Djalma” é a única a incriminar diretamente o proprietário do sítio. Este primeiro não foi ouvido novamente no inquérito policial por não ter sido encontrado. O registro do testemunho de “Djalma” informa que ele costumava fazer fretes para o

---

<sup>84</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52. Interrogatório feito à “Zito” em 16 de dezembro de 1963. Folha 42.

<sup>85</sup> Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52. Auto de declaração, interrogatório feito a “Djalma” em 2 de fevereiro de 1962. Folha 18.

dono do sítio onde foi encontrado o café, o Sr. "Didi", 51 anos, natural de Veranópolis-RS, analfabeto, casado, industrial, residente em Porto Britânia, Marechal Cândido Rondon-PR, produtor e fornecedor de erva mate para a Cia Maripá. De acordo com a leitura do testemunho de "Djalma", este proprietário do sítio é que o teria instigado a praticar este tipo de frete, convencendo-o da possibilidade de concretização e de ganhos maiores que os obtidos com frete de erva-mate. O frete de café teria sido combinado por "Djalma" com um proprietário da mercadoria da cidade de Campo Mourão-PR e com o Sr. "Didi". Ele havia pego a mercadoria em Cascavel e levado ao sítio deste último no Porto Britânia. "Djalma" revelou ter acordado a divisão do valor de quarenta e cinco mil cruzeiros com o proprietário do sítio, devido à facilidade da localidade em armazenar o café em sua propriedade até ser passado para o outro país. Conforme testemunho de "Djalma", ele havia combinado com Sr. "Didi" deste ser o responsável por estocar e atravessar o café para o Paraguai.

Embora o envolvimento do proprietário do sítio e industrial tenha sido denunciado por um dos apreendidos, todos os demais que dependiam da contratação sazonal e/ou permanente por parte do industrial para o trabalho rural, deram testemunhos indicando a responsabilidade ao crime pelo qual estavam sendo acusados à "Djalma" e fizeram questão de indicar nos testemunhos colhidos no inquérito a inocência do Sr. "Didi". Este último foi o único entre os denunciados a ser absolvido das acusações de "tentativa de contrabando" após o julgamento do processo. Comparado aos demais acusados, a posição social do Sr. "Didi" era privilegiada, numa região com uma economia predominante rural, onde muitos dos trabalhadores possuíam apenas a possibilidade de venda de sua força de trabalho no campo e nas atividades geradas neste meio para garantirem sua sobrevivência. Sr. "Didi" parece ter feito uso disto para construir junto aos demais acusados uma versão que o favorecesse perante as acusações.<sup>86</sup>

---

<sup>86</sup> Entre os acusados, "Djalma" foi considerado o mentor do crime, foi condenado a 18 meses, baixando para 1 ano de reclusão. Já "Zito", foi considerado ajudante no carregamento do café numa carroça até a barranca; "Nilton", "Gilmar", responsáveis pela travessia do café no Rio São Francisco, condenados a um ano, baixando para 8 meses de reclusão. Outros dois, menores de 21 anos, sexo masculino, fugiram do local, sendo condenados a 15 meses, podendo cumprir 10 meses de reclusão. Sr. "Didi", proprietário do sítio onde o café foi encontrado, foi o único absolvido alegando e, tendo no seu parecer final, a justificativa de sempre ter sido isentado de culpa nos testemunhos de todos os apreendidos. Embora o juiz tenha condenado a todos por prática de contrabando "incursos no art. 334, combinado com o art. 12, nº II e artigo 25", ele decretou a extinção da punibilidade pela primeira denúncia ter sido feita em 1963 e prescrito até a data do julgamento em 9 de outubro de 1970. Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52.

### **Considerações parciais:**

Assim, observamos com esta pesquisa que os moradores envolvidos com atividades geradas pelo comércio de mercadorias na fronteira lidam com a construção de valores morais sobre suas práticas e o lugar de trabalho. No processo de elaboração destes olhares sobre as relações que envolvem o trabalho na fronteira, fizeram-se presentes os conflitos e práticas de diversos sujeitos entre eles moradores, trabalhadores, fiscais, militares do exército, policiais, promotores e juízes.

A princípio, observamos com a leitura destas fontes, como o transporte não regulamentado de café para o Paraguai, fazia-se como uma atividade que envolveu alguns trabalhadores, entre eles, rurais e moradores desta região, que buscavam uma forma de conseguir uma renda acima da alcançada nos tipos de trabalho com os quais eles estavam acostumados a se envolverem diariamente. Tratavam-se de trabalhadores braçais e com baixo poder aquisitivo, sendo, em sua maioria, mobilizados por pessoas com alto poder aquisitivo, para praticar tal atividade. Entretanto, o envolvimento destes trabalhadores apreendidos, exercendo alguma atividade acerca do transporte não regulamentado de café, não era avaliado somente a partir da renda oferecida, mas era ponderado com base em suas trajetórias de vida, em valores morais, costumes e a própria repressão praticada pelo Estado na tentativa de criminalizar esta atividade.

As fontes pesquisadas, principalmente os autos criminais nos permitiram compreender, nas versões trazidas pelos trabalhadores, como muitos deles compreendiam e lidavam com o trabalho e as atividades que envolviam o comércio de mercadoria na fronteira. Tendo em vista que não conseguimos entrevistas com trabalhadores envolvidos no transporte de mercadorias nesta fronteira na década de 1960, o acesso a estes autos criminais foram importantes por guardar estes registros.

Ao lidar com estes autos criminais sobre contrabando, observamos como fica explícita a tensão entre os acusados e os apreensores e, em alguns momentos, entre estes últimos e os juízes. As leituras diferenciadas entre representantes do Estado que atuam nesta região indicam como a vivência local, combinada entre outros elementos, à experiência de trabalho nestes espaços permitem a construção de visões que não são sempre homogêneas ou que são somente a pura expressão das normas estabelecidas pelo Estado.

Ainda, cada um busca construir uma versão, na qual as informações são elaboradas e organizadas tentando levar o leitor a um determinado tipo de interpretação. Por isso, como chamou

atenção Sidney Chalhoub, a pesquisa não é para identificar qual versão representa o que realmente se passou, "[...] e sim tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diferentes agentes sociais envolvidos apresentam para cada caso".<sup>87</sup>

Contudo, ao lidarmos com autos criminais, devemos ter em mente que o registro das falas dos trabalhadores é realizado por policiais e/ou escrivães que antes de datilografar os mesmos, interpretam e buscam seguir um padrão de forma e ordem no qual os testemunhos devem ser registrados. Estes, por vezes, acabam interferindo em muitas das falas dos trabalhadores, não podendo as mesmas serem tomadas somente como a pura e simples interpretação destes últimos. Tal tensão é observada também como um problema a ser refletido pelo pesquisador. Além disso, como nos leva a refletir Rinaldo José Varussa, o trabalhador utiliza o espaço do testemunho como um meio de construir sua legitimidade perante as acusações com base em outras referências além das definidas em lei.<sup>88</sup>

### **Bibliografia:**

BOSI, Antônio (org.). **Catálogo da Coleção dos Autos Criminais da Comarca de Toledo (1954-1980)**. 1º ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003. Auto Criminal de 28 de dezembro de 1961. Acervo NDP: 572/52.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

---

<sup>87</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986. O autor estudou o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro no início do século XX, utilizando diversas fontes, tais como, manuscritos de processos criminais de homicídios entre os anos de 1898 a 1911, legislações e jornais da época. Utilizou as diferenças de versões presentes em autos criminais, para revelar a visão sobre o que a sociedade da época buscava construir como uma conduta adequada e ao que os trabalhadores acusados recorriam para legitimar seus atos.

<sup>88</sup> VARUSSA, Rinaldo José. **Processos trabalhistas e a construção de Relações Fabris**. Revista História, nº21. SP: Edunesp, 2002. Neste texto o autor analisa, dentre outras fontes, as ações trabalhistas entre as décadas de 1950 e 1960 buscando discutir a experiência dos trabalhadores no processo de industrialização em Jundiaí-SP. Os autos criminais mesmo com sua estrutura e escrita formal jurídica, são tratados como uma fonte que permitem compreender a interpretação de diferentes grupos sociais, trazendo a luta de classes, na medida em que revelam as tentativas dos trabalhadores denunciarem as condições de trabalho e usarem da lei para tentar compensar as perdas.



KOLLING, Paulo. **Sociedade e Política em Marechal Cândido Rondon**. Tempos históricos. Vol. 10, 1º sem/2007 (p.351-367).

VARUSSA, Rinaldo José. **Processos trabalhistas e a construção de Relações Fabris**. Revista História, nº21. SP: Edunesp, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obrageros, Mensus e Colonos- historia do oeste paranaense**. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

**Deslizes do movimento sindical brasileiro e repercussões para classe trabalhadora: o caso dos profissionais secretários e secretários executivos**

**Slippery brazilian trade union movement and impact in the working class: the case of professional secretaries and executive secretaries**

Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz<sup>89</sup>

**Resumo:** O Movimento Sindical brasileiro, desde o final do século XX, vive uma crise de identidade, ocasionada pela queda do socialismo real e, sobretudo, pelas transformações advindas do novo sistema de produção. Assim, este trabalho se propõe a identificar como se deu o enfraquecimento das lutas de classe, ao longo dos anos, bem como a pulverização do sindicato, apontando as repercussões desta fragmentação para o proletariado. Toma-se por base os trabalhadores Secretários e Secretários Executivos, analisados a partir do principal veículo de comunicação da categoria: a Revista Excelência. A fundamentação teórica se dá por meio de autores como Marx e Engels, Antunes, Mészáros, dentre outros. Os resultados apontam para uma substancial perda de consciência de classe por parte destes profissionais, demandando do Movimento Sindical contemporâneo a renovação de suas estratégias e a retomada histórica de suas lutas, para além do imediatismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Movimento Sindical; Secretariado Executivo; luta; classe; trabalho.

**Abstract:** The Brazilian trade union movement since the end of the twentieth century, lives an identity crisis, caused by the fall of socialism and especially by the changes resulting from the new production system. This study aims to identify how was the weakening of class struggles, over the years, and the union spraying, pointing out the impact of this fragmentation for the proletariat. Taking as a basis the Secretaries and Executive Secretaries workers, analyzed from the main communication vehicle category: Excellence Magazine. The theoretical basis is given by authors such as Marx and Engels, Antunes, Mészáros, among others. The results point to a substantial loss

---

<sup>89</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da UNIOESTE. Bacharel em Secretariado Executivo Bilíngue. Secretária Executiva na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). E-mail: claudialacerda84@gmail.com

of class on clients of consciousness, demanding the contemporary Trade Union Movement to renew their strategies and historical resumed their struggles, beyond the immediacy .

**KEYWORDS:** Labour Movement; Executive Secretary; fight; class; work.

## **Introdução**

Com a divisão internacional do trabalho, passaram a existir na sociedade duas classes fundamentais: de um lado, os detentores dos meios de produção; de outro, o proletariado, possuidor de mão-de-obra para vender aos primeiros. Desde então, a sociedade é marcada pela luta constante entre exploradores e explorados, especialmente após a Revolução Industrial, no século XVIII, quando a luta de classes alcança sua plenitude.

O Sindicalismo, objeto deste estudo, é um evento característico deste novo modo de produção, tendo surgido a partir da organização espontânea dos operários, como resultado do esforço destes para combater os abusos praticados pelo patronato. Para Engels (2008), reprodutor dos ideais marxistas, o papel que cabia aos sindicatos, quando do surgimento do capitalismo, não era de pouca importância, sendo estas associações consideradas fundamentais para a organização dos operários em classe, de maneira a prepará-los para a tarefa maior, que seria a revolução social rumo a um novo projeto de sociedade. Apesar disso, o referido autor acreditava haver limites na luta sindical, pela dificuldade de separar o embate econômico da luta política geral. As reivindicações imediatistas dos operários - pela elevação de salários ou contra a sua redução - eram vistas por este como perigosas, pela sua natureza defensiva e limitada.

As primeiras formas de organização dos operários surgiram na Inglaterra, "berço do capitalismo", tendo como pano de fundo, inicialmente, a contradição gerada pela revolução burguesa, no século XVII, e, posteriormente, pela Revolução Industrial, no século XVIII. A burguesia, para potencializar seus lucros, precisava extrair o máximo possível do proletariado, por meio do que Marx denominou de mais-valia (excedente do trabalho não repassado ao trabalhador através do salário). Estes, por outro lado, lutavam para combater esta exploração, visando o aumento de seu poder aquisitivo e melhores condições humanas de trabalho. Neste embate, a classe trabalhadora contou com a vantagem de constituir a grande maioria.

Quando do surgimento das primeiras associações dos trabalhadores (*trade-unions*), ainda no século XVII, elas foram clandestinas, por apresentarem ameaça à classe burguesa em formação,

que temia pela união da massa operária, até então dispersa e concorrente entre si. Num primeiro momento, congregavam os trabalhadores das fábricas, diretamente relacionados à produção da riqueza. Mais tarde, no século XVIII, passou a abarcar, também, os demais setores econômicos, após o entendimento de que a união seria fundamental para se contrapor à lógica destruidora do regime capitalista.

Uma das principais formas de embate, nesse momento, foi o *Luddismo*, também chamado de movimento dos "quebradores de máquina". O termo deriva de *Ned Ludd*, um operário têxtil que, à época, convenceu os demais operários de que a destruição das máquinas seria a solução para o esgotamento desse novo modo de produção. Afinal, aparentemente elas eram responsáveis pelo desemprego gerado e, também, pela exploração de mulheres e crianças que, a partir de então, foram inseridas nas fábricas, em condições precárias e com jornada de trabalho de até 16 (dezesseis) horas.

Devido à inexperiência dos envolvidos neste movimento, o *Luddismo* foi sendo, aos poucos, superado pela classe dominante. Em 1812, o parlamento inglês criou uma legislação que punia, com morte, os "quebradores de máquina". Tempos depois, instituiu-se o seguro de patrimônio, na Inglaterra, e alguns proprietários de fábricas foram, inclusive, flagrados quebrando suas próprias máquinas para a aquisição de outras mais modernas.

Após um longo processo de aprendizado, houve um salto na atuação da classe operária, por meio da instauração da greve, considerada como um dos recursos de maior eficácia na luta dos trabalhadores, tanto na Inglaterra, onde ocorreram as primeiras manifestações, quanto nos demais países que aderiram ao modo de produção capitalista. Para tentar combater esta estratégia de luta, a classe dominante passou, então, a tratá-la como "caso de polícia", recorrendo ao aparato policial do Estado, e até as milícias privadas, para tentar combatê-la. Mas apesar deste controle e violência, as associações clandestinas dos trabalhadores foram ganhando força, ao longo dos anos, e se tornando cada vez mais sólidas. Dessa resistência resultou a aprovação, pelo parlamento da Inglaterra, em 1824, da primeira lei sobre o direito de organização sindical.

Outro progresso registrado nesse período diz respeito ao surgimento do movimento cartista, cuja atuação superou as reivindicações de caráter meramente econômico, abrangendo, também, o campo político. O termo derivou de uma carta elaborada entre 1837 e 1838, na qual os trabalhadores reivindicaram maior participação política, como o direito ao voto, até então restrito aos cidadãos com renda.

Estes avanços, no entanto, ao mesmo tempo em que geraram benefícios ao operariado trouxeram, também, contradições. De um lado, refletiu a pressão organizada da classe trabalhadora. Do outro, indicou uma mudança de estratégia do regime burguês, que encontrou na legalização dos sindicatos uma nova maneira de manipular e controlar o movimento operário.

Neste estudo, pretende-se abordar como se deu, no Brasil, ao longo dos anos, o enfraquecimento das práticas marxistas nas lutas de classe e, conseqüentemente, o esvaziamento das associações de trabalhadores, após o início da intervenção estatal nas lutas do proletariado. Num segundo momento, será apresentado o reflexo desta atuação para a classe trabalhadora, a partir da análise discursiva de uma categoria específica: a dos Secretários e Secretários Executivos. Para tanto, será retomada a literatura pertinente ao tema, a partir das contribuições das teorias clássicas e contemporâneas. A abordagem, no entanto, se dará de maneira parcial, dada a amplitude e multiplicidade do tema.

Ciente da insuficiência deste recorte, pela abrangência dos aspectos a serem considerados na avaliação da organização sindical, acredita-se que este estudo seja necessário e útil, na medida em que contribui para o esclarecimento de questões e conceitos relevantes para o desenvolvimento de novos estudos sobre a temática.

### **Origem do Movimento Sindical brasileiro**

As primeiras lutas da classe trabalhadora, no Brasil, surgiram no final do século XIX, com os imigrantes vindos da Europa, fortemente influenciados pelas ideologias anarquistas e comunistas, num contexto de decadência do trabalho escravo e de desenvolvimento do capitalismo. Utilizando-se de um discurso inflamado, os trabalhadores europeus, que à época constituíam a grande maioria, convocavam os operários fabris a se reunirem em associações, que futuramente se transformariam em sindicatos. Foram eles que incentivaram as importantes manifestações ocorridas no país - pelo combate à mais-valia e à liberdade de associação - inclusive a greve de 1917, em São Paulo, de grandes proporções, envolvendo trabalhadores de diversos setores econômicos, que resultou num violento confronto com o aparato policial.

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao governo, no início de 1930, a classe trabalhadora é, então, trazida para a agenda do Estado, pois para manter seu projeto de caráter estatal, nacionalista

e industrial, o "pai dos pobres" precisava tirar a classe operária da condição de "caso de polícia", politizando "a questão social". De acordo com Antunes (2006):

Vargas precisava da classe operária como força, suporte e âncora em sua relação com as classes que de fato ele representava, ou seja, as frações agrárias tradicionais e as forças industriais emergentes. Mas para representar os "de cima", precisa do apoio dos "de baixo" (...). Nesse sentido, o Getulismo demonstrou enorme competência ao captar algumas das principais reivindicações dos trabalhadores urbanos, reelaborá-las e devolvê-las como uma "dádiva do Estado". (Antunes, 2006:85)

Assim, o atual governo atendeu a algumas das principais reivindicações dos trabalhadores, pelas quais já se lutava há anos (não sendo, portanto, um presente), como a redução da jornada de trabalho, descanso semanal remunerado, férias, dentre outras, pois considerava a legalização do trabalho fundamental para alavancar a industrialização no país e viabilizar o seu projeto político. Foi por isso, inclusive, que se estabeleceu o salário mínimo. Aliás, era necessário desenvolver um mercado interno sólido, em termos de consumo, para viabilizar a acumulação industrial no país. Desta forma, Getúlio Vargas procurou combinar, em sua gestão trabalhista, manipulação, dádiva e repressão. Ao decretar, por exemplo, a legislação social, impôs condições à classe operária, ao dizer que esta seria contemplada "desde que os trabalhadores fossem filiados ao sindicato oficial, desestruturando, desse modo, o sindicalismo autônomo existente no pré-1930". (Antunes, 2006:86).

Para tanto, precisou reprimir, brutalmente, as lideranças operárias de esquerda, a fim de impedir que estas conscientizassem a grande massa trabalhadora e, desta forma, dificultassem o seu trabalho de sedução e controle. Surge, assim, o sindicato corporativo, meramente assistencialista e de controle, que mais tarde, quando da consolidação das Leis Trabalhistas, assumirá um caráter cupulista, burocrático e verticalizado, extremamente necessário à ofensiva capitalista, já que "uma decisão aceita pela Central poderia ser imposta para o conjunto dos trabalhadores..." (Antunes, 2006:86). Cria-se, então, o imposto sindical e a lei de enquadramento associativo, sob o domínio do Ministério do Trabalho. Ao lado disso, é criada a chamada "Lei de Sindicalização", cujo controle coibia a participação de estrangeiros nas direções e proibia as práticas de teor ideológico.

E assim desenvolve-se o trabalhismo getulista, baseado no controle sindical e na dominação deste pelo Estado. Com a perda da autonomia sindical, abrem-se caminhos para o desenvolvimento de sindicatos "pelegos" ou de "carimbo", de essência liberal e a serviço do capital, tendo como objetivo único a arrecadação financeira, por meio das contribuições dos associados. A partir desse momento, o sindicalismo brasileiro trilhará "caminhos e descaminhos", pela dificuldade que as associações autônomas enfrentarão para disseminar sua ideologia e lutar contra o Estado, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma massa operária fragmentada, concorrente entre si, fragilizada e subordinada aos interesses do capitalismo.

### **Triunfos e reveses do sindicalismo no Brasil**

Após 1930, especialmente na fase conhecida como "milagre", entre 1968 e 1973, a "classe-que-vive-do-trabalho" vivenciou um período de conformação, disciplina e intensa exploração de sua mão-de-obra frente ao capital, propiciando o desenvolvimento das forças produtivas e uma forte concentração de renda no país. Nesse período, "os agrupamentos de esquerda, isolados politicamente, sofreram graves derrotas ao adotarem uma estratégia de confronto militar direto com o aparelho repressivo do Estado" (Almeida, 1997:45). Mas logo as taxas de crescimento econômico começaram a cair, ocasionando uma profunda estagnação da economia, fato que se agravou com a crise capitalista internacional. Com isso, tornou-se imperativo ao modo de produção capitalista proceder a uma nova reforma, no âmbito de suas forças produtivas.

É nesse contexto, de imenso declínio das economias capitalistas, que começam a ganhar força as teorias neoliberais. No que concerne à doutrina, estas são bastante similares ao liberalismo clássico, defendendo a ideia do livre comércio e circulação de bens, bem como a desregulamentação total. No entanto, surgem em circunstâncias bastante diferenciadas. Enquanto o liberalismo procurou combater as restrições pré-capitalistas para assegurar a expansão do sistema, o neoliberalismo procurará coibir as influências do sindicalismo sobre a massa trabalhadora. Isso por uma razão simples: para o principal representante desta corrente, Friedrich Hayek, "as raízes da crise capitalista estavam localizadas no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira geral, no movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista, com suas pressões reivindicativas sobre os salários...". (Hayek, 1950 apud Anderson, 1995:11). Logo, para restabelecer a taxa de lucro dos "de cima" e retomar o processo de acumulação do capital, seria necessário promover o saneamento da economia vigente, atingindo "os de baixo". Esta reparação

implicaria em "fazer os trabalhadores pagarem a crise, baixando os salários reais diretos...". (Bihr, 1998:77).

Esta ofensiva capitalista impôs novos desafios às organizações dos trabalhadores, exigindo destas a elaboração de novas estratégias sindicais e políticas, rumo a um patamar de lutas complexo, sobretudo em âmbito ideológico. Irrompem, então, na cena política brasileira, novos sujeitos, oriundos das classes populares - os operários metalúrgicos da região do ABC, em São Paulo - para denunciar a substancial exploração do proletariado, traduzida nas extensas jornadas de trabalho, nos míseros salários e na falta de condições laborais, o que contrastava-se muito com os altos índices de produção atingidos, no período, pelo setor industrial, sobretudo o automotivo.

A partir de então, o movimento operário passa à ofensiva. Ganham visibilidade os embates contra a superexploração no interior das fábricas, ressurgindo, com força, a antiga aspiração do movimento operário: a união dos trabalhadores em uma classe única e consciente. Nesse contexto, é criada a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a qual nasce na ilegalidade, em pleno regime militar. Conforme Barbosa (2014):

A Central Única dos Trabalhadores nasceu assumindo claramente esta perspectiva **(a de horizontalizar a classe operária)**. Construída a partir de uma sólida base real, que foram as greves de 78/80, no ABC Paulista, a sua criação, em 1983, pode ser considerada como um dos traços decisivos da organização da classe trabalhadora brasileira, configurando-se como centro organizador das ações dispersas e atomizadas dos trabalhadores da cidade e do campo. As greves de 78/80 foram uma ofensiva do trabalho que, no plano imediato, se debatiam contra o arrocho salarial, e, no mediato colocavam em cheque a política de desenvolvimento do Estado Brasileiro imposta pelo regime militar.

Assim, a CUT se desenvolveu tendo como princípios fundamentais a independência ideológica, a negação de qualquer pacto social, a autonomia do sindicalismo, a consciência de classe e a visão internacionalista, rumo a um novo projeto de sociedade: o socialismo. Por isso, o artigo 2 de seu Estatuto a define com “uma central sindical unitária, classista, que lutas pelos objetivos imediatos e históricos dos trabalhadores, tendo a perspectiva de uma sociedade sem exploração, onde impere a democracia política social e econômica”. (Estatuto da CUT, art. 2, 1983). Desta forma, o sindicalismo brasileiro vivenciou, durante a década de 1980, um momento singular em



sua história, pela dinâmica das manifestações grevistas, que tiveram início no ABC paulista e logo se espalharam pelo resto do país.

Apesar deste avanço, a CUT enfrentou dificuldades, no final dos anos 80 e início da década de 90, pela clara divisão existente dentro do movimento - entre aqueles que almejavam um sindicalismo classista e de base e os que defendiam um sindicato conciliador, subordinado ao capital. E na disputa pela homogeneização, estes últimos acabaram vencendo. Assim, no ano de 1989, durante o III Congresso Nacional da CUT (CONCUT), são introduzidas modificações no interior da central que iriam refletir suas práticas, nos anos 90, fortemente concentradas nas diretorias (cúpula) do movimento, em detrimento da base que, a partir de então, passa a ser minoria nos fóruns realizados pela central. "Iniciava-se, realmente, a implantação da CUT como estrutura verticalizada, administrativa enfim, como uma organização complexa e, nesse sentido, burocrática". (Barbosa, 2014:5).

Esta guinada no interior da CUT se deu numa conjuntura de ascensão do neoliberalismo. No plano internacional, este período é marcado pela queda do muro de Berlin e pela desagregação da união soviética, pondo fim ao socialismo real. No plano nacional, a derrota do movimento da esquerda é marcada pelo seu fracasso eleitoral e pela ascensão de Fernando Collor ao governo, em 1990, processo que se intensificou a partir de 1994, com a vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições.

Com isso, o sindicalismo brasileiro passa a viver uma crise de identidade nunca antes experimentada. A abertura do mercado, as novas modalidades de trabalho (flexíveis ou precárias), as privatizações, as novas tecnologias etc., permitiram produzir sem reunir, o que acabou minando a aglutinação dos trabalhadores, especialmente a solidariedade entre estes, que é o ponto chave da atuação sindical. Logo, este período é marcado pela intensa segmentação da classe trabalhadora, conforme noticia Guasti e Carvalho (2011):

Enquanto existem os trabalhadores super qualificados inseridos num primeiro grupo, que possuem contratos por prazo indeterminado, maior segurança no emprego, e, ao mesmo tempo, são mais adaptáveis aos novos modelos de gestão, mais flexíveis às mudanças no processo produtivo, teoricamente mais dispostos à atuação em outras localidades em que as empresas estão inseridas; na periferia dos empregados existe o segundo grupo, daqueles que gozam também de trabalho e com contrato por prazo indeterminado, mas possuem habilidades mais facilmente encontradas no mercado de trabalho, marcando assim o grupo por alta rotativi-

dade. Finalmente, um terceiro grupo constitui-se de mão-de-obra flexível, composta por temporários, contratados por prazo determinado, em tempo parcial, terceirizados, com pouquíssima segurança de emprego, se comparado às demais segmentações.

Diante dessa fragmentação no interior da classe operária, os sindicatos se fragilizaram, pela dificuldade de mobilização dos trabalhadores. Com a flexibilização laboral, há uma maior dispersão dos trabalhadores, já que as empresas prestadoras de serviço, que entram em cena no contexto da terceirização, acabam, muitas vezes, assumindo contratos em localidades distintas. Isso se agrava pela estrutura atual dos sindicatos, herdada do modelo corporativista de Vargas, cuja representação se dá por região e ocupação, ao contrário do que ocorre nos países centrais, em que esta acontece por ramo de produção.

Conseqüentemente, nasce uma contradição no bojo da classe trabalhadora, a partir dos anos 90. Conforme argumenta Toledo (2009), enquanto esta se aglutina em prol de objetivos comuns e contra o sistema, o patronato a coloca como oponente na disputa por um posto de trabalho ou cargo superior, na diferenciação entre estáveis e precarizados, incentivando, desta forma, a competição, dentro da empresa, em detrimento da unificação. "(...) O capital, desprovido de orientação humanamente significativa, assume, em seu 'sistema metabólico de controle social', uma lógica que é essencialmente destrutiva, onde o 'valor de uso' das coisas é totalmente subordinado ao seu 'valor de troca' (Mészáros, 1995).

Com a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT), nas eleições de 2002, e a ascensão de Luiz Inácio Lula da Silva ao governo, em 2003, esperava-se a reversão dessa situação e um significativo avanço nas ações do Movimento Sindical, dado o protagonismo de Lula quando da criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983. No entanto, este governo (ainda vigente e representado, hoje, em 2014, pela Presidente Dilma Rousseff) apenas formalizou algumas ações, como a CUT, não dando conta de atender às expectativas da classe operária.

A explicação para isso está na lógica destrutiva do capital, na chamada era da globalização da economia, em que os governos nacionais, pressionados, se veem obrigados a flexibilizar a legislação trabalhista para atender às exigências do neoliberalismo, resultando no desmonte dos direitos conquistados pelos trabalhadores, depois de muitas lutas, e, conseqüentemente, no aumento dos "bolsões dos precarizados".

Um fato evidente que marcou o governo do PT, nesse sentido, foi a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 369/2005, desenhada no interior do Fórum Nacional do Trabalho por representantes dos trabalhadores, dos empresários e do governo, de caráter essencialmente cupulista. Para tanto, a PEC estabeleceu, no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), um Conselho Nacional de Relações de Trabalho (CNRT), órgão tripartite, composto por Estado, trabalhadores (centrais) e empregadores, conferindo a estes a representatividade sindical. Tal proposta reforça a tutela do Estado sobre o sindicalismo, ainda que apresente alguns pontos aparentemente positivos, como a proposta de organização sindical por ramo de atividade, que, de fato, não aglutina a classe trabalhadora, mas tira a sua liberdade, já que as regras, para tanto, são emanadas pelo CNRT. Trata-se, portanto, não de uma reforma, mas daquilo que Antunes (2006) chamou de "contra-reforma", por preservar e, ao mesmo tempo, intensificar o burocratismo, o verticalismo e o cupulismo. E acrescenta: "...triste será o país em que um governo burguês (Vargas) criou, sob pressão operária, a nossa legislação social e um governo de origem operária (Lula), sob pressão burguesa, parece servilmente disposto a destruí-la". (Antunes, 2006:88)

Ações como estas provocaram em diversos grupos políticos, sobretudo da esquerda, um imenso descontentamento com a CUT, em sua relação com o governo do PT, fato que resultou no rompimento com a central e na fundação de outras 7 (sete) organizações, das quais 4 (quatro) conseguiram reconhecimento junto ao Ministério do Trabalho e Emprego: Força Sindical (FS), União Geral dos Trabalhadores (UGT), Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) e a Nova Central Sindical de Trabalhadores (NCST).

Com isso, sucumbe a perspectiva de horizontalização da classe operária, trazendo grandes reflexos para os trabalhadores e novos desafios para o movimento sindical.

### **Repercussões para a classe trabalhadora**

Diante do cenário vigente, no âmbito das relações de trabalho, marcado pela fragmentação da classe operária, por toda sorte de contratos laborais: informais, precários, com remuneração variável etc., a solidariedade, dentro do Movimento Sindical, perde força, dando lugar a um sindicalismo corporativo, sujeito aos interesses do capital, em detrimento da organização classista dos trabalhadores. Para evidenciar esta questão, realizou-se um estudo de uma categoria profissional específica - o Secretariado - por meio de alguns exemplares da Revista Excelência, da Federação Nacional das Secretárias e Secretários (Fenassec), seu principal veículo de comunicação. A análise

se apontou para o esvaziamento do ser coletivo destes profissionais e, conseqüentemente, para a perda de sua consciência de classe, conforme abaixo.

O primeiro texto analisado diz respeito a uma entrevista realizada pela Excelência com Leida Maria Mordenti Borba Leite de Moraes, uma das fundadoras do movimento secretarial no Brasil. Chama a atenção o trecho em que a Revista propõe à entrevistada uma avaliação do histórico do movimento, ao que esta responde:

Acredito que caminhamos bastante. Começamos praticamente do zero e construímos, em todo o país, os sindicatos da Categoria Profissional das Secretárias e Secretários, muitos com sede própria e amplos serviços prestados aos profissionais. O Treinamento e aperfeiçoamento profissional já eram nossa bandeira desde os tempos das associações, bandeira essa que se tornou um dos nossos carros-chefes. Tanto que somos pioneiras, no país, em Treinamento, Desenvolvimento e Qualificação profissional e pessoal, até porque nossa profissão assim o exige. (Excelência, 2003:4).

O texto, em destaque, revela, nitidamente, a essência neoliberal do movimento secretarial, pela sua atuação imediatista e limitada ao campo econômico, conforme inicialmente mencionado. Este fato se confirma, ainda desta edição, na reportagem concernente à construção do movimento de secretariado no Brasil, desde o tempo dos Faraós, no trecho destacado: "O novo perfil profissional do secretariado, centrado nas exigências do mercado de trabalho, ampararam as reivindicações no campo da formação, desencadeando a criação de Cursos Superiores de Secretariado em todos os Estados...". (Silva, 2003:8).

A próxima reportagem, intitulada: "*Sindicalizar-se ou não? Eis a questão*" traz a fala de Gerarda Farias, à época presidente do Sindicato das Secretárias e Secretários do Rio de Janeiro (Sinserj), com o intuito de convencer a categoria da importância da filiação sindical:

O sindicato engaja-se nas negociações salariais **de sua classe** e oferece assistência jurídica aos trabalhadores quando necessário. Ele também tem a **missão de oferecer aos profissionais instrumentos que promovam uma melhor capacitação**, tais como cursos que dêem garantia de registro profissional, fluência em línguas estrangeiras e outras habilidades". (Excelência, 2012, nº 33: 10; grifo meu).

Além dos fatos já apontados, estes profissionais apresentam, conforme trecho acima, grande dificuldade em perceber a classe trabalhadora como única, em razão das fragmentações geradas pela estrutura sindical vigente. Sara Lima, Secretária Executiva de uma empresa de engenharia, em Pernambuco, reproduz esta limitação ao defender o recolhimento da contribuição sindical para a categoria diferenciada dos secretários, que ela denomina de classe específica: "**Adotei essa prática ao perceber que não era justo beneficiar uma categoria que não representava a classe de trabalhadores que estou inserida**". (Excelência, 2012, nº 33: 13; grifo meu).

Corroborando, Normélia Nogueira, na oportunidade membro do Conselho Fiscal da Fenassec, afirma que: "Depois da sindicalização (...), o que faz a categoria secretarial alcançar seus objetivos é a participação efetiva na entidade sindical, **na luta por melhores salários, maior reconhecimento profissional** e a criação dos conselhos de classe". (Excelência, 2012, nº 33: 11; grifo meu).

Numa outra edição da revista que também aborda a temática, na reportagem intitulada "*A importância do sindicalismo na profissão de secretariado*", também é possível perceber o caráter corporativo do atual movimento, que deixa de lado a postura combativa para estabelecer a negociação, numa relação de harmonia com o patronato:

Unidos como sindicato, as chances dos trabalhadores se multiplicam. Suas reivindicações são debatidas no órgão sindical, que passa a ter maior poder de barganha, e, após definidas, a pauta de reivindicações é discutida com os patrões nas negociações trabalhistas. **Uma vez que patrões e empregados entram em consenso**, é firmado e registrado no MTE o Acordo Coletivo de Trabalho (CCT). (Excelência, 2012, nº 36: 6; grifo meu).

Em outra reportagem, intitulada: "*Reforma Sindical - Qual a repercussão para o profissional de secretariado?*", a presidente da Fenassec, Bernadete Lieuthier, ao se manifestar sobre o caso, posiciona-se contra a PEC nº 369/2005, por reconhecer que "ela representa uma desmontagem dos direitos adquiridos ao longo do tempo com muita luta dos trabalhadores", argumento que procede. No entanto, reproduz a fragilidade do movimento ao afirmar que "um dos agravantes (**da reforma**) é a extinção das categorias profissionais diferenciadas, dentre elas a de profissionais de secretariado, o que é lamentável". Corroborando, Maria Antonieta Mariano, vice-presidente exe-

cutiva da Fenassec, argumenta que o secretariado "sofrerá uma imensa perda com divisão de sua representatividade, ao contrário das demais categorias, governo e empresários" (Excelência, 2005:8; grifo meu). Ambos os trechos apresentam uma percepção do secretariado como classe específica e desvinculada da grande massa trabalhadora, e não como parte integrante dela. A preocupação destes profissionais deveria centrar-se na essência da reforma, de cunho neoliberal, prejudicial a toda a classe trabalhadora, por transmitir à cúpula (centrais sindicais) o poder de negociar, em nome dos trabalhadores, em detrimento da base sindical. Com o empoderamento daquela, pouca diferença faria aos trabalhadores se organizarem em categoria ou não, já que "uma decisão aceita pela Central poderia ser imposta para o conjunto dos trabalhadores". (Antunes, 2006:86). O "pulo do gato", portanto, está em lutar contra intervenção estatal na vida sindical, para que se construa, de fato, a autonomia, no interior da classe trabalhadora.

Estas constatações mostram que há, ainda, um longo caminho a se percorrer para a unificação do Movimento Sindical, apesar do grande esforço, por parte da representatividade da categoria. Para tanto, é necessário solucionar algumas lacunas, como o baixo nível de engajamento dos secretários nos sindicatos, por atuarem muito próximo às chefias e, também, por constituírem parte dos "bolsões de precarizados". Em reportagem da Excelência, na edição nº 37 de 2013, com o título: "*Contribuição sindical: fique de olho*", há um trecho que ratifica a situação dos profissionais secretários, hoje, que muitas vezes são levados a exercer sua profissão sem o registro equivalente em carteira, com salário flexível, o que estimula a fragmentação e a concorrência dentro do próprio movimento, entre os estáveis (como, por exemplo, os concursados) e os precarizados. Segue o fragmento: "Ao ser questionada (**sobre o por quê da contribuição sindical das secretárias não ser repassada à entidade sindical de secretariado**), a empresa alegou que as profissionais de secretariado são, na verdade, agentes administrativas e, assim, devem pagar a contribuição ao sindicato desta categoria profissional". (Excelência, 2013:13).

### **Considerações finais**

O sindicalismo brasileiro, desde os anos 90, enfrenta uma grave crise de identidade, ocasionada pela dupla ofensiva do capital, no final do século XX: o neoliberalismo e a reestruturação produtiva. A abertura do mercado, as novas modalidades de trabalho (flexíveis ou precárias), as privatizações, as novas tecnologias etc., permitiram ao sistema vigente produzir sem reunir, o que acabou minando a aglutinação dos trabalhadores, especialmente a solidariedade entre estes, que é

o ponto chave da atuação sindical. Logo, este período é marcado pela intensa segmentação da classe trabalhadora e pela precarização desenfreada do trabalho, fato que persiste até os dias atuais.

Esta realidade exige do movimento sindical contemporâneo a exploração de suas vias de renovação. Na prática, implica a retomada do projeto histórico de lutas, conforme definido no congresso de fundação da CUT, visando dar resposta às demandas imediatas do trabalhador e, ao mesmo tempo, às de cunho geral, de longo prazo.

Este novo escopo de lutas demanda, para tanto, a construção de um novo sindicalismo, que procure uma articulação com outros Movimentos Sociais, como o MST, bem como uma abertura afetiva para a discussão de novas temáticas, como gênero, educação e raça, visando a construção de uma sociedade fundada, claramente, em valores socialistas. Isso requer uma atuação sindical coordenada, em rede, para além do ambiente de trabalho, de maneira a estreitar os laços entre os trabalhadores enquanto classe, cidadãos, independente de sua condição atual.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Lúcio. De JK a FHC: Apontamentos para a análise das lutas sociais no Brasil contemporâneo. In: RAMPINELLI, Waldir e OURIQUES, Nildo (orgs.). **No fio da Navalha: críticas das reformas neoliberais de FHC**. São Paulo: Xamã, 1997.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir e GENTILE, Pablo (orgs.). **Pós-Neoliberalismo - As políticas sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **A cidadania negada - Políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001, p.35-48.

\_\_\_\_\_. **De Vargas a Lula: Caminhos e Descaminhos da Legislação Trabalhista no Brasil**. Pegada, 2006, vol. 7, n. 2. p. 83-88.

BARBOSA, Zulene. **Reestruturação produtiva e movimento sindical - reflexões para uma prática de esquerda**. Disponível em:

<[http://www.pucsp.br/neils/downloads/v7\\_artigo\\_zulene\\_muniz.pdf](http://www.pucsp.br/neils/downloads/v7_artigo_zulene_muniz.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2014.

BIHR, Alain. **Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise**. São Paulo: Xamã, 1998.

BRASIL. **A construção da estrutura organizativa da CUT: resoluções dos Congressos e Plenárias Nacionais**. Estatuto da Central Única dos Trabalhadores, promulgado em agosto de 1983, na I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (I CONCLAT). In: Central Única dos Trabalhadores/Secretaria Nacional de Organização e Política Sindical, 2011.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra – segundo as observações do autor e fontes autênticas**. Tradução: B. A. Schumann. Edição José Paulo Neto. São Paulo: Boitempo, 2008.

GUASTI, Roberta; CARVALHO, Antonio. O esvaziamento da noção do ser coletivo e a reação sindical no Brasil do século XXI. In: **III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. João Pessoa/PB - 20 a 22 de novembro de 2011**. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr\\_2011/2011\\_ENGPR224.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2011/2011_ENGPR224.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2014.

MÉSZÁROS, Istvan. **Beyond Capital**. Merlin Press. Londres e Nova York, 1995.

REVISTA DA FEDERAÇÃO NACIONAL DAS SECRETÁRIAS E SECRETÁRIOS. Trimestral, Ano 1, nº 1, Agosto/2003, p. 4 e 8.

\_\_\_\_\_. Trimestral. Ano 3, nº 6. Abril, maio e junho/2005. p. 8-11.

\_\_\_\_\_. Trimestral. Ano 8, nº 33. Janeiro, fevereiro, março/2012. p. 10-13.

\_\_\_\_\_. Trimestral. Ano 8, nº 36. Outubro, novembro, dezembro/2012. p. 6-7.

\_\_\_\_\_. Trimestral. Ano 10, nº 37. Janeiro, fevereiro, março /2013. p. 13-14.

TOLEDO, Renato. Movimento sindical tem desafio de unir trabalhadores em momento de fragmentação, 2009. In: **controvérsia blog**. Disponível em: <<http://www.controversia.com.br/blog/2009/06/>>. Acesso em: 7 jul. 2014.



## **“Incidencia política de organizaciones sociales autogestivas.” Un análisis sobre el entramado de cooperativas y el movimiento cartonero**

Constanza Lupi (Universidad de Buenos Aires, email: [constanzalupi@gmail.com](mailto:constanzalupi@gmail.com));

Santiago Fernandez Galeano (Agrupación El Mate, email: [segundo\\_cordon@yahoo.com.ar](mailto:segundo_cordon@yahoo.com.ar));

### **Resumen**

Presentamos un avance de la investigación enmarcada en el proyecto UBACyT<sup>90</sup> sobre Estudio comparativo de la acción cultural de los movimientos populares urbanos en el AMBA. Somos universitarios y pertenecemos a una organización social de la Ciudad de Buenos Aires, que hace aproximadamente cinco años viene desarrollando diferentes proyectos<sup>91</sup> de investigación/acción participativa con cooperativas de cartoneros.

Uno de los objetivos específicos de esta investigación es estudiar las formas de incidencia política y cultural generadas por las organizaciones y el incipiente movimiento cartonero. Miles de personas excluidas pasaron de realizar una tarea individual y competitiva, a ser parte de organizaciones sociales autogestivas.

La propuesta es reflexionar sobre las vinculaciones entre estas organizaciones, el Estado y un sector tradicional del sindicalismo argentino (la Asociación de Trabajadores del Estado-ATE). La importancia de observar la interacción entre estas múltiples dimensiones y actores radica en que son constitutivos de las acciones colectivas que conforman los cimientos de este germinal movimiento cartonero.

La estrategia para llevar adelante este proyecto se basó en el análisis, análisis de documentos y entrevistas a referentes políticos de las tres cooperativas más importantes. Seleccionamos estas cooperativas por la cantidad de miembros, por la incidencia en la agenda del movimiento cartonero y en las políticas públicas que el Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires

---

<sup>90</sup> UBACyT 20020110200094, 2012- 2015

<sup>91</sup> Tres voluntariados Universitarios (2010, 2011 y 2013), dos Proyectos Ubanex (2012 y 2014) y un proyecto de investigación UBACyT (2012-2015)

tiene hacia el sector. Nos referimos al Amanecer de los Cartoneros-MTE, Las Madreselvas y Recuperadores Urbanos del Oeste<sup>92</sup>.

En estas organizaciones, el trabajo fue, y es, el eje organizador de este nuevo movimiento social que llegó para quedarse.

## **Introducción - Las primeras coordenadas**

América Latina ha sufrido en los últimos treinta años una profunda transformación de las modalidades de desarrollo que habían caracterizado a sus sociedades desde la segunda guerra mundial. Los diferentes países de la región afrontaron intensas reestructuraciones en vistas a lograr la inserción en la nueva dinámica socio-económica global. A pesar de las diferencias existentes en el modo en que estas transformaciones se operaron en los diferentes países del continente, todos los procesos neoliberales siguieron una dirección y objetivos comunes. El mundo del trabajo fue uno de los ámbitos en dónde más fuertemente se sintieron los cambios operados.

A partir de las transformaciones mencionadas –consecuencia de las medidas de corte neoliberal aplicadas en los años '70 y con mayor agudeza en los 90– la clase trabajadora se complejiza, se fragmenta y se vuelve más heterogénea, al tiempo que la pobreza, la desocupación y la desigualdad alcanzan niveles inéditos.

En Argentina, la profundidad que adquirió esta crisis económica, política y social condujo al crecimiento y consolidación de una actividad laboral que hasta entonces había sido claramente marginal: la recuperación informal de residuos sólidos urbanos (RSU) reciclables.

En nuestro país actualmente, entre la Ciudad de Buenos Aires y el conurbano bonaerense, viven más de doce millones de personas que producen cada día unas 13.000 toneladas de residuos las cuales son depositadas como disposición final en los rellenos sanitarios que se encuentran en la Provincia de Buenos Aires. Los tres rellenos sanitarios que hoy reciben estos residuos se encuentran en su límite de capacidad y deberán cerrar sus puertas en los próximos años. Has-

---

<sup>92</sup> Entre estas cooperativas se organizan 3500 recuperadores, de los 4500 que aproximadamente están registrados en la Ciudad de Buenos Aires.

ta el momento, no se han hallado soluciones alternativas. Al mismo tiempo, según estimaciones oficiales, el crecimiento económico previsto de 8% anual, llevaría a un incremento de 24% de la cantidad producida a nivel nacional.

En la Ciudad Autónoma de Buenos Aires se generan más de seis mil toneladas de RSU<sup>93</sup> por día que son llevados en los diferentes rellenos sanitarios antes mencionados. Si bien se establecen medidas preventivas para evitar filtraciones y la contaminación de la tierra y de las napas, éstas resultan poco eficientes por lo que muchos municipios de la Provincia de Buenos Aires se están negando a permitir que sus territorios sean el lugar físico donde se depositen los residuos provenientes de la Ciudad. De la totalidad de estos residuos, alrededor del 40% son potencialmente reciclables con la tecnología actual y las empresas que lo realizan.

En el año 2005 la Legislatura Porteña sancionó la Ley 1.854 (conocida como Ley de Basura CERO) que estableció metas de reducción para aquellos residuos reciclables que llegan al relleno sanitario (30 % para el 2010, 50 % para el 2012, 75% para el 2017 y se prohíbe para el 2020 la disposición final de materiales tanto reciclables como aprovechables) obligando al Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires a adoptar una política de tratamiento de los RSU.

Debido a la confluencia de diversos factores, en la década pasada *se aceleraron los procesos organizativos de los recuperadores urbanos (cartoneros) que empezaron a constituirse en cooperativas y a crear federaciones y movimientos de alcance nacional*, a partir del acompañamiento que recibieron por parte de delegados sindicales.

## Hipótesis

A partir de la formalización de la tarea de los recuperadores urbanos en cooperativas, se abre un nuevo proceso en el que la tarea, además de garantizar la supervivencia, se constituye como una actividad con visión y objetivos colectivos. La constitución de esta nueva identidad grupal se encuentra liderada e impulsada por los referentes políticos de las organizaciones, que en varios casos son delegados sindicales de ATE<sup>94</sup> del organismo que trabaja con esta pobla-

---

<sup>93</sup> <http://www.buenosaires.gob.ar/ciudad-verde/qa-basura>

<sup>94</sup> Asociación de trabajadores del Estado.

cion, Dirección General de Reciclado (DGREC). Es decir, los delegados de los trabajadores de la DGREC, apoyaron el surgimiento y fortalecimiento de las diferentes Cooperativas de Cartoneros y de las posteriores federaciones.

Además la presencia de estas distintas organizaciones “marco”, permite la integración de algunas de las cooperativas en movimientos y confederaciones, donde se abren posibilidades de participación en los que los cartoneros pueden tomar posición y disputar políticamente sus intereses como colectivo. En este sentido, establecieron un proceso de negociación conjunta para el reconocimiento de los cartoneros en un primer momento y para el mejoramiento de sus condiciones de vida posteriormente, con los directores de la DGREC y diferentes funcionarios del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires.

Los dirigentes de las cooperativas dedican esfuerzos al diseño deliberado de estrategias de comunicación/cultura con el objetivo de forjar visiones compartidas para considerar al mundo, a su colectivo y a sí mismos, construyendo así nuevas formas y significantes que legitimen y muevan a la acción colectiva cartonera. Un ejemplo de esto se observa a partir de la creación de la Federación de cartoneros y recicladores dentro de la CTEP (Confederación de Trabajadores de la Economía Popular) y el MOCAR el Movimiento Nacional de Trabajadores Cartoneros y Recicladores pueden ser entendidos como parte de esos esfuerzos por dar sentido, legitimar e incidir políticamente.

**La metodología de trabajo seleccionada fue la realización de entrevistas a los referentes políticos de cada una de las cooperativas.**

### **Los actores**

En la actualidad existen 15 cooperativas inscriptas en el Registro de Pequeñas y Mediana Empresas (RePyME). La mayoría son cooperativas pequeñas que no superan los 40 miembros, de las cuales algunas tienen gran capacidad de visibilidad y negociación, como por ejemplo El Ceibo y El Álamo.

Nosotros nos vamos a centrar en el Movimiento de Trabajadores Excluidos (MTE)- Amanecer de los Cartoneros, Recuperadores Urbanos del Oeste y Las Madreselvas (que está íntimamente ligada a Cartonera del Sur porque sus referentes políticos son los mismos) ya que ellas demostraron tener una gran capacidad de negociación que se evidencia en los logros para

el sector cartonero, las demandas estratégicas que realizan y, sobre todo, porque juntas representan el porcentaje más alto de cartoneros organizados en la Ciudad de Buenos Aires.

#### Movimiento de Trabajadores Excluidos-Amanecer de los Cartoneros:

Tiene 1200 integrantes, de los cuales los fundacionales son oriundos de Villa Fiorito y Caraza. Trabajan en diferentes barrios de la Ciudad (Almagro, Once, Barrio Norte, etc.). A medida que el proyecto de formalización fue creciendo mediante acuerdos con el Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires se fueron incorporaron cartoneros del Ex-Tren Blanco de Suárez, de la zona de las Micro y Macrocentro, de las calles Avellaneda y Nazca. Por ende se multiplican los distintos puntos del conurbano bonaerense desde donde provienen. Sin dudas estas características la convierte en la organización más compleja.

#### Cooperativa Las Madreselvas:

Tiene 620 integrantes oriundos de Maquinista Savio, Garin y Tigre, zona norte del Conurbano Bonaerense. Trabaja en los barrios de Núñez y Belgrano. Las reuniones de la comisión directiva con los delegados de los camiones se hacen todos los miércoles a las 13 Hs. en la Planta de Clasificación ubicada en Lugones y Av. General Paz En la comisión directiva son 11 miembros. Tienen un cuerpo de delegados de camiones de 42 personas.

#### Cooperativa Cartonera del Sur:

Tiene 40 integrantes oriundos de Guernica y Glew, zona sur del Conurbano Bonaerense. Trabaja en los barrios de Constitución, Montserrat, San Telmo y Once. Las reuniones de la comisión directiva y el resto de los miembros de la cooperativa son todos los martes a las 17 Hs. en su predio en Solís 1972. Para las decisiones importantes se juntan en su predio en Guernica. En la comisión directiva son 6 miembros.

#### Recuperadores Urbanos del Oeste (RUO):

Tiene 700 integrantes oriundos de Moreno, Paso del Rey, Merlo, Padua, Lomas de Zamora. Zona Oeste y Sur del Conurbano Bonaerense. Trabaja en Villa Luro, Floresta, Flores, Caballito y Once.

Las reuniones de la comisión directiva con los delegados de los camiones se hacen todos los viernes a las 17 Hs. en la Asamblea de Flores-CTA, Av. Avellaneda 2177. En la comisión directiva son 11 miembros. Tienen un cuerpo de delegados de camiones de 11 personas.

## **Los referentes políticos o militantes**

Es importante resaltar que cada organización de recuperadores tiene a su lado un sector de militantes que provienen de la clase media y que central para que se fundaran las cooperativas y aportaron en la construcción de las conquistas. Podemos afirmar que son sus referentes políticos y que tienen una función orientadora y de conducción. Todos ellos son externos a las cooperativas, pero tienen una gran influencia en ellas y son reconocidos por el estado como interlocutores válidos al mismo nivel (inclusive mayor) que los integrantes de las comisiones directivas: presidentes, tesoreros y secretarios. Como metodología de trabajo fueron entrevistados tres referentes políticos, dos de los cuales son delegados sindicales de ATE y otros, referente de una organización marco.

Yo jamás fui cartonero; los delegados y presidentes de las cooperativas sí lo son. Nuestro rol, como militante social, por lo menos en el caso de estas cooperativas (Madreselvas, Cartonera del Sur), fue la de acompañar el proceso de canalización del descontento y reclamos para generar una instancia de negociación. Nosotros jamás tuvimos que ir a convencer a los compañeros que hay que salir a luchar por algún motivo en particular; las necesidades y construcciones de herramientas para conseguirlos, corre individualmente por la cooperativa. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

Y las cooperativas en realidad se organizaron porque estuvimos nosotros atrás, bancándolos de todo punto vista: económicamente, materialmente, políticamente, ideológicamente, digo... todo. Tanto el MTE como las nuestras, no había posibilidad de movimiento cartonero, o cooperativa, sin militantes atrás que vean la posibilidad de la totalidad. (Alejandro Gianni, Referente de Recuperadores Urbanos del Oeste)

Se autodefinen cartoneros, hay que lograr que el nombre se asiente, luego yo me nombro como militante, hay cartoneros militantes, cartoneros cartoneros, militante no cartonero. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

## **MTE**

Su máximo referente es Juan Grabois (abogado, ex militantes de NBI-Derecho UBA). Quién lo acompaña, y está hoy con responsabilidades en la Ciudad de Buenos Aires, es Rafael

Nejamki. Son quienes impulsaron la Federación de Cartoneros, que a su vez integra la Confederación de Trabajadores de la Economía Popular (CTEP).

### Recuperadores Urbanos del Oeste

Su máximo referente es Alejandro Gianni (Sociólogo, exmilitante de El MATE. Integrante de la Junta Interna MAyEP y actualmente Pro-secretario gremial de ATE Capital).

Si bien la cooperativa está en el marco de la CTA Capital, también está asociada a la Federación de Cartoneros.

### Las Madreselvas y Cartonera del Sur

Su máximo referente es Eduardo Nasif (Psicólogo. Delegado General de la Junta Interna MayEP).

Si bien la cooperativa está en el marco de la CTA Capital, también está asociada a la Federación de Cartoneros

## **Una contextualización necesaria para construir su historia**

Para realizar la contextualización del fenómeno cartonero partimos de las palabras de Sergio De Piero: “Las consecuencias para los movimientos sociales en este sentido han sido devastadoras, ya que millones de personas claman hoy, desesperadas, por el “derecho” a ser explotadas en las condiciones que sea, con tal de poder asegurarse la sobrevivencia.”<sup>95</sup>. Tratando de asegurarse esa sobrevivencia es que surgen los “cartoneros” como sujeto. Miles de familias encuentran en los materiales reciclables que están en los residuos su forma de llevar el “pan a la casa”. Entonces se forja un proceso de “autoexploración” que genera que estas personas recorran cotidianamente las calles de la ciudad. Con el tiempo la práctica comienza a nutrirse de la socialización de las experiencias y los cartoneros van impulsando un primer agrupamiento. En este contexto se va instalando la temática en la agenda del Estado que se muestra presente, solo en lo discursivo primero y en medidas concretas después.

---

<sup>95</sup> Organizaciones de la Sociedad Civil. Tensiones de una agenda en construcción. De Piero, Sergio. Cap. 1, Pág 46. Año 2005

“Los grandes actores son el Estado y las cooperativas de cartoneros. El vínculo y el nexo de esa relación siempre fue el trabajador estatal. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)”

El “movimiento cartonero” tiene diferentes actores que se articulan en la compleja relación entre el Estado -centralmente Gobierno de la Ciudad y Gobierno Nacional- y sus cooperativas. Si bien las mismas son cooperativas de trabajo limitada, han adquirido una dinámica que responde más a la lógica gremial y de los movimientos sociales que a los principios históricos del asociativismo.

No hay una estructura cooperativa en esto. La comercialización colectiva no apunta al cooperativismo, apunta a que el cartonero gane más por su trabajo; que no es lo mismo. El cooperativista apunta a valores del colectivo, de compartir en común, de repartir en partes iguales...de un concepto del socialismo pre-marxista más pegado al anarquismo: a cada uno según su necesidad. El cooperativismo viene de otra experiencia social. Es el sello. Nosotros todavía tenemos un problema para resolver cómo podemos hacer para que esto sea economía popular, en qué figura de economía popular la podemos meter.(Alejandro Gianni, Referente de la Cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste)

A continuación realizaremos una historización por etapas de las condiciones que posibilitaron la emergencia y consolidación de este fenómeno, haciendo hincapie en las diferentes vinculaciones y negociaciones con el Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires.

### **1er etapa: El cartonero individual – crisis social (1998- 2003)**

La crisis argentina que comenzó hacia finales de los ‘90 y cuyo clímax podemos ubicar en diciembre del 2001, impactó fuertemente en lo económico, social y político. Esta interpretación goza actualmente de pleno consenso en nuestra sociedad.

Dicha crisis tuvo efectos evidentes en los sectores que habían sido postergados durante los diez años de neoliberalismo, perpetrados por el menemismo y la Alianza. Algunos de ellos fueron un marcado aumento de la marginalidad, la agudización de las estrategias de supervivencia y su diversificación. Se dio así origen a todo un nuevo mundo de subsistencia paralelo al cada vez menor mercado laboral formal.



Una de las principales estrategias que cobra fuerza en este periodo, y constituye una verdadera postal del legado de las políticas neoliberales, es el cartoneo. Si bien esta actividad era parte del universo del trabajo informal, se vio modificado de diversas maneras:

- 1.- Se complejiza y consolida como trabajo.
- 2.- Aumenta la cantidad de personas que comenzaron a trabajar de él.
- 3.- Producto de la devaluación, se consolida el mercado de materiales reciclables, que se vuelve altamente rentable para industrias que usan componentes reciclables (papel, vidrio, metales, insumos de pc, etc.) e intermediarios.
- 4.- Se arraiga el cartonero como el eslabón más débil de la cadena del reciclado, como trabajador en negro para los “galponeros”, la industria y el Estado.
- 5.- Esto se tradujo en un fortalecimiento del sistema de recolección de residuos paralelo, informal o en negro de la ciudad.
- 6- Se hace notorio el fracaso de las políticas públicas hacia los sectores sociales vulnerables y hacia éste en especial.
- 7- Así mismo queda en evidencia el fracaso de la política de la Ciudad con respecto a los residuos sólidos urbanos.

Era un Estado que no le daba absolutamente nada al recuperador. Repartíamos unos guantes moteados, unas bandoleras cruzadas para identificarlos y credenciales, que como vamos por el director número 18 de la dirección, siempre estaban trabados entre firmas. Entonces siempre hubo un Estado bastante ausente, salvo por la figura del RG que iba a tomar unos mates y a solidarizarse. (Eduardo Nasif, referente de las cooperativas Cartonera del Sur y Las Madreselvas)

En esta primera etapa nos encontramos sin organizaciones sociales y/o políticas de cartoneros masivas, apenas algunas cooperativas muy débiles. Si bien hacia finales de la etapa comienzan a surgir las organizaciones cartoneras, muchas eran cooperativas que ampliaron sus rubros a otras áreas, como son El Ceibo que era una cooperativa de vivienda en sus orígenes. Otras se vieron fortalecidas por ingreso de militantes que le dieron mayor movilidad, como es el caso de El Álamo y el Movimiento de Trabajadores Excluidos (MTE).

Por la incipiente y todavía escasa organización, el cartonero era un trabajador a destajo. Se enfrentaba al mercado en forma individual, sin protección y siendo víctima de las empresas compradoras de materiales reciclables, así como del abuso de poder por parte de la policía (pedido de coimas, intimidaciones, violencia física) y del desprecio de muchos de los vecinos.

...la policía –teniéndola en cuenta como parte del Estado- comenzó a tratar de organizar de forma mafiosa el sector como han hecho con otros trabajadores de la economía popular tratando de cobrar coimas. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

El cartonero se veía forzado a competir con las grandes empresas recolectoras de residuos, ya que la concepción dominante era que la basura era su “propiedad”. Esta concepción de la basura es una de las contradicciones principales de la etapa.

El manejo de los residuos comienza a ser cuestionado posteriormente, debido a la saturación de los predios de disposición final y la dificultad de encontrar nuevos espacios para enterrar los residuos de la Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). Dicho escenario ponía de manifiesto la necesidad de fomentar políticas de recuperación y revalorización de residuos que permitieran disminuir los crecientes volúmenes de desechos enviados al CEAMSE. Por otro lado, a costa del trabajo precario y casi esclavo de los cartoneros desarrollado bajo un contexto de absoluta informalidad realizado se alcanzó importantes estándares de recuperación y revalorización de residuos (similares a los países del primer mundo) generando amplios beneficios ambientales para la comunidad.

Otra contradicción de esta etapa, está dada por la lógica perversa y trágica del sistema y su entramado social, que impidió que los cartoneros puedan reconocerse a sí mismo como trabajadores y tomar así conciencia de que se trataba de un colectivo unido por la tarea. Obviamente tampoco ocurría por parte de los vecinos que los miraban de reojo, considerando al cartoneo como un fenómeno circunstancial consecuencia de la pobreza, como un problema estético de la ciudad, o en el mejor de los casos como parte del problema ambiental relacionado con el manejo de los residuos en las grandes ciudades.

La transformación de los hábitos y las prácticas es un proceso complejo, por ende no podemos atribuirle a la sociedad civil la sanción de la Ley 992 (2002). Sin embargo la irrupción de los miles de cartoneros en la escena pública, la pelea en las calles por los residuos, la inclu-

sión del tema en la agenda política a partir de la aparición de algunos actores (legisladores, diputados, miembros del ejecutivo) con una mirada ambiental y productiva, con un sesgo marcado sobre la primera; permitió la acción parlamentaria.

Ahí sale la ley 992, que contempla la legalización del cartonero. Pero en términos objetivos, la función de la ley es de ser un paraguas superestructural y si la gente (...) no genera la correlación de fuerzas para que la ley se cumpla, es un simple paraguas (Alejandro Gianni, Referente de la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste).

En esta primera etapa los referentes políticos (delegados y referentes de organizaciones marco) fueron centrales en el acompañamiento de los recuperadores y en su primer agrupamiento en grupos por zona geográfica.

## **2da etapa: Reconocimiento del cartonero como actor social (2003-2007)**

Principalmente, la ley confiere un marco de legalidad a los cartoneros con respecto a las empresas recolectoras, puesto que les saca la propiedad exclusiva de la basura y los habilita, a que éstos puedan recoger los materiales legalmente.

Con respecto a la política pública con los cartoneros, pasó como en cualquier campo que se avanza en la normativa; pasó de ser negado por el Estado, a ser sujeto de derecho, a ser un actor de derecho. Era una realidad negada, ni en capital los reconocían porque la mayoría vivían en provincia, y en la provincia negaban el problema porque los cartoneros no trabajaban allí, sino en capital. Eran 10.000 personas negadas que caminaban por la ciudad. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

En el pliego que entra en vigencia en el año 2003 comienza a implementarse el pago por “área limpia” y no ya por tonelada recogida y depositada en la CEAMSE, lo cual implica un avance importante en términos políticos, puesto que se deja de beneficiar en términos absolutos a las empresas. Pero como el pago se calcula en base al índice de los ‘90 las empresas mantienen sus ganancias y todavía no resulta posible quitarles los residuos reciclables. De esta forma se deja de lado a los cartoneros como colectivo y a la posibilidad de hacer un verdadero sistema

de recolección de residuos reciclables y pensar en discutir una Gestión Integral de Residuos Sólidos Urbanos (GIRSU). A pesar de sus limitaciones esta ley por primera vez involucra a los cartoneros y los protege procurando ciertas garantías generales.

Es un punto de inflexión porque los que veían al cartonero como un enemigo de la empresa, con Ibarra, que desarma el negocio de la basura que consistía en pagarle a la empresa por tonelada, pasa a pagar al cartonero por ciudad limpia y así el cartonero deja de ser visto como un actor que estorbaba, porque a la empresa ya le pagaban por dejar limpio un lugar y no por tonelada, entonces lo que se lleva el cartonero deja de ser ilegal, la basura ya no era de la empresa. Conceptualmente es así. (Alejandro Gianni, Referente de la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste)

Ahora bien la legalidad planteada en el espíritu de la ley no suprimió las dificultades mencionadas en la primera etapa, ya que el cartoneo, continuaba sin ser socialmente legitimado como un trabajo, por lo que continuaban los conflictos con los vecinos y las distintas formas de abuso de poder por parte de la policía, sin modificarse en lo absoluto su extrema debilidad en el mercado, perpetuando la precariedad, la informalidad y la explotación, entre otros problemas de este sector.

Después el laburo con los cartoneros de contención social, el problema con la policía...al principio se trabajaba con una olla popular y con mucha contención social. Esa fue como la primera experiencia. (Alejandro Gianni, Referente de la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste)

Otro de los aspectos importantes relacionados con la ley 992 es que se crea un Programa y luego una Dirección General (mayor rango dentro de la estructura estatal en relación al Programa) específica para abordar la temática cartonera y las políticas públicas hacia el cartonero. Este espacio institucional es fundamental en el proceso de formalización de los cartoneros permitiendo la aparición de diversas medidas para mejorar el trabajo del sector, como son:

La creación del Registro Único de Recuperadores, un área que trabaja en la formación y acompañamiento de cooperativas y otra área de trabajo territorial con los cartoneros en las distintas comunas de la Ciudad de Buenos Aires.

Luego la política los reconoció como un problema, y los quiso identificar para por lo menos saber donde viven cuando alguno mate, viole o robe a algún vecino; porque esa es la caracterización que tenía el gobierno sobre ellos.

Después, empezaron a darle algunos insumos de trabajo, a darle alguna retribución por el ahorro y el trabajo que generan en la ciudad; cada tonelada de cartón que se llevan, es una tonelada menos que no se entierra. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

- La creación de una mesa de dialogo donde grupos de cartoneros, “representativos” opinaban sobre las políticas hacia el sector, esto constituía un gran avance, pero existía un importante desfase entre los grupos organizados y los cartoneros independientes.

En ese momento se había creado el PRU -programa de recicladores urbanos- que tenía una mesa de diálogo de la que no participábamos por su falta de presupuesto y contenido, se ofrecían guantes y pecheras y el gobierno en esa época de Ibarra utilizó a esa mesa para decir que trabajaba con los cartoneros aunque de 10000 se representaba a 30 o 40. No la creíamos una mesa legítima. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

Si bien la ley era por demás progresista si la comparamos a la normativa anterior sancionada por la última dictadura militar y con las contemporáneas de otros distritos del país, desde la gestión política no se la acompañó para formalizar al sector, sino que el Gobierno avanzó en satisfacer algunas demandas en la medida en que los cartoneros podían imponerlas. Lo cual llevaba una lógica de demanda permanente que produjo inconstancia para la creación de estrategias a largo plazo.

El Estado nunca se imaginó que nosotros íbamos a poder organizar esto de esta manera. Entonces el Estado tuvo que empezar a bajar más, porque cuando bajó los primeros 50 incentivos a Caballito, en Caballito había 500 personas. Nosotros le decíamos que no se pelearan entre ellos por los incentivos, que el resto había que ir a buscarlos... -¿Cómo que buscarlos? Te decían. - Si, vamos. Y ahí... ¡Pum! Metíamos gente en un colectivo de la CTA, íbamos a pelear y sacábamos otros 50, y eso iba alimentando la posibilidad de la organización. Y el Gobierno de la Ciudad funcionaba ahí como contención social: te doy la plata, te doy la plata, no me rompas las bolas, no vuelvas, no pidas más; los cortes de calle, no rompan las bolsas, trabajen mejor... esa era la mirada de la Ciudad so-

bre el cartonero, que no se vean. (Alejandro Gianni, Referente de la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste)

A pesar de todo esto los avances en esta etapa son importantes: las organizaciones de cartoneros comienzan a crecer bajo un paraguas legal más propicio, surgen distintas experiencias políticas que se desarrollan con mayor o menor éxito (Movimiento de Trabajadores Excluidos - MTE-, elecciones en el tren Sarmiento<sup>96</sup>, consolidación de cooperativas como El Ceibo, El Álamo, Reciclando Sueños, etc.). A partir de estas experiencias los cartoneros comienzan a tener representantes que pueden expresar públicamente distintas voces, se van definiendo y consolidando sus demandas como sector de trabajo y pueden comenzar a discutir desde un lugar distinto con el Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. También intervienen en la agenda pública. Por eso uno de los hitos que varios de los actores claves marcan en lo que se dió a llamar Amparo Gallardo - Montenegro que fue una presentación que hicieron algunas organizaciones de cartoneros con el objetivo de que el Estado intervenga para evitar el trabajo infantil sabiendo que muchos de los cartoneros tenían la imposibilidad de dejar a sus hijos en su casa. Eso no sólo muestra el trabajo en conjunto de varios actores, sino que visibiliza al actor estatal que tiene responsabilidades sobre el fenómeno.

Uno de los hitos que marcaron el proceso fueron los amparos que se presentaron de Montenegro y Gallardo, en el que se logró una incorporación masiva de cartoneros al Registro Único de Recuperadores (RUR). Se ganó por la vía legal. Luego un juez lo redujo a cartoneros de GCBA y no lo cobramos más. Pero fue la primera experiencia colectiva de lucha. Ese fue un momento en donde tomó mucho protagonismo la DGRec y se consolidó un laburo en donde el padrón de recuperadores llegó a 17 mil personas. Ese fue una de los hitos más fuertes luego de creada la dirección, ya sancionadas las leyes 992/03 y 1854/05. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

Como hito de movilizaciones grandes esta un fallo del juez Gallardo, habían trabajado por ello El Álamo y la proto-organización Utraca y lograron que el juez reconozca algo similar a la Asignación Universal por Hijo/a para los hijos de cartoneros. Desde allí hubo una gran marcha a la Jefatura de Gobierno, parti-

---

<sup>96</sup> Elección de delegados cartoneros para negociar frente al Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires y TBA (Trenes de Buenos Aires), empresa que brindaba el servicio del *tren blanco*.

cupó el Álamo y 500, 600 personas. Empezó un plan de lucha que terminamos agarrando y ocupamos la Jefatura y el banco logrando que esos subsidios se paguen. También se gano por la vía legal. Luego un juez lo redujo a cartoneros de la Ciudad de Buenos Aires y no lo cobramos más. Pero fue la primera experiencia colectiva de lucha. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

A pesar de que las organizaciones de cartoneros adquieren la forma de “cooperativa”, su realidad como organizaciones dista mucho de los principios del cooperativismo, sino que en términos legales, era la estructura institucional que más les servía para organizarse y demandar subsidios a su actividad a través del Estado. Sin embargo, del universo total de cartoneros las cooperativas ocupaban tan solo el 5%.

Si vos pones una lupa, no hay una puta cooperativa en la ciudad de Buenos Aires que funcione como cooperativa. Era el sello más cercano para que la ciudad baje plata. Por ejemplo, el Oeste jamás lo organizamos cooperativamente; sí en términos de movimiento político. O sea, si, tenemos el presidente de la cooperativa, pero es la persona que más legitimidad tiene dentro de ese grupo de cartoneros; (...) De echo, cuando hay conflicto entre la gente y los delegados, lo votamos, lo volamos y metemos otro en su lugar. No hay una estructura cooperativa en esto. La comercialización colectiva no apunta al cooperativismo, apunta a que el cartonero gane más por su trabajo; que no es lo mismo (...) El cooperativismo viene de otra experiencia social. Es el sello. Nosotros todavía tenemos un problema para resolver cómo podemos hacer para que esto sea economía popular, en qué figura de economía popular la podemos meter. (Alejandro Gianni, Referente de la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste)

Es fundamental destacar hasta que punto llegan las paradojas e intereses contrapuestos dentro de la administración pública que, por un lado, crea un marco propicio para el desarrollo de la actividad y, por el otro, se despliegan operativos represivos hacia el sector. Hacia el final de esta etapa, la gestión de Ibarra crea el RECEP, iniciativa que es continuada por Telerman y transformada por Macri en la UCEP. Ambas unidades creadas para el supuesto cuidado del espacio público, en virtud de lo cual, se constituyeron seudos grupos de tareas, que hacían operativos de desalojo de cartoneros de las calles, intimidaciones y robo de pertenencias y materiales. Las órdenes provenían de un sector del Gobierno de la Ciudad, incluido el mismo Ministe-

rio, lo que revela la dualidad de las políticas hacia el sector, al que por un lado se legalizaba y por otro se reprimía.

Luego el Gobierno cambió, se rompió el vínculo con cartoneros, se generó en torno a su figura un discurso discriminatorio y el gobierno de Ibarra por el lado de Epsztein crea el RECEP que buscaba secuestrar a camiones (que sabemos que estaban en malas condiciones pero el Gobierno debía dar una respuesta no represiva) se terminó en conflictos violentos. La llegada de Telerman potencia las políticas represivas, estaba la idea de una ciudad estéticamente bella en la que no encajaban los cartoneros.

El Gobierno no podía llevarse camiones pero Telerman alquila o compra 3 grúas gigantes para llevarnos los camiones. Llegamos así a un punto donde todos los días nos querían llevar camiones, todos los días hacíamos piquetes y terminamos dos días haciendo piquete en puente Alsina, hubo situaciones de violencia, compañeros detenidos. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

Durante este proceso los referentes políticos comienzan a “a hablar sobre los derechos de los cartoneros y a representar sus intereses ante los funcionarios de la Ciudad de Buenos Aires, resulta interesante, y podría ser parte de otra investigación reflexionar sobre la relación de los delegados de estos sectores de trabajo, que además de referentes de las cooperativas eran delegados de los trabajadores de ese sector de trabajo y también defendían sus derechos ante los funcionarios<sup>97</sup>.

### **3ra etapa: Resistencia- Consolidación de las organizaciones – El cartoneo como un trabajo. (2007-2012)**

Esta etapa comienza en el 2007 con organizaciones de cartoneros ya instaladas y en crecimiento. Las principales eran El Ceibo, El Álamo, el MTE y Reciclando sueños, a los que se suman algunos grupos que comienzan a identificarse como los del tren Ex-Sarmiento, “Recupe-

---

<sup>97</sup> Se podría hipotetizar que estos referentes consideraban a los cartoneros como trabajadores estatales desde la etapa



radores Urbanos del Oeste” y “Madreselvas” del Ex-Mitre. Son organizaciones pequeñas pero ya arraigadas en la Ciudad con una legitimidad reconocida por los vecinos y relativa capacidad de negociación con el Estado.

Al asumir el gobierno Mauricio Macri, comienza una primera fase de políticas represivas/expulsivas, ya que no solo continúa operando la UCEP sino que profundiza su accionar, sobre todo con los cartoneros no organizados, cuya mayor expresión se observó en el intento de desalojo en Barrancas de Belgrano, luego de su complicidad con TBA y la CNRT de Nación, en la suspensión definitiva de los servicios de trenes que habían sido conseguidas por el sector cartonero para acceder a la Ciudad desde provincia. Dicho desalojo se produjo sobre un grupo de cartoneros que frente a la quita de los trenes, se ve obligado acampar en la Ciudad por no poder costear diariamente los fletes para llevar sus materiales a provincia.

Luego asume Macri y empieza la etapa represiva nuevamente, con un detalle: se reconvierte y reutiliza la estructura que había inventado Ibarra, aparece la UCEP, no solo para atacarnos sino a las personas en situación de calle también. Vuelven los secuestros de Camiones, se retiran los trenes y dejan a 700 u 800 mil compañeros en la calle y sin laburar. Ese fue un hito triste porque fue una derrota, desde el MTE fuimos solidarios y participamos para que vuelva el tren, marchamos tres veces a transporte de Nación y no pudimos recuperar el tren. Se consiguió que Nación ponga camiones y que Ciudad se hiciera cargo económicamente. Fue tan caótica la quita del tren que hubo 20 acampes masivos en varios lugares y uno en pampa y la vía fue más mediatizado se negativizó la imagen del cartonero y hubo gran represión. Luego se dio una marcha grande de 3000 personas a la jefatura de Gobierno, ahí cambio toda la estrategia de represión, se entendió que eso no funcionaba dado que tanto nivel de represión nos había organizado y vuelto combativos. Esto en 2008. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

Se sacan los trenes: “Eso generó que los cartoneros acamparan para juntar más material y contrataran entre todos un flete semanal que llevara el material. El acampe en la vía pública tocó la fibra más dura y conservadora del macrismo que mandó a la policía a que los cagara a palos en los asentamiento para que se vayan. Como el vecino porteño tiene un alto índice de hipocresía, no se aguantaron ver el orden que habían pedido que hagan, y rápidamente los vecinos que habían llamado al gobierno para que mandaran a la policía para que sacaran a los cartoneros, se pusieron del lado de los cartoneros porque se notaba que los

estaban cagando a palos y se notaba que eran familias de trabajadores con chicos en asentamientos muy precarios. Y ese es el hito fundante, si vos preguntas a las cooperativas, ellos te van a contar de los acampes. La vida se divide previa a los acampes y posterior a ellos. Fue “la batalla”. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

Pero esta política no tiene éxito, puesto que ante la movilización de todo el sector fortalecido al calor de la protesta social con cortes de calles, vías del tren, puentes, etc, y el repudio de la gran mayoría de los vecinos frente a la represión desatada en Belgrano, se vieron obligados a comenzar las negociaciones. De dicha negociación un sector de los cartoneros obtuvo por parte del Gobierno de la Ciudad una solución provisoria, que consistió en la contratación de camiones privados para realizar los traslados, lo cual les permitió seguir trabajando, sin que esto se traduzca en una merma del número de cartoneros.

La organización más favorecida fue el MTE, ya que si bien, en esta etapa, no eran muchos cartoneros organizados ni militantes, lograron capitalizar más de 1000 cartoneros que participaron del corte en Puente Alsina producto de la prohibición del Gobierno de la Ciudad de que ingresen los camiones que traían a los recuperadores urbanos con sus carros.

Es importante destacar dos procesos que son catalizadores del nuevo escenario que se estaba configurando. Por un lado, la articulación de este pequeño grupo que era en ese momento el MTE con la Junta Interna de ATE Capital que representaba a los trabajadores de la Dirección a cargo de llevar adelante la política pública con el sector cartonero. Por el otro, que el avance del macrismo hacía los trabajadores se daba tanto en el sector cartonero como en el de los estatales. En el primer universo se instaló una lógica de desgastar la tarea del cartonero individual, quedando los no agrupados fuertemente desprotegidos y desfavorecidos. Esta etapa es, entonces, de represión hacia los cartoneros no organizados y de negociación con las distintas organizaciones de cartoneros. En el segundo universo ese avance se cristalizó en el vaciamiento de la DGREC<sup>98</sup> que implicó el despido de 36 trabajadores/as<sup>99</sup>, la no entrega de credenciales, peche-

---

<sup>98</sup> La Dirección General de Reciclado (DGREC) es la continuación de la DGPRU. El organismo estatal responsable de la implementación de la Ley 992 y la Ley 1.854.

<sup>99</sup> Fueron reincorporados mediante un conflicto gremial prolongado que implicó la toma de las oficinas de la DGREC, cita en Balcarce 362, 4to. piso.

ras, guantes y finalmente la desarticulación del trabajo territorial de los trabajadores estatales que se venía haciendo desde las primeras etapas en los CGPC.

El MTE logra en esta etapa imponer algunas consignas históricas del sector como son hacer ver que el acto de cartonear es parte de un sistema en el que el cartonero es el eslabón más débil y -a la vez que es el principal actor en la recuperación de materiales reciclables-, que para ordenar la tarea hay que verla de forma integral y que esto no se puede hacer sin invertir presupuesto tal como se hace con el sistema formal de recolección a cargo de las empresas privadas, a las que se les paga millonarias sumas para realizar el servicio público de forma concesionada.

El Gobierno empieza a pagar los servicios de transporte del tren Suárez y Tigre y luego empieza a reconvertir los vehículos de zona sur. Ese es el gran hito del movimiento cartonero porque se le dan recursos y se reconoce la vía del reciclaje mediante los cartoneros. Se reconvirtieron los camiones viejos, la seguridad de los viajes de los trabajadores y sus condiciones laborales fueron en ascenso. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

Con el impulso de estas reflexiones y consignas, este grupo arma la Asociación Civil Amanecer de los Cartoneros y constituye un primer sistema de recolección de residuos reciclables a cargo de las cooperativas de cartoneros. Las cuales logran negociar camiones para transportar los materiales que recuperan, colectivos para arribar a la ciudad, ropa de trabajo, credenciales que los identifica, un incentivo mensual por el trabajo que realizan, monotributo y obra social.

Ese fue un momento fundante, porque a la par del reemplazo de los camiones había un grupo de cartoneros enrolados en una cooperativa, que en ese momento era un movimiento que se conoce como MTE (Movimiento de Trabajadores Excluidos), que después se dieron a llamar “El Amanecer de los Cartoneros”, lograron otro acuerdo, por el cual todos los camiones desvencijados en los que estaban viniendo a capital y que se les prohibía el ingreso, fueran reemplazados por una flota entregada por el Gobierno de la Ciudad en comodato, que los transportaban en mejores condiciones y colectivos que transportaban a los compañeros, a cambio de no permitir el trabajo infantil, un presentismo mínimo de 3 horas y algunas cuestiones básicas de trabajo que tenían que ver con el uso de uniformes y las formas de trabajo.(Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas).

Es necesario aclarar que todas esas reivindicaciones pueden leerse como: 1) del tipo de “asistencia social”, es decir mejoras en las condiciones en las cuales hacen la tarea, 2) vinculadas a la (muy incipiente) mejora en las condiciones de trabajo, pero que esa mejora no se traduce directamente en una mejora en la recuperación de residuos reciclables en la Ciudad de Buenos Aires en lo que tiene que ver con la GIRSU ; incluso en el 2008 se enterró el 14% más de residuos que en el año anterior.

Entonces, se arman dos sistemas llevados adelante por cartoneros, aunque todavía precarios para cubrir las necesidades públicas: uno nocturno, es con cartoneros que recuperan en la ciudad y venden el material en sus barrios, en el conurbano bonaerense; el segundo es el sistema diurno que realiza la recolección puerta a puerta a grandes generadores involucrando también a las cooperativas que tienen centros verdes, como El Ceibo y El Álamo, donde se deposita este material para ser vendido.

De esta manera se les quita a las empresas el servicio de recolección diferenciada, servicio por el cual se les pagaba cifras millonarias y que no realizaban, negocio descubierto y denunciado por los propios cartoneros. Esto fue un avance muy importante para una parte del sector. Pero hay que tener en cuenta que de los 8000 cartoneros que se estima trabajan en el ámbito de la Ciudad, el Macrismo insistió en defender un universo de 5000 cartoneros.

Hubo una división del pliego que fue un logro, en 2008 se denunció a grandes empresas y Cliba que cobraban por un trabajo de residuos que no hacían y tomamos esos espacios. El gran hito de institucionalización del sector fue lograr dividir pliego de secos y pliego de húmedos. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

Durante los primeros meses del año 2008 la Junta Interna de ATE de Medio Ambiente, que había ganado el conflicto por los despidos, se vio diezmado producto de las renunciadas de trabajadores/as debido al desgaste de la lucha y el vaciamiento de la DGREC. En ese contexto mantiene un eje gremial pero cambia la estrategia haciendo un salto hacia adelante y observando que el Gobierno estaba apostando a los grupos organizados, retoma contactos entre algunos de los cartoneros que fueron parte de la experiencia anterior e impulsa la organización de nuevas cooperativas nucleadas en la CTA Capital. A partir de esta articulación, para mediados de ese año, se conformó la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste y luego Las Madreselvas. Finalmente en el año 2009 se conforma Cartoneras del Sur.

El éxito del MTE, que hasta hoy en día subsiste y es la cooperativa de cartoneros más grande del país, fue el dinamizador de un proceso de cooperativización masivo. Hasta ese momento había 2 o 3 experiencias aisladas. Creo que existía “El Álamo”, “El Ceibo” seguro, estaba la triste y fallida historia del CERBaF en el Bajo Flores, esta la “Cooperativa del Oeste” vieja, y había algún que otro intento, pero todas experiencias muy chicas, de no más de 20 compañeros. La irrupción del MTE con esa fuerza y capacidad de negociación terminó de dinamizar el proceso de forma interesante, que consolidaron la experiencia del ramal oeste, que hoy son “Recuperadores Urbanos del Oeste” y la experiencia de “Las Madreselvas” de zona norte. Ese es el hito fundamental en la historia de los recuperadores. Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

Después el laburo se consolidó y teníamos la idea de armar muchas cooperativas, pero abrir muchas chiquitas era un problema porque son muchas comisiones directivas. Entonces se decidió armar una, después otra (Madreselvas), después Cartonera del Sur. trabajábamos mucho en la zona de Once conocíamos y teníamos relación con los referentes de la zona, dijimos que con esas herramientas íbamos a armar esa zona. Fuimos y armamos el Oeste. Pero el Oeste ya lo armamos desde ATE. Con el MTE todo bien, porque no íbamos a entrar en todas las cooperativas. Decidimos desde ATE tener una política para los cartoneros y armar algunas cooperativas más. Empezamos a laburar con el Tanito en el Oeste con los referentes. Cuando se consolida viene Eva, que laburaba conmigo en una ruta del MTE; al tiempito lo sacamos a Edu y lo trajimos a laburar en el Oeste y armamos un equipo para laburar en la zona. Cuando consolidamos ese laburito, que fue problemático también, porque el MTE tenía que empezar a compartir porque había otra cooperativa, le empezamos a hacer quilombo por afuera del MTE, empezamos a meter a la CTA, a ATE, hasta que logramos los incentivos para la cooperativa. Cuando logramos eso, primero 20, después 70, luego 100, empezamos a hablar con otros referentes de otras zonas, que luego resultó siendo Madreselvas. Me acuerdo que caímos, negociado previamente unos 50 incentivos para el Oeste pero que fueron utilizados para Madreselvas. Ahí pudimos abrir otra cooperativa”. (Alejandro Gianni, Referente de la cooperativa Recuperadores Urbanos del Oeste)

Se empezó a incorporar compañeros y a llegar a una organización más gremial, la de una cooperativa de trabajo más que de comercialización. La existencia de

cooperativas movimiento como madre selvas tren zona norte y tren oeste cooperativa del oeste eran nuevos actores con una lógica como la nuestra, abrieron otra forma de organización.

Se abrió el mapa de la ciudad y se pluralizó la disputa, se consiguió el pliego no sin grandes sobresaltos, cabe aclarar que Greenpeace tuvo un rol fundamental en poner trabas a esta división del pliego y ahora forma parte del funcionariado de la Ciudad y director de APRA (Villalonga). (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

A esta situación, se suma que finalmente en el 2010 se aprueba el pliego de licitación del servicio público de recolección de residuos sólidos urbanos. Si bien en el 2008 se había reconocido el trabajo de las cooperativas, esta normativa finaliza un proceso de legalización y formalización dándole un marco institucional sin precedentes. En ella se diferencia el tratamiento de los residuos húmedos (orgánicos) por un lado, de los secos (materiales reciclables) por el otro. Los primeros quedaron en manos de las empresas privadas y los segundos a cargo de las cooperativas cartoneras. Durante el año 2012 se hace efectivo este nuevo pliego de Residuos Sólidos Urbanos en la Ciudad de Buenos Aires.

Las cooperativas de recuperadores urbanos de la ciudad, licitaron diferentes zonas de trabajo que tenían que ver con los lugares históricos donde estaban trabajando. Licitaron, ganaron, algunas se presentaron solas, otras disputaron lugares de forma fraternal, otras se asignaron tanto por su preexistencia real como por su peso político, y quedó constituido un pliego de residuos sólidos urbanos que equipara en privilegios y obligaciones a las cooperativas con las empresas. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madre selvas)

Se licitaron las zonas se dividieron y se logró un paraguas institucional para guardar lo que ya había conseguido, a su vez se obligó al gobierno a incluir y formalizar al resto de los cartoneros, a implementar políticas y no se terminó de aplicar el pliego pero los avances tienen que ver siempre con la correlación de fuerzas. (Rafael Nejamki, Referente de la Cooperativa Amanecer de los cartoneros-MTE)

#### **4ta etapa: Hacia la formalización de la actividad (2012-2014)**

Con las cooperativas enmarcadas institucionalmente en el nuevo pliego de residuos sólidos urbanos secos y con un claro proceso de crecimiento tanto cuanti como cualitativo es que fueron por otro paso en el largo camino hacia la formalización del sector cartonero.

En estos años las tres organizaciones tienen la experiencia de hacerse cargo de diferentes plantas de clasificación y acopio, también conocidas como Centros Verdes. Allí empiezan a trabajar miembros de la cooperativa que dejan “el carro” con todo lo que ello implica y van a ser operarios en estos lugares.

A su vez empiezan a ser destinatarios de otros beneficios que consiguen con la movilización y que financia el Gobierno de la Ciudad. Estamos hablando de subas regulares del incentivo, ampliación de miembros de las cooperativas, adquisición de camiones y colectivos -en el caso del MTE se suman a la flota existente y Recuperadores Urbanos del Oeste y Las Madreselvas-, acuerdos para el pago del monotributo social y por ende la entrada a la obra social, de varias mudas de ropa de trabajo y sobre todo una vinculación institucional muy fuerte con la Dirección General de Reciclado que se expresa en una incidencia importante en la orientación de ciertas políticas.

Comenzamos un proceso de formalización del trabajo del recuperador con una dinámica alarmante que te genera desafíos a cada rato, en cual los cartoneros pasaron a tener un incentivo por cumplir un mínimo de presentismo, a ir incorporando camiones manejados por compañeros de las cooperativas, obtener cosas como la obra social, monotributo social, toda otra dinámica que no fue creciendo de manera pareja, como tuvo que haber sido, protagonizado por el MTE que dio el primer paso, y las demás tratando de ir en la misma dirección. (Eduardo Nasif, Referente de las Cooperativas Cartoneras del Sur y Las Madreselvas)

El Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires retomó uno de los proyectos que había impulsado la gestión de Telerman. El mismo se trataba de colocar containeres en toda la Ciudad y fue impulsado por ONG's como Greenpeace. Esa política generó dos efectos encadenados. Primero, una tensión muy fuerte con las cooperativas ya que ellos identifican esta política como antagónica con las iniciativas de impulso al reciclado y al mejoramiento de las condiciones de vida y trabajo de los cartoneros. Esa tensión llevó a un conflicto abierto con las cooperativas que ahora estaban en el marco de la Federación de Cartoneros y Recicladores. El resultado de las pro-

testas llevaron al Gobierno a comprometerse a desistimar el proceso de containerización. Pero la presión de las ONG's más el negocio millonario que implicaba hizo que luego de un compás de espera el Gobierno volviera a plantearlo. En ese marco y observando que no iban a poder detenerlo las cooperativas negociaron la colocación de unas campanas para el reciclado en toda la Ciudad de Buenos Aires que incluye la incorporación de los cartoneros para su gestión.

Este cambio en las formas de trabajar de los cartoneros organizados es muy significativo porque no sólo configura la posibilidad de finalizar el proceso de formalización mediante la estatización del servicio público de recolección diferenciada -hoy en mano de las cooperativas por el pliego de RSU secos- sino que transforma uno de los pilares identitarios de los cartoneros: no utilizarían más el carro.

## **Palabra Finales**

Durante las difentes etapas del movimiento carotnero se pudo observar cómo el gobierno de la Ciudad de Buenos Aires fue varian su relación con este sector, al comienzo no los reconocian y cuando lo hicieron, fue porque *la ciudad de buenos aires de noche se llenaba de personas que revisaban la basura*. Luego, a partir de su trabajo y de las diferente sproblematicas ambientales, los funcionarios comenzaron a entender los beneficiones ambientales de su trabajo. A partir de este momento, y gracias al agrupamiento y organización de los cartoneros, comenzó un proceso de negociación con el estado donde las cooperativas y los cartoneros comenzaron a obtener beneficios, entre ellos, se les reconocieran derechos sociales y laborales.

En este proceso fueron centrales los referentes políticos porque fueron parte de las negociacion ante el gobierno de la ciudad (en conjunto con los referentes o presidentes de las cooperativas). Además, en las primeras etapas jugaron un rol centrar para que los cartoneros comiencen a pensar que lo que hacian er aun trabajo, que debian organizarse para obtener mas derechos y hasta para poder llevar adelante cooperativas y platas de separación



**Militancia e imaginario comunista. La actividad política de la Federación Juvenil Comunista en la Argentina de la post-dictadura (1983-1989)**

**Militância e imaginário comunista. A atividade política da Federação Juvenil Comunista na Argentina da post-ditadura (1983-1989)**

Débora Elizabet Ermosi (IDAES-UNSAM/UNGS; [deboraermosi@gmail.com](mailto:deboraermosi@gmail.com))

**Resumen**

En el presente trabajo se analizarán las prácticas políticas desarrolladas por los jóvenes comunistas nucleados en la Federación Juvenil Comunista en la Ciudad de Buenos Aires (Argentina), para lo cual se indagará sobre las formas y los espacios de militancia privilegiados durante la post-dictadura (1983-1989). En primer lugar, se analizarán los distintos “frentes” en los que actuó la FJC: los colegios secundarios, las universidades, los sindicatos, entre otros. En segundo lugar, a partir del análisis de los distintos ámbitos de acción en el que se desarrollaron, especialmente el estudiantil, se pretende reconstruir parte del imaginario de los jóvenes comunistas. Para ello, será necesario indagar sobre el creciente latinoamericanismo que impregnó sus prácticas políticas a partir del “viraje revolucionario” adoptado en el XVI Congreso partidario en 1986.

Palabras clave: juventud comunista – cultura política - militancia

**Abstract**

In this paper will analyse political practices developed by the young communists gathered in the Communist Youth Federation in the city of Buenos Aires (Argentina), for which policy-makers will be explored on the forms and spaces of militancy privileged during the post-dictatorship (1983-1989). Firstly, the various "fronts" that acted the FJC will be analysed: secondary schools, universities, trade unions, among others. Second, starting from the analysis of the different fields of action in which it developed, especially the student intends to rebuild part of the imagination of the young communists. To do this, it will be necessary to inquire about the growing Latin Americanism that it pervaded their political practices from the "revolutionary change" adopted at the 16th Congress supporter in 1986.

**Key words:** Communist youth - culture political – activism

**Introducción**

La Federación Juvenil Comunista (en adelante FJC o *Fede*) fue la institución central del Partido Comunista Argentino a la hora de organizar la participación juvenil. En este sentido, la movilización de los jóvenes trabajadores, de los sectores populares y estudiantiles fue una tarea encarada desde los orígenes de la Federación que se remontan a 1920. El propósito del PCA era convertir a la Federación en una organización de masas, lo que requería definir las formas y los espacios de militancia. Con el regreso de la democracia, los comunistas sostenían la “bandera de la unidad”, enarbolada por el resto de las organizaciones partidarias, en los sindicatos, en los centros estudiantiles, en las entidades profesionales, en el movimiento vecinal, en la ciudad y en el campo, entre los jóvenes. Sin embargo, llama la atención como tras una experiencia trágica como lo fue la última dictadura militar y la postura adoptada por el Partido ante este suceso, la *Fede* seguía sosteniendo la misma bandera de lucha pero en un contexto totalmente diferente: el “viraje” adoptado por el Partido y los lineamientos ideológicos adoptados a partir del XVI Congreso realizado en 1986, marcaron una ruptura con la política seguida hasta entonces.

En este trabajo se pretende analizar las prácticas políticas desarrolladas por los jóvenes comunistas nucleados en la FJC durante el período post-dictatorial, para lo cual se indagará sobre las formas y los espacios de militancia privilegiados durante el período 1983-1989, tanto como sobre el imaginario que nutría a dicho activismo. Así, en un primer momento, se reconstruirán los distintos “frentes” en los que actuó la FJC, tales como los colegios secundarios, las universidades, los sindicatos, entre otros. En este sentido, será necesario prestar atención a los cambios introducidos al interior del Partido y de la Federación a partir de la realización del XVI Congreso del PCA realizado en 1986 y de la adopción del llamado “viraje revolucionario” a partir de ese momento. Esto permitirá reconstruir, parte del imaginario de los jóvenes comunistas. Así, en un segundo momento, será necesario indagar sobre el creciente latinoamericanismo que impregnó las prácticas políticas de los jóvenes comunistas y que ayudó a definir (o a recuperar) una serie de tradiciones, de valores, de símbolos, en un contexto de transición hacia un orden democrático.

## **1. Formas y espacios de militancia**

### **2.a. La FJC y el movimiento obrero**

La política represiva implementada por la última dictadura militar, aunque se extendió a todas las actividades económicas, se concentró de manera preferencial en las actividades industriales (metalúrgicos y mecánicos fueron especialmente perseguidos) y en los servicios públicos esenciales (transportes, ferroviarios, Luz y Fuerza), es decir, aquellos sectores que habían constituido, durante la segunda etapa de la industrialización por sustitución de importaciones, pilares

clave de la organización sindical. A estas formas de represión, el gobierno militar sumó la intervención de la mayoría de los grandes sindicatos y federaciones, que comenzaron con la de la central nacional de trabajadores: la Confederación General del Trabajo (CGT). No obstante, como señala Victoria Basualdo, aunque las políticas represivas, laborales y económicas de la dictadura tuvieron un impacto decisivo en las condiciones de vida y de trabajo de la clase obrera, existieron respuestas de los trabajadores frente a éstas.<sup>100</sup>

En este contexto, es preciso señalar que el PC sólo fue un actor importante, sin llegar a ser mayoría, en algunos ámbitos circunscriptos territorialmente, como el Movimiento Obrero de la Ciudad de Córdoba, las “ligas agrarias” (organizaciones de pequeños productores rurales) y otras organizaciones rurales del norte del país y en las Coordinadoras Obreras del Gran Buenos Aires surgidas en 1975. Eso los condenaba a cierta impotencia para expandir sus propuestas y acciones al conjunto social, por más que una militancia dedicada y sólidamente organizada les permitiera multiplicar esfuerzos y expandir su influencia más allá de su base organizativa.<sup>101</sup> A partir de mediados de 1981, las protestas sindicales se fueron sucediendo más frecuentemente y fueron adquiriendo un carácter más masivo. Es importante señalar que desde 1981 en adelante, parte de la oposición al gobierno dictatorial se organizó alrededor de un nuevo movimiento sindical, representado por la CGT “Brasil”, cuya cara visible fue la del secretario de la CGT Saúl Ubaldini<sup>102</sup>, del cual participaban las filas comunistas. En el marco del primer acto legal realizado por el PC en el Luna Park, en septiembre de 1982, Athos Fava, secretario general del partido, afirmaba que “un rol determinante le corresponde a la clase obrera en el período de transición hacia la democracia”.<sup>103</sup> En

---

<sup>100</sup> En términos de formas de organización y lucha, es posible dividir al período de la dictadura en dos etapas diferentes, divididas por un hecho que transformó la dinámica sindical: la primera huelga general de abril de 1979. El primer período se extiende desde marzo de 1976 a abril de 1979, mientras que el segundo se inicia en mayo de 1979 y concluye con el inicio de la transición democrática en 1983. Basualdo, 2006.

<sup>101</sup> Campione, Daniel. “El Partido Comunista de la Argentina. Apuntes sobre su trayectoria”, en Concheiro Bórquez, Elvira, Modonessi, Massimo y Crespo Horacio (coor.), *El Comunismo: otras miradas desde América Latina*, Universidad Autónoma de México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, México, 2007.

<sup>102</sup> Es necesario aclarar que el sindicalismo argentino había estado lejos de la unidad entre fines de 1960 y comienzos de 1970 y el enfrentamiento entre los sectores que apoyaban a los líderes más ortodoxos del movimiento obrero y los sectores combativos se volvió más violento a partir de 1973. Desde el golpe militar en adelante, las divisiones sindicales continuaron y la actitud de la dirigencia sindical frente a la dictadura en sus primeros años estuvo lejos de estar unificada. En este sentido, pueden señalarse dos tendencias al interior del sindicalismo: una “participacionista” y otra “confrontacionista”. Las divergencias entre ambas tendencias se plasmaron más claramente cuando los sectores “confrontacionistas” decidieron reconstituir la CGT. En noviembre de 1980 y en pleno desafío al decreto promovido por la Junta Militar en 1979 donde declaraba disuelta a la CGT, se constituyó la CGT “Brasil” (denominada como la calle donde estaba la sede) y en diciembre del mismo año fueron electos Saúl Ubaldini como Secretario General, Fernando Donaires, como adjunto y Lesio Romero como Secretario de Hacienda. Para más información ver Basualdo, 2006 y Albós, 1984.

<sup>103</sup> “Ni golpe, ni continuismo”, *Aquí y ahora la Juventud*, N° 1, septiembre de 1982, pp. 10.

este sentido, a la salida de la dictadura la dirigencia comunista seguía exaltando sus intenciones históricas: convertirse en el Partido de la clase obrera, subsumiendo en este proceso a otras identidades como la del estudiante o la del intelectual. Esto obligaba a los comunistas a tener que fortalecer sus propios organismos partidarios y tener la mirada puesta en los sindicatos, dándoles la importancia que consideraban que tenían como bastión fundamental de la clase obrera y de la lucha por una nueva sociedad. En este sentido, la FJC debía actuar como catalizadora de esas fuerzas.

En junio de 1983, se realizó el primer acto organizado por la FJC para la clase trabajadora, donde se levantó un programa de reivindicación y lucha llamando a la unión de la juventud obrera, principalmente comunista y peronista para lograr una CGT unida y combativa. Este no fue un hecho menor. Al mismo asistieron 5000 jóvenes trabajadores de una decena de gremios y más de 40 empresas “ratificaron el perfil de la juventud comunista como la juventud del partido de la clase obrera”.<sup>104</sup> En estos primeros años de la década de 1980, aparece como una necesidad crucial para la FJC, difundir a la juventud trabajadora su preocupación por hacer efectiva su tarea dentro del movimiento sindical. En este sentido, eran frecuentes las reuniones que organizaba el Comité Ejecutivo de la *Fede* con una parte de los delegados sindicales de la juventud comunista, no sólo para analizar el curso de la normalización sindical sino también para brindar un espacio de intercambio de opiniones y experiencias de lucha. En uno de estos encuentros, Guillermo Varone, responsable sindical de la FJC, expresaba que “para un joven comunista no hay mayor orgullo que militar en las filas del movimiento obrero”<sup>105</sup>. Es más, agregaba, el mismo sentimiento debía generar el ser elegido como delegado, el ser reconocido como dirigente por el resto de sus compañeros de trabajo. La dirigencia juvenil comunista proyectaba sobre la figura del “delegado” una serie de mandatos que, en su conjunto, contribuían a definir al militante ideal. De acuerdo a Patricio Echegaray, para los jóvenes comunistas “la militancia sindical demostraba el compromiso con los compañeros de la empresa, del gremio y con ellos mismos.”<sup>106</sup> Además debían contribuir muy especialmente a desarrollar iniciativas deportivas, culturales y recreativas, actividades amplias y de masas que les permitieran integrar a la vida sindical a una franja mucho mayor que el activismo regular. En relación a esto último, cada número de *Aquí y Ahora*, luego *Juventud para la Liberación* y más tarde *Compañeros de Militancia*, tres elementos centrales de la prensa partidaria en este período, otorgó

---

<sup>104</sup> “Tscaro mano a mano con los jóvenes trabajadores”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 18, junio-julio de 1983, pp. 8-9.

<sup>105</sup> “Con los delegados sindicales”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 21, agosto de 1983, pp. 10.

<sup>106</sup> “Así deben ser nuestros delegados”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 21, agosto de 1983, pp. 10.

espacios relevantes para narrar luchas, movilizaciones, reclamos y agendas electorales en gremios, signos todos de presencia de jóvenes comunistas en lugares de concentración.<sup>107</sup> La experiencia de trabajo en común, en particular con sectores del peronismo, acrecentada a partir de la resolución electoral partidaria, había generado un mayor grado de acercamiento y de posibilidades de impulsar conjuntamente y con mayor profundidad, acciones reivindicativas, por la normalización y la unidad del movimiento obrero.

Sea en los medios de prensa partidarios (sobre todo de los primeros años de la década de 1980), en los informes, en los discursos, se sostiene reiteradamente que el PC era el partido de la clase obrera, y que su ala juvenil nucleada en la *Fede*, era su herramienta de captación. No obstante, aunque la línea política era idealmente apuntar a los sectores obreros, la FJC se expandió en el movimiento estudiantil secundario y universitario. A mediados de 1980, al interior de la organización se comienza a discutir qué tipo de movimiento estudiantil se necesita.

## **2.b. La FJC y el Movimiento Estudiantil**

En Argentina, tras la última dictadura militar, los jóvenes adquirieron una gran relevancia social como protagonistas de la construcción y garantes de la continuidad de un nuevo orden político, que se pretendía democrático. A mediados de los ochenta, la juventud volvía al centro de la escena como esperanza para la “regeneración” del país. Se proyectó otra vez sobre los jóvenes (y, entre ellos, los estudiantes secundarios), la promesa de regenerar la cultura política argentina.<sup>108</sup> En este contexto, el nuevo objetivo estratégico del PC y de la FJC era conseguir que el movimiento estudiantil organizado se insertara en el Frente de Liberación Nacional y Social que, pasó a ser la nueva estrategia política a seguir a partir del XVI Congreso celebrado en Parque Norte del 4 al 9 de noviembre de 1986.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> *Íbidem*, pp. 685.

<sup>108</sup> Manzano, Valeria. “Cultura, política y movimiento estudiantil secundario en la Argentina de la segunda mitad del siglo XX”, *Propuesta Educativa*, N° 35, 2009, pp. 41.

<sup>109</sup> El Congreso es el foro más importante, la instancia más elevada que tienen los comunistas, donde se resume su ideología, su línea política, su organización. Es la síntesis de todo su pensamiento y su acción. En el caso argentino, las dictaduras y la ilegalidad impidieron que el PC realizara sus congresos cada 4 años como lo fijan los estatutos. A partir del XVI Congreso, los temas que entraron en debate fueron, entre otros, la posición tomada durante la última dictadura militar y la nueva línea política a seguir: el Frente de Liberación Nacional y Social (FLNS), con el que se buscaba aglutinar a diferentes sectores políticos y sociales bajo la hegemonía proletaria, con el fin de alcanzar la liberación nacional y social.

El gobierno de Alfonsín encaró como política de Estado un proceso de “democratización” educativa, sobre todo en el nivel medio de la enseñanza.<sup>110</sup> Como parte del intento de democratizar la escuela media, el Ministerio de Educación sancionó la Resolución N° 3, en 1984, que serviría como marco regulatorio de la actividad de los centros de estudiantes. Una de las características de esa regulación era la de impedir la presencia partidaria dentro de las escuelas. Se entendía que la política debía quedar restringida a los partidos políticos, a las discusiones parlamentarias y a otros ámbitos en los que se reconocía la legitimidad de la participación ciudadana como las campañas electorales, pero en la escuela tanto docentes como alumnos debían dejar afuera sus diferencias políticas. De modo que, la militancia política en la escuela mantuvo, al igual que en el régimen militar, una connotación negativa y disruptiva del orden escolar. Los estudiantes podrían organizar actividades culturales, sociales, deportivas y recreativas pero tenían prohibido “hacer política”<sup>111</sup>. Los primeros en reaccionar contra la prohibición de la política partidaria en los centros de estudiantes fueron los propios estudiantes secundarios, incluidos los nucleados en la FJC. Tal como los concebían los comunistas, los “centros” debían expresar la voluntad del conjunto de los estudiantes y constituirse en organizaciones capaces de jugar un rol activo en la educación y en la sociedad en general, en el marco de un proceso de liberación nacional. Así concebidos, los centros podían adoptar diversas formas organizativas y también diferentes instancias de dirección: el cuerpo de delegados, comisiones y una comisión directiva.<sup>112</sup> La FJC participó de las marchas de protesta al Ministerio de Educación de la Nación realizadas en el mes de junio de 1984, que tuvieron como resultado la derogación de la Resolución N° 3, en diciembre del mismo año. La misma fue sustituida por la Resolución N° 78 que avanzó en el reconocimiento de algunas de las demandas planteadas por los estudiantes pero sin llegar a un cambio de fondo<sup>113</sup>, ya que el impedimento de la actividad partidaria en las escuelas medias se mantuvo hasta la primera década del siglo XXI.

---

<sup>110</sup> Tal como señala Iara Enrique, este proceso se tradujo en tres grandes líneas de acción que implicaban cambios significativos pero no estructurales: 1) la promoción de la inclusión social garantizando el acceso, la retención y el egreso de los alumnos; 2) modificaciones curriculares para la transmisión de contenidos democráticos, como por ejemplo, en educación cívica e historia; 3) la promoción de mecanismos de participación como la apertura de la escuela a la comunidad, talleres de participación y el proyecto de Centros de Estudiantes que abarcaría tanto a establecimientos públicos como privados. De este modo, la reapertura de los Centros de Estudiantes conjugaba para el gobierno radical dos propósitos que para el imaginario de la época aparecían prácticamente indisolubles: democratizar la escuela media y refundar la “cultura política” argentina. Enrique, Iara. “El protagonismo de los jóvenes estudiantes secundarios en los primeros años de democracia (1983-1989)”, Ponencia presentada en II Reunión RENIJA, Salta, octubre, 2010, pp 7.

<sup>111</sup> *Ibidem*, pp. 19.

<sup>112</sup> “Que las autoridades sean los delegados de cada división”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 35, abril de 1984, pp. 10.

<sup>113</sup> Enrique, “El protagonismo de los jóvenes estudiantes secundarios”, 2010, pp. 17.

Por otro lado, la FJC promovió la organización de organismos intermedios del movimiento estudiantil secundario, como la Federación de Estudiantes Secundarios (FES) del área metropolitana. La FES fue una de las expresiones del “frentismo”, una estrategia por la cual los estudiantes secundarios comunistas buscaban la unidad de acción y organización con peronistas, socialistas, intransigentes, independientes y radicales. Se buscaba mediante la FES poder avanzar en la organización de centros de estudiantes y que éstos se articularan en torno a objetivos comunes.<sup>114</sup> A poco de creada, la FES promovió un “Plan de lucha” que consistió en hacer firmar un petitorio masivamente por estudiantes, padres y profesores, para que se implantase el boleto y el carnet estudiantil y se elevase el exiguo presupuesto educativo. El petitorio fue entregado en el Congreso de la Nación en junio de 1985.<sup>115</sup> La FJC participó, entonces, del modelamiento de las demandas que devendrían básicas del movimiento estudiantil secundario (defensa de la educación pública, aumentos de los presupuestos educativos, mejoras en las condiciones de educabilidad) y, en el contexto de los debates que se hicieron públicos en el XVI Congreso del PC, también buscó discutir las características del movimiento estudiantil secundario en la que se concebía como una nueva etapa de la lucha revolucionaria. De este modo, con los debates iniciados con el XVI Congreso, la idea del “viraje” fue cada vez más latente, así como la presión de las nuevas camadas de militantes por cambios radicales. En este sentido, la FJC cumplió un papel fundamental porque representaba a una nueva generación de militantes que simbolizaban una ruptura con la política anterior. A partir de 1986 se enfrentaron dos sectores al interior del Partido: el encabezado por los “viejos dirigentes” y el de la Federación Juvenil Comunista. Precisamente, fueron los jóvenes comunistas quienes salieron triunfantes de tal enfrentamiento al comenzar a tomar las riendas de la dirección partidaria.

Respecto a la concepción sobre los jóvenes estudiantes, una nota de opinión de mediados de 1986 proponía: “... **Cambiar el estudiante-voto por el estudiante-compañero.** Crear espacios de participación real para todos los niveles de conciencia, que superen el consignismo, en cada centro y en la FES...”<sup>116</sup> Una de las preocupaciones clave, entonces, pasaba por garantizar la participación y el debate en las organizaciones de base -aquí, los centros de estudiantes- para que pudieran informar y modelar las discusiones en los organismos intermedios, como la FES. Los vínculos entre ambas instancias se entreveían como problemáticos y, en pos de generar aún más

---

<sup>114</sup> “La FES ¿Se puede o no se puede?”, *Juventud para la Liberación*, N° 3, mayo de 1986, pp. 25.

<sup>115</sup> “El que no cambia todo...”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 57, marzo de 1985.

<sup>116</sup> “Para ponerse a la altura”, *Juventud para la Liberación*, N° 7, julio de 1986, pp. 26- 27.

instancias intermedias, la FJC decidió la creación de un nuevo frente para los secundarios, el “16 de septiembre”. Fue a este espacio al cual se le asignaría la iniciativa de generar nuevas ideas, nuevos cuadros, más combatividad y más vínculos no sólo con otros colegios secundarios sino además, con más militantes, para lo cual era necesaria la creación de comités básicos como ámbitos de discusión y movilización.

Por su parte, el Movimiento Estudiantil Universitario (M.E.U) continuó teniendo en la década de 1980 una importancia estratégica para la FJC, ya que se consideraba que era “la cadena de arrastre principal de la intelectualidad revolucionaria”<sup>117</sup>, debido a que el movimiento ejercía influencia sobre las capas medias urbanas. Al igual que sucedía con los secundarios, el modelo de militante universitario que defendió la *Fede* fue el del estudiante-compañero.<sup>118</sup> Con la asunción de Alfonsín, la juventud comunista comenzó a recibir señales poco felices. En la facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la UBA, por ejemplo, donde la *Fede* se hizo cargo del Centro de Estudiantes durante la dictadura, ésta había sido derrotada en elecciones recientes por Franja Morada, la histórica lista radical. Tal como señala Luciana Arriondo, en 1983, en las primeras elecciones después de la dictadura, los estudiantes eligieron a la agrupación Franja Morada, brazo del radicalismo en la universidad, como la principal fuerza política: era una opción por una alternativa políticamente moderada, por una agrupación que alcanzaba su hegemonía al tiempo que modificaba su anterior discurso radicalizado.<sup>119</sup> En los últimos años de la década de 1980, en la universidad se crearon condiciones para recomponer y ampliar el espacio de la izquierda que confrontara con el bipartidismo y la derecha liberal. Un hecho que complementa esta actividad es el surgimiento de Izquierda Unida (IU), cuya creación es celebrada por la FJC, como fuerza de apoyo en el Parlamento. Esto es relevante, si se tiene en cuenta que algo que caracterizó a IU desde su nacimiento es la preocupación por darle a la juventud un lugar protagonista en los cambios sociales. En el ámbito estudiantil, IU apostó a la creación del “Frente Amplio Estudiantil Santiago Pampillón” (FAESP), al considerarla la fuerza más dinámica capaz de aglutinar alrededor de IU a amplios sectores del movimiento estudiantil secundario y universitario.

---

<sup>117</sup> “Los comunistas y el movimiento estudiantil universitario”, *Juventud para la Liberación*, N° 7, julio de 1986, pp. 35.

<sup>118</sup> “Los comunistas y el Movimiento Estudiantil Universitario”, reportaje a Marcelo Arbit, responsable nacional de Trabajo estudiantil, *Juventud para la Liberación*, N° 7, 8 de julio de 1986, pp. 36.

<sup>119</sup> Arriondo, Luciana. “Universidad y Política: el movimiento estudiantil en los ‘80”. *La revista del CCC* [en línea]. Enero/Abril 2011, n° 11. [citado 2014-09-01]. Disponible en Internet: <http://www.centrocultural.coop/revista/articulo/209/>. ISSN 1851-3263.



De este modo, a partir de la vuelta de la democracia, se percibe una importante actividad por parte de la FJC para reorganizar y dirigir el movimiento estudiantil secundario y universitario a través de una activa participación en la vida social, esto es: protesta contra el plan económico vigente en ese momento, apoyo a las luchas del movimiento obrero, la lucha por el boleto estudiantil y por las huelgas docentes, por la falta de presupuesto destinado a las universidades nacionales, por el autoritarismo del Ministerio de Educación, por la defensa de la educación pública, por la lucha por los Derechos Humanos.

## **2.c. La FJC y la Brigada Libertador General San Martín**

Más allá del trabajo con el movimiento obrero y con el movimiento estudiantil, otro de los “frentes” donde la FJC tuvo un papel destacado fue en el movimiento de Brigadistas Libertador General San Martín (MBLGSM), no sólo por la cantidad de jóvenes que reclutó sino por el compromiso de lucha asumido no sólo en el país, sino en otros países de América Latina. Entre 1982 y 1984, se fue gestando el MBLGSM de la mano del PC y de la FJC, con el objetivo de enviar jóvenes militantes a trabajar en la cosecha del café en Nicaragua donde el 19 de julio de 1979 había triunfado el Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN).<sup>120</sup> Luego de la victoria sandinista, la reacción de sectores opositores al nuevo gobierno no se hizo esperar y se organizaron grupos contrarrevolucionarios que fueron apoyados y financiados por los Estados Unidos, desatando una guerra contra el régimen revolucionario. Esta situación se hizo eco en todo el mundo, generándose numerosas expresiones solidarias de diferentes organizaciones y países – principalmente de la URSS, los países del este europeo y Cuba-. De esta amplia corriente de solidaridad formó parte el PCA y su expresión juvenil, encarnada en la FJC, creando el MBLGSM.<sup>121</sup>

El período de gestación de este movimiento estuvo marcado por fuertes lazos de solidaridad, no sólo por parte de los jóvenes comunistas argentinos hacia otros países de América Latina sino, fundamentalmente, porque había una latente “solidaridad latinoamericana” con la causa argentina en el contexto de la Guerra de Malvinas. Si bien Nicaragua fue uno de los países que más

---

<sup>120</sup> De esta manera, Nicaragua se convirtió en el refugio de cientos de exiliados políticos, así como de miles de personas de todo el mundo que veían a este país como ejemplo de transformación revolucionaria, coraje y sacrificio. Fernández Hellmund, Paula. “Relaciones internacionales, juventudes políticas y solidaridad durante la Revolución Popular Sandinista (1979-1990). Una mirada antropológica”, en *História Ágora. A revista de História do Tempo Presente*, 2009, pp. 4.

<sup>121</sup> Estas brigadas cobraron popularidad con el nombre “brigadas del café” porque su actividad principal era trabajar en la cosecha del café nicaragüense. *Ibidem*, pp. 4.

activamente prestó solidaridad a la Argentina durante este conflicto, hubo otros países que se comprometieron con la causa.<sup>122</sup>

Luego de la derrota de la Guerra de Malvinas en 1982, el deterioro del gobierno militar se profundizó. En este contexto, la FJC comenzó a planificar el envío de una brigada de jóvenes a Nicaragua, pero esto sólo se concretó en octubre de 1984. En el interín, la solidaridad de los comunistas argentinos con Nicaragua se efectivizó de forma material (envío de dinero, medicamentos, indumentaria, alimentos, lapiceras, cuadernos, etc.) y simbólica (declaraciones y volantes de solidaridad, marchas por la paz, etc.).<sup>123</sup> En octubre de 1984, la brigada realizó su primera aparición pública en el acto de lanzamiento del MBLGSM, donde se anunció oficialmente el envío de 120 brigadistas de la Juventud Comunista al país centroamericano para participar en el corte de café.<sup>124</sup> El PC envió tres contingentes de brigadistas integrados exclusivamente por miembros de la FJC, en los años 1985, 1986 y 1987. La brigada de 1985 fue la más significativa porque fue la más numerosa y publicitada de todas. Los 120 viajeros, fueron sólo la punta del iceberg de otros muchos que se inscribieron. Entre los que viajaron había desde estudiantes universitarios hasta ex combatientes de Malvinas. Todos los que participaron en esta brigada fueron considerados trabajadores voluntarios. En este sentido, lo estrictamente militar recién apareció en la brigada formada para luchar en El Salvador.<sup>125</sup>

Lo que buscaban era establecer relaciones con la juventud sandinista que les permitiera avanzar hacia un “nuevo brigadismo”. Y para ello, entendían la construcción del mismo como una opción de las masas juveniles a la lucha contra el imperialismo. Lo que buscaban era incorporar lo

---

<sup>122</sup> Estas muestras de solidaridad, se efectivizaron cuando del 13 al 15 de mayo de 1982, arribaron a la Argentina jóvenes parlamentarios, dirigentes políticos y estudiantiles de doce países latinoamericanos para manifestar su apoyo a los derechos argentinos sobre las Islas Malvinas. Esta visita sirvió para reforzar los vínculos de las juventudes políticas de la Argentina con sus pares del continente: la delegación fue agasajada con una recepción organizada por la Juventud Peronista y a la que concurrieron dirigentes de todos los partidos y juventudes políticas que se autodefinían como democráticas. En junio del mismo año, la solidaridad con Argentina se hizo presente también en Panamá, en donde se realizó el “Encuentro Estudiantil de solidaridad con el pueblo y estudiantes de Argentina en la defensa de su economía y contra las agresiones imperialistas”. La solidaridad de los estudiantes panameños se vio plasmada en los centenares de afiches, murales y pintadas que cubrían las calles, las paredes de las universidades, las paredes de los colegios, en “Trajeron amistad y solidaridad”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 31, mayo-junio de 1982, pp. 3.

<sup>123</sup> De esta manera, el MBLGSM llevó solidaridad a Nicaragua desde su nacimiento en 1984, hasta la derrota de la revolución sandinista en 1990. Fernández Hellmund, 2009, pp. 4.

<sup>124</sup> El PC envió tres contingentes integrados exclusivamente por miembros de la FJC, en los años 1985, 1986 y 1987. La brigada de 1985 fue la más significativa porque fue la más numerosa y publicitada de todas. *Ibidem*, pp. 24.

<sup>125</sup> La solidaridad con El Salvador, comenzó en 1981, cuando Athos Fava, ya secretario general del PCA, mantuvo en Moscú un encuentro con el máximo dirigente de El Salvador, Jorge Shafik Handal, en el marco de una reunión de partidos afines al PCUS. Allí Fava supo de los preparativos de los salvadoreños para ingresar en combate con 129 hombres y mujeres y con pocas armas. Gilbert, 2009.

social al movimiento estudiantil<sup>126</sup>, debido a que entendían que los jóvenes estudiantes sólo iban a comprender las raíces del trabajo solidario y colaborativo, en la medida en que se involucraran de lleno en la realidad social. Si bien uno de los pilares de las brigadas fue el “internacionalismo solidario”, esta idea de involucrar a los jóvenes en “lo social” se extendió más a nivel nacional. En este sentido, la Brigada Libertador General San Martín era destacada por la Juventud Comunista como un importante instrumento para la formación de cuadros y militantes combativos con sensibilidad social y un mejor conocimiento e interpretación de la realidad.<sup>127</sup> El desarrollo de las brigadas dentro de la *Fede* fue un componente importante al momento de establecer ámbitos concretos de militancia juvenil. Las brigadas se desarrollaron con el aval del partido y alentaron la imaginación de un sector de la militancia que esperaba profundizar esa experiencia mediante la reorganización de un brazo armado que entrara en combate.<sup>128</sup> Esto último da cuenta de que lo que inunda a la FJC a mediados de 1980 es un “imaginario” latinoamericanista y guerrillero, expresado y defendido a partir del XVI Congreso del PC.

## 2. El imaginario de los jóvenes comunistas durante la post-dictadura

El imaginario construido por los jóvenes comunistas a mediados de la década de 1980 implicaba lecturas sobre el pasado por entonces inmediato, el de la dictadura, y una re-evaluación de un pasado más distante de las tradiciones de izquierda, el de la lucha armada, que paradójicamente el PC no avaló en las décadas de 1960 y 1970 pero cuya rama juvenil retomó en la así llamada transición democrática. Ambos hilos de ese imaginario pueden seguirse a partir de la exploración de dos conmemoraciones la del 16 de septiembre (la noche de los lápices) y la del 8 de octubre (aniversario del asesinato de Ernesto Che Guevara). En el presente trabajo, nos centraremos en esta segunda conmemoración, debido a que ésta permite analizar cómo se interpretó el legado político del Che Guevara en clave latinoamericanista y “revolucionaria” (un término clave en el marco del XVI Congreso de 1986), una clave que impregnó las prácticas políticas de la FJC y por la cual se definieron (o recuperaron) una serie de tradiciones, de valores, de símbolos.

La posición tomada por el PC frente a la última dictadura militar, es decir, el apoyo táctico al gobierno del General Videla, provocó una profunda autocrítica del accionar del Partido y de la

---

<sup>126</sup> “Una escuela de revolución”, *Compañeros de Militancia*, N° 1, marzo de 1988, pp. 22-24.

<sup>127</sup> Informe especial sobre la Juventud Comunista (1), *Juventud para la Liberación*, N° 9, agosto de 1986.

<sup>128</sup> Casola, Natalia. “Estrategia, militancia y represión.” *El Partido Comunista de Argentina bajo la última dictadura militar, 1976-1983*, Tesis Doctoral, 2012, pp. 225.

rama juvenil nucleada en la FJC, que fue la base del así llamado “viraje revolucionario.” Así, a partir de 1986 se modificó la visión hacia los movimientos de liberación nacional, la revolución cubana y las experiencias guerrilleras de los setenta, procurando identificar al partido con esas luchas y con sus figuras emblemáticas.<sup>129</sup> Aquí es donde aparece la recuperación del Che Guevara, quien había sido criticado por el Partido. Es más, el 8 de octubre de 1984, el día que se cumplió el 17° aniversario de su asesinato en Bolivia, fue el día elegido para lanzar el inicio del “viraje”. El lugar al que fueron convocados por Patricio Echegaray para la celebración de esta fecha y para el reencuentro con la figura del Che fue Rosario, su ciudad natal.<sup>130</sup> A partir de ese momento, el “Che” fue considerado como uno de los motores ideológicos principales que animó el proceso de viraje del Partido. Como señaló Claudia Korol, miembro del Comité Central del PC, para los comunistas argentinos cada homenaje al Che significaba volver a analizar críticamente esa época, implicaba un análisis del pasado.<sup>131</sup>

El atractivo que ofrecía el Che era una nueva interpretación, profundamente latinoamericana del marxismo, es decir, recreaba el marxismo-leninismo en las condiciones concretas de América Latina. Es por eso que, 20 años después de su asesinato comienza a ser estudiado, valorado, analizado como el hombre que “llevó las ideas del marxismo-leninismo a su expresión más fresca, más pura, más revolucionaria”.<sup>132</sup> Para Patricio Echegaray, “el Che incorporaba todos los elementos del viraje: el poder, el internacionalismo proletario, la dialéctica de solidaridad internacional, el aprendizaje de las luchas de los destacamentos de la clase obrera”.<sup>133</sup> Esta renovación iba acompañada de la voluntad, entre sectores de la militancia -en lo fundamental asociados con la FJC- de saldar cuentas con su propio pasado. En líneas generales, existía acuerdo en que la política bajo la dictadura había sido errónea y había expresado la burocratización del Partido. En este sentido, el XVI Congreso del PC al emprender el viraje, inició un proceso de recuperación y afirmación de la identidad revolucionaria de los comunistas. Redefinir la identidad comunista no fue una tarea sencilla para el Partido y la FJC. Sobre todo, porque muchos de los rasgos que en la historia de los comunistas habían sido considerados como esenciales de su identidad, en realidad no lo eran. Al respecto, Gervasio Paz, investigador del centro de Estudios Marxistas Leninistas,

---

<sup>129</sup> Camarero, 2007.

<sup>130</sup> Gilbert, 2009, pp. 689.

<sup>131</sup> “El Che y los argentinos. El cuarto tiempo”, *Ideología y Política*, Año 1 N° 2, octubre/noviembre de 1987, pp. 8.

<sup>132</sup> “El Che y los argentinos”, 1987, pp. 12.

<sup>133</sup> “El Che y el viraje del Partido”, entrevista a Patricio Echegaray publicada en *Cuadernos de Militancia*, N° 2, 1988, pp. 22.

señalaba que el heroísmo, la capacidad para la disciplina y la organización, también son atributos de otros luchadores sociales y políticos. Además, como frecuentemente se pensó, el ser abnegados combatientes antifascistas y defensores de las libertades y la democracia, no era un rasgo “esencial” de la identidad comunista.<sup>134</sup> En este sentido, si bien concebía la identidad como un proceso de búsqueda, sostenía que existen algunos “rasgos esenciales” que conformaban la identidad de los comunistas: ser socialistas, ser revolucionarios e identificarse con las necesidades y participar en las luchas de los trabajadores y del pueblo. Tomados por separado, cada uno de estos rasgos podía ser asumido por otros actores sociales y políticos; por eso, cada uno se veía como condición necesaria del otro, pero no suficiente: “La identidad comunista depende de la integración de los tres”.<sup>135</sup> Será por eso, entonces, que para afirmar su identidad, los jóvenes comunistas se veían en la obligación de rescatar críticamente el pasado. Es decir, para recomponer la memoria histórica, consideraban imprescindible rescatar la figura, el pensamiento y el ejemplo del Che.

Al momento de cumplirse 20 años de su fallecimiento, el Che fue recordado -en Argentina y en Cuba- por medio de actos, festivales, conferencias y seminarios. Las distintas actividades en recordación del Che, tuvieron lugar entre el 8 de octubre de 1987 y el 14 de junio de 1988, día en que cumpliría 60 años. Las mismas incluyeron la publicación de materiales inéditos sobre su vida y su obra y también la realización de festividades en todo el país. Con el objetivo de homenajear al Che, se organizó una Comisión Nacional de Homenaje compuesta por distintas figuras políticas y culturales del país. Entre las iniciativas acordadas, se destacó el trabajo hacia la publicación de una solicitada de conmemoración en todos los diarios y revistas alrededor del 8 de octubre.<sup>136</sup>

Por lo expuesto anteriormente, a partir de 1986 se puede avizorar una tensión entre dos tradiciones. Frente a lo que se veía como la vieja línea reformista, el PC y la FJC levantaron la bandera del marxismo-leninismo enmarcado en una tendencia latinoamericanista. Junto a ella coexistían dos principios que siempre han formado parte de la cultura política y de la tradición comunista: el valor en la lucha (el coraje y la valentía) y la solidaridad internacional. Tal como se señaló en el apartado anterior, los estudiantes secundarios a través del Frente “16 de septiembre”, los estudian-

---

<sup>134</sup> *Íbidem*, pp. 46.

<sup>135</sup> *Íbidem*, pp. 46.

<sup>136</sup> Asimismo, se precisó la realización de una serie de actividades de la FJC por todo el país pero concentrando la atención en el Colegio Deán Funes y la Ciudad de Alta Gracia en Córdoba, donde estudió y residió el Che; Rosario, donde nació y la Facultad de Medicina de Buenos Aires donde se graduó. En esta misma línea se trabajó para que los centros de estudiantes, consejos superiores y académicos de las universidades y facultades se pronuncien públicamente y participen de actos, colocación de placas y otras iniciativas.

tes universitarios a través del Frente “Santiago Pampillón” y los jóvenes que participaron en las “brigadas del café” dan prueba de ello. La solidaridad, cuya base era el trabajo voluntario, no sólo al interior del país sino con el resto de Latinoamérica, era un fuerte mandato al que se consagró la juventud comunista. Jóvenes estudiantes secundarios y universitarios, se solidarizaron con la lucha de los docentes, de los trabajadores y sobre todo con la lucha de las Madres de Plaza de Mayo contra el indulto a los genocidas, contra la impunidad. Lucharon y marcharon por el presupuesto educativo y por el tan ansiado boleto estudiantil. Por otra parte, el internacionalismo proletario fue el baluarte de la Brigada Libertador General San Martín: solidaridad no sólo con el pueblo de Nicaragua y de El Salvador, sino también con los activistas chilenos, que luchaban contra la dictadura del General Augusto Pinochet. De este modo, consideramos que el trabajo de la juventud comunista que militaba en la FJC en la década de 1980, contribuyó a crear una imagen más renovada de la organización y, a su vez, del propio Partido, que se cristalizaba en la tendencia latinoamericana y revolucionaria, sin dejar de lado, los valores heredados que debía practicar cualquiera que se considerara comunista. Se produjo la pérdida de una tradición y la reinención de otra, fundada en los escritos de Fidel Castro y el Che Guevara.<sup>137</sup> El Che otorgaba un rol fundamental a la ética individual, tanto del guerrillero durante la revolución, como del ciudadano en la sociedad socialista, concepto que fue desarrollado bajo la idea del “hombre nuevo socialista”, al que veía como un individuo fuertemente movido por una ética que lo impulsaba a la solidaridad y al bien común. En este sentido, otorgaba un valor central al trabajo voluntario al que veía como la actividad fundamental para formar al “hombre nuevo”. Honor. Solidaridad. Compromiso. Parecerían ser estos los elementos sobre los que se afirma lo sustancial del aporte del Che, sobre todo en este proceso de reconstrucción de la identidad comunista. Para reforzar esta nueva línea política, pero más aún, para promover la militancia juvenil en las filas de la FJC, los dirigentes de la organización y del Partido instaban a trabajar permanentemente en el plano discursivo, apelando a la trayectoria de los grandes héroes revolucionarios como el Che Guevara, Sandino, San Martín, Bolívar, Manuel Belgrano, entre otros. En los actos de la juventud comunista, además de los discursos, otro rasgo sobresaliente eran los cánticos que se entonaban y los carteles y banderas que decoraban los lugares de encuentro, junto a las imágenes de los grandes “héroes”. Por otro lado, los jóvenes comunistas habían asumido un compromiso muy fuerte con la “causa Malvinas”: en los “caídos”, veían un nuevo tipo de héroes en el combate antiimperialista. En las diferentes marchas

---

<sup>137</sup>Ibidem, pp. 56.

que se realizaban para protestar por la ocupación inglesa de las Islas Malvinas, podían leerse en los carteles y banderas que preparaban para la ocasión, las siguientes consignas: “¡Viva la Patria!”; “¡Ingleses, atrás, los pueblos quieren paz!”; “Estudiantes, unidos adelante”; “Solidaridad con los soldados en el sur”; “Queremos estudiar en democracia, sin injerencia inglesa ni yanqui”.<sup>138</sup> Esto demuestra que la solidaridad y el compromiso fueron valores fuertemente defendidos y practicados por los jóvenes comunistas a lo largo de la década de 1980. De este modo, los actos organizados por la juventud comunista, ponían en escena una fuerte carga simbólica: la nueva línea política asumida por el Partido y por la FJC se reflejaba en los discursos dirigidos a los jóvenes, apelando a los “héroes del pasado” (desde los que participaron de la gesta revolucionaria hasta los caídos en Malvinas); se percibía en las imágenes de estos revolucionarios que se pintaban sobre los carteles y las banderas, o porque aparecían en los cuadros que adornaban los lugares de reunión; se manifestaba en los cánticos de tinte revolucionario y antiimperialista.

### **3. Consideraciones finales**

El presente trabajo abordó el análisis de los distintos ámbitos donde los jóvenes que integraron la Federación Juvenil Comunista desarrollaron su práctica política. Los espacios de militancia por excelencia fueron: el movimiento obrero, el movimiento estudiantil (secundario y universitario) y las brigadas solidarias. En este sentido, si bien los jóvenes comunistas tuvieron incidencia en la clase obrera, el mandato de “movilizar” a los trabajadores no pudo efectivizarse durante la década de 1980. Ideológicamente la FJC estaba convencida de que en su lucha por alcanzar una patria liberada del autoritarismo feroz impuesto por la última dictadura militar, la clase obrera era la única fuerza capaz de enfrentar semejante tarea. Así lo expresaba en los discursos, en la prensa partidaria, en los documentos del Comité Central. Pero más que a los trabajadores, en la práctica, la organización priorizó -o tuvo mayor efectividad- en la movilización de los jóvenes estudiantes. Por otro lado, la incorporación de una nueva camada de militantes comunistas, fue precisamente el motor que provocó la reinención de viejas tradiciones en un contexto totalmente diferente. A partir del viraje del Partido, concretado en el XVI Congreso, comienzan a darse, a nivel teórico, nuevos debates y discusiones en torno a qué rumbo debía seguir el PC frente a la nueva situación que atravesaba el país: la democracia recuperada. En este sentido, consideramos que puede vislumbrarse una continuidad más que una ruptura en las prácticas políticas desplega-

---

<sup>138</sup> “Así combate el pueblo”, *Aquí y Ahora la Juventud*, N° 30, mayo de 1982.

das por los jóvenes comunistas afiliados a la organización. El honor, la solidaridad y el compromiso fueron elementos que siguieron vigentes después del XVI Congreso, con la misma fuerza que tenían antes de su realización. Pero que fueron reinventados en función de la nueva realidad latinoamericana: a través de la figura del Che Guevara, el “proyecto revolucionario” adoptado por el PC a partir del XVI Congreso, recreaba el marxismo-leninismo en las condiciones concretas de América Latina. Precisamente esto es lo que alimentaba la tensión entre ambas tradiciones, que se traducían en la desconexión entre la vieja dirigencia partidaria y los nuevos militantes. Esta conjugación de dos tradiciones al interior de la organización permitieron construir nuevos sentidos que comenzaron a convivir con las tradiciones “ancestrales” del Partido. Uno de los casos más emblemáticos fue el del Che Guevara, cuya figura pasó a ser reivindicada con el retorno de la democracia, en vez de seguir siendo criticada. De este modo, los símbolos, prácticas y tradiciones que conformaron la “cultura política” de la juventud comunista que militó en la FJC se fueron reinventando y se fueron transmitiendo a la nueva generación de comunistas que se afiliaron a la organización durante la década de 1980. Este nuevo proyecto revolucionario se emprendió no sólo por una exigencia del período que estaban viviendo, sino también para “saldar cuentas” por los errores cometidos en el pasado. La posición benévola adoptada por el PC frente a la última dictadura militar, hizo que muchos militantes se alejaran de la organización y al mismo tiempo, provocó en aquellos que siguieron apostando al Partido, la exigencia de cambios rotundos. Esto provocó un nuevo acercamiento con la izquierda y con otras corrientes políticas como el peronismo. En este sentido, tener presente el pasado reciente se convirtió en un ejercicio vital, que se retroalimentaba a través de los actos, de las ceremonias, de los festivales, de las marchas, en fin, de la lucha emprendida por el Frente “16 de septiembre”, el Frente “Santiago Pampillón” y las “brigadas del café”, los frentes de militancia de la juventud comunista por excelencia durante el período post-dictatorial.

### **Referencias bibliográficas**

ARRIONDO, Luciana; “Universidad y Política: el movimiento estudiantil en los ’80”. *La revista del CCC* [en línea]. Enero/Abril 2011, n° 11. [citado 2014-09-01]. Disponible en Internet: <http://www.centrocultural.coop/revista/articulo/209/>. ISSN 1851-3263.

AZPIAZU, BASUALDO y SCHORR La industria y el sindicalismo de base en la Argentina, Buenos Aires, Editorial Cara o Ceca, en prensa.



CAMPIONE, Daniel; “El Partido Comunista de la Argentina. Apuntes sobre su trayectoria”, en CONCHEIRO BÓRQUEZ, Elvira, MODONESSI, Massimo y CRESPO, Horacio (coor.), *El Comunismo: otras miradas desde América Latina*, Universidad Autónoma de México, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, México, 2007.

CASOLA, Natalia; *Estrategia, militancia y represión. El Partido Comunista de Argentina bajo la última dictadura militar, 1976-1983*, Tesis Doctoral, 2012.

ENRIQUE, Iara; “El protagonismo de los jóvenes estudiantes secundarios en los primeros años de democracia (1983-1989)”, Ponencia presentada en II Reunión RENIJA, Salta, 2010.

FERNÁNDEZ HELLMUND, Paula; “Relaciones internacionales, juventudes políticas y solidaridad durante la Revolución Popular Sandinista (1979-1990). Una mirada antropológica”, en *História Ágora. A revista de História do Tempo Presente*, 2009.

GALLITELLI, Bernardo y THOMPSON, Andrés; “La política laboral en la Argentina del Proceso”, en BARRERA, Manuel y FALLABELLA, Gonzalo (comps.), *Sindicatos bajo regímenes militares. Argentina, Brasil, Chile*. Santiago de Chile: CES-Naciones Unidas, 1990.

GILBERT, Isidoro; *La Fede. Alistándose para la revolución*. Ed., Sudamericana, 2009.

MANZANO, Valeria; “Cultura, política y movimiento estudiantil secundario en la Argentina de la segunda mitad del siglo XX”, *Propuesta Educativa*, N° 35, 2009.

PEDRASA, Fernando; “La Universidad y los estudiantes frente a la dictadura militar”, en Marsiske, Renate. *Movimientos estudiantiles en América Latina*. UNAM, México, 1989.

Fuentes utilizadas

Periódicos y revistas comunistas:

*Nueva Era*, año 1983.

*Aquí y Ahora la Juventud*, año 1982, 1983, 1984, 1985, 1986.

*Juventud para la Liberación*, años 1986, 1987.

*Compañeros de Militancia*, años 1988, 1989.

Libros y folletos editados por el partido:

Echegaray, Patricio. *Sobre el viraje del Partido Comunista*, Editorial El Folleto, 3ª edición, s/f.

Dossier de documentos internos pre XVI Congreso del Partido Comunista Argentino, 1986.

Dossier de documentos internos sobre la crisis política desatada en el PCA luego del XVI Congreso partidario, 1987.

“El Che vive”, Homenaje *del Comité Central del Partido Comunista*, octubre de 1987.

*Plan de gobierno del Partido Comunista. Elecciones nacionales del 30 de octubre de 1983*, Buenos Aires, Editorial Anteo, 1983.

*El pensamiento del Che Guevara*. Selección de escritos, Editorial El Folleto, s/f.

## **Uma análise sociológica da contradição entre a lei e a representação dos adolescentes na mídia impressa de Macapá**

Delque Pantoja Medeiros<sup>139</sup>

Rubieli de Abreu Oliveira<sup>140</sup>

Orientador: do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Ed Carlos Guimarães<sup>141</sup>

### **Resumo**

Este artigo é um desdobramento e continuação de reflexões iniciadas na pesquisa “Representações da Criminalidade Urbana: Medo e Insegurança Social no Estado do Amapá”, realizada pelo GEPVIC (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violências e Criminalizações). Esta pesquisa pretende apresentar as análises feitas sobre a questão de como os jornais retratam os adolescentes infratores e mais especificamente os que cometeram as infrações de furtos, roubos e latrocínios. Para tanto apresenta os tipos de discursos que permeiam os jornais e a construção da representação dos sujeitos e a atribuição de estereótipos. Pesquisa de cunho documental, por meio da qual foram coletados dados de matérias de dois jornais amapaenses; foram fornecidos pelo jornal A Gazeta 6 meses de matérias digitais, os restantes das matérias dos dois jornais foram coletados sob as visitas à Biblioteca Pública Elci Lacerda. A partir disso podemos discutir sobre as abordagens da criminalidade – seja ela praticada por ou contra crianças e adolescentes, por exemplo – visando uma mudança do foco das mesmas.

### **Abstract**

This article is an outgrowth and continuation of discussions launched in the search "Representations of Urban Crime: Fear and Social Insecurity in the state of Amapá" conducted by GEPVIC (Group of Studies and Research on Violence and criminalization). This research aims to present the analysis carried out on the question of how newspapers portray youth offenders and more specifically those who committed the theft offenses, thefts and robberies. Therefore presents the types of speeches that permeate the newspapers and the construction of the representation of the subjects

---

<sup>139</sup> Acadêmico do curso de Ciências Sociais da UNIFAP e membro do GEPVIC; delquepantoja@bol.com.br;

<sup>140</sup> Acadêmica do curso de Ciências Sociais da UNIFAP e membro do GEPVIC; rubielisarges@gmail.com;

<sup>141</sup> Prof. Dr. do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Tutor do Grupo PET/Ciências Sociais e do GEPVIC; edcarlos@unifap.br.

and the allocation of stereotypes. Documentary evidence of research, through which data were collected from two materials Amapá newspapers; were provided by the newspaper Gazeta six months of digital materials, the rest of the subjects of the two newspapers were collected in visits to the Public Library Elci Lacerda. From this we can discuss the approaches of crime - whether committed by or against children and adolescents, for example - in order to change the focus of the same.

## **Introdução**

A pesquisa documental realizada analisou 26 matérias dos jornais “Diário do Amapá” e “A Gazeta” do ano de 2012 sobre casos em que adolescentes cometiam atos infracionais. Foram fornecidos pelo jornal A Gazeta 6 meses de matérias digitais, o restante de matérias dos dois jornais foi coletado em visitas á biblioteca pública Elci Lacerda. É importante ressaltar que o objeto de análise desse trabalho é constituído pelas notícias encontradas nos jornais, ou seja, os dados apresentados aqui não pretendem de forma alguma ser dados estatísticos da criminalidade, mas fiéis ao que o jornal nos apresenta.

A partir de uma pesquisa anterior intitulada “Representações da Criminalidade Urbana: Medo e Insegurança Social no Estado do Amapá” sentiu-se a necessidade de aprofundar a discussão iniciada sobre como os jornais retratam os adolescentes enquanto infratores nos casos de furtos, roubos e latrocínios, as análises retratam a maneira bem peculiar da mídia impressa ainda representar adolescentes e pretende trazer reflexões que possam contribuir de maneira significativa e positiva tanto para o jornalismo como para os diversos segmentos da sociedade relacionados às crianças e adolescentes.

## **O discurso midiático**

Nesse sentido um aprofundamento no estudo da construção do discurso midiático sobre a criminalidade urbana se faz necessário. Em Macapá as capas e cadernos policiais dos jornais Diário do Amapá e A Gazeta, trazem a exposição dos acusados de crimes como pessoas que devem ser expurgadas da sociedade ao transgredirem a ordem social. Tal discurso se apresenta pautado por um apelo punitivo, que inicia com a acusação do suspeito e apresentação das “provas” de seu

crime. O adolescente enquanto infrator, assim, é tratado como um criminoso e por isso plenamente capaz de discernir suas ações danosas à sociedade.

Se tratando de criminalidade as mídias exercem um papel fundamental a propagação de notícias sobre fenômenos ligados à esfera criminal. Segundo Misse a “(...) mídia participa da construção dos conflitos sociais e da violência como um de seus personagens e não apenas como seu relator público” (MISSE, 2008, p. 10). No caso de crimes, representa-os de acordo com uma série de censuras e critérios, estes, por sua vez, têm como campo propício o jornalismo que se reveste de “jornalismo policial” tendo grande poder de penetrar e influenciar os outros campos fazendo com que seus discursos os permeiem.

O outro grande personagem da tragédia – porque agora já não é mais drama – é apresentado pela mídia como seu público, o comprador de jornais, o ouvinte de rádio e o espectador de televisão ou de sítios na internet, o cliente da mercadoria simbólica “horror”, a população, representada como vítima passiva da violência ou sua expectadora aflita e interessada. É dela que se alimenta a hegemonia do tema sob a égide da acusação social (MISSE, 2008, pp. 10-11).

Desse modo, a categoria de análise “campo” se tornou essencial para este trabalho, pois forneceu uma compreensão mais aprofundada e abrangente das características midiáticas e é importante ao leitor se atentar para tal análise.

Bourdieu (1997) afirma que dentro deste campo existe uma “censura invisível” quanto aos conteúdos que serão propagados e quanto aos seus agentes. Aqueles que ela alcança dificilmente conseguem se desvencilhar da representação dos conteúdos propagados e cultivar uma visão mais aprofundada sobre aquilo que está sendo passado. Se tornando reprodutores de tal representação. No entanto, deve-se salientar que a representação da criminalidade não é fruto exclusivamente do que o campo jornalístico apresenta para os seus consumidores, mas é uma via de mão dupla em que vários campos se influenciam mutuamente.

O campo jornalístico possui características peculiares, este, segundo Bourdieu, tem um grande poder de penetrar e influenciar os outros campos fazendo com que seus interesses os permeiem.

O mundo jornalístico é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos. Dizer que ele é autônomo, que tem sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos (BOURDIEU, 1997, p. 55).

A lei fundamental a qual o campo jornalístico está submetido (como também os demais campos) é a lei do mercado, ou seja, a busca pela maior fatia de mercado e lucro. Isto, porém não quer dizer que todas as ações deste determinado campo estejam fundamentalmente voltadas para conseguir mais lucros.

O jornalismo opera com critérios de redução da realidade, nos quais entram em ação tanto os interesses comerciais das empresas de comunicação quanto à linha editorial de cada caderno ou os critérios pessoais do editor/jornalista. A representação do real de forma fragmentária exige uma reflexão crítica sobre o papel da mídia enquanto agente fomentador de discursos e opiniões sobre o cenário político, econômico, social e cultural (PRADO & TORRES, 2004, p. 7).

Segundo Porto (2010) o imaginário social vai se configurando à medida em que se alimenta das representações como as de rotinização e banalização da violência, reforçadas pelo sentimento de insegurança.

### **O discurso acusador-punitivo**

Com relação a essas representações, foram encontrados durante a pesquisa vários tipos de narrativas jornalísticas, dentre elas o discurso acusador-punitivo. Essa tipologia de discursos foi construída a partir do texto de Sánchez (2005), em que a autora faz alusão a três discursos verificados em matérias de jornais sobre a corrupção, eles se referem à tomada de posição do enunciatador da informação, ou seja, o jornalista: o enunciatador irônico, o enunciatador didático e o enunciatador difuso/omisso.

Desse modo, as representações do crime e do criminoso são permeadas por discursos, que possuem, dentre outros, alicerces morais. Misse é um dos pensadores atuais da criminalidade, segundo o mesmo, o “crime é definido primeiramente no plano das moralidades que tornaram hegemônicas e cuja vitória será inscrita posteriormente nos códigos jurídicos (MISSE, 2010, p.22),

ou seja, a definição de crime não é construída de imediato pelas leis, mas perpassa antes por um processo que define legalidade e ilegalidade moralmente na sociedade.

O bandido segundo Misse é um “sujeito criminal que é produzido pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis” (MISSE, 2010, p. 17). O criminoso passa por um processo de sujeição criminal que o representa como pertencente a um mundo a parte, o mundo do crime.

(...) o crime não existe nem no evento nem em seu autor, mas na reação ao evento e ao autor, poderemos compreender melhor como se dá o processo como um todo. A acusação social que constrói o criminoso (...) é sempre resultante de uma interpretação contextualizada, entre agentes, de cursos de ação cujo significado “normal” ou “desviante” se produz nesse mesmo processo e não antes dele (MISSE, 2010, p. 22).

Tal sujeição inclui a atribuição de rótulos, como o rótulo de bandido, e estigmatização do sujeito criminalizado.

O rótulo “bandido” é de tal modo reificado no indivíduo que restam poucos espaços para negociar, manipular ou abandonar a identidade pública estigmatizada. Assim, o conceito de sujeição criminal engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio (MISSE, 2010, p.23).

Nesse contexto de sujeição criminal, desde o início dos estudos criminológicos a criança e o adolescente têm lugar privilegiado, o segundo mais que o primeiro pelo fato de que é considerada uma “fase de transição” e, portanto, de possíveis “desvios” de sua personalidade altamente influenciável. Segundo Werno (2007) a adolescência pode ser definida como:

(...) uma fase da vida entre a infância e a adultez. Esta fase é também um momento de iniciação, de preparação para a maturidade e início da vida adulta. No entanto, ela não é somente preparo para aquilo que virá, mas também um momento de recapitulação da infância passada, das experiências acumuladas, que serão agora reelaboradas. (WERNO, 2007, p. 23).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabeleceu um conceito legal e institucional para definir juridicamente quem é o adolescente: pessoa entre os doze e dezoito anos de idade,

que ao infringir a lei deve possuir um tratamento diferenciado estabelecido pelo próprio ECA. Tal legislação especial, segundo Werno, se dá pela peculiar condição do adolescente enquanto um ser em fase de desenvolvimento, que passa a ser percebido enquanto sujeito de direitos, e principalmente pessoa que deve ter proteção integral, seguindo a tendência preconizada pela Organização das Nações Unidas. O adolescente então (principalmente com a criação do ECA) é tratado como alvo de políticas públicas especiais.

### **Adolescentes em Conflito com a lei**

Os adolescentes representam um número bem expressivo entre os acusados nas 84 matérias analisadas nos jornais: 28% no jornal A Gazeta e 40 % no jornal Diário do Amapá. O Relatório Infância na Mídia (2002/2003) traz muitos dados com relação à representação dos adolescentes pela mídia impressa:

Nas matérias em que meninos e meninas figuram como os agentes responsáveis pelos atos violentos, é levemente maior o índice de textos relatando casos em que eles atentam contra o patrimônio, por meio de furtos ou roubos (51,70%), na comparação com aqueles que focalizam diretamente os crimes contra a vida, como por exemplo os vários tipos de maus-tratos e homicídios (46,22%). (SENNA & VIVARTA, 2003 p. 23).

Porém o Relatório afirma que há um superdimensionamento dos atos violentos acima que na realidade as infrações não se apresentam de acordo com os dados apresentados pelos jornais. Outro aspecto que o Relatório aborda é a fonte de informação dos jornais, em que cerca de 80% das matérias ainda tinham como fonte principal os boletins de ocorrência e cerca de 50% das fontes ouvidas são policiais.

Foram analisados três termos utilizados para “evocar” os adolescentes e que foram extremamente importantes para se identificar os discursos presentes.

| TERMOS | A GAZETA | DIÁRIO DO AMAPÁ |
|--------|----------|-----------------|
| Menor  | 34 vezes | 28 vezes        |



|             |          |          |
|-------------|----------|----------|
| Adolescente | 04 vezes | 02 vezes |
| Infrator    | 06 vezes | 0        |

Os termos acima nos remetem à questão do processo de sujeição criminal de que Misse (2010) nos fala. A priori o uso de um ou outro termo pode parecer insignificante dentro de uma matéria, mas o adolescente ao ser tratado por “menor” é colocado no mesmo patamar que o criminoso, o que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não é possível já que o adolescente comete ato infracional e não crime. O termo “menor” remete ao adolescente enquanto um “delinquente” que merece ter o mesmo fim que um adulto já que faz “coisas de adulto”.

Há muito tempo estudos foram e vêm sendo realizados a respeito da condição das crianças e adolescentes infratores. Segundo Ferla (2009) a Escola Positivista nas suas várias vertentes se ocupou por produzir conhecimentos de caráter biológico e social acerca de grupos sociais considerados “perigosos”, procurando uma classificação científica para fins penais de individualizar as penas de acordo com o criminoso, como afirma o autor:

A anormalidade nem sempre é passível de ser capturada pela lei e pelo aparato prisional. Daí o conceito de “periculosidade” que acabou por se consolidar como a principal sustentação de dispositivos extra-legais capazes de abarcar amplos setores da população, justificando os mecanismos de controle que frequentemente extrapolam o acervo legal dedicado ao crime ao delito (FERLA,2009, p. 239).

Dentre esses grupos perigosos estavam às crianças e os adolescentes. Tal interesse se valia da hegemonia científica para vincular esse grupo a atributos considerados pertencentes a criminosos. O autor nos apresenta duas correntes dentro desse pensamento: a de Lombroso que afirmava a existência do “criminoso nato” e de Leonídio Ribeiro que pregava a concepção do “potencialmente perigoso”, ambos, no entanto, se ocuparam dos estudos do “menor”.

Ferla afirma que o começo do processo de classificação das crianças e dos adolescentes se deu com o reconhecimento da menoridade enquanto categoria especial que deveria possuir uma justiça e instituições próprias.

Nesse sentido o Código de Menores de 1927, é considerado pelo autor, a concretização do projeto positivista que tinha por características “(...) a busca do conhecimento e a classificação dos criminosos, a individualização e a inderteminação das penas, a abolição do júri (...)” (FERLA, 2009, p.269). A partir de então se cria instituições que estudariam e observariam não apenas os menores delinquentes mas também aqueles que poderiam cometer delitos.

Dentre as características elencadas pelos positivistas dos menores delinquentes (ou potenciais) estaria a desestruturação e precarização familiar, que teve grande aceitação entre os psicólogos da época. Dado esse fato, o Estado tinha o dever de sobrepujar a família e intervir no momento em que achasse conveniente retirando o menor do âmbito familiar e colocando sob sua tutela.

Tais aspectos como a crescente individualização da pena através das atribuições de culpa, e apresentação de “antecedentes” (não apenas criminais) e desvios morais, estão constantemente presente nas matérias. Como pode-se observar na matéria a seguir:

A ação de três jovens chamou a atenção da polícia durante a madrugada. Marcelo Augusto da Silva Ferreira, que completou 18 anos, ontem; um menor de 17 anos e uma adolescente de 15 anos, entraram em um motel zona sul de Macapá. Por volta de 4h da madrugada eles pediram a conta do apartamento dizendo que era para o atendente trazer troco para cem reais. Assim que chegou ao apartamento o atendente foi rendido com uma pistola similar a uma ponto 40. (...) A polícia foi acionada e os suspeitos iniciaram uma fuga pulando os muros de várias casas. A perseguição prosseguiu por cerca de dois quilômetros. De acordo com o sargento C. Cardoso do 6º BRM que comandou a prisão, os três envolvidos no assalto chegaram a pular os muros do estagio Glicério Marques da Casa da Cidadania. ‘Já conseguimos prendê-los quando eles atravessaram a Av. Padre Júlio’, contou o policial. A arma usada no assalto era de ar comprimido. ‘Num assalto assim não tem como a vítima diferenciar se a arma é de brinquedo, ou não’, concluiu. O jovem que completou maior idade naquela madrugada aguardava decisão da justiça para saber se seu presente seria uma cela do IAPEN (ORGIA; Trio faz sexo por duas horas e na saída assalta motel. DIÁRIO DO AMAPÁ, 06 de Dez., 2012).

A matéria acima chama a atenção no título que traz a palavra “orgia”, remetendo a um assunto que, segundo Erbolato (2001) constantemente é de interesse dos leitores: *sexo e idade*. O



foco da notícia é a ação de três adolescentes ao assaltar um motel depois de terem “usufruído” dos serviços do estabelecimento, mas em momento algum critica o fato de os adolescentes terem acesso ao estabelecimento. Como entraram se por lei não é permitida a entrada de adolescentes em motéis? Tal aspecto nem sequer é mencionado, o estabelecimento é colocado apenas como vítima da situação. Outro aspecto é o fato de um dos adolescentes ter completado 18 anos naquela madrugada e, em tom sarcástico, se ele iria ou não ser preso pelo que cometeu.

A propósito, por lei sabemos que não se pode de maneira alguma “identificar” crianças e adolescentes (principalmente àqueles que cometeram ato infracionais) seja por imagem, nome, ou qualquer outro meio que possa revelar sua identidade. Mas constantemente podemos ver imagens dos mesmos estampados nos jornais com a das matérias a seguir:

As buscas pelo acusado de matar a vigilante Jucilene Ramos Palheta, de 26 anos, crime ocorrido na tarde da última quinta-feira (9), durante um assalto no cemitério São José, no bairro Santa Rita, terminou durante a madrugada deste sábado (11).

A prisão aconteceu após um trabalho feito pelo serviço de inteligência do Batalhão de Operações Especiais (Bope) que conseguiu localizar o menor W. S. B., conhecido como “Ben 9”, de 17 anos, acusado de ter matado a vigilante e roubado a arma. Ele foi apreendido junto com o irmão O. S. B.(...) Os dois estavam em uma casa localizada na rua José Nery, bairro Zerão, onde a polícia prendeu também Manoel Quaresma da Costa – com passagem pela polícia pelo crime de roubo. Na casa, os policiais apreenderam ainda 20 porções de substância entorpecente. Os menores foram apresentados na Delegacia Especializada na Investigação de Atos Infracionais (DEIAI), onde prestaram depoimento e foram encaminhados para o Centro de Internação Provisória (CIP).

Os dois maiores levados para o Centro Integrado em Operações de Segurança Pública (Ciosp) dos Congós, onde foram flagranciados pelo crime de tráfico de drogas e deverão seguir para o Instituto de Administração Penitenciária (Iapen) (BEN 9; Acusado de matar vigilante no cemitério é apreendido durante a madrugada: Além dele, outro menor e duas pessoas maiores de idade foram detidos. A polícia apreendeu ainda um revólver calibre 38 e substâncias entorpecentes. A GAZETA. Caderno Policial. 12 e 13 de Ago. 2012).

| IMAGENS   | LEGENDA   |
|---|---|
|  | “Ben 9”. W. S. B., de 17 anos, negou o crime mas testemunhas o reconheceram como sendo o responsável pelo tiro que matou a vigilante. |
|  | “Ben 10” O. S. B., de 16 anos, irmão de "Ben 9", também foi apreendido comercializando drogas.  |

A questão que pode ser levantada desse fato é se o adolescente com a faixa preta nos seus olhos (em tese) não pode ser identificado, então por que colocar a imagem? Uma das hipóteses é que é pelo simples fato de que a exposição do corpo do acusado (“menor”) o coloca na mesma situação de um acusado adulto. O apelido, nesse sentido, se torna outra forma de identificar o infrator vinculando-o ao “mundo do crime”. Podemos afirmar que,

A condição de adolescente não é destacada. Eles são descritos como adultos. A palavra “menor” é utilizada, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). A ideia de “menor” está ancorada no antigo Código de Menores que tratava os problemas dos adolescentes como caso de polícia e não como caso de políticas. A imprensa demonstra uma preocupação com o combate à violência sem discutir as razões desses atos ou as políticas sociais que podem prevenir e proteger os jovens. O discurso de prevenção dá lugar a um discurso de repressão da violência e, por consequência, do adolescente (SANTOS, ALÉSSIO, SILVA, 2009, p. 451).

As crianças e adolescente nas matérias analisadas passam por um processo de incriminação, em que a estigmatização já presente para com o seu grupo considerado ao mesmo tempo

“vulnerável” e “perigoso” se vê mais fortemente articulado com a noção de criminalidade infanto-juvenil.

Nesse sentido, o livro “Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas” esclarece muitas questões relacionadas às crianças e aos adolescentes e como a mídia deve se referir á eles em matérias, reportagens e documentários. Tal livro pode significar às diversas categorias de jornalistas, não só os que tratam dos adolescentes infratores, como um importante manual de como representar esses grupos.

## CONCLUSÃO

Nesse contexto os nomes dos possíveis acusados nem sempre tem o papel principal já que o seu reconhecimento dentro da sociedade e no “mundo do crime” se constitui com maior eficácia quando se usa o apelido. Dessa forma, o estigma, etiquetamento e rotulação de desviante são aplicados com sucesso. Tanto que os acusados são mais conhecidos pelos seus apelidos do que pelo seu próprio nome, entretanto nestes discursos tem percepções problematizadora e acusador dentro das narrativas, para tanto o fenômeno da violência criminal ganha cada vez mais espaços nos jornais, sendo assuntos propagados em todos os tipos de conversas, comentários, debates e brincadeiras que a violência é discutida em todas as classes, em todos os ambitos da sociedade.

A partir da influência da escola positivista na criminologia e mais tarde também sobre a imprensa, podemos perceber que o discurso acusador-punitivo não é pautado exclusivamente nem nas causas biológicas e nem nas sociais pregadas por essa escola. O “menor” enquanto categoria similar ao “bandido”, sofre uma constante sujeição criminal que, dentre outras coisas, acaba por mudar o foco do crime para o criminoso através de dispositivos extra-legais de herança positivista presente na justiça, e que se reproduzem nos jornais.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de Julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas**. Belo Horizonte, MG: Rede Andi Brasil, 2009. 137. Disponível em: <http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/publicacao/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-um-guia-para-jornalistas><http://www.andi.org.br/infancia-e-juventude/publicacao/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-um-guia-para-jornalistas>

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo. Redação, captação e edição no jornal diário**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

FERLA, Luis. **Feios, Sujos e Malvados - a Utopia do Biodeterminismo**. São Paulo: Alameda, 2009.

MISSE, Michel. (org.). **Acusados e Acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

\_\_\_\_\_. **Crime, Sujeito e Sujeição Criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “Bandido”**. São Paulo: Lua Nova 79: 15-38, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da Violência**. Brasília: Verbana Editora, 2010.

PRADO, Ana; TORRES, Vânia. **A Criança e o Adolescente na Mídia Impressa de Belém: Desinformação e Superficialidade**. SBPJor- Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2, 2004, Bahia.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; SILVA, Juliana Maria Moura do Nascimento. **Os Adolescentes e a violência na imprensa**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jul-Set 2009, Vol. 25 n. 3, pp. 447-452.

SENNA, Viviane; VIVARTA, Vett. **Infância na Mídia. A criança e o adolescente no olhar da imprensa brasileira**. Relatório 2002/2003-ANDI/IAS, ano 8 nº 13 março de 2003.

WERNON, Nilsson. **O Adolescente Infrator Interno Pelo Estatuto Da Criança E Do Adolescente E O Aconselhamento Psicológico Pastoral**. São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.

#### **FONTES DOCUMENTAIS:**

CARLOS, Elden. **Orgia: trio faz sexo por duas horas e a saída assalta motel**. Jornal Diário do Amapá, 06 de Dezembro de 2014.

LEITE, Ailton. **BEN 9; Acusado de matar vigilante no cemitério é apreendido durante a madrugada.** Jornal A Gazeta, 12 e 13 de agosto de 2012.

## **O papel dos serviços de atenção primária à saúde no enfrentamento da pobreza: uma análise preliminar dos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná - Brasil**

Denise Rissato, (UERJ<sup>142</sup>/UNIOESTE; [denise.rissato@hotmail.com](mailto:denise.rissato@hotmail.com)); Marcos Augusto Moraes Arcoverde, (UNIOESTE; [marcos.arcoverde2013@gmail.com](mailto:marcos.arcoverde2013@gmail.com))

**Resumo:** Apesar da Constituição Federal do Brasil de 1988 ter instituído formalmente que o acesso à saúde é um direito de todos e um dever do Estado, isso não foi suficiente para assegurar o atendimento primário de saúde a toda a população. Na década de 1990, no ápice do neoliberalismo, verificou-se um agravamento da questão social e da pobreza, sobretudo nos países periféricos que passaram a adotar Políticas de Transferência de Renda dirigidas às populações extremamente pobres, quase sempre condicionadas à educação, saúde e assistência social. No Brasil, foi implementado o Programa Bolsa Família. Assim, pretende-se nesse trabalho, a partir de uma pesquisa documental e bibliográfica, analisar os indicadores de atenção primária à saúde aos beneficiários do Programa Bolsa Família, nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná-Brasil. Considerando que o Sistema único de Saúde é universal, entende-se que a cobertura da população total é baixa, contudo, se considerarmos apenas a população pobre perfil bolsa família, observa-se que a cobertura é maior, indicando que as famílias pobres tem tido maior acesso aos serviços básicos de saúde. Por fim, destaca-se que a expansão da cobertura da atenção primária somente será possível mediante a ampliação do número de equipes de saúde da família.

### ***Introdução***

As políticas e reformas neoliberais implementadas, a partir da década 1970, para o enfrentamento das recorrentes e profundas crises estruturais do modo de produção capitalista ampliaram, continuamente, as desigualdades sociais e as disparidades de renda dentro das nações e entre elas, produzindo um quadro social marcado pela pobreza e miséria em todo o planeta, sobretudo, nos países em desenvolvimento.

---

<sup>142</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista da Faperj – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.



Nos anos 1990, quando o neoliberalismo ainda encontrava-se em franca expansão, a pobreza já atingia um contingente populacional mundial sem precedentes, colocando a questão no centro dos debates políticos e acadêmicos. No meio acadêmico difundiu-se e consolidou-se o entendimento de que a pobreza é um fenômeno cultural e multidimensional que não decorre apenas da insuficiência de renda, mas também de outros tipos de privações (tais como o não acesso aos direitos fundamentais, a negligência do Estado, o envelhecimento desamparado, entre outros), que se manifesta de diversos modos e assume diferentes faces e dimensões, reproduzindo-se e perpetuando-se historicamente (CONNELL, 2000; SEN, 2010). No âmbito político, sob a direção hegemônica do grande capital, o Banco Mundial e os Organismos Internacionais Multilaterais passaram a orientar e a recomendar, aos países dependentes, políticas públicas de enfrentamento à pobreza extrema (MOTTA, 2008).

Para fazer frente a esse quadro social marcado pela precarização das condições e das relações de trabalho e pela intensa concentração da renda e da riqueza e numa tentativa de romper com esse processo cíclico de reprodução da pobreza, entendida não apenas como insuficiência de renda, de um modo geral, os países periféricos passaram a implementar Políticas de Transferência de Renda vinculadas ao acesso aos serviços públicos elementares de direito, tais como a educação e a saúde (CONNELL, 2000).

Naquele contexto, no Brasil, foram implementados vários programas sociais destinados às populações pobres<sup>143</sup>, a partir da segunda metade dos anos 1990, dentre eles três eram condicionados à educação: o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (1996), o Bolsa-Escola (2001) e o Programa Bolsa-Alimentação (2001). Em 2003, foi implementado o Programa Bolsa Família (PBF), que substituiu o Bolsa-Escola e o Bolsa-Alimentação e incorporou o PETI. Dentre as principais mudanças decorrentes da criação do PBF podemos citar a consolidação e o aperfeiçoamento do sistema de Cadastro Único para programas sociais do governo federal, os ajustes nos critérios de focalização, a expansão da cobertura populacional, a ampliação de condicionalidades e o aprimoramento do sistema de gestão, informação, pagamento e controle social.

---

<sup>143</sup> Dentre eles podem ser mencionados: o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), o Programa Bolsa Escola e o Programa Bolsa Alimentação, eram transferências de renda condicionadas a ações da família em prol de sua educação, além outros dois que eram de transferência não condicionada: o Auxílio Gás e o Programa Nacional de Acesso à Alimentação (PNAA), conhecido como Cartão Alimentação.

Cabe ressaltar que, no que diz respeito às condicionalidades, o PBF ampliou as exigências de contrapartida das famílias pobres e extremamente pobres contempladas pela transferência de renda. Além da frequência escolar de crianças e adolescentes entre 0 e 17 anos de idade, o programa também instituiu condicionalidades na área da saúde, passando a exigir que as famílias beneficiárias freqüentem regularmente as Unidades Básicas de Saúde para o acompanhamento da saúde materno-infantil (avaliação de desenvolvimento e estado vacinal dessas crianças menores de 2 anos, à realização do pré-natal e de acompanhamento de nutrizes). Na área da assistência social, passou a ser exigida a participação das famílias em atividades sócio-educativas, normalmente, dirigidas às famílias das crianças e adolescentes vinculados ao PETI.

Ao estudar sobre os Programas de Transferência de Renda Condicionada nos deparamos com o seguinte questionamento: em que medida que esse tipo de política social contribui para ampliar o acesso das populações pobres e extremamente pobres, historicamente excluídas, ao atendimento básico de saúde? Afinal, apesar da previsão constitucional de que a saúde é um direito de todos e de o Sistema Único da Saúde ter sido criado com a pretensão de universalizar o acesso à saúde no Brasil, sabe-se que, na prática, o sistema ainda não está estruturado e equipado para atender a toda a população. Além disso, entende-se que a situação de pobreza e miséria, na qual vive grande parte da população brasileira, resulta da distribuição desigual da riqueza socialmente produzida, expressa não apenas pela insuficiência de renda, mas também pelo não acesso aos direitos sociais elementares como saúde, educação, moradia, emprego, informação, etc. Acredita-se que, especialmente, as populações extremamente pobres (indigentes) que, historicamente, foram invisíveis para o Estado, acostumadas a essa indiferença, de certo modo, tornaram-se incapazes de buscar por si próprias os seus direitos. Desse modo, entende-se que localizar e identificar essas populações é o primeiro passo que deve ser dado pelo Estado, caso se pretenda resgatar a dívida social histórica com essas populações.

Diante disso, neste trabalho buscou-se discutir, especificamente, a partir de uma pesquisa documental e bibliográfica, o papel atribuído e desempenhado pela Atenção Básica em Saúde, junto as populações pobres e extremamente pobres nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná<sup>144</sup>-Brasil. Para isso, serão analisados os indicadores de cobertura da atenção básica à saúde,

---

<sup>144</sup> Para organizar a gestão da assistência à saúde no estado do Paraná, a Secretaria de Estado de Saúde (SESA) divide seus 399 municípios em 22 regiões administrativas. Assim, cada uma dessas regiões possui um núcleo administrativo, que é a Regional de Saúde. A 9ª Regional de Saúde corresponde à região de Foz do Iguaçu, é sediada no mesmo mu-

bem como, a cobertura das famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família pelos serviços de atenção básica à saúde. Cabe acrescentar que enquanto a cobertura da Atenção Básica nos indica a capacidade instalada para o atendimento da população, a cobertura do Acompanhamento de Condiionalidades do PBF na Saúde refere-se ao número de famílias beneficiárias (pobres e extremamente pobres) que foram acompanhadas pelas equipes de Atenção Básica.

### ***1. Seguridade Pública e Saúde no Brasil: um breve retrospecto histórico***

Os marcos iniciais de constituição de um sistema de proteção social no Brasil situam-se na década de 1930 e início dos anos 1940. O período foi marcado por grandes transformações socioeconômicas, com destaque tanto para a passagem do modelo de desenvolvimento agroexportador para o modelo urbano-industrial quanto por mudanças significativas nas funções do Estado, que passou a assumir, mais extensivamente, a regulação e a provisão direta de serviços sociais como a educação, saúde, previdência, habitação, saneamento, etc (SILVA, YASBEK E GIOVANNI, 2011). Vale destacar que, apesar de não podermos falar de uma “sociedade salarial” nos moldes daquela que se constituiu na Europa, a partir da década de 1930, e a qual se refere Castel (2010) em seu livro “As metamorfoses da questão social”, naquela época ter carteira de trabalho assinada era a condição necessária para ter acesso aos serviços elementares, hoje entendidos como direitos universais.

Durante os governos militares, de acordo com Silva, Yasbek e Giovanni (2011), de um modo geral, o “sistema de proteção social”, implementado nas décadas de 1930 e 1940, consolidou-se, funcionando como uma forma de “compensação” pela forte repressão aos movimentos sociais. Na área da saúde, mais especificamente, assistiu-se a instauração do grande capital e a adoção de modelos de gestão pública que privilegiaram a consolidação e o fortalecimento de uma “economia privada de saúde” voltada, prioritariamente, à saúde curativa em detrimento da promoção da saúde e da prevenção.

BUSS e CARVALHO (2009) destacam que os marcos legais e institucionais da saúde preventiva, no Brasil, são da década de 1980, quando, no contexto da redemocratização do país, veri-

---

nicípio. A 9ª Regional de Saúde é formada por 9 municípios, a saber: Foz do Iguaçu, Itaipulândia, Matelândia, Medianeira, Missal, Ramilândia, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu e Serranópolis do Iguaçu.

ficou-se a rearticulação de diferentes segmentos da sociedade brasileira, que se reorganizou em novos movimentos sociais que se mobilizaram em favor do resgate da dívida social histórica, mediante a ampliação dos direitos sociais. Mais especificamente no âmbito da saúde, Bravo (2006) ressalta que ganharam força os debates sobre a concepção de saúde como direito social universal e dever do Estado; a criação de um sistema unificado de saúde voltado para a saúde coletiva e preventiva, a descentralização do processo decisório para as esferas estaduais e municipais, o financiamento público e a democratização do poder local por meio dos Conselhos Municipais de Saúde.

Ainda, pode-se destacar a VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, com a participação de profissionais, gestores e cidadãos de todo o país, que propôs as bases do que veio a ser denominado de “reforma sanitária brasileira” e que fundamentou os conceitos centrais de “promoção da saúde”, posteriormente, incorporados pela Constituição Federal do Brasil de 1988, que instituiu um “novo sistema de proteção social pautado na concepção de Seguridade Social que universaliza os direitos sociais concebendo a Saúde, Assistência Social e Previdência como questão pública, de responsabilidade do Estado” (BRAVO, 2006, p. 1).

Cabe ressaltar que além da forte mobilização social e da organização de grupos que lutavam em favor da reforma sanitária brasileira, também participaram intensamente da Assembléia Constituinte, no âmbito da saúde, grupos empresariais liderados pela Federação Brasileira de Hospitais (setor privado) e pela Associação de Indústrias Farmacêuticas (Multinacionais) que buscavam preservar seus interesses. O texto constitucional, com relação à Saúde, após vários acordos políticos e pressão popular, atende em grande parte às reivindicações do movimento sanitarista, prejudica os interesses empresariais do setor hospitalar e não altera a situação da indústria farmacêutica (BRAVO, 2006).

Convém destacar que a Constituição Federal de 1988 (CF/1988) trouxe importantes avanços para o setor da saúde, dedicando-lhe uma seção exclusiva, compreendida em seus artigos 196 a 200, pondo fim ao ‘modelo de cidadania regulada’ (SANTOS, 1987), reconhecendo a saúde como um direito universal, igualitário e solidário e criando um sistema unificado de saúde, orientado pelas diretrizes da descentralização, do atendimento integral e da participação popular (BRASIL, 1988).

Em seu artigo 198, a CF/1988 explicita a organização do Sistema Único de Saúde (SUS), composto por unidades subordinadas e hierarquizadas, prevendo desde ações de atendimento básico à saúde até intervenções de alta complexidade, que foi posteriormente regulamentado pela Lei

Orgânica da Saúde nº 8.080 de 19 de setembro de 1990 (BRASIL, 1988). É importante acrescentar que no modelo assistencial anterior, o foco da atenção à saúde dava-se no ambiente médico-hospitalar, enquanto no novo modelo em vigor a partir de 1988, a porta de entrada para o atendimento à saúde são as unidades de atenção básica, equipadas com profissionais da saúde generalistas e multidisciplinares que atuam na promoção da saúde, prevenção, identificação e tratamento de doenças e seus agravos, em um âmbito primário. Cabe acrescentar que, segundo o Ministério da Saúde (MS), o serviço de atenção primária à saúde é realizado em unidades básicas de saúde, por equipes multiprofissionais, constituídas por, no mínimo, um médico, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem e quatro a seis agentes comunitários de saúde (MS/DAB, 2014a).

Assim, diante da necessidade de ampliar os serviços de atenção básica, preconizados pela nova legislação, em 1992, inicia-se o primeiro programa, conhecido como o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), visando implementar ações de acompanhamento básico de saúde junto às populações pobres, com o objetivo fundamental de reduzir a mortalidade materno-infantil. Em 1994, foi criado o Programa Saúde da Família (PSF), depois transformado em uma ação pública estruturada que passou a operar como uma política pública voltada à universalização do acesso à saúde enquanto bem social e de direito (PEREIRA *et al*, 2005).

Com isso, a partir da segunda metade dos anos 1990, verifica-se uma expansão da Atenção Básica de Saúde, na medida em que o Estado avança na reorganização da lógica assistencial prevista pelo Sistema Único de Saúde. Cabe acrescentar que, a partir de 1997, esse processo se intensifica com a consolidação do PSF.

O referido programa foi formulado e implementado pelo Ministério da Saúde, como uma “estratégia” de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde, com vistas a promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, e na manutenção da saúde da comunidade (BUSS e CARVALHO, 2009).

Contudo, cabe ressaltar que paralelamente a este processo, ao longo da década de 1990, ocorreu no Brasil a implementação de reformas e políticas econômicas neoliberais que promoveram uma redução do aparelho estatal e dos gastos e investimentos públicos na área social.

A drástica redução das ações e investimentos públicos na área social aliada aos efeitos da política econômica recessiva sobre o emprego e a renda produziu um esfacelamento daquela sociedade – na qual “ser um trabalhador” representava a possibilidade de integração à vida social, na

medida em que “o emprego com carteira assinada” atribuía aos indivíduos o status “de alguém que tem funções e é útil” no meio em que vivia e que, por isso mesmo, tinha direito a um conjunto de proteções sociais vinculadas ao regime salarial. Essa realidade potencializou o processo de acumulação do capital e a concentração de poder econômico e político, produzindo o empobrecimento e a exclusão das parcelas mais pobres da sociedade.

Cabe ressaltar que apesar dos avanços sociais conquistados e incorporados à Constituição Federal do Brasil de 1988, as populações mais pobres permaneceram excluídas do acesso e do usufruto dos bens e serviços sociais e de direito. Inclusive, no caso específico da saúde, que foi declarada “direito de todos e dever do Estado”, a garantia constitucional não foi suficiente para assegurar o atendimento de saúde necessário a toda a população.

De acordo do Departamento de Atenção Básica, do Ministério da Saúde, em 1998, o PSF contava com 2.054 equipes, que atendiam 4,40% da população brasileira, o que correspondia a um pouco mais que 7 milhões de pessoas. Em 2013, exatamente 15 anos depois, o programa contava com 34.715 equipes, que atendiam 56,37% da população nacional, atingindo aproximadamente 109,3 milhões de pessoas (MS/DAB, 2014a).

Esses dados revelam um grande déficit no atendimento da saúde básica no Brasil. Não se trata de negar os avanços, mas de reconhecer que o projeto neoliberal adotado no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1990, contribuiu para reduzir os gastos e investimentos públicos diretos em saúde e para aumentar as transferências de recursos do Estado para prestadores de serviços terceirizados, sobretudo, em média e alta complexidade (MENDES e MARQUES, 2014).

Concomitantemente, a esse processo de “privatização” dos serviços de saúde da média e alta complexidade, percebe-se um aumento do financiamento direto dos programas e políticas voltadas à Atenção Básica tais como a PSF e o PACS. Isso significa que, a princípio, o Estado passa a gerir prioritariamente a saúde básica, com o dever de universalizar o seu acesso, enquanto a iniciativa privada amplia sua participação na oferta de serviços especializados e de alto custo para o usuário, reforçando, desse modo, um modelo de saúde pública dual que interessa mais ao capital do que à sociedade como um todo. Com isso, a população pobre que, teoricamente, passa a ter direito aos serviços de saúde, recebe atendimento mínimo, muitas vezes, precarizado, tendo em vista que os recursos destinados à atenção básica, pelo Estado, estão muito aquém da real necessidade da população. Enfim, os dados do Ministério da Saúde apresentados acima, demonstram que

o Estado brasileiro, depois de 25 anos da promulgação da CF/88, ainda não tem conseguido assegurar o acesso universal nem mesmo aos serviços de saúde mais elementares.

## **2. Alguns indicadores da Atenção Primária à Saúde no enfrentamento da pobreza nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná.**

De acordo com dados do Ministério da Saúde, ocorreu uma importante redução do percentual da população vivendo em situação de pobreza e extrema pobreza nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná, entre 2000 e 2010. Como é possível observar na Tabela 1, em 2000, em média, 40,63% da população da regional vivia em situação de pobreza, sendo que desta população, aproximadamente, 17,2% vivia em situação de indigência. Dez anos depois, verifica-se que a população pobre nos referidos municípios reduziu-se, significativamente, chegando, em média, a 24,13% da população da 9ª Regional. Percebe-se ainda que a população indigente caiu em torno de 50%, chegando a pouco mais de 8% da população total da região analisada (MS/DATASUS, 2014b).

Tabela 1. População total, população pobre e população extremamente pobres nos municípios da 9ª Regional de Saúde em 2000 e 2010.

| Regional de Saúde/Município | População Total | População Pobre |        | População Extremamente Pobre |        |
|-----------------------------|-----------------|-----------------|--------|------------------------------|--------|
|                             |                 | Em 2000         | Número | %                            | Número |
| Foz do Iguaçu               | 258.543         | 97.496          | 38,71  | 42.452                       | 16,42  |
| Itaipulândia                | 6.836           | 3.431           | 50,19  | 1.485                        | 21,41  |
| Matelândia                  | 14.344          | 6.413           | 44,71  | 2.883                        | 20,1   |
| Medianeira                  | 37.827          | 14.079          | 37,22  | 4.721                        | 12,48  |
| Missal                      | 10.433          | 4.850           | 46,49  | 1.982                        | 19     |
| Ramilândia                  | 3.868           | 2.916           | 75,38  | 1.536                        | 39,7   |

|                           |                |                |              |               |             |
|---------------------------|----------------|----------------|--------------|---------------|-------------|
| Santa Terezinha de Itaipu | 18.368         | 7.639          | 41,59        | 3.655         | 19,9        |
| São Miguel do Iguaçu      | 24.432         | 12.604         | 51,59        | 5.785         | 23,68       |
| Serranópolis do Iguaçu    | 4.740          | 2.345          | 49,48        | 915           | 19,31       |
| <b>Total</b>              | <b>379.391</b> | <b>154.146</b> | <b>40,63</b> | <b>65.255</b> | <b>17,2</b> |

| Regional de Saúde/Município | População Total | População Pobre |              | População Extremamente Pobre |             |
|-----------------------------|-----------------|-----------------|--------------|------------------------------|-------------|
|                             |                 | Em 2010         | Número       | %                            | Número      |
| Foz do Iguaçu               | 256.088         | 65.302          | 25,5         | 24.866                       | 9,71        |
| Itaipulândia                | 9.026           | 1.992           | 22,07        | 446                          | 4,94        |
| Matelândia                  | 16.078          | 3.672           | 22,84        | 1.174                        | 7,3         |
| Medianeira                  | 41.817          | 5.436           | 13,0         | 1.581                        | 3,78        |
| Missal                      | 10.474          | 2.456           | 23,45        | 1.108                        | 10,58       |
| Ramilândia                  | 4.134           | 1.826           | 44,17        | 823                          | 19,91       |
| Santa Terezinha de Itaipu   | 20.841          | 4.973           | 23,86        | 1.657                        | 7,95        |
| São Miguel do Iguaçu        | 25.769          | 7.581           | 29,42        | 2.904                        | 11,27       |
| Serranópolis do Iguaçu      | 4.568           | 560             | 12,25        | 118                          | 2,59        |
| <b>Total</b>                | <b>388.795</b>  | <b>93.816</b>   | <b>24,13</b> | <b>34.677</b>                | <b>8,92</b> |

Fonte: Tabela elaborada pelos autores a partir de dados extraídos do Ministério da Saúde - DATASUS (2014b).

Acredita-se que essa redução da pobre e da extrema pobreza, em todos os municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná, deveu-se a vários fatores, dentre os quais destacam-se a expansão



do mercado de trabalho, a política salarial que corrige o salário mínimo acima da taxa de inflação, o que tem permitido aos trabalhadores acumularem ganhos reais na renda e no poder de compra além das políticas sociais de transferência de renda que, além de proporcionarem um alívio imediato das privações básicas, também propiciam melhorias na qualidade de vida dessas populações extremamente pobres a medida que as mesmas passam a ter acesso a direitos sociais elementares como educação, atendimento básico à saúde, orientação e encaminhamento profissional, moradia, emprego, etc.

Tabela 2. Cobertura das equipes da Atenção Básica à Saúde, por município, na 9ª Regional de Saúde no período de 1998-2013.

| <b>Município</b>          | <b>1998</b> | <b>1999</b> | <b>2000</b> | <b>2001</b> | <b>2002</b> | <b>2003</b> | <b>2004</b> | <b>2005</b> |
|---------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Foz do Iguaçu             | 0,03        | 4,15        | 13,50       | 6,56        | 6,09        | 6,59        | 3,72        | 14,39       |
| Itaipulândia              | -           | -           | -           | -           | -           | 47,47       | 79,73       | 121,5       |
| Matelândia                | 22,16       | 34,84       | 88,36       | 94,44       | 95,16       | 98,53       | 100,4       | 105,6       |
| Medianeira                | 0,01        | 5,25        | 14,45       | 15,02       | 40,40       | 40,42       | 31,00       | 23,34       |
| Missal                    | -           | -           | -           | 23,49       | 39,54       | 39,65       | 41,11       | 36,01       |
| Ramilândia                | -           | 5,83        | 68,67       | 68,36       | 84,73       | 91,11       | 97,63       | 96,19       |
| Santa Terezinha de Itaipu | -           | -           | -           | 47,84       | 46,97       | 45,98       | 48,31       | 46,53       |
| São Miguel do Iguaçu      | -           | -           | -           | -           | -           | 0,41        | 18,52       | 54,41       |
| Serranópolis do Iguaçu    | 22,69       | 22,56       | 34,96       | 75,47       | 83,07       | 83,33       | 87,24       | 87,81       |
| Média da Região           | 1,15        | 5,00        | 15,12       | 14,03       | 16,74       | 18,02       | 17,11       | 26,62       |
| <b>Município</b>          | <b>2006</b> | <b>2007</b> | <b>2008</b> | <b>2009</b> | <b>2010</b> | <b>2011</b> | <b>2012</b> | <b>2013</b> |

|                           |       |        |       |       |       |       |       |       |
|---------------------------|-------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Foz do Iguaçu             | 23,1  | 38,5   | 47,56 | 43,23 | 48,9  | 53,89 | 56,27 | 41,82 |
| Itaipulândia              | 124,2 | 175,4  | 100,0 | 100,0 | 96,27 | 99,71 | 65,25 | 100,0 |
| Matelândia                | 120,5 | 108,0  | 80,62 | 74,74 | 74,00 | 74,64 | 74,02 | 84,46 |
| Medianeira                | 39,79 | 33,06  | 37,09 | 37,78 | 37,63 | 35,87 | 35,61 | 40,66 |
| Missal                    | 38,94 | 46,53  | 57,26 | 55,87 | 83,64 | 85,93 | 85,89 | 98,75 |
| Ramilândia                | 99,40 | 90,97. | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Santa Terezinha de Itaipu | 45,63 | 53,19  | 41,89 | 44,22 | 43,82 | 43,18 | 42,79 | 48,79 |
| São Miguel do Iguaçu      | 62,57 | 33,61  | 54,41 | 57,07 | 45,37 | 69,85 | 57,98 | 66,42 |
| Serranópolis do Iguaçu    | 88,17 | 88,90  | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Média da Região           | 35,26 | 44,71  | 50,29 | 47,28 | 51,14 | 56,25 | 56,15 | 75,65 |

Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS (2014b)

Segundo dados do Ministério da Saúde, entre os anos 1998 e 2013, observam-se realidades bem diversas no que diz respeito a cobertura das equipes de atenção primária a saúde nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná. Apenas dois municípios com menos de cinco mil habitantes (Ramilândia e Serranópolis do Iguaçu) atingiram e mantiveram 100% de cobertura dos serviços de atenção primária à saúde, garantido, pelo menos teoricamente, o acesso e o atendimento à saúde, em nível de atenção básica, a toda a sua população (TABELA 2). O Ministério da Saúde recomenda uma equipe para cada 4.500 habitantes. Isso, a princípio, significa que esses municípios, possivelmente, necessitem de apenas uma equipe de atenção básica para atender tal recomendação do Ministério da Saúde (MS/DATASUS, 2014b).

Contudo, essa não é a realidade de todos os demais municípios. Com exceção dos municípios de Foz do Iguaçu e Missal que expandiram a cobertura das equipes de atenção básica, praticamente, durante todos os anos do período analisado, os demais municípios tiveram seus percentuais de cobertura de suas equipes oscilando de um ano para outro, com uma tendência à queda no

período de 2008 a 2012, apesar de alguns desses municípios terem apresentado uma elevação desse indicador no ano de 2013.

No entanto, o que mais chama a atenção são os casos dos municípios de Itaipulândia e de Matelândia que já tiveram uma cobertura de mais de 100% da sua população pelas equipes da atenção básica, indicando que o município mantinha mais equipes ou profissionais do que o necessário para atender a toda a sua população, segundo os critérios do Ministério da Saúde, mas que apresentaram uma drástica redução desse percentual a partir do final dos anos 2000. Conforme pode-se observar, os dois municípios chegaram ao ano de 2012 com uma cobertura de pouco mais de 65% da população em Itaipulândia e de 74% da população em Matelândia (TABELA 2), refletindo que o crescimento populacional não foi acompanhado de uma expansão do número de equipes de atenção básica ou, então, que as equipes foram desfalcadas em relação a algum dos profissionais da equipe mínima, em decorrência da falta de profissionais na região ou da falta de contratação dos mesmos, seja por insuficiência de recursos ou por ingerência municipal da demanda pública voltada à saúde. Cabe salientar que tanto Itaipulândia quanto Matelândia apresentaram um aumento da cobertura da Atenção Básica em Saúde no ano de 2013.

É necessário mencionar que, em 2013, foram criados dois programas federais para melhorar o atendimento na atenção básica. Um deles, o Programa Mais Médicos, que prevê a ampliação de médicos na atenção básica, recursos financeiros adicionais para os municípios que aderirem ao programa e a ampliação dos cursos de medicina a nível nacional. O outro, denominado Programa de Valorização Profissional da Atenção Básica – PROVAB, que tem como objetivo levar médicos, enfermeiros e dentistas para municípios que tenham dificuldade para contratar esses profissionais (MS/DAB, 2014a). Vale lembrar que esses dois programas federais podem ter contribuído para que os municípios analisados voltassem a ampliar a cobertura da Atenção Básica à Saúde, no ano de 2013.

Relembrando que o objetivo deste estudo é discutir o papel atribuído e desempenhado pela Atenção Básica à Saúde no enfrentamento da pobreza e da extrema pobreza e considerando que as equipes de atenção básica atuam na localização, no cadastramento, na visitação e no acompanhamento de famílias, tanto nas Unidades Básicas de Saúde quanto nos domicílios, entende-se que um importante indicador da atuação das equipes de atenção básica junto às populações pobres e extremamente pobres é a cobertura de acompanhamento das condicionalidades em saúde das famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. Conforme já foi mencionado nesse trabalho, o Bolsa

Família é um programa de transferência direta de renda às famílias pobres e extremamente, condicionado à educação, à saúde e à assistência social.

No âmbito da saúde, o programa tem como objetivo assegurar um acompanhamento básico da saúde materno-infantil dessas populações, por entender que essa é uma condição essencial para superar a miséria e a pobreza, uma vez que a Atenção Básica à Saúde atua não apenas no diagnóstico e tratamento de doenças mas, especialmente, prevenção do adoecimento e na educação elementar dessas populações extremamente pobres. Se por um lado, a condicionalidade impõe ao Estado a obrigação de ofertar esse atendimento, por outro lado, também atribui responsabilidade as famílias que devem demandar esse atendimento, dirigindo-se à Unidades Básicas de Saúde para fazer pré-natal e acompanhamento vacinal e nutricional das crianças beneficiárias pelo programa, sob pena de ter a suspensão e, até mesmo, o cancelamento do benefício.

De acordo com os dados do MS/DATASUS (2014b), apresentados na Tabela 3, de um modo geral, os municípios têm aumentado ano após ano, o acompanhamento das condicionalidades da saúde junto famílias beneficiárias.

Ao relacionar a cobertura da Atenção Básica com o indicador de acompanhamento das condicionalidades em saúde do PBF, é possível verificar que, em alguns casos, apesar de uma alta cobertura da Atenção Básica ocorreu baixo acompanhamento da saúde das populações pobres e extremamente pobres. Isso, de certo modo, revela que a simples existência de equipes não garante o atendimento a esses grupos vulneráveis, requerendo um comprometimento dos profissionais envolvidos e da gestão local para que a capacidade instalada se transforme efetivamente em atendimento. Cabe mencionar que, em alguns municípios, o aumento da cobertura da Atenção Básica refletiu diretamente em maiores índices de acompanhamento de saúde das populações beneficiárias do PBF.

Tabela 3. Cobertura de Acompanhamento das Condicionalidades em Saúde do PBF, nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná, no período de 2007 a 2012.

| Município     | 2007 | 2008  | 2009  | 2010  | 2011  | 2012  | 2013  |
|---------------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Foz do Iguaçu | 53,9 | 72,94 | 70,35 | 76,31 | 79,42 | 94,68 | 81,2  |
|               | 0    |       |       |       |       |       |       |
| Itaipulândia  | 29,4 | 51,24 | 67,44 | 73,57 | 77,42 | 56,88 | 72,82 |

|                           |      |       |       |       |       |       |       |
|---------------------------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                           | 3    |       |       |       |       |       |       |
| Matelândia                | 92,9 | 54,82 | 76,27 | 63,49 | 61,09 | 86,13 | 91,59 |
|                           | 2    |       |       |       |       |       |       |
| Medianeira                | 71,2 | 78,12 | 73,06 | 78,38 | 81,37 | 72,48 | 83,54 |
|                           | 1    |       |       |       |       |       |       |
| Missal                    | 34,4 | 41,39 | 54,84 | 75,42 | 78,71 | 81,51 | 85,84 |
|                           | 6    |       |       |       |       |       |       |
| Ramilândia                | 27,0 | 57,14 | 92,17 | 89,56 | 88,83 | 94,22 | 92,88 |
|                           | 8    |       |       |       |       |       |       |
| Santa Terezinha de Itaipu | 43,1 | 63,10 | 59,05 | 85,89 | 85,64 | 95,35 | 56,2  |
|                           | 8    |       |       |       |       |       |       |
| São Miguel do Iguaçu      | 7,01 | 1,09  | 78,77 | 89,91 | 95,54 | 87,80 | 85,92 |
| Serranópolis do Iguaçu    | 88,3 | 88,77 | 91,16 | 81,46 | 91,79 | 93,79 | 86,4  |
|                           | 7    |       |       |       |       |       |       |
| Média da Região           | 51,8 | 64,17 | 70,91 | 77,50 | 80,61 | 91,47 | 81,32 |
|                           | 9    |       |       |       |       |       |       |

Fonte: Ministério da Saúde - DATASUS (2014b).

Nesse caso, é necessário salientar a dificuldade que os municípios tem para fazer o acompanhamento da condicionalidade na saúde junto a 100% das famílias beneficiárias, tendo em vista que essas populações pobres e indigentes, muitas vezes, não possuem endereço fixo nem recursos para o deslocamento até sua Unidade Básica de Saúde. Essa situação além de impedir que uma mesma equipe acompanhe a família regularmente, exige um grande esforço das equipes que se obrigam a fazer uma busca ativa e permanente dessas populações, no sentido de localizá-las e dar continuidade ao acompanhamento de sua saúde. De qualquer modo, percebe-se o papel fundamental que as equipes de Atenção Básica à Saúde podem desempenhar no processo de localização, cadastramento e acompanhamento da saúde dessas populações pobres e indigentes que durante centenas de anos foram tratadas como se fossem “invisíveis” pelo Estado, restituindo-lhes, em alguma medida, as condições de cidadania e pertencimento social.

Contudo, a despeito dos avanços no atendimento dessas populações pobres e extremamente pobres, é necessário destacar que o modelo de territorialização da Atenção Básica à Saúde associado à baixa cobertura populacional desse serviço, decorrente de um grande déficit no número de

equipes, impõe sérios limites ao seu alcance no enfrentamento da pobreza, visto que parcelas significativas da população encontram dificuldades no acesso e no atendimento. Parece-nos que, nesse caso, as populações pobres e extremamente que são mais vulneráveis, de certo modo, necessitam mais da presença do Estado e das políticas sociais elementares, dentre as quais merecem destaque a saúde, a educação e a moradia.

### ***Considerações Finais***

O objetivo deste trabalho é discutir o papel atribuído e desempenhado pela Atenção Básica em Saúde, no enfrentamento da pobreza e da pobreza extrema, nos nove municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná. Entendendo que a pobreza é um fenômeno multidimensional, que assume diversas formas e expressa diferentes tipos de privações, os formuladores de políticas públicas de enfrentamento da pobreza vinculam a sua superação à educação e à saúde. Partem do pressuposto, por exemplo, de que o acesso e o atendimento dessas populações pela Atenção Básica em Saúde são fundamentais para a redução da pobreza, na medida em que a mesma se ocupa não apenas com o diagnóstico e o tratamento de doenças mas, especialmente, com a prevenção e a promoção da saúde. Esse foi o caso do Programa Bolsa Família, criado e instituído no Brasil, em 2003, que condiciona o recebimento do benefício à frequência escolar de crianças e adolescentes e ao acompanhamento da saúde de gestantes, lactantes e crianças beneficiárias.

Observa-se que o monitoramento das condicionalidades tem como objetivo a ampliação do acesso ao sistema educacional e de saúde, a fim de melhorar as condições de vida das famílias beneficiárias e assim, romper com o ciclo intergeracional da pobreza.

Nesse sentido, entende-se que as equipes de Atenção Básica a Saúde podem desempenhar um papel fundamental no acolhimento e na reinserção dessas populações na vida social, restituindo-lhes algumas condições mínimas de saúde e qualidade de vida, uma vez que as populações pobres tendem a ter maior dificuldade em utilizar os serviços de saúde e educação. Desse modo, as condicionalidades funcionariam como um mecanismo de incentivo para aumentar o acesso a estes serviços, garantindo assim, o exercício dos direitos sociais. Contudo, a efetivação desse direito depende basicamente da oferta de serviços públicos em cada região, com qualidade adequada e com custo de deslocamento acessível para que a família possa utilizá-lo (custo com transporte e tempo de espera).

Tendo em vista que o Sistema Único de Saúde é universal, entende-se que a cobertura da Atenção Básica em Saúde, apesar de ter sido crescente ao longo do período de 1998 a 2013, ainda é baixa nos municípios da 9ª Regional de Saúde do Paraná, chegando, no máximo, a 75,65%, em 2013. Isso nos mostra que, a princípio, os municípios analisados ainda não estão equipados para atender a toda a sua população. Contudo, se considerarmos apenas a população pobre perfil bolsa família, observa-se que a cobertura tem sido maior. Comparando os dados da cobertura da Atenção Básica com o percentual de acompanhamento das famílias beneficiárias do PBF, no período de 2007 a 2013, observa-se que as famílias pobres tem tido maior acesso aos serviços básicos de saúde. Por fim, destaca-se que a expansão da cobertura da atenção primária somente será possível mediante a ampliação do número de equipes de saúde da família.

### **Referências**

BRASIL. Constituição. “Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988”. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

BRASIL. “Lei Orgânica da Saúde nº 8.080 de 19 de setembro de 1990”. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.

BRASIL. “Ministério da Saúde”. Departamento de Atenção Básica. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/>. Acessado em out/2014(a).

BRASIL. “Ministério da Saúde”. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Disponível em: < <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=02>>. Acessado em out/2014 (b).

BRAVO, Maria Inês Souza. “Política de saúde no Brasil”. Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional, p. 1-24, 2006.

BUSS, Paulo M.; CARVALHO, Antonio Ivo de. “Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008)”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(6). p. 2305-2316, 2009.

CASTEL, Robert. “As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário”. Trad. Iraci D. Poleti. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 611p, 2010.

CONNELL, Raewyn W. “Pobreza e Educação”. In: GENTILI, P.A.A. (org). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 11-42, 2000.

MENDES, Aquilas; MARQUES, Rosa Maria. “O Financiamento da Atenção Básica e da Estratégia Saúde da Família no SUS”. *Saúde em Debate*: Centro Brasileiro de Estudos em Saúde. Disponível em <[http://www.saudeemdebate.org.br/artigos/artigo\\_int.php?id\\_artigo=2247](http://www.saudeemdebate.org.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=2247)>. Acesso em: out/2014, 2014.

MOTTA, Vânia Cardoso da.; “Ideologia do capital social”. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (coords). *Anais do III Seminário de Pesquisa: o tempo do capital e do trabalho no Brasil de 2008; entre o pré-sal e a crise globalizada – 16 e 17 de dezembro de 2008*. Rio de Janeiro: EPSJV. pp. 09 – 20.

PEREIRA, ADRIANA L. et al. “Programas de Atenção à Saúde”. In: FIGUEIREDO, NÉBIA M. A. de (org.). *Ensinando a cuidar em saúde pública*. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora. p. 255-339, 2005.

SANTOS, Wanderley Guilherme. “Cidadania e justiça: a política social na ordem”. Brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e; YASBEK, Maria Carmelita; GIOVANNI, Geraldo di. “A política social brasileira no século XXI: a prevalência dos programas de transferência de renda”. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.



## **El Partido Socialista argentino y su desempeño en el sindicalismo industrial en los años treinta. El caso de la Unión Obrera Textil, 1930-1943**

Diego Ceruso (Universidad de Buenos Aires) [diegoceruso@gmail.com](mailto:diegoceruso@gmail.com)

### **Resumen**

El objetivo de la ponencia es aportar a un mejor conocimiento de la trayectoria del Partido Socialista (PS) en la Argentina en su vinculación específica con el gremialismo en el sector industrial. En particular, ahondaremos en el caso del gremio textil, uno de los más importantes de la época por su magnitud e incidencia en el movimiento obrero.

Nos proponemos cuatro objetivos específicos. Primero, reconstruir la estrategia sindical que desplegó el PS en la Unión Obrera Textil durante el período 1930-1943. Segundo, analizar el recurrente divorcio programático, y en la praxis, entre la estructura partidaria, las dirigencias gremiales identificadas con el socialismo. Tercero, mensurar la influencia concreta del PS entre los trabajadores fabriles textiles procurando distinguir las tácticas particulares y las trayectorias personales destacadas en ese plano. Por último, indagar la relación que el socialismo entabló con las otras corrientes ideológicas con presencia en el gremio como fueron el comunismo, el *sindicalismo* y, muy minoritariamente, el anarquismo.

La relevancia de la propuesta anida en revisar el recorrido de un partido que construyó un apreciable espacio político, social y cultural emparentado a los trabajadores imbricándola con la historia del movimiento obrero en su faz sindical, actor que escaló posiciones en los años treinta y se convirtió en decisivo en la segunda mitad del siglo XX.

## **El Partido Socialista argentino y su desempeño en el sindicalismo industrial en los años treinta. El caso de la Unión Obrera Textil, 1930-1943**

### ***Breve situación de la industria***

El inicio de la Primera Guerra Mundial afectó a la economía en lo inmediato cuando la crisis del comercio exterior impactó de lleno en las exportaciones agropecuarias que cimentaban los recursos estatales. La recesión y la caída de las inversiones configuraron un escenario complejo a partir de 1914 pero, gracias a la demanda de alimentos de los países en guerra, las exportaciones comenzaron a aumentar en 1917. Frente a la caída en las importaciones, aquellas industrias que

elaboraban sus productos con materias primas nacionales (alimentación, muebles, textiles, metalurgia, etc.) incrementaron su producción (Dorfman, 1986: 331 y ss; Irigoín, 1984; Rochi, 2006: 86-124). El paulatino agotamiento de la frontera agrícola, la suba de precios de las manufacturas, el reposicionamiento de la inversión extranjera, entre otros factores, posibilitaron que la industria aumentara su participación en la estructura económica nacional y tuviera tasas de crecimiento más elevadas que las del sector agropecuario (Korol y Belini, 2012: 55 y ss).

Los años que siguieron a la Primera Guerra Mundial representaron un momento de transición no sólo para la Argentina sino también para Europa y Estados Unidos. La reconstrucción se encaró en un marco de inflación y devaluación acompañada en muchos países de una convulsión política pronta a encauzarse con la instalación de gobiernos de marcado tinte represivo contra las clases subalternas. En paralelo, la perspectiva norteamericana era más auspiciosa en tanto la Guerra no había dañado su economía, que mostraba índices de crecimiento constantes mientras se convertía en prestamista de los países necesitados de capitales. Estos movimientos geopolíticos erosionaron la relación bilateral entre Argentina y Gran Bretaña dando lugar a un triángulo al que se sumaba Estados Unidos (Rapoport, 1988: 251-275; Fodor y O’Connell, 1973). A grandes rasgos, esta relación tripartita se componía de una balanza comercial positiva con la economía inglesa, a la que se le seguían vendiendo los productos primarios, y deficitaria con la estadounidense, de la cual provenían la mayor parte de las importaciones industriales antes arribadas de Gran Bretaña y a la cual Argentina se veía imposibilitado de venderle cereales y carnes, pues era una competidora en el rubro. El flujo de capitales era en sentido opuesto en tanto las inversiones norteamericanas en el país aumentaron mientras que las británicas se habían suspendido pero los pagos de la deuda contraída por Argentina continuaron. Esta situación influyó de modo decisivo en el país a la par que los sectores siempre privilegiados de la bilateralidad previa intentaron retornar a aquel momento.

Más importante para nuestro trabajo es el aspecto de las inversiones que ingresaron como parte de este esquema recién explicado. Como fue observado por Javier Villanueva, la inversión bruta fija se duplicó entre 1922 y 1929 y se triplicó en el mismo período si analizamos el ítem de maquinarias y equipo provocando que “entre los años 1924 y 1930 se produce la más amplia inversión en el sector industrial hasta la Segunda Guerra Mundial” (Villanueva, 1972: 456). La expansión más sostenida y compacta de la industria con posterioridad a la crisis de 1930 se cimentó en buena medida en la capacidad instalada producto de las inversiones extranjeras durante los años veinte. Si bien el crecimiento comparativo de la industria y del sector agropecuario resulta más

parejo en el corte 1923-1928, la tendencia de las manufacturas a aumentar porcentualmente por encima del sector primario era constante (Schvarzer, 1996: 168 y ss). En el rubro textil esto repercutió en las instalación de importantes fábricas como por ejemplo las hilanderías de la Fábrica Argentina de Alpargatas en 1923 y de la Manufactura Algodonera Argentina en 1924, entre algunas de las principales (Ídem: 119 y ss).

La tendencia al aumento del sector industrial en la economía ciertamente generó un lento pero sostenido surgimiento de una clase obrera industrial al tiempo que propiciaba condiciones objetivas para la estructuración de una organización sindical por rama en detrimento de la de oficios. El avance de las características de la manufactura en los procesos de trabajo, su consecuente regimentación y la descalificación de la tarea del obrero constituyen la base objetiva de ello. En otras palabras, y siguiendo la evolución, la aparición y consolidación de la gran industria, además de lograr el pasaje de la subsunción formal a la real, sienta las bases para la generalización de una forma organizativa que tenga como eje el sindicato industrial.

El consenso historiográfico ha destacado el impulso recibido por la industria argentina a causa de la crisis económica mundial a fines de 1929. La baja en los precios de los productos agropecuarios, el aumento de los aranceles a las importaciones, la instalación del sistema de control de cambios y la ruptura de los lazos comerciales a nivel mundial, entre otros motivos, potenciaron al sector industrial. Este crecimiento estuvo liderado por un conjunto de actividades productoras de bienes de consumo final que incorporaron un bajo nivel de tecnología en sus procesos productivos (Schvarzer, 1996). La recuperación económica se consolidó hacia mediados de la década y la industria textil se posicionó entre los sectores de mayor crecimiento. Los datos del sector entre 1936 y 1943 muestran un aumento en la cantidad de obreros ocupados y en el número de establecimientos fabriles. En 1935, la cantidad de trabajadores textiles sumaban 52.576 de los cuales 36.650 se desempeñaban en la Capital Federal. Estas cifras prácticamente se duplicaron para 1943.<sup>145</sup> La instalación de grandes plantas adquirió relevancia hacia mediados de la década aunque no puede menospreciarse la existencia de medianas y pequeñas industrias. Los estudios también verificaron que el área de mayor crecimiento del sector fue el conglomerado compuesto por la Capital Federal y sus alrededores.

---

<sup>145</sup> Dirección Nacional de Estadísticas y Censos, *Cuarto censo general de la Nación*, Buenos Aires, 1949, III, pp. 26-27.

Como dijimos, como correlato lógico de este proceso, se produjo el crecimiento de la clase obrera industrial. Más allá del descenso de la desocupación, los trabajadores no observaron una mejora en las condiciones de trabajo debido a los salarios reales insuficientes, la escasa legislación laboral, las extensas jornadas de trabajo y las malas condiciones en las fábricas, entre otras características. Esto se sumaba a la coyuntura represiva profundizada por el inicio del golpe de Estado de 1930. Durante la ‘década infame’ existieron momentos en los cuales los obreros y sus instituciones tuvieron breves y modestos márgenes de maniobra para su desempeño. Pero más allá de la diferencia en los grados de intensidad, la regla de los gobiernos de la época fue la de establecer políticas de represión directa de los trabajadores.

La industria textil ha recibido escasa atención por parte de la historiografía argentina. Algunos valiosos estudios investigaron al sector textil desde la perspectiva de género (D’Antonio y Acha, 2000; Norando y Scheinkman, 2011). Otros trabajos que estudiaron el gremio definieron su organización como débil (Di Tella, 1993). El libro de Mariela Ceva (2010) recorre el período dotando al gremio de una pasividad y ausencia de conflicto que no poseía. Entendemos que la organización sindical distaba de ser débil en el período y que las luchas obreras fueron una constante (Ceruso, 2010: 87-103).

Las principales empresas textiles de la Capital Federal y alrededores, por su producción y por la cantidad de obreros ocupados, eran: Manufactura Algodonera Argentina, Fábrica Argentina de Alpargatas, Campomar y Soulas, Establecimientos Americanos Gratry, Ducilo, Piccaluga, Danubio y Salzmann, entre otras. En el estudio utilizamos procuramos utilizar fuentes de diversa índole y proceder a su entrecruzamiento con la intención de dimensionar y calibrar el proceso en su justa medida y evitar las exageraciones muy comunes en los documentos.

### ***El panorama sindical y el socialismo en los años veinte***

El gremio textil tuvo la particularidad de ser durante la década de 1920 un espacio de disputa de casi la totalidad de las corrientes políticas con presencia en el movimiento obrero. Socialistas, comunistas y anarquistas desempeñaban su tarea en la Federación Obrera de la Industria Textil (FOIT) con injerencia en la Capital Federal y sus alrededores. Había sido fundada en 1921 y los socialistas tenían mayoría en el gremio aunque los comunistas ganaron posiciones hasta alcanzar su conducción en 1926 de la mano de sus dos figuras principales Carlos Ravetto y Eugenio Rubino. El sindicato no se mantuvo al margen de las fricciones pues por momentos funcionó como

gremio autónomo debido al enfrentamiento, que terminó con la expulsión, entre los comunistas y la dirigencia de la Unión Sindical Argentina (USA). Asimismo, en el marco de rupturas del Partido Comunista (PC), Rubino junto a varios militantes textiles emigraron con José Penelón y esto les permitió conformar un grupo de acción ligado al Partido Comunista de la Región/República Argentina.<sup>146</sup> En el gremio, el PC había logrado cierto éxito al obtener presencia con sus células en las principales fábricas. Tanto en las dos sedes de Campomar y Soulas, en Belgrano y en Valentín Alsina, como en la Fábrica Argentina de Alpargatas las células comunistas funcionaban regularmente y lograban editar su prensa: *Nuestra Palabra* y *La Lanzadera* en Campomar y *El Alpargatero* en Alpargatas (Camarero, 2007: 30-31). Los avatares del sindicato textil continuaron durante este período con la expulsión de la USA durante 1927 y un intento trunco de reingreso a la central al año siguiente.<sup>147</sup> En el transcurso de 1929 los comunistas perdieron la mayoría en el Consejo Federal del sindicato frente a una lista que agrupó a los ‘penelonistas’, los anarquistas y los socialistas. Desde fines de 1929, los comunistas habían logrado desplazar de la conducción a la alianza mencionada. En consecuencia, a partir de allí existió la FOIT comunista enrolada en el Comité de Unidad Sindical Clasista (CUSC) y la Federación Obrera Textil con gran base de obreros socialistas en las filas de la Confederación General del Trabajo (CGT), a partir de 1930.<sup>148</sup> Aunque falta profundizar, el caso de los textiles constituye un interesante ejemplo para observar el funcionamiento de las corrientes políticas pues casi la totalidad de las fuerzas tenían expresión allí. Por otro lado, era un sector en constante crecimiento y en donde la presencia de grandes establecimientos con las características plenamente ligadas a la gran industria resultaba cada vez más generalizada.

El Partido Socialista (PS), fundado en 1896, había logrado consolidarse como una estructura con presencia en la sociedad. Con un gran despliegue territorial de alcance nacional, su implanta-

---

<sup>146</sup> La estructura surgida de esta escisión en 1927 se denominó Partido Comunista de la Región Argentina, para la elección presidencial de 1928 adquirió el nombre de Partido Comunista de la República Argentina (PCRA) para finalmente adoptar, luego de 1930, el de Concentración Obrera. Previamente, desde enero de 1926, el Partido Comunista Obrero, otra de las escisiones del PC, tuvo una efímera incidencia entre los textiles.

<sup>147</sup> “La asamblea general de la Federación de la I. Textil”, *La Internacional*, (“Órgano del Partido Comunista de la Argentina”), X, 3179, 19/3/1927, p. 4; “Federación de la Industria Textil”, *Bandera Proletaria*, (“Órgano de la Unión Sindical Argentina”), VII, 375, 23/8/1928, p. 4.

<sup>148</sup> Tras la adopción de la línea estratégica de ‘clase contra clase’ los diversos sindicatos argentinos dirigidos por comunistas se agruparon en el denominado Comité de Unidad Sindical Clasista (CUSC) que pretendía funcionar más como una instancia articuladora, que vagamente llamaba a la unidad, que como una central obrera nacional.

ción en la vida política argentina no demoró en llegar. Su desempeño electoral le habilitó una representación parlamentaria que, aunque con vaivenes, se mostró constante desde principios de siglo, principalmente luego de la aplicación de la Ley Sáenz Peña. Además, las numerosas instituciones culturales (centros políticos, bibliotecas, asociaciones deportivas, etc.) junto a un gran número de publicaciones (libros, periódicos y revistas) lo convirtieron en un actor de importancia en ese plano. En paralelo, había impulsado campañas para mejorar las condiciones de vida de la población, desarrollar el cooperativismo y extender la legislación obrera (Tortti, 1989; Falcón, 1999; Aricó, 1999). Sus indudables logros en la esfera política, parlamentaria y cultural fueron acompañados por una menos firme constitución como fuerza partidaria en el movimiento obrero.

La cuestión a tratar sigue siendo la incapacidad (¿desinterés?) de elaborar una estrategia definida, homogénea y consecuente en el mundo sindical. Desde su creación, y en gran medida por el precepto fundacional que le había otorgado el propio Juan B. Justo, el PS mostró, aunque con debate interno, su voluntad de escindir la política gremial de la partidaria (Justo, 1947). En la práctica, esto implicó una predilección por la lucha electoral en detrimento de poseer una estrategia en el movimiento obrero. Esto obstruyó su desarrollo uniforme y homogéneo en el mundo sindical. La autonomía de las dirigencias sindicales entre sí y respecto del Partido dificultó durante este período el grado de coordinación de las fuerzas socialistas. En concreto, aunque de modo articulado, la acción gremial debía diferenciarse de la práctica política y los afiliados socialistas tenían que participar de las estructuras sindicales pero sin olvidar que éstas eran autónomas respecto del PS (Camarero, 2005: 185-217).

Esta disociación entre sindicato y partido produjo una primera gran objeción en la primera década del siglo XX con el surgimiento de la corriente *sindicalista* (Belkin, 2007). Pero rápidamente se evidenciaron nuevas disidencias en el seno del PS con la aparición de un grupo que conformó el Comité de Propaganda Gremial que, más allá de su acción concreta, materializó las críticas que muchos afiliados tenían de la política partidaria y la necesidad de acentuar la presencia en el mundo sindical (Camarero y Schneider, 1991; Campione, 2005). Estas críticas finalmente se cristalizaron en una ruptura de la fracción de izquierda e internacionalista del PS que derivó en la posterior fundación del PSI, antecedente directo del PC. Pero el PS no modificó su visión y en su XIV Congreso Ordinario, llevado a cabo en la localidad de Avellaneda en julio de 1918, reafirmó su idea de mantener por carriles diferenciados lo político de lo gremial mediante la votación de la resolución impulsada por el propio Justo en la que se establecía:

que el concepto de las relaciones entre las diversas organizaciones obreras que tienen como fin propio la actuación dentro del terreno proletario por medio de una determinada forma de acción, como son los organismos gremiales, las cooperativas y el partido político de la clase trabajadora, debe estar basado en la cordialidad, si es posible y necesario en la cooperación, pero nunca en la hostilidad y el sectarismo excluyentes. Y que para esto, y para que la eficacia de la acción recíproca sea mayor, las organizaciones no deben hostilizarse ni tampoco confundirse, siendo conveniente que permanezcan independientes unas de otras para la mejor actuación dentro de sus respectivas esferas (Dickmann, 1936: 25-27).

Esto fue ratificado en el Congreso Ordinario de fines de 1921 en donde, además, se creó la Comisión Socialista de Información Gremial con la intención de fundar una herramienta que coordinara de mejor modo las intenciones partidarias en el plano sindical. Acertadamente se ha profundizado en esta postura del PS:

lo que existía era una concepción que subordinaba las contiendas entre el trabajo y el capital a una faena de reforma e integración social, idealizando la lucha de clases como una suerte de disputa retórica de proyectos en el terreno neutro de un ágora. El PS desconfiaba de las prácticas de autodeterminación de las masas y de las capacidades creadoras de la lucha de clases, la que debía canalizarse para evitar sus desbordes y el despliegue de su potencialidad barbárica. Ello se verifica en el desigual posicionamiento de socialistas y anarquistas frente a los conflictos obreros, sobre todo, ante la convocatoria a la huelga general: la moderación y condicionamiento que frente a estos hechos expresaban los primeros, contrastaban con la disposición radical evidenciados por los segundos. Es decir, las luchas obreras debían ser apoyadas, pero con el condicionamiento de que superaran rápidamente su radicalidad y se avinieran a la negociación. Las maniobras legislativas del PS se ocuparían de prevenir estos desbordes y de “civilizar” la lucha de clases (Camarero, 2011: 23-24).

A principios de los años veinte, los socialistas integraron en minoría la FORA IX Congreso sin obtener representación en su conducción a pesar de tener una influencia nítida en los gremios gráficos, municipales y sastres, entre otros. Pero, golpeados en lo interno con sus divisiones y con un claro rechazo a las posiciones de la central obrera, no dejaban de evidenciar que se encontraban a la saga de los *sindicalistas* a la hora de señalar el rumbo a seguir. A disgusto, se ciñeron al sendero que marcó la creación de la USA aunque en lo inmediato afloraron las fricciones y disputas

internas. El primer congreso de la USA durante abril de 1924, al que asistieron 127 sindicatos, fue el escenario de numerosos ajustes de cuentas entre las corrientes políticas. Con los socialistas, el primer punto en cuestión fue el rechazo del diputado Francisco Pérez Leirós como delegado de los municipales dada la incompatibilidad supuesta de ejercer como parlamentario y representante de un sindicato. Ante la concreción de la no aceptación, Pérez Leirós y los municipales como entidad se retiraron del cónclave. Por su parte, con los comunistas el desacuerdo se trató sobre la adscripción a la Internacional Sindical Roja, moción que fue abrumadoramente rechazada en votación y, en parte, mostraba la baja incidencia del PC. Luego de finalizado el congreso, la Unión de Obreros y Empleados Municipales y la Unión Obreros Curtidores, ambos orientados por socialistas, se retiraron de la USA asestando un duro golpe a la central, que ya desde sus inicios no contaba con los ferroviarios, y delineando un nuevo rumbo que acabó con la creación de una confederación.

Cuando a mediados de 1924, los sindicatos de municipales y de curtidores se retiraron de la USA luego de los entredichos de su primer congreso conformaron un Comité de Relaciones de Sindicatos Autónomos al que luego se sumaron La Fraternidad, la Unión Ferroviaria y la más débil Unión de Obreros Cortadores, Sastres, Costureras y Anexos. Hizo falta poco tiempo para que de la escisión surgiera una nueva central: la Confederación Obrera Argentina (COA). Indudablemente, la columna vertebral de esta central la constituyeron los sindicatos ferroviarios que eran el gremio más influyente del movimiento obrero y que durante los años veinte habían concretado la unidad en la Confraternidad Ferroviaria que funcionó hasta 1930 y que, aunque con gran presencia socialista, fue dirigida por Antonio Tramonti, más cercano a las prácticas *sindicalistas*. Aunque de innegable ligazón con las ideas socialistas, la COA estuvo más cerca de ser una institución que trabó su dinámica más a los poderosos gremios ferroviarios que a la lógica del PS:

la COA puede ser entendida, entonces, como una experiencia que articuló el pragmatismo burocrático de la Unión Ferroviaria, el reformismo socialista que postulaba la separación entre lo sindical y lo político, y la ausencia de una presión proveniente de ese movimiento obrero más explotado que se iba extendiendo en los ámbitos fabriles y que los socialistas se mostraban reacios o impotentes para organizar (Camarero, 2005: 216)

En un panorama compuesto por una USA con poco más de 10.000 adherentes y en clara tendencia decreciente, la COA que nucleaba cerca de 100.000 trabajadores (la mayoría ferroviarios) y la FORA que intentaba retener los pocos miles de asociados que todavía conservaba.



En julio de 1928, la Federación Obrera Poligráfica Argentina (FOPA), fundada un año antes como entidad gráfica nacional, realizó un llamado oficial a la COA y la USA, también a los sindicatos autónomos, con el fin de iniciar el camino a la ansiada concreción de la unidad en una central de trabajadores que aglutinara a todas las expresiones sindicales del movimiento obrero. En el ofrecimiento se adujo haber invitado a la FORA aunque no queda claro si existieron negociaciones al respecto. En definitiva, la comisión que encaró las gestiones por la unidad comenzó sus labores ese mismo año y estuvo integrada por Alejandro Silvetti, por la USA, José Negri, por la COA, y Sebastián Marotta, por la FOPA.<sup>149</sup> Las negociaciones se extendieron durante 1929 hasta que a comienzos de 1930 primero la USA aprobó la moción de unidad, a través del voto en las asambleas sindicales, y luego lo hizo la COA, que prefirió el voto general de los afiliados, concretando hacia el mes de septiembre, y con posterioridad al golpe de Estado, la disolución de las centrales y la formación de la CGT en la que también ingresaron importantes sindicatos autónomos (Oddone, 1949: 331; Marotta, 1970: 294 y ss). Así, la central rondó en su versión inicial los 125.000 integrantes, lo que la convertía en la más numerosa hasta ese momento (del Campo, 2005: 105 y ss). La dirección quedó conformada de la siguiente manera: Luis Cerutti secretario general (COA, Unión Ferroviaria), Silvetti prosecretario (USA, sindicato del mueble y luego de estatales), Andrés Cabona tesorero (USA, sindicato del mimbre y luego de estatales), José Negri protesorero (COA, Unión Ferroviaria), además de seis vocales (tres para cada una de las representaciones) que completaban la Junta Ejecutiva. El peso de los ferroviarios en la central era indudable aunque esto no implicaba necesariamente supremacía socialista pues el *sindicalismo* allí había ganado posiciones con la figura, siempre tendiente a la negociación y al pragmatismo, de Tramonti y por la recurrente laxitud de la relación entre el PS, sus afiliados y sus dirigentes sindicales.

### ***Socialismo y gremio textil durante la década infame***

En los primeros años treinta y ya con la CGT conformada, al interior del PS ganó fuerza la tendencia que propugnaba una mayor relación entre el plano gremial y el político. Esto repercutió en la revitalización de la Comisión Socialista de Información Gremial (CSIG) que era la instancia partidaria de conexión con el sindicalismo y que esos años estuvo integrada por cuadros que veían

---

<sup>149</sup> “Se han iniciado los trabajos en pro de la unidad obrera”, *Bandera Proletaria*, (“Órgano de Unión Sindical Argentina”), VII, 380, 6/10/1928, p. 1.

con buenos ojos estrechar los lazos entre ambas esferas: Enrique Dickman, Luis Ramicone, Francisco Pérez Leirós, Juan Armendares, Salvador Gómez, entre otros (Torti, 1989; Matsushita, 1986: 107). Mientras tanto, el grupo *sindicalista* compuesto por Antomio Tramonti, Alejandro Silvetti, Sebastián Marotta, José Negri, Andrés Cabona y Luis Gay sostenía al ferroviario Luis Cerutti como secretario general (del Campo, 2005: 104). La interna entre ambos bandos se explicitó en cada uno de los temas de política nacional e internacional que surgieron pero la caja de resonancia fue la UF que conducían los *sindicalistas* con Tramonti. Allí también se percibió su tendencia al retroceso. A mediados de 1934, los socialistas, apadrinados por la CSIG, obtuvieron la conducción de la UF, tras el triunfo de José Domenech. Esto debilitó las posiciones en la CGT de los derrotados y los dejó con pocos argumentos para conducir la central. La resolución del conflicto, que comentaremos, se produjo a fines de 1935.

Los socialistas, que tenían una presencia notablemente más débil que los comunistas en el conjunto del mundo industrial, se mostraron dinámicos en estos años en el gremio textil. Con injerencia de los *sindicalistas*, los socialistas tenían una base sólida en el sindicato más importante que era la Federación Obrera Textil que les permitió ejercer su conducción.<sup>150</sup> Para enero de 1934, cambiaron el nombre de la entidad y finalmente adoptaron el de Unión Obrera Textil (UOT) con sede en la calle Alvarado 1963 del barrio de Barracas. Los militantes del PS tenían una sólida presencia en las fábricas instaladas en el sur de la Capital Federal entre las que se destacaban Salzmán y Piccaluga. La primera estaba ubicada en la calle San Antonio 741 (Barracas) y era una de las principales tejedurías de algodón y fabricante de medias (Medias París). Piccaluga estaba en el país desde 1891 y tenía tres sedes dedicadas principalmente a la tejeduría de algodón. Las del barrio de Barracas estaban en Suárez 1156 y en la calle Lanín. Usualmente se las mencionaba por la calle en la que se encontraban. La tercera fábrica era denominada Universidad. Trabajaban alrededor de 3.000 obreros en total.

Durante la primera mitad de la década, los socialistas se mostraron dinámicos en particular en lo que respecta en la organización base de algunos establecimientos como en las fábricas de Piccaluga, con Juan Armendares, Salzmán, Tintorería Mil Colores, La Textilia, Pozzos Herma-

---

<sup>150</sup> “Ha sido detenido Carlos Ravetto, secretario de Federación Obrera Textil Clasista ¡Luchemos por su inmediata libertad!”, *volate de la Federación Obrera Textil adherida al Comité de Unidad Sindical Clasista*, 1933.

nos, Namias Plaut y Kaner y Cía, entre otras.<sup>151</sup> Las comisiones tenían amplias facultades cotidianas y construían un nexo con el sindicato, sus reuniones eran periódicas y la renovación de sus integrantes se realizaba de modo aceptado (Ceruso, 2011).

En paralelo, la convivencia de los socialistas y los *sindicalistas* en la CGT distaba de ser cordial. Las internas se incrementaron. El primer grupo integrado por miembros de la CSIG y *sindicalistas* descontentos con la conducción reclamaban una mayor representación de los sindicatos a los que pertenecían (principalmente ferroviarios pero también tranviarios, comercio y municipales) en los cargos directivos aunque no se privaron de anclar su crítica en la prescindencia política que declamaba la central.<sup>152</sup> El otro sector estaba formado mayoritariamente por los *sindicalistas* que controlaban la CGT. En diciembre el clima de enfrentamiento se exacerbó cuando la UF, ya bajo la secretaría general del socialista José Domenech, pretendió modificar sus delegados en la central en el marco del llamado de la dirigencia cegetista al largamente demorado Congreso Constituyente para marzo de 1936. El 12 de diciembre los eventos se precipitaron cuando los opositores ingresaron por la fuerza a la sede de la CGT y declararon depuestas a las autoridades.<sup>153</sup>

El golpe interno provocó la división y, a partir de allí, existieron dos CGT: la ‘socialista’, con mayor número de sindicatos y obreros afiliados y cuyo núcleo eran los gremios ferroviarios (UF y La Fraternidad) junto con los tranviarios, comercio y municipales; y la ‘sindicalista’, compuesta por un escaso número de empleados telefónicos y marítimos, principalmente. La primera central fue reconocida como CGT Independencia, mientras que la *sindicalista* como CGT Catamarca; en ambos casos el nombre se debió a las calles en donde se ubicaban sus oficinas. Tras la ruptura con el sector tradicional de la corriente *sindicalista*, la CGT parecía estar dejando atrás la prescindencia para volcarse hacia posturas de mayor participación en las cuestiones políticas de interés obrero. Ello pronto se demostró un diagnóstico incorrecto o apresurado. Debe mencionar-

---

<sup>151</sup> “La huelga en la Textilía Quilmes F. C. Sud”, *El Obrero Textil*, (“Órgano de la Unión Obrera Textil. Adherida a la Confederación General del Trabajo”), II, 8, agosto de 1934, p. 2; “Con todo vigor prosigue la huelga de La Textilía”, XL, *La Vanguardia*, XLI, 9733, 2 y 3/5/1934, p. 4.

<sup>152</sup> La importancia de la CSIG en la reyerta de la CGT había cobrado relevancia y era acusada desde distintos sectores como la causante de la discordia.

<sup>153</sup> Las dos versiones en Jacinto Oddone, 1949: 332-351; Marotta, 1970: pp. 411-433. Además en: “Ayer hizo crisis el conflicto latente en la central obrera”, *La Vanguardia*, 10320, 13/12/1935, p. 7; “Cómo se premeditó y cómo se consumó el asalto a la CGT”, *Libertad, diario de la mañana*, (“Órgano oficial del Partido Socialista Independiente”), IX, 2608, 29/12/1935, p. 1.

se, a su vez, que un sector de los socialistas insertos en la CGT, si bien no apoyaban la prescindencia política, mostraban su afección a separar la labor de la central obrera de la de los partidos políticos. La manifestación pública y el involucramiento frente a los hechos de la realidad nacional e internacional dividían aguas. Pronto, en la CGT, quedaron representados dos bandos. El primero, compuesto por socialistas, algunos *sindicalistas* todavía existentes y los líderes sindicales de la Unión Ferroviaria, menos tendiente a involucrarse en cuestiones políticas y partidarias. Allí revistaban José Domenech y Camilo Almarza, entre los dirigentes más importantes. El segundo, formado por los comunistas y los socialistas más ligados a la estructura del PS, más propensos a dirimir cuestiones a través de la política y los partidos, entre quienes estaban los comunistas Guido Fioravanti y Pedro Chiarante y el socialista Pérez Leirós (Matsushita, 1986: 166 y ss). Estas diferencias entre los grupos se fueron evidenciando frente a numerosos acontecimientos, por ejemplo en los discursos en torno al acto unitario, tanto como inusual, del 1º de mayo de 1936 que la CGT organizó y compartió con el PS, el PC, la UCR, los demócratas progresistas, estudiantes y gremios autónomos, entre otros (del Campo, 2005: 142).

Con la toma de las riendas de los socialistas en la CGT Independencia, los comunistas vieron la posibilidad de sumarse a la central obrera, en línea con la orientación de ‘frente popular’. La IIIº Conferencia Nacional del Partido Comunista (PC), en octubre de 1935, siguiendo las resoluciones del VIIº Congreso de la Comintern, marcó el inicio de la política de frente popular.<sup>154</sup> Esta situación, junto al cambio en la dirección de la CGT a fines de 1935, permitió que los comunistas disolvieran su sindicato y se sumaran a la UOT. De este modo, la tradicional presencia sindical socialista y la creciente inserción comunista en el ámbito industrial, sentaron las bases de una potente central obrera. Así, se conformó el sindicato único textil con sede en la calle Cochabamba 1760. A partir de 1940 el sindicato se ubicó en Entre Ríos 1338.

En 1935, la cantidad de trabajadores textiles sumaban 52.576 de los cuales 36.650 se desempeñaban en la Capital Federal. Estas cifras prácticamente se duplicaron para la década del cuarenta.<sup>155</sup> La fuerza de trabajo estaba integrada, mayoritariamente, por obreros de escasa calificación y compuesta principalmente por mujeres, muchas de ellas menores de edad (Horowitz,

---

<sup>154</sup> La política de frente popular habilitó acuerdos con las fuerzas obreras “reformistas”, e incluso con los sectores “progresistas” de la burguesía, bajo preceptos antiimperialistas y antifascistas.

<sup>155</sup> Dirección Nacional de Estadísticas y Censos, *Cuarto Censo General de la Nación*, Buenos Aires, 1949, Tomo III, pp. 26-27.

2004: 83-84). La instalación de grandes plantas aumentó considerablemente y el área de mayor crecimiento del sector fue la Capital Federal y el Gran Buenos Aires. A partir de 1940 el sindicato se ubicó en Entre Ríos 1338. Inicialmente, los socialistas plasmaron su superioridad designando a Basilio Dimópulo y luego a Juan Armendares como secretarios generales. Entre los cuadros del PS en este gremio también se desempeñaban Demetrio Dimópulo, Lucio Bonilla, Cándido Gregorio, Juan Pardo, entre otros. La incorporación de los comunistas a la UOT implicó la duplicación de la cantidad de afiliados. Entre los cuadros más importantes del PC en los textiles estaban Próspero Malvestitti, Jorge Michellón, Dora Genkin, Meyer Kot, José Freikes, por mencionar los más importantes. Para el año 1936, los afiliados rondaban un número cercano a 4.000, cifra exigua si se la compara con la de obreros ocupados en la industria, que se acercaba a los 70.000. Ante este panorama, la voluntad de la UOT en su conjunto era expandir su influencia y lograr una mayor presencia entre los obreros. La necesidad de fortalecer el sindicato y solidificar sus estructuras también se hacía indispensable frente al fenómeno representado por los sindicatos de la construcción. La UOT advertía la importancia de la organización sindical: “compañeros y compañeras: el momento de la lucha se aproxima, y es necesario reforzar la organización en las fábricas. Es el deber de cada uno trabajar por el engrandecimiento de la misma”.<sup>156</sup>

El sindicato luego de una dura huelga en Establecimientos Gratry, y para capitalizar el envión de la coyuntura de la huelga general de enero de 1936, inició una nítida búsqueda de institucionalización de su estructura. Así el 3 de agosto de 1936 la UOT realizó una asamblea extraordinaria con la intención de reformar los estatutos y allí, entre otros elementos, intentó reglamentar el funcionamiento de las comisiones internas.<sup>157</sup> El año 1936 mostró el avance de la UOT en la búsqueda de una mayor organización y para ello entabló demandas de mejoras y reconocimiento frente al Estado y las entidades empresariales textiles. La firma del convenio colectivo en el sector lanero entre la UOT y la Confederación Argentina de Industrias Textiles, con la participación del DNT, marcó un punto de inflexión en la búsqueda del sindicato por aumentar su injerencia.<sup>158</sup> La

---

<sup>156</sup> “Los Obreros Textiles Están Empeñados en una Campaña Por la Conquista de Mejoras”, *La Vanguardia*, XLII, 10644, 3/11/36, p. 5.

<sup>157</sup> Ambas citas: “La reforma de los estatutos”, *El Obrero Textil*, (“Órgano oficial de la Unión Obrera Textil. Adherida a la Confederación General del Trabajo”), IV, 11, 1/5/1936, p. 10.

<sup>158</sup> Esta entidad patronal textil fue creada en 1932 y en ella se encontraban representadas las principales empresas del sector. “Se ha constituido una Confederación de Industrias Textiles”, *La Gaceta Algodonera, publicación defensora de plantadores e industriales del algodón*, IX, 103, 31/8/1932, p. 15.

UOT intentó ampliar este tipo de convenios al resto de las ramas del sector como la aldononera y la seda, entre otras. Esta coyuntura permitió al sindicato ganar posiciones obteniendo un paulatino incremento de las afiliaciones y de las cotizaciones. El contexto además posibilitó un aumento de las huelgas que protagonizaron los obreros textiles entre las que se destacó la que impulsaron los trabajadores de Graty.<sup>159</sup> A comienzos de 1937, la Comisión Directiva socialista de la UOT publicó un comunicado sintomático al momento de analizar las relaciones con las comisiones internas que evidenciaba desacuerdos:

la Unión Obrera Textil se dirige a todo el gremio para significarle la necesidad de mantener la máxima unidad de acción y disciplina orgánica (...) Por último, nuestra organización expresa su firme decisión de dar cumplimiento a todos los compromisos contraídos, y pide para ello que todos los obreros se abstengan de todo acto de indisciplina, que sólo puede perjudicar sus propios intereses, e invita a todas las comisiones internas y delegados de fábrica a que ajusten su acción a las directivas de la organización.<sup>160</sup>

Durante 1937 la UOT intentó avanzar en la firma de convenios colectivos por sectores productivos. Hacia fines de aquel año tras una serie de conflictos parciales obtuvo un acuerdo con la Confederación Argentina de Industrias Textiles, que representaba a los empresarios de la lana, y en el cual intervino activamente el DNT bajo las órdenes de Tieghi. El arreglo no sólo otorgaba amplias facultades regulatorias a la institución laboral sino que también conformaba las comisiones mixtas de patronos y obreros como ámbitos de discusión.<sup>161</sup> Desde principios de 1938, la UOT inició los preparativos para reformar sus estatutos. La discusión abarcó diferentes aspectos entre

---

<sup>159</sup> Durante 1936 se registraron 109 huelgas y los trabajadores textiles fueron el segundo grupo de mayor actividad detrás de los obreros de la construcción. Ministerio del Interior, Departamento Nacional del Trabajo, División de Estadística, *Investigaciones Sociales. Síntesis de los resultados obtenidos en 1936*, Buenos Aires, 1936, p. 11. En esta huelga como en la de la Manufactura Algodonera en 1938 puede verse el descontento de, al menos, parte de los trabajadores con el desempeño de la dirigencia socialista a cargo de la conducción de la UOT. La posibilidad documental no nos alcanza para afirmar de manera categórica la existencia de un marcado divorcio entre las bases textiles y su dirigencia pero los elementos presentados podrían funcionar a modo de indicios de un malestar obrero, en estas fábricas, con respecto a la conducción socialista.

<sup>160</sup> “Una nota de la Unión Obrera Textil”, *La Vanguardia*, XLIII, 10739, 7/2/1937, p. 5.

<sup>161</sup> “Se llegó a un acuerdo previo entre patronos y obreros de la industria lanera”, *Argentina Fabril*, (“Publicación semanal del órgano de publicidad de la Asociación Unión Industrial Argentina”), L, febrero de 1937, 818, p. 16.

los que se destacan los referidos a la conformación y regulación de las comisiones internas de fábrica.<sup>162</sup> El estatuto finalmente se aprobó en febrero de 1939 por el voto de la asamblea general de socios. En esta búsqueda de organización y regulación que había iniciado el sindicato se destacaban las comisiones seccionales. Estaban formadas por, como mínimo, cinco miembros en cada barrio o partido de la provincia y dependían directamente de la Comisión Directiva. Entre sus funciones estaban: cobrar las mensualidades o cuotas sindicales, transmitir las directivas de la Comisión Directiva y fomentar el nombramiento y vigilar el buen funcionamiento de las comisiones internas.<sup>163</sup> El trabajo de las comisiones seccionales se había iniciado un tiempo antes de la sanción del estatuto.

El sindicato también tenía entre sus principales preocupaciones la organización de las mujeres. Recordemos que en la Capital Federal para 1935 el 63,92% de la fuerza de trabajo del sector textil era femenina.<sup>164</sup> La dirección contaba con buena información al respecto y pretendía atender específicamente esta particularidad:

precisamente el gremio textil, por sus características, ya que representaba en el conjunto de afiliados, el setenta por ciento de mujeres. La dirección y la acción gremial estaban configuradas sobre esa base. Las comisiones internas, las comisiones de estudio, las comisiones especializadas en las distintas cosas que tenía la industria, ya sea la de cultura como cualquier otro tipo de comisión interna que tiene el sindicato y las comisiones internas de fábrica estaban constituidas por hombres y mujeres y ha habido mujeres con una actuación muy interesante.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> “El proyecto de estatuto de la Unión Obrera Textil”, *El Obrero Textil*, (“Órgano oficial de la Unión Obrera Textil. Adherida a la Confederación General del Trabajo”), V, 24, diciembre de 1938, p. 6.

<sup>163</sup> “Proyecto de estatutos de la Unión Obrera Textil”, *El Obrero Textil*, (“Órgano oficial de la Unión Obrera Textil. Adherida a la Confederación General del Trabajo”), V, 19, febrero de 1938 p. 3.

<sup>164</sup> Ministerio del Interior, Departamento Nacional del Trabajo, División de Estadística, *Industria Textil. Capacidad normal de trabajo de los obreros de la industria textil, especialmente mujeres y menores*, Buenos Aires, 12/6/1939, p. 7.

<sup>165</sup> Entrevista a Lucio Bonilla, Archivo Historia oral/Instituto Torcuato Di Tella, 2 y 3/3/1971, p. 48.

Más allá de este comentario, vale destacar que estudios recientes lograron avanzar en la identificación de estrategias sindicales referidas a las relaciones de género entre el proletariado textil:

cuando a partir de 1936 se comienzan a incorporar los militantes comunistas en el sindicato, en las diversas publicaciones se empieza a entrever un cambio en la política hacia la mujer con respecto a los años anteriores (de conducción socialista), etapa durante la cual no se tomaron decisiones políticas de incorporación de las mujeres al sindicato. El comunismo, por el contrario, desplegó una serie de estrategias para la incorporación de las obreras a la militancia. Una de ellas fue la organización de las mujeres (Norando, 2013).

A grandes rasgos, en estas investigaciones se advierte que la dirección socialista de la UOT no estructuró políticas activas y sistemáticas que permitieran la incorporación de las mujeres en el sindicato y en los cargos directivos. A contramano, con el advenimiento de los comunistas a la secretaría general se observó un cambio en esta política. La derecha, en particular la LPA, también reparaba en las cuestiones de género y buscaba influir con la creación de ‘Escuelas de obreras’ en las fábricas bajo la supervisión de la rama de ‘Señoritas’ conducida por Celina de Estrada.<sup>166</sup> Para 1939 funcionaban 15 de estas instituciones propatronales en diversos establecimientos del país.

En el plano sindical, a mediados de 1939, se realizó el I Congreso de la CGT. Para ese momento, la central contaba con 280.000 afiliados, aunque los cotizantes eran unos 166.000. En los últimos dos años al mando de José Domenech, la CGT podía mostrar un avance en términos cuantitativos y en su influencia en el movimiento obrero aunque, al mismo tiempo, su orientación estuvo volcada claramente hacia los reclamos económicos y sociales, buscando no inmiscuirse en declaraciones y situaciones que consideraban políticas y, en consecuencia, ajenas a su responsabilidad.<sup>167</sup> En los meses previos al Congreso, las fuerzas sindicales del PS y las del PC acordaron una distensión en el clima de enfrentamiento y acusaciones con la intención de priorizar la realización del cónclave y la definitiva normalización de la CGT. Aunque las críticas no desaparecieron por completo, el evento realizado entre el 14 y el 16 de julio de 1939 se desarrolló normalmente. Los

---

<sup>166</sup> “La obra de la Liga Patriótica en las fábricas”, *Patria y Orden*, (“Publicación de las Brigadas 19 y 21 de la Liga Patriótica Argentina”), I, 2, abril de 1939, p. 6.

<sup>167</sup> Confederación General del Trabajo, *Memoria y balance, 1937-1939*, Buenos Aires, 1939.



sindicatos industriales, dirigidos por los comunistas, habían incrementado su fuerza y representaban cerca del 30% de estos cotizantes mientras que el resto, con eje en los sindicatos ferroviarios y de servicios, pertenecía a gremios con conducción socialista o *sindicalista*. Sobre estas bases se realizó el Congreso que finalmente reeligió a Domenech como secretario general y a Camilo Almarza como secretario adjunto, en un marco en el que las posiciones prescindentes habían ganado terreno (Matsushita, 1986: 217 y ss). Los socialistas obtuvieron varios cargos entre ellos los de Pérez Leirós y Borlenghi en algunas comisiones claves. Por su parte, los comunistas consiguieron cargos en la Comisión Administrativa y en el Comité Central Confederal para sus cuadros más reconocidos: Pedro Chiarante, Rubens Iscaro, Juan Pavignano, Pedro Tadioli, entre otros.<sup>168</sup> El Congreso no estuvo exento de fuertes disputas en torno a la perspectiva que debía tomar la CGT y las declaraciones que pretendían impulsar. Más allá de algunas resoluciones adoptadas pero nunca aplicadas, la central siguió el rumbo trazado por su dirección y continuó su directriz prescindente y apolítica. Esto hizo recrudecer el enfrentamiento con los comunistas y los gremialistas socialistas más relacionados con su partido.

Estas presiones para que la central obrera se manifestara se interrumpieron a mediados de agosto de 1939 con la firma del pacto germano-soviético.<sup>169</sup> El repentino neutralismo del PC y de sus principales figuras políticas y sindicales motivó críticas desde diversos sectores y profundizó las divisiones dentro de la CGT. Por su parte, los socialistas que conducían la central aprovecharon esta situación para fortalecer su posición argumentando la falta de principios y el oportunismo comunista. Para septiembre, tras la invasión a Polonia, la Segunda Guerra Mundial se desató con rapidez. Las consecuencias del pacto germano-soviético fueron de gran importancia. En primer lugar, el PC redirigió sus posturas hacia un repentino neutralismo que obligó a redefinir el ‘frente popular’. La Comintern justificó el acuerdo entre von Ribbentrop y Molotov como la explotación de las contradicciones entre los países imperialistas y en la posibilidad de colocar un freno al ataque unísono de las naciones capitalistas con la Unión Soviética (Kriegel, 1986: 59). Todo el espectro político condenó la cabriola aunque el socialismo sin duda encontró grandes argumentos para lidiar con su competidor en la central.

---

<sup>168</sup> “Quedó constituido el nuevo CCC de la CGT para el período 1939-1941, *Orientación*, III, 131, 28/12/39, p. 5.

<sup>169</sup> Nos referimos al pacto de no agresión acordado entre Alemania y la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) firmado por el ministro de Asuntos Exteriores del III Reich, Joachim von Ribbentrop, y el comisario soviético de Asuntos Exteriores, Viacheslav Molótov, el 23 de agosto de 1939.

El predominio socialista se interrumpió en 1939 con la llegada de Michellón a la secretaría general de la UOT. Este hecho, entre otros que conformaban la coyuntura nacional e internacional, produjo un paulatino deterioro de las relaciones. Los comunistas denunciaron las maniobras socialistas calificándolas de ‘divisionistas’ y argumentando que se debían a la obtención de la conducción. La ruptura definitiva ocurrió a mediados de 1941 cuando los socialistas conformaron otro sindicato también denominado UOT. El relato de la publicación anarquista que agrupaba a los gremios autónomos orientados por la Federación Anarco Comunista Argentina apoyaba la versión socialista:

los actuales disidentes querían su congreso de verdad, precedido de asambleas de base donde libre y democráticamente los trabajadores trazaran su propia trayectoria y eligieran sus legítimos representantes. Los ‘bolches’ previendo que por este medio serían desplazados sus ‘queridos dirigentes’, montaron una máquina fraudulenta y el congreso estuvo virtualmente cerrado para los fundadores de la organización gremial de los textiles.<sup>170</sup>

Las fricciones continuaron y se acrecentaron tras la división. La misma CGT denunció las acciones del PC y de la Unión Obrera Local de Quilmes (de orientación comunista) en la huelga de la fábrica Ducilo en 1940.<sup>171</sup> En el mismo sentido, Almarza, secretario adjunto de la CGT, en una reunión del Comité Central Confederal en 1942 denunciaba:

¿quién no recuerda el problema de la Ducilo, episodio desgraciado del movimiento obrero, no la huelga en sí misma, que ya la vamos a considerar porque figura en el informe, sino el aspecto político de esa huelga? Esa compañía Ducilo (...) fue aprovechada por los dirigentes sindicales que militan en el Partido Comunista con el propósito de llevar agua a su molino en pos de las ideas neutralistas que sostenía en aquel entonces el partido Comunista.<sup>172</sup>

---

<sup>170</sup> “Un obrero textil habla para ‘Solidaridad Obrera’”, *Solidaridad Obrera, una voz obrera y campesina de orientación y de lucha*, I, 4, junio de 1941, p. 3.

<sup>171</sup> “Explica la C.G.T. su participación en el largo conflicto de la Ducilo”, *La Vanguardia*, XLVII, 12266, 13/2/41, p. 5.

<sup>172</sup> Confederación General del Trabajo, *Actas de las reuniones del Comité Central Confederal efectuadas en mayo de 1940 y en octubre de 1942*, Buenos Aires, 1942, p. 116.

Esto agregaba un capítulo más al conflicto entre socialistas y comunistas dentro del gremio y en la CGT. El tono de la CGT y del sector socialista textil fue similar antes y después de la creación de la nueva UOT en junio de 1941. La nueva entidad socialista fue de menor cuantía e incidió tenuemente en la dinámica textil hasta el golpe de Estado de 1943.

### ***Reflexiones finales***

El PS desde su fundación asistió a un debate interno sobre su desempeño en el mundo sindical. Como mostraron varias investigaciones, existió una preferencia por importantes áreas como el ejercicio electoral y el desarrollo de centros políticos, bibliotecas, asociaciones deportivas, el universo cultural, entre otras. Para el PS, el gremial siempre resultó un campo en el cual no debía dotarse de una estrategia específica ni trabar una relación estrecha respecto del partido, lo que en ocasiones le valió rupturas de fuste. Pero esto no inhibió la presencia de sus militantes en relevantes estructuras, como el caso de la Unión Ferroviaria, pero sí le impidió un desempeño orgánico. En relación a esto enunciemos una serie de reflexiones sobre su proceder.

En primer lugar, no debemos olvidar que la expresión gremial de mayor difusión para los socialistas fue el sector de transportes y servicios. Entonces, al enfocar las áreas industriales, el sector más dinámico para este período, no resulta extraño encontrar una presencia débil. En el caso de los textiles, desde mediados de los veinte, los militantes y cuadros del PS construyeron una sólida posición que repercutió desde la conducción y hasta los sitios de trabajo. Como Federación Obrera Textil y luego como UOT, y junto a otras fuerzas, crearon y consolidaron una influencia importante en el gremio. Pero allí pareció sufrir los cuestionamientos de la base comunista que primero enarboló una fuerte oposición y luego logró la conducción del sindicato en 1939. Pero mientras el socialismo condujo el sindicato pudimos revelar los firmes esfuerzos por procurar la institucionalización, la reglamentación interna, la firma de convenios colectivos, el fomento de comisiones internas de fábricas y de seccionales barriales, entre otros elementos. Sin impugnar aquello de la debilidad socialista en la industria, el importante caso textil debería introducir un matiz a dicha reflexión pues, aunque luego rebasada, la presencia y proceder socialista fue importante.

Nuestra futura línea de investigación para complementar este trabajo ahondará en el estudio de este gremio para analizar la existencia de experiencias que también coloquen reparos a la escisión de la política partidaria y sindical. Con énfasis en las fuentes partidarias intentaremos

dilucidar si la práctica sindical textil estuvo en coordinación y/o en fricción con la del PS. Esta disociación siempre marcada por la historiografía, que en los hechos se reflejó en autonomía, dotó al partido de cierta inorganicidad en el universo sindical. Por el momento, el estudio que aquí encaramos buscó evidenciar la presencia, sólida, aunque casi circunscripta a este rubro por cierto, y el desempeño, activo, de los socialistas en el mundo industrial de los años treinta.

### **Bibliografía**

ARICÓ, José. *La hipótesis de Justo. Escritos sobre el socialismo en América Latina*, Buenos Aires, Sudamericana, 1999.

BELKIN, Alejandro. *Sobre los orígenes del sindicalismo revolucionario en Argentina*, Buenos Aires, Ediciones del CCC Floreal Gorini, 2007.

CAMARERO, Hernán. “Socialismo y movimiento sindical: una articulación débil. La COA y sus relaciones con el PS durante la década de 1920”, en Hernán Camarero y Carlos Miguel Herrera (eds.), *El Partido Socialista en Argentina: sociedad, política e ideas a través de un siglo*, Buenos Aires, Prometeo, 2005.

\_\_\_\_\_. *A la conquista de la clase obrera. Los comunistas y el mundo del trabajo en la Argentina, 1920-1935*, Buenos Aires, Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2007.

\_\_\_\_\_. “Del auge al declive: las corrientes de izquierda y los trabajadores antes del peronismo. Elementos para una interpretación teórica e historiográfica global”, en *Iberoamérica Global*, núm. 2, 2011.

CAMARERO, Hernán y SCHNEIDER, Alejandro. *La polémica Penelón-Marotta (marxismo y sindicalismo soreliano, 1912-1918)*, Buenos Aires, CEAL, 1991.

CAMPIONE, Daniel. *El comunismo en Argentina. Sus primeros pasos*, Buenos Aires, Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos/Centro Cultural de Cooperación Floreal Gorini, 2005.

CERUSO, Diego. *Comisiones internas de fábrica. Desde la huelga de la construcción de 1935 hasta el golpe de estado de 1943*, Vicente López, PIMSA/Dialektik, 2010.

\_\_\_\_\_. “Movimiento obrero industrial y organización en el lugar de trabajo. El caso de los textiles y las comisiones internas fabriles entre 1936 y 1943”, en *Revista Estudios del Trabajo*, núm. 41/42, pp. 53-75, 2011.

CEVA, Mariela. *Empresas, trabajo e inmigración en la Argentina. Casos de la Fábrica Argentina Alpargatas y Algodonera Flandria (1887-1955)*, Buenos Aires, Biblos, 2010.

D’ANTONIO, Débora y ACHA, Omar. “La clase obrera ‘invisible’: imágenes y participación sindical de las obreras a mediados de la década de 1930 en Argentina”, en Paula Halperin y Omar Acha (coords.): *Cuerpos, géneros e identidades*, Buenos Aires, Signo, 2000.

DEL CAMPO, Hugo. *Sindicalismo y peronismo. Los comienzos de un vínculo perdurable (1983)*, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2005.

DI TELLA, Torcuato S. “La Unión Obrera textil, 1930-1945”, en T. S. Di Tella (comp.): *Sindicatos como los de antes...*, Buenos Aires, Biblos, pp. 169-214, 1993.

DICKMANN, Adolfo. *Los Congresos Socialistas. 40 años de Acción Democrática*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1936.

DORFMAN, Adolfo. *Historia de la industria argentina*, Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.

FALCÓN, Ricardo. *Los orígenes del movimiento obrero (1857-1899)*, Buenos Aires, CEAL, 1984.

FODOR, Jorge G. y Arturo O’CONNELL. “Argentina y la economía atlántica en la primera mitad del siglo XX”, en *Desarrollo Económico. Revista de Ciencias Sociales*, núm. 49, 1973.

HOROWITZ, Joel. *Los sindicatos, el Estado y el surgimiento de Perón, 1930-1946*, Buenos Aires, Eduntref, 2004.

IRIGOIN, Alfredo. “La evolución industrial en Argentina (1870-1940)”, en *Revista Libertas*, núm. 1, 1984.

JUSTO, Juan B. “La organización obrera y el Partido Socialista”, en Obras de Juan B. Justo, tomo 6, *La realización del socialismo*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1947.

KOROL, Juan Carlos y BELINI, Claudio. *Historia económica de la Argentina en el siglo XX*, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2012.

KRIEGEL, Annie. *Las Internacionales Obreras (1864-1943) (1968)*, París, Ediciones Orbis, 1986.

MAROTTA, Sebastián. *El movimiento sindical argentino. Su génesis y desarrollo. Tomo III. Período 1920-1935*, Buenos Aires, Lacio, 1970.

MATSUSHITA, Hiroshi. *Movimiento Obrero Argentino, 1930-1945: Sus proyecciones en los orígenes del peronismo*, Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.

NORANDO, Verónica. “Roles sexuales y militancia obrera. El Partido Comunista argentino y las obreras de la industria textil, 1937-1946”, ponencia en *XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*, Mendoza, 2013.

NORANDO, Verónica y SCHEINKMAN, Ludmila. “Roles sexuales y lucha de clases. La huelga de las obreras de la casa Gratry, Nueva Pompeya, 1936. ‘Género’ y ‘clase’ en disputa”, en *Razón y Revolución*, núm. 21, pp. 65-85, 2011.

ODDONE, Jacinto. *Gremialismo proletario argentino*, Buenos Aires, La Vanguardia, 1949.

RAPOPORT, Mario. “El triángulo argentino: las relaciones económicas con Estados Unidos y Gran Bretaña, 1914-1943, en Mario Rapoport (comp.), *Economía e historia*, Buenos Aires, Tesis, 1988, pp. 251-275.

ROCCHI, Fernando. *Chimneys in the Desert: Industrialization in Argentina during the export boom years, 1870-1930*, California, Stanford University Press, 2006.

SCHVARZER, Jorge. *La industria que supimos conseguir. Una historia político-social de la industria argentina*, Buenos Aires, Planeta, 1996.

TORTTI, María Cristina. “Notas sobre la estrategia del Partido Socialista. Reformismo político y reformismo sindical”, en *Conflictos y Procesos de la Historia Argentina Contemporánea*, núm. 34, Buenos Aires, CEAL, 1989.

VILLANUEVA, Javier. “El origen de la industrialización argentina”, en *Desarrollo Económico. Revista de Ciencias Sociales*, núm. 47, 1972.

## **Democracia, desenvolvimento capitalista e as lutas dos trabalhadores no Brasil (2013/2014)**

Douglas Ribeiro Barboza<sup>173</sup>; Jacqueline Aline Botelho Lima Barboza<sup>174</sup>;

Emilia Oliveira Rodrigues<sup>175</sup>; Fabiana da Conceição Timoteo<sup>176</sup>

Daniele Cristina de Brito<sup>177</sup>; Flávia Mauricio Figueiredo<sup>178</sup>

### **Resumo**

Partindo da compreensão das desigualdades históricas que presidem o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil e da feição antidemocrática assumida pela revolução burguesa, a pesquisa busca investigar a relação entre a construção da democracia e as transformações societárias engendradas pelo atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, resgatando as possibilidades de reflexão mediante as particularidades da formação histórica brasileira e os processos de resistência e luta dos trabalhadores pela construção de um espaço efetivamente público e democrático em nossa sociedade. A análise se fundamenta através do mapeamento dos conflitos sociais brasileiros ocorridos no período de 2013/2014, a partir do acompanhamento e seleção de notícias divulgadas em mídias impressa e digital que tratem dos desafios às lutas dos trabalhadores no conjunto de restrições democráticas e da negação da organização social para a defesa e ampliação de direitos.

---

<sup>173</sup> Professor Adjunto do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (DECISO/ICSA/UFOP). Coordenador do Programa de Estudos e Pesquisas em Lutas Sociais, Trabalho e Política no Brasil (PROLUTA) e do Grupo de Estudos Marxismo e realidade brasileira - GEMARB/UFOP.

<sup>174</sup> Professora Assistente do curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói). Pesquisadora associada do Programa de Estudos e Pesquisas em Lutas Sociais, Trabalho e Política no Brasil (PROLUTA) e do Grupo de Estudos Marxismo e realidade brasileira - GEMARB/UFOP.

<sup>175</sup> Graduanda em Serviço Social pela UFOP. Bolsista de Iniciação Científica do projeto de Pesquisa “Democracia, desenvolvimento capitalista e as lutas dos trabalhadores no Brasil” (UFOP/PROBIC/FAPEMIG); e integrante do Grupo de Estudos Marxismo e realidade brasileira - GEMARB/UFOP.

<sup>176</sup> Graduanda em Serviço Social pela UFOP. Bolsista de Iniciação À Pesquisa do projeto de Pesquisa “Democracia, desenvolvimento capitalista e as lutas dos trabalhadores no Brasil” (UFOP/PIP/); e integrante do Grupo de Estudos Marxismo e realidade brasileira - GEMARB/UFOP

<sup>177</sup> Graduanda em Serviço Social pela UFOP. Bolsista de Iniciação Científica do projeto de Pesquisa “Lutas sociais e processos políticos no Brasil: mediações históricas da consolidação da ‘democracia vulgar’ na contemporaneidade” (UFOP/PIBIC/CNPQ); e integrante do Grupo de Estudos Marxismo e realidade brasileira - GEMARB/UFOP

<sup>178</sup> Graduanda em Serviço Social pela UFOP. Bolsista de Iniciação à Pesquisa do projeto de Pesquisa “Lutas sociais e processos políticos no Brasil: mediações históricas da consolidação da ‘democracia vulgar’ na contemporaneidade” (UFOP/PIP); e integrante do Grupo de Estudos Marxismo e realidade brasileira - GEMARB/UFOP

## Introdução

Florestan Fernandes (1975) nos esclarece que, na leitura do capitalismo brasileiro, é fundamental considerarmos a sua particularidade (o que é próprio das relações sociais brasileiras), e sua generalidade (encontrada na compreensão do capitalismo e seus fundamentos principais determinados pelas relações de exploração, apropriação privada etc.). Nesta direção, a explicação sociológica do subdesenvolvimento econômico deve ser buscada no mesmo fator explicativo do desenvolvimento econômico sob o regime de produção capitalista. Isto é, em como se organizam as classes, como cooperam ou lutam entre si para preservar, fortalecer e aperfeiçoar ou extinguir determinado regime social de produção. (Ibidem).

A análise do capitalismo no Brasil nos remete a outros eixos de análise fundamentais, como, por exemplo, a questão do Estado e da democracia que institucionalizam, na região, a acumulação de capital na forma de uma dominação externa abastecida por uma dominação interna exercida não sobre um setor ou uma fração da burguesia, mas sobre o trabalho e a massa da população. (Cardoso, 1997). A forma selvagem em que se expande a acumulação do capitalismo na América Latina produz uma autocracia burguesa, sob os marcos de um capitalismo dependente que conjuga crescimento econômico dependente com miséria e exclusão despóticas, além do ataque aos direitos fora dos setores sociais dominantes. Para Florestan Fernandes (1975), seja na América latina ou nos “países centrais”, nas cidades ou no campo, as classes sociais, propriamente ditas, abrangem os círculos sociais que são de uma forma ou de outra privilegiados e que coexistem com uma massa de oprimidos, condenados ao desemprego sistemático e à exclusão cultural e política.

Segundo o autor (Ibidem), na particularidade da formação brasileira se gestam três funções centrais da dominação burguesa. Proteger e ampliar a força e o domínio do próprio poder burguês; ampliar e aprofundar o diálogo com o capitalismo externo das nações hegemônicas; e, ampliar e intensificar o controle do Estado. As duas primeiras se caracterizam no que o autor designa de uma espécie de *solidariedade de classe*, onde, essa relação acarreta fatores que irão inibir o próprio desenvolvimento capitalista interno e as ações (no âmbito econômico, político e sociocultural) da própria burguesia nacional. Dessa forma ocorre um acasalamento dos interesses burgueses nacionais e internacionais, fazendo com que a burguesia nacional se transforme em uma *burguesia pró-imperialista*, uma espécie de burguesia defensora do processo de acumulação do capital atual que determina, dentro dessa lógica, um *capitalismo dependente* nacional e que trava o próprio desenvolvimento capitalista interno. (Fernandes, 1975: 304 e 305). A ausência de um controle societário eficiente confere, ainda, “uma liberdade quase total à ‘grande empresa’, nacional ou



estrangeira, em todos os ramos de negócios, e à devastadora penetração imperialista em todos os meandros da vida econômica brasileira”. (Ibidem: 306)

Legalizados por esta democracia, os dominantes detém privilégios também na esfera política e pegam pra si todos os privilégios como se fossem direitos naturais. Esta burguesia não abre espaço para as demais classes se desenvolverem autonomamente como tais, tornando inviável uma ordem social competitiva e exercendo uma verdadeira ditadura burguesa permitida pela falsa democracia. O Estado capitalista aparece como fator fundamental para o desenvolvimento da classe burguesa, para a redução das desigualdades na recuperação dos direitos sociais, funcionais também às classes altas e médias no aumento da potencialidade de consumo das massas, no esfriamento das mobilizações. Porém, na busca do lucro a todo custo, a construção da nacionalidade e a autonomização não estão nos projetos das burguesias capitalistas-dependentes que se concentram na acumulação máxima do capital.

A partir desta situação, os níveis de exploração somados aos níveis de opressão e de exclusão dos direitos e do acesso ao poder alcançam tamanha proporção que não mais garantem na América latina a estabilidade e a transformação equilibrada da ordem social inerente à sociedade de classes. Fernandes (1975) esclarece que não se trata de limitar-nos numa defesa da liberdade e da democracia, mas de pôr em evidência que a sociedade de classes engendrada pelo capitalismo na periferia é incompatível com a universalidade dos direitos humanos: ela desemboca em uma democracia restrita e em um Estado autocrático burguês, pelos quais a transformação capitalista se completa apenas em benefício de uma reduzida minoria privilegiada e dos interesses estrangeiros com os quais ela se articula institucionalmente.

Longe de configurar-se num processo revolucionário com forte orientação democrática, nacionalista e voltada para o desenvolvimento interno autônomo, a burguesia, aqui, reforça os objetivos de construção de uma democracia divorciada dos interesses da classe trabalhadora, e universaliza seus interesses como sendo de toda nação, tendo o Estado como mediador. Compreendem-se nesse contexto, que as soluções políticas são orientadas por deliberações “de cima” para “baixo” e pela reiterada exclusão das classes subalternas, historicamente destituídas da cidadania social e política. Neste sentido, percebe-se que, sob vários aspectos,

[...] o que revela essa história é o desenrolar de uma espécie de contra-revolução burguesa permanente. Diante dos frequentes movimentos de ascenso popular, na cidade e no campo as classes dominantes respondem com a violência. Nem as conquistas democráticas básicas da própria burguesia são preservadas. Nesse sen-

tido, há uma contra-revolução burguesa que atravessa essa história. (Ianni, 1985: 20).

### **Re-institucionalização da democracia no Brasil em tempos de mundialização do capital.**

É preciso lembrar que o processo de re-institucionalização da democracia desenvolvido na América Latina a partir dos anos 1980 pode ter representado um avanço político significativo na região, onde países com pouca ou nenhuma tradição democrática prévia passaram a reconhecer instituições e procedimentos que permitiram a inclusão formal de milhões de cidadãos no processo de escolha das elites políticas encarregadas das decisões coletivas. Entretanto, o modelo de democracia que se desenvolveu acabou se tornando efetivamente num mecanismo de governabilidade, preservando os conflitos na medida em que filtra e controla as demandas sociais até níveis tolerados pelo sistema, numa concepção de que somente com este referencial é que se pode assimilar a democracia com a governabilidade nos tempos atuais. É indubitável que esta debilidade congênita da democracia política nos países latino-americanos assumiu novos traços em decorrência dos “planos de ajuste estrutural” propostos pelas agências financeiras internacionais para superar os desequilíbrios macroeconômicos, financeiros e produtivos ocorridos em escala internacional desde os anos 1970, planos estes que foram implementados nas últimas décadas pelos governos democraticamente eleitos, e que, conforme já assinalado, implicaram - se analisados sob o ângulo da correlação de forças entre capital e trabalho - um incremento notável do poder econômico, social e político dos setores e grupos mais transnacionalizados do capital que são beneficiários diretos de processos de concentração e centralização, em paralelo ao *desastre social* imputado às massas trabalhadoras e às classes subalternas. Consubstanciado pelas (contra)reformas de cunho neoliberal, esse *ajuste* debilita exponencialmente as capacidades das instituições estatais em termos de ação e coordenação geral das políticas públicas, minando a ação do Estado como agente de desenvolvimento e integração social, de valorização e eficácia dos serviços públicos e do funcionalismo público, desmontando assim as bases da constituição dos atores sociais e da representação simbólica coletiva da comunidade política.

A efetiva mundialização da sociedade global é incorporada pelos grandes grupos industriais transnacionais, internacionalizando a produção e os mercados, aprofundando um desenvolvimento econômico diferenciado do desenvolvimento social, o que contribui para estruturar as rela-

ções de dependência entre nações no cenário internacional. De acordo com Chesnais (2000, p.13), no que tange o processo de mundialização do capital, “sua arquitetura tem principalmente por objetivo permitir a valorização em escala internacional de um ‘capital de investimento financeiro’, sobre uma vintena de mercados financeiros desregulados que desenham o espaço da ‘mundialização financeira’”. (Chesnais, 2000: 13). Nas palavras de Marilda Iamamoto (2007),

A mundialização da economia está ancorada nos grupos industriais transnacionais, resultantes de processos de fusões e aquisições de empresas em um contexto de desregulamentação e liberalização da economia. As empresas industriais associam-se às instituições financeiras – bancos, companhias de seguros, fundos de pensão, sociedades financeiras de investimentos coletivos e fundos mútuos – que passam a comandar o conjunto de acumulação, configurando um modo específico de dominação social e político do capitalismo, com o suporte dos Estados Nacionais. (Iamamoto, 2007: 108).

Essas combinações fazem com que o desenvolvimento econômico fique ancorado nos baixos patamares de desenvolvimento social, restando para significativa parcela da população o aumento da miséria, das violações de seus direitos políticos sociais e civis. As particularidades que abarcam a inserção do Brasil no processo de mundialização financeira envolvem a modernização das forças produtivas e também as relações arcaicas de trabalho, ou seja, ao mesmo tempo em que se tem a expansão da riqueza também se expande as desigualdades sociais. Esse desenvolvimento capitalista assume características do passado, recolocando em novos patamares relações políticas, econômicas e sociais, onde se conforma um processo reiterativo de modernização conservadora (Martins, 1997).

Mandel (1985) discorre que no capitalismo tardio as crises atribuem, para o Estado, a função de administrá-las, utilizando-se, para isso, políticas voltadas para evitá-las, proporcionando garantias econômicas aos processos de valorização e acumulação. Ou seja, a mundialização do capital não suprime a necessidade de intervenção do Estado na reprodução dos interesses entre as classes e grupos sociais, apesar de modificar as condições de seu exercício, na medida em que aprofunda o fracionamento social e territorial. Conforme afirma Iamamoto (2007, p.122), “apesar do refrão neoliberal sobre o ‘declínio’ do Estado ou do mito de um ‘mundo sem Nações-Estados’, eles são estratégicos no estabelecimento dos pactos comerciais, dos acordos de investimentos, da proteção à produção mediante barreiras alfandegárias.”.

Neste sentido, a atuação do Estado brasileiro têm-se apresentado na manutenção e criação de novas estratégias para o pleno desenvolvimento da exploração capitalista. Um exemplo dessa dinâmica está no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que confirma e consolida o padrão de dependência da acumulação capitalista do país. As obras efetuadas pelo programa fornecem suportes energéticos, minerais, escoamento de produtos primários, dentre outras ações que atendem aos interesses econômicos do capital financeiro.

As obras do PAC fazem parte de um pacote internacional de medidas, no bojo do desenvolvimento capitalista mundial, pertencentes à “Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional da América Latina” (IIRSA), que basicamente, promove as condições de estrutura física necessária para os processos de globalização do capital. Neste cenário o Brasil assume características fundamentais com seu processo de re-primarização de sua economia para atender às necessidades do capital externo.

O mapa que está sendo desenhado pelo imperialismo na América Latina não pode ser compreendido sem examinar os interesses das frações locais da burguesia e de como essas frações manejam as políticas do Estado. Implica, na verdade, relações de dominação que se conjugam: dominação externa e dominação interna. Dominação externa que é abastecida pela dominação interna, a qual se exerce não sobre um setor ou uma fração da burguesia, mas sobre o trabalho e a massa da população. (Leher, 2009: p.64).

As fronteiras internacionais e nacionais passam por novos processos de demarcações para que o processo de globalização do capital financeiro possa perpetuar em todos os cantos do mundo. Esse novo mapa geográfico tem levado à mercantilização e à privatização da terra e suas riquezas naturais como a água, o minério, o ferro metais preciosos, o que força o desapossamento de povos tradicionais de seus territórios. De acordo com Cecenã (2005: p.43), “a complexidade do mundo contemporâneo apela para uma versatilidade de iniciativas e respostas capazes de assegurar o acesso garantido às fontes de recursos estratégicos, à mobilidade irrestrita do capital, ao uso e abuso da força de trabalho e ao estabelecimento de uma globalidade ordenada”.

Com as políticas desenvolvimentistas, a economia cresce, o Estado se fortalece e a classe subalternizada sustenta todo esse processo, destacando a dinâmica do desenvolvimento *desigual e combinado*, onde a distribuição de recursos favorece uma pequena parte da população em detrimento do contínuo processo de exploração da força de trabalho das massas. Neste cenário, “Moderniza-se a economia do aparelho do Estado, mas as conquistas sociais e políticas - ainda que

registradas no último texto constitucional - permanecem defasadas, expressando o desencontro entre economia e sociedade, que se encontra na raiz da ‘prosperidade dos negócios’”. (Iamamoto, 2007: 140). O Estado garante as condições externas na organização e na dinâmica capitalista desde dentro da economia, onde, as funções políticas e econômicas se mesclam.

De fato o imperialismo levou à *refuncionalização do Estado*: sua intervenção na economia, direcionada para assegurar os superlucros dos monopólios, visa preservar as condições externas da produção e da acumulação capitalistas, mas implica ainda uma intervenção direta e contínua na dinâmica econômica desde o seu próprio interior, *através de funções econômicas diretas e indiretas*. (Netto, 2009: 203).

Dentro das investidas do capital financeiro e do Estado nacional, a conjuntura de retrocessos se faz presente em todos os âmbitos referentes aos enfrentamentos das expressões cada vez mais agudizadas da “questão social”. Presencia-se o aumento da violência e da criminalização das lutas das camadas mais subalternizadas, o corte de direitos e a redução dos recursos públicos destinados às políticas sociais, ao mesmo tempo em que se privilegia o comprometimento de boa parte do orçamento nacional para o pagamento da dívida pública. Em dados lançados pelo Sistema Integrado de Administração Financeira (Siafi)<sup>179</sup>, para o ano de 2014, cerca de 42% do orçamento interno está destinado ao pagamento dessa dívida. O que podemos observar sem muitos esforços é que a política estatal atual tende a permanecer com sua lógica voltada para atender as necessidades advindas do desenvolvimento econômico, independente das dificuldades e mazelas enfrentadas nas áreas sociais. Ivo Poletto (2014), traça a seguinte reflexão:

De fato, no sistema global comandado pelo capital financeiro e pelos governos que se submetem a ele, cabe ao Brasil e a outros países “em desenvolvimento” serem fornecedores das *commodities* que os países centrais necessitam. Por isso, manter a dívida como algo inquestionável significa submeter-se a essa distribuição internacional do trabalho e da produção, mesmo se isso agrava e eterniza as relações de dependência que favorecem aos países centrais e aos oligopólios multinacionais. (Poletto, 2014: p.9).

---

<sup>179</sup> Os dados estão disponíveis no link <[http://www.brasildefato.com.br/sites/default/files/BDF\\_580\\_0.pdf](http://www.brasildefato.com.br/sites/default/files/BDF_580_0.pdf)>

Na medida em que se multiplicam as diversidades sociais, se desenvolvem as desigualdades, e o movimento da sociedade desenvolve de um lado a migração, o desemprego, a marginalização, o pauperismo etc. De outro, a reivindicação, o protesto e a revolta, manifestando os mais diversos problemas sociais. No curso das lutas sociais, as greves, reivindicações e sindicatos mostram a realidade da Questão Social. (Ianni, 2004). Cabe lembrar que, segundo Iamamoto (2011), é por meio das lutas sociais que a questão social passa a ser visualizada e considerada politicamente por ultrapassar o âmbito privado da relação entre capital e trabalho, impondo à esfera pública novas demandas pensadas e articuladas pela classe trabalhadora. E esse processo de conscientização política dessa classe passa a exigir a intervenção do poder estatal, que coloca em pauta, através das mobilizações e reivindicações, o reconhecimento e a legalização dos direitos sociais, econômicos, culturais e políticos.

A própria sociedade é vislumbrada como fábrica de desigualdades e antagonismos que constituem a questão social. O fortalecimento do aparelho estatal e a prosperidade da economia parecem em descompasso com o desenvolvimento social. A situação degradante de amplos contingentes de trabalhadores fabrica-se com os negócios, com a reprodução do capital. Por outro lado, outros mecanismos ajudam a encobrir os reais mecanismos de dominação e subalternidade que o capital produz sobre o amplo contingente de trabalhadores, como por exemplo, a naturalização e criminalização da questão social. Esses fatores são pontos centrais da discussão acerca do desenvolvimento dos conflitos sociais no Brasil, compreendendo a relação capital X trabalho como cerne das desigualdades que os geram.

### **Breves considerações acerca dos conflitos sociais no Brasil ao longo do ano de 2013.**

Dentre as lutas levantadas e analisadas (GEMARB, 2014), os Movimentos Sociais (levando em consideração a soma de movimentos urbanos e camponeses) foram os protagonistas que mais participaram e/ou organizaram as manifestações. Eles totalizaram, dentro do quadro de mapeamentos, 313 conflitos, o que representa 37% do total de manifestação levantadas. Ainda percebemos que as participações centrais destes Movimentos Sociais se gestaram dentro da região sudeste.

Tais Movimentos Sociais ainda se incluem dentro de lutas unificadas que foram protagonizadas por mais de um ator principal. Percebemos, também, que a articulação destes movimentos vem pautando um plano geral que envolve o duro combate contra os perversos impactos da acu-

mulação capitalista sobre a classe trabalhadora. Neste cenário de correlações de forças, os Movimentos Sociais vem contribuindo de forma significativa para manutenção de direitos e no enfrentamento contra as articulações burguesas. Estes movimentos apresentaram significativa participação principalmente nos meses de junho e julho, onde o país passou por um intenso processo de reivindicações. Os motivos principais de reivindicações deste grupo foram às lutas por transporte, saúde, educação, contra e/ou por políticas governamentais e por pautas unificadas.

No ano de 2013, os movimentos sociais do campo impulsionaram seu processo de luta por direitos, tendo como protagonista principal o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que representou 3,95% dos conflitos totais levantados. É importante destacar que esses conflitos representam as lutas que foram protagonizadas exclusivamente pelo MST, porém, este movimento também tem grande representatividade e participação em conflitos que envolveram outros protagonistas, tanto na esfera urbana quanto rural. Desta forma, ele se apresentou quantitativamente e qualitativamente como sendo um dos principais movimentos sociais a impor uma dinâmica de luta na realidade brasileira atualmente. Ao cruzar os dados referentes ao motivos que se apresentaram como principais reivindicações deste grupo, destacam-se: reforma agrária, direitos trabalhistas e contra (e/ou) por políticas governamentais.

Em relatório lançado no dia 28 de abril de 2014, pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), foi divulgado a ocorrência de 1.277 conflitos no campo em 2013, sendo o MST e os assentados a categoria que somou 36% do total de pessoas que sofreram violência em luta pela terra. O que os dados apontam é que o país está longe de criar processos democráticos de acesso à terra e que os nós que envolvem a luta no campo estão cada vez mais inflados por índices elevados de morte, violência e miséria para aqueles que dependem da terra para sobreviverem.

Além do reconhecimento pela expressividade nas lutas pela reforma agrária, uma das lutas com forte participação do MST foi na campanha “Para Expressar a Liberdade - Uma nova lei para um novo tempo”, que envolveu diferentes atos. De forma geral, os manifestantes, de diferentes movimentos sociais, sindicalistas e ativistas ligados ao Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), exigiam a democratização da mídia brasileira e a promoção da pluralidade na imprensa. Os debates buscaram traçar novos rumos para efetivação de políticas de comunicação democráticas no país, sendo que o atual Código Brasileiro de Telecomunicações completou 50 anos.

Devem-se destacar, também, diversas ações, como, por exemplo, a 17ª Plenária do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, que ocorreu em setembro de 2013. Um dos principais pontos da campanha do FNDC é o Projeto de Lei da Mídia Democrática que busca através da colheita de assinaturas e outras mobilizações construir um novo marco regulatório pautado, dentre outros pontos, na ampliação da liberdade de expressão e no fim dos monopólios midiáticos.

Outras reivindicações que chamaram a atenção nas análises dos conflitos foram os atos protagonizados pelo Movimento Indígena, que representou 5,26% das manifestações levantadas, com maior ocorrência nas regiões norte e centro-oeste do país. Os principais motivos reivindicados foram: demarcação de território e contra (e/ou) por políticas governamentais. Dentro da realidade de luta deste segmento podemos perceber claramente os processos de desterritorialização de suas terras para a materialização de políticas governamentais neodesenvolvimentistas, incentivadas pelo governo junto aos grandes capitalistas, e ainda, a investida do agronegócio que, na realidade brasileira, têm-se mostrado com extrema violência levando ao extermínio de membros destes povos originários. Ao consultarmos o relatório da CPT, percebemos que, nos confrontos catalogados pela Comissão em 2013, houve 34 assassinatos e 243 agressões em diferentes estados do país. Dessas 34 pessoas mortas em consequência de conflitos no campo, 15 são indígenas. Ainda, de 15 vítimas de tentativas de assassinato, 10 são índios.

Se antes os índios lutavam pela ampliação de direitos, no atual cenário, a luta se concentra na resistência às investidas do capital financeiro e do Estado nacional. O Estado, através do aumento da morosidade dos processos de demarcações de terras, potencializou a emergência dos conflitos pela terra, o que foi evidenciado nas cronologias. Ainda, a união dos interesses entre o Estado, o agronegócio e as grandes multinacionais ligadas a setores energéticos e minerais, estão conferindo uma dinâmica que busca alterar direitos já garantidos para atender as necessidades do capital.

Outros protagonistas analisados foram os Sindicatos e as Federações de Trabalhadores, que foram subdivididas em Setor Primário, Setor Secundário e Setor Terciário, sendo 0,83%, 2,87% e 17,36% a representatividade, na respectiva ordem, de cada setor, diante do total de conflitos levantados. Assim temos que o Setor Terciário, que incorpora os servidores públicos, rede privada e outros, foi o que mais se destacou, tendo como principais motivos de reivindicações a luta por direitos trabalhistas e pautas unificadas. Estes dados nos levam a confirmar que as mudanças do mundo do trabalho estão cada vez mais acirradas na realidade brasileira, com intensos processos de precarização das condições de trabalho e de vida da classe trabalhadora.



Foram várias categorias, dentre elas com destaque as centrais sindicais, que ao longo de 2013 entraram em greve ou fizeram atos para manifestarem e exigirem melhorias nas condições de trabalho, reajuste salarial, plano de carreira, dentre outras reivindicações. Algumas categorias catalogadas foram: bancários; funcionários do correio; motoristas e cobradores de diferentes empresas de transporte; aeroportuários; caminhoneiros; servidores municipais e estaduais da educação e da saúde; ferroviários; metroviários; polícia civil; servidores públicos municipais; servidores penitenciários; agentes da polícia federal; peritos federais agrários; bombeiros militares; funcionários de diferentes empresas privadas; trabalhadores do judiciário; papiloscopistas; vigilantes e seguranças; trabalhadores da construção civil; escritôres etc.

Observamos, na análise desses conflitos, que boa parte das reivindicações envolvendo tais setores foram feitas de forma unificada, com algumas datas que tiveram relevância no cenário de lutas, como por exemplo, o 1º de maio, que reuniu milhares de manifestantes em diferentes estados do Brasil. Em julho de 2013, ocorreu o “Dia Nacional de Lutas”, que apresentou grande adesão de diversos sindicatos e centrais como CUT, CTB, Força, UGT, CSP/Conlutas, CGTB, CSB e NCST, além de diversas organizações populares, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Uma das pautas principais de luta desses trabalhadores foi contra o Projeto de Lei 4.330/2004 de autoria do deputado federal Sandro Mabel (PL-GO). Tal projeto intensifica o processo de precarização do trabalho, uma vez que, dispõe sobre o contrato de prestação de serviços a terceiros e as relações de trabalho dele decorrentes. A terceirização funciona como mecanismo de redução de direitos trabalhistas, bem como, enfraquece os movimentos sindicais, pois divide os trabalhadores em diversas categorias e debilita bastante a unidade e força trabalhista.

Além dessas pautas, os protestos no cenário brasileiro envolveram de forma significativa os debates em torno da saúde e da educação. As manifestações relacionaram inúmeras vezes a escassez e o sucateamento de tais serviços públicos o que representou em nosso banco de dados respectivamente 6% e 4% dos motivos mapeados nas manifestações de 2013. As manifestações denunciaram a falta de diálogo e de respostas do Governo Federal em prol de melhorias concretas para a saúde e a educação e que as atuais medidas tomadas não correspondem às necessidades da atual conjuntura. Evidencia as conseqüências de uma política econômica que vem ao longo de anos reservando parte significativa do orçamento interno para o pagamento da dívida pública em detrimento de investimentos em políticas públicas e sociais.

Foram vários momentos em que manifestantes se organizaram para exigirem mais investimentos na saúde pública, denunciando ainda os crescentes processos de privatizações dentro do

sistema de saúde. Um dos pontos centrais nas manifestações foram as lutas contra a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), que se apresenta na atual conjuntura como mais uma tentativa do Governo em colocar a privatização dos serviços públicos na ordem do dia. Tais processos de privatizações intensificam ainda as terceirizações dos serviços, quem vem ganhando força e que atinge de forma negativa a vida dos trabalhadores, com formas de contratações que não garantem nenhuma estabilidade, intensos processos de rotatividade afetam a prestação dos serviços com qualidade.

É importante destacar também que, entre junho e julho, a sociedade brasileira presenciou um cenário rico em articulações e movimentações que tomaram conta de todas as regiões e fizeram história na realidade brasileira. Com um primeiro passo na luta por melhorias no transporte público, o Movimento do Passe Livre (MPL), que surgiu em 2005, apresentou-se como pioneiro na onda de reivindicação vivenciada em 2013. Tendo como pauta central a redução das tarifas que haviam sido impostas pelos grandes monopólios do transporte, o MPL inaugurou uma onda de indignação com as mazelas e a desigualdade social que castiga cotidianamente a vida do trabalhador. Com a forte adesão por parte da sociedade civil, na semana do dia 17 de junho, o aumento das tarifas do transporte público foi revogado em diferentes cidades do país, trazendo uma vitória significativa para os manifestantes.

Vivenciamos, neste período, um intenso processo de repressão por parte do Estado com um aumento da violência utilizada pela polícia militar durante os atos. O uso legítimo da força armada é historicamente presente no combate burguês contra as organizações políticas dos trabalhadores e representa um perigo, no que tange a efetivação de uma democracia para além dos marcos burgueses. Em nossa história percebemos que todas as tentativas de articulação vindas de “baixo” sempre foram liquidadas pela burguesia, com apoio do Estado Nacional, que no intuito de manter o *status quo*, seus privilégios e poder, fizeram da polícia sua segurança privada. O poder público detém a prerrogativa do monopólio da violência o que fez engrossar o caldo das manifestações e reafirmar a falta de capacidade de fazer política e de diálogo do nosso atual governo diante as reivindicações do povo.

Os problemas sociais historicamente presentes em nossa sociedade foram potencializados de forma a gerar uma organização nas ruas mais intensa. Uma vez que as obras aprofundaram diferentes processos de exploração e precarização do trabalho - bem como, fez emergir processos de expropriação de direitos como o direito a cidade - percebemos nas cronologias que muitas das reivindicações levaram a organização de diferentes atores. Tal fator representa uma vitória no au-

mento da capacidade da sociedade civil de organização e de união para defesa e ampliação de seus direitos sociais, civis e políticos e no fortalecimento de sua capacidade em fazer política nas ruas. As reivindicações contra Copa implantaram um sentimento de luta conjunta em diferentes atores. Em segundo plano, nos mostrou a capacidade do Estado em remanejar todas as suas potências em prol das necessidades de acumulação. As grandes construções para viabilizar a realização do evento trouxeram para a vida do trabalhador brasileiro o acirramento das desigualdades sociais, o aumento da violência e a canalização de parcelas significativas do dinheiro público para essas construções. Ao fazer um recorte nas análises de 2013, temos que as jornadas de junho e julho se apresentaram como reflexo dos diferentes processos de reivindicações que denunciaram o sucateamento dos nossos serviços públicos e as mazelas sociais advindas de uma política econômica que beneficia e prioriza uma elite comprometida e aliada com o capital financeiro internacional.

### **Considerações finais**

Ao pensar a dinâmica da acumulação do capital, seus impactos em termos da questão social e seus rebatimentos no tocante à ofensiva político-econômica do capital face ao seu esgotamento na entrada dos anos de 1970, podemos compreender a vigência de um novo padrão de acumulação do capital e seus rebatimentos em termos de economia de trabalho vivo e crescimento de uma força de trabalho excedente; assim como o desmonte das políticas sociais públicas e os serviços a ela atinentes, com a transferência das obrigações do Estado para os indivíduos, responsabilizando-os pelas dificuldades que enfrentam. Por outro lado, diante da naturalização da Questão Social, os setores dominantes e as agências do governo adotam medidas modernizadoras para que grupos e classes permaneçam sob controle e não ponham em risco a “paz social” ou a “lei e a ordem”. (Iamamoto, 2007; Netto, 2001). Conforme destaca Ianni (2004), diante deste desenvolvimento avassalador, acentuam-se as expressões da Questão Social, apresentando diferentes aspectos econômicos, políticos e culturais. Acentuam-se os motivos de reivindicações e lutas dos trabalhadores que se realizam no âmbito da economia, política e cultura, sendo que as mais diferentes manifestações podem implicar tanto a reforma das relações e instituições sociais como a sua revolução. No atual cenário, cada vez mais presenciamos cenas que nos levam a era ditatorial, onde aqueles que lutam pela ampliação e melhoria dos seus direitos sofrem as consequências de um Estado cada vez mais repressivo.

No âmbito das delegacias e dos processos judiciais o que se viu durante os protestos de 2013 foi a utilização dos mais variados tipos penais (o "tipo penal" é a descrição da conduta proibida e punível pelo código e leis penais) para enquadrar e processar manifestantes presos durante os protestos. Diversos manifestantes foram enquadrados em crimes como formação de quadrilha, desacato, incêndio, dano ao patrimônio público, além da aplicação de leis e tipos penais flagrantemente inadequados ao contexto dos protestos sociais, como a Lei de Segurança Nacional, criada durante a ditadura militar para coibir atos que lesem a integridade territorial e a soberania nacional, o regime representativo e democrático e os chefes dos Poderes da União, em outras palavras, crimes que atentem contra a própria existência do Estado Democrático de Direito Brasileiro como ele é. (ARTIGO 19, 2014: S/P)

Mas um questionamento deve ser feito: que ordem é essa que eles tanto zelam e a quem atinge o descumprimento da ordem? Apesar da ampliação de suas funções, não se pode esquecer que o Estado não perde o seu caráter de comitê executivo dos interesses particulares das classes dominantes. Transformar a democracia num mecanismo formal de dominação burguesa tem sido uma característica marcante na história política do Brasil, ou seja, privilegia-se a constituição de uma democracia restrita, conservadora e que não garante a efetivação plena de direitos sociais básicos do conjunto das classes trabalhadoras.

Na soma dos fatos é perceptível que a tão propagada “democracia” que vivemos está baseada em um Estado acasalado com os interesses da classe burguesa nacional e internacional. Trazendo uma dinâmica que aprofunda a desigualdade social do país bem como dificulta e criminaliza as mobilizações da classe trabalhadora, suprimindo-as com seus mecanismos de força ou através de articulações políticas capazes de derrubar direitos historicamente conquistados. O sistema político brasileiro é avesso à participação popular. Formou-se um conjunto de instituições sem compromisso com a soberania nacional e com as demandas populares, e o desenvolvimento capitalista no Brasil não vem acompanhado de reformas estruturais básicas que favoreçam as classes populares. A luta de classes, então, é importante para que os direitos sejam garantidos. Nas palavras de Mauro Iasi (2014), não se deve “menosprezar o papel das lutas sociais e das mobilizações como fonte de resistência e defesa de direitos”. Assim ser cidadão e participar da democracia do nosso país não significa apenas escolher nossos representantes políticos.

Segundo o TSE, os jovens devem preferir as urnas às ruas porque nelas eles podem de fato “fazer parte da decisão”. Será? Não ficou demonstrado pela história recente o enorme poder que os grupos econômicos burgueses têm de intervir na decisão política dos ditos representantes, sejam eles parlamentares ou do poder executivo? Ao transferirmos o poder para esta “assembléia de homens”, ou para determinado homem ou mulher, aceitamos que depois de trabalhar toda uma vida devemos nos aposentar ganhando menos e termos nossa pensão reajustada de forma diferente daqueles que estão na ativa? Aceitamos que quase 50% do fundo público seja sangrado para banqueiros enquanto áreas essenciais como saúde ou educação fiquem com o que sobra, concordamos como uma política tributária na qual são os pobres que mais pagam imposto e os ricos gozem de uma infinidade de isenções e “incentivos”? (IASI, 2014: s/p)

Sendo assim, no tocante da realidade brasileira a acumulação capitalista traz diversos processos que aprofundam marcas de dominação e exploração da classe trabalhadora, historicamente presentes na estrutura social. Uma destas particularidades está no divórcio entre o desenvolvimento econômico e o social. As particularidades que abarcam a inserção do Brasil no processo de mundialização financeira envolvem a modernização das forças produtivas e também as relações arcaicas de trabalho, ou seja, ao mesmo tempo em que se tem a expansão da riqueza também se expande as desigualdades sociais, que são vistas também em grande número dentro do campo. Enquanto a democracia figura como retórica nos mais diferenciados (e até mesmo antagônicos) discursos e correntes políticas, ao mesmo tempo formas gritantes de segregação são significativamente ampliadas no mesmo ritmo de crescimento do desemprego e da precarização das relações de trabalho, acentuando-se, assim, os problemas sociais de uma imensa parcela da população.

Decerto, as modalidades de ajuste e das reformas estruturais implementadas na América Latina relacionam-se com as particularidades sócio-históricas do estágio de desenvolvimento do capitalismo em cada país, suas diferentes estruturas produtivas, suas trajetórias políticas e organizações sócio-institucionais (partidos políticos, sindicatos, organizações empresariais). Contudo, conservadas essas diferenciações, pode-se constatar que a crescente radicalização da questão social e a refração do Estado no enfrentamento da mesma, a privatização no atendimento das necessidades sociais das grandes maiorias, o crescimento das organizações não governamentais e a precarização do emprego são similitudes existentes em quase todos os países da região, o que traz à tona o desafio de se enfrentar essa questão criando formas coletivas de enfrentamento dessas desigualdades, desenvolvendo uma cultura democrática, resgatando a dimensão da esfera pública, e

mantendo a luta em defesa da cidadania no atual contexto de redução da dimensão social da mesma.

Neste quadro, a atual participação social de segmentos dos trabalhadores em espaços de deliberação das políticas sociais exige a construção de projetos que auxiliem no debate e compreensão sobre as diretrizes que compõem as orientações práticas do Estado, traduzidas nestas políticas sociais públicas, através do levantamento de mediações que contribuam para uma apreensão da natureza e abrangência destas políticas. A partir da compreensão do Estado e das políticas sociais como espaços de contradição e conflito, torna-se fundamental a discussão sobre as estratégias societárias que possam fortalecer a construção de um espaço público para realização efetiva dos direitos de cidadania dos trabalhadores.

Tais formulações apresentadas no presente trabalho também nos auxiliam a compreender e levantar novas questões acerca do atual período de consolidação de uma democracia vulgar em que, pressionados pelo recrudescimento das lutas sociais antisistêmicas derivadas da crise das políticas neoliberais de primeira geração, os setores dominantes abertos à revisão do Consenso de Washington conseguiram atrair para o seu bloco de poder importantes setores de seus antagonistas, conformando um processo transformista que contribuirá para formatar a chegada do Partido dos Trabalhadores à presidência da República em 2003. Abre-se uma era de conciliação de iniciativas aparentemente contraditórias: as diretrizes do receituário liberal e a pauta desenvolvimentista, conformando uma apologia a um desenvolvimento fundado no equilíbrio entre crescimento econômico e desenvolvimento social, adjetivados de autossustentáveis econômica, social e ambientalmente. Através da mediação do mercado e do crescimento econômico induzido pelo Estado, o governo atendeu algumas das reivindicações das classes subalternas, ao mesmo tempo em que assegurou as exigências das classes dominantes. Na primeira etapa do governo Lula, por exemplo, ao mesmo tempo em que expandia-se a assistência social e aumentava-se o salário mínimo (concomitantemente com a expansão do crédito ao consumidor e dos empréstimos populares), realizava-se as contrarreformas da educação e da previdência.

Com ou sem prefixo “neo”, o desenvolvimentismo vem assumindo uma extraordinária centralidade nas narrativas de todos os domínios: “econômicos, como se uma alternativa ao Estado mínimo neoliberal; político, pois associado ao novo progressismo dito de cariz pós-neoliberal, e social, no sentido de que o seu compromisso mais profundo é com os chamados pobres, assegurando a estes renda mínima e certa socialização que os levam a serem ‘pessoas com capacidade para fazer acontecer’ alternativas econômicas” (Leher, 2012: p.18). Consolida-se o caráter extre-

mo da vulgaridade democrática do simulacro brasileiro: construir um Brasil mais democrático e passível de erradicar a pobreza se traduz na capacidade de impulsionar as camadas mais subalternizadas à órbita do mercado, na potencialização do consumo, fórmula esta amplamente difundida nos diversos momentos de campanha eleitoral que garantiram a (re)eleição dos governos Lula e Dilma.

Constitui-se, assim, conforme nos esclarece Francisco de Oliveira (2010), um processo de “hegemonia às avessas”, um novo movimento constitutivo da hegemonia das classes dominantes, desenvolvido com as armas da despolitização em prol da conservação dos seus interesses. Coutinho (2010), amplia tal formulação afirmando que este movimento que comporta a convivência com os novos movimentos sociais e com algumas das reivindicações de necessidades sociais (como o acesso à renda e ao consumo) formata na atualidade uma outra pedagogia: a da *socialização da sociedade brasileira* em que as demandas dos “de baixo” são atendidas no âmbito da “pequena política”, como meio de situar a “grande política”.

A partir de análises sobre condições objetivas e subjetivas na atual estrutura societária, consideramos que as contradições são determinadas pelo capitalismo, que está “grávido” das crises do mundo (desemprego, prostituição infantil, cercamento de terras, extermínio dos pobres etc.), mas que *são os trabalhadores*, na leitura desta contradição, que fazem possível a transformação social. São os trabalhadores quem podem ver um outro mundo no horizonte e lutar por ele. Sem esta visão e a disposição para a luta, continuam as contradições do capitalismo. Portanto, quem define se estas contradições farão eclodir a transformação ou o esgotamento do planeta são os homens em luta.

### Referências Bibliográficas

CARDOSO, M. L. Capitalismo dependente, autocracia burguesa e revolução social em Florestan Fernandes. *Idéias*: revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Campinas, 4 (1 / 2): p. 99-114, jan./dez, 1997.

CECENÃ, Ana Esther. Estratégias de Construção de uma Hegemonia Sem Limites. In.: *Hegemonias e emancipações no século XXI*. Organizado por Ana Esther Cecenã. -1º Ed. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, Buenos Aires, 2005.

CHESNAIS, François. Mundialização: o capital financeiro no comando. In.: *Les Temps Modernes*. Traduzido por Ruy Braga. V. 607, p. 7-28, 2000. Disponível em <[www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5\\_02.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_02.pdf)> Acesso em: 14 Jul. 2014.

COUTINHO, C. N. A hegemonia da pequena política. BRAGA, R.; OLIVEIRA, F. de; RIZEK, C. (orgs.). *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*. Boitempo, São Paulo, p.29-43, 2010.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

GEMARB. *Conflitos Sociais ocorridos no Brasil no ano de 2013*. Disponível em <<http://gemarbufop.blogspot.com.br/>>. Acesso em 21 de março de 2014.

IANNI, O. *O ciclo da Revolução Burguesa*. Vozes, Petrópolis, 1985.

\_\_\_\_\_. A questão social. São Paulo em Perspectiva. São Paulo: v. 5(1), p. 2-10, janeiro/março, 1985. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 25 fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_. *Pensamento social no Brasil*. Edusc, São Paulo, 2004.

IAMAMOTO, M. V. A Questão social no capitalismo. In: ABEPSS. *Temporalis*. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano II, n. 3, (jan./jun. 2001). ABEPSS, Graflin, Brasília. p.09-32, 2001.

\_\_\_\_\_. Serviço Social no Tempo do Capital Fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. Cortez, São Paulo, 2007.

LEHER, Roberto. Iniciativa para a integração da infraestrutura regional da América latina, Plano de Aceleração do Crescimento e Questão Ambiental: desafios epistêmicos. In.: *Revista Outro Brasil*. Rio de Janeiro, v. 3, 2009.

\_\_\_\_\_. Ideologia do desenvolvimento, pobreza e hegemonia. In: MOTA, Ana Elizabete (org.) *Desenvolvimentismo e construção de hegemonia*. Crescimento econômico e reprodução da desigualdade. Cortez, São Paulo, 2012.

MANDEL, E. *O capitalismo tardio*. Abril Cultural, São Paulo, 1985.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. Paulus, São Paulo, 1997.

NETTO, J. P. Cinco notas a propósito da 'questão social'. In: ABEPSS. *Temporalis*. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Ano II, n. 3, (jan./jun. 2001). ABEPSS, Graflin, Brasília. p.41-50, 2001.

\_\_\_\_\_.; BRAZ, Marcelo. *Economia Política: uma introdução crítica*. Cortez, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Francisco de. Hegemonia às avessas. In: \_\_\_\_\_; BRAGA, R.; RIZEK, C. (orgs.). *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*. Boitempo, São Paulo, p.21-27, 2010.



## **TELESUR y la Diplomacia Pública venezolana<sup>180</sup>**

Érico Matos (FLACSO)

### **Resumen:**

Actualmente la seguridad nacional no depende más exclusivamente de las fuerzas armadas, como en el pasado, comunicarse pasó a ser una herramienta poderosa, que los Estados aprenderán a utilizar previamente al poder militar de facto.

Eytan Gilboa describe teóricamente que eso puede ocurrir a través del uso de una diplomacia pública o de un concepto elaborado más recientemente, el cual denominó Diplomacia Mediática, que parte de la presunción que los medios de comunicación masivo poseen grande influencia sobre la población, por lo tanto, esa influencia podría ser utilizada de modo útil en las relaciones internacionales.

Ese artículo propone un debate sobre los conceptos de diplomacia pública y diplomacia mediática aplicada al contexto realidad suramericano. Indagando, por fin, sobre la efectividad del uso del modelo diplomático al contexto local. Venezuela, aunque sin haberlo reivindicado explícitamente, describo como el surgimiento del canal TELESUR como una herramienta de defensa de Venezuela, especialmente, después del intento de golpe 2002, con el apoyo de medios de comunicaciones internacionales.

### **Keywords:**

Poder – Comunicación – Diplomacia pública – Medios de comunicación.

### **Abstract.**

The national security no longer depends primarily on the armed forces. Nowadays, communication is the most important soft power which states tend to use before employing any hard power like the army. The Professor Eytan Gilboa described that this occurs through the use of public diplomacy or a concept recently developed which he called media diplomacy. According to this

---

<sup>180</sup> Érico Matos, magister en Relaciones Internacionales FLACSO.

concept, mass communication has great influence over the public opinion, so therefore a state could make use of it in International Relations.

This paper proposes a discussion about these concepts of public diplomacy and media diplomacy applied to a South American case, namely how the Venezuelan government makes use of media diplomacy and how effective it is? Venezuela uses its state-run television channel Telesur to create a favorable public opinion about the government's actions and so defend itself from the attacks provided by the foreign media, especially after the failed coup in 2002.

### **Keywords**

**Power – communication – public diplomacy – mass communication.**

### **¿QUÉ ES DIPLOMACIA PÚBLICA?**

Existen diversas definiciones sobre lo que es Diplomacia. El concepto clásico respecto de la diplomacia hace referencia a dos autores Mexicanos Raúl Valdés y E. Loeza "*Diplomacia es la conducción de los negocios entre estados por medios pacíficos. Es, asimismo, la aplicación de la inteligencia y el tacto en la conducción de las relaciones oficiales entre gobiernos de estados independientes*". (Valdés y Loeza, 1976, p.6).

La diplomacia tradicional es caracterizada por Eytan Gilboa como "*Secret Diplomacy*" donde no existe la influencia de los medios de comunicación y el público en las negociaciones internacionales, en este sentido en la diplomacia tradicional los únicos actores son los Estados y que buscan en el principio de defensa del interés nacional, sin consideraciones otros actores que podrían tener alguna relevancia al tema internacional. "*Secret diplomacy is characterized by total exclusion of the media and the public from negotiations and related policy-making*" (Gilboa, 2000, p. 546). Ese fue un método que al largo de los siglos consolidó la diplomacia en el occidente, a través de grandes acuerdos secretos entre las potencias Europeas sobre la "división" del globo, sin embargo, como señala Hank. L. Wesseling en "*Divide and Rule: The Partition of África*" en los años anteriores a la primera guerra mundial, la opinión pública de Francia e Inglaterra empiezan de modo muy incipiente a desarrollar un papel importante en los temas internacionales sobre la colonización en África y Asia. Por lo tanto, ante los catorce puntos de Wilson que pide el fin de una di-

plomacia tradicional y secreta, la masa homogénea que es la opinión pública empieza a querer participar de algún modo sobre las negociaciones internacionales.

Mientras tanto, una amplia influencia de la opinión pública sobre las relaciones internacionales solo será posible medio siglo después a través de las nuevas tecnologías de comunicación global donde se desarrolla un papel revolucionario cuando promueve un “acercamiento” de los temas internacionales al nuestro día a día.

En los años más recién el público no acepta estar pasivo sobre las decisiones internaciones, sin que tenga información sobre los temas negociados entre las partes: “*The public demands information about negotiations; in general the media satisfies this demandes*” (Gilboa, 2000, p.546), por lo tanto, surge un nuevo actor en el escenario internacional que son los grandes medios de comunicación que sirven a un público que demanda información sobre los acontecimientos internacionales.

Actualmente no es posible resumir que las cancillerías son los únicos organismos en el Estado que detienen el monopolio exclusivo de las relaciones exteriores, (Martínez Pandiani, 2006, p.27) ni los únicos detentores de la elaboración o contacto en temas relacionados a política externa<sup>181</sup>. Existen otros actores no-estatales o sub-nacionales que tienen fundamental importancia en las relaciones internacionales, donde ejercen influencia sobre los gobiernos y los Estados, como tipifica Melissen y Van der Pluijm, el papel importante que tienen las Corporaciones, ONGs, Organizaciones Internacionales, Gobiernos locales y los propios ciudadanos en el proceso de desarrollo de las políticas internacionales (MELISSEN. J., y VAN DER PLUIJM, R, 2007).

De modo que el primero en hablar de diplomacia pública y su uso a través de los medios de comunicación internacionales fue Eytan Gilboa en su libro *American Public Opinion Toward Israel and the Arab-Israeli Conflict* (1987) donde Gilboa establece que este es un campo de estudio que es parte del conocimiento en la cual no involucra solamente a conceptos relacionados a relaciones internacionales, pero si implica la conjunción de conocimientos en Politología, Relaciones Internacionales y Comunicación.

---

<sup>181</sup> Consultar el Estudio de Frisancho, J. R. C. Paradiplomacia: El posicionamiento de las entidades sub-nacionales en el escenario internacional. Jornadas de Relaciones Internacionales “Poderes emergentes: ¿Hacia nuevas formas de concertación internacional? Área de Relaciones Internacionales – FLACSO. Septiembre de 2010

En su artículo titulado *Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects (2001)* Gilboa propone la división en tres campos de estudio cual denomina de Diplomacia Pública (Public Diplomacy), Diplomacia Mediática (Media Diplomacy). Sin embargo, no existe un consenso al respecto de algunos conceptos de la Diplomacia Pública, es posible encontrar diversas definiciones que varían según de autores y país. Por lo tanto, utilizaremos los respectivos conceptos de Diplomacia tradicionalmente más comunes en la escuela estadounidense:

### **Diplomacia Pública**

Mientras en la diplomacia tradicional se enfoca en la formalización de las relaciones entre los Estados, a su vez, en la Diplomacia Publica se busca exceder las comunicaciones exclusivamente intergubernamentales en la cual busca establecer un canal de dialogo directamente con diversos actores nacionales, además de los gobiernos, o de otro Estado (Martínez Pandiani, 2006, p.56), donde su objetivo es influir en el pensamiento de esa población, y con eso, afectar las relaciones entre los gobiernos. “la diplomacia pública trata de la influencia en las actitudes del público en materia de política exterior más allá de la diplomacia tradicional”. (Cul, 2009 citado por Manfredi, p. 2011).

La diplomacia Publica es un elemento principalmente de propaganda a través del cual la manera donde individuos de determinado gobierno o personas privadas (grupos de influencia) busca de manera directo o indirectamente influir las actitudes y la opinión pública cuales afectan la toma de decisiones en los temas de política externa de otros Estados. (Signitizer y Coombs citado por Gilboa, 2001, p. 8)

### **Diplomacia Mediática.**

En la Diplomacia Pública la publicidad es el componente más importante de la acción, que demuestra un fuerte carácter de propaganda política, por su parte en la Diplomacia mediática, es el Medio de Comunicación que tiene una importancia más relevante. Mientras en la Diplomacia pública utiliza de los medios como agentes de propaganda, en la Diplomacia Mediática los medios no son simples transmisores de información, pero son instrumentos de negociación con objetivos claros a evitar o terminar conflictos (Martínez Pandiani, 2006, p.73) de modo que pueda establecer una conexión entre los Estados y actores no Estatales que puedan auxiliar el avance de las negociaciones. Gilboa clasifica el uso de diplomacia mediática como que ya existente una confrontación o, una disputa para que pueda auxiliar a negociar o solucionar el problema (GILBOA, 2001)

De modo que los medios desarrollan un papel fundamental en la comunicación entre los Estados, ejemplo, el caso de los rehenes en la embajada estadounidense secuestrados en Teherán, donde la amplia utilización de los medios de comunicación entre Estados Unidos y los secuestradores para dialogar o cuando en 1990 a través de la CNN el secretario de Estado estadounidense, James Baker, utiliza para enviar ultimátum a Saddam Hussein (Burity, 2012, p. 10)

## **CHÁVEZ Y LA DIPLOMACIA PÚBLICA VENEZOLANA.**

Chávez asume el gobierno venezolano en 2 de Febrero de 1999, ocho años después, del intento de Golpe de Estado en Febrero de 1992, en el cual, el entonces teniente coronel Hugo Chávez fue principal liderazgo. Ese intento de golpe proyecta nacionalmente a Chávez (Cañizález y Lugo, 2007, p. 53). El discurso de Chávez en vivo a todo el país cual anuncia la derrocada del Movimiento Militar Bolivariano y sus aliados, auxilia a promover a Chávez una nivel nacional que es un hecho clave a entender toda la popularidad que Chávez obtiene después del fallido intento de Golpe de Estado de 1992 (Valente y Santoro, 2006; 7)

Compañeros, lamentablemente, por ahora, los objetivos que nos planteamos no fueron logrados en la ciudad capital. Es decir, nosotros acá en Caracas, no logramos controlar el poder. Ustedes lo hicieron muy bien por allá, pero ya es tiempo de evitar más derramamiento de sangre. Ya es tiempo de reflexionar y vendrán nuevas situaciones y el país tiene que enrumbarse definitivamente hacia un destino mejor. Así que oigan mi palabra. Oigan al Comandante Chávez quien les lanza este mensaje para que, por favor, reflexionen y depongan las armas porque ya, en verdad, los objetivos que nos hemos trazado a nivel nacional, es imposible que los logremos. Compañeros, oigan este mensaje solidario. Les agradezco su lealtad, les agradezco su valentía, su desprendimiento, y yo, ante el país y ante ustedes, asumo la responsabilidad de este Movimiento militar Bolivariano. Muchas gracias." (Chávez 4 de Febrero de 1992)

Chávez responsabilizase por el golpe “y yo, ante el país y ante ustedes, asumo la responsabilidad de este Movimiento militar Bolivariano” Valente y Santoro señalan que es un hecho clave a entender la alta popularidad que Chávez tendrá en los años posterior a su encarcelamiento en Yare, un país donde la población siempre estuvo acostumbrada a la clase política eximirse de culpa, la

acción de Chávez genera ante gran parte de los venezolanos, cierta popularidad y respecto (Valente y Santoro, 2006, p. 7).

Por lo tanto, Chávez que hasta entonces era desconocido del público pasa a ser un rostro conocido mediante a esos pocos segundos en que estuvo visible en los medios en 4 de Febrero de 1992. Así, Chávez sabe la importancia de los medios de comunicación para todo proceso de reformas que conducirá a partir de su elección en 1999.

De modo que el fallido Golpe de Estado contra Chávez en abril de 2002, es un ejemplo de las marcadas limitaciones presentes a un Estado en vías de desarrollo frente a grupos internos descontentos que buscaba a través de las redes internacionales de comunicación apoyo a sus acciones.

Los profesores brasileños Leandro Valente y Mauricio Santoro señalan sobre la actuación lenta de los medios internacionales en clasificar los ocurridos en Venezuela como un golpe de Estado, y así, buscaban utilizar expresiones tales cual “(el presidente Hugo Chávez) dejó el poder” en lugar de la expresión “fue depuesto”

(...) o fato levou mais de 48 horas para ser classificado pela mídia internacional como golpe de Estado. Neste período, principalmente durante a prisão de Chávez, (...) as principais reportagens disseminadas pelas agências internacionais de notícias falavam sobre a tranquilidade do mercado internacional do petróleo em virtude da posse do novo governo venezuelano. Um trecho de um flash noticioso da agência americana AP distribuído na noite do dia 12 (...) mostra claramente essa tendência, com a expressão: “deixou o poder” sendo usada no lugar da expressão “foi deposto” ou outras similares (VALENTE 2005 citado por Valente y Santoro, 2006, p. 9).

Las Agencias de Noticias Internacionales buscaban construir una imagen de tranquilidad, por eso, en las primeras horas del Golpe de Estado, anunciaba que el presidente Chávez había por su libre voluntad dejado el poder. (Valente y Santoro, 2006, p.9).

La visión de mundo del Militar Hugo Chávez, profundamente sesgada a una visión Geopolítica (Serbin, 2010, p.18) comprende la necesidad en el periodo posterior a 2002 de la necesidad de establecer proyectos de comunicación internacionales que busquen la construcción en el exterior de una imagen favorable del país utilizando un canal de televisión propio como medio directo de

comunicación, sin intermediarios, cual no pese la censura de los grandes monopolios de comunicación principalmente sedeados, en su mayor parte, en los Estados Unidos.

## **TELESUR**

Así, el proyecto máximo de la diplomacia a través de los medios Chavista es en el año de 2005 a través de la inauguración del canal TELESUR, una red comunicación multiestatal, que fue creado bajo argumentación en ser un intento de romper con el monopolio de información cual detienen las agencias de noticias Estadounidense y Europeas. Ofreciendo a la opinión pública latinoamericana la posibilidad de informarse por otros medios brindando una diversidad mayor de noticias, mientras tanto, como señalan a Valente y Santoro la diplomacia mediática venezolana se basa en la propuesta de la integración latinoamericana, pero, en gran medida tiene más una función de protección del gobierno Venezolano frente a amenazas externas, buscando evitar la repetición de otros 2002. Donde el establecimiento de un amplio público y la facilidad para competir en la transmisión de noticias vale más como una defensa contra los ataques externos. (Valente y Santoro, 2006, p.11).

El proyecto TELESUR parte del principio que presupone la existencia de una esfera pública común en América Latina. La retórica de integración latinoamericana es a menudo el discurso del pan-americanismo de integración, pero señala Cañizález y Lugo, que existe un diferencia entre el discurso y la practica poco aportaran al proyecto efectivamente además del discurso los Estados cofundadores – Argentina, Uruguay y Cuba – el canal recibió inicialmente un aporte de 3 millones de dólares, pagos exclusivamente por el Estado Venezolano. (Cañizález y Lugo, 2007, p.56)

El presupuesto destinado a los primeros años de operación del canal fue de 10 millones pago integralmente por el Estado Venezolano a través de la Corporación Venezolana de Petróleo, empresa estatal filial de PDVSA (Últimas Noticias, 2005 citado por Cañizález y Lugo, 2007, p. 56). Su control accionario es Venezuela 46 % de las acciones, Argentina 20%, Cuba 19% y Uruguay 10%. Bolivia 5% de participación (MINCI, 2006 citado por Cañizález y Lugo, 2007, p.57), mientras tanto, Uruguay y Argentina aún tienen que cumplir con muchos de sus compromisos financieros (Cañizález y Lugo, 2007, p.57)

La experiencia del gobierno Venezolano en crear un canal internacional de noticia cual auxiliase en una proyección internacional del país no es un hecho nuevo. La antigua Agencia de Noticia Venezolana “*Venpres*” del gobierno de Carlos Andrés Pérez que buscó patrocinar la expansión e

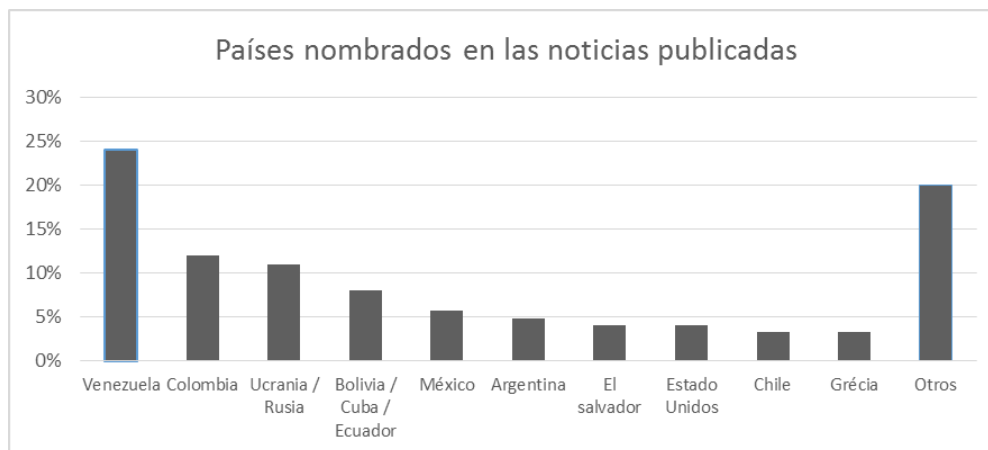
internacionalización de una agencia de noticias nacional, según Lugo, tenía como “(...) *objetivo darle a Venezuela la posibilidad de proyectarse geopolíticamente en el escenario mundial y ejercer diplomacia pública*” (Cañizález y Lugo, 2007, p.59).

Mientras tanto, Valente y Santoro señalan las limitaciones de la diplomacia pública venezolana que no detiene pretensiones más allá que de su propia seguridad. Venezuela no buscando posiciones de destaque internacional, como hacer parte del Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas de modo permanente o mismo derrocar gobiernos que no le convén; la injerencia venezolana del mandatario venezolano en las elecciones presidenciales peruanas en 2006 cual el candidato apoyado por Chávez, Ollanta Humala, fue derrocado en la segunda vuelta de las elecciones por el liberal Alan García. según afirma Bruno Revesz en diversas publicaciones fue destacado el apoyo de Chávez al entonces candidato Humala en una “(...) *cruzada mediática de “todos contra Humala*” (Revesz, 2006, p.9).

Sin embargo, ese caso nos auxilia a entender mejor las limitaciones existente en la capacidad de influir en asuntos internos de otros Estados por parte del Gobierno Venezolano, por lo tanto la diplomacia mediática de Venezuela actúa de manera distinta a otros países que utilizan a ese método, no teniendo un carácter expansionista de su política exterior. Mientras tanto, el Chavismo, hace a través de TELESUR una herramienta de defensa de Venezuela, contrarrestando la influencia y la hegemonía internacional de los medios de comunicación (Valente y Santoro, 2006, p.11).

A respecto del papel que el proyecto TELESUR tiene dentro de la diplomacia venezolana, el gráfico abajo que hace un análisis de los países nombrados en las noticias publicadas en los programas de “Edición Central” transmitidos durante la semana de 02 de febrero hasta 06 de febrero de 2015. El programa transmite desde Caracas a las 19:30 horas (GMT -4:30 Horas), con una duración promedio de una hora y veinte minutos, conducidos por los periodistas Abraham Istillarte y Tatiane Pérez traen el resumen de las noticias más importantes del día, además de conducir entrevistas con expertos en el tema discutido y de resaltar la participación de los corresponsales internacionales del canal que transmiten una visión sobre el tema.





Fuente: Elaboración propia.

Venezuela es el país que más registra presencia en las noticias publicadas en el programa analizado con 24%, de las noticias, seguido por Colombia con 12% y de las noticias del conflicto en el este europeo con 11%. Sobre el canal pesa características que podemos relacionar con los rasgos geopolíticos del expresidente Hugo Chávez; la cobertura de TELESUR se concentra en dos ejes; geopolítico e ideológicos donde las noticias publicadas refuerzan esta idea; Colombia debido la proximidad geográfica tiene una participación relevante en las noticias publicadas mientras que países como Bolivia, Ecuador y Cuba aliados tradicionales ideológico del gobierno venezolano representan 8% de las noticias emitidas en este programa. Tal cual, en el caso de Rusia, que debido al reciente conflicto en Este europeo y la caída del precio del petróleo y del gas se han acercado posiciones ideológicas comunes entre los gobiernos de Venezuela y Rusia en contra de Estados Unidos y Europa.

El control accionario de TELESUR es Venezuela 46 %, Argentina 20%, Cuba 19% y Uruguay 10% y Bolivia 5% de participación (MINCI, 2006 citado por Cañizález y Lugo, 2007, p. 57), mientras tanto, Uruguay y Argentina aún tienen que cumplir con muchos de sus compromisos financieros (Cañizález y Lugo, 2007, p.57). El presupuesto destinado a los primeros años de operación del canal fue de 10 millones pagado integralmente a través de la Corporación Venezolana de Petróleo, empresa estatal filial de PDVSA (Últimas Noticias, 2005 citado por Cañizález y Lugo, 2007 2007, p.56).

El gobierno venezolano ha demostrado a lo largo de los años que TELESUR está en operación, que está dispuesto a utilizar los medios de comunicación para promover una Diplomacia Pública a favor de la seguridad del País. Por lo tanto, diferente al proyecto de Venpress del expresidente de Carlos Andrés Pérez, el Chavismo, utiliza a TELESUR como una herramienta de defensa de Ve-

nezuela, contrarrestando la influencia y la hegemonía internacional de los medios de comunicación

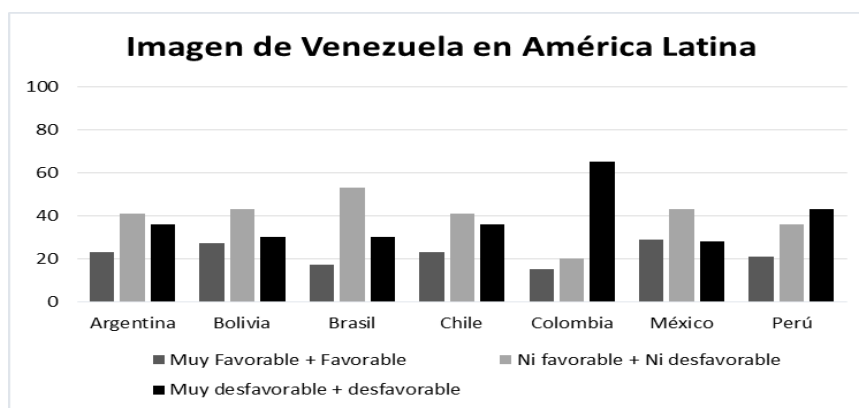
El gráfico abajo señala las noticias publicada en las ediciones analizadas del programa “Edición Central”. En todas las ediciones algunos temas son recurrente como: “Guerra Económica”; “Conflicto en Ucrania” y el proceso de “Paz en Colombia” que juntos tuvieron una representación de 39% de las noticias publicadas en el periodo analizado, estando presente en todas las ediciones. Estos tres temas señalan claramente la posición de propaganda ideológica y geopolítica del canal, especialmente, las noticias publicadas sobre la “guerra económica” en Venezuela donde es recurrente el uso de expresiones de que “no hay desabastecimiento” en el país, pero si, existe un “acaparamiento” de productos promovidos por sectores de oposición al gobierno nacional. Por lo tanto, claramente, TELESUR busca transmitir internacionalmente la posición del gobierno venezolano en este tema, además, de incluir declaraciones de algunos jefes de Estados aliados a Venezuela, como Evo Morales, en defensa de las medidas adoptadas por Venezuela, buscando así, generar una esfera pública de apoyo.



Fuente: Elaboración propia.

Sin embargo, la investigación sobre la imagen de los países de la región conducida por Fundación Imagen de Chile/IPSOS demuestra que Venezuela no ha logrado, incluso utilizando los medios de comunicación, una imagen positiva frente a la opinión pública extranjera ante la pregunta: ¿Cuál es la opinión general que usted tiene de...? el opción muy favorable + favorable obtuvo un promedio de 22% entre los países de la América Latina, no obstante, la tasa de muy desfavorable + des-

favorable ha alcanzado valores de 65% (Colombia) y 43% (Perú) en un promedio de 39% de rechazo.



Fuente: Fundación Imagen de Chile / IPSOS / 2013

Joseph Nye señala que los Estados que han buscado promover su *softpower* a través de emisoras internacionales, como en el caso Venezolano, es necesario la adopción de un conjunto de estrategia comunicacional internacional, en lo cual, sectores sub-nacionales de la sociedad civil puedan participar directamente y destaca que el uso estas redes internacionales de comunicación para promover una Diplomacia Pública es válido, sin embargo, si no existe una participación de demás actores sub-nacionales en la elaboración del contenido informativo donde la cultura, los valores y la políticas de un país tiene capacidad reducida de atracción debido el fuerte apelo propagandista estimulado por el gobierno nacional, como en el caso estudiado, el uso de una diplomacia pública para producir *softpower* a través de las redes internacionales de comunicación puede ser contraproducente. Y se puede producir todo lo contrario al deseado. (Nye, 2008, p. 95).

Nye busca señalar que las noticias emitidas por estos instrumentos de comunicación internacional sean creíbles y de confianza internacional, debido que la información que aparenta ser propaganda suele ser despreciado, así como, puede llegar a ser contraproducente y auxiliar en la destrucción de la reputación internacional de un país. Como ejemplo, el autor señala el caso de Estados unidos donde las continuas afirmaciones entre cual Iraq tendría armas de destrucción en masa y estrecho vínculo con Al Qaeda, pueden haber ayudado a movilizar apoyo interno, pero la posterior noticia de estas noticias fueran exageración asestó un duro golpe para la credibilidad estadounidense. (Nye, 2008, p. 101).

## CONCLUSIONES

De manera que la diplomacia pública venezolana en un contexto local cual la inserción de Venezuela en el escenario económico internacional como una productora de petróleo, cual a su baja producción (o más recientemente la casi inexistencia) de un complejo industrial no le permite proyectarse como liderazgo regional.

Así, la diplomacia pública venezolana es aplicada en un contexto de defensa por el gobierno venezolano, por lo tanto, el proyecto TELESUR como afirma Lugo y Cañizalez “*Si bien intenta ser una expresión de espacio común, con capacidad para promover la integración político-cultural, es, al mismo tiempo, un medio para extrapolar los intereses geopolíticos nacionales, tanto dentro de Venezuela como en el exterior. (...) aunque sin haberlo reivindicado explícitamente, han adquirido la capacidad de proyectar sus ambiciones políticas dentro del país e internacionalmente.*” (Cañizález y Lugo, 2007, p.55).

Así, TELESUR sirve a Venezuela como un poder blando - soft power – a través de la comunicación se busca una forma efectiva de ejercer influencia en América del Sur, pero el contexto regional donde los medios de comunicación privados son imperantes representan una grande dificultad de inserción de TELESUR en competir.

El intento de disuadir a través de la creación de una red bajo el signo de Multiestatal y de integración regional, pero que los datos han demostrado que es un canal en defensa del interés Venezolano. La amplia utilización extremadamente partidaria del canal a su vez, puede traer problemas en la aceptación del público general, por ese motivo conforme anunciado el deseo de profundizar el proyecto al expandir a otros idiomas, y nuevos públicos internacionales podrás encontrar fuerte resistencia de aceptación lo que tornaría el proyecto posiblemente inviable, mientras tanto, ¿Cuán efectivo es ese proyecto? es un cuestionamiento abierto, no buscamos responder, sin embargo, buscamos de manera incipiente un poco ese camino, debido la dificultad en estudiar y mensurar valores a respecto de un tema tan complejo y reciente en nuestra región.

### Referencia.

BURITY, C. *Mídia e Relações Internacionais: Diplomacia midiática no governo Lula* (2003-2010), 2012.

CAÑIZÁLEZ, A. y LUGO, J.; *Telesur: Estrategia geopolítica con fines integracionistas*. CON-fines Agosto-Diciembre. 2007.

MELISSEN, J. y VAN DER PLUIJM, R. “*The expanding role of cities in international politics*”, Clingendael, 2007.

WESSELING, Hank. L. ( “*Divide and Rule: The Partition of África*”

GILBOA, E. *Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects*, *Diplomacy & Statecraft*, 12:2, 1-28, DOI: 10.1080/09592290108406201. Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09592290108406201> Acesso em: 02 de Novembro de 2014

GILBOA, E. *Media Coverage of International Negotiation: A Taxonomy of Levels and Effects*. *International Negotiation* 5(3), 543-568. 2000.

MANFREDI SÁNCHEZ, J. “*Hacia una teoría comunicativa de la diplomacia pública*” En *Communication and Society/Comunicación y Sociedad*, vol. XXIV, n. 2, 2011, pp.150-166.

NYE, J., Jr. *Public Diplomacy and Soft Power*. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*. Vol 616, Sage Publications, 2008.

NYE, J., Jr., y Owens, W., A., *American’s Information Edge*, *Foreign Affairs*. Vol. 75. No. 2. pp 20- 36. Council on Foreign Relations, 1996.

SERBIN, Andrés. *Chávez, Venezuela y la reconfiguración política de América Latina y el Caribe*. - 1a ed. - Buenos Aires : Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2011.

REVESZ, Bruno. “*La irrupción de Ollanta Humala en la escena electoral peruana*” OSAL, Observatorio Social de América Latina (año VI no. 19 ene-abr 2006). CLACSO. 2006. Buenos Aires. Disponible en <http://biblioteca.clacso.edu.ar/subida/clacso/osal/20110327110858/10revesz.pdf> – Accedido en 05 de Marzo de 2014

VALENTE, L. y SANTORO, M. *A Diplomacia Midiática do Governo Hugo Chávez*. Espaço Acadêmico. N° 60 Maio de 2006. Disponible en <http://www.espacoacademico.com.br/060/60valentesantoro.htm> 05 de Marzo de 2014

VALDÉS, R. y LOAEZA, E. *Derecho diplomático y Tratados*; Secretaría de Relaciones Exteriores, Ciudad de Mexico, 1976. Disponible en 2014 <<http://www.sre.gob.mx/acervo/images/libros/termi%20usual3.pdf>> 05 de Marzo de 2014

## **"Por motivação exclusivamente política": movimento sindical e as dificuldades na busca pela anistia**

Fernanda Raquel Abreu Silva ( Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História/UNIRIO, [fernandaabreu2@gmail.com](mailto:fernandaabreu2@gmail.com));

### **Resumo:**

Discutimos neste artigo as leis sobre anistia política, os preceitos elaborados pelo Estado para a concessão da qualidade de anistiado político e, como estudo de caso, o requerimento de anistia de Geraldo Cândido. Procuramos entender por que esses operários estão enfrentando dificuldades para obter a anistia e qual estrutura criada em torno das leis e formas de viabilização.

**Palavras-chave:** Anistia, Justiça de Transição, Ditadura Brasileira

### **Abstract**

In this article, we discuss the laws on political amnesty, the principles elaborated by the State to grant the quality of political amnesty and, as a case study, Geraldo Cândido amnesty application. We want to understand why these workers are struggling to get amnesty and the structure created around the laws and forms of viability.

**Keywords:** Amnesty, Transitional Justice, Brazilian dictatorship

Neste artigo discutiremos as leis sobre anistia política, além dos preceitos elaborados pelo Estado para a concessão da qualidade de anistiado político e, como estudo de caso, o requerimento de anistia de Geraldo Cândido enviado à Comissão da Anistia. Mostraremos os critérios exigidos pela Comissão para o envio do pedido de anistia e analisaremos as impressões do sindicalista, como ele apresenta sua trajetória e a constante construção de identidade. Compreendendo, assim, a fonte como uma forma de narrativa, uma escrita de si.

A utilização de arquivos judiciais e administrativos como fonte de análise historiográfica começou a ser bem vista aos historiadores, bem como aos cientistas políticos e sociais, desde as discussões metodológicas travadas pela História Social durante a década de 1980 - enquanto intensos debates políticos permeavam a sociedade brasileira. Segundo Keila Grinberg, "os processos criminais foram usados nesses primeiros trabalhos como forma de se recuperar o cotidiano dos trabalhadores, seus valores e formas de conduta" (GRINBERG, 2012), à luz dessa afirmativa, percebemos que, na História Social, os trabalhadores passaram a ser reconhecidos como sujeitos com autonomia suficiente para lutar por direitos e, inclusive, recorrer às instituições jurídicas (GOMES, 2013).

No caso do processo que analisaremos aqui, é constituído de documentos extraídos de fundos arquivísticos das polícias políticas atuantes durante a ditadura, além de documentos pessoais como carteira de trabalho e outros; são reunidos de forma a dar subsídios ao relator do processo para que este defira favoravelmente ao requerente. Em vista disso, o ônus da prova, ou seja, a responsabilidade de reunir os documentos probatórios é de responsabilidade daquele que solicita a concessão da anistia política.

Precisamos questionar esses documentos oriundos de arquivos policiais, ficar atento às narrativas neles contidas e extrair uma amplitude de informações, tais como as formas como o dito subversivo era tratado; como funcionavam os trâmites burocráticos; como os agentes se reportavam às autoridades e a outras instituições etc. Enfim, percebe-se nesse tipo de arquivo uma abrangência de categorias de análise caras ao pesquisador. Lembremos, neste ponto, que a ditadura iniciada em 1964 deu continuidade à estrutura burocrática do Estado, gerando a composição de gigantescos arquivos policiais nacionais e estaduais. Atualmente, há acervos disponíveis para pesquisa, como os do DOPS, dos quais temos acesso apenas a de onze estados dos vinte existentes durante a ditadura brasileira.

É interessante perceber que esses acervos da repressão servem hoje ao objetivo oposto ao da sua produção: é através desses documentos que as vítimas das arbitrariedades do Estado podem comprovar a perseguição política ao requerer a reparação e anistia política. É o chamado "efeito bumerangue", em que se transformam em "instrumento social insubstituível para conformar novas relações sociais" (BAUER; GERTZ, 2012).

Na composição do processo, há uma seleção dos fatos, do período de abrangência e dos detalhes das perseguições: cada seleção é uma maneira de compor uma narrativa e, portanto, de



apresentar uma identidade construída. Através do requerimento de anistia, podemos refletir sobre que imagem o anistiando deseja ser visto e quais são os sujeitos que aparecem nesta conjuntura. Em virtude disso, podemos perceber esses processos como narrativas, tais quais as entrevistas, que expressam uma identidade estruturada a partir de vozes e contextos variados.

## **1 Sobre Geraldo Cândido**

Cândido entrou com o pedido de anistia na Comissão em 2006. Isso implica na necessidade de analisar a regulamentação de procedimentos em vigor no momento da elaboração do requerimento.

As normas procedimentais da Comissão haviam sido alteradas pela portaria nº 756, de 26 de maio de 2006. A questão das diligências ficou mais clara nessa portaria, indicando no segundo parágrafo do artigo oitavo que, no caso de impossibilidade de reunião de documentos que comprovem a motivação exclusivamente política da perseguição do Estado, o requerente poderia solicitar à Comissão que providencie diligências para a obtenção desses documentos desde que indicasse onde poderiam ser encontrados. E o artigo nono dizia que:

As diligências necessárias à plena instrução do Processo de concessão de anistia serão solicitadas, tanto ao requerente como aos órgãos ou entidades que possam corroborar as informações prestadas, sempre que fundamentais ao convencimento dos conselheiros<sup>182</sup>.

O artigo 11º indica que o processo seria distribuído aleatoriamente a um Conselheiro-Relator que, após a apreciação do mérito do requerimento, emitiria seu voto (de acordo com o artigo 13º) que contendo um relatório, fundamentação e conclusão. O relatório deve ser sucinto e a fundamentação deve constar a apreciação de todos os fatos e argumentos descritos pelo requerente e as provas produzidas. O terceiro parágrafo do artigo 14º determinava que o voto do relator deve-

---

<sup>182</sup> Portaria nº 756, de 2006, disponível em: <http://portal.mj.gov.br/anistia>

ria indicar obrigatoriamente quais os incisos dos artigos 1º e 2º da Lei nº 10.559 em que o anistiando se encontra.

O artigo 15º é muito interessante para o nosso trabalho, já que afirma que "quando não for possível prova concreta das alegações do requerente, suas declarações poderão ser consideradas, desde que subsidiadas nos indícios constantes dos autos". A versão anterior (parágrafo terceiro do artigo 20º) dizia: "Quando não for exigida prova concreta das alegações do requerente suas declarações poderão ser consideradas". A mudança no texto desse artigo altera o teor da norma, ou seja, a fala do requerente assume o papel de testemunho, contanto que tivesse dados que respaldassem suas alegações.

Por fim, sendo o requerente devidamente informado do Parecer Conclusivo, teria o prazo de 30 dias para impetrar recurso junto ao Plenário. Ao fim desse prazo, sem apresentação de recurso ou renúncia ao mesmo, os autos eram encaminhados ao Ministro da Justiça para decisão - que normalmente segue o estabelecido pelo Conselheiro-Relator.

Cândido protocolou seu pedido de anistia no dia 19 de junho de 2006; seu requerimento fora elaborado pela Associação Nacional dos Anistiados Políticos, Aposentados e Pensionistas, fundada em 1987, com sede em Duque de Caxias- RJ.

Em outubro de 2009 foi convertido em diligência e indeferido em setembro de 2010. No seu requerimento, Cândido declarou que era membro do Diretório Regional do Partido dos Trabalhadores; presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviários no Município do Rio de Janeiro; membro do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Olaria de Cerâmica para Construção do Cimento, Cal e Gesso de Artefatos de Cimento.

Cândido afirma que a sua demissão ocorrida em 16 de agosto de 1978, da empresa Carneiro Monteiro Engenharia S.A., fora por motivação exclusivamente política, uma vez que a empresa requisitou o Atestado Negativo de Antecedentes e, ao solicitar ao Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE), Cândido teve seu pedido negado, acarretando na sua demissão:

01 - Em 20 de setembro de 1977, era apontado como membro agitador e ativista no Sindicato dos Metalúrgicos, onde procurava colher assinaturas em memoriais contrários ao regime político da época.

(...)

O supracitado, comprova a motivação exclusivamente política da demissão ocorrida em 16 de agosto de 1978 da empresa CARNEIRO MONTEIRO ENGENHARIA S.A. Em 19/09/77, 14/04/78 e 13/07/78, requereu no DGIE, atestados negativos de antecedentes, para fins de prova junto ao Aeroporto, a empresa CARNEIRO MONTEIRO ENGENHARIA, funcionava dentro do Aeroporto do Rio de Janeiro, tendo a comissão de Revisão exigido ao requerente apresentar declarações firmadas por terceiros, a seu favor, com afirmativas que demonstrassem sua adequação ao regime vigente. E como o requerente militava contra o regime de estado de exceção implantado à época, não teve o seu pedido de certidão negativa atendido, o culminou em sua demissão.<sup>183</sup>

Infelizmente, o requerimento não consta com um “resumo dos fatos” que contemplasse toda sua trajetória de militância. O foco esteve na demissão de uma empresa específica e não nas múltiplas demissões antes e posteriormente ocorridas. Além disso, enfatizou a prisão que sofreu, todavia não há no processo registro dessa prisão para servir de provas. Não se percebe a fala de Cândido durante o requerimento inicial; com linguagem jurídica, o “resumo dos fatos” refere apenas ao período de 1977 a 1978, quando Cândido foi reconhecido como ativista pela polícia política até a sua demissão em 1978 pela ausência do atestado negativo de antecedentes.

Em anexo há documentos que comprovam que ele foi monitorado intensamente até a década de 1980, como também a negação do seu atestado de antecedentes. Cândido solicitou por três vezes o atestado, entre 1977 e 1978:

GERALDO CÂNDIDO DA SILVA (...) requiere atestado negativo de antecedentes para efeito de prova junto ao Aeroporto do Rio de Janeiro.

O nominado, segundo atestado datado de 09.08.73, do sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Olaria e Cerâmica, figura como conhecido agitador que era

---

<sup>183</sup> Idem p. 3.

ativista no Sindicato dos Metalúrgicos, onde procurava colher assinaturas em memoriais contrários ao regime e às autoridades constituídas.<sup>184</sup>

Os pedidos foram enviados a uma Comissão de Revisão que demandou apresentação de declarações de terceiros que demonstrassem que Cândido estava de acordo com o regime militar e, não bastando, exigiu o seu comparecimento à sede do DGIE a fim de prestar esclarecimentos.

Obviamente Cândido não compareceu ao DGIE, sendo assim justificado o arquivamento desse processo. Considerando o risco de prisão ao se apresentar no departamento - como ocorrera com outros tantos - é bastante compreensível que ele não tenha comparecido para tais esclarecimentos não especificados. De acordo com a documentação do DOPS-RJ<sup>185</sup> e do SNI/CGI/CSN,<sup>186</sup> Cândido era considerado um agitador e ativista do Sindicato dos Metalúrgicos, em 1977, e do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Olaria, em 1973.

Há diversos documentos comprovando o monitoramento das atividades políticas de Cândido, que geraram relatórios de diversos órgãos de investigação e informação sobre suas “atividades subversivas”. Dentre eles, um protocolo de 20 de setembro de 1977 do próprio DGIE informando:

O epigrafoado figura como conhecido agitador que era ativista no Sindicato dos Metalúrgicos e que vinha atuando no Sindicato acima mencionado, onde procurava colher assinaturas em memoriais contrários ao regime e às autoridades constituídas.<sup>187</sup>

Na ata de julgamento da sessão ocorrida em outubro de 2009, o requerimento foi convertido em diligência para oficial a empresa CEMEL - Carneiro Monteiro Engenharia S.A., em que fora solicitado a ficha funcional de Cândido e as razões de sua demissão:

---

<sup>184</sup> Idem p. 48.

<sup>185</sup> Disponível no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>186</sup> SNI - Serviço Nacional de Informações; CGI - Comissão Geral de Investigações; CSN - Conselho de Segurança Nacional. Disponíveis no Arquivo Nacional/Brasília.

<sup>187</sup> Processo Administrativo de Requerimento de Anistia - Geraldo Cândido da Silva nº 2006.01.54001, pág. 22.

Realizada a 85ª Sessão de Turma da Comissão de Anistia, no dia 08 de outubro de 2009, presentes os Conselheiros Márcio Gontijo, Egmar José de Oliveira, Rodrigo Gonçalves dos Santos e Marina da Silva Steinbruch. O requerimento foi convertido em diligência para se oficial a empresa CMEL- Carneiro Monteiro Engenharia- AS, solicitando a fixa funcional do Requerente além de informar as razões de sua demissão, se o Requerente pediu contas ou foi demitido.<sup>188</sup>

Os advogados ajuntaram ao processo de Cândido os andamentos processuais em que a empresa CEMEL aparece como ré em processos de falência documentos comprovando que a empresa já não existe, portanto não sendo possível atualizar os dados solicitados pela diligência.

Nesse ínterim, seus advogados adicionaram um aditamento ao processo, solicitando prioridade na ordem de julgamento por motivo de idade; a contagem de tempo para todos os efeitos, explicitando há dificuldade em comprovar as lacunas contributivas do INSS já que Cândido passou por vários empregos por um curto período de tempo; além de ratificar o pedido de declaração da condição de anistiado político e a indenização conforme o pedido inicial:

Dos pedidos

- a) Declaração da condição de anistiado político.
- b) Indenização com base na Lei 10.559, de novembro de 2002, na forma do pedido inicial.
- c) Contagem de tempo para todos os efeitos, referente ao mesmo período, sendo certo que o INSS não considera contribuição em dobro, o que permite segurança quanto à correção do presente pedido.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> Idem pág. 112.

<sup>189</sup> Idem pág. 124.

O relator do processo de Cândido foi o conselheiro Egmar José de Oliveira, é membro da Comissão desde 2004 e atualmente é um dos vice-presidentes. É advogado em Goiás e atua em causas criminais e de direitos humanos (Coelho; Rotta, 2012). No dia 23 de setembro de 2010, o parecer de Oliveira votou pelo indeferimento do pedido de Cândido, alegando ausência de comprovação exclusivamente política: “I - Anistiando não atingido por perseguição; II - Motivação exclusivamente política não constatada; III - Indeferimento do pedido”.<sup>190</sup> Na fundamentação ele afirma:

Em análise dos autos, extrai-se que não há evidência de perseguição política. Observa-se que, não há no Requerimento qualquer prova que dê conta da arbitrariedade estatal. Não há prova robusta que evidencie a atuação dos órgãos de repressão em desfavor do Requerente. Por essa razão, o Requerente não pode ser alcançado pelo instituto da Anistia Política, como preceitua a Lei nº 10.559/2002.<sup>191</sup>

Para o relator, apensar de “clara a sua atuação na militância”, “não se vislumbrou nexo da perseguição com a demissão do emprego”. E, como a empresa CEMEL faliu, “não restou evidenciada a perseguição política”. Por fim, decide que:

Nota-se que há indícios de monitoramento de suas atividades em face da atuação no Sindicato dos Trabalhadores. No entanto, os relatos feitos pelo Requerente e as provas produzidas, não se coadunam com sua pretensão. Isso é o bastante, para que se conclua irrefutavelmente que não faz *jus* à Anistia Política.<sup>192</sup>

De acordo com o artigo 15 da portaria nº 756, de 2006, como já mostramos, diz que as alegações do anistiando podem ser consideradas desde que subsidiadas pelos documentos constantes nos autos. Contudo, o relator e os outros conselheiros não viram nos documentos provas sufi-

---

<sup>190</sup> Idem pág. 131.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Idem p 132.

cientes para subsidiar a alegação de prisão, menos ainda a de perseguição política. Não vamos entrar aqui no mérito do julgamento, não nos cabe decidir se foi certo ou errado; podemos apenas afirmar que havia a possibilidade de enquadrá-lo no item sexto do segundo artigo da Lei nº 10.559, a considerar suas alegações juntamente com os documentos dos fundos SNI/CGI/CSN do Arquivo Nacional que mostram o monitoramento por 25 anos das atividades de Cândido.

De acordo com o depoimento do próprio Cândido, ele afirma ter sido preso e liberado no dia seguinte; todavia, no seu requerimento, de fato não há provas concretas da sua passagem pela prisão. Nesse momento, podemos nos questionar novamente sobre o acesso aos arquivos da repressão; acreditamos que esse é um dos grandes motivos geradores dessa dificuldade de obtenção da anistia e sua reparação.

## **2 A anistia e os arquivos**

Se, no caso de Cândido, ele obtivesse algum documento que comprovasse a sua prisão, certamente seu processo não teria demorado tanto e tampouco seria indeferido. A única forma de provar o desligamento involuntário seria, então, uma declaração da empresa de onde fora demitido; explicando as razões - seja o agitação política ou a ausência do atestado de antecedentes negativos. Infelizmente, nesse caso a empresa passa por um processo de falência, não sendo possível recuperar quaisquer dados sobre os antigos empregados.

Em *Los Archivos de la Seguridad del Estado de los Desaparecidos Regímenes Represivos*, relatório<sup>193</sup> do Grupo de Especialistas estabelecido pela UNESCO e o Conselho Internacional de Arquivo, conduzido por Antonio Quintana, afirmam que os arquivos da repressão se tornaram um instrumento social insubstituível para conformar as relações sociais da atualidade (QUINTANA, 2009) e, por conta disso, requer do profissional do arquivo e do historiador uma profunda reflexão. Segundo os autores, a forma como o regime repressivo termina influencia diretamente na guarda ou não dos arquivos repressivos, ou seja, o modelo de Justiça de Transição adotado implica na maneira como os documentos da repressão são conservados e disponibilizados.

---

<sup>193</sup> Disponível em: <http://www.unesco.org> (acesso em julho de 2014).

Se há uma ruptura brusca do sistema político, a queda de um ditador ou algo semelhante - ruptura revolucionária, como diz o relatório -, os arquivos adquirem uma importância singular por conta da exigência de apuração de responsabilidades, como foi o caso da Alemanha ao fim da Segunda Guerra Mundial. Em países como o Brasil, em que o processo de Justiça de Transição se iniciou dentro do próprio regime, no qual foi assumido um caráter de reconciliação nacional, o que se torna prioritário é a compensação das vítimas em benefício da paz social (QUINTANA, 2009).

Porém, para se efetuar esse benefício de maneira abrangente, seria necessário pensar os arquivos da repressão como protagonistas desse processo de transição política:

El apoyo a su conservación y el fomento de las instituciones encargadas de su custodia en la nueva etapa política serán factores determinantes en el proceso de consolidación democrática. (QUINTANA, 2009)

Não tivemos aqui no Brasil uma ruptura frontal com o sistema político repressivo da ditadura; portanto, os nossos arquivos institucionais não viraram pauta de movimentos de guarda e preservação. As políticas de memória e verdade das comissões de reparação (Comissão de Anistia) e de apuração (Comissão da Verdade) têm se empenhado consideravelmente na luta pela preservação, manutenção e criação de novos acervos. No entanto, ainda há fortes setores da sociedade que não aceitam a total abertura dos documentos elaborados pela máquina repressiva estatal; alegando invasão à privacidade de atores sociais, bem como a teoria da "página virada" daqueles que acreditam na Lei de Anistia como esquecimento da história ditatorial recente. Dentre esses, estão os agentes públicos - civis ou militares - que atuaram diretamente em crimes contra os Direitos Humanos, logo os é conveniente o fechamento definitivo ou desaparecimento de arquivos.

Segundo o relatório já mencionado, a existência desses arquivos está relacionada a direitos individuais e coletivos; podem ser usados como elementos para reafirmação democrática. O relatório lista quatro direitos coletivos que podem ser garantidos a partir do uso dos arquivos da repressão: o direito dos povos e nações de elegerem sua própria transição política; o direito a integridade da memória escrita; o direito à verdade; e o direito de conhecer os responsáveis pelos crimes contra os Direitos Humanos. Entre os individuais, são listados seis: direito a conhecer o paradeiro de familiares desaparecidos; direito ao conhecimento dos dados existentes sobre qualquer pessoa nos arquivos repressivos; direito à pesquisa histórica e científica; direito à anistia para pre-



sos e perseguidos políticos; direito à compensação e reparação de danos sofridos pelas vítimas da repressão e direito à restituição de bens confiscados (QUINTANA, 2009).

Como já mencionamos no início do artigo, isso é chamado de "efeito bumerangue"; o arquivo deixou de ser acusatório para ser probatório. A partir dessa documentação, os órgãos de repressão agiam e violavam os direitos humanos; hoje esses arquivos deixaram de ser institucionais e se tornaram importantes documentos para comprovar a perseguição política e, assim, garantir os direitos à anistia e à reparação.

Bauer associa o acesso aos arquivos da repressão ao direito à verdade na Justiça de Transição, pois se trata do direito à memória. Explica que nas vezes em que as Forças Armadas foram questionadas a respeito do paradeiro desses arquivos já nos governos democráticos após o fim da ditadura, as respostas sempre indicavam que esses documentos foram destruídos; demonstrando, assim, extrema relevância dessas informações para o funcionamento da estrutura organizacional e repressiva do Estado naquele período.

Ela argumenta que não é uma ausência de debate sobre a ditadura que dificulta a disponibilização dos arquivos, e sim uma decisão política de manter os registros do terrorismo do Estado sob reclusão. As políticas de memória ainda não abarcaram completamente esses arquivos que, apesar do direito à informação, estão recolhidos e inacessíveis de acordo com o grau de sigilo. Significa, portanto, que pesquisadores e as próprias vítimas – interessados diretos – não têm acesso à boa parte dessa documentação porque se encontram inacessíveis.

A abertura completa desses arquivos representa um passo gigantesco para a consolidação da democracia no Brasil, considerando que esta é uma das demandas para assegurar o direito à memória e a verdade. Entretanto, a sua importância não é apenas para ampliar as fontes para historiadores e pesquisadores em geral, mas em garantir os direitos constitucionais das vítimas da repressão que hoje almejam alcançar o status de anistiado político e suas atribuições.

### **3 Motivação exclusivamente política**

A política está na essência das nossas ações, portanto é difícil desassocia-la especialmente da vida do militante. A dificuldade de acessar os arquivos da repressão implica numa série imensa de interrupção de direitos; dificulta no acesso à justiça, impedindo a atribuição de responsabilidades das ações perpetradas pelos agentes do Estado; impede o direito irrestrito à memória e à ver-

dade, pois o acesso limitado a esses documentos dificulta a pesquisa acadêmica e jurídica que auxiliam a História; dificulta, gravemente, o acesso aos documentos que comprovam a perseguição do Estado a militantes de diversas áreas durante a ditadura, o que acarreta na impossibilidade de garantir a reparação pelos danos causados.

Esse acesso é impedido ou permitido por meios de leis, ou seja, por meio do Poder Legislativo e conta com a sanção do Poder Executivo. Dessa maneira, é uma questão exclusivamente política para garantir interesses igualmente políticos. Se para os conselheiros da Comissão de Anistia as greves e suas consequências não eram consideradas exclusivamente políticas, o ato de não permitir acesso aos documentos que comprovariam essa assertiva o é.

Intentamos evidenciar neste trabalho a existência de uma dificuldade enfrentada pelos sindicalistas operários de conseguir juntar documentos probatórios das suas perseguições sofridas. Não significa necessariamente que outros segmentos não passem pelo mesmo problema, estamos apenas enfatizando um grupo que observamos e tomamos por estudo de caso. Esse assunto é de fato bastante sinuoso, já que a comprovação de que uma luta por melhores condições de trabalho e salários durante a ditadura era também uma luta política que transcendia esses pontos de singulares, é consideravelmente complicado em vista da postura da Comissão a respeito desses movimentos de trabalhadores.

O ponto aqui em questão é o tratamento dos movimentos sindicais operários como movimentos legitimamente políticos. Quando isso for compreendido, talvez as alegações dos requerentes – subsidiadas pelos autos do processo – sejam suficientes para anistiar os sindicalistas enquanto ainda não é permitido ter acesso à totalidade dos documentos da repressão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, M. P. “Memória, testemunho e superação: história oral da anistia no Brasil”. In: *Revista de História Oral*, v. 15, n. 2, p. 11-31. jul-dez, 2012.

BAUER, C. S. “O papel dos historiadores nas garantias dos direitos à memória, à verdade e à justiça”. *Aedos*. nº 12 vol. 5 - Jan/Jul, 2013.

\_\_\_\_\_; GERTZ, R. “Fontes Sensíveis da História Recente”, In: PINSKY e LUCA (orgs), *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

COELHO, M. J.; ROTTA, V. (orgs). *Caravanas da Anistia: o Brasil pede perdão*. Distrito Federal: Ministério da Justiça; Florianópolis: Comunicação, Estudos e Consultoria, 2012.

FICO, Carlos. *Como eles agiam: Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GRINBERG, K. “A História nos Porões dos Arquivos Judiciários”. In: Pinsky e Luca (orgs), *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

GOMES, A. C. “Apresentação”. In: GOMES, A. C. e SILVA, F. T. (orgs) *Justiça do Trabalho e sua história: os direitos dos trabalhadores no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

QUINTANA, A. *Los Archivos de la Seguridad del Estado de los Desaparecidos Regímenes Represivos*, 2009. Disponível em: [www.portal.unesco.org/](http://www.portal.unesco.org/)

RODEGHERO, C. S.; DIENSTMANN, G.; TRINDADE, T. *Anistia ampla, geral e irrevogável: história de uma luta inconclusa*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011

## **O Trabalhador Fronteiriço e o Regime Jurídico de Trabalho na Fronteira**

### **El Trabajador Fronterizo y Régimen Jurídico de Trabajo en la Frontera**

Dr. Fernando José Martins; UNIOESTE; fernandopedagogia2000@yahoo.com.br

Manoela Marli Jaqueira; UNIOESTE; manoelajaqueira@hotmail.com

**Resumo:** O presente trabalho versa acerca da temática do trabalhador fronteiriço no Brasil, para tanto se estuda a concepção de fronteira, cenário o qual esse trabalhador está inserido, tem como objetivo geral analisar a legislação trabalhista existente e as normas internacionais protetoras dos direitos trabalhistas dos imigrantes. Essa temática é desenvolvida a partir de uma constatação da retomada de fluxos migratórios no Brasil com o processo massificado da globalização, bem como o aumento da circulação de trabalhadores de países fronteiriços em cidades limítrofes em busca de trabalho, e consequente problemática da violação do princípio da dignidade da pessoa humana, a respeito das condições de trabalho que por muitas vezes é análoga à escravo, ferindo diretamente o direito à igualdade e a não discriminação do trabalhador migrante. O estudo é realizado a partir de pesquisas bibliográficas, onde se analisa o trabalhador fronteiriço, que é aquele que sai de seu país de origem todos os dias para trabalhar no país vizinho regressando após o labor, dentro dessa perspectiva, quer se avaliar se lhe é assegurado os mesmos direitos que os nacionais.

**Palavras-Chaves:** Fronteira, Direito, Trabalhador.

**Resumen:** El presente trabajo habla acerca de la temática del trabajador fronterizo en Brasil. Por lo cual se estudia el concepto de frontera, escenario en el cual se encuentra sumergido, y tiene por objetivo general analizar la legislación laboral existente y las normas internacionales protectoras de sus respectivos derechos. La temática del trabajo se desenvuelve a partir de la constatación del alza en los flujos migratorios en Brasil como efecto masificado de la globalización, así como el aumento en la circulación de trabajadores de Países fronterizos en ciudades limítrofes en busca de trabajo, y la consecuente problemática de la violación del principio de dignidad humana, con respecto a las condiciones de trabajo muchas veces análoga a esclavo, hiriendo directamente el derecho de igualdad y la no discriminación del trabajador inmigrante. El estudio es realizado a partir de investigaciones bibliográficas, donde se analiza al trabajador fronterizo, aquel salido de su País

de origen todos los días para trabajar en territorio vecino para luego retornar. Intentando evaluar de esta forma, si le son otorgados los mismos derechos que a un nacional.

**Palabras clave:** Frontera, Derecho, Trabajador.

**Abstract:** The present paper is about the frontier worker theme in Brazil, both for studying the design of border scenario on which that employee is located, with the main objective of analyzing the existing labor legislation and international standards protective of workers' immigrants rights. This theme is developed from an observation of the resumption of migration in Brazil as a mass-effect of globalization and the increased circulation of border countries workers in neighboring cities in search of work, and consequent issue of violation of the principle of human dignity, and about the working conditions which often is analogous to the slave, directly injuring the right to equality and non-discrimination of migrant workers. The study is conducted from literature searches, which analyzes the frontier worker, who is the one that comes out of their home country every day to work in the neighboring country returning after work, and within this perspective, assessing whether or not they are guaranteed with the same rights as nationals.

**Key Words:** Border, Law, Worker.

## **Introdução**

A globalização é um fator que influenciou as mobilizações migratórias, bem como o surgimento de blocos econômicos, buscando a integração<sup>194</sup> regional, num contexto econômico, político, administrativo e no caso da União Europeia supranacional.

Com as recorrentes ondas de migração, surge no cenário socioeconômico a necessidade de regulação das relações laborais e os direitos relacionados à migração, bem como a livre circulação de trabalhadores nas regiões fronteiriças.

---

<sup>194</sup> A palavra integração no presente trabalho é utilizada dentro de um contexto do plano marco, ou seja MERCOSUL ou PAÍSES FRONTEIRIÇOS, no qual designa o modo como é compatibilizado os diferentes sistemas sociais, no caso deste trabalho são as normas jurídicas referentes aos trabalhadores.

Para a realização desse trabalho, foi necessário analisar a região de fronteira e dois autores se fazem importante para esta pesquisa, José de Souza Martins e José Lindomar C. Albuquerque responsáveis em trabalhar sob uma perspectiva de disputas não só territoriais como culturais e sociais existentes na fronteira. Já no contexto dos trabalhadores fronteiriços e seus direitos trabalhistas, duas pesquisadoras contribuíram de forma especial para esclarecer o regime jurídico dos trabalhadores que vivem em regiões limítrofes que são a Maria Cristina Sbalqueiro Lopes e Ana Paula Sefrin Saladini.

O presente trabalho tem o escopo de trazer a discussão a concepção de fronteira, que é o espaço que este trabalhador está inserido, bem como a estudar os aspectos sociais e jurídicos desses trabalhadores tão singulares, que não chegam a migrar para o país limítrofe, mas se deslocam diariamente ou com certa regularidade a fim de exercer uma atividade laborativa.

### **Fronteira e o Trabalhador Fronteiriço**

É importante para o estudo de fronteira, diferenciá-la quanto ao conceito de limite, este de acordo com Lia Osório Machado é um termo criado para tratar onde termina a ligação interna de uma unidade político-territorial. Desta forma o limite será uma espécie de controle realizado através de acordos diplomáticos, a fim de delimitar a jurisdição do Estado-Nação, sendo assim as normas e regulamentos são mecanismos de proteção do território nacional, que regulamentam a circulação de pessoas e mercadorias nas mais diferentes regiões de fronteiras. (MACHADO, 1998, p. 40)

Diferente de limite que tem como objetivo regulamentar a questão territorial e resguardar o limite, a fronteira se representa pela legitimação da livre circulação, conforme explica Machado:

A fronteira está orientada para fora (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados para dentro (forças centrípetas). Enquanto a fronteira é considerada uma fonte de perigo ou ameaça porque pode desenvolver interesses distintos ao governo central, o *limite* jurídico do Estado é criado e mantido pelo governo central, não tendo vida própria e nem mesmo existência material, é um polígono. (MACHADO, 1998, p. 42)

A partir dessa diferenciação dos conceitos de limite e fronteira, é importante ressaltar que para estudar regiões de fronteira exige-se uma compreensão da totalidade, sendo importante o uso da interdisciplinaridade para se ter a visão de um todo que envolve a dimensão da existência da fronteira. Acerca da pluralidade cultural presente na convivência dos povos nas regiões de fronteiras José de Souza Martins explica:

(...) é uma situação de convivência marcada pela pluralidade cultural e social e pelo estabelecimento de um espaço inteiramente novo na relação com o outro, ou seja, um espaço de afirmação e reconhecimento da diferença que dá sentido à existência dos diferentes povos. (MARTINS, 2009, p. 26)

Nessa multiplicidade e de luta pelo reconhecimento dos povos que vivem na fronteira, esta se caracteriza como uma região de conflitos, disputas de poder em um contexto de expansão capitalista como bem diz José de Souza Martins:

(...) a fronteira tem um caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora. (...) É na fronteira que encontramos o humano no seu limite histórico. (MARTINS, 2009, p. 11)

A fronteira vista num espaço de conflito e disputas culturais, não é só abordada pelo pesquisador José de Souza Martins, esta abordagem é considerada uma nova perspectiva do estudo das fronteiras, e assim como Martins outros pesquisadores também abordam a fronteira como um lugar conflituoso, a exemplo tem-se o professor José Lindomar C. Abulquerque:

Os limites políticos e jurídicos das soberanias nacionais são territórios de disputas, barreiras, passagens e terras de ninguém. Eles simbolizam aparentemente a fixidez das nações alicerçadas em territórios claramente demarcados. Entretanto, as fronteiras nacionais estão em movimento, impulsionadas por fluxos migratórios, estratégias geopolíticas, influências econômicas e culturais de determinados

países sobre outros e por diversas formas de circulação de mercadorias nos espaços fronteiriços. (ABULQUERQUE, 2010, p.37)

Nessa perspectiva de conflito Abulquerque alega que a fronteira tem sua representação negativa potencializada com a influência da mídia no imaginário popular, pois divulga a fronteira como um local de perigo, ilegalidade e violência, sendo descritas como “terra de ninguém”. (ABULQUERQUE, 2010, p. 38)

Diante desse aspecto conflituoso da fronteira, ela se torna singular para a pesquisa, pois é um encontro de descoberta e conflito como diz José de Souza Martins. De acordo com o autor, o desencontro e o conflito se referem às diferentes concepções de mundo que cada grupo de pessoas que residem nessa localidade possui e o desencontro se dá a partir dos sujeitos pertencentes à região de fronteiras que se encontram em tempos históricos diversos, haja vista a multiculturalidade, sendo que o conflito social está constantemente presente nessas regiões fronteiriças. (MARTINS, 2009, p. 134)

Desta forma, a fronteira se distancia do conceito de limites, mas se aproxima no sentido simbólico da palavra só deixando a partir do momento que todos os conflitos pertencentes a ela deixassem de existir, como bem explica José de Souza Martins:

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o outro se torna a parte antagônica do nós. Quando a história passa a ser a nossa história, a história da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou. (MARTINS, 2009, p. 134)

É neste contexto, que está inserido o trabalhador fronteiriço que tem uma definição peculiar, bem como um regime jurídico próprio, haja vista sua condição especial como trabalhador que cruza a fronteira para exercer o labor, no entanto retorna seu país de origem todos os dias após a jornada de trabalho.



A ONU (Organização das Nações Unidas) acerca da proteção dos Trabalhadores Migrantes conceitua como trabalhador fronteiro todo trabalhador migrante que tenha sua residência habitual no País vizinho e que retorne todos os dias ou pelo menos uma vez por semana ao seu país de residência.<sup>195</sup>

Para a professora Cristiane Maria Sbalqueiro Lopes aos fronteiriços lhe é atribuída situação especial, tendo em vista a jurisdição estar sobreposta em um território compartilhado por dois Estados e acerca dessa região peculiar a autora disserta:

Interpretar de maneira positiva a região de fronteira implica compreendê-la como uma oportunidade de desenvolvimento conjunto da região, que deve ser considerada como um todo. O mesmo se diga em relação à população fronteira, que integra essa totalidade, e não deve ser tratada de maneira desigual. (LOPES, 2009, p. 431).

Desta forma a autora trata da questão de não problematizar a situação ímpar da fronteira e sim observar com a ótica de que esse contexto cultural e jurídico peculiar é um grande “laboratório de integração regional”, pois é onde a tão almejada integração acontece de fato.

### **O Regime Jurídico do Trabalhador Fronteiro**

As regiões de fronteira apresentam características peculiares que muitas vezes para o Direito do Trabalho pode vir a ser um embate. O Brasil faz limite com diversos países além de possuir uma área muito extensa de fronteira terrestre, conta com aproximadamente dezesseis mil quilômetros.<sup>196</sup>

Tendo em vista essa imensa área limítrofe cabe salientar que é de suma importância a questão do trabalhador imigrante nessas regiões de fronteira. O que se pode observar é que houve

---

<sup>195</sup> Convenção da ONU sobre a proteção dos Direitos dos Trabalhadores Migrantes, art. 2.º, 2, a. 1990.

<sup>196</sup> Fronteiras brasileiras: os limites do nosso território. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/fronteiras-brasileiras-os-limites-do-nosso-territorio.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

um aumento da mobilidade laboral nos últimos tempos entre os países que fazem divisa com o Brasil (Argentina, Paraguai e Bolívia), o contrário também ocorre.

E esse aumento de trabalhadores fronteiriços, faz surgir o problema do aumento de trabalhos informais e o desrespeito dos direitos trabalhistas e previdenciários destes trabalhadores.

A título de contextualização e ilustração da dificuldade enfrentada nas regiões de fronteira, atenta-se para o caso da tríplice fronteira: Brasil Argentina e Paraguai relatado na reportagem do Jornal Gazeta do Povo:

O trabalho ilegal bateu à porta da fronteira com o aquecimento da economia. Enquanto moradores de Foz do Iguaçu cruzam a Ponte da Amizade, que liga Brasil e Paraguai, para atuar no comércio de importados de Ciudad del Este, os paraguaios fazem o caminho inverso e passam a ocupar postos rejeitados pelos brasileiros.<sup>197</sup>

Tal reportagem reforça a vivência que estrangeiros, no caso concreto paraguaios, deslocam-se entre países para trabalhar no Brasil em funções consideradas “trabalhos pesados” (pedreiros, carregadores, ajudantes de carvoaria) que muitas vezes são desprezados por trabalhadores nacionais.

É nesse cenário problemático em que se apresenta a questão do trabalhador fronteiriço, este definido pelo Estatuto do Estrangeiro<sup>198</sup> como sendo “o natural de país limítrofe, domiciliado em cidade contígua ao território nacional”. A Declaração Sócio Laboral assinada em 1998 traz diretrizes acerca do trabalhador imigrante, direitos humanos para ele e sua família, bem como o trabalhador fronteiriço:

#### Artigo 4.º Trabalhadores Migrantes e Fronteiriços:

---

<sup>197</sup> Economia em alta aumenta trabalho ilegal na fronteira. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id=1295150> . Acesso em 23 de março de 2013.

<sup>198</sup> Art. 21, da Lei 6.815/80.

1-Todo trabalhador migrante, independentemente de sua nacionalidade, tem direito à ajuda, informação, proteção e igualdade de direitos e condições de trabalho reconhecido aos nacionais do país em que estiver exercendo suas atividades, em conformidade com a legislação profissional de cada país.

2.- Os Estados Partes comprometem-se a adotar medidas tendentes ao estabelecimento de normas e procedimentos comuns relativos à circulação dos trabalhadores nas zonas de fronteira e a levar a cabo as ações necessárias para melhorar as oportunidades de emprego e as condições de trabalho e de vida destes trabalhadores.<sup>199</sup>

Diante do contido no artigo 4.º da Declaração Sócio-Laboral do Mercosul, observa-se que o trabalhador fronteiriço pertencente ao bloco econômico tem tratamento privilegiados, necessitando para o ingresso no Estado-membro portar documento de identificação, podendo obter no Brasil a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) dispondo desta forma de todos os direitos de um trabalhador Nacional.<sup>200</sup>

O procedimento de admissão do trabalhador estrangeiro para trabalhar em zonas fronteiriças ocorre de forma simples diante dos termos do Estatuto do Estrangeiro:

Art. 21 – Ao natural de país limítrofe, domiciliado em cidade contígua ao território nacional, respeitados os interesses da segurança nacional, poder-se-á permitir a entrada nos municípios fronteiriços a seu respectivo país, desde que apresente prova de identidade.

---

<sup>199</sup> MERCOSUL. **Declaração Sociolaboral do Mercosul**. Documento eletrônico disponível em: <[http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:isA5mdinehoJ:www.stf.jus.br/arquivo/cms/forumCorteSupremaNorma/forumCorteSupremaNorma\\_AP\\_75320.pdf+declara%C3%A7%C3%A3o+sociolaboral+do+mercosul&hl=PTBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShIaEdwAXidVWJCE5oRsfE\\_2vu9Cz69v4kagc3eyuC\\_tUCGPZzNjVmfJw2aUi3Pt6dLaGLXF-GhqhT3pZbAEQ1xLYyu5LBF1mEllrYq69qj1GFX3PhRbKusC5R XR8ESBeWxV6Aq&sig=AHIEtbSMI8viG8ncs4teSgClctvXAG362g](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:isA5mdinehoJ:www.stf.jus.br/arquivo/cms/forumCorteSupremaNorma/forumCorteSupremaNorma_AP_75320.pdf+declara%C3%A7%C3%A3o+sociolaboral+do+mercosul&hl=PTBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShIaEdwAXidVWJCE5oRsfE_2vu9Cz69v4kagc3eyuC_tUCGPZzNjVmfJw2aUi3Pt6dLaGLXF-GhqhT3pZbAEQ1xLYyu5LBF1mEllrYq69qj1GFX3PhRbKusC5R XR8ESBeWxV6Aq&sig=AHIEtbSMI8viG8ncs4teSgClctvXAG362g)>. Acesso em 20 de junho de 2013.

<sup>200</sup> SALADINI, Ana Paula Sefrin. **Trabalho e Imigração**: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais. Jacarezinho/PR, 2011, 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) – Pós Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná, p. 186.

§ 1º- Ao estrangeiro, referido neste artigo, que pretenda exercer atividade remunerada ou frequentar estabelecimento de ensino naqueles municípios, será fornecido documento especial que o identifique e caracterize a sua condição e, ainda, Carteira de Trabalho e Previdência Social, quando for o caso.

§ 2º - Os documentos referidos no parágrafo anterior não conferem o direito de residência no Brasil, nem autorizam o afastamento dos limites territoriais daqueles municípios.

Diante do contido no artigo 21 do Estatuto do Estrangeiro e diante das explanações de Jonas Ratier Moreno e Yedda Beatriz Gomes<sup>201</sup> o estrangeiro deverá ir até a Delegacia de Polícia Federal da região fronteira que se pretende trabalhar, com seu documento de identidade, comprovante de residência do município limítrofe para que possa requer o documento de identidade especial, para que possa solicitar junto ao Ministério do Trabalho e Emprego a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) para só então estar autorizado a exercer atividade remunerada com todos seus direitos trabalhistas e previdenciários garantidos.

Nesta questão de documentação do trabalhador fronteiriço, Francisco da C. Filho<sup>202</sup> enfatiza a questão do uso da Carteira de Trabalho somente nos Municípios limítrofes, sendo vedado o uso nas regiões que não são fronteiriças.

Para solucionar a questão da integração do trabalhador fronteiriço, alguns países celebraram acordos bilaterais. Nesse âmbito dos acordos bilaterais Cristiane Maria Sbalqueiro Lopes cita o acordo realizado entre Brasil e Uruguai “Acordo para Permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios”. (LOPES, 2009, p. 434)

A inovação deste acordo se encontra na visão da autora na permissão do trabalhador residir na localidade vizinha, já que muitas vezes as cidades são como “bairros internacionais” e esta

---

<sup>201</sup> MORENO, Jonas Ratier; AFONSO, Yedda Beatriz Gomes de A. Dysman C.S. Siger. **O Direito do Trabalho Internacional Transfronteiriço: Diagnóstico e Perspectiva**. Revista do Ministério Público do Trabalho do Mato Grosso do Sul. Volume 1, n.º1 – abril de 2007. Campo Grande: PRT 24.<sup>a</sup>, 2007 – V. Anual, ISSN 1981-3457; p. 67.

<sup>202</sup> LIMA FILHO, Francisco das C.. **Trabalhador migrante fronteiriço**. Disponível em [HTTP://www.abdir.com.br/doutrina/ver.asp?art\\_id=1461&categoria=](http://www.abdir.com.br/doutrina/ver.asp?art_id=1461&categoria=) Acesso em: 3 de julho de 2012.

decisão faz com que o artigo 21 do Estatuto do Estrangeiro esteja desatualizado, pois este obriga o fronteiriço residir no próprio país. (LOPES, 2009, p. 434)

Outro acordo destacado pela Cristiane Maria Sbalqueiro Lopes (LOPES, 2009, p. 435) é entre Brasil e Argentina acerca da Localidade Fronteiriças vinculadas celebrado em 30 de novembro de 2005, foi somente aprovado pelo Senado Federal em 31 de maio de 2011<sup>203</sup> e representa “o mais avançado acordo sobre o tema” como podemos observar nos direitos expressamente previstos no artigo III:<sup>204</sup>

- a) Exercício de trabalho, ofício ou profissão de acordo com as leis destinadas aos nacionais da Parte onde é desenvolvida a atividade, inclusive no que se refere aos requisitos de formação e exercício profissional, gozando de iguais direitos trabalhistas e previdenciários e cumprindo as mesmas obrigações trabalhistas, previdenciárias e tributárias que delas emanam;
- b) Acesso ao ensino público em condições de gratuidade e reciprocidade;
- c) Atendimento médico nos serviços públicos de saúde em condições de gratuidade e reciprocidade;
- d) Acesso ao regime de comércio fronteiriço de mercadorias ou produtos de subsistência, segundo as normas específicas que constam no Anexo II; e
- e) Quaisquer outros direitos que as Partes acordem conceder.

Desta forma, observa-se que o Acordo trata de questões importantes para os dois países e a autora sugere até que este acordo sirva de modelo para integrar os países que fazem fronteira com o Brasil para que se tenham mais acordos como este sobre as Localidades Fronteiriças Vinculadas.

---

<sup>203</sup> Senado aprova ampliação de direitos para habitantes da fronteira Brasil-Argentina. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/retrospectiva2011/relacoes-exteriores/senado-aprova-ampliacao-de-direitos-para-habitantes-da-fronteira-brasil-argentina>. Acesso em 06 de setembro de 2013.

<sup>204</sup> Texto do Acordo disponível em: [http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/2005/b\\_211/](http://dai-mre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/2005/b_211/). Acesso em 06 de Setembro de 2013.

Ainda, ante o exposto acerca do fronteiroço até o momento, observa-se que este não tem maiores dificuldades para regularizar sua situação laboral e de livre circulação, pois Cristiane Maria Sbalqueiro Lopes explica que este trabalhador precisa do documento de identidade para fronteiroço que é expedido pelo Departamento de Polícia Federal, a partir dessa identificação poderá ser concedido a esse fronteiroço a CTPS pelos postos locais de Atendimento ou em Subdelegacias do Trabalho autorizadas a emitirem a Carteira de Trabalho para estrangeiros. (LOPES, 2009, 439)

Ao que se refere à seguridade social do estrangeiro, esta será abrangida pelo “Acordo Multilateral de Seguridade Social do Mercosul” (Dec. 5722/06), desta forma a contagem do tempo de contribuição será recíproca.

Apesar da visão otimista de Cristiane Maria Sbalqueiro Lopes, há controvérsia no cenário de integração do trabalhador fronteiroço, como bem disserta Ana Paula Sefrin Saladini,<sup>205</sup> que destacou o trabalho irregular de fronteiroços, pois muitas vezes a livre circulação bem como a regulamentação do labor não é facilitada nas regiões economicamente integradas.

O autor Francisco das C. Lima Filho aduz que o Direito do Trabalho nesse contexto fronteiroço é uma ferramenta da política de integração no âmbito do reconhecimento dos direitos laborais para a garantia dos direitos sociais e fundamentais do trabalhador imigrante.

## **Conclusão**

Assim este trabalho tratou de fazer uma discussão da nova concepção de fronteira, que vai além do conceito de limite, delimitação, pois ela se configura como uma zona de conflitos e disputas sociais e culturais, haja vista estar situada em regiões de pluralidades culturais, onde há uma luta pelo reconhecimento de identidades e de interesses políticos e sociais.

As peculiaridades fronteiroças trazem para o direito do trabalho a importante tarefa de compatibilizar a legislação com as demandas da região, pois esta se configura por possuir grande

---

<sup>205</sup> SALADINI, Ana Paula Sefrin. **Trabalho e Imigração**: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais. Jacarezinho/PR, 2011, 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) – Pós Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná, p. 193.

fluxo de mobilização de trabalhadores migrantes que por muitas vezes trabalham na informalidade e tem seus direitos trabalhistas negados.

Dentro desse contexto de informalidades observa-se que há acordos bilaterais entre países que fazem fronteiras com o Brasil, legislações específicas para os trabalhadores fronteiriços a fim de legalizar a prestação de trabalho e assegurar todos, os direitos humanos e trabalhistas. No entanto apesar da flexibilização da legislação trabalhista para esses trabalhadores o cenário que se observa na fronteira é a dificuldade de efetivar os direitos trabalhistas, pois não há uma integração das legislações trabalhistas, porque ainda há dificuldade em garantir a livre circulação de trabalhadores entre as regiões economicamente integradas.

### **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010

Convenção da ONU sobre a proteção dos Direitos dos Trabalhadores Migrantes, art. 2.º, 2, a. 1990.

Economia em alta aumenta trabalho ilegal na fronteira. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id=1295150> . Acesso em 23 de março de 2013

Fronteiras brasileiras: os limites do nosso território. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/fronteiras-brasileiras-os-limites-do-nosso-territorio.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

LIMA FILHO, Francisco das C. **Trabalhador migrante fronteiriço**. Disponível em [HTTP://www.abdir.com.br/doutrina/ver.asp?art\\_id=1461&categoria=](HTTP://www.abdir.com.br/doutrina/ver.asp?art_id=1461&categoria=) Acesso em: 3 de julho de 2012.

LOPES, Cristiane Maria Sbalqueiro. **Direito de Imigração: O Estatuto do Estrangeiro em uma perspectiva de direitos humanos**. Porto Alegre: Núria Fabris Ed. 2009.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. et al. (Orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB - Porto Alegre, 1998. p, 40.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 26.

MERCOSUL. **Declaração Sociolaboral do Mercosul**. Documento eletrônico disponível em:

<[http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:isA5mdinehoJ:www.stf.jus.br/arquivo/cms/forumCorteSupremaNorma/forumCorteSupremaNorma\\_AP\\_75320.pdf+declara%C3%A7%C3%A3o+sociolaboral+do+mercosul&hl=PTBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShIaEdwAXidVWJCE5oRsfE\\_2vu9Cz69v4kagc3eyuC\\_tUCGPZzNjVmfJw2aUi3Pt6dLaGLXFGhq-hT3pZbAEQ1xLYyu5LBF1mEllrYq69qj1GFX3PhRbKusC5R XR8ESBeWxV6Aq&sig=AHIEtbSMI8viG8ncs4teSgClctvXAG362g](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:isA5mdinehoJ:www.stf.jus.br/arquivo/cms/forumCorteSupremaNorma/forumCorteSupremaNorma_AP_75320.pdf+declara%C3%A7%C3%A3o+sociolaboral+do+mercosul&hl=PTBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShIaEdwAXidVWJCE5oRsfE_2vu9Cz69v4kagc3eyuC_tUCGPZzNjVmfJw2aUi3Pt6dLaGLXFGhq-hT3pZbAEQ1xLYyu5LBF1mEllrYq69qj1GFX3PhRbKusC5R XR8ESBeWxV6Aq&sig=AHIEtbSMI8viG8ncs4teSgClctvXAG362g)>. Acesso em 20 de junho de 2013.

MORENO, Jonas Ratier; AFONSO, Yadda Beatriz Gomes de A. Dysman C.S. Siger. **O Direito do Trabalho Internacional Transfronteiriço: Diagnóstico e Perspectiva**. Revista do Ministério Público do Trabalho do Mato Grosso do Sul. Volume 1, n.º1 – abril de 2007. Campo Grande: PRT 24.<sup>a</sup>, 2007 – V. Anual, ISSN 1981-3457.

Regularização de trabalhadores estrangeiros cai na fronteira do MS. Disponível em: <http://observatoriodafrenteira.wordpress.com/2012/05/17/regularizacao-de-trabalhadores-estrangeiros-cai-na-fronteira-de-ms/> . Acesso em 23 de março de 2013.

SALADINI, Ana Paula Sefrin. **Trabalho e Imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais**. Jacarezinho/PR, 2011, 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica) – Pós Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Senado aprova ampliação de direitos para habitantes da fronteira Brasil-Argentina. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/retrospectiva2011/relacoes-exteriores/senado-aprova-ampliacao-de-direitos-para-habitantes-da-fronteira-brasil-argentina>. Acesso em 06 de setembro de 2013.



## **Domesticando o movimento indígena: O multiculturalismo no Equador neoliberal**

Fernando Larrea Maldonado<sup>206</sup> (Universidade Federal da Bahia, ferlarrea@gmail.com)

### **Resumo**

O artigo indaga sobre as respostas do Estado equatoriano durante as duas últimas décadas ao ciclo de lutas aberto pelo movimento indígena. Argumenta que o Estado equatoriano articulou uma política neoindigenista compatível com o modelo neoliberal que permitiu preservar os processos de acumulação capitalista no campo. Esta política incorporou a participação de representantes indígenas na sua gestão e teve como eixo articulador a adoção pelo Estado do multiculturalismo como discurso dominante e dispositivo de poder. Contribuiu assim para a desmontagem dos conteúdos contestatórios presentes no discurso indígena, transformando as expectativas e o perfil de alguns de seus representantes. Neste artigo se apresenta sucintamente este processo com referências a alguns momentos chave da história recente que marcaram politicamente as relações do movimento indígena com o Estado equatoriano.

Palavras chave: Movimento indígena, Estado, multiculturalismo, biopolítica, neoindigenismo.

### **Abstract**

The article explores the responses given by the Ecuadorian State during the past two decades to the cycle of struggles originated by the indigenous movement. It argues that the Ecuadorian government articulated a neo-indigenism policy compatible with neoliberalism, which allowed it to continue capitalist accumulation processes in the rural sector. This policy incorporated the participation of indigenous representatives in its management, and its core focus was the adoption by the State of multiculturalism as its dominant discourse and apparatus of power. It thereby contributed to dismantling of the contesting elements of the indigenous movement, transforming the expectations as well as the public image of some of their representatives. This article succinctly presents

---

<sup>206</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (PPGCS – UFBA) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

this process with references to some key moments in recent history that marked political relationships between the indigenous movement and the Ecuadorian government.

Key words: indigenous movement, multiculturalism, biopolitics, neo-indigenism.

## **Introdução**

Em junho de 1990, no Equador, o movimento indígena protagonizou uma enorme mobilização e protesto batizado pela *Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador* CONAIE (a maior organização indígena do Equador) como o primeiro “*levantamiento indígena nacional*”. Desde então a palavra levantamento, que relembra as sublevações indígenas durante a colônia espanhola ou no século XIX, integrar-se-ia no léxico político equatoriano contemporâneo e no imaginário coletivo para se referir aos protestos indígenas de dimensão nacional, com ocupações dos espaços públicos e com capacidade de parar o país.

Mas o levantamento indígena de 1990 não trouxe somente novas palavras com dimensões simbólicas e ideológicas em torno as quais o movimento construiria seu discurso político. Significou fundamentalmente a irrupção do movimento indígena com sua própria voz e discurso político na arena política nacional e o início de um ciclo de protestos que ultrapassariam toda a década dos noventa colocando a questão étnica no debate nacional e no centro da relação entre o movimento indígena e o Estado. Ao situar como ponto nodal de suas demandas o reconhecimento constitucional do Equador como um “Estado plurinacional e intercultural” e os direitos dos povos e nacionalidades indígenas, o movimento indígena confrontou os fundamentos da estruturação política do Estado equatoriano. Ao mesmo tempo interpelou as noções de cidadania constituídas no ordenamento simbólico da sociedade nacional a partir da existência de uma fronteira étnica como matriz binária de classificação social que estabelecia a diferença como inferioridade e consequentemente legitimava a dominação da população indígena pela cidadã branco-mestiça (Guerrero, 1998).

Mesmo que o levantamento de 1990 colocou num primeiro plano a questão étnica no país, teve como um de seus principais eixos reivindicativos a solução de vários conflitos de terra na região da serra e a abertura de demandas territoriais no caso da Amazônia. Significou também uma reação às políticas de ajuste estrutural da economia, as quais tiveram um impacto direto para as comunidades. Neste sentido, no levantamento indígena de 1990 as demandas indígenas mistu-

ravam conteúdos étnicos e classistas, na medida em que as comunidades indígenas andinas são ao mesmo tempo camponesas.

O ciclo aberto desde 1990 de mobilizações e levantamentos indígenas teve ao mesmo tempo como cenário de fundo às profundas transformações experimentadas pela sociedade e o Estado Equatoriano como consequência da aplicação das reformas neoliberais, sustentadas no Consenso de Washington. Em muitos momentos o Movimento campesino indígena converteu-se no movimento social mais dinâmico nas lutas de resistência à aplicação do neoliberalismo, junto com uma diversidade de organizações sociais e políticas.

O Estado equatoriano não foi imune a este ciclo de lutas indígenas. Sucessivas crises políticas abriram espaços para que as demandas indígenas pelo reconhecimento de direitos coletivos fossem aceitas. Pode-se afirmar que a partir da irrupção do movimento indígena como um novo agente no cenário político nacional nos anos 90, o Estado equatoriano re-definiu sua relação com os indígenas, articulando progressivamente por meio de distintos mecanismos uma política neo-indigenista coerente e compatível com o modelo neoliberal, política que incorpora a participação de representantes indígenas em sua gestão. Na perspectiva deste trabalho, trata-se de uma biopolítica que toma como sujeito e objeto da mesma à população indígena. O argumento central do trabalho é que esta política teve como eixo articulador à adoção pelo Estado de um multiculturalismo adequado com as reformas neoliberais (multiculturalismo no neoliberalismo) como discurso dominante e como dispositivo de poder. Esta política permitiu ao Estado equatoriano processar as demandas indígenas, estabelecer algumas concessões e abrir espaços na institucionalidade estatal para a participação indígena, ao mesmo tempo em que garantia os processos de acumulação capitalista no campo. Deste jeito conjuraram-se os perigos internos e as ameaças que trazia a mobilização indígena e seus questionamentos às reformas neoliberais.

Paralelamente, como resultado deste processo de interação com o Estado e da incorporação da participação dos representantes indígenas na gestão desta política, se produz uma progressiva desmontagem dos conteúdos contestatórios presentes no discurso do movimento indígena, transformando as expectativas e o perfil de seus representantes. Neste trabalho se apresenta sucintamente este processo com referências em alguns momentos chave da história recente que marcaram politicamente as relações do movimento indígena com o Estado equatoriano.

**Enlaces conceituais: Discurso, poder, biopolítica e hegemonia**

Para a compreensão do papel do discurso na vida social, desde diversas posições teóricas os cientistas sociais e semiólogos outorgam uma maior importância ao contexto social e dentro deste às relações de poder. Particular relevância têm as contribuições de Foucault em torno à relação entre o discurso e o poder que marcam a perspectiva teórica deste trabalho.

Para Foucault o poder é constitutivo do corpo social na medida em que múltiplas relações de poder o “perpassam” e “caracterizam”. O poder constitui “em si mesmo, primariamente, uma relação de força” e “se exerce e só existe em ato” (Foucault, 2005: 21). No pensamento de Foucault, o poder está indissociavelmente relacionado com o saber, em tanto o conhecimento é produzido como uma função de relações de poder. Assim, as relações de poder “não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro (...) Somos submetidos pelo poder à produção de verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (Foucault, 2005: 28). Mas ao mesmo tempo em que os processos de produção de verdade se inscrevem nas relações, mecanismos e procedimentos de poder e se apóiam em um suporte institucional, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1999: 10).

Esta visão do discurso diretamente vinculado e atravessado pelas relações de poder na sociedade encarna uma dupla dimensão, como condensação das relações existentes que determinam o que pode ser dito num momento e num contexto determinado e ao mesmo tempo como uma arma que constrói e significa a realidade, posiciona aos sujeitos sociais e incide nas relações de poder (quem fala, desde onde, em que situação, quais são os interlocutores). No caso do movimento indígena equatoriano, estas duas dimensões são cruciais no momento de entender as condições de surgimento de um discurso político sobre si mesmo, que o constituiu como agente político com capacidade de se representar e ser reconhecido como interlocutor na cena pública.

De outro lado, na perspectiva deste trabalho, é necessário destacar as noções de governamentalidade e de biopolítica na caracterização das relações entre discurso e poder no pensamento de Foucault. Este autor desenvolve estas noções ao analisar os mecanismos e dispositivos de poder que emergem no momento no qual a população passa ser o objeto e o sujeito da “arte de governar”. A governamentalidade é entendida por este filósofo como “o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas” que permitem exercer essa forma de poder “que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (Foucault, 2008:

143). Trata-se por tanto de uma tecnologia de poder que se estende a partir do século XVIII, que toma a população como meta final e ao mesmo tempo como instrumento do governo e “que visa portanto não o treinamento individual, mas pelo equilíbrio global, algo como uma homeóstase: a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos” (Foucault, 2005: 297). Assim, o conceito de governamentalidade está diretamente vinculado com as táticas de governo subjacentes à formação do Estado moderno.

Para Foucault esta tecnologia de poder não suplanta o poder soberano que fundamenta a lei, nem os dispositivos disciplinares (analisados em varias de suas obras). Pelo contrário adverte: “Temos de fato, um triângulo –soberania, disciplina e gestão governamental–, uma gestão governamental cujo alvo principal é a população e cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança” (Foucault, 2008: 143). A característica dos dispositivos de segurança é sua capacidade de regular a realidade sobre a qual atuam: os fenômenos da ordem coletiva que atingem a população como conjunto. População considerada ao mesmo tempo como objeto, o alvo ao qual apontam estes mecanismos para obter efeitos determinados e previsíveis; quanto como sujeito, pois é a ela que se pede que se comporte de determinado jeito. Isso supõe o desenvolvimento de saberes específicos relacionados com a análise de séries de acontecimentos prováveis e seus custos.

As tecnologias de poder integram-se, sobrepõem-se, exprimem-se, complementam-se e concretizam-se em estratégias de conjunto, assumindo assim formas específicas de conjugação da relação poder/saber. Para Foucault com o aparecimento da governamentalidade como tecnologia de poder, o problema da soberania se coloca com maior agudeza na definição do fundamento do direito, das formas jurídicas e institucionais que pode tomar “a soberania que caracteriza um Estado” (Foucault, 2008: 141). Da mesma forma, a disciplina nunca “foi mais importante e mais valorizada do que a partir do momento em que se procurava administrar a população –e administrar a população não quer dizer simplesmente administrar a massa coletiva dos fenômenos ou administrá-los simplesmente no plano de seus resultados globais; administrar a população quer dizer administrá-la igualmente em profundidade, administrá-la com sutileza e administrá-la em detalhe” (Foucault, 2008: 142). A economia política aparece aqui como a forma primordial de saber que vai permitir esta administração minuciosa da população.

Junto com o manejo da população como sujeito e objeto das táticas de governo surge uma serie de técnicas ou mecanismos de regulação de fenômenos e processos coletivos que se relacionam com a vida. Estes mecanismos de regulação aplicam-se à “vida dos homens”, a saber, não sobre os corpos individuais (como no caso do poder disciplinar), mas ao homem como “ser vivo”,

à “multiplicidade dos homens” na medida que esta multiplicidade forma uma “massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc.” (Foucault, 2005: 289). Ao se referir a estes mecanismos de regulação sobre a vida e os processos biológicos do homem/espécie, Foucault introduz o conceito de biopoder ou biopolítica, constatando uma tendência conducente para a “estatização do biológico” (Foucault, 2005: 286).

De esta forma, em quanto o poder disciplinar opera sobre os sujeitos em tanto indivíduos, como corpos e almas, para submetê-los, treiná-los, produzi-los como sujeitos, o biopoder por sua vez opera sobre a população como conjunto, sobre o homem/espécie, regulando a vida em geral. Assim, Foucault delinea duas séries: “a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a série população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado” (Foucault, 2005: 298) que configuram a sociedade de normalização que caracteriza ao capitalismo industrial.

Para finalizar este rápido percurso em torno às categorias teóricas que subsidiam este trabalho é importante salientar a complementaridade que as noções de governamentalidade e de biopolítica oferecem em relação à visão da hegemonia de Gramsci<sup>207</sup>. Assim, pode-se afirmar que a “arte de governar” (à que se refere em última instância a governamentalidade) constitui precisamente a “arte” da construção de hegemonia desenvolvida nas sociedades capitalistas, destinada à administração minuciosa da população, transformando seus comportamentos, percepções e práticas para conjurar seus perigos internos. Igualmente, na medida em que a biopolítica por meio de seus mecanismos regularizadores se traduz na possibilidade de qualificar a vida, melhorar seus desempenhos, incorpora frequentemente na sua lógica o bem-estar dos governados, extraíndo sua própria força da força de seus súbditos, obrigando ao Estado a gerar prestações em múltiplos âmbitos: desde a defesa, até a economia e a saúde pública (Esposito, 2006). Deste jeito as biopolíticas constituem poderosos instrumentos para a construção de consenso e legitimação. Para Gramsci, a hegemonia pressupõe indubitavelmente que se considerem os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais se exerce esta hegemonia (neste sentido extraíndo sua própria força da força

---

<sup>207</sup> Ao conjugar a coerção com o consenso na noção de hegemonia, Gramsci abriu um terreno fértil de discussão sobre os mecanismos que permitem que a supremacia da burguesia nos modernos Estados capitalistas se traduza e sustente num consenso ativo das classes dominadas, na sua aceitação da ordem estabelecida como uma ordem natural, permitindo assim a reprodução do sistema capitalista. Gramsci coloca como a supremacia de um grupo social se manifesta tanto como domínio (no sentido da coerção e presença direta ou latente do uso da força) e ao mesmo tempo como direção intelectual e moral na sociedade (Gramsci, 2002).

de seus súditos), o que implica o estabelecimento de concessões para as classes dominadas na medida em que não envolvam o “essencial” em relação ao núcleo decisivo da atividade econômica no capitalismo (Gramsci, 2000: 48).

### **O multiculturalismo no neoliberalismo como discurso dominante e dispositivo de regulação biopolítico no Equador**

A perspectiva teórica adotada neste trabalho permite situar as relações entre o Estado e o movimento indígena, operadas desde 1990 a partir da irrupção do movimento na cena política nacional, num campo estratégico de relações de força que vão se modificando em função de um conjunto de condicionamentos históricos nos quais se insere a questão indígena no Equador, das exigências do processo de desenvolvimento capitalista na fase neoliberal e da atuação do movimento frente ao Estado e as classes dominantes. Além das diferenças e definições conjunturais presentes na gestão de um ou de outro governo em relação à questão étnica, ao colocar a discussão em termos das tecnologias de poder, das táticas que se desenvolvem, é possível analisar as ações e políticas impulsionadas pelo Estado desde o ponto de vista de seus pontos de convergência, da coerência subjacente que elas vão alcançando na sua articulação em “estratégias de conjunto” destinadas a administrar a população indígena e a questão étnica. Ao mesmo tempo supõe a possibilidade de entender a confluência destas táticas, ações e políticas com outras forças presentes ao nível nacional e internacional, além do espaço restrito à institucionalidade do Estado. Neste sentido, a adoção por parte do Estado de um multiculturalismo adequado ao neoliberalismo pode ser considerada como um eficiente dispositivo de poder/saber e de construção de hegemonia para a administração da população indígena no Equador, conjurando os perigos implícitos no seu processo de mobilização e nos seus questionamentos ao modelo neoliberal. Ao mesmo tempo esta abordagem contribui na compreensão das complexas dinâmicas do movimento no decorrer das duas últimas décadas e como as respostas desde o Estado e a sociedade têm moldado suas ações, re-configurado seus discursos, e se adequando às condições impostas pelo processo de desenvolvimento capitalista no seu momento neoliberal.

Para caracterizar os principais elementos desta política de administração da população indígena podem se identificar 5 eixos principais ao redor dos quais ela foi concretizada. Estes são: 1) o enquadramento dos mecanismos de diálogo e negociação do Estado com o movimento após os distintos levantamentos numa pauta restrita que impossibilitou reverter a aplicação das políticas neoliberais e as tendências da acumulação capitalista no campo; 2) o estabelecimento de conces-

sões e o reconhecimento de direitos coletivos na Constituição, com escassa aplicabilidade ao não se emitir a legislação secundária, sem modificar as condições de subordinação indígena nem atingir aspectos relativos às relações econômicas; 3) a geração de um neo-indigenismo de Estado por meio da criação de uma institucionalidade indígena especificamente dedicada para esta população y gerida pelos representantes índios; 4) a entrega de recursos destinados para as comunidades indígenas e a atenção de demandas pontuais no espaço de confluência do campo político com o campo social do desenvolvimento; 5) a incorporação e cooptação ativa das lideranças e dos representantes indígenas na gestão dos espaços abertos no Estado ao nível de ministérios, das entidades estatais para os povos indígenas, na gestão de governos locais e de projetos de desenvolvimento orientados para esta população.

Ao fazer uma revisão destas políticas e de seu surgimento em distintos governos ou em alguns momentos chave da história recente equatoriana (referidos à relação Estado– Movimento indígena) é interessante constatar que elas têm como discurso articulador e como justificativa o respeito à diversidade cultural e um multiculturalismo de Estado que parte do reconhecimento do Equador como país pluriétnico e multicultural.

O discurso do multiculturalismo desenvolve-se ao nível internacional e adquire centralidade como um discurso dominante durante as décadas de 1980 e 1990, num contexto marcado por um novo ciclo de acumulação e expansão do capital em escala planetária (globalização econômica), ciclo caracterizado pelo predomínio das grandes corporações transnacionais e do capital financeiro: o momento neoliberal do capitalismo global. Concomitantemente, frente a uma suposta homogeneização e padronização cultural que este processo deveria ter provocado, nestes anos observa-se o ressurgir de uma multiplicidade de identidades particulares em distintas partes do mundo que se exprime numa série de reivindicações e conflitos de caráter étnico, regional, nacional ou religioso (Díaz Polanco, 2009). Na América Latina também encontramos este florescimento identitário, particularmente vinculado com o emergir dos movimentos indígenas. Desde diversas posições teóricas e políticas, a ênfase na diversidade e nas diferenças culturais acompanharam este ressurgimento.

O discurso do multiculturalismo condensa de forma emblemática a mudança nas posturas teóricas e políticas para permitir uma adequada gestão das diferenças e da diversidade cultural no contexto do capitalismo global e dos Estados liberais. Assim, procurar-se-ia que em uma sociedade diversa os distintos grupos étnicos em questão ocupem uma posição de igualdade frente ao Es-



tado, a partir de um ato de reconhecimento de esta diversidade orientado a gerar práticas políticas e redistributivas mais inclusivas (Cervone, 2009: 201)<sup>208</sup>.

O discurso do multiculturalismo ao se referir ao reconhecimento de direitos diferenciados no contexto de uma suposta igualdade cidadã, concentra a discussão nos aspectos jurídicos e culturais. Deixa de lado por tanto as dinâmicas econômicas decorrentes da produção capitalista, geradoras de desigualdades que incidem diretamente sobre os direitos individuais ou de grupo e que geralmente se fusionam com as diferenciações étnicas ou culturais. Neste sentido também não coloca nenhum nível de relação entre as distinções de classe e etnia como elementos estruturantes nos quais se assenta a desigualdade. Além de isso, como afirma Cervone (2009), chama à atenção a ausência de qualquer questionamento sobre a natureza do Estado-Nação. O ponto de partida e de chegada é o Estado liberal (generalizando-se as características do mesmo a partir dos casos de Canadá e Estados Unidos) sem problematizar as relações estruturantes de dominação.

Desde uma perspectiva crítica ao discurso do multiculturalismo, Zizek coloca que este foi *“asumido como forma ideal de la ideología del capitalismo global que –desde una suerte de posición global vacía– trata a cada cultura local como el colonizador trata al pueblo colonizado: como ‘nativos’, cuya mayoría debe ser estudiada y ‘respetada’ cuidadosamente”* (Zizek, 2005: 172). Para este autor, a expansão capitalista que se concretiza numa ordem mundial (cujos rasgos universais se exprimem no mercado mundial, nos direitos humanos e na democracia), na qual o poder colonizador surge diretamente das empresas multinacionais, supõe sua própria ficção hegemônica de tolerância multiculturalista e se permite o florescimento de diversos estilos de vida em sua particularidade. O multiculturalismo constitui uma *“forma de racismo negada, invertida, autorreferencial”*, na qual o respeito à identidade do Outro, concebido como uma comunidade autêntica, fechada, realiza-se desde uma posição ou um *“punto vacío de universalidad”* privilegiada, desde onde pode se *“apreciar (y despreciar) adecuadamente las otras culturas particulares: el respeto multiculturalista por la especificidad del Otro es precisamente la forma de reafirmar la propia superioridad”* (Zizek, 2005: 172).

---

<sup>208</sup> Charles Taylor (2009) e Will Kymlicka (1996) são as principais referências teóricas do multiculturalismo, com suas análises a partir do caso de Canadá. Estes autores procuram compatibilizar o reconhecimento de direitos específicos e coletivos para populações com identidades culturais diferenciadas, com a universalização de direitos e a noção liberal de cidadania nos Estados liberais.

Na mesma tônica, Díaz Polanco adverte que nesta fase globalizadora do capital, a valorização da diversidade segundo a lógica de promover certa politização da cultura que provoca a despolitização da economia e da política mesma, favorece a consolidação do sistema e aos grandes negócios corporativos (Díaz-Polanco, 2009). Na sua análise da relação entre o capitalismo atual e a questão da identidade cultural das populações indígenas, as diferenças deixam de ser ignoradas ou atacadas diretamente, para dar passo a uma nova estratégia orientada a sua dissolução gradual, por meio da atração, a sedução e a transformação. Díaz-Polanco acunha a noção de etnofagia para se referir a esta estratégia por seu caráter devorador e assimilador das identidades étnicas por meio de um conjunto de imãs socioculturais e econômicos colocados para atrair, desarticular e dissolver aos grupos diferentes. Este momento etnofágico não exclui o objetivo da integração, mas ela é promovida por outros meios, modelando as diferenças culturais sob o manto do respeito e a exaltação dos valores indígenas. O Estado se apresenta como o garante e o protetor dos valores étnicos no momento de atenuar os impactos dos procedimentos do capitalismo selvagem. Ao mesmo tempo incorpora a participação de representantes dos grupos étnicos para lhes converter em promotores da integração “por vontade própria”, como ideólogos e agentes das novas práticas indigenistas (Díaz-Polanco, 2009).

O predomínio do multiculturalismo como enfoque teórico e político supõe uma concepção sobre a diversidade e como tratá-la, definindo assim as condições em que as identidades podem ser aceitas, inserindo-as no sistema de dominação; nesse contexto se compreende a adoção de reformas legais que reconhecem o caráter pluricultural da sociedade e estabelecem alguns direitos específicos para os povos indígenas, ao mesmo tempo em que se aplicam modelos de desenvolvimento e políticas socioeconômicas enquadradas no neoliberalismo, que corroem diretamente a identidade dos povos indígenas desde seus cimentos: as comunidades. Deste jeito precisam-se e delineiam-se “os limites da tolerância” neoliberal para o diferente, procurando que nenhum reconhecimento afete a ordem política e o modelo econômico. Díaz Polanco conclui: *“El multiculturalismo se ocupa de la diversidad en tanto diferencia ‘cultural’, mientras repudia o deja de lado las diferencias económicas y sociopolíticas que, de aparecer, tendrían como efecto marcar la disparidad respecto al liberalismo que está en su base”* (Díaz-Polanco, 2009: 23).

Nesta linha de análise é possível afirmar que o discurso do multiculturalismo, como discurso hegemônico e enfoque teórico político para um adequado tratamento das diferenças e a diversidade no neoliberalismo, realiza um triplo processo caracterizado por: a) o deslocamento de toda articulação na abordagem dos processos culturais com os elementos econômicos, sociais e

políticos, provocando uma sobrevalorização da esfera cultural em relação às outras dimensões da realidade social; b) concomitantemente, o deslocamento da noção de classe nas lutas sociais pela primazia das identidades culturais ou étnicas, consideradas da mesma maneira isoladas dos processos econômicos e sociais e de seus vínculos com qualquer conteúdo classista (por exemplo, as identidades indígenas resultantes perdem os conteúdos vinculadores com a condição de camponeses, como se tratasse de duas realidades contrapostas); c) a redução do horizonte das políticas públicas por parte do Estado para os povos indígenas e seu enquadramento em políticas da identidade, as quais supõem o reconhecimento da diversidade no seus aspectos culturais, a concessão de alguns direitos de difícil aplicação e de programas de desenvolvimento com um viés assistencialista, destinados a paliar os impactos do modelo econômico sobre as comunidades indígenas; neste horizonte não se consideram políticas que pudessem colocar em risco o modelo de acumulação ou que incidam nos fatores estruturais que determinam a desigualdade econômica e a subordinação dos povos indígenas.

Uma revisão rápida do acontecido nas relações entre o Estado equatoriano e o movimento indígena durante as duas últimas décadas permite entrever como operou o multiculturalismo enquanto mecanismo de regulação biopolítico, como dispositivo de segurança orientado à administração da população indígena para um tratamento adequado das diferenças culturais no marco do neoliberalismo, conjurando os perigos internos que os protestos e levantamentos indígenas representavam para este modelo econômico.

Assim, em primeiro lugar, o multiculturalismo se posicionou como discurso diretriz para conduzir a ação do Estado em relação à questão étnica. Por meio do multiculturalismo o Estado-Nação encontrou na diversidade cultural seu próprio espaço de legitimação e de construção de hegemonia. Como vacina contra os efeitos perturbadores que representavam os levantamentos indígenas e os questionamentos do movimento ao sistema de dominação étnica, aos fundamentos etnocêntricos e a natureza do Estado-Nação, para manter o curso do modelo neoliberal e o padrão de acumulação capitalista (especialmente na agricultura), com o multiculturalismo o Estado equatoriano se imunizou injetando-se uma pequena dose de tolerância e valorização da diversidade cultural. Deste jeito administrou y desenhou políticas por meio das quais domesticou e enquadrou as demandas étnicas num curso assimilável pelo Estado, políticas que marcam certa continuidade com os afãs integracionistas que caracterizaram o indigenismo na América Latina. Como exemplos destas políticas têm a criação de entidades do Estado especificamente orientadas para a popu-

lação indígena como o CODENPE<sup>209</sup>, e as reformas constitucionais para reconhecer os direitos indígenas.

O processo de reformas constitucionais, desenvolvido com a “*Asamblea Nacional Constituyente*” no ano 1998 é o processo que melhor exprime o giro multicultural dado pelo Estado equatoriano para o estabelecimento de concessões respeito às demandas indígenas centradas então no reconhecimento do Estado equatoriano como um Estado plurinacional. Com a participação de “representantes indígenas” (eleitos por votação popular) o Estado equatoriano reconheceu uma ampla gama de direitos coletivos dos povos e nacionalidades indígenas. Estes direitos coletivos serão posteriormente ratificados e ampliados na Constituição de 2008, com a diferença de que esta vez o Estado equatoriano se reconhece como um Estado plurinacional e intercultural. Mesmo que o reconhecimento destes direitos possa ser interpretado como uma importante conquista do movimento indígena em suas relações com o Estado e, como coloca Cervone, implicou “*la redefinición de la identidad nacional desplazándola desde la ideología del mestizaje al paradigma de la diversidad multicultural*” (Cervone, 2009: 200), apresenta-se o paradoxo de que ao não ter sido aprovada nenhuma legislação secundária nem a regulamentação que permita que estes direitos possam ser aplicáveis em termos concretos, os mesmos ficam colocados numa espécie de limbo jurídico. Neste sentido o processo equatoriano também se enquadra com o acontecido em outros países latino-americanos que incorporaram reformas constitucionais para reconhecer a diversidade cultural de suas sociedades e estabelecer direitos específicos para os povos indígenas. Embora, o balanço que se faz no momento de verificar os resultados deste reconhecimento, tanto no que diz respeito a seu cumprimento como a seu alcance para a transformação das relações de opressão e dominação, é claramente insatisfatório e desalentador (Burguete, 2008). De uma parte, nas Constituições se enunciam direitos, mas ao não ter estes direitos um caráter vinculativo, impede-se sua aplicação. De outra parte, este reconhecimento de direitos se faz acompanhado de políticas que atingem diretamente as condições de reprodução das comunidades e que favorecem as dinâmicas de acumulação capitalistas a costa da exploração e pobreza das comunidades e a espoliação dos recursos de seus territórios, quando eles são de interesse para o capital.

---

<sup>209</sup> Consejo de Planificación y Desarrollo de los Pueblos Indígenas y Negros, criado em 1997 durante o governo interino de Alarcón.

Um segundo aspecto a destacar é que o multiculturalismo como mecanismo biopolítico de governo incidu no processo de subjetivação dos que constituíam seu objeto principal, modelando e disciplinando as consciências e as práticas dos indígenas como sujeitos. Assim, penetrou nas percepções do movimento indígena e de seus representantes enquadrando suas expectativas e reivindicações no terreno do “politicamente correto” do possível e aceitável pelo próprio Estado, provocando uma discriminação entre sujeitos reconhecidos e perigosos<sup>210</sup> impondo uma regulação moral sobre eles. Em relação ao conjunto do movimento indígena, desde seus representantes até suas comunidades de base, o dispositivo multicultural contribuiu para domesticar seu discurso, suas reivindicações e lutas, por meio de uma tendência a culturalizá-las e esvaziá-las de qualquer conteúdo classista.

Este aspecto pode se observar com o viés etnicista que assumiu o discurso da principal organização indígena do Equador após o levantamento protagonizado em 1994 que parou por duas semanas o país, contra a chamada lei agrária que foi aprovada no governo de Duran Ballén; lei originalmente proposta por os empresários agrícolas com um claro viés neoliberal e que significou o funeral da reforma agrária no Equador. Nesta ocasião a saída aos protestos indígenas e camponeses, os quais novamente combinavam demandas classistas com demandas étnicas, foi a conformação de uma comissão negociadora, com participação das câmaras empresariais e lideranças indígenas, para formular mudanças ao texto da lei, para chegar a uma proposta de “consenso”. Em uma conjuntura desfavorável com um texto de lei aprovado, as modificações ao texto que o movimento indígena conseguiu incluir, não alteraram o sentido nem os conteúdos centrais desta lei. Neste sentido pode se afirmar que desde o Estado inaugurava se uma nova forma de negociação com os indígenas, na qual, ao mesmo tempo em que incorporava e reconhecia aos representantes do movimento como interlocutores legítimos na discussão e negociação das políticas impunham-se os limites de sua atuação, enquadrados na aplicação das políticas neoliberais. Instaurava-se uma estratégia de inclusão e participação índia nos assuntos do Estado, sem modificar a orientação predominante das políticas públicas e terminava-se de configurar a qualidade de sujeito político do movimento indígena em sua dupla acepção: com capacidade de agenciamento, mas sujeitado à moldura que a institucionalidade neoliberal precisava.

---

<sup>210</sup> No atual governo de Correa esta distinção assumiu um maior dramatismo quando 189 lideranças indígenas foram processadas judicialmente sob a acusação de sabotagem e terrorismo ao participar de protestos o ano 2009 e 2010 contra as propostas do governo de novas leis de águas e de mineração (que favorecia a mineração em grande escala).

É possível destacar dois resultados políticos para o movimento indígena deste processo: 1) com a nova legislação agrária vigente se desativaram as demandas camponesas do movimento indígena, deixando o campo aberto para a expansão do agro-negócio e da agricultura capitalista, deslocando a luta pela terra ou pela re-distribuição das concessões de água ao terreno do impensável, do inominável no campo político, do que está fora de discussão; 2) conseqüentemente nos anos seguintes os conteúdos e demandas classistas ligados à questão agrária e que se fusionavam com os conteúdos étnicos (afirmação cultural, autonomia, autogobierno, autodeterminação) desapareceriam do discurso político nacional indígena e somente seriam retomados a partir do 2006 nas mobilizações contra o Tratado de Livre Comércio com os Estados Unidos ou posteriormente, já no governo de Correa, nas lutas pela desconcentração e a distribuição de terras e águas e pela defesa de seus territórios diante as atividades de prospecção e exploração mineira.

Mas também os conteúdos contestatórios presentes na proposta étnica da plurinacionalidade (autonomia, autogoverno, autodeterminação) seriam posteriormente matizados. Isso pode se apreciar com clareza ao aproximar se ao discurso público dos representantes indígenas na “*Asamblea Constituyente*” de 1998 referida anteriormente. No processo de discussão e aprovação dos direitos coletivos na Constituição produziu-se uma adequação sutil das posições dos representantes índios durante a *Asamblea* em concordância com os ventos do multiculturalismo que para então já ressoavam fortemente nos corredores da *Asamblea* e no campo político, como discurso hegemônico tendente a estabelecer os termos no que o Estado podia assumir o reconhecimento da diversidade. Assim, em diferentes espaços os representantes indígenas colocaram com insistência que o que se procurava com o Estado plurinacional era “*que la sociedad mestiza respete las manifestaciones culturales*” dos povos indígenas e que não se pretendia a criação de um outro Estado dentro do Estado equatoriano (*El Comercio*, “*Los indígenas no quieren otro Estado*”, 10-03-1998). Procurava se então incluir reformas que contribuíssem para “*respetar las identidades, tradiciones, valores, costumbres y símbolos y promover las iniciativas y formas propias de producción, organización y convivencia social de las nacionalidades y pueblos indios*” e também sua “*participación en el sistema judicial y de administración pública*” (*El Comercio*, “*CONAIE: Su plan de reforma en 12 puntos*”, 12-06-98). A tendência de “culturalizar” as demandas tinha se instalado nas colocações dos representantes índios e em suas propostas de reforma à Constituição. O dispositivo do multiculturalismo operava condicionando, disciplinando e domesticando o discurso do próprio movimento.

Um terceiro aspecto que deve ser destacado é que o dispositivo multicultural também modela as percepções da população em relação ao mundo indígena e ao tratamento das diferenças culturais, marcando o campo do que pode ser admitido e do que não, condicionando os imaginários sociais referidos ao Estado-Nação e o senso comum “cidadão” sobre a “realidade” índia. As imagens televisivas de um índio folclórico e feliz, que desde sua diversidade cultural contribui para construção de um “país de todos”, trabalhando em terras (alheias) dedicadas à floricultura de exportação onde existe harmonia e não mais exploração, invadem com frequência as publicidades governamentais, empresariais ou eleitorais. A indústria cultural também opera em código multicultural difundindo diferenças construídas artificialmente como uma falsa “*totalidad*”, “*disimulada en el particularismo de unas culturas ‘locales’ que se parecen entre sí sospechosamente*” (Grüner, 2005: 57). Neste sentido é interessante destacar ao revisar as notas da imprensa produzidas no período do levantamento em 1994 contra a lei agrária, como junto com as notícias que davam conta do levantamento, do processo de negociação ou das posições das Câmaras empresariais e do movimento indígena, apareciam editoriais chamando à mesura aos indígenas e reportagens exaltando a diversidade cultural do país numa perspectiva multicultural, destacando a necessidade de que o Estado construa sua unidade reconhecendo as diferenças (*El Comercio*, “¿*Distintos pero unidos?*” 15-07-1994).

Finalmente, o multiculturalismo no neoliberalismo, como dispositivo de poder/saber, soma um conjunto de adesões para sua reprodução como discurso hegemônico e congrega à comunidade acadêmica, intelectuais progressistas, intelectuais indígenas, políticos e funcionários do mundo do desenvolvimento, alinhados com o prestígio da defesa que ele faz da diversidade e a promoção do pluralismo (Díaz-Polanco, 2009). Como coloca Zizek, dado que o horizonte da imaginação social aceita tacitamente que o capitalismo está aqui para ficar, é como que “*la energía crítica hubiera encontrado una válvula de escape en la pelea por diferencias culturales que dejan intacta la homogeneidad básica del sistema capitalista mundial*” (...) Enquanto isso, “*el capitalismo continúa su marcha triunfal*” (Zizek, 2005: 176).

### **Referências Bibliográficas**

BURGUETE, Araceli. “Gobernar en la diversidad en tiempos de multiculturalismo en América Latina”. In: LEYVA, Xochitl; BURGUETE, Araceli; SPEED, Shannon (Coords.). *Gobernar (en) la diversidad: experiencias indígenas desde América Latina: Hacia la investigación de co-labor*. México: CIESAS; FLACSO, 2008, p. 15-64.

CERVONE, Emma. “Los desafíos del multiculturalismo”. In: MARTÍNEZ, Carmen (Comp.). *Repensando los movimientos indígenas*. Quito: FLACSO, 2009, p. 199-214.

DÍAZ-POLANCO, Héctor. *Elogio de la diversidad: Globalización, multiculturalismo y etnofagia*. Caracas: Monte Avila Editores latinoamericana, 2009.

ESPOSITO, Roberto. *Bíos: Biopolítica y filosofía*, Buenos Aires-Madrid: Amorrortu Editores, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUERRERO, Andrés. “Ciudadanía, frontera étnica y compulsión binaria”, *ICONOS* No. 4, Quito: FLACSO, 1988, p. 112-122.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Volume 3*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Volume 5*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

GRÜNER, Eduardo. “El retorno de la teoría crítica de la cultura: una introducción alegórica a Jameson y Zizek”. In: JAMESON, Fredric; ZIZEK, Slavoj. *Estudios Culturales: Reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 11-64.

KYMLICKA, Will. *Ciudadanía multicultural: Una teoría liberal de los derechos de las minorías*. Barcelona - Buenos Aires – México: Paidós, 1996.

TAYLOR, Charles. *El multiculturalismo y “la política del reconocimiento”*. 2ª Ed. México, Fondo de Cultura Económica, 2009.

ZIZEK, Slavoj. “Multiculturalismo o la lógica cultural del capitalismo multinacional”, In: JAMESON, Fredric; ZIZEK, Slavoj. *Estudios Culturales: Reflexiones sobre el multiculturalismo*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 137-188.



**Cuotas de género en la producción periodística y de ficción. Propuestas teóricas y marcos normativos para el cambio**

**Cotas de gênero na produção de jornalismo e ficção. Propostas teóricas e marcos regulatórios para a mudança.**

Florencia Laura Rovetto (CONICET/UNER/IMFC [florencia.rovetto@gmail.com](mailto:florencia.rovetto@gmail.com)); Ana Clara Borsani (UNR/IMFC [anaclarab88@gmail.com](mailto:anaclarab88@gmail.com)); Luciana Caudana (UNR/IMFC [luciana\\_caudana@hotmail.com](mailto:luciana_caudana@hotmail.com)).

En este trabajo nos acercamos a la problemática de las experiencias laborales de las y los profesionales en los medios de comunicación, teniendo en cuenta su articulación con los condicionantes de género y la organización socio laboral en el contexto actual de cambios normativos e institucionales producidos en la actualidad que plantean cambios económicos y culturales para este sector. Para ello recorreremos los antecedentes históricos y teóricos que nos permiten indagar las prácticas y experiencias profesionales en la producción de contenidos periodísticos y de ficción producidos para televisión abierta, atendiendo las modalidades de inserción y promoción en el empleo, las estrategias de conciliación laboral-familiar, así como las diferencias en oportunidades-obstáculos laborales, registrados por mujeres y varones en los ámbitos de trabajo.

**Abstract:**

In this paper we approach the problem of working experiences of the professionals in the media , considering its articulation with the constraints of gender and socio labor organization in the current context of policy and institutional changes in the currently posed economic and cultural changes for this sector. To do this we cross the historical and theoretical background that allow us to investigate the practical and professional experience in producing news content and films produced for broadcasting, addressing the modalities of integration and promotion in employment strategies work - life balance , as well as differences in employment opportunities - obstacles registered by women and men working in the fields .

Palabras claves: género, producción periodística, producción de ficción, igualdad de oportunidades

Key-words: gender, news production, production of fiction, equal opportunities

## 1. Introducción

Aquí nos proponemos recorrer los antecedentes históricos y los cambios normativos, así como los principales antecedentes teóricos que nos permiten abordar las prácticas y experiencias profesionales en la producción de contenidos periodísticos en general, y de ficción producidos para televisión abierta, atendiendo las modalidades de inserción y promoción en el empleo, las estrategias de conciliación laboral-familiar, así como las diferencias en oportunidades-obstáculos laborales, registrados por mujeres y varones en los ámbitos de trabajo.

Abordar el problema de la participación laboral de mujeres y varones en la producción de contenidos informativos de los medios gráficos y audiovisuales y en la producción de contenidos de ficción para la televisión implica delimitar el marco contextual de esta indagación y esbozar las primeras hipótesis de trabajo.

Para ello, nos abocamos a enmarcar el fenómeno en un tiempo presente, determinado por la aplicación de dos leyes nacionales aprobadas en el año 2009: la ley de *Servicios de Comunicación Audiovisual* (N° 26.522) y de *Protección Integral para prevenir, sancionar, y erradicar la violencia contra las mujeres en los ámbitos en que desarrolle sus relaciones interpersonales* (N° 26.485), cuyos tópicos e incidencias se pueden ponderar en los escenarios laborales de los medios locales como muestra representativa de los cambios producidos a nivel nacional.

Ciertamente, las mencionadas normativas constituyen un punto de inflexión para reflexionar sobre la aplicación de su articulado en el sector de los medios de comunicación, en procura de alcanzar el acceso equitativo de varones y mujeres en los procesos de producción y trasmisión de contenidos informativos y ficcionales.

A continuación detallamos las características generales y específicas del contexto de indagación, recorremos los principales aportes teóricos e identificamos las repercusiones de las transformaciones jurídicas relacionadas con la temática para, finalmente, esbozar las primeras hipótesis de trabajo con las que abordamos el fenómeno estudiado.

## 2. Contexto de indagación

Como señalamos más arriba, esta investigación se inscribe en el contexto de los debates actuales sobre sesgo de género y desigualdad en los medios de comunicación que han adquirido una relevancia creciente en las últimas décadas a nivel internacional y, más tardíamente, a nivel nacional, como un problema de derechos y de política pública. Tal debate propició el aumento de la visibili-

zación de la discriminación de género en los medios de comunicación. Las normas tienen también, más allá de la efectiva aplicación de los instrumentos que crean, un efecto simbólico, como si, siguiendo a Segato (2013) el “haberle puesto nombre” a la discriminación de género en los medios hubiera generado, a su vez, la legitimación de una mirada crítica que renueve “la sensibilidad ética de la sociedad” en este y otros aspectos problemáticos y complejos que reclamaban un lugar en la agenda pública.

A su vez, el interés por este tema se ha profundizado en el ámbito académico aumentando el número de estudios e investigaciones sobre desigualdades de género en los medios de comunicación como objeto de análisis. En este terreno ubicamos un fenómeno significativo, aunque relativamente poco explorado todavía, como el de las desigualdades de género en la relaciones de trabajo al interior de los medios de comunicación.

Por otra parte, la incorporación de argumentos sobre *género y derecho a la comunicación* en la agenda política internacional (con sus correlatos en las legislaciones locales) han puesto el acento sobre el acceso y la participación de las mujeres en la producción como *una de las claves fundamentales para el desarrollo de las sociedades democráticas, atendiendo el escaso volumen de participación de las mujeres en los ámbitos de decisión y dirección de las empresas productoras de contenidos mediáticos.*<sup>211</sup>

## **2.1 Avances legales en torno a la participación de las mujeres en la producción mediática**

La sanción de las dos leyes nacionales antes mencionadas, junto con las políticas públicas que se desprenden de su articulado, forman parte de nuestras reflexiones y constituyen la base contextual del proyecto que aquí se presenta. A continuación mencionaremos los aspectos de esta legislación que resultan fundamentales para el desarrollo de este trabajo.

Un aspecto insoslayable, presente en ambos cuerpos legales es el de la perspectiva de la *igualdad de oportunidades*. Por ejemplo, en la Ley 26.522, de *Servicios de Comunicación Audiovisual*, se presentan dos apartados que apuntan a la *igualdad de oportunidades y no discriminación* como objetivos

---

<sup>211</sup> Aunque volveremos sobre este punto, señalamos que ya en 1979 la Asamblea General de las Naciones Unidas aprobó la Convención sobre la Eliminación de todas las Formas de Discriminación contra la Mujer promoviendo que los Estados parte tomen “todas las medidas apropiadas para modificar los patrones socioculturales de conducta de hombres y mujeres, con miras a alcanzar la eliminación de los prejuicios y las prácticas consuetudinarias y de cualquier otra índole que estén basados en la idea de la inferioridad o superioridad de cualquiera de los sexos o en funciones estereotipadas de hombres y mujeres”. Disponible en <http://www.un.org/womenwatch/daw/cedaw>.

centrales de la misma. En el Artículo 2 se refiere que el objeto primordial de la actividad brindada por los servicios de comunicación regulados es la promoción de la diversidad y la universalidad en el acceso y la participación, implicando con ello, la igualdad de oportunidades de todos los habitantes de la Nación para acceder a los beneficios de su prestación. Mientras que en el Artículo 3 se propone como medida derivada de la Ley promover la protección y salvaguarda de la igualdad entre hombres y mujeres, y el tratamiento plural, igualitario y no estereotipado, evitando toda discriminación por género u orientación sexual.

Asimismo, esta Ley apunta a la formación y la educación como factores claves para producir las transformaciones sociales y propone “reforzar los programas de planes de estudios con un componente de género importante, en la educación oficial y no oficial para todos, y mejorar la capacidad de las mujeres para utilizar los medios informativos y la comunicación, con el fin de desarrollar en mujeres y niñas la capacidad de comprender y elaborar contenido TIC” (Notas a la Ley. Artículo 1, inciso 8).

A su vez, la ley 26.485 fundamenta en el plexo de su texto promueve “la igualdad real de derechos, oportunidades y de trato entre varones y mujeres” (Artículo 3, inciso j), luego de mencionar como parte de sus objetivos lograr “la remoción de patrones socioculturales que promueven y sostienen la desigualdad de Género y las relaciones de poder sobre las mujeres” (Artículo 2, inciso e).

Finalmente, esta ley procura incidir sobre diferentes formas que adopta la discriminación por razones de género en los medios de comunicación, favoreciendo la construcción de nuevos sentidos sociales, visualizando, en primer lugar, el rol del Estado como garante del derecho a la comunicación de las mujeres y de colectivos discriminados por razones de género, en segundo lugar, la responsabilidad de las empresas de comunicación (gráficas y audiovisuales -licenciatarias y productoras-) de favorecer condiciones de acceso y producción equitativas, y en tercer lugar, la acción de sindicatos y asociaciones que representan al colectivo de profesionales que trabajan en los medios de comunicación, así como a los espacios educativos de formación profesional<sup>212</sup>.

Entre los antecedentes de ambas legislaciones nacionales se encuentra la *Declaración de la Plataforma de Acción de Beijing* de 1995 (en adelante, PAB)<sup>213</sup> que en su “Capítulo J” establece responsabilidades de los Estados para el logro de los objetivos estratégicos: mejorar la imagen de las mujeres en los medios y el acceso democrático en la estructura laboral y los cargos directivos. Si bien tal declara-

---

<sup>212</sup> Entendiendo que en el presente vivimos la etapa universalista en la que la comunicación es un derecho humano de dos dimensiones, como se sabe, una individual y otra colectiva. Se trata de dar información, pero también de poder recibirla. Y los servicios de comunicación audiovisual son parte integrante e inescindible de este derecho humano a la comunicación.

<sup>213</sup> Aprobada en la 16ª sesión plenaria, celebrada el 15 de septiembre de 1995 en la Cuarta Conferencia Mundial de la Mujer (ONU).

ción fue pronunciada hace casi veinte años, en la mayoría de los países del mundo, muchos de los cuales estuvieron presentes en la *Conferencia de la Mujer* celebrada en Beijing, se ha avanzado muy poco sobre este tema, de acuerdo con las revisiones que cada cinco años se hacen de la PAB.

Ciertamente, la relevancia de la declaración de la PAB radica en que la misma incluye la sección “Mujer y medios de comunicación”, tomando a los medios de comunicación como una de las doce áreas de especial interés para conseguir la igualdad de oportunidades para mujeres y hombres (ONU, 1995). Así, los medios de comunicación se consideran una esfera de especial preocupación por la constante proyección de imágenes negativas y degradantes de las mujeres, así como espacios que reproducen el desigual acceso de éstas a la tecnología de la información. Por este motivo la Conferencia hace un llamamiento a los Estados partes para que se potencie el papel de las mujeres mejorando sus conocimientos teóricos y prácticos y su acceso a la tecnología de la información.

Las Leyes que tomamos como marco normativo de referencia retoman estos los principios elaborados en la normativa internacional vigente y pugnan por una redistribución de los recursos materiales y simbólicos a través del rediseño del mapa de los medios de comunicación. Sobre este último punto, aquí se entiende que tal redistribución no puede agotarse en cambios de titularidad empresarial, sino que la redistribución de bienes simbólicos –y particularmente de los que tienen que ver con el sostenimiento de estructuras de poder patriarcales implica una profunda transformación cultural que las normas los medios y políticas públicas pueden colaborar a implementar.

A partir de esta experiencia, consideramos que se torna cada vez más imprescindible valorar el rol central que los medios de comunicación tienen en la construcción de sociedades igualitarias. Entendiendo que así como pueden ser reproductores y constructores de desigualdades de todo tipo, y entre ellas de género, también pueden ser actores centrales en la construcción de una agenda plural e igualitaria.

## **2.2 Apuntes teóricos sobre la desigualdad de género en la producción periodística y de ficción**

Si bien en la década del 80, Margaret Gallagher (1979; 1981) señalaba la inexistencia de datos fiables y escasas investigaciones sobre las condiciones de trabajo en los medios de comunica-

ción<sup>214</sup>, desde principios de los años 90, se produce un salto cualitativo y cuantitativo en la producción de conocimientos sobre la estructura y dinámica de la profesión periodística, fundamentalmente en Europa y Estados Unidos.

Estas aportaciones, de carácter empírico principalmente, han sentado las bases para la consolidación de una sociología de la profesión periodística, a la par que el desarrollo de las carreras de ciencias de la comunicación ha engrasado el número de profesionales cualificados en el mercado de trabajo y con ello el interés por conocer cómo es y cómo trabaja dicho colectivo.

Una de las contribuciones más relevantes sobre este tema la constituye el Proyecto de Monitoreo Global de Medios (GMMP)<sup>215</sup>, llevado adelante por la Asociación Mundial para la Comunicación Cristiana (WACC por sus siglas en inglés). Cada monitoreo pone de manifiesto la inequidad y segregación laboral que experimentan las periodistas en las organizaciones informativas y evidencia los roles estereotipados con los que se representan tanto a mujeres y varones a nivel mundial (WACC, 2010).

El cuarto y último monitoreo realizado en 2010, en 108 países simultáneamente<sup>216</sup>, sostiene que *el mundo del que se informa en las noticias es básicamente masculino*.<sup>217</sup> En general, las “notas periodísticas tuvieron dos veces más probabilidades de reforzar los estereotipos de género en lugar de cuestionarlos; las noticias sobre la (des)igualdad de género son prácticamente inexistentes; y la

---

<sup>214</sup> Para entonces, sólo Estados Unidos y pocos países de Europa del Norte habían desarrollado estudios sobre mujeres y medios de comunicación, creando comisiones de periodistas y organizaciones de “vigilancia” de medios y apenas se cuenta con una veintena de investigaciones en lengua castellana (Gallagher, 1981).

<sup>215</sup> “El género no es un asunto exclusivo de las mujeres”, con este epígrafe Gallagher resume la cuestión central de los informes GMMP. A su vez, señala que los problemas de las mujeres exceden los límites de este grupo social y deben preocupar a toda la sociedad: “If you are white, male, a businessman or a politician or a professional or a celebrity, your chances of getting represented will be very high. If you are black, or a woman without social status, or poor, or working class or gay or powerless because you are marginal, you will always have to fight to get heard and seem. This does not mean that no one from the later groups will ever find their way into the media. But it does mean that the structure of access to the media is systematically skewed in relation to certain social categories” (Gallagher, 1981: 29).

<sup>216</sup> El monitoreo 2010 en Argentina estuvo coordinada la red PAR de periodistas con visión de género. El criterio de selección de medios trató de abarcar la realidad de las distintas regiones del país en vez de centralizarlo solo en los medios de la capital. Disponible en <http://www.whomakesthenews.org/>

<sup>217</sup> Según este estudio de las noticias que aparecieron durante la jornada monitoreada, 1.3% fueron sobre violencia basada en el género, 0.3% sobre participación de las mujeres en la economía, 1.2% sobre pobreza y 0.9% sobre la paz. Mujeres y participación política recibió la mayor cobertura, alcanzando 3.4%. Casi la mitad (48%) de todas las noticias refuerzan los estereotipos de género, mientras que apenas 8% de ellas cuestionan estos estereotipos. Sólo 12% de las noticias destacaron temas de equidad de género o desigualdad de género. Los hallazgos sugieren que numerosas noticias pierden la oportunidad de crear conciencia con respecto a los instrumentos establecidos para proteger los derechos humanos, los derechos de las mujeres o la equidad de género (WACC, 2010).

cobertura sobre temas de especial importancia para las mujeres ocupan menos de 1.5% de atención en los medios” (WACC, 2010: 7).

El estudio advierte que lejos de haber alcanzado los objetivos de “suprimir la proyección constante de imágenes negativas y degradantes de la mujer en los medios de comunicación” (: 22), existe un aumento de la violencia y la discriminación contra las mujeres y las niñas en los contenidos producidos (con énfasis en la pornografía y la prostitución). Así, la responsabilidad de los medios en la reproducción de los prejuicios y prácticas discriminatorias contra las mujeres, continúa siendo una asignatura pendiente. De ahí que el GMMP se proponga dar continuidad a la vigilancia (*monitoring*) de los mensajes que se emiten y publican, abogando (*advocacy*) por iniciativas sociales para transformarlos a partir de la participación de toda la sociedad (WACC, 2010: 5).

En otra línea, el *Informe Global sobre la Situación de las Mujeres en los Medios de Comunicación* -realizado en 2011 por la Fundación Internacional de Mujeres Periodistas (IMFW por sus siglas en inglés)-, midió la presencia de mujeres dentro de la estructura laboral de los medios de comunicación. Entre sus resultados se destaca que Argentina tiene un promedio similar al resto del mundo y, en algunos casos, está en peor situación que otros países de la región. Según la investigación, hay dos varones por cada mujer en las salas de redacción y la menor presencia de mujeres se acentúa en los cargos más altos: entre las y los accionistas son sólo el 15,4%, y en los puestos directivos el 21,4%. Además, sólo ocho empresas accedieron a responder la encuesta, muchas menos que en otros países, lo cual evidencia la resistencia a dar cuenta de sus políticas laborales (Chaher, 2014: 19).

Por otra parte, a pesar de que en Argentina no se ha alcanzado un desarrollo académico profundo sobre el tema que nos ocupa, encontramos un conjunto de producciones recientes vinculadas a la práctica periodística en el país, con trabajos de diagnóstico y análisis llevados adelante por colectivos profesionales de mujeres periodistas sensibles a la temática -Periodistas de Argentina en Red por una comunicación no sexista (PAR)<sup>218</sup>; Artemisa Comunicación y más tarde Comunicar Igualdad; Equipo Latinoamericano de Justicia y Género (ELA)- que presentan propuestas concretas de “buenas prácticas” en pos de generar mayores grados de equidad en la tarea periodística y

---

<sup>218</sup> Entre las acciones llevadas a cabo recientemente por la Red PAR, se encuentra el Decálogo sobre un adecuado tratamiento periodístico de la violencia de género. Una herramienta dirigida a profesionales y estudiantes de periodismo y comunicación. Para acceder al decálogo se puede consultar <http://www.redpar.com.ar/>.

en las representaciones sociales de los productos mediáticos (con los protocolos para el tratamiento periodístico de la violencia de género o los delitos de trata).<sup>219</sup>

Asimismo, recientes aportes sobre el tema lo constituyen las dos compilaciones de Chaher y Santoro, tituladas *Las palabras tienen sexo*, reúnen trabajos de investigación, ensayos y análisis críticos sobre periodismo en Argentina desde un enfoque feminista, realizados tanto por académicas y como por trabajadoras de los medios de comunicación que ponen de manifiesto las condiciones estructurales de una cultura patriarcal y sus consecuencias para el acceso equilibrado de mujeres y varones en las organizaciones laborales (Chaher y Santoro, 2007; 2010).

Por otro lado, en la actualidad, la producción de ficción televisiva argentina goza de muy buena salud. Este dato se refleja en la creatividad de las propuestas y la inversión económica que experimenta este sector de la industria cultural audiovisual, dando lugar a la emisión de múltiples formatos ficcionales (desde la clásica telenovela o las series, a las miniseries, los unitarios, los telefilmes, los docudramas, o los reality-ficción) que le permite ostentar altos niveles de recepción y disputar el *rating* de audiencia nocturna en las pantallas de los canales generalistas de aire que se emiten en todo el país (Aprea, 2012).

En este contexto, el análisis de las cuotas de género en la producción de ficción televisiva actual no puede soslayar la efervescencia que este sector de la industria cultural audiovisual está atravesando. Al respecto, se destaca que la LSCA promueve la participación de las mujeres en la producción de contenidos audiovisuales (Artículo 8) y la posibilidad de que otras miradas, productoras, guionistas y directores, realicen ciclos ficcionales para televisión son iniciativas muy celebradas en el mundo televisivo argentino.

A partir de aquí, cabe interrogar sobre la efectividad de estas iniciativas para modificar las cuotas de género y el reparto de roles y funciones en el mundo de la producción de series televisivas para develar si el aumento de la producción de ficciones a nivel local ha podido incrementar la participación de las mujeres en ámbitos de producción, guion y dirección en la ficción televisiva, o permanece la tendencia constatada en el caso de la producción informativa, que confirma una escasa presencia de mujeres en la producción, superando la ratio de varones solo en aquellos departamentos técnicos o especializados de función media (artística, vestuario, maquillaje y peluquería).

---

<sup>219</sup> Muchas de estas investigaciones, como ya hemos referido, se han realizado conjuntamente con asociaciones del ámbito internacional a través de redes de profesionales, movilizadas por las mismas inequidades: el monitoreo realizado por la ya mencionada WACC al que se suma el Informe Global sobre la Situación de las Mujeres en los Medios de Comunicación que referimos más adelante son ejemplos de investigaciones globales.



### 3. Delimitación del objeto de estudio e hipótesis de trabajo

Los antecedentes contextuales y teóricos hasta aquí relevados, nos permiten establecer que las nociones de *Género*, *Trabajo* (en tanto actividad y en tanto ambiente de interacción) y *Medios de Comunicación* son los pilares conceptuales que sostienen de manera articulada la construcción del estudio propuesto. En esta línea, para abordar las desigualdades de género en organizaciones laborales propias de la industria cultural enfocamos la construcción de un sistema de desigualdades basadas en la división sexual del trabajo (Pateman, 1995), donde el género, como elemento distintivo de los sexos constituye una forma primaria de las relaciones significantes de poder (Scott, 1986, en Amelang y Nash, 1990).

Asimismo, nos valemos del concepto de “techo de cristal” que hace referencia a un fenómeno de barrera ascendente e invisible que encuentran las mujeres en un momento determinado de su desarrollo profesional, viendo estancadas sus posibilidades de ascenso. Las causas de este estancamiento provienen tanto de prejuicios sociales como con la ausencia de estrategias de conciliación con la vida personal (López Díez, 2004). Su participación en puestos directivos sigue siendo exageradamente reducida -con variaciones y diferencias ocasionalmente importantes- (Gallego y Altés 2004).

Partimos de considerar que en el ámbito de trabajo periodístico se reproducen mecanismos de segregación laboral por género que evidencian desequilibrios e inequidades asociadas a la “división sexual del trabajo” que asigna roles y funciones diferenciales a mujeres y varones en las estructuras y prácticas laborales desarrolladas en los medios de comunicación. En el caso particular que nos ocupa dichos mecanismos expresan desigualdades en la distribución de áreas de trabajo, la distribución de las tareas, las retribuciones salariales, el acceso y la promoción profesional entre los profesionales de acuerdo con sus condiciones de género.

A partir de aquí vamos perfilando como objetivo general, relevar la participación de mujeres y varones en los medios informáticos, gráficos y audiovisuales atendiendo su participación en todos los niveles de la organización laboral. Abordar este fenómeno puntual implica analizar la incidencia de la legislación actual en la organización socio laboral en los medios gráficos y audiovisuales con el propósito de elaborar propuestas tendientes a fomentar el acceso y la participación equilibrada de mujeres y varones en la producción de contenidos informativos y de ficción.

En esta investigación sostenemos que, a pesar de los avances legislativos, en los escenarios laborales incluidos en distintos espacios de la industria cultural persiste una participación diferenciada

en razón de género que reproduce la estructura y dinámica de desigualdades presentes en el conjunto de las sociedades actuales. Por lo tanto, indagar los efectos de dichas normativas en la organización socio laboral de los sectores dedicados a la producción de contenidos en el país implica, en primer lugar, evidenciar la distribución de roles y funciones de mujeres y varones en los escenarios laborales antes mencionados para detectar cambios y transformaciones respecto al periodo anterior. Asimismo, consideramos que el contexto actual ofrece un marco insoslayable para observar y analizar las experiencias de los y las profesionales en los medios de comunicación tomando como referencia la perspectiva de los actores implicados en las organizaciones mediáticas dedicadas a la producción de contenidos informativos y de ficción.

Por último, destacamos que la relevancia de la investigación actual se sustenta en dos cuestiones de peso: por un lado la ausencia de estudios precedentes en la región que aborden las prácticas periodísticas y su articulación con las desigualdades de género y las relaciones de poder desde una perspectiva sociocrítica; y por otro, la necesaria indagación en torno a la organización y las prácticas de trabajo periodístico en un contexto de cambios legales, institucionales y políticos que pueden soslayar o posibilitar el acceso equitativo y con igualdad de oportunidades en los escenarios de trabajo donde se construyen

### Referencias bibliografía

APREA, Gustavo. "Proyecto Aluvión: el peronismo mítico en la ficción televisiva". En Actas XIV Congreso REDCOM. Universidad Nacional de Quilmes, 2012.

APREA, Gustavo y SOTO, Marita. "¿Pueden las leyes generar nuevos relatos?", en Revista *Sociedad* N° 31, Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales, UBA, pp. 131-140. 2012.

CHAHER, Sandra y SANTORO, Sonia. *Las palabras tienen sexo I*, Artemisa, Buenos Aires, 2007.

CHAHER, Sandra y SANTORO, Sonia. *Las palabras tienen sexo II. Herramientas para un periodismo de género*, Artemisa, Buenos Aires, 2010.

GALLAGHER, Margharet. *El modo de presentar a la mujer en los medios de comunicación*, UNESCO, París, 1997.

GALLAGHER, Margharet. *Unequal Opportunities The Case of Women and the Media*, UNESCO, Paris, 1981.

GALLEGO, Joana y ALTÈS, Elvira. “Estereotipos y roles de género en los medios de comunicación”. En López Diez, Pilar (Ed.) *Manual de información en género*, Instituto de la Mujer, Madrid, 2007.

INSTITUTO DE LA MUJER. *Tratamiento y representación de las mujeres en las telenovelas emitidas por las cadenas de televisión de ámbito nacional*, Madrid: Instituto de la Mujer. 2007.

LÓPEZ DIEZ, Pilar. “La mujer, las mujeres y el sujeto del feminismo en los medios de comunicación” en *Manual de información en género*. Madrid: IORTV (RTVE) e Instituto de la Mujer, 2004.

MARTÍN BARBERO, Jesús. “Claves de debate: Televisión Pública, Televisión Cultural: entre la renovación y la invención”. En RINCÓN, Omar. *Televisión pública: del consumidor al ciudadano*. Buenos Aires: La cruzía ediciones, 2005.

ONU. *IV Conferencia Mundial sobre las Mujeres*. Beijing: Naciones Unidas, 1995.

OROZCO, Guillermo. (coord.). *Lo viejo y lo nuevo: Investigar la comunicación en el siglo XXI*. Ediciones La Torre, Madrid, 2000.

OROZCO, Guillermo y VASSALLO DE LOPES, María Immacolata. “Observación de la ficción televisiva en ocho países iberoamericanos”. En Revista *Comunicación y Sociedad*, N° 13, pp. 13-42, 2010.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo y VASSALLO DE LOPES, María Immacolata (coord.). *Calidad de la ficción televisiva y participación transmediática de las audiencias*. Globo Universidade, San Pablo, 2011.

PATEMAN, Carol. *El contrato sexual*, Barcelona: Anthropos, 1995.

SCOTT, Joana. “El género: una categoría útil para el análisis histórico”. En AMELANG, J. y NASH, Mary (eds.), *Historia y género: las mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea*, Valencia: Edicions Alfons El Magnànim-IVEI. 1986.

SEGATO, Rita. “Historizando el patriarcado- Una trayectoria personal en el campo de los estudios de género”, Asociación Civil Comunicación para la Igualdad. <http://www.comunicarigualdad.com.ar/curso-virtual-rita-segato-recorre-su-trayectoria-en-estudios-de-genero/>. 2013. Fecha de consulta: 12.05.2014.

WACC. Proyecto de Monitoreo Global de Medios, Disponible en: [http://whomakesthenews.org/images/stories/restricted/global/global\\_es.pdf](http://whomakesthenews.org/images/stories/restricted/global/global_es.pdf), 2010. Fecha de consulta: 03.09.2014.

## **Anauê! Plínio Salgado e a guinada à direita do nacionalismo brasileiro**

Gianluca Simi<sup>220</sup> (Universidade de Nottingham; gianluca.simi@nottingham.ac.uk)

### ***Resumo***

Este artigo investiga a relação entre colonialismo e nacionalismo na experiência brasileira com o desenvolvimento da vertente conservadora e ultranacionalista do Modernismo, representada pela figura de Plínio Salgado. Partimos das ideias de Frantz Fanon sobre a situação colonial para entender a construção de uma estrutura de dominação que determina as condições materiais da vida nas colônias fundamentada no axioma de que os valores europeus sejam superiores e de que devam, portanto, ser disseminados através de um esforço civilizatório. As ideias de Fanon também nos auxiliam a compreender o nacionalismo como uma reação ao colonialismo enquanto aquele se esforça para que a (auto)determinação das colônias seja radicalmente dissociada da dominação por um poder estrangeiro. A partir daí, exploramos a hipótese de que o nacionalismo se resume, no entanto, a um fenômeno elitista, já que parece, num primeiro momento, ser liderado por uma burguesia nacional que floresceu no espaço ambíguo entre o nativo e o metropolitano. Por fim, concentramo-nos no caso brasileiro da influência de Plínio Salgado e seus dois manifestos: o Manifesto Verde-Amarelo, de 1929, e o Manifesto de Outubro, de 1932, e a consequente criação da Ação Integralista Brasileira.

### ***Abstract***

This paper investigates the relation between colonialism and nationalism in the Brazilian experience of the development of Modernism's conservative, ultranationalist strand, ultimately represented by Plínio Salgado. I depart from Frantz Fanon's ideas on the colonial situation in order to understand the construction of a structure of domination that determines the material conditions of life in the colonies based on the axiom that European values are superior and must, therefore, be disseminated through a civilising effort. Fanon's ideas also assist to comprehend nationalism as a reaction to colonialism as the former strives for the (self)determination of the colonies to be radically dissociated from domination by a foreign power. Therefrom, I explore the hypothesis that nationalism is, nevertheless, an elitist phenomenon since it seems to be, at first, led by a national bourgeoisie which

---

<sup>220</sup> Bolsista da CAPES — Proc. nº BEX 0937/14-2.

flourished in the ambiguous space between the native and the metropolitan. Finally, I focus on the Brazilian case of Plínio Salgado and his two manifestos: the Green and Yellow Manifesto, of 1929, and the October Manifesto, of 1932, as well as the subsequent creation of the Brazilian Integralist Action.

O colonialismo presume que os valores europeus são superiores, obrigando a Europa a, portanto, difundi-los pelo mundo. Essa missão divide o mundo em duas rígidas categorias: de um lado, os europeus, civilizados e racionais, e, do outro, os não-europeus — bárbaros, com uma forte ligação às emoções e à espiritualidade, presos pela identidade do *nativo*. Tal divisão, em última análise, dificulta a autodeterminação da parte do povo colonizado.

Na primeira parte deste artigo, defende-se que a fundação axiológica do colonialismo não pode, no entanto, vicejar se mantida somente no plano das ideias. Deve-se também criar uma estrutura de dominação que determine as condições materiais para a vida na colônia. A essa materialidade, parece ser o que Frantz Fanon (2002) descreve como *a situação colonial*. As suas ideias, além disso, também auxiliam na compreensão do nacionalismo como uma reação ao colonialismo à medida que os povos colonizados lutam pelo direito de que sua (auto)determinação seja desassociada da dominação por um poder estrangeiro. Na segunda parte, exploro a noção de que o nacionalismo se refira inevitavelmente a um fenômeno elitista, pois que parece, num primeiro momento, clamar pela ação de uma burguesia nacional que floresceu, ela mesma, num espaço ambíguo entre o nativo e o metropolitano.

Por fim, detém-se sobre a experiência do nacionalismo brasileiro contra a situação colonial no que concerne especificamente a figura de Plínio Salgado, que encabeçou dois manifestos influentes: o Manifesto Nhangaçu Verde-Amarelo, de 1929, e o Manifesto de Outubro, de 1932, sendo que este-cá inaugurou a atuação ultranacionalista da Ação Integralista Brasileira.

### ***Nacionalismo e a situação colonial***

Um das mais importantes contribuições de Frantz Fanon foi o seu pulsante estudo da relação entre a situação colonial e o nacionalismo. Para ele, “o mundo colonizado é um mundo cortado

em dois”<sup>221</sup> (Fanon, 2002: 41). De um lado, há a metrópole, que fica num lugar de poder e autoterminação. Do outro lado, há a terra onde a suposta ameaça iminente do barbarismo é controlada pela dominação civilizatória do centro, contra o qual esta nova entidade política se transforma, portanto, na colônia. O mundo colonizado, assim, sofre uma cisão brutal: é esvaziado de quaisquer elementos positivos, que são então substituídos pelos valores da metrópole, a partir daí representando não só a supremacia dos colonizadores mas também a inescapável inferioridade dos nativos.

A situação colonial é fundamentalmente uma situação de dominação sob o pretexto de uma falta de valores dos colonizados. “O nativo é declarado impermeável à ética, faltoso de valores, mas também a negação dos valores. Ele é, ousemos confessar, o próprio inimigo dos valores” (Fanon, 2002: 44). Como o inimigo dos valores historicamente impostos pela Europa, o colonizado pode ou aceitar a sua inaudita aversão à ética — e, assim, conformar-se ao regime colonial —, ou levantar-se contra a situação em questão.

A segunda opção implica a descolonização, que “é um processo histórico: isto é, não pode ser compreendida, não é inteligível nem pode se tornar translúcida senão à medida que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo” (Fanon, 2002: 40). A descolonização é uma reação dialética à dominação precisamente ao negar o próprio cerne do estatus colonial, isto é, uma essência naturalmente antiética. É, portanto, uma luta situada. A descolonização é o encontro entre forças opostas e sua razão de ser é uma articulação pontual de resistência da parte daqueles sob domínio.

Há, portanto, uma inquestionável materialidade no estatus colonial que se constrói sobre uma base que coloca povos diferentes em posições desiguais, convenientemente favorecendo aqueles que iniciaram tal posicionamento — os colonizadores. Fanon indubitavelmente se refere a essa materialidade como *violência*. O colonialismo é a proclamação da universalidade baseada na experiência singular daqueles que, em última análise, impuseram sua ordem sobre outros povos pela força.

Essa violência acaba por suprimir as culturas locais, a história local — em suma, quaisquer *símbolos de localidade* aos quais os nativos poderiam se referir ao oporem-se ao poder colonial. Como resistir se não se reconhece sob dominação? Além disso, como resistir se não haveria mais evidências da necessidade de fazê-lo? Contudo, essa supressão não é completamente bem-sucedida

---

<sup>221</sup> Todas as traduções de obras em línguas estrangeiras são de nossa autoria. Por motivos de concisão, tomei a liberdade de incluir aqui somente as traduções.

pelo fato de que, num primeiro momento, os colonizadores não desejam ser confundidos por nativos. Ou seja, não há aproximação real em termos de trocas entre os colonizadores e os colonizados já que isso inevitavelmente embaraçaria a dicotomia bárbaro/civilizado sobre a qual a colônia foi estabelecida.

Em outras palavras, não se pode dizer que a história local é completamente apagada. Pelo menos não literalmente. Nenhum colônia se transformou numa cópia impecável da metrópole. As ideias megalomânicas de uma suposta missão civilizadora nunca passaram a existir deveras justamente pelo fato de que é impossível transformar os colonizados se não há real contato, real fusão com eles (nós). Assim, a história local persiste — resiste às tentativas de supressão à medida que é vista como inferior e indigna.

Por outro lado, porém, pode-se dizer, um tanto paradoxalmente, que a história local deixa de existir a partir do momento em que a colônia é, em si, estabelecida. A história e a cultura das colônias não resistem, no nível das ideias, ao ataque discursivo dos colonizadores, apoiados por todo um aparato legal e bélico. As ideias podem persistir entre ameaças, mas o fazem assumindo uma posição às margens. À medida que a colônia é a periferia da metrópole, a história e a cultura daquela estão tão distantes quanto possível da centralidade do poder colonial.

É a partir dessa posição remota que, de acordo com Anthony Faramelli, pode-se enfrentar a situação colonial e, finalmente, sobrepujá-la. “Tomar uma história que foi esvaziada de sentido pela violência do colonialismo”, diz ele, “dá uma *tabula rasa* de tipos de narrativa sobre as pessoas de tal forma que elas passam a ver-se como o ponto central de um movimento revolucionário” (2013: 3). Ou seja, o esvaziamento discursivo da cultura e da história locais — isto é, aqueles *símbolos de localidade* a que se referiam antes — representam uma possibilidade inicial de se derrubar o poder colonial.

Pode haver uma forma mais pontual de se contrapor à situação colonial, que impõe a colônia como uma nova (e inferior) unidade política, do que se a colocando como o fundamento da resistência? Ou seja, se o colonialismo estabeleceu a colônia sob a figura do *nativo*, a resposta mais lógica é, assim, o nacionalismo, o qual “se tem considerado como uma espécie de retorno dos oprimidos” (Lazarus, 1999: 68). O nacionalismo se apresenta como a maior força da qual a colônia pode se apossar, em referência àqueles símbolos de localidade, a fim de libertar-se do domínio estrangeiro. Como Fanon coloca, “a expressão vívida da nação é a permanente consciência da totalidade do povo[...]a construção coletiva de um destino” (2002: 193). Percebem-se duas características importan-



tíssimas do nacionalismo no argumento de Fanon. Em primeiro lugar, ele implica o reconhecimento de uma situação, aquela da colônia. Poder-se-ia ainda afirmar que o nacionalismo não pode, portanto, existir a não ser que seja em referência a uma certa materialidade do colonialismo ao passo que este-cá cria novas categorias — perceptível na criação do nativo como essa figura mítica a ser civilizada. Em segundo lugar, o argumento de Fanon leva a uma compreensão do nacionalismo como um fenômeno coletivo em vez de individual. Não pode haver nacionalismo baseado em uma pessoa, mas em um grupo de pessoas sob o regime colonial. Até aqui, dessa forma, pode-se entender o nacionalismo em termos de um esforço coletivo consciente de sua posição periférica.

É Fanon, porém, que afirma que “a nação não existe em outra parte que não dentro de um programa elaborado por uma direção revolucionária e executada lúcida e entusiasticamente pelas massas” (2002: 192). O perigo aqui parece ser a derradeira reprodução da situação colonial numa nova soberania cuja população é dividida entre aqueles que lideram e aqueles que seguem — mesmo se, no caso do nacionalismo como resistência ao colonialismo, justifique-se tal divisão em prol de causa libertária. Neil Lazarus aponta para o fato de que “o nacionalismo é visto como uma prática cultural *elitista* na qual classes subalternas são representadas — isto é, alguém fala por elas — em nome da nação, que supostamente não é nada mais do que tais classes” (1999: 108-109). A partir dessas considerações sobre nacionalismo, tem-se uma incógnita: o nacionalismo é, afinal, válido?

Nesse sentido, Lazarus sintetiza as ideias de Eric Hobsbawm — este mesmo um crítico feroz do nacionalismo em geral. Em primeiro lugar, há a subjacente convicção de que “a formação se tornou anacrônica” (Lazarus, 1999: 70). Em segundo lugar, o nacionalismo pode ser entendido em termos do seu “profundo eurocentrismo” (idem). Em terceiro lugar, no entanto, Lazarus afirma que Hobsbawm desconsidera as diferenças entre “nações e nacionalismo específicos e movimentos nacionais” (ibidem). Hobsbawm representa uma grande corrente de pensamento segundo a qual qualquer tipo de nacionalismo é uma *langue de bois* para novas maneiras de se exercer o velho poder.

É nessa terceira consideração que é possível identificarem-se dois principais desdobramentos do nacionalismo. Num extremo, existem *nacionalismos imperialistas*, que “costumam se apresentar como ‘projeto[s] de *unidade* sob o pretexto da conveniência da economia e da conquista” (Brennan, 1990: 58 *apud* Lazarus, 1999: 74). Referem-se mormente ao estabelecimento de colônias europeias, cujos recursos foram então incessantemente saqueados. No outro extremo, existem *nacionalismos anti-imperialistas*, os quais, “pelo contrário, tendem ou a pregar um ‘projeto de consolidação que segue um ato de *separação* de [um poder imperialista]’ ou a orientar-se em direção a esse objetivo”

(idem). Estas expressões-cá de nacionalismo supostamente, portanto, preocupam-se em reivindicar poder sobre o território para o povo local.

Fanon defende um projeto que é inevitavelmente elaborado por uma direção revolucionária. De acordo com essa afirmação, pode-se argumentar que, “ao passo que dizem representar as aspirações do ‘povo’, nacionalistas anti-coloniais de todos os tipos colocam a nação como uma ‘comunidade imaginada’ à qual todas as classes e todos os grupos na sociedade têm igual acesso e à qual todos são igualmente fiéis” (Lazarus, 1999: 110). À medida que ‘o povo’ é representado, portanto, ele é lançado de volta à mesma posição — só que agora diz-se que ele é reconhecido pelo que realmente é.

Entretanto, isso não significa que se possam descartar as ideias de Fanon por, digamos, simplesmente apresentarem o mesmo tipo de poder de uma forma diferente. É também Fanon que aponta para a recorrente falha no nacionalismo que se inspira na construção de um Estado independente através da representação de uma massa popular que supostamente compartilha os mesmos símbolos de localidade, ou seja, que compartilha as mesmas história e cultura locais. “Um dos erros”, afirma Fanon, “é procurarem-se invenções culturais, revalorizar-se a cultura nativa dentro da estrutura de dominação colonial” (2002: 145).

Aqui, Fanon parece distinguir nacionalismo de consciência nacional. Enquanto o nacionalismo sempre tende a se referir ao passado, a uma essência original de todos aqueles que são dominados, a consciência nacional não pressupõe a negligência de certas práticas culturais em comum, mas vai além a fim de reconhecer a situação colonial em si como fundamental. Fanon diz que “a consciência nacional, que não é o nacionalismo, é a única a dar-nos dimensão internacional” (2002: 235). Diferem-se, portanto, à medida que, enquanto o nacionalismo é um movimento para dentro, em busca de algum tipo de essência para a luta, a consciência nacional alia uma certa particularidade local a um contexto mais amplo de anti-imperialismo. A ideia de consciência nacional de Fanon é, então, comparada por Lazarus (1999: 78) à ideia de ‘nacionalitário’ (*nationalitarian*) — termo cunhado por Anouar Abdel-Malek (1981) —, isto é, de uma consciência nacional que é definida, em certo grau como um oxímoro, como um internacionalismo nacionalista.

Pode-se finalmente afirmar que um movimento nacionalitário de resistência, em termos de consciência nacional, é um movimento que está ciente de sua posição como colônia e de todas as restrições que tal posição impõe. A revalorização da ‘cultura nativa’ junto, não alheia, ao reconhecimento dessa posição pode romper com a ordem esperada. Fanon o propõe de forma simples como

a tarefa “de fornecer ao povo o capital e a técnica intelectuais que [a burguesia nacional] extraiu durante sua estadia nas universidades coloniais” (2002: 147). A luta nacionalista precisa também aprender a usar e a reapropriar-se das ferramentas apresentadas como signos de superioridade da parte das metrópoles.

### ***A substituição da dominação estrangeira***

Fanon claramente urge que a burguesia nacional rompa com a posição com a qual ela seria comumente associada. Uma das manobras coloniais mais eficientes para se evitar contato direto com as massas colonizadas e, concomitantemente, preservar seu poder é prover uma pequena parcela da sociedade com uma educação dos valores europeus. Essa pequena burguesia nacional vai estudar em Oxford, Paris e Coimbra enquanto a maioria de seus compatriotas mal tem acesso a qualquer tipo de educação formal. Esse arranjo garante que, enquanto as massas de nativos continuem incapazes de refutar intelectualmente o domínio europeu a partir de seus próprios paradigmas, um grupo seletivo tenha a chance de estudar e viver entre os civilizados para, depois, voltar à sua terra natal a fim de não só pregar sobre as maravilhas da Inglaterra, da França e de Portugal mas também para auxiliar na manutenção da estrutura de dominação já que esse grupo foi, ele também, cerimonialmente assimilado à cultura europeia e, conseqüentemente, distanciado de sua realidade nativa.

A questão remanescente, relacionada às reivindicações de Fanon para que a burguesia nacional compartilhe aquilo que ela aprendeu nas universidades coloniais, endossa a percepção do nacionalismo como elitista. Por que uma direção revolucionária precisaria vir daqueles que foram justamente instruídos para serem os próximos guardiões da colônia? Há uma severa implicação no sentido de que, de uma forma ou outra, a maioria da população colonizada se restringe a um papel secundário: independentemente de ser dominada ou livre, essa maioria sempre retém uma certa passividade.

Talvez a razão pela qual uma causa nacionalitória seja tão dependente da contribuição dessa elite nacional seja precisamente o fato de que ela deve incluir aqueles que seriam, num primeiro momento, responsáveis pela preservação da situação colonial. A burguesia nacional é a próxima na linha de comando da colônia, pois ela foi instruída sobre como o sistema opera e sobre o que precisa ser feito para que se mantenham essas operações. Essa conclusão se ocupa de duas questões ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, deve-se evitar o desenvolvimento de movimentos românticos de base que supostamente superariam o estatus colonial embora não apresentem propostas claras para o

futuro da colônia. Em segundo lugar, deve-se assegurar que o nacionalismo, em geral, refira-se à materialidade do sistema sobre o qual nenhum outro grupo tem tamanho conhecimento de causa como aquele que foi treinado para preservar o poder colonial.

No entanto, Fanon afirma que “essa burguesia medíocre se revela incapaz de grandes ideias, de engenhosidade. Ela se lembra daquilo que leu nos manuais ocidentais e, sem perceber, ela se transforma não mais em réplica da Europa, mas em caricatura” (2002: 168). Isso parece refutar irreversivelmente aquelas duas questões levantadas antes, deixando as ideias de Fanon com um aspecto um tanto contraditório. Porém, quando ele se refere às artes e à literatura, escreve que “o primeiro dever do poeta colonizado é o de claramente determinar o povo sujeito de sua criação. Não se pode avançar decididamente sem se tomar, de pronto, consciência de sua alienação” (Fanon, 2002: 215). A referência à alienação é extremamente importante porque envolve a cisão do mundo colonizado. Ainda que a burguesia tenha sido instruída nos moldes do colonizador, ela nunca é parte integral do centro. Por exemplo, num cenário típico do século XIX, um jovem brasileiro que estudara Direito na Universidade de Coimbra, apesar de lhe ter sido atribuída uma posição superior na hierarquia colonial em relação a seus compatriotas, ainda seria menosprezado pelos portugueses. Isso quer dizer, portanto, que, independentemente de quão envolvido um grupo colonizado está pela cultura do colonizador, esse grupo é fundamentalmente colonizado e, assim, visto como inferior. Consequentemente, não há real assimilação; há somente uma conexão inescapável com a colônia — quer seja esse grupo a burguesia nacional ou as massas, trata-se sempre de uma parcela colonizada.

À medida que essa alienação intransponível, aqueles intelectuais nascidos na burguesia nacional põem-se a buscar algum tipo de verdade nacional, algo que possa defini-los positivamente em relação às suas origens nacionais. Torna-se uma caça por essa *res populi*, essa coisa nacional indissociável, num duplo sentido. O primeiro movimento é uma volta ao passado, onde as relíquias da nação foram enterradas pela colonização. Em segundo lugar, emerge um caráter essencialista, como se a nação colonizada pudesse ser fundamentalmente separada da sua situação colonial por um grupo de símbolos e artefatos culturais. Reduz-se, assim, qualquer luta em se superar o colonialismo ao resgate descontextualizado de instrumentos que são então rotulados como “nacionais, mas que estranhamente retomam o exotismo” (Fanon, 2002: 212), ao que Fanon acrescenta que “o intelectual colonizado que retorna a seu povo através das obras culturais se comporta, na verdade, como um estrangeiro” (idem).

No que esses instrumentos culturais são ressuscitados a fim de servirem como a base para a formação de um partido político engajado na luta anti-colonial, surge o problema de qual seja, afi-

nal, a nação à qual esse partido se refere. Os poderes europeus mal levavam em consideração os arranjos correntes dos povos em seus respectivos territórios à época das invasões, o que significa que, pelas colônias na África, na Ásia, na América e na Oceania, as unidades políticas nacionais eram projetadas de acordo com a dinâmica entre os Estados europeus.

Consequentemente, Michel Löwy afirma que, “nos últimos tempos, as nações oprimidas, assim que são libertas, apressam-se a instituir uma opressão análoga sobre suas minorias nacionais” (1996: 14 *apud* Lazarus, 1999: 75). Em outras palavras, a volatilidade que há na definição da nação em si à qual o partido política possa substancialmente referir-se leva à supremacia de um grupo cultural sobre os demais. Por outro lado, Fanon diz que “se trata, de fato, de uma tribo transformada em partido. Esse partido que se proclama voluntário nacional, que afirma falar em nome do povo global, secreta e ocasionalmente organiza abertamente uma autêntica ditadura étnica” (2002: 175).

Lazarus aponta duas características dessa transferência de poder da descolonização executada pela burguesia nacional, organizada num partido político. Externamente, diz ele, essas novas nações independentes herdaram uma posição periférica na economia global. “Internamente, elas mantêm a forma de *estados coloniais*” (1999: 106). Ao notar-se, além disso, tal internalização do estatus colonial pela então-independente nação, há aquilo a que Homi K. Bhabha se refere como ‘mímica’ (*mimicry*) (1984 *apud* Lazarus, 1999). “Nessa interpretação, supõe-se que o discurso do nacionalismo anti-colonial exista dentro ou ao lado do discurso colonial — do qual ele certamente se difere, mas ao qual não propõe qualquer desafio radical ou histórico” (Lazarus, 1999: 122). Pode-se afirmar, portanto, que só a independência política tem pouco ou nenhum efeito sobre o discurso do colonialismo visto que os valores europeus que estabeleceram a situação colonial não são fundamentalmente refutados, mas são simplesmente substituídos por símbolos de localidade a privilegiar uma ‘tribo’ dentro do território sobre as demais.

Nesse sentido, a colônia não está completamente livre, pois a nova classe dominante, a burguesia nacional, estende antigas relações de dependência no que Lazarus chama “a opção neocolonial”, a saber, “um sistema mundial capitalista feito[...]de Estados-nação nominalmente independentes, unidos pela lógica do desenvolvimento combinado e desigual, a dialética histórica do centro e da periferia, desenvolvimento e subdesenvolvimento” (1999: 79).

No entanto, não significa que o nacionalismo se tenha transformado exatamente no mesmo que o colonialismo. Afirmar-se-lo negligenciaria um mundo de nações que foram colonizadas e que, mais tarde, clamaram por independência. Contrapor-se-ia, inclusive, àquilo que se chamou antes de

luta nacionalitária. A grande questão com a ordem prevalente do nacionalismo são seus esforços em estabelecer uma essência nacional de acordo com aquilo que a Europa parece ter feito para si. Fanon afirma que, no fim, o nacionalismo libertário deve “politizar as massas”, isto é, “transformar a experiência da nação na experiência de cada cidadão” (2002: 189). Queda-se, por fim, com a conclusão de que não existe um passado glorioso que possa ser resgatado do domínio colonial e que possa, a partir daí, manter uma nação independente. A sua independência está justamente no reconhecimento da sua situação colonial. A independência está em se transformar a cultura nacional em algo que surja da luta contra o colonialismo, em algo “que levante o povo contra as forças da ocupação” (Fanon, 2002: 212).

### ***O nacionalismo brasileiro na figura de Plínio Salgado***

Concentra-me, agora, sobre o inacabado projeto nacional brasileiro seguindo as ideias de Fanon que foram até aqui expostas. Por muito tempo, o Brasil foi uma colônia com a qual Portugal lucrava de longe. Em 1808, no entanto, em meio à Guerra Peninsular, a França marchava a caminho de Portugal a fim de invadi-lo. Num golpe de medo, D. João VI então fugiu do país, levando consigo toda a família real para o Rio de Janeiro. Desse acontecimento, despontam três grandes questões que, por fim, conectam-se ao nacionalismo brasileiro até a Semana de Arte Moderna, de 1922.

Ao Brasil colônia, em primeiro lugar, havia se negado qualquer investimento consistente em estrutura. Se a Espanha, pelo contrário, criara a primeira universidade americana, no Peru, em 1551, Portugal nunca se interessara de fato em construir nada no Brasil<sup>222</sup>. À época da chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, não havia nada que pudesse remotamente se assemelhar a Lisboa, o centro de comando do império português. Dessa forma, tudo teve que ser construído: de palácios a bibliotecas, de hospitais a teatros. O Brasil foi, de súbito, sacado da sua realidade miserável e promovido a parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A segunda questão é, assim, que oficialmente o Brasil não era mais uma colônia — tinha-se-lhe sido dado um novo estatus. Houve uma ‘inversão metropolitana’: todo o aparato colonial de Portugal operaria, dali em diante, a partir do Brasil. Por fim, no entanto, quando D. João VI viu-se obrigado a voltar para Portugal em 1820, pairava uma latente ameaça contra esse novo estatus: se a família fosse embora, o Brasil então volta-

---

<sup>222</sup> Comparativamente, a primeira universidade, de fato como tal, não seria criada até 1920 quando da criação da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

ria a ser uma mera colônia, o que finalmente deflagrou um nacionalismo incipiente, que levou D. Pedro I a — um tanto simbolicamente mais do que qualquer outra coisa — declarar a independência do Brasil em sete de setembro de 1822 ao recusar-se a voltar para Portugal por ordem de seu pai, D. João VI. A nova aristocracia brasileira, ainda enobrecida com a chegada da família real, não suportaria a ameaça de ser rebaixada a colônia novamente.

Pode-se notar, assim, uma forte tendência no nacionalismo brasileiro que, mais tarde, no início do século XX, veio à tona com o projeto político da Ação Integralista Brasileira, liderada por Plínio Salgado. A consideração derradeira é a de que o Brasil nunca deixou a situação colonial devedoras. Mesmo que um novo estatus tivesse sido dado ao Brasil no tal Reino Unido, ainda se tratava, contudo, de algo dado pelo mesmo poder que o colonizara originalmente. O Brasil, portanto, iludiu-se de ter se aproximado de Portugal e daquilo que este-cá representava quando, de fato, essa aproximação só se deu porque a família real portuguesa estava tentando fugir da guerra. Os termos da independência brasileira, dessa forma, foram um tanto peculiares, pois foram o resultado, num primeiro momento, do medo de se perderem privilégios que haviam sido recentemente alcançados e não de um clamor nacional por independência, pela superação do colonialismo.

Consequentemente, o nacionalismo brasileiro se deu em torno de reivindicações daqueles preciosos títulos de 1808. Foi, irônica e exatamente, um século mais tarde, em 1922, que um novo movimento artístico e político — o Modernismo — ocupou-se de questões nacionalistas. O movimento levou “[à] busca da organização da nacionalidade, através de um esforço intelectual no sentido de definir a ideia de identidade nacional” (Gonçalves, 2009: 2). O Modernismo brasileiro pretendia contrapor-se à subjacente influência estrangeira naquilo que se pode melhor descrever como uma preservação epistemológica do estatus colonial.

De acordo com Volnei Sacardo, o movimento modernista brasileiro pode ser rudemente definido por três características fundamentais, quais sejam: “o apelo ao rompimento com o passado literário do Brasil, a tentativa de desenvolver um movimento original/nacional[...]e a adequação da literatura à nova realidade industrial, principalmente de São Paulo” (2011: 67).

Duas grandes correntes surgiram inicialmente dentro do movimento modernista, as quais compartilhavam a busca pela identidade brasileira, mas divergiam fundamentalmente sobre donde viria tal identidade. De uma lado, havia os chamados *canibalistas* (ou antropofágicos), cujo projeto propunha que influências estrangeiras, principalmente aquelas europeias, deveriam ser devoradas “para reelabor[á]-l[a]s com autonomia, transformando-[a]s em força para a produção de algo origi-

nal” (Queiroz, 2011: 2). Do outro, havia os *verdeamarelistas*, que desejavam “proclamar o que o Brasil tinha de mais autêntico. O nacionalismo era o grande filão do grupo, que proclamava cantar o Brasil com suas paisagens, seu clima, sua vegetação, suas raças e seu povo” (Queiroz, 2011: 3). Representados por Plínio Salgado, os *verdeamarelistas* eram, assim, a perfeita ilustração do nacionalismo essencialista, da volta ao passado — contra, portanto, aquilo que Fanon defende.

Substitui-se qualquer materialidade remanescente do colonialismo com aquilo que Sacardo chama de “ideologia geográfica”, isto é, “sobrepôr as qualidades do espaço brasileiro aos graves problemas que orbitavam em torno dos impasses históricos da falta de coesão nacional e da heteronomia econômica” (2011: 79). Para os *verdeamarelistas*, o Brasil só se tornaria realmente livre ao passo que se diferenciava com base nos símbolos naturais de localidade ao contrário de qualquer referência à materialidade da situação colonial. Isso, por fim, levou a uma superestimação dos sentimentos e da espiritualidade sobre a racionalidade, o que, então, criou “uma blindagem teórica que minava e repelia qualquer entendimento estrutural da realidade em curso” (Sacardo, 2011: 76).

Os dois grandes símbolos do Movimento Verde-Amarelo eram a anta e índio tupi. A anta é um animal herbívoro, assim implicando que “o instinto potencializado pelo *Verdeamarelo* era[...]essencialmente pacífico, acolhedor e submisso” (Queiroz, 2011: 7). Os índios tupis também eram conhecidos por serem avessos à guerra, o que levou Salgado a declarar que “os tupis desceram para serem absorvidos. Para se diluírem no sangue da gente nova. Para viver subjetivamente e transformar numa prodigiosa força a bondade do brasileiro e o seu grande sentimento de humanidade (Salgado et al., 1929).

Além disso, essa dependência sobre a figura do povo tupi apoia a rejeição da racionalidade por parte dos *verdeamarelistas*. Os integralistas eram obcecados com o passado indígena do Brasil ao ponto de adotarem o termo tupi *Anauê* como sua saudação à *heil-hitleriana*. Salgado escreve que os indígenas eram, eles mesmos, avessos à racionalização e acrescenta que tentar teorizar ou fazer qualquer referência à materialidade iria inevitavelmente “substituir nossa intuição americana e a nossa consciência de homens livres por uma mentalidade de análise e de generalização características dos povos já definidos e cristalizados” (Salgado et al., 1929).

Depois do Manifesto Verde-Amarelo, de 1929, Plínio Salgado publicou um segundo manifesto: o Manifesto de Outubro de 1932, o qual estabeleceu as bases para a Ação Integralista Brasileira, um movimento político profascista que descendia diretamente da corrente artística dos *verdeamarelistas*. Em outras palavras, como Fanon lucidamente salientava, houve o desenvolvimento de



um partido político, um movimento político a partir do envolvimento dos intelectuais e dos artistas nativos. O exemplo do integralismo brasileiro, no entanto, mostra um retardo temporal entre a independência política e um esforço intelectual representativo em se construir a nação contra a sua situação colonial, visto que a independência brasileira não envolveu um longo combate entre nacionalistas e colonizadores, mas breves conflitos (a Guerra da Independência entre 1822 e 1824) e uma — esta, sim — forte negociação entre uma burguesia nacional detentora de privilégios dados pela própria situação colonial em si.

De acordo com o que foi exposto até aqui, o exemplo específico de ambos Movimento Verde-Amerelo e Ação Integralista servem para confirmar a caracterização do nacionalismo como um fenômeno elitista. Não havia um real desafio aos valores impostos pela situação colonial. Havia tão somente uma burguesia nacional a tentar estabelecer-se como a substituta do colonizador na posição de poder sobre a colônia através de referências a um passado pré-colonial, que supostamente guardava a essência da nação, sem, no entanto, destruir as estruturas de dominação.

A compreensão do nacionalismo, em suas variadas expressões, pelo trabalho de Fanon e de outros autores que também desenvolveram a questão, é fundamental para se esclarecer a experiência particular do Brasil. A negociação da independência e a rejeição, pela parte da burguesia nacional, em abdicar de sua posição privilegiada dentro do quadro da situação colonial, impulsionou um tipo de nacionalismo que simplesmente muda o nome daqueles no poder. Quanto ao exemplo do Verde-amarelismo de Plínio Salgado e o subsequente Integralismo, esse entendimento do nacionalismo não só esclarece a questão da independência nominal do Brasil mas também sinaliza certas características da recente e crescente presença do Brasil no cenário internacional. Entender as relações entre o passado colonial e o envolvimento da burguesia nacional no processo de independência a partir de movimentos como aqueles encabeçados por Plínio Salgado parece ser de vital importância em tempos nos quais o conservadorismo ronda o espectro político brasileiro, um tanto como resultado de uma reação conservadora fundamentada em preconceitos e ostracismos sócio-culturais contra os parcos, mas importantes, avanços de pautas progressistas no país.

### **Referências bibliográficas**

BERTONHA, J. F. Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975), *Análise Social*, ICS-UL, núm. 198, Lisboa, pp.65-87, 2011.

CROCE, M. Entre la derecha y la burocracia: el lado oscuro del modernismo brasileño, *Razón y Revolución*, núm. 23, Buenos Aires, pp.177-192, 2011.

FANON, F. *Les damnés de la terre*, Éditions La Découverte, Paris, 2002.

FARAMELLI, A. Fanon and the contest of historiographies: the limits of strategic essentialism, *The 2013 Postcolonial Studies Association Conference: History, Postcolonialism and Tradition*, 2013. <[https://www.academia.edu/4673592/Fanon\\_and\\_the\\_Contest\\_of\\_Historiographies\\_The\\_Limits\\_of\\_Strategic\\_Essentialism\\_-\\_Paper\\_given\\_at\\_The\\_2013\\_Postcolonial\\_Studies\\_Association\\_Conference\\_History\\_Postcolonialism\\_and\\_Tradition](https://www.academia.edu/4673592/Fanon_and_the_Contest_of_Historiographies_The_Limits_of_Strategic_Essentialism_-_Paper_given_at_The_2013_Postcolonial_Studies_Association_Conference_History_Postcolonialism_and_Tradition)> [18 de março de 2014].

GONÇALVES, L. P. A intelectualidade integralista de Plínio Salgado: uma análise do discurso literário, *Literatura e Autoritarismo: Translações Culturais — Repressão e Resistência*, Santa Maria, 2009. <[http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num13/art\\_03.php](http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num13/art_03.php)> [11 de abril de 2014].

LAZARUS, N. *Nationalism and cultural practice in the postcolonial world*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.

Queiroz, H. N. Antropófago e Nhengaçu Verdeamarelo: dois manifestos em busca da identidade nacional brasileira, *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, 2011. <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308167440\\_ARQUIVO\\_ArtigoAhpuh2011\(2\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308167440_ARQUIVO_ArtigoAhpuh2011(2).pdf)> [19 de março de 2014].

SACARDO, V. A. *O integralismo pliniano: autoritarismo e ordem na defesa da nação*, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, São Paulo, 2011.

SALGADO, P. et al. *Manifesto Nhengaçu Verde-Amarelo*, 1929. <<http://www.artes.com/sys/artista.php?op=manif&artid=19>> [11 de abril de 2014].

SALGADO, P. *Manifesto de Outubro*, Florianópolis, 1932. <<http://mtm.ufsc.br/~mcarvalho/CURSOS/Manifesto%20de%20Outubro.pdf>> [5 de maio de 2014].

## **Intelectuales kirchneristas: una lectura abierta a Carta**

### **Intelectuais Kirchner: um aberto lendo uma carta**

Gregorio Dolce (Centro de Investigaciones Socio Históricas. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata; gregoriadolce@gmail.com)

#### **Resumen**

El colectivo de intelectuales argentino Carta Abierta y su adhesión al kirchnerismo plantean posibilidades y desafíos para comprender el presente político. Las expresiones culturales de cada época siempre estuvieron mediadas por determinadas tradiciones y cosmovisiones, por lo que estudiar el escenario político a través de los intelectuales es una de las intenciones de este trabajo. Para ello se indagarán las primeras expresiones públicas que tuvo el colectivo, para luego poder observar cómo ven al gobierno argentino y cómo piensan a América Latina en su conjunto. A su vez, se realizará un esbozo comparativo entre Carta Abierta y grupos intelectuales del primer peronismo con el objetivo de vislumbrar continuidades y rupturas con respecto a estos actores afines al kirchnerismo.

#### **Palabras clave**

Intelectuales; Carta Abierta; peronismo; kirchnerismo

#### **Abstract**

The group of Argentine intellectuals Open Letter and adherence to Kirchner possibilities and challenges posed to understand the political present. Cultural expressions of each age were always mediated by certain traditions and worldviews, so study the political scene by intellectuals is one of the intentions of this work. To do this the first public expressions which took the bus, and then to observe how they see the Argentine government and how they intend to Latin America as a whole inquire. In turn, a comparison between Open Letter outline and intellectual groups of the first Peronism in order to discern continuities and ruptures regarding these actors related to Kirchner will take place.

#### **Keywords**

Intellectuals; Open Letter; peronism; kirchnerism

## **Introducción**

La reflexión en torno al vínculo entre los intelectuales y el peronismo es un tema que suele encender polémicas en torno a los distintos momentos que tuvo el peronismo. El objeto de la discusión puede ser cómo pensarlo, cómo observar a los intelectuales, cómo indagar las variaciones entre unos y otros, o varios caminos más.

En principio, este trabajo pretende trazar una suerte de comparación con vocación reflexiva entre el primer peronismo y alguno de los sectores intelectuales que adscribieron a él -tomando como fuente inicial el trabajo de Flavia Fiorucci<sup>223</sup>-, y las primeras publicaciones del colectivo Carta Abierta durante el kirchnerismo.

Sin embargo, para llegar al punto de comparación se hará mención a un trabajo de Omar Acha sobre la sociedad civil durante el peronismo<sup>224</sup>, que es de utilidad para cuestionar la mirada liberal que pregona una división cuasi inmaculada entre Estado y sociedad civil. Discusión que puede verse presente en el debate que se sucede por estos días entre Carta Abierta y uno de los primeros colectivos que se organizó frente a sus publicaciones (el Club Político Argentino)<sup>225</sup>.

## **Intelectuales y sociedad civil**

Inicialmente es preciso enmarcar de manera general la discusión. Por un lado la intelectualidad y sus por qué; y por otro lado la sociedad civil y las dificultades que conlleva el término - junto con los desafíos propuestos por Acha-

Respecto a los intelectuales, son innumerables los trabajos que pueden mencionarse y las perspectivas para pensarlos. Es decir, puede reflexionarse la historia intelectual, la historia de las ideas, la sociología de los intelectuales y otras alternativas que tienen que ver con el marco teórico que pueda ser elegido por el investigador. Este trabajo no pretende buscar una síntesis ni una tipología del intelectual del primer peronismo ni del kirchnerismo, pero sí indagar a través de intelect-

---

<sup>223</sup> Intelectuales y peronismo 1945-1955, Buenos Aires, Biblos, 2011.

<sup>224</sup> Sociedad civil y sociedad política durante el primer peronismo, en Desarrollo Económico, 2004.

<sup>225</sup> Ver Martín Retamozo, "Intelectuales, kirchnerismo y política. Una aproximación a los colectivos de intelectuales en Argentina", Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2012.

tuales que podrían denominarse “oficialistas” -tal vez orgánicos<sup>226</sup>- una comparación entre dos momentos, con 50 años de distancia y entre dos tradiciones de las cuales una (el kirchnerismo) se reconoce deudora de la otra (el peronismo).

Pese a la aclaración anterior, brevemente se puntualiza que son importantes los aportes de diversos pensadores de las ideas y también de la sociología. El valor de las concepciones de la intelectualidad conocidas como normativa, marxista y sociológica, cada una con sus matices, aporta herramientas para pensar el espacio social y, por tanto, el político. No significa que a través de la intelectualidad pueda recortarse toda una época, pero sí que ella sea una de las tantas puertas de ingreso al debate.

Con la intención de ir trazando una suerte de postas que lleven hacia un análisis final se mencionarán distintas corrientes para saber desde dónde se propone la reflexión de los colectivos estudiados y, luego, la intención comparativa.

La pregunta en torno a la intelectualidad es ordenadora en cuanto a la perspectiva con la cual se aborda el estudio de estos actores. Por ende, así puede discernirse la distinción de miradas cuando la pregunta es sobre qué es un intelectual, qué debe ser, cuál es su función y cuál es su rol; si se trata de una clase, de una categoría.

Por un lado, puede mencionarse la perspectiva elitista, como señala en su trabajo Altamirano, la cual refiere a una jerarquía social que “significaba persona inteligente y altamente educada, contrapuesta a personas vulgares o de intereses exclusivamente prácticos”. Esta mirada no es la adoptada ni se considera que sea una noción que esté en disputa, aunque puede identificarse cierto elitismo a la hora de evaluar los debates entre los intelectuales. La división entre pertenecer y no pertenecer se dará en relación a las posiciones que adopten estos actores respecto al gobierno.

Por eso, se destaca la mirada adoptada por Fiorucci para trabajar la intelectualidad durante el peronismo, ya que centra su análisis en la noción *bourdiana* de campo intelectual y allí es posible clasificar e identificar los grupos según su posición en el espacio. La autora destaca que “se vale del concepto de campo intelectual elaborado por Pierre Bourdieu (...) que parte de la visión

---

<sup>226</sup> Como lo entendía Antonio Gramsci, un intelectual del sector popular que deba convertirse en nacional y adquirir la capacidad de dirección sobre los sectores nacionales y locales para confeccionar una unión política e ideológica entre las clases subalternas.

de que los escritores conforman un microcosmos en el mundo social que se rige por una lógica específica” (Fiorucci, 2011:14).

Sin embargo, es preciso citar a la tradición normativa vinculada con el deber ser del intelectual. Así puede observarse como Vaclav Havel indica que éste “debe provocar manteniéndose independiente, debe rebelarse contra las presiones ocultas y debe ser el primer escéptico respecto de los sistemas, del poder y de sus seducciones” (Havel, 1991: 167). O como cita Altamirano a Julien Benda, estos actores “son los sacerdotes de la justicia abstracta y no se manchan de pasión alguna por un objetivo terrestre” (Altamirano, 2013: 42).

Ese modelo de intelectual en la periferia del ejercicio político concreto, institucional, tiene su contraposición con otra perspectiva que lo desplaza de un lugar ético-elitista al que le atribuyen Benda y Havel: la noción de compromiso que incorpora Sartre. Para el autor de *La Náusea*, “el escritor comprometido sabe que la palabra es acción; sabe que revelar es cambiar y que no es posible revelar sin proponerse el cambio” (Sartre, 1981: 53). O como indica Edward Said el intelectual es “alguien que ha apostado con todo su ser a favor del sentido crítico, y que por lo tanto se niega a aceptar fórmulas fáciles” (Said, 1996: 39)

Existen otras intervenciones en torno a la intelectualidad y, en particular, desde la perspectiva de la sociología o incluso la historia de las ideas de los intelectuales. Pero para los propósitos del presente texto las definiciones anteriores son útiles ya que lo que está en disputa es la intervención que adoptan los colectivos seleccionados en el escenario político y no cómo se conforman o cuáles son las redes que trazan -inquietudes que revisten gran interés pero que para el propósito de este caso no forman parte del trabajo sugerido-. Finalmente, el argumento que sostiene la preocupación por observar las posiciones de los grupos radica en la intención de evaluar cómo ven al Estado -y el gobierno de su tiempo-, articulando esas miradas con la crítica propuesta por Omar Acha en “Sociedad civil y sociedad política durante el primer peronismo” donde plantea una revisión del concepto de tradicional de sociedad civil para estudiar el peronismo.

### **Sociedad civil, intelectuales ¿y qué más?**

Los debates en torno al peronismo, el gobierno peronista, el Estado durante el peronismo y la sociedad dieron lugar a innumerables tesis que, en consecuencia, exhiben un diagnóstico pero sobre todo consuman la explicitación teórico-política de los autores e investigadores y la corriente

ideológica en la que abrevaron sus estudios. Así, deconstruir las miradas de diversos trabajos sobre el peronismo es una tarea atractiva que ha sido realizada en diferentes estudios<sup>227</sup>.

Retomando el eje, que son los intelectuales, será de utilidad emplear como herramienta analítica el estudio mencionado de Acha que discute con una de las tradiciones liberales de la historiografía argentina en torno a la acción política del peronismo y realiza, así, una crítica a la noción de “sociedad civil” de raíz liberal.

Para ello, es necesario remarcar que la discusión que plantea el autor radica en cuestionar la visión acerca del peronismo proveniente del liberalismo, pero no para confrontar con otros investigadores esbozando una suerte de duelo -o tal vez sí-, sino para complejizar el análisis con la intención de agudizar la mirada proponiendo caminos alternativos para observar el peronismo.

Así, por ejemplo, Acha plantea que

el Estado comprende a las instituciones permanentes que se encargan de asegurar la reproducción de la sociedad y de sí mismo en tanto ente. El Estado se define por la soberanía jurídica e impositiva, que se garantiza por el monopolio de la violencia. La sociedad política, en cambio, está compuesta por las instituciones e individuos con vocación de participar o influir en la dirección del Estado o de subvertir la sociedad y el Estado. Aún en esta segunda variante, la voluntad política diferencia a la sociedad política de la civil. En las sociedades liberal-democráticas la sociedad política está compuesta básicamente por los partidos políticos. Algunas corporaciones propias de la sociedad civil pueden integrarse momentáneamente a la sociedad política, como sucede con las entidades empresariales o los sindicatos obreros que se alinean con alguna fuerza política para apoyar o contender una opción electoral (Acha, 2004: 201).

---

<sup>227</sup> Claudio Belini y Marcelo Rougier, “Los dilemas de la historiografía económica sobre el peronismo: certezas dudosas, vacíos persistentes. Aportes para la construcción de una agenda de investigación”, en Jorge Gelman (coord.), *La Historia Económica Argentina en la Encrucijada. Balances y Perspectivas*, Buenos Aires, Prometeo, 2006; Omar Acha y Nicolás Quiroga, “El hecho maldito. Conversaciones para otra historia del peronismo”, Rosario, Prohistoria, 2012; Raanan Rein, “De los grandes relatos a los estudios de ‘pequeña escala’. Algunas notas acerca de la historiografía del primer peronismo”, en Raanan Rein, Carolina Barry, Omar Acha y Nicolás Quiroga *Los estudios sobre el primer peronismo. Aproximaciones desde el siglo XXI*, La Plata, ICPBA-DPPC-Archivo Histórico “Dr. Ricardo Levene”, 2009; entre otros.

Por ende, continúa: “En la Argentina peronista el movimiento peronista colonizó buena parte de esa sociedad política desplazando al resto de los partidos”. Para el caso analizado -como se verá más adelante- la actuación sobre la intelectualidad no puede traducirse a los ejemplos citados por el investigador quien reflexiona en torno a los sindicatos o a la Fundación Eva Perón. Sobre los intelectuales el debate se desarrollará hacia el interior del campo -como lo trabajó Fiorucci-

A su vez, es pertinente la crítica hacia la sociedad liberal-democrática porque no sólo indica las características de una época sino la vigencia de miradas desde esa perspectiva a través de las cuales se estudia el peronismo. Por ejemplo Luciano de Privitellio y Luis Alberto Romero indican que

el peronismo privilegió la dimensión plebiscitaria de su legitimación y proyectó un avance importante del Estado sobre la sociedad y sus organizaciones (...) Las unidades básicas, que en un primer momento replicaron el impulso social entre asociativo y político, terminaron como agentes movilizadores de manifestaciones plebiscitarias y como agencias estatales para la canalización de demandas sociales ( de Privitellio y Romero, 2005: 33).

Estos autores entienden a la sociedad civil “como aquella esfera históricamente constituida de derechos individuales, libertades y asociaciones voluntarias, cuya autonomía y concurrencia mutua en la persecución de sus intereses e intenciones privadas quedan garantizadas por una institución pública, llamada Estado, la cual se abstiene de intervenir políticamente en la vida interna” (Giner, 1996: 130-131).

Dichas perspectivas son complejizadas a la hora de proponer un análisis. Razón por la cual Acha apunta que “los conceptos liberales y modernos exigen una revisión crítica si se pretende comprender una historia social y política -como la del peronismo-” (Acha, 2004: 228).

Ahora bien, ¿por qué pensar la sociedad civil y los intelectuales? Con la intención de observar los posicionamientos de los colectivos afines -en este caso serán los gobiernos peronista y kirchnerista- es necesario destacar la existencia de un desplazamiento de lo privado hacia lo público/estatal que generó acción y reacción dentro y fuera del campo.



## **ADEA y Carta Abierta: dos experiencias en tiempos de disputa**

Bourdieu sostiene que mientras los intelectuales encuentran en el reconocimiento que le concede el público dominante las condiciones de existencia erigiéndose como portavoces de ese sector, los que se hallan en el campo de los dominados hablan en su exclusión social de la condición de solidaridad con las clases subalternas (Bourdieu, 1999). Esta idea sirve como puntapié inicial para pensar la emergencia de sectores intelectuales que, pese a estar relacionados con los gobiernos de su tiempo, no formaban parte del eje dominante de la intelectualidad -emergen como grupos foráneos pese a su proximidad política con el peronismo (ADEA) y el kirchnerismo (Carta Abierta)-.<sup>228</sup>

ADEA (Asociación de Escritores Argentinos) surgió como un colectivo que reunió a intelectuales nacionalistas en 1945 en oposición a la SADE (Sociedad Argentina de Escritores) que había sido creada en 1928. La emergencia de este núcleo radica en los debates de la época que dividieron aguas en distintos sectores y entre ellos se encuentra la intelectualidad. Así, durante aproximadamente una década parte del debate intelectual sobre el peronismo se centró en concebirlo como la versión local del fascismo o como un movimiento emancipatorio y antiimperialista (Fiorucci, 2011).

Incluso esas tensiones -sostiene Fiorucci- no sólo dividían al campo intelectual sino al “ser intelectual”, ya que la emergencia de la figura de Juan Perón, quien antes de ser electo democráticamente había sido miembro del GOU (Grupo de Oficiales Unidos) y funcionario del gobierno de facto de Pedro Ramírez y luego de Edelmiro Farrell, oficiaba de parte aguas. Por eso -resalta la autora-, “en el imaginario colectivo, cuando hablamos del período 1945-1955, la idea de un intelectual peronista se plantea como un oxímoron” (Fiorucci, 2011: 89).

Frente a esta marginación inicial, que pretendía deslegitimar la referencia de los actores emergentes y su adhesión al peronismo, puede comprenderse por qué en su Declaración de Principios ADEA se compromete a “defender y promover los ideales que componen la cultura nacional y defender los derechos de los trabajadores intelectuales”. Aunque “negó desde sus inicios tener

---

<sup>228</sup> Es cierto que podría ser objeto de un futuro análisis la complejidad del esquema y sus variantes propuestas por Bourdieu sobre dominantes y dominados para reflexionar qué lugar ocuparon estos colectivos en el campo, pero no es la intención de este trabajo.

afiliación partidaria, ideológica y/o estética” con el peronismo apelando al “apoliticismo que había sido motivo fundacional en la SADE” (Fiorucci, 2011: 104).

La aparición de ADEA se dio en el contexto de una disputa por conseguir reconocimiento dentro del campo intelectual hegemonizado, en términos institucionales, por la SADE. Sin embargo, -avanzando más de 50 años- la irrupción de Carta Abierta no surgió para disputar legitimidad frente a otros colectivos sino que nació para dar testimonio de un sector frente a la coyuntura:

Es un espacio no partidario ni confesional conformado por personas de la cultura, la educación, el periodismo, las ciencias, el cine, las artes, la poesía y la literatura, entre otras disciplinas. Surgió en marzo de 2008, en defensa del gobierno democrático amenazado por el conflicto suscitado por las patronales agropecuarias, y distinguiéndose siempre por la preservación de la libertad de crítica<sup>229</sup>.

Pese a las motivaciones particulares, el escenario político de 2008 para Carta Abierta y el de la disputa con la Sociedad de Escritores desarrollado parte de ADEA coinciden en resguardarse, inicialmente, una adhesión partidaria determinada.

Los actores que adhieren al kirchnerismo en su primera publicación, presentada en sociedad el 13 de mayo de 2008, fundamentaron “la necesidad de creación de un espacio político plural de debate que nos reúna y nos permita actuar colectivamente (...) sin perder como espacio autonomía ni identidad propia. Un espacio signado por la urgencia de la coyuntura, la vocación por la política y la perseverante pregunta por los modos contemporáneos de la emancipación” (Carta Abierta, 2008a). Es decir, dado el contexto de desestabilización que vislumbraban en 2008, los firmantes de la primera Carta no soslayaban su simpatía con el gobierno de Cristina Fernández de Kirchner pero tampoco adherían a él como brazo partidario-intelectual.

Esta coincidencia se suma a otra: la identificación de un tiempo que ambos consideran de “emancipación”, de lucha contra el capitalismo internacional o el imperialismo, y, por ende, la apelación al pensamiento nacional. Tal vez aquí la regularidad entre ADEA y Carta Abierta pueda hallarse en la pertenencia del kirchnerismo al peronismo. No es casual que muchos de los miem-

---

<sup>229</sup> Presentación de Carta Abierta en su sitio web <http://www.cartaabierta.org.ar/nueva/index.php/quienes-somos>

bros de Carta Abierta se reconozcan como “peronistas de izquierda” y observen en el kirchnerismo la recuperación de esa corriente<sup>230</sup>. Así “la tradición nacional-popular, identificada con el peronismo, pero capaz de subsumir posiciones de izquierda, encontró en Carta Abierta” (Retamozo, 2014) su espacio de actuación.

Las diferencias fundacionales son diversas en cuanto a las intencionalidades, ya que mientras en sus inicios la disputa planteada por ADEA era hacia el interior del campo -con la SADE-, Carta Abierta expresaba que su “propósito es aportar a una fuerte intervención política (...) en el sentido de una democratización, profundización y renovación del campo de los grandes debates públicos” (Carta Abierta, 2008a).

Hacia la década del 1950 ADEA comenzó a explicitar su posicionamiento que en un inicio interpelaba al “pensamiento nacional” aunque ya había comenzado a “festejar el día de la lealtad peronista, organizaba conferencias sobre la ‘fe peronista’ y públicamente defendía al gobierno en sus alocuciones institucionales” (Fiorucci, 2011: 107). También Carta Abierta empezó a manifestar cada vez más su acompañamiento al gobierno -pese a resguardar cierta cautela- al publicar en relación a una nueva ley de medios que “cabe ahora abrir un cuidadoso crédito a la esperanza, y de pleno apoyo. El gobierno nacional se ha comprometido públicamente a dar un decisivo paso adelante en esta materia” (Carta Abierta, 2008b).

Pero la relación entre estos actores y los gobiernos siempre contó con sinuosidades, debido al posicionamiento crítico en algunas circunstancias. De ese modo Retamozo indica, en referencia a Carta Abierta, que “el kirchnerismo incorporó así un colectivo muchas veces incómodo pero que lo nutrió de voz -y lo que es más de un lenguaje y legitimidad en muchos debates en los que no tenía presencia-” (Retamozo, 2014); mientras que Fiorucci observa que “la figura del intelectual -asociada al pensamiento y a la polémica- no se ajustaba a esa demanda incondicional de adhesión”. (Fiorucci, 2011: 120)

Los puntos de contacto y diferencia son anecdóticos si se piensa la cuestión de los intelectuales en relación con la noción de sociedad civil que propone cuestionar Acha. Allí sería conve-

---

<sup>230</sup> Ver José Pablo Feinmann, *El Flaco*, Buenos Aires, Plantea, 2011; Ricardo Forster, *La Anomalía Argentina*, Buenos Aires, Sudamericana, 2010; Norberto Galasso, *De Perón a Kirchner*, Buenos Aires, Punto de Encuentro, 2011; Horacio González, *Kirchnerismo una controversia cultural*, Buenos Aires, Colihue, 2011; Héctor Pavón, *Los intelectuales y la política en la Argentina*, Buenos Aires, Debate, 2012; Héctor Bernardo y Gregorio Dolce, *Bisagra K. El kirchnerismo en el contexto latinoamericano*, Buenos Aires, Acercándonos Editorial, 2013; entre otros.

niente quitar del discurso politológico el sacro concepto sociedad civil cuyos márgenes deben estar perfectamente delimitados. Sin embargo, las intervenciones de los intelectuales muestran cómo esas fronteras son porosas ya que parte del Estado actúa sobre ella como sociedad política ampliada. Incorporando el pensamiento de Antonio Gramsci puede indicarse que “el Estado tiene y pide consenso, pero también educa este consenso con las asociaciones políticas y sindicales que, sin embargo, son organismos privados dejados a la iniciativa de la clase dirigente” (Campione, 2007: 77)

Del mismo modo, Acha plantea que “el peronismo constituyó (y se conformó) como Estado a través de la figura de Perón, pero también fue una sociedad política compuesta por una multiplicidad de personas y entidades, que mediaban entre la sociedad civil y las instituciones estatales” (Acha, 2004: 226 y 227).

Por ende, para analizar el peronismo y el kirchnerismo, ya sea como proceso en su conjunto o a través de sus intelectuales, es preciso buscar herramientas teórico-políticas que sean alternativas ya que “los conceptos liberales y modernos exigen una revisión crítica si se pretende comprender una historia social y política -como la del peronismo-” (Acha, 2004: 228).

A su vez, cabe complejizar la relación entre el gobierno y el estos actores relacionados a una sociedad civil “ampliada” -si se la observa desde la doxa liberal-. En cuanto al funcionamiento y financiamiento, ADEA no recibió aportes por parte del gobierno ni una mayor legitimidad por parte del Estado, pese a su adhesión al peronismo más explícita en los años 50. En tanto, la situación de Carta Abierta contiene más aristas, ya que el ámbito de reunión de los intelectuales es un organismo público como la Biblioteca Nacional, y algunos de los referentes de Carta ocupan cargos de gestión -aunque dos o tres dirigentes ejecutivos no determinan a todo un colectivo-.

Por ende, pensar la sociedad y su tiempo político a través de los discursos de los intelectuales ligados con los procesos seleccionados es una estrategia que posibilita analizar su “relación con la sociedad y el papel que desempeñan en ella (...) la discusión cultural de la que participan y las luchas simbólicas que llevan adelante (porque éstas) no están dissociadas del espacio de las luchas políticas” (Quiroga, 2009: 107).

Estos intelectuales -a través de sus organizaciones, como otras instituciones durante el peronismo cuyo proceso a su vez cristalizó nuevas instituciones pero fue crítico del institucionalismo canónico enarbolado por el paradigma liberal (y neoliberal)- promovieron la ampliación de los compartimentos estancos en los cuales podían diferenciarse sociedad política y sociedad civil, y

por ende Estado. En sus discursos, claramente, se expresa que lo que está en disputa es el Estado, el tipo de Estado. Y su rol, ligado al de intelectual comprometido, fue el de denuncia y posicionamiento frente a contextos determinados.

Frente a este cuadro pueden sugerirse preguntas para ahondar en futuros trabajos tales como: ¿La interpretación que dividió a los intelectuales durante el peronismo acerca de la caracterización de éste como un movimiento fascista o antiimperialista puede traducirse hoy con el kirchnerismo en torno a su ascendencia neoliberal o progresista?; ¿Los intelectuales deben pensarse de manera autónoma al poder o de una forma heterónoma?; ¿Cuál fue y cuál es la influencia que han tenido estos intelectuales en los gobiernos a los que suscribieron?; ¿Contribuyeron en la planificación de algunas de las políticas gubernamentales?; ¿Cuál es el lugar del intelectual socialista frente a la dicotomía peronista (nacional popular) / liberal?

En definitiva, “el intelectual público no se concibe como un magistrado del espíritu ni como un experto, sino como un ciudadano que busca animar la discusión de su comunidad” (Altamirano, 2013: 11). Y en parte esto es lo que sucedió con ADEA durante los 50 y lo que aún sostienen los integrantes del espacio Carta Abierta: situar en la esfera de lo público las nociones críticas en torno a lo público formando parte del debate público.

## **Bibliografía**

ACHA, Omar. “Sociedad civil y sociedad política durante el primer peronismo” en *Desarrollo Económico*. Vol. 44. N° 174. Pp. 199-230. Julio-Septiembre, 2004.

ALTAMIRANO, Carlos. *Intelectuales. Notas de investigación sobre una tribu inquieta*. Buenos Aires. Siglo veintiuno editores, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires. Eudeba, 1999.

CAMPIONE, Daniel. *Para leer a Gramsci*. Buenos Aires. Ediciones del CCC. Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2007.

CARTA ABIERTA Quiénes somos en <http://cartaabierta.org.ar/index.php/quienes-somos>, 2008. Fecha de consulta: 1 de Octubre de 2014.

CARTA ABIERTA 1 en <http://cartaabierta.org.ar/index.php/cartas-abiertas/99-cartas/carta-abierta1/145-carta-abierta-1>, 2008a. Fecha de consulta: 1 de Octubre de 2014.

CARTA ABIERTA 2 en <http://cartaabierta.org.ar/index.php/cartas-abiertas/102-cartas/carta2/148-carta-abierta-2>, 2008b. Fecha de consulta: 1 de Octubre de 2014.

DE PRIVITELLIO, Luciano y ROMERO, Luis Alberto. “Organizaciones de la sociedad civil, tradiciones cívicas y cultura política democrática: el caso de Buenos Aires, 1912-1976 en Revista de Historia. Año 1. N° 1. Mar del Plata, 2005.

FIORUCCI, Flavia. *Intelectuales y peronismo (1945-1955)*. Buenos Aires. Editorial Biblos, 2011.

GINER, Salvador. “Sociedad Civil”, en Elías Díaz y Alfonso Ruiz. *Filosofía Política II*. Madrid. Instituto de Filosofía, 1996, pp.130-131.

HAVEL, Vaclav. *Disturbing the peace: A conversation with Karel Hvizdala*. Nueva York. Vintage books, 1991.

RETAMOZO, Martín. “Intelectuales, kirchnerismo y política. Una aproximación a los colectivos de intelectuales en Argentina” en *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Questions du temps présent, mis en ligne le 23 octobre 2012, consulté le 14 octobre 2014. URL : <http://nuevomundo.revues.org/64250> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.64250, 2014.

SAID, Edward. *Representaciones del intelectual*. Buenos Aires. Paidós, 1996.

SARTRE, Jean Paul. *¿Qué es la literatura? (7° comp)*. Buenos Aires. Losada, 1981.

QUIROGA, Hugo. “Crítica y responsabilidad pública. A propósito de los intelectuales” en Hilb, Claudia (comp.) *El político y el científico: ensayos en homenaje a Juan Carlos Portantiero*. Buenos Aires. Siglo Veintiuno, 2009, pp. 107-122.

## **Los primeros pasos de la derrota: represión política, frente popular y pérdida de influencia del Partido Comunista argentino en el movimiento obrero durante los prolegómenos del peronismo, 1943-1945**

Hernán Camarero (CONICET / Universidad de Buenos Aires, [hercamarero@gmail.com](mailto:hercamarero@gmail.com))

### **Resumen**

Tras dos décadas de creciente inserción del Partido Comunista (PC) en el movimiento obrero argentino, a partir del golpe militar del 4 de junio de 1943 y desde que el coronel Juan D. Perón impulsara la Secretaría de Trabajo y Previsión, ocurrió un progresivo declive de la influencia de ese partido en los ámbitos laborales. Perón tendió a disolver los sectores sindicales ligados al PC y a reprimir a dicho partido, al tiempo que enhebró relaciones con diversas conducciones gremiales, con el fin de articular una nueva estructura afín a sus posiciones. Perón fue señalado por el PC como el enemigo principal, en una lectura de la realidad que resultó incapaz de advertir la compleja trama de realidades y expectativas que comenzaban a tejerse en el vínculo entre ese militar y los trabajadores. Ello se debía a la estrategia de compromiso con las expresiones de la “burguesía democrática” que el PC levantaba desde 1935 con la aplicación de su línea frentepopulista. El objetivo de esta ponencia es examinar el ciclo que se abre en junio de 1943 y se cierra con la movilización del 17 de octubre de 1945 y las elecciones generales de febrero de 1946. Se ofrece una primera hipótesis general que encuentre algunas pistas para el análisis del proceso caracterizado por el éxito peronista en ganar la adhesión obrera y la derrota del PC por impedir este intento.

### **Abstract**

After two decades of work inside the Argentine's working class, the Communist Party (PC) influence decline, especially since 1943's coup d'etat and colonel Peron policy in the *Secretaría de Trabajo y Previsión*. Peron disarmed the Trade Union linked to the PC while he established relationships with a fraction of the Unions leaders looking for new allies. The PC considered Peron their most important enemy. This political position was coherent with their policy of “popular Front” but they couldn't see the roots that Peron was creating within the working class. This article examine the period between june 1943 and the general elections in February 1946. During this period occurred a big march known as “17 de octubre del 45” to support colonel Peron that is considered the beginnig of Peron's extended influence inside the labor movement.

Tras dos décadas de creciente inserción del Partido Comunista (PC) en el movimiento obrero argentino, a partir del golpe militar del 4 de junio de 1943 y desde que el coronel Juan D. Perón impulsara la Secretaría de Trabajo y Previsión, ocurrió un progresivo declive de la influencia de ese partido en los ámbitos laborales. Perón tendió a disolver los sectores sindicales ligados al PC y a reprimir a dicho partido, al tiempo que enhebró relaciones con diversas conducciones gremiales, con el fin de articular una nueva estructura afín a sus posiciones. Perón fue señalado por el PC como el enemigo principal, en una lectura de la realidad que resultó incapaz de advertir la compleja trama de realidades y expectativas que comenzaban a tejerse en el vínculo entre ese militar y los trabajadores. Ello se debía a la estrategia de compromiso con las expresiones de la “burguesía democrática” que el PC levantaba desde 1935 con la aplicación de su línea frentepopulista. El objetivo de esta ponencia es examinar el ciclo que se abre en junio de 1943 y se cierra con la movilización del 17 de octubre de 1945 y las elecciones generales de febrero de 1946. No se pretende hacer una descripción empírica puntillosa, sino, más bien, ofrecer una primera hipótesis general que encuentre algunas pistas para el análisis del proceso caracterizado por el éxito peronista en ganar la adhesión obrera y la derrota del PC por impedir este intento.

### **El PC antes del golpe del 4 de junio: *frente popular* y cambios en la dirección partidaria**

Para comprender la actuación del PC durante ese período debe atenderse, primeramente, al carácter de la estrategia política que lo guiaba. Desde fines de la década de 1920 (más exactamente a partir del VIII Congreso, de 1928), el partido radiografió la estructura socioeconómica del país en términos de un capitalismo deformado por la dependencia con el imperialismo y por el peso del latifundio. De allí derivó su caracterización central: el país requería una revolución por etapas, “democrático-burguesa, agraria y antiimperialista”. El horizonte socialista se hizo indeterminado. Estos planteos, surgidos cuando la Internacional Comunista (IC) o Comintern (en la que el PC se insertaba) aplicaba la estrategia de *clase contra clase*, se afianzaron y a la vez adquirieron nuevos perfiles con la adopción del *frente popular* (antiimperialista pero, sobre todo, antifascista), con el VII y último congreso de la IC de, 1935. A partir de estas definiciones se postulaba que la clase obrera poseía aliados naturales en el campo de la burguesía nacional desvinculada del capital extranjero y la oligarquía terrateniente. Por el modo en que este planteo estaba argumentado, ya desde los '30, la paradoja resultaba obvia: el autodenominado “partido de la clase obrera” terminaba identificando como problema principal del país no al capitalismo, sino al insuficiente desarrollo del mismo. Según este análisis, la industria vernácula había quedado constreñida en límites estre-



chos y el sector rural estaba sometido a un régimen de explotación ineficiente y caduco, todo distorsionado por el peso asfixiante del capital monopolista extranjero y la oligarquía terrateniente. En esos marcos, la burguesía nacional aparecía imposibilitada, objetivamente, de asegurar un camino de “independencia y progreso”, pero dado que presentaba contradicciones con el imperialismo, ocupaba un lugar clave en la interpelación comunista. Había, pues, un enemigo central, que era el imperialismo, en alianza con el “gran capital intermediario” y a los “latifundistas de tipo feudal”, con lo cual la contradicción entre la clase obrera y la burguesía nacional quedaba relegada a un segundo plano y subalternizada en la orientación del PC. Lo que siguió de allí en más y durante medio siglo fueron meras adecuaciones a esos lineamientos.

La implicancia de esta línea fue muy significativa. Desde la retórica y la práctica del partido, se fueron supeditando las reivindicaciones de los trabajadores a una política de acuerdo con la burguesía “aliada” y “democrática” (ver: Aricó, 1979). Los comunistas, mientras se hacían fuertes en los sindicatos industriales y canalizaban las demandas laborales, en el terreno político, en cambio, propiciaban todo tipo de convenios con expresiones pretendidamente “progresistas” del campo patronal. Hicieron lo imposible para establecer una gran alianza opositora al gobierno conservador junto a la UCR, el PDP y el PS, levantando con ahínco la candidatura de Marcelo T. de Alvear a la presidencia en 1937. Esta línea fue anestesiada en el bienio 1939-1941, cuando perduró el tratado de no agresión nazi-soviético Ribbentrop-Mólotov y por ende se estableció la táctica del “neutralismo”. Pero desde junio de ese último año, con la invasión alemana a la URSS, el frente-populismo volvió con vigor y encontró al PC como el más entusiasta impulsor de lo que años después derivó en la Unión Democrática (la colación electoral que enfrentó a Perón en los comicios de febrero de 1946).

Todo ello coincidió con cambios en la dirección partidaria, los cuales se hicieron intensos desde 1938-1939. Durante los años anteriores, la organización parecía haberse reestructurado en torno a la estrategia del *frente popular* sin grandes conmociones internas ni fisuras visibles tanto a nivel de la conducción como de los cuadros partidarios. Sin embargo, ya a fines de 1937 había comenzado a incubarse una crisis que se hizo visible en el IX Congreso Nacional del PC, en enero de 1938, y que afectó al nivel más alto de la dirección. En aquel cónclave se efectuó el primer balance de la aplicación de la política del *frente popular* en el país y de la expansión del partido en el movimiento sindical. En las resoluciones y documentos emitidos apenas se evidenciaron las diferencias entre los dirigentes (Sommi, 1938; Ghioldi, 1938).

En ese congreso y, sobre todo, durante los meses siguientes, uno de los responsables de la conducción del partido, Luis V. Sommi, fue acusado por otro sector de la dirección y de los cuadros de tener planteos que luego serían caracterizados como “oportunistas”, por “ceder programática y políticamente” a fuerzas reformistas (como el PS) o de la burguesía democrática (la UCR). Es decir, a Sommi se lo increpaba, argumentándose que poseía una línea que colocaba al PC como “furgón de cola de fuerzas políticas burguesas y reformistas”. Otro sector de dirigentes, representados, entre otros, por Orestes Ghioldi y Paulino González Alberdi, apoyados por una gran cantidad de cuadros medios, en especial, los que militaban en el ámbito obrero, logró imponer sus posiciones en el Comité Central ampliado de julio de 1938. Allí se criticaron las “desviaciones” y se apostó a “fortalecer la construcción del partido, su carácter obrero y la política unitaria”.<sup>231</sup> Finalmente, en esa misma reunión se nombró a Gerónimo Arnedo Alvarez como Secretario General del partido, una función que ejercerá hasta su muerte en 1980.

Algunos meses después, en marzo de 1939, el reajuste se impuso en la Vª Conferencia Nacional de la Juventud Comunista. Se constituyó así, un nuevo eje de dirección partidaria, al cual se sumaron nuevos dirigentes, como Juan José Real, y, a partir de 1940-1941, Rodolfo Ghioldi y Victorio Codovilla, luego de regresar ambos al país, tras permanecer varios años en el exterior. Con esta estructura de conducción, el PC afrontó los años que siguieron y que incluyeron el fuerte desafío de actuar bajo la coyuntura del golpe del 4 de junio de 1943 y de la emergencia del laborismo-peronismo.

### **La implantación comunista en el movimiento obrero industrial hasta 1943**

Tal como hemos señalado en nuestras investigaciones (Camarero, 2007, 2008 y 2012), el PC venía experimentando un avance notable en la clase obrera industrial, especialmente, durante la década y media anterior a 1943. El contexto económico-social del país lo hacía posible. Durante ese período, como producto de la industrialización sustitutiva, se verificó una presencia cada vez más gravitante de obreros en los centros urbanos (especialmente, la Capital Federal y el conurbano bonaerense), con un gran monto de reivindicaciones insatisfechas, pues las tendencias al aumento del poder adquisitivo del salario y al descenso de los índices de desocupación de la segunda mitad

---

<sup>231</sup> Sobre este conflicto interno, nos remitimos a: Partido Comunista, Comisión del Comité Central, 1947: 86.

de los años veinte, se revirtieron tras la crisis de 1930, y los índices sólo volvieron a mejorar, desde mediados de esa década, exclusivamente en lo que hace a la baja del desempleo. Fueron años de intensa acumulación del Capital, con incremento de la explotación laboral y escasas iniciativas redistributivas. Esta industrialización impuso cambios en las orientaciones del movimiento obrero, con inserción débil en estos nuevos sectores laborales (una visión global sobre el período 1930-1943 en el movimiento obrero: Matsushita, 1983; Tamarin, 1985; Godio, 1989; Horowitz, 2004).

El PC se convirtió en la principal corriente en promover prácticas combativas y clasistas en el ámbito industrial, recreando parcialmente una experiencia confrontacionista como la que anteriormente había sostenido un anarquismo que ahora se mostraba cada vez más exangüe. En cambio, entre los asalariados del transporte, los servicios y algunos pocos manufactureros tradicionalmente organizados, con muchos trabajadores calificados (marítimos, ferroviarios, tranviarios, municipales, empleados de comercio y del Estado, telefónicos y gráficos, entre otros), la hegemonía era disputada por socialistas y *sindicalistas*, tendencias que desde mucho tiempo atrás venían negociando con los poderes públicos y ya habían obtenido (o estaban en vísperas de hacerlo) conquistas efectivas para los trabajadores. Los *sindicalistas* confiaban en sus acercamientos directos con el Estado; los socialistas apostaban a potenciar su fuerza con su bancada parlamentaria, desde la cual apoyaron los reclamos laborales, en especial, los provenientes de sus gremios afines. En ambos casos, se privilegiaba la administración de organizaciones existentes, que gozaban de poder de presión y estaban en proceso de complejización e institucionalización, más aún, en varios casos, de burocratización. En suma, aquellos eran territorios ocupados y relativamente adversos, en donde los comunistas no encontraron oportunidades para incidir de modo preponderante.

Por otra parte, hubo una serie de técnicas de implantación, formas de trabajo y modalidades de intervención de los comunistas en el ámbito obrero fabril que les otorgaron ventajas decisivas para el despliegue de una experiencia clasista de organización y movilización hasta comienzos de la década de 1940. Esto exige recordar una precisión respecto a la temporalidad histórica. En el período formativo de esta corriente, entre 1912 y 1925 (como fracción de izquierda del socialismo, como partido socialista revolucionario, y, por último, como partido comunista durante su primer lustro), la posición ocupada por ella en el mundo del trabajo fue marginal. Se trataba de un partido que había logrado establecer ciertos vínculos con el mundo proletario, pero de un modo asistemático y poco profundo, sin presencia orgánica en los sitios de trabajo, con escasa incidencia en las estructuras sindicales y sin mucha experiencia en la dirección de los conflictos y organismos nacionales del movimiento obrero. La inserción obrera de los comunistas conoció un salto cuantita-

tivo y cualitativo desde 1925, cuando el PC adoptó la orientación de la “proletarización” y la “bolchevización”. Esto significó un cambio en su estructura: la reubicación de todos los militantes en clandestinas células obreras (sobre todos, las de “empresa o taller”), que significaron una novedosa forma de organización de base antipatronal. Ellas pasaron a ser la entidad fundamental de un partido que viró hacia una actividad combativa y eminentemente ilegal. Al mismo tiempo, esta última se fue haciendo más jerárquica, centralizada y monolítica, en sintonía con los postulados de una Comintern que iniciaba su proceso de burocratización. Lo cierto es que, a diferencia de la década anterior, desde ese entonces y hasta 1943, el PC mutó en una formación política integrada mayoritariamente por obreros industriales, que buscó poseer y conservar ese carácter. Si el comunismo devino en una corriente especialmente apta para insertarse en este proletariado, fue porque se mostró como un actor muy bien dotado en decisión, escala de valores y repertorios organizacionales. Los comunistas contaron con recursos infrecuentes: un firme compromiso para la intervención en la lucha social y una ideología redentora y finalista (una peculiar manera de concebir al “marxismo-leninismo”), que podía pertrecharlos con sólidas certezas doctrinales. Al mismo tiempo, las células y otros organismos de base, como las flamantes comisiones internas (ver Ceruso, 2010), así como los grandes sindicatos únicos por rama, resultaron muy aptos para la penetración en los ámbitos fabriles y para el agrupamiento de los obreros de dicho sector. La implantación fue posible gracias a esa estructura partidaria celular y blindada, verdadera máquina de reclutamiento, acción y organización, que el PC pudo instalar en una parte del universo laboral.

Hasta 1935, las organizaciones sindicales dirigidas o influenciadas por el PC desplegaron una línea muy combativa y confrontacionista, la cual se expresó en violentos conflictos durante el segundo gobierno de Yrigoyen, la dictadura uriburista y los primeros años de la presidencia de Agustín P. Justo. Sólo para ejemplificar esto, apuntemos la seguidilla de duras y estridentes huelgas: la de la localidad cordobesa de San Francisco, de 1929; las del ramo de la madera, en 1929, 1930, 1934 y 1935; las de los frigoríficos, desde 1932 en adelante; la de los petroleros de Comodoro Rivadavia, ese mismo año. A partir de 1935, durante la segunda mitad del gobierno de Justo y bajo las presidencias de Ortiz y Castillo, ya con la línea del *frente popular*, hubo una moderación de esa combatividad sindical. No obstante, el partido participó también en la dirección de importantes conflictos obreros, cuyo caso paradigmático fue la masiva y extraordinaria huelga de los trabajadores de la construcción de 1935-1936, combinada con huelga general (Iñigo Carrera, 2000); a ello se agregó la innumerable cantidad de paros entre los trabajadores metalúrgicos, textiles y del vestido, entre otros, que el PC impulsó en los años siguientes. El costo de esa resistencia no fue menor: el PC sufrió una sistemática persecución por parte de la Sección Especial de Repre-

sión del Comunismo y cientos de sus adeptos fueron encarcelados, deportados (merced a la aplicación de la Ley de Residencia) y/o sufrieron sistemáticas torturas, entre ellos, buena parte de los miembros del Comité Central. El partido no sólo fue declarado ilegal sino que hubo un proyecto en el Senado de la Nación para convertir esa persecución en ley.

Si se hiciera una radiografía precisa en 1943, ella indicaría que hacia ese año el PC se había consolidado en la dirección o codirección de las más importantes organizaciones del sector industrial: la poderosa Federación Obrera Nacional de la Construcción (FONC), la Federación Obrera de la Industria de la Carne (y su extensión, la Federación Obrera de la Alimentación), el Sindicato Obrero de la Industria Metalúrgica, la Unión Obrera Textil, la Federación Obrera del Vestido y, posteriormente, el Sindicato Único de Obreros de la Madera. Cinco secretarios generales de esos sindicatos eran dirigentes del partido: Pedro Chiarante (de la FONC), José Peter (de la FOIC/FOA), Muzio Girardi (del SOIM), Jorge Michellón (de la UOT) y Julio Liberman (de la FOV). Algunos de ellos, incluso, eran integrantes del Comité Central partidario. Era una situación que históricamente no se había dado ni se volvería a repetir en otro partido de la izquierda argentina. Las cifras de afiliados y cotizantes que poseían esas organizaciones sindicales orientadas por el PC eran irregulares, pero un cálculo aproximado indica, hacia 1943, una cifra cercana a los 100.000, de los cuales, cerca de un 60% o 70% pertenecían a las filas de la FONC (Durruty, 1969). Además, debe señalarse que el PC encontró un lugar en la conducción de la CGT, consiguiendo una destacada cantidad de cargos en el Comité Central Confederal de dicha entidad y, en 1942, su vicepresidencia, en manos del albañil Pedro Chiarante.

Durante esos años, los cuadros del PC que estaban al frente de esos sindicatos, aplicaron la estrategia del *frente popular*, favorable a un acuerdo con los sectores sociales y políticos antifascistas, incluso, los provenientes de la pequeña y mediana burguesía, “nacional y progresista”. El objetivo era extender el campo de alianzas para sumar a todos ellos a la política de la Unidad Nacional y del apoyo a los países que combatían el nazifascismo, en particular, la URSS. A partir de esta orientación unitaria, ¿practicó el partido una suerte de “tregua laboral” en los sectores que influenciaba, sobre todo, desde 1941, con el ingreso de la URSS a la guerra? Una observación global no permite una respuesta inequívoca para 1941, 1942 y la mitad de 1943. En general, los sindicatos comunistas mantuvieron en ese período una línea de permanente movilización de sus bases y de atención de las reivindicaciones económicas sectoriales y generales de los trabajadores, al tiempo que practicaron una gimnasia huelguística casi constante. Si bien existían varias denuncias de activistas y obreros de base a las actitudes rígidas, excesivamente centralistas y jerárquicas,

y, a veces, autoritarias por parte de los cuadros del PC, en ningún gremio, ellos se hallaban “rebados” por las bases, ni existían elementos fuertes de desprestigio o acusaciones de “traicionar” la causa laboral. Los casos de ese tipo aparecieron en los años 1944 y 1945, especialmente, centrados en el caso del gremio de la carne, bajo la orientación de la FOIC y su secretario general, José Peter.

### **El golpe militar de 1943 y sus efectos sobre el PC**

El golpe militar del 4 de junio de 1943 tuvo efectos catastróficos para el PC. La tónica anticomunista de quienes impusieron el nuevo gobierno de facto es indiscutible. Como sostenía el general Arturo Rawson en su proclama del mismo 4 de junio: “El comunismo amenaza sentar sus reales en un país pletórico de probabilidades por ausencia de previsiones sociales”.<sup>232</sup> Bajo la justificación de estas alertas inquietantes, comenzaron a aplicarse una serie de medidas implacables. El PC sufrió los efectos de una represión inaudita. La organización fue completamente ilegalizada. Fueron clausurados sus diarios y periódicos (*La Hora*, *Orientación* y otros), saqueadas sus instalaciones y detenidos sus redactores. La organización debió actuar en la total clandestinidad; desde allí se continuó editando *Unidad Nacional*, que venía saliendo desde el mes de febrero. El partido también actuó en un movimiento “unitario y antifascista”, junto a otros sectores políticos, llamado “Patria Libre”, que publicó, también de modo furtivo, el periódico *El Himno Nacional*. Desde estos distintos órganos de prensa el PC combatió al régimen militar, al que no dudó en caracterizar como la expresión genuina de los sectores más reaccionarios y fascistas del país, y pretendió convertirse en la “vanguardia del proceso de resistencia”.

En tanto, todos los gremios orientados por el PC fueron prohibidos y sus locales clausurados, debiendo actuar desde entonces en forma encubierta. Centenares de cuadros obreros del PC, y sus principales dirigentes sindicales, como José Peter de la FOIC, Pedro Chiarante de la FONC y Vicente Marischi del SUOM, entre muchos otros, fueron detenidos o confinados en las prisiones de Villa Devoto, la isla Martín García, Neuquén y La Plata, La CGT N° 2, en la que estaban enrolados los sindicatos comunistas, fue inmediatamente disuelta.

---

<sup>232</sup> Citada en: García y Rodríguez Molas, 1988: 185.

Pero el aspecto que, finalmente, se convirtió en el decisivo fue otro. Junto con la represión se desarrolló otro proceso de enormes consecuencias para el futuro del comunismo argentino y de su inserción en el mundo del trabajo: la acción de acercamiento hacia el sindicalismo que comenzaba a desplegar el coronel Juan Domingo Perón, primero al frente del Departamento Nacional del Trabajo (DNT), luego a cargo de la Secretaría de Trabajo y Previsión (STyP). Sus objetivos pretenden ir más allá del programa trazado por la Revolución de Junio, pues comienza a encarar una vasta estrategia de apertura hacia los trabajadores organizados. Como se ha afirmado: “Su objetivo es conjurar a tiempo el peligro potencial de un ascenso de las corrientes de izquierda que hace temer el precario estado en que se encuentran las cuestiones del trabajo” (Torre, 1995: 9-10). Es con este sentido que Perón promueve la activa participación de los poderes públicos en la vida de las empresas, imponiendo la negociación colectiva, alterando las normas laborales y reparando viejos agravios por decreto. Perón, apelando a un discurso que retomaba aspectos de la doctrina social de la Iglesia, invita a los empresarios a apoyar esta apertura laboral, intentando convencerlos de que sacrificando algo de su poder patronal se evitaba una agudización de la lucha de clases y se posibilitaba la conservación del orden social existente. Por otra parte, si bien en el planteo de Perón aparecen reminiscencias de la retórica del fascismo social europeo en su lucha anticomunista, de ningún modo puede establecerse que, hacia 1943-1944, sus proyectos fueran los de instaurar un régimen corporativista. Dichos planteos habían ganado ascendencia en algunos de sus camaradas pero en Perón parece existir plena conciencia, a partir de las crecientes derrota de los ejércitos nazi-fascistas, de que no había lugar para este tipo de alternativas dictatoriales.

Lo cierto es que, sobre todo a partir de 1944, comenzó a erigirse un proyecto más ambicioso por parte de Perón, que el PC y la mayoría de la izquierda tardó mucho en advertir. Con el correr del tiempo Perón apareció dispuesto a lanzarse a una lucha electoral que se presentaba como inminente. Las muertes, entre 1942-1943, de los dos líderes naturales de la transición a una democracia burguesa “ampliada”, Alvear y Justo, le dejaron un camino más despejado para que gradualmente vaya instalando su figura y construyendo una nueva fórmula política preparada para afrontar los nuevos desafíos de la “sociedad industrial de masas”. Con ese fin, Perón inició contactos con políticos conservadores y radicales, para contar con eficaces máquinas políticas en el campo electoral, y esperó encontrar cierta colaboración de las clases patronales, al tiempo que sumó el apoyo de los dirigentes sindicales con los que había trabado relación. Esta última vinculación fue

posible dada la añeja y bien arraigada concepción *sindicalista* existente en el movimiento obrero argentino que acostumbraba a privilegiar una estrategia “pragmática”, habituada a la negociación con el Estado.<sup>233</sup>

En buena medida, este proyecto de Perón, sin embargo, resultó un fracaso. En primer lugar, porque los sectores patronales recibieron hostilmente sus planes de apertura laboral. Es que los empresarios parecieron sentirse amenazados, antes que por un movimiento obrero combativo o por una revolución social inminente, por la propia gestión de Perón, quien en nombre de la armonía social alentaba la movilización de las masas y exasperaba las tensiones sociales, al tiempo que parecía querer convertirse en árbitro de la paz social y detentador de todo el poder político. En segundo lugar, la tarea de reclutamiento de apoyos entre los partidos tradicionales llevada a cabo por Perón sólo alcanzó un magro resultado, dado que éste no dejaba de aparecer como la expresión de un régimen y un proyecto vinculados a los que estaban siendo sepultados con el fin de la guerra mundial. La derrota definitiva de Perón parecía estar cercana en octubre de 1945: la oposición socio-política se mostró dispuesta a imponer la rendición incondicional del coronel “díscolo” y a obligar al régimen militar a delegar el poder en la Corte Suprema.

### **Octubre de 1945 y elecciones de 1946**

El mes de octubre de 1945 se presentó, inicialmente, como el de la derrota del proyecto “original” de Perón. Y el PC pensó entonces que la partida la tenía ganada. Veamos los hechos. Cuando el coronel advirtió el fracaso de sus tentativas desde el Estado, ejecutó un giro estratégico, convocando a los sindicatos y a los trabajadores a manifestarse en defensa de su gestión. Un nuevo intento político había surgido. Este llamado a los trabajadores anuló las posibilidades de un compromiso y agudizó la polarización política, decidiendo a los militares a ceder a las presiones de la oposición. En las primeras filas de ella se hallaba el PC. La nueva coyuntura se desarrolló muy rápidamente: el 9 de octubre Perón fue despojado de todos sus cargos y el 12 de ese mismo mes fue encarcelado. El desenlace es bien conocido. El 17 de octubre la marcha de los trabajadores hacia la Plaza de Mayo forzó a una definición política distinta. Se trató de una movilización de masas impulsada desde abajo, gracias a la labor de agitación y propaganda de los cuadros sindica-

---

<sup>233</sup> Este tópico ha sido bien analizado en Murmis y Portantiero, 1971; del Campo, 1983 y Torre, 1990.



les, pero al mismo tiempo alentada por sectores de la burocracia estatal y policial. La manifestación acabó por convertirse en un punto de inflexión pues, al bloquear la estrategia de la oposición, redefinió el campo de las alternativas existentes. El acontecimiento logró algo inédito y difícilmente previsto por los adversarios del coronel, y entre ellos, casi toda la izquierda: retornarlo de la prisión, rescatarlo de su ostracismo y depositarle en sus manos otra oportunidad para ensayar un nuevo intento político.

La escasa capacidad del PC en comprender los pliegues de esta nueva realidad fue evidente. El PC denunció en forma absoluta y desde sus inicios toda la política social de Perón, caracterizándola como demagógica, insustancial y oportunista, al servicio de garantizar una política represiva, fascista y anticomunista en el movimiento obrero. Las nuevas organizaciones gremiales que surgieron y las reorientaciones de varios dirigentes sindicales hacia una mirada favorable de la acción peronista fueron minimizadas en su trascendencia histórica por el PC, quien las juzgó de realidades de efímero porvenir e imposibles de eclipsar su influencia en el movimiento obrero. Desde la segunda mitad de 1943 y a lo largo de 1944, la mayor parte de la influencia que los comunistas habían logrado en el mundo del trabajo desde hacía más de dos décadas se desmoronaba lenta e imperceptiblemente bajo sus pies, pero el partido no alcanzaba a dimensionar el fenómeno.

Como señalamos anteriormente, desde los inicios mismos del golpe del 4 de junio de 1943, y especialmente desde que Perón impulsó la Secretaría de Trabajo y Previsión, se venía alertando a diversos voceros o expresiones del poder económico, social y político del peligro que representaba la gravitante presencia comunista en los ámbitos laborales y de la necesidad de erradicarlo. El coronel Domingo Mercante, uno de los brazos derechos de Perón y gobernador de la provincia de Buenos Aires entre 1946-1952, recordó más tarde a la figura de Peter, al que la nueva elite político-militar reconocía hacia 1943 como uno de los dirigentes con mayor prestigio en el mundo sindical. En su evocación, Mercante mencionó la asamblea de los trabajadores de la carne de agosto de ese año en una cancha de Dock Sur, donde se debía discutir la continuidad de una huelga: “Cuando llegamos nos sorprendió una multitud. Alrededor de seis mil obreros vivaban a Peter, lo abrazaban, lo apretaban, lo llevaban en andas. Una popularidad que después perdieron los comunistas y que sólo Perón supo heredar”.<sup>234</sup>

---

<sup>234</sup> Declaraciones de Domingo A. Mercante, reproducidas en: “La historia del peronismo, nota XI”, *Primera Plana*, III, 146, 24/8/65, p. 44.

Volvamos a apuntar algunos hechos y ciertos análisis. Incapaz de convencer a las clases dominantes de la utilidad de enfrentar la amenaza comunista como un asunto de primer orden, Perón se lanzó a una política propia, de enfrentamiento a aquella en el campo obrero. La lucha, entonces, entre el emergente proyecto populista y el comunismo fue despiadada. Apoyado en el conjunto de concesiones económico-sociales conseguidas a favor de los trabajadores (proceso permitido por la favorable coyuntura económica de la época), el militar comenzó una estrategia de aplastamiento de los sectores sindicales ligados al PC. Perón fue ganando ascendencia entre las filas obreras y enhebrando relaciones con diversas conducciones sindicales, con el fin de articular una nueva estructura gremial afín a sus posiciones. Varios dirigentes laborales, de las más diversas procedencias ideológicas fueron tentados por la convocatoria del coronel. Entre los dirigentes, cuadros medios y militantes comunistas, en cambio, dicho ofrecimiento parece haber encontrado un apoyo escaso.<sup>235</sup> Perón alentó la creación de “sindicatos paralelos” en las ramas gremiales donde más presencia comunista existía, con el objetivo de incrementar su base de apoyo en el movimiento obrero y provocar un vacío o una competencia al PC.

En definitiva, el PC fue uno de los partidos que combatió más duramente al peronismo en el momento mismo de su surgimiento. El partido conducido por Rodolfo Ghioldi y Victorio Codovilla denunció al coronel como el continuador más perverso del régimen militar implantada en 1943 y, más grave aún, de las dictaduras totalitarias representativas del *Eje* que estaban siendo derrotadas con el fin de la conflagración mundial. La multiplicación de los sindicatos paralelos, la orientación de otros ya constituidos hacia un acuerdo con el coronel, la irrupción popular inesperada del 17 de octubre y la creación del Partido Laborista por parte de la *vieja guardia sindical* dispuesta a realizar un acuerdo con Perón, son algunos de los hitos de un proceso que nos señala el éxito de la estrategia peronista por ganar la adhesión de los trabajadores y la derrota del PC por impedir este intento. Faltaba consumar el desenlace electoral.

El desenlace de la nueva coyuntura se produjo en las elecciones presidenciales convocadas para febrero de 1946. Allí, las cuestiones parecieron volver a presentarse en los mismos términos que unos años atrás, en torno a los interrogantes de cómo resolver el “problema del trabajo” y asegurar una mayor “representatividad” y “transparencia” a una fórmula de gobierno burguesa estable. Las alternativas presentadas en esos comicios fueron dos: la de la derrotada Unión Democrática

---

<sup>235</sup> En Di Tella, 2003, hay una referencia a este punto desde su dimensión cuantitativa.

tica (alianza conformada por la Unión Cívica Radical, el Partido Socialista, el PC, el Partido Demócrata Progresista y sectores conservadores y liberales, con el indisimulable apoyo de la embajada norteamericana), representaba un proyecto en sintonía con los frentes populares de la época, que se agrupaba tras la perspectiva de una democracia burguesa con pluralidad de partidos y una estructura sindical orientada hacia una izquierda reformista y burocrática (expresada por el PS y el PC); la segunda y triunfante fue la de la coalición peronista. Los números nos hablan de una ventaja cierta pero no aplastante: 1.527.000 votos para la fórmula de Perón; 1.207.000 para la Unión Democrática (UD). Para los comunistas, el procesamiento de la derrota electoral de 1945-1946 no fue fácil. En términos de sufragios, no sólo perdió la UD, sino que las propias listas legislativas del PC sólo recibieron unos 150.000 votos (10 veces menos que la triunfante coalición peronista), lo cual también demostró la falta de una maquinaria y tradición electoral en una organización condenada en los 15 años anteriores a la casi ilegalidad/ clandestinidad.

Lo importante aquí es que con este éxito electoral de Perón emergió, finalmente, una nueva fórmula de dominación política en el capitalismo argentino, la de un liderazgo plebiscitario y bonapartista de masas. Y es la incapacidad para comprender todos los pasos en los que se verificó la marcha de este proceso donde radica la derrota del PC. Quizás, el partido aún estaba a tiempo de reaccionar hasta el 17 de octubre. Pero incluso una vez acaecido este acontecimiento extraordinario, una de las mayores movilizaciones obreras realizadas en el país hasta ese entonces, el PC tampoco alcanzó a reaccionar y modificar su línea.

## **Conclusiones**

En un ejercicio de síntesis, pueden enunciarse de manera global y comprensiva las razones que permiten explicar el eclipse comunista en el movimiento obrero y la conversión mayoritaria de este último al peronismo. La mirada exige atender a dos elementos cruciales e interrelacionados. Uno, el ya analizado de la estrategia frentepopulista del PC, que dilapidó una tradición sindical combativa y clasista, detrás de un proyecto y un programa de colaboración de clases, lo cual acabó desarmando ideológicamente al movimiento obrero y lesionando seriamente su autonomía política. El otro no puede ser sino el que conduzca a apreciar adecuadamente el carácter extraordinario con que irrumpió en la Argentina el fenómeno populista y nacionalista burgués (bajo una cultura “obrerista” y a la vez “antiizquierdista”). La clave para resolver lo que aparece como una anomalía histórica es el desacople entre dos fenómenos contrapuestos: por un lado, el crecimiento

rápido y exponencial de la alianza entre un sector mayoritario del gremialismo (celoso en defender la autonomía sindical pero impotente para resistir una tendencia a la heteronomía política) y la elite militar-estatal encabezada por Perón; por el otro, el importante desarrollo que venían experimentando los comunistas en el mundo del trabajo, que era más lento, gradual, incompleto y cada vez más dilapidado por una estrategia política que potencialmente lo distraía de las reivindicaciones de los trabajadores. Además de comenzar a agotarse parcialmente en su propia dinámica por limitaciones de estrategia política e ir feneciendo de “muerte natural”, la influencia del comunismo en el movimiento obrero fue obturada y reprimida por la decisiva acción de un movimiento populista emergente. Hubo una perfecta articulación entre causas endógenas (las características de la orientación partidaria antes descripta) y exógenas (la notable vitalidad de la interpelación y acción del nacional-populismo, con su estatismo redistribucionista). Un modo de comprobar la necesidad de conjugar ambas dimensiones es apelar al estudio comparativo con otros casos latinoamericanos próximos, como los de Chile, Uruguay y Brasil. Estos países en los años veinte y los treinta tuvieron partidos comunistas con un nivel de arraigo en la clase obrera no mayor que en la Argentina, pero que pudieron incrementar o mantener en las décadas siguientes, a pesar de que estuvieron embarcados bajo la misma línea del frente popular que distinguió al PC de Ghioldi y Codovilla. ¿No es acaso sugerente el hecho que en estos países no existió un fenómeno populista y nacionalista burgués de la magnitud, la complejidad y la consistencia como ocurrió en la Argentina?

Si conducimos el análisis en esta dirección estamos cuestionando las interpretaciones que tendieron a abordar este proceso histórico de manera unilateral. Los señalamientos sobre el peso que la orientación del frente popular tuvo en el sentido de impedir la hegemonía obrera comunista hacia comienzos de los años cuarenta, convirtiéndose en una suerte de “derrota autoinfligida”, han frecuentemente desatendido el significado del “bloqueo populista” antes mencionado. Por otra parte, es bastante obvio que si el PC fue perdiendo sus posiciones en el movimiento obrero desde 1943-44 no fue por algún tipo de esencialismo “antinacional” o “antipopular”, característico de esa organización (y de toda la izquierda socialista y marxista), tal como se sostuvo desde cierto ensayismo (Puiggrós, 1956; Ramos, 1962; y los continuadores de esta tradición: Galasso, 2007). Tampoco, por un cambio en la composición social de los trabajadores, que habría ido erosionando la influencia de los viejos partidos de clase y los habría tornado incapaces de organizar a la “nueva clase obrera”, como se desprende de los estudios sociológicos de Germani y otros autores (Germani, 1962); de hecho, el comunismo fue la corriente que mejor logró expandirse entre el joven proletariado formado como producto del crecimiento industrial de los años treinta.

Es posible establecer que la irrupción del peronismo desde 1943-1944 y la adhesión mayoritaria que concitó entre los trabajadores no se presentó ni como la única e inevitable alternativa histórica ni como la consecuencia “lógica” y “natural” de las transformaciones económicas, sociales y políticas acaecidas desde la década de 1930. En todo caso, el peronismo fue la opción que se tornó triunfante en aquellas circunstancias, y la que logró recoger los frutos de un sindicalismo industrial y “moderno” al que tanto había contribuido a erigir precisamente el PC y otras corrientes de izquierda. En un ejercicio contrafáctico, sobre una Argentina con un 17 de octubre frustrado, es decir, sin un triunfo del peronismo ¿es posible conjeturar que se hubiera asistido a una continuidad o incluso profundización de la presencia comunista en los medios obreros, entre otras razones, por el inevitable aumento cuantitativo de las clases trabajadoras, el acrecentamiento de los problemas provenientes del mundo del trabajo y el peso que tenían las ideologías y tradiciones de izquierda? (Torre, 1999). La pregunta es pertinente si le añadimos como otro factor inevitable de análisis el de la estrategia política que guiaba al PC, un partido ya completamente ganado por la rigidez monolítica, matizado por la indigencia teórica-política del estalinismo y sometido a los dictados de la burocracia soviética.

En conclusión, la aparición del peronismo, en la coyuntura existente entre 1943-1945, significó un duro revés para el PC. Tras casi dos décadas de crecimiento en la clase obrera, sobre todo en el sector industrial, el partido vio esfumar una buena parte de la influencia sindical y política alcanzada. El avasallante triunfo del proyecto nacional-populista burgués encarnado por Perón desplazó a las izquierdas del movimiento obrero, conduciendo a éste a un tipo de integración social y política heterónoma, de escala e intensidad increíblemente vasta.

## **Bibliografía**

ARICÓ, José. Los comunistas en los años treinta, *Controversia*, 2-3 (suplemento nº 1), México, diciembre, pp. v-vii, 1979.

CAMARERO, Hernán. *A la conquista de la clase obrera. Los comunistas y el mundo del trabajo en la Argentina, 1920-1935*, Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana, 2007.

\_\_\_\_\_. *Comunismo y movimiento obrero en la Argentina, 1914-1943*. Tesis doctoral. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2008.

\_\_\_\_\_. Ascenso y ocaso del Partido Comunista en el movimiento obrero argentino: crítica historiográfica y argumentaciones conceptuales, en *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, año I, n° 1, septiembre, Buenos Aires, pp. 57-79, 2012.

\_\_\_\_\_. Antiguas controversias, nuevos enfoques: clase obrera, sindicalismo y comunismo en la Argentina durante la primera mitad del siglo XX. Un estado de la cuestión”, en *PolHis (revista del Programa Buenos Aires de Historia Política)*, año VI, n° 11, 1° semestre, Buenos Aires, pp. 129-146, 2013.

CERUSO, Diego. *Comisiones internas de fábrica. Desde la huelga de la construcción de 1935 hasta el golpe de estado de 1943*, Vicente López: PIMSA/Dialektik, 2010.

DEL CAMPO, Hugo. *Sindicalismo y peronismo. Los comienzos de un vínculo perdurable*, Buenos Aires: CLACSO, 1983.

DI TELLA, Torcuato S. *Perón y los sindicatos. El inicio de una relación conflictiva*, Buenos Aires: Ariel, 2003.

DURRUTY, Celia. *Clase obrera y peronismo*, Buenos Aires: Pasado y Presente, 1969.

GALASSO, Norberto. *Aportes críticos a la historia de la izquierda argentina. Socialismo, peronismo e izquierda nacional*, T. I, Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2007.

GARCÍA, Alicia S. y MOLAS, Ricardo Rodríguez. *Textos y documentos. El autoritarismo y los argentinos. La hora de la espada/3 (1924-1946)*, Buenos Aires, CEAL, 1988.

GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época de transición. De la sociedad tradicional a la sociedad de masas*, Buenos Aires: Paidós, 1962.

GHIOLDI, Orestes. *El Partido Comunista en la lucha por la democracia y la unión nacional. Informe presentado al IX Congreso del PCA*. Buenos Aires, 1983.

GODIO, Julio. *El movimiento obrero argentino (1930-1943). Socialismo, comunismo y nacionalismo obrero*, Buenos Aires: Legasa, 1989.

HOROWITZ, Joel. *Los sindicatos, el Estado y el surgimiento de Perón, 1930-1946*, Buenos Aires: Eduntref, 2004.

IÑIGO CORREA, Nicolás. *La estrategia de la clase obrera, 1936*, Buenos Aires: La Rosa Blindada-PIMSA, 2000.

MATSUSHITA, Hiroshi. *Movimiento obrero argentino, 1930-1945. Sus proyecciones en los orígenes del peronismo*, Buenos Aires: Siglo veinte, 1983.

MURMIS, Miguel y PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*, Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

PARTIDO COMUNISTA, Comisión del Comité Central. *Esbozo de Historia del Partido Comunista de la Argentina (Origen y desarrollo del Partido Comunista y del movimiento obrero y popular argentino)*, Buenos Aires: Anteo, 1947.

PUIGGRÓS, Rodolfo. *Historia crítica de los partidos políticos argentinos*, Buenos Aires: Argumentos, 1956.

RAMOS, Jorge Abelardo. *El partido comunista en la política argentina*, Buenos Aires: Coyoacán, 1962.

SOMMI, Luis V. *La unión del pueblo contra el fascismo. Informe presentado al IX Congreso del PCA*, 1938.

TAMARIN, David. *The Argentine Labor Movement, 1930-1945. A Study in the Origins of Peronism*, Albuquerque: University of New Mexico Press, 1985.

TORRE, Juan Carlos. Interpretando (una vez más) los orígenes del peronismo; en *Desarrollo Económico*, Vol. 28, N° 112, Buenos Aires, febrero-marzo, 1989.

\_\_\_\_\_. *La vieja guardia sindical y Perón. Sobre los orígenes del peronismo*, Buenos Aires: Sudamericana, 1990.

\_\_\_\_\_. "Prefacio"; en J. C. Torre (comp.): *El 17 de octubre de 1945*. Buenos Aires: Ariel, 1995.

\_\_\_\_\_. "La Argentina sin el peronismo. ¿Qué hubiera ocurrido si hubiese fracasado el 17 de octubre?", en Niall Ferguson (dir.): *Historia virtual. ¿Qué hubiera pasado si...?*. Madrid: Taurus, 1999.

## **Graffiti: Diálogo Estampado de Cores**

### **Graffiti- La Impresión De Colores De Diálogo**

Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira (Professora Msc. Na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [janafortes@hotmail.com](mailto:janafortes@hotmail.com)); Jéssika Silva Teixeira (Cursando o IV período na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [jessiteixeira1@gmail.com](mailto:jessiteixeira1@gmail.com)); Italo Felipe Cury (cursando V período na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [italofelipe.cury@hotmail.com](mailto:italofelipe.cury@hotmail.com))

#### Resumo:

Cuida-se do relato de um projeto de extensão que nasce do uso – reapropriação, segundo Giorgio Agamben – do espaço público como ambiente de: denúncia; potência transformadora da arte; expressão dos direitos de igualdade e liberdade; crítica social e troca de olhares entre realidades discrepantes. Parte-se do pressuposto de que as universidades, por tal alcunha, têm o direito-dever de inserir o conhecimento maximamente universalizado no seu espaço físico e acadêmico. A linguagem do graffiti cria diálogo vivo entre atores sociais em conflito que, através da arte, podem fundir seus horizontes cognitivos.

**PALAVRAS CHAVES: GRAFFITI, LINGUAGEM, REAPROPRIAÇÃO , UNIVERSALIDADE, CONFLITO SOCIAL**

#### Abstract:

This extension project born from use- reappropriation, according Giorgio Agamben- of public space like: complaint, art transformer potential, expression of freedom and equality law, social criticism and review about discrepant social life. Start this article thinking that university has duty and right to insert the knowledge maximally in your academic and physical space. The graffiti language creates a life dialogue between social actors in conflict that can blow their cognitive horizons through art. It has a result from project one graffiti workshop at Universidade Estadual do Piauí, coordinated debate and a documentary about this process of exchange experiences These products attached with this scientific article about this extension could be experience of propagating material

**KEYS- WORD; GRAFFITI, LANGUAGE, REAPPROPRIATION, UNIVERSALITY, SOCIAL CONFLICT**



Resumen:

Se ocupa de proyecto de extensión nacido del uso - reapropiación, según Giorgio Agamben - del espacio público como medio para: denunciar; utilizar el arte para transformarlo; expresión de los derechos de igualdad y libertad; la crítica social y el intercambio entre realidades dispares. Partiendo del supuesto que las universidades, por llamarse así, tienen el derecho y el deber de entrar en el conocimiento de máxima universalizada en el espacio físico y académico. El lenguaje del graffiti crea diálogo vivo entre los actores sociales en conflicto que, a través del arte, pueden fusionar sus horizontes cognitivos. Tienen como resultados del proyecto un taller de graffiti en la Universidad del Estado de Piauí, coordina mesa y proceso de una síntesis documental de intercambiar experiencias. Las producciones del taller junto con este artículo científico de extensión pretenden difundir la experiencia.

**PALABRA-CHAVE; GRAFFITI, IDIOMA, REAPROPIACION, UNIVERSALIDAD, CONFLICTO SOCIAL**

### 1. A VOZ DA CIDADE

As questões que afloram na realidade urbana tornam-se uma fonte para estudos interdisciplinares, Nestor García Cancilini afirma que ‘a indagação sobre sujeitos capazes de transformar a atual estruturação globalizada nos levará a atentar aos novos espaços de intermediação cultural e sociopolítica’. Principalmente após o século XX, passou-se a ter uma identificação de problemas e questionamentos que transbordaram de rele inquietações para atingirem a prática artística.

Ademais, quando se trata de arte urbana é necessário, também, compreender a efemeridade dos espaços para a sobreposição de novas formas, por novos usos de antigas estruturas e pelas novas necessidades de circulação. Nas palavras do escultor e artista plástico, Richard Serra, “a experiência do trabalho é inseparável do lugar onde ela se insere”.

Por agregar diversas formas de arte e assimilar consigo múltiplas técnicas de expô-la, a cidade acaba por induzir reflexões ilimitadas, e que não ficarão restritas a uma classe ou um grupo social. Além disso, por estar integrada no cotidiano de todos, ela transmite um pensamento de forma mais incisiva e democrática. Em uma entrevista feita para a apresentação de um documentário na ‘SEMANA DO ORGULHO DE SER’, projeto do Grupo Matizes em parceria com a Universidade Estadual do Piauí, o artista Granizo, da cidade de Teresina, disse que a arte de rua tem a

possibilidade de transmitir uma ideia de forma mais eficaz, tendo em vista que é capaz de se solidificar e fixar-se na cidade, além de ser vista por um conjunto maior e mais diversificado de pessoas, já que está em um ambiente universal.<sup>236</sup>

Capaz de assumir tantas vertentes artísticas, as cidades acabaram por assimilar a arte de rua e suas diversas formas de expressão - graffiti, pichação, hip hop, dentre outras. O que leva à compreensão de uma realidade material da sociedade, em que se tem um conjunto de práticas que nos mostra uma realidade individual ou coletiva do grupo que ali se manifesta.

Na convergência desse pensamento a cidade passou a ser uma forma de expressão latente; em que certos grupos utilizam desse meio de vinculação para lutar contra valores vigentes, preconceito e tantos outros temas que reprimem e desrespeitam diariamente os direitos de algum grupo. Contudo, e numa vertente diametralmente oposta, há quem conceitue essa forma de expressão e o próprio trabalho a ela incorporado, como sendo uma forma não artística, uma poluição visual, uma agressão ao patrimônio público e até mesmo desrespeitoso. Isso decorre de que, em certas situações, tais trabalhos devem ser invasivos e agressivos quanto ao espaço alheio para que seja efetivamente notado ou estar ao alcance da proposta buscada.

E, diante dessa mescla de opiniões encontra-se a importância do debate e da investigação nesse universo de pesquisa mal visto e pouco explorado, com preconceitos e conceitos mal definidos ou, pelo menos, mal interpretados. Sendo necessário a investigação com a intenção de provocar uma mudança e exposição de novas perspectivas a cerca de um tema que mostra uma realidade, que aparentemente poucos querem ver e outros querem esquecer. E assim, tentamos desintegrar o preconceito formado.

#### 4. BREVE HISTORIA

---

<sup>236</sup> Essa entrevista foi apresentada na X semana do Orgulho de ser da UESPI pelo projeto de extensão Graffiti-Diálogo Estampado de cores. Nessa mesma manhã houve por meio do projeto a organização de uma mesa coordenada com a participação de um policial, uma pichadora e um graffitiiro. Ademais, foram analisadas as percepções já obtidas a cerca das formas de artes e mostrou alguns resultados já obtidos pelo projeto sobre como o graffiti é visto na sociedade. Aconteceu, também, a apresentação ao público da intervenção artística de Sanatiel Costa no Laboratório de arte e cultura da Uespi- Campus Torquato Neto. <https://www.youtube.com/watch?v=AoeC-NCZQPo>. Link do video apresentado.

O graffiti teve início por volta de 1955, quando começou a aparecer em torno de New York. Em seu primórdio usavam-se os trens como abrigos dos seus trabalhos, e assim a ‘exposição’ percorria por toda a cidade. Um objetivo que inicialmente era apenas de manter assinaturas espalhadas pela cidade; posteriormente tomou uma propriedade mais politizada; de reclamar a situação de guerra vivida na época e de expor o sentimento de jovens que eram forçados a ir para campos de batalha.

O período entre 1960 até os dias de hoje representa um dos mais importantes períodos da história da pintura, apesar de também ser um dos mais caóticos e confusos. Isto é parcialmente devido ao fato de que tem havido uma grande pluralidade de estilos, assim como o fato de que os pintores têm um maior acesso a uma herança cultural, devido ao aumento exponencial de novas tecnologias e da mídia digital.

Na América Latina, durante a década de sessenta, vivia-se um forte período de repressão artística e a presença de uma política ditatorial controladora. E como afirma Silva (2000) “outras formas de respostas cidadã foram, assim, nascendo de um movimento plástico conjuntural, em meio a distintas razões sociais, políticas e contra ideológicas”. Assim, fez-se do espaço urbano uma forma de expressar problemas, novos rumos sociais, políticos e culturais dessa época. Especificamente no Brasil, o graffiti tomou força durante o período ditatorial quando os jovens que queriam expor suas opiniões contra o governo eram impedidos pela censura.

Atualmente, o graffiti já encontra-se mais difundido na sociedade, mas o governo, ainda mantém, o irmão gêmeo do graffiti, a pichação, em uma categoria de arte marginalizada, entendendo que esta serve como uma forma de poluição da zona urbana. O que geral, como consequência: rejeição da população e a mesma seja vista somente pelo viés da ilegalidade, e, decorrente disso possa ser reprimida tanto pelo governo, quanto pela própria população. Esse tratamento dado, ainda é resquícios do repúdio do governo à esses trabalhos durante o período militar, e isso poderia-se, inclusive, ser analisado como uma forma de defesa política as manifestações originárias na época.

Dessa forma, retoma-se o pensamento anteriormente exposto de que o graffiti e a pichação, ambos tendo nascido em um berço de contestação, de reclamação, mostram-se como forma de linguagem clara e que transgridem a forma de um pensamento hegemônico. O graffiti e a pichação, como artes de rua visuais por excelência, são capazes de ir contra uma população omissa e cega aos problemas mais profundos da comunidade. E, espaço em formação a esse processo, na

atualidade, segundo Claudia Kozak (2004), suportam o peso da denominação graffiti, as inscrições nos espaços públicos, que estejam relacionados com o campo da subcultura dos jovens.

## 5. POPULIZADORES DO GRAFFITI

Dentre os nomes mais reconhecidos da arte em geral, tem-se Jean-Michel Basquiat, um pioneiro no graffiti e/ou pichação, que apesar de sua breve carreira, conseguiu destaque pelo seu trabalho, assinando por SAMO (“Same old shit”, traduzindo: mesma merda de sempre) e teve nas ruas seu início e sua marca. Apadrinhado por Andy Warhol, figura maior do movimento pop-art, o graffiti galgou das ruas para as grandes galerias e museus, se transformando-se no “belo”, em produto e em moda.

A importância de sua obra continua a expandir-se e influenciar novos artistas; os trabalhos de Jean-Michel Basquiat caracterizam-se por um agrupamento de imagens mescladas com palavras, de uma forma desordenada; envolvendo temas como a cultura negra e política; temas esses que são atemporais.

Os seus trabalhos estão repletos de referências e interligações, nas suas ilustrações ainda é possível observar temas e expressões assustadoras, repletas de incoerência e brutalidade. A sua carreira fica marcada por mensagens sugestivas como a riqueza contra a pobreza, a integração contra a rejeição, a experiência interior contra a exterior.<sup>237</sup>

Outra grande influência foi Keith Haring, que se mudou aos 19 anos para Nova York; e inspirado nas ações dos graffitiiros, começou a criar sua própria marca; com bonequinhos de formato muito característico, traço simples, porém marcado por fortes simbolismos. Abordava temas como a sexualidade e o ativismo político, e inseria mensagens sutis de mudanças sociais necessárias. Um exemplo claro são as figuras humanas perfuradas para comunicar sobre os perigos da religiosidade radical.

---

<sup>237</sup>NUNES, Thiago. Movimentos Contemporâneos. <http://tiagornunes.files.wordpress.com/2013/10/book-basquiat.pdf>.

As influências são diversas e interpassam o mundo dos desenhos de Banksy, King Robbo, Os Gêmeos, dentre tantos outros nomes que conectam a arte do graffiti aos problemas pessoais do seu lugar de atuação, sendo globais ou regionais em cada laboração urbana. Há, além desses, uma enorme quantidade de brasileiros que ganharam destaque, o que segundo Armando Silva, faz com que São Paulo possa ser considerada como uma das cidades em que mais se tem o desenvolvimento de artistas de rua. Como exemplo tem-se o graffitiro Zezão, autodidata, que costuma manter suas obras nas galerias pluviais de São Paulo, e atualmente também costuma expor seus trabalhos em museus e galerias.

## 6. MERCADO

Com uma forte presença e apoio de importantes nomes do mundo da arte, o graffiti passou a ganhar um destaque maior no comércio, e assim se associar a certos ideais e às normas de um capitalismo de mercado. O que por um lado gera maior visibilidade, remuneração e reconhecimento dos graffitiros internacionalmente, por outro passa a se ter uma necessidade desenfreada de apenas pintar novos produtos que atraiam o público, o que pode ter como consequência a perda da liberdade de manifestação do graffiti. Reforçando a colocação, pode-se citar JAMENSON (1997, p.30) "O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidade".

Dessa forma, o que se tem é um mercado forte, que provoca a transformação de uma arte anteriormente considerada feia, em uma arte com traços mais 'artísticos', logo, considerada 'bonita'. Em consequência, o mercado cria um espaço entre a arte de rua e a das grandes galerias. E o que se pode ressaltar é que não há um lado certo, por aceitar ou não o mercado, mais apenas salientar como este é capaz de modificar os conceitos da arte para que esta possa ser aceita, e, como resultado o caráter anárquico (anárquica no sentido de não necessitar de normas e estar ali para questionar) acaba por ficar perdido dentro desse impetuoso meio.

Em São Paulo, a galeria CHOQUE CULTURAL já é responsável pela venda de quadros de artistas que vieram das ruas. Em uma reportagem da revista Exame, um dos donos da galeria

conta que o conceito surgiu para atender a um mercado de pessoas com um interesse maior e que utilizava a forma de impressão em diversos materiais. Descobriu-se aí um mercado grande e que fez com que as vendas da galeria tivessem um crescimento além do que era esperado.<sup>238</sup>

Em teresina, mesmo sob todas as adversidades e empecilhos colocados pelo estado, já há uma maior abertura para essa arte; já há uma maior abertura para interações e expressões de pensamentos em espaços públicos- universidades, viadutos. O que seria os passos rumo ao diálogo com os artistas de rua, mesmo que alguns vejam essa forma de se apresentar um oposição ao conceito de a arte de rua, uma vez que eles devem se ater a ideais políticos vigentes.

Mostra-se assim que os artistas ganharam uma valorização de seu trabalho e que são pintores em ato e potência. Outro exemplo dessa aceitação do mercado foi o graffitiro Basquiat que após fazer seus trabalhos na rua também passou a integrar as pinturas em telas e fazer trabalhos para as grandes galerias.

Essa nova vertente com traços mais simbólicos, artísticos e mais integrados ao mercado gera polêmica entre os artistas de rua. Como já dito anteriormente, não há um lado certo dessa discussão, há apenas análises de uma possível deturpação do conceito de graffiti ou apenas uma modificação desse conceito. Para Bourriaud (2009, p108) a solução para essa discussão encontra-se na ‘instauração de processos e prática que nos permite passar de uma cultura do consumo para uma cultura da atividade, a passividade diante do estoque disponível de signos para a prática de responsabilidade’. O mercado, portanto, não destrói a arte, mas cria uma nova vertente, que seja politicamente aceita e que esteja dentro de seus padrões, mas que concomitantemente a ela, pode sim, sobreviver uma arte que ainda polemiza no aspecto individual ou coletivo.

## 7. DIVISÕES DO GRAFFITI

O leitor atento percebe então que a arte visual de rua - Graffiti e Pichação- já não mais se estruturam como sendo apenas uma forma única e sim em um conceito geral de expressar a arte, isso porque, há a composição de subdivisões, seja por que a pintura é mais underground ou porque é mais mercadológica. Nota-se, sob essa óptica, que a formação da arte não é mais uma pintura

---

<sup>238</sup> ZUINI, Priscila (2011): Choque Cultural traz grafite para a galeria de arte:  
<http://exame.abril.com.br/pme/noticias/choque-cultural-traz-graffiti-para-galeria-de-arte?page=2>

solta sem uma corrente previamente analisada. Dessa forma, ressalva o fato de o artigo preservar a imparcialidade entre o graffiti-mercado ser uma forma de grafitar válida ou não.

O trabalho da arte não é feito de forma não tecnicista, muitas vezes são trabalhos de artistas com estudos aprofundados e que visam uma elaboração maior, com treino e prática bem intensas anteriormente. Para isso algumas técnicas podem ser utilizadas como o frehand, que tal como mostra o nome representa uma técnica mais livre de se expressar a arte. Essa seria uma técnica mais comum entre os intervencionistas, por conta da liberdade oferecida, uma vez que o trabalho pode ser elaborado de qualquer forma.

Numa contrapartida a essa liberdade a técnica do stencil já se mostra mais trabalhosa com áreas delimitadas de pintura. É uma linguagem vista como mais ágil, porém a máscara em que se utiliza para delimitar a pintura e que deve ser elaborada torna essa técnica como mais trabalhosa. Essa linguagem por ser ágil era mais usada para evitar que os graffitiiros fossem pegos pela polícia, uma vez que o trabalho era executado com mais rapidez.

Ressalva-se, no entanto, que essas técnicas não são formas fechadas, não está se limitando o graffiti, o que se mostra é apenas uma forma de se estudar a arte em setores, mas a arte em si é mutável e não há regras para sua expressão, devendo, inclusive, a expressão ser o mais importante para essa forma de arte. Rodrigo Chã, do Projeto Chã, afirma que esses estilos são apenas formas diferentes de intervir no espaço urbano, deixando-o mais interessante aos olhos dos que por ele passam todos os dias. “Os fins são os mesmos, só se diferem na técnica e suportes utilizados”.

Em uma nova perspectiva e com uma intensão de mobilidade da arte, há uma vertente do graffiti formada por adesivos colados em semáforos, placas e outros, chamada de stickers. Não se trata de uma arte direta na parede, mas sim desenhos feitos em série, impressos e que podem ser colado de forma espalhada na cidade. Em verdade, o stickers propõe à arte a possibilidade de ela viajar e ir a diversos lugares podendo invadir e se difundir ainda mais. E além desses existem os pôster ou os trabalhos que são colados na cidades e que podem expressar trabalhos e formas diferentes. Assim não se restringe o termo arte de rua, ou graffiti a um trabalho uno e elaborado por tintas e spray de maneira cética.

Nota-se que a arte feita nas ruas não é um trabalho simples, com poucas definições, ela transcende o simples pintar e perpassa num horizonte e num universo completamente novo, e que pode ser até mais criticamente consolidado. E nota-se, também, que as técnicas elaboradas e utilizadas no graffiti podem- e são- utilizadas, também, na pichação. Comprovando, assim que ambos

nasceram de um mesmo espaço- tempo social e exalta mais ainda a estranheza e a dificuldade em se conceituar ambas as formas artísticas como diferentes e diametralmente opostas no mundo arte.

## 8. PICHOS X GRAFFITI

Adentrando mais um pouco na outra vertente da arte de rua, que pode ser mais polêmica na sua forma de protestar: o picho. A pichação, assim como o graffiti, surgiu em Nova York, e ainda se mantém proeminente nas ruas, e no geral, é composta por frases de protesto, assinaturas ou até mesmo declarações de amor. No entanto, é um tipo de expressão, mais popularmente conhecido conhecida pela forma mais impactante de provocar a população, por ser, muitas vezes, em propriedades privadas e pela maioria das pessoas não entenderem o que está escrito - não entendimento este que muitas vezes é confundido com “achar feio”.

Esses trabalhos vêm sendo rotulados pelo mercado, pelos padrões sociais e até mesmo pela lei, muitas vezes, como sujeira e os seus artistas como vândalos. Entretanto, o picho não é um trabalho para ser esteticamente bonito, e nesse ponto encontra o principal motivo de sua difícil aceitação; nesse caso o artista expressa muito mais de sua realidade e uma forma de se manifestar contra algo e cabe ao espectador interpretá-la, ou aceitá-lo, como o diferente.

No senso-comum e para o mercado só ‘belo’ é tido como arte. E, o que nos lastima é a população já estar perto de ver o centenário da SEMANA DE ARTE MODERNA brasileira e sofrer ainda com a necessidade de artes politizada. A exposição que foi analisada por Oswald de Andrade como ‘A língua sem arcaísmos, sem erudição. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos’<sup>239</sup>, apresentou artistas que tentaram desconstruir esse ideal de arte como sendo um cenário do ser, que deve estar lindo e não causar desconfortos aos olhos.

Um movimento acentuadamente artístico vem de se esboçar em nosso meio. A idéia que, auspiciosamente, o orienta, deixa de entrever garantias seguras de viabilidade de êxito pleno. O ponto de mira é a nossa emancipação artística.

---

<sup>239</sup> Banco de dados da Folha. Semana da arte moderna: O sarampaio Antropofágico. 15/05/1978



Contudo, o que se pode observar é que essa emancipação artística se de fato alcançada teve fôlego curto, ou não conseguiu se solidificar na cabeça da população. Ou ainda, o grupo de artistas que se manifestou contrário a ideias da SEMANA DE ARTE MODERNA teve uma influência maior e mais aceita pela população, o que nos faz chegar aos dias atuais em contínuas repressões à algumas formas artísticas.

De fato, o picho muito teria que se moldar para se adequar à sociedade que o taxa como algo sujo e feito por 'marginais'. Contudo, ainda surgem brechas nesse mesmo mercado, como a Bienal de São Paulo, que em sua 29ª edição, teve a participação de pichadores e que tentou ao máximo fazer a interação mercado-intervencionista sem, ao mesmo tempo, tirar suas características próprias. A Bienal não foi formada por paredes pichadas, optou-se por realizar um trabalho mais documental, com registros de fotos e vídeos; uma vez que tanto os pichadores quanto os organizadores mantinham o pensamento que liberar uma parede para ser pichada feriria o conceito dessa intervenção urbana.

Mesmo com todas essas ressalvas, há aqueles pichadores que continuaram se sentindo violados por ter uma exposição sobre picho em um meio que tanto representa o capitalismo; culminando em diversos movimentos contra tal exposição. É válido ressaltar que em uma Bienal anterior a essa, houve uma invasão de pichadores que acabaram por pintar um dos andares da exposição reclamando toda essa ditadura artística imposta, e por isso alguns pichadores caracterizam uma afronta a formação dessa bienal. Os pichadores, assim, mostram-se irredutíveis a absorção pelo mercado, e mantém sua arte no caráter transgressor.

Assim, pelo fato do picho não ser identificado com o conceito de belo-fácil do mercado, pode-se afirmar que são trabalhos que ainda mantêm sua identidade original de quando surgiram no Brasil. Dessa forma, estão no centro da polêmica, entre Estado, população e artistas.

## 9. LEI

Em 2011, o governo brasileiro sancionou a lei de nº 12.408 em que estabelece a pichação como sendo um crime passível de detenção ou multa (Ressalva-se a forma explícita de ser crime e não apenas uma contravenção penal). Segrega, duas formas de artes: o graffite sendo considerado dentro dos padrões normativos e a Pichação em oposição a esse padrão

Dentre os diversos problemas que a ciência do direito enfrenta, a indisciplina de invadir área do conhecimento desconhecida por ela seria mais um. Ao entrar em uma área do conhecimento sem investigá-la, o Direito pode estabelecer de forma vazia conceitos, e esses conceitos vazios em um sistema normativo acaba por provocar a ineficiência de uma lei. No caso da lei supracitada, o direito caracteriza duas formas artística sem fundamentar conceitos e acaba por prejudicar em fatores, que para executarsuas funções dependem desses conceitos: o aparato policial que vai ter que impedir esses ‘crimes’ é um deles.

Assim, como poderíamos estabelecer o que é picho e o que não é? O que está sujeita a pena de detenção ou multa do que não esta? Seria então, picho as pinturas monocromáticas que tivessem traço simples, escrito frases, textos ou assinaturas? Apresentam-se, então trabalhos de artistas teresinenses que são feitos em cores monocromáticas, aceitos pela sociedade, com traços simples, que não tem assinado nomes ou frases, e que acaba por colocar em xeque a distinção entre graffiti e pichação.

Em Teresina, o trabalho do pichador Granizo, por exemplo, anteriormente citado, é estruturado em traços simples e com uma mensagem bem impactante. Em uma entrevista concedida por ele, ressalva-se que ele tem conhecimento para fazer um desenho muito mais complexo, contudo prefere fazer algo simples, porque acha que nos traços simples está a alma de seu desenho; ou seja, algo simples e objetivo. Indagado sobre seu estilo de desenho, se era graffiti ou picho, Granizo diz que a linha é muito tênue, e que às vezes é difícil até para ele identificar; e que isso depende também do contexto em que o desenho está inserido, ou seja, seu trabalho pra pode ser. Graffiti, quando próximo a outros trabalhos caracterizados como tal, ora pode ser picho, quando próximo a trabalhos caracterizados como tal.

Além de se ter uma lei ineficiente ( no que tange à sua aplicabilidade), e injusta- por ser uma lei que representa duas situações semelhantes (produzir artes de rua) de forma semelhante (considerando o graffiti como legal e o picho como ilegal)- tem-se um aparato repressor violento, uma vez que não se preocupa com a realidade social e com o real motivo do trabalho, e que assim acaba causando danos mais graves, quando se estabelece uma repressão desmedida.

Ademais, uma observação pertinente a todo Brasil, é o despreparo dos policiais em não saber diferenciar ambas as formas de intervenção e não saber como tratar tais artistas<sup>240</sup>. E nessa indecisão qualquer um que for pego acaba tendo sua arte prejudicada, independentemente se estiver dentro dos padrões da lei. Os problemas causados pelo Direito ao entrar em uma seara de conhecimento de forma não interdisciplinar, mas impositiva é que ele viola os conceitos do artitismo e se além as caracteriza hegemônicas e pode não garantir a normatividade adequada à todos os cidadãos que terão seus trabalhos e a possibilidade de desenvolver projetos diferentes e que poderiam ser legais interrompidos.

## 10.CONCLUSÃO

Por fim, nota-se a importância da arte na formação cultural, social e política de uma sociedade. Como conceito simplista pode ser entendido por uma atividade ligada às manifestações de composição estética ou comunicativa. Nesse âmbito, o graffiti e o picho cumprem bem seu papel; deixando ainda mais questionável sua diferenciação legal, principalmente no âmbito legal, onde essa diferença forma a base de uma lei nacional, anteriormente debatida.

Durante todas as fases artísticas memoráveis, como Barroco, Romantismo ou Realismo, por exemplo, o estilo artístico surgia para contrapor o passado ou para trazê-lo em uma nova roupagem, além de tentar expressar um pensamento contemporâneo. O graffiti e o picho se reinventam por contrapor, acima de tudo, as partes ocultas da sociedade (preconceito, corrupção, fome) aos muros da propriedade privada. E, se assemelha quando expressa, também um pensamento.

O renomado escritor, Paulo Leminski, afirma que o graffiti está para o texto assim como o grito está para a voz<sup>241</sup>. Por fim, esse tipo de arte faz-se essencial, não sóde forma estética, colorindo a cidade; mas nos lembrando diariamente de problemas que se tenta esconder. Sua transgressão éo termômetro da cidade; quanto mais se tem graffitis mais liberdade de expressão e mais temas urgentes para serem abordados.

---

<sup>240</sup> Em uma entrevista feita ao delegado Gadelha para o projeto de extensão também denominado GRAFFITI-DIALOGO ESTAMPADO DE CORES, o mesmo declara o desconhecimento a diferenciação entre graffiti e pichação, sendo ambos qualificados como danos materiais. Ressalvando que a forma de abordagem é dada referente ao sexo uma vez, mulheres são abordadas apenas por mulheres.

<sup>241</sup> O vídeo em que o poeta se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AoeC-NCZQPo>. Acessado em: 01/07/2014.

Nessa mesma linhagem segue se o picho- retrato de uma demanda de luta contra a opressão e contra um sistema que marginaliza classes. Uma arte que não se cala e que mostra que problemas conjunturais não devem ser uma sociedade a parte, mas um problema a ser analisado e sentido por todos. E que a ilegalidade, o fato de ser visto como feia mostra um código e uma estrutura que de fato não é para ser entendido por todos, mas pelo grupo que o integra, e para o resto como sua forma de manifestar e de expressar.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banco de dados da Folha. Semana da arte moderna: O sarampaio Antropofágico. 15/05/1978. <http://almanaque.folha.uol.com.br/semana22.htm> . Acessado em: 01/10/2014

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-graduação- como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica –Ensaio Sobre a Antropologia da comunicação urbana. São Paulo. Studio Nobel, 2004.

DAMAZIO, Reynado. Cultura sem fronteira. Entrevista a Nestor Garcia Cancilini. EDUSP.

HODGE, A.N. A Historia da Arte. Belo Horizonte, 2009, p. 179.

JAMENSON, Fredric. Pós- modernismos. A lógica cultural do capitalismo tárido. São Paulo: Ática, 1997.

KOZAK, Claudia. Contra La pared; sobre graffitis, pintadas y otras intervenciones urbanas. Buenos Aires, libros Del roja, 2004.

NUNES, Thiago. Movimentos Contemporâneos. <http://tiagornunes.files.wordpress.com/2013/10/book-basquiat.pdf>. Acessado em 06/10/2014

P. B. C. Arte Carioca. In ibidem. P. 319

SILVA, Armando. La ciudad como comunicación. Diálogo de La comunicación. MaxicoFelafac, 2000.

SILVA, Armando. Imaginários urbanos, 2011.

TOMAZ, Kleber. Após invasão em 2008 pixadores são convidados a voltar a bienal.<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/09/apos-invasao-em-2008-pichadores-sao-convidados-voltar-bienal.html>. Acessado em: 25/09/2014

ZUINI, Priscila. Choque Cultural traz graffiti para a galeria de arte: <http://exame.abril.com.br/pme/noticias/choque-cultural-traz-graffiti-para-galeria-de-arte?page=2>  
Exame, Editora Abril, 2011. Acessado em 01/10/2014

**Justiçamento: o espetáculo do urbano (a vingança privada da atualidade)**  
**AJUSTICIAMIENTO: EL ESPECTACULO URBANO (LA VENGANZA PRIVADA DE HOY)**

Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira (Professora Msc. Na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, janafortes@hotmail.com) e Jéssika Silva Teixeira (Cursando o IV período na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, jessiteixeira1@gmail.com)

**RESUMO**

A violência captada nas imagens dos celulares transforma o justicamento urbano no novo espetáculo do século XXI. A apoderação de um indivíduo pelo grupo justiceiro marca a vingança privada como tempo de excitação e desaguamento das angústias da sociedade do risco; em meio à aflição do condenado saltam risadas de satisfação; a multidão faz-se em consciência hermética e destrutiva do outro. O conflito violento entre indivíduos (reificados pelo mercado e alijados de políticas estatais efetivas) faz do espaço urbano o espelho do desamparo, do medo e da impotência – agentes propulsores para uma reconfiguração do comportamento contemporâneo. Dessa forma, é imprescindível que esse debate se estenda a todos os fatores envolvidos, sejam históricos, sociais, políticos ou psicológicos. O artigo se propõe a entendê-lo como um fenômeno de sócio segregação resultado dos conflitos sociais, embasado principalmente pela filosofia de Michel Foucault.

**PALAVRA CHAVE:** violência, justiça e vingança

**RESUMEN**

La violencia capturada por imágenes del celular transforma el ajusticiamiento en el nuevo espectáculo del siglo XXI. La detención de un individuo por el grupo marca la venganza privada como el tiempo de excitación y angustia de la sociedad del riesgo; en medio de la desesperación del condenado salta la risa de satisfacción ; la multitud está en la conciencia hermética y destructiva de la otra. El conflicto violento entre los individuos (cosificado por el mercado y retirado de políticas estatales eficaces) hace del espacio urbano el espejo de la impotencia, el miedo y la impotencia - propulsores de una reconfiguración del comportamiento contemporáneo. Por lo tanto, es esencial que el debate se extienda a todos los factores que intervienen, sea histórico, social, político o psicológico. La ponencia trata de entenderlo como miembro del resultado fenómeno de segregación de los conflictos sociales, basada principalmente en la filosofía de Michel Foucault.

**PALABRA CLAVE:** violencia, justicia y venganza

## ABSTRACT

The violence captured from cellphone images returns the urban 'justiçamento' in new spectacle of century XXI. The seizure of an individual by retributive group marks the private revenge like a time of excitement and dewatering of the risk of the society problems; amid the distress of the condemned jumps laugh of satisfaction; the crowd does in airtight and destructive consciousness of the other. The violent conflict between individual (objectified by the market) does of urban space a reflection of helplessness and fear- propellants agents for reconfiguring of contemporary behavior. This way, is necessary that discussion extend for all the factors involved, be them historical, social, political or psychological. The article aims to understand as a result of a phenomenon of segregation by social conflicts, according mainly by Michael Foucault philosophy.

KEYS-WORD: violence, right and revenge

## INTRODUÇÃO

Ao apreciar uma determinada pintura, como a de Caravaggio que se caracteriza pela forte presença da violência, compartilha-se com o artista as emoções que inspiraram tal obra. Diante de um quadro o indivíduo se expõe à invasão de sensações, como a desproteção e o caos. No entanto, esses sentimentos são voláteis, pois somem ao mudar o olhar para outra obra qualquer. Desse modo é possível uma analogia com o olhar para o crime, no entanto ao ser visto ou vivenciado, esses sentimentos, ao contrario do exemplo, não evaporam e podem tomar a mais pura forma da selvageria.

Os justiçamentos se baseiam no ato de tortura seguida de morte; praticar justiça por si próprio (usualmente por meio do linchamento). Caracterizam-se por serem imediatos, carregados de ódio e sem a participação de alguém que analise segundo critérios racionais. Rejeitam a imprescindibilidade de provas que certifiquem suas suspeitas; trata-se, portanto, de julgamentos sem possibilidade de apelação.

A Organização das Nações Unidas (ONU) apresentou recentemente um relatório, em que o continente americano é a região mais violenta do mundo. Com base nos estudos, 36% dos homicídios ocorreram na América. Alguns dos países que lideram o ranking dos homicídios são Honduras, Venezuela, Colômbia e o Brasil. Em destaque, a América Latina sofre simultaneamente um crescimento da economia - e suas contradições- como também da violência nos últimos tempos; fatores que influenciaram essa situação.

Os excessivos números de justiça, ocorridos no Brasil, tornaram-se mais afamados através das mídias, expondo um verdadeiro problema social. Segundo o sociólogo José de Souza Martins, "há três anos, eram três ou quatro por semana. Depois das manifestações de junho\*, passou a uma média de uma tentativa por dia."<sup>242</sup>. No ano de 2014 alguns casos especialmente tiveram maior ênfase, como do jovem que foi amarrado a um poste depois de ter sido espancado, por praticar roubos, no Rio de Janeiro; ou da mulher espancada em São Paulo, por falsa acusação de sequestro de crianças para praticar rituais de magia negra.

A fala de José de Souza Martins torna ainda mais perceptível que essas ações são recorrentes em períodos de tensão social e econômica, em que a população fica desacreditada nos mecanismos do Estado; e utilizam-se dessa forma de resistência. Assim, as minorias elaboram seus próprios modos de construção de sentido e de intervenção; no caso, seu próprio método de segurança.

Esse artigo destina-se a investigar a origem das atuais causas de justiça, através de uma compreensão histórica e de uma análise do fenômeno de sócio-segregação, averiguando as influências dos conflitos sociais e das mídias na reconstrução do comportamento, calcado em referências bibliográficas.

## 1. HOMEM CORDIAL

Falar de linchamentos\* ou justiça requer uma retomada histórica, mesmo que breve, do seu surgimento. A origem da expressão "linchamento" tem derivação na "Lei de Lynch", baseada nas práticas do Coronel Charles Lynch durante a Guerra de Independência; também é relacionado à origem do termo ao Capitão William Lynch, o qual mantinha um comitê para a preservação da ordem durante a Revolução de 1780, ambos nos Estados Unidos. Os justiça constituem-se, na prática, de uma suposta justiça por meio do linchamento.

É possível regressar em um momento histórico ainda mais distante, como à época Medieval e perceber a semelhança com as Inquisições que utilizavam da tortura e levavam seus réus para serem julgados e executados, um recurso de morte e espetáculo que também ocorria em espaço

---

<sup>242</sup>\* Os protestos ocorridos no Brasil em 2013, também conhecidos como 'Manifestações dos 20 centavos', foram várias manifestações populares que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público nas principais capitais.



público. Assim, o Tribunal da Inquisição arrastou um numero enorme de pessoas que sofreram processos kafkianos e torturas.

No entanto, os exemplos do passado não têm demasiado contraste em relação aos atuais casos de linchamento; como o episódio ocorrido em fevereiro de 2014, de um jovem de 15 anos que foi preso a um poste por uma trava de bicicleta, no Rio de Janeiro. O garoto foi reconhecido como ladrão, e teria sido alvo de um grupo que se denominou “os justiceiros”. Esse comportamento, de justiça com as próprias mãos, está ligado a resquícios de uma cultura punitiva e inquisitorial, alicerçado na tentativa de impor castigo exemplar a quem tenha agido contra as normas da sociedade.

O “homem cordial” é um dos conceitos mais polêmicos do historiador Sérgio Buarque de Holanda, manifesto na obra *Raízes do Brasil*. Após a publicação em 1936, houve críticas sobre a expressão, principalmente por parte do escritor Cassiano Ricardo. Para ele, a ideia de cordialidade como uma concepção positiva, caracterizando o brasileiro, era um despropósito. Em réplica, o autor explicou ter usado a palavra em seu sentido etimológico, que remete a coração, opondo-se, assim, à razão.

Adotando-se o conceito de Sérgio Buarque de Holanda, a grande dificuldade surge quando essa cordialidade passa para a esfera pública. Isso porque o tipo cordial usa de sua passionalidade em todas as circunstâncias, inclusive em seus julgamentos, o que gera situações como a do julgamento.

Esse mesmo mecanismo é exposto por Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, a execução do culpado assemelha-se ao próprio crime, essa é uma das razões pelas quais a justiça não admite mais o excesso de violência que esteve associada ao seu exercício. O Estado compreende que o seu compromisso é procurar reeducar e não mais encorajar espetáculos brutais, uma teoria que ainda precisa ser aprimorada na prática.

Exposição do cadáver do condenado no local do crime, ou num dos cruzamentos mais próximos. Execução no próprio local em que o crime fora cometido. (...) Utilização de suplícios ‘simbólicos’ em que a forma da execução faz lembrar a natureza do crime: fura-se a língua dos blasfemadores, queimam-se os impuros, corta-se o punho de quem matou (...). A reprodução quase teatral do crime na e-

xecução do culpado: mesmos instrumentos, mesmos gestos. Aos olhos de todos, a justiça faz os suplícios repetirem o crime.<sup>243</sup>

Apesar disso, esses casos geralmente ocorrem quando alguém pratica, ou é suspeito, de algum crime inaceitável pelo grupo. Os motivos conservam-se os mesmos desde a década de 1980, segundo dados do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP), 25% dos casos de linchamento em São Paulo no período entre 1980 e 2009 foram motivados por roubo ou sequestro relâmpago e 17% por homicídio.

Em outros países da América, como a Bolívia e a Guatemala, a carência de segurança compeliu algumas comunidades, principalmente de zonas rurais, a formar milícias ou grupos paralelos que vigiam, mas também incitam os linchamentos; firmando uma cultura de “justiça comunitária” ou justiça indígena campesina.

Na Guatemala, essas ações estão associadas a mais de três décadas de conflito armado interno, que tiveram início na década de 1960. Apesar disso, a vivência guatemalteca comprova a frustração dos linchamentos como método para cessar o crime, uma vez que o índice de criminalidade no país continua sendo extremamente alto. O temor de que se expanda esse comportamento para outros países fez com que o tema voltasse ao debate latino-americano.

## 2. JUSTIÇA E VINGANÇA

Em meados do século XVIII, alastrou-se a ideia de que as penas constituíam uma forma de vingança coletiva; esse entendimento induziu à aplicação de punições exageradas, superando os males produzidos pelos próprios delitos; práticas como torturas, penas de morte, acusações secretas, dentre outras. Cesare Beccaria, jurista e autor de “Dos delitos e das penas”, opôs-se a essa tradição; ele apoiava o direito de punir como benefício social, evidenciando a necessidade da publicidade e da celeridade na aplicação das penas.

No entanto, algumas lógicas repetem-se, como a atual mentalidade vivenciada, em que o sentido de justiça é integrado à essência da vingança, semelhante ao que ocorria no século XVIII. No cenário atual, há um desejo por punir com mais rigor, como solução para todos os conflitos sociais; característica de uma sociedade que ainda não abdicou, completamente, da vingança punitiva.

---

<sup>243</sup>\*Ao longo do texto a palavra ‘linchamento’ será utilizada como um sinônimo para ‘justiçamento’, mesmo tendo uma tênue diferença entre os dois conceitos.

Aí está uma proposição muito simples: ou o crime é certo, ou é incerto. Se for certo, apenas deve ser punido com a pena que a lei fixa, e a tortura é inútil, porque não se tem mais necessidade das confissões do acusado. Se o crime é incerto, não é hediondo atormentar um inocente? Efetivamente, perante as leis, é inocente aquele cujo delito não está provado.<sup>3</sup>

As aplicabilidades fundamentais da punição são a repreensão e a precaução de atitudes danosas à sociedade. Apesar disso, quando se associa vingança à justiça é perceptível uma punição específica, envolvendo represália e humilhação ao criminoso. Acerca do tema, Foucault discorre que a eficácia da punição é que deve desviar o homem do crime, e não a crueldade.

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consequência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens.<sup>4</sup>

Assim, as leis devem evitar uma interpretação arbitrária, a exemplo disso Sócrates questionava os atenienses sobre a moralidade e a política; cada resposta estimulava novas perguntas, levando ao aperfeiçoamento ou a exclusão da resposta inicial. Ao perguntar o conceito de ‘justo’, percebia uma diversidade de respostas que as pessoas consideravam ser a certa. A lei deve superar o subjetivismo; pois como foi provado por Sócrates cada indivíduo terá percepções diferentes sobre o que considera ‘justo’.

### 3. INCONSTITUCIONALIDADE

O mais básico de todos os direitos é o direito a vida; praticamente um pré-requisito a existência dos demais direitos, assegurado na Constituição Federal, em seu artigo 5º, que trata da “a inviolabilidade do direito à vida”. Como direito essencial, contempla duas linhas; o direito a vida para resguardar os demais direitos, e como qualidade de vida, ter condições apropriadas para se manter (meios de vida e subsistência).

Outra garantia constitucional de extrema importância é a presunção de inocência, por meio dela, a pessoa acusada passa a ser sujeito de direitos dentro da relação processual. Trata-se de uma prerrogativa de não ser tido como culpado até que da sentença condenatória não caiba mais nenhum recurso, impedindo assim punições antes da decisão da justiça.

As práticas de justificação, no Brasil, são inconstitucionais. No entanto, são visíveis as reações contra as entidades que embasam tal inconstitucionalidade, os Direitos Humanos, associada a uma ideia vulgar de que essa estrutura só resguarda os direitos dos criminosos. Deve-se analisar que a sociedade é formada, acima de tudo, por seres humanos, de variados comportamentos; sendo assim, devem ser assegurados direitos a todos, através de uma estrutura legal e única.

O conceito de legítima defesa também tem sido deturpado constantemente para justificar os espancamentos feitos por multidões contra um indivíduo. Porém é legítima defesa quando alguém repele uma agressão, quem a repele não é criminalmente responsável. É considerada pelo Código Penal, como um excludente de licitude; quem age em legítima defesa não comete crime, logo não terá pena. Por outro lado, quando houver excesso de agressão, o fato é claramente ilícito e punível.

Policia e justiça devem andar juntas como duas ações complementares de um mesmo processo – a policia assegurando ‘ a ação da sociedade sobre cada indivíduo’, a justiça, ‘os direitos dos indivíduos contra a sociedade’; assim cada crime virá à luz do dia, e sera punido com toda certeza. Mas é preciso além disso que os processo não fiquem secretos, que sejam conhecidas por todos as razões pelas quais um acusado foi condenado ou absolvido, e que cada um possa reconhecer as razões de punir. <sup>5</sup>

Uma parcela da sociedade tem a percepção de que o criminoso não sofre o bastante e por isso reincide nos delitos. Sabe-se, na realidade, que quando estão nos presídios -apesar de ser por pouco tempo em alguns casos- são agredidos e ficam em condições desumanas. Além das intervenções abusivas das forças policiais que se utilizam da tortura e os desaparecimentos obscuros; tudo isso reproduz um clima de tensão entre as classes populares. Portanto, essa ideia de vitimização dos segmentos mais abastados advém de uma alienação e descaso sobre o terror que verdadeiramente acontece.

#### 4. EFEITO COPIA

Com a psicanálise, ficou incontestável que o ser humano é essencialmente narcísico e consequentemente exibicionista, comportamentos que fazem parte da dinâmica social. O antropólogo Loren Coleman é o escritor do livro *The Copycat Effect* ([Efeito Copycat](#)), que descreve a influencia da mídia sobre a mente de alguns criminosos. Em sua pesquisa encontrou padrões de coincidências, principalmente em homicídios e suicídios, e constatou que determinados crimes, excessivamente transmitidos, culminaram em ocorrências parecidas.

Em 1974, Universidade da Califórnia em San Diego sociólogo David P. Phillips cunhou a frase, "O Efeito Werther", para descrever o fenômeno de imitação. A palavra "Werther" vem de um romance de 1774, "Os Sofrimentos do Jovem Werther", de autoria de Johann Wolfgang von Goethe, o autor de Fausto. Na história, o jovem Werther personagem se apaixona por uma mulher que está prometida a outro. Sempre melodramático, Werther decide que sua vida não pode continuar e que seu amor está perdido(...). Nos anos que se seguiram, em toda a Europa, muitos jovens se mataram com um tiro vestidos como Werther e sentados em suas escrivaninhas com uma cópia aberta de "Os Sofrimentos do Jovem Werther" na frente deles. (...) O efeito Werther era, de fato, uma realidade - que a atenção da mídia massiva em recontar os detalhes específicos de um suicídio (ou, em alguns casos, mortes precoces) poderia aumentar o número de suicídios.<sup>6</sup>

Como outro exemplo, têm-se os crimes posteriores ao massacre de Columbine, nos EUA. Em um deles, ocorrido no Canadá, um jovem vestiu-se semelhante aos autores do massacre e reproduziu o incidente em sua escola. Recentemente, no Brasil, observa-se o efeito de diversos linchamentos, desde o final de 2013 e sua repercussão em outros estados. Cidadãos contagiados pelo ódio terminam por identificar-se com a revolta e reproduzirem o justicamento.

A maioria dos adultos julga a agressividade como uma emoção negativa que deve ser ocultada. No entanto, as crianças são as mais passíveis a reproduzir o comportamento violento; por estarem em um processo de aprendizagem das habilidades sociais. A agressividade tende a evoluir de acordo com as relações de educação e repressão, então entender o comportamento infantil é, portanto, a chave para decifrar a mente de um indivíduo violento na maior idade.

## 5. O ESPETACULO

O entusiasmo dos seres humanos por fazer parte de um grupo e se identificar, aderindo às ações, pode levar a realização de males irreparáveis. A partir disso, a teórica política Hannah Arendt criou a crítica relativa, nomeada, 'Banalidade do mal'. Seu livro 'Eichmann em Jerusalém', desmistifica o mal ou o ódio praticado no cotidiano como uma ação qualquer; é o surgimento do homem, que de forma mecânica, se adapta a tudo.

Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? Estará entre os atributos da atividade de pensar, em sua natureza intrínseca, a possibili-

dade de evitar que se faça o mal? Ou será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja, o mal banal, como fruto do não-exercício do pensar?<sup>7</sup>

Eichmann, acusado de crimes contra os judeus e contra a humanidade, foi a alegoria certa para o conceito. O questionamento se propõe analisar a associação entre a ação e o pensamento; com a intenção de mostrar a discrepância entre as barbáries cometidas e a superficialidade reflexiva do autor responsável. É possível abstrair disso se há uma correlação ou diferenciação entre ‘ser mau’ e ‘fazer o mal’. O caso se assemelha, guardada as devidas proporções, aos atos de justicamento em que a massa popular se deixar levar por uma consciência coletiva que não tem limites para fazer ‘justiça’.

Sendo o linchamento crime previsto no código penal, a apologia ou o estímulo também constituem um crime. A respeito disso, um comentário da repórter Rachel Sheherazade gerou polemica, referente a um caso de violência ocorrido no Rio de Janeiro; em que ela diz, “(...) a atitude dos vingadores é até compreensível(...). E aos defensores dos direitos humanos, que se apiedaram do marginalzinho preso no poste, eu lanço uma campanha: faça um favor ao Brasil! Adote um bandido.”

A opinião da repórter mostra uma disposição conservadora de lidar com a criminalidade, proveniente de desigualdades históricas, com métodos de execução retrógrados. Ou seja, deveriam ser suprimidos todos os negros e pobres que não estivessem inseridos no sistema de produção; parafraseando Foucault, que não fossem corpos úteis e dóceis. O tema envolve também a questão racial, mesmo que não tenha o racismo como alvo consciente. Porque os que protagonizam como ‘justiceiros’ percebem uma ameaça direta nesse ramo marginalizado.

O estado de violência é também fruto do discurso de uma mídia que insiste em criminalizar a pobreza. O criminoso é um problema de toda a sociedade que merece atenção e não deve ser meramente descartado. Em convergência com isso, o célebre criminologista, Alexandre Lacassagne, declarou sabiamente “A sociedade tem os criminosos que merece”.

Diante dessas análises, o que ocorre é que violência foi transformada em espetáculo. A intensidade da espetacularização tem produzido em alguns a perda da capacidade de reconhecer o que esta fora do propósito normal.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte.<sup>8</sup>

## 6.

## CONCLUSÃO

O Brasil vive um contexto paradoxal em relação aos indivíduos pertencentes às classes sociais média e baixa: pessoas que, distantes socioeconomicamente, encontram-se próximas fisicamente, na sua vivência cotidiana. Como resultado de tal paradoxo, tem-se uma relação social conflitante de ódio a alimentar disputas e violências; as classes baixa e média, no Brasil, tem-se por inimigas e se constroem – consolidam-se – como tais.

De fato, ter o “outro” como inimigo impede qualquer consenso democrático ou formação de vontade coletiva no corpo social; as classes baixa e média, carentes de transformações estruturais na política e na economia, não somam suas vontades para a construção da democracia. Essa situação é favorável aos interesses do mercado que, tendo acoplado o Estado a sua própria vontade, se mantém à custa da desigualdade social, da concentração de riquezas, da alienação midiática, do consumo, do descaso dos serviços públicos básicos e da insegurança social.

A relação social que se consolida, no sentimento de inimizade ganha fundamental importância se visto, numa reflexão filosófica, como um fator de perpetuação da desigualdade socioeconômica no Brasil. A inimizade entre as classes baixa e média instrumentaliza a desigualdade por dois vetores complementares: a violência e o descaso por parte do Estado em relação à parcela pobre da população são representados como anseio da classe média e o Estado é conivente com a defesa individual, arbitrária e violenta. Esses fatores, por sua vez, retroalimentam o sentimento de inimizade.

O domínio do outro se torna ‘divertido’, em alguns vídeos de linchamentos é possível ouvir as risadas e ver a satisfação das pessoas; um comportamento animalesco que ganha expressão na coletividade. No entanto, por mais difícil que seja as conjecturas morais, sociais e psicológicas, não deveriam se firmar apenas ao dualismo raso de apenar ou absolver os participantes do justi-

çamento, mas, em um meio desapaixonado de entender e investigar a sociedade, que nas suas diferentes relações sócio-culturais demandam enfrentamentos distintos.

Em uma reportagem da revista Carta Capital, conta sobre Mikhaila Copello que sozinha, impediu que um grupo de 25 pessoas linchasse um suspeito de ter cometido assalto, no Rio de Janeiro. Por conta do ato, a moça foi perturbada por quem não conseguia entender a defesa e aclamada por quem entendeu no seu ato a proteção de um ser humano. O resultado do acontecimento foi a impressão de estar dentro do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, diz Mikhaila, “Eu já não conseguia diferenciar os animais dos homens.”

## REFERENCIAS

Acesso no dia 26 de junho de 2014 <http://www.tribunaldeminas.com.br/opini-o/artigo-do-dia/justicamento-ou-linchamento-1.1456341>

<sup>7</sup> ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras; 1999.

<sup>3</sup> BECARRIA, Cesare. *Dos delitos e das Penas*. São Paulo: Martin Claret, p.37

<sup>6</sup> COLEMAN, Loren. *The Copycat Effect - How the Media and Popular Culture Trigger the Mayhem in Tomorrow's Headlines*. New York: Paraview, 2004. pags. 2-3.

<sup>8</sup> DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Projeto Periferia. p.26

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 38 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p.44

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 38 ed. Petropolis: Vozes, 2012, p.14

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 38 ed. Petropolis: Vozes, 2012, p.92



## **A busca de um conceito: resistências sociais (Uma abertura dentro da crise)**

Janaína Parentes Fortes Costa Ferreira (Professora Msc. na Universidade Estadual do Piauí - UESPI; email: [janafortes@hotmail.com](mailto:janafortes@hotmail.com));

Marília Luiza de Carvalho Reis (Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; email: [marilia-luiza@hotmail.com](mailto:marilia-luiza@hotmail.com));

Tuany de Sousa França; (Graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; [tuanyfranca13@gmail.com](mailto:tuanyfranca13@gmail.com))

**Resumo:** O tema “resistência social” – conceito em construção – no âmbito acadêmico transforma-se, surpreendentemente, em resistência às manipulações das estruturas de poder, fazendo do estudante universitário o ator das movimentações sociais. Descaso com as disciplinas propedêuticas, tecnicidade da linguagem científica, tempo comprimido do mercado e o utilitarismo individualista geram o dessecamento das ciências humanas. A reflexão, o diálogo e a transformação social surgem como prementes atitudes cidadãs que devem e podem ser fomentadas nas universidades. O compromisso social do pensamento foi revelado na experiência da busca – alunos e professora – por um conceito de resistência social na disciplina Filosofia do Direito, do Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí (Brasil), onde as perguntas acabaram por abrir caminhos de novas ideias.

**Palavras-chave:** Resistência Social, pensamento crítico, compromisso social do pensamento, diálogo e reflexão.

**Abstract:** Under the academic scope, the theme “social resistance” – concept under construction - transforms, surprisingly, in resistance to the manipulation of the structures of power, transforming the college student into the actor of the social movements. The disregard to the introductory subjects, the technicality of the scientific language, the compressed time of the market and the individualist utilitarianism all cause de decay of the human sciences. The thinking, the dialog and social transformations arise as urgent demonstrations of citizenship that may and should be encouraged on universities. The mind social commitment was revealed during the pursuit – involving students and teacher – for a concept for social resistance on the Philosophy of Law subject for the

Law course on Universidade Federal do Piauí (Brazil), when the questions made ended up opening way for new ideas.

**Key Words:** Social resistance, critical thinking, mind social commitment, dialog and reflection.

**Resumen:** “Resistencia Social” – Concepto en la construcción - en el ámbito académico se convierte sorprendentemente, en resistencia en las manipulaciones de las estructuras de poder que hace de estudiante universitario, el actor de las movimentaciones sociales, preocupado con las disciplinas propedéuticas, tecnicismo del lenguaje científica, comprimido el tempo, el utilitarismo individualista de mercado. Sigue siendo la desecación de las ciencias humanas. La reflexión, el dialogo y el cambio social, surgen como actitudes cívicas urgentes, que deben y pueden ser promovidos en las universidades. El compromiso social de pensamiento fue revelada en buscar experiencia de estudiantes y profesores – por um concepto de resistencia social en la asignatura de la Filosofía de Derecho de la Universidad Estatal de Piauí (Brasil) donde las preguntas fueron trazados abiertos de nuevas ideas.

**Palabras-Clave:** Resistencia Social, pensamiento crítico, compromiso social del pensamiento, dialogo y reflexión.

### **Considerações iniciais**

Na maioria das universidades hodiernas, observa-se que o estudo engajado com a realidade social está cada vez mais distante, visto que as matérias propedêuticas são inseridas quase que exclusivamente nos períodos iniciais e vão sendo substituídas por disciplinas que se prendem a uma transmissão técnica e se adequam às exigências utilitaristas e pragmáticas do mercado. A realidade do ensino jurídico não é diferente, dado o dogmatismo e o positivismo que cercam o direito, afastando a possibilidade de, quase sempre, tal ciência repensar a sociedade de forma crítica. O presente estudo tem como objetivo colocar na mesa o tema “resistência social” e observar que isso é – igualmente –, uma atitude de resistência nas universidades contemporâneas; pretende-se a metalinguagem como um processo autorreflexivo, um mecanismo de produção de sentido que estimula interpretações e o enfrentamento de si e do mundo.

Este artigo busca ainda mostrar como o estudo sobre “resistência social” nas universidades contemporâneas, assim como todo o estudo de base propedêutica que visa à formação do pensamento crítico do indivíduo, pode ter fundamental importância no desenvolvimento e engrandecimento individual. Não se vai restringir a falar de todos os tipos de resistência social e suas devidas causas e motivações, uma vez que cada forma de resistência social tem sua individualidade e uma importância específica na abordagem de uma problemática. Afastando-se da individualidade para a generalidade, propõe-se que o leitor crie um método socrático de questionamento das verdades já impostas pelo meio social. Pensar é resistir, nas palavras de Foucault.

Também Hans Georg Gadamer, em sua hermenêutica jusfilosófica, propõe ao sujeito que se afaste da esfera sagrada de conceitos prévios no processo de interpretação de textos. Este ensaio procura apresentar o pensamento Gadameriano, não se limitando apenas ao cunho textual, mas abrangendo a interpretação da complexa realidade que cerca o indivíduo, assim como também a autocompreensão de quem interpreta.

### **Apontamentos sobre resistência social: encadeando ideias**

A fim de entender o presente tema deste artigo, precisa-se estabelecer uma definição importante: o que é resistência social e qual a importância da observação dessa temática no âmbito das universidades contemporâneas? De forma generalizada, a resistência pode ser entendida como um movimento de ruptura tendo em vista a construção de novos sentidos, subvertendo uma ordem posta. Analisar um fato que ocorre dentro da sociedade e caracterizá-lo como resistência social é um interessante exercício de questionamento que proporciona ao observador uma reconstrução de sentidos, possibilitando a construção de um pensamento crítico capaz de se distanciar da multifacetada realidade social a fim de repensá-la.

Para melhor perceber a resistência social como um processo importante de questionamento de valores, é útil recorrer a um exemplo histórico que facilitará o entendimento do leitor. Um grande exemplo de resistência social é aquele que persistiu durante muito tempo na África do Sul: a luta contra a segregação racial. A África do Sul, habitada por inúmeras tribos negras, foi, posteriormente, habitada por vários povos estrangeiros em busca de riquezas, a exemplo dos ingleses e holandeses.

Em 1911, a diferença de poder econômico entre os estrangeiros e os negros era discrepante, fazendo com que os primeiros tivessem também poder político e jurídico dominante. Então, estes, dotados de poder, impuseram uma lei que restringia os direitos da maioria negra. Foi então que a resistência negra fez-se forte naquele país. Os ativistas reagiram fundando, no ano posterior, o Congresso Nacional Africano (CNA): partido político em defesa dos direitos do povo africano. Porém, o governo racista avançou em contra-ataque e decidiu oficializar o *apartheid* - uma política segregacionista que obrigava os negros a habitar em ambientes separados dos brancos, e viver uma vida toda segmentada em lugares para uma ou outra raça. Além disso, proibia os negros de ter posses de terra em 87% do território nacional e de participarem da política.

Durante esse período de *apartheid*, tiveram dois massacres. O massacre de Sharpeville, enquanto os negros participavam de uma passeata pacífica e o massacre no bairro negro de Soweto, nos anos de 1970. Esses dois acontecimentos chocaram profundamente a opinião pública. Surgiu, também, a figura de Nelson Mandela, líder e advogado do CNA, que ficou preso durante 27 anos.

Devido os fatos supracitados, tanto os Estados internacionais quanto a própria comunidade nacional sentiram necessidade de interferir para buscar a paz e impedir que esse movimento de segregação racial espalhasse pelo mundo e se tornasse uma ideologia ainda mais forte. O mundo, que já teria visto os fatos ocorrerem com os pensamentos etnocêntricos nazistas, precavia-se de uma repercussão altamente perigosa, especialmente no próprio continente africano, dotado de países com dominação estrangeira.

A comunidade nacional reagiu intervindo economicamente, no governo da África do Sul, e a Organização das Nações Unidas (ONU) suspendeu o comércio de armas ao país. Em decorrência, os negros sul-africanos, por sua vez, renunciaram a resistência pacífica e partiram para o combate. Com a intervenção internacional que o país recebeu, em 1990, o governo sul-africano libertou Nelson Mandela, admitiu a volta do CNA à legalidade e anulou as leis segregacionistas, concedendo aos negros a igualdade de direitos civis e políticos. Assim, com forte pressão sobre o Estado, era o fim do *apartheid*. Em 1994, ocorreram eleições presidenciais na África do Sul e Nelson Mandela, que tinha sido atormentado em 27 anos de prisão, ícone do movimento, foi eleito presidente.

Citar o *apartheid* é crucial para se entender o tema deste presente artigo. Esse episódio em sua grandiosa histórica, revelou fatores importantes que dão a essência de uma resistência social e demonstrou, também, a repercussão mundial de um caso particular de um país. O movimento de

resistência, representado neste caso por Nelson Mandela e o CNA, entra em conflito com a ordem segregacionista que foi imposta. A resistência social destes demonstra a possibilidade de transformação do status quo pela resistência do oprimido.

A partir do momento que qualquer indivíduo, fora ou dentro daquele país, coloca-se como sujeito questionador, ele promove a crítica. Tal crítica instiga e eleva o indivíduo a se contrapor ao que já se conhece como certo e ao que já se conhece como errado. Para isso, é preciso afastar-se de pré-conceitos anteriormente impostos. Na continuação deste artigo, citar-se-á filósofos que influenciaram esse tipo de pensamento individual que propõe interpelar. Conhecendo-se o objeto, distancia-se do mesmo para compreendê-lo, ampliando, assim, a visão do mundo.

Conhecendo a importância da crítica para o indivíduo, necessita-se falar desta atitude vista como uma metalinguagem. Assim definida por Jakobson, estudioso das funções da linguagem, “a função metalinguística seria aquela em que a linguagem é empregada para falar de si mesma”. Esta é como um processo autorreflexivo, uma vez que propõe ao leitor produzir significados e suscitar interpretações. Neste estudo, a linguagem textual foi adaptada para se concretizar nas experiências reais. A geração de uma forma de resistência social (ligada ao pensamento e ao questionamento), provocada pelo estudo das formas de resistência social. O estudo desta promove aquela.

### **O ensaio da temática resistência no âmbito acadêmico**

A capacidade de autorreflexão é uma virtude fundamental que deve ser desenvolvida em qualquer ser humano. Esse fato traz uma problemática dentro da maioria das universidades contemporâneas. Conhecendo a realidade do processo de instrução e formação do indivíduo no âmbito acadêmico, percebe-se a questão aqui discutida: o abandono da necessidade de formar um indivíduo capaz de repensar a sociedade e as relações interpessoais que nela ocorrem.

Necessita-se mostrar não a total ausência de métodos que iniciam o indivíduo na atividade reflexiva, pois as universidades contam com tais métodos, visto que possuem disciplinas de cunho humanístico. O problema decorre da falta de importância que é dada a tais disciplinas no decorrer do processo de formação.

Especificando em um exemplo e transpondo para o curso de Direito, pode-se perceber que, de fato, matérias humanísticas são estudadas, como hermenêutica, filosofia, sociologia e antropologia.

logia jurídicas e possuem o objetivo de tornar o ser, indivíduo pensante. Porém essas disciplinas restringem-se aos períodos iniciais. No decorrer do curso prevalecem conceitos e práticas de ordem técnica tendo em vista adequar-se muito mais ao utilitarismo e ao pragmatismo do mercado do que ao engajamento com a realidade.

As matérias humanísticas possuem fundamental interação com as demais ciências jurídicas. Aquelas, nesse sentido, dispõem da função de pensar aquilo que as ciências especializadas não têm prioridade em conhecer. E, por isso, diante do amplo horizonte de análise, a matéria humanística é capaz de criticar, orientar e analisar contribuindo para o estudo específico das ciências do direito. Assim, cumprem elas a tarefa de avaliar os processos de transformação de ideias em leis.

Visto os fatos elencados acima, percebe-se a importância de tratar o tema do presente artigo. Ao estudar resistências sociais dentro do ambiente acadêmico, provoca-se a consequência que se almeja. Abre-se um fio condutor a superar o tecnicismo. Fio este que potencializa a capacidade de acabar com a alienação do indivíduo em formação na medida em que o torna apto a analisar e refletir os fenômenos sociais, ou seja, dar ênfase a outras necessidades epistêmicas em detrimento de prender-se somente a uma formação técnica e científica.

Uma resistência social carrega uma ideologia, neste momento, o conceito é algo abstrato. Quando esta se torna um movimento, em que ocorre a concretização das ideias em fatos, as ações modificam a face do mundo. Ao estudar esse processo, o indivíduo torna-se capaz de mudar as estruturas sociais. O processo dá-se quando: ocorre uma resistência social, o ser aceita a sua existência, entende a sua motivação e se permite ter alteridade (capacidade de se colocar no lugar do outro). Cria-se um pensamento crítico da situação e gera a aptidão de refletir e materializar discursos no dever do profissional de ser um agente com compromisso social.

### **A resistência do pensamento**

Na frase: “pensar é resistir” encontra-se a essência de parte do trabalho do filósofo francês Michel Foucault. Na elaboração de algumas de suas obras o elemento “resistir” torna-se potencial natural do ato de pensar. A experiência do pensamento em Foucault é um lugar privilegiado de resistência, que liga reciprocamente as relações interpessoais e intrapessoais.

O pensamento proposto pelo filósofo mostra uma perspectiva diferente, uma vez que estabelece distinção entre o trabalho do pensamento e o trabalho do conhecimento. O trabalho do conhe-

cimento, percebido nas práticas educacionais modernas, resume-se à transmissão de verdades científicas, presas em um dogmatismo que não conduzem às condições de humanização e liberdade do sujeito. Já o trabalho do pensamento, valorizado por Foucault, conduz ao pensamento reflexivo que questiona as formas das relações sociais e possivelmente possibilita suas mudanças.

[...] Na realidade, o que quero fazer, e aí reside a dificuldade da tentativa, consiste em operar uma interpretação, uma leitura de certo real, de tal modo que, de um lado, essa interpretação possa produzir efeitos de verdade e que, do outro, esses efeitos de verdade possam tornar-se instrumentos no seio de lutas possíveis. (FOUCAULT, 2003: 278)

Assim é que o trabalho do pensamento torna-se uma espécie de atitude ligada ao despertar humano da verdade. A subjetivação do mundo, na interpretação dos fatos, conduz o indivíduo à verdade. Verdade esta que será empregada nos seios das lutas, nos movimentos humanos, nas resistências sociais. O pensamento não se conformaria com as coisas do mundo, cabendo a ele transgredi-las e recriá-las.

Finalmente, na concepção do filósofo, o pensamento é um dos lugares da resistência. Foucault nos provê formas singulares de conceber e operar resistências. Mais do que analisar resistências, é preciso inventá-las, fazendo do trabalho intelectual uma forma de resistência, ou seja, pensar é resistir.

### **A experiência hermenêutica Gadameriana na compreensão de si e do mundo: diálogo e fusão de horizontes**

Colocar em foco a análise do tema resistência social é antes de tudo, uma atitude interpretativa e um posicionamento diante da realidade a fim de compreendê-la. Nesse sentido, as reflexões do filósofo alemão Hans Georg Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, são imprescindíveis a esse estudo à medida que trazem o conceito de experiência hermenêutica para se pensar e repensar os movimentos de resistência dentro da sociedade.

É basilar demonstrar alguns conceitos básicos da hermenêutica gadameriana para compreender a relação da mesma com o tema em estudo. Para Gadamer, aquele que quer fazer uma interpretação ou posicionar-se por meio de um comportamento reflexivo num ato de compreensão, seja de um texto ou da realidade que o cerca, deve adotar uma atitude de alteridade: o reconhecimento diante do estranhamento do outro daquilo que é próprio a si mesmo. Ou seja, um processo dialógico de alargamento do ponto de vista próprio a partir do encontro com o ponto de vista dos outros.

O ponto de partida da hermenêutica gadameriana é o reconhecimento de que, no processo interpretativo, importa que o hermeneuta tome consciência de suas opiniões, de seus próprios pressupostos herdados da tradição, pois o homem está lançado em um contexto histórico-cultural e é determinado pelos fatores de tal conjuntura como a educação, a política e a sociedade. E, é esse reconhecimento que permite o diálogo com os pressupostos do outro.

Desse diálogo nasce o que Gadamer chama de fusão de horizontes, em que do confronto com algo diferente de si surge uma autocompreensão e autocrítica, pois, a abertura para a compreensão do outro só se faz à medida que nós examinamos e questionamos nossos próprios preconceitos, já que são estes que lançam nossa compreensão no mundo. Assim, toda nova experiência instaura novos horizontes de compreensão, possibilitando uma alteridade que amplia nossa compreensão do mundo e das nossas possibilidades próprias.

A busca da verdade e do conhecimento em Gadamer relaciona-se com a experiência do homem no mundo, uma experiência hermenêutica que não pode se prender às formas rígidas de ser e pensar, que, ao pretenderem a neutralidade, não levam em conta a historicidade, a tradição e o contexto de quem interpreta. Essas formas rígidas muitas vezes fecham o evento da experiência, pois anulam as inúmeras relações de sentido que podem surgir da fusão dos horizontes do intérprete e do objeto da interpretação.

Na análise dos movimentos de resistência social, não somente no âmbito acadêmico, mas, referindo-se também a uma atitude interpretativa em múltiplos contextos, a abertura ao diálogo, ao novo e ao diferente, torna-se condição essencial para ampliar a visão de mundo, ou, para utilizar um termo de Gadamer, “adquirir novos horizontes de sentido”.

Também aqui se torna claro que o homem que compreende não sabe e nem julga a partir de um simples estar postado frente ao outro sem ser afetado, mas a partir



de uma pertença específica que o une com o outro, de modo que é afetado com ele e pensa com ele. (GADAMER, 2008: 425).

Nas sociedades contemporâneas, onde predominam conceitos de ordem técnica, na maioria das vezes a importância do diálogo é desconsiderada, e isso dificulta a interação entre os sujeitos e a compreensão do horizonte existencial de cada um. O reconhecimento da verdade do outro conduz ao respeito pela liberdade de manifestarem-se em seu próprio modo de ser e também conduzindo à tolerância enquanto atitude necessária para que se deixe que as diferenças se manifestem. Estes são frutos que decorrem do diálogo, da fusão de horizontes propostos na experiência hermenêutica de Gadamer.

Dessa forma, a experiência hermenêutica como alteridade, ou seja, conhecimento do outro, por meio de um processo dialético, é fundamental para o engrandecimento do indivíduo enquanto participante de uma realidade multifacetada, pois tal experiência gera uma provocação frente aos preconceitos que se tem, questionando-os e muitas vezes reelaborando-os. Da articulação entre o eu e o outro surge a capacidade de reflexão, de repensar com um olhar mais crítico, de uma prática humana e social que implica na disposição em pôr à prova os nossos próprios preconceitos para que sejam transformados pelas novas compreensões a que se abre e para que se amplie a compreensão de mundo e das possibilidades próprias.

### **O esclarecimento Kantiano: Instrumento emancipatório do indivíduo**

Immanuel Kant, no seu estudo filosófico, direciona parte das suas reflexões para uma questão que será útil neste artigo conduzindo a melhor conexão entre o estudo da temática resistência social e a formação do pensamento crítico: o esclarecimento. Este é conceituado pelo filósofo como “a saída do homem de sua menoridade. [...] Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento”.

Então, o esclarecimento é o engrandecimento individual, uma espécie de maioridade intelectual que possibilita ao indivíduo sair da ignorância, sair da inércia para pensar por si. Kant revela que é cômodo ser menor, visto que é mais fácil acreditar no que é imposto do que se colocar a questionar. Como assevera Kant: “Não tenho necessidade de pensar quando posso simplesmente pagar; outros se encarregaram no meu lugar dos negócios desagradáveis”.

Na facilidade de sempre absorver ideias de outrem, faz-se o uso de preceitos e fórmulas que preconizam uma forma de transmissão mecânica de conhecimento, surgindo uma cadeia de eterna menoridade. Essa facilidade e rapidez de reprodução de conhecimento engessa a transformação do espírito para empreender uma marcha segura para que atinja o esclarecimento.

Kant enfatiza que a liberdade é fundamental para o esclarecimento do indivíduo, pois quando este faz o uso da mesma, torna-se capaz de expressar seu próprio pensamento, avaliar racionalmente os valores e reconhecer que cada um pode pensar por si mesmo. Porém, as revoluções e movimentos sociais não trazem o esclarecimento, e sim a formação de um novo preconceito, como este explica:

Um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [*<Aufklärung>*]. Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento. (KANT, 2005: 02).

A resistência não gerará reforma do modo de pensar, por que esta reforma se dá lentamente, como Kant já afirmara. A consequência imediata destas resistências revolucionárias é o findar de opressões, ou da dominação do poder de uma ideologia. O esclarecimento só vem como consequência a posteriori, num processo moroso e duradouro. A própria revolução não reforma o modo de pensar subitamente, mas fornece a motivação necessária para o início de tal reforma. Ou seja, quando o indivíduo adquire uma posição ideológica e muda seus conceitos, ele não está, necessariamente, formando consciência crítica. Esta só se forma quando o ser se propõe a ver além da realidade que o cerca e passa a questionar seus posicionamentos.

Adquirida a liberdade, o indivíduo pode se questionar sobre tudo aquilo que o mantinha menor e não o elevava para o esclarecimento. Todos os conceitos e fórmulas já formados que desde o nascimento o ser já concebe como verdadeiro e inquestionável. Assim, valores acabados que influenciam totalmente no modo de pensamento, como: classe social, religião, nacionalidade, profissão, política. Qualquer tipo de simpatia ou desprezo induz no julgamento de qualquer fato, ato ou pensamento.

## **Reflexão e prática: a construção**

Durante o desenvolvimento desse artigo, procurou-se demonstrar a importância do estudo do tema “resistência social” para formação do pensamento crítico do indivíduo dentro do âmbito acadêmico. Esta experiência foi vivenciada no decorrer da ministração da disciplina Filosofia do Direito, no Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí. A análise da temática empreendida durante um semestre letivo, somada às inúmeras relações de sentidos e experiências compartilhadas entre discentes e docentes, propiciaram uma transformação na metodologia tradicional de ensino.

A disciplina desenvolvida na sala de aula foi construída através da prática bilateral entre professor e aluno. A busca por um conceito de “resistência social” transformou-se no objeto primário, uma vez que se buscava questionar, interpor e apresentar diversos entendimentos, múltiplos olhares. A partir disso, o diálogo tornou-se possível e concreto, deu-se ao aluno autonomia no processo de produção do conhecimento.

Através da ampla possibilidade do estudo, foi possível fazer um trabalho de forma abrangente, que se mostrou, surpreendentemente, multifacetado. Cada aluno buscou estudar uma manifestação da resistência social e a partir dela construir um conceito – seu próprio entendimento sobre o objeto. O que se mostrou, por meio desse trabalho, foi a pluralidade de concepções e a potencialidade de transformar aquele ensaio em um instrumento realmente fomentador do compromisso social do pensamento.

A prática educacional realizada com o estudo das mais variadas manifestações de resistência social procurou valores e princípios comuns, cominando na formação de um conceito: “resistência social”, aquilo que é imposto pela maioria da sociedade aos indivíduos e estes o repelem, atribuindo novos sentidos.

Dentre os resultados decorridos do estudo feito na universidade, nota-se a criação de um Blog, espaço aberto democrático de livre manifestação, tornando possível o compartilhamento das ideias desenvolvidas no período letivo com o público em geral. Abre-se o processo de conhecimento que não é restrito apenas ao âmbito acadêmico, mas a todas as pessoas, promovendo o conhecimento libertador.

Os conceitos construídos em sala serviram de base para a produção, pelos alunos, de doze artigos científicos, cada um com aprofundamentos de formas de resistência social notadas na soci-

idade. Dentre eles, quatro, incluindo este, foram aprovados para apresentação na IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-americanos tendo com temas: “A resistência que vem da aldeia”; “Justiçamento: o espetáculo urbano (a vingança privada da atualidade)” e “Grafitti: diálogo estampado de cores”.

Pôde-se perceber, à luz da experiência vivenciada, que a pesquisa poderia alcançar horizontes ainda mais distantes. Um novo olhar foi usado como instrumento capaz de aproximar o estudo feito em sala de aula à concreta realidade, interferindo nesta. Na busca de fazer interagir os resultados alcançados no âmbito institucional com o mundo social, transcendendo as barreiras dos muros universitários, foi elaborado o projeto de extensão “Grafitti: diálogo estampado de cores” cuja essência consiste no uso da linguagem do grafitti – impactante manifestação de resistência social – como meio capaz de denunciar uma realidade socioeconômica conflituosa.

A proposta do projeto é apropriar-se do espaço público da universidade, criando um espaço democrático de diálogo entre a arte-denúncia e os atores sociais com ela envolvidos: grafiteiros da cidade de Teresina, criadores da arte visual na cidade (fotógrafos, artista plásticos e de intervenção urbana), docentes e discentes dos cursos das Ciências Sociais Aplicadas e Humanas e funcionários da Universidade Estadual do Piauí. Percebe-se o quanto é importante essa abertura do conhecimento, superando uma sacralizada formação restrita a manuais e conceitos de ordem técnica, e fazendo do sujeito universitário ator das movimentações sociais.

Conhecer as diversas formas de resistência social se tornou, dentro de um pequeno ambiente universitário, uma atividade contínua. A cada resposta encontrada, surgem novas questões e desafios. Estudar resistência social significa transformação do pensamento, tão fundamental para apresentar ao homem os seus verdadeiros conflitos.

## **Conclusão**

Embora, neste artigo, repetidas vezes tenha-se enfatizado sobre como os conceitos já formados são uma barreira para a reflexão e interfere o pensamento crítico humano, intenta-se mostrar que é impossível o abandono total de qualquer valor pessoal, e nem é o que deve ser buscado. Na medida em que o indivíduo, através do seu trabalho de pensamento, da sua hermenêutica jusfilosófica, do seu esclarecimento ou de qualquer meio que busque a autocrítica, tem a propriedade de reconhecer seus próprios dogmas pessoais e interiores, ele se torna engrandecido. Um indiví-

duo com total potencialidade de aplicar com maestria todas as fórmulas e preceitos do seu aprendizado científico, tornando, assim, o profissional que as idealizações éticas e morais empenham-se em formar.

As sociedades contemporâneas, marcadas pelo predomínio de conceitos de ordem técnica, necessitam cada vez mais de iniciativas que conduzam os indivíduos a repensar, de forma crítica e engajada, a realidade que os cerca, empreendendo um movimento de resistência racional e de reflexão diante de uma propensão à mera aceitação das coisas como elas são. Nessa abordagem, o indivíduo torna-se um sujeito ativo, construindo seu conhecimento a partir de conceitos socialmente elaborados, levando-o a dialogar, pensar e repensar, e, conseqüentemente, elaborar seus conceitos.

Logo, visto a relevância do compromisso social do pensamento, propõe-se que todas as reflexões que foram expostas nesse artigo, não se encerrem no mesmo e no pequeno ensaio feito em uma disciplina semestral no âmbito restrito da sala de aula. Abre-se aqui a possibilidade de estender o legado construtivo da análise do tema resistência social como uma atitude que deve ser fomentada na sociedade como um todo.

### **Referências Bibliográficas**

Disponível em: <<http://www.inquietude.org/index.php/revista/article/view/146/185>>. Acesso em: 11 Jul. 2014.

Disponível em: <http://ftd.li/xmsdmi>. Acesso em: 10 Jul. 2014

Disponível em: <http://filosofiadodireitousespi20141.wordpress.com/> Acesso em 11 Jul. 2014. (Blog produzido a partir da experiência vivenciada em sala).

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder, saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos & escritos IV).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História Sociedade & Cidadania**. 2. ed. São Paulo: FTD, Volume único, 2013.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2005.

LEHER, Roberto; SETUBAL, Mariana. **Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.

## **Entre o antigo e o novo: considerações sobre as novas formas de atuação política das juventudes organizadas**

Joane dos Santos Araújo<sup>244</sup> (UFRN, [joanearaujo@yahoo.com.br](mailto:joanearaujo@yahoo.com.br))

### **Resumo**

A história política do Brasil mostra a importância da juventude na disputa de projetos e na luta por direitos, por isso a ênfase dada às mobilizações juvenis das décadas de 1960/70 e a mitificação de uma imagem de juventude. Os contextos marcados pelos efeitos da globalização e novas configurações do Mercado e do Estado alteraram as realidades e as práticas associativas. Essa geração é menos atraída por partidos políticos, sindicatos e outros canais convencionais de participação. Essa discussão é fundamental para a compreensão dos limites e das potencialidades sociopolíticas transformadoras das formas de atuação política das juventudes organizadas. Há generalizações e simplificações analíticas no caso brasileiro quanto ao tema da não militância dos jovens de hoje. As juventudes imprimem novos significados à noção de participação e de militância, o que torna urgente novo debate sobre o tema da apatia e acomodação política.

**Palavras-chaves: juventude; movimentos sociais; participação; sujeito coletivo.**

### **Introdução**

Este artigo é produto de leituras e reflexões iniciais em torno das novas formas e espaços de participação das juventudes organizadas no Brasil. Ele apresenta os primeiros esforços teórico-metodológicos de compreensão dessa realidade. Trata-se de um estudo em desenvolvimento, de uma pesquisa de mestrado em curso pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN). Dialeticamente busca-se compreender as transformações ocorridas nas formas de atuação das juventudes organizadas – diversificação das pautas, dos espaços de sociabilidade política – a partir do surgimento de atores distintos daqueles outrora consagrados (juventude dos partidos comunistas e do movimento estudantil).

---

<sup>244</sup> Professora de Sociologia da rede pública do Estado do Ceará (SEDUC/CE). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Realiza estudos acadêmicos nos temas Movimentos Sociais. Juventude e Participação Política.

Sujeitos coletivos juvenis que trazem a perspectiva de mudanças estruturais, e que emerge no cenário atual com novas motivações e individualidades. Problematisa-se o fato destes imprimirem novos significados à noção de participação ou militância política. Realizamos um recorte no campo amplo das organizações de juventudes elegendo o Levante Popular da Juventude como objeto de pesquisa. A abordagem da problemática da participação juvenil a partir de um enfoque cultural se distancia das análises ortodoxas formuladas essencialmente em torno das classes sociais e categorias econômicas, e aponta a dimensão criadora dos movimentos sociais, da produzir novos significados e possibilidades de vida. O fazer metodológico da pesquisa caminhará com a realização sistemática de 1) trabalho de campo – observação e o registro sistemático das práticas sociopolíticas e culturais do Levante Popular da Juventude; 2) análise de documentos – circulares nacionais e estaduais, registros de reuniões etc.; 3) observação de encontros estaduais e nacionais, participação em reuniões de núcleos e células do movimento e; por fim, 4) entrevistas com jovens militante e lideranças da coordenação nacional do movimento.

### **Juventude e participação política: panorama geral**

A inserção militante e o entusiasmo político com a pauta e com a luta da juventude culminaram no interesse acadêmico pelo campo de estudo das ações coletivas, da organização e experiências de atuação política dos sujeitos coletivos juvenis. Desde o período da pré-ditadura e do governo militar a importância da atuação política da juventude na disputa por projetos e na luta pela garantia de direitos civis, políticos, sociais e culturais é fundamental. No Brasil parte significativa dos estudos que trazem o tema da participação juvenil enfatiza as mobilizações políticas protagonizadas por jovens da década de 1960 e 1970, período em que se mitificou uma forma de atuação política da juventude.

O perfil da juventude atuante nesse contexto de luta contra o cerceamento das liberdades individuais e no enfrentamento ao regime político autoritário era de jovens de classe média, numa faixa etária entre 20 e 30 anos, escolarizados e pertencentes ao movimento estudantil. Como resultado das ações de enfrentamento e resistência daquele período (não só da juventude e outros setores organizados), veio posteriormente o processo de transição democrática, garantindo a abertura de espaços para participação popular e fortalecimento das iniciativas associativas da sociedade civil. Depois de mais de duas décadas de luta e do processo de redemocratização do país surge



uma geração de jovens que, situada em um contexto sociopolítico e cultural de maiores liberdades, possuía ainda outros desafios a enfrentar.

Apesar de certo fatalismo quando o assunto é juventude e participação política baseado em uma percepção de realidade onde tendências individualistas e orientações para o consumo estão na ordem do dia, há elementos que nos levam a questionar sobre o apoliticismo que, segundo algumas leituras, é a marca geracional dos jovens de hoje. Os contextos sociopolíticos e culturais experienciados pelas juventudes são fundamentalmente marcados pelos efeitos da globalização e pelas novas configurações assumidas pelos mercados e pelo Estado, o que tem gerado alterações significativas nas realidades e nas práticas associativas das juventudes organizadas na atualidade. Otávio Ianni (1968, p. 225) aponta a drasticidade das transformações nas condições de vida dos grupos sociais consequentes do capitalismo em face da sociedade global. Segundo este autor, é nesse contexto socioestrutural que a juventude se torna elemento fundamental dos movimentos sociais, sejam estes de orientação ideológica de esquerda ou de direita.

Em um texto recente, fruto da análise da eclosão de movimentos sociais de protestos de dimensão global que ocorreram em 2011, Vladimir Safatle (2012, p. 55) aponta como elemento fundamental a desconfiança da juventude com os partidos políticos, sindicatos e outras estruturas governamentais, que apesar de suas funções para a manutenção da vida comum, não ressoam a verdadeira necessidade de ruptura. Continua afirmando, com relação ao futuro incerto desses levantes, que novos movimentos e organizações políticas continuarão consistindo em forças de pressão social enquanto se conservarem fora das dinâmicas e do jogo partidário (SAFATLE, 2012, p.55).

Estudiosos do conteúdo e formatação das novas formas de participação juvenil concordam que hoje predominam mais os grupos e movimentos de juventudes organizados no campo cultural e artístico (a exemplo dos grupos de *Hip Hop*), os coletivos organizados em torno de identidades étnicas e de gênero, os grupos de amigos ou as mobilizações esporádicas, por eventos ou temas, sem continuidade e avessas a rotinas, a exemplo das marchas contra o aumento das tarifas de ônibus urbano em diversas capitais (CASTRO; VASCONCELOS, 2007; SPOSITO, 2000; GROppo; FILHO; MACHADO, 2008). Em breve configuração sobre a constituição de coletivos juvenis no Nordeste brasileiro, Valéria Silva (2009, p. 423) assinala que,

[...] a ação desenvolvida pelos coletivos juvenis tem evidenciado certas mudanças nas formas de organização e participação dos jovens. Tanto o modo de participar, quanto os tipos de coletivos constituídos aparecem vinculados não apenas aos modelos originários de décadas anteriores, mas também, expressando os novos paradigmas ou, ainda, dialogando postulados variados que se entrecruzam na atualidade.

Corroborando com a perspectiva apresentada pela pesquisadora, acrescentamos que a busca por novas formas associativas, novos espaços de sociabilidade política pela juventude não configura no atual contexto a recusa à participação, mas reflita em certa medida a ausência de confiança nos canais institucionais e nas formas tradicionais de fazer política. Essa busca por novos espaços e formas associativas por parte da juventude não anuncia o fim dos espaços tradicionais de participação, como por exemplo, o movimento estudantil e político partidário, mas atenta para o fato de que o campo de organizações das juventudes é complexo e amplo. Essas novas práticas associativas e a produção de novos discursos referidos as lutas dos grupos de agentes que compartilham determinados interesses, materiais e simbólicos, tornam este campo um terreno disputas (PIERRE BOURDIEU, 2013).

Trata-se, a nosso ver, de uma nova cultura de participação, de práticas que se fazem e refazem. Não há uma ruptura definitiva entre os antigos e novos espaços de participação política, mas um deslocamento ou mesmo uma ressignificação de sentidos que, de uma forma ou de outra, permite que o diálogo entre as formas (antigas e novas) de atuar da juventude se realize. As funções dos elementos culturais presentes no contexto de participação juvenil abordado se configuram, até certo ponto, em funções políticas. Cultura nesse sentido, e como sugere Pierre Bourdieu (2013), é pensada como uma estrutura estruturada que reproduz as relações concretas/objetivas e, ao mesmo tempo, como estrutura estruturante capaz de produzir uma representação de mundo ajustada às relações objetivas interiorizadas.

Os jovens continuam, de forma renovada, participando de partidos e sindicatos e mobilizando ações que se formatam inclusive em passeatas, ainda que não de forma tão noticiada pela grande imprensa como em 1968 e 1984. Essa mesma juventude também se organiza/movimenta em diversos movimentos sociais, levando para dentro dos espaços mais tradicionais de participação política (sindicatos e partidos) uma série de questões e debates existenciais que combinam micro e macro referências, como questões relacionadas a relações sociais de gênero, sexualidade,

por exemplo. Enquanto ator social, a juventude organizada traz a perspectiva de mudanças estruturais, mas também emerge nesse novo cenário com novas motivações e individualidades.

A relevância desta investigação inicial encontra-se na tentativa de identificar e entender os limites e as possibilidades sociopolíticas transformadoras presentes nas atuais formas de atuação política e nos espaços organizados das juventudes. Pode-se verificar assim até que ponto é legítimo falar em acomodação, apatia política e individualismo das novas gerações. Partindo dessa perspectiva, é possível: 1) pensar que as juventudes vêm imprimindo novos significados à própria noção de participação ou de militância política (SPOSITO, 2000) e; 2) verificar a existência de generalizações e simplificações analíticas, no caso brasileiro, no que se refere ao tema da não militância dos jovens de hoje, quando no horizonte de comparações se compara essa com aquela do período da pré-ditadura e do Governo militar (CASTRO; VASCONCELOS, 2007).

A configuração de novos espaços e formas de participar da juventude traz a perspectiva de que este sujeito coletivo imprime novos significados à noção de participação ou militância política. Realizamos um recorte no campo amplo e complexo das organizações de juventudes elegendo o Levante Popular da Juventude, movimento social que apresenta uma multiculturalidade de aspectos e sujeitos políticos, como objeto de pesquisa, na perspectiva de problematizar como este movimento juvenil responde aos desafios políticos e organizativos de hoje. A abordagem a partir dos estudos culturais que nos propomos nessa investigação se distancia das análises ortodoxas dos movimentos sociais formuladas essencialmente em torno das classes sociais e categorias econômicas. Ela traz para a análise a dimensão criadora dos movimentos sociais, capaz de produzir novos significados e possibilidades de vida.

É na dinâmica das relações do mundo, na dialética entre o micro e macro da vida social, que a juventude redefine suas formas de atuação política e social. As (novas) experiências formas de participar das juventudes estão relacionadas à sua representação nas sociedades de hoje, sendo afetadas pelos modelos políticos, sociais e econômicos vigentes. No cenário brasileiro atual há alternativas, grupos de juventudes organizadas e mobilizadas<sup>245</sup> em torno de um projeto de socie-

---

<sup>245</sup> Conforme pensamento de Gohn (2008, p. 448-449) mobilização social é um processo político e cultural presente em todas as formas de organização das ações coletivas, remetendo-se à categoria “participação” no sentido que lhe é atribuído atualmente no Brasil. Desmobilização será justamente o bloqueio à participação.

dade. Essas novas formas de “se movimentar” não possuem a envergadura nem a organicidade dos movimentos juvenis (estudantis principalmente) da década de 1960/70, mas continuam atuantes.

Uma parte considerável das mobilizações e ações coletivas juvenis não passa mais pelos partidos e pela política institucional, fato que nos levar a problematizar o grau de eficácia política das novas formas de atuação/pressão desenvolvidas pelas juventudes organizadas hoje. Sobre o tema da participação política juvenil ABAD (2003, p. 34) pondera que esta,

[...] não resulta somente de um encontro feliz entre a vontade de participar dos jovens (o que nos remete às ações suas percepções individuais sobre custos e benefícios) e as oportunidades que lhes são abertas para fazê-lo, mas também de um complexo sistema de hábitos, regras, regulamentos, instituições e práticas destinadas a negociar os conflitos da reprodução das gerações.

Nesse sentido, faz-se necessário revisitar o debate sobre participação política desses novos e/ou híbridos sujeitos políticos coletivos considerando uma série de particularidades (histórica, sociopolítica, econômica e geracional) para então verificarmos até que ponto é pertinente falar de uma recusa à participação por parte das juventudes de hoje, ou se, por outro lado, tal concepção não se baseia numa simplificação de uma realidade que se mostra mais complexa.

### **Problematização teórica inicial**

Conforme Maria da Glória Gohn (2008, p. 451) “[...] há diferentes paradigmas teóricos na atualidade para o estudo da ação dos sujeitos coletivos que produzem e reproduzem demandas, ações, inovações ou até mesmo retrocesso nas ações coletivas organizadas”. Situando o lugar do conceito de movimento social dentro dos estudos clássicos das ações coletivas, a autora os define como “expressão de uma ação coletiva [que] decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural” (GOHN, p. 14). Sobre as principais correntes teóricas que analisam o fenômeno dos movimentos sociais, Gohn (2008, p.29) afirma que a corrente culturalista-identitária de análise,

[...] constituiu a chamada novidade dos ‘novos movimentos sociais’ ao destacar que as novas ações abriam espaços sociais e culturais, eram compostas por sujeitos e temáticas que não estavam na cena pública ou não tinham visibilidade, como mulheres, jovens, índios, negros, etc.

A produção teórica recente sobre as ações coletivas dos movimentos sociais e outros sujeitos e atores coletivos na América Latina e no Brasil aponta, nas últimas décadas, para diversas transformações na realidade, compreendidas a partir do surgimento de novos sujeitos e novas formas de ação social coletiva, acompanhadas pela ampliação das teorias das ações coletivas/movimentos e a criação de novas categorias de análises. José Medica Echevarria (1968) nos fala que é preciso estudar as diferentes juventudes em função da sociedade global (p. 180). Independentemente da maneira como a interpretamos, a categoria juventude está inserida no campo mais amplo do processo histórico, seja ela tratada como um aglomerado estatístico, um grupo social específico ou uma estrutura permanente da vida (p. 184).

A emergência de novos espaços de participação política e de movimentos juvenis situa-se em um contexto sociopolítico e cultural globalizado, de mudanças nas formas de mobilidade humana, da intensidade e dinâmica cada vez mais celerada das trocas e das convivências culturais (HOBSBAWM, 2008). Como consequência disso, vemos a transformação (ou conciliação) das pautas de políticas estruturais em políticas focalizadas, específicas e identitárias. Wrigth Mills (1969, p. 242) com vistas à compreensão das relações complexas que ocorrem entre biografia e a história, aponta a necessidade de compreensão da estrutura e da tendência, do condicionamento e dos sentidos das instituições de nosso tempo, a partir da problemática que envolve tanto a biografia dos homens como as tramas do desenvolvimento histórico das sociedades.

A compreensão da dinâmica global, dos fatos e acontecimentos da estrutura, é fundamental para a apreensão das transformações dos espaços e sentidos da participação dos sujeitos coletivos juvenis. A perspectiva da totalidade e da processualidade na análise da realidade histórica (HOBSBAWM, 2002; 2008) e a imaginação investigativa nos permite passar de uma perspectiva ou realidade a outra: ter uma percepção mais ampla da sociedade sem, contudo, esquecer-se das partes (ou realidades) que a integram (WRIGTH MILLS, 1969). Trata-se de verificar e compreender a influência mútua entre nosso objeto (recorte na realidade) e a estrutura. Assim, perceber os aspectos particulares imbricados em um todo mais amplo de fatos e acontecimentos é entender que a problemática da participação política das juventudes hoje reflete em muito uma configuração

política maior, que é necessário conhecer e explicar (sem desconsiderar os modelos e as referências organizativas herdadas do passado).

Um sujeito político coletivo não pode ser compreendido fora de seu contexto histórico e conjuntural, pois a identidade política desse sujeito não é única nem fixa, ela pode variar em contextos, conjunturas e situações distintas. Essa mudança se dá porque há experiências e aprendizagens diversas que, por sua vez, geram consciência e interesses também diversos (GOHN, 2008, p. 444). As ações coletivas de determinado grupo social são impulsionadas pelo descontentamento em relação às estruturas políticas vigentes. São essas ações que direcionam e potencializam os objetivos dos sujeitos concebidos enquanto uma coletividade. Entendidas no contexto de surgimento e consolidação dos novos movimentos sociais<sup>246</sup> as ações coletivas se caracterizam tanto pela luta (nas instâncias políticas institucionais) por aquisição de direitos – de uma cidadania ampla – como também pela resistência às mudanças nas esferas sociais, políticas e econômicas da sociedade.

Eder Sader (1988) justifica a utilização do conceito de sujeito referindo-se aos movimentos sociais pelo “fato da noção de sujeito vir associada a um projeto, a partir de uma realidade cujos contornos não estão plenamente dados (...)”. Acrescenta que a noção de sujeito está vinculada a “ideia de autonomia, como elaboração da própria identidade e de projetos coletivos de mudança social a partir das próprias experiências” (SADER, 1988, p. 53). Sujeito coletivo traz o sentido de constituição de uma coletividade, de uma identidade que leva inevitavelmente a organização de ações coletivas de defesa de interesses e expressão de vontades comuns. “Trata-se de uma pluralidade de sujeitos cujas identidades são resultado de suas interações em processos de reconhecimentos recíprocos, e cujas composições são mutáveis e intercambiáveis” (SADER, 1988, p. 55).

Alberto Melucci (1997, p. 6), citado por Marília Pontes Sposito (2000, p. 82), nos traz também uma importante reflexão sobre as formas de ação coletivas protagonizadas por jovens e de suas possíveis relações com o campo de estudo dos movimentos sociais atestando que, “(...) parece mais apropriado tratá-las [as formas de ação coletivas juvenis] como redes conflituosas que

---

<sup>246</sup> Corroboramos com as ideias de Ilse Scherer-Warren sobre a conceituação de movimentos sociais. Para maiores esclarecimentos, vide SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: uma interpretação sociológica** Florianópolis: Editora da UFSC, 1987. Em outros estudos a autora se dedica também à análise das tendências das teorias contemporâneas sobre as práticas sociais dos movimentos sociais (SCHERER-WARREN, 1998).

seriam ‘formas da produção cultural’, ou seja, ativação de condutas em torno de conflitos, mesmo que em práticas ainda emergentes”.

A juventude como categoria sociológica evidencia a impossibilidade de utilização de uma concepção homogeneizada e fixa. Os grupos juvenis constituem um conjunto heterogêneo que experenciam, de diferentes maneiras oportunidades, possibilidades, dificuldades e poder nas sociedades. Esta categoria é por definição uma construção social, uma produção (situada no tempo e no espaço) de determinada sociedade gerada a partir das múltiplas formas como ela vê a juventude. Nessa produção há de se considerar diversos fatores que concorrem para a definição de juventude para tal sociedade, tais como estereótipos, momentos históricos e diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 21).

A complexidade da realidade demonstra que o critério faixa etária não permite homogeneizar ou apreender as manifestações socioculturais presentes no comportamento juvenil, ou mesmo na relação que a sociedade estabelece em torno dos jovens. Além das dimensões estruturais, essas manifestações são estimuladas por diferentes processos sociais e outros recortes identitários. O que é possível supor, preservando-se a diversidade de realidades e os condicionamentos sociais em que vivem os sujeitos, é que existam “as experiências geracionais comuns” conforme aponta a antropóloga Regina Novaes (1998, p. 27).

Karl Mannheim (1968, p. 70) considera a juventude a partir da relação de reciprocidade total entre esta e a sociedade, e questiona em suas análises sobre a contribuição que se espera dos jovens. Para Mannheim a juventude representa os recursos latentes que toda e qualquer sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade (MANNHEIM, 1968, p. 71). A função sociológica da juventude na modernidade, concebida a partir da reciprocidade entre sociedade e juventude, está relacionada com a manutenção da vitalidade das instituições sociais. A juventude é intermediária das transformações pretendidas por uma sociedade, pois se constitui enquanto agente revigorante, um tipo de “reserva social” que se apresenta quando uma revitalização das instituições sociais se faz latente.

A juventude enquanto reserva latente precisa ser mobilizada e integrada à sociedade para se transformar em função, em um agente revitalizador das instituições e da sociedade como um todo (MANNHEIM, 1968, p. 72-73). Depende da estrutura social da sociedade que essa reserva seja ou não mobilizada e integrada numa função histórica. Para Mannheim o papel de destaque dado à juventude nos processos de transformação é consequência do fato da mesma ainda não está

completamente integrada na ordem social vigente. Ao sair da infância e da dependência da dominação familiar, o jovem entra em contato de maneira mais plena com a comunidade e certas esferas da vida pública. É nessa fase da vida que o jovem se vê confrontado pela primeira vez com um conjunto de valorizações antagônicas (MANNHEIM, 1968, p.74).

[...] Sociologicamente [o jovem] penetra num mundo em que os hábitos, costumes e sistemas de valores são diferentes dos que até aí conhecera. O que para ele é uma novidade diferenciadora, para o adulto é algo com que já está habituado e aceita com naturalidade. Por isso, essa penetração vindo de fora torna a juventude especialmente apta a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos que, por razões bem diferentes das suas, estão insatisfeitos com o estado de coisas existentes (MANNHEIM, 1968, p. 75).

Otávio Ianni (1968) questiona a análise de Mannheim no que se refere ao “fator especial” que faz do jovem um elemento fundamental para a gestação do novo em uma sociedade. Mannheim parte, segundo Ianni, do pressuposto de que o jovem “vem de fora” dos conflitos da sociedade moderna, logo, se encontra imune aos interesses econômicos ou espirituais. Nesse sentido, o sociólogo brasileiro avalia que “a relativa desvinculação do jovem em face da ordem estabelecida é um aspecto útil à compreensão do comportamento radical da juventude. Mas a interpretação é insatisfatória, quando pretende reduzir-se a descrição funcionalista desta desvinculação (IANNI, 1968, p. 232)”. Todos os homens, e não apenas os jovens, possuem faculdades criadoras que se manifestam no trabalho e enriquece e modifica a sociedade e ele próprio. O que faz dessa ação original ou revolucionária são as condições estruturais de sua realização e os significados que os próprios agentes discernem ao realizá-lo.

Para José Medica Echevarria (1968, p. 183) a questão da juventude durante muito tempo, tanto na literatura sociológica quanto na psicológica, foi trabalhada sob a ótica do “problema”, enquanto sujeito “naturalmente” mais suscetível a problemas ou constituindo ela mesmo um problema dentro da estrutura social (ECHEVARRIA, 1968, p. 183). Echevarria (1968) formula a hipótese de trabalho fundamentada no reconhecimento de que a juventude não pode ser compreendida sem considerar a estrutura geral da sociedade e que suas formas de condutas, no geral das vezes, são excelentes indicadores de uma integração social maior ou menor. Problematisa a condição juvenil no contexto de países industriais e também em desenvolvimento, apostando numa aná-



lise ampla e numa hipótese geral para compreensão das semelhanças de condutas das juventudes em ambos os contextos (ECHEVARRIA, 19687, p.185).

Em função das contradições das sociedades capitalistas, estruturadas a partir de uma democracia legal/procedimental, o processo de incorporação dos “grupos imaturos” nem sempre ocorre de forma automática ou espontânea. Isso reflete no fato de jovens das diversas camadas sociais desenvolverem atuações políticas geralmente incompatíveis com os interesses de sua classe. A incorporação de tais grupos se realiza por meio de mecanismos complexos que nem sempre apamham plenamente o indivíduo. Por isso o jovem se encontra “desvinculado”, em processo de ajustamento com relação às polarizações de interesses de sua classe, fato que pode muitas vezes levá-lo a se aproximar de doutrinas políticas contraditórias com os interesses de sua classe, ou com a preservação da conjuntura atual, desenvolvendo então o comportamento radical (IANNI, 1968, p. 226).

Segundo este autor, “Na maior parte dos casos, esse comportamento é o produto de uma consciência peculiar da condição social do próprio jovem, da sua situação de classe e da sociedade global (IANNI, 1968, p. 226)”. Assim, a formação da consciência social singular que torna o jovem político ativo se explica em boa parte pelos processos que envolvem os fundamentos dos comportamentos divergentes do jovem numa estrutura de classe. Diferentes formas de desajustamento social encontram-se certamente ligadas a uma origem comum, quando o foco é a ação política. O inconformismo juvenil é um produto possível do modo pelo qual a pessoa globaliza a situação social. Isso porque no momento em que o jovem ingressa na sociedade mais descortina condições e possibilidades de existência que o tornam consciente tanto das condições reais quanto das emergentes (IANNI, 1968, p. 228).

A organização do comportamento radical se dá, nessa perspectiva, numa relação de negatividade que se estabelece com a realidade presente. Há um momento da trajetória do jovem em que ele é inserido em grupos sociais mais dinâmicos, amplos e diversificado, o que possibilita a criação das condições reais para a emergência de outras feições da consciência social (IANNI, 1968, p.229). O radicalismo político comum entre jovens de diferentes contextos é a manifestação de um tipo peculiar de consciência histórico-social desenvolvida pelo jovem em condições determinadas. Nas palavras de Ianni (1968),

[...] exprime a apreensão, pela consciência, dos primeiros sintomas da própria alienação, que se manifesta já no próprio lar no interior da família onde se organiza e se condensa a práxis dos primeiros anos da vida da pessoa, exprimem-se evidências iniciais de contradições insuportáveis (p.230).

A inserção do jovem em outros grupos sociais mais amplos estrutura a consciência de uma situação paradoxal e insuportável, isso porque os processos de socialização a que se submete nem sempre conseguem responder satisfatoriamente os componentes controversos do sistema sociocultural. No momento em que a consciência das contradições inerentes à situação se estrutura, o jovem canaliza politicamente a sua ação, transformando-se em agente dinâmico da história. O jovem radical é um produto do sistema social no qual se encontra imerso. Seu radicalismo é produzido no momento que ele próprio descobre que seu comportamento é tolhido, prejudicado e muitas vezes deformado institucionalmente. Em meio às contradições e as condições reais de ação, o jovem vislumbra tanto as inconsistências estruturais do sistema como as alternativas concretas apresentadas a sua consciência (IANNI, p. 240).

A análise pretendida se funda numa compreensão histórico-estrutural da juventude, pois a análise não desvincula o jovem do universo sociocultural e político, pois este afeta a consciência da situação da pessoa, da classe social e da sociedade global. Nesse aspecto é que ocorre a vinculação necessária e real entre a biografia e a história. Essa proposta investigativa concebe o caráter fundamental do comportamento social juvenil a partir de sua inserção na estrutura global, na perspectiva de apreender as significações principais da condição dos jovens na sociedade capitalista. A nosso ver, quando Ianni concebe a consciência de alienação como elemento básico para o desenvolvimento do comportamento político radical do jovem, focaliza todas as dimensões básicas das atuações do jovem inconformado (IANNI, 1968, p. 241).

### **Considerações finais: sobre os aspectos metodológicos e a construção do objeto**

Situamos nossa preocupação com juventude organizada no âmbito nacional, na ação política coletiva do Levante Popular da Juventude que, a nosso ver, apresenta as tipologias atuais, fluentes e mutáveis das formas e do sentido de participação política hoje. A inserção das juventudes organizadas nas sociedades globais, seus dilemas e descontinuidades traz a perspectiva da geração

como um campo de “vivências comuns” que deriva de situações objetivas, de acontecimentos desde os mais universais aos puramente domésticos (ECHEVARRIA, 1968, p. 201).

Enquanto produto cultural do intelecto humano, a ciência corresponde a necessidades coletivas simbólicas e concretas, bem como a interesses específicos de classes, situados historicamente (BORDA, 1981, p. 44). O agente pesquisador não pode prescindir da utilização das ferramentas críticas de que dispõe e se converter em mais um simples militante que obstinadamente segue a pauta do grupo. Seu objetivo é problematizar e mesmo clarificar a prática vivida pelo grupo investigado, o que exige certa distância crítica com relação à realidade e ação cotidiana do grupo. Assim, nos deparamos na pesquisa com o desafio de “Alcançar uma síntese entre o militante e o cientista social, entre o observador e o participante, sem sacrificar nenhum polo desta relação (OLIVEIRA, 1981, p.28)”.

A metodologia da pesquisa participante-militante (BRANDÃO, 1981) parte do pressuposto de que os grupos e movimentos sociais, sujeitos da realidade que se pretende compreender, não são meros objetos concebidos a partir de categorias abstratas, mas sim sujeitos conscientes de sua própria prática, “sujeitos tanto do ato de conhecer de que tem sido objetos quanto do trabalho de transformar o mundo que os transformou em objetos (BRANDÃO, 1981, p. 11)”. Trata-se de uma “investigação participativa” de cunho dialético popular que nega criticamente a política da neutralidade científica e pauta a criação de novas relações com o objeto/sujeito investigado, relações estas que não se intimidam ao trazer o compromisso político do agente pesquisador com a realidade/grupo pesquisado.

Há nessa perspectiva, uma dupla postura do agente pesquisador, crítico atento às contradições e limitações existentes, e do participante ativo. A pesquisa se aproximará de uma análise na qual se perceba o contexto de constituição de novos sujeitos coletivos, bem como de processos de mutação nas formas de ação/atuação dos “antigos”. Em suma, a partir dessas referências iniciais nos propomos a investigar o universo das ações coletivas do Levante Popular da Juventude na perspectiva de entender seu protagonismo hoje na cena sociopolítica e cultural brasileira. Para tanto, atentaremos para aspectos políticos-organizativos de sua prática militante com vistas a apreender a rede de relações sociais e de conflitos que imprimem um dinamismo permanente a sua ação enquanto sujeito coletivo juvenil, bem como explorar as contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças.

## REFERENCIAS

ABAD, J. M, Crítica às políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. DE C. (Org). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos. **Pesquisa Participante**. Vários autores. (org.) Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: **Pesquisa Participante**. Vários autores. (org.) Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BOURDIEU, Pierre. Introdução: a força do sentido (por Sergio Miceli). IN: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo; Perspectiva, 2013.

CASTRO, Mary Garcia; VASCONCELOS, Augusto. Juventudes e Participação Política na Contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. IN: **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**, (org.) ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO 2007. (Coleção Educação para todos; 27). p. 79-116.

ECHEVARRIA, José Medica. A juventude latino-americano como campo de pesquisa. IN: **Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. (org.) Sulamita de Brito; Vários autores; Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1968 (Textos básicos de ciências sociais).

ESTEVES, Luis Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. IN: **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**, (org.) ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO 2007. (Coleção Educação para todos; 27). p. 19-54.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: 3ª edição Loyola, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Caderno CHR, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez. 2008.

GROPPO, Luis Antônio; FILHO, Michel Zaidan; MACHADO, Otávio Luis. Sob o impacto de novos movimentos estudantis. **In: Movimentos juvenis na contemporaneidade** (Org.) GROPPPO, L. A.; FILHO, M. Z.; MACHADO, O. L. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 204 p. – vários autores.

HOBSBAWM. Eric, J. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2008. Caps. 2, 5, 9 e 10.

HOBSBAWM. Eric, J. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Cia das Letras, 2002. Caps. 18, 21 e 23.

IANNI, Otávio. O jovem radical. **IN: Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. (org.) Sulamita de Brito; Vários autores; Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1968 (Textos básicos de ciências sociais).

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. **IN: Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. (org.) Sulamita de Brito; Vários autores; Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1968 (Textos básicos de ciências sociais).

MILLS, C. Wright. O artesanato intelectual. **In: A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1969 (p. 211 – 243).

NOVAIS, R.R. Juventudes cariocas: mediação, conflitos e encontros culturais. **In: VIANNA, H. Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; Oliveira, Miguel Darcy. Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. **In: Pesquisa Participante**. Vários autores. (org.) Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cenas: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1988.

SAFATLE, Vladimir. Amar uma ideia. **IN: Occupy: movimento de protestos que tomaram a rua**. Vários autores. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2012. – pág. 45-55.

SILVA, Valéria. Coletivos Juvenis no Nordeste brasileiro: breve configuração. **In: REIS, V. (org.) Juventudes do Nordeste do Brasil, da América Latina e do Caribe**. Teresina: NUPEC/UDUFPI; Brasília: FLACSO, 2009. Coleção jóvenes em el saber; v. 3.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.** Revista brasileira de educação; jan/fev/mar/abr de 2000, n. 13.

**Remando Contra a Maré: A Iniciativa dos Cursos de Agroecologia do MST/PR**  
**Remando contra la corriente: La iniciativa de los cursos del Agroecología del MST / PR**

João Henrique Souza Pires<sup>247</sup>

Henrique Tahan Novaes<sup>248</sup>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo sintetizar como se organiza o processo educativo na formação de “técnicos-militantes” em agroecologia realizado pelos Centros/Escolas de Agroecologia sobre a vanguarda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Paraná. Nesse sentido, utilizando de referência bibliográfica, buscamos sintetizar, o histórico déficit educacional, como também a falta da produção de um conhecimento endógeno no ensino brasileiro. Como também fazemos alguns apontamentos que ilustra como o MST, através da matriz agroecológica e da pedagogia Sem Terra, vem suprindo essa lacuna histórica, e iniciando seus militantes em uma qualificação técnica militante, que busca dar uma base científica e tecnológica endógena para avançar a produção política, econômica e cultural nas áreas de assentamento e acampamento da reforma agrária.

Palavras chaves: Agroecologia, Centros/Escolas de Agroecologia, Técnico em Agroecologia

Resumen: Este artículo pretende resumir cómo se organiza el proceso educativo en la formación de “técnicos militantes” en agroecología realizada por los Centros/Escuelas Agroecología en la vanguardia del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) en Paraná. En este sentido, el uso de referencias bibliográficas, se busca sintetizar el déficit educativo histórico, así como la falta de producción de un conocimiento endógeno en la educación brasileña. Pero también hacen algunas notas que ilustran cómo el MST por la matriz agroecológica y la pedagogía sin tierra, viene suministrando esta brecha histórica, ya partir de sus militantes en una experiencia técnica militante, para traer una base científica y tecnológica endógena para avanzar producción áreas políticas, económicas y culturales de los asentamientos y el campamento de la reforma agraria.

---

<sup>247</sup>Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências-FFC/Unesp campus de Marília – Bolsista Capes. E-mail: souzapires77@gmail.com

<sup>248</sup>Professor Dr. (orientador) do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências-FFC/Unesp campus de Marília. E-mail: hetanov@yahoo.com.br.

Palabras clave: Agroecología, Centros / Escuelas Agroecología y Técnico en Agroecología

Abstract: This article aims to summarize how it organizes the educational process in the formation of "technical-militants" in agroecology conducted by the Centers / Agroecology Schools on the forefront of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) in Paraná. In this sense, using bibliographic reference, we seek to synthesize the historical educational deficit, as well as the lack of production of an endogenous knowledge in Brazilian education. But also make some notes illustrating how the MST by agroecological matrix and landless pedagogy, comes supplying this historical gap, and starting its militants in a militant technical expertise, to bring an endogenous scientific and technological base to advance production political, economic and cultural areas of settlement and land reform camp.

Keywords: Agroecology, Centers / Agroecology Schools, Technician in Agroecology

## 1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo sintetizar como se faz o processo educativo na formação de “técnicos-militantes” em agroecologia realizado pelos Centros/Escolas de Agroecologia sobre a vanguarda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Paraná.

Constata – se que a partir do seu IV Congresso Nacional realizado no ano 2000, o MST<sup>249</sup> após estudos e reflexões sobre seu processo histórico, considera que para além da conquista da terra, era necessário também romper com a estrutura fundiária de capitalização da agricultura, a qual gerou e continua gerando a exclusão e alienação do trabalhador do campo. Nessa conjuntura, o MST assumi o agronegócio como inimigo, e a necessidade de cambiar sua matriz produtiva para uma matriz mais incluem-te, sustentável e democrática, a qual está vislumbrada na agroecologia.

Nesse sentido, considerando que um câmbio dessa magnitude não se dá de forma mecânica, o MST no Paraná, vem trabalhando na formação de técnicos-militantes, para auxiliar no processo de transição do modelo de agricultura convencional, que tem como paradigma a “revolução

---

<sup>249</sup>Utilizamos a sigla MST e a palavra Movimento para nos referirmos ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.



verde” (agrotóxicos, transgênicos, monoculturas, grandes propriedades de terra controladas ou por latifundiários ou por corporações transnacionais) para o agroecológico (produção sem venenos, policultivos, produção associada, igualdade de gênero, sementes crioulas, sustentabilidade etc.).

Nesse sentido, para sintetizar este artigo, achamos interessante descrever mais ou menos o processo histórico que marca a educação como um todo e a falta de produção de um conhecimento endógeno particularmente na agricultura, seguimos com a apresentação conceitual da matriz produtiva da agroecologia e finalizamos com uma breve sistematização dos Centros/Escolas de Agroecologia e da formação dos cursos técnicos de Agroecologia nesses Centros.

## **2. Refletindo sobre a educação.**

Dando um panorama superficial sobre a realidade brasileira, não é corriqueira depararmos com histórias que relatam suas contradições e desigualdades sociais. Trata-se de um país, que ainda hoje, não conseguiu erradicar o analfabetismo, ou seja, o deficit de uma educação letrada é latente<sup>250</sup>. Frigotto et. al. (2005) fazendo referência aos clássicos do pensamento social, político e econômico, descreve que o projeto societário da classe burguesa brasileira não necessita da universalização da escola básica e reproduz, por diferentes mecanismos, a escola dual e uma educação profissional e tecnológica restrita (que adestra as mãos e aguça os olhos) para formar o “cidadão produtivo” submisso e adaptado às necessidades do capital e do mercado.

Em relação à dualidade da educação no processo societário brasileiro, podemos compreender que, além do latente deficit, mesmo quando ela, a educação foi restritamente ofertada, não foi em um projeto único voltado a todos os cidadãos, e sim “dual”, ou seja, uma educação voltada a classe burguesa, geralmente disponível no sistema privado e outro voltado a classe trabalhadora, disponível no ensino público, que age na sua função de adestramento do individuo para o mercado de trabalho, ou seja, o “cidadão produtivo”.

Nesse sentido, Frigotto (2010) descrevendo a perversidade de um capitalismo regressivo e desigual no Brasil, salienta como a educação foi desde a década de 1950 ganhando cada vez mais

---

<sup>250</sup>Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira-INEP em 2013, cerca de 8,3% mais ou menos 13 milhões de pessoas, ainda se encontra condenada ao analfabetismo.

viés econômico, fato expresso no desenvolvimento da teoria do capital humano, chegando as noções de sociedade do conhecimento e da pedagogia das competências e empregabilidade. Sobre esse cenário que abrange uma disputa pela educação como prática social mediadora do processo político, econômico e cultural, a reforma educacional ocorrida nos anos 1990 orientada pelo decreto 2.208/96 e seus desdobramentos, “buscam uma mediação da educação às novas formas do capital globalizado e de produção flexível. Trata-se de formar um trabalhador “cidadão produtivo”, adaptado, adestrado, treinado, mesmo que sob uma ótica polivalente” (FRIGOTTO, 2010, p. 73)

Nesse sentido, achamos interessante a proposição de Xavier (2008) que fazendo referência a algumas análises marxianas, discorre que mesmos essas análises tendo como base a constituição do estado capitalista de Marx e mesmo as razões e implicações da dominação imperialista de Lenin, parecem não considerar que essas formulações foram feitas em um contexto hegemônico, nessa perspectiva, não chegam a captar as particularidades do capitalismo periférico brasileiro, suas especificações políticas e culturais. Uma análise nas perspectivas das sociedades dominadas, revela uma noção particular, derivada da noção de imperialismo, que é a da dependência estrutural. “A dependência estrutural é o resultado na sociedade dominada, do imperialismo que se manifesta na sociedade dominadora” (XAVIER, 2008, p.15). Diante dessa análise supõem ser interessante e extremamente fértil uma análise a partir da adoção da dependência estrutural.

Nos moldes do capitalismo dependente, e o papel subordinado do Brasil na divisão internacional do trabalho como produtora de bens industriais e consumidor dos chamados bens de capital, fruto das conjunções de injunções externas com determinações internas. “A industrialização da economia” brasileira se operava peculiarmente, na ausência de uma produção e um desenvolvimento científico e tecnológico endógenos, na ausência de mecanismos formais ou informais de capacitação de mão-de-obra para as novas atividades e na ausência de um mercado interno significativo ou suficiente para sustentar o crescimento industrial. Daí a necessidade do recurso à importação de tecnologia e, para tanto, de capitais; à importação de mão-de-obra, ao menos na fase inicial; e ao mercado externo, tendência que se cristalizará com o esgotamento do chamado “modelo de substituição de importações”. (XAVIER, 2008, p. 18-19).

“A teoria da dependência, que surgiu na América Latina na década de 1960, tentava explicar as novas características do desenvolvimento socioeconômico da região iniciado de fato em 1930-45” (DOS SANTOS, 2000, p. 25). Era um ambiente de reorientação após a crise de 1929, reorientação na direção da industrialização, caracterizada pela substituição de produtos industriais importados das potências econômicas centrais por uma produção nacional.

Essa postura gerou um crescimento industrial, que entre 55 e 60 acirraram as contradições e não assegurou um caminho pacífico, a burguesia brasileira descobriu que o aprofundamento da industrialização exigiria a reforma agrária e outras mudanças na direção em criação de um amplo mercado interno e a geração de uma base intelectual, científica e técnica capaz de sustentar um projeto alternativo, tais mudanças implicariam o preço de aceitar uma ampla agitação política e ideológica no país, que ameaçava seu poder.

Nessa dinâmica, ocorreu o golpe de estado em 1964, que entre outras coisas, fecho as portas para o avanço nacional democrático e colocou o país no rumo do “desenvolvimento dependente, apoiado no capital internacional e em ajuste estratégico com o sistema de poder mundial. “O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil” – a fórmula do general Juracy Magalhães, ministro de Relações Exteriores do regime militar, consolidava essa direção” (DOS SANTOS, 2000, p. 34).

Nessa conjuntura de ditadura militar e retrocesso democrático, ocorreram as reformas educacionais, que reflete hoje na falta de universalização da educação, e particularmente a modernização da agricultura, que se por um lado gerou um intenso deslocamento de uma massa de populações do campo, sem um nível mínimo de instrução para a cidade, por outro, gerou grupos de resistência, que não se adaptando a vida urbana, começara a retomar uma luta que ficou sufocada pelo golpe de 1964, a luta por reforma agrária, que toma corpo com o processo de reabertura política nos anos 80.

Sobre esse processo de opressão e resistência no campo, Caldart (2013, p. 9) salienta que

(...) os camponeses cada vez mais encurralados pelo capital, estão sendo dizimados, mas também emergem como sujeitos formuladores de uma outra lógica, e o fazem tanto mais quanto se formam como classe trabalhadora na luta contra o modelo de agricultura do capital que os destrói. A nova matriz de agricultura não começa a ser criada agora e essa talvez seja sua novidade principal. Ao mesmo tempo em que recupera elementos de formas não capitalistas antigas de agricultu-

ra, especialmente no que se refere ao conhecimento da natureza e o respeito ao seu metabolismo, vai gestando um novo salto qualitativo no desenvolvimento das forças produtivas. Salto feito a partir de outros parâmetros que não a reprodução do capital e de novas conexões, por exemplo, entre a luta pela desconcentração da propriedade da terra, o trabalho associado e a matriz tecnológica da agroecologia. E aqui também a ciência está sendo convocada para se religar à produção. – Note-se que é esse o fio que nos articula, no plano da formação, ao raciocínio originário, em Marx, da concepção de educação politécnica.

Nesse sentido, considerando os camponeses ligados ao MST apartados de um conhecimento cognitivo adequado a sua cultura de vida, e negando o conhecimento exógeno e alienante da “revolução verde” pautado na transferência de conhecimento, almeja para suas comunidades uma forma de conhecimento endógeno que vem sendo representado pela agroecologia, assim, no próximo tópico apresentamos alguns conceitos da matriz produtiva agroecológica.

### **3. Reflexões sobre a matriz da agroecologia**

Partindo da teoria crítica da ciência e tecnologia (C&T) (DAGNINO, 2010), a qual considera que a C&T são influenciadas pelo contexto político e pelo propósito produtivo a que foi construído, ressalta-se que o modelo dependente da “revolução verde”, baseado em transgênicos, agrotóxicos, grandes propriedades e máquinas pesadas, não condiz com a matriz de produção almejado pelo MST, que toma como paradigma tecnológico a agroecologia.

Enquanto matriz sócio produtivo, a agroecologia entrou definitivamente como paradigma tecnológico no MST num processo de intenso debate, que tem como marco seu IV Congresso Nacional realizado no ano 2000 e um contexto de reestruturação orgânica do Movimento. Nessa conjuntura, a agroecologia foi assumida como parte fundamental do desafio de construir um projeto popular para o campo, com perspectiva de uma nova forma de relações na sociedade, tendo como estratégia uma reforma agrária popular (TONÁ, 2011).

Sevilla Guzmán (s.d.) descreve a agroecologia como o manejo ecológico e de formas de ação social coletiva dos recursos naturais, como também, de enfrentamento à atual crise civilizatória. A agroecologia apresenta uma proposta de desenvolvimento participativo de produção e circulação de seus produtos, pretendendo estabelecer formas de produção e consumo que superem a crise ecológica e social do neoliberalismo atual. Para desenvolver tal tarefa, a agroecologia faz

uma dura crítica ao conhecimento científico determinista e neutro, e se posiciona em um viés pluri-epistemológico que prima pela biodiversidade sociocultural.

Nessa perspectiva, Caporal (2011, p. 88) define que a agroecologia busca integrar saberes históricos dos camponeses com conhecimentos de diferentes ciências, permitindo a compreensão, análise e crítica ao modelo científico e tecnológico atual, gerando a possibilidade de novas estratégias para o desenvolvimento sócio produtivo, desde uma abordagem transdisciplinar e holística.

Pautando-se no desenvolvimento agrário, Guterres (2006, p.93) argumenta que a agroecologia tem um enfoque transdisciplinar, e salienta que as dinâmicas das explorações agrárias não se explicam unicamente por condicionamentos agronômicos, mas inclusive, por parâmetros ambientais, sociais e econômicos. Pinheiro Machado (2013) descreve pelo menos 10 dimensões para o desenvolvimento agroecológico: a) dimensão de escala; b) dimensão social; c) dimensão política; d) dimensão econômica; e) dimensão ambiental; f) dimensão energética; g) dimensão cultural; h) dimensão administrativa; i) dimensão técnica; e j) dimensão ética.

Nesse sentido, de acordo com os pesquisadores anteriormente citados, as dimensões da agroecologia não se dão de forma linear e independente, mas integrada e sistêmica, de maneira que uma influi a outra, de modo que estudá-las, entendê-las e aplicá-las supõe necessariamente uma abordagem inter, multi e transdisciplinar, caracterizando-se como uma matriz científica e tecnológica complexa e abrangente.

Refletindo um pouco, podemos auspiciar a agroecologia como uma proposta de mudança de postura em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico convencional. Ela se contrapõe ao modelo da “revolução verde” e conseqüentemente ao desenvolvimento científico e tecnológico convencional. Tal como vimos acima, ao agregar as dimensões e/ou seus princípios epistemológicos, a agroecologia é colocada como alternativa de conhecimento, de soluções tecnológicas e sociais condicionada com valores humanitários.

É possível fazer um contraponto entre o modelo da “revolução verde” assumido pelo agronegócio, e o modelo agrário agroecológico assumido pelo MST. Se o agronegócio tem como base a concentração dos meios de produção, a exclusão de mão de obra e o monopólio do conhecimento científico e tecnológico, o MST com a agroecologia, propõe a democratização do conhecimento científico e tecnológico, a socialização dos meios de produção e o desenvolvimento sustentável.

Buscando problematizar um pouco em relação ao desenvolvimento C&T, recorremos a Fonseca (2009) que debatendo sobre o conceito de tecnologia social (TS), salienta que a TS ao questionar o mito da neutralidade da ciência e o determinismo tecnológico, busca desconstruir a crença na solução dos especialistas e recoloca a tecnologia como construção coletiva com e pelos atores, abrindo a possibilidade de gerar soluções sociotécnicas a partir das relações sociais vivenciadas.

Entendemos que o MST ao assumir a agroecologia como matriz produtiva, está agregando à sua estratégia de luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade fraterna, uma tática científica e tecnológica que se contrapõe a proposta do agronegócio que se fundou-se com a “modernização conservadora” e se materializa com a “revolução verde”.

Contudo, devido a hegemonia que envolve o agronegócio no cenário político e econômico nacional, esse câmbio para a agroecologia não se procede de forma mecânica ou simplesmente por uma ordem suprema. Considerando que se está tratando com pessoas, foram concebidas algumas táticas para se transitar para a matriz agroecológica, dos quais destacamos os cursos de técnico de agroecologia e os Centros/Escolas de Agroecologia que trabalhamos com mais detalhe no próximo tópico.

#### **4. Os Centros/Escolas de Formação em Agroecologia do MST Paraná.**

Para se transitar do paradigma da “revolução verde” para o agroecológico, o MST considerou a formação educacional elemento fundamental, assim, especificamente no estado do Paraná essa tática se materializou através da criação de cursos técnicos em agroecologia, da criação dos Centros/Escolas de Agroecologia<sup>251</sup> e da Jornada de Agroecologia<sup>252</sup>.

---

<sup>251</sup>“Os Centros/Escolas de formação do MST/PR são: Escola Iraci Salete Strozak (em Cantagalo), Escola Irene Alves dos Santos (em Rio Bonito do Iguaçu) – ambas interligadas ao Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capacitação em Agroecologia (CEAGRO) – Escola José Gomes da Silva (em São Miguel do Iguaçu), Escola Milton Santos (em Maringá) e Escola Latino Americana de Agroecologia (no município da Lapa)” (LIMA et. al., 2012, p. 192).

<sup>252</sup>Ceres Hadich representante da coordenação da Jornada de Agroecologia descreve que a Jornada de Agroecologia é um evento itinerante que teve início em 2002 no estado do Paraná, através de uma ampla coalizão entre Movimentos Sociais do Campo, Organizações da Agricultura Familiar e assessoria. Assim, a Jornada representa uma ação popular de caráter massivo, de denúncia e contraponto ao agronegócio, de estudo, socialização da prática e das experiências agroecológicas e camponesa. Apesar de nascer no Paraná, em seu aspecto de participação e alcance político a Jornada tem abrangência internacional. Em 2014 foi realizada a 13ª Jornada de Agroecologia na Escola Milton Santos em

No contexto da discussão de um projeto sustentável para o campo, nasceram os primeiros cursos técnicos profissionalizantes vinculados à área agrônômica e ao gerenciamento de cooperativas. Era preciso avançar na formação e educação dos assentados para impulsionar novas experiências nas áreas conquistadas pela reforma agrária, deixando para trás o uso de defensivos e adubos químicos, a devastação de florestas e a compra de alimentos na cidade (HERNANDEZ, ARAÚJO, 2010, p. 315).

Os cursos surgem com o objetivo de formar “técnicos militantes” para o desenvolvimento da agroecologia, com conhecimento teórico-prático para repensar a matriz produtiva para a agroecológica, que conhecessem o desenvolvimento do Movimento e o modelo orgânico dos assentamentos, mas principalmente, a postura e visão política filosófica da agroecologia, em termos internos esses técnicos foram chamados de “técnicos de pés no chão” (TONÁ, 2011).

Nesse sentido, Lima (2011, p.19) descreve que “os processos formativos em Agroecologia resultam da luta social e organização coletiva que objetiva a reorganização das relações sociais e econômicas nos espaços-territórios conquistados na luta pela Reforma Agrária”.

Lima et. al. (2012, p. 194) argumenta que os Centros/Escolas do Movimento “representam: a) um espaço importante, em construção, na formação de quadro militante; b) a socialização do conhecimento histórico e científico produzido pela humanidade; c) a aproximação dos trabalhadores do campo e da cidade, apoiando a construção de ações coletivas de comum interesse”. Nos Centros são realizados cursos: a) não formais oferecidos aos membros e simpatizantes do MST, esses cursos englobam temas amplos que perpassam questões relacionadas à formação da sociedade, reforma agrária, cooperativismo, agroecologia e educação pelo trabalho; e b) cursos formais que são aqueles reconhecidos e certificados pelo Estado, no qual se enquadra o técnico em agroecologia, no Paraná esses cursos são financiados pelo Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (Pronea), são certificados pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

---

Maringá e teve como lema “Cuidando da Terra, Cultivando a Biodiversidade e Colhendo Soberania Alimentar; Terra Livre de Transgênico e Sem Agrotóxico; Por um Projeto Popular e Soberano para Agricultura”. Disponível em: <http://jornadaagroecologia.com.br/node/1>, acesso em 05 Ago 2014.

Lima et. al (2012, p. 192) afirma que entre as modalidades de técnico em agroecologia, ensino médio integrado, técnico em agroecologia/jovens e adultos, técnico em agropecuária com ênfase em agroecologia, tecnólogo em agroecologia, técnico em agroecologia com ênfase em agroflorestais e com habilitação em produção de leite, mais de 300 educandos já se formaram pelos Centros do Movimento no estado do Paraná.

Os fundamentos teóricos metodológicos que norteiam os cursos são regidos pelo projeto político-pedagógico (PPP). Lima et. al. (2012) salienta que o (PPP) seguem os princípios da pedagogia socialista, da educação popular, do materialismo histórico dialético e da pedagogia do Movimento Sem Terra, tendo na sistematização o fruto de sua reflexão sobre suas práxis política e educativa.

Na Pedagogia do Movimento, começamos a refletir sobre a importância da educação politécnica (especialmente como politecnismo) como chave fundamental para o salto de qualidade que precisamos dar nas relações entre trabalho, educação e escola. E não apenas para pensar na matriz específica do trabalho (embora com uma incidência especial ali), mas para compreensão do trabalho (no sentido genérico de atividade humana criativa) como método geral de educação que permite instituir a práxis necessária à apropriação e à produção do conhecimento científico, desde a concepção marxista. E para isso o conceito de Shulgin de “trabalho socialmente necessário”, bem como a noção de “complexos” de estudo, conjugadas com nossa reflexão sobre as matrizes pedagógicas (trabalho, luta social, organização coletiva, cultura e história) podem ser ferramentas muito importantes (CALDART, 2013, p. 22).

Os cursos técnicos funcionam no regime de alternância, que combina a formação em dois tempos complementares “o tempo escola (TE) e tempo comunidade (TC)”, que até certo ponto podem ser compreendidos como uma organicidade intencional com respeito a superar as formas de ensino que Shulgin (2013) denominou de “complexos sentados”. Os complexos sentados são a formação promovida pelas instituições de ensino baseando-se fortemente no ensino teórico e livros didáticos, faz referência a uma leitura da realidade, contudo, não se inserem numa vivência prática da realidade estudada (SHULGIN, 2013).

Nesse sentido, Guhur (2010) sobre os cursos do MST salienta que

Os cursos formais do MST são organizados no regime ou sistema de alternância, combinando períodos de atividades na escola (e também atividades de campo



promovidas pela escola), o Tempo Escola (TE), que é um tempo/espço presencial; e períodos nas comunidades de origem dos(as) educandos(as), o Tempo Comunidade (TC), que pode ser entendido como um tempo/espço semi-presencial. Importante salientar que “comunidade de origem” está aqui diretamente vinculada ao movimento social ao qual o educando pertence; é no TC que a Pedagogia do Movimento, (...), atua com mais força. Assim, “para os Sem Terra, o MST é o pedagogo do TC” (ITERRA *apud* GUHUR, 2010, p. 156).

A opção pelo regime de alternância, que combina dois momentos – que são, ao mesmo tempo, distintos e articulados entre si, denominados tempo escola (TE) e de tempo comunidade (TC), se funda na concepção de que as práticas educativas em agroecologia na formação profissional devem priorizar a construção do vínculo com as comunidades de origem dos educandos e educandas com os processos produtivos e formativos ali desenvolvidos (LIMA et. al. 2012, p. 195).

No tempo escola o processo formativo é planejado de acordo com os tempos educativos que articulados buscam amarrar a dinâmica de formação dos educandos e educandas. Os tempos educativos são: tempo mística, tempo leitura, tempo aula, tempo trabalho, jornada socialista, noite cultural, tem auto-organização, tempo reflexão escrita, tempo esporte e lazer e tempo notícia, sendo que cada um desses tempos busca contribuir com o todo do processo de formação dos educandos e educandas.

Ressaltamos que o processo de formação de cada curso e de cada turma dos Centros /Escolas, é construído constantemente durante cada processo e particularidade, o que pode levar a mudança ou extinção de um ou determinado tempo educativo, como também a criação de outros, dependendo da necessidade e do processo de construção entre os atores envolvidos.

Cabe destacar como elemento fundamental do processo formativo dos Centros, o que os membros do Movimento chamam de organicidade. A organicidade, a grosso modo composto pelo processo que tanto a Coordenação Política Pedagógica (CPP) dos cursos, as famílias que residem e contribuem nas atividades do Centro e os próprios educandos e educandas, organizam a funcionalidade e a participação dos sujeitos na condução dos processos pedagógicos, da manutenção e produção da escola.

Embasando-se nos princípios políticos e na estrutura orgânica do MST, a escola em período integral durante tempo/espço Escola, organiza as pessoas que participam do seu projeto educativo em coletivos. Trata-se de um processo articulado

com a gestão/auto-organização, em que a organicidade interna dos cursos – núcleo de base, equipes, coordenação da turma, coordenação do dia etc. – compreende simultaneamente a auto-organização dos educandos e educandas e a organicidade do MST (LIMA et. al., 2012, p. 197).

Sobre o (TC), Guhur (2010, p. 156) diz:

No TC, os(as) educandos(as) desenvolvem trabalhos dirigidos pela escola, tais como leituras, registros, pesquisas de campo, estágios, experimentações e cursos complementares. Além disso, devem participar ativamente na organicidade e nas lutas do Movimento Social de que fazem parte, e manter o enraizamento na comunidade ou coletivo de origem, participando de suas atividades (às vezes, o Movimento Social responsável pode enviar os educandos a outra comunidade em determinados TC, ou os educandos podem permanecer na escola, contribuindo para sua construção ou manutenção).

Podemos compreender que o (TC) é o tempo em que os educandos e educandas seguindo orientações da escola, dos educadores e das demandas locais, se inserem em sua localidade com a intenção de aproximar os conhecimentos adquiridos durante o (TE) fazendo o enfrentamento entre a contradição do real com o ideal, ou seja, a transição do paradigma da “revolução verde” ao agroecológico.

Firmiano (2009) fazendo referência à fala de um membro do setor de educação do Movimento, descreve na mescla do processo formativo entre o TE e TC está a importância dos espaços de formação vivenciados e sistematizados, como oportunidade da classe trabalhadora se apoderar do conhecimento que lhe foi retirado, mas, também, do conhecimento gerado no local, na ótica de quem está vivendo as contradições do capitalismo “na ponta”.

Assim, utilizando da Pedagogia do Movimento Sem Terra, da pedagogia socialista e materialismo histórico dialético, o MST através de seus Centros/Escolas e de seus cursos técnicos em agroecologia, vem almejando uma outra matriz de desenvolvimento para a agricultura, uma matriz agroecologia e assim da base científica e tecnológica para sua proposta, a qual está sendo chamada de Reforma Agrária Popular.

## Referencias

BRASIL, Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira. **Pesquisa Aponta Queda do Analfabetismo**. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset\\_publisher/6AhJ/content/pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo?redirect=http%3a%2f%2fportal.inep.gov.br%2f](http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/pesquisa-aponta-queda-do-analfabetismo?redirect=http%3a%2f%2fportal.inep.gov.br%2f). acesso em 01 out. 2014.

CALDART, Roseli Salete. et. al. **Escola em Movimento no Instituto Josué de Castro**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CALDART, Roseli Salete. **Desafios do Vínculo entre Trabalho e Educação na Luta e Construção da Reforma Agrária Popular**. Texto apresentado como trabalho encomendado na 36ª Reunião Anual da Anped, GT Trabalho e Educação. Goiânia, 30 de Setembro 2013

CAPORAL, Francisco Roberto & AZEVEDO, Edisio Oliveira de. (orgs.) **Princípios e Perspectiva da Agroecologia**. Instituto Federal do Paraná, 2011.

DAGNINO, Renato. (org.) **Tecnologia Social: Ferramenta para Construir outra Sociedade**. Campinas: Komedi, 2010.

DOS SANTOS, Theotônio. **A Teoria da Dependência: Balanço e Perspectivas**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2000.

EJGS ORGANIZAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico: Escola José Gomes da Silva- EJGS**. São Miguel do Iguaçu, 2007.

FIRMIANO, Frederico Daia. **A Formação das Novas Gerações do MST e o Curso Médio Técnico em Agroecologia, em Ribeirão Preto**. Segurança Urbana e Juventude, Araraquara, v. 2, n. 1/2, 2009.

FONSECA, Rodrigo. **Tecnologia e Democracia**. In OTTERLOO, A et. al. *Tecnologias Sociais: Caminhos para a Sustentabilidade*. Brasília/DF, 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Apresentação** In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio integrado: concepção e contradições. São Paulo, Cortez, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; **A Formação Integrada: A Escola e o Trabalho Como Lugares de Memória e de Identidade** In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. *Ensino Médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo, Cortez, 2. Ed. 2010.

GONÇALVES, Sérgio. **Campesinato, Resistência e Emancipação: o modelo agroecológico adotado pelo MST no Estado do Paraná**. Tese (Doutorado em Geografia), UNESP, 2008.

GUHUR, Dominique M. P. **Contribuições do diálogo de saberes à educação profissional em Agroecologia no MST: desafios da educação do campo na construção do projeto popular**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2010.

GUTERRES, Ivani (orgs.) **Agroecologia Militante: Contribuições de Enio Guterres**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

HERNANDEZ, Marisela Garcia; ARAÚJO, Jucemary. **Pronera, Ferramenta de Mudança Socioambiental nas Áreas de Assentamento** In: SONDA, Claudia; TRAUZYNSKI, Silvia Cristina; FREITAS, Ana Elisa (Org.). *Reforma agrária e meio ambiente: teoria e prática no estado do Paraná*. Curitiba: Kairos Edições, 2010.

LIMA, A. C. **Práticas educativas em agroecologia no MST/PR: processos formativos na luta pela emancipação humana**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

LIMA, Aparecida do Carmo et al. **Reflexão sobre a educação profissional em agroecologia no MST: desafios nos cursos técnicos do Paraná**. In: RODRIGUES, Fabiana C; NOVAES, Henrique T; BATISTA, Eraldo L. (orgs.) *Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

MST ORGANIZAÇÃO. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Pagina eletrônica. [São Paulo]: 15 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/taxonomy/term/330>>. Acesso em maio de 2013.

PINHEIRO MACHADO, Luiz Carlos; PINHEIRO MACHADO FILHO, Luiz Carlos. **A Dialética da Agroecologia: Contribuição para um Mundo com Alimentos Sem Venenos**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. **La Agroecología como Estrategia Metodológica de Transformación Social**. España. Instituto de Sociología y Estudios Campesinos de la Universidad de Córdoba, [s/d].

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a Pilhagem da Natureza e do Conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SHULGIN, Viktor. N. **Rumo ao Politecnismo**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

TONÁ, Nilciney. **Elementos de Balanço do Processo de construção da Agroecologia no MST – PR**. In QUEIROZ, J. G; TONÁ, N. Nossa História: Agroecologia e as Escolas de Formação do Paraná. Acap. Curitiba, 2011.

XAVIER, Maria Elizabete. **Para um exame das relações históricas entre capitalismo e escola no Brasil: algumas considerações teórico-metodológicas**. In: ZANARDINI, Isaura Monica Souza; ORSO, Paulino José. Estado, Educação e Sociedade Capitalista. Cascavel: Edunioeste, 2008.

## **Raça na Descolonialidade Epistêmica**

João Roberto Barros II<sup>253\*</sup> (UNILA – joao.barros@unila.edu.br)

### **Resumo**

O principal objetivo desse texto é expor algumas críticas à noção de raça a partir da Descolonialidade epistêmica na América Latina. Para isso, o debate sobre a ideia de progresso racional na obra de Immanuel Kant será de fundamental importância.

**Palabras-chave:** raça, Descolonialidade epistêmica, progresso, Immanuel Kant, Modernidade.

### **Abstract**

The main objective of this paper is to indicate how the idea of linear progress of humanity and their expected obligation to develop the rational potential is related in Kant's work. In sequence, we will expose some criticisms of the notion of rational progress from the epistemic decoloniality in Latin America. Then, the debate about the idea of the race will be extremely important.

**Key-words:** race, Epistemic decoloniality, progress, Immanuel Kant, Modernity.

## **1. Introdução**

O racismo e o etnocentrismo são produtos da empresa colonial na América. Logo após esse evento que durou séculos, todo o restante do mundo colonizado foi dominado segundo as novas categorias elaboradas durante a empresa europeia em nosso continente. Há mais de cinco séculos as categorias de progresso e raça têm sido utilizadas como componentes básicos das relações de poder em todo o mundo. Depois da empresa colonial em todos os continentes, a colonialidade não há deixado de ser a forma de atuação sistemática segundo a qual as potências hegemônicas agem em relação às antigas colônias.

Com a ideia de progresso característica da modernidade, veio também uma nova categoria que ainda não havia existido: a ideia de raça. Desde os primeiros passos da conquista europeia na América, a ideia de raça serviu para estabelecer uma dicotomia entre europeus e não-europeus, dominadores e dominados, brancos e índios/negros, civilizados e bárbaros.

---

<sup>253\*</sup> Doutor em Filosofia e Doutor em Ciências Sociais. Professor da UNILA.

Desde então, as relações e as práticas sociais de poder estão assentadas sobre duas premissas principais resultantes da combinação progresso-raça: 1) os não-europeus têm uma estrutura biológica não apenas diferente, mas sobretudo inferior; e 2) a desigualdade entre os povos e entre as etnias não são produto de processos históricos, mas sim dados naturais que respondem a características anteriores a todo tipo de socialização.

Dada a contundência e a validade dessas ideias de progresso e raça para nossos dias, analisaremos essas duas categorias. Quanto ao progresso, focaremos sua fundamentação nos textos de Immanuel Kant (1724-1804), expoente do Iluminismo alemão, utilizando sobretudo seus textos sobre a história. Quanto à ideia de raça, daremos prioridade aos autores latino-americanos (Aníbal Quijano, Frantz Fanon, Walter D. Mignolo) que fazem uma análise a partir da Descolonialidade epistêmica.

## **2. A ideia de raça e a colonialidade do progresso**

Essa disposição da natureza humana, essa simpatia desinteressada, revela que a humanidade está em uma trajetória de progresso constante. Tanto é assim, que essa trajetória não diz respeito apenas aos povos europeus daquele tempo. Todos os povos da humanidade estão sob essa consigna. A história de todos os povos está alinhada e unida nessa trajetória que contém progresso racional e moral.

[...] o gênero humano tem progredido sempre ao melhor e assim continuará no futuro; o qual, se não se considera unicamente o que pode ocorrer em um povo determinado, senão que se faz extensivo a todos os povos da terra – que deveriam participar paulatinamente – abre a perspectiva de um tempo indefinido [...]<sup>254</sup>.

Ou seja, não só os cidadãos europeus estão concernidos nessa formulação de um progresso histórico. Povos originários da América Latina, asiáticos, africanos: todas as raças participariam, pouco a pouco, dessa mesma história. Trata-se de um dever moral com respeito à natureza humana, não de uma opção. Tanto é assim que a ideia de uma constituição republicana que garanta a paz e o pleno exercício da liberdade é fruto dos conceitos puros da razão. Não pode ser considerada uma mera quimera, mas sim a consecução de um dever resultante da própria natureza racional

---

<sup>254</sup> KANT, 1994, p. 87-88.

do gênero humano. O amadurecimento da razão será um dos maiores frutos dessa conformação legal.

Em *Teoria e prática* (1793), nosso autor volta a se questionar sobre a trajetória do gênero humano e se pergunta se há na natureza humana disposições que permitem inferir um progresso constante em direção ao melhor. Nessa oportunidade ele afirma mais uma vez que seria contrário à natureza se isso não acontecesse.

Poderei, pois, admitir que, dado o constante progresso do gênero humano no tocante à cultura, enquanto seu fim natural, importa também concebê-lo em progresso para o melhor, no que respeita ao fim moral do seu ser, e que este progresso foi por vezes interrompido, mas jamais cessará. [...] apoio-me no meu dever inato [...] de atuar de tal modo sobre a descendência que ela se torne sempre melhor [...] e que assim semelhante dever se poderá transmitir regularmente de um membro das gerações a outro<sup>255</sup>.

Como vemos, a natureza do ser humano nos põe o dever de considerar sua trajetória história consoante a um fim moral. Mesmo que se possa observar fatos que sirvam a um argumento contrário, a intenção máxima da razão não pode ser sobrepujada pela notoriedade que alguns acontecimentos possam alcançar. A esperança na ilustração do gênero humano está em que coisas melhores virão no futuro. A benevolência desinteressada que compõe o ser do homem é um sinal de que o progresso histórico passa a status de dever inato. Irrecusável portanto. A senda progressiva da história não está apenas reforçada pelo progresso técnico que podemos perceber em nossos dias. Ela também é um “propósito moral que, se a sua realização não for demonstrativamente impossível, se torna um dever”<sup>256</sup>. Dever esse que leva a humanidade a um estágio superior de moralidade. Não por força de seus atos, mas por uma intenção da natureza que influencia a linha histórica nesse sentido.

Dando início à nossa problematização sobre a raça, encontramos no texto *Determinação do conceito de raça humana* (1785), de Immanuel Kant, uma divisão da espécie em quatro raças segundo a cor da pele. De acordo com cada uma delas, seria possível classificar qualquer pessoa de branco, índio amarelo, negro ou americano de pele vermelha. Os brancos corresponderiam geogra-

---

<sup>255</sup> KANT, 2002, p. 96-97.

<sup>256</sup> KANT, 2002, p. 98.



ficamente aos europeus, os índios amarelos aos asiáticos, os negros aos africanos e os americanos de pele vermelha aos nativos americanos tanto do sul como do norte<sup>257</sup>.

No mesmo texto, ele afirma que essas diferentes partes da espécie humana são ramificações de uma mesma linhagem ancestral. Com isso, ele mantém todas as raças em uma mesma linha de progresso, de forma que possa conceber um processo linear e único de evolução da humanidade.

[...] as sementes que originalmente foram depositadas na linhagem da espécie humana para a geração das raças deveriam se desenvolver, já em épocas mais remotas, segundo as exigências do clima, se a permanência durasse muito tempo; e, quando uma dessas disposições se desenvolvesse em um povo, seria apagada por completo de todas as demais<sup>258</sup>.

Desse modo podemos perceber como a ideia de progresso racional e de uma humanidade que deve desenvolver as potencialidades racionais dele resultantes se relacionam na obra kantiana.

Dando sequencia a nossa modesta reflexão, exporemos algumas críticas à noção de progresso racional desde um ponto de vista descolonial. Para isso, a ideia de raça será de fundamental importância.

García Martínez e Reguera consideram que o debate sobre o progresso está vinculado à teoria da evolução, à construção da ideia de raça e ao colonialismo na América Latina. Ambos são autores de *La idea de 'raza' em su historia - textos fundamentales*, uma importante compilação de textos filosóficos que abordam o problema da raça, dentre eles o texto de Immanuel Kant acima citado. Segundo eles

Spencer e Darwin teriam sido capazes de conectar a guerra, a tese racista e a competência no mercado encontrando um componente comum: a luta pela vida operando em todas as esferas da vida, em uma única lei da evolução, em um in-

---

<sup>257</sup> KANT, 1990, p.126. Para uma abordagem mais detalhada sobre a concepção de raça em Kant, sugere-se o texto de KLEINGELD, Pauline. Kant's second thoughts on race. In *The Philosophical Quarterly* Vol. 57, No. 229, October 2007; como também ZAMMITO, John H. *Kant, Herder, and the Birth of Anthropology*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

<sup>258</sup> KANT, 1990, p. 143.

tento de completar a biologização da história sem ter que abandonar o sonho ilustrado do progresso universal<sup>259</sup>.

Para os autores acima citados, a ideia de raça, apesar de não ter um correspondente empírico, tem muita importância na realidade política e sociocultural. Isso se deve a que as pessoas se comportam como se ‘as raças’ de fato existissem e as transformam em categorias sociais.

No contexto da colonização da América Latina, essa afirmação, somada a tantas outras de outros autores que escreveram sobre a noção de raça, contribui para revestir de racionalidade e cientificidade a opressão dos negros africanos e dos nativos indoamericanos. Todas essas afirmações serviam para legitimar a exploração de populações inteiras sem entrar em contradição com os princípios cristãos dominantes à época<sup>260</sup>.

Aníbal Quijano também nos ajuda a compreender a trama entre colonialidade do poder, o conceito de raça e a crença no progresso iluminista.

Desde o séc. XVIII, sobretudo com o Iluminismo, no eurocentrismo se foi afirmando a mitológica ideia de que [...] Europa e os europeus eram o momento e o nível mais avançados no caminho linear, unidirecional e contínuo da espécie. Consolidou-se assim, junto a essa ideia, outro dos núcleos principais da colonialidade/modernidade eurocêntrica: uma concepção de humanidade, segundo a qual a população do mundo se diferencia em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos<sup>261</sup>.

De acordo com essa interpretação da Modernidade e do colonialismo constitutivo dela, a marcha progressiva da história dá como sentado que a civilização mais avançada é a europeia e

---

<sup>259</sup> GARCÍA MARTINEZ e REGUERA, 2007, p. 23.

<sup>260</sup> Desde uma perspectiva europeia, Michel Foucault, influencia decisiva dos estudos pós-coloniais, afirma que “o racismo será desenvolvido, em primeiro lugar, com a colonização, quer dizer, com o genocídio colonizador” (FOUCAULT, 1997, p. 232). Para ele, o discurso da “guerra de raças” fundamentaria a “conquista e a subjugação de uma raça por outra” desde o séc. XVII (FOUCAULT, 1997, p. 52). Ademais desse racismo dirigido ao âmbito exterior, há também aquele dirigido ao corpo da própria sociedade à qual pertence o sujeito do racismo. Esse segundo tipo se dá como condição de sobrevivência. Segundo ele, o “discurso biológico social” ainda está infiltrado no corpo social e favorece a criação e manutenção de instituições que retroalimentam o “discurso da luta de raças como princípio de eliminação, de segregação e, finalmente, de normalização da sociedade” (FOUCAULT, 1997, p. 53). Trata-se da justificativa da manutenção da vida de alguns pela deliberada eliminação de outro qualquer. Frases como “se queres viver, o outro deve morrer” convertem-se num slogan político e são, a todo o momento, utilizadas nas chantagens a respeito do direito à riqueza e ao bem-estar social. A grande chantagem está numa associação entre eliminação do outro com purificação da sociedade (CASTELO BRANCO, 2009, p. 32).

<sup>261</sup> QUIJANO, 2007, p. 94-95.

que os povos originários da América são os exemplos mais acabados de uma natureza humana rudimentar e atrasada. Dessa concepção também se vale uma dicotomia no mínimo funesta segundo a qual há indivíduos inferiores e superiores, racionais e irracionais. É nesse contexto que o tradicional é identificado com o atrasado e o moderno com o que há de mais avançado com respeito aos aspectos racional e moral.

Para Quijano todo o tecido epistêmico em torno da ideia de raça pode ser melhor compreendido quando se leva em consideração a relação desta com o mito fundacional da modernidade que é o estado de natureza.

[...] o mito fundacional da versão eurocêntrica da modernidade é a ideia do estado de natureza como ponto de partida do curso civilizatório cuja culminação é civilização europeia ocidental. [...] Dito mito foi associado com a classificação racial da população do mundo. Essa associação produziu uma visão na qual se amalgamam, paradoxalmente, evolucionismo e dualismo. Essa visão somente adquire sentido como expressão do exacerbado etnocentrismo da recém-constituída Europa, por seu lugar central e dominante no capitalismo mundial colonial moderno, da vigência nova de ideias mistificadas de humanidade e de progresso, entranháveis produtos da Ilustração, e da vigência da ideia de raça como critério básico da classificação social universal da população do mundo<sup>262</sup>.

Segundo Quijano, a colonização da América baseada no fundamento epistêmico da ideia de raça teve nesta o modo de outorgar legitimidade às relações de poder e dominação impostas na conquista do continente. Com isso, a expansão do colonialismo europeu sobre o restante do mundo levou consigo a elaboração eurocêntrica do conhecimento na qual a ideia de raça seria o principal fundamento para a naturalização das relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Desse modo a “raça se converteu no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial e nos postos, lugares e papéis na estrutura do poder da nova sociedade”<sup>263</sup>.

Na empresa ultramarina que marcou essa época colonial, a produção de novas identidades foi decisiva para a afirmação do novo padrão de poder colonial. “[...] como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o domínio de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção de conheci-

---

<sup>262</sup> QUIJANO, 2003, p. 220.

<sup>263</sup> QUIJANO, 2003, p. 203.

mento”<sup>264</sup>. Essa concentração epistêmica pode ser identificada apontando três iniciativas principais: 1) expropriação cultural-epistêmica das populações colonizadas, segundo o critério de utilidade para o desenvolvimento capitalista; 2) repressão de todas as formas de conhecimento não condizentes com tal objetivo; e 3) imposição cultural-epistêmica de todos os padrões europeus aos colonizados<sup>265</sup>.

Com isso, os colonizadores buscavam tornar homogêneas as formas básicas de todas as populações em seus domínios. O que se viu na América foi o início de um processo de formação de um novo padrão de poder mundial que buscava afetar a vida cotidiana da totalidade da população mundial, utilizando quatro modelos principais: “o Estado-nação, a família, a empresa [e] a racionalidade europeia”<sup>266</sup>.

Ditos modelos epistêmicos serviram, ademais, à concentração da riqueza e exploração dos recursos provenientes dos novos campos conquistados nessas terras. A noção de raça serviu para reunir vários povos com distintas histórias e processos culturais. Essa objetivação simplificadora da diversidade sob a alcunha racial de negro ou índio serviu para a legitimação da expropriação de terras e corpos de uma maneira que nunca se havia visto antes na história da humanidade.

Alargando o horizonte em relação ao início de nossa reflexão, a colonialidade do poder é muito mais abrangente e não ataca apenas os fatores epistemológico e econômico-político. Segundo Walter Mignolo, a matriz colonial de poder atua em diferentes âmbitos. A colonialidade do poder é a resultante da mútua implicação entre o controle de diferentes âmbitos da vida humana: da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade e, por fim, da subjetividade e do conhecimento<sup>267</sup>.

Como podemos ver acima, o colonialismo opera em toda a cultura do povo colonizado. O conhecimento, como uma das expressões dessa cultura, é uma das matrizes sob o fogo cerrado do combate colonial. Nas palavras de Frantz Fanon, um dos fundadores do discurso descolonial, é possível expressar esse combate da seguinte maneira:

---

<sup>264</sup> QUIJANO, 2003, p. 209.

<sup>265</sup> QUIJANO, 2003, p. 209-210.

<sup>266</sup> QUIJANO, 2003, p. 215.

<sup>267</sup> MIGNOLO, 2010, p. 12.

O colonialismo não se contenta em apertar o povo entre suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e de todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, orienta-se ao passado do povo oprimido, distorce, desfigura, aniquila-o<sup>268</sup>.

Para Fanon, esse processo de colonialidade cobra realidade a partir de uma dicotomia fundamental levada a cabo pelo colonizador. Com sua chegada, o mundo colonial passa a ser dividido em dois. De um lado o colono e toda a modernidade racional que ele representa. De outro lado, o colonizado e a brutalidade do estado de natureza que dele é característica. Para a fundamentação dessa dicotomia que simultaneamente polariza a relação entre ambos, Fanon cita a noção de “raça” como fator fundamental<sup>269</sup>.

Com esse critério, o mundo colonial aparece como um mundo completamente maniqueísta, alegando que o colonizado encarna a quinta-essência da maldade. De acordo com essa caracterização, o indígena passa a ser considerado um “elemento deformador”, ao qual é preciso impor a razão, mesmo que seja pela violência<sup>270</sup>. Assim o uso da força estaria autorizado dentro do processo colonial. A fundamentação das noções de raça e de progresso que dela se serve terminam por legitimar a matança de todos os colonizados que não se ajustem a esse processo.

No mesmo sentido se expressa Nelson Maldonado-Torres, afirmando que a heterogeneidade colonial, a dicotomia entre europeus e não-europeus, a que alude a ideia de raça “aponta à diversidade de formas de desumanização baseadas na ideia de raça”<sup>271</sup>. Nessa dicotomia, “a ideia de raça [...] tende a manter [...] o indígena e o negro como categorias preferenciais da desumanização racial na modernidade”<sup>272</sup>.

Para Enrique Dussel, a afirmação de um padrão de racionalidade e moralidade por parte da Modernidade não poderia ser efetivada sem a experiência da conquista colonial. “O *ego cogito* moderno foi antecedido em mais de um século pelo *ego conquiro*”<sup>273</sup>. A caracterização da raça branca como a superior e a afirmação de seu padrão epistemológico e moral estão estreitamente relacionados à suspeita permanente frente aos povos originários encontrados pelos exploradores

---

<sup>268</sup> FANON, 2009, p. 192.

<sup>269</sup> FANON, 2009, p. 34.

<sup>270</sup> FANON, 2009, p. 36.

<sup>271</sup> MALDONADO-TORRES, 2007, p. 133.

<sup>272</sup> MALDONADO-TORRES, 2007, p. 133.

<sup>273</sup> DUSSEL, 2005, p. 28.

européus. Dussel considera que a Modernidade tem na abstração do *ego cogito* cartesiano a mais obscura de suas formulações filosóficas. O *ego cogito*, caracterizado pela “indeterminação quantitativa de toda qualidade será igualmente o começo de todas as abstrações ilusórias do “ponto zero””<sup>274</sup>.

Ao mencionar o ponto zero, Dussel se refere à formulação de Santiago Castro-Gómez, quem afirma que a abstração de Descartes consiste no pecado epistemológico fundador da Modernidade. O sujeito epistemológico que considera a si mesmo separado de toda materialidade serve de fundamento epistemológico ao olhar colonial sobre o mundo. “A *hybris* do ponto zero” é o que melhor serve à identificação do “colonialismo epistêmico [com o qual] a Europa inicia sua expansão colonial pelo mundo”<sup>275</sup>.

Maldonado-Torres, citando Dussel, afirma que

[...] o racismo científico e a ideia mesma de raça foram as expressões explícitas de uma atitude mais geral e difundida sobre a humanidade de sujeitos colonizados e escravizados nas Américas e na África, a fins do séc. XV e séc. XVI. [...] trata-se de uma atitude caracterizada por uma suspeita permanente. [...] um ideal da subjetividade moderna, que pode denominar-se como *ego conquiro*, o qual antecede a formulação cartesiana do *ego cogito*. [...] A incerteza do sujeito moderno em sua tarefa de conquistador precedeu a certeza de Descartes sobre o “eu” como substância pensante. [...] O *ego conquiro* proveu o fundamento prático para a articulação do *ego cogito*<sup>276</sup>.

Essa postura passa a ser denominada de “ceticismo misantrópico colonial racial”. Dita postura se reflete em questionamentos tais como: “eres na realidade humano? [...] Eres na realidade racional? [...] Essa é a razão pela qual a ideia de progresso sempre significou, na modernidade, progresso somente para alguns”<sup>277</sup>. A postura cética própria da Modernidade configura uma base muito forte à opção epistemológica pelo *ego conquiro*.

A naturalização de diferenças socialmente construídas passa também pela operação ontológica da fundamentação da ideia de raça. A ideia de raça legitima a divisão de toda a população

---

<sup>274</sup> DUSSEL, 2008, p. 165.

<sup>275</sup> CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 88.

<sup>276</sup> MALDONADO-TORRES, 2007, p. 133.

<sup>277</sup> MALDONADO-TORRES, 2007, p. 136.

mundial e determina também quem são os conquistadores e os conquistados. Sua perversidade torna-se ainda mais aguda se vêm à luz os resultados perpétuos dessa estratégia. Mesmo depois de findo o processo colonial, aqueles de raça inferior ainda são considerados como tais, pois devem ser julgados segundo a ética do conquistador. Nunca deixarão de pertencer a uma raça inferior, dada sua natureza degenerada. Estão condenados ao atraso histórico. “O ceticismo misantrópico maniqueu colonial, gradualmente deixa de ser somente uma suspeita e se converte em uma certeza que embasa o nascimento de uma ciência. O racismo incipiente no Renascimento se converte em ciência durante a Ilustração”<sup>278</sup>.

Kant mesmo considera que os europeus são aqueles que detêm o maior grau de desenvolvimento em seu espírito, dado que hão percorrido todo o mundo e feito contato com todos os povos da Terra. O conhecimento limitado dos demais povos está relacionado à sua ignorância acerca dos “caracteres étnicos” dos demais dispersos pelo mundo. Essa limitação denota também uma “limitação de espírito”<sup>279</sup>. Faz-se pertinente ressaltar que os europeus não consideraram suficiente apenas o conhecimento de realidades distintas da europeia moderna, mas foram protagonistas de uma forte empresa de conquista e domínio sobre muitos povos com os quais estabeleciam contato.

Ramón Grosfoguel fazendo menção ao mesmo Kant afirma:

Para Kant, a razão transcendental somente é característica daqueles considerados “homens”. Se tomarmos seus escritos antropológicos, vemos que para Kant a razão transcendental é masculina, branca e europeia. Os homens africanos, asiáticos, indígenas [...] e todas as mulheres não têm capacidade de “razão”. A geografia da razão muda com Kant [...] <sup>280</sup>.

Castro-Gómez também colabora nesse sentido ao considerar que “o imaginário do progresso [é um] dispositivo de poder moderno/colonial”<sup>281</sup>. Segundo ele, o primeiro e mais baixo patamar da escala do desenvolvimento humano é identificado com as formas sociais indígenas americanas. Enquanto a razão e a ilustração são características que o próprio Kant confere ao povo europeu, a barbárie, a selvageria e a ausência de ciência são sintomas característicos dos povos originários da América.

---

<sup>278</sup> MALDONADO-TORRES, 2007, p. 157.

<sup>279</sup> KANT, 2006, p. 207, n.174.

<sup>280</sup> GROSGOUEL, 2007, p. 66.

<sup>281</sup> CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 84.

### **3. Considerações finais**

A descolonização da mente teria que começar pela rejeição de um ideal de sociedade europeia que deve ser imitada por outros povos. A descolonialidade significa superar essa visão de uma história universal que nos leva a todos ao mesmo fim e do mesmo modo. Esse ideal imposto está camuflado por um agente epistêmico de grande relevância. A descolonialidade ataca esse agente em um ponto determinante, a saber: o progresso deve ser concebido como uma “pluridiversidade como projeto universal”<sup>282</sup>.

Nessa perspectiva, a noção de progresso e a ideia de uma história linear nela contida são um construto que deve ser abandonado para que novos paradigmas de conhecimento possam aflorar e serem disseminados. Somente assim será possível consagrar categorias mais condizentes com a realidade a que se referem.

Nessa problematização que fizemos, ambos, progresso e historia linear, estão baseadas em uma noção de raça que carece totalmente de correspondente empírico. A ideia de raça é nada mais que um construto da modernidade colonizadora para legitimar a dominação dos povos com os quais tinham contato. Tanto a noção de progresso quanto a de raça serviram para a expansão do padrão colonial de poder que tinha na América uma nova fronteira para expropriar riquezas e aumentar seu poderio econômico-financeiro.

Ao perdurar no tempo, o mundo colonial do capitalismo enraizou de forma profunda e perene a ideia de diferenças biológicas que estariam na raiz de disparidades sociais e econômicas. Colonizador e colonizado estariam separados por algo que os antecedia, uma determinação natural que predeterminava todos os processos sociais e históricos que pudessem derivar de sua interação. Dessa forma o poder colonial foi elaborado também como uma colonização do imaginário, segundo a qual o colonizado tira sua verdade do próprio colonizador.

### **Referências**

---

<sup>282</sup> MIGNOLO, 2010, p. 16.



CASTELO BRANCO, Guilherme. Racismo, individualismo, biopoder. **Aurora**, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 29-38, 2009.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Ciências Sociais, violência epistémica e o problema da “invenção do outro””. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 80-87.

\_\_\_\_\_. Decolonizar la universidad. “La *hybris* del punto cero y el diálogo de saberes.” In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSFUGUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, p. 79-91.

DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo.” In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 24-32.

\_\_\_\_\_. “Meditaciones anti-cartesianas. Sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidad.” In: **Tábula Rasa**, n. 9. Bogotá, 2008, p. 153-197.

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. Trad. Julieta Campos. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société**. Cours au Collège de France 1976. Paris: Gallimard/Seuil, 1997.

GARCÍA MARTINEZ, Alfonso e REGUERA, Eduardo Bello. “Introducción: El marco histórico de la construcción de la idea de ‘raza’.” In: **La idea de raza en su historia: textos fundamentales (siglos XVIII e XIX)**. Murcia-ES: Universidad de Murcia, 2007, p. 15-28.

GROSFUGUEL, Ramón. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSFUGUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, p. 63-78.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Trad. de Clélia A. Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. “Définition du concept de race humaine.” In : **Opuscules sur l’histoire**. Traduction par Stéphane Piobetta. Paris: Flammarion, 1990, p. 123-144.

\_\_\_\_\_. “Replanteamiento de la cuestión si el género humano se halla en continuo progreso hacia lo mejor.” In: **Ideas para una historia universal en clave cosmopolita y otros escritos sobre Filosofía de la Historia** – 2ª. Ed.. Madrid: Tecnos, 1994, p. 79-100.

\_\_\_\_\_. “Sobre a expressão corrente: Isso pode ser correto na teoria, mas nada vale na prática.” Trad. Artur Morão; In: **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 57-102.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto.” In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGOQUEL, Ramón. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, 127-168.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.” In: LANDER, Edgardo **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas** - 3ª. Ed. Buenos Aires: UNESCO-CLACSO, 2003, p. 201-246.

\_\_\_\_\_. “Colonialidad del poder y clasificación social.” In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGOQUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, p. 93-126.

## **O movimento anarquista no Brasil durante a Primeira República**

Jocenildo Teixeira de Souza (Universidade Federal do Amapá; jocenildoteixeira@gmail.com)

Resumo: Este artigo buscou investigar e compreender as contribuições políticas do movimento anarquista no início do século XX, analisar o porquê dessas contribuições serem relegadas às margens da história. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, cuja mesma aponta para fatores combinados como responsáveis por quase obliterar da memória historiográfica o movimento anarquista no Brasil.

Palavras-chave: História; Anarquismo; Brasil

Abstract: This paper aims to investigate and understand the political contributions of the anarchist movement in the early twentieth century, analyze why these contributions are relegated to the margins of history. The methodology used in this bibliographic research, which points to the same factors as combined account for almost obliterate the historiographical memory the anarchist movement in Brazil.

Keywords: History; Anarchism; Brazil.

### **1. Gênese da filosofia política anarquista**

As origens do Anarquismo remontam o século XVIII, quando seus primeiros expoentes não se autodenominavam anarquistas, entretanto, de acordo com alguns anarquistas, há indícios de que a filosofia política tenha raízes em tempos mais remotos e em lugares diferentes no mundo (WOODCOCK, 2007, p.39).

Anarquia significa ausência de governo e não ausência de ordem, a noção pejorativa que o termo adquiriu surgiu da contra propaganda engendrada pelos meios de comunicação patronais, especialmente jornais de industriais e de padres que faziam apologias aos periódicos, fazendo com que uma parte significativa da população acreditasse que anarquia era sinônimo de badernas e desordem social.

Como os anarquistas chegaram ao Brasil, trazendo seus ideais de emancipação político social, bem como as consequências advindas desse movimento, as áreas de influência, e mais ainda

como suas consequências e foram relegados às margens da história no Brasil é o que pretendo apresentar neste tratado, o qual foi construído a partir de criteriosa pesquisa sobre a temática.

Chamo atenção para o fato de: o intento não foi obstado pela não muito vasta, porém valiosa referência teórica, em sua grande parte artigos, os quais já objetivaram a mesma linha de pesquisa sobre a qual me proponho. Concomitantemente à pesquisa, elaborei o que posso denominar de eixo central da presente dissertação, eixo esse que tem ramificações que, por si só já, seriam linhas paralelas de pesquisa, ainda que neste, sejam subjacentes.

A Anarquia deve ser compreendida, não apenas como um conceito dado, mas, como um conjunto filosófico, político mais complexo e extenso que extrapola a simples dedução do termo. Quando falamos de anarquia, sugerimos implicitamente que há um sistema de ordem social que abarque um conjunto amplo e heterogêneo numa sociedade, seja qual seja o tamanho.

Não podemos supor que pelo fato notório desse sistema de ordem social não ter sido implantado ou aceito como um pacto social livremente consentido em algum lugar e num tempo histórico registrado pelo homem que o mesmo não seja possível. É certo que por não ter existido em algum lugar acentuou ainda mais o seu caráter utópico.

Como anteriormente dissera, o anarquismo como pensamento filosófico político surgiu na Europa Ocidental do Séc. XVIII com Willian Godwin, ainda que o mesmo não se auto definisse como tal, Edgar Rodrigues aponta que houve uma pré-história do anarquismo e o Quilombo dos Palmares foi de fato uma sociedade anarquista *in* Pequena História da Imprensa Social no Brasil anarquista, de acordo com Kropotkin (WOODCOCK, 2007, p.64). O primeiro filósofo a se definir como anarquista foi o francês Pierre-Joseph Proudhon (WOODCOCK, 2007, p.10).

De acordo com Woodcock (WOODCOCK, 2007, p.10), Proudhon, além de ter sido o primeiro a identificar-se com anarquista, foi o responsável intelectual por dissipar as dúvidas e confusões que permeavam sobre o conceito de anarquismo, à medida que combateu veementemente os adversários políticos da época, teorizando sobre as bases da organização social, o que lhe angariou discípulos como Bakunin e Kropotkin, que seriam os principais referenciais para uma nova geração de anarquistas libertários que sacudiriam a Europa Ocidental e suas influências seriam sentidas no Brasil no final do século XIX.

## **2. Anarquismo no Brasil**

A historiografia aponta a chegada do anarquismo no Brasil na segunda metade do século XIX, com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, entretanto, segundo Edgar Rodrigues, importante militante e historiador do movimento anarquista em Portugal e no Brasil, aponta para uma “pré-história” do anarquismo no Brasil, situando a experiência do Quilombo dos Palmares, lugar de refugiados negros ex escravos das primeiras colônias, como uma tentativa frutífera de construção de uma sociedade igualitária, sem governo e sem leis escritas, portanto uma sociedade anarquista na concepção da palavra, sem mesmo que seus idealizadores tivessem tal consciência, segundo Rodrigues:

A rebeldia desses povos contra as autoridades e a exploração do homem pelo seu semelhante, de 1602 a 1694, oferece-nos um exemplo colossal, um equilíbrio extraordinário numa população de 20 mil vidas, dentro dos padrões de igualdade econômica e social, com propriedade e trabalho coletivo, sem leis escritas, autoridades constituídas, que desafia a nossa interpretação e leva-nos a concluir que a forma de vida no Quilombo dos Palmares era anárquica, que as idéias dos quilombos eram libertárias. (RODRIGUES, 1996, p.1)

Ainda de acordo com Edgar Rodrigues (RODRIGUES, 1996, p.2), em 1841 foi fundada uma comunidade socialista em Santa Catarina, influenciada pelas ideias de Fourier, mais tarde em 1848 na chamada “Revolução Praieira” realizada, em sua maior parte, por ourives, funileiros, barbeiros, alfaiates, lavradores e negros libertos, os quais foram alcunhados de anarquistas, tais tentativas têm claramente os germes do anarquismo em solos brasileiros.

São igualmente dignos de nota: a publicação do livro “Anarquistas e a Civilização” em 1860, a passagem pelo Brasil, no ano de 1893, do célebre anarquista Eliseu Reclus, momento em que chegam também Giovanni Rossi ao Paraná, militante italiano, membro da Associação Internacional do Trabalhador (AIT) e também Artur Campagnoli em São Paulo, anarquista italiano, além de dezenas de outros anarquistas ambos fundam respectivamente às colônias de Cecília e Guararema (RODRIGUES, 1996, p.3).

No final do século XIX e no início do século XX, houve um momento de liberdade ímpar na história da nascente república, na qual pulularam em todo o país as iniciativas de jornais, revistas e associações libertárias que tinham em comum o que ficou conhecido como A questão Social, pois os apelos pela melhoria da vida de milhões de pessoas passaram a ser a ordem do dia e esses periódicos e associações contavam com a influência de grandes anarquistas europeus, pois seus

livros eram amplamente comercializados, especialmente no Rio de Janeiro, a imprensa libertária colaborava enormemente para a disseminação dos ideais libertários (RODRIGUES, 1996, p.4).

Em 1900 com a chegada de anarquistas portugueses outros periódicos ganham destaque, além dos que já haviam sido publicados, parados e retomados, um desses portugueses foi Neno Vasco, a ele somaram forças muitos anarquistas brasileiros e simpatizantes, esses militantes, encontraram eco em suas palavras no surgente proletariado brasileiro que de acordo com Edgar Rodrigues:

O proletariado percebeu que não bastava o crescimento do Brasil, a industrialização, o progresso, a implantação da modernidade. O homem não é um conjunto de fichas catalogadas de quem se regula o futuro dos movimentos e ações. A massa, da qual tanto se fala ainda é a força balofa e amorfa, tão do agrado dos líderes políticos. O ser humano, mais cedo ou mais tarde, tem de lutar contra a sua alienação e exploração, sob pena de se negar e se deixar destruir por sistemas que ele mesmo inventou, alimentou e aperfeiçoou em seu próprio prejuízo[...]Todos os regimes conhecidos não fizeram outra coisa senão cultivar os germes das guerras, alimentar elites, hierarquias, ambições, ganância, o ódio, a vingança, a violência e o crime! Por processos diferentes, os governos vivem dos motivos que transformaram o Homem no maior inimigo do Homem (RODRIGUES, 1996, p.6).

A influência dos estrangeiros sobre a imprensa e os operários incomodou o governo, que em 1905 promulgou uma lei para expulsar “agitadores estrangeiros”, essa lei ficou conhecida como lei Adolfo Gordo (RODRIGUES, 1996, p.7). Apesar das tentativas do governo, as publicações não cessaram.

## **2.1 Anarquismo e Movimento Sindical**

No início do século XX, impulsionado pela propaganda anarquista, o movimento operário ganha força, o que antes se limitava a irmandades, passou a ter um caráter coletivista ainda maior, com expressões e significados que começaram a incomodar as elites brasileiras. Essa percepção ficou ainda mais evidente com as pequenas greves que foram realizadas em alguns lugares no eixo da nascente indústria brasileira.

No início o movimento operário era disforme, sem essência e sem contornos claramente definidos, pois estavam juntos, anarquistas, anarcossindicalistas, socialistas e liberais descontentes

com a carga horária excessiva e os baixos salários. Neste contexto figuras importantes do movimento anarquista propunham o que mais tarde seriam deflagradas como as greves gerais que paralisariam Rio de Janeiro, Santos e São Paulo.

O movimento anarco-sindicalista brasileiro foi grandemente influenciado pela participação ativa dos trabalhadores imigrantes nas cidades de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, conforme dados historiográficos: obra marcante produzida pela corrente brasilianista Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920), de Sheldon Leslie Maram. Na introdução desta obra, Maram afirma que o anarcossindicalismo foi a doutrina política dominante no movimento operário brasileiro da primeira república (Rodrigues Júnior, 2007:5).

As greves no ano de 1907 foram o primeiro passo rumo à redução da jornada de trabalho e algumas categorias conseguiram tal conquista, graças à organização em associações e sindicatos, entretanto os líderes do movimento anarco-sindicalista discordavam dos meios para obtenção dessas e de outras conquistas, somam-se a esses embates a crescente repressão policial como afirma a Professora Doutora Maria Aparecida Macedo Pascal:

A federação operária reunia as várias categorias que discutiam as oito horas de trabalho, os baixos salários e o enfrentamento dos patrões. A repressão policial foi extremamente violenta com esta associação, que teve sua sede invadida, seus livros confiscados e seu secretário Giulio Sorelli preso. Na época percebiam-se três tendências entre os anarquistas: a que era contrária a qualquer tipo de sindicato, liderada por Oresti Ristori; a que apoiava a existência de sindicato como possibilidade de propaganda das ideias libertárias, liderada por Malatesta, tendência esta representada pelo jornal “Terra Livre”; e, finalmente, a que fazia críticas à ideia de greve no anarquismo e tentava obter realizações concretas, chamada de “sindicalismo revolucionário”. A polícia considerava os estrangeiros como perturbadores da ordem pública e semeadores da discórdia entre os trabalhadores nacionais. Nas greves de 1917 e 1919 a participação dos sindicalistas e a organização dos trabalhadores foram crescentes. Havia manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro contra o trabalho infantil e a carestia. Vários jornais libertários apoiavam a greve, entre os quais “A Plebe”, periódico comandado por Edgard Leuenroth, e “A Guerra”, de Gigi Damiani (PASCAL, 2008, p.7).

Em 1917, em meio à greve que durou vários dias, a repressão foi mais intensa, tanto patões quanto o Estado não queriam ceder às pressões das ruas, cerca de 200 militantes anarquistas morreram em prisões, muitos estrangeiros foram deportados, entretanto o movimento não recuou, apenas tomou fôlego para então reaparecer em 1919. Em 1919 uma nova onda de greves ocorreu em São Paulo, evidenciando as dificuldades vividas pelo movimento operário em virtude da Primeira Guerra, do papel desempenhado pelos anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários e da Revolução Russa de 1917, que atingiu o poder por intermédio do Partido Comunista (PASCAL, 2009, p.9).

Ressalta-se ainda que a participação ativa dos militantes tinha como embrião os congressos que eram realizados em diversas cidades, nesses congressos, os anarcossindicalistas discutiam as pautas das suas ações, dezenas de teses que seriam a base norteadora dessas ações

## **2.2 Movimentos sócio culturais emancipatórios**

No início do século várias iniciativas foram tomadas, visando à formação de pessoas críticas e questionadoras de seus direitos, essas tentativas, muitas vezes lúdicas, foram a forma de expressar o descontentamento com a realidade enfrentada por milhares de trabalhadores. Edgar Rodrigues destaca:

[...] O jornalismo, o teatro amador de contestação e a poesia, eram alguns dos meios usados pelo movimento operário para construir sua própria cultura, tendo por meta o ideal social da autogestão. Seu objetivo era provocar a derrocada do Estado, acabar com o regime de pobres e ricos, de exploradores e explorados, para reconstruir em cima das ruínas o velho sistema burguês uma Sociedade Nova, autogerida, onde todos tivessem direitos e deveres iguais (RODRIGUES, 1996, p.8).

As iniciativas mais audaciosas dos anarquistas de então foram a de levar a educação a um nível bastante acessível, pois criaram escolas e universidades livres, autogeridas com recursos de doações e que foram a primeira tentativa de educação realmente popular não atrelada ao Estado.

A concepção das escolas e universidades populares, é creditada ao espanhol Francisco Ferrer, idealizador da Escola Moderna na Espanha, condenado a morte, por fuzilamento, no dia 13 de outubro de 1909. Entretanto, a repercussão da morte de Ferrer só fez aumentar o ímpeto dos seus seguidores em criar novas escolas racionalistas nos moldes de seu idealizador, em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, segundo Edgar Rodrigues:



Antes do fuzilamento, já fora fundada, em 1904, a Universidade Popular na sede do Sindicato dos Pintores do Rio de Janeiro e, em 1915, nascia a Universidade Moderna em São Paulo, por iniciativa de Florentino de Carvalho, um anarquista de origem espanhola [...] Para sustentar dezenas de escolas livres, fundadas por operários anarcossindicalistas e anarquistas, o proletariado formou grupos de teatro social e, enquanto fustigava a burguesia, a Igreja e o Estado com suas peças revolucionárias e anticlericais, distribuía anarquismo aos espectadores, conseguia recursos financeiros para ajudar as escolas, operários desempregados, doentes, além de presos por suas ideias, e ainda publicava prospectos, folhetos e jornais (RODRIGUES, 1996, p.8).

A tentativa de construir um conhecimento novo e emancipador era a proposta das escolas libertárias recém implantadas no país, conforme as palavras da Professora Maria Aparecida Macedo Pascal:

Os libertários opunham-se tanto às formas de produção capitalista como comunismo autoritário, contestando a existência do próprio Estado, propondo autogestão. Neste contexto, a pedagogia libertária tinha enorme importância, já que contribuía para a consciência e emancipação da classe trabalhadora. A construção de uma nova sociedade apoiava-se, em grande parte, nas ideias de uma nova educação, feita em outras bases e valores, tais como respeito à liberdade, à individualidade e, sobretudo à criança. A pedagogia anarquista acusava a escola de reproduzir os interesses da Igreja e do Estado, enquanto promovia uma renovação dos métodos e valores (PASCAL, 2009, p.9).

A partir das inúmeras experiências que os anarquistas conseguiram implantar durante o início do século XX ficava mais evidente que as ideias de emancipação ganhavam mais força entre o operariado, que por sua vez reverberava nas manifestações os apelos feitos em jornais, revistas e panfletos, portanto, ainda que como já disse, o movimento disforme e sem contornos definidos começava a incomodar os patrões, a Igreja e o Estado.

### **2.3 Por que o Anarquismo era temido?**

À medida que se avança lentamente o século XX, o mundo ocidental é marcado por agitações políticas na Europa, e essas convulsões ganham força em escala ainda maior, a América Latina, é atingida pelos reflexos da I Guerra Mundial, no Brasil, há um contexto de fome e miséria,

momento em que o governo brasileiro aproveita para deportar milhares de estrangeiros, sob a acusação de agitação política.

Ressalta-se que a historiografia demarca o incentivo e chegada de trabalhadores estrangeiros como opção para a substituição da mão de obra escrava dos negros no Brasil. Entretanto, o que era para ser solução acabou por se tornar um agrave nos problemas, pois reconhecidamente os trabalhadores estrangeiros, a maioria militante de movimentos libertários, alguns declaradamente anarquistas subverteram a ordem, incomodaram o poder constituído e por isso foram perseguidos, presos, expulsos e mortos.

Edgar Rodrigues aponta a situação caótica em que se encontrava o Brasil durante a I Guerra:

A guerra europeia refletiu-se no Brasil pelo desemprego, gente trabalhando por comida, comício dos operários nas portas das fábricas com o propósito de pressionar o governo de Wenceslau Brás a autorizar a criação de “Feiras Livres” para vender alimentos diretos do produtor ao consumidor, isentos de impostos e livres de atravessadores. Neste período de fome no Brasil, explodiram greves de grande repercussão nacional e os governantes aproveitaram para prender, deportar e expulsar centenas de ‘agitadores estrangeiros, como foram batizados pela burguesia [...] (RODRIGUES, 1996, p.9).

O que se infere a partir dos inúmeros relatos e dados historiográficos é que o movimento anarquista foi, de fato, um movimento evidentemente forte, bem articulado, apesar de todas as probabilidades de fracasso eventual em seu início devido às múltiplas correntes que aderiram às causas que considero centrais para as correntes, pois as mesmas enfrentavam “inimigos” comuns, como os patrões, a Igreja e o Estado.

A partir da Revolução Russa, muitos anarco-sindicalistas ficaram ainda mais entusiasmados com o que acreditavam ser um sucesso das práticas libertárias. Entretanto tal fato só iria acentuar ainda mais a perseguição aos libertários, pois, havia o temor que a onda de revoluções pudesse se alastrar na Europa Ocidental e chegar, quem sabe, ao Brasil.

#### **2.4 Como o Anarquismo foi relegado às margens da História?**

Os impactos da Revolução Russa foram sentidos no Brasil e muitos entusiastas pensaram ser um momento propício no Brasil também, entretanto os rumos do anarco-sindicalismo e o comunismo russo só teriam aproximação mais tarde, como explica Edgar Rodrigues:

Em 1921, Edgard Leuenroth foi procurado na redação do “Vanguarda” pelo delegado da Terceira Internacional para países de língua portuguesa e espanhola, Renison Soubiroff[...]Soubiroff exibiu credencial, bordada em seda vermelha, dentro de forro da manga e convidou Edgard Leuenroth para fundar o Partido Comunista no Brasil. Leuenroth recusou e indicou-lhe Astrojildo Pereira. Chamou-o do Rio de Janeiro e fez as apresentações [...] Em março de 1922, um congresso formalizava o nascimento do Partido Comunista Brasileiro (RODRIGUES, 1996, p.10).

Pouco tempo depois Leuenroth ficou doente e foi internado em um sanatório em São Paulo e ainda de acordo com Edgar Rodrigues: [...] João da Costa Pimenta, num golpe típico dos 10 leninistas, roubou o acervo, inclusive as “máquinas”, entregando-as ao P.C.B., que nascia com sua ajuda, fundado por onze anarquistas e um socialista, deixando todos os libertários que contribuíram com seus tostões a ver navios (Rodrigues, 1996:10).

Em meio às conturbações sociais, o movimento anarco-sindicalista parecia mais dividido que antes, pois os libertários não consentiam na forma de agir do Partido Comunista, nem mesmo aceitavam a formação de partidos, pois entendiam, que os partidos são variações do absolutismo, conforme máxima de Proudhon ainda em meados do século XIX. Entretanto, Edgar Rodrigues relata as formas de abordagem do Partido Comunista ao operariado:

A partir desta época, os comunistas começaram a levar a cabo sua política sistemática de infiltração e de assalto aos sindicatos livres ainda em funcionamento como o dos Sapateiros, Construção Civil e Tecelões (todos no Rio). Envolveram-se em luta corporal com os anarco-sindicalistas e anarquistas, em uma noite roubaram o acervo do Sindicato dos Sapateiros, na Rua José Maurício. O desfecho foi o assassinato do anarquista Antônio Dominguez (sapateiro), do gráfico Damião, além de doze feridos [...] Pedro Bastos e Galileu Sanchez foram os autores dos tiros, e os autores intelectuais Astrojildo Pereira, Otávio Brandão, João da Costa Pimenta e o deputado pelo P.C.B., Azevedo Lima (Rodrigues, 1996:11).

Em meio a conturbações políticas, revoltas militares e dissensões entre anarquistas e comunistas, o Governo de Artur Bernardes aproveitou para deportar os opositores, libertários e en-

carcerá-los na Prisão de Clevelândia do Norte no Oiapoque-AP, além de fechar os sindicatos e proibir os jornais anarquistas de circular. Edgar Rodrigues afirma que o movimento passou a declinar com as dissensões e proibição dos sindicatos, que seriam reabertos sob um novo modelo, por Vargas:

A partir de então surge uma lacuna histórica em que o anarquismo no Brasil vai para as margens da história, as conquistas, avanços e tentativas de melhorias do operariado no início do século XX são enublados, como aponta Osvaldo Rodrigues Júnior. Para além dos escritos superficiais sobre o operariado brasileiro, a produção militante surge como os primeiros estudos sobre o movimento operário brasileiro de forma mais sistemática e “historiográfica”. Composta por sindicalistas e ativistas políticos de esquerda, jornalistas e advogados vinculados a movimentos sociais [...] (Rodrigues Júnior, 2007:7).

Igualmente corrobora à ideia de Osvaldo Rodrigues, Endrica Geraldo, segundo a qual:

A historiografia a respeito do movimento anarquista no Brasil limitou-se, até pouco anos atrás, ao estudo de sua influência junto às organizações operárias nas duas primeiras décadas deste século. Com afastamento entre anarquismo e as organizações de classe no final dos anos 20 e começo dos 30, o movimento anarquista passou a ser considerado extinto e “superado” por outros movimentos de esquerda, principalmente pelo comunismo [...] (GERALDO, 1998, p.1).

Um dos âmbitos em que se desenvolve uma pesquisa intensa de resgate histórico é o da imprensa libertária, entretanto Edgar Rodrigues aponta imperfeições na forma como se pesquisa as fontes primárias dos periódicos anarquistas e critica a historiografia tradicional:

A própria pesquisa histórica em cima dessa imprensa é feita sem qualquer sentido de objetividade ou de verdade. Esses “historiadores”, muitas vezes, o que não conseguem ocultar, falsificam, conseguindo o feito de passar por muitas décadas de movimento operário e imprensa social, quase sem lhes reconhecer a existência. Para eles, o movimento operário só passou a existir quando, de alguma forma, começou a ser domesticado pela burocracia do estado dirigido por essa vanguarda detentora da verdade histórica: o Partido Comunista [...] estes “historiadores, invariavelmente, concluem o pré-concebido: “as ideias anarquistas não estavam adequadas à realidade brasileira”, “a imprensa operária do começo do século era lida por alguns imigrantes, etc, [...]” (RODRIGUES, 1996, p.12).

O fato inquestionável é que o anarquismo perdeu força, por conta das circunstâncias históricas apontadas por Edgar Rodrigues, uma sucessão de revezes, entre dissensões, perseguições, represões e panorama político mundial bipolar entre capitalismo e socialismo real, foram aos poucos e progressivamente atuando contra uma doutrina que nasceu concomitante à que se tornaria uma hegemonia efêmera no leste europeu.

### **3 Considerações finais**

Ao longo da história, percebemos que muitas “histórias”, são contadas a partir do ponto de vista de um grupo hegemônico, com o movimento anarquista no Brasil não poderia ser diferente, pois há dados suficientes para reescrever a história do Brasil de meados do século XIX até o início da era Vargas, entretanto tal tarefa não cabe aos “historiadores” oficiais, é uma tarefa que vem sendo abraçada e uma história oculta vem sendo desvelada a partir da década de 1950, com a chegada de Edgar Rodrigues, português que em muito contribuiu para esse novo olhar sobre uma velha história no anarquismo no Brasil.

Relendo muitos artigos e livros é incontestável a importância do referido autor para a compreensão do que foi o movimento anarquista no país, principalmente no período conhecido como República Velha. Também evidente que as motivações para relegar às margens da história, como ele mesmo aponta foram, a “história oficial” e a hegemonia do partido comunista, mentora intelectual de muitos historiadores ditos “marxistas”.

Esses fatores combinados foram responsáveis por quase obliterar da memória historiográfica o movimento anarquista, bem como suas realizações, contribuições e influências durante os primeiros anos da nascente república.

Podemos assinalar também que várias propostas e empenhos de resgatar a memória histórica do movimento anarquista estão resultando frutíferos a partir de 1970, o que abre o precedente para que, dentro de pouco tempo, muitos relatos surjam e sejam revistos à luz da ciência, e; para que não só o movimento anarquista, mas também outras lutas sejam igualmente reconhecidas.

Compreender os fatos históricos não é tarefa fácil; analisá-los, menos ainda, entretanto só podemos compreender-nos melhor, enquanto sociedade, quando podemos partir de fatos históricos verossímeis, não uma história deturpada que serviu para alienar às massas por tanto tempo, pois raras são as menções à anarquia em livros didáticos; pois governos no Brasil tinham orientação positivista e atualmente temos um de orientação “marxista”, assim como os demais, este, não tem i-

senção científica e também não demonstra compromisso com educação libertária, uma das bandeiras do anarquismo; portanto apenas reproduz a historiografia tradicional, convenientemente.

Romper com esse estado de reificação de inverdades históricas deve ser o compromisso de todo cientista social, para que não se incorra no erro do reproducionismo, pois “contar história” é fácil, analisar é o desafio que todo cientista social comprometido com a ciência deve enfrentar.

### **Referências:**

GERALDO, Endrica. “Práticas Libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951)”, 1998; disponível em:

<[http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes\\_ael/index.php/cadernos\\_ael/article/viewFile/109/115](http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/109/115)>

Acessado em 15/10/2013

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. “Imigrantes Portugueses: Anarquistas e Comunistas sob o Olhar do DEOPS”, 2008; disponível em:

<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Maria%20Aparecida%20Macedo%20Pascal.pdf>>

Acessado em 15/10/2013

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. “Anarquismo e Comunismo sob o Olhar do DEOPS”. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História; Fortaleza, 2009, disponível em:

<<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0165.pdf>>

Acessado em 15/10/2013

RODRIGUES, Edgar. “Pequena História da Imprensa Social no Brasil”. Rio de Janeiro, 1996; disponível em:

<http://recollectionbooks.com/bleed/Encyclopedia/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/PEQUENA%20HIST%D3RIA%20DA%20IMPrensa%20SOCIAL%20NO%20BRASIL.htm>

htm> Acessado em 15/10/2013

RODRIGUES JÚNIOR, Osvaldo. “Representações do Anarquismo na historiografia do Movimento Operário Brasileiro”, 2007; disponível em:

<[http://www.historia.ufpr.br/monografias/2007/2\\_sem\\_2007/resumos/osvaldo\\_rodrigues\\_junior.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2007/2_sem_2007/resumos/osvaldo_rodrigues_junior.pdf)>

df > Acessado em 15/10/2013

WOODCOCK, George. “História das Ideias e Movimentos Anarquistas: A Ideia”, tradução de Júlia Tettamanzy. L&PM, v.1, Porto Alegre, 2007.

## **“Ganhei a Situação”: uma análise sobre a abordagem e a seletividade policial**

José Luis dos Santos Leal (GEPVIC/UNIFAP)<sup>283</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende discutir as ações policiais que visam à busca pessoal em jovens sob a utilização motivadora da “suspeição policial”. Assim, analisa os mecanismos e critérios da construção do discurso da fundada suspeita praticada pela polícia militar, buscando compreender a possível articulação entre acusados e a influência de filtros sociais na seleção do suspeito. A pesquisa foi realizada em 2013 e 2014 na Baixada do Ambrósio, na cidade de Santana/AP. A pesquisa analisa ainda, como os policiais constroem o discurso que define quem é, ou não um suspeito.

**Palavras-chave:** Violência. Suspeição. Abordagem. Suspeito. Baixada do Ambrósio.

**Abstract:** This paper discusses the police actions aimed at personal quest for youth under the motivating use of "police suspicion", so you want to know the mechanisms and discourse construction criteria of reasonable suspicion practiced by the military police, trying to understand the possible link between the accused and the influence of social filters on the suspect selection. The survey was conducted in 2013 and 2014 in the Baixada Ambrósio, in Santana/AP. The survey analyzes, as police build the discourse that defines who you are, or not a suspect.

**Key Words:** Violence. Suspicion. Approach. Suspect. Baixada do Ambrósio.

### **Introdução**

A polícia, como objeto de interesse acadêmico, é bastante recente nas ciências sociais, porém, nos últimos anos uma grande leva de trabalhos relacionados à abordagem, a seletividade, à criminalização, e à suspeição policial ganharam o cenário brasileiro. São trabalhos que chamam a atenção problematizando como a polícia vem categorizando preconceitosamente indivíduos considerados suspeitos em algumas das principais capitais brasileiras.

---

<sup>283</sup>Graduando e membro do grupo de estudo e pesquisa sobre violências e criminalizações – GEPVIC/UNIFAP. E-mail: luisleall@hotmail.com



A pesquisa concentra-se nas atividades realizadas durante o policiamento ostensivo da polícia militar da U.P.C. (Unidade de Policiamento Comunitário) do Ambrósio no município de Santana/AP. A U.P.C. foi inaugurada no dia 09 de novembro de 2012. Inicialmente a unidade contou com um contingente de 38 policiais e ao longo dos anos esse número reduziu consideravelmente.

Frutos de uma ocupação desordenada a Baixada do Ambrósio constituiu-se sobre os alicerces do comércio informal, das dinâmicas ilícitas e das casas de prostituição. As principais vias de acesso são pelos canais às margens do rio Amazonas e principalmente pelas ruas que aglutinam uma grande quantidade de estabelecimentos como: “casa de show”, “casa de stripers”, bares, hotéis, pousadas, botecos e em geral funcionam o dia e a noite toda, resquícios de uma rede de serviços voltada para atender os trabalhadores da antiga ICOMI (Cf. FILHO et al, 2009).

Construída sobre um alagado de área de várzea, tendo majoritariamente, uma população socioeconomicamente vulnerável do município, as casas são palafitas suspensas em área de ressaca, distribuídas de forma aleatória compondo um cenário dividido entre casas, estabelecimentos comerciais, igrejas, associações e estabelecimentos compostos (casa/comércio), na maioria apresentam estrutura de madeira. Possuindo como única via de acesso pontes deterioradas.

Marcada como muitas das áreas “invisíveis” de nosso país, a Baixada do Ambrósio, do ponto de vista de políticas públicas, é extremamente esquecida pelo Estado, principalmente na condição da infraestrutura e nos serviços públicos básicos do bairro. Segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE, são 953 domicílios particulares ocupados em área de ressaca para uma população de aproximadamente 4555 pessoas, uma média de 4,8% de moradores por casa.

Para Zigmunt Bauman (2005), o “excesso de gente” não integrada que é temporariamente excluída, sem qualquer tipo de atividade funcional dentro do sistema capitalista, está mais propenso a ser rotulada de “classes perigosas” (Cf. BAUMAN, 2005), que neste caso é facilmente imputada aos moradores da Baixada do Ambrósio, haja vista que o bairro é constituído de uma grande população de moradores de baixa renda.

Durante as entrevistas realizadas no bairro, constatei que os moradores são percebidos como sujeitos imersos em um permanente sentimento de medo ambíguo: primeiro, seja por conta da criminalidade instaurada no local a partir dos furtos, roubos e assassinatos; segundo, seja por conta da grande sensação de medo que a abordagem policial representa para os moradores. “Nós nunca sabemos até que ponto a policia pode nos confundir com bandidos” (MORADOR, Estudante, 2014).

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da sociologia da violência. Suas análises objetivavam compreender as seleções que são fundamentadas a partir de estereótipos e de características de indivíduos e de lugares que são acumuladas durante todo o processo de formação histórico-social da violência no bairro.

### **A polícia: um breve histórico de atuação**

Até os anos 1960, existia apenas uma historiografia oficial, que era realizada por antigos policiais. A partir de então, as grandes agitações dos anos de 1960 no cenário brasileiro (ditadura, agitações raciais, agitações estudantis etc...) contribuíram para dar maior visibilidade à atuação da polícia, transformando-a em objeto a ser problematizado no campo das ciências sociais (Cf. BRETAS; ROSEMBERG, 2013, p.164).

Segundo Francis Cotta (2012), o ponto de fundação da polícia brasileira está estritamente ligado à vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808. Neste mesmo ano é criada a Intendência Geral de Polícia, assim como em 1809 é instituída a Guarda Real de Polícia. “Nos primeiros anos do Brasil Império não se pode fazer uma referência a uma polícia militar profissionalizada. A realidade dessas polícias é que eram frágeis, incapacitadas, pouco articuladas e indisciplinadas” (RIBEIRO, 2011, p.01).

Apesar dos poucos trabalhos que dão conta da atuação da polícia neste período, “as forças militares tinham como atividade, o patrulhamento no espaço urbano e exerciam também atividades de controle de estradas e do problema dos escravos fugidos” (BRETAS; ROSEMBERG, 2013, p.168).

Entretanto, nos últimos anos da República Velha, todos esses grupos rotulados como classes perigosas passaram por um processo de demarcação física e social, por meio de teorias influenciadas pela Escola da Criminologia Positivista. Neste contexto, vários juristas brasileiros alimentaram os ideais de uma nova concepção de direito penal, fundada sobre os princípios da escola positivista, principalmente as ideias de Cesare Lombroso (1871) e as ideias de Enrico Ferri (1914) (Cf. ALVAREZ, 2002, p.694).

A ditadura militar no Brasil (1964-1985), se mostrou como período significativo para mudanças na atuação da polícia. De caráter autoritário e nacionalista, a ditadura militar foi instituída pela violação dos direitos políticos de todos os cidadãos. Neste contexto, as ações violentas prati-

cadadas pelas policiais militares estaduais baseavam pelos sucessivos Atos Institucionais (AI) e principalmente pela Lei de Segurança Nacional de 1969.

### **A herança da criminologia positivista**

A obra *L'Uomo delinquente*, escrita por Cesare Lombroso publicada em 1871 inaugura os primeiros estudos da criminologia positivista. Escola que teve como base o método positivista para classificar os criminosos a partir da categoria do delinquente “nato” (Cf. RAUTER, 2003, p.30).

Em seus estudos, Lombroso distinguiu seis tipos de delinquentes: o nato (atávico); o louco moral (doente); o epilético; o louco; o ocasional e o passional. Para fins desta pesquisa vou me atentar apenas a classificação do criminoso nato, que segundo o autor, “é um modelo acabado de um evolucionismo às avessas, repetindo o homem primitivo com instintos bárbaros” (LOMBROSO, 2007, p.201), em outras palavras, alguém que já nasceu para a vida do crime.

As ideias de Lombroso criadas no século XIX reforçam os estereótipos do criminoso que são vivenciadas nos dias de hoje. Essas teorias sustentam a ideia de que o criminoso não é vítima das circunstâncias sociais, mas sim, um resultado da “hereditariedade do mal”, ou seja, sofrem pela tendência atávica, sustentando a ideia de que todo criminoso é um doente.

Cesare Lombroso influenciou os estudos posteriores de Enrico Ferri (1856-1929). A tese sustentada na obra *Sociologia Criminal* publicada em 1914 recebeu o nome de “Contra o livre-arbítrio”, ou seja, a negação da escolha do homem pela efetuação de um crime. “O criminoso neste sentido, é determinado por inúmeros fatores, sejam psicológicos, biológicos, sociais e climáticos” (FERRI, 2004, p.64).

Para o autor, o criminoso afetado pelo fator social está preferencialmente entre as camadas mais pobres da sociedade, o que reforça a ideia de que o criminoso é um indivíduo com poucos recursos econômicos.

Sob forte influência da escola positivista, esses grupos respectivamente foram categorizados como: perigosos e desocupados, que precisavam ser contidos do convívio social. Então, coube a polícia o papel de selecionar esses grupos tidos como “anormais”.

## **Fundada Suspeita: ação policial que antecede a abordagem**

Não é de hoje que a busca pessoal realizada pela polícia militar vem sendo bastante criticada por diversos segmentos da sociedade, ainda que sua normatização esteja prevista no artigo 244 do Código de Processo Penal, a fundada suspeita apresenta-se ainda atualmente como vaga e subjetiva dependendo do ponto de vista do policial.

Em tese, qualquer cidadão que circule pelas ruas, a pé ou em qualquer meio de transporte, pode ser parado e revistado em uma ação policial rotineira ou especial de prevenção à criminalidade. Porém, na prática, não é isso que acontece. Apenas alguns indivíduos serão escolhidos e sabe-se que essa escolha não é aleatória, mas seletiva, que depende em larga medida de critérios prévios e subjetivos da fundada suspeita (Cf. RAMOS; MUSUMECI, 2004).

Para Michel Misse, a figura do suspeito é um “mecanismo ativado por signos que quebram a expectativa de confiança e que ativam uma atenção seletiva culturalmente acumulativa” (MISSE, 1999, p.71). É o processo pelo qual identidades são construídas e atribuídas para habitar no que é representado como um bandido.

Cabe lembrar que durante o trabalho ostensivo realizado pela polícia, a suspeição policial pode ocorrer fora do contexto da ocorrência, a qualquer momento dependendo da vontade dos policiais, ou ainda, sem informações preliminares e concretas para fundamentar a suspeição (Cf. RAMOS; MUSUMECI, 2004).

Conforme Nucci, “A suspeita é uma desconfiança ou suposição, algo intuitivo e frágil por natureza, razão pela qual a norma exige fundada suspeita, o que torna aparentemente o termo mais concreto e seguro” (NUCCI, 2007, p.502). Para o autor, a polícia utiliza-se do termo apenas para camuflar a subjetividade do policial na hora das abordagens, justificando que, quando um policial desconfia de alguém, ele não pode valer-se, unicamente, de sua experiência, mas sim de um conjunto de critérios de indiquem que o indivíduo esta prestes a cometer um ato criminoso.

Durante a pesquisa de campo constatou-se que a fundada suspeita tem, ao menos, duas facetas: na primeira, a acusação é um ato subjetivo que depende de elementos como, características, lugar e atitude suspeita; na segunda, a acusação é sistemática e estigmatizada, ou seja, alguns indivíduos são marcados pelos crimes que outrora cometeram dentro da comunidade, e a partir destes eventos, sempre serão abordados pela polícia.

Nas análises de Kant de Lima (1989, p.66), a polícia exerce uma ação de caráter inquisitório transmitido e reproduzido nas práticas policiais. Ações que produzem e reproduzem verdades que influenciam diretamente o seio comunitário, ou seja, de maneira “não oficial”, a polícia efetua punições aos indivíduos, passando a sensação de que os abordados são possíveis transgressores da ordem.

Já para Andrade (1997, p.1), a expressão “fundada suspeita” é vaga e subjetiva, e abre um leque enorme de conflitos existentes sobre o alcance da ação, ou seja, a suspeição policial é um terreno fértil para interpretações, subjetivas, estereotipadas, estigmatizadas, preconceituosas e racistas.

A PM do Amapá através do P.O.P. (Procedimento Operacional Padrão), esclarece que o policiamento ostensivo é uma modalidade de polícia de manutenção da ordem pública, exclusivo da Polícia Militar: “O policial militar, no geral, deve possuir uma só tendência e um só esforço, *apreservação da vida*. Assim, as normas entendidas como regra, preceito, modelo, lei, disposição legal não pode ser modificada pela vontade particular” (Cf. GOVERNO DO ESTADO AMAPÁ, POP/0018, 2008).

É importante ressaltar também, que a abordagem policial conflita com o artigo 5º, X da Constituição Federal que dispõem: “São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (C.F., 1988). Esse conflito questiona ainda mais qual o verdadeiro sentido da “preservação da vida” segundo o P.O.P.

Para Cardoso de Oliveira (2008, p.137), a agressão moral é sempre um ataque contra a dignidade da vida, um desrespeito a direitos que requerem respaldo institucional, é um processo de desvalorização da identidade do indivíduo. Por outro lado, a dimensão moral das abordagens é totalmente descartada de qualquer tipo de avaliação.

De modo geral, o que parece, é que a violência moral não é captada pela linguagem do direito, ou seja, as relações entre as pessoas são pensadas como relações entre coisas sem qualquer dimensão moral. A princípio a abordagem policial apresenta-se como uma forma de violência moral produzida pela polícia militar.

O P.O.P., a partir de suas diretrizes estabelece quatro níveis de abordagens, que variam de acordo com o grau de suspeição do policial. Entre esses níveis, de modo oficial alguns podem apresentar ações legais que venham a constranger os abordados.

**1) Abordagem nível (1)** – é um tipo de abordagem realizada a partir de ações mais cautelosas. “O policial deve realizá-la de uma forma bem simples, sem qualquer tipo de constrangimento” (POP/0018, 2008). Segundo o entrevistado, “é uma abordagem que visa apenas à orientação, sem qualquer tipo de contato físico, em muitos casos visa apenas à verificação de documentos” (POLICIAL, 2014). Para esse tipo de abordagem e dos demais, é importante ressaltar que a suspeição policial já acontece, dependendo em larga medida da subjetividade do policial, ou seja, toda e qualquer ação de abordagem independente do nível é motivado pela suspeição do policial.

**2) Abordagem nível (2)** – É a abordagem realizada que permite o contato físico entre o policial e o suspeito. “Neste nível já é realizado a busca pessoal, a abordagem é aplicada com o mínimo de constrangimento (POLICIAL, 2014). Recomenda-se para esse tipo, que o policial deve empunhar sua arma na posição “pronto baixa<sup>284</sup>” (POP/0018, 2008).

**3) Abordagem nível (3)** – “É aquela realizada quando há ‘grande suspeição’, onde os indícios são fortes” (POP/0018, 2008). “Nesse nível o constrangimento aos abordados será relativamente desconsiderado, em razão da possibilidade iminente de reação deles” (POLICIAL, 2014). Para esse nível, os policiais atuam de forma constringedora apenas porque acreditam que os suspeitos poderão reagir à ação do policial, uma ação extremamente subjetiva.

**4) Abordagem nível (4)** – “É aquela realizada quando os abordados são encontrados na flagrância do delito, ou logo após, com objetos ou condutas que façam presumir serem eles os autores do fato delituoso” (POP/0018, 2008). “Nesse nível é permitido o constrangimento, os abordados devem ser colocados sempre em posição horizontal ao solo” (POLICIAL, 2014).

Sobre os quatro níveis de abordagem que foram citados no texto, quando confrontadas com as entrevistas realizadas com os moradores da Baixada do Ambrósio, são perceptíveis que há uma enorme contradição entre o que diz cada nível no P.O.P., e de como os policiais aplicam nas abordagens.

---

<sup>284</sup>Durante a abordagem o policial deve permanecer com a arma empunhada para baixo apontando-a durante toda a ação para o solo.

Durante as entrevistas, percebi que na fala dos moradores estava muito presente o fato da polícia militar utilizar quase que majoritariamente a abordagem de nível (3) dentro da comunidade. Para os moradores, essas abordagens acontecem sempre com indivíduos que já estão sob vigilância dos policiais, ou seja, indivíduos que supostamente podem vir a cometer atos delituosos. Os chamados “velhos conhecidos da polícia” (MORADOR, Comerciante, 2014). Sobre a abordagem de nível (4) os moradores afirmam que essas ações acontecem principalmente quando há indícios de assaltos nas pontes ou em abordagens no horário da madrugada.

Um dado interessante é que a abordagem de nível (1) que apresenta o menor nível de truculência estabelecido pelo P.O.P., não foi apontado pelos moradores como um dos mais utilizados nas atividades policiais. Essa informação nos permite refletir que para a polícia, as abordagens devem acontecer sempre com certo nível de constrangimento.

Assim como para os moradores, nas entrevistas com os policiais da U.P.C., constatei que a abordagem de nível (3) é a mais utilizada em suas ações dentro do bairro. Para os policiais, esse nível é justificado porque acontece sempre com indivíduos que a polícia já conhece, ou seja, indivíduos marcados pela reincidência de práticas criminosas e que são sempre abordados, ainda que não estejam sobre os quesitos da fundada suspeita. Constata-se que essas abordagens, já tem um público específico e é predeterminado aos sujeitos que já tem passagem pela polícia, reforçando ainda mais a marca de bandido nos suspeitos.

Ainda para os policiais, a abordagem nível (4) é justificada, “pois são realizadas sempre nas madrugadas quando o perigo é iminente e não dá para identificar se o indivíduo é ou não um morador do bairro” (POLICIAL, 2014). Na fala do policial, percebe-se que sua ação é sistemática e não aleatória, ou seja, para esse nível existe um público alvo, e é pautado sempre na figura do outro, seja porque o indivíduo não é morador da Baixada do Ambrósio, ou seja, porque ele esteja circulando no bairro durante a madrugada.

Já para a abordagem nível (1), quando perguntado aos policiais não apresentou nenhuma ocorrência durante o trabalho de campo. A justificativa está no fato, segundo os policiais, que esse tipo de abordagem é mais comum com indivíduos que não são moradores do bairro e estejam transitando durante o dia nas passarelas, ou geralmente essa abordagem acontece em bairros onde “os indivíduos apresentam um poder aquisitivo maior, não há necessidade de força policial” (POLICIAL, 2014).

Sobre os níveis de abordagem utilizados na atividade policial constata-se que há uma divisão estabelecida a partir de indivíduos e lugares. Os indivíduos marcados por signos criminais estão mais sujeitos em receber abordagens dos níveis (4) e (3). Indivíduos que moram em bairros mais privilegiados são sempre abordados com mais cautela, ou seja, abordagens de nível (1). Assim, esses níveis de abordagens não são aleatórios, e nem dependem tão somente da fundada suspeita, mas são ativados por signos que marcam indivíduos e lugares sob a lógica da polícia.

Quando a polícia escolhe o suspeito, ela baseia-se na concepção mais simples do desvio, que é a quebra da regra do consenso estabelecido pelo grupo dominante, ou seja, tudo que varia excessivamente da regra do grupo é traduzido socialmente como uma ação desviante.

Conforme Howard Becker (2008, p.30) “o desvio é criado pelas relações de pessoas a tipos particulares de comportamentos, pela rotulação desse comportamento como desviante”. O autor considera o desvio “como o produto de uma transação efetuada entre um grupo social e um indivíduo que, aos olhos do grupo, transgrediu uma norma” (BECKER, 2008, p.22). Por outro lado, o desviante é aquele a quem esse “rótulo” foi aplicado com sucesso.

Na lógica policial, os indivíduos que fogem aos padrões de ações “normais” de conduta social, são tratados como transgressores das regras vigentes, portanto, um desviante. Neste contexto da suspeição, o comportamento desviante é aquele que a polícia rotulou como tal.

### **Considerações Finais**

A atuação da polícia, em nível nacional vem ganhando bastante espaço nas pesquisas realizadas por nós cientistas sociais, ainda que de forma incipiente, muitos trabalhos colocam em xeque a atividade ostensiva que a polícia vem realizando nas ruas de nosso país. No Estado do Amapá, as pesquisas são ainda mais tímidas, ou praticamente inexistem. Portanto, esse estudo abordou apenas um pequeno recorte da problemática da atividade ostensiva realizada pela polícia militar do Amapá.

A partir do trabalho realizado, pode-se entender que as abordagens policiais que visam à busca pessoal, e são praticadas na Baixada do Ambrósio não são aleatórias, é através do policial a escolha do suspeito, e é ele que determina quem é, ou não um “criminoso”, uma seleção que é seletiva e sistemática. O que produz indivíduos sob suspeição ou criminalizados cujas identidades são construídas a partir de estereótipos e preconceitos.



Por outro lado, conseqüentemente, a fundada suspeita é um mecanismo ativado por signos culturalmente acumulativos, que vem das raízes das policiais imperiais e das academias de polícia e são introduzidas aos cursos de formação de soldados.

Contudo, há uma função não declarada oficialmente nas abordagens. O “nível (1)”, não é utilizado no bairro, haja vista que esse tipo de nível requer uma abordagem apenas pautada no diálogo, sem qualquer tipo de contato físico com o suspeito. Segundo os policiais, esse nível é mais frequentes nos bairros de classe alta da cidade, o que reforça por parte dos policiais a associação automática entre pobreza e crime.

Já as abordagens “nível (4)”, que exige certa agressividade e constrangimento ao suspeito (segundo o P.O.P.), são usadas frequentemente nas ações dentro do bairro. Segundo os policiais, esse tipo de nível é comum, por conta que os indivíduos que recebem as ações, já são “velhos conhecidos da polícia”.

Portanto, pode-se falar que as abordagens policiais são sistemáticas, partem de uma seleção pré-definida: os suspeitos são marcados principalmente quando os indivíduos são conhecidos por ilícitos cometidos dentro do bairro, estes são sempre abordados, ainda que o “suspeito” não apresente elementos que fundamente a suspeição policial.

Por outro lado, vê-se a manutenção das ideias da criminologia positivista, inspiradas por Cesare Lombroso (1871) e Enrico Ferri (1914) do século XIX. De fato, a polícia militar seleciona o suspeito através de marcas biológicas ou marcas sociais, ou ainda seleciona a partir de filtros sociais que são acumulados pelas relações cotidianas.

A pesquisa, enfim, analisou um fenômeno complexo que envolve múltiplos sujeitos. A fundada suspeita emerge, sem dúvida, como uma problemática que deve ser colocada em evidência. Ao concluir o trabalho, julgo ser necessário evidenciar que ele não se esgota nas incursões estabelecidas aqui. É preciso ter clareza que novas pesquisas sejam realizadas sobre tema.

## **Referências**

ALVAREZ, Marcos Cesar. **A criminologia no Brasil ou como tratar desigualmente os desiguais**. DADOS Revista de ciências sociais, v.45, n.4, p.677-704, 2002.

ANDRADE, Daniel Nazareno de. **A formação da fundada suspeita na atividade policial e os desafios da segurança pública no estado democrático de direito**. Curitiba/PR, [Trabalho de Conclusão de Curso], UNIBRASIL, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na Cidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Código de Processo Penal**. Artigo 244. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei)>. Acesso em: 20/11/2014.

FERRI, Enrico. **Sociologia Criminal**. Versión española por Antonio Soto y Hernández. Tomo I. Calle de San Bernardo, México: Centro editorial de Góngora, 2004.

FILHO, Edilson; CONTENTE, Paulo; FERREIRA, Tatiane. **Aspectos sócio-ambientais no bairro Área Portuária do Município de Santana-AP**. Macapá, [Trabalho de Conclusão de Curso], UNIFAP, 2009.

GOVERNO DO ESTADO AMAPÁ. **Procedimento Operacional Padrão**. POP-0018/2008, Macapá: Polícia Militar, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, (2010). Aglomerados subnormais – CENSO/2010 » Baixada do Ambrósio » **Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais**. Amapá. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd\\_2010\\_aglomerados\\_subnormais.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf)> Acesso em 25/10/2013.

KANT DE LIMA, Roberto. **A tradição inquisitorial**. RBCS. Brasília, n. 10, p.65-84, 1989.

LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**. Tradução de Sebastião José Roque. 1ª reimpressão. Col. Fundamentos do Direito. São Paulo: Editora Ícone, 2007.

MEZZOMO, Sócrates Ragnini. **O sofrimento psíquico dos expurgados da Brigada Militar no período da repressão: 1964-1984**. Passo Fundo, [Dissertação de Mestrado em História], IFCH, 2005.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, [Tese de Doutorado em Sociologia], IUPERJ, 1999.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Código de Processo Penal Comentado**. São Paulo: RT, 2007.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. **Existe violência sem agressão moral?**. RBCS, Brasília, n. 23, p.135-193, 2008.

RAMOS, Silvia; MUSUMECI, Leonarda. **Elemento suspeito: abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro**. Centro de estudos de segurança e cidadania. Rio de Janeiro, ano 03, n.08, Rio, p.1-16, dezembro de 2004.

RAUTER, Cristina. **Criminologia e subjetividade no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

RIBEIRO, Lucas Cabral. **História das polícias militares no Brasil e da Brigada Militar no Rio Grande do Sul**. Trabalho apresentado no XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH. Anais ANPUH, São Paulo, julho de 2011. Disponível em: [http://snh2011.anpuh.org/.../1313022007\\_ARQUIVO\\_textoANPUH.pdf](http://snh2011.anpuh.org/.../1313022007_ARQUIVO_textoANPUH.pdf)>. Acesso em 19/10/2015.

ROSEMBERG, André; BRETAS, Marcos Luiz. **A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas**. Topoi, v. 14, n. 26, p.162-173, jan./jul., 2013.

## **O Grupo Tortura Nunca Mais/RJ: um olhar etnográfico**

Lívia de Barros Salgado, liviabsalgado@hotmail.com, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Victória Gra-  
bois, vlavinia@terra.com.br, Grupo Tortura Nunca Mais/RJ.

O *Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro* (GTNM/RJ), foi fundado em 1985, por iniciativa de familiares de mortos e desaparecidos políticos, militantes e ex-presos políticos que viveram situações de clandestinidade, tortura e prisão durante a ditadura civil-militar. Desta maneira, assumiu compromisso na luta contra as violações dos direitos humanos; pelo esclarecimento das circunstâncias de morte e desaparecimento de militantes políticos. Embora tenha como objetivo esclarecer as questões referentes ao período ditatorial, o GTNM/RJ se coloca contrário ao modo como *Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro* (CEV-Rio) atua. Criada como subsidiária da *Comissão Nacional da Verdade* (CNV) - cujo objetivo é esclarecer as violações de direitos humanos praticadas no período e efetivar o direito à memória e à verdade histórica -, a CEV-Rio tem organizado inúmeros eventos, entre eles uma *Audiência Pública* sobre o caso Mário Alves. Diante do exposto, a proposta é analisar o histórico de luta do GTNM/RJ, demonstrando o modo como atua no cenário político. Além disso, pretende-se, a partir do trabalho de campo, analisar as críticas que o Grupo faz à CEV-Rio, sobretudo as que foram expressas de forma pública na *Audiência* em questão.

### **Introdução**

O *Grupo Tortura Nunca Mais, do Rio de Janeiro*, foi fundado em 1985 por iniciativa de ex-presos políticos que viveram situações de tortura durante o regime militar e por familiares de mortos e desaparecidos políticos e, dessa forma, tornou-se uma referência importante no cenário nacional.<sup>285</sup> Os militantes se uniram, a princípio, quando Walter Jacarandá, um torturador da época, foi indicado para comandante do Corpo de Bombeiros. Alguns o reconheceram e as denúncias sobre o seu passado envolvido com a repressão cresceram. A partir desse caso, outros torturadores foram reconhecidos dentro do aparelho de Estado, como o major da Polícia Militar, Riscala Cor-

---

<sup>285</sup> Após o surgimento do GTNM do Rio de Janeiro, outros cinco foram fundados pelo país, em Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco, Bahia e Paraná.

baje e o coronel José Halfed Filho, secretário de Estado e membro do *Conselho Estadual de Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos* (CEJSPDH), foi acusado de ser agente do *Departamento de Ordem Política e Social* (Dops) e de ter encaminhado presos políticos ao *Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna* (DOI-Codi), na Barão de Mesquita. A partir desse caso, familiares de mortos e desaparecidos e ex-presos políticos fizeram um abaixo-assinado, exigindo que o Coronel fosse afastado do cargo.<sup>286</sup> Desde então, o Grupo passou a atuar na busca por esclarecimentos a respeito do regime. .

Embora as *Comissões da Verdade* tenham como objetivo esclarecer as questões referentes ao período ditatorial, o GTNM/RJ se coloca contrário ao modo como elas funcionam, desde a criação da CNV, através da Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011<sup>287</sup>. Uma das críticas do Grupo diz respeito as *Audiências Públicas e Testemunhos da Verdade* organizados pelas *Comissão*. Desde 2012, são realizados eventos colhendo depoimentos daqueles que sofreram as violências cometidas pelo Estado brasileiro durante da ditadura civil-militar. O trabalho se dá juntamente com as *Comissões Estaduais*, tendo as *Audiências* relação com os fatos ocorridos dentro do Estado em questão. As *Audiências* podem ser temáticas, como a que foi realizada no dia 14 de agosto de 2013, no Rio de Janeiro, em relação ao caso Mário Alves – importante líder do Partido Comunista Revolucionário Brasileiro (PCBR) -, que contou com o testemunho de ex-presos políticos, os quais tinham alguma relação com Mário Alves e também contaria com o interrogatório de quatro agentes do Estado que estiveram diretamente envolvidos com a sua morte.

Diante dessas primeiras observações, a proposta é analisar o histórico de luta do GTNM/RJ, demonstrando o modo como atua no cenário político. Além disso, a partir do trabalho de campo realizado na *Audiência Pública* sobre Mário Alves, pretende-se analisar as críticas que o Grupo faz à CEV-Rio, sobretudo as que foram expressas de forma pública na *Audiência* em questão.

---

<sup>286</sup> Segue o abaixo-assinado: "AO CONSELHO DE JUSTIÇA, SEGURANÇA PÚBLICA E DIREITOS HUMANOS: Nós, diretamente atingidos pela repressão política e pela tortura, na década de 70, e demais pessoas e entidades que lutam pela defesa dos Direitos Humanos, vimos protestar contra a presença do coronel José Halfed Filho, do Corpo de Bombeiros, neste Conselho, até que esteja devidamente esclarecida a sua participação, ou não, no esquema repressivo. Consideramos indispensável a abertura de processo que esclareça os fatos. Expressamos ainda nossa solidariedade ao advogado Modesto da Silveira – membro do Conselho e incansável defensor dos Direitos Humanos – que exige a não participação do coronel José Halfed Filho nas reuniões do CJSPDH até que as denúncias sejam apuradas. Solicitamos que o Conselho rediscuta o assunto em pauta e tome as decisões acima mencionadas. (seguem-se as assinaturas)." Cf. ELOYSA, Branca (org). I seminário do Grupo Tortura Nunca Mais - Depoimentos e debates. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p. 18.

<sup>287</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/lei/112528.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112528.htm)

## **O Grupo Tortura Nunca Mais/RJ e a luta pela “memória, verdade e justiça”**

Após o episódio de denúncia do Jacarandá, os ex-presos políticos e familiares de mortos e desaparecidos voltaram a se reunir para debater sobre o posicionamento dos órgãos oficiais de Estado diante das acusações. Feito isso, concluíram, entre outras coisas, que existia uma tentativa de se manter o silêncio sobre as situações de tortura, morte e desaparecimento, e que para mudar essa conjuntura seria necessária a "criação de um instrumento que possa lutar para manter viva a memória nacional, e assim alcançar o objetivo principal: justiça." (ELOYSA, 1987: p. 19).

Foi criado, então, em setembro de 1985, o GTNM/RJ, cujo objetivo é denunciar e esclarecer todos os crimes contra a pessoa humana, lutando contra a impunidade. O Grupo assumiu um compromisso na luta pelos direitos humanos e pelo esclarecimento das circunstâncias de morte e desaparecimento de militantes políticos. Ademais, como se encontra na apresentação no próprio *site* do Grupo<sup>288</sup>, busca-se resgatar a memória histórica, defende o afastamento imediato de pessoas envolvidas com a tortura de cargos públicos, visando, sobretudo, a formação de uma consciência ética, convicto de que estas são condições indispensáveis na luta hoje contra a impunidade e pela justiça.

Várias conquistas, ao longo destes mais de 28 anos de GTNM/RJ, foram alcançadas com denúncias e ações políticas junto aos órgãos do Estado, a outras entidades e à sociedade em geral. O caso mais conhecido de denúncia de torturador que levou a perda do registro profissional foi o do psicanalista Amilcar Lobo, em 1988. O mesmo auxiliava nas sessões de tortura. Além dele, muitos outros médicos foram impedidos de exercer suas atividades profissionais, conforme determinações dos Conselhos de Medicina, por terem emitido laudos falsos colaborando com as práticas de tortura durante a ditadura.

Já no início da década de 1990, o *Tortura Nunca Mais/RJ* esteve envolvido nas pesquisas que levaram a descoberta de três cemitérios no Rio de Janeiro que, no final dos anos 1960 e durante os anos 1970, receberam mortos enterrados como indigentes, em Ricardo Albuquerque, Cacua e Santa Cruz. Como iniciativa, o GTNM/RJ propôs a construção de um memorial no local onde

---

<sup>288</sup> Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/quem-somos/>

havia uma vala com as ossadas de 14 militantes, misturadas com os restos mortais de cerca de 2.000 indigentes, no Cemitério de Ricardo de Albuquerque.

Em 1991, foi aberta a Vala de Perus, no Cemitério D. Bosco, em São Paulo, onde foram encontradas 1049 ossadas de indigentes atingidos pelo Esquadrão da Morte e pelo terrorismo de Estado. O Departamento de Medicina Legal da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) identificou as ossadas de três opositores do regime e as famílias puderam enterrar seus restos mortais. Entretanto, as ossadas de seis militantes que constavam do registro do cemitério não foram reconhecidas e não puderam ser enterradas. As outras, condicionadas em sacos plásticos, ficaram até o final de 2000, em lugar não apropriado. Com a mobilização da Comissão de Familiares de São Paulo e do GTNM/RJ, as ossadas foram transferidas para cemitérios da capital e para o Instituto Médico Legal (IML)/SP, dando continuação ao trabalho de reconhecimento. Durante dois anos foram identificados na vala comum somente dois desaparecidos. O trabalho foi demorado, pois o responsável técnico pelas investigações, Dr. Baldan Palhares, ora alegava falta de recursos, ora não facilitava informações aos familiares, levando a interrupção dos trabalhos, apesar dos esforços dos familiares e pressões dos movimentos de direitos humanos. Destaca-se o caso de Flávio Molina: seus irmãos, na busca pelo reconhecimento dos restos mortais – localizados no IML/SP – recorreram a 16 laboratórios, nacionais e internacionais, e somente em 2005 conseguiram identificar e enterrar seus ossos, no Cemitério São João Batista/RJ.

A partir da abertura da Vala de Perus – um marco na luta pelo resgate dos mortos e desaparecidos políticos – os familiares passaram a reivindicar de maneira mais incisiva o acesso aos arquivos da ditadura. Os arquivos do DOPS do Rio de Janeiro, que se encontrava em poder da Polícia Federal foram entregues ao governo do estado em agosto de 1992, e logo foi permitida a pesquisa ao GTNM/RJ. O governo do estado de São Paulo seguiu esse exemplo em 1994, quando 10 representantes dos familiares iniciaram as pesquisas nos arquivos. Nos estados do Paraná e Pernambuco os governadores também disponibilizaram os arquivos às famílias. O GTNM/RJ estudou e cotejou tais documentos oficiais, comparando-os com as informações que possuía acumuladas ao longo de vários anos de pesquisas sobre os mortos e desaparecidos políticos.

O Grupo ainda se faz presente como copeticionário - junto ao *Centro Pela Justiça e o Direito Internacional* (Cejiil) e da *Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos* - na Sentença do

Araguaia<sup>289</sup>. Ainda durante o período da ditadura militar, foi ajuizada uma ação de responsabilidade da União perante a Justiça Federal, no Distrito Federal, na qual 22 famílias de desaparecidos políticos na Guerrilha do Araguaia<sup>290</sup> solicitavam o esclarecimento das circunstâncias das mortes, bem como a localização dos restos mortais e os respectivos atestados de óbitos daqueles militantes.

Em razão da morosidade para obter uma decisão do Judiciário, em 1995, os familiares enviaram uma petição à *Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos* (OEA) contra a República Federativa do Brasil, solicitando informações da localização dos restos mortais e as circunstâncias dos desaparecidos da Guerrilha do Araguaia.

Foi reconhecida, então, a responsabilidade do Estado brasileiro na detenção arbitrária, tortura e desaparecimento forçado de 70 pessoas durante as operações para destruir a Guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 1975. Ademais, foi apontado que a Lei de Anistia ao ser aplicada aos agentes, viola a *Convenção Americana sobre Direitos Humanos*, uma vez que impede a investigação de fato e o julgamento dos responsáveis. Ao fim, o país dispunha do prazo de dois meses para cumprir as determinações. Após prorrogar o prazo até março de 2009, diante da falta de implementação das recomendações, o caso foi levado até a *Corte Interamericana de Direitos Humanos* (CIDH).

Em 2010, a CIDH declarou que a Lei de Anistia, de 1979, configura uma autoanistia para os agentes do regime, funcionando ainda como um mecanismo que permite a impunidade das violações de direitos humanos ocorridas, as quais não são passíveis de anistia. Nesse sentido, a Lei é

---

<sup>289</sup> COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. CASO GOMES LUND E OUTROS (“GUERRILHA DO ARAGUAIA”) VS. BRASIL. SENTENÇA DE 24 DE NOVEMBRO DE 2010. Disponível em: [http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec\\_219\\_por.pdf](http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf), acessado em 03 de outubro de 2014.

<sup>290</sup> No decorrer do ano de 1966, membros do Partido Comunista do Brasil buscaram áreas afastadas dos grandes centros urbanos para organizar um grupo de resistência à ditadura, e escolheram a região conhecida como Bico do Papagaio, próxima ao rio Araguaia, sul do Pará. Instalados na região, passaram a viver como camponeses, ofereciam orientações de saúde familiar, faziam partos, atendimentos odontológicos. A partir dessa entrada na comunidade, começaram a ser aceitos e reconhecidos como iguais. A estimativa é de que, até abril de 1972, o grupo contava com 90 membros, entre eles militantes e camponeses da própria região. A maior parte dos integrantes do movimento vinha da classe média e do movimento estudantil, tendo sido obrigados a abandonar o curso em função da perseguição ou estando recém-formados. Entre os anos de 1972 e 1975, sob o regime ditatorial, as Forças Armadas realizaram uma série de operações militares na região sul do estado do Pará, divisa com os estados do Maranhão e Tocantins, cujo objetivo era exterminar a Guerrilha do Araguaia. Durante as operações, os agentes públicos e seus cúmplices foram autores de graves violações dos direitos humanos – como detenções ilegais e arbitrárias, torturas, execuções sumárias e desaparecimentos forçados – os quais estavam inseridas em um padrão sistemático e generalizado de repressão política contra opositores ao regime e também contra a população civil. In.: KRSTICEVIC, AFFONSO (2011).



ilegal e não tem qualquer efeito sobre caso em análise. Além disso, no que se refere a decisão do STF, na qual foi confirmada a interpretação anterior da Lei de Anistia, a *Corte* afirmou que ela desconsidera as obrigações do Direito Internacional que o Brasil propôs corroborar (TERRA, 2012).

Ainda no que se refere à Sentença, foi considerada fundamental a criação de uma comissão da verdade, capaz de cumprir com as prerrogativas internacionais. De fato, desde de 2009, já existia uma proposta de criação no Plano Nacional dos Direitos Humanos (PNDH-3). No entanto, a *Corte* considerou problemático, entre outros aspectos, o fato dos membros da comissão serem escolhidos pelo Presidente da República, sem que a opinião pública fosse consultada, além de permitir a participação de militares como membros.

Na linha de valorização das experiências de luta, o Grupo tem sensibilizado governos e comunidades ao homenagear pessoas mortas sob tortura e desaparecidos políticos através da inauguração de ruas e escolas públicas com seus nomes. Além disso, promove anualmente, há mais de 20 anos, a cerimônia de entrega da *Medalha Chico Mendes de Resistência*, homenageando pessoas e entidades que se destacaram na luta em prol dos direitos humanos no Brasil e no exterior.

A *Medalha Chico Mendes* surgiu em 1989, em resposta ao ato dos militares em 31 de março do ano anterior, no qual antigos torturadores foram homenageados com a Medalha do Pacificador, uma importante condecoração militar. O evento ocorreu no quartel da Polícia do Exército do Rio de Janeiro, onde funcionava o antigo Doi-Codi/RJ, conhecido centro de torturas. O *Grupo Tortura Nunca Mais/RJ*, então, passou a organizar anualmente um evento no dia 1º de abril para homenagear mortos e desaparecidos, além de pessoas ou entidades comprometidas com a luta pelos direitos humanos (FERRAZ, 2007). A ideia do nome surgiu também como uma homenagem a Chico Mendes - importante ativista das lutas populares no campo, assassinado em dezembro de 1988. A cada ano, são escolhidas 10 pessoas ou entidades para receber a homenagem, por meio de votação organizada na sede do Grupo com as outras entidades colaboradoras<sup>291</sup>.

---

<sup>291</sup> As entidades que auxiliam o GTNM/RJ na organização do evento e escolha dos homenageados são: Associação Brasileira de Imprensa, Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos, Centro de Defesa de Direitos Humanos de Petrópolis, o Comitê Chico Mendes, o Conselho Regional de Psicologia/RJ, Instituto de Defensores de Direitos Humanos, Justiça Global, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Organização Comunista Arma da Crítica, Partido Comunista Brasileiro e Rede de Comunidades e Movimentos Contra Violência. Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chico-mendes/homenageados-2013/>

## A origem da Comissão da verdade e suas formas de atuação

As reivindicações do GTNM/RJ, portanto, acontecem desde o fim do regime. Contudo, trata-se de uma entidade do movimento social, que não tem nenhuma relação com o governo. A busca por esclarecimentos por parte do Estado é bem mais tardia. Somente no governo de Fernando Henrique Cardoso foram elaboradas e aprovadas as Leis 9.140 e 10.559. Por meio da primeira, o Estado passou a reconhecer sua responsabilidade nos crimes cometidos durante o regime. Ao mesmo tempo, ainda foi criada uma *Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos* (CEMDP) para atender as demandas dos familiares (MEZAROBBA, 2007). A segunda resultou na criação da *Comissão de Anistia*, também no Ministério Público, destinada a promover as reparações, econômica, social e simbólica (MEZAROBBA, 2010).

Embora avanços fossem notados, a *Comissão da Verdade* não aparecia como possibilidade. É preciso ressaltar que, no que se refere ao processo de Justiça de Transição, é fundamental que seja instaurada uma comissão da verdade na passagem de um regime autoritário para um dotado de princípios e valores democráticos. O caso brasileiro é particular justamente por ter sido tardio (DIAS, 2013). A ideia de construir uma *Comissão Nacional da Verdade* que garantisse o direito à memória e à verdade surgiu pela primeira vez no Plano Nacional de Direitos Humanos III (PNDH-3), em 2009 (SCHINCARIOL, 2011). Contudo, somente em 2011 foi editada a lei que deu origem a CNV. Segundo o *Tortura Nunca Mais/RJ*, foi a condenação do Brasil pela *Corte Interamericana de Direitos Humanos*, da OEA que acelerou o processo, uma vez que o Estado foi punido por não ter localizado os corpos dos guerrilheiros do Araguaia e tampouco puniu os militares responsáveis pelo desaparecimento.

Entre o ano do PNDH-3 e da Lei, muitos foram os debates e disputas em torno da proposta de criação da *Comissão*. Os familiares de mortos e desaparecidos e os movimentos de direitos humanos, de modo geral, não corroboram o processo de culminou na instituição da CNV. Os mesmos defenderam a instauração de uma *Comissão da Verdade e Justiça* (DIAS, 2013). Nessa perspectiva, seria importante que a mesma funcionasse como um instrumento capaz de apurar os crimes da ditadura e processasse aqueles que cometeram os crimes contra os direitos humanos.

A partir da CNV surgiram inúmeras comissões da verdade espalhadas pelo país. No caso do Rio de Janeiro, a *Comissão Estadual* segue o mesmo modelo da *Nacional* e, portanto, sofre as mesmas críticas. Entre seus objetivos estão: esclarecer os fatos e as circunstâncias dos casos de

graves violações de direitos humanos; elucidar os casos de torturas, mortes, desaparecimentos forçados, ocultação de cadáveres e sua autoria; tornar pública as estruturas de funcionamento da ditadura; promover a reconstrução da história do período; dar assistência às vítimas.

No que se refere a composição da *Comissão Estadual*, ela é composta por sete membros designados pela presidência da República, a partir de critérios, como demonstra o Art. 2º da Lei, como "idoneidade e conduta ética", "defesa da democracia" e "respeito aos direitos humanos", além de 10 assessores. Entre os membros da *Comissão* encontram-se advogados, professores universitários e militantes do período da ditadura. Desde julho de 2014, Nadine Borges assumiu o lugar de Wadih Damous - que precisou se licenciar do cargo em virtude da candidatura política - na presidência da CEV-Rio.

Uma das formas de trabalho são as *Audiências Públicas e Testemunhos da Verdade*, que costumam ocorrer de maneira conjunta com a CNV, tendo os fatos ocorridos no Estado em questão. Segundo relatório parcial divulgado em junho de 2014 pela CEV-Rio, foram coletados no estado 210 depoimentos, sendo 75 de maneira pública. O sigilo é priorizado quando relevante para o alcance de seus objetivos finais. Ainda de acordo com o relatório, seja de forma pública ou reservada, tais depoimentos contribuem para elucidar as circunstâncias das graves violações de direitos humanos.

Além de ser uma forma de obter mais informações sobre o período do regime, as *Audiências e Testemunhos* são um modo de divulgar o trabalho da própria *Comissão*, mobilizar e sensibilizar a sociedade para a temática. Trata-se, portanto, de um instrumento capaz de dar voz àqueles que sofreram com a violência, além de exercer uma função "político-pedagógica" de levar essas histórias ao conhecimento de todos, sobretudo das novas gerações. Em função disso, os *Testemunhos* se tornaram uma das principais atividades da Comissão. Segundo consta no relatório,

A realização dos *Testemunhos da Verdade* é uma das formas de reparação aos atingidos pelas violações do Estado, pois, além de, relatar as experiências pessoais, reconstrói a memória coletiva, associando a singularidade dessas experiências com a narrativa compartilhada socialmente. Por isso, a reparação se dá ao criar uma situação em que o relato é feito publicamente e divulgado nos meios de comunicação (COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE DO RIO DE JANEIRO, 2014: 12).

## **Uma breve etnografia da ALERJ**

No dia 14 de agosto de 2013, às 10h da manhã, ocorreu, na [Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro](#) (ALERJ), a *Audiência Pública* da *Comissão Estadual da Verdade* sobre o caso do líder do PCBR, Mário Alves, o primeiro resultado de processo que reconheceu na justiça a responsabilidade da União no sequestro, tortura, morte e ocultação do cadáver de um desaparecido político. Tal evento contou com o depoimento de seis ex-presos políticos, os quais também estiveram presos e foram torturados nas dependências do DOI-Codi, mesmo lugar em que Mário Alves foi morto pelos agentes do Estado, em 1970.

Além disso, a *Audiência* também contaria com a participação de quatro agentes do Estado diretamente envolvidos com a prisão e morte do líder comunista. Contudo, somente o ex-major do Corpo de Bombeiros, conhecido como Jacarandá, compareceu. Os outros três convocados – os ex-tenentes do Exército Dulene Garcez, Luiz Mário Correia Lima e Roberto Duque Estrada – não compareceram, apenas enviaram uma petição através de seu advogado, Rodrigo Rota, o qual alegou que os mesmos já haviam dado depoimentos em outras ocasiões e, portanto, não se sentiam na obrigação de comparecer.

Embora o *Tortura Nunca Mais/RJ* se coloca contra a forma como a *Comissão* funciona, o Grupo esteve presente nesse evento, sobretudo em função do depoimento da filha de Mario Alves, Lúcia Viera Caldas, que disse ser “uma eterna tortura relembrar o sumiço do meu pai”. Além de Lúcia, deram seus depoimentos os ex-presos políticos Álvaro Caldas, José Luís Saboya, José Carlos Tórtima, Maria Dalva Leite de Castro, Newton Leão Duarte e Paulo Sérgio Paranhos. Mesmo não sendo o objetivo desse trabalho analisar a fala dos depoentes, é interessante destacar o depoimento de José Luis Saboya, que ressaltou a importância do GTNM/RJ como ator político na luta contra os crimes cometidos pelo Estado, acrescentando que é difícil eliminar a tortura no Brasil, mas que eles vão conseguir. Tal fato evidencia o prestígio político do *Tortura Nunca Mais/RJ* que, mesmo sendo reconhecidamente uma oposição à *Comissão* e a seus trabalhos, como será demonstrado, está presente na fala daqueles que se colocam a disposição da *Comissão* e aparentam concordar com ela.

Todos os depoentes falaram sobre a necessidade de que a história do período seja esclarecida. Não se trata, como muito alegaram, de revanchismo, mas é preciso que a história seja contada e que os perpetradores sejam responsabilizados. Outro discurso que marcou bastante a fala dos

ex-presos foi a ideia de que a impunidade que marca o período da ditadura reflete a impunidade dos dias de hoje. Ao não punir os torturadores da época, é aberto um espaço para que aqueles que cometem violações hoje em dia também não sejam punidos por suas práticas. Foi a partir dessa argumentação que Maria Dalva, por exemplo, afirmou: "Ontem foi Mário Alves, hoje estão exterminando os jovens pobres da periferia. E resta uma pergunta: Cadê o Mário Alves? Cadê o Amarildo<sup>292</sup>?".

Muitos depoentes reconheceram a coragem de Jacarandá de ter comparecido ao evento, enquanto os outros teriam sido covardes por faltar a *Audiência*. Pediram ainda que o major contribuísse com tudo que sabia, pois, como argumentou Tórtima, "nunca é tarde para se reconciliar com a sociedade ultrajada pelas barbaridades que cometeu".

Após o depoimento dos ex-presos políticos, foi a vez do major Jacarandá ser interrogado por Wadih Damous – presidente da Comissão Estadual. No primeiro momento, o presidente comentou sobre a ausência dos outros convocados e reconheceu que a presença de Jacarandá na *Audiência* era um passo importante. Pediu que ele percebesse o momento político que se vive e contribuísse com informações para o funcionamento da *Comissão*

Durante a maior parte do interrogatório, Jacarandá evitou fornecer informações sobre os agentes que não compareceram, alegando que os viu no DOI, mas que não sabia qual era a função deles. Afirmou ainda que tudo que os depoentes falaram, de fato, ocorreu nas dependências do exército, mas se negou a falar em tortura durante a maior parte do tempo, falando apenas em “excessos”. Após insistência do presidente da *Comissão* em relação ao que eram os “excessos”, Jacarandá afirmou que “o excesso é a tortura e a tortura é o excesso”. Por fim, terminou o depoimento afirmando que "qualquer coisa que tivesse eu estaria aqui falando abertamente sem medo, pronto pra assumir qualquer, todas as minhas responsabilidades, não tenha dúvida disso. Não participei, nem vi o Mário Alves, não participei, não sei onde está, não sei quem levou o corpo. "

---

<sup>292</sup> O caso de Amarildo ganhou grande destaque nas redes sociais, por meio do questionamento "Cadê o Amarildo?". Pedreiro, morador da Rocinha, foi abordado por policiais que o levaram para averiguação. Desde então, nunca mais foi visto. O inquérito na Delegacia de Homicídios concluiu que os policiais envolvidos "ocultaram, de forma consciente e voluntária, o cadáver de Amarildo de Souza". Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chico-mendes/homenageados-2014/>, acessado em 03 de outubro de 2014.

## Impressões do GTNM/RJ e as críticas à Comissão

Desde a criação das comissões, o GTNM/RJ se coloca contrário a forma como elas funcionam. De acordo com Cecília Coimbra (2012) - uma das fundadoras e atual vice-presidente do Grupo - a maneira como a CNV foi pensada é bastante limitada. Em seu próprio Projeto de Lei, já estava determinada a margem de sua atuação, como poderes legais diminuídos, sem um orçamento próprio, duração de apenas dois anos e estabelecendo como foco de análise os anos entre 1946 a 1988, o que significa minimizar os anos da ditadura civil-militar, na medida em que descaracteriza as particularidades de 1964 a 1985. Ademais, a *Comissão* não tem o poder de enviar os casos analisados às autoridades para que haja a responsabilização dos criminosos. Por fim, o Projeto ainda determina que a publicização dos assuntos abordados dependa da própria vontade da *Comissão*. Desse modo, o sigilo continua, produzindo mais esquecimento sobre o período do terrorismo de Estado.

Ainda nessa direção, é feita a crítica também à *Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro*. A mesma foi criada a partir da Lei nº 6335, de 24 de outubro de 2012<sup>293</sup> e tem por finalidade acompanhar e subsidiar a CNV. Dessa forma, segue basicamente os mesmos moldes da *Nacional* e, conseqüentemente, tem as suas limitações.

Apesar das críticas, é consenso no grupo que o grande feito das Comissões tem sido trazer o debate a público. Sobre esse aspecto, Moraes e Castro (2012) afirmam que um novo ambiente político foi possibilitado por elas. Embora haja limitações, a partir delas surgiu um vácuo por meio do qual é possível ultrapassar os limites de atuação delas mesmas e ampliar as reivindicações para além do que elas propõem. Em função disso, as comissões vêm sofrendo pressões. Um exemplo está no fato do período de apuração ter sido alterado (MORAES, CASTRO, 2012). Como afirmou Cecília Coimbra, descaracterizava um período tal peculiar da história do país. Nessa perspectiva, não analisar de 1964 até 1985 tira a especificidade dos anos da ditadura e iguala o período que antecede o golpe ao que ocorreu durante o regime militar.

No que diz respeito ao evento aqui em questão – e os demais eventos da *Comissão* que funcionam na mesma dinâmica –, o Grupo se coloca contrário. A própria Cecília já teve oportunidade de dar seu depoimento, porém recusou, alegando que não quer teatralizar sua dor. Ela credi-

---

<sup>293</sup> Disponível em <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1033269/lei-6335-12>

ta que a *Comissão* utiliza a dor daqueles que sofreram com o terrorismo de Estado como forma de "mostrar serviço", sem que nenhum avanço em relação à responsabilização do Estado brasileiro ocorra de fato. Além disso, ela acrescenta que esses eventos públicos parecem festas e que, por isso, fazem muito mal a ela, uma vez que parecem banalizar o sofrimento dos companheiros.

Outra integrante do grupo defende que é preciso que o Estado dê uma resposta a partir desses eventos. Para ela, os companheiros estão dando os depoimentos – que já foram dados outras vezes – e o Estado precisa se posicionar em relação a eles. Entretanto, isso não acontece. É necessário que os torturadores sejam ouvidos, não se pode ficar preso só aos depoimentos dos militantes. A mesma acrescenta que é muita ingenuidade acreditar que a *Comissão* vá fazer algo diferente do que está sendo feito, uma vez que as pessoas responsáveis por seu funcionamento foram escolhidas para fazer exatamente o que estão fazendo. Para ela, ao possibilitar um espaço como esse para que os depoimentos sejam dados e os torturadores sejam ouvidos, a *Comissão* ilude as pessoas, pois não faz nada com os dados obtidos.

Como dito anteriormente, o evento foi organizado para que ex-presos políticos dessem seus depoimentos a respeito de sua própria militância e também sobre a morte de Mario Alves, e quatro militares foram convocados para esclarecer as circunstâncias da morte. Contudo, somente um se apresentou à *Comissão*. Sobre essas ausências, o Grupo foi contundente ao afirmar que é preciso que haja alguma forma de punição. Dessa forma, o *Tortura Nunca Mais/RJ* coloca-se contra ao Art. 5º § 2º da Lei que estabelece a *Comissão Estadual*, o qual afirma que “As atividades da Comissão não terão caráter jurisdicional ou persecutório.” Para uma integrante do grupo, o julgamento não é apenas uma questão judicial, é uma questão política. Existem questões implícitas que não permitem que haja julgamento de fato. Enquanto o Estado não assumir a responsabilidade sobre o que ocorreu na ditadura, nada será feito.

A postura do *Tortura Nunca Mais/RJ* a esse respeito ficou explícita durante o evento na ALERJ. Enquanto alguns dos companheiros transmitiam em suas falas a noção de reconciliação<sup>294</sup> – noção esta bastante criticada pelo Grupo – Victória (atual presidente do GTNM/RJ) puxou pala-

---

<sup>294</sup> Como está exposto no Art. 1º da LEI Nº 12.528, que prevê a criação da CNV, a mesma foi criada “a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional”. Na medida em que não defende que os fatos sejam levados à justiça, a *Comissão* promove a ideia de reconciliação, como se a divulgação dos fatos para a construção da memória fosse suficiente para resolver todas as demandas daqueles que sofreram com a violência do Estado. Nessa perspectiva, é preciso que haja responsabilização daqueles que violaram direitos humanos.

vras de ordem como “justiça” e grande parte do auditório acompanhou tal reivindicação. A respeito desse debate, vale mencionar que a crítica a não judicialização dos fatos é uma demanda do Grupo enquanto entidade, mas pessoalmente alguns integrantes se colocam contra. Cecília, por exemplo, alega que é contra qualquer tipo de punição. A mesma afirma que não quer "entrar no espírito de vingança, porque a vítima é produzida, (...) é aquela coitadinha, pobrezinha, que foi torturada, e que teve seus familiares torturados, então ela tem o direito à vingança. Eu acho que não é por aí."

Outra integrante afirmou em reunião que a penalização não acaba com a dor daqueles que perderam seus parentes. Segundo ela, não dá para equiparar os sentimentos. Dessa forma, a divulgação daqueles que cometeram crimes contra os direitos humanos já é uma punição. Os nomes precisam estar nos livros de história para as novas gerações. Nessa perspectiva, a punição é a vergonha. Não cabe ao Grupo, ela acredita, dizer qual tipo de punição deve ser dada. Para ela, a verdadeira reparação ocorrerá quando história seja contada.

Ainda nesse debate sobre a judicialização ou não dos fatos, Wadih Damous, no debate sobre a *Comissão da Verdade* realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 6 de maio de 2013, afirmou, ao ser questionado sobre a possibilidade de um torturador ser convocado e não comparecer, que a *Comissão* “não é feijoadada pra se receber convite”. Trata-se, na realidade, de uma convocação. Caso o convocado não compareça irá responder por crime de desobediência. No evento na ALERJ esse discurso se repetiu. Ao receber a petição do advogado dos torturadores que não compareceram ao interrogatório, o então presidente afirmou que não aceitava o documento. Disse que os torturadores poderiam ir e ficar em silêncio, mas tinham a obrigação de ir. Desse modo, afirmou que a convocação deles seria feita, a partir do ocorrido, de forma coercitiva. Nas palavras de Wadih,

*As Comissões da Verdade do Rio e a Comissão Nacional já deliberaram que diante da desobediência da convocação, nós designaremos uma nova data de depoimentos para ouvir os três agentes, que deverão comparecer mediante condução coercitiva, que será requerido para trazê-los obrigatoriamente a nossa presença e noticiaremos o Ministério Público para que adote providencias cabíveis, no sentido de processá-los por crimes de desobediência.*



Na semana seguinte, porém, nas reuniões do *Fórum de Participação da Sociedade Civil*<sup>295</sup> da CEV-Rio, Damous argumentou que ainda não achava que era o momento adequado para que a convocação fosse realizada de forma coercitiva. Tal fato evidencia as próprias limitações da *Comissão*. Não se sabe o real motivo para a mudança de postura de Damous. Pode-se supor que a *Comissão* não tem mecanismos suficientes para que a convocação seja realizada de forma coercitiva ou que, por questões políticas internas, não é o momento adequado para ir de encontro aos grupos militares. Seja qual for a razão, o fato é que a impossibilidade de agência já era esperada pelo Grupo. Outro fato que pode ser entendido dentro dessa perspectiva, foi a não permissão da entrada da *Comissão* nas dependências do DOI-CODI, na Tijuca<sup>296</sup>.

Ainda em relação ao caráter punitivo, Murakaw e Lima (s/d) afirmam que, em outros países – como Argentina, Peru e Chile –, as Comissões foram o primeiro passo para alcançar o que os militantes chamam de “processo de verdade e justiça”, na transição de regimes autoritários para a democracia. No segundo momento, houve a punição dos violadores. Segundo a diretora de investigação do Centro de Estudos Legais e Sociais (Cels)<sup>297</sup>, Valeria Borbutto, é problemático não investigar as pessoas que estiveram envolvidas em crimes contra a humanidade. Na medida em que elas não são julgadas, continua Valeria, fica difícil estabelecer instituições democráticas onipresentes,

Outro debate recorrente no GTNM/RJ diz respeito à punição da *Corte Interamericana de Direitos Humanos* da OEA ao Brasil. Para o Grupo, a elaboração da *Comissão da Verdade* no Brasil ocorreu somente em virtude da punição. Porém, a mesma não funciona da maneira que a *Corte* determinou. Dessa forma, seria uma espécie de *Comissão* “para inglês ver”, sem que nada de concreto fosse obtido através dela.

---

<sup>295</sup> A lei de criação da CEV-Rio prevê que, para a realização de seus trabalhos, a *Comissão* deve estabelecer parceria com a sociedade civil e com o poder legislativo. Para tanto, foi criado o Fórum de Participação da Sociedade Civil, o qual, segundo o relatório da própria, permitiu um diálogo com a sociedade.

<sup>296</sup> O fato ocorreu em agosto de 2013, em que a proposta da atividade da CEV-Rio era entrar no DOI-CODI. A visita às instalações, contudo, foi negada. Para o então presidente da Wadih Damous, tratou-se de uma proibição ilegal e antidemocrática. A proposta de entrar, porém, foi mantida. No mês seguinte, membros da CEV-Rio, acompanhados de alguns deputados, conseguiram ter acesso ao local. A proposta da visita é fazer com que o local se transforme em um centro de memória. Na ocasião, Damous afirmou que tratava-se de um dia histórico. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/343-membros-da-comissao-da-verdade-e-parlamentares-visitam-doi-codi>

<sup>297</sup> O Centro de Estudos Legais e Sociais (Cels) é uma ONG criada em 1979, na Argentina, que está envolvida em vários processos judiciais relacionados a mortos e desaparecidos na ditadura.

A esse respeito, Murakaw e Lima (s/d) afirmam que a *Corte Interamericana* condenou o Estado brasileiro a remover todos os obstáculos que impedissem a investigação e esclarecimento dos crimes cometidos pelos agentes do regime. O Tribunal reafirmou que a Lei de Anistia não poderia representar um obstáculo à investigação. O procurador da República, Marlon Weichert (MURAKAW, LIMA, Apud. s/d), ainda observa que o Projeto de Lei da *Comissão da Verdade* não cumpre a decisão da *Corte*. Segundo Maria do Rosário (MURAKAW, LIMA, Apud. s/d), ministra da Secretaria de Direitos Humanos, a *Comissão* e o cumprimento da sentença da *Corte* são processos separados. Ela afirma que dizer que o país procura responder à *Corte* com a instalação da *Comissão da Verdade*, significa não admitir que o país deve explicações à sua própria história e população. O advogado Roberto Garretón (MURAKAW, LIMA, Apud. s/d), por fim, argumenta que não se pode dizer que o Brasil está atrasado, pois o que ocorre, na realidade, é que o Brasil não começou a atuar para resolver as questões deixadas pelo regime.

## Conclusão

Ao observar todo histórico de lutas do *Tortura Nunca Mais/RJ*, fica evidente a luta do grupo pelo esclarecimento de questões referentes ao período. Desde seu início, o GTNM/RJ entende que a luta contra a impunidade é uma forma de resgate histórico do período, com objetivo de que essa experiência não venha a se repetir. Além disso, a não punição da ditadura acaba por resultar na continuação da violência contra determinados setores da sociedade. É nesse sentido que a luta do grupo visa a erradicação da tortura e da violência ontem e hoje - ou seja, trata-se de uma luta "pelo nunca mais".

O trabalho das *Comissões da Verdade* - em especial a do Rio de Janeiro que foi analisada aqui - também gira em torno da temática da ditadura, contudo difere em alguns aspectos. Na medida em que se trata de um mecanismo cujo objetivo é recuperar esse momento histórico, sem que aqueles que cometeram os crimes sejam responsabilizados, sua atuação não permite avançar em vários aspectos. Na apresentação de seu relatório parcial, por exemplo, assinada pelo então presidente Wadhi Damous, o mesmo aponta para a necessidade de que todos os casos sejam esclarecidos, porém a limitação de sua atuação é reconhecida quando afirma que, apesar dos avanços, os arquivos militares continuam fechados. Ao mesmo tempo, Damous alega que isso não “impedirá de reconstituir com rigor a verdade histórica” (COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE DO

RIO DE JANEIRO, 2014: 3). Desse modo, as barreiras apontadas pelo GTNM/RJ se fazem presente, dificultando o acesso ao que o Grupo julga essencial para que os esclarecimentos sejam possíveis.

Não se pode negar, todavia, que o grande feito das *Comissões* espalhadas pelo país foi ter levado a temática para a sociedade. O episódio no qual não foi permitido a *Comissão* entrar nas dependências do DOI-CODI, por exemplo, ganhou grande destaque na televisão e nos jornais. Qualquer acontecimento que não esteja presente na mídia parece que não existiu, está fora da memória histórica que está sendo registrada pelos diferentes grupos sociais (COIMBRA, 1999). Nesse sentido, o destaque dado pela mídia a temática da ditadura pode ser entendida como um passo importante para que avanços sejam possíveis. A função do *Tortura Nunca Mais/RJ*, como os militantes costumam dizer, é justamente pressionar para que mais histórias se tornem públicas e medidas sejam tomadas.

## **Bibliografia**

COIMBRA, Cecília. Produzindo esquecimento: histórias negadas. (Apresentação de Trabalho/Seminário), 1999.

COIMBRA, Cecília. Algumas verdades sobre a Comissão da Verdade, 2012. Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/artigos.asp?Codartigo=125&ecg=0>

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE DO RIO DE JANEIRO. Informe do relatório parcial. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, 2014.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. Caso Gomes Lund e outros (“Guerrilha do Araguaia”) Vs. Brasil. *Sentença de 24 de novembro de 2010*. Disponível em: [http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec\\_219\\_por.pdf](http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf), acessado em 03 de outubro de 2014.

DIAS, Reginaldo Benedito. "A Comissão Nacional da Verdade, a disputa da memória sobre o período da ditadura e o tempo presente". São Paulo, Unesp, v. 9, n. 1, 2013, p. 71-95.

ELOYSA, Branca (org). I seminário do Grupo Tortura Nunca Mais - Depoimentos e debates. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FERRAZ, Joana D’Arc Fernandes. "Os desafios da preservação da memória da ditadura no Brasil". In: SANTOS, Myrian Sepúlveda; CHAGAS, Mario de Souza; ABREU, Regina (org.). Mu-

seus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

HOMENAGEADOS Chico Mendes. Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chico-mendes/homenageados-2014/>

KRSTICEVIC , Viviana; AFFONSO, Beatriz. A dívida histórica e o Caso Guerrilha do Araguaia na Corte Interamericana de Direitos Humanos impulsionando o direito à verdade e à justiça no Brasil. In: PAYNE, Leigh; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo (org.). A Anistia na era da responsabilização: o Brasil em perspectiva internacional e comparada. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia; Oxford University, Latin America Centre, 2011.

LEI 12.528. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm), acessado em 03 de outubro de 2014.

LEI 6.335. Disponível em <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1033269/lei-6335-12>, acessado em 03 de outubro de 2014.

MEMBROS da Comissão da Verdade e Parlamentares visitam o Doi-Codi. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/343-membros-da-comissao-da-verdade-e-parlamentares-visitam-doi-codi>, acessado em 03 de outubro de 2014.

MEZAROBBA, Glenda. O preço do esquecimento: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile). Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Entre reparações, meias verdades e impunidade: o difícil rompimento com o legado da ditadura no Brasil. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, vol. 7, n. 13, 2010, pp. 7 - 25.

MURAKAW, Fabio; LIMA, Vandson. A Comissão da Verdade investigará 42 anos com equipe reduzida e sem orçamento. Disponível em <http://www.averdadesufocada.com/index.php/revanchismo-especial-98/5854-2109-300-novos-das-haja-grana->, acessado em 03 de outubro de 2014.

QUEM somos. Disponível em: <http://www.torturanuncamais-rj.org.br/quem-somos/> , acessado em 03 de outubro de 2014.

SCHINCARIOL, Rafael. A Comissão da Verdade no Brasil. In: IV Seminario Políticas de la Memoria: Ampliación Del campo de los derechos humanos. Memórias y Perspectivas, 2011, Buenos Aires. IV Seminario Políticas de la Memoria: Ampliación Del campo de los derechos humanos. Memórias y Perspectivas, 2011.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. "Anistia no Brasil: um processo político em disputa". In: PAYNE, Leigh; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo (org.). A Anistia na era da responsabilização: o Brasil em perspectiva internacional e comparada. Brasília: Ministério da Justiça, Comissão de Anistia; Oxford University, Latin America Centre, 2011.

TERRA, Rosane B. Mariano da Rocha Barcellos. (2012). "O embate da reparação das violações contra os direitos humanos cometidos no passado: imperiosidade ou não da responsabilidade estatal e breves apontamentos sobre o papel das comissões de verdade no contexto em pauta". In: LEAL, Rogério Gesta (Org.). Verdade, memória e justiça: um debate necessário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

## **Unidade Camponesa: resistência e processos de luta em Goiás**

Luiz Henrique de Gomes Moura (zarref@gmail.com ; MST e UFG / IESA)

Thiago Sebastião de Melo (thiagomelo13@yahoo.com.br ; UFG / IESA)

José Valdir Misnerovicz (valdirgoias@hotmail.com ; MST e UFG / IESA)

### **Resumo**

A luta pela terra no Brasil é inegavelmente a luta pelo reposicionamento do Estado. Isso exige, impreterivelmente, questionar o projeto de país que está em curso. Os movimentos sociais, nesse caso notadamente os movimentos de luta pela terra, com merecido destaque para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, são agentes fundamentais nessa dinâmica. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar e refletir sobre o contexto em que a unidade do campesinato goiano conseguiu, nessa mediação conflituosa com o Estado, que seja criada uma lei estadual que estabelece um fundo para agricultura camponesa (chamada agricultura familiar nas políticas públicas, o que de forma alguma é desprovido de intencionalidade) e como esta conquista dos camponeses está intimamente vinculada aos conceitos de soberania alimentar e de território classista. Para tanto, além da experiência acumulada no próprio exercício da militância que fornece elementos empíricos valiosos para as análises procedidas, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental de caráter exploratório sobre temas atinentes ao objetivo. Por fim, aponta-se que essa importante política pública, ainda em vias de criação, decorre da força da unidade camponesa, que reafirma a atualidade dos antagonismos de classe e a necessidade de desvelar seus significados contemporâneos.

### **Introdução**

O Brasil vive um momento social e político conturbado e de difícil compreensão. Não reconhecer que há diferenças importantes no campo social entre as conduções bi-polarizadas no concernente ao Governo Federal, e deixar de entender a própria postura do Estado em função desse sistema político-partidário nacional, desdobra numa incapacidade analítica para lidar com o cenário que se apresenta.

Não há dúvidas, entretanto, que tanto o Partido dos Trabalhadores – PT, quanto o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, têm fortes vínculos com a reprodução do capital, tanto nacional quanto internacional. Isso só reforça a leitura de que esse sistema representativo parlamentar, sobretudo no caso brasileiro, está falido, como já apontou de forma mais ampla Zizek (2011).

Todavia, é necessário para o conjunto da sociedade brasileira lidar com esse sistema, seja para reformá-lo, seja para superá-lo. O que se faz ainda mais latente no caso dos movimentos sociais, para quem a luta e a pressão são os instrumentos de diálogo com governos e Estado, ao mesmo tempo em que as conquistas de caráter mais imediato são fundamentais para o fortalecimento de suas bases. A história se vinga quando não compreendemos as dinâmicas de sua transformação (Sader, 2005). Conseguir aprofundar as conquistas em termos sociais, sem se comprometer (ser cooptado) com os interesses partidários, é o desafio colocado para os movimentos sociais nesse momento histórico. Essa autonomia e capacidade de (re)organização, possibilita a consolidação, como resultado dos embates com os interesses capitalistas, de alternativas que sustentem outro projeto de país.

A prática dos movimentos sociais se efetiva como componente da premência de repensarmos que objetivos estão sendo buscados sob o rótulo de desenvolvimento (Peet, 2007; Pires, 2007; Gomes, 2007). É preciso questionar, analisar e aprender com tais práticas. Isso é o que justifica as análises apresentadas neste trabalho. Com o objetivo geral de mensurar as potencialidades e limites das práticas dos movimentos sociais, nesse caso notadamente os de luta pela terra, o texto apresenta e reflexiona sobre o contexto em que a unidade de distintos movimentos sociais camponeses de Goiás conseguiu, nessa mediação conflituosa com o Estado, a construção de um projeto de lei estadual pelo Executivo local. Tal projeto, de caráter inédito no Brasil, estabelece uma série de políticas públicas voltadas para a agricultura camponesa, atendendo à demanda de diversas pautas pontualmente levantadas em lutas anteriores destes movimentos sociais.

Compreendemos que tal processo de articulação, luta e conquista está intimamente vinculada aos conceitos de soberania alimentar e de território classista. Para tanto, além da experiência acumulada no próprio exercício da militância que fornece elementos empíricos valiosos para as análises procedidas, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental de caráter exploratório sobre temas atinentes ao objetivo.

A apresentação foi dividida em tópicos, cujos conteúdos têm relevância analítica individualmente, e em seu conjunto conferem a unidade temática e proporcionam elementos para as considerações expostas. Primeiramente, há um resgate do histórico de formação do campesinato, com foco em Goiás. Na sequência a contextualização das mobilizações da unidade camponesa em nível nacional e estadual, a qual conquistou o compromisso de elaboração, pelo executivo estadual, de uma lei que cria uma política estrutural de fortalecimento da agricultura camponesa. Por fim, seguem-se apontamentos sobre a soberania alimentar e território, que são pilares da reforma agrária proposta pelos movimentos sociais. Por fim, expõe-se o que é possível vislumbrar a partir dessa

### **Campesinato Goiano na Atualidade**

Historicamente, a (re)produção dos latifundiários no Centro-Oeste e em Goiás encontrou condições crescentes de apoio tecnológico, logístico, financeiro e legal, enquanto a produção camponesa enfrentava restrições de produção e comercialização (Calaça; Inocencio, 2011). Todo um sistema de armazenagem e beneficiamento foi desenvolvido, inclusive com apoio estatal, voltado para os grandes produtores e voltado para algumas poucas culturas, enquanto o campesinato matinha suas formas ancestrais de conservação dos alimentos e circulação da mercadoria, muito limitadas para a nova relação tempo-espaço imposta pelo capitalismo na segunda metade do século XX.

Com esse estrangulamento econômico-produtivo, o campesinato sofreu diferentes processos de expulsão forçada, por meio de coações, violências materiais e assassinatos. As lutas precognizadas em Trombas e Formoso materializaram-se em diversas regiões, principalmente no Centro-Norte do país, criando as bases das organizações populares que eclodiram nas décadas de 1970 e 1980, às quais voltaremos no tópico seguinte.

Essa realidade significou a redução drástica da população camponesa no Brasil. Como podemos observar na tabela 01, é exatamente após o início da ditadura militar que as taxas de redução da população rural alcançaram níveis superiores a 20%. Grandes fluxos migratórios surgiram rumo às capitais do sudeste, à Brasília e à Goiânia, em sagas coletivas e individuais narradas em cantos, filmes e prosas, e amplamente estudadas ao longo dessas décadas.

**Tabela 01. Relação entre população urbana e rural no Brasil entre 1940 e 2010**



---

| Anos | Total       | Total Urbana | % da população total | Total Rural | % da população total | Taxa de redução da população rural |
|------|-------------|--------------|----------------------|-------------|----------------------|------------------------------------|
| 1940 | 41.236.315  | 12.880.182   | 31%                  | 28.356.133  | 69%                  |                                    |
| 1950 | 51.944.397  | 18.782.891   | 36%                  | 33.161.506  | 64%                  | - 7,16%                            |
| 1960 | 70.070.457  | 31.303.034   | 45%                  | 38.767.423  | 55%                  | - 13,34%                           |
| 1970 | 93.139.037  | 52.084.984   | 56%                  | 41.054.053  | 44%                  | - 20,33%                           |
| 1980 | 119.002.706 | 80.436.409   | 68%                  | 38.566.297  | 32%                  | - 26,48%                           |
| 1991 | 146.825.475 | 110.990.990  | 76%                  | 35.834.485  | 24%                  | - 24,69%                           |
| 2000 | 169.872.856 | 137.925.238  | 81%                  | 31.947.618  | 19%                  | - 22,94%                           |
| 2010 | 190.755.799 | 160.925.792  | 84%                  | 29.830.007  | 16%                  | - 16,85%                           |

---

Fonte: Série Histórica – Censo Demográfico (IBGE)

Ao mesmo tempo, engendrou-se um consistente processo de convencimento ideológico sobre esse projeto desenvolvido pelas elites brasileiras. Para que essas massas camponesas diminuíssem seu potencial de reconhecimento enquanto classe, trabalhou-se a construção de uma superioridade da cidade sobre o campo, elemento determinante para compreender o movimento da realidade nos dias atuais. O campo – ou o rural – configurou-se como representante de um país atrasado, arcaico, enquanto a cidade – ou o urbano – representava o progresso, o desenvolvimento, o sucesso (Sauer, 2010).

Para consolidar essa ideologia, a ditadura militar empenhou-se na construção de uma indústria cultural brasileira, alicerçada em grandes impérios midiáticos (Villas Boas, 2012), principalmente televisivos, mas também radiofônicos, os quais perduram até hoje. A cultura popular originária no campo, fundada na relação ser humano-natureza mediada pelo trabalho e reflexo das contradições da vida camponesa, passou por um forte processo de mercantilização e centralização, apartando o camponês de sua própria cultura. O legado cultural camponês ficou restrito a um me-

canismo nostálgico, que cabia dentro de uma estratégia cultural maior de glorificação do urbano e do progresso.

A junção entre revolução verde, indústria cultural e repressão militar transformou o modo de vida camponês em uma espécie de maldição<sup>298</sup>, que só foi contestada com a retomada dos movimentos camponeses e agrários no final da década de 1970. Esse processo histórico conformou-se de forma heterogênea em território nacional, mas manteve uma mesma matriz conservadora.

O estado de Goiás manteve a mesma tendência, porém com uma década de atraso e com índices mais acentuados, como podemos ver na tabela 02. Foi na década de 1970 que se gestou a grande inversão de capital estatal em prol da modernização conservadora nos Cerrados (EMBRAPA, PRODECER, entre outros), e os impactos só foram realmente sentidos na década seguinte. Nas décadas de 1980 e 1990 o campesinato goiano decresce a taxas anuais de aproximadamente 40%, ritmo que só veio a reduzir na primeira década dos anos 2000, quando o campesinato mais resiliente ao avanço do capital e a força dos movimentos sociais refrearam os fluxos de migração.

**Tabela 02. Relação entre população urbana e rural em Goiás entre 1940 e 2010**

| Anos | Total     | Total Urbana | % da população total | Total Rural | % da população total | Taxa de redução da população rural |
|------|-----------|--------------|----------------------|-------------|----------------------|------------------------------------|
| 1960 | 1.626.376 | 541.469      | 0,33                 | 1.084.907   | 0,67                 | -                                  |
| 1970 | 2.460.007 | 1.134.242    | 0,46                 | 1.325.765   | 0,54                 | - 19,21%                           |
| 1980 | 3.229.219 | 2.172.965    | 0,67                 | 1.056.254   | 0,33                 | - 39,31%                           |
| 1991 | 4.012.562 | 3.241.119    | 0,81                 | 771.443     | 0,19                 | - 41,22%                           |
| 2000 | 4.996.439 | 4.390.660    | 0,88                 | 605.779     | 0,12                 | - 36,94%                           |
| 2010 | 6.003.788 | 5.420.714    | 0,90                 | 583.074     | 0,10                 | - 19,90%                           |

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE)

<sup>298</sup> Sugerimos assistir o filme “O Homem que Virou Suco” (1981), onde esses elementos são amplamente abordados.

É com essa situação demográfica, de redução drástica do campesinato nacional, que se organiza a forma mais avançada do capital no campo, o agronegócio, principalmente após a segunda metade da década de 1990. Com o domínio das tecnologias produtivas cada vez mais nas mãos das grandes empresas transnacionais, forte apoio do aparato midiático e a decisão dos governos federais e estaduais dos últimos 20 anos de incentivo estruturante a esse modelo, o agronegócio superou ideologicamente a o caráter arcaico do latifúndio – mas não sua estrutural material - e estabeleceu um novo período de acumulação do capitalismo agrário brasileiro e internacional.

Há uma diferença substancial entre a perspectiva política do agronegócio e a do latifúndio. Enquanto o último era demarcadamente o projeto de uma única classe, o agronegócio atua como projeto hegemônico para o campo. É um projeto das elites, mas que permite certas concessões para abarcar frações das classes populares e médias sob seu “guarda-chuva”.

Para um projeto hegemônico, o agronegócio necessita articular meios de produção agropecuários e midiáticos, avançando no domínio do sistema produtivo (como é visto na avicultura, na suinocultura, no tabaco e mesmo na soja, no milho e na cana), nas formas de extração da renda da terra e no convencimento ideológico. Comprovação de tal articulação é a composição da própria Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), onde estão reunidos latifundiários brasileiros, transnacionais e complexos midiáticos como as Organizações Globo e a Rede Bandeirantes. É, portanto, um aprimoramento da tática utilizada pela Ditadura Empresarial-Militar.

Esse projeto hegemônico não apenas absorve o campesinato mais capitalizado<sup>299</sup>, mas também alicia os jovens camponeses, e, juntamente com o urbano, “suga” o sangue novo do campesinato constantemente<sup>300</sup>. Tais afirmações são corroboradas pela tabela 03. Entre 2003 e 2011, a única faixa etária que sofreu redução populacional no campo foi a juventude entre 18 a 24 anos. De maneira mais ampla, podemos visualizar que entre os jovens de 10 aos 17 e de 25 aos 29 anos ocorre um crescimento pouco significativo da população em domicílios rurais. Entretanto, quando olhamos para as pessoas que estão em idades pouco úteis para o capital agrário, a taxa de cresci-

---

<sup>299</sup> Segundo o Censo Agropecuário de 2006, cerca de 300 mil famílias se enquadram nessa fração da classe, de um universo de quatro milhões de famílias camponesas.

<sup>300</sup> Cf. a ode ao agronegócio como demandador de trabalho escrita por um dos principais ideólogos das elites agrária, Xico Graziano, no artigo “Envelhecimento no Campo”, disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso.envelhecimento-no-campo,1159892.0.htm>>, onde o autor esconde os índices de retorno ao campo das faixas etárias mais maduras.

mento da população em domicílio rural aumenta drasticamente, alcançando índices de ¼ de aumento da população em menos de 10 anos.

Embora esses dados tratem de domicílio, e não exclusivamente de atividade econômica, devemos considerar que a população residente no rural está inserida nas frações do campesinato (capitalizado, tradicional, proletarizado). Sendo assim, o que esses índices nos demonstram? O projeto capitalista brasileiro, de negação do campesinato, não responde às necessidades da população, consumindo a energia dos mais jovens, mas impossibilitando uma vida digna. Passado o tempo “útil” para o capital, essas pessoas são “descartadas”, ficando impossibilitadas de continuar a viver na cidade. Porém, voltam ao campo com condições físicas e psicológicas gravemente comprometidas, o que as leva a condições críticas de vida, mesmo no campo.

**Tabela 03. População residente em domicílio rural no Brasil (2003-2011)**

|                        | 2003            | 2011            | % variação entre 2003 e 2011 |
|------------------------|-----------------|-----------------|------------------------------|
|                        | (1.000 pessoas) | (1.000 pessoas) |                              |
| Grupos de idade (anos) |                 |                 |                              |
| 10 a 14                | 3000            | 3166            | 5,24%                        |
| 15 a 17                | 1805            | 1907            | 5,35%                        |
| 18 a 19                | 1071            | 957             | -11,91%                      |
| 20 a 24                | 2327            | 2033            | -14,46%                      |
| 25 a 29                | 1974            | 2092            | 5,64%                        |
| 30 a 39                | 3531            | 3950            | 10,61%                       |
| 40 a 49                | 2914            | 3518            | 17,17%                       |
| 50 a 59                | 2267            | 3028            | 25,13%                       |
| 60 ou mais             | 2772            | 3735            | 25,78%                       |

Fonte: Série de dados da PNAD (IBGE)

Essa saída em massa da juventude do campo acaba por inviabilizar o desenvolvimento das unidades produtivas camponesas. Sem força de trabalho familiar, a tendência é que os pais, que normalmente continuam no campo, se sujeitem a uma matriz tecnológica que dependa de menos força de trabalho, com a utilização de mecanização pesada, sementes híbridas ou transgênicas, adubos químico-industriais e agrotóxicos. A artificialização da natureza é a falsa solução apontada pelo capitalismo para um mal que ele mesmo gera. Aos que resistem (por convicção ou pelas precárias condições financeiras), resta reduzir as atividades produtivas, o que igualmente inviabiliza a reprodução da família a longo prazo.

Em Goiás, os dados estatísticos evidenciam o papel que o capital relegou ao campesinato goiano, de fornecedor de força de trabalho jovem e recebedor de pessoas vilipendiadas pela exploração da mais valia. A tabela 04 apresenta os altíssimos índices de redução da população rural entre 1991 e 2010 entre as faixas etárias mais jovens, e, por outro lado, o retorno ao campo pelas faixas etárias mais maduras, em idades que diminuem ou inviabilizam a reprodução social do campesinato.

Por ser Goiás um dos polos dinâmicos do agronegócio, da mineração e da construção civil, os dados estaduais são mais alarmantes que os nacionais. De forma mais intensa, o estágio atual de reprodução ampliada do capital, fortemente apoiado pelo Governo Federal e Estadual<sup>301</sup>, deixa claro seus interesses de utilização da juventude como força de trabalho barata e descarte de homens e mulheres acima de 40 anos.

**Tabela 04. População residente em domicílio rural em Goiás (1991-2010)**

| Grupos de idade | 1991   | 2000   | 2010   | Varição entre 1991 e 2010 |
|-----------------|--------|--------|--------|---------------------------|
| 10 a 14 anos    | 90.248 | 59.732 | 53.923 | -40,3%                    |

<sup>301</sup> O apoio irrestrito ao agronegócio dado pelos governos Federal e Estadual, apesar do aparente antagonismo das siglas partidárias que estão em ambos os espaços políticos, soma-se ao incentivo à instalação de grandes projetos mineroquímicos e hidroelétricos, o que se atrela à implantação da Ferrovia Norte-Sul e ao grande programa de recuperação, duplicação e privatização de rodovias federais e estaduais.

---

|                              |        |        |        |        |
|------------------------------|--------|--------|--------|--------|
| 15 a 19 anos                 | 79.326 | 56.663 | 44.946 | -43,3% |
| 20 a 24 anos                 | 74.539 | 54.196 | 39.231 | -47,4% |
| 25 a 29 anos                 | 67.520 | 51.339 | 43.280 | -35,9% |
| 30 a 34 anos                 | 55.610 | 49.420 | 46.096 | -17,1% |
| 35 a 39 anos                 | 46.641 | 44.530 | 45.225 | -3,0%  |
| 40 a 44 anos                 | 38.942 | 36.688 | 42.866 | 10,1%  |
| 45 a 49 anos                 | 33.649 | 31.556 | 40.412 | 20,1%  |
| 50 a 54 anos <sup>1</sup>    | 28.029 | -      | 35.888 | 28,0%  |
| 55 a 59 anos <sup>1</sup>    | 23.624 | -      | 31.676 | 34,1%  |
| 60 a 69 anos <sup>1</sup>    | -      | 33.456 | 44.715 | 33,7%  |
| 70 anos ou mais <sup>1</sup> | -      | 18.114 | 26.339 | 45,4%  |

---

Fonte: Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010 (IBGE)

<sup>1</sup>As séries contém faixas etárias distintas, o que não inviabiliza a análise

No atual estágio da disputa de projeto de campo e de agricultura em Goiás, assim como em escala nacional e internacional, existe um conjunto de elementos atuais que precisam ser incluídos no processo de análise para além daqueles que envolve a juventude, soberania alimentar, modo de vida camponês, questão da migração cidade campo e a criação do novo camponês, que tem se comparado no processo de luta pela terra e reforma agrária da atualidade.

Compreendemos que há, juntamente com o campesinato tradicional, um novo camponês, que resulta da luta pela terra, após a conquista do seu objetivo, persistindo na luta para construir um território camponês, comprometido e engajado na luta contra o latifúndio e contra o modelo de agricultura capitalista, dominante, em escala internacional. Estamos definindo esse camponês como *novo* por ser um sujeito criado de forma coletiva. Um sujeito novo na luta pela terra. Por ter sua origem urbana, ou seja, não estava vivendo no campo da agricultura ao entrar para o movimento. Este novo camponês é parte do processo de recampesinização (Ploeg, 2008) e criação de uma classe por ela mesma, na luta contra a classe dominante.

Tanto para o MST, como também para a academia e pesquisadores em geral, está posto um novo desafio: o de compreender os elementos que compõem este novo sujeito, pois se trata de um público predominante na luta pela terra. Entender este novo sujeito ajuda na elaboração de estratégias de mobilização para luta e para implantação dos assentamentos. É este o principal sujeito que está estampado na bandeira viva da luta pela terra e pela reforma agrária. Caso este sujeito não se mobilize e não se constitua como camponês terá implicação direta na dinâmica do MST, porque o Movimento não se renovará.

### **Unidade para avançar: a luta pela Lei de Fortalecimento da Agricultura Camponesa e Familiar**

O processo histórico da questão agrária no Brasil demonstra uma crônica dificuldade de relação entre campesinato e classe trabalhadora urbana. A primeira clivagem estrutural da questão agrária brasileira, aberta no período de decadência do sistema escravista, deriva da contradição entre a criação da Lei de Terras, que instaura a propriedade privada fundiária, e a abolição, criando uma massa de negros sem terra, enquanto reconfigurava o campesinato nacional com o estímulo à imigração europeia e asiática. Apesar dos grupos e movimentos abolicionistas, os negros foram vistos mais como classe trabalhadora ou lumpensinato urbano do que como trabalhadores camponeses.

Somente décadas mais tarde, a partir dos anos de 1940, outra clivagem agrária irrompe em nível nacional. As contradições das relações de trabalho do sistema de colonato somaram-se à negação da relação racial-camponesa e à crise do arcaico sistema fundiário e produtivo da agricultura brasileira permitiram a eclosão de lutas camponesas populares, como Trombas e Formoso, em Goiás, e as Ligas Camponesas. Somente após a consolidação dessas lutas que os partidos políticos de esquerda, tradicionalmente urbanos, perceberam o potencial destas organizações tanto de crítica às amarras do atraso intrínsecas ao desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo brasileiro, quanto de portadoras de um projeto de reformas estruturais na sociedade daquele período.

Em certa medida a envergadura da resposta autoritária expressa pela ditadura empresarial-militar responde à qualidade que essa segunda clivagem assumiu, extrapolando a pauta reivindicatória sindical e organizando, ao mesmo tempo, uma pauta de mudanças estruturais com um considerável contingente de camponeses, de dimensões numéricas e extensão territorial jamais visto até então em solo brasileiro.

Talvez expressão qualitativa máxima dessa complexidade e força do movimento camponês pré-ditadura seja o Congresso Nacional Camponês, realizado em Belo Horizonte, em 1961. O congresso contou com mais de 07 mil participantes, sendo 1.600 delegados de 20 dos 21 estados brasileiros à época, e diversas representações dos operários urbanos, juventude e mulheres (Vasconcellos, 2010). Organizado pela União Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, vinculada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Congresso Camponês teve participação das Ligas Camponesas e do Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER), tendo, portanto, total legitimidade política.

Dentre as suas polêmicas internas, a principal girava em torno da divergência de posição entre os comunistas do PCB e os delegados das Ligas, orientados por Francisco Julião. Para o PCB, era necessário acumular forças com conquistas a partir da pauta imediata dos camponeses, como uma lei que regulamentasse o arrendamento e a parceria. Por sua vez, as Ligas defendiam uma reforma agrária radical (não anticonstitucional, mas integral), sem qualquer mediação via regulamentação das práticas da burguesia agrária (Santos; Costa, 1997). O resultado final consagrou a perspectiva de Julião, reforçando a palavra de ordem “Reforma Agrária: Na Lei ou Na Marra!”. Como aponta um trecho da Declaração do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas<sup>302</sup> sobre o Caráter da Reforma Agrária,

A reforma agrária que defendemos e propomos diverge e se opõe frontalmente, portanto, aos inúmeros projetos, indicações e proposições sobre as pretensas "reformas", revisões agrárias e outras manobras elaboradas e apresentadas pelos representantes daquelas forças, cujos interesses e objetivos consultam sobretudo ao desejo de manter no essencial e indefinidamente o atual estado de coisas.

A reforma agrária pela qual lutamos tem como objetivo fundamental a completa liquidação do monopólio da terra exercido pelo latifúndio, sustentáculo das relações antieconômicas e anti-sociais que predominam no campo e que são o principal entrave ao livre e próspero desenvolvimento agrário do país.

---

<sup>302</sup> Nome oficial do Congresso Nacional Camponês



Somente cinquenta anos depois deste Congresso Camponês as organizações sociais camponesas conseguiram superar as fraturas criadas pelos longos anos de repressão militar e embates com frações da burguesia agrária e industrial nacional e internacional e reconstruir um espaço similar, de unidade entre essas organizações. A esse momento se nomeou Encontro Unitário dos Trabalhadores, Trabalhadoras e Povos do Campo, das Águas e das Florestas, realizado em agosto de 2012 no Distrito Federal.

A questão agrária teve mudanças qualitativas significativas nesses cinquenta anos, como visto anteriormente no artigo em tela. Fortalecido pela maciça representação no legislativo, pela parcialidade da Justiça em seu favor, e pela gradual aproximação com o governo liderado pelo PT, principalmente a partir do segundo mandato de Lula, e decisivamente com o Governo Dilma, o agronegócio avança sobre territórios camponeses, terras públicas e fronteiras agrícolas.

Esse processo é denunciado no documento de preparação do Encontro Unitário, intitulado *Pela Construção de um Modelo Alternativo de Agricultura*<sup>303</sup>. A amplitude das organizações articuladas na construção do Encontro Unitário é a justa medida dos impactos do avanço do agronegócio, do hidronegócio e da mineração. Os principais movimentos sociais agrários brasileiros (Via Campesina, CONTAG e FRETRAF) se uniram à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), à Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ), ao Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP) e diversos outros movimentos regionais.

O mesmo documento é contundente ao definir o que garantiu tal grau de articulação

O foco de unidade desses povos e grupos sociais neste Encontro é a luta pela terra, contra as muitas ameaças, que não obstante múltiplas particularidades, apresenta um denominador comum – a expansão sem limites de regras democráticas, do grande capital – auto denominado de agronegócio, sobre as terras e territórios de destinação social. Tal expansão se dá com frágil incorporação do trabalho assalariado regular e até mesmo com recorrência a formas similares ao trabalho (...). este estilo de expansão agrícola esvazia os campos e provoca superpopulação no espaço urbano, à marem de demandas explícitas do mercado de trabalho.

---

<sup>303</sup> Cf. <http://encontrounitario.wordpress.com/page/5/>

(...)

O significado deste Encontro e do processo que este pretende desencadear é de três dimensões: política, no sentido da unidade dos movimentos sociais agrários em torno de agenda comum na luta pela terra, superando a fragmentação que permite ao governo federal ignorar sistematicamente demandas legítimas desta base social; social, no sentido da auto defesa contra as ameaças concretas de destruição social, cultural e física dos campesinatos brasileiros; histórica, no sentido de evocar e homenagear o meio século decorrido desde o I Congresso Camponês, de caráter nacional, ocorrido em Belo Horizonte em 1961.

Com mais de cinco mil participantes, esse Encontro Unitário pode ser considerado um marco fundamental da luta de classes, em sua dimensão agrária, ao construir consensos de análise da realidade e de perspectivas futuras. Dentre dez pontos de unidade, destacamos três, presentes na Declaração do Encontro Nacional Unitário dos Trabalhadores e Trabalhadoras e Povos do Campo, das Águas e das Florestas<sup>304</sup>

- 1) A reforma agrária como política essencial de desenvolvimento justo, popular, solidário e sustentável, pressupondo mudanças na estrutura fundiária, democratização do acesso à terra, respeito aos territórios e garantia da reprodução social dos povos do campo, das águas e das florestas;
- 2) A soberania territorial, que compreende o poder e a autonomia dos povos em proteger e defender livremente os bens comuns e o espaço social e de luta que ocupam e estabelecem suas relações e modos de vida, desenvolvendo diferentes culturas e formas de produção e reprodução, que marcam e dão identidade ao território;
- 3) A soberania alimentar como o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação adequada a toda a população, respeitando suas culturas e a diversidade dos jeitos de produzir, comercializar e gerir estes processos.

---

<sup>304</sup> Cf. em <http://encontrounitario.wordpress.com/>

A íntegra da declaração final demonstra um elevado grau de amadurecimento das organizações camponesas, contendo uma análise que articula diferentes ações e agentes do desenvolvimento capitalista contemporâneo e apontando bases consensuais importantes para um projeto de desenvolvimento do campo baseado no campesinato e na rearticulação campo-cidade. Aclamada pelos participantes e por todas as organizações e aliados, a declaração final transformou-se em base para a projeção de Encontros Unitários estaduais, que, apesar de algumas iniciativas, não conseguiram ser viabilizados.

A unidade camponesa é algo complexo e quando ocorre carrega consigo grande potencial não apenas de crítica, mas de respostas para o *porvir* que nutre o movimento de transformação. O estudo de Verges (2011) sobre essa unidade camponesa demonstra que “*La unidad clasista del campesinato no es nunca algo **dado**, sino resultado – posible más no cierto – de un **proceso** de convergencia, saldo de la siempre provisional unidade de una diversidad que jamás cede del todo y más bien se reproduce y profundiza*” (p. 17, grifos no original)

É nessa perspectiva que se insere os acontecimentos analisados nesse artigo. Neste trabalho buscamos compreender esse fenômeno de construção unitária de classe do campesinato à luz das lutas unitárias camponesas no estado de Goiás, em 2013. Envolvendo a Federação dos Trabalhadores na Agricultura em Goiás (FETAEG), a FETRAF-GO, o MST e o Movimento Camponês Popular (MCP), essa articulação é tributária do Encontro Unitário, onde parcela considerável dos participantes era oriunda justamente do estado de Goiás, devido a sua proximidade com o Distrito Federal.

Diante da realidade anteriormente exposta sobre o campesinato goiano, e da fragilidade – ou ausência – de políticas e programas para o campo, seja pelo governo federal, seja, principalmente, pelo estadual, essas organizações articularam uma jornada de luta unificada para o dia 16 de outubro de 2013, Dia Mundial da Alimentação, data de luta dos movimentos camponeses em todo o mundo em defesa da Soberania Alimentar. As manifestações mobilizaram cerca de quatro mil camponeses e ocorreram em diferentes partes do estado, com trancamento de rodovias e com a ação central sendo a ocupação da Secretaria de Fazenda do estado, em Goiânia.

Como centro da pauta unitária estava a criação de um plano estrutural para a agricultura camponesa e familiar, baseado na dotação orçamentária de ao menos 3% do orçamento estadual anual para o fortalecimento da produção de alimentos saudáveis e apoio ao beneficiamento e co-

mercionalização dos mesmos. Outros pontos específicos, como infra-estrutura (estradas, luz e água nos territórios), fortalecimento do programa de habitação rural (criado pelo governo federal) e regularização fundiária das terras estaduais também compunham a pauta.

Essas mobilizações camponesas massivas, ocorridas ainda no bojo das Jornadas de Junho de 2013 e fruto de uma articulação histórica entre as principais forças agrárias do estado, receberam apoio da sociedade e obrigaram o governo estadual, reconhecidamente defensor do agronegócio, a abrir processo de negociação. A linha-mestra do discurso das organizações esteve balizada na produção de alimentos saudáveis e baratos para o povo goiano, em uma construção simbólica que supere a ruptura campo-cidade.

Nos parece que a articulação proposta por Verges (2011) lança luzes sobre a importância entre a conexão da pauta local – dos movimentos camponeses de Goiás – e sua articulação com a luta global por soberania alimentar,. Trata-se de um amarramento dialético de um campesinato incrustado no centro do agronegócio, que luta pela possibilidade de desenvolver suas práticas produtivas (materiais e simbólicas) no presente, sem deixar de assumir sua parcela de responsabilidade no *devir*

*Globalidad e historicidade* de las clases que no se reducen a un deber ser, a un postulado puramente deductivo, pues las sucesivas globalizaciones intensificaron sobremanera los flujos materiales y espirituales que recorren el planeta, mundializando al capital pero también estrechando los lazos de unión entre los subalternos y dándole sustancia a la mundialización desde abajo. (p. 14-15, grifos no original)

Assim como a realidade analisada pelo autor supracitado, tratando da unidade camponesa mexicana chamada *El campo no aguanta más*, a luta unitária camponesa goiana derivou em uma agenda de negociações com o governo estadual. As diversas pautas ditas emergenciais, de caráter pontual, foram distribuídas entre os órgãos do governo, mas para a criação da Lei da Agricultura Camponesa foi constituído um grupo de trabalho, com participação da Secretaria de Agricultura, Secretaria de Fazenda, EMATER estadual e dos movimentos sociais em luta, com mediação da Secretaria de Segurança Pública.

Dentre as questões exigidas pelos movimentos sociais estão: i) apoio tecnológico, produtivo e financeiro para sistemas agroecológicos de produção de alimentos; ii) garantia de assistência técnica e extensão rural; iii) apoio à implementação de agroindústrias de portes pequeno, médio e grande para beneficiamento dos produtos da agricultura camponesa; iv) estruturação de sistemas de transporte, armazenamento e comercialização da produção camponesa, por meio de compras institucionais, armazém e frigoríficos públicos e feiras e mercados da agricultura familiar e camponesa.

Tais ações serão garantidas por um fundo governamental, formato necessário para diminuir a margem de manobra do executivo no contingenciamento dos recursos, o que transformaria a conquista em uma arma de pressão e negociação a favor do Estado. Embora os movimentos tenham pautado um recurso anual para o fundo equivalente a 3% do orçamento estadual anual, as negociações estão trabalhando em valores iniciais equivalentes a 0,5% do orçamento.

Cabe aqui destacar que essa pauta, considerada estrutural, não anula ou secundariza a luta por terra e territórios. Ao contrário, é um movimento *par-e-passo* de fortalecimento dos territórios já conquistados/mantidos para também avançar na luta por novos territórios. Exemplo importante é a realização, ainda no esteio da luta unitária, da maior ocupação de terras realizada na história do MST-GO, no dia 31 de agosto de 2014, intitulada Dom Tomás Balduino<sup>305</sup>. A área, de propriedade do senador pelo Ceará Eunício Oliveira, foi ocupada por três mil famílias, a sua maioria oriunda da região metropolitana de Goiânia e cidades como Anápolis, Corumbá e mesmo do Distrito Federal.

Dentre os argumentos centrais do trabalho de base realizado com as famílias estava a possibilidade de elas assumirem um *novo projeto de vida*, balizado pela produção de alimentos saudáveis, o que responde às demandas urbanas e às demandas específicas de geração de renda das próprias famílias. Parece-nos que os elementos do programa agrário do MST, aprovado em fevereiro de 2014 em seu VI Congresso Nacional, que traz o conceito de Reforma Agrária Popular, dialogam de fato com as necessidades mais emergentes das massas subalternas que estão nas cidades. Em síntese, esse novo programa agrário entende que a reforma agrária necessita ser apropriada pela classe trabalhadora como um todo, superando a antiga formulação *terra para quem nela trabalha* para uma formulação superior, de terra para *todos que nela queiram trabalhar*.

---

<sup>305</sup> Sobre a ocupação, cf. em <http://www.mst.org.br/node/16459> e demais matérias presente na página virtual do MST.

Dentre os elementos constituintes dessa elaboração, queremos destacar dois, como aprofundamento teórico proposto por este trabalho: soberania alimentar e território classista. Outros estudos e construções teóricas se fazem necessários.

### **Território e Soberania Alimentar: relações intra e interclasse**

Os antagonismos de classe são o que move a história, mais precisamente a luta de classes que se trava em função deles (Oliveira, 2007; Sader, 2007). Partindo desse pressuposto, e dado o viés de classe no qual se sustenta, por exemplo, o conceito de soberania alimentar, pensar a consolidação do território exige, como já dito, um reposicionamento do Estado e de governos. Ainda que sejam no intuito de beneficiar a população, quando as ações e políticas públicas formuladas e efetivadas pelo Estado estão pautadas numa leitura que menospreza o significado real das contradições de classes, optando por se embasarem em teorias e análises (neo)liberais, há uma fragilização do que é mais importante no processo de territorialização (Fabrini, 2011): a capacidade de autodeterminação social.

Quando se retira o controle do processo produtivo do camponês, característica inegável do agronegócio, mesmo quando da inserção subordinada de frações do campesinato ao seu modelo de produção, termina-se por romper além dos vínculos de identidades tradicionais de seu trabalho e modo de vida, também com a projeção positiva do viver na terra, cuja histórica pejorativação desdobra de uma operação discursiva e prática que buscou e conseguiu incutir no imaginário popular que o campo/rural é o lugar do atraso e precisa, para se resignificar, receber os projetos de modernização/desenvolvimento.

Se esta já era uma realidade posta desde o século passado, ganha novo sentido à medida que o campesinato se reinventa. E nesse sentido emerge uma vez mais na história a necessidade de reposicionamento social e político desse sujeito, que em verdade é o responsável pela produção dos diversos gêneros alimentares que chegam à mesa do povo brasileiro (Marcos; Fabrini, 2010). E reconhecendo a importância da dimensão simbólica no que se refere à atração de novos indivíduos para o campo, e para a luta pela terra, não é plausível concordar com a postura de inserção do campesinato à ordem do capital por meio de sua financeirização/endividamento, como faz o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Oliveira, 2011). Tal mecanismo de inserção põe o campesinato numa situação de fragilidade e o deixa suscetível às investidas do agronegócio. É preciso uma territorialização efetiva.

O território não tem um valor em si, ele precisa de um valor para si (Souza, 2009), em um constructo inter-classista. As políticas públicas que se assentam em concepções liberais sobre território, não só são insuficientes, como minam as condições de organização social (Fabrini, 2011). Por isso é que Souza (2009) diz que a simples implantação de um assentamento não o coloca como território da reforma agrária, nessa concepção classista. É preciso a consolidação das condições de autodeterminação social para os assentados, bem como para os quilombolas, índios, ribeirinhos e todas as populações tradicionais. E essa determinação precisa estar vinculada aos interesses de classe, nesse caso da Reforma Agrária, aos objetivos que vão além da reestruturação fundiária. Foi para expressar esse entendimento que o MST no lema do seu 6º Congresso Nacional adicionou o adjetivo popular à sua luta, cunhando “Lutar, construir Reforma Agrária Popular”.

Ao ressignificar a reforma agrária, o MST aponta para a superação da leitura clássica de que essa é uma reforma construída entre campesinato e burguesia industrial contra uma burguesia agrária arcaica. Com a reconfiguração das forças produtivas engendrada pelo agronegócio, a reforma agrária torna-se projeto de uma nova aliança entre trabalhadores urbanos e campesinato. Um dos pilares dessa articulação intra-classe é a Soberania Alimentar.

O debate acerca da soberania alimentar é permeado historicamente pelo modelo de desenvolvimento da agricultura e conseqüente acesso e disponibilidade de alimentação para população mundial. A disputa de conceitos é marcada pela concepção diferenciada dos órgãos governamentais e dos movimentos sociais e as propostas de intervenção para mudar o atual quadro alimentar mundial.

No início do século este debate foi reforçado pela ONU, sendo que a FAO definiu segurança alimentar como “*o direito das pessoas em se alimentar em todos os momentos, ter uma alimentação que seja suficiente, segura e que atenda a necessidades nutricionais e preferências alimentares de modo a propiciar vida ativa e saudável*” (FAO, 1997). Mas apesar de haver concordâncias quanto ao diagnóstico de que há muita fome no mundo e que é necessário que as nações tomem medidas urgentes para combatê-la, existem propostas bem distintas de como resolver essa questão, tanto do ponto de vista conceitual quanto empírico (Campos;Campos, 2007).

Os conceitos oficiais não trazem de forma clara os elementos que questionem e coloquem em debate o modelo agrário e agrícola que de fato perpetua e agrava o estado de insegurança ali-

mentar das populações. Segundo Assunção (2012) dados da PNAD<sup>306</sup> (IBGE, 2006) revelam que no meio rural encontra-se a maior prevalência domiciliar de insegurança alimentar moderada ou grave e, também, a maior proporção de população vivendo nessa condição. Enquanto na área urbana 11,4 % dos domicílios estão em condição de insegurança alimentar moderada e 6% grave; no meio rural as prevalências são 17% e 9%, respectivamente. Por mais contraditório que pareça, precisamos compreender que estes dados demonstram que não é possível “combater a fome” simplesmente aumentando a produção de algumas *commodities* e baixando o preço dos alimentos controlados por uma oligarquia fundiária e empresarial, pois a raiz do problema da fome se encontra em comunidades rurais que são *produtoras* de alimentos, mas lhes falta terra e apoio do Estado para viver com dignidade. Esse modelo de monocultivos e concentração da terra, associado com a histórica situação de pobreza no campo, engendra trabalhadores que produzem alimentos, mas comem com baixa diversidade e qualidade dos alimentos, e, às vezes, até baixas quantidades.

O conceito de Soberania Alimentar elaborado pelos movimentos sociais do campo articulados pela Via Campesina Internacional, em 1996, produziu a seguinte síntese de classe

[...] o direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental [...]. A Soberania Alimentar é a via para erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos (Declaração do Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar. Havana, 2001).

Neste quadro a luta em relação à alimentação e a mudança do modelo agrícola, que envolve a realização da reforma agrária, se tornam fundamentais, estruturais e determinantes para a Soberania Alimentar. Isto significa uma mudança do modelo de produção e organização no campo,

---

<sup>306</sup> Pesquisa nacional por amostra de domicílios- PNAD



resistência à apropriação dos recursos genéticos pelos grupos transnacionais e luta contra a padronização da cultura alimentar

O conceito de Soberania Alimentar, portanto, transcende o escopo de segurança alimentar, o qual normalmente está articulado com o Estado ou país como sujeito. Certamente é necessário que um país não seja dependente de importações para a segurança alimentar de sua população, e de modo importante a soberania nacional também está atrelada a certo nível de autossuficiência em produção alimentar. Todavia, a Soberania Alimentar baseia-se primeiramente em uma estratégia das classes camponesas, indígenas, quilombolas, e outras populações tradicionais e trabalhadores rurais para resistir à perda de seus territórios e a erosão de seus modos de vida, avançando em sua capacidade de autodeterminação e bem estar.

A crescente literatura sobre Soberania Alimentar inclui diversas discussões sobre quais são os sujeitos da Soberania Alimentar (Akram-Lodhi, 2013; McKay; Nehring, 2013): seria o Estado, por meio da criação de órgãos públicos ou incorporação do conceito nas leis nacionais? Ou seria alguma estrutura social mais “local” que o Estado - e assim como definir os limites de cada comunidade para fins de Soberania Alimentar? Ou seria melhor manter a definição dos sujeitos da Soberania Alimentar em termos de classe, primariamente o campesinato e outras classes tradicionais e de trabalhadores rurais? Mas então qual seria a relação dessas classes rurais com trabalhadores urbanos que consomem mais alimentos que produzem, e como esse projeto de aliança de classes transformaria o Estado e outras instituições de produção, processamento, e comércio agrícola? Estas são difíceis questões que ainda requerem maior elaboração e não podem ser ignoradas, pois a Soberania Alimentar não pode ser restringida a uma autarquia de Estado ou do nível “local”, muito menos reprodução caricaturada de uma visão romântica de um campesinato que produz exclusivamente para sua própria auto sustentação.

Para avançar das elaborações teóricas do conceito de Soberania Alimentar para as estratégias concretas de um projeto social, precisamos reconhecer algumas profundas contradições do atual sistema agro-alimentar organizado por grandes empresas transnacionais e interesses geopolíticos de Estados capitalistas. Estas contradições geram obstáculos para o desenvolvimento da Soberania Alimentar como um projeto coerente que unifique as classes trabalhadoras rurais e urbanas e transforme as relações entre países de capitalismo central e periférico.

Primeiramente, a industrialização da agricultura e a integração vertical de produção alimentar por grandes empresas de processamento e distribuição produz uma tendência de longo-

prazo de aumento de produção e declínio de preços de produtos agrícolas – especialmente grãos e produtos agrícolas que servem de insumos para indústrias, como soja, milho, cana-de-açúcar, e algodão. Esse processo tem beneficiado principalmente a elite financeira e industrial, e subsequentemente a classe trabalhadora urbana, pois a queda do preço dos alimentos barateia o custo de reprodução da classe trabalhadora urbana, mantendo salários baixos e aumentando os lucros das empresas.

Por outro lado, esse processo simultaneamente empobrece o campesinato e transfere riquezas dos setores rurais para os setores urbanos. Sendo que a pobreza e má-nutrição afetam desproporcionalmente populações rurais, a industrialização da agricultura e o crescimento de produção agrícola *aumentou* o número absoluto de pessoas vivendo na pobreza e com insegurança alimentar (Oliveira, 2009). O fortalecimento do campesinato e a redução da escala de produção industrial agrícola implica no aumento relativo dos preços dos alimentos, gerando na conjuntura atual uma contradição de interesses entre camponeses e trabalhadores rurais (Bernstein, 2013).

Ademais, essa concentração da produção nas mãos da elite financeira e industrial produz consequências ambientais e sociais que estão escamoteadas nos dados oficiais e das organizações patronais. Considerando os danos ambientais decorrentes do desmatamento, uso de agrotóxicos, homogeneização dos ecossistemas e perda de habitat natural para espécies que possuem múltiplas funções ambientais, além dos custos sociais decorrentes de intoxicação por agrotóxicos, empobrecimento do campesinato, migração rural para cidades sem estrutura para uma vida minimamente digna, e conflitos sociais gerados por esse modelo, percebe-se que a “eficiência” é uma construção ideológica, e o custo de alimentos industrializados não é nada barato do ponto de vista do desenvolvimento social.

Ambas as classes trabalhadoras rurais e urbanas encontram-se com interesses conjuntos na redução de agrotóxicos na produção rural e nos alimentos que consumimos. Ambas as classes trabalhadoras rurais e urbanas necessitam de um modelo de produção que seja realmente eficiente do ponto de vista holístico de desenvolvimento social. É nesse sentido que podemos entender a Soberania Alimentar como uma síntese construída historicamente diante das contradições do campesinato e da classe trabalhadora, e dos enfrentamentos com as classes dominantes, a partir da qual podemos avançar para um processo de questionamento radical das estruturas do sistema capitalista contemporâneo. Como síntese que se coloca em processo, no entanto, existem grandes desafios que estão colocados para a Soberania Alimentar enquanto esse projeto de classes subalternas, dos quais destacamos alguns à luz dos movimentos sociais do campo brasileiro.

O fortalecimento do campesinato, apontado anteriormente, depende de dois caminhos distintos, porém complementares: a realização da reforma agrária e reconhecimento dos territórios de quilombolas, indígenas, pescadores e demais povos do campo, das águas e das florestas, recompondo a força social dessa classe e reorganizando seu domínio sobre a terra e a água; e a reestruturação da matriz produtiva e tecnológica das frações tradicionais do campesinato, assoladas pela revolução verde, em um primeiro momento, e agora pelo agronegócio.

A base da Soberania Alimentar em uma perspectiva de classes está na garantia dos territórios camponeses - quilombolas, indígenas, ribeirinhos, de seringueiros, de pescadores e tantos outros - e na retomada de territórios apropriados pelo capital nacional ou internacional, por meio de uma reforma agrária ampla. Ao mesmo tempo, a agroecologia se evidencia como superação da subsunção real da agricultura não à indústria, mas sim ao capital financeiro internacional.

Esse “pilar” territorial ganha maior relevo com o avanço das biotecnologias e dos implementos de dispersão de agrotóxicos, uma vez que esse desenvolvimento das forças produtivas destrutivas leva, em uma escala muito curta de tempo, à contaminação de corpos d’água, dos solos e do material genético crioulo, contaminação essa de caráter irreversível. Não há possibilidade de avanços para Soberania Alimentar se o campesinato continuar “ilhado” em gigantescos territórios do capital financeiro-agrário-industrial, que, no médio prazo, tendem a fragilizar ainda mais essas comunidades. Justamente por isso é necessário pensar o território a partir da perspectiva de classe.

### **Considerações finais**

A reforma agrária não tem sido prioridade para o Estado, tampouco para os governos federais, inclusive nessa etapa de governo petista. Mesmo os movimentos sociais de luta pela terra compondo o bloco histórico que consagrou um governo de centro-esquerda pela primeira vez no poder após a abertura do golpe militar, a questão, mesmo no âmbito da reestruturação fundiária, não foi compromisso cumprido, sendo tangenciada em pequenas e insuficientes ações.

Não obstante, há um cenário de reconhecimento, pelos próprios cidadãos, da importância da reforma agrária. As políticas sociais, sobretudo as efetivadas pelos governos petistas a partir de 2003, possibilitaram algumas fissuras na correlação de forças.. As parcerias institucionais, notadamente no que concerne à educação e ao processo produtivo, que viabilizam os programas como os de compra de alimentos, de educação para a reforma agrária, entre outros, trazem, ainda que de

forma débil, elementos do que deveria ser a ação estatal pela revalorização do campesinato. Tanto pelo conjunto da população, quanto por eles mesmos. Essa revalorização, aliada à construção/garantia de condições objetivas e subjetivas para que a juventude camponesa se mantenha no campo, é o elo mais forte na corrente de reprodução campesina, sobretudo diante dessa ressignificação do campesinato, ou seja, desse novo camponês.

Esse reconhecimento de que o simbólico também está em disputa, de que é preciso desde os primeiros momentos de organização da base imprimir uma perspectiva classista na construção coletiva, é o que capacita os movimentos sociais como sujeitos coletivos imprescindíveis para a elaboração teórica que a atualidade exige e para a elaboração de políticas públicas que criem fissuras na ordem vigente na perspectiva de sua autodeterminação, o que passa indubitavelmente pelo autonomia relativa do processo produtivo. E é isso que essa futura lei que estabelecerá um fundo para a agricultura camponesa efetiva. Ela consubstanciará um amálgama de avanços que se expressam em múltiplas determinações cotidianas, tanto objetiva quanto simbolicamente.

Ao garantir aos camponeses os meios para produzirem como historicamente o fizeram, e que hoje em dia tem sido tratado no plano teórico como agroecologia, aliando à garantia da compra da produção, o Estado cumpre seu papel e auxilia os camponeses a se autodeterminarem. Com isso, ganha o conjunto da população, tendo em vista o que representa e os impactos da cadeia produtiva do agronegócio, como foi exposto anteriormente, ganham os camponeses, que se veem valorizados, não só economicamente, com o investimento na produção e compra de seus produtos, como também simbolicamente, pelo papel que exercem na produção de alimentos saudáveis, e têm assim motivos para seguir se reinventando e, nessa dinâmica, resignificando o próprio sentido de desenvolvimento, traçando as marcas indeléveis de outro projeto de país e de sociedade.

## **Referências**

AKRAM-LODHI, A. H. How to build food sovereignty. Artigo n. 15 apresentado na Conferencia Internacional de Soberania Alimentar, Universidade de Yale, 14-15 de setembro, 2013. Disponível em [http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/15\\_AkramLodi\\_2013-1.pdf](http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/15_AkramLodi_2013-1.pdf)

ASSUNÇÃO. H., H., T., OLIVEIRA, I. L.; BARBOSA. R. C.; STURZA. J., A., I. A segurança e soberania alimentar: contribuição ao debate a partir de estudo no assentamento fazenda esperança em Rondonópolis – MT; XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária; Uberlândia-MG, 2012.

BERNSTEIN, H. Food Sovereignty: A Skeptical View. Artigo n. 1 apresentado na Conferencia Internacional de Soberania Alimentar, Universidade de Yale, 14-15 de setembro, 2013. Disponível em [http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/1\\_Bernstein\\_2013.pdf](http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/1_Bernstein_2013.pdf)

CALAÇA, M.; INOCÊNCIO, M. E. Estado: o articulador do processo de modernização territorial no Cerrado. Espaço em Revista, v. 13, p. 81-106, 2011.

CAMPOS, C. CAMPOS, R. Soberania alimentar como alternativa ao agronegócio no Brasil *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (68). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24568.htm>> [ISSN: 1138-9788]

FAO. Report of the World Food Summit. Rome: Food Agriculture Organization, 1997.

FORUM MUNDIAL SOBRE SOBERANÍA ALIMENTARIA. Por el derecho de los pueblos a producir, a alimentarse y a ejercer su soberanía alimentaria. Declaración final. Havana, Cuba, 2001.

GÓMEZ, J. R. M. Desenvolvimento em (des)construção: provocações e questões sobre desenvolvimento e geografia. In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; SUZUKI, J. C. (ORGS). Geografia agrária: teoria e poder. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARCOS, V. de; FABRINI, J. E. Os camponeses e a práxis da produção coletiva. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MCKAY, B.; NEHRING, R. The 'State' and Food Sovereignty in Latin America: Political Projects and Alternative Pathways in Venezuela, Ecuador, and Bolivia. Artigo n. 57 apresentado na Conferencia Internacional de Soberania Alimentar, Universidade de Yale, 14-15 de setembro, 2013. Disponível em [http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/57\\_McKay\\_Nehring\\_2013.pdf](http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/57_McKay_Nehring_2013.pdf)

OLIVEIRA, A. U. A atualidade da questão agrária brasileira. 16 Nov. 2011. Entrevistador: Thiago Sebastião de Melo. São Paulo. Arquivo digital. 96 min.

OLIVEIRA, A. U. A geografia e os movimentos sociais. São Paulo: USP (digitado), 2007.

PEET, R. Imaginários de desenvolvimento. In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.;

PLOEG, J.D. Camponeses e imérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

PIRES, E. L. S. As lógicas espaciais e territoriais do desenvolvimento: delineamento preliminar dos aspectos históricos, teóricos e metodológicos. In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; SUZUKI, J. C. (ORGS). Geografia agrária: teoria e poder. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SADER, E. A vingança da história. 2 ed. (ampliada) – São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. Camponeses e política no pré-64. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 8, p. 83-17, 1997.

SAUER, S. Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasileiro. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUZA, J.G. Limites do Território. Revista Agrária (USP). São Paulo, nos 10/11, pp. 99-130, 2009.

SUZUKI, J. C. (org.). Geografia agrária: teoria e poder. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VILLAS BOAS, R.L. Novo ciclo de modernização conservadora: indústria cultural e reconfiguração da hegemonia. Rebela, v. 01, p. 152-179, 2012.

VASCONCELLOS, D.V. Congresso Nacional Camponês: polêmicas agrárias. Estudos Sociedade e Agricultura, ano 18, v. 2, p. 472-479, out/2010.

VERGES, A.B. Campesindios: aproximaciones a los campesinos de um continente colonizado. Quito: Ediciones La Tierra, 2011.

ŽIŽEK, S. Primeiro como tragédia, depois como farsa. Trad. Maria Beatriz de Medina. – São Paulo: Boitempo, 2011.

## **E da dor se fez arte: Ideologia, memória e representação das ditadura**

Margarida de MENEZES FERREIRA Miranda Fernandes; Departamento de Antropologia; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; Universidade Nova de Lisboa e CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia; Portugal; m.fernandes@fesh.unl.pt

### Resumo:

A recorrência do tema das ditaduras sul americanas como fonte de inspiração para a produção artística e literária não pode ser acidental. Trata-se de uma actividade arriscada de militância, por vezes produzida no exílio e divulgada, com considerável impacto, no exterior onde ajudam a configurar o imaginário sobre a América do Sul. Sem pretender fazer da ficção um objecto histórico detenho-me na construção das narrativas no pressuposto de que os textos literários são artefactos culturais. Esta análise – que não se pretende exaustiva –, visa apresentar uma abordagem antropológica que trata a arte como fonte, atribuindo aos autores – e às suas personagens – o papel de informante complexo que contribui para a formulação da memória cultural, social e política de cada um dos países e do continente.

Palavras-chave: América Latina; Ditaduras; ficção; Antropologia da Literatura.

### Abstract:

The recurrence of the subject of South American dictatorships as a source of inspiration for artistic and literary production cannot be accidental. It is a risky militant activity, often produced in exile and issued, with considerable impact, abroad where they help to configure the imagination about South America. Without intending to make of fiction an historical object, I focus on the construction of narratives assuming that literary texts are cultural artefacts. This analysis – not intending to be exhaustive –, aims to present an anthropological viewpoint that addresses art as a source, granting to authors – and their characters – the role of complex informers, which contribute for the formulation of cultural, social, and political memory of each of the countries of the continent.

Key words: Latin America; Dictatorships; Fiction; Anthropology of Literature.

[...] a luta dos cidadãos contra o poder das tiranias é a luta da memória legítima contra o esquecimento compulsivo [...] Ruy Duarte de Carvalho (2009: 211).

A ficção é instrumental na formação de um imaginário colectivo sobre uma dada realidade. A linha que separa a realidade da ficção nem sempre é fácil de delinear.

O presente que informa o processo estético não é uma passagem transcendental mas um momento de ‘trânsito’. Uma forma de temporalidade que está aberta à disjunção é à descontinuidade e vê o processo da história empenhado, como se fosse arte, numa negociação do enquadramento e da nomeação da realidade social – não o que está dentro ou fora da realidade, mas onde desenhar (ou inscrever) a linha ‘significante’ entre elas. (Bhabha, 1992: 144).

A designação *novelas de ditadores*, específica do contexto latino-americano, ilustra a pertinência do tema para um vasto conjunto de autores, alguns deles detentores de grandes prémios literários, incluindo o Nobel.

No pressuposto de que “[...] (Uma acção que se invente é sempre uma acção possível, real, portanto.)” (Carvalho, 1992[1977]:20), autores de obras de ficção e as suas personagens adquirem uma validação de informantes privilegiados não tanto no que toca aos factos em si mesmos mas, sobretudo, na construção de uma visão do mundo (Fernandes, 2004). Não é, por isso, relevante que alguns dos ditadores de ficção não tenham qualquer relação estrita com os seus congéneres de existência real, são uma espécie de “tipos ideais”, na acepção weberiana do termo: derivam da realidade sem corresponder exactamente a realidade nenhuma mas apresentando semelhanças marcantes com todas elas.

As obras de ficção são também uma forma de fixar a memória. A memória, como argumenta Maurice Halbwachs (1978[1950]), é sempre uma construção colectiva – e selectiva –, que se transmite de geração em geração e contribui para a formação de identidades. Mas há também o esquecimento e a intenção de o criar através de um



Plan de exterminio: arrasar la hierba, arrancar de raíz hasta la última plantita todavía viva, regar la tierra con sal. Después, matar la memoria de la hierba. Para colonizar las conciencias, suprimirlas; para suprimirlas, vaciarlas de pasado. Aniquilar todo testimonio de que en la comarca hubo, algo más que silencio, cárceles y tumbas. (Galeano, 1976).

Para Edward Said, as novelas são “[...] do mundo, até certo ponto são eventos, e mesmo quando parecem negá-lo, são todavia, uma parte do mundo social, da vida humana e, claro, do momento histórico em que estão situadas e são interpretadas.” (Said, 1983: 4).

Os intelectuais produtores de obras culturais são reflexo do seu mundo. O sujeito criador é como um “[...] artesano que elabora una obra a partir de materiales que son propiedad de una colectividad: una lengua, una Historia, unos mitos, una literatura, toda una herencia cultural, en el sentido más amplio de la palabra, un modo de vivir, de sentir, de pensar. [...]” (Esquerro, 1987: 64). Na medida em que reflectem formas de pensar, agir e sentir colectivas, os textos interpretam e comentam factos sociais, “[...] são parte da realidade social mas também tomam uma atitude sobre a realidade social. Podem criticar formas sociais e consolidá-las: em ambos os casos são *reflexivos*.” (Barber, 2008: 4). O autor proporciona ao seu leitor elementos de análise como se fosse um etnógrafo. Para De Angelis,

Os escritores literários são etnógrafos em virtude do facto de que escrevem histórias sobre pessoas e os seus sentimentos, sobre lugares e acontecimentos, sobre contextos [...]. Em literatura, o escritor/observador partilha um pedaço do outro, e as peças sobrepostas proporcionam uma janela através da qual o leitor pode apreender – dados sociais e culturais – sobre sociedades e culturas particulares. Ler um texto como um artefacto cultural torna-se uma forma de participar na investigação cultural. O escritor/etnógrafo apresenta informação ao leitor/participante que age simultaneamente como sujeito e objecto quando ele ou ela lê a informação apresentada e faz as suas próprias observações. (De Angelis, 2002: 3/4).

Esta ideia é reforçada por Machado Pais que entende ser “[...] preciso reconhecer que as fontes literárias, baseadas em novelas ou romances, ainda que nos limites do fantástico, podem objectivar o real através de múltiplas (re)criações ambientais. [...]” (Machado Pais, 1984:511). Nesse sentido, “[...] A literatura constitui para as ciências sociais, no todo ou em parte, um corpo de dados, um recurso cognitivo e um modelo de enunciação. [...]” (Lassave, 2002: 37). A validação de obras de

ficção como fontes de dados para as ciências sociais e em particular para a antropologia assenta, sobretudo, na forma como a interpreta, a objectiva e a cristaliza.

## **Ecos das Ditaduras**

A produção literária em torno das ditaduras latino-americanas é um exemplo de como a criação de discursos e narrativas se inspiram na realidade vivida. Apesar das circunstâncias de cada um dos países e os contornos de cada uma das ditaduras, encontram-se algumas semelhanças que ultrapassam fronteiras e podem relacionar-se com algumas contingências históricas, políticas, económicas, sociais e culturais comuns. A literatura latino-americana, em especial nos anos 60 e 70, reflectem uma postura dos intelectuais numa conjuntura política específica que se inscreve na solidariedade com o “Terceiro Mundo” (Gilman, 2003: 27-28). Em no estrangeiro exibiam-se filmes, declamava-se de poesia, canto, teatro, exposições de artes plásticas, venda de artesanato, discos e livros, recolhas de fundos para apoiar a resistência e apoiar exilados.

As *novelas de ditadores* exibem características comuns e características de continuidade porque se encontram exemplos desde o século XIX e ao longo de todo o século XX em vários países. De entre muitas outras, as obras *Nostramo* (1904) de Joseph Conrad; *Tirano Banderas, una novela de Tierra Caliente* (1937) de Ramón del Valle Inclán; *El Señor Presidente* (1946) de Miguel Ángel Asturias; *El Gran Burundun Burunda ha Muerto* (1952) de Jorge Zalamea; *Yo el Supremo* (1974) de Roa Bastos; *El Recurso del Método* (1974) de Alejo Carpentier; *La Fiesta del Chivo* (2000) de Vargas Llosa e *El General en su Laberinto* (1989) e *El Otoño del patriarca* (2002) de García Márquez.

Escrever sobre as ditaduras – com risco da própria vida – é uma tomada de posição política. Dar voz a quem não tem voz, forjar instrumentos aguçados de sensibilização e de denúncia. O regime proíbe as obras e reprime aqueles que as produzem,

a nivel individual, se hace efectiva con la prisión indefinida – acompañada frecuentemente de tortura – en régimen de incomunicación absoluta y, posteriormente, con el confinamiento, con el ostracismo o con la pérdida del empleo, medidas que generalmente son acumulativas. La misma afecta a escritores, periodistas, investigadores sociales, músicos, educadores, sa-

cerdotes que realizan una labor concientizadora, autores o directores de teatro y dirigentes universitarios. (Bareiro-Saguier, 1978).

A actividade intelectual como um todo é vista como potencialmente perniciosa, valoriza-se o trabalho manual.

Aquí en el Paraguay, antes de la Dictadura Perpetua, estábamos llenos de escribientes, de doctores, de hombres cultos, no de cultivadores, agricultores, hombres trabajadores, como debiera ser y ahora lo es. Aquellos cultos idiotas querían fundar el Areópago de las Letras, las Artes y las Ciencias. Les puse el pie encima. Se volvieron pasquineros, panfleteros. Los que pudieron salvar el pellejo, huyeron. (Roa Bastos, 2005[1974]: 126).

A literatura é objecto de escrutínio por parte do regime que elimina fisicamente as obras, como se ao fazê-lo se eliminasse também os seus autores.

A las cinco de la tarde, purificación por el fuego. En el patio del cuartel [...], el Comando [...] procede a incinerar "esta documentación perniciosa, en defensa de nuestro más tradicional acervo espiritual, sintetizado en Dios, Patria y Hogar". Se arrojan los libros a las fogatas. Desde lejos se ven las altas humaredas. (Galeano, 1976).

Nas características das ditaduras encontramos diferenças, na forma de acesso ao poder – frequentemente o golpe militar – e nas fontes de legitimação. O regime apoia-se, necessariamente, nos militares. A manutenção formal de alguns mecanismos democráticos dá uma aparência de normalidade. (Bethell (1998). A Constituição Chilena de 1980 cumpre essa função (Barros, 2004) e, no Paraguai, a Constituição de 1967 garante os direitos e as liberdades mas o estado de sítio renovado a cada 90 dias, elimina-as. (Bareiro-Saguier, 1978) e justifica o exercício de actos repressivos, a censura prévia, as detenções arbitrárias, os degredos, os desaparecimentos, o exílio, a tortura e as execuções sumárias. A “[...] actividad represiva siempre buscó respaldo en la supuesta defensa de la seguridad del Estado, del orden público, de la lucha contra el terrorismo, etc. [...]”<sup>307</sup> (CNPPT, s.d.: 24).

---

<sup>307</sup> <http://www.bcn.cl/bibliodigital/dhisto/lfs/Informe.pdf> (acedido em Outubro de 2014)

A ilusão de que o regime beneficia do apoio popular pode consolidar-se através da realização de eleições. Em *El Señor Presidente* de Asturias apela-se à recondução no cargo,

¿Por qué aventurar la barca del Estado en lo que no conocemos, cuando a la cabeza de ella se encuentra el Estadista más completo de nuestros tiempos, aquel a quien la Historia saludará Grande entre los Grandes, Sabio entre los Sabios, Liberal, Pensador y Demócrata??? ¿El sólo imaginar a otro que no sea El en tan alta magistratura es atentatorio contra los Destinos de la Nación, que son nuestros destinos, y quien tal osara, que no habrá quién, debería ser excluido por loco peligroso, y de no estar loco, juzgado por traidor a la Patria conforme a nuestras leyes!!! (Asturias, 2005[1946]: 370).

A figura “carismática” do ditador enfatiza a incumbência divina. Frequentemente militares, por vezes com origens humildes apresentam-se como bons patriotas, “salvadores da pátria”, guardiães dos “bons costumes” e defensores da “disciplina”, da “ordem” e da “moral”, em defesa do “bem comum” e do “progresso”. Exercem o poder com “mão pesada”, “rigor” e “sentido do dever” para impor valores que entendem como incontestáveis.

O ditador é o chefe supremo da nação e, ao mesmo tempo uma figura paternal: “O General Don Juan Manuel Rosas, Herói do Deserto, Ilustre Restaurador das Leis, depositário da Soma do Poder Público”, (Sarmiento, 2003[1845]: 206); Asturias descreve o Senhor “[...] Presidente de la República, Benemérito de la Patria, Jefe del Gran Partido Liberal y Protector de la Juventud Estudiosa.” (Asturias, 2005[1946]: 133) e “[...] muy ilustre protector de las clases necesitadas, que vela por nosotros con amor de padre y lleva a nuestro país, como ya dije, a la vanguardia del progreso [...]” (*idem*: 208). O “Supremo Dictador” de Roa Bastos era um “Fiel Ciudadano”, “Fiel Padre” e “Soberano de la República” (Roa Bastos, 2005[1974]:104). Trujillo, de Vargas Llosa, é “el Jefe”; “el Generalísimo”; “el Benefactor” ou “el Padre de la Patria Nueva” (Vargas Llosa, 2006[2000]: 15). Guzmán era “o Cidadão Salvador do País”; “Presidente Perpétuo” (Conrad, 2007[1904]: 101) e o “Excelentíssimo” Ribiera, era “a esperança de homens honestos” (*idem*: 88).

A descrição do aspecto físico do ditador nas novelas acentua as características sinistras. O Tirano Banderas mascava coca e “Tenía una verde senectud la mueca humorística de la momia indiana. [...]” (Valle-Inclán, 2006[1937]: 221). No romance de Asturias,

El Presidente vestía, como siempre, de luto riguroso: negros los zapatos, negro el traje, negra la corbata, negro el sombrero que nunca se quitaba; en los bigotes canos, peinados sobre las comisuras de los labios, disimulaba las encías sin dientes,

tenía los carrillos pellejados y los párpados como pellizcados.(Asturias, 2005[1946]: 145).

El Gran Burundu Burundá, “visto en carne y hueso – no en mármoles ni bronces –, el personaje fue patizambo, corto de muslos, de torso gorileSCO, cuello corto, voluminosa cabeza y globulosos ojos. El breve ensortijado del cabello y la prominencia de los morros, le daban cierto cariz negroide” (Zalamea, 1968[1952]: 22).

Trujillo de *La fiesta del Chivo* cuidava da sua imagen

[...] Cuando estuvo peinado y hubo retocado los extremos del bigotillo semimosca que llevaba hacía veinte años, se talqueó la cara con prolijidad, hasta disimular bajo una delicadísima nube blanquecina aquella morenez de sus maternos ascendientes, negros<sup>308</sup> haitianos, que siempre había depreciado en las pieles ajenas y en la propia. (Vargas Llosa, 2006[2000]: 39).

Quanto ao “Déspota solitário” de *El Otoño del Patriarca*, “[...] ninguno de nosotros lo había visto nunca, [...]” (García Márquez, 2003[1975]: 11).

As características psicológicas e de temperamento são também marcantes. Sarmiento diz que “Facundo – provinciano, bárbaro, bravio, audaz – foi substituído por Rosas [...] falso, coração gelado, calculista que faz atrocidades sem paixão” (Sarmiento, 2003[1845]: 31); Guzmán, “[...] tinha governado o país com a imbecilidade sombria do fanatismo político. O poder de Governo Supremo tornou-se na sua mente enfadonha um objecto de estranha veneração, como se fosse uma espécie de divindade cruel.” (Conrad, 2007[1904]: 100); quanto ao ditador de *O Outono do Patriarca* “[...] todo rastro de su origen había desaparecido de los textos, se pensaba que era un hombre de los páramos por su apetito desmesurado de poder, por la naturaleza de su gobierno, por su conducta lúgubre, por la inconcebible maldad del corazón [...]” (García Márquez, 2003[1975]: 56).

Valle-Inclán define *Tirano Banderas* como “La novela de un tirano con rasgos del Doctor Francia [República Dominicana] de Rosas [Argentina], de Melgarejo [Bolivia], de López [México], y de don Porfirio [Díaz, México], todo ellos *caudillos* destacados que marcaron una época de la historia político-social de Hispanoamérica [...]” (Zamora Vicente, 2006: 9/10, n.r. 2). Zaluaga, apresentamos exemplos de actos sádicos praticados por ditadores reais ou por eles ordenados.

---

<sup>308</sup> É curioso notar a referência a características fenotípicas que apontam para ascendência negra, índia ou ambas.

Hernández Martínez asesina 10.000 campesinos acusándolos de comunistas; Justo Rufino Barrios hace de su sicario una tea humana; Tiburcio Carías acaba con sus opositores hasta la tercera generación; Trujillo secuestra, en Estados Unidos, escritores y los hace desaparecer para siempre; Somoza asesina a traición al líder revolucionario Sandino; Juan Vicente Gómez confina en las prisiones a sus enemigos, que mueren devorados por los mismos gusanos que generan sus llagas al estar atados a grillos de más de cien kilos; Melgarejo asesina a su ayuda de cámara por celos, un viernes santo, mientras la procesión pasa bajo su ventana; Francia tiñe de rojo los blancos muros de Asunción con sus fusilamientos; Ubico se deleita con las fotografías de los torturados y en República Dominicana existen fosos de tiburones y perros adiestrados para castrar, y sicarios como Sanabria y Sixto Pérez en Centroamérica... (Zuluaga, 1977: 120, citado por Camacho Delgado, 2002: 102, n.r.2 ).

Alejo Carpentier em *El Recurso del método* conta sevícias aplicadas aos opositores:

[...] quedaron suspendidos los carnavales y la Prisión Moderna se llenó de máscaras. Y hubo aullidos y estertores, y garrotes apretados, y fresas de dentista girando en muelas sanas, y palos y latigazos, y sexos taconeados, y hombres colgados por tobillos y muñecas, y gentes paradas durante días sobre rodas de carretas, y mujeres desnudas, corridas a cintarazos por los corredores, despatarradas, violadas, de pechos quemados, de carnes penetradas con hierro sal rojo; y hubo fusilamientos fingidos y fusilamientos de verdad, salpicaduras de sangre y plomo de máuseres en las paredes de reciente construcción, aún olientes a mezclas de albañil; y hubo defenestraciones, estrapadas, enclavamientos, y gente trasladada al Gran Estadio Olímpico donde había mejor espacio para ametrallar en masa – evitando-se, así, la pérdida de tiempo que significaba la formación de pelotones y piquetes de ejecución; y hubo también aquellos que, metidos en grandes cajas rectangulares, fueran recubiertos de cemento, en tal forma que los bloques acabaron por alinearse al aire libre, a un costado de la cárcel, tan numerosos que pensaron los vecinos que se trataba de material de cantería destinada a futuras ampliaciones del edificio... [...].(Carpentier, 2004[1974]: 262).

Alguns dos apoiantes, confrontados com os excessos, podem acabar por retirar o apoio ao regime. Essa mudança de atitude pode ser determinante para a sua queda e o surgimento de uma “nova esquerda”. (Dávila, 2013: 179). Quem discorde da ordem estabelecida – ou ambicione tomar o poder – é um inimigo a eliminar.

José Palacios, de *El General en su Laberinto*, afirma: “«No tengo amigos», [...]. «Y si acaso me quedan algunos ha de ser por poco tiempo».” (García Márquez, 2002[1989]: 5). Como todos os ditadores, o Primeiro Magistrado de *El Recurso del Método* de Alejo Carpentier tem muitos inimigos e teme ser assassinado “[...] sabia que muchos, muchísimos, demasiado muchos, soñaban con que alguien, alguna vez, tuviese el valor de asesinarlo [...]” (Carpentier, 2004 [1974]: 161). O medo da traição gera uma constante desconfiança dos que os rodeiam, “[...] querían el sitio de elegido de Dios que él se había reservado, querían ser yo, malparidos, [...]” (García Márquez, 2003[1975]: 138). A retaliação é implacável, como no caso do General Canales e de Miguel Cara de Ángel, (“bello y malo como Satán”), homem de confiança do ditador, em *El Señor Presidente*; de Augustín Cabral, pai de Urania, em *La Fiesta del Chivo* de José Ignacio Sáenz de la Barra e Rodrigo de Aguilar (compadre de toda la vida), em *El Otoño del Patriarca* servido

[...] en bandeja de plata puesto cuan largo fue sobre una guarnición de coliflores y laureles, macerado en especias, dorado al horno, aderezado con el uniforme de cinco almendras de oro de las ocasiones solemnes y las presillas del valor sin límites en la manga del medio brazo, catorce libras de medallas en el pecho y una ramita de perejil en la boca, listo para ser servido en banquete de compañeros por los destazadores oficiales ante la petrificación de horror de los invitados que presenciamos sin respirar la exquisita ceremonia del descuartizamiento y el reparto, y cuando hubo en cada plato una ración igual de ministro de la defensa con relleno de piñones y hierbas de olor, él dio la orden de empezar, buen provecho señores. (García Márquez, 2003[1975]: 143).

O poder ilimitado é também a condenação do ditador, a fonte do seu medo, da sua paranóia. Escreve Roa Bastos em *Yo el Supremo*:

¿Creíste que de ese modo abolías el azar? Puedes tener prisioneros en las mazmorras a quinientos oligarcones traidores; hasta el último de los antipatriotas y contrarrevolucionarios. [...] Con ello el azar dicta sus leyes anulando la vérticealidad de tu Poder Absoluto. Escribes las dos palabras con mayúsculas para mayor seguridad. Lo único que revelan es tu inseguridad. Pavor cavernario. Te has conformado con poco. Tu horror al vacío, tu agorafobia disfrazada de negro para confundirte con la oscuridad te ha marchitado el juicio. Te ha carcomido el espíritu. Ha herrumbrado tu voluntad. Tu poder omnímodo, menos que chatarra. Un solo aerolito no hace soberano. Está ahí; es cierto. Pero tú estás encerrado con él. Preso. Rata gotosa envenenada por su propio veneno. Te ahogas. La vejez, la en-

ferma-edad, enfermedad de la que no se curan ni los dioses, te acogota. (Roa Bastos, 1987[1974]: 211).

Os ditadores depostos, caso não sejam assassinados, podem ser obrigados a exilar-se. García Márquez descreve um grotesco exílio dourado. O Patriarca recebia

[...] los padres destronados de otras patrias a quienes él había concedido el asilo a lo largo de muchos años y que ahora envejecían en la penumbra de su misericordia soñando con el barco quimérico de la segunda oportunidad en las sillas de las terrazas, hablando solos, muriéndose muertos [...] después de haberlos recibido a todos como si fueran uno solo, pues todos aparecían de madrugada con el uniforme de aparato que se habían puesto al revés sobre la pijama, con un baúl de dinero saqueado del tesoro público y una maleta con un estuche de condecoraciones, recortes de periódicos pegados en viejos libros de contabilidad y un álbum de retratos [...], él les concedía el asilo político sin prestarles mayor atención ni revisar credenciales porque el único documento de identidad de un presidente derrocado debe ser el acta de defunción, [...] mientras la justicia del pueblo llama a cuentas al usurpador, la eterna fórmula de solemnidad pueril que poco después le escuchaba al usurpador, y luego al usurpador del usurpador como si no supieran los muy pendejos que en este negocio de hombres el que se cayó se cayó, [...] (García Márquez, 2004: 24/25).

O desaparecimento físico do ditador é descrito em várias obras que se debruçam sobre as exéquias e as reacções que suscitam na população. Um surpreendente sentimento de orfandade mobiliza a multidão: Nas exéquias de Trujillo em *La Fiesta del Chivo*, “[...] Había escenas desgarradoras, llantos, alardes histéricos, entre los que ya habían alcanzado los graderíos del Palacio y se sentían cerca de la cámara fúnebre del Generalísimo.” (Vargas Llosa, 2006[2000]: 464).

Em *Yo el Supremo*, as cerimónias fúnebres congregam o povo numa histeria colectiva, “[...] Todo era en rededor gemidos, sollozos, lamentos desgarradores. Muchos se arrancaban los cabellos con gritos de profundo dolor. [...] (Roa Bastos, 1987[1974]:104).

Sarmiento dá-nos conta da perenidade de Facundo,

Dez anos volvidos sobre a tua trágica morte, [...], diziam: «Não! Ele não morreu! Ele está vivo! Ele Voltará!» Verdade! Facundo não morreu. Está vivo nas tradições populares, na política e nas revoluções Argentinas, em Rosas, seu herdeiro,



seu complemento; [...] o que nele era instinto, impulso, tendência, em Rosas tornou-se um sistema de meios, e fim.” (Sarmiento, 2003[1845]: 31).

Estranho fascínio, que leva o povo a adular quem o oprime. A morte de um ditador pode significar o fim do regime mas pode também ser uma mera mudança de personagem.

## **Conclusão**

É prerrogativa da ficção, não estar sujeita às limitações impostas pela realidade, mas poder recriá-la e torná-la tão verosímil que contribui para a visão do mundo, a formação de identidades e a consolidação da memória.

Os criadores – muitos deles no exílio ou na clandestinidade –, são os porta-vozes e os leitores são os potenciais aliados. E da arte se faz arma, instrumento de combate, que produz impacto à distância, que alerta, que compromete, que promove solidariedades.

O autor é, também ele, um produto cultural. Como refere Fowler, “Tratar a literatura como discurso é ver o texto [...] não só relações de fala mas também de consciência, ideologia, papel e classe. O texto deixa de ser um objecto e torna-se acção ou processo [...]” (Fowler, 1981: 80). O leitor reinterpreta e associa ao que lê a sua própria imaginação e experiência. O entendimento do mundo é constantemente mediado. A apreensão da realidade é quase sempre ilusória e a sua interpretação é, invariavelmente, subjectiva.

## **Bibliografia citada**

ARCHETTI, Eduardo P. (Ed.), *Exploring the written Anthropology and the multiplicity of writing*, Scandinavian University Press, Oslo, 1994

ASTURIAS, Miguel Ángel, *El Señor Presidente*, Cátedra, Madrid, 2005[1946]

BARBER, Karin, *The Anthropology of Texts, Persons and Publics* (New Departures in Anthropology), Cambridge University Press, Cambridge, 2008

BAREIRO-SAGUIER, Rúben, “Los Intelectuales Frente a la Dictadura: La Represión Cultural en Paraguay”, *Nueva Sociedad* N.º.35, Março-Abril, pp. 56-63, 1978

- BARROS, Robert, *Constitutionalism and Dictatorship - Pinochet, the Junta, and the 1980 Constitution*, Cambridge University Press, Cambridge, 2004
- BETHELL, Leslie, *Latin America – Politics and Society since 1930*, Cambridge University Press, Cambridge, 1998
- BHABHA, Homi (1992) “The World and the Home”, *Social Text – Third World and Post-Colonial Issues*, Nº. 31/32, pp. 141-153
- CAMACHO DELGADO, José Manuel, “La Metamorfosis de Su Excelencia, de Jorge Zalamea. Entre el Relato Mítico y la Denuncia Política”, *Romansk Forum*, Nº. 15, pp. 101-114, 2002
- CARPENTIER, Alejo, *El Recurso del Método*. Losada, Buenos Aires, 2004[1974]
- CARVALHO, Ruy Duarte de, *Como se o Mundo não Tivesse Leste*, Vega, Lisboa, 1992[1977]
- CARVALHO, Ruy Duarte de, *A Terceira Metade*, Cotovia, Lisboa, 1999
- COMISIÓN NACIONAL SOBRE PRISIÓN POLÍTICA Y TORTURA (s.d.) *Informe*, Chile, <http://www.bcn.cl/bibliodigital/dhisto/lfs/Informe.pdf> (accedido em Outubro de 2014)
- CONRAD, Joseph, *Nostramo: a tale of the seaboard*. Oxford University Press, Oxford, 2007[1904]
- DÁVILA, Jerry, *Dictatorship in South America*, Wiley-Blackwell, Oxford, 2013
- DE ANGELIS, Rose (Ed.), *Between Anthropology and Literature: Interdisciplinary Discourse*, Routledge, London, 2002
- DURKHEIM. Émile, *As Regras do Método Sociológico*, Lisboa, Presença, 1984[1901]
- ESQUERRO, Milagros, “Introducción”, in Augusto Roa Bastos (*Yo el Supremo*, Cátedra, Madrid, 1987[1974])
- FERNANDES, Margarida, *Hora di Bai: A atitude dos Caboverdianos perante a morte — uma abordagem antropológica a partir da literatura de ficção*, Lisboa, Editora Vega, 2004
- FOWLER, Roger, *Literature as Social Discourse*, Batsford, London, 1981
- GALEANO, Eduardo, “Sobre Verdugos, Sordomudos, Enterrados y Desterrados”, *Nueva Sociedad*, Nº 35, Marzo-Abril, pp. 36-47, 1978

- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, *El Otoño del Patriarca*, Debolsillo, Barcelona, 2004[1975]
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, *El General en su Laberinto*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 2002[1989]
- GILMAN, Claudia, *Entre la Pluma y el Fusil: Debates y Dilemas del Escritor Revolucionario en America Latina*, Siglo Veintiuno, Buenos Aires, 2003
- HALBWACHS, Maurice (1978[1950]) *La Mémoire Collective*. (2<sup>a</sup> Edição, com Prefácio de Jean Duvignaud), Presses Universitaires de France, Paris
- LASSAVE, Pierre, *Sciences Sociales et Littérature*, Presses Universitaires de France, Paris, 2002
- MACHADO PAIS, José, “Fontes documentais em sociologia da vida quotidiana”, *Análise Social*, Vol. XX (83), 4<sup>o</sup>, pp. 507-51, 1984
- ROA BASTOS, Augusto, *Yo el Supremo*, Cátedra, Letras Hispánicas, Madrid, 1987[1974]
- SAID, Edward, *The World, the Text, and the Critic*, Harvard University Press, Cambridge, 1983
- SARMIENTO, Domingo Faustino, *Facundo: Civilization and Barbarism*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles/London, 2003[1845]
- VALLE-INCLÁN, Ramón del, *Tirano Banderas: Novela de Tierra Caliente*, Austral-Narrativas, Madrid, 2006[1937]
- VARGAS LLOSA, Mário, *La Fiesta del Chivo*, Punto de Lectura, Madrid, 2006[2000])
- WEBER, Max, *Economy and Society: An Outline of Interpretative Sociology*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1978[1956]
- ZALAMEA, Jorge, *El Gran Burundun Burunda ha Muerto*, Compañía Grancolombiana de Ediciones, Bogotá, 1968[1952]
- ZAMORA VICENTE, Alonso, “Introducción” in Ramón del Valle-Inclán, *Tirano Banderas: Novela de Tierra Caliente*. Austral-Narrativas, Madrid, 2006[1937].

## **Sindicalismo Revolucionario, trabajadores y política en Argentina durante el primer gobierno de Yrigoyen (1916-1922)**

María Alejandra Monserrat (Facultad de Ciencia Política y RRII –UNR) [monserrat.alejandra1@gmail.com](mailto:monserrat.alejandra1@gmail.com)

### Resumen

A partir del año 1916 y con la aplicación de ley Saenz Peña, se inició en Argentina un proceso de ampliación del régimen político, que posibilitó la llegada de la Unión Cívica Radical (UCR) al poder. Esta etapa signada por cambios políticos importantes, también fue escenario de redefiniciones en las relaciones entre el Estado, los trabajadores urbanos, los empresarios y la política. A su vez la corriente Sindicalista Revolucionaria junto con los sindicatos más importantes de la época, expresaron la emergencia de nuevas prácticas sindicales y políticas, las cuales se enmarcaban en un proceso de construcción de una identidad de clase, que los alejaba, en determinadas circunstancias, de posiciones reformistas. Sobre este contexto, se produjo un proceso de transformación de las relaciones laborales marcado por particulares políticas estatales hacia a los trabajadores, y el desarrollo de prácticas sindicales que caracterizaron a una gran parte de las organizaciones obreras.

Palabras claves: Radicalismo - Trabajadores urbanos - Estado- Sindicalismo Revolucionario

### Abstract

With the passing of the Saenz Peña law in 1916, a process of expansion of the political regime which will enable the Unión Cívica Radical (UCR) reach the government begins. This period is marked by important political changes and a redefinition of the relationship between the State, the factory workers, the factory owners and politics. At the same time, Revolutionary Sindicalism, together with the most important Unions of the time, claim the need for new syndicalist policies and practices which would lead to the construction of a class identity. This process will, at different moments, take them away from other reformist positions. It is in this context that a process of transformation of employment relationships marked by certain State labour policies, and the development of syndicalist practices which will become characteristic of most of the unions take place.

Key words: Radicalismo – Urban Workers – State – Revolutionary Sindicalism

En los últimos años se ha venido dando una renovación del interés académico por una historia social, en la cual los trabajadores vuelvan a recuperar centralidad, en tanto actores claves de los procesos sociales. Esta preocupación surge frente a una producción historiográfica que se desarrolló en los años ochenta y noventa, la cual priorizaba los análisis provenientes de la historia política, poniendo en un lugar secundario o excluyendo aquellas explicaciones enmarcadas en la historia social y económica. Con respecto a este tema, Juan Suriano, señala que las razones de este viraje historiográfico sobre la historia de los trabajadores, en parte se relacionó, con el impacto que tuvieron las políticas neoliberales en el mundo del trabajo. Fenómenos como la precarización laboral y la tercerización del trabajo modificaron sustancialmente las formas de representación política y gremial de los trabajadores. No obstante, advierte Suriano, que estas formas de abordar las problemáticas de los trabajadores se vieron reforzadas por el desarrollo de paradigmas académicos, influenciados por los marcos teóricos de los marxistas ingleses -Hobsbawm, Thompson, entre otros -, en los cuales los trabajadores en tanto clase social perdían identidad. (Suriano Juan, 2006: 285).

Por lo tanto y como consecuencia, en la actualidad, se han ido abriendo nuevas líneas de investigación y espacios de rediscusión de conceptos, como el de clase, lucha de clases, que buscan establecer un nuevo diálogo entre la historia social y la historia política. Y al mismo tiempo, nos plantea repensar una historia de los trabajadores atravesada por diversas articulaciones con otros actores políticos y sociales (Estado, empresarios, partidos políticos, tendencias ideológicas de “izquierda”) que redimensionan esta problemática. Es decir, intentar llevar adelante un análisis que le de visibilidad a los trabajadores en una compleja trama que caracterizó la construcción de la ciudadanía social y política de estos sectores.

Por supuesto este es un objetivo de investigación de largo alcance, no obstante y desde esa perspectiva, en este trabajo nos proponemos comenzar el abordaje de algunas de las características más importantes que asumieron las relaciones entre los trabajadores, el Estado y la política en el transcurso de la primera experiencia democrática que atravesó nuestro país, a partir de 1916. Consideramos que esta etapa de la historia de la Argentina y en particular de los trabajadores, es un momento relevante, ya que fue el escenario de redefinición de las relaciones del Estado – los trabajadores urbanos – la política. Por lo tanto, nuestra preocupación estará centrada en el análisis de las políticas sociales implementadas por el yrigoyenismo, teniendo en cuenta que estas eran parte de un proceso más complejo, que buscaba la expansión de la ciudadanía política en el conjunto de la sociedad Argentina. A su vez y frente a este nuevo escenario político y social, nos ocu-

paremos de analizar el ideario del Sindicalismo Revolucionario, tendencia que en esta época adquirió un peso significativo en la conducción de los gremios más importantes, y que le imprimió determinadas características a las luchas de los trabajadores, estimulando la emergencia de nuevas prácticas sindicales y políticas.

### *El radicalismo y las organizaciones obreras*

Con la sanción de la ley Sáenz Peña de sufragio universal masculino, en 1912, se produjo en Argentina una importante ampliación del “mercado electoral”, ya que permitía la incorporación al escenario político de vastos sectores trabajadores nacidos en el país o extranjeros nacionalizados. Desde entonces, todo el arco político argentino, incluso los conservadores, mostraron un mayor interés por los trabajadores y las cuestiones que se derivaban de su accionar, como lo expresan, principal pero no únicamente la ampliación de los atributos del Departamento Nacional del Trabajo y la Ley de Accidentes, en el período de transición 1912 – 1916. Sin embargo, cambios en las relaciones entre el Estado y el movimiento obrero se comenzaron a dar con el primer gobierno de Yrigoyen. Si bien, esto no implicó la aparición de un Estado “intervencionista” en cuestiones obreras – urbanas. El radicalismo sin abandonar la matriz Estado liberal, comenzó a incorporar en su agenda las problemáticas derivadas del mundo del trabajo. Paralelamente, también asistimos a cambios en la conducción de la central obrera (Federación Obrera Regional Argentina) y la modificación de la correlación de fuerzas entre las tendencias políticas de “izquierda”, que había caracterizado el período anterior de los gobiernos conservadores. Como se sabe, para 1915 y en el marco del IX Congreso de la Federación Obrera Regional Argentina (FORA), la tendencia Sindicalista Revolucionaria, nacida de una ruptura al interior del Partido Socialista en 1906, y con un claro discurso antipoliticista y antiestatista, ganará con una mayoría de congresales la dirección de la central obrera. (Falcón, Ricardo, 1986-87.) De esta manera se producía un desplazamiento de la conducción anarquista en la FORA, e imprimiendo, desde este momento un nuevo contenido ideológico al accionar de la central. En efecto, detrás de la consigna de la unidad de los trabajadores, declararon a la FORA una organización apolítica y puramente obrera, quitando de sus estatutos la recomendación de la difusión de los principios anarco- comunistas incorporada por el anarquismo en el Vº Congreso gremial de 1905. Un sector del anarquismo no acató estas resoluciones y se retiró constituyendo su propia central obrera, llamada FORA del quinto Congreso (FORA Vº), para diferenciarla de la FORA IXº o del noveno congreso Sindicalista. Este importante crecimiento del Sindicalismo Revolucionario en el movimiento obrero, durante este período, en parte se

relacionaba con la inserción que esta tendencia logró en dos gremios claves para la época: los marítimos (FOM) y los ferroviarios (FOF).

Ambas organizaciones obreras habían logrado, para la segunda mitad de la década del diez, ensanchar y fortalecer sus estructuras organizativas, al calor del continuo desarrollo de un modelo económico agroexportador, en donde tanto los trabajadores marítimos como los ferroviarios cumplían funciones claves. Al respecto, Joel Horowitz plantea que el poder de convocatoria de la tendencia Sindicalista, por lo menos hasta finales de la década del veinte, se vio reforzada por la existencia de un “pacto tácito” entre el yrigoyenismo y los dirigentes del Sindicalismo Revolucionario. Horowitz, en sus trabajos señala que este vínculo informal, se fundamentaba en que los Sindicalistas no daban consigna de voto y por lo tanto, por su antipoliticismo, no eran rivales electorales de la Unión Cívica Radical. A su vez, el autor considera que durante la década del veinte el Sindicalismo, ya había abandonado su anti-estatismo original para inclinarse cada vez más con negociaciones “corporativas y extrapolíticas con el Estado. Por su parte, el radicalismo yrigoyenista, no mostraba interés por incentivar la formación de sindicatos partidarios que pudieran competir en el mismo terreno con las organizaciones Sindicalistas. (Horowitz, Joel, 1984.) En la explicación de Horowitz, el punto de encuentro entre ambas doctrinas aparece caracterizado por un cierto pragmatismo. Y en el caso particular del Sindicalismo Revolucionario se tiende a privilegiar las nociones de negociación, corporativismo, reformismo y lucha estrictamente económica como los rasgos fundamentales de esta tendencia. De este modo, la década del veinte, aparece como un período de escasa conflictividad obrera y con un predominio de prácticas sindicales en donde primaba la negociación por sobre las acciones directas. Esta idea de “pacto tácito” entre el Estado y un sector de los trabajadores organizados ente 1916 y 1930, también está presente en los análisis clásicos de David Rock y Hugo Del Campo. Para Rock, el acercamiento “informal” del radicalismo yrigoyenista hacia los dirigentes del Sindicalismo Revolucionario, estuvo marcado por la rivalidad en el plano electoral con el Partido Socialista. Y a su vez, menciona que una presencia importante de trabajadores nativos en la composición de los gremios conducidos por el Sindicalismo, también estuvo en la base del interés del yrigoyenismo por establecer algunos canales de comunicación con sus dirigentes. (Rock, David, 1977; Del Campo, Hugo, 2012)

La forma de definir los vínculos de las organizaciones obreras y el Estado gobernado por el radicalismo en los años veinte, operó en nuestras investigaciones como un disparador para centrar nuestras preocupaciones académicas en analizar las acciones del Estado en este período en materia de políticas sociales. Esto significó una experiencia enriquecedora que se reflejó en la pu-

blicación de artículos, en donde procuramos la elaboración de hipótesis y explicaciones que dieran cuenta del accionar estatal entre 1916 y 1930 en cuestiones del mundo del trabajo y que al mismo tiempo, no se agotaran en la necesidad del radicalismo de cooptar los votos de los trabajadores o la rivalidad política que se daba con el partido Socialista. (Falcón, R.; Monserrat, A. 2000: pp.153-193).

En efecto, la visión de Yrigoyen sobre los problemas sociales tuvo un impacto profundo en la sociedad, abriendo nuevos debates y propuestas, incluso al interior del radicalismo. De esta manera y como hemos señalado, el radicalismo sin dejar de utilizar el poder represivo del Estado, en algunas coyunturas, comenzó a incluir los problemas obreros en su agenda política. Con respecto a esto último, Robert Castel señala que la emergencia del “Estado social” en occidente, se dio en el contexto de gobiernos liberales de fines del siglo XIX, que buscaban la implementación de acciones políticas que brindaran soluciones a los problemas de cohesión social sin cambiar el statu quo. La construcción del Estado Social, se sustentaba en un “compromiso entre el mercado y el trabajo” con el objetivo de garantizar la paz social. (Castel, Robert, 2006: 213) En esta dinámica se apelaba tanto al consenso como a la coerción para disminuir la conflictividad social que caracterizaba a una sociedad en transformación. El Estado “gendarme” o “prescindente característico del período oligárquico fue quedando atrás para dar paso a un Estado que progresivamente irá ampliando sus funciones sociales, e incorporando en su agenda nuevas cuestiones. Por supuesto no debemos dejar de señalar que las transformaciones que se operaron en el accionar del Estado Liberal clásico a partir del gobierno de Yrigoyen, ya se venían manifestándose en el período oligárquico. Esto último se corrobora por un lado, y como ejemplo, en la intervención arbitral del Poder Ejecutivo, durante la huelga ferroviaria de 1912. También, y por otro lado, en la sanción de algunas leyes laborales que otorgaban derechos a los trabajadores como el descanso dominical y la implementación de seguros por accidentes de trabajo.

Con la llegada del yrigoyenismo al poder en 1916, el arbitraje estatal para dirimir los conflictos entre el capital y el trabajo continuó siendo una herramienta importante en el desarrollo de las políticas sociales. No obstante, durante esta etapa, en la implementación de los mecanismos de arbitraje estatal el Estado comenzó asumir un rol distintivo. Se colocaba como garante último de una equitativa y justa solución de los conflictos entre los distintos intereses sectoriales. Al respecto, Alfredo Pucciarelli plantea que: ...el partido radical se habría transformado, en principio, en vehículo involuntario e inconsciente de la construcción de una nueva realidad social... (y)... también en el protagonista fundamental y, en cierto modo, en la garantía del buen funcionamiento del



nuevo régimen político democrático... (Pucciarelli, Alfredo, 1993: 93) Sin un programa de gobierno explícito, la gestión de Yrigoyen implementó diversos mecanismos para concretar un acercamiento del Estado con los trabajadores urbanos. Esto generó nuevas reglas de juego en las relaciones laborales, en un intento por “integrar” a gran parte de los que hasta ahora se encontraban marginados del sistema político.

Nosotros, creemos que las políticas sociales llevadas adelante por el yrigoyenismo y las formas en que, en determinadas circunstancias entablaba vinculaciones con algunas organizaciones de trabajadores, en parte respondían a un conjunto de ideas y conceptos que le otorgaban sentido a sus acciones de gobierno.

El yrigoyenismo partía de la certeza de que esta sociedad se hallaba “corrompida” por gobiernos que sólo habían perseguido intereses personales y perpetuarse en el poder. Por lo tanto, era el deber de este partido rescatar un pasado, en el cual el imperio de los preceptos constitucionales acompañaba el devenir político del país. La propuesta del yrigoyenismo era una cura regeneracionista que brindaba una solución a contradicciones cada vez más profundas entre la sociedad política y la sociedad civil. El sentido “regeneracionista” del radicalismo anidaba en la sociedad civil como una virtud y su legitimidad estaba dada, en tanta expresión que nacía “desde abajo”. La Unión Cívica Radical se asumía como el único partido preparado para iniciar el proceso de rescate de la ciudadanía política en el país.

Las concepciones e ideas de Yrigoyen en el terreno político pueden encuadrarse en el escenario de lo que se denomina la reacción antipositivista, como corriente de pensamiento surgida a principios del siglo XX. Con esto último nos estamos refiriendo, a la ideología surgida de la interpretación yrigoyenista del krausismo. Según Ricardo Falcón, Yrigoyen entró en contacto con el pensamiento de Krause no en forma directa, sino a través de la lectura de sus discípulos belgas y españoles: ... Ese encuentro con el Krausismo marcó profundamente sus convicciones morales personales, y en lo que hace a su pensamiento político pasó a constituir, junto con el liberalismo federalista del siglo XIX, heredado, posiblemente, de su tío Leandro Alem y lecturas de los clásicos de la Ilustración, uno de los elementos constitutivos más fuertes de su ideario... (Falcón, Ricardo, 2000: 328).

La importancia de la presencia de la filosofía krausista en el pensamiento del radicalismo yrigoyenista reside, como indica Falcón, en que la misma le permitió al partido construir un puente entre el liberalismo individualista que primaba en la ideología del régimen del ochenta y un

ideario más centrado en preocupaciones de índole social. A través del concepto de solidaridad como eje del pensamiento del radicalismo yrigoyenista le imprimió una nueva connotación a las relaciones sociales y a los vínculos entre el Estado y la sociedad civil. La idea de solidaridad le permitía al radicalismo alejarse de las posturas individualistas características de un liberalismo ortodoxo y al mismo tiempo superar aquellas posturas colectivistas derivadas del socialismo utópico primero y más adelante de los planteos emergentes de la Revolución Rusa de 1917. De esta manera, la idea de Nación estaba atravesada por una suerte de “solidarismo”, que conllevaba a concebirla como un espacio de integración de los distintos sectores sociales. En este sentido, el diputado radical y contemporáneo de Yrigoyen, Carlos Rodríguez expresaba que la doctrina radical yrigoyenista con la incorporación del concepto de solidaridad permitía la transformación del liberalismo decimonónico individualista en uno “solidarista” que concebía la sociedad como una instancia conformada por distintas esferas orgánicas que coexisten armónicamente. Sobre la base de una filosofía solidarista y organicista planteada por el krausismo, el yrigoyenismo fundamentaba un rol particular para el accionar del Estado. Este podía intervenir en la sociedad, siempre y cuando no se les quitara a las distintas esferas que lo componen su fuerza y su autonomía. La intervención del Estado para el yrigoyenismo se presentaba como un mecanismo de “integración social”, que sin apartarse de la doctrina del liberalismo, actuaba sólo cuando alguna esfera de la sociedad lo requería.

Por tanto, el radicalismo entendía la Nación, como un concepto que remite a la idea de inclusión. La Unión Cívica Radical asumía una misión histórica que tenía que ver con recuperar la ciudadanía política, y en este proceso la nación en tanto instancia de integración política y social cumplía un rol fundamental. Yrigoyen sintetizaba esta cuestión como la “causa” contra el régimen o también esta problemática se formulaba a través de la oposición; “nación” – “anti nación”.

El yrigoyenismo pensaba la sociedad como un conjunto de individuos que gozan de los mismos derechos civiles y políticos, más allá de su posición social y económica. Las diferencias desaparecían con la emergencia de la figura del ciudadano. Al respecto, Osvaldo Álvarez Guerrero, señala que en el radicalismo la noción de ciudadano aparece como una instancia de integración social y contraria a la idea de enfrentamiento de clases en términos marxista. (Álvarez Guerrero Osvaldo, 1983: 97) De esta manera, el Estado no es concebido como el representante de una determinada clase social o sector de poder, sino como la expresión de la voluntad general del conjunto de los ciudadanos.

Desde el inicio de la primera presidencia de Yrigoyen se pusieron en marcha mecanismos, que intentaban una transformación política de la sociedad. En este contexto, el radicalismo apelaba a la intervención del Estado en materia social, como forma de dar una respuesta concreta y coyuntural a las demandas de los trabajadores. En la práctica, la intervención estatal se expresó en la implementación de arbitrajes como instancia para dirimir los conflictos y poniendo al Estado como vehiculizador de las reivindicaciones de los trabajadores. También, la acción estatal estableció, en algunos momentos, espacios de diálogo entre el poder ejecutivo y las dirigencias obreras. La huelga de los trabajadores marítimos de 1916 y la de los trabajadores ferroviarios de 1917, constituyen ejemplos en la implementación de este tipo de acciones estatales. La consecuencia inmediata de esta forma de intervención estatal, fue el fortalecimiento del poder de presión de estos gremios frente a los sectores patronales. Y teniendo en cuenta, que tanto la Federación Obrera Marítima (FOM) como de la Federación Obrera Ferroviaria (FOF) estaban enroladas en el Sindicalismo Revolucionario, esta tendencia fue consolidando su posición frente al anarquismo y a los gremios que respondían al socialismo.

Los límites de las políticas yrigoyenistas de “integración” de los trabajadores a un proceso de transformación política, en términos de ampliar la participación, se hacían evidentes cuando desde las organizaciones obreras y las ideologías de “izquierda”, como el Sindicalismo Revolucionario, oponían un modelo político de inclusión y participación de los trabajadores, en términos de clase y opuesto a la idea de construcción de un ciudadano trabajador.

### *El Sindicalismo Revolucionario y los trabajadores*

Como ya hemos señalado, los Sindicalista Revolucionarios, para 1915 habían logrado tener una representación mayoritaria en la conducción de la FORA, en detrimento de la presencia del movimiento anarquista. Según Bertolo, el pensamiento del Sindicalista Revolucionario de Argentina no fue una mera traspolación del europeo, sino que en el proceso de recepción fueron recreados algunos de sus contenidos en función de las particularidades del desarrollo que habían tenido las organizaciones obreras en nuestro país. ( Bertolo Maricel, 1993)

La versión local de esta corriente ideológica de “izquierda”, estuvo signado por la influencia tanto de los teóricos del Sindicalismo francés, Georges Sorel y Hubert Lagardelle, como de pensadores italianos: Arturo Labriola y Enrique Leone. Según el militante socialista, Enrique Dickman, el puntapié inicial de esta corriente de pensamiento fue la publicación en 1898 de un libro

de Sorel: “El porvenir de los Sindicatos”. Partes de este texto eran reproducidas o citadas en las páginas del primer periódico publicado por la tendencia Sindicalismo en nuestro país: “La Acción Socialista”. De los textos de Sorel se transcribían sus críticas a la socialdemocracia alemana y francesa. Y se destacaban los llamados, de este pensador, a recuperar los postulados de la doctrina marxista, y desde allí repensar el rol de los sindicatos obreros en la lucha por el socialismo. Sorel consideraba necesario realizar un rescate del concepto de acción directa, como estrategia fundamental para las luchas de los trabajadores y en contraposición al parlamentarismo que defendía el socialismo europeo. En este sentido, Sorel planteaba: La huelga general parece a veces un medio muy bárbaro a los partidos políticos, que encuentran más seguro conquistar el poder en las luchas electorales; pero la conquista de los poderes por un partido es totalmente distinta de la que se propone derribar el Estado tradicional sustituyéndolo por organizaciones obreras... Para los obreros, la revolución es otra cosa que la victoria de un partido; es la emancipación de los productores... desembarazados de toda tutela política; es la descomposición del poder; es la organización de las relaciones sociales fuera de un gobierno de no trabajadores ( Sorel, Georges. *El Porvenir de los Sindicatos Obreros*, traducción Soledad Gustavo, F. Sempere (1958), Valencia, pp.17 – 18)

Las reflexiones de Hubert Lagardelle, discípulo de Sorel y militante del Sindicalismo Revolucionario francés, también estuvieron presentes en las ideas del Sindicalismo argentino. Lagardelle, señalaba que el socialismo en Europa desde fines del siglo XIX se había alejado de las luchas e intereses de la clase obrera, al privilegiar la acción parlamentaria como instancia válida para transformar la vida de los trabajadores. De esta manera, el socialismo había producido un “divorcio entre la teoría y la práctica”, ya que como alternativa política no se definía como la organización de la rebelión obrera, sino como una prolongación de la democracia. (Lagardelle, Hubert 1911) Este autor Sindicalista, planteaba la necesidad de que la socialdemocracia europea y los partidos obreros abandonen la doctrina derivada del revisionismo reformista, y encuadren su accionar en el “revisionismo revolucionario”. Esto último, para Lagardelle era lo que posibilitaba un encuentro entre la teoría y la práctica al interior del socialismo. De este modo, se recuperaba el sentido de la lucha de clases y se rescataba todo el potencial revolucionario que emergía en los trabajadores, cuando creaban sus propias instituciones y se auto dirigían. No obstante, Lagardelle reconocía que la acción parlamentaria podía ser positiva para alcanzar los fines últimos del socialismo, si la misma se colocaba en un lugar secundario y derivado de la acción sindical y directa. El pensamiento del sindicalista Víctor Grifuelhes, secretario general de la CGT francesa entre 1902 y 1909, también estuvo presente en las primeras épocas del Sindicalismo Revolucionario argentino. En los escritos de este militante, ocupaba un lugar fundamental la idea de asegurar la inde-

pendencia política de los trabajadores: “*A los obreros corresponde dirigir su propia acción*”. Y al mismo tiempo, planteaba que sólo por la acción directa se expresa la conciencia y la voluntad de la clase obrera.

También la influencia del Sindicalismo italiano está presente en la doctrina Sindicalista de nuestro país, sobre todo, a través del pensamiento de Arturo Labriola. Sus textos aparecían reproducidos con continuidad en la prensa Sindicalista de nuestro país. En 1906, el periódico *La Acción Socialista*, publicó un extenso artículo en donde se explicitaban los fines y objetivos de esta corriente, presentándola como una opción superadora del socialismo reformista. Tomando como referencia el pensamiento de Labriola, contraponían a la acción política parlamentaria defendida por el socialismo, la acción sindical directa como única forma de expresión de los intereses de clase e instrumento de la lucha revolucionaria. Se le adjudicaba al sindicato una doble función: Por un lado, se lo consideraba fundamental para la lucha cotidiana por el mejoramiento de la situación social y económica de los trabajadores. El sindicato era el lugar donde los trabajadores adquirían la experiencia y el conocimiento técnico necesario para el manejo de los procesos productivos. Por otro lado, el sindicato era el espacio en donde anidaba la acción revolucionaria de los trabajadores, la cual tenía por finalidad la toma de posesión por parte de los obreros de los medios de producción. En una conferencia del año 1910, reproducida en la prensa Sindicalistas de nuestro país, Labriola señalaba: ... Los sindicalistas no niegan la necesidad de las adaptaciones a la vida diaria. Si esto se llama reformismo, nosotros también somos reformistas. Se admite voluntariamente que sin derribar la constitución capitalista de la sociedad se puede mejorar la suerte de la clase trabajadora.... Pero el sindicalismo revolucionario juzga empero, que lo esencial para el movimiento obrero es preparar el camino, la nueva constitución social. Para conseguir este fin, pone lo económico, es decir, el momento de la actividad productora en primer término, y deja atrás el momento estatal.... (Labriola Arturo, 1912). A esta serie de principios que definían la doctrina del Sindicalismo, se sumaba una concepción anti-estatista y anti-politicista de la acción de los trabajadores, que en algunos momentos los acercaba al movimiento anarquista. Julio Arraga, militante del Sindicalismo argentino, en sus escritos explicaba que esta tendencia venía a recuperar la esencia de la lucha obrera, frente a las propuestas de un partido socialista que reducía su acción a disputarle electoralmente espacios a la burguesía.

Siguiendo las reflexiones de Arraga, el Sindicalismo como movimiento, vino a devolverle su naturaleza a las luchas de los trabajadores. Esto implicaba que los conflictos obreros se dirimirían : ...entre la clase patronal y la clase obrera, sin intermediarios que la dificulten y desnaturala-

licen, mientras que los socialistas de partido o parlamentarios, tratan de que el Estado intervenga en el drama social que se ventila entre capitalistas y obreros y mañana a favor de los patrones. De modo que la historia de la humanidad no la hace la lucha de clases, sino el Estado – Providencia, ¡depositario de la justicia social! ..... Para los socialistas de partido, su objeto inmediato es la conquista del Estado – léase de la burocracia- mientras que para el obrero sindicalista su objetivo está en la conquista del taller... (Arraga Julio, 1918: 10).

En el conjunto de ideas que conforman el pensamiento del Sindicalismo, el concepto de Revolución ocupa un lugar central. Para este movimiento, el hecho revolucionario no poseía la significación de inmediatez que le otorgaba el anarquismo, sino que lo definían como un proceso gradual y progresivo: ...Hay que empezar por adquirir el poder económico para poder construir después el poder político.... En el Sindicato, como órgano revolucionario de clase, sólo se puede realizar el proceso económico y político de capacitación que debe preceder a la toma de posesión de los instrumentos de la producción para que el movimiento no vuelva a fracasar, cómo ya fracasó durante la Comuna de París, al pretender tomar la dirección de la producción, sin estar preparado para ello (*Arraga, Julio, 1918:14*) De esta manera, los principios del Sindicalismo Revolucionario, reconocían dos momentos en el tránsito hacia la eliminación del sistema burgués y capitalista. Uno inicial, el cual se desarrolla en el ámbito de la producción y el trabajador, a la vez que adquiere las capacidades técnicas, se educa en la toma de conciencia en términos de clase. En esta instancia, las acciones directas que tienen por objetivo mejorar la situación económica y social de los trabajadores, quedan validadas, en tanto los fortalece frente a los patrones y los prepara para alcanzar el objetivo final. Y otro, segundo momento, revolucionario, en donde se pone fin a la organización capitalista de la sociedad.

Al mismo tiempo, al hecho revolucionario el Sindicalismo le otorgaba una connotación constructiva, en tanto la consecuencia era el surgimiento de un nuevo orden político y económico. Al respecto, en el periódico *El Obrero Ferroviario* se publicó un artículo, dedicado a esclarecer el concepto de Revolución para el Sindicalismo: ¿es el acto catastrófico que determina el derrumbamiento de un sistema? O es, al contrario, el largo proceso de evolución que, poco a poco, penetra en ese sistema... Para nosotros, hacer la revolución significa suprimir las desigualdades y las inequidades sociales, poner un término al régimen de explotación que se resume en la palabra: proletariado. Pero no es limitarse a suprimir o destruir. Esto sólo lo hacemos porque queremos educar. Hacer la revolución equivale a emprender una amplia tarea constructiva: es querer reemplazar lo peor por lo mejor;.... Es hacer concurrir los esfuerzos de todos al bienestar común.... Exige el sentimiento

profundo de que se es de una clase y de que se trabaja para realizar la misión de esa clase que es precisamente, la de suprimir las otras... (El Obrero Ferroviario, Bs. As., 1 de diciembre de 1919).

Ya hemos señalado, que durante la primera presidencia de Yrigoyen, la tendencia Sindicalista Revolucionaria logró consolidar su presencia en los gremios más importantes de la época y ganar la conducción de la central obrera (FORA). La fuerte inserción que el Sindicalismo Revolucionario alcanzó en el sector servicios: ferroviarios y marítimos, le otorgó una capacidad de movilización y de presión, que lo transformó en un actor social y político relevante, por lo menos hasta finales de la década del veinte. Por tanto, el Sindicalismo, junto con la FOM y la FOF se constituyeron en los protagonistas de los grandes conflictos que estallaron en esta etapa.

En el caso de los marítimos, al poco tiempo de que Yrigoyen comenzara su primera presidencia, estos trabajadores iniciaron un huelga que afectó el funcionamiento de la casi totalidad de los puertos del país. Desde el campo obrero no se presentaron resistencias ante el ofrecimiento de un arbitraje estatal para alcanzar una solución al conflicto. Y más aún, a través de una declaración pública, la FOM manifestó su acuerdo con la intervención de las autoridades del Departamento Nacional del Trabajo, en tanto el gobierno de Yrigoyen le merecía su confianza para arribar a una solución justa a los problemas de los trabajadores. Distinta fue la reacción de los empresarios, los cuales se negaron, desde un primer momento, a someterse a una mediación del Estado. Entre los argumentos esgrimidos señalaban que la aplicación sistemática del arbitraje estatal fomentaba las huelgas y condicionaba las actividades económicas del sector privado. Pero, y particularmente, los empresarios se consideraban perjudicados, por las medidas implementadas por el gobierno, como la prohibición de salida de vapores que no tuvieran su personal completo y la no entrega de permisos provisorios a los tripulantes designados para reemplazar a los huelguistas. También el gobierno nacional y por pedido de la FOM, retiró las fuerzas de seguridad de los puertos, en consecuencia los huelguistas podían mantener sus piquetes y no permitir el ingreso de trabajadores rompe huelgas. Todas estas acciones habían generado un escenario con nuevas reglas de juego, en donde los marítimos comenzaron a tener un mayor poder de presión frente a los sectores patronales. Este primer conflicto del gobierno de Yrigoyen termina con un triunfo de la FOM, ya que los empresarios accedieron a sus reclamos, frente a la promesa del yrigoyenismo de estudiar una disminución de los impuestos al tráfico marítimo. En este contexto y a mediados de 1918 los marítimos decidieron emprender otra medida de fuerza. Lo llamativo de éste conflicto estuvo dado en que, entre las reivindicaciones solicitadas por el gremio se incluía un pedido de participación, junto con los organismos oficiales, de la selección del personal para la formación de las tripulaciones. Otra de

las propuestas de la FOM era un nuevo reglamento marítimo que incluyera una instancia para que el gremio tuviera control sobre el proceso de trabajo y las normas disciplinarias para los tripulantes. Para 1920 con la ayuda del yrigoyenismo, la FOM había logrado que los empresarios la reconocieran como entidad representante de los intereses de los trabajadores y con acuerdo de la oficialidad controlaban la selección de mano de obra. El Sindicalismo ponía de ejemplo a los marítimos, ya que a través de la acción directa habían logrado avanzar en el control del proceso de trabajo, condicionando a los patrones. De este modo, se preparaba el camino, ya que los trabajadores en estos procesos se capacitaban técnica y políticamente para el momento revolucionario: la desaparición del sistema capitalista.

Un punto de inflexión en la relación entre el gobierno y los dirigentes Sindicalistas del gremio marítimo, se produjo durante la huelga de 1921. Este conflicto se inició en solidaridad con los trabajadores del puerto de Entre Ríos que habían sido atacados por grupos de la Liga Patriótica. Aquí la reacción del gobierno fue diferente, cierra el puerto, lo ocupa militarmente y habilita la contratación de personal no federado, para asegurar el desarrollo de las actividades portuarias. Estas medidas afectaron el poder de presión de la FOM, y ponían en la superficie los límites de las relaciones de los dirigentes Sindicalistas y el yrigoyenismo. La derrota de la FOM en 1921, coincide con el momento en que el yrigoyenismo, luego de la Semana Trágica, intentaba que se sancionara una legislación que regulara las relaciones laborales.

También los trabajadores ferroviarios fueron protagonistas de importantes conflictos en este período. A diferencia de los marítimos estos estaban representados por dos sindicatos. Uno conducido por militantes del Sindicalismo Revolucionario y que agrupaba a los trabajadores de los talleres y de tráfico: FOF y otro La Fraternidad, que se autodefinía como autónomo y representaba a los foguistas y maquinistas. El malestar en el sector comenzó a hacerse sentir ya desde principios de 1917 y sus primeras manifestaciones se dieron en las secciones de la FOF de Rosario y Santa Fe, a través de la presentación de pliegos de condiciones. Este descontento de los obreros ferroviarios se fue extendiendo a distintas zonas del país, a tal punto que la FOF y La Fraternidad decidieron hacerse eco de las demandas y unificar las peticiones que las diversas secciones habían presentado. De esta manera y para septiembre de 1917 el conflicto ferroviario estaba generalizado y las empresas optaron por la implementación de un arbitraje estatal que diera por terminada la huelga rápidamente. En un primer momento tanto la FOF como La Fraternidad rechazaron la mediación del Estado pero por razones diferentes. Esta última sostenía que sólo aceptaría sentarse a negociar si el garante del acuerdo era el Poder Ejecutivo y no la dirección de ferrocarriles. En



cambio la FOF no aceptaba el arbitraje porque pensaba que las empresas no lo iban a cumplir, ya que históricamente se habían mostrado hostiles hacia las reivindicaciones de los trabajadores. Su propuesta para darle una solución definitiva a la huelga y a la situación de los ferroviarios era la estatización de los ferrocarriles bajo la gestión de los trabajadores y el sindicato. La conducción de la FOF, consideraba que este conflicto era la oportunidad para obtener el control del trabajo y avanzar en el camino hacia la destrucción del sistema capitalista. Ante esta situación, el poder ejecutivo por decreto le otorgaba las demandas a los trabajadores, al mismo tiempo que autorizaba un aumento de las tarifas ferroviarias. En consecuencia el conflicto se diluye, ya que La Fraternidad decidió levantar la medida de fuerza y la FOF quedó aislada reclamando el manejo de los ferrocarriles.

#### Algunas conclusiones

A lo largo de este trabajo, hemos intentado desarrollar algunas cuestiones que nos parecen importantes, para pensar las características más salientes que asumieron las relaciones entre el Estado, los trabajadores y la política durante el primer gobierno de Yrigoyen.

En primer lugar, pensamos que el radicalismo desde el Estado desempeñó un papel fundamental en el proceso de recuperar y redefinir la ciudadanía política a partir de 1916. Para el yrigoyenismo el concepto de ciudadanía era una instancia de “integración” nacional y desde esta idea interpelaba a todos los sectores, inclusive a los trabajadores organizados. Y fue el Sindicalismo Revolucionario, la corriente ideológica de “izquierda” que se mostraba permeable a las políticas yrigoyenistas. De esta manera, el Sindicalismo se constituyó en un interlocutor válido para el yrigoyenismo, a la hora de establecer canales de comunicación con las organizaciones obreras. También, y como hemos señalado, en esta época, el Sindicalismo tenía la conducción de dos gremios claves por su peso y alcance nacional: marítimos y ferroviarias. Como hemos visto, este movimiento se caracterizaba por un discurso clasista, que priorizaba la lucha en el terreno económico como fase previa al momento político. Por lo tanto, en el corto plazo, el Sindicalismo privilegiaba la acción directa en pos de conseguir el mejoramiento de la situación social y económica de los trabajadores. En este proceso el trabajador se capacitaba técnica y políticamente para conducir la sociedad futura. Aquí el Sindicalismo priorizaba la lucha en el ámbito de la producción y con el objetivo de reducir el poder de los patrones. Es decir que la negociación con el Estado, era aceptada si esto implicaba reducir el poder patronal y aumentar el control obrero sobre los procesos de producción y el lugar de trabajo. Claramente, era en estas instancias, donde se generaba un espacio de diálogo entre el radicalismo y el Sindicalismo Revolucionario. De esta manera, y en se-

gundo lugar, planteamos que el movimiento Sindindicalista argentino estuvo atravesado por una tensión entre Reforma/ Revolución que caracterizó su accionar en este período. A partir de la diferenciación teórica y práctica de objetivos de corto plazo, que preparaban el camino para alcanzar el fin último, y de largo plazo: la desaparición del sistema capitalista por medio de un estallido revolucionario. A este estadio final los trabajadores llegaban con la capacitación suficiente para conducir la transformación. Podemos decir, que en el momento de privilegio de la lucha económica se abrían espacios de diálogo y negociación con el radicalismo. El enfrentamiento entre estos movimientos aparecía en el terreno de la acción política.

## Bibliografía

ÁLVAREZ GUERREIRO, Osvaldo. *Política y ética social*, Fuerte General Roca, Editorial de La Patagonia, 1984.

ARRAGA, Julio. *El Sindicalismo y los Partidos políticos*, Biblioteca de La Acción Obrera, pp.. 10, 1918.

BERTOLO, Maricel. *Una propuesta gremial alternativa: el sindicalismo revolucionario (1904-1916)*, CEAL, Bs.As, 1993.

CARUSO, Laura. “Sindicalismo Revolucionario, trabajadores marítimos e historiografía a comienzos del siglo XX: revisión crítica y perspectivas.” en *Archivos de historia del movimiento obrero y la izquierda*, Año I-Nº 1, 2012.

CASTEL, Robert. *La metamorfosis de la cuestión social*, Bs. As., Paidós, 1997.

DEL MAZO, Gabriel. *El pensamiento escrito de Yrigoyen*, Compilación y Prólogo de Gabriel Del Mazo, Bs.As, 1945.

FALCÓN, Ricardo. *Militantes, Intelectuales e ideas políticas*, en *Nueva Historia Argentina*, Tomo VI, Sudamericana, Buenos Aires, pp.328, 2000.

\_\_\_\_\_. “Notas sobre la cuestión social en Argentina”, en *Cuadernos del CIESAL*, Rosario, año 6, nº 6-7, 2000.

FALCÓN, Ricardo y MONSERRAT, Alejandra. “Estado, empresas y sindicatos”, en *Nueva Historia Argentina*, Tomo VI: Democracia, conflicto social y renovación de ideas (1916 – 1930), Bs.As., sudamericana, 2000.

HOBBSBAWN, E. J. Trabajadores. *Estudios de Historia de la clase obrera*. Bs. As., Crítica, 1979.

HOROWITZ, Joel. “Ideologías sindicales y políticas estatales en la Argentina (1930- 1943)”, en *Desarrollo Económico*, vol. 24, n° 94, julio – septiembre, 1984.

PERSELLO, Ana Virginia. “*Los gobiernos radicales: debate institucional y práctica política*”, en Falcón, Ricardo (DIR.) *Nueva Historia Argentina*, Tomo VI, Bs. As. Sudamericana, 2000.

PUCCIARELLI, Alfredo. “Conservadores, radicales e yrigoyenistas, Un modelo (hipotético) de hegemonía compartida”, en W. Ansaldi, A. Pucciarelli, J Villarruel (ed) *Argentina en la paz de dos guerras 1914-1945*, Biblos, Bs. As, 1993.

ROCK, David. *El radicalismo argentino 1890 – 1930*”, Bs. As., Amorrortu, 1977.

SURIANO, Juan. “Introducción: una aproximación a la definición de la cuestión social en Argentina”, en Suriano, Juan (comp.) *La cuestión social en Argentina 1870 – 1943*, Bs. As., La Colmena, 2000.

\_\_\_\_\_. “Los dilemas actuales de la historia de los trabajadores” en Gelman, Jorge (comp.). *La historia económica argentina en la encrucijada. Balance y Perspectivas*, Bs. As. , Prometeo, 2006.

Teoría y practica del Sindicalismo, compilación de textos pertenecientes a pensadores del Sindicalismo Revolucionario, Guillermo Dávalos editor, 1958.

TROISE, Emilio. *Capacidad revolucionaria de la clase obrera.*, pp.12, 1921.

## **Sustentabilidad, Estado y gestión comunitaria del agua en México y Ecuador**

María Griselda Günther (Universidad Autónoma Metropolitana, Xochimilco, México. [grisugun@gmail.com](mailto:grisugun@gmail.com));  
Adriana Sandoval-Moreno (Investigadora en la Unidad Académica de Estudios Regionales, de la Coordinación de Humanidades, Universidad Nacional Autónoma de México. [asandoval@humanidades.unam.mx](mailto:asandoval@humanidades.unam.mx))

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objeto analizar la gestión comunitaria del agua en dos casos de América Latina: México y Ecuador, frente al gran reto de sustentabilidad de los recursos hídricos en el mundo. Las preguntas centrales que guían el trabajo son: ¿De qué manera la gestión comunitaria del agua se fortalece como respuesta a la ausencia estatal? y ¿cómo las respuestas comunitarias son respuestas sustentables al problema de abasto de agua? El trabajo presenta las principales aristas de la política hídrica en ambos países y discute la pertinencia de abordar el problema del agua mediante los modelos de gestión dominantes y alternativos, para enmarcar el análisis de la gestión comunitaria del agua para consumo humano en la Ciénega de Chapala, Michoacán (México) e Imbabura, (Ecuador), destacando sus aportes en términos de sustentabilidad y en torno a la falta de intención y capacidad estatal en la gestión del agua para consumo humano.

### **Sustentabilidad, Estado y gestión comunitaria del agua en México y Ecuador<sup>309</sup>**

Ma. Griselda Günther<sup>310</sup> y Adriana Sandoval-Moreno<sup>311</sup>

## **Introducción**

Se ha podido observar que especialmente en zonas rurales, en diversos países de América Latina, como México, Argentina o Ecuador; existen debilidades en cuanto a la presencia estatal en torno al abastecimiento de agua para consumo humano, especialmente en las áreas rurales y periurbanas.

---

<sup>309</sup> Este trabajo forma parte de un esfuerzo de comparación de resultados derivados de dos investigaciones similares sobre el manejo del agua comunitario en dos regiones con dinámicas rurales en México y en Ecuador. La investigación en México se titula: “Manejo sustentable de los recursos hídricos para el desarrollo de la región Lerma-Chapala”, inscrita y financiada en la Unidad Académica de Estudios Regionales, de la Coordinación de Humanidades, en la Universidad Nacional Autónoma de México. La segunda forma parte de la investigación doctoral “La gestión social del agua para consumo humano en Ecuador: Imaginarios sociales, instituciones y Buen Vivir” y el trabajo de campo hecho en Ecuador, en el marco del posgrado de Estudios Latinoamericanos UNAM.

<sup>310</sup> Profesora-investigadora de la Universidad Autónoma Metropolitana, unidad Xochimilco. Contacto: [grisugun@gmail.com](mailto:grisugun@gmail.com)

<sup>311</sup> Investigadora en la Unidad Académica de Estudios Regionales, de la Coordinación de Humanidades, Universidad Nacional Autónoma de México. Contacto: [asandoval@humanidades.unam.mx](mailto:asandoval@humanidades.unam.mx)

Esto se debe a diferentes motivos, entre los cuales están los derivados de las políticas nacionales que priorizaron zonas urbanas, tanto en la actualidad como durante la etapa sanitarista regional por la que atravesó la región. La necesidad de las comunidades de contar con una red de abastecimiento que atendiera a la población, aunado a la ausencia estatal, ha dado lugar a diversos casos de autogestión de agua (no solamente para consumo humano, sino también para riego) que se han fortalecido con el tiempo.

Países como México y Ecuador tienen en común experiencias de trabajo colectivo comunitario. Las evidencias de investigación destacan la labor de los actores locales para resolver sus necesidades a partir de sus propios recursos, tal como ha sucedido con el abasto de agua para consumo humano. Esto se ha asentado en el manejo de ciertos saberes tácitos y prácticas mejoradas en la misma práctica, conocimientos transmitidos por generaciones, motivadas por transformaciones internas a la comunidad y por agentes externos. La falta de intervención gubernamental, en este sentido, se ha vuelto un elemento clave para el desarrollo de capacidades locales.

Al mismo tiempo, las consecuencias ambientales que ha tenido el aprovechamiento desmedido de la naturaleza y que dejan en jaque hoy en día al planeta y a los seres que lo habitamos, ponen de manifiesto la necesidad imperante de un manejo sustentable de los recursos. La contaminación de manantiales y ríos, sobreexplotación de acuíferos, deforestación de áreas boscosas, pérdida de suelo fértil, mal manejo de residuos sólidos, son algunas de estas manifestaciones que requieren de manera local y global ser atendidas. El deterioro sistemático de la calidad del agua, en este caso, llama a la reflexión en torno a los efectos antropogénicos sobre el ciclo del agua y los ecosistemas. Esto nos lleva a la búsqueda de las causas y prácticas que concilien la sociedad con la naturaleza.

En esta búsqueda imperante de un manejo sustentable de la naturaleza, es pertinente conocer y analizar los beneficios en términos de sustentabilidad ambiental que ofrecen otros modelos de apropiación y uso del agua. El caso de los Comités comunitarios de agua (Comités) en el Estado de Michoacán, México, y de las Juntas Abastecedoras de Agua Potable (JAAP), en la provincia de Imbabura, Ecuador, es ilustrador de esas otras posibilidades de un hacer sostenible. Por ello, las preguntas centrales que guían el trabajo son: ¿De qué manera la gestión comunitaria del agua se fortalece como respuesta a la ausencia estatal? y ¿cómo las respuestas comunitarias son respuestas sustentables al problema de abasto de agua?

En términos metodológicos, la construcción del marco teórico conllevó a tomar la perspectiva del neoinstitucionalismo sociológico y antropológico, que nos fue útil para analizar las iniciativas,

conflictos y arreglos entre actores locales en la gestión del agua por parte de los Comités y de las JAAP. Analizar las instituciones comunitarias, sobre cómo regulan y distribuyen el acceso, uso y administración de los recursos, permite identificar los mecanismos de acceso, usos y control del agua. Las instituciones “pueden proveernos la clave para entender cómo un colectivo social, establece, regula y distribuye el acceso, uso y administración de sus recursos, es decir, define y ejercita los derechos de propiedad” (Appendini, García y De La Tejada, 2002:642).<sup>312</sup>

Las instituciones son creadas socialmente y tienen como fin moldear la interacción social, conduciéndola hacia los fines que se establezcan. Por instituciones se entiende el marco normativo (la constitución, leyes, reglamentos, acuerdos sociales); las normas de comportamiento y códigos de conducta informales; así como los mecanismos de ejecución (las organizaciones y las políticas públicas, por ejemplo). “Las instituciones son componentes de otras fuerzas motoras del cambio ambiental, fuerzas que operan en diversas escalas temporales y espaciales y entre las que destacan: el cambio tecnológico, las políticas gubernamentales y las percepciones, estilos de vida, valores y actitudes sociales” (Romero Lankao, 1998: 14).

Las técnicas de investigación empleadas responden al enfoque cualitativo: observación participante y entrevista semi-estructurada. La observación participante permitió identificar las prácticas cotidianas, especialmente comportamientos, actividades, relaciones entre miembros de la comunidad y modos de pensar respecto al acceso, usos y control del agua.

En México, el periodo de campo se realizó del 2008 al 2010 y una actualización en el 2012; mientras que en Ecuador el trabajo de campo se hizo en 2011. En dichos periodos se aplicaron entrevistas a actores clave: miembros de las directivas de los Comités comunitarios de agua potable, autoridades civiles de las mismas, así como a responsables de las oficinas gubernamentales municipales de agua potable. Los tópicos de interés se centraron en las funciones desempeñadas y el rol que juegan frente a actores internos y externos.

El objetivo general del trabajo es analizar la gestión comunitaria del agua en dos casos de América Latina: México y Ecuador, frente al gran reto de sustentabilidad del agua en el mundo. El trabajo presenta las principales aristas de la política hídrica en ambos países y discute la pertinencia de

---

<sup>312</sup> Los derechos de propiedad son entendidos como: “the capacity to call upon the collective to stand behind one’s claim to a benefit stream” (Bromley, citado en Meinzen-Dick y Knox, 1999), implican una relación entre el titular del derecho, otros y la existencia de una institución para respaldar el reclamo (*Ibid*).

abordar el problema del agua mediante los modelos de gestión dominantes y alternativos, para enmarcar el análisis de la gestión comunitaria del agua para consumo humano en la Ciénega de Chapala, Michoacán (México) e Imbabura, (Ecuador), destacando sus aportes en términos de sustentabilidad y en torno a la falta de intención y capacidad estatal en la gestión del agua para consumo humano.

Para ello, el trabajo se divide en tres partes. El primer apartado ofrece una síntesis de la política hídrica de ambos países de la segunda mitad del último siglo a la actualidad. La segunda parte expone las características generales de la emergencia y funcionamientos de las Juntas de Abastecimiento de Agua Potable en Imbabura (Ecuador) y de los Comités de Agua de Michoacán (México). Finalmente, el trabajo reflexiona sobre la pertinencia y aportes de estas experiencias de auto-gestión de agua para consumo humano para la sustentabilidad ambiental.

## **1. Política hídrica en México y Ecuador**

Muchos países de América Latina y el Caribe como Brasil, México, Argentina y Ecuador han impulsado, en las últimas décadas, cambios en las legislaciones y organizaciones de gestión del agua. El contenido y sentido de estas reformas trae consigo un trasfondo relacionado con la minimización del Estado, que responde a las necesidades del propio sistema capitalista. La descentralización de la gestión y la privatización de servicios han sido un denominador común para muchos de estos países. Estos cambios se corresponden con los planteamientos de corte neoliberal y es a partir de los noventa, incluso finales de los ochentas, cuando se empiezan a plantear de manera generalizada los problemas de la escasez y contaminación del agua entre organismos oficiales e internacionales.

La gestión hidráulica estatal latinoamericana de las últimas décadas se ha sustentado en la visión neoliberal de lo ambiental. En este sentido, se puede considerar que tres decisiones teórico normativas han guiado la gestión (Romero Lankao, 1998): 1) A través de la situación ideal de funcionamiento del mercado, se logra el uso apropiado, sustentable, de los recursos naturales. La asignación óptima de recursos naturales “escasos”, tras cumplir una serie de condiciones (los agentes económicos son racionales, por ejemplo) y requisitos (como universalidad de la propiedad de recursos o transferibilidad de derechos), implica el beneficio de los individuos, mientras que una asignación no tan buena, implica que los beneficiados pueden compensar a los damnificados; 2) La contaminación y la explotación se presentan en los sistemas que no cumplen con las condiciones y

los requisitos de funcionamiento del mercado. De aquí se desprenden las posturas clásica y neoclásica en torno a la contaminación y a la sobreexplotación de recursos.

En el primer caso, la contaminación ocurre por problemas de precios (cuando el precio actual supera o es menor a un precio futuro) o cuando se rompe el equilibrio y el óptimo pareto<sup>313</sup>. En el segundo caso, la sobreexplotación se da cuando los derechos de propiedad del recurso no están bien definidos o asignados y no se asumen los costos relacionados con el uso de los recursos. En este sentido, la contaminación y la sobreexplotación se atribuyen a externalidades, distorsiones o fallas de mercado; y 3) Búsqueda de condiciones y mecanismos políticos que garanticen la asignación óptima del mercado del recurso. “El Estado debe en este sentido aplicar políticas ambientales racionales en dos sentidos: el Estado se sustenta – o debe basarse – en información pertinente; diseña instrumentos que con el menor costo garantizan o restauran la eficiente asignación, vía el mercado, del agua y otros recursos naturales. El Estado debe crear las condiciones jurídicas e institucionales para que los derechos de propiedad en torno al agua queden claramente especificados (universalidad); los propietarios asuman la totalidad de los costos y beneficios de sus acciones (exclusividad); el mercado sea el regulador de todas las transacciones e intercambios entre los dueños de los recursos naturales (transferibilidad), y se garantice el cumplimiento de las disposiciones jurídicas” (Ibíd.:8).

En el marco de estas tres decisiones normativas, una de las estrategias ha sido la descentralización de funciones estatales, junto a la promoción de la idea de uso sustentable del agua. Otra ha sido la privatización, como parte de la descentralización. Una tercera estrategia ha sido el fomento de la gestión de los recursos hídricos por cuenca hidrográfica, involucrando diferentes sectores y niveles de instituciones públicas y privadas. Las formas de llevar adelante el programa neoliberal de gestión de recursos naturales, en este caso del agua, y la implementación de políticas públicas destinadas a promoverlo, varían en cada uno de los países. Sin embargo, existen puntos en común y un paradigma de referencia también común.

La propiedad y el uso del agua no siempre implicaron al Estado y a la iniciativa privada. Durante mucho tiempo el agua estuvo controlada por la comunidad, no existía la propiedad estatal o priva-

---

<sup>313</sup> Óptimo de Pareto es un concepto que se utiliza en economía neoclásica para hacer referencia a una situación ideal de equilibrio tal en la que se obtiene el máximo de beneficios y si se introduce un cambio una parte se beneficia y la otra, necesariamente, se perjudica.



da. En el mundo existían sistemas complejos para preservar y repartir el agua que no afectaban la continuidad del ciclo hidrológico y la ponían al alcance de todos. El control comunitario predominó por mucho tiempo e implicaba el uso local del recurso. La gestión comunitaria mermó cuando los Estados asumieron el control de los recursos hídricos, sin embargo, este fenómeno no tuvo un comportamiento homogéneo en zonas rurales y urbanas. En el marco de extensión de las redes y durante la oleada privatizadora, las zonas urbanas fueron prioritarias, al tiempo que en zonas rurales las propias comunidades debieron organizarse en torno a su propio abastecimiento.

Las políticas hidráulicas nacionales en la región no solamente han tomado rumbos similares sino que también se han insertado en parámetros también similares. Se insertaron en el marco de políticas neoliberales que caracterizaron a la región. La contracción del gasto público y la orientación de la economía hacia la exportación, por ejemplo, marcan esta política, así como la descentralización en el sector agua (creando instituciones para la gestión por cuencas y cambiando el marco normativo para la inserción del sector privado). El Estado se retira lentamente para abrir paso a la inversión privada y a la gestión “integral” y dejando un espacio más amplio para el fortalecimiento de la gestión comunitaria.

### *México*

La institución federal más importantes que se responsabiliza actualmente de la gestión nacional del agua, es la Comisión Nacional del Agua (CONAGUA), órgano desconcentrado de la SEMARNAT. La política hidráulica se centra en un esquema de gestión integral, descentralizada, abierto a la participación del sector privado y social. En torno a la participación de los usuarios en la gestión, la creación y puesta en funcionamiento de estas instituciones pone de manifiesto el interés en su participación. No obstante, el nivel de injerencia de los usuarios es aún muy bajo y tampoco se ha garantizado la participación de los ciudadanos en el funcionamiento de estas instituciones. Esto nos remite a la estreches que existe en esta idea de participación ciudadana<sup>314</sup> en la gestión del agua, que aún se mantiene prácticamente a nivel discursivo de las autoridades.

---

<sup>314</sup> La idea de participación ciudadana ha ido ganado terreno junto al concepto de fortalecimiento de la democracia. Ambos, participación ciudadana y fortalecimiento de la democracia, han ido, a su vez, de la mano de reformas estatales de corte neoliberal. Participación ciudadana y descentralización o reducción de funciones del Estado son políticas que se complementan.

Además de la existencia de la propia CONAGUA, como autoridad central a nivel nacional en relación al recurso, hay una variedad muy grande de instituciones. Los Organismos de Cuenca tienen como función básica administrar el agua y podría decirse que son los órganos de ejecución de las políticas de la CONAGUA por región hidrológica. Sin embargo, tanto Comités de Cuenca como los Consejos de Cuenca, Comisiones de Cuenca, COTAS, Consejos Ciudadanos de Agua Estatales operan paralelamente, aunque en diferentes escalas y muchas de las ocasiones en forma no coordinada. Estas instituciones operan en función de regiones naturales o por estado.

Esta variedad de instituciones es una muestra clara de la política de descentralización en el sector para el periodo en cuestión. La creación e instalación de varias de estas figuras se incrementa a partir de mediados de los noventa, con la Ley de Aguas Nacionales en 1992, y establecidos propiamente esos espacios de gestión del agua en la ley del 2004. Aunque es destacable la formalización de la gestión del agua en México, no obstante se tienen importantes retos que hoy hacen cuestionable su funcionamiento y desempeño. Esto a partir de los problemas de coordinación entre instancias de gestión en las regiones hidrológicas, pero también entre éstas y las instancias del gobierno estatal y municipal, ya que no hay acuerdos coordinados y encadenados en el largo plazo que redunden en cambios sustanciales en la calidad de los cuerpos de agua y los mecanismos de distribución del agua entre los diversos usuarios en ella. Por el contrario, en varias regiones es el conflicto la constante y la falta de acuerdos para dar respuesta oportuna a las necesidades hídricas en las cuencas.

### *Ecuador*

Existen instituciones relacionadas con el agua desde hace muchos años. Han existido diferentes tipos de instituciones sociales en torno al líquido desde la época prehispánica, especialmente al riego. Sin embargo, en este caso nos ocupan las instituciones gubernamentales relacionadas con el abastecimiento de agua para consumo humano, de acuerdo con los objetivos del presente trabajo.

En sintonía con la etapa sanitarista que recorrió la región, el gobierno nacional creó en 1966 el

Instituto Ecuatoriano de Obras Sanitarias (IEOS)<sup>315</sup>, que sería responsable de elaborar planes nacionales, dictar normas técnicas, brindar asesoría a los municipios, planificar y ejecutar proyectos relacionados con servicios de agua potable y saneamiento. En 1979 se dan al IEOS atribuciones para constituir juntas administradoras de agua potable y saneamiento en comunidades rurales (Flacso et al, 2008).

El IEOS era responsable de la planificación del suministro de agua apta para consumo humano y del sector sanitario, preparación de suministro, proyectos de alcantarillado y drenaje, administración de las construcciones y mantenimiento de sistemas de suministro, etc., tanto en áreas urbanas como rurales. Sin embargo, el IEOS se concentró en el suministro de agua para consumo en zonas rurales (Kenneth et al, 1996), por ello, en las ciudades más grandes se establecieron compañías privadas separadas para el suministro de agua y el servicio de alcantarillado y drenaje. En términos institucionales, la creación del IEOS representó un paso hacia adelante en la gestión estatal unificada y centralizada del agua.

En 1966 el Estado creó el Instituto Ecuatoriano de Recursos Hidráulicos (INERHI), el cual asumió las responsabilidades de la Caja Nacional de Riego y de la Dirección General de Recursos Hidráulicos (GWP, 2003). El INERHI nunca tuvo apoyo de las autoridades, ni la capacidad técnica ni financiera para cumplir con sus funciones (planificar, administrar y regular el uso de agua para todo propósito) (Kenneth et al, 1996).

En 1972 se nacionalizaron las aguas del país, a través de una nueva reforma a la Ley de Aguas, promulgada durante el gobierno de facto de Guillermo Rodríguez Lara. La Ley de Aguas de 1972 es la que actualmente permanece vigente, aunque ha sido sujeto de reformas en 2004. La Ley mostró un avance respecto a las que la antecedieron, ya que establece de manera más clara el rol del Estado en la gestión y administración del agua en el país. Allí se establece, por ejemplo, que el Estado administra el agua a través de un sistema de concesiones de derechos de aprovechamiento de aguas, tanto a empresas privadas como a la gestión comunitaria, responsabilidad asignada al INERHI (Oré et al, 2009).

---

<sup>315</sup> Se ha establecido como antecedente directo del IEOS al Servicio Cooperativo Interamericano de Salud Pública, creado en 1950, encargado de elaborar programas de saneamiento y del diseño, construcción y operación de sistemas de agua potable y saneamiento (GWP, 2003).

A esto siguieron los años del “ajuste hídrico” en los ochentas y noventas (Zapatta, 2008), que implicó políticas de fortalecimiento de prestadores privados de servicios de agua (riego, electricidad y agua de consumo) y, como contraparte, limitar el rol del Estado en la gestión del agua, a través de la descentralización y sectorialización de la gestión; por citar algunas.

El IEOS fue fusionado en 1994 con el Ministerio de Desarrollo Urbano y Vivienda (fundado en 1992), y en la actualidad sus atribuciones son ejercidas principalmente por la Subsecretaría de agua Potable, Saneamiento y Residuos Sólidos de ese ministerio. La Subsecretaría fue establecida en 1975 en el Ministerio de Salud Pública, suprimida en 1981 y reinstalada en 1984. En la actualidad, esta Subsecretaría opera con el nombre de Subsecretaría de Agua Potable, Saneamiento y Residuos Sólidos. Cuando el MIDUVI absorbe al IEOS, también se derivó la responsabilidad de construir y operar sistemas de agua potable y eliminación de aguas residuales a los Municipios, mientras que las funciones que retuvo son formular políticas, planificación nacional y elaboración de normas y control de algunos indicadores de calidad del agua (GWP, 2003).

El papel que cumplió el IEOS en el fortalecimiento y/o creación de JAAP (Juntas de Abastecimiento de Agua Potable) es central, tal y como hoy en día lo es el MIDUVI. El organismo no solamente fue responsable de ampliar la red de abastecimiento en el país, financiando su construcción en muchos casos, dando asistencia técnica y capacitación para su gestión; sino que fue central en la conformación de las Juntas.

En 1993 se sancionó una ley que parecería que sería determinante durante algunos años, la “Ley de modernización del Estado, privatizaciones y prestación de servicios públicos por parte de la iniciativa privada” (RO No. 349 del 31 de diciembre de 1993). En concordancia con esta Ley, en 1994 se esboza una Política Nacional de Agua Potable y Saneamiento. El Estado inicia las gestiones para llevar adelante una estrategia de modernización del sector agua potable y saneamiento, junto al Banco Interamericano de Desarrollo (BID). En 1995 el gobierno firma un acuerdo de Cooperación Técnica con el BID y se recibe para el proyecto una colaboración de casi un millón de dólares por parte de FOMIN (Fondo Multilateral de Inversiones), que forma parte del grupo BID; y se establecen tres subprogramas o líneas de trabajo: marco legal regulatorio e institucional; política tarifaria y concesiones; y materialización de un órgano regulador (Yáñez, 1998).

Finalmente, el Estado ecuatoriano ha intentado llevar adelante políticas nacionales en materia de agua, intento que queda de manifiesto especialmente desde los setentas con la creación del IEOS. Sin embargo, hasta la fecha estos intentos han sido débiles. La creación del IEOS, por ejemplo,

corresponde a un periodo de políticas sanitaristas común en América Latina. El papel de esta institución es innegable, sin embargo, los niveles de cobertura de agua para consumo y de infraestructura para saneamiento son aún muy bajos. La CNRH y el MIDUVI también acompañaron (y acompaña aún el MIDUVI) estos intentos por lograr conducir al país en el sector agua.

Otra de las debilidades del sistema institucional, para inicios del siglo XXI, era la antigüedad del régimen legal del agua, incluso con el proyecto de modernización del sector que inicia en 1993 con la Ley de modernización del Estado. En el ordenamiento jurídico, el régimen administrativo de uso del agua se convirtió en un régimen de administración de concesiones de uso y aprovechamiento (Pazmiño, 2004), situación que no es muy diferente a la fecha. Para el 2004, aún prevalecía la administración y gestión sectorial.

En materia de servicios de agua para consumo humano y alcantarillado es la gestión de los gobiernos municipales, ya sea si prestan el servicio directamente o a través de formas desconcentradas, en la modalidad de empresas mixtas o privadas. A pesar de que esta modalidad se prevé desde 1993 con la Ley de Modernización, sólo se ha aplicado de manera limitada. “Los casos de delegación de servicios de agua potable y alcantarillado (saneamiento) a empresas privadas o mixtas son: INTERAGUAS en el cantón de Guayaquil; AGUAPEN en la península de Santa Elena y TRIPLE ORO, en el cantón de Machala ... En la Empresa Metropolitana de Agua Potable de Quito (EMAAP-Q) se ensayan procesos de delegación parciales y por zonas geográficas (Pazmiño, 2004: 28).

Estos cambios implicaron un movimiento desde la planificación ambiental sectorial hacia un intento de planificación nacional integral, teniendo como objetivo el logro del “desarrollo sustentable”<sup>316</sup>. Estas políticas también sirvieron de base para la explotación intensiva de la naturaleza<sup>317</sup>.

---

<sup>316</sup> En el año 1987, la Comisión Mundial sobre el Medio Ambiente y el Desarrollo (conocida como la Comisión Brundtland) publicó un memorable informe titulado “Nuestro Futuro Común”. El Informe reactivó el debate internacional (suspendido desde comienzos de los años setenta) sobre las presiones ambientales que afectaban a la humanidad, y dio lugar a la Cumbre para la Tierra que se celebró en Río de Janeiro. El concepto más importante derivado del Informe fue el de “desarrollo sostenible”. Según su propia definición, desarrollo sostenible es aquel que atiende a las necesidades del presente sin poner en peligro la capacidad de las generaciones futuras de atender a sus propias necesidades. El desarrollo sustentable implica que la generación presente consuma las riquezas no renovables de la naturaleza a cambio de dejarle algo a las generaciones futuras, como la dotación de “recursos” sustitutos o tecnologías para sustituirlos. El concepto es muy amplio y ha sido sujeto de muchas interpretaciones.

<sup>317</sup> La políticas centradas en el desarrollo sustentable en estos países fueron acompañadas de medidas (instituciones y leyes) que facilitaban la explotación de la naturaleza a mayor escala. El concepto de desarrollo sustentable permitía consumir la naturaleza “racionalmente”, pensando en dejarle algo a las generaciones futuras.

Tanto el movimiento hacia una política ambiental nacional integral como el asentamiento de bases para la explotación intensiva de la naturaleza no es exclusivo de Ecuador, sino que es un común denominador en gran parte de América Latina (Argentina, México, Uruguay, Chile, son ejemplos de ello<sup>318</sup>).

## **2. Gestión comunitaria del agua en México y Ecuador**

México y Ecuador tienen en común, no solamente un amplio entramado institucional asociado con la gestión del agua y un periodo de reformas en los marcos normativos nacionales que dan preferencia a la gestión del sector privado. La oleada privatizadora en ambos países estuvo centrada en zonas urbanas, mientras que en sectores rurales se fortalecieron las organizaciones autogestivas. Este es otro de los puntos en común: las experiencias de trabajo colectivo comunitario. Actores locales buscan resolver sus necesidades a partir de sus propios recursos, a la par que el Estado se deslinda. Esto ha requerido del manejo de ciertos saberes tácitos y prácticas mejoradas por la misma experiencia; y se ha nutrido de conocimientos transmitidos por generaciones, los cuales se han ido ajustando a las distintas realidades (transformaciones internas a la comunidad, agentes externos, intervención gubernamental, dinámica económica capitalista...).

Al mismo tiempo, el cambio ambiental global ha conducido a situaciones también comunes, no deseables y riesgosas para la vida en y del planeta: contaminación de manantiales y ríos, sobreexplotación de acuíferos, deforestación de áreas boscosas, pérdida de suelo fértil, cambio climático. Estas situaciones o problemas comunes son indicadores de un manejo no sustentable de la naturaleza.

En este contexto, es pertinente conocer y analizar las posibles oportunidades que pueden ofrecer otros modelos de apropiación y uso de los recursos hídricos, como es el caso de las comunidades tradicionales latinoamericanas, donde se cuenta con un acervo ancestral del saber hacer con el agua. El caso de los Comités comunitarios de agua (Comités) en el Estado de Michoacán (México) y de las Juntas Abastecedoras de Agua Potable (JAAP), en la provincia de Imbabura (Ecuador) es ilustrador de esas otras posibilidades de hacer sostenible. Entre las preguntas que guiaron la

---

<sup>318</sup> Ver, por ejemplo, Svampa y Antonelli, 2009.

investigación, destacan: ¿de qué manera la gestión comunitaria del agua contribuye a la resolución de la crisis del agua a escala local?, ¿qué aporta la gestión comunitaria, en contraposición a la gestión estatal? y ¿cómo las respuestas comunitarias son respuestas sustentables al problema de abasto de agua?

La gestión comunitaria del agua (como su nombre lo indica) opera en el ámbito comunitario<sup>319</sup>. Las interacciones de acción colectiva se realizan cara a cara y las prácticas se basan en los usos y costumbres<sup>320</sup> o una combinación de éstos con la legislación. Esto queda de manifiesto, también en la forma en la que se estructuran las JAAP y los Comités, así como en las dinámicas de toma de decisiones.

En ambos casos, la Asamblea es la máxima autoridad. Para el caso de Michoacán participan todos los representantes de las familias que la habitan, sin importar el año de antigüedad en ella. La Asamblea toma las decisiones más importantes y el Comité es el responsable de ejecutarlas, es el medio de instrumentación de control del agua por parte de la comunidad. A través del Comité se vigilan los acuerdos y transacciones entre las familias con servicio de agua y el Comité (Sandoval, s.f.). Para el caso de Imbabura, la Asamblea general de usuarios cumple una función similar: las decisiones tomadas en la Asamblea representan mandatos para las JAAP.

Las JAAP están integradas por residentes de la comunidad, designados a través del voto mayoritario de la Asamblea y los cargos directivos son honoríficos. Para ser miembro es necesario estar en goce de los derechos de ciudadanía, residir en la comunidad y ser usuario del sistema, saber leer y escribir, estar al día con los pagos correspondientes al servicio, tener buen prestigio en la comunidad y no ser miembro del gobierno parroquial o cantonal. Para ocupar un cargo en los Comités es necesario contar con buena reputación ante la comunidad y vivir en ella parte del año<sup>321</sup>, aunque es preferible que sepan leer y escribir, no es requisito indispensable. Sí lo es tener prestigio en la comunidad.

---

<sup>319</sup>El ámbito comunitario se entiende en su concepción más amplia, a la auto-identificación de un colectivo de individuos, sea por tener en común un territorio, lenguaje, costumbres y actividades. Identidad que les hace diferenciarse de otras comunidades.

<sup>320</sup> Los usos y costumbres son el conjunto de prácticas, hábitos, reglas y concepciones tácitas que orientan las interacciones humanas y las relaciones con el medio ambiente, en correspondencia con el reconocimiento, de pautas y formas de comportamiento por el colectivo e individualmente.

<sup>321</sup> La mayoría de las familias rurales en esta región viven periodos de tiempo en Estados Unidos de Norteamérica.

Los Comités, en su mayoría, no cuentan con protocolización legal y solo algunos cuentan con derechos de concesión de agua (otorgado por CONAGUA). Ningún Comité cuenta con normas escritas, aunque hay reglas de comportamiento tácitas y mecanismos de control del agua que han funcionado por generaciones. Las JAAP, en cambio, se encuentran legalizadas en gran parte (78% reportaba el MIDUVI para 2008) ante el organismo estatal rector y alrededor del 64% contaban con un reglamento interno (*Ibíd.*). Para el mismo año, se reportaba que el 44% de los servicios de agua potable<sup>322</sup> de la provincia estaba a cargo de las Juntas.<sup>323</sup>

Respecto a la composición de los Comités y de las Juntas, también se encontraron coincidencias. Las figuras de Presidente, Secretario, Tesorero y (en ocasiones) Vocales, además del operador del sistema hidráulico, son figuras comunes. La permanencia en la directiva en los Comités varía de uno a tres años, mientras que en las Juntas, dos años, aunque en este caso pueden ser reelegidos si la Asamblea así lo decide.

Las funciones y tareas de los Comités se realizan según las capacidades de gestión, técnica y las redes sociales a las que pertenecen sus integrantes (Sandoval, 2011). Sus responsabilidades están asociadas con la operación del sistema, actividades de control (cobros de cuotas, registro de actividad financiera, estimular el pago de cuotas, cooperaciones en trabajos colectivos y en dinero, entre otros), resolución de conflictos, monitoreo (detección de tomas clandestinas, vigilancia de la distribución de agua por tandeo a toda la comunidad, por ejemplo), información (conocimiento del estado físico de las tomas), mantenimiento y gestión (con autoridades de la comunidad y gubernamentales, entre otras). Las Juntas están organizadas también en torno a lograr propósitos puntuales: construcción, operación, administración y mantenimiento del sistema de agua. Esto se combina con trabajos de promoción y educación en salud e higiene entre los habitantes de la comunidad para conseguir el buen uso y mantenimiento del sistema.

Así mismo, en ambos casos, los recursos con los que cuentan ambas organizaciones provienen de la recaudación por la prestación del servicio (aunque en casos puntuales han recibido aportaciones

---

<sup>322</sup> El mismo reporte indicaba que el 75% de la población de las cabeceras parroquiales rurales tenían acceso a una red pública de alcantarillado, el 10% contaba con unidades sanitarias básicas, el 13% con letrinas con arrastre de agua y el 2% no tienen ningún servicio. Los porcentajes también variarían si se contabilizaran las poblaciones rurales fuera de las cabeceras parroquiales.

<sup>323</sup> Dichos porcentajes están calculados sobre un estudio que se hizo en las cabeceras parroquiales de la provincia, sin tener en cuenta las comunidades que no son cabecera de parroquial. Si se hubieran tenido en cuenta el resto de comunidades el porcentaje sería mucho mayor.



gubernamentales), situación que genera un amplio margen de autonomía respecto al Estado. En el caso de la Ciénega de Chapala, las tarifas están determinadas por la misma comunidad mediante la Asamblea y pueden ser modificadas por el Comité. Las cuotas mensuales varían entre \$2.3 y \$7.8 dólares estadounidenses mensuales (dependiendo de la comunidad y de la diferenciación entre distintos grupos dentro de la comunidad). Los montos se determinan basándose en el conocimiento que tienen de la comunidad y las interacciones establecidas entre los miembros del Comité, permitiéndoles respaldar su autoridad y continuar con el control del agua como comunidad, aún en los casos donde se presenta alta migración.

Tiene más de una década el debate público sobre el ordenamiento de la administración del agua para consumo humano por los municipios, de tal manera que se pronuncia la falta de legalidad de los Comités y la necesidad de desposeerles la administración del servicio de agua, para asumirlo los municipios. Sin embargo, es un tema no resuelto en la práctica porque gran parte de los municipios en México no tienen la capacidad técnica, humana, financiera y de infraestructura para distribuir agua a todas las localidades rurales, además de que el conflicto social podría recrudecerse con más énfasis.

Las JAAP de Imbabura también se sostienen económicamente gracias al pago de los usuarios por el servicio, así como de donaciones privadas o de aportaciones en casos específicos del Estado. Las tarifas van de \$0.5 a \$3 dólares estadounidenses mensuales y el pago es en función de una cantidad determinada al mes de agua (varía aunque el monto base de agua es 15 m<sup>3</sup>). Si los usuarios rebasan dicha cantidad el cobro adicional es por metro cúbico, para lo cual en varios casos cuentan con medidores en cada hogar. Las tarifas las establecen las Juntas, de acuerdo a los costos de mantenimiento del sistema.

En torno al cuidado del medio, en ambas experiencias de gestión comunitaria, son los actores locales quienes han generado instituciones bien estructuradas (no necesariamente escritas) de preservación. Tanto en la Ciénega de Chapala como en Imbabura la percepción sociocultural del agua está inmersa en el imaginario de las comunidades y se concibe como vital. Existe una concepción fuertemente enraizada en el imaginario social de las comunidades respecto a la importancia del agua para la vida.

Para el caso de los Comités comunitarios de agua en Michoacán, el valor del agua no es económico, sino que es la valoración social el eje de las interacciones de los miembros de la comunidad, que se articula para suministrarla a las familias. Las interacciones rutinarias en la distribución del

agua han generado instituciones de manejo del agua y han permitido desarrollar capacidades locales para mantener los modos de distribución en temporadas de estiaje, para la ampliación de la red hidráulica y el arreglo de fugas. La comunidad entiende al Comité como el grupo representante de la comunidad para el manejo del agua. Este Comité se ciñe a la determinación de las decisiones comunitarias, e internamente el ocupar cargos en la directiva les permite mantenerse como organización, creando lazos de amistad y solidaridad, establecen arreglos formales e informales, y de constituirse y reconocerse como parientes, vecinos, amigos y como parte de la colectividad con los mismos derechos de acceso al agua (Sandoval, s.f.).

En las Juntas se observó algo similar, en torno a la valoración del agua, así como a la importancia de la organización y la representación de la comunidad en éstas. A ello, se suma el interés de conservación y de retroalimentación con la madre tierra. Las Juntas también desarrollan actividades relacionadas con educación sanitaria o cuidado ambiental, así como de protección de fuentes. Se identificó (Gunther, 2012) que las JAAP también se han hecho responsables de diferentes tareas relacionadas con la protección al ambiente, el tratamiento de residuos, y la educación ambiental y sanitaria. Una de las figuras constantes entre tareas de carácter ambiental es la de reforestación y la limpieza de las vertientes.

En este sentido, en ambas organizaciones comunitarias se detectaron prácticas que hacen efectiva esta concepción del agua y la naturaleza, como las jornadas de trabajo comunitario de limpieza de las fuentes y zonas aledañas. En el caso de las Juntas también se llevan a cabo jornadas sobre educación ambiental, tratamiento de residuos, entre otras.

En las organizaciones sociales de manejo de agua analizadas, el manejo del agua no se reduce a la distribución de agua, sino que se liga su manejo a interacciones entre la comunidad y su ambiente, desde una perspectiva holística del agua, que la integra con el resto de la naturaleza y con las mismas formas de vida en la comunidad.

### **3. Gestión comunitaria y sustentabilidad**

El papel que cumple la gestión comunitaria del agua es central en la conservación del mismo y en la promoción de actividades estrechan la relación entre la comunidad y el ecosistema tierra. En ambos casos analizados predomina una valoración holística del agua. Las prácticas asociadas con la gestión del vital líquido rebasan cualquier actividad centrada en el lucro, sino se enfoca en satis-

facción de necesidades humanas y de los ecosistemas locales. Esto tiene estrecha relación con la cosmovisión cultural/tradicional de la naturaleza: el agua se concibe como vital y no meramente como un recurso (visión hegemónica) lo cual se expresa en el conjunto normas (explícitas e implícitas) y prácticas asociadas a su manejo integral.

Esta relación se manifiesta en diferentes aspectos en los casos de gestión comunitaria abordados. El establecimiento de tarifas en función de las necesidades de los sistemas y por las propias comunidades en forma autónoma, es una de ellas. Las tarifas no representan una cuota de ganancia ni para la organización ni para la comunidad, dado que se establecen para satisfacer las necesidades de funcionamiento y mantenimiento de los sistemas. Aún más llamativo es que la pertenencia a las organizaciones de gestión comunitaria trae consigo un beneficio mayor que tiene que ver con el reconocimiento de sus pares en la comunidad, así como el prestigio social que ello implica. El reconocimiento de sus labores está asociado al bien común y no a lo económico.

Las Asambleas también cumplen un rol fundamental y representan otra de las prácticas que se encuentran insertas en profundidad en las comunidades y fungen como una autoridad por encima de las instancias de gestión (JAAP o Comités). En las Asambleas se manifiesta el sentido de lo comunitario por encima de la individualidad de los miembros de la comunidad. El trabajo colectivo también ha estado presente en las comunidades, en el aporte de mano de obra para la construcción de los sistemas, en las tareas de mantenimiento y protección de las fuentes de abastecimiento de agua; mostrando nuevamente que la comunidad y lo comunitario conlleva beneficios que rebasan lo individual. En ello recae un elemento central para la sustentabilidad.

La sustentabilidad de la gestión comunitaria implica un interés que rebasa lo económico y trasciende la propia gestión del recurso, en contraposición con los postulados neoliberales, incorporando otras dimensiones que promueven la conservación y el respeto por el ecosistema. Por ejemplo, los ritmos de extracción de agua están asociados con el abasto y las necesidades básicas.

La sustentabilidad de la gestión comunitaria radica, también, en las capacidades locales que se fortalecen ante la retirada del Estado enmarcada en las políticas de corte neoliberal. Estas capacidades incluyen saberes, formas y modos de hacer propios para responder a las necesidades vitales, en este caso asociadas con el abasto de agua. La búsqueda de abasto para todas las familias y la organización que esto conlleva señala al sentido de equidad con la aquiescencia del colectivo, es decir la comunidad. La gestión comunitaria contiene elementos de manejo de los recursos hídricos que favorecen la sostenibilidad de los ecosistemas y la gobernanza local, en el sentido que son

actores sociales con capacidades propias en el manejo de recursos locales. Experiencias sobresalientes para ser consideradas en el diseño e instrumentación de políticas públicas.

En este sentido y retomando las preguntas iniciales que guiaron el trabajo, es posible afirmar que la organización comunitaria en torno al abastecimiento de agua para consumo humano tiene una estrecha relación tanto con la ausencia estatal como con la necesidad actual imperante de sustentabilidad real (en toda la gestión ambiental, no exclusivamente en torno al agua). La gestión comunitaria nos aporta algunos elementos que son necesarios de recuperar para la elaboración de futuras políticas o prácticas asociadas con la gestión ambiental, tal como se ha observado a través de la experiencia de las Juntas y los Comités. Naturalmente, aún quedan muchas interrogantes sin resolver y surgen nuevas. Entre ellas: ¿de qué manera los gobiernos darán apertura real para integrar las experiencias locales a las políticas públicas tras un periodo de políticas neoliberales? y, a la vez, ¿la gestión comunitaria podrá fortalecerse en el contexto de imposiciones estatales en la gestión ambiental?

### **Bibliografía citada**

APPENDINI, Kirsten, GARCÍA, Raúl y DE LA TEJERA, Beatriz. “Instituciones Indígenas Translocales y la Flexibilidad de los Derechos de Propiedad: Estableciendo los Límites del nuevo Institucionalismo”. *Estudios Sociológicos*, septiembre-diciembre, XX (003), 641-656, 2002

FLACSO et al. *Geo Ecuador 2008. Informe sobre el estado del medio ambiente*. FLACSO – MAE – PNUMA. S/L, 2008.

GUNTHER, M. Griselda. *La gestión social del agua para consumo humano en Ecuador: Imaginarios sociales, instituciones y Buen Vivir*. Tesis de doctorado en Estudios Latinoamericanos. UNAM. México, 2012.

GWP (Global Water Partnership). *Gobernabilidad efectiva del agua. Discusión en Ecuador* (paper). GWP – SAMTAC. S/L., 2003.

JOURAVLEV, Andrei. *Los servicios de agua potable y saneamiento en el umbral del siglo XXI*. CEPAL – Naciones Unidas. Santiago de Chile, Chile, 2004.

KENNETH, Frederick et al. “Administración del suministro de agua potable y alcantarillado” en Southgate, Douglas et al. 1996. *Diagnóstico sobre los problemas ambientales urbanos en el Ecuador*. USAID-Corporación Oikos. Ecuador, 1996.

KOONTZ, Harold y WEIHRICH Heinz. *Administración, una prospectiva global*. Editorial McGraw-Hill, 12ª edición. México, 2004.

MEINZEN-DICK, Ruth y KNOX, Anna. “Collective action, property rights, and devolution of natural resource management: a conceptual framework”. *Workshop drart* (pp. 2-40), 15 julio, mimeo, 1999.

MIDUVI. “Provincia de Imbabura” en MIDUVI. *Análisis de la situación de los servicios de agua, saneamiento y residuos sólidos en las cabeceras parroquiales rurales del Ecuador*. MIDUVI. Ecuador, 2008.

ORÉ, María Teresa et al. *El agua, ante nuevos desafíos. Actores e iniciativas en Ecuador, Perú y Bolivia*. OXFAM – IEP. Perú, 2009.

PAZMIÑO VINUEZA, Diego. *El régimen administrativo del agua y los servicios públicos* (mimeo). UASB. Ecuador, 2004.

ROMERO LANKAO, Patricia. “Mano invisible: ¿gestora eficiente de un uso sustentable del agua?”, en: *XX Seminario Internacional sobre Agua, Medio Ambiente y Desarrollo en México*, Colegio Michoacán, Zamora Michoacán. México, 1998.

SANDOVAL MORENO, Adriana. s.f. *Grupos locales y manejo del agua en la Ciénega de Chapala, Michoacán*, Unidad Académica de Estudios Regionales de la Coordinación de Humanidades, UNAM. (en prensa).

\_\_\_\_\_. “Manejo del agua: Contrastes entre lo comunitario y lo gubernamental en la Ciénega de Chapala, Michoacán, México”, en *Revista Agricultura, Sociedad y Desarrollo*, Vol. 8, No. 3 septiembre-diciembre, Colegio de Postgraduados, México. pp. 367-385, 2011.

SVAMPA, Maristella y ANTONELLI, Mirta. *Minería transnacional, narrativas del desarrollo y resistencias sociales*. Ed. Biblos. Buenos Aires, Argentina, 2009.

YÁÑEZ COSSÍO, Fabián. “Proyecto de modernización del sector de agua potable y saneamiento” en *Competitividad internacional y exportaciones*. CORDES. Ecuador, 1998.

ZAPATTA, Alex. *Una aproximación a los conflictos por el agua en Ecuador*. Foro de los Recursos Hídricos. Ecuador, 2008.

## Policiando a polícia: aspectos das forças de segurança pública do Brasil no contexto latino americano

Marina Zminko Kurchaidt<sup>324</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende trazer um pouco da história e da prática da polícia brasileira, da sua trajetória de extermínio, história de sangue, de guerra, de preconceito e de discriminação, que é a mesma história de sangue, de guerra, do calar de um povo que carrega a América Latina. O pano de fundo é o processo de redemocratização do Brasil, que nunca se concretizou, ou, pelo menos, atingiu apenas algumas instituições do Estado e da sociedade civil, característica também compartilhada pela grande maioria dos países latino-americanos. A importância deste debate é muito pulsante e muito atual, com o cenário que vivemos de constante violação de direitos humanos, de abuso do poder, de impunidade por parte das polícias. No entanto, ainda que muito atual, este cenário se arrasta nos séculos: a história da polícia que perseguia escravos e capoeiras hoje é a história da polícia que persegue jovens negros e pobres. É necessário que o *modus operandi* da polícia latina americana seja desmistificado para que se quebrem os estigmas carregados pela população e pela própria polícia para que possamos entender e conhecer a nossa história e, assim, termos condições concretas de transformá-la.

**Abstract:** This article intends to expose a bit about the brazilian police's history and current practice, about its extermination path, a history of blood, prejudice and discrimination, that's similar to the Latin America's history of blood, prejudice and discrimination. The background of this history is the brazilian's redemocratization process, which has not materialised yet, or, at least, reached only a few civil's and state's institutions, characteristic also shared by the vast majority of the latin american countries. The significance of this debate it's a great deal and it's very current in the human rights violations, abuse of power and polices forces crime's impunity scenario that we live in. However, yet current, this scenario has been dragged on by the centuries: the history of the police that persecuted the slaves and *capoeiras* today is the history of the police who persecute black and poor youth. It is necessary that the latin american police force's *modus operandi* be demystify in order to break down the stigmas carried by the population and the police itself for we can know our history and so be able to transform it.

---

<sup>324</sup> Bacharela em Direito pela Universidade Federal do Paraná e pós-graduanda em Direito Penal e Criminologia pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal (Curitiba, Paraná, Brasil). zk.marina@gmail.com

A política de segurança pública do Brasil, cujo carro chefe é dirigido pela Polícia Militar (PM), vem se colocando como uma política de extermínio de pessoas pobres e negras, em sua esmagadora maioria, e usa sem escrúpulos da mais brutal violência ao tentar conter a onda de crimes e de manifestações. Este modo de agir de guerra impinge um debate fundamental: o órgão encarregado do policiamento ostensivo deve ter caráter militar?

Os tristes exemplos que ilustram essa prática já se tornaram rotineiros no cenário brasileiro, como as ações brutais e violentas do BOPE – Batalhão de Operações Especiais -, da PM, em inúmeras comunidades cariocas, no intuito de “pacificar” regiões que hoje são dominadas pelo tráfico de drogas, e na contenção de brasileiros nas ruas que “ameaçam a ordem”. O tratamento dos moradores das favelas pela Polícia Militar é o mesmo destinado aos inimigos de uma guerra, é o de eliminar “indesejáveis”, podendo ser comparado a ocupações bélicas nas favelas e comunidades pobres.

A Polícia Militar brasileira, responsável por colocar em prática as políticas de segurança pública, vem se mostrando uma polícia de guerra, treinada para enfrentar o terrorismo, e assim segue executando de forma sumária inocentes e “pacificando” favelas e comunidades marginalizadas.

Vera Malaguti Batista estudou a origem do termo “pacificação” e afirma que ele alude à época da independência do Brasil, das revoltas e rebeliões escravas e indígenas. “Pacificação” seria um termo militar: as forças armadas “pacificaram” estas revoltas, matando grande parte da população do norte do país. Segundo a criminóloga, o termo equivale à dominação de território (BATISTA, 2011).

Este caráter militar, marca registrada da corporação, não é novidade na polícia brasileira: remonta ao Brasil Império, é reforçado na República, passa por Getúlio Vargas, é ainda mais cristalizado e segredo da Polícia Civil na Ditadura Militar. Há muito tempo que está se perpetuando a confusão das funções da polícia, as quais deveriam ser, essencialmente, aplicar a lei, e não aplicar punições desumanas e ilegais aqueles que são tidos como suspeitos de crimes.

O período colonial não teve o que podemos chamar de polícia, apenas ordenações privadas que exerciam as vigilâncias. O Brasil Império teve várias experiências frustradas com as primeiras instituições policiais, como a Intendência Geral da Polícia e a Guarda Real de Polícia, que contro-

lavam a população escrava da cidade. Eles eram apenas remédios que tentavam dar conta de problemas locais com respostas locais. Diferentemente de todas elas, a Polícia Militar, que tem como descendentes estas instituições, tomou forma como a conhecemos hoje em 1906, no Rio de Janeiro, e atravessou séculos consolidando-se até hoje, e desde seu início é formada de pessoas oriundas das classes dominadas que se submetem à rígida disciplina hierárquica e militar do Exército, inculcadas com a lógica corporativista, recebendo baixos salários e tendo como função de tempo integral e exclusivo o patrulhamento da cidade. Desde seu início, é uma instituição que funciona como a *longa manus* do Estado e da elite, que primeiro controlava de forma violenta a população escrava e, depois, de forma idêntica, a população livre e pobre e os imigrantes que aqui vieram se estabelecer. A Polícia Militar do Rio de Janeiro serviu como modelo base para o surgimento das polícias militares dos demais estados. A ideologia liberal brasileira fez com que o sistema repressivo da Polícia Militar sempre se adaptasse às mudanças sem que, com isso, a hierarquia de dominação e subordinação se rompesse (SALÉM, 2007). As mudanças ocorridas nas instituições policiais eram estabelecidas pela elite ao mesmo passo que ocorriam mudanças na economia capitalista. O regime militar fez ambas as polícias perderem suas identidades com sua atuação ostensiva e brutal, fato que parece não ter sido superado nem com a Constituição Federal de 1988, principalmente levando em conta que o modelo bélico-militar permaneceu (SÁ, 2013). Cria-se mais medo e exige-se mais segurança, a qual a resposta do Estado é a ação da Polícia Militar (SÁ, 2013). Hoje, o ideal burguês encontra-se em uma contradição colocada pela globalização neoliberal que promete “mais Estado” no campo da segurança oferecida pela polícia para tentar solucionar questões originadas da política do “menor Estado” social (WACQUANT, 2007: 205).

Para a socióloga Heloisa Fernandes (1973), a Força Policial foi em toda sua história baseada na estrutura militar, o que, além da hierarquia, disciplina, armamento e uniforme, pressupõem uma força com funções claramente militares, mas que, contudo, em alguns momentos, exerce funções tipicamente policiais. Neste ponto, importante destacar que a função *policial*, que visa proporcionar o funcionamento ordenado dos resultados do processo de urbanização, é essencialmente diferente da função *militar*, que mantém e reestabelece a ordem *social*. A função militar é política, enquanto a função policial é estritamente jurídica.

Esta forte distinção entre as funções proporcionou o caráter híbrido presente até hoje no sistema policial brasileiro, e criou internamente duas ideologias, a militar e a civilista, “que historicamente vieram a se transformar em duas ‘correntes’, no sentido da luta pela afirmação de uma delas” (FERNANDES, 1973:209).



No palco dos debates da Constituinte, nos anos de 1986 e 1987, o sistema policial brasileiro foi protagonista de calorosas e disputadas discussões. Oficiais da Polícia Militar, delegados da Polícia Civil, antropólogos, sociólogos, juristas e outros interessados defendiam dois lados: um, tendo a seu favor a Polícia Militar, defendia o modelo dual de polícia, coordenadas, mas com funções diferentes, que operariam no mesmo espaço; o outro, defendido pela Polícia Civil, acreditava na existência de apenas uma polícia civil, única e de carreira (SULOCKI, 2007). As Forças Armadas fizeram forte *lobby* para a posição da Polícia Militar, uma vez que esta seria um meio de garantir sua influência nos assuntos de ordem interna do país.

A Comissão Afonso Arinos, encarregada de examinar a parte da Defesa do Estado, da Sociedade Civil e das Instituições Democráticas no anteprojeto do texto constitucional, recebeu as duas propostas. A tese da Polícia Militar continuou a mesma, defendendo a pluralidade de polícias, dentre elas a polícia militar, com o argumento de que esta dualidade possibilitaria um mecanismo de freios e contrapesos que impediria abusos e violações de direitos. A tese da Polícia Civil, no entanto, mudou, passando a defender o modelo de duas polícias, mas no qual a polícia militar teria poderes reduzidos, servindo apenas para ações de choque, enquanto a própria polícia civil teria um segmento uniformizado para a atuação ostensiva (SULOCKI, 2007).

Ao final dos debates, a matéria de segurança pública – sempre vinculada ao sistema policial – foi disposta no atual Título V da Constituição Federal de 1988, da Defesa do Estado e das Instituições Democráticas:

## CAPÍTULO

III

### DA SEGURANÇA PÚBLICA

Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:

I - polícia federal;

II - polícia rodoviária federal;

III - polícia ferroviária federal;

IV - polícias civis;

V - polícias militares e corpos de bombeiros militares.

§ 1º A polícia federal, instituída por lei como órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira, destina-se a:

I - apurar infrações penais contra a ordem política e social ou em detrimento de bens, serviços e interesses da União ou de suas entidades autárquicas e empresas públicas, assim como outras infrações cuja prática tenha repercussão interestadual ou internacional e exija repressão uniforme, segundo se dispuser em lei;

II - prevenir e reprimir o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o contrabando e o descaminho, sem prejuízo da ação fazendária e de outros órgãos públicos nas respectivas áreas de competência;

III - exercer as funções de polícia marítima, aeroportuária e de fronteiras;

IV - exercer, com exclusividade, as funções de polícia judiciária da União.

§ 2º A polícia rodoviária federal, órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira, destina-se, na forma da lei, ao patrulhamento ostensivo das rodovias federais.

§ 3º A polícia ferroviária federal, órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira, destina-se, na forma da lei, ao patrulhamento ostensivo das ferrovias federais.

§ 4º - às polícias civis, dirigidas por delegados de polícia de carreira, incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares.

§ 5º - às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil.

§ 6º - As polícias militares e corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, juntamente com as polícias civis, aos Governadores dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios.

§ 7º - A lei disciplinará a organização e o funcionamento dos órgãos responsáveis pela segurança pública, de maneira a garantir a eficiência de suas atividades.

§ 8º - Os Municípios poderão constituir guardas municipais destinadas à proteção de seus bens, serviços e instalações, conforme dispuser a lei.

§ 9º A remuneração dos servidores policiais integrantes dos órgãos relacionados neste artigo será fixada na forma do § 4º do art. 39.

A Constituição trouxe uma repartição de competências na matéria de segurança pública entre a União e seus estados. A segurança pública, assim, é de “competência e responsabilidade de cada unidade da Federação, tendo em vista as peculiaridades regionais e o fortalecimento do princípio federativo como, aliás, é da tradição do sistema brasileiro” (SILVA, 1994: 711 *apud* SULLOCKI, 2007: 118).

Os debates para a construção da Constituição Federal de 1988 fazem parte da transição democrática em que o Brasil entrou, teoricamente, após o fim do regime militar, que durou de 1964 a 1985. Fala-se “teoricamente”, pois não podemos afirmar, hoje, que a democratização alcançou todos os âmbitos da sociedade, ao passo que a transição democrática é o processo que abraça uma liberalização política, com aumento do pluralismo político, a tolerância à oposição e o respeito às liberdades públicas do regime e sua democratização, o que envolve a participação popular, direta e/ou indireta, nas tomadas de decisões. No caso da América Latina, e aí se encontra o Brasil, no final da década de 70 e início dos anos 80, não houve rupturas abruptas, mas, em verdade, uma exaustão dos regimes autoritários. Os rumos desta transição foram determinados pelas elites dominantes representadas pelas autoridades militares, com influências políticas e culturais do exterior, principalmente dos Estados Unidos.

Especificamente na época dos regimes ditatoriais latino americanos, fala-se da “pentagonização” da América Latina (PADRÓS, 2007: 13). O termo refere-se à ampla e complexa rede de relações subordinadas ao poder norteamericano que consistia em intercâmbio de informação, fornecimento de equipamentos militares e munição, treinamento diverso para fins de segurança interna, instrução para ações encobertas, acesso às escolas militares estadunidenses criadas ou reconvertidas para esses fins, oferta de linhas de financiamento específicas, etc. Os protagonistas das funções de segurança e informações de todos os países do Cone Sul eram os que estavam vinculados a tal rede. Dessa forma, a “pentagonização” envolveu corpos policiais e militares e até paramilitares para a instrumentalização destas instituições na manutenção do *status quo* que protegia os interesses das corporações norte-americanas e seus associados.

O fator militar cooperou na tentativa de barrar o que se entendia como “expansionismo soviético” e defendeu e garantiu o controle sobre a zona de domínio econômico. Este movimento

solidificou-se por meio do chamado “complexo militar-industrial”, ou seja, a estrutura produtiva resultante do esforço de guerra efetivado pelos EUA durante o conflito mundial, que, ao seu final, não foi reconvertido para tempos de paz, tornando-se o principal polo dinâmico do poder econômico estadunidense. Com o pós-guerra, a produção bélica tomou forma própria e figura, desde então, como o centro nevrálgico do capitalismo dos EUA, logo, setor fundamental na reestruturação do capitalismo, em escala planetária. Nesta perspectiva, a “pentagonização” da América Latina foi além do objetivo militar dos EUA e reafirmou o poder militar-industrial deste país, garantindo o fornecimento de matérias-primas a preços baixos, o que proporcionou a máxima rentabilidade dos investimentos na região e ainda assegurou a fidelidade aos Estados Unidos dos países subordinados (PADRÓS, 2007).

Na tentativa de conter a “ameaça comunista”, os EUA, através do TIAR – Tratado Interamericano de Assistência Recíproca -, apelaram para a estratégia de conformação de blocos militares com os países aliados, garantindo, assim, a manutenção da rede militar que subordinava as Forças Armadas de diversos países americanos. O ponto de partida desta segurança coletiva foram as instalações de centros especiais de treinamento, qualificação e doutrinação de militares latino americanos nos Estados Unidos, e também escolas de formação militar na América Latina, como a Escola Nacional de Guerra do Paraguai, Escola Superior de Guerra da Colômbia, Escola de Altos Estudos Militares da Bolívia, Academia de Guerra do Chile, Escola Superior de Guerra do Brasil. Este treinamento militar foi visto como uma oportunidade de ascensão na carreira e de melhorias salariais para os oficiais que frequentavam tais cursos, que eram promovidos de forma mais rápida, encontravam mais oportunidades de serem escalados para tarefas especiais e mesmo de vantagens pessoais, como altos postos de comando, cargos ministeriais, direção de empresas públicas, representação em missões no exterior, etc (*ibidem*).

Na América Latina, as tarefas de manutenção da ordem e prevenção de delitos, atividades policiais, só eram atribuídas às Forças Armadas quando as forças policiais não conseguiam dar conta da situação. Com a interferência estadunidense, as polícias receberam a mesma preparação recebidas pelos militares, a partir do entendimento que a polícia eficiente era aquela mais preparada. A Academia Internacional da Polícia foi o principal centro de instrução aos policiais. Nela foram recebidos mais de cinco mil agentes policiais estrangeiros. Para além da justificativa da qualificação policial, houve apologia à violência, pela promoção de métodos de tortura, reforçando o autoritarismo e o aumento da subordinação à orientação estadunidense (HUGGINS: 1998, 10).

Voltando à construção do sistema policial brasileiro na atual Constituição brasileira, conforme aponta Sulocki (2007), este pode ser entendido em dois aspectos diferentes. O primeiro deles, mais objetivo, entende a polícia em sua função administrativa de limitação de direitos, que atua através de seu poder de polícia administrativa. O segundo, mais subjetivo, traz a compreensão da polícia como força pública, ou seja, um órgão que presta um serviço público. Para a autora, o aspecto objetivo está claramente presente no nosso direito administrativo, porém o aspecto subjetivo deixa a desejar, podendo ser pensado como implicitamente presente no nosso ordenamento jurídico. De qualquer modo, independente do aspecto pensado, como atividade da Administração Pública, o sistema policial deve ser regido pelos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência, conforme o *caput* do artigo 37 da Constituição Federal.

Apesar do recorte da discussão deste trabalho estar inserido no sistema policial como parte do sistema de justiça criminal brasileiro, os aspectos constitucionais e administrativos apontados acima se fazem importante na medida em que auxiliam na compreensão da totalidade da atuação policial. Uma atuação fora destes balizamentos não é legal, muito menos legítima.

Neste ponto, é importante atentarmos ao fato de que a democracia não necessariamente contribui para a legitimidade política, nem é sinônimo desta. O autor Jean-Marc Coicaud (*apud* CAMASSA, 2014) defende que a associação entre legitimidade e democracia consiste mais em um pressuposto teórico do que uma realidade fática e ainda adverte que a legitimidade pode ocorrer em vias e governos não democráticos.

Os abusos de poderes são endêmicos na América Latina. É muito comum, e estas práticas sempre permanecem impunes, a ocorrência de tortura e maus tratos causados por membros das forças armadas e policiais, que, em muitas vezes, são apoiados pela população. De acordo com Guillermo O'Donnell,

Na maioria dos países da América Latina o alcance do Estado legal é limitado. Em muitas regiões, não só as geograficamente distantes dos centros políticos, mas também aquelas situadas na periferias de grandes cidades, o Estado burocrático pode estar presente, na forma de prédios e funcionários pagos pelos orçamentos públicos. Mas o Estado legal está ausente: qualquer que seja a legislação formalmente aprovada existente, ela é aplicada, se tanto, de forma intermitente e diferenciada. E, mais importante, essa legislação segmentada é englobada pela legislação informal baixada pelos poderes privatizados que realmente dominam esses lugares. Isso conduz a situações complexas, das quais infelizmente sabemos mui-

to pouco, mas que acarretam com frequência uma renegociação contínua dos limites entre essas legalidades, formal e informal, em processos sociais nos quais é (às vezes literalmente) vital entender os dois tipos de lei e as relações de poder extremamente desiguais que eles produzem. O sistema legal informal dominante que resulta, pontuado por reintroduções arbitrárias do sistema formal, sustenta um mundo de violência extrema, como mostram dados abundantes, tanto das regiões urbanas quanto das rurais. (O'DONNELL, 2000, p. 347).

Os países que se encontram na semiperiferia do sistema capitalista, como Brasil e Argentina, não possuem mecanismos capazes de substituir as funções exercidas pelo sistema penal. Em sociedades com estas características, o sistema escolar é fragmentado e ineficiente, a educação superior fica restrita aos setores da elite, não há acesso igualitário à renda, apenas uma pequena parcela da população tem acesso aos bens de consumo, uma significativa parte da população encontra-se em situação de pobreza extrema. Somada a todos estes fatores, a ação do sistema penal destes países consiste em manter a ordem social, criminalizando a pobreza, movimento que estigmatizada a população jovem e negra das periferias. É uma segregação racista e classista. O pano de fundo da violência e do crime é a profunda desigualdade sócias. As pessoas sempre associam pobreza e crime quando se trata de violência. Se esta desigualdade é fato explicativo de alguma coisa, não é pela pobreza estar ligada à criminalidade, mas, sim, pelo fato dela reproduzir a vitimização e a criminalização daqueles que estão às margens da sociedade, tendo diuturnamente seus direitos respeitados e ceifado o seu direito de acesso à justiça (AZEVEDO, 2005).

Neste contexto, a questão da polícia que aparece é como proceder a sua reciclagem de forma a oferecer à população um serviço policial coerente a um Estado Democrático de Direito, que vise assegurar os direitos humanos de toda a sua população e não apenas das elites, reduzindo a seletividade penal e policial. Estas almejadas mudanças acabam esbarrando na cultura repressiva que acompanha as polícias latino americanas.

A criminalização da pobreza é herança escravocrata maldita do nosso sistema penal genocida, que impõe um “*apartheid* criminológico natural” (BATISTA, 2002:106), dirigido ontem aos escravos e capoeiras, e hoje aos favelados e traficantes.

A tentativa de transição entre um regime ditatorial para um democrática foi longa – ainda está sendo longa – e difícil. A continuidade, sem rupturas, de um regime a outro criou uma desor-

ganização nas instituições responsáveis pela ordem pública, dando espaço para que os militares criassem obstáculos legais que impediram a reforma da política. Dessa forma, a polícia foi tornando-se cada vez mais autônoma em relação as suas autoridades de controle, aumentando as violações a direitos e diversificando as práticas criminosas.

A Polícia Militar é historicamente violenta: a lógica da guerra está em seus genes, afligindo especial e cotidianamente jovens, pobres e negros. A corporação está a serviço da ordem burguesa como forma de dominar a população de estigmatizados e explorados.

Percebe-se que a seleção criminalizante secundária<sup>325</sup> condiciona a ação de todo o sistema penal (ZAFFARONI, 2003), de todo o ordenamento jurídico, e ainda dá o tom do senso comum da nossa sociedade, permeado de racismo, crueldade e asco do *pobre*, do *marginal*, do *favelado*, do *bandido*. Este processo desencadeia uma forma de epidemia que, segundo Zaffaroni (2003: 47):

atinge aqueles que têm baixas defesas perante o poder punitivo, aqueles que se tornam mais *vulneráveis à criminalização secundária* porque: a) suas características pessoais se enquadram nos estereótipos criminais; b) sua educação só lhes permite realizar ações ilícitas toscas e, por conseguinte, de fácil detecção e c) porque a etiquetagem suscita a assunção do papel correspondente ao estereótipo, com o qual seu comportamento acaba correspondendo ao mesmo (a profecia que se auto-realiza).

O modelo bélico que “legitima” o exercício do poder punitivo, absolutizando o valor da segurança, faz com que os vínculos sociais horizontais, da solidariedade comunitária, tornem-se débeis, e reforçam os verticais, da disciplina e do autoritarismo. O modelo de estado que corresponde a esta *organização social corporativa é o estado de polícia* (ZAFFARONI, 2003: 59).

A insegurança criminal urbana no Brasil é agravada pela intervenção das forças defensoras da lei. O uso cotidiano e sem critérios da violência letal pela Polícia Militar, sob o manto da manutenção da ordem e igualmente sob o manto de resposta da violência da sociedade, que é um

---

<sup>325</sup> Zaffaroni (2003) explica que a criminalização se apresenta de uma forma primária e de uma forma secundária. A criminalização primária é a criminalização abstrata, realizada pelas agências criadoras da lei – o Congresso Nacional, no caso brasileiro – ao determinarem quais serão os fatos puníveis. A criminalização secundária é a concretização da criminalização primária, no momento em que os agentes do Sistema Penal, como a polícia, o Ministério Público, etc, selecionam aqueles que serão criminalizados pela forma abstrata da lei penal.

reflexo da própria violência estatal, gerada da ausência do Estado nas regiões pobres do país, propaga um clima de terror entre as classes oprimidas, que são seu alvo principal (WACQUANT, 2007).

A política de segurança pública brasileira não passa da insegurança das favelas executadas pela polícia, das crianças impedidas do seu acesso à escola, dos trabalhadores interrogados pela polícia quando saem de casa, enfim, dos campos mais básicos da vida. Nas palavras de Caldeira (2011), a democracia brasileira é uma democracia *disjuntiva* exatamente porque sempre permitiu a ambígua existência entre democracia política e violência estatal contra os cidadãos, o que faz com que as pessoas se sentem mais inseguras hoje que antes da democratização.

Para D. Pedro Casaldáliga, só há uma democracia formal, pois não se tem uma democracia econômica, uma democracia étnica. Têm medo da verdadeira democracia todos aqueles que defendem privilégios para poucas pessoas, “todos aqueles que consideram que podem existir pessoas, governos e Estado que vivam de privilégio à custa da dominação e da exploração” (CASALDÁLIGA, 2012).

O militarismo, a crise econômica, a dívida externa, consequências, em parte, da manutenção de atitudes tradicionais, da corrupção estatal e da burocracia partidarista são os principais obstáculos à democratização integral.

A verdadeira democracia é um processo constante de abertura de espaços. Dessa forma, a prática democrática não existe com a noção do litígio permanente, como faz o autoritarismo, mas proporciona o diálogo entre diferentes, através do respeito ao outro e a sua verdade (SULOCKI, 2007).

### **Conclusão:**

A prática truculenta da PM, de desrespeito a direitos e tratamento desigual para pessoas de classes sociais diferentes, acompanha-a desde sua criação no século XIX. Essas práticas tiveram o apoio da população e nem sempre foram consideradas ilegais, amparadas pelo nosso ordenamento, por vezes fazendo-se necessário mudar a legislação para mascarar o autoritarismo. Neste quadro estável, o único elemento ausente é a vontade política do governo e dos brasileiros manipulados pelos interesses das velhas elites para controlar e por um fim aos comportamentos abusivos e desviantes da PM (CALDEIRA, 2011).



O Brasil, neste quadro, está inserido no cenário da América Latina, que passa por uma crise da modernidade tardia, na qual o individualismo contribui para "uma comparação no interior da divisão do trabalho e entre aqueles que estão no mercado e os excluídos, conformando uma grande vulnerabilidade social, pobreza e miséria. Assiste-se, nesse quadro, a uma ruptura dos controles sociais tradicionais (Young, 1999:46-48). Falamos de um processo histórico não linear, repetitivo, de uma sociedade de risco (Young, 1999:68-72), na qual a falência do controle social traduz-se na crise mundial das polícias (Reiner, 2000; Bayley, 1996; Soares, 2000).

A possibilidade de finalizar esta transição de regimes na América Latina depende do padrão a ser estabelecido entre civis e militares nestes novos regimes. As forças armadas e as forças policiais têm se mostrado como atrizes cruciais em importantes momentos históricos dos países latino americanos, de forma que a lógica bélico-militar está enraizada de forma tão perversa nestas sociedades que não será possível um giro para os valores democráticos da noite para o dia. Este processo deverá conter com o controle dos civis no acesso dos militares nas tomadas de decisões, como também com a adequação dos militares ao meio democrático, redefinindo sua missão. Neste sentido, destacam-se, ainda no debate, a desmilitarização da polícia, a sua incorporação às instituições civis, uma maior qualificação na capacitação dos agentes policiais, maior efetividade da atuação do Ministério Público, implementação total e qualificação da Defensoria Pública, extinção da Justiça Militar, proteção aos direitos humanos etc.

### **Referências Bibliográficas:**

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. **Criminalidade e justiça penal na América Latina**. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 212-241.

BATISTA, Vera Malaguti. **O Alemão é muito mais complexo**. Revista Justiça e Sistema Criminal. Curitiba: FAE Centro Universitário. V. 3, n. 5, jul/dez. 2011, p. 103-125.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAYLEY, D.H. **Police for the future**. New York: Oxford University Press, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2011.

CAMASSA, José Bento de Oliveira. **A legitimidade da polícia e os direitos humanos**. Trabalho apresentado no Grupo de trabalho 15 do 8º ENCONTRO ANDHEP POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A SEGURANÇA PÚBLICA E DIREITOS HUMANOS, de 28 a 30 de abril de 2014, na Faculdade de Direito, USP, São Paulo.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. Entrevista concedida ao Jornal Brasil de Fato, **O problema é ter medo do medo**, em 22.10.2012. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/10964>. Acessado em 16.07.2013.

FERNANDES, Heloisa Rodrigues. **Política e segurança**. São Paulo: Alfa-Omega, Ed. Sociologia e Política, 1974.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1991.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HOLLOWAY, Thomas. **Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

HUGGINS, Martha K. **Polícia e política: relações Estados Unidos/América Latina**. São Paulo: Cortez, 1998.

O'DONNELL, Guillermo. **Poliarquias e a (in)Efetividade da Lei na América Latina: Uma Conclusão Parcial**. In MÉNDEZ, Juan, O'DONNELL, Guillermo e PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.). Democracia, Violência e Injustiça – O Não-Estado de Direito na América Latina. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PADRÓS, Enrique Serra. **As Escolas Militares Dos Estados Unidos e a Pentagonização Das Forças Armadas Da América Latina**. Outros Tempos, [www.outrostempos.uema.br](http://www.outrostempos.uema.br), ISSN 1808-8031, Vol. 1 esp., 2007, p. 13-31.

REINER, R. **The politics of the police**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SÁ, Priscilla Placha. **Mal-estar de Arquivo: As polícias como Arquivistas do Soberano**. f. 364. Tese (Doutorado em Direito) – Setor de Ciências Jurídicas, Faculdade de Direito, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SALÉM, Marcos David. **A polícia na República Velha: a serviço das classes dominantes**. Instituto Carioca de Criminologia. *Discursos Sediciosos: Crime, Direito e Sociedade*. Rio de Janeiro: Revan. Ano 11, Números 15 e 16, 1º e 2º semestres de 2007, p. 279-293.

SOARES, L.E. **Meu casaco de general**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SULOCKI, Victoria-Amália de Barros Carvalho G. de. **Segurança Pública e Democracia – Aspectos Constitucionais das Políticas Públicas de Segurança**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2007.

TAYLOR, I.; Walton, P.; Young, J. **La nueva criminologia**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

WACQUANT, Löic. **Rumo à militarização da marginalização urbana**. Instituto Carioca de Criminologia. *Discursos sediciosos: Crime, Direito e Sociedade*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora. Ano 11, Números 15 e 16, 1º e 2º semestres de 2007, p. 203-220.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl *et al.* **Direito Penal Brasileiro: primeiro volume – Teoria geral do Direito Penal**. Rio de Janeiro, 2003.

## **A resistência que vem da aldeia**

Maurício Amorim Holanda(Universidade Estadual do Piauí - Direito; mauricioflorentz@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo possui dois objetivos principais; o primeiro, estabelecer a relação do índio com a terra ocupada através de vínculos culturais; o segundo, legitimar, juridicamente e sociologicamente, o direito de posse sobre esse mesmo solo. Para alcançar com êxito os objetivos, serão abordados pontos que dialogam com a história pré-cabralina dos nativos, demonstrando a vida cotidiana indígena, ritos, costumes, tradições, enfim, toda a ligação “cultura-solo” que possa constituir uma conexão vital para esse grupo com o território ocupado. Aqui se faz mister a contribuição do Direito para o assunto, através da visão de Fustel de Coulanges sobre o direito de propriedade, bastante pertinente e até complementar ao assunto.

**Palavras-chave:** Artigo; Direito; Índio.

### **ABSTRACT**

This article has two main objectives; the first, to establish the relationship with the Indian occupied land through cultural ties; the second, legitimate, legally and sociologically, the right of ownership over the same ground. To successfully achieve the goals, points will be addressed in dialogue with the pre-Cabral history of the natives, demonstrating the indigenous everyday life, rites, customs, traditions, in short, any link “culture-soil” that would constitute a vital connection for that group to the occupied territory. Here the Law’s contribution to the subject is required by Fustel de Coulanges’ vision on the right of property, quite relevant and complementary to the subject.

**Keywords:** Article; Law; Indian.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo propõe uma discussão sobre um fenômeno humano conhecido por “Resistência Social”, porém, como o tema possui riquíssima variedade de subtipos, nos focaremos em uma questão específica para maximizar o aproveitamento extraído do estudo em questão.

Dentre as inúmeras possibilidades de abordagem, uma em especial se faz muito necessária para estudo e diálogo e que por sinal é o tema central deste artigo, trata-se da demarcação de terras destinadas às populações indígenas. Inicialmente, a relação entre esta e o fenômeno “Resistência Social” não é puramente explícito em uma rápida análise, porém, durante a evolução de leitura deste trabalho a percepção do vínculo se tornará mais clara.

O trabalho possui dois objetivos principais, o primeiro, estabelecer a relação do índio com a terra ocupada através de vínculos culturais, e o segundo, legitimar, juridicamente e sociologicamente, o direito de posse sobre este mesmo solo.

Para alcançar com êxito os objetivos, serão abordados pontos que dialogam com a história pré-cabralina dos nativos, demonstrando a vida cotidiana indígena, ritos, costumes, tradições, enfim, toda a ligação “cultura-solo” que possa constituir uma conexão vital para este grupo com o território ocupado. Aqui se faz mister a contribuição do Direito para o assunto, através das concepções de Fustel de Coulanges acerca o direito de propriedade, bastante pertinente e até complementar ao assunto.

## **2 DA OPOSIÇÃO DE FORÇAS**

Sem pretensões de traspasar redundância, antes de tudo, devemos iniciar pela gênese da questão, para que pontas não fiquem soltas e tudo esteja no seu exato local e devidamente apresentado. Temos em mãos dois objetos sociais: a Resistência Social e a Demarcação de terras indígenas. Os dois objetos possuem ligação? A História mostra que sim, entretanto, não deveria haver.

O dicionário nos informa que o vocábulo resistência trata-se de uma qualidade referente a um corpo que reage contra a ação de outro corpo; oposição, reação, recusa de submissão à vontade de outrem. Logo, podemos inferir que o conceito básico de “Resistência Social” é a ideia de “corpos” (aqui podemos entender pessoas ou grupos) que estão em uma situação de conflito de interesses no âmbito de um dado grupo composto por estes mesmos corpos.

O nosso país sempre priorizou uma economia agrária, entretanto, não é motivo para espanto, dada a diversidade de culturas agrícolas propiciadas pelo clima tropical (equatorial e subtropical). Neste sentido, desde o período colonial (momento das capitânicas, sesmarias e divisões territoriais afins), a figura do latifundiário é imensamente apreciada nas rodas de poder.

Atualmente, estas mesmas figuras, continuam gozando do amplo prestígio político e constituem nas casas legislativas brasileiras a frente parlamentar denominada “bancada ruralista” que dentre outras reivindicações defendem, logicamente, suas prerrogativas, conduta aceitável em um regime político democrático. O desentendimento nasce, justamente, a partir do momento em que essa preferência leva à supressão irracional de anseios contrários, mas não menos justos ou legítimos, personificados neste caso pela população indígena. Aqui se cria o conflito donde se origina a resistência social, de ambos os grupos, contudo, índios digladiam por um direito dotado de força constitucional.

### 3 DA PROPRIEDADE PELA TRADIÇÃO

A propriedade privada, aqui, estritamente a terra, sempre foi palco de debates acalorados sobre a sua fundamentação e validade e quanto ao impacto que esta causa dentro de um grupo social. Há quem diga que a origem da desigualdade está na apropriação indeterminada de território, outros alegam que inúmeras barbáries teriam sido evitadas se esta simples instituição não tivesse vindo à luz.

A realidade é que o direito sobre um determinado chão é muito mais anterior que disputas do século XVII, vem dos primórdios da era humana, quando Direito, Política e, principalmente Religião, não possuíam qualquer diferenciação entre si e motivos menos abstratos imperavam a sobre ideia que constituía a terra como propriedade privada, esse motivos eram as tradições.

Em sociedades antigas, a ideia de posse sobre o solo provinha das relações ritualísticas que esses grupos mantinham sobre esta mesma terra, através do culto aos seus deuses e até a formação dos chamados cemitérios familiares. Para Coulanges (1975 apud WOLKMER, 2009, p.159) “não foram as leis, porém a religião, que a princípio garantiu o direito de propriedade [...]”. É importante salientar, que a propriedade não era bem exclusivo de um único indivíduo, e sim, de todo o grupo, portanto aqui compreendemos que tratava-se de um território coletivo.

Ainda, acompanhando o discernimento de Fustel de Coulanges, podemos compreender melhor o significado da propriedade privada (terra) para estas sociedades determinadas por ele mesmo como *comunidades gentílicas*, Coulanges(1975 apud WOLKMER, 2009, p.158) “De todas essas crenças, de todos esses costumes, de todas essas leis, resulta claramente que foi a religião

doméstica que ensinou o homem a apropriar-se da terra e assegurar-lhe seu direito sobre a mesma”.

#### **4 DA VIDA NATIVA PRÉ-CABRALINA**

Embora até pouco tempo a história indígena do Brasil, ou, mais precisamente, a história da ocupação humana em nosso país, anterior à chegada portuguesa em 1500, tenha sido mal administrada e até, certo ponto, carente de estudos complexos e fontes, não há de se negar sua existência. Estima-se que até chegada dos europeus em terras tupiniquins, a população nativa por aqui girasse em torno de 2 a 5 milhões de habitantes ao passo que em todo o continente contavam-se 100 milhões.

Tratam-se de centenas, milhares de grupos étnicos que já acumulavam relevante atividade cultural e uma sociedade com meandros relativamente complexos que tinham com o solo relação de identidade. Talvez essa seja a melhor definição monovocabular para a relação índio x terra, identidade.

Atualmente, a divisão mais levada em conta desses grupos durante aquela época é, ao contrário do que normalmente possa se pensar, pela língua. Três macrogrupos linguísticos compunham esse número de nativos: os tupis-guaranis (região do litoral), macro-jê ou tapuias (região do planalto central), aruaques (Amazônia). Entender a vida cotidiana e espiritual de cada um é crucial para a melhor assimilação do significado da terra para os mesmos.

##### **4.1 O Tupi-Guarani**

Tupi-guarani é somente um termo genérico criado para englobar as diversas línguas indígenas faladas ao longo do tempo na América do Sul. O idioma ancestral desse grupo de línguas é o proto-tupi, surgido na região onde hoje fica o estado de Rondônia. Aproximadamente 1000 anos atrás, os Tupi - Guaranis se separaram em dois grupos linguísticos diferentes: Os Tupis e os Guaranis. Os Tupis instalaram - se a partir de Cananéia (atual estado de São Paulo) para o norte, na região costeira tropical do Brasil e os Guaranis no sul de Cananéia, na parte subtropical.

Faziam objetos utilizando as matérias-primas da natureza. Vale lembrar que índio respeita muito o meio ambiente, retirando dele somente o necessário para a sua sobrevivência. Desta for-

ma, construía objetos com a palha, cerâmica, penas e peles de animais e utilizavam urucum para pintura corporal. Era exatamente da terra que tiravam toda a sua subsistência e provinha a sua cultura.

## **4.2 Macro-jês ou Tapuias**

Os povos Jês preferiam se instalar em regiões de Planalto (como a original região do Planalto brasileiro), como nos permite constatar o estudo de suas línguas, entre as do tronco Macro-Jê encontram-se: [Kayapós](#), [Xerentes](#), [Timbiras](#), etc. Os índios tapuias inimigos dos tupis no século XVI chamavam-se a si próprios *nac-manuc* ou *nac-poruc*, os "filhos da terra", ou ainda *buru*. Os índios do grupo macro-jê tradicionalmente vivem da caça, pesca, coleta de produtos da floresta e de cultivos agrícolas.

## **4.3 Aruaques**

As línguas de matriz [aruaque](#) concentram-se hoje na região sudoeste da [Bacia amazônica](#). Trata-se de populações [neolíticas](#) praticantes da [agricultura](#), da [pesca](#) e da coleta. Produziam também uma cerâmica extremamente rica em adornos e pinturas brancas, negras e amarelas. Os povos aruaques viviam da agricultura (eram conhecidos como típicos agricultores), da caça, da pesca e da coleta de produtos da floresta. A variedade de culturas agricultáveis utilizadas era enorme.

## **5 DA DEMARCAÇÃO OFICIAL**

Até aqui, foi possível identificar a ligação existente entre a reclamação pela terra por parte indígena e o macrotema "Resistência Social". Para isso, foi utilizada a concepção de Fustel de Coulanges sobre direito de propriedade que estabelece um paralelo entre as práticas tradicionais (religiosas) de um grupo e a posse do solo sob o qual são desempenhadas estas atividades.

Para corroborar a perfeita aplicação de Coulanges neste caso, foi comprovada a vida cotidiana do nativo e sua relação de subsistência física e emocional para com o território. Portanto, a assimilação oficial do território para os índios, além de postura legítima, é também legal. Assim também entendeu o atual Estado brasileiro, que deu à questão contornos constitucionais, devidamente autenticado e esmiuçado na Constituição Federal de 1988. Este direito originário é mencio-



nado ainda no Estatuto do Índio (LEI Nº 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973) com disposições claras que se iniciam do artigo 17 e culminam no artigo 40 e na já mencionada Constituição Federal brasileira, na forma do artigo 231.

Entretanto, apesar da homologação oficial do Estado e do direito reconhecidamente constitucional e estatutário, a destinação destas terras aos seus donos primais enfrenta inúmeras dificuldades, como já foram dispostas aqui, por exemplo, pelos latifundiários. Hoje, quem detém a prerrogativa de destinação da terra ao povo indígena é a Funai (Fundação nacional do índio), órgão estatal que também desempenha a função de proteção aos nativos.

### **5.1 Do SPI à FUNAI**

O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi criado, a 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional. O projeto do SPI instituía a assistência leiga, procurando afastar a Igreja Católica da catequese indígena, seguindo a diretriz republicana de separação Igreja-Estado. A idéia de transitoriedade do índio orientava esse projeto: a política indigenista adotada iria civilizá-lo, transformaria o índio num trabalhador nacional.

Em 1967, através da lei nº 5.371, é criado o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro, a FUNAI (Fundação nacional do Índio). Vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. Cabe à FUNAI promover estudos de identificação e delimitação, demarcação, regularização fundiária e registro das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas, além de monitorar e fiscalizar as terras indígenas.

### **5.2 Das terras indigenistas na Constituição**

Em 1988, durante a confecção da nossa carta magna, como já mencionado, a questão territorial não foi esquecida, pelo contrário, foi reforçada junto a outras garantias que representam a possibilidade de reprodução da cultura deste grupo. É através do artigo 231 que encontramos a base legal de maior patente da atual proteção de terras indígenas, manifesta em cada um dos seus sete parágrafos e no seu caput.

Reconhece o caput aos índios, o direito originário sobre as terras tradicionalmente ocupadas, sendo de responsabilidade da União o processo de demarcação, a proteção e prevalência do respeito a todos os bens in loco. Por “direito originário”, devemos compreender que mesmo anterior à demarcação, a posse já é de fato indígena. Nas palavras do parágrafo quarto estas terras são “inalienáveis”, “indisponíveis” e os direitos referentes a estas são “imprescritíveis”.

O parágrafo primeiro trata do que seja a expressão “terras tradicionalmente ocupadas”; são todas e quaisquer terras que por eles estejam habitadas permanentemente; as envolvidas em suas atividades produtivas; e aquelas que compõem importância para preservação de seus recursos ambientais que são necessários para o bem-estar físico e cultural (usos, costumes e tradições). Vale dizer que estas áreas são de posse permanente dos nativos, sendo exclusivo destes a extração dos recursos animais, vegetais, minerais e hídricos, como consta no parágrafo segundo.

O aproveitamento do potencial hídrico destes territórios (como instalação de hidrelétricas) e a “pesquisa” e “lavra” dos recursos minerais presentes somente são executáveis, por “não-índios”, mediante autorização do Congresso Nacional com participação constante das comunidades atingidas, assegurando ainda “participação nos resultados da lavra”, seguindo mandamento do parágrafo terceiro.

Nos parágrafos quinto e sexto, os textos tratam da inviabilização da remoção das comunidades indígenas de suas terras correspondentes, salvo exceções; e da ocupação, exploração ou qualquer outra atividade que vise apropriação de recursos do território. As exceções para retirada destes povos de sua terra são: caso de catástrofe/epidemia que ofereça risco à população local; ou em caso de interesse da soberania do Estado brasileiro. Em todos os casos as operações devem passar pelo crivo do Congresso nacional e tão logo que cesse risco, deve ser imediato o retorno. De acordo com o parágrafo sexto, qualquer ato jurídico que objetive posse, domínio, ocupação ou usufruto dos recursos presentes no determinado território (animal, vegetal, mineral e hídrico) deve ser considerado automaticamente nulo e extinto.

A título de curiosidade, esta nulidade e extinção não geram nenhum direito indenizatório ou ações movidas contra a União, a não ser que aquela de fato seja uma ocupação de boa-fé e apenas referentes às “benfeitorias” empregadas, isto porque mediante o artigo 20, inciso XI, da Constituição Federal, as terras tradicionalmente ocupadas pelos índios são bens da União, logo pertencentes ao Erário. Justamente, este uso monopolizado de um bem estatal transforma as terras tradicionalmente ocupadas, conforme alguns autores, em bem público de uso especial.

### **5.3 Das terras indigenistas no Estatuto do Índio**

O Estatuto traz disposições semelhantes à Constituição, porém o artigo 25 merece destaque por sua redação:

Art. 25. O reconhecimento do direito dos índios e grupos tribais à posse permanente das terras por eles habitadas, nos termos do artigo 198, da Constituição Federal, independará de sua demarcação, e será assegurado pelo órgão federal de assistência aos silvícolas, atendendo à situação atual e ao consenso histórico sobre a antigüidade da ocupação, sem prejuízo das medidas cabíveis que, na omissão ou erro do referido órgão, tomar qualquer dos Poderes da República. (BRASIL, Lei N° 6.001, de 19 de dezembro de 1973).

Observemos que o direito ao reconhecimento do direito, até mesmo para o Estado brasileiro, é anterior à própria demarcação oficial.

### **5.4 Os entraves da PEC 215**

É perceptível neste estágio, toda a fundamentação sociológica, jurídica e antropológica do direito do índio à posse de sua terra, ao ato da demarcação de território. Contudo, mesmo com a garantia constitucional e estatutária, ameaças surgem à essa garantia a todo momento. Novamente, o homem branco atravessa o caminho do nativo e o ameaça. A intimidação desta vez toma forma da PEC 215. A ideia da proposta é transferir o poder de demarcação da FUNAI, que possui todas as ferramentas para um trabalho bem feito, para o Congresso Nacional, lugar de atuação da própria bancada ruralista. Sem dúvidas haverá choque de interesses.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aproximadamente quinhentos anos nos separam da real chegada dos colonizadores a esta terra, para ser mais exato são quatrocentos e setenta e oito anos, onde nela habitavam cerca de cinco milhões de nativos que desde o primeiro momento foram compulsoriamente desapropriados.

Todos os dias são veiculadas, sob todos os formatos da mídia, notícias alusivas aos conflitos das mais variadas etnias indígenas versus os conglomerados rurais latifundiários. A disputa por

um direito natural sobre a terra é formada e legitimamente reclamado por nativos corroborada, em primeiro lugar conceitualmente, como foi demonstrado no presente trabalho através da ideia de propriedade proposta por Fustel de Coulanges, e em segundo lugar legislativamente, tendo como pilar principal a Constituição Federal de 1988 nos dispositivos que tratam do direito do Índio à demarcação do seu espaço, atribuindo caráter inviolável.

Em contraponto às recomendações constitucionais, muitos entraves são criados tendo um destes personificação na figura da proposta de emenda constitucional 215 onde almeja destituir de autonomia a FUNAI, dotada das condições necessárias para as delimitações territoriais dos nativos transferindo funções à casa legislativa.

Felizmente, em meio a tantos abusos, o direito indígena continua sua evolução (através da Constituição Federal, FUNAI e Estatuto do Índio) ainda que a passos limitados, em direção a uma correção histórica de uma dívida desta pátria para com os primeiros habitantes deste impávido colosso.

## **7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

WOLKMER, Antonio Carlos. Fundamentos de História do Direito – 4º Ed. 3. Tir. Belo Horizonte, 2009.

FUNAI; Quem Somos. Disponível em <<http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 10 jul 2014.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 2013.

Estatuto do Índio. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm)>. Acesso em: 08 jul 2014.

História pré-cabralina do Brasil. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/História\\_pré-cabralina\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_pré-cabralina_do_Brasil)>. Acesso em: 09 jul 2014.

**O caráter potencialmente revolucionário da pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**

**El carácter potencialmente revolucionario de la pedagogía del Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)**

Melina Casari Paludeto (Doutoranda do PPG em Educação -UNESP/Marília: mel\_paludeto@yahoo.com.br)

Neusa Maria Dal Ri (Professora livre-docente III - UNESP/Marília: neusamdr@terra.com.br)

**Resumo:** O objetivo principal deste artigo é evidenciar o caráter potencialmente revolucionário presente na pedagogia do MST e sua relação com o trabalho. O caráter libertador manifesta-se na relação estabelecida entre a organização e produção de conhecimento e a luta travada pela terra. A luta engendrada fundamenta os princípios pedagógicos, e os conteúdos e métodos educacionais orientam e qualificam a própria luta. Uma pedagogia cuja especificidade é formar seres humanos capazes de assumir coletivamente a condição de sujeitos de seu próprio destino por meio do conhecimento produzido na e pela ação prática.

**Palavras Chave:** MST; Trabalho; Emancipação.

**Abstract:** The main purpose of this article is to highlight the potentially revolutionary character present in the MST pedagogy and its relationship with work. The liberating character is manifested in the relationship established between the organization and production of knowledge and the struggle for land. The struggle engendered based pedagogical principles, and the contents and educational methods guide and qualify the struggle itself. A pedagogy whose specificity is to form human beings capable of collectively assume the condition of subjects of their own destiny through the knowledge produced in and through practical action.

**Keywords:** MST; Work; Emancipating.

## **Introdução**

As motivações para a escolha do objeto de estudo relacionam-se à importância que o

MST assume no cenário nacional e internacional. A história brasileira permite afirmar que nunca um movimento de camponeses durou tanto tempo e criou tantos vínculos em outras lutas. O MST tem na luta pela reforma agrária seu eixo central e característico, mas as próprias escolhas que fez historicamente sobre o jeito de conduzir sua luta específica (organiza famílias) acabaram levando-o a desenvolver uma série de outras lutas sociais e combinadas, sendo uma delas pela educação.

Do nosso ponto de vista, a educação forjada pelo MST é resultado do próprio se fazer do Movimento em luta. A implementação de seus princípios educacionais é diferenciada de acordo com cada realidade específica, respeitando o momento histórico, as correlações de forças políticas e/ou dos próprios integrantes, das parcerias e alianças entre Movimento e sociedade.

O MST atua em todos os níveis e em diferentes modalidades de ensino, formal e não formal. Na Educação Básica tem escolas próprias de Educação Infantil denominadas de Ciranda, e tem hegemonia em escolas de ensino fundamental e médio públicas. Ainda, mantém várias escolas próprias de ensino médio e pós-médio profissionalizante, algumas em parceria com universidades.

O MST também participa do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Prone-ra) por meio do qual mantém inúmeros cursos de ensino superior com parcerias com universidades, além de gerir a escola própria de formação denominada Florestan Fernandes. Ainda, tem grande impacto os Cursos de Alfabetização de Jovens e Adultos organizados em assentamentos e acampamentos. Em suma, o trabalho com a educação do MST está organizado em todo o país, desde a educação infantil à educação superior, em várias áreas do conhecimento.

O MST tem seus princípios de educação e de pedagogia, que não são resultados de idealizações, mas, sim, das necessidades; não são abstrações, mas “[...] são o resultado de práticas realizadas, das experiências que estamos acumulando nestes anos de trabalho.” (MST, 1996: 4). Os princípios correspondem a: “[...] algumas ideias/convicções/formulações que são as balizas (estacas, marcos, referências) para nosso trabalho de educação no MST. Neste sentido, eles são o começo, o ponto de partida das ações.” (MST, 1996: 4).

Para a educação do MST o trabalho tem valor fundamental, pois gera riqueza, identifica os trabalhadores como classe, possibilita a transformação da consciência e é capaz de construir novas relações sociais. A mediação entre prática e teoria posta pelos princípios educacionais referem-se, nesse caso, à formação de sujeitos que são, acima de tudo, trabalhadores, mas que não deixam de ser militantes portadores de uma cultura de mudança e projetos de transformação evidenciando, portanto, o caráter potencialmente revolucionário da pedagogia do Movimento.

Buscaremos, a partir dessa afirmação, compreender como a relação entre educação-trabalho-mudança social aparece e justifica-se nos princípios educacionais do MST. Apresentamos, sob essa perspectiva, os princípios filosóficos e os pedagógicos por compreender que estes constituem-se como eixo estruturante da pedagogia do Movimento. Portanto, enquanto princípios, eles influenciam todo o processo educativo do MST (acampamento e assentamento), bem como modifica ou pode vir a modificar a prática daqueles que se formam sob a perspectiva de uma educação que se propõe libertadora.

### **1) Princípios educacionais no MST**

Os princípios educacionais do Movimento estão ancorados em duas derivações, isto é, nos princípios filosóficos e nos princípios pedagógicos, ambos dispostos no documento publicado em 1996. Segundo o Movimento (MST, 1996: 4), “Os princípios filosóficos dizem respeito a nossa visão de mundo, nossas concepções mais gerais em relação à pessoa humana, à sociedade, e ao que entendemos que seja educação. Remetem aos objetivos mais estratégicos do trabalho educativo no MST.” Já os “princípios pedagógicos se referem ao jeito de fazer e de pensar a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos.” (MST, 1996: 4).

Uma questão controversa e que se faz necessária à introdução deste item é compreender se o MST desenvolveu uma pedagogia própria, pois à época da publicação desse documento (MST:1996) não havia uma postura esclarecedora a respeito. Será, portanto, somente em 2001 que o Movimento posiciona-se de maneira diretiva nesse sentido:

O MST tem uma pedagogia. A pedagogia do MST é o jeito através do qual o Movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra e que no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. [...] A pedagogia do MST hoje é mais do que uma proposta. É uma prática viva, em movimento (MST, 2001: 19).

Contudo, mesmo o Movimento afirmando anos depois esse caráter propositivo de sua educação enquanto uma pedagogia, a própria compreensão do Movimento do que é pedagogia, ou seja, “[...] o jeito de conduzir a formação de um ser humano” (MST, 1999: 6), nos permite afirmar

que sempre houve em seu interior uma pedagogia própria, ou um jeito próprio de conduzir a educação que possibilita que sua pedagogia assuma certas particularidades.

Evidencia-se como uma polêmica o fato do MST ter ou não elaborado uma pedagogia nova, ou mesmo sua própria pedagogia. Porém, afirma Dal Ri (2004:186), “[...] ao produzir e implementar uma nova proposta de educação em suas escolas, o Movimento acabou criando também uma nova forma de lidar com as matrizes pedagógicas ou com as pedagogias construídas historicamente. Sobre esse aspecto é importante ressaltar que o MST não assume ou se filia a nenhuma dessas matrizes, “[...] mas incorpora e implementa aspectos teórico-práticos de várias abordagens. (DAL RI, 2004: 186).

### **1.1) Princípios filosóficos**

São quatro os princípios filosóficos identificados no Movimento (MST: 1996):

O primeiro princípio é o da transformação social, que busca elementos na compreensão do que deve vir a ser a educação que transformará a realidade social e os sujeitos nela inseridos. Ela está subdividida em 6 itens que definem esta concepção, isto é: educação de classe; educação massiva, educação organicamente vinculada ao Movimento Social; educação aberta para o mundo; educação para a ação; e educação aberta para o novo.

Em todas elas nota-se o intuito em formar para transformar. Nesse sentido, o princípio que rege como sendo fundamental é o direito inalienável à educação. Mas não se trata de uma educação em sua forma abstrata, e sim organicamente vinculada às lutas e ao próprio Movimento, com métodos próprios que buscam a construção de uma hegemonia e projeto político particulares alçando a projeção de um mundo novo, não se prendendo à realidade imediata.

Para isso, a relação entre teoria e prática faz-se fundamental. A educação deve alimentar o desenvolvimento da chamada consciência organizativa, que é aquela em que as pessoas conseguem passar da crítica à ação organizada de intervenção concreta na realidade. E, acima de tudo, essa educação deve ser capaz de entender e ajudar a construir as novas relações sociais e interpessoais que vão surgindo dos processos políticos e econômicos mais amplos em que o MST está inserido.



O segundo princípio é o que associa educação para o trabalho e a cooperação, ou o mesmo que a relação necessária que a educação e a escola devem ter com os desafios impostos pelo tempo histórico. Está no cerne do Movimento a luta pela Reforma Agrária, portanto, as práticas educacionais que se realizam no meio rural devem incorporar os desafios impostos por essa luta na implementação de novas relações sociais de produção no campo e na cidade. (MST, 1996: 7)

O terceiro, por sua vez, fundamenta-se em uma educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana valorizando-se a educação omnilateral, ou uma educação que não se preocupa só com um lado ou dimensão da pessoa, ou só com um lado de cada vez; só o intelecto, ou só as habilidades manuais, ou só os aspectos morais, ou só os políticos. (MST, 1996: 8). Algumas das dimensões principais que o Movimento destaca acerca desse princípio são: “[...] a formação político-ideológica; a formação organizativa; a formação técnico-profissional; a formação do caráter ou moral (valores, comportamentos com as outras pessoas); a formação cultural e estética; a formação afetiva; a formação religiosa...” (MST, 1996, p. 8).

Por fim, o quarto princípio define-se por uma educação com base em valores humanistas e socialistas, pois a educação no Movimento tem como valor fundamental a construção do novo homem e da nova mulher. Assim, a preocupação do Movimento é priorizar uma formação que rompa com os valores dominantes na sociedade atual, centrada no lucro e no individualismo desenfreados. (MST, 1996: 9).

## **1.2) Princípios Pedagógicos**

Com o intuito de tornar concreto os princípios filosóficos, os princípios pedagógicos definem-se pelo fazer e pensar a educação.

A relação entre prática e teoria defendida pelo Movimento ancora-se no pressuposto de que, se se busca educar sujeitos para um novo projeto de desenvolvimento social para o campo, logo é necessário que existam, que se formem sujeitos capazes de articular de forma eficaz teoria e prática. Aqueles que não conseguem agir dessa forma no contexto social atual, não conseguem compreender os desafios postos pela realidade.

[...] consideramos superada historicamente aquela visão de que a escola é apenas um lugar de conhecimentos teóricos que depois, fora dela, é que serão aplicados na prática. Queremos que a prática social dos/das estudantes seja a base do seu

processo formativo, seja a matéria prima e o destino da educação que fazemos. (MST, 1996: 10-11)

A combinação metodológica entre processos de ensino e de capacitação, outro princípio pedagógico, por sua vez, possibilita uma relação baseada no respeito ao desenvolvimento do educando, em que “[...] nem tudo se aprende da mesma maneira, e nem todas as dimensões da educação podem ser trabalhadas do mesmo jeito, ou com a mesma metodologia.” (MST, 1996:11). Nas palavras de Dal Ri (2004: 191):

Para o Movimento, a educação deve combinar os dois processos, o de ensino e o de capacitação, ora priorizando um, ora outro, de acordo com a situação. Acrescenta, ainda, que a escola é tradicionalmente um espaço de ensino e, portanto, constitui-se em uma verdadeira revolução introduzir-se nela a lógica da capacitação.

Isso porque, outro aspecto dos princípios pedagógicos ancora-se na realidade como base na produção do conhecimento, sendo o último um dos pilares do processo educativo. Para isso é preciso garantir que os educandos produzam conhecimento. Contudo, não deve ser qualquer conhecimento, mas, sobretudo, aquele direcionado à prática de luta do MST.

Sendo assim, os conteúdos assumem caráter formativo socialmente útil, isto é, o MST não acredita numa pedagogia centrada nos conteúdos como sendo a parte mais importante do processo educativo em que apenas o domínio teórico demonstra que a pessoa está sendo bem educada. Acima de tudo, o Movimento parte da “[...] convicção pedagógica de que os conteúdos são instrumentos para atingir os objetivos, tanto os ligados ao ensino quanto à capacitação. (MST, 1996:14)

Outro aspecto dos princípios pedagógicos refere-se à educação para e pelo trabalho. O MST parte da compreensão de que o trabalho gera riqueza, que os identifica como classe e o que possibilita a construção de novas relações sociais, além de novas consciências, tanto coletivas quanto individuais. Percebe-se, dessa forma, que o trabalho estrutura a prática e a teoria do Movimento como um todo.

[...] vincular a educação ao trabalho é uma condição para realizar os seus objetivos políticos e pedagógicos. Essa vinculação pode ser entendida em duas dimen-

sões básicas e complementares: a educação ligada ao mundo do trabalho; e o trabalho como método pedagógico. A combinação entre educação e trabalho é um instrumento fundamental para o desenvolvimento de várias dimensões da proposta de educação do MST e, talvez, seja uma das faces mais originais da mesma. (DAL RI, 2004:191)

O princípio da gestão democrática e o princípio do vínculo orgânico entre ensino e trabalho produtivo são essenciais para a educação do Movimento, configurando em um vínculo orgânico entre processos educativos e político. Esses se desdobram em seis dimensões (MST, 1996:16).

Por processos políticos o MST entende o modo de governar e/ou dirigir a vida social pública. As relações de poder, nesse caso, estão diretamente relacionadas à conservação ou transformação da sociedade tal como ela está organizada. (MST, 1996:16)

A educação é sempre uma prática política, à medida que se insere dentro de um projeto de transformação ou de conservação social. Mas durante muito tempo se tentou acreditar que educação e política não deveriam se misturar. [...] No caso dos/das estudantes do MST, quando a escola nega sua relação com a política, está dizendo a eles/elas que reprova a sua participação no Movimento, na luta pela Reforma Agrária, e que militância nada tem a ver com educação. Combatemos com veemência esta posição! (MST, 1996:16)

Por vínculo orgânico entre educação e política o Movimento entende “[...] fazer a política entrar/atravessar os processos pedagógicos que acontecem nas escolas, nos cursos de formação. É bem mais, então, do que conversar sobre questões políticas.” (MST, 1996:16).

Segundo o MST isso demanda conseguir trabalhar pelo menos algumas das dimensões a seguir: a) “[...] alimentar a indignação ética diante das situações de injustiça e de indignidade humanas.” (MST, 1996:16); b) “[...] desenvolver atividades e estudar conteúdos intencionalmente voltados à formação político-ideológica dos/das estudantes.” (MST, 1996: 16); c) “[...] estimular e participar junto de lutas sociais concretas dos trabalhadores de outras categorias, como forma de educar para a solidariedade de classe” (MST, 1996: 17); d) “[...] incentivar os/as estudantes para que se organizem e aprendam também a lutar pelos seus direitos [...]” (MST, 1996:17); e) “[...]” (MST, 1996:17);

desenvolver processos de crítica e autocrítica coletiva e pessoal, visando avançar na coerência entre o discurso político e a prática política” em todas as instâncias sociais (MST, 1996:17); f) “[...] chegar a ser militante! Esta é a meta; porque nada mais efetivo no aprendizado político do que pertencer a uma organização.” (MST, 1996:17).

Outro princípio pedagógico é o vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos. O MST compreende que os processos econômicos são aqueles que dizem respeito à produção, à distribuição e ao consumo de bens e de serviços necessários ao desenvolvimento da vida humana em sociedade, já que são “[...] as relações econômicas [...] que movem as sociedades, transformam as pessoas. (MST, 1996:17)

O vínculo orgânico entre educação e cultura, para o Movimento referencia-se no entendimento de que é por meio da cultura que a humanidade se comunica, isto é, permite a própria educação. Assim, a educação pode ser considerada ao mesmo tempo “[...] um processo de produção e de socialização da cultura; pode ser ainda um processo de transformação cultural das pessoas, dos grupos.” (MST, 1996:18).

Grande parte desses princípios é viabilizada por dois outros: a gestão democrática e a auto-organização dos/das estudantes. Ao considerar a democracia como sendo um princípio pedagógico, o MST entende que não basta apenas que se discuta sobre ela, mas é preciso vivenciá-la. Vivenciar um espaço de participação democrática, portanto, é uma forma de educar-se pela e para a democracia social. (MST, 1996:19). Auto-organização, nesse sentido, significa um espaço autônomo para que os estudantes encontrem-se, “[...] discutam suas questões próprias, tomem decisões, incluindo aquelas necessárias para sua participação verdadeira no coletivo maior de gestão da escola. (MST, 1996:19-20)

Outra preocupação do Movimento é a criação de coletivos pedagógicos e de formação permanente, tanto de educandos quanto dos educadores, pois nesses espaços coletivos é viabilizado o princípio do trabalho de educação: “[...] quem educa também precisa se educar continuamente.” (MST, 1996:21).

Atitudes e habilidades de pesquisa também se denominam enquanto princípio pedagógico. O ato de pesquisar assemelha-se à investigação sobre uma realidade, isto é, um esforço sistemático e com rigor científico que possibilita compreender em suas especificidades aquilo que se apresenta como um problema. Segundo Dal Ri (2004: 193-194)

Para o MST, a pesquisa implica uma atitude diante do mundo, diante do conhecimento, e implica habilidades, ou competências que precisam ser formadas nas pessoas, aprendidas por elas. Dessa forma, nas suas escolas, a prática da pesquisa está conectada com o próprio princípio de relacionar teoria e prática e precisa ser constituído como uma metodologia de educação, adequando-se às diferentes idades, aos diferentes interesses e às exigências específicas do contexto no qual ocorre cada processo pedagógico.

Segundo o Movimento, a crítica mais comum feita à sua educação é que esta privilegia o coletivo deixando de lado a dimensão individual do processo educativo. Ao contrário do que se critica, há no MST uma combinação entre os processos pedagógicos coletivos e individuais. Todos os princípios pedagógicos “[...] têm como centro a pessoa, só que não isolada, individual, mas sim como sujeito de relações, com outras pessoas, com coletivos, e com um determinado contexto histórico, social.” (MST, 1996:22).

De forma bastante esquemática, estão dispostos os principais princípios educacionais presentes nos documentos de 1996, 1999 e 2001 do MST. Desta feita, é possível afirmar que um dos princípios que fundamentam a pedagogia do Movimento é a formação de sujeitos capazes de intervir na transformação prática (material) da realidade a partir do desenvolvimento da consciência organizativa.

## **2) A relação entre educação e trabalho: um exemplo prático**

No início do texto afirmamos que o trabalho entendido pelo MST é aquele que gera riqueza, identifica os trabalhadores como classe, possibilita a transformação da consciência por meio da construção de novas relações sociais. É possível identificar tal afirmação ao longo dos princípios filosóficos e pedagógicos igualmente expostos.

Assim, é possível afirmar que a relação entre educação e trabalho para o Movimento é nuclear, possibilitando a construção da vida. Contudo, uma vida orgânica à luta característica do MST: trabalhador como militante, militante como trabalhador e teoria que fundamenta a prática e prática que fundamenta a teoria.

Um exemplo concreto pode ser observado na pesquisa realizada por Dal Ri e Vieitez (2004) no Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC)<sup>326</sup>, em especial o curso Técnico em Administração de Cooperativas (TAC)<sup>327</sup>. O IEJC é uma escola de educação média e profissional. O objetivo dessa pesquisa foi expor os principais elementos educativos presentes na escola de forma a compreender em que medida esses elementos constituíam-se como elementos que interessariam à classe trabalhadora no geral. As conclusões dessa investigação apontam que a união entre ensino e trabalho sob a perspectiva da mudança possibilitaram a essa escola a união entre ensino e trabalho sob as bases da gestão democrática compartilhada entre alunos, professores e funcionários.

Para o movimento, não basta que o militante tenha formação política, ainda que esta seja essencial. Paralelamente a essa qualidade, o Movimento precisa que o seu membro tenha também capacitação técnica, bem como desenvolva as aptidões necessárias à organização coletiva da vida social, à organização coletiva da produção e de outras atividades econômicas. (DAL RI; VIEITEZ, 2004:46).

Uma das formas que o MST utiliza para organizar a produção é por meio das Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA), em que há a gestão democrática ou a autogestão. As relações de trabalho nas CPAs diferem-se das relações de trabalho usuais da sociedade, pois o trabalho assalariado dá lugar ao trabalho associado. Entre outras características destacam-se: “[...] inexistência do trabalho assalariado; distribuição igualitária do excedente econômico; o trabalho coletivamente organizado; e a gestão democrática” (DAL RI; VIEITEZ, 2004:46).

Como já apontamos, a organização do trabalho e da produção pelo Movimento, pressupõe a organização da sua educação e vice versa. A educação dominante é a educação das classes dominantes. Neste sentido, o IEJC foi criado para atender às características e necessidades específicas do MST, dentre as quais se destaca a formação dos militantes e quadros do Movimento.

---

<sup>326</sup> Sobre os cursos oferecidos pelo IEJC ver mais detalhadamente em Dal Ri e Vieitez (2004)

<sup>327</sup> Um de nossos primeiros cursos nessa perspectiva, o ‘TAC’, Técnico em Administração de Cooperativas (hoje Técnico em Cooperativismo), completou 20 anos em 2013, iniciando nesse ano sua décima quarta turma no Instituto Josué de Castro. (CALDART, 2013:19).

O curso de formação de professores expressa a preocupação com a educação escolar das crianças do acampamento e assentamentos. O TAC revela a disposição do Movimento em promover formas variadas de cooperação e, em especial, a criação de cooperativas de trabalho coletivo e gestão democrática. E o curso de saúde indica uma outra área básica com a qual o Movimento tem de se preocupar, diante das insuficiências das estruturas públicas existentes. (DAL RI; VIEITEZ, 2004:47)

Sobre o TAC podemos destacar que as disciplinas seguem a formação geral e a administração de cooperativas, sendo que no currículo está presente a história do Movimento, a impo-  
sição pedagógica dos professores e, por fim, a vinculação entre os conteúdos disciplinares com a realidade dos assentamentos e acampamentos. (DAL RI; VIEITEZ, 2004)

O vínculo entre educação e trabalho se dá diretamente por meio do trabalho real, concreto. O trabalho na escola deve estar associado a um trabalho útil, sem o que este perderia seu aspecto social, reduzindo-se “[...] de um lado à aquisição de algumas normas técnicas e, de outro, a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático” (DAL RI; VIEITEZ, 2004:51). O aluno do TAC, por exemplo, pode, se assim o desejar, dirigir-se ao mercado de trabalho e disputar uma vaga em qualquer organização, pois a formação que recebe no IEJC o habilita para isso. Contudo, os empreendimentos econômicos do MST, notadamente as cooperativas de trabalhadores associados, não constituem um mercado de trabalho e nem interagem com este, uma vez que suprem suas necessidades de trabalho por meio de outros mecanismos. O aluno formado pelo TAC não vai à busca de um emprego, pois ele já pertence a uma comunidade de trabalho, ou poderá ser alocado em outro setor qualquer do Movimento. (DAL RI; VIEITEZ, 2004: 52).

Ainda segundo Dal Ri e Vieitez (2004), o curso de formação de professores expressa a preocupação direta com a educação escolar das crianças, tanto dos acampamentos quanto dos assentamentos. O TAC, por sua vez, dispõe-se à criar cooperativas de trabalho coletivo e gestão de-

mocrática. O curso da saúde, por sua vez, indica a necessidade de suprir o básico, isto é, as insuficiências das estruturas públicas existentes.

Os cursos do IEJC são reconhecidos pelo MEC e por isso atendem às legislações educacionais vigentes. Contudo, o Instituto introduziu nos cursos elementos pedagógicos diferenciados, que atendem à realidade do MST. As disciplinas ministradas são as usuais para os curso do mesmo gênero, o que se modifica é o enfoque de classe, “[...] nomeadamente a dos trabalhadores do campo, contrapõe-se ao universalismo abstrato dominante na escola oficial” (DAL RI; VIEITEZ, 2004: 53). Uma das mudanças introduzidas mais importantes é o modo de organização e funcionamento da escola. Um sistema de poder baseado na democracia direta, na autogestão ou gestão democrática partilhados por alunos, professores e funcionários [...] A articulação entre o ensino e o trabalho real é uma outra modificação importante. A categoria *estudante*, típica da escola capitalista, tende a dissolver-se, dando lugar à categoria de *estudante-trabalhador*. (DAL RI; VIEITEZ, 2004: 53).

Da mesma forma, as funções sociais da escola diferem-se das que são hoje comumente conhecida nas formações da escola capitalista, ou seja, o intuito do IEJC não é habilitar o estudante para compor o mercado, embora esses recebam formação para isso. Geralmente o estudante trabalhador ao se formar retorna para trabalhar em sua comunidade, sendo que em alguns casos ele pode ser alocado em outra unidade de produção, dependendo das necessidades do Movimento. Assim, a intersecção entre a escola e as organizações econômicas não se dá “[...] pela mediação do mercado de trabalho, mas sim por meio do estabelecimento de relações diretas e orgânicas entre elas. (DAL RI; VIEITEZ, 2004: 54).

O IEJC é um representante importante da proposta educacional do Movimento, já que assume a autogestão pedagógica, a autogestão política e organizacional (gestão democrática); articula o trabalho ao ensino, dando lugar à categoria estudante-trabalhador; e não oferece uma formação para o mercado de trabalho como um fim em si. Contudo, há que se ressaltar que são inúmeros os acampamentos e assentamentos do MST e que o exemplo citado não pode ser generalizado como sendo o exemplo a ser encontrados em todos os acampamentos e/ou assentamentos do Movimento, mas sem dúvida parece ser o representante mais avançado.



## **Conclusão**

Diante o exposto, podemos concluir que o IEJC expressa os princípios filosóficos e pedagógicos propostos pelo MST. No entanto, como já afirmado, não se pode generalizar o Instituto como sendo toda a expressão da pedagogia do Movimento, mas uma expressão importante.

E o caráter potencialmente revolucionário da pedagogia também está expresso, isto é, encontra seu valor nesse exemplo concreto. As categorias que fundamentam a proposta do Instituto são o enfoque de classe, a autogestão, a conjugação do ensino com o trabalho produtivo e o estudante-trabalhador.

Essas categorias educacionais, se aplicadas na sociedade, significariam uma revolução pedagógica, o que coloca no campo da utopia. Seja como for, fica evidente que, ao se passar do contexto controlado pelo Movimento para o da sociedade inclusiva, passa-se da esfera de uma pedagogia que está sendo posta em prática, ainda que com restrições e sob pressão constante, para a esfera da aspiração política. A questão subsequente é inevitável. Esses princípios são válidos quando se pensa numa ação contra-hegemônica geral e, portanto, na emancipação das classes trabalhadoras? (DAL RI; VIEITEZ, 2004: 55).

A resposta a essa pergunta é também a questão que nosso trabalho pode se colocar. O caráter potencialmente revolucionário da pedagogia do MST de fato aponta para uma transformação radical da sociedade?

A pedagogia do MST está sendo elaborada e implementada em íntima conexão com as realidades sociais engendradas pelo Movimento. Ao que tudo indica, as proposições educacionais estão indo ao encontro de teses que são clássicas no pensamento pedagógico crítico. Tal como afirmam Dal Ri e Vieitez (2004), parece haver no momento mais perguntas do que respostas,

Em todo o caso, no processo de reflexão ora em curso, começam a aflorar algumas teses que convém destacar, dados os percalços históricos observados. Mézáros, por exemplo, em sua obra 'Para além do Capital' (2002), num esforço

para tentar compreender o que houve de errado com as revoluções populares realizadas e fracassadas, afirma com toda a ênfase possível um dos princípios da autogestão: ou a emancipação dos trabalhadores será feita pelos próprios trabalhadores, ou não haverá emancipação humana. (DAL RI; VIEITEZ, 2004: 56).

Sobre o último aspecto, ao que tudo indica, são os trabalhadores do Movimento os que estão à frente do processo educacional de sua pedagogia desenvolvendo e colocando em prática uma educação dos trabalhadores para os trabalhadores.

## **Referências**

CALDART, Roseli Salet. “Pedagogia do Movimento Sem Terra”. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

\_\_\_\_\_. “Desafios do vínculo entre trabalho e educação na luta e construção da Reforma Agrária Popular”. 36ª Reunião Anual da Anped, GT trabalho e Educação. Goiânia, 30 de setembro, 2013.

DAL RI, Neusa Maria. “Educação democrática e trabalho associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2004. f. 315.

DAL RI, Neusa Maria; VIEITEZ, Candido Giraldez. “Trabalho como princípio educativo e práxis político-pedagógica”. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vandeí Pinto da; MILLER, Stela (Orgs.) (2009); Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações. Araraquara: Junqueira & Marin; Marília: Cultura Acadêmica, 2009. p. 253-305.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). “Princípios da educação no MST”. Caderno de Educação. MST, n.8, 1996.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). “Como fazemos a escola de educação fundamental”. Caderno de Educação. MST, s. l., n. 9, 1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). “Acompanhamento às escolas”. Boletim de Educação. São Paulo, n.8, jul., 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). “MST – Lutas e conquistas”. São Paulo: MST, 2010.

**Conflito por terra e água nos sules: Comunidades Huarpes (Mendoza, Argentina) e camponeses do que hoje é Suape (Pernambuco, Brasil)**

**Conflicto por tierra y agua en los sures: Comunidades Huarpes (Mendoza, Argentina) y campesinos de lo que hoy es Suape (Pernambuco, Brasil)**

Mercedes Solá Pérez (FACEPE-UFPE, Pernambuco, Brasil, mercedessolap@hotmail.com); Virginia Miranda Gassull, (CONICET-UnCuyo, Mendoza, Argentina, arq.vmiranda@gmail.com)

**Resumo**

O artigo trata sobre os conflitos territoriais específicos de comunidades espoliadas, entre dois casos de Argentina e Brasil. Propõe-se tomar os dois casos analisando as comunidades que resistem em suas terras tradicionalmente ocupadas, territórios. O caso de estudo argentino é no território étnico das comunidades Huarpes. São hídricos e territoriais, o primeiro é consequente da pobreza hídrica produto de processos históricos de administração da água; enquanto que os conflitos territoriais são expressos no reclamo da regularização de domínio da terra comunitária Huarpe. O caso brasileiro é de comunidades camponesas que vivem em 27 engenhos - reminiscências aos engenhos açucareiros - no litoral sul do estado de Pernambuco. São em torno de 25.000 pessoas em 13.500 ha cujo conflito é especialmente territorial devido à sobreposição e expropriação dos seus territórios com a instalação do Complexo Industrial Portuário de Suape - CIPS.

**Resumen**

El artículo indaga sobre los conflictos territoriales específicos de comunidades desposeídas, entre dos casos de Argentina y Brasil. Se propone tomar los dos casos analizando a las comunidades que resisten en sus tierras tradicionalmente ocupadas, territorios. El caso de estudio argentino es en el territorio étnico de las comunidades indígenas Huarpes. Los conflictos principales de las comunidades son hídricos y territoriales, el primero es consecuente de la pobreza hídrica producto de procesos históricos de administración del agua; mientras que los conflictos territoriales son expresados en el reclamo de la regularización dominial de la tierra comunitaria Huarpe. El caso brasileño es de comunidades campesinas que viven distribuidas en 27 colonias – reminiscencia a los ingenios azucareros – en la costa sur del estado de Pernambuco. Son alrededor de 25.000 personas en 13.500 has cuyo conflicto es especialmente territorial debido a la superposición y expropiación de sus territorios con la instalación del Complejo Industrial Portuario de Suape – CIPS.

**Abstract**

The article investigates the specific territorial conflicts in dispossessed communities, including two cases of Argentina and Brazil. It is proposed to take both cases analyzing communities that resist their traditionally occupied territories lands. The Argentine case study in ethnic territory of the Huarpes indigenous communities. The main conflict of communities are water and land, the first is consequent to the water poverty product of historical processes of water management; while territorial conflicts are expressed in the claim of regularization of communal land Huarpe. The Brazilian case is of peasant communities living in 23 colonies - reminiscent of the sugar mills - on the south coast of Pernambuco. There are about 25,000 people in 13,500 hectares which is especially territorial conflict because of their overlapping territories with the installation of Suape Port and Industrial Complex – CIPS.

**Palavras-chave:** territórios de vida - populações espoliadas - terra-água-resistência comunitária

**Palabras Claves:** territorios de vida – poblaciones desposeídas- tierra-agua-resistencia comunitaria

**Keywords:** areas of life - land-water – disposed communities --resistance Community

## **Introducción**

Desde la concepción de América Latina, es decir desde la invasión colonial, la explotación de la naturaleza para reproducción del capital ha provocado un proceso violento para los pobladores y comunidades de estas tierras que se resisten a ser despojados de sus territorios de vida (SEOANE, 2012).

En este sentido, el presente artículo tiene como objetivo indagar sobre procesos comunes de conflictos territoriales específicos en comunidades desposeídas entre dos casos de Argentina y Brasil, las comunidades indígenas Huarpes (provincia de Mendoza) y los campesinos de lo que hoy es Suape (Estado de Pernambuco), respectivamente. Para eso se propone hacer un breve repaso histórico de la apropiación privada de la tierra, identificar el actual proceso de desposesión de bienes comunes expresados en la situación presente de conflictos por la tierra y agua de los dos casos e identificar la importancia de los territorios de vida y esbozar supuestos comunes de resistencia comunitaria.

**Procesos de desposesión históricos y actuales de la Comunidad Huarpe y de los campesinos de lo que hoy es Suape**

Desde la época de la invasión colonial de modo general en América Latina se identifican procesos de despojo de la naturaleza y de los seres humanos entre sí. Así ocurrió en los casos de Argentina y Brasil que, entre el siglo XV y el XVIII, han exportado cereales y carnes y caña de azúcar, caucho y minerales, respectivamente (SEOANE, 2012). Al mismo tiempo, la colonización significó la apropiación de la tierra en latifundios a través de la herencia colonial – mercedes de tierras en Argentina y donaciones de *sesmarias* en Brasil -, de las consecutivas invasiones a partir de la expansión hacia las “tierras libres”<sup>328</sup> y las leyes de tierras de Avellaneda de 1876 en Argentina y de 1850 en Brasil (OSORIO SILVA, 2010).

La Argentina en pleno proceso de la consolidación del Estado moderno desde finales del siglo XIX, con la extensión de la soberanía sobre los territorios del sur e integración económica nacional promovió un modelo económico de acumulación capitalista promovido por la producción y exportación de alimentos e importación de bienes industriales. La tenencia de la tierra fue un factor de producción indispensable para que esto se produjera. Según Ruffini, el crecimiento de la producción agropecuaria dependía de la incorporación de nuevas tierras, lo que implicaba confrontar en forma permanente con el indio, que detentaba el dominio de los espacios que el Estado requería para ampliar su producción (ODDONE, 1930, citado por RUFFINI, 2006: 148), “para concluir que el latifundio asociado a la burguesía terrateniente constituyó el gran problema del campo argentino, obstáculo para el progreso social y político”.

La ciudad de Mendoza es fruto del aprovechamiento y culturización del oasis del Río Mendoza. (PONTE, 2005, 125). A mediados de siglo XIX se constituye un momento de profundización del modo de producción agrícola con el que creció la provincia en este periodo. La promulgación de la “Ley de Aguas” en 1884, fue un hecho que permitió una mejor administración y uso del agua, beneficiando a la expansión de los cultivos de vid. Comenzó de esta manera a subdividirse la tierra en pequeñas parcelas de viñedos, se hizo dominante el binomio bodega-viñedo en los oasis mendocinos (WAGNER, 2010, 247). Hacia finales de siglo XIX, a partir de realizar ajustes en el modelo productivo, se dirigen los intereses casi con exclusividad, a las actividades vitivinícolas y

---

<sup>328</sup> Eran denominadas tierras libres a aquellas donde había poblaciones indígenas, no blancas y de baja densidad habitacional para los parámetros eurocéntricos. En el caso de Argentina uno de los momentos claves de la expansión fue la llamada “conquista al desierto”. La ocupación de esas tierras también permitía someter a los indígenas a la esclavitud aunque fuera en condiciones diferentes de los negros de Angola, ya que los indígenas tenían gran resistencia al sometimiento a ese tipo de trabajo.

bodegueras. De la Mendoza molinera hubo ceder paso la Mendoza vitivinícola y bodeguera, modo de producción que ha sobrevivido hasta nuestros días. (PONTE, 2005, 293)

Según RETA, 2003, 244:

El desarrollo económico de la región se debe esencialmente al aprovechamiento integral del recurso hídrico en áreas bien delimitadas geográficamente a través de las organizaciones de usuarios. El problema de la limitada oferta hídrica, ha sido una constante en el desarrollo de la región, aún desde la época de la Colonia. La disponibilidad hídrica se reduce a la mitad del promedio mundial, y es más grave en el área del Río Mendoza, con un índice de 1.620 m<sup>3</sup>/habitante/año, considerado por muchos especialistas, inferior al nivel crítico.

Si el agua es un bien estratégico (es una fortaleza, como así también la limitante) para la producción agrícola, una de las principales actividades de la economía mendocina, como también para la industria, energía, etc, quienes quedan desposeídos del acceso al agua, quedan también relegados de la matriz productiva regional.

En el caso de Brasil desde la asunción de Luis Inácio Lula da Silva hasta el presente hay una política explícita de fortalecimiento del capital mediante: “a) el fomento a las exportaciones de *commodities* agrícolas, b) financiamiento público para la creación/fortalecimiento de empresas brasileñas de porte transnacional y, c) inversiones masivas en la implantación de megaproyectos de infraestructura nacional e internacionalmente” (OLIVEIRA, GONÇALVES, RAMOS FILHO, 2013: 280). Esto se ejecuta especialmente desde 2007 con la creación del Programa de Aceleración del Crecimiento – PAC – que corresponde a lo que la Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Sudamericana - IIRSA - supone para Sudamérica en los términos de integración de infraestructuras a partir de tres ejes: transporte, energía y comunicaciones.

Es en este contexto que se intensifica la instalación de empresas en el Complejo Industrial Portuario de Suape en la costa pernambucana de Brasil. En este enclave se promueven específicamente las actividades relacionadas a construcción naval, refinería de petróleo y petroquímica.

Las comunidades que habitan en este territorio son en su mayoría descendientes de esclavos trabajadores de las usinas de caña de azúcar que con el fin de la esclavitud pasaron a ser fuerza de tra-

bajo libre para vivir como residentes de condición<sup>329</sup> y, posteriormente fueron expulsados de las colonias. Hacia las décadas de 1950 y 1960 cuando empezaba a haber procesos de expulsión de los residentes de condición de las colonias para expansión del cultivo de caña de azúcar, y concomitantemente con la instauración del Estatuto del Trabajador Rural, los campesinos de la región comenzaron a organizarse socialmente a través de las Ligas Campesinas (en 1955) y a presionar a los terratenientes a respetar las leyes del trabajo y al estado para entregar tierras para vivir y cultivar (VANDEK, 2004).

Como forma de apaciguar las rebeliones sociales, la Superintendencia de Desarrollo del Noreste del gobierno federal, junto con el gobernador del estado de Pernambuco Miguel Arraes, propusieron en 1963 la creación de una cooperativa administrada por trabajadores, la Cooperativa Tiriri Ltda (DABAT, 1996). En 1968 los trabajadores a través de la Cooperativa Tiriri de las colonias Massangana, Tiriri, Algoduais, Jasmin y Serraria reciben del Instituto Brasileño de Reforma Agraria – actual Instituto Nacional de Colonización y Reforma Agraria - INCRA – las tierras de la antigua usina Santo Inácio desapropiada para fines de reforma agraria. 2600 has eran de la usina Santo Inácio y aproximadamente 400 has eran de la Red ferroviaria del noreste y de un propietario de la colonia Serraria (BRASIL, 1968). Días después esas tierras fueron vendidas ilegalmente a la empresa estatal Suape.

A respecto de la propiedad de la tierra se identifica que desde el período de la colonización a la actualidad en ambos países prevalece el latifundio de monocultivo y el ganadero. En Argentina según el INDEC, CNA 2002, se observa que la mayor proporción de tipos de tenencia corresponde a la propiedad personal, con el 75% de la tierra, seguida a continuación por el arrendamiento, con el 12% de la superficie, y las sucesiones indivisas en tercer lugar con el 6%.

Según SILI(et all, 2011: p.55-61)

Esta es una situación generalizada en todo el país, sumamente importante porque muestra cómo existe una tendencia muy fuerte a regularizar las tierras que tienen

---

<sup>329</sup> El término residentes de condición, en portugués *moradores de condição*, era la manera que los patrones – señores del azúcar – tenían para tener a los trabajadores disponibles y pagarles un sueldo mínimo con la justificativa de que además del sueldo recibían un área para vivir e, inclusive en ocasiones, un pedazo de tierra para plantar sus alimentos (DABAT, 2007). Al mismo tiempo, los trabajadores veían que esa condición les permitía acceder a la tierra, ya que por otros medios como la compra no sería posible debido al alto precio de la misma, ya privatizada desde la promulgación de la ley de tierras en 1850. “Cuando el trabajador potencial busca una colonia, antes de pedir trabajo, lo que él busca es casa” (PALMEIRA, 1977: 205).



problemas jurídicos de manera que se puedan utilizar en el mercado formal, especialmente para poder arrendarlas. No obstante, la cantidad de tierras bajo esta forma jurídica es muy alta, y alcanza en la actualidad 11 millones de has. Es llamativa también la poca variación de las superficies en propiedad, que se mantuvieron casi inalterables. Esto no quiere decir que no hubiera compraventas, sino que las superficies se mantuvieron dentro del mismo modelo de tenencia.

En la región de Cuyo (Mendoza) la distribución de tierras fiscales representa el 12% sobre el total del país. De un total de 173 millones de has, el 12% presenta situaciones precarias de tenencia.

En Brasil, Ariovaldo Umbelino de Oliveira (JUNGES, 2011) comenta que cerca de 60% de las tierras no tienen titulación, pero son tierras que están ilegalmente apropiadas por terratenientes. Éstas deberían cumplir la función social de la tierra instituida en el Artículo N° 186 de la Constitución Federal de 1988 que establece que la desapropiación de tierra debe ocurrir cuando esta no cumpla su función social. Para cumplir su función social la propiedad rural debe atender, simultáneamente, criterios y grados de exigencia establecida en ley: I – aprovechamiento racional y adecuado; II – utilización adecuada de los recursos naturales disponibles y preservación de medio ambiente; III – cumplimiento de las disposiciones que regulan las relaciones de trabajo; IV – explotación que favorezca el bienestar de los propietarios y de los trabajadores (BRASIL, 1988).

Oliveira (entrevista de JUNGES 2011) sostiene que por esta razón esas tierras deberían ser utilizadas para realizar una reforma agraria, otorgarlas a indígenas y comunidades negras o, instituir áreas de conservación de la naturaleza. Sin embargo y a pesar de la función social de la tierra el INCRA – Instituto Nacional de Colonización y Reforma Agraria – no las distribuye entre los campesinos, indígenas, comunidades negras<sup>330</sup> y tradicionales<sup>331</sup>.

Especialmente desde la retoma del modelo extractivo hay nuevas áreas siendo incorporadas para la reproducción del capital a partir de la exportación de productos primarios sea para extracción o para instalación de mega-estructuras que permitan su circulación. Como “efecto colateral” innu-

---

<sup>330</sup> Las comunidades indígenas tienen garantizadas sus tierras en el Art. 231 de la Constitución Federal y las comunidades negras en el Art. 68 del Acto de las Disposiciones Constitucionales Transitorias.

<sup>331</sup> En 2007 se instituyó en Brasil el Decreto 6040 que es la Política Nacional de Desarrollo Sostenible de los Pueblos y Comunidades Tradicionales y trata sobre el autorreconocimiento de los pueblos y comunidades tradicionales y su necesidad de obtener y conservar sus territorios específicos de reproducir sus vidas como los *faxinalenses*, *cipozeiras*, *fundos y fechos de pasto*, *gerazeiros*, *seringueiros*, *cortadoras de coco babaçu*, pescadores/as artesanales, religiones de matriz africana...

merables comunidades están siendo desposeídas de sus territorios de vida. Cabe aquí resaltar que además de los “productos” que son exportados implican también, la exportación de los bienes comunes no renovables como agua, tierra fértil y biodiversidad (GIARRACA, TEUBAL, 2011). A continuación mostraremos los casos que ilustran esta desposesión y expoliación

### **Comunidad Huarpe**

El caso de estudio argentino se ubica en el oasis norte, irrigado por la Cuenca del Rio Mendoza, que representa más del 60% del total de la población mendocina y la mayor actividad agroindustrial, comercial y de servicios de la provincia; asimismo, en su recorrido, posee marcadas contradicciones territoriales entre las poblaciones ubicadas en su tramo superior y los poblados situados aguas abajo. De esta forma, las decisiones políticas ligadas a nuevas formas de producción perturbaron y modificaron profundamente las prácticas culturales y económicas de los pobladores desposeídos del tramo inferior del Rio Mendoza al norte de la provincia (GROSSO, 2013, 83-86).

Por lo tanto estos procesos denotan en una configuración territorial que se estructura históricamente, desde la invasión colonial hasta nuestros tiempos, por dos formas de apropiación particulares: la apropiación de la tierra y la apropiación del agua como recurso.

El territorio de vida de estudio argentino se ubica en la zona no irrigada del noreste de la provincia, en territorio étnico de las comunidades originarias Huarpes, quienes habitan en una extensión de 780.000 has.

Se la denomina área “no irrigada o tierras secas” pero ha sido designada popularmente como “desierto”, a pesar de que no lo representa, ya que es el “espacio vivo” de una población dispersa constituida por aproximadamente 3015 habitantes, de los cuales el 63 % presenta al menos un indicador de Necesidades Básicas Insatisfechas – NBI - (según el Censo Nacional 2001). La situación de escasez hídrica no se considera una variable físico-natural del sector, sino por una condición histórico-política determinada por la administración de un oasis irrigado que no contempla las necesidades hídricas de las zonas “aguas abajo” del Rio Mendoza (ubicación del caso de estudio). La pobreza hídrica de los últimos años condiciona las formas de vida de la población del secano, así como va transformando las costumbres arraigadas de su cultura. Esta situación repercute en la principal actividad económica del sector: ganadera, la cual encuentra sus límites por la ausencia de agua.

Los conflictos principales que existen en esta zona son hídricos y territoriales, el primero es consecuente a la escasez hídrica para el riego de las tierras y en muchos casos la falta de acceso al agua potable; mientras que el segundo identifica conflictos territoriales expresados en la identidad territorial en que reclaman el acceso a la propiedad y posesión de la tierra. Estos datan de procesos históricos de más de quinientos años, manifestando la inequidad y desigualdad territorial en el acceso a los derechos como ciudadanos.

Las comunidades entienden y hablan de territorio, lo ocupan y lo usan de forma común y lo disputan como propiedad colectiva al Gobierno de la Provincia, entendiendo el dominio de la propiedad a través de un título único que pertenece al Pueblo Huarpe enmarcado según la Ley Provincial N° 6920<sup>332</sup>. En este reclamo prevalece la función social de la propiedad de la propiedad privada, lo cual dificulta los procesos administrativos y políticos concebidos desde una lógica de ordenación del territorio que prioriza la propiedad privada. Cabe destacar que los últimos dos años han sido contundentes respecto a los avances de mensura, expropiación y rectificación de títulos por parte del Gobierno de la Provincia, pero aún no se entregan las tierras al Pueblo Huarpe.

Desde hace siglos que allí viven resisten día a día en sus territorios de vida manteniendo sus modos de producción campesina: cultivos y la cría de animales, intercambiando o vendiendo la producción excedente y organizándose en movimientos sociales y manifestándose.

En el departamento de Lavalle se conformó la Asamblea de Lavalle promovida por la Asamblea Popular del Agua<sup>333</sup> en el 2008, que tuvo su propuesta multisectorial integrada por la Unión de Trabajadores Rurales Sin Tierra –UST-, Organización de Trabajadores Rurales de Lavalle –OTRAL -, Asociación de Trabajadores del Estado –ATE-, Sindicatos, organización barrial Tupac Amaru, entre otros. Los reclamos se centraron en la mejora de la calidad del agua (que contiene alto grado de arsénico) y en el acceso al agua potable a las zonas urbanas como a los pobladores del secano. Esta multisectorial fue perdiendo fuerza con los meses y se logró poca participación por parte de los pobladores, continuando la deuda por el acceso al agua vigente en el departamen-

---

<sup>332</sup>Ley que reconoce la preexistencia étnica cultural del pueblo Huarpe Milcallac

<sup>333</sup> La Asamblea Popular por el Agua es una organización de estudiantes, trabajadores, etc, formada en el 2006, que lucha por los bienes comunes, principalmente el agua, enfocados en la lucha contra las megaminerías como expresión del modelo capitalista saqueador que se han querido instalar en la provincia en las últimas décadas.

to. De todas formas la Asamblea de Lavalle sigue formando parte de la Asamblea Mendocina por el Agua Pura –AMPAP.

### **Campeños de lo que hoy es Suape**

El caso brasileño es de comunidades campesinas que viven distribuidas en 27 colonias – reminiscencia a los ingenios azucareros – en la costa sur del estado de Pernambuco en los municipios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca. Son alrededor de 25.000 personas cuyo conflicto es especialmente territorial debido a la superposición de sus territorios con la instalación del Complejo Industrial Portuario de Suape - CIPS.

Este Complejo es una empresa del estado de Pernambuco (Ley provincial N° 7 763) y se instaló a partir de 1978 en 13.500 has., siendo estas las tierras de reforma agraria antes citadas y tierras desapropiadas para interés público de usinas declaradas en quiebra. Su administración es pública, pero sus operaciones son privadas ya que en el Complejo se instalaron con el correr del tiempo más de cien empresas, especialmente de los ramos extractivos de: petróleo y derivados, naval y alimenticios.

La instalación de esas empresas se dio en tres periodos de intensificación, tanto de políticas públicas de desarrollo específicas como de las expropiaciones de los campesinos de sus territorios de vida. Estos periodos son: los comienzos de la obra en 1977 cuando se expropió parte de los campesinos del área; la década de 1990 debido a la creación de normas sobre los puertos y el consecuente proceso de contenerización para su inserción global y, la ampliación del CIPS a partir de 2007 por los incentivos recibidos del Programa de Aceleración del Crecimiento – PAC – aún en vigencia.

En la década de 1970 y 1980, período de los inicios de las obras e instalación de las primeras empresas, hubo – además de la venta ilegal de tierras destinadas a reforma agraria – desapropiaciones por parte del CIPS que implicaron un cambio significativo en la vida de los campesinos que vivían en esos territorios (FIGURA 1).

| SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO ATINGIDA PELA IMPLANTAÇÃO DO PROJETO SUAPE |                     |  |   |   |  |  |  |   |
|--|---------------------|--|---|---|--|--|--|---|
| GRUPOS PESQUISADOS   | RELAÇÃO DE TRABALHO |  | ATIVIDADE ECONÔMICA   |   | CONDIÇÃO DE MORADIA                    |  |  |   |
|  | ANTERIOR            | ATUAL  | ANTERIOR  | ATUAL   | ANTERIOR                               | ATUAL  |  |   |
| RESIDENTES NA ÁREA DE DOMÍNIO                                    | "PARTICULAR"        | ex-moradores de engenho  | Moradores de condição e trabalhadores permanentes                                   | Pequenos produtores sem terras                            | Agricultura de subsistência nos sítios | Agricultura de subsistência nos sítios                     | Casas e sítios cedidos nas terras dos engenhos | Casa e sítio cedidos provisoriamente pela Empresa Suape |
|  |                     | pescadores tiradores de coco<br>trabalhadores nas obras de Suape | autônomos moradores de condição ou trabalhadores permanentes                        | autônomos<br>trabalhadores permanentes                    | pesca<br>ativ.extrativa                | pesca<br>ativ.extrativa                                    | casas próprias                                 | casa própria  |
|  | "TIRIRI"            | lotistas   | pequenos produtores moradores de condição ou trabalhadores assalariados temporários | pequenos produtores sem terra<br>assalariados temporários | cana de açúcar                         | atividade extrat. e agricultura da subsistência nos sítios | casas e sítios cedidos nas terras dos engenhos | casas e lote cedidos pela Emp. Suape.                   |
|  |                     | "moradores de cotistas"<br>"assalariados de cotistas"            | pequenos produtores moradores de condição ou trabalhadores assalariados temporários | pequenos produtores sem terra<br>assalariados temporários | agricultura de subsistência nos sítios | agricultura de subsistência nos sítios                     | casas e sítios cedidos nas terras dos lotistas | casas e sítios cedidos nas terras dos lotistas          |
| NÃO RESIDENTES NA ÁREA DE DOMÍNIO                                | "MIGRANTE"          | ex-moradores de engenho  | moradores de condição e trabalhadores assalariados                                  | trabalhadores assalariados temporários                    | agricultura de subsistência nos sítios | casas e sítios cedidos nas terras dos engenhos             | casas próprias nas periferias das cidades      |   |
|  |                     | ex-lotistas  | pequenos produtores   | trabalhadores assalariados temporários                    | cana-de-açúcar                         | casas próprias   | casas próprias nas periferias das cidades      |   |
|  | "TRANSFERIDA"       | lotistas   | pequenos produtores   | pequenos produtores                                       | cana-de-açúcar                         | cana-de-açúcar   | casas próprias                                 | casas próprias  |
|  |                     | ex-moradores de lotistas ou trabalhadores assalariados           | moradores de condição ou trabalhadores assalariados                                 | pequenos produtores                                       | Agricultura de subsistência nos sítios | cana-de-açúcar   | casas e sítios cedidos nas terras dos lotistas | casas próprias  |

Figura 1 – Situação de la población impactada por la implantación del proyecto Suape. Fuente: Grandejan e Martins (1983).

No hay datos exactos de cuántas familias salieron en esa época, pero sí se sabe que no fueron todas las que habitaban el área de lo que hoy es Suape, ya que el complejo no utilizó toda el área que se había apropiado. Sin embargo, los rumores sobre la necesidad de salir ya eran fuertes.

En la década de 1990, con el proceso de modernización de los puertos para la contenerización necesaria a la inserción global, las desapropiaciones comenzaron a aumentar. Campesinos que aún viven en el área corroboran esto en entrevistas realizadas en trabajo de campo. También es posible identificar esto a partir de la inyección de inversiones realizadas en el CIPS por los programas nacionales Avanza Brasil y Brasil en Acción.

Como ya fue dicho, es especialmente a partir de 2007 con el PAC que se intensifican las desapropiaciones por la instalación de astilleros, empresas de derivados de petróleo (PET, plásticos, etc), la Refinería Abreu e Lima y la Petroquímica Suape ambas de la empresa nacional-privada Petrobras. En 2006 hubo un informe de una consultora contratada por la empresa Suape que identificaba 4201 edificaciones, lo que significa aproximadamente 25.000 campesinos que aún residían en

el área de lo que hoy es Suape. Y se estima que en 2013 fueron desapropiadas en torno de 500 familias. Además en el año de 2014 se terminaron de construir las viviendas populares de la comunidad de 75 familias de Tatuoca que fueron desapropiados de sus territorios de vida, una isla, que queda exactamente en la entrada del CIPS frente adonde se construyeron los astilleros.

La creación de la Cooperativa Tiriri Ltda y especialmente la dictadura militar (1964-1985) generaron la desaparición de las *ligas camponesas*, pero en la década de 1990 se retomó la organización social a través de la Federación de los Trabajadores en la Agricultura del estado de Pernambuco – FETAPE – del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra - MST – y otros movimientos de menor expresión (FIGUEIREDO, 2008). Estos movimientos han estado haciendo presión para que las desapropiaciones que están siendo realizadas en el área de lo que hoy es Suape sean justas. Sin embargo las negociaciones han sido individuales y sin respetar la lista de precios estimados por la FETAPE para las indemnizaciones de los cultivos, la tierra y las construcciones.

Desde hace 36 años las familias que allí viven resisten día a día en sus territorios de vida a la violencia implícita y explícita<sup>334</sup> manteniendo sus cultivos y la cría de animales, intercambiando o vendiendo la producción excedente y organizándose en movimientos sociales y manifestándose.

Este panorama nos permite tener una idea de los conflictos por agua y tierra que viven en los territorios de las comunidades avasalladas por un modelo que no contempla su existencia, sus patrones culturales de vida. A continuación delinearemos en términos académicos la importancia de los territorios para las comunidades que están en proceso de desposesión.

### **Consideraciones sobre la resistencia en los territorios de vida**

Los dos casos presentados son territorios cuya autonomía queda restringida por acción u omisión del estado capitalista, sea porque genera escasez de agua donde históricamente ya existe un déficit

---

<sup>334</sup> En entrevistas realizadas en campo se vio parte de la violencia a la que son sometidos los campesinos por la seguridad privada que controla el área. Llegaron dos hombres en motos con armas y sacando fotos nuestras y de los autos en los que habíamos llegado. Esos hombres de seguridad privada se aseguran de controlar el área y de fiscalizar que ningún campesino esté construyendo o mejorando sus casas para, posteriormente no tener que pagar más en las indemnizaciones. También fuimos testigos de las ruinas de varias casas que aún tenían campesinos viviendo en ellas y escuchamos de los campesinos que, en ocasiones, antes de derribar sus casas llegan profesionales del área de servicio social y psicología diciendo que es mejor que se retiren de sus casas antes de que la empresa llegue.

o, sea por la superposición de territorios de campesinos y un complejo industrial portuario en Argentina y Brasil, respectivamente.

El panorama presentado sobre la situación histórica y actual de las comunidades Huarpes y campesinas de lo que hoy es Suape en relación de conflicto por la escasez del agua y la falta de garantías legales para mantener los territorios de vida permite corroborar una divergencia de intereses entre las comunidades y la reproducción capital. Unas buscan la reproducción de la vida y la otra busca la mercantilización de la vida.

“La manera como el capitalismo ha ido construyendo su territorialidad afianza las condiciones de apropiación y las relaciones de poder y tiende a imposibilitar las resistencias o las otras formas de vivir en y con los territorios” (CECEÑA, 2012: 321). En este sentido, la pérdida o disminución de la autonomía en los territorios es donde se evidencian las relaciones de fuerzas sociales, tensiones establecidas desde un Estado cuyo interés es la reproducción del capital en detrimento de la reproducción de la vida, especialmente tratándose de comunidades que históricamente han sido desposeídas de la naturaleza y de sus territorios. Estos son conflictos que demuestran divergencias entre un modelo dominante que busca la reproducción del capital a través de la marginación

Es en el sentido que Harvey (2005) conceptualiza la acumulación por desposesión que este artículo se referencia, por eso la comprensión de comunidades desposeídas. Para Harvey (2005) la expansión del capitalismo desterritorializa otras relaciones sociales y extermina las relaciones no capitalistas o las históricamente marginadas. Si en el período de la colonización había procesos de acumulación primitiva como explica Marx, actualmente la expansión del capital provoca acumulación por desposesión. Los procesos actuales incluyen la privatización de la tierra relacionada a la expulsión forzosa de poblaciones campesinas y la conversión de diversas formas de derechos de propiedad – común, colectiva, etc.– en derechos de propiedad exclusivos que conllevan la supresión del derecho a los bienes comunes; la transformación de la fuerza de trabajo en mercancía y la supresión de formas de producción y consumo alternativas; los procesos neocoloniales de la financierización, incluyendo a la naturaleza vista como recursos naturales. El estado, con su monopolio de la violencia y sus definiciones de legalidad, juega un rol crucial al respaldar y promover estos procesos.

Desde la década del 90 comenzó el reconocimiento de los pueblos originarios, como una reparación histórica a la diversidad cultural argentina y la restitución de sus territorios. Desde este análisis no se entiende como reparación de aquello que fue una ruptura social, sino desde el continuo

de preexistencia, la población Huarpe siempre existió con y sin ley que los reconociera, siempre habitó el mismo territorio de vida, al cual a lo largo de la historia se lo fue destituyendo de sus bienes comunes. Por lo tanto en el marco legislativo y político que se viene gestando en las últimas décadas es que se puede retomar la discusión para devolver aquello que a esta población se le ha desposeído.

En este territorio se produce principalmente un proceso de desposesión del acceso al agua establecido por un modelo consolidado en el oasis norte de la provincia, que no extrae o produce directamente con el agua del sector, sino que a través del uso y administración que se da en los oasis “aguas arriba”, se produce una exclusión histórico y actual del derecho al agua de la población que habita “aguas abajo” del Rio Mendoza. En cierta forma el modelo se puede representar como una “máquina succionante” que reproduce fragmentaciones territoriales en su proceso de expansión, negando y obstaculizando el habitar de poblaciones que históricamente se territorializan desde otra lógica.

El territorio Huarpe no es una disputa centrada por la posesión de la tierra en manos de privados para la producción, sino que se tensiona con las formas hegemónicas e históricas de uso y ocupación de la tierra enclave propiedad privada. La disputa legal es un proceso joven, que aun encuentra dificultades en sus bases procedimentales para el restablecimiento de la propiedad colectiva de la tierra a los pueblos originarios.

Este proceso se consolida y contextualiza con la actual discusión a nivel nacional establecida en torno al nuevo Código Civil y Comercial de la República Argentina promulgado el pasado 7 de octubre del 2014, que entrará en vigencia el próximo enero de 2016. Este es un hecho histórico ya que el anterior fue redactado en 1869 por Dalmacio Vélez Sarsfield contando con varias modificaciones y reformas, pero sin constituirse un nuevo código civil y comercial. La función social de la propiedad tiene como antecedente la inclusión en la Constitución Nacional en 1949 por el gobierno de Juan Domingo Perón que la incorpora en el capítulo IV art.38, derogada por el gobierno militar de 1956. En la reforma de la Constitución de 1994 se incorpora nuevamente bajo la figura de la Convención Americana de Derechos Humanos (art.21).

Por lo tanto la reforma del código es un acontecimiento social y cultural necesario en la sociedad argentina, pero a pesar de eso se desprenden algunas críticas de modificaciones no incorporadas. Este es el caso de la petición de incluir la función social de la propiedad por parte de organizaciones que forman parte del colectivo Habitar Argentina. Este pedido se justifica en la necesaria am-



pliación de adecuar el alcance del derecho de la propiedad con el derecho internacional de los derechos humanos. El derecho de propiedad, si no es ampliado a un alcance social que permita incluir a otras formas jurídicas de organización y tenencia de la tierra, no permite la creación de otros instrumentos que permitan la regularización de otras formas de vivir y producir en sectores populares. Además también se critica la omisión de la propuesta del art.241, formulada por juristas, donde se determina la responsabilidad del Estado para garantizar el derecho al agua potable, la cual fue omitida en el nuevo código.

En Brasil, como anteriormente citado, desde la promulgación de la Constitución Federal de 1988 se vienen creando mecanismos de reconocimiento de los pueblos originarios indígenas y comunidades negras principalmente. En la década de 2000 se reconoce en el país la Convención 169 de la Organización Internacional del Trabajo que dice respecto al autorreconocimiento de los pueblos y que permite la institución de la Política Nacional de Desarrollo Sostenible de los Pueblos y Comunidades Tradicionales. A partir de esta se amplían los derechos de reproducción de la vida en territorios específicos a otros pueblos no necesariamente originarios, como las ya citados *gerazeiros*, *faxinalenses*, pescadores artesanales, *cipozeiros*, aprendizes de saber, religiones de matriz africana, gitanos, etc. A pesar de existir una legislación que garantiza el autorreconocimiento y los derechos a un territorio de vida específico que implica en quehaceres específicos aún su aplicación es muy tímida.

También fue demostrado que existe legislación que trata sobre la función social de la tierra, pero para hacerla efectiva los movimientos sociales han tenido que ocupar “ilegalmente” tierras improductivas para que el estado las analice y reconozca que debe realizarse un proceso de regulación de esas tierras.

Esto lleva a considerar que aun habiendo una legislación que trata sobre la necesidad de reforma agraria y sobre la función social de la tierra, más allá de no ser aplicada, en los territorios que actualmente son de campesinos existen expropiaciones. Es inclusive el propio estado que las realiza en nombre del interés público desconsiderando la vida de estas comunidades como las de lo que hoy es Suape.

Las comunidades campesinas de lo que hoy es Suape están en negociaciones con el CIPS para garantizar el derecho a la tierra y, mientras tanto, continúan resistiendo en sus territorios – desde hace 36 años – plantando, comiendo y vendiendo el excedente en las rutas cercanas. También se alían a movimientos sociales como el MST con el objetivo de disminuir la diferencia de la rela-

ción de poder entre el estado, a través del CIPS, y las comunidades y para que tengan posibilidades de establecer una mejor negociación.

Desde la imposición de las políticas neoliberales en América Latina y, actualmente, las políticas neodesarrollistas emergen varios movimientos sociales que buscan hacer frente a la desposesión del capital. La Via Campesina, la Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas (CAOI) y otras organizaciones de carácter especialmente nacional como la Confederación Nacional de Comunidades del Perú Afectadas por Minería (CONACAMI), el Fórum dos Atingidos pela Indústria do Petróleo e Petroquímica da Bahía de Guanabara (FAPP-BG), el Fórum Suape – Espaço Socioambiental, etc. Son algunos de estos. Sus organizaciones contemplan diversas problemáticas, pueblos afectados y se reúnen en foros, encuentros y cumbres como el Foro Social Mundial y la Cumbre de los Pueblos.

La cuestión de la desposesión del agua y la tierra, es decir, de los territorios de vida es fundamental para la reproducción de la vida humana. Por eso, la mirada sobre los territorios de vida no intenta constituir un “localismo” en un mundo globalizado, sino que apela a la diversidad de territorios, exponiendo las relaciones de fuerzas y entramadas contradicciones que se despliegan de estas tensiones. De dichas contradicciones surgen obstáculos y brechas que se pliegan como pistas de una nueva comprensión del territorio en movimiento.

## **Referencias**

BRASIL – Constituição Federal de 1988. Disponible en: [bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/.../constituicao\\_federal\\_35ed.pdf?](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/.../constituicao_federal_35ed.pdf?) Acceso el 20 sept. 2014.

BRASIL. Decreto 62.168 de 1968. Disponible en: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62168-24-janeiro-1968-403699-publicacaooriginal-1-pe.html> Acceso el 10 set 2013.

CECEÑA, Ana Esther. “No queremos desarrollo, queremos vivir bien.” En MASSUH, Gabriela, *Renunciar al bien común: extractivismo y (pos)desarrollo en América Latina*, Buenos Aires, Mar Dulce. (2012)

DABAT, Cristine Ruffino. *Moradores de engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais*. Recife, UFPE. (2007)

DABAT, Cristine Ruffino “Os primórdios da Cooperativa Agrícola de Tiriri. Clio” Revista de Pesquisa Histórica. Nº 16, Recife. (1996)

FIGUEIREDO, Marcos Antonio. “Resistência e reprodução camponesa: luta por terra na região canavieira pernambucana” Clio, Nº 26-2. (2008)

GIARRACA, Norma; TEUBAL, Miguel. “Disputas por los territorios y recursos naturales: el modelo extractivo”. Anuarios ALASRU. (2011)

GRANDJEAN, Pernette; MARTINS, Paulo Henrique. **Suape**: ambição e desventura. Revista germinar - Ensino e pesquisa no nordeste. Ano 1, Nº 1. (1983)

GROSSO, Virginia; RAFFANI, Mariana. “Territorios de progreso y territorios de escasez.” La apropiación y distribución del agua en la cuenca del Rio Mendoza, Argentina. Revista Huellas, nº 17 (2013), ISSN 0329-0573 (83-86; p.73-91) (2013)

HARVEY, David. El “nuevo” imperialismo: acumulación por desposesión. CLACSO. Buenos Aires. (2005)

JUNGES, Márcia "É uma mentira dizer que no Brasil a terra é produtiva". Entrevista especial com Ariovaldo Umbelino, Unisinos, 10 ene 2011. Disponible en: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/39669-e-uma-mentira-dizer-que-no-brasil-a-terra-e-produtiva-entrevista-especial-com-ariovaldo-umbelino>> Acceso el 4 oct 2014.

OLIVEIRA, Dalmo Junior Gomes de; GONÇALVES, Charles Alves; RAMOS Filho, Eraldo da Silva. “Problematizando a Integração Regional: As conexões entre a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)” – Brasil, Revista IDeAS, v. 7, n. especial, pp. 260-304 (2013).

OSORIO SILVA, Ligia Maria. “Tierras nuevas y la construcción del Estado en Brasil y Argentina.” Revista América Latina en la historia económica, Nº 25, México, Ene-Jun 2006. Disponible en: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-22532006000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-22532006000100002&script=sci_arttext)> Acceso el 3 oct 2014.

PALMEIRA, Moacir Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na *plantation* tradicional, En: WELCH et al. (org) (2007) Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas. São Paulo: UNESP. (1977)

PONTE, Ricardo. “De los Caciques del agua a la Mendoza de las Acequias” Cinco siglos de historia de acequias, zanjones y molinos. Edición Ciudad y Territorio. INCIHUSA-CONICET. Mendoza, Argentina. (p,125, 293)2005.

RETA, José, et all. Capitulo B. (Anexo 6) Comparación de experiencias en Chile, Argentina (prov. De Mendoza) y Uruguay. GARDUÑO, Hector. “Administración de derechos de agua Experiencias, asuntos relevantes y lineamientos.” ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA AGRICULTURA Y LA ALIMENTACIÓN. Servicio de Derecho para el desarrollo Oficina Jurídica de la FAO. Roma. (p. 244, 22-31, 243-275) (2003)

RUFFINI, Martha. Estado y propiedad de la tierra en el territorio Nacional de Rio Negro: La cuestión de los ocupantes, (1884-1892) en Anuario del CEIC/ 3. La propiedad de la tierra. Pasado y presente. Estudios de arqueología, historia y antropología sobre la propiedad de la tierra en Argentina. Cruz, Enrique y Paoloni, Rosana (comp) Córdoba, Alción editora, pp. 147-167 (2006)

SEOANE, J. Neoliberalismo y ofensiva extractivista: Actualidad de la acumulación por despojo, desafíos de Nuestra América. **THEOMAI** 26. (2012)

SILI, Marcelo y SOUMOULOU Luciana. 2011. La problemática de la tierra en Argentina. Conflictos y dinámicas de uso, tenencia y concentración. Foro Internacional de Desarrollo Agrícola. Ministerio de Agricultura y Pesca de la Nación, Argentina.

SVAMPA, Maristella. “Extractivismo neodesarrollista y movimientos sociales: um giro eco-territorial ¿hacia nuevas alternativas?,” CEB Continental. (2012)

VANDECK, Santiago Francisco Julião. “As ligas e o golpe militar de 64.” Recife: Comunigraf. (2004).

WAGNER, Lucrecia Soledad. ”Problemas Ambientales y Conflicto Social en Argentina. Movimientos socioambientales en Mendoza. La defensa del agua y el rechazo a la megaminería en los inicios del siglo XXI.” Tesis Doctoral en Ciencias Sociales y Humanas. Universidad de Quilmes. Argentina, (p.247, 1-474). 2010

## **Mediações em tempo de redes digitais: cultura, comunicação, hegemonia e juventude nas manifestações de junho de 2013 no Brasil**

Michele Caroline Torinelli<sup>335</sup>

Ana Luisa Fayet Sallas<sup>336</sup>

### **Resumo**

Na década de 1980, Martín-Barbero deslocou o debate acerca da comunicação desde os meios até as mediações. Tratava-se de superar as abordagens ideologicistas e funcionalistas para investigar as disputas de sentido que permeiam a comunicação e historicizar o entrelaçamento entre cultura, comunicação e política na América Latina. Em tempos de popularização do digital e de revoltas populares protagonizadas pela juventude, faz-se interessante resgatar tal debate, pois a perspectiva das mediações é potente para pensar a comunicação em redes digitais para além da dualidade emancipação/controle. Em junho de 2013, manifestações protagonizadas por jovens irromperam pelo Brasil, e sua atuação nas ruas esteve entramada com a atuação nas redes digitais. Assim como o massivo, o digital também é espaço de constituição e luta por hegemonia – e a juventude, com sua cultura, impõe mudanças na dinâmica das mediações tanto na política quanto na comunicação. Mostra-se promissor apostar na convergência da perspectiva das mediações – com enfoque nos processos conflituosos que constituem a trama entre comunicação, cultura e política – e a contemporaneidade da interação em redes digitais para pensar a dinâmica dos ativismos políticos contemporâneos, em especial as manifestações de junho de 2013 no Brasil, cujos protagonistas atuam de maneira híbrida entre os ambientes material e digital.

### **Introdução**

Na década de 1980, Jesús Martín-Barbero deslocou o debate acerca da comunicação desde os meios até as mediações. Tratava-se de superar as abordagens ideologicistas e funcionalistas – centradas na manipulação que os meios exercem sobre as massas e no processo mecânico de

---

<sup>335</sup> Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná na linha de pesquisa de Cultura, Comunicação e Sociabilidades com a temática de Juventude: Cultura e Participação. Email de contato: projetocancion@gmail.com.

<sup>336</sup> Ana Luisa Fayet Sallas realizou pós-doutorado no ano de 2012 no Colégio do México, México. Concluiu o Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná em 1998 e o Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília em 1987. Atualmente é Professora Titular do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Email de contato: analuisasallas@gmail.com.

transmissão de informação, respectivamente – para investigar as disputas de sentido que se dão no processo da comunicação. Passava-se a reconhecer o receptor como sujeito e historicizar o entrelaçamento entre cultura, comunicação e política na América Latina. A comunicação foi então entendida como espaço privilegiado de conflito, de criação e subversão de sentido na modernidade.

Em tempos de popularização do digital faz-se interessante resgatar tal debate, pois a perspectiva das mediações é potente para pensar a comunicação em redes digitais para além da dualidade emancipação/controle. Assim como o massivo, o digital também é espaço de constituição e luta por hegemonia – e o potencial de criação popular, para além do deslumbre frente às possibilidades técnicas e aquém do derrotismo de uma vigilância onipresente e onipotente que tolhe qualquer tentativa de ressignificação, está no conflito. Como sintetizou, Martín-Barbero (2003: 271), é uma questão de identificar *as brechas na situação e as situações nas brechas*.

Em junho de 2013, milhões de jovens foram às ruas dos Brasil em protestos motivados inicialmente pelo aumento da tarifa do transporte público – e sua atuação nas ruas esteve entramada com a atuação nas redes digitais. Assim como o massivo, o digital também é espaço de constituição e luta por hegemonia – e a juventude, com sua cultura, impõe mudanças na dinâmica de mediações tanto na política quanto na comunicação. Mostra-se promissor apostar na convergência da perspectiva das mediações – com enfoque nos processos conflituosos que constituem a trama entre comunicação, cultura e política – e a contemporaneidade da interação em redes digitais para pensar a dinâmica de recentes ativismos políticos, em especial as manifestações de junho<sup>337</sup>, que contam com o protagonismo de uma juventude cuja atuação se dá de maneira híbrida entre os ambientes material e digital.

Neste artigo, partirei de uma análise da obra *Dos meios às mediações* (MARTÍN-BARBERO, 2003), para então chegar à problemática dos ativismos políticos contemporâneos – neste caso, as manifestações de junho – e suas mediações digitais. O objetivo é encontrar meios de adaptar a perspectiva analítica de Martín-Barbero às formas de ação coletiva que se destacaram em junho de 2013 no Brasil, cujos jovens protagonistas engendram mudanças no que diz respeito à *cultura de comunicação* e à *cultura política*, aspectos que dialogam entre si. O conceito de *me-*

---

<sup>337</sup> As manifestações de junho de 2013 no Brasil serão indicadas neste trabalho apenas como “manifestações de junho”. Apesar de ter sido essa a nossa opção, outras denominações surgiram, tais como “Jornadas de Junho” (MARICATO et al, 2013).

*diação* permite estabelecer essa relação entre política, comunicação e juventude sob um viés cultural, levando em consideração as disputas em torno do *sentido* da ação política.

### ***Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia na América Latina***

O eixo da obra de Martín-Barbero é a trama entre comunicação, cultura e política. Para explorar como esse entrelaçamento se deu na América Latina, ele parte dos sujeitos políticos subordinados no subcontinente (dos vários *povos*, à perspectiva unitária de *povo* em torno do conceito de nação, até chegar ao caráter uniforme da *massa*) e dos laços culturais que os constituem (abarcados pelo folclore, pela cultura tradicional, popular e de massa) através da comunicação (da cultura oral e presencial à imprensa e ao cinema, chegando ao rádio e à televisão). Ele aborda essas transições históricas como construção – e disputa – de hegemonia por meio da cultura, pois “pensar a política a partir da comunicação significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação do poder” (2003: 15). A partir dessa historicidade é que o autor chega na investigação da dinâmica pela qual as culturas subalternas (ou *subalternizadas?*) dão sentido ao massivo no seu cotidiano e os conflitos que permeiam esse processo.

É importante esclarecer o que se entende por mediações. Elas são compreendidas aqui como processos sociais que organizam as subjetividades e dão sentido ao cotidiando. No âmbito da pesquisa em comunicação, o autor defende que “em vez de [...] partir da análise das *lógicas* de produção e recepção, para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural” (ibid.: 304). Desloca-se o foco: o “objeto” de pesquisa é então o processo<sup>338</sup>. Entretanto, ao mesmo tempo em que se coloca em oposição ao reducionismo da perspectiva para a qual a técnica determina o conteúdo (e segundo a qual não existe espaço para pensar em *sentido*, e muito menos em *disputa*), Martín-Barbero não ignora a influência das linguagens enquanto veículo<sup>339</sup>, e adverte: “confundir a comunicação com

---

<sup>338</sup> De acordo com o autor, “foi necessário perder o 'objeto' para que encontrássemos o caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo” (ibid.: 290).

<sup>339</sup> Entende-se aqui que cada meio de comunicação se vale de uma linguagem própria, que dialoga com as demais – como é o caso da linguagem televisiva, que se constituiu a partir das linguagens cinematográfica e radiofônica,

as técnicas, os meios, resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação” (ibid.: 18). Entender a comunicação como processo implica em considerar todos os seus elementos: políticos, culturais e, também, tecnológicos. Afinal, a técnica é uma construção social, carregada de historicidade e sentido, que pode ser apropriada de diversas maneiras e abarcar múltiplos significados.

Colocando-se em oposição também a uma postura eurocentrista, o autor assume a *mestiçagem* enquanto lugar de fala, o que justifica a inversão que faz do lugar de análise do massivo. Ele entende *mestiçagem* como “um modo próprio de perceber e narrar, contar e dar conta, [...] uma nova sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalidade quanto à cotidianidade, à subjetivação dos atores sociais e à multiplicidade de solidariedades que operam simultaneamente em nossa sociedade” (ibid.: 271) e identifica que há uma crise nas ciências sociais, fruto do desencontro entre método e situação, que

obriga a repensar não só as fronteiras entre as disciplinas e entre as práticas, mas também o próprio sentido das perguntas: os lugares (teóricos) de entrada para os problemas e para a trama de ambigüidades (políticas) que envolvem e deslocam as saídas. As razões do desencontro situam-se além da teoria, no desconhecimento que requer – em vez de mais conhecimento, na lógica da pura acumulação – o re-conhecimento, segundo a lógica da diferença, de verdades culturais e sujeitos sociais. Reconhecimento de uma mestiçagem que, na América Latina, não remete a algo que passou, e sim àquilo mesmo que nos constitui, que não é só um *fato* social, e sim *razão* de ser, tecido de temporalidades e espaços, memórias e imaginários [...]. (Ibid.: 271).

O conceito de *mestiçagem* também possibilita superar as categorias estáticas que apresentam o conflito social como dominação totalizante, em que dominador e dominado ocupam lugares herméticos de fala. Martín-Barbero aborda as disputas sociais a partir do conceito de *hegemonia* de Gramsci, que permite

---

que por sua vez partiram da linguagem fotográfica, no caso do cinema, e oral, no caso do rádio.



pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um *exterior* e sem *sujeitos*, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa seus interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E “na medida” significa aqui que não *há* hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num “processo vivido”, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. (Ibid.: 116).

Trata-se de reconhecer as *brechas na situação e as situações nas brechas* – o que transcende uma perspectiva dualista e purista, que, por sua desconexão com a complexidade do real, condena-se ao fatalismo. Compreende-se que assim como o massivo se constitui a partir do popular, muitas vezes *caricaturando-o* e *cooptando-o*, o popular absorve o massivo – e seu poder de resistência e subversão vai depender da sua capacidade de *ressignificação*. Reconhe-se, assim, a “massa”, essa categoria homogeneizante, como *sujeito* da comunicação, capaz não só de assimilar e reproduzir, mas de interpretar, disputar e criar. A indústria cultural não esmagou todas as diferenças, até mesmo amplificou algumas – e no reconhecimento das diferenças é que está a grande brecha.

A cultura de massa não acaba com a cultura popular, mas a incorpora; da mesma maneira a comunicação massiva se dá em continuidade – e coexistência – aos modos de comunicar que a precederam e que se transformam com ela. Contudo, é relevante considerar o *sentido* que a comunicação de massa assume na modernidade: ela é âmbito privilegiado de disputa porque viabiliza o monopólio do poder político e econômico por meio da projeção de valores e significados que sedimentam sua legitimidade: na dinâmica massiva, tal como se consolidou, o discurso de poucos atinge a (quase) todos. Contudo, outros valores coexistem, e os sujeitos coletivos que os reivindicam – destacadamente os movimentos sociais – também utilizam-se da comunicação de massa para resistir, o que exige *ressignificar o uso social dos meios*. De acordo com o autor,

A luta contra o pensamento único acha assim um lugar estratégico não só no politeísmo nômade e descentralizador que mobiliza a reflexão e a investigação sobre as mediações históricas do comunicar, mas também nas transformações que atra-

vessam os *mediadores socioculturais* – a escola, a família, a igreja, o bairro –, como no surgimento de novos atores e movimentos sociais que, como as organizações ecológicas ou de direitos humanos, os movimentos étnicos ou de gênero, introduzem **novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios**. Sentidos e usos que, em seus tateios e tensões, remetem por um lado à dificuldade de superar a concepção e as práticas puramente instrumentais para assumir o desafio político, técnico e expressivo, que supõe o reconhecimento na *prática* da complexidade cultural que hoje contém os processos e os meios de comunicação. (ibid.: 20-1, grifo nosso).

A comunicação é entendida, então, como espaço estratégico para que os movimentos sociais possam se contrapor à “hegemonia do pensamento único”. Para mudar o sistema hegemônico é preciso contestar os valores que se impõem em nome do mercado, denunciar sua perversidade, plantar a semente da rebeldia e disseminar outros valores que permitam construir outras dinâmicas de comunicação – e de vida em sociedade. Essa resistência sempre existiu (por isso, sempre houve conflito) e pode ser empreendida de diversas maneiras: desde reuniões de associações de bairro, encontros familiares, conversas com amigos, festas populares, organizações políticas, coletivos culturais etc. Mas são os meios de comunicação de massa que (ainda) permitem divulgar acontecimentos e perspectivas a um grande número de pessoas – e têm contribuído de forma predominante para a criação e manutenção do conjunto de valores que regem as relações sociais e políticas.

Por isso, é importante destacar o *sentido* que foi dado historicamente aos meios de comunicação de massa: a exploração majoritariamente comercial – e não cidadã – de seu potencial. Segundo o modelo comercial, simplificadamente, algumas empresas produzem conteúdo, outras poucas veiculam (quando não são as mesmas a cumprir esse duplo papel) e a imensa massa recebe, o que implica num esquema piramidal de comunicação em que poucos emitem e a grande maioria se limita ao outro lado da cadeia produtiva do mercado de bens simbólicos. O que Martín-Barbero problematiza é que mesmo esse modelo tão concentrado é permeado por posturas de resistência e apropriações subversivas – as *brechas na situação* –, e a recepção pode se dar de várias maneiras, sob distintas perspectivas, gerando outros sentidos que não aquele visado pelo emissor. Por outro lado, a comunicação contra-hegemônica, muitas vezes colocada em prática nas rádios comunitárias e jornais de bairro, ao mesmo tempo em que frequentemente se contrapõe ao *status quo*, tende a reproduzir formatos, valores e atitudes hegemônicas – são as *situações na brecha*.

Nesse cenário, a comunicação popular enfrenta desafios políticos, econômicos, culturais, técnicos e estéticos, em que a própria contestação da hegemonia traz em si valores e práticas hegemônicas, que devem ser passíveis de auto-crítica e transformados por meio da criatividade, para que de fato dispute sentido e não apenas reproduza o “discurso único” sob outra perspectiva.

### ***Mediações em redes digitais***

A partir da década de 1980, um novo ingrediente veio se somar à dinâmica das mediações apontada por Martín-Barbero (2003): a comunicação em redes digitais. O software surge como novo intermediário técnico e simbólico (SILVEIRA, 2010), e a relação emissor-receptor é subvertida pelo esquema descentralizado da comunicação em rede. Novas oportunidades e desafios surgem tanto para os grandes veículos de comunicação de massa quanto para a comunicação popular – transformação que ocupa papel central na adaptação da análise das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003) ao contexto sociopolítico contemporâneo.

Para abordar as redes digitais partiremos do conceito de rede que, apesar de atual, não necessariamente remete a algo novo. Antes das tecnologias digitais, as redes já se constituíam como estruturas comunicativas e organizativas. O termo é comumente utilizado para representar algo inovador, referente aos processos informacionais das últimas décadas – mas as redes sempre estiveram aí: são inerentes à própria vida. Esse engano se dá porque, nos primórdios da nossa sociedade, consolidou-se uma subordinação da dinâmica de rede à lógica das organizações verticais (CASTELLS, 2009).

Segundo Castells, uma rede consiste numa determinada conexão de nós, e quanto mais informação relevante um nó for capaz de absorver e mais eficientemente conseguir processá-la, mais importante será para a rede; contudo, o nó nunca existe de forma independente da rede. Construídas em torno de determinadas metas, as redes processam os fluxos de comunicação que circulam pelos nós. Possuem, ao mesmo tempo, unidade em torno de um propósito comum e flexibilidade de adaptação; são simultaneamente programadas e auto-configuráveis e evoluem de acordo com sua capacidade de auto-configurar-se de modo a atingir arranjos de rede mais eficientes. Os movimentos sociais, junto a outros atores, passam a ser entendidos como *nós* de uma complexa rede, não só sociopolítica, mas *sociocultural* – e a análise das *configurações das redes*, ou seja, quais atores se mobilizam, como e por quais motivações, passa a ser fundamental na investigação de ações coletivas. (Ibid.:19-20)

Contudo, há uma histórica hegemonia do modelo vertical sobre o de rede, que não se deve somente a questões sociopolíticas e socioculturais, mas também operacionais (que, aliás, se interconstituem): diante do tamanho, do volume e da complexidade de determinados fluxos, a dinâmica de rede poderia demorar muito para processá-los, devido ao lapso de tempo que o *feedback* exigiria. “Sob tais condições, redes eram uma extensão do poder concentrado no topo de organizações verticais que moldaram a história da humanidade: estados, aparatos religiosos, senhores da guerra, exércitos, burocracias, e suas subordinadas encarregadas da produção, do comércio e da cultura” (ibid.: 22 [tradução nossa]).

Depreende-se daí que o modelo hegemônico de comunicação numa sociedade está intensamente relacionado ao modelo hegemônico de organização sociopolítica que nela se configura – o que envolve questões sociais de ordem política, técnica e cultural. Essa lógica se aplica à conjuntura atual: ao mesmo tempo em que o modelo representativo de política – em que o poder de decisão acerca de assuntos públicos é delegado a poucos – entra em descrédito, a crise de legitimidade atinge também a mídia de massa (LIMA, LOOSE, 2014), em que poucos detêm o poder de emitir mensagens a muitos – ou seja, hegemonomizam a construção coletiva de significados.

E a perspectiva de rede, ao mesmo tempo em que se apresenta como um desafio à manutenção da hegemonia nessas duas esferas, pode, também, ser apropriada para a readequação do *status quo*. Hoje o potencial operativo das redes é bem maior que em outros períodos históricos, e *assim como os hackers hackeiam* o sistema hegemônico nas redes digitais, poderíamos dizer que *o sistema hegemônico hackeou* a dinâmica de rede – pois essa se tornou a mais eficiente forma organizacional na atualidade (CASTELLS, 2009; SANCHO, 2012: 92). Sendo assim, *uma sociedade em rede não é necessariamente uma sociedade democrática*.

Segundo Galloway (2004), redes podem ser centralizadas, descentralizadas ou distribuídas. Na lógica dos ativismos que emergiram nas manifestações de junho e em outros lugares do mundo nos últimos anos, as redes podem ser classificadas como distribuídas, por não possuírem um centro (CASTELLS, 2013). Já as redes que hegemonomizam o poder (id., 2009: 22) seriam centralizadas ou descentralizadas (estas, mesmo contando com centros de poder plurais, estariam submetidas a um poder central). Um exemplo é o sistema financeiro, que articula-se em rede e sempre desfrutou da premissa de um mundo sem fronteiras, e por isso não está suscetível às crises dos Estados nacionais e até se beneficiam com elas (ibid., p. 36), como denunciam os movimentos Occupy Wall Street e 15M (HARVEY et al, 2012).

Verifica-se que a comunicação em redes digitais apresenta novidades quanto às possibilidades de mediação; contudo, seria ingenuidade descartar o poder que os meios de comunicação de massa consolidados no século passado e as autoridades políticas continuam tendo no agendamento social<sup>340</sup>, na constituição do *imaginário social* e na interlocução política – utilizando-se, inclusive, das redes digitais para isso. Por outro lado, também é ingenuidade, ou fatalismo, não levar em conta as formas de resistência frente a eles, e até por meio deles, mesmo antes da popularização das tecnologias digitais.

Nas últimas décadas, o software surgiu como importante mediador – e reconhecê-lo como *intermediário* de processos comunicativos contraria uma visão utópica segundo a qual a internet possibilitaria o fim da mediação na comunicação social<sup>341</sup>, assim como mecanismos de democracia direta permitiriam o fim da representação política. Faz-se necessário refletir sobre o papel das mediações tanto na política quanto na comunicação – e em que medida seria possível e interessante superá-las, a partir de um ideal de relação direta, ou se seria o caso de construir *outras relações de mediação*. Para Chauí (2013) não se faz política numa sociedade democrática sem mediações institucionais; para Martín-Barbero, as novas tecnologias da comunicação pressupõem novas formas de mediação (2009). Concluímos que as tecnologias digitais não são democratizantes em si, mas que a realização e ampliação de seu potencial democrático dependem de disputas em torno de seus usos e sentidos. Ou seja, sua capacidade de catalisar a emancipação social depende do modo com que nos apropriamos delas.

Contudo, a perspectiva de Chauí não se aplica a todas as formas de ação política, como aquelas nas quais o desenvolvimento de outras relações de mediação na comunicação não necessariamente estão atreladas à construção de outras institucionalidades políticas, mas à constestação e desconstrução das institucionalidades que se impõe. Hakim Bey (2004) – o profeta do caos que influenciou toda uma geração de hackers e adeptos da corrente libertária na década de 1980, quando a internet era um esboço da que conhecemos hoje – contrapõe o termo *net*, pelo qual designa a “internet oficial”, ao termo *web*, uma espécie de submundo livre e criativo da internet<sup>342</sup>. Ele acre-

---

<sup>340</sup> Poder de determinar o que é relevante ou não, o que merece ou não ser publicizado – e *como*, ou seja, sob qual *enquadramento* (TARROW, 2009).

<sup>341</sup> Segundo Silveira (2010: 37), “o software tornou-se o intermediário indispensável e cada vez mais presente em boa parte das principais atividades humanas”.

<sup>342</sup> Bragatto (2011), ao fazer um levantamento sobre a bibliografia a respeito da relação entre internet e política a

dita que a *web* seria a plataforma que propiciaria um suporte de conexão para as várias Zonas Autônomas Temporárias, termo que cunhou para identificar experiências de emancipação similares a levantes – pois ao contrário das revoluções, que derrubam um sistema institucionalizado e, por sua vez, institucionalizam-se também, os levantes simplesmente desconstruem a aparência de ordem do cotidiano tolhedor, geram uma mudança na percepção rumo à autonomia e depois se desfazem e se rearranjam a partir da recombinação de nós, para surgir sob outras formas em outros lugares. Ou seja, a *net* seria a faceta hegemônica da internet e a *web* a contra-hegemônica, numa batalha em que o sentido social do uso das tecnologias sociais é disputada. A potência das Zonas Autônomas Temporárias, articuladas em rede, estaria justamente em não se institucionalizar, não existir oficialmente, e poder se desentrelaçar e se reagrupar em outras combinações de forma espontânea.

Pode-se aplicar essa perspectiva às manifestações de junho de 2013 no Brasil, que desempenharam um papel de Zona Autônoma Temporária, causando um imenso impacto simbólico, denunciando as estruturas vigentes, contudo não se institucionalizando e se dispersando novamente em diferentes redes; tal como a perspectiva de Bey, muitos dos atores que se destacaram em junho de 2013 rejeitam a permanência e a estagnação e se rearranjam constantemente – e a *web* foi uma importante plataforma de sustentação, articulação e mesmo de criação dos protestos de junho<sup>343</sup>. Esses atores são predominantemente compostos por uma juventude que se articula de forma híbrida no ambiente digital e nas ruas e traz na sua ação política um intenso clamor de ordem cultural que questiona as hierarquias políticas e subverte a dinâmica da comunicação social. Esses jovens se destacaram como mediadores sociais, políticos e culturais nesse período de intensa revolta popular no país, e os *usos* das redes sociais digitais tiveram papel decisivo nesse processo.

### ***As manifestações de junho, a juventude e seus impactos nas mediações políticas e comunicacionais***

Assim como os jovens protagonizaram esse momento político no Brasil, uma outra forma

---

partir de um histórico das distintas clivagens sobre o tema, aborda o surgimento científico-militar da internet e sua apropriação contracultural. “Embora a ARPANET, origem da internet, surja tendo fins acadêmicos, científicos e estratégicos, rapidamente a microinformática vai acentuar a democratização do acesso à comunicação, fazendo com que o novo meio se configure também a partir da apropriação social das tecnologias para além de sua funcionalidade técnica e finalidade econômica” (ibid.: 132).

<sup>343</sup> Evidentemente, não foi a única, o que não diminui sua importância na dinâmica da onda de protestos.

de comunicação que não a massiva se destacou na construção dos protestos e nas disputas em torno de seu significado: a comunicação em redes digitais. Tal dinâmica não é exclusiva ao caso brasileiro: mobilizações que contam com atuação de jovens nas redes digitais e nas ruas, de maneira simultânea e convergente, se proliferam pelo planeta desde 2011 (HARVEY et al., 2012), algumas com maior impacto na institucionalidade, destacadamente as que se deram em meio a regimes ditatoriais (CASTELLS, 2013), mas todas com enorme incidência no debate acerca do *sentido* da política.

Para Pelbart (2013), possivelmente “uma outra subjetividade política e coletiva esteja (re)nascendo, aqui e em outros pontos do planeta, para a qual carecemos de categorias. Mais insurreta, de movimento mais do que de partido, de fluxo mais do que de disciplina, de impulso mais do que de finalidades, com um poder de convocação incomum, sem que isso garanta nada, muito menos que ela se torne o novo sujeito da história”. Talvez, como indica Morin (2008) referindo-se às revoltas de 1968, a “função” desses movimentos seja mais trazer à tona uma crise do que apresentar suas soluções pragmáticas – o que dialoga com a importância do *percurso* destacada por Sallas e Bega (2006).

Na década de 1960, a juventude foi protagonista de intensas mudanças por meio do movimento *hippie* e outras insurgências culturais e políticas, sendo a mais famosa delas o Maio de 68. Nessa época os jovens manifestavam uma vontade de autonomia através da criação de uma cultura própria – e a indústria cultural foi fundamental nesse sentido. Nos últimos anos, levantes multitudinários protagonizados por jovens revelaram novamente um anseio de transformação nas relações culturais e políticas. Um dos grandes diferenciais desse momento é a apropriação das tecnologias digitais, que permitem que, mais intensamente que na década de 1960, jovens dialoguem em âmbito global.

Feixa (2000) reflete sobre como o consumo cultural e as mudanças de percepção do tempo relacionam-se com a mudança na cultura juvenil nas últimas décadas (elementos que contribuem na constituição do que o autor denomina *geração @*). Para isso, utiliza como metáfora a evolução do mecanismo que mede o tempo – o relógio – em suas versões de areia, analógica e digital. Ao contrário da primeira – originária de um período em que não havia diferenciação entre tempo e espaço e a cultura de juventude correspondia à da sociedade como um todo –, a segunda, característica da era industrial, representa uma concepção linear do tempo num momento em que a juventude passa a construir uma cultura própria de âmbito predominantemente nacional (que, de acordo com Morin [2008], realizava uma transição para conexões que ultrapassam os limites das nações

por meio da indústria cultural); já atualmente as tecnologias digitais permitem o deslocamento temporal-espacial de maneira rápida e global, assim como o surgimento cada vez maior de micro-culturas juvenis que se prospectam, se mesclam e se reproduzem em escala planetária<sup>344</sup>.

Os jovens nascidos na década de 1990 cresceram num mundo já amplamente conectado pelas tecnologias digitais, o que impacta no modo de se comunicar com os outros, de se relacionar com o mundo e até mesmo no modo de se fazer política. Tal transformação cultural evidenciou-se na dinâmica das manifestações de junho no que se refere às formas de articulação, mobilização e inclusive na linguagem utilizada nos protestos. Uma faceta bastante reconhecida das tecnologias digitais é que, por meio delas, a criação e emissão de conteúdo com potencial de amplo alcance é estendida a vários públicos. Mas não é somente o alcance que está em jogo, mas o próprio modo a partir do qual nos comunicamos – ou seja, a *cultura da comunicação*.

Um importante fator da comunicação nas redes digitais é o compartilhamento. A partir dele, a própria lógica de produção de conteúdo é alterada. Outra característica decisiva é a intensificação da velocidade de comunicação, o que facilitou a instantaneidade de cobertura e a viralização dos protestos de junho de 2013. Além disso, as tecnologias digitais permitem uma constante ressignificação dos discursos que circulam nas redes por meio de mesclas e *remixes*, trazendo à tona outras perspectivas e formatos que não aqueles que costumam figurar nos meios de comunicação de massa.

Contudo, é necessário esclarecer as limitações do potencial da comunicação em redes digitais. Segundo pesquisa realizada em 2014 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 65% dos brasileiros assistem televisão diariamente por mais de 3h. A TV aberta chega a 91% dos lares brasileiros; a TV paga, a 31%. Já o uso da internet, apesar de ter crescido exponencialmente, sendo que começou a se popularizar na década de 1990, ainda está bastante abaixo do referente à TV: 53% dos brasileiros nunca acessaram ou não têm o costume de acessar a internet. E há uma nítida divisão geracional nesse acesso: 77% dos entrevistados com menos de 25 anos acessam a internet; já entre aqueles com mais de 65 anos, somente 3% a utilizam. O estudo conclui que “o hábito de acessar a internet é mais comum entre a população mais jovem, nos maiores centros urbanos e nos estratos de maior renda e escolaridade” (ibid.: 48) – o que, não à toa,

---

<sup>344</sup> Contudo, essa juventude vive o acúmulo desses três períodos históricos – o digital se dá em continuidade e concomitantemente ao natural e ao linear (FEIXA, 2000).



dialoga com a faixa da população que mais aderiu às manifestações de junho.

Outro fator a ser considerado é a influência da comunicação de massa nas interações nas redes digitais. Indivíduos e agentes coletivos compartilham material da imprensa e produtos da indústria cultural na internet, muitas vezes em concordância com a versão do material, mas outras justamente para criticar sua abordagem – o que revela um movimento de vai e vem entre discurso hegemônico e contestatório, entre cooptação e resistência, numa dinâmica que envolve hibridizações e complexas disputas de construção de sentido. De qualquer maneira, muito do que é veiculado nas redes sociais digitais tem origem na mídia de massa, seja em caráter de afirmação ou de contestação de seu conteúdo.

Sendo assim, a possibilidade de veiculação de múltiplos discursos na internet, em diversos formatos, é entendido como uma *brecha*. É necessário reconhecer que os jovens que atuaram nas ruas e nas redes em junho de 2013 se aproveitaram dessa brecha e impuseram mudanças na dinâmica da mediação tanto na comunicação quanto no campo da ação política<sup>345</sup>. Segundo análise de Pimentel e Silveira (2013), “partidos e sindicatos perderam no mês de junho o posto de intermediário privilegiado de convocação e organização de multidões, e a mídia de massas perdeu o monopólio de interpretação dos acontecimentos”, o que sugere que novos intermediários se destacaram nas ruas e nos meios digitais, no âmbito político e comunicacional. E assim os jovens, que historicamente nas sociedades modernas impõem mudanças no contexto em que vivem (SALLAS, BEGA, 2006), indicam por meio de sua cultura que a comunicação e a política já não são mais como eram antigamente, desafiando a lógica da mediação nesses dois campos. Contudo, o *sentido* dessas transformações está em disputa.

O poder de contestação não direcionado que irrompeu em junho de 2013, além de gerar entusiasmo quanto à renovação da dinâmica social na política e na comunicação, também traz preocupações no que concerne ao seu potencial democrático. Chauí (2013) questiona a postura dessa juventude que protagonizou os protestos tendo em vista as diferentes apropriações das forças das ruas que a estrutura difusa das manifestações de junho de 2013 permite:

---

<sup>345</sup> Mas, assim como seria um erro desprezar a relevância da comunicação em redes digitais nas manifestações de junho, seria uma simplificação entendê-la como *causa*. Nesse ponto, discorda-se de Manuel Castells (2013): colocar a estrutura técnica como *causa*, e não como parte de uma *dinâmica*, é adotar para si um discurso tecnicista (e hegemônico) que despe de sentido as interações sociais.

Assinalamos anteriormente o risco de apropriação das manifestações rumo ao conservadorismo e ao autoritarismo. Só será possível evitar esse risco se os jovens manifestantes levarem em conta algumas perguntas:

1. Estão dispostos a lutar contra as ações que causam o inferno urbano, e portanto enfrentar pra valer o poder do capital de montadoras, empreiteiras e cartéis de transporte, que, como todos sabem, não se relacionam pacificamente (para dizer o mínimo) com demandas sociais?
2. Estão dispostos a abandonar a suposição de que a política se faz magicamente sem mediações institucionais?
3. Estão dispostos a se engajar na luta pela reforma política, a fim de inventar uma nova política, libertária, democrática, republicana, participativa?
4. Estão dispostos a não reduzir sua participação a um evento pontual e efêmero e a não se deixar seduzir pela imagem que deles querem produzir os meios de comunicação?

Entretanto, mais do que sua capacidade de disputar o poder instituído, caminho sugerido por Chauí (ibid.), a potência dessas mobilizações parece estar em subvertê-lo e *instituir outras formas de ação coletiva* (PELBART, 2013). Apesar dos acontecimentos recentes no país, por um lado, trazerem à tona avaliações de que falta consistência no discurso político de uma parcela significativa da juventude, como aponta Chauí, parece mais plausível, de acordo com Pelbart, encarar as circunstâncias atuais como parte de um *processo* de empoderamento político. Sallas e Bega (2006: 49) também propõem que não se encare os anseios aparentemente divergentes da juventude como um paradoxo, mas como parte de um processo, pois

A procura por autonomia e diferenciação, por um lado, e de cooperação e integração, por outro, não pode ser vista como expressão de processos antagônicos ou paradoxais. São apenas faces de um mesmo processo que tem marcado a vida dos jovens nas modernas sociedades industriais. Esses elementos poderiam ser pensados, aqui, como algo constitutivo da juventude, marcados por aquilo que Simmel definiu como próprio de um espírito aventureiro, em que, mais do que se chegar a

qualquer ponto, importa o caminho, o percurso do aventureiro.

Portanto, antes de simplesmente descartar ou exaltar o potencial democrático desses jovens brasileiros, é preciso levar em conta a condição da juventude nas sociedades modernas, o momento da trajetória política nacional e internacional em que tal revolta emerge e os desafios que colocam até mesmo aos atores tradicionais engajados nas lutas sociais. As manifestações de junho revelam um descrédito não só frente à política institucionalizada do Estado, tal como a conhecemos hoje, mas questionam algumas lógicas dos próprios movimentos sociais de esquerda (MARICATO et al., 2013).

Além do mais, o fato das manifestações de junho contarem com diversas reivindicações, muitas vezes desconexas, pode ser interpretado não só como inconsistência política, mas como uma insatisfação mais profunda e generalizada, não traduzível em uma demanda pontual. Consta-se que muitos dos jovens que tomaram as ruas em junho não se sentem representados pelos políticos que estão no poder, sejam do partido que forem: não se sentem representados pelo sistema político (GOHN, 2013). E essa juventude, que frequentemente não encontra espaço para expressar suas opiniões na escola, na família e no sistema hegemônico como um todo (ibid.; SALLAS, 2009), encontrou dois espaços para extravasar sua rebeldia, que ultrapassam a tribo: a grande rede digital, na qual tribos locais podem se articular em tribos globais (e que abre espaço para o surgimento de novas tribos), e a rua<sup>346</sup>.

A juventude está exigindo seu espaço e, “como condição simbólica, adianta a possibilidade e o direito à redefinição, à variabilidade, à reversibilidade das opções de vida”, questões que dizem respeito não só aos jovens, mas à sociedade em seu conjunto (MELUCCI, 1999: 94). De acordo com Martín-Barbero (2003: 21), os jovens costumam protagonizar mobilizações que “ultrapassam o âmbito da geração” e condensam “em suas inquietações e fúrias como em suas empatias cognitivas e expressivas com a língua das tecnologias [...] transformações no sensorium de 'nossa' época”, assim como “mutações político-culturais”.

De forma evidente os jovens que saíram às ruas do Brasil em junho de 2013 (que, apesar

---

<sup>346</sup> Esses dois ambientes compõem *uma mesma* realidade que contempla uma relação dialógica entre o digital e o material, pois “nas ruas e nas redes as formas analógicas e digitais demonstram que não são antagônicas e sim complementares” (SZANIEKI, 2013).

de contar com o protagonismo nas manifestações, se articulam a outros atores também negligenciados) conseguiram pautar os meios de comunicação de massa, o sistema político e a sociedade como um todo, exigindo novas maneiras de solucionar velhos problemas, mesmo que sem apresentar soluções pragmáticas. Mas o poder que a mídia de massa e o Estado exercem, e exerceram especificamente durante os protestos de junho de 2013, precisa ser levado em consideração, pois estes também pautaram a multidão rebelde, seja nos espaços públicos ou nas redes digitais. Essa dinâmica entre discursos contestatórios e hegemônicos, assim como entre comunicação massiva e em redes digitais, faz com que o conceito de *mediações* – que leva em consideração as disputas em torno do sentido da comunicação, da política e da ação social – seja extremamente útil na investigação da situação pesquisada.

### ***Considerações finais***

As manifestações de junho de 2013 no Brasil constituem a explosão de um fenômeno cultural, social e político protagonizado por uma juventude que cresceu conectada às redes digitais. Durante os protestos, o sentido da política foi contestado por meio da atuação de milhões de pessoas, muitas delas jovens, nas ruas e nas redes sociais digitais. Esses jovens revelaram-se importantes mediadores sociais na disputa em torno do significado das manifestações, tanto com sua presença e seus cartazes nas ruas como no compartilhamento de registros, sátiras, convocações e denúncias na internet.

Evidencia-se que a comunicação em redes digitais é ingrediente constitutivo de uma nova dinâmica de ativismo político, que se relaciona com mudanças na linguagem, no formato e até mesmo no conteúdo dos protestos: a diversidade de pautas, que abarca uma gama ampla de reivindicações e descontentamentos, revela não só a diversidade da multidão, mas a rejeição aos movimentos sociais verticalizados, nas quais a pauta de contestação é definida de cima para baixo. Frente ao modelo de pirâmide das organizações tradicionais, também característico dos meios de comunicação de massa, dissemina-se a dinâmica de rede, constitutiva de ativismos políticos contemporâneos e da comunicação digital.

Entretanto, as tecnologias digitais não podem ser entendidas como causa, mas parte de um processo de transformação cultural no âmbito da comunicação e da política provocado pela juventude, que historicamente cumpre esse papel de impor mudanças nas sociedades em que vive. Entede-se que a internet não é nem só espaço de resistência e inovação, nem somente de controle e

cooptação, mas ambos: assim como as redes sociais digitais foram fundamentais para a disseminação viral dos protestos no Brasil, favorecendo que uma outra forma de ativismo político que não a tradicional se destacasse, elas possibilitaram que as instituições oficiais mapeassem sua dinâmica e chegassem à identificação de supostas lideranças, e serviram de plataforma também para a disseminação de discursos conservadores. Conclui-se que a internet é hoje privilegiado campo de disputa em torno do sentido das relações sociais, o que se revela nos seus usos – seja o aprimoramento da coisificação da vida ou a multiplicação das possibilidades de compartilhamento do comum. Ambos os sentidos são construídos simultaneamente, num movimento que envolve tanto reciprocidade quanto confronto.

A juventude que domina a linguagem e a dinâmica do digital se destaca nos conflitos sociopolíticos da atualidade: as disputas em torno dos usos das tecnologias digitais se confundem com aquelas que colocam em xeque o sentido da ação política, bem como forçam os atores hegemônicos a se adaptarem às novas dinâmicas nesses dois âmbitos, da política e da comunicação – que, historicamente, se relacionam. Esse processo se dá em meio a confrontos, acordos e amálgamas semelhantes aos que Martín-Barbero identificou na relação entre os movimentos sociais e os meios de comunicação massivos por meio da análise das mediações socioculturais. Essa perspectiva mostra-se potente para a investigação do significado sociopolítico das manifestações de junho, mas é preciso adaptá-la ao contexto atual, em que o digital torna-se peça-chave no contexto das interações sociais, culturais, políticas e até mesmo econômicas.

O modelo de rede é então entendido como importante brecha para a emancipação social, tanto na política quanto na comunicação, podendo ser, por outro lado, apropriado pelas estruturas verticalizadas que impõem a concentração de poder, seja ele político, econômico ou comunicativo. E é cada vez mais o potencial de *ressignificação*, de *atribuição de sentido* às ações sociais – seja em prol da emancipação ou do controle –, o fiel da balança em meio aos conflitos sociais contemporâneos.

### ***Referências bibliográficas***

BEY, H. **T.A.Z.**; Zona Autônoma Temporária. Conrad Editora do Brasil, São Paulo., 2004.

BRAGATTO, R.; Democracia e internet: apontamentos para a sistematização dos estudos da área. **Compólitica**, n. 2, vol. 1, p. 132-62, ed. set-out, 2011.

BRASIL; Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Secom, Brasília, 2014.

BRINGEL, B.; ECHART, C.; Movimentos sociais e democracia: os dois lados das “fronteiras”. **Caderno CRH**, Salvador , v. 21, n 54, p. 457-475, set-dez, 2008.

CASTELLS, M; **Communication Power**. Oxford University Press, Nova Iorque, 2009.

\_\_\_\_\_.; **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Zahar, Rio de Janeiro, 2013.

CHAUI, M.; As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Teoria e debate**, edição 113, 27 jun. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>>. Acesso em: junho de 2013.

FEIXA, C.; Generación @: la juventud en la era digital. In: **Nómadas**, Universidad Central de Colombia, n. 3, p. 75-91, 2000.

GALLOWAY, A.; **Protocol: how control exists after decentralization**. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 2004.

GOHN, M. G.. ‘Após atos, governo não tem interlocutores’; **O Estado de São Paulo**, 13 jul. São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,apos-atos-governo-nao-tem-interlocutores,1053152,0.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

HARVEY, D., et al.; **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. Boitempo Editorial, Carta Maior, 1a ed., São Paulo, 2012.

LIMA, M. D. V., LOOSE E. B.; Metamorfoses no jornalismo: aspectos da cobertura dos protestos de rua de junho de 2013. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 13, n. 25, p. 35-53, jan/jun, 2014.

MARICATO, E., et al.; **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo Editorial, Carta Maior, 1a ed., São Paulo, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J.; **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2a ed., Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_.; As formas mestiças da mídia. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 163,

set. 2009. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/>>. Acesso: maio de 2013.

MELUCCI, A.; **Acción colectiva, vida cotidiana y democracia**. El Colegio de México, México, 1999.

MORIN, E.; "O Maio de 68 é uma manifestação da crise de civilização", diz Edgar Morin. **Instituto Humanitas Unisinos**, 09 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/13828-o-maio-de-68-e-uma-manifestacao-da-crise-de-civilizacao>>. Acesso em: julho de 2013.

PELBART, P. P.; "Anota aí: eu sou ninguém". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 jun. 2013. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/119566-quotanota-ai-eu-sou-ninguemquot.shtml>>. Acesso em: junho de 2013.

PIMENTEL, T.; SILVEIRA, S. A.; Cartografia de espaços híbridos: as manifestações de 13 de junho de 2013. **Interagentes**, São Paulo, 11 jul. 2013. Disponível em: <<http://interagentes.net/?p=62>>. Acesso em: julho de 2013.

SALLAS, A. L. F.; BEGA, M. T. S. ; Sociologia da juventude: releituras contemporâneas. In: **Política e Sociedade**, v. 5, n. 8, p. 31-58, 2006.

SANCHO, G. R.; Movimientos sociales y comunicación: la red como paradigma. In: **Anàlise**, n. 45, 2012.

SILVEIRA, S. A.; **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, n. 86, p. 28-39, junho/agosto, 2010.

SZANIECKI, B.; Monstro e multidão: a estética das manifestações. Entrevista especial com Barbara Szaniecki. **Instituto Humanitas Unisinos**, 15 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/521910-monstro-e-multidao-a-estetica-das-manifestacoes-entrevista-especial-com-barbara-szaniecki>>. Acesso em: julho de 2013.

TARROW, S.. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

## **Movimentos camponeses contra a dominação e concentração de poder no Paraguai**

### **Los movimientos campesinos frente a la dominación y concentración del poder en Paraguay**

Nadia Alderete (Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. [nadiaalderete@yahoo.com.ar](mailto:nadiaalderete@yahoo.com.ar))

#### **Resumen**

El interés de este trabajo gira en torno al papel que juegan las organizaciones campesinas en la histórica lucha contra la desigualdad e injusticia que caracterizan al país, y sobre posibles escenarios futuros partiendo del actual contexto que se presenta al menos conflictivo. Los movimientos campesinos son quienes ejercen la mayor presión contra este modelo excluyente, donde la posesión o no de la tierra es la que estructura el poder.

En el 2008 con Fernando Lugo en la presidencia, se presentó la posibilidad de un nuevo juego político donde los movimientos campesinos tuvieron mayor capacidad de acción y una presencia diferente en el escenario público. Este gobierno fue interrumpido por medio de un juicio político al presidente, luego de la masacre ocurrida en Curuguaty que dejó doce muertos, la mayoría de ellos campesinos.

Con el actual gobierno de Cartes las políticas neoliberales están a la orden del día, el avance de los agronegocios es más intenso y la conflictividad social adquiere mayor presencia.

Palabras claves: Paraguay – movimientos campesinos – concentración de la tierra – agronegocios – conflictividad social

#### **Abstract**

The interest of this job argues about the role that farmer organizations play in the historical struggle against the inequality and injustice that characterizes Paraguay, and the possible future scenarios, assuming that the current context is, at least, tense. Farm movements are the ones that put pressure against this exclusive model, which structures power according to owning the land or not.

In 2008 with Fernando Lugo being president it appeared the possibility of a new political game, where farmer movements had the largest capacity of action and a different presence in the public scenario. This government was interrupted by a political trial to the president after the massacre that took place in Curuguaty leaving twelve people death, most of them farmers.



In the current government of Cartes the neoliberal politics are in vogue, the advance of farmland business is the most intense and social tension is more present.

Key words: Paraguay – Farmer organizations– land accumulation – agrobusiness – social tension

### ***Introducción***

En las zonas rurales la presencia de grandes latifundios contrastan con los minifundios de las familias campesinas, que a su vez están siendo desplazadas de manera forzosa ya sea por medio del arriendo o compra de sus tierras, la contaminación de los agrotóxicos a sus cultivos o medio ambiente y el hostigamiento de las fuerzas públicas o guardias privados. Se trata de una estructura socioeconómica desigual donde aquellos grupos de poder que controlan la economía también controlan la política, ocupando los empresarios extranjeros un lugar privilegiado. La implantación del neoliberalismo da forma a este tipo de modelo dirigido “hacia afuera”.

Este trabajo intenta ser un esbozo sobre el lugar de los movimientos campesinos en la sociedad y política paraguayas, tanto en términos históricos como coyunturales teniendo en cuenta la vuelta del Partido Colorado al gobierno. Comienza con una descripción sobre la situación socioeconómica del país, siguiendo por una caracterización de las principales organizaciones campesinas para llegar luego a los años más recientes con el gobierno y destitución de Fernando Lugo, la asunción del vicepresidente Federico Franco y el mandato de Horacio Cartes.

Las hipótesis a las que arribe en este trabajo serán desarrolladas y abordadas posteriormente en una tesina de la Licenciatura en Sociología.

### ***Contexto socioeconómico del Paraguay***

Paraguay es uno de los países más desiguales y con la más alta concentración de la tierra en América Latina. También tiene una alta proporción de población campesina, el 43% del total, la que carece en gran parte de tierras.

El origen de la estructura latifundista en el Paraguay está asociado a la venta masiva de tierras públicas después de la guerra de la Triple Alianza, en 1870. En este periodo la apropiación en manos de particulares adquirió un carácter masivo y extranjerizante, vendiéndose enormes áreas a capitales argentinos, brasileños, ingleses y, en menor medida, paraguayos.

Durante la dictadura de Stroessner (1954-1989) se entregaron gran cantidad de hectáreas de tierra fiscal a civiles y militares, a pesar de estar destinadas a la reforma agraria, y también se permitió la expansión de grandes productores brasileños. Por otro lado, el presidente Stroessner impulsa el proceso de modernización agraria gracias al avance de la mecanización, es decir la incorporación de modernas tecnologías y el uso intensivo de insumos agrícolas. Los grandes productores hacen uso de estas ventajas y los pequeños propietarios se limitan a sobrevivir y producir de manera cada vez menos competitiva, acelerándose el desarraigo de la población campesina.

Históricamente el monopolio de la tierra en manos de grandes empresas extractivas de capital extranjero, ha dificultado un desarrollo social y económicamente sustentable y ha expulsado y despojado a las comunidades campesinas e indígenas de forma masiva.

Actualmente el sistema económico del Paraguay se sostiene principalmente por la producción y exportación agropecuaria. El 80% de las exportaciones se compone de cinco rubros primarios: fibra de algodón, soja en grano, aceites vegetales, carne y madera. Asimismo, una parte importante de la industria se basa en el procesamiento de estos productos.

El modelo agroexportador ha generado grandes beneficios a los sectores vinculados al mismo. Las empresas multinacionales controlan casi la totalidad de la provisión de insumos para la producción y las principales redes del comercio internacional de los rubros de exportación. Y los latifundistas, que históricamente han tenido un lugar privilegiado, vieron aumentar su riqueza gracias a la valorización inmobiliaria de las tierras, producto de la expansión de la soja.

Pero este modelo también ha empeorado el nivel de vida de la población de las zonas rurales. Producto de la expansión de la agricultura capitalista los pequeños productores y productoras son expulsados de sus tierras, que cumplen la función de asegurarles una buena alimentación y un lugar donde vivir. Incluso la producción volcada al monocultivo prácticamente elimina la diversificación productiva que sirve de sustento alimentario para toda la población. Este modelo somete a gran parte de la población campesina a la pobreza, la deja sin posibilidad de producirse a sí misma y de manera autónoma, pasando a depender de la economía capitalista para poder sobrevivir<sup>347</sup>.

---

<sup>347</sup> La “seguridad alimentaria” es entendida como el derecho de las personas al acceso a alimentos de calidad y cantidad suficientes; mientras que la “soberanía alimentaria” habla del derecho de los pueblos a definir su propia política alimentaria. Dominguez, 2005.

Por otro lado, el país se está quedando sin zonas boscosas y sin terrenos aptos para el cultivo. La explotación masiva de la tierra, la expansión del ganado y el avance de la sojización con el uso intensivo de los agrotóxicos erosionan cada vez más los suelos y promueven la deforestación, lo que lleva también a una contaminación y secamiento del agua.

### ***Los movimientos campesinos***

#### **La resistencia a través del tiempo**

A comienzos de 1960 se forman las Ligas Agrarias Cristianas (LAC), que frente a la dictadura y la represión dejan poco a poco su matiz religioso y pasan a tomar una forma más contestataria y de carácter reivindicativo, cuestionando la estructura injusta de la sociedad. Demandaban por la redistribución de la tierra, el pago justo de los precios agrícolas y proponían escuelas campesinas, chacras comunitarias, comercialización en conjunto y otras prácticas colectivas y solidarias que cuestionaban las relaciones de mercado propias del sistema capitalista.

En 1963 se crea el Instituto de Bienestar Rural (IBR) y el Estatuto Agrario, lo que habilita masivas colonizaciones y la legalización de ocupaciones de hecho en algunos departamentos. Por otro lado, las grandes obras hidroeléctricas y la demanda de trabajo en el sector de la construcción posibilitaron la ocupación de campesinos sin tierra. Esto sumado a la fuerte represión hacia las LAC entre 1975/76, desarticuló la organización y disminuyó la lucha por el acceso a la tierra.

Recién en los ochenta se activa el proceso de reorganización campesina. Varios dirigentes liguistas comienzan a generar nuevamente espacios de discusión y representación del sector campesino, aparecen nuevas organizaciones campesinas, no gubernamentales (ong's) como nuevo actor social y más organizaciones gremiales e independientes. El acceso a la tierra se plantea como el problema central con ocupaciones, aumento de conflictos y las primeras movilizaciones de protesta masivas. Estas acciones son respondidas por el gobierno autoritario con fuertes represiones.

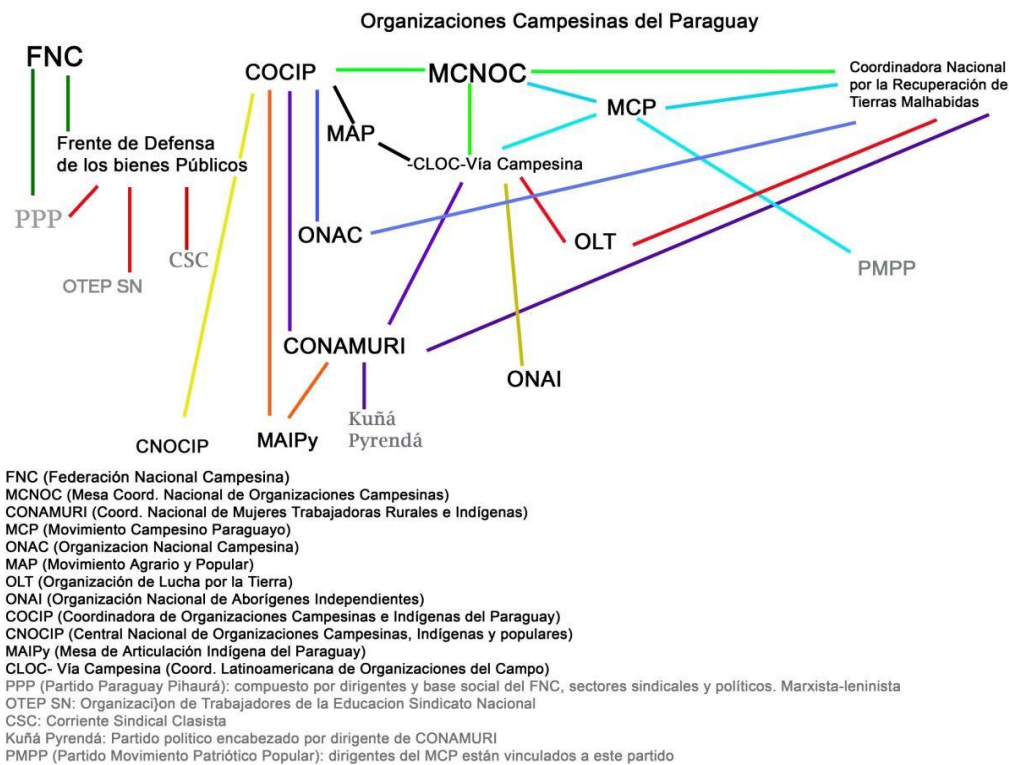
En 1989 con la apertura democrática, el conflicto por la tierra se acentúa. El nuevo régimen genera expectativas y el número de ocupaciones de latifundios y tierras malhabidas de militares y políticos aumenta enormemente. Se producen violentos desalojos, quemas de ranchos y cultivos, la conformación de bandas parapoliciales y desde los sectores de poder se presiona al Estado para que reprima las ocupaciones y movilizaciones. En este período el número de muertes campesinas aumenta enormemente.

Con el fin del gobierno autoritario, el desarrollo de las organizaciones campesinas da un gran salto y muchas organizaciones creadas en el periodo anterior logran asentarse. Sus demandas giran principalmente en torno a una reforma agraria integral, con la redistribución de la tierra como eje principal. La Coordinación Nacional de Organizaciones Campesinas (CONAPA) conformada en 1985, pasa a denominarse en 1991 Federación Nacional Campesina (FNC). La Mesa Coordinadora Nacional de Organizaciones Campesinas (MCNOC) funciona desde 1994 hasta 1997 como la única instancia de articulación de todas las organizaciones campesinas, pero en adelante se va produciendo una fragmentación y van conformándose otras instancias organizativas. Es en este periodo que se separa la FNC de la MCNOC, donde las diferencias llegaban a tal punto que en 1996 algunos dirigentes de la FNC junto a sectores sindicales y políticos, crean la herramienta política Movimiento Popular Revolucionario Paraguay Pyahurã, de inspiración marxista-leninista<sup>348</sup>. En 1999 se conforma la Coordinadora Nacional de Mujeres Trabajadoras Rurales e Indígenas (CONAMURI).

Actualmente las organizaciones más reconocidas a nivel nacional son la FNC y la MCNOC. Otra organización con peso es CONAMURI que adquiere un papel relevante principalmente a partir del año 2003, cuando demanda por el esclarecimiento de la muerte de un niño (hijo de una dirigente de CONAMURI) producto de las fumigaciones con agrotóxicos. De esta manera logran que la problemática de la soja adquiriera mayor importancia y concientización en la opinión pública. Es sobre todo a partir del año 2004 que las organizaciones campesinas más importantes reformulan sus demandas y las enfocan dentro de la crítica al modelo agroexportador y al neoliberalismo, superando el análisis coyuntural e intentando centrarse en la discusión de un nuevo modelo de desarrollo de país. Ese año fue el protagonista de grandes movilizaciones y ocupaciones de tierras, donde organizaciones sociales, campesinas, sindicales, de mujeres, indígenas y religiosas conforman el Frente Nacional de Lucha por la Soberanía y la Vida para frenar el avance de la soja.

---

<sup>348</sup> En el 2012 el movimiento pasa a convertirse en Partido Paraguay Pyahurã



\*Fuente: elaboración propia a partir de varias fuentes.

## **Demandas y apuestas hacia un país diferente**

Los reclamos de los movimientos campesinos se centran principalmente en una reforma agraria de carácter integral, pero dependen asimismo de los cambios que va atravesando la sociedad y que generan nuevos problemas. Así las demandas se diversifican y aparecen otras.

La sojización de los campos es un punto central en la agenda de los movimientos. El avance de la agricultura mecanizada proporciona el uso de agroquímicos que afectan los suelos, el agua y la biodiversidad en general así como a las poblaciones cercanas a los cultivos. El envenenamiento que provoca desplaza a las personas de los asentamientos campesinos y de sus lotes, muchas veces de manera intencionada (por ejemplo con la compra de lotes cercanos a los territorios que desean obtener, desde donde rocían con agrotóxicos los terrenos lindantes). Frente a esto el Estado no pone ninguna restricción ni protección y los sojeros muchas veces recurren a la policía y a los militares para realizar sus fumigaciones.

En relación a una propuesta política más amplia, el reclamo por una reforma agraria integral, la resistencia contra el modelo agroexportador excluyente y las políticas neoliberales, así como la importancia de un modelo de desarrollo nacional están presentes en la agenda de las principales

organizaciones: *Para la FNC, la lucha por la tierra es una lucha por el desarrollo nacional y por la soberanía de nuestro país. Para la FNC, conquistar un pedazo de tierra significa “eñemopyrenda” (hacer pie) y pelear desde allí por la transformación de un Estado oligárquico y proimperialista* (El resaltado es del autor) <sup>349</sup>.

A esto debe sumarse el protagonismo que van adquiriendo las mujeres, ya sea dentro de sus organizaciones o al momento de conformar espacios políticos propios, como por ejemplo el partido político Kuñá Pyrendá que se presentó en las últimas elecciones y tiene como una de sus representantes a una dirigente de CONAMURI.

También sostienen como necesaria la recuperación de la soberanía nacional en un contexto marcado por la presencia cada vez más aguda de sojeros brasileños en campos paraguayos, luego de desterrar a los campesinos y dejarlos en la miseria.

### *Ida y vuelta del Partido Colorado. De Lugo a Cartes*

#### **Fernando Lugo, el acompañamiento campesino y Curuguaty**

En el 2008 Fernando Lugo derrotó al Partido Colorado que estaba en el poder desde hacía 61 años y había hecho muy poco por disminuir (más bien acrecentó) la gran brecha social existente. Bajo la Alianza Patriótica para el Cambio (APC) se agruparon diversos personajes, líderes y organizaciones populares. Algunos movimientos populares apoyaron la candidatura de Lugo pero no formaron parte de la Alianza porque no estaban de acuerdo en compartir un espacio con sectores que habían aprobado leyes y políticas contra los sectores populares.

Los movimientos tenían la expectativa de que se cumplieran ciertas demandas como la lucha contra la corrupción y la impunidad, la recuperación de la soberanía energética, la reforma del Estado y la reactivación económica. Las organizaciones campesinas planteaban como demandas urgentes la reforma agraria integral, el catastro nacional, políticas productivas y la soberanía alimentaria, entre otras.

El Estado estaba comenzando tímidamente a asumir otro rol, principalmente a través del fortalecimiento de las instituciones y el desarrollo de programas sociales. Había más técnicos y técnicas

---

<sup>349</sup> [http://www.fnc.org.py/?page\\_id=190](http://www.fnc.org.py/?page_id=190)

en los ministerios, se realizaban concursos para el ingreso de funcionarios, el área social tenía un protagonismo superior, la salud pública un enfoque más preventivo y un alcance a poblaciones que nunca antes habían accedido a la atención estatal. Sin embargo los sectores de poder, incluso quienes formaban parte de la alianza, trataron de impedir estos avances con amenazas de tractores, bloqueos en el parlamento (por ejemplo a la adquisición de tierras mediante la compra por parte del Estado), a la reforma de leyes para una mayor protección contra los agrotóxicos por parte del Servicio Nacional de Calidad y Sanidad Vegetal y de Semillas (SENAVE), a través de la justicia impidiendo muchas veces las mediciones y controles de tierras sospechadas de ser adquiridas ilegalmente.

Hubo puntos importantes del programa de Lugo que no fueron llevados a cabo, principalmente el relacionado con la reforma agraria, y que generaron movilizaciones por parte de las organizaciones. Así se reactiva la lucha por la tierra con las ocupaciones y el Movimiento de los Carperos<sup>350</sup> adquiere relevancia al ser quien ejerce mayor presión al gobierno.

El 15 de junio de 2012 unas tierras en litigio conocidas como Marina Kue fueron testigos de una matanza que dejó 17 víctimas (11 campesinos y 6 policías), en medio de un desalojo de las fuerzas policiales. Estas tierras se encontraban ocupadas desde hacía aproximadamente un mes por campesinos y campesinas que pertenecían al Movimiento de los Carperos. Quien se atribuye la propiedad de éstas es Blas Riquelme, ex senador del Partido Colorado y uno de los beneficiarios privilegiados de las miles de hectáreas de tierras fiscales que Alfredo Stroessner entregó durante su mandato. Muchos testigos y varias investigaciones sostienen que el uso de la fuerza fue brutal y desproporcional comparado con la situación, donde incluso se reprimió y persiguió a pesar de que las tierras ya estaban bajo el control de la policía. Se realizaron detenciones e imputaciones arbitrarias, sin ninguna prueba y que involucraron a personas que ni siquiera habían participado de la ocupación. Estas imputaciones no fueron levantadas a pesar de comprobarse las irregularidades y falta de pruebas en los procesos. Hasta el día de hoy este suceso no fue esclarecido y los únicos procesados son campesinos.

---

<sup>350</sup> Este movimiento surge hace unos años durante el gobierno de Fernando Lugo. Campesinos y campesinas sin tierras que formaban parte de las comisiones vecinales, comenzaron a reunirse y discutir qué podía hacerse con el problema de la tierra. Desde la visión de sus propios integrantes el movimiento surge producto de la desilusión hacia las organizaciones campesinas tradicionales que no querían presionar al gobierno de Lugo y por lo tanto no respaldaban sus demandas, y frente al mismo gobierno con el que se habían generado expectativas que no estaban siendo satisfechas.

Este hecho llevó a la realización de un juicio político en contra del presidente bajo la acusación de “mal desempeño de sus funciones”, a la que se sumaban otras causas como la realización de un acto político en una dependencia militar en el año 2009, el caso Ñacunday<sup>351</sup>, la incapacidad de Lugo y su gobierno de frenar la creciente inseguridad y el Protocolo de Ushuaia II<sup>352</sup>. El juicio fue sumamente rápido, el acusado tuvo solo dos horas para preparar su defensa frente a una acusación que carecía de pruebas, pero que sostenía que los hechos eran de público conocimiento. Lo que sí puede afirmarse claramente es que el juicio no respetó las normas constitucionales del debido proceso.

Considerando todas estas irregularidades, ¿a quiénes les convenía este juicio para eliminar a Lugo de la escena política? Cabe aclarar que el Parlamento estaba compuesto en su mayoría por liberales y colorados. En otras oportunidades en que se quiso llevar adelante un juicio a Lugo los liberales lo frenaron, pero esta vez se unieron a los ultra conservadores y se opusieron a la persona con la que asumieron el poder. Liberales y colorados se asemejaron más que nunca.

Aunque con este gobierno la estructura socioeconómica permaneció intacta y los intereses dominantes no se tocaron (un ejemplo es la bajísima presión tributaria que sigue poseyendo el país), los grupos de poder sintieron la amenaza ante algunos cambios. Demostraron no estar dispuestos a ceder ni una porción ínfima de su poder, así como tampoco aceptar una integración mínima de los grupos más desfavorecidos.

## **El gobierno de Franco**

Una vez destituido Lugo por el juicio parlamentario, asume el vicepresidente Federico Franco del Partido Liberal.

El área donde más atacó Franco fue justamente la agraria, allí donde Lugo casi ni intervino. Anunció una ley para permitir la venta de las tierras de la reforma a precio de mercado. El INDERT paralizó la mensura judicial de tierras en disputa y también se anunció la no intención de gravar con impuestos el sector de los agronegocios.

---

<sup>351</sup> Un conflicto por la ocupación de tierras en Ñacunday, ocurrido en el 2011.

<sup>352</sup> Acusaban que este acuerdo firmado por los países del Mercosur constituía un atentado a la soberanía del Paraguay. El mismo no había sido firmado todavía por Paraguay y ni siquiera había sido enviado al Parlamento.



El SENAVE aprobó sin ningún tipo de control necesario ni cumplimiento de normas legales una variedad de algodón transgénico de la multinacional Monsanto, que la gestión anterior había rechazado. El gobierno de Franco también aprobó cuatro variedades de maíz transgénico corriendo el riesgo de que los maíces nacionales se contaminen con el patentado, lo que provocaría que las grandes empresas obliguen a pagar por el derecho de uso.

Con el gobierno anterior se había creado la resolución n° 1660/11 que intentaba reglamentar la Ley n° 3742 de aplicación de agroquímicos en plantaciones de soja y obligar a los productores a que informen acerca de cada aplicación de plaguicidas. Franco derogó esta resolución y el SENA-VE (cuyo presidente en ese momento era accionista de Pacific Agrosiences<sup>353</sup>) anunció una desregulación de las fumigaciones.

En abril del año 2013 se llevaron a cabo las elecciones nacionales que dieron como ganador a Horacio Cartes del Partido Colorado, quien asumió en agosto.

### **Cartes y las políticas neoliberales**

En sólo tres meses de asumir el gobierno, el presidente Horacio Cartes y el Partido Colorado, con una mayoría en el Congreso, aprobaron tres leyes anti populares. La primera que se sancionó a días del nuevo gobierno, es la ley 5036/13 de Defensa Nacional y Seguridad interna, que consiste en la intervención de las fuerzas militares sobre asuntos de carácter interno con el supuesto objetivo de combatir el Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP)<sup>354</sup>. Se trata de la militarización de zonas donde la movilización campesina es más intensa, como los Departamentos de Amambay, San Pedro y Concepción, trabajando de manera conjunta la Policía Nacional y las Fuerzas Armadas.

La segunda ley es la de Alianza Público-Privada (APP) que implica la concesión de bienes, servicios y recursos públicos al sector privado, bajo la justificación de atraer inversiones extranjeras al sector público. De acuerdo a la normativa, la toma de decisiones en torno a las concesiones está a cargo exclusivamente del poder ejecutivo, dejando de lado la intervención del Congreso. Se produce una centralización del poder de gobierno, lo que le da mayor libertad de acción a Cartes.

---

<sup>353</sup> Empresa dedicada a la venta de agroquímicos

<sup>354</sup> Servicio de paz y justicia Paraguay (SERPAJ PY)

Y por último, se encuentra la ley de responsabilidad y disciplina fiscal que establece un límite al presupuesto general de gastos de la nación, provocando ajustes en los gastos públicos (principalmente salud, educación, protección social, etc.).

Con estas leyes el gobierno actual deja en claro la dirección neoliberal a la que apunta, lo que conlleva una mayor concentración de la riqueza y el avance ininterrumpido del capitalismo agroindustrial. No puede pensarse la aprobación de la Ley de APP, sin la militarización de territorios con una fuerte presencia de organizaciones campesinas consolidadas como la FNC. Incluso se habla de un Plan sistemático de ejecuciones de militantes campesinos (varios dirigentes), que tiene la finalidad política de desplazar a la población campesina de sus territorios a favor de los intereses ligados al agronegocio: *se articula entre terratenientes e intereses corporativos ligados a los agronegocios que, aliados con líderes políticos tradicionales, mantienen capturado al Estado, sirviéndose del mismo y utilizando sus medios de represión para perpetrar esos crímenes y garantizarse su impunidad* (Codehupy 2014:7).

### **Luchas y estrategias actuales de los movimientos campesinos**

Frente al giro hacia la derecha de la política institucional paraguaya y el amplio margen de acción que están teniendo los grupos de poder ¿qué rol juega el movimiento campesino?

Ya en octubre del 2013, luego de la aprobación de la ley de APP, entre 60 y 70 mil personas se movilizaron en todo el país. Luego, el 26 de marzo del 2014 se produce la primera huelga general después de 18 años. Organizaciones sociales, sindicales, estudiantiles, indígenas y campesinas se levantan frente a las políticas privatizadoras y represivas. Se producen movilizaciones en el interior del país, cortes de ruta en 14 departamentos, un Festival Popular hacia la Huelga General y por la Libertad de los Presos de Curuguaty y más de 21 piquetes en Asunción y el Área Metropolitana. A todo esto, se suma la XXI Marcha del Campesinado Pobre de la FNC, en Asunción. Se trató de la primera gran movilización y acción unitaria, desde las movilizaciones de resistencia al golpe parlamentario del 2012. Otra movilización importante fue la del 13, 14 y 15 de agosto también convocada por organizaciones sociales y políticas.

En todas estas movilizaciones, ya sea agrupadas por sectores o afinidad política participaron el PPP, la FNC, la Corriente Sindical Clasista (CSC), la Organización de Trabajadores de la Educación (OTEP SN), la MCNOC, CONAMURI, Kuñá Pyrendá, 15 de Junio, el Frente Patriótico Popular, la OLT, el Frente Guasú y otras organizaciones. Recurrentemente puede observarse que el PPP, la FNC, la CSC y la OTEP SN se movilizan en conjunto, ya sea en esas marchas como en

otras convocadas más recientemente. Por otro lado se encuentra la MCNOC, compartiendo los mismos reclamos pero sin organizar acciones en conjunto más que compartir una fecha de movilizaciones como las de marzo y agosto.

Un hecho interesante de destacar es el llamado de las organizaciones sociales y políticas al Congreso Democrático del Pueblo. Ya en el año 2002 se organizó este Congreso como una extensa articulación de movimientos sociales y políticos en resistencia a las privatizaciones de unas empresas públicas y contra un proyecto de ley antiterrorista durante el gobierno de Luis González Macchi, resistencia que tuvo éxito. Quienes forman parte actualmente son Frente Guasú, PPP, FNC, CONAMURI, MCNOC, organizaciones estudiantiles, sindicales y otras.

### ***Perspectivas futuras***

Las movilizaciones llevadas a cabo por el movimiento campesino demuestran que está dispuesto a enfrentar de manera activa al actual gobierno. Muchas organizaciones son las que han salido a la calle a protestar, encontrándose en las mismas jornadas de lucha. Esto permite pensar en la posibilidad de una articulación más permanente entre las organizaciones campesinas y no sólo en los momentos de movilizaciones, aunque sean una importante herramienta de presión. Ya en otros momentos históricos supieron encontrarse en los mismos espacios de discusión y acción, en contextos que reclamaban la unidad del campo popular, como en el año 2002 con el intento de privatizaciones, donde conformaron el Congreso Democrático del Pueblo. La misma MCNOC (junto a otras coordinadoras más pequeñas) es una muestra de la capacidad de articulación que tienen las organizaciones, aunque no hayan logrado permanecer juntas dos importantes a nivel nacional como son la misma MCNOC y la FNC. Habrá que preguntarse qué motivos provocan que existan varias coordinadoras, donde las organizaciones se encuentran en algunas y no en otras. Y también si la cuestión de formar parte de un partido político, como lo hace la FNC, influye en la posibilidad de coordinación.

El proceso de reconstitución del Congreso Democrático del Pueblo es un paso importante hacia la unificación del movimiento campesino. Ya hay indicios de estar discutiendo y planificando acciones como parte de este Congreso, como lo es el plan de lucha que surgió de la Plenaria Departamental en Caaguazú.

Por último es interesante pensar en los movimientos campesinos a partir de una potencial disputa al poder dominante. Por un lado representan una alternativa al modelo de agricultura industrial capitalista, luchando por la permanencia de un modelo de agricultura familiar donde la relación con el territorio es diferente. No está ligada a lo mercantil sino que es parte de una cultura, de un modo de vida, de una identidad.

Por otro lado, desafían las relaciones de poder vigentes al plantear una estructura de la posesión de la tierra más igualitaria, un Estado diferente que pelee por la soberanía de su territorio y plantee un modelo de desarrollo nacional y autónomo. Incluso sostienen un tipo de democracia que define a la ciudadanía en función del goce de una multiplicidad de derechos, algo contrario al sistema político actual que se restringe al derecho al voto y en momentos de conflictividad social, como el actual, sólo responde de manera represiva.

Pero también se percibe la intención de construir formas más igualitarias de relaciones entre géneros, ya sea con un mayor protagonismo de las mujeres dentro de las organizaciones como en el campo político. Se observa en el espacio público la presencia de varias referentes (la FNC tiene una secretaria general, Teodolina Villalba), así como espacios conformados exclusivamente por mujeres como CONAMURI o Kuñá Pyrendá. Quedaría por rastrear si existen otros ámbitos donde los movimientos campesinos peleen en contra del patriarcado. En este sentido, CONAMURI se conforma como una organización que tiene una mirada más feminista.

## **Bibliografía**

CODEHUPY. “Informe Chokokue 1989-2005. Ejecuciones y desapariciones en la lucha por la tierra en el Paraguay”, 2007.

\_\_\_\_\_. “Informe Chokokue 1989-2013. El plan sistemático de ejecuciones en la lucha por el territorio campesino”, 2014.

DOMÍNGUEZ, Diego; SABATINO, Pablo. “La muerte que viene en el viento. La problemática de la contaminación por efecto de la agricultura transgénica en Argentina y Paraguay. *Los señores de la soja: la agricultura transgénica en América Latina*. CLACSO. Buenos Aires, 2005.

FOGEL, Ramón. “Movimientos campesinos y su orientación democrática en el Paraguay”. *La construcción de la democracia en el campo latinoamericano*. Grammont, Hubert. CLACSO. Buenos Aires, 2006.

PALAU VILADESAU, Tomás. “El movimiento campesino en el Paraguay: conflictos, planteamientos y desafíos”. *OSAL, Observatorio Social de América Latina. CLACSO. No. 16 ene-abr 2005.*

SERPAJ PY. “Resistencia campesina ante los abusos de poder. Informe de allanamientos, detenciones y desalojos en los primeros tres meses de gobierno del presidente Horacio Cartes”. Asunción, 2013.

## **Análisis de la “Política integral de envejecimiento positivo en Chile**

Natalie Rojas Vilches

### **Introducción**

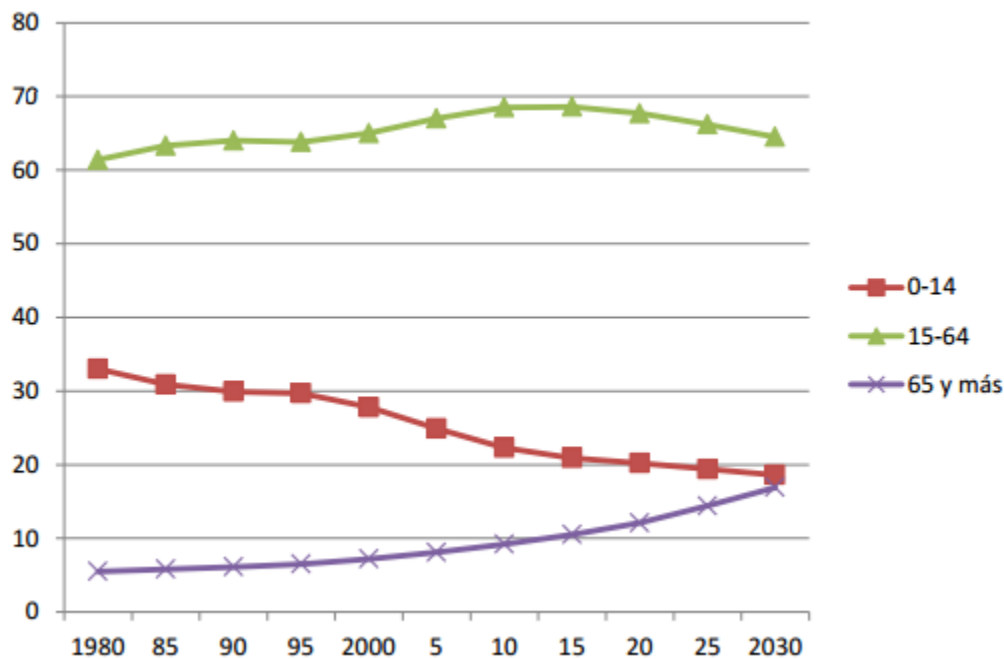
Por estos días, no hay dudas sobre el hecho de que la población mundial está envejeciendo, como consecuencia de los cambios sociales y económicos que permiten una prolongación de la vida comparado con épocas anteriores, por ejemplo, las mejoras alimenticias, mejorías en la higiene, mayor acceso a salud especializada entre otros que conducen al aumento de la calidad de vida.

### **Algunos antecedentes**

El año 2010, la Naciones Unidas sacaron el “*Informe de envejecimiento de la población*”, el cual abordaba cuatro ejes primordiales:

- a) El envejecimiento de la población nunca antes se había presentado desde los inicios de la humanidad, considerando que la población envejece cuando de manera proporcional aumenta el número de personas sobre los 60 años, acompañado de una disminución proporcional de los niños y de las personas en edad activa para trabajar.
- b) Este envejecimiento es mundial, no se encuentra centrado en ninguna zona o país específico, el que va de la mano con la reducción universal de la tasa de fecundidad.
- c) Las consecuencias de este envejecimiento tienden a ser profundas y trascendentes. Desde la óptica económica, este hecho tendría consecuencias en el crecimiento, desarrollo, mercado de trabajo, de pensiones como también en los impuestos; mientras que desde la esfera social, se vería en el aumento demandas por vivienda, migraciones y demandas de salud.
- d) Este envejecimiento no se detendrá, se espera que hacia el año 2050 alcance un 22%, y que por supuesto la fecundidad vaya en descenso.

Tabla n°1 Envejecimiento de la población en Chile



Fuente: [www.senama.cl](http://www.senama.cl)

En Chile, el 15% de la población es mayor de 60 años y se estima que hacia el año 2030 esta cifra aumente a un 23% (SENAMA, 2010), es decir que estamos frente a un fenómeno que hace que la población chilena presente un envejecimiento avanzado en un corto plazo.

Los siguientes indicadores, nos ayudan a visualizar de mejor manera las razones que han provocado este hecho:

Tabla n° 2: Motivos para pensar en una política orientada hacia el adulto mayor

| Nivel de envejecimiento:                 | Salud y Dependencia                   | Educación                           | Hogar y seguridad económica        |
|--|---------------------------------------|-------------------------------------|------------------------------------|
| -Chile es el segundo país mas envejecido | -1 de cada 5 personas adultos mayores | -Los adultos mayores tienen un pro- | -El 8,9% de los adultos mayores no |

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
| <p>de Latino América.</p> <p>-El 2025 será el país mas envejecido de la región</p> | <p>necesita ayuda para hacer sus actividades cotidianas.</p> <p>-2 de cada 3 adultos mayores dependientes son mujeres.</p> <p>-El 92,2% de sus cuidadores son mujeres jefas de hogar.</p> | <p>medio de 7,8 años de estudios.</p> <p>-El 42% de ellos no completo su enseñanza básica.</p> <p>-El 10,3% de la población mayor posee algún tipo de estudio superior.</p> <p>-El 10,5% de las personas mayores no sabe leer ni escribir.</p> | <p>sabe leer ni escribir.</p> <p>-1 de cada 3 hogares en Chile tiene un adulto mayor a su cuidado.</p> <p>-1 de cada 10 adultos mayores vive solo.</p> |
|--|---|--|--|

Fuente: Elaboración propia con datos extraídos desde [www.senama.cl](http://www.senama.cl)

### **Chile para todas las edades: “Política integral de envejecimiento positivo en Chile”**

El envejecimiento activo es una forma de generar un futuro atractivo para las personas, comienza desde la gestación y está vinculada con un buen morir. A nivel de política busca que los adultos mayores puedan llevar adelante su vejez de manera activa y saludable, pudiendo desenvolverse en todas las esferas de la vida social.

Para la OMS, envejecimiento activo es la optimización de oportunidades del bienestar físico, social y mental durante todo el ciclo vital, para ampliar la calidad de vida en la vejez (SENAMA, 2012). Bajo estos postulados es que se orienta la política pública chilena, la que comprende los siguientes objetivos:

Objetivos Generales:

- Proteger la salud de las personas mayores
- Mejorar su participación e integración en la vida social



- Incrementar en bienestar subjetivo de los adultos mayores

Si bien, el Estado tendrá un rol preponderante a la hora de llevar a cabo esta política, ya en su praxis serán las familias, universidades, el sector privado, otros actores sociales los encargados de concretarla, así los chilenos podrían enfrentarse de mejor manera esta nueva estructura demográfica, lo que sería un salto cualitativo en materia de sociedad y por supuesto de calidad de vida.

Objetivos específicos:

- Aumentar la oferta en materia de salud para los adultos mayores
- Dotar al país de profesionales con conocimientos específicos de cuidado del adulto mayor
- Dotar de actividades sociales al adulto mayor en las que pueda recrearse
- Mejorar el nivel educacional y profesional de los adultos mayores
- Proteger su seguridad económica
- Adecuar hogares, medios de transporte, y ciudades para estos tengan un buen vivir, según sus necesidades.
- Mejorar la cobertura y el acceso a la justicia de los adultos mayores, considerando a estos como sujetos de derecho.
- Potenciar la identidad cultural y positiva de los adultos mayores
- Aumentar el número de investigaciones y publicaciones sobre los adultos mayores
- Evaluar y optimizar periódicamente el bienestar de los adultos mayores

### **Cohesión, participación y exclusión de los adultos mayores**

Cohesión social es definido como “*la fuerza o la acción mediante la cual los individuos pertenecientes a una sociedad se mantienen unidos*” (Tironi y Tironi 2006 en Palma 2008). Según esto, y con los antecedentes esbozados arriba es que podemos ver que este tipo de política pública orientada a los adultos mayores sí contribuye a la cohesión en la medida que se encuentra directamente orientada al fortalecimiento de una sociedad, un amplio sentido de la vida tanto social como en

materia de salud, ya que si bien, son los adultos mayores su foco, está pensada para que esta calidad de vida sea en todos los niveles etarios.

Un componente básico y sustancial de las sociedades Latinoamericanas de los próximos años son los adultos mayores, por lo tanto es una tarea como región el poder generar las condiciones necesarias para su inserción plena.

**Bibliografía:**

Consulta en página web [www.senama.cl](http://www.senama.cl)

PALMA, A. Las políticas públicas no contribuyen a la cohesión social. [artículo en pdf], 2008.

## **Activismo digital: ¿nuevos repertorios juveniles o movilización efímera? El caso #yosoy132**

### **Ativismo digital: novos repertórios juvenis ou mobilização efêmera? O caso #yosoy132**

Omar Cerrillo Garnica (Universidad Autónoma del Estado de Morelos. [ocerrillo@hotmail.com](mailto:ocerrillo@hotmail.com))

#### **Resumen**

En 2012, apareció en la agenda electoral de México un inesperado movimiento estudiantil #yosoy132, movilizado y agilizado por una amplia comunicación a través de las redes sociales digitales. En este trabajo analizaremos el movimiento a partir de conceptos de las teorías de acción colectiva, como repertorio, identidad y ciclo de protesta; aplicados particularmente al activismo digital. Asimismo, se revisará las prácticas comunicativas y organizativas del movimiento en relación al uso de medios digitales de comunicación. Con ello se pretende demostrar que los movimientos sociales se están reconfigurando a partir del empleo de herramientas digitales de comunicación en su capacidad organizativa, sus implicaciones epistemológicas, y fundamentalmente, nuevos repertorios de campaña.

#### **Palabras clave**

Redes sociales, movimientos sociales, inteligencia colectiva, activismo digital

#### **Summary**

In 2012, a student movement appeared in the electoral agenda in Mexico, #yosoy132, which was mobilized through a deep use of social media for communication and organization beneath the group. This work analyze the movement through the concepts of collective action theory, like repertory, identity and protest cycle; applied to the idea of ciberactivism. Also, the paper look over the communicational practices and organizational procedures and their relationship with social media. With these, we'll try to demonstrate that social movements are rearranged through the incorporation of social media with implications in the organization size, in the epistemological dimension, and the campaign repertoires.

#### **Key Words**

Social media, social movements, collective intelligence, netactivism

## Introducción

El siglo XXI, acompañado de su inminente tecnologización, se nos asomaba en las postrimerías del XX como una suerte de “fin de la historia”, donde las relaciones ínfimas y superfluas que supondría la hipermediación de las relaciones humanas a través de las interfases digitales nos llevaría a una sociedad apolítica, pues ya no habría razones para ocupar tiempo y energía en cuestiones ideológicas. La realidad ha sido muy distinta, desde el primer año del siglo. Con la caída de las Torres Gemelas, no había “fin de la historia” ni “choque de civilizaciones”, sino una confrontación con un ente impersonal y supranacional, difuso y confuso. La reiteración de que la política sigue aquí se dio ante la constante y potente movilización social mundial a partir de 2011. Los rasgos comunes de todas las movilizaciones son su base de jóvenes, la comunicación a través de redes digitales, así como la formación de nuevos repertorios de protesta a través de estas plataformas (Van Laer, 2010).

En este texto analizaremos el papel que han desempeñado las redes sociales digitales en la organización y repertorio del movimiento #yosoy132, partiendo del testimonio de sus integrantes. De igual forma, haremos un breve pero significativo recorrido por los sustentos teóricos más relevantes, de los cuales se toman conceptos para analizar el caso del #yosoy132 y así revisar el papel que toman las redes digitales en la formación, organización y comunicación de los movimientos sociales contemporáneos. También es importante considerar que otro punto en común ha sido la brevedad del ciclo de acción de las movilizaciones recientes. Es importante también cuestionarse si esta es una característica intrínseca a los tiempos en que vivimos, guardando alguna relación con la innovación del uso de estas nuevas tecnologías en la conformación de los grupos movilizadas.

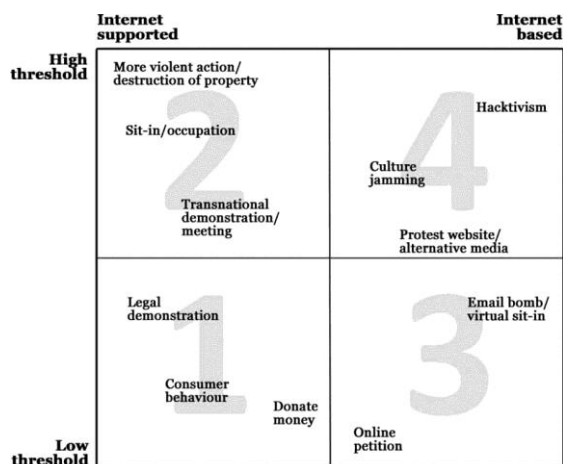
## La teoría de los movimientos sociales en el siglo XXI

A partir de 2011 vivimos una ola de movilización en diversas partes del mundo: los Indignados, la Primavera Árabe en Egipto, Libia y otros países de la región; movimiento *Occupy Wall Street*, y la lista sigue. Si bien existe cuantiosa bibliografía y teoría alrededor de los movimientos sociales, aún es breve en cuanto al de los movimientos sociales del siglo XXI que han utilizado la web 2.0. Sin embargo, existe una tendencia a la integración teórica, un acercamiento que “ha llevado a que cada uno tome en cuenta las perspectivas del otro y se encamine hacia la confluencia teórica” (Rivas, citado en Santamarina, 2008: 118). Aunado a lo anterior, se puede afirmar que hoy se vive una “proliferación de movimientos y su heterogeneidad sigue siendo una de las características más

notables de las últimas décadas” (Santamarina, 2008: 122); situación que se ha acentuado en los últimos años. Asimismo, otra constante que ubicamos en la movilización reciente es el uso común de Internet no sólo como un medio de comunicación, sino como un instrumento de organización, propagación del movimiento e incluso, de replanteamiento de los repertorios de protesta; efectos que son uno de nuestros principales intereses en esta investigación.

Una de los trabajos teóricos que vinculan la movilización social con las redes digitales es el de Charles Tilly (2010), quien se centra en los movimientos globalifóbicos de inicios de siglo, que, si bien utilizaron Internet en su organización, aún no se suscriben en el periodo de la Web 2.0 (redes digitales como *Twitter*, *YouTube* o *Facebook*). El autor sugiere ser "cautos [al momento de] reflexionar sobre el lugar que ocupan las tecnologías de la comunicación en las relaciones sociales en sentido amplio, así como en los movimientos sociales del pasado, conviene mantener una postura escéptica ante un determinismo tecnológico rotundo" (p. 210). Sin duda es fundamental mantenerse “con extrema cautela a la hora de otorgar a los contextos globales un papel explicativo por sí mismos” (Santamarina, 2008: 122). La tecnología y las redes sociales no hacen al movimiento ni lo determinan, sin que esto minimice su papel en las recientes organizaciones. En ese dilema estamos reflexionando, ¿cómo explicar el papel de las redes sociales en la movilización social cuando es claro que tampoco es un aspecto determinante?

Una explicación que nos resulta fundamental para comprender la relación de los movimientos sociales con las redes sociales la encontramos en los trabajos de Jeroen van Laer y Peter van Aelst (2010), para quienes Internet ha sido un gran motor para los movimientos sociales desde los años noventa, con el surgimiento del movimiento zapatista en Chiapas, México en 1994 y los primeros movimientos globalifóbicos de 1999 en Seattle. La premisa central de su trabajo se encuentra en establecer la relación entre el repertorio de los movimientos y su relación con el Internet. En este sentido, establecen dos categorías de movimientos; los basados en Internet (Anonymous) y los que sólo se apoyan en Internet (el movimiento 15M); asimismo, elaboran una diferenciación dentro de estos dos grupos, entre los movimientos de bajo y alto umbral, lo que significa el nivel de protesta de cada movimiento, lo que a su vez se relaciona con el repertorio de cada movimiento en función de su relación con la red. En conclusión, para los autores quedan establecidos cuatro niveles de relación de los movimientos con Internet, tal como se puede ver en el siguiente cuadro:



(Van Laer, Van Aelst, 2010: 1149)

Esta clasificación es muy reveladora sobre la relación que guardan las redes digitales con la movilización. Por una parte, nos permite identificar la incidencia de la tecnología en el repertorio de los movimientos así como distanciarse teórica y metodológicamente del peligroso determinismo tecnológico, ya que se puede distinguir entre protestas *online* y *offline* (Haro, 2011). Con ello queda claro que el determinismo tecnológico sólo aplica para un grupo reducido de movimientos que se manifiestan de manera exclusiva a través de Internet y que siempre está latente la posibilidad de combinar el repertorio en línea y en la calle.

Una de las mayores ventajas que representa Internet en la conformación de movimientos sociales reside en las nuevas formas de hacer comunicación. Castells (2012) lo define como la “autocomunicación de masas (...) porque potencialmente puede llegar a una audiencia global”, pero es completamente autoproducida, y lo define como:

históricamente novedoso y tiene enormes consecuencias para la organización social y el cambio cultural es la articulación de todas las formas de comunicación en un hipertexto digital, interactivo y complejo que integra, mezcla y recombina en su diversidad el amplio abanico de expresiones culturales producidas por la interacción humana (Castells, 2012: 88).

Es este potencial el que hace singular la relación entre la movilización y la comunicación digital, pues estas cualidades de la comunicación de nuestros tiempos permiten que la relación entre comunicación y poder conceda nuevas facultades comunicativas a los ciudadanos. Sin embargo, existen otros aspectos que debemos tomar en cuenta, como el control sobre las redes digitales. William Lafi Youmans y Jillian C. York (2012) analizan el papel que jugaron *Facebook*, *YouTube* o *Twitter* en las revueltas en Túnez, Egipto y Siria operaron con censura hacia los movimientos y

con cierto apoyo a los regímenes contra los que protestaban los movimientos sociales. Julian Assange y su equipo de colaboradores narran su situación con *Wikileaks*, ya que bajo el cobijo de la Stored Communications Act, el gobierno norteamericano presionó a *Google*, *Twitter* y *sonic.net* para que revelara información de los administradores e informantes de *Wikileaks* (Assange, 2012: 71). Asimismo, Richard A. Clarke y Robert K. Knake (2011) evidencian la ciberguerra que Rusia emprendió contra Estonia y Georgia como parte de una nueva forma de hacer guerra por Internet. Si los ciudadanos se pueden organizar por esta vía, los Estados también están listos para utilizar las cibercomunicaciones para la guerra. Ante estos escenarios, pareciera que los movimientos sociales tendrían que diseñar plataformas alternas a las redes más populares, pues son parte del sistema que confrontan.

Además de la cuestión comunicativa, otros aspectos relevantes en el análisis se encuentran en los temas de la identidad y el conocimiento. En lo que respecta a la cuestión identitaria, hay que considerar la teoría de la acción colectiva (Melucci, 1999; Della Porta, 2006), desde la cual identidad y cultura son esenciales para ir a la movilización. En este sentido, hay que considerar que el empleo de redes agiliza la cohesión del colectivo, pues su relativo anonimato permite un rápido encuentro del propósito común (Postmes, 2002). El desenvolvimiento en estas militancias “no formales” se puede expresar y manifestar cuando quiere y donde quiere sin los altos costos de la participación “formal” (Pereira, 2011: 16).

Sin embargo, así como es fácil participar, es también fácil deslindarse. A partir del concepto de “identidad distribuida” de Sherry Turkle (citado en Ardèvol, 2002), se puede hacer una metáfora de la personalidad desenvuelta en el número de ventanas abiertas en la computadora como ejemplo de la fragmentación de la atención y de la identidad. Para cada una hay un yo distinto, lo que obliga a una constante sobreposición de intereses, todo un “triumfo del bricolaje”. Aquí el dilema se viene en tratar de establecer qué tanto incide la “distribución” de la identidad virtual en el nivel de compromiso político e ideológico al interior de los movimientos. Cass Sunstein (2001) sostiene que la relación entre Internet y democracia no es óptima, pues el control que el internauta tiene para filtrar información motiva que sólo se atienda aquello que refuerce su propia visión y rechazará todas las opiniones contrarias, evitando así el debate y la confrontación de ideas, una de las cualidades más importantes en el ejercicio democrático.

En cuanto al tema del conocimiento, es fundamental el concepto de “multitudes inteligentes” o “smart mobs” que acuñó Howard Rheingold (2002), para nombrar el aglutinamiento de personas en torno a un propósito común, ejerciendo lo que el propio autor llama “inteligencia colectiva”. En

los espacios Wiki, por ejemplo, todo el contenido se gesta a partir de las colaboraciones voluntarias de la gente. Este mismo proceso sucede al interior de los movimientos sociales cuando interactúan a través de Internet, pues la información y sustento de las demandas circulan de forma vertiginosa, con datos sólidos en poco tiempo. Esto es toda una revolución epistemológica, como cuando “el protestantismo se apropió del arte de edición en su batalla contra la ortodoxia católica” (Candón, 2013: 235). Internet está generando la “sociedad red, la estructura social que caracteriza a la sociedad a principios del siglo XXI, una estructura social construida alrededor de (pero no determinada por) las redes digitales de comunicación” (Castells, 2012: 24). Esta nueva estructura también reconfigura los flujos de poder, brindándoselo a quienes puedan conectar y programar la red. En este sentido, los movimientos sociales cuentan con el contrapoder de “resistirse a la programación e interrumpir las conexiones” (p. 84); pero también son capaces de gestar métodos alternativos de conexión, como es el caso de Wikileaks (Assange, 2012).

La pregunta que nos queda en el aire es si esta revolución epistemológica es la piedra angular para generar movimientos sociales que devengan en revoluciones epocales. ¿Es Internet el gestor de una ola de protestas capaz de devenir revolución o estamos ante expresiones efímeras de protesta, más afines a una pulsión juvenil que a una formada posición política? Estas preguntas motivan el análisis del caso mexicano, el movimiento #yosoy132, surgido en medio de las campañas políticas, logrando la organización de un debate presidencial.

### **#yosoy132: un breve recuento de los hechos**

En el marco de las campañas presidenciales, la Universidad Iberoamericana de la Ciudad de México convocó a los cuatro candidatos a la Presidencia de México a dictar conferencias en el campus universitario para la comunidad académica. Ya habían pasado por esta pasarela el candidato del minúsculo Partido Nueva Alianza; así como el candidato de los partidos de izquierda, personaje por muchos amado y por otros odiado, Andrés Manuel López Obrador. A este último en especial lo habían tratado muy bien, entre vítores de “presidente” y aplausos pasó su presentación.

El asunto no dejaba de sorprender a propios y extraños, pues esta casa de estudios ha estado históricamente asociada a la derecha en México:



Me llamó mucho la atención todo lo que estaba pasando, y sobre todo, me llamó mucho la atención que pues era una universidad de paga, que era la Ibero, como que no era de esperarse que algo así pasara (Alexa)<sup>355</sup>

Fue vencer un paradigma en el que, ah sí, solamente los de escuelas públicas pueden hacer ese tipo de cosas o pueden alzar la voz porque los fresitas no se interesan por el país, porque los fresitas son una minoría, que la verdad, ellos viven bien, ellos no tienen porqué preocuparse y la verdad les vale el país. (Marissa)

En este escenario llegó el viernes 11 de mayo, cuando el candidato presidencial del Partido Revolucionario Institucional, Enrique Peña Nieto, favorito de las televisoras y los poderes fácticos del país, se presentó en la universidad. El aplauso y el abucheo se alternaron desde su arribo y no cesaron durante la presentación de 50 minutos. Peña Nieto intentó ser conciliador, pero sucumbió a la tentación autoritaria y respondió lo injustificable, pues había sido increpado sobre un acto de brutalidad policiaca que se había realizado en los años en los que fue gobernador del Estado de México. Ya fuera de tiempo, Peña Nieto volvió a tomar el micrófono para hablar del caso Atenco: “Sin duda dejé muy firme la determinación del gobierno de hacer respetar los derechos del Estado de México. Tomé la decisión de emplear la fuerza pública para mantener el orden y la paz” (Cervantes, 2012). Esta declaración desató la furia. Recordaba el discurso del ex presidente Gustavo Díaz Ordaz a un año de la matanza del 2 de octubre de 1968<sup>356</sup>. Si su llegada a la universidad no resultó tersa, la salida fue una odisea. Los abucheos se convirtieron en gritos de “asesino” y “la Ibero no te quiere”, ante lo cual, su equipo de seguridad decidió esconderlo en un baño mientras buscaban una ruta de escape.

Siendo Peña Nieto el favorito de las televisoras, esa tarde y esa noche no se informó gran cosa de lo sucedido en la universidad en los medios tradicionales. Sin embargo, algo distinto sucedía en las redes sociales. En *Twitter* surgieron los *hashtags* #EPNlaIBEROnoTEquiere o #MeEscondoEnElBañoComoEPN; en *YouTube* estaban los videos tomados con los teléfonos celulares de los estudiantes donde se apreciaba la huida del candidato priista y se escuchaban las consignas en su

---

<sup>355</sup> Los comentarios aquí citados son parte de la investigación de campo que se ha desarrollado. Se han entrevistado a varios jóvenes que participaron en el movimiento. Algunos fragmentos de las entrevistas pueden consultarse en <http://www.youtube.com/watch?v=8wQIPpsN4lk> ; [http://www.youtube.com/watch?v=Proc6fC1\\_lc](http://www.youtube.com/watch?v=Proc6fC1_lc) ; <http://www.youtube.com/watch?v=rIJoicVPhCs> ; y <http://www.youtube.com/watch?v=bHGffk2n51A>

<sup>356</sup> En su IV Informe de Gobierno, el 1º. de septiembre de 1969, Díaz Ordaz dijo en referencia a la masacre de Tlatelolco: “Por mi parte, asumo íntegramente la responsabilidad personal, ética, social, jurídica, política e histórica por decisiones del Gobierno en relación con los sucesos del año pasado” (youtube.com, 2009)

contra. La televisión no funcionaba como filtro de información; los emergentes medios digitales la habían nulificado.

Horas más tarde, en la propia radiodifusora de la universidad, el presidente del PRI Pedro Joaquín Coldwell pidió investigar a los jóvenes que habían participado en las protestas contra Peña Nieto, pues, a su juicio, pudieran ser infiltrados y no estudiantes. La declaración suscitó una reacción inédita. El 14 de mayo circuló en *YouTube* la respuesta a este señalamiento, donde, en un video autoproducido, 131 estudiantes de la Ibero responden:

Estimados Joaquín Coldwell, Arturo Escobar, Emilio Gamboa, así como medios de comunicación de dudosa neutralidad, usamos el derecho de réplica para desmentirlos. Somos estudiantes de la Ibero, no acarreados, no porros; y nadie nos entrenó para nada (Damiantum, 2012).

Después de esta introducción, uno a uno, los 131 mostraron sus credenciales y dijeron sus nombres. Este video tuvo ecos en las redes sociales, naciendo así el nuevo *hashtag* que ya forma parte de la crónica política de México. Todos los que aplaudían esta valiente acción de los estudiantes comenzaron a tuitear *#yosoy132* en señal de apoyo, siendo el tema más visto en *Twitter* por 2 semanas consecutivas. En menos de una semana, el 18 de mayo, se realizaba ya la primera marcha de la naciente organización. El 23 de mayo, en una reunión en la UNAM, se dan a conocer sus estatutos, donde se declaran un movimiento “apartidista, plural, incluyente, constituido por ciudadanos” ([galeriadesucesos.com](http://galeriadesucesos.com)). Las asambleas trascienden la Ciudad de México, sino en varias ciudades de la república:

Asistí a la primera asamblea, en ese entonces en Puebla existía una cosa que se llamaba el comité interuniversitario, que eran voceros de las diferentes universidades de Puebla, que nos reuníamos prácticamente diario. Fue realmente como que el momento en el que más activo estuvo el movimiento. Eramos muy pocas personas, como que organizando todo, pero teníamos muchísima convocatoria. (Alexa)

Si hay algún municipio que quiera tener su asamblea, lo puede hacer; porque precisamente para que estemos mejor organizados. Ya alguien de la asamblea puede ir a las reuniones (...) para aportar las ideas de cada asamblea. Una asamblea puede necesitar más, que le den más información y ya va a esos lugar para tener más información, para saber qué es lo que vamos a hacer. (Ixbalanqué)



nuar el movimiento, así como críticas a los jóvenes que participaron y rechazo general al movimiento.

El punto final de inflexión del movimiento se dio el 1º. de diciembre de 2012 con la toma de protesta del nuevo presidente. Fue la última gran marcha del movimiento, con un enfrentamiento entre manifestantes y policías, con saldo de ocho heridos y 103 detenidos, lo que generó una fuerte controversia mediática. Mientras la televisión y la prensa difundía imágenes de agresiones de manifestantes a policías o a comercios del centro de la ciudad, en las redes sociales se podían apreciar los casos en los que la policía se excedía en el uso de la fuerza, por lo que el movimiento ahora se concentró en la liberación de los presos, de lo que surgió un nuevo *hashtag*: #1DMx. Bajo esta bandera se convocó a nuevas marchas durante diciembre y parte de enero, logrando la liberación paulatina de todos los detenidos.

En una charla reciente con algunos líderes del movimiento, reconocen que después del #1DMx, el movimiento pasó a una tercera etapa, en la cual se está generando reflexión sobre los aciertos y errores, haciendo un balance de su actuar en la vida pública de México.

### **Los aportes del #yosoy132**

En la relatoría de los eventos descritos, es posible notar que este movimiento estudiantil presenta muchas características que se ajustan a los marcos conceptuales y teóricos que se expusieron a lo largo de este texto. En primer lugar, se aprecia una fuerte relación entre la movilización y la tecnología, aunque ésta no resulta fundamental en la organización y difusión del movimiento. A decir de los propios jóvenes:

Lo que vienen a hacer las redes sociales, yo sí creo mucho en eso, un tanto la democratización de la palabra y bajar tanto a las personas públicas como a los medios de comunicación a un plano donde todos pueden dialogar (Manuel)

Sí hubiera sido posible si no hubiéramos conocido las redes sociales, hubiéramos encontrado otro medio. (...) Si nosotros crecimos con ellas y es tan importante, imagínense a las otras generaciones que ya nacieron con ellas; va a ser su forma de comunicarse, como de expresarse, tanto política como de pensamiento, como si se sienten tristes, o sea todo, todo va a ser a través de las redes sociales. (Marissa)

Las redes son un acelerador de los procesos de los movimientos sociales, pero el resto del entramado organizativo, identitario y cultural del grupo se formaría de cualquier manera sin estas ventajas tecnológicas. Es un poco como lo enuncia Castells (2012) en la Obertura de su *Comunicación y Poder*, “en la oscuridad de un cine de un barrio obrero preparado para despertar las conciencias de las masas” con “un puñado de panfletos en la mano (...) impresos en una primitiva multicopista empapada de tinta malva” (p. 22). Sea como sea, la disidencia se hace conocer utilizando los medios disponibles en su época histórica. Los medios no determinan la movilización, pero ayudan de forma significativa para difundir el mensaje del movimiento.

También hay que prestar atención a la relación entre las redes sociales y el repertorio. Es claro que se trata de un movimiento “apoyado en Internet”, cuando en su génesis parecía ser un movimiento “basado en Internet”. En general, la tendencia internacional de los movimientos sociales de 2011 y 2012 ha sido a apoyarse en demasía en Internet, al punto en el que la barrera que van Loer y van Aelst proponen entre los movimientos “basados” y “apoyados” en la red parece difuminarse. Por ende, el repertorio se vuelve mixto: en ocasiones es bueno salir a la calle y hacer marchas prolongadas, en otras ocasiones es conveniente enviar memes propagandísticos y mensajes a través de las redes sociales. Se puede decir que se muestran como movimientos versátiles en cuanto a operar con repertorio *offline* y *online*, por usar los términos de Haro y Sampredo:

...de la realidad a las redes sociales, y de las redes sociales a la realidad. Por ejemplo, ahorita los compañeros de Jalapa, me parece, o del Puerto, están haciendo tendaderos en las plazas con fotografías bajadas de las redes sociales. Entonces, la gente ahí se retroalimenta de lo que viene directamente, de lo grabado, de lo que hay en *Facebook* y en *Twitter*, baja a las plazas públicas y a los parques, y la gente se da cuenta y pregunta ‘¿a poco sí pasó esto el 1º. de diciembre? Yo pensaba que ustedes eran los que llevaban estas cosas y estaban haciendo el desmán’ (...) Vas tú con tu cámara, te tocan los trancazos del 1º. de diciembre y lo tienes aquí, y directamente lo subes y comienza a circular la información. (Aldabí)

Desde el *hashtag* que da el nombre, se puede dar cuenta del aspecto identitario, donde el nombre de la colectividad va en primera persona del singular; lo que habla de la rápida integración en torno a lo común. Al inicio, parecía poco sustantivo el tema de universidades públicas vs. univer-

sidades privadas, o bien, provincia vs. capital. Sobre la presencia de “identidad distribuida”, no fue relevante en la génesis y apogeo del movimiento, pero se evidenció al cierre del ciclo de protesta<sup>359</sup>.

En cuanto a la dimensión epistemológica del movimiento, es difícil determinar si con los avances en su repertorio y organización se pueda llegar a formar una “inteligencia colectiva”. Sin duda hubo mucha circulación de información, pero esto no garantiza que se convierta en conocimiento, y mucho menos que todo el colectivo lo estructure para sí mismo. En este sentido hay una buena veta de análisis a explotar, no sólo para el 132, sino para la movilización social de estos tiempos.

Cabe agregar que, en el momento de teclear estas líneas, hay indicios de que el movimiento ha dejado huella. De nuevo hay jóvenes movilizándose en buena medida por la desaparición de 43 estudiantes normalistas de Ayotzinapa, Guerrero. Estas acciones generan una mayor participación política, donde se privilegian las coincidencias por encima de las diferencias; son los jóvenes quienes cuestionan el *status quo* dominante de un gobierno que se resiste a reconocer su fragilidad y la infiltración del crimen organizado en sus propias filas; son las voces y tuits de estudiantes que sacuden a una ciudadanía que suele estacionarse en su estado de confort. No se trata de movimientos efímeros y producto de “una moda”; sino de una huella que permanece en la vida social de México, misma que habrá que observar para seguir analizando y discutiendo sobre la participación política y la comunicación digital.

## **Bibliografía**

ARDÈVOL, E. y VAYREDA, A. “Identidades en línea, prácticas reflexivas”. En [http://cv.uoc.edu/~grc0\\_000199\\_web/pagina\\_personal/Identidades\\_online.pdf](http://cv.uoc.edu/~grc0_000199_web/pagina_personal/Identidades_online.pdf) Consultado el 14 de octubre de 2013, 2002.

ASSANGE, J. *Criptopunks*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2012.

CANDÓN MENA, J. “Movimientos sociales y procesos de innovación. Una mirada crítica de las redes sociales y tecnológicas”. En Sierra Caballero, F. (coord.). *Ciudadanía, tecnología y cultura. Nodos conceptuales para pensar la nueva mediación digital*. Barcelona: Gedisa, 2013.

---

<sup>359</sup> En el último encuentro que se tuvo con militantes del movimiento, se comentó que en la tercera etapa se fueron haciendo presentes diferencias entre universidades públicas y privadas, entre capital y provincia; signo inequívoco del declive del movimiento.

CASTELLS, M. *Comunicación y Poder*. México: Siglo XXI, 2012.

CERVANTES, J. “Peña Nieto, amarga lección en la Ibero”. Recuperado en <http://www.proceso.com.mx/?p=307224> el 3 de septiembre de 2012, 2012.

CLARKE, R. y KNAKE, R. *Guerra en la Red. Los nuevos campos de batalla*. Barcelona: Planeta, 2011.

DAMIANTNUM. “131 Alumnos de la Ibero”. Consultado en <http://www.youtube.com/watch?v=nRDD-b0IHIs> el 3 de septiembre de 2012.

DELLA PORTA, D. y DIANI, M. *Social Movements. An Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

DOMÍNGUEZ, M. y SANTIAGO, K. “#YoSoy132: cronología de un movimiento estudiantil”. Recuperado en <http://galeriadesucesos.com/?p=11097> el 3 de septiembre de 2012.

HARO BARBA, C. y SAMPEDRO, V. “Activismo político en Red: del Movimiento por la Vivienda Digna al 15M”. En *Teknokultura*, Vol. 8 No 2: 167-185, 2011.

PEREIRA, M. A. “Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital”. En <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf> Consultado el 31 de agosto de 2013, 2011.

POSTMES, T. y BRUNSTING, S. “Collective Action in the Age of Internet”. En *Social Science Computer Review*, Vol.20 No.3, Fall 2002: 290-301, 2002.

RHEINGOLD, H. *Smart Mobs. The next social revolution*. New Caledonia, EUA: Perseus Books Group, 2002.

SANTAMARINA CAMPOS, B. “Movimientos sociales: una revisión teórica y nuevas aproximaciones”. En *Boletín de Antropología* Universidad de Antioquia, Vol. 22, N.º 39, pp. 112-131, 2008.

Sin Embargo (redacción) (2012, mayo 11). “Coldwell exige investigar a estudiantes que protestaron contra EPN; la Ibero dice que se expresaron libremente” Recuperado en <http://www.sinembargo.mx/11-05-2012/231421> el 3 de septiembre de 2012.

SUNSTEIN, C. *Republic.com*. Nueva Jersey: Princeton University Press, 2001.

TILLY, Ch. *Los movimientos sociales. 1768-2008. Desde sus orígenes a Facebook*. Barcelona: Crítica, 2010.

VAN LAER, J. y VAN AELST, P. “Internet and Social Movement Action Repertoires. Opportunities and Limitations”. En *Information, Communication & Society*, 13 (8), p. 1146-1171, 2010.

YOUMANS, W. L. y YORK, J. C. “Social Media and the Activist Toolkit: User Agreements, Corporate Interests, and the Information Infrastructure of Modern Social Movements”. En *Journal of Communication*, No. 62, pp. 315-329, 2012.



## **Superexplotación en la industria de la confección de indumentaria. Aproximaciones a partir de las transformaciones recientes. Buenos Aires 2004-2013**

Paula Dinorah Salgado<sup>360\*</sup>

### ***Resumen***

En la presente ponencia se explora la incidencia de la superexplotación del trabajo en la industria de la confección de indumentaria, en el conjunto del empleo de la rama. Por su naturaleza, no existen datos relativos a las condiciones de trabajo en talleres clandestinos en los que trabajan migrantes reducidos-as a la servidumbre, traídos-as mediante redes de trata de personas, a través de los que pueda proyectarse una tendencia confiable. Esta información se estima a partir de las denuncias realizadas por víctimas de trata con fines de explotación laboral, así como a través de datos cualitativos.

En este estudio analizamos el comportamiento del trabajo en el sector en la última década a través de estadísticas de población generadas por la Dirección de Estadísticas y Censos de la Ciudad de Buenos Aires. Estos datos nos permiten llegar a las regiones que no son alcanzadas por las estadísticas oficiales de indicadores industriales, ya que éstas sólo captan la porción registrada. Esta indagación resulta novedosa tanto por las fuentes utilizadas, como debido a la confiabilidad respecto a la estimación del parámetro. Los resultados alcanzados dan cuenta de una alta precarización en la rama marcada fuertemente por la carencia de las percepciones que, acorde a Ley, deben acompañar al salario, la sobreocupación horaria y la prevalencia del cuentapropismo. Otro dato significativo es la alta concentración de migrantes procedentes de países limítrofes en el empleo de la rama. En base a la caracterización que llevamos a cabo consideramos que la existencia de un sector sobreexplotado –oculto-, empuja a la precarización las condiciones de los sectores visibles de la rama.

---

<sup>360\*</sup> Licenciada en Sociología (Universidad de Buenos Aires). Maestranda en Metodología de la Investigación en Ciencias Sociales (UniBo-UNTref). Doctoranda en Ciencias Sociales (Facultad de Ciencias Sociales-UBA). Pertenencia institucional: Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires). Correo electrónico: [pauladsalgado@yahoo.com.ar](mailto:pauladsalgado@yahoo.com.ar)

## **Introducción**

En el presente trabajo se expone una primera serie de resultados de la indagación en torno al desenvolvimiento reciente de la industria textil-indumentaria en la Ciudad de Buenos Aires fundamentalmente a partir de datos estadísticos generados por la Dirección de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad.

La industria de la confección de indumentaria en Argentina ha reportado un notable crecimiento a partir del año 2002 que ha ido acompañado de un aumento del trabajo no registrado, acorde a estimaciones realizadas hasta el presente. Esta tendencia es la resultante del vuelco de gran cantidad de empresas al desligamiento de la producción hacia talleres no registrados ni laboral, ni impositivamente.

En otros estudios analizamos el derrotero de la industria de la indumentaria local en sintonía con las tendencias mundiales (Salgado, 2012, 2014 y 2015). Entonces nos centrábamos en la correlación presente entre estas dos escalas de análisis, evidenciada en el avance de la desintegración vertical de la industria -disgregación del proceso productivo como correlato de la integración comercial a escala planetaria-. Dicho proceso implicó la deslocalización de la producción en diferentes sentidos: separando las unidades ejecutoras de las distintas etapas y concentrando algunas de ellas en diferentes partes del globo.

A partir de la década del 70 comienza a operarse una traslación desde Europa y Estados Unidos hacia Asia y otros países periféricos en materia de empleo. Esta tendencia está vinculada al desplazamiento desde el ámbito formal al informal, lo que ha repercutido en términos negativos en las remuneraciones y en las condiciones de trabajo: mayor cantidad de empleos temporales y a tiempo parcial, así como el crecimiento del trabajo a domicilio en las industrias del vestido y el calzado (OIT, 1996).

Crecientemente la producción en esta rama fue trasladándose a países en los que se ejecutaba mediante la explotación de trabajadores y trabajadoras no registrados-as y en condiciones que desbordan al concepto de precariedad. En Argentina, esta transformación comenzó a llevarse a cabo desde de la década del 70 y se profundizó promediando la década del noventa producto de la contracción económica (Adúriz, 2009). Esto se tradujo en la creciente tercerización, en su mayoría de tareas manuales -primordialmente la confección- a establecimientos dedicados a tal fin, y la concentración dentro de las empresas del trabajo intelectual -diseño, publicidad, etc.- (Lieutier, 2010).

Si bien existe una marcada recuperación en el sector en términos de producción y comercialización, la misma no se refleja en las condiciones de empleo según se ha estimado a través de diversas fuentes. El objetivo de este trabajo es dar soporte empírico a esta afirmación a partir del análisis de datos estadísticos producidos por la Encuesta Anual de Hogares (EAH) de la Dirección de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad. Asimismo se busca caracterizar al sector a partir de diferentes dimensiones: cuentapropismo, condición registral, tamaño de los establecimientos productivos y migración –dimensión particular del caso de estudio que aporta un carácter singular al fenómeno-. Éstas dimensiones se abordan habitualmente para el análisis de la informalidad (Perry, Maloney, Arias, Fajnzylber, Mason y Saavedra-Chanduvi, 2007), por ello se cuenta con información pormenorizada en las encuestas de población.

### ***Informalidad, precariedad y superexplotación***

Buena parte de la bibliografía coincide en las divergencias que suscita la polisemia asociada al concepto *Informalidad* tanto en términos de medición, como en cuanto al sustrato político-ideológico sobre el que se erigen las diversas posiciones, hasta incluso en torno a definiciones epistemológicas.

La desestructuración del fordismo como modo hegemónico de producción y la crisis asociada del “Estado de Bienestar” dan el gran marco económico-institucional en el que van a surgir –o bien a cobrar protagonismo- nuevas dinámicas productivas caracterizadas por “el incremento de la flexibilidad” -sostiene un vasto conjunto de la teoría- o por la “merma de las responsabilidades patronales” –aportando el otro polo al debate-. Entre estas dos posiciones se articula un complejo espectro de miradas que enfocan a distintos aspectos del fenómeno. Un fenómeno que elegimos caracterizar a partir de la desintegración vertical de la industria a la que se asocia el fuerte impulso a la tercerización, cuyo correlato más sobresaliente ha sido el incremento de la precarización laboral<sup>361</sup>. Ésta última ha sido abundantemente abordada local y regionalmente por los estudios del trabajo a partir de la década del noventa y producto de la implementación de políticas que manaron del consenso de Washington y “flexibilizaron” el trabajo (Beccaria, Carpio y Orsatti, 2000).

---

<sup>361</sup> En línea con esta afirmación Tokman señala que “en cierta medida, la expansión del sector informal también resulta de la creciente subcontratación que aprovecha esta forma de producción para abaratar costos de mano de obra o de insumos y eludir las obligaciones laborales e impositivas asociadas a la formalidad” (Tokman, 2006: 24).

*Precariedad e Informalidad* son conceptos recurrentes en las investigaciones socio-laborales de las últimas décadas. Una de las diferencias más notorias entre estos conceptos consiste en que el primero deja entrever un vínculo salarial, en tanto el segundo contempla entre todas sus variantes una pretendida independencia en la que el carácter de empleado se diluye en pos de un título de proveedor entre signos de interrogación.

Por su parte, la noción de *superexplotación* reviste utilidad para nuestro trabajo en la medida en que da cuenta de un fenómeno que supera a la explotación. Esta última hace referencia a la apropiación del plustrabajo por parte del capital, la misma se incrementa a través del aumento de la capacidad productiva, pero respetando el valor de la fuerza de trabajo (Osorio, 2004). Este proceso es descrito por Marx en *El Capital* y se basa en el supuesto de mercancías que se venden a su valor (Marx, 2002). El concepto de superexplotación supera estos límites: involucra a sectores de la población vulnerables, que son explotados en condiciones de extrema precariedad. Para Sotelo Valencia (2003) son tres los mecanismos fundamentales por los que se hace efectiva: la prolongación de la jornada reglamentaria, el aumento de la intensidad del trabajo y una remuneración del trabajo inferior a su valor.

En definitiva se trata de una apropiación del tiempo de trabajo necesario para su reconversión en fondo de acumulación. En este sentido Osorio (2004) afirma junto a Marini –quien acuñó el término- que la superexplotación consiste básicamente en “una forma de explotación en donde no se respeta el valor de la fuerza de trabajo” (Osorio, 2004: 93).

Las formas precarizadas<sup>362</sup> de trabajo y existencia son ya parte del carácter estructural del mundo del trabajo y de la vida. Dice a este respecto con cierta ironía romántica Hopenhayn: “si antes el trabajo capitalista era denostado por los críticos de la alienación, hoy gran parte de la crítica al sistema reivindica los buenos y viejos tiempos del pleno empleo” (Hopenhayn, 2007: 69).

De este modo, también la Informalidad atraviesa todo el campo social en la medida en que impregna al entramado económico y reaviva las discusiones en torno al carácter actual del vínculo salarial y, en última instancia, a la relación capital-trabajo.

---

<sup>362</sup> Beccaria, Carpio y Orsatti (2000) aportan una serie de características para describir la precariedad. Éstas son la carencia de aportes a la seguridad social y otros elementos que componen al salario indirecto, la falta de contrato –o la existencia de uno a corto plazo-, prácticas de negociación individual en dimensiones concernientes a lo colectivo, imposibilidad de afiliarse al sindicato correspondiente y falta de cumplimiento de la normativa en materia de seguridad e higiene.

La literatura coincide en marcar como punto de quiebre que abriría paso al crecimiento de la informalidad, a la crisis de acumulación de mediados de los años 70. En esta línea Groisman (2013) enseña un marcado aumento del desempleo y de la informalidad –y una disminución de la tasa de empleo- entre 1974 y 2001.

En este período se consolida un nuevo modelo de acumulación que orbita en torno al capital financiero y se caracteriza, por tanto, por la reducción del incentivo a la formación de capital en el ámbito fabril y la redirección de la inversión al sector financiero debido a su mayor rentabilidad. Disminuye, de esta manera, la capacidad de crecimiento del sector industrial, constituyéndose como expulsor sistemático de trabajadores y perdiendo su facultad anterior de absorber la mano de obra disponible generando, al mismo tiempo, un desempleo de largo plazo (Salgado y Sanchez Khalil, 2009).

Sobre el final de este período se evidencia un crecimiento de la participación del empleo informal: entre 1993 y 2003 ganó cinco puntos porcentuales, como resultante de las dificultades laborales y la larga recesión que se extendió entre 1998 y 2002 (Groisman, 2012). Según Stallings y Weller (2001) el aumento del número de asalariados del sector privado en los años noventa se dio principalmente en las microempresas -menos de 6 trabajadores- y las empresas pequeñas -6 a 20-: entre 1990 y 1998, el empleo en estos dos grupos aumentó un 3,7%, frente al 2,3% de las empresas medianas y grandes. La tasa de desempleo abierto urbano aumentó hasta alcanzar 21,5% en mayo de 2002, para comenzar a descender desde entonces. La subocupación, llegó al 19,9% de la población económicamente activa en octubre de 2002, y declinó también posteriormente, con el inicio de la fase expansiva (Damill y Frenkel, 2006). Según Tokman (2006) la informalidad crece entre 1990 y 2003 del 42,8 al 46,7 por ciento de la ocupación no agrícola, aportando 61 de cada 100 nuevos puestos de trabajo generados durante el período.

### *Consideraciones metodológicas*

Para el análisis que se expone en el presente trabajo, se ha utilizado el método de aproximación directa (Perry et al., 2007) a través del estudio de microdatos correspondientes a la Encuesta Anual de Hogares (EAH) de la Dirección General de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, que por su naturaleza resultan de gran utilidad para estimar la actividad económica y sus componentes oficiales y no oficiales.

La herramienta de recolección de esta encuesta es similar a la Encuesta Permanente de Hogares (EPH) desarrollada por el INDEC. Si bien aporta datos sólo sobre la Ciudad de Buenos Aires, ésta

concentra gran parte de la producción industrial del país por lo que resulta un buen indicador del comportamiento del empleo. Ha sido seleccionada debido a que más de 200 casos de su muestra se desempeñan en el sector textil-indumentaria por año de relevamiento<sup>363</sup>. Por lo tanto, reviste una potencia singular para aproximarnos a la composición del trabajo.

Para el presente trabajo nos hemos propuesto realizar un primer avance descriptivo a fin de formular relaciones y definir variables de control de las mismas, así como posibles asociaciones entre las variables en estudio que serán analizadas en el futuro mediante diferentes procedimientos estadísticos que ayuden a estimar su grado de asociación o correlación.

En algunos casos se ha unificado el sector textil con el de la indumentaria debido a que ambas no son necesariamente excluyentes por diversos motivos. El primero de ellos responde a que una serie de empresas textiles mantienen cierta integración vertical debido a la que se contabilizan tareas de confección dentro del espectro textil. En línea con estas circunstancias se encuentran los problemas de encuadramiento producto tanto de la multiplicidad de labores que se llevan a cabo en el establecimiento productivo, como debido a una tradición que se ha sostenido en el tiempo a pesar de que el proceso productivo ya no se oriente a cierta mercancía –cambio que se da generalmente de textil a indumentaria-. En tercer lugar los clasificadores utilizados han movido categorías de una rama a otra en las últimas décadas, por lo que la mayor precisión de la comparación se alcanza a través de la integración de las mismas. Y, por último, si bien lo que se persigue es el análisis de la confección de indumentaria, a través de su integración –dependiendo de las variables en estudio- se logra robustecer el dato y dar mayor solidez a la tendencia.

El período de estudio se inicia en 2004 dado que entonces comienza a llevarse a cabo este relevamiento. En ocasiones se han eliminado los datos correspondientes a los años 2012 y 2013 debido a la particularmente baja proporción de la muestra, que no ha permitido alcanzar los requerimientos mínimos –cantidad de casos por celda- en base a los grados de libertad.

La elección de las dimensiones seleccionadas para el análisis se ha realizado a partir de los hallazgos aportados por gran cantidad de estudios sobre *informalidad*. (Perry et al., 2007) aseguran que a nivel global la *shadow economy* se encuentra modernamente correlacionada con el auto-empleo y la cobertura previsional. En América Latina mediciones de producción, incluyendo auto-empleo

---

<sup>363</sup> Su tamaño supera en 5 veces al conjunto de casos relevados por la EPH.

y todos los empleos, así como la medida legalista –protección social- están fuertemente correlacionadas entre sí y con la cobertura previsional.

Debido a que las declaraciones de ingreso suelen ser poco confiables –incluso en estudios anónimos- (Grosskoff, 1996; Donza, 2013) preferimos, en esta ocasión, no incluir este dato en el análisis. Para abordar el valor de la fuerza de trabajo –y el pago por debajo de su valor- que supone la superexplotación son necesarias múltiples fuentes y cálculos que superan los objetivos de este trabajo. Además, se carece por completo de estimaciones del trabajo oculto que es puesto en movimiento a través de redes de trata de personas. En su reemplazo, asumimos la superexplotación de esta porción de trabajadoras y trabajadores en talleres a través de la información cualitativa relacionada a la sobreexplotación horaria, el deterioro de la salud, así como a la privación de la libertad, coacción y coerción ejercida por el patrón.

Los datos cualitativos corresponden a entrevistas en profundidad realizadas desde abril de 2009 a la actualidad y a denuncias provistas por la Defensoría del Pueblo de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Si bien el análisis estadístico estructura el relato, en la elección de relaciones, así como en su interpretación, se han utilizado fuentes cualitativas para dar sustento y profundidad a las explicaciones. La triangulación de fuentes y de metodologías resulta de suma utilidad tanto con vistas a la exhaustividad de la información (Creswell, 2009), como a la captación de distintas perspectivas sobre el fenómeno.

Por otro lado, la encuesta que analizamos –EAH-, llevada a cabo por una dependencia del Estado, nos muestra la región ostensible del universo de estudio. El hecho mismo de acceder a contestar, da cuenta de un determinado nivel de visibilidad. Posiblemente, quienes trabajan privados-as de su libertad en talleres se encuentren dentro del porcentaje de no respuesta. A partir de esta advertencia, creemos de mayor rigor considerar a la población que muestran estas estadísticas como “las y los trabajadores visibles de la confección de indumentaria”, sin pretensión de alcanzar a la totalidad mediante estos datos.

### ***La industria de la confección argentina***

En sintonía con el comportamiento del conjunto de la economía, la tendencia decreciente en materia de producción y empleo se sostuvo en el sector hasta 2002, año en que se evidenciaron con

mayor crudeza los efectos recesivos del modelo de paridad cambiaria que se había instalado en 1991. Por su carácter procíclico<sup>364</sup>, la industria textil-indumentaria, fue de las primeras en contraerse por efecto de la crisis, así como de las que inauguraron la tendencia alcista que se inició en 2003. Esto se debe a que la producción de indumentaria se orienta fundamentalmente al mercado interno por lo que está fuertemente correlacionada con ciclo de la economía y es altamente vulnerable a los cambios en el poder adquisitivo de la población" (Kacef, 2003: 16). Tras este punto de inflexión se mantuvo en línea ascendente hasta 2008, año en que comenzó a desacelerarse el crecimiento (Salgado, 2012).

La reciente recuperación de la industria de indumentaria no ha implicado una mejora de las condiciones de trabajo, por el contrario se observa la proliferación de talleres de confección de indumentaria clandestinos. Una de las formas de explotación particulares del sector ha sido denominada como "reducción a la servidumbre" debido a los diferentes mecanismos de coerción que se imponen a las y los trabajadores que constriñen su libertad. Acorde a estimaciones recientes<sup>365</sup> 75% de los-as trabajadores-as del sector no están registrados y una parte de este porcentaje es explicado por el trabajo en talleres de confección clandestinos -dato por demás significativo al comparar con el 40% del empleo no registrado presente en el conjunto de la economía-. Las personas que allí se desempeñan proceden en su mayoría de países limítrofes –fundamentalmente de Bolivia-, una parte de los cuales son traídos mediante mecanismos que se inscriben en lo definido como trata de personas bajo la modalidad denominada "servidumbre por deudas". Cumplen una jornada laboral que ronda las 15hs, perciben pago a destajo y su salario está muy por debajo del establecido en las negociaciones paritarias. Usualmente viven en el lugar de trabajo en condiciones de hacinamiento y son provistos de una magra alimentación por parte de sus patrones, quienes comúnmente, mediante diversos mecanismos de coerción y coacción, regulan su libertad de entrada y salida del taller (D´Ovidio, 2007).

A partir de datos cualitativos podemos clasificar a los talleres en cuatro tipos diferentes, según su nivel de registro. El primero corresponde a los que están registrados laboral e impositivamente, cuentan con la habilitación del establecimiento y están formalmente vinculados al dador de trabajo

---

<sup>364</sup> El carácter procíclico refiere a que en etapas de crecimiento económico y debido al aumento del poder adquisitivo, se incrementa el consumo de indumentaria por encima del promedio de mercancías; a la inversa ocurre en períodos de contracción, dado que la vestimenta suele ser de los primeros productos que se dejan de consumir frente a una reducción del ingreso.

<sup>365</sup> El INTI ha construido un estimador del empleo y la producción en base al cálculo del consumo aparente en cada una de las instancias que componen la cadena de valor, a partir de la producción nacional de fibras.



según lo establecido por la Ley 12.713 de Trabajo a Domicilio. La siguiente categoría corresponde a talleres que tienen una habilitación del establecimiento, pero no cumplen con la normativa laboral en tanto se inscriben a sí mismos y a sus empleados en el régimen de monotributo. Muchos de estos talleres trabajan para marcas –empresas que tercerizan todo o una parte de su producción-, que tampoco han declarado el lazo laboral que los vincula, tal como estipula la citada Ley<sup>366</sup>. En la tercera categoría encontramos los talleres más pequeños, usualmente familiares, que no tienen ningún tipo de registro, ni habilitación, y en muchos casos se encuentran en la vivienda misma –aunque pueden superar lo dispuesto como trabajo familiar en cuanto a la cantidad de personas involucradas en la actividad, así como al grado de parentesco con quien organiza la producción-. Estos usualmente trabajan en pequeña escala para locales de venta de ropa de bajo precio y también para la venta en ferias informales. Por último, encontramos los talleres que corresponden a la trata de personas con fines de explotación laboral. Su escala es variable –algunos de ellos han sido descriptos como verdaderas fábricas, debido a que más de 50 personas trabajan allí- y depende tanto de su antigüedad, como de los vínculos establecidos con las autoridades locales, del lugar de reclutamiento y de la zona de tránsito, a través de los que consolida la red mafiosa.

Entonces, frente a la pregunta *¿qué es un taller clandestino?* encontramos diversas respuestas que implican distintas escalas de producción, diferentes condiciones habitacionales de las y los trabajadores, así como situaciones de coerción que van desde la retención del salario hasta la privación de la libertad. Por su carácter, no existen datos oficiales sobre las tres últimas categorías, mientras que la información sobre la primera no está sistematizada. Es por esto que acudimos a las estadísticas de población, ya que nos permiten llegar a estas personas desde un lugar diferente –no el trabajo, sino la vivienda- y son sumamente fiables para estimar el parámetro.

No podemos asegurar que a todas las categorías de talleres descritas corresponda un régimen de superexplotación. Los datos cualitativos refieren a los talleres vinculados a la trata de personas. Sin embargo –como señalamos arriba cuando describimos a la porción de la población que observamos a través de los datos que se analizan en este trabajo como “las y los trabajadores visibles de la confección”-, estas estadísticas funcionan como punta de iceberg y nos informan sobre la presencia subterránea de un fenómeno de magnitud superior –muy complejo de estimar- que soporta

---

<sup>366</sup> La Ley de Trabajo a Domicilio resulta auspiciosa en términos del reconocimiento de la relación de dependencia con las grandes marcas, dado que al considerar al Tallerista como empleado de éstas, establece una relación directa entre la marca que contrata el trabajo y los-as trabajadores-as del taller (Salgado, 2012).

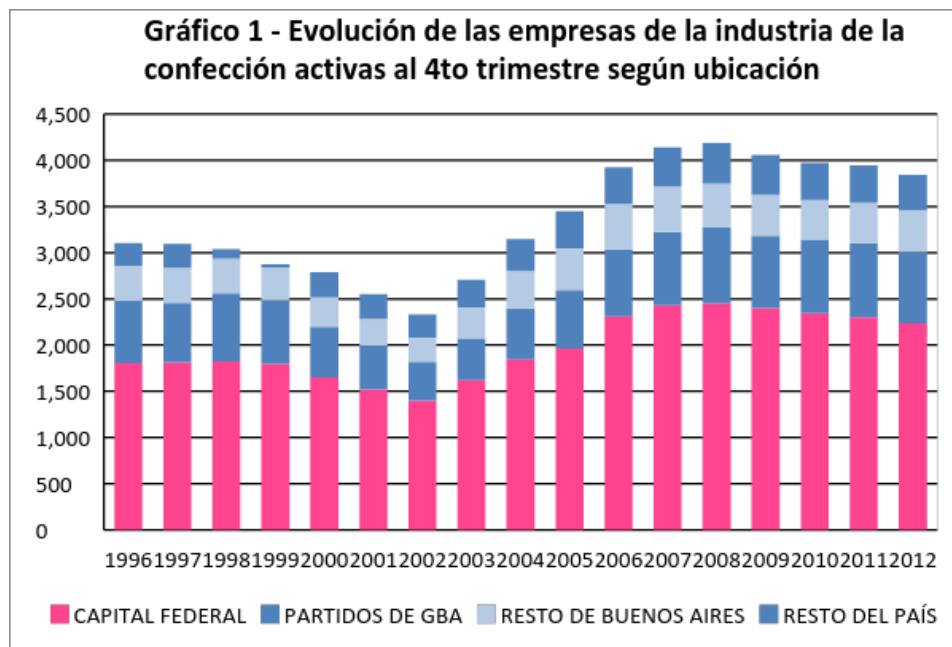
a la porción ostensible. Este análisis alumbró dos caminos. Por un lado da cuenta de la presencia de la explotación de migrantes en la rama, y su evolución puede utilizarse para presumir comportamientos –aunque nunca conclusivos, pero igualmente útiles para dibujar tendencias- de lo que se mantiene soterrado. Por otro lado, sirven para analizar el movimiento general de la rama en términos de desplazamientos precarizantes, dado que la existencia de personas superexplotadas opera en un sentido similar al del ejército de reserva: explícita e implícitamente se evoca esa posibilidad para reducir el límite inferior de las condiciones salariales y laborales en general. El segmento formal no está escindido del informal en la medida en que productos realizados mediante procesos no registrados se incorporan a los registrados, y en tanto las personas que trabajan en la rama alternan entre la formalidad e informalidad dependiendo del momento económico general y de las condiciones personales.

#### *Desenvolvimiento en el conjunto del país*

En Argentina el empleo –registrado- se concentra en las zonas urbanas que albergan mayor población. Lo mismo ocurre con la industria cuando observamos su comportamiento en términos absolutos. Particularmente, la industria textil y de la confección, concentran la mayor parte de su empleo registrado en empresas que se encuentran en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA), los partidos del Gran Buenos Aires (GBA) y el resto de la provincia: en su conjunto concentran a casi el 73% de trabajadoras y trabajadores del sector -2012-, según datos del Observatorio de Empleo y la Dinámica Empresarial del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social<sup>367</sup>. Alrededor del 60% de las empresas de confección se encuentran en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires en toda la serie y junto a los partidos del Gran Buenos Aires y el resto de la provincia de Buenos Aires dan cuenta casi el 90% de las empresas de confección con personal registrado (Gráfico 1).

---

<sup>367</sup> Aproximadamente la mitad se halla en CABA. En cuanto al resto de las provincias sólo se destaca la participación de Santa Fe que da cuenta de más del 4% del empleo registrado del sector según datos de 2012 (Salgado, 2014).



Fuente: Elaboración propia en base a datos del Observatorio de Empleo y la Dinámica Empresarial del Ministerio de Trabajo y Seguridad Social

La Ciudad Autónoma de Buenos Aires concentra la mayor cantidad de trabajo registrado dedicado a la confección de indumentaria -casi un 54% para 1998 y cerca de un 60% para 2012-, en tanto en los partidos del Gran Buenos Aires y en el resto de la provincia ocurre lo inverso: la mayor participación es de la industria textil<sup>368</sup>.

Tomando sólo a la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, la participación la manufactura en el total del empleo mantiene una tendencia decreciente desde el inicio de la serie. La confección explica más del 8% del trabajo asalariado registrado en la manufactura al comienzo de la serie -1° trimestre 1996-, la proporción se eleva a más del 11% para el final del período -1° trimestre 2013-. El conjunto de la producción textil -confecciones más textiles- explica casi el 20% de la producción manufacturera para el 1° trimestre de 2013 -en igual trimestre de 1996 se trataba de un 15% aproximadamente- (Salgado, 2014).

A continuación se analizan datos estadísticos de la EAH sobre la Ciudad de Buenos Aires. Estos proveen un valioso soporte empírico para describir el comportamiento del sector, así como para

<sup>368</sup> La participación de la industria textil ronda el 70% en 1998 y 2002, y muestra un decrecimiento de casi 5 puntos en favor de las confecciones (Salgado, 2014).

refinar los estimadores de aquella porción del trabajo que se asigna a talleres vinculados con la trata de personas.

### *El empleo porteño*

En la Tabla 1 se relevan los principales indicadores laborales. La tasa de desocupación muestra un descenso desde el comienzo del periodo en estudio hasta 2008. Entre 2009 y 2010 se eleva unas centésimas para retomar luego valores similares a 2007-2008 que marcan la distribución promedio del decenio.

**Tabla 1: Indicadores de empleo y nivel de actividad. CABA**

|                             | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 |
|-----------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| <b>Tasa de actividad</b>    | 0,55 | 0,55 | 0,55 | 0,56 | 0,56 | 0,56 | 0,55 | 0,54 | 0,54 | 0,54 |
| <b>Tasa de desocupación</b> | 8,0% | 6,8% | 5,9% | 5,4% | 5,6% | 6,2% | 5,9% | 5,4% | 6,2% | 5,6% |

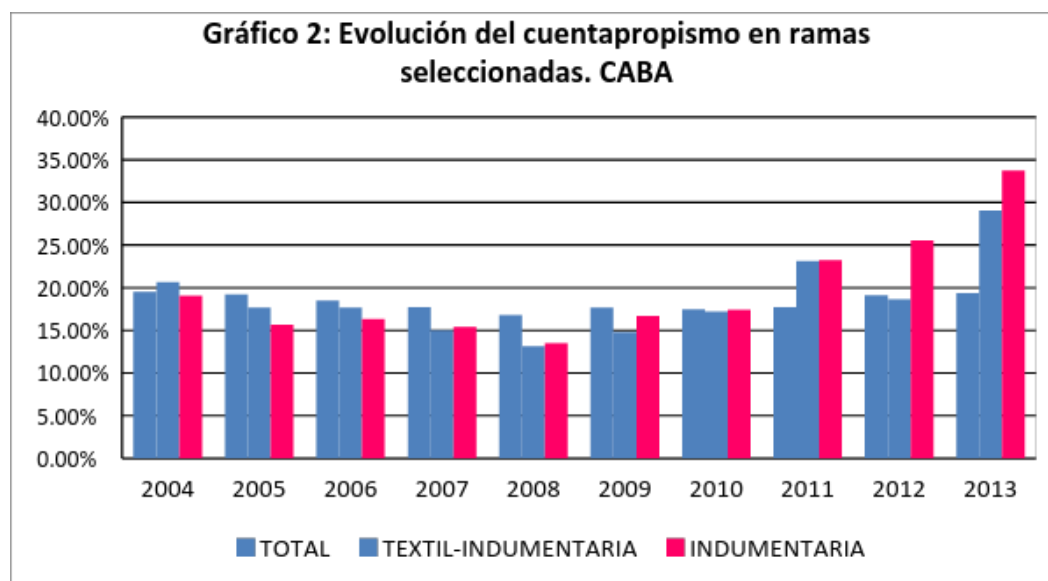
FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH05, EAH06, EAH07, EAH08, EAH09, EAH10, EAH11, EAH12 y EAH13. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

La actividad inicia el periodo con una tendencia creciente que alcanza su punto más alto en el tramo 2007-2009. A partir de entonces desciende levemente y en 2011 llega a valores similares a los de principio de la serie, pero con una participación porcentual de la desocupación inferior en un punto a la de entonces: hay una participación relativa del conjunto ocupado levemente superior entre 2007 y 2011. La misma comienza a mostrar un decrecimiento que se explica no por la caída del empleo, sino por el pasaje a la inactividad.

### *Cuentapropismo*

En cuanto a la evolución del cuentapropismo, las ramas en estudio mantienen un comportamiento acorde al del conjunto del empleo, pero comienzan a incrementar su participación relativa desde 2011, debido fundamentalmente, a los bajos requisitos –en materia de maquinaria, calificación y escala de producción- que supone la puesta en marcha del proceso productivo. Este carácter ha

hecho tradicionalmente del sector de la indumentaria un reducto de autoempleo frente a la carencia de otras alternativas.

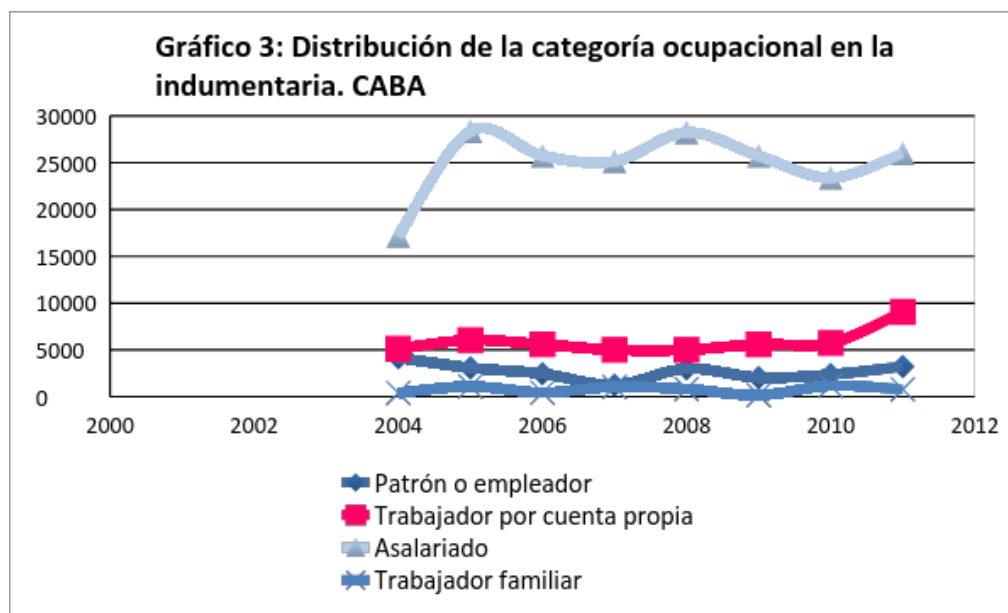


FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH05, EAH06, EAH07, EAH08, EAH09, EAH10, EAH11, EAH12 y EAH13. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

Como se observa en el Gráfico 2, el comportamiento del conjunto de la economía en materia de empleo por cuenta propia se mantiene estable a lo largo de la serie -ronda los 18 puntos con oscilaciones que no superan al 2%-.

Las ramas textil-indumentaria mantienen una tendencia similar: en 2004 -cerca del 20%- comienza a decrecer su participación que llega a poco más de 13% en 2008. Tras este punto de inflexión se inicia una tendencia creciente que alcanza los 30 puntos en 2013 y los supera en el caso de la indumentaria -es conveniente resaltar lo que se ha señalado anteriormente en relación a los datos 2012 y 2013, éstos son escasos para el sector en dichos años por lo que no resisten una gran desagregación, sin embargo, la tendencia cobra sentido con el período que la antecede-.

El crecimiento del cuentapropismo en el sector no fue a expensas de los asalariados -que también crecen a partir de 2010 luego de 3 años de reducción-, sino que se debe a un aumento en términos absolutos de estos puestos de trabajo: el conjunto de las personas que trabajan en la indumentaria aumentó un 45% de 2004 a 2011 (Gráfico 3).



FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH05, EAH06, EAH07, EAH08, EAH09, EAH10, EAH11, EAH12 y EAH13. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

La participación del trabajo familiar es elevada en términos relativos si se la compara a la del conjunto de la población de la ciudad que ronda el 0,5%. En la indumentaria ésta se encuentra en el orden del 2% -2,5 puntos si se agrega textil e indumentaria- y asciende a poco más del 3% en los años 2007 y 2010.

Los asalariados representan 3 cuartas partes del total de la población ocupada de la ciudad. En textil-indumentaria su participación ronda el 70%. Al comienzo de la serie se mantiene con leves oscilaciones y alcanza su pico en 2008-2009, cuando supera el 76%, tras lo que comienza a disminuir su peso relativo: para 2011 es del 66% y en 2013 alcanzó el 60%.

Hubo un decrecimiento de las y los asalariados en términos absolutos desde 2008 -el punto de inflexión anterior está fijado en 2005 (Gráfico 4)- en el caso de la indumentaria y en 2009 se evidenció también en la industria textil.

Desde 2007 se reduce la cantidad de asalariados del conjunto de la economía, en términos relativos. Esta tendencia tuvo un achatamiento para el período 2009-2011 y partir de entonces continuó retrayéndose. Las oscilaciones del sector son de una frecuencia diferente a la del promedio de la ciudad. Esto se debe fundamentalmente al carácter procíclico de la industria debido a la velocidad con la que se incrementa o reduce -según el caso- la demanda de mercancías del sector.

La mayoría de los empleadores son porteños. En 2004 se registró un elevado porcentaje de empleadores procedentes de países no limítrofes -casi un 50%-. Acorde a los datos cualitativos, se trataría de personas procedentes de Corea. Su presencia declina a lo largo de la serie, pero es siempre superior al resto de los orígenes, exceptuando a oriundos-as de la Ciudad de Buenos Aires. En cuanto a quienes perciben salarios en el sector, los orígenes con mayor presencia son la Ciudad de Buenos Aires y los países limítrofes. En 2004 y 2007 su participación era muy similar, a partir de entonces los asalariados porteños disminuyeron su presencia relativa en el sector. Esto puede explicarse por una traslación al cuentapropismo -que creció del 17% al 37% de 2007 a 2011 para los nacidos en la Capital-.

### *Condición registral*

En la Tabla 2 se expone el porcentaje de trabajadoras y trabajadores con derecho a cobrar el aguinaldo que efectivamente lo cobran. Se ha seleccionado este indicador, debido a que otros que corresponden al salario indirecto<sup>369</sup> están incluidos en el monotributo –como los aportes previsionales o el mantenimiento de una obra social- y pueden prestarse a confusión<sup>370</sup>.

Groisman (2012) destaca como característica de la nueva estructura ocupacional el protagonismo creciente de los asalariados precarios. Estos aumentaron del 29% en 1993 al 41% diez años más tarde. Al analizar el comportamiento de la rama indumentaria, resulta llamativo el bajo nivel de registro del sector.

Mientras la industria se encuentra entre el quinto y sexto puesto a lo largo de la serie -seguidos muy de cerca por la rama textil-, los porcentajes correspondientes a la indumentaria están entre los últimos, con valores similares a los de la construcción –superior a esta en más de 5 puntos sólo entre 2004 y 2006-.

El trabajo registrado en el período en estudio no ha presentado grandes variaciones en términos generales: asciende durante los primeros años de la serie y se mantiene relativamente estable des-

---

<sup>369</sup> Salario indirecto remite a las percepciones que acompañan la remuneración en mano: vacaciones, aguinaldo, salario familiar, indemnización, aportes jubilatorios.

<sup>370</sup> Si bien se reconoce la meticulosidad con que se recolecta el dato en el operativo, el monotributo es fuente de confusión en materia de registro laboral, por lo que se prefirió eliminar el posible efecto a través de la utilización de otro dato similar. Cabe destacar que la variación entre la percepción de aguinaldo y las otras fuentes de salario indirecto relevadas es muy baja.

de 2008 –tanto en términos relativos, como absolutos-. La confección muestra un pico en 2007 a partir del que inicia una tendencia decreciente. Algo diferente ocurre para la rama textil que mantiene una tendencia ascendente en cuanto a la participación relativa del trabajo registrado en el sector. En tanto el conjunto industrial muestra un pequeño salto en 2006 a partir del que se mantiene estable.

**Tabla 2: Percepción de aguinaldo por sector. CABA**

|   | 2004  | 2005  | 2006  | 2007  | 2008  | 2009  | 2010  | 2011  |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| <b>Industria</b>  | 69,9% | 69,9% | 73,0% | 73,9% | 74,5% | 74,8% | 74,0% | 73,7% |
| <b>Rama textil</b>  | 67,5% | 69,0% | 73,8% | 73,1% | 67,3% | 91,0% | 81,3% | 86,1% |
| <b>Rama indumentaria</b>  | 45,6% | 44,6% | 48,0% | 50,0% | 47,8% | 46,9% | 42,2% | 46,2% |
| <b>Construcción</b>   | 38,0% | 37,2% | 43,2% | 55,3% | 47,8% | 47,6% | 43,2% | 51,5% |
| <b>Comercio- Hoteles y restaurantes</b>   | 65,6% | 66,0% | 65,2% | 66,3% | 69,5% | 69,5% | 69,6% | 70,2% |
| <b>Transporte</b>   | 67,6% | 68,5% | 62,3% | 65,9% | 69,4% | 68,3% | 71,9% | 72,0% |
| <b>Actividades financieras, inmobiliarias, empresariales, de alquiler, informáticas y de investigación o desarrollo</b> | 72,1% | 74,3% | 78,5% | 81,3% | 83,1% | 77,1% | 83,7% | 82,2% |
| <b>Administración pública, defensa y seguridad social</b>   | 80,3% | 79,7% | 83,1% | 86,9% | 89,8% | 90,4% | 90,7% | 90,4% |
| <b>Educación- Servicios sociales y de salud</b>   | 74,8% | 78,9% | 82,8% | 82,2% | 82,9% | 81,1% | 80,7% | 82,4% |
| <b>Otros servicios comunitarios, sociales y personales</b>  | 59,9% | 67,3% | 66,7% | 74,6% | 74,1% | 68,9% | 75,0% | 71,5% |
| <b>Servicio doméstico</b>   | 29,7% | 27,9% | 27,9% | 28,2% | 33,0% | 29,5% | 31,2% | 36,0% |
| <b>Otras ramas</b>  | 85,3% | 88,4% | 89,6% | 80,3% | 95,7% | 92,7% | 88,2% | 90,8% |
| <b>Sin especificar</b>  | 46,7% | 87,6% | 78,0% | 64,6% | 80,2% | 75,1% | 67,7% | 61,2% |
| <b>TOTAL</b>  | 67,1% | 68,9% | 70,4% | 72,5% | 74,6% | 72,8% | 74,5% | 74,6% |



FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH05, EAH06, EAH07, EAH08, EAH09, EAH10, EAH11, EAH12 y EAH13. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

En uno de sus estudios, Groisman (2011) muestra que entre 2004-2009 el incremento del empleo en el conjunto del país se debió fundamentalmente a la creación de puestos de trabajo asalariados –se incrementó un 28%, en tanto el conjunto de los ocupados no asalariados lo hizo en un 5,8%-. A su vez, entre los puestos de trabajo asalariados prevalecieron aquellos registrados en la seguridad social –si bien, el autor advierte que el empleo registrado continuó fuera del alcance de un conjunto significativo de personas-. Las y los asalariados no registrados aumentaron solo hasta 2007, tras lo que se mantuvieron relativamente estables hasta el final del período.

Como se ha señalado, el empleo asalariado explica entre el 70 y el 75% del trabajo en la indumentaria. Más de la mitad de estas personas carecen de los aportes que supone el trabajo registrado, lo cual representa una vulneración de sus derechos al tiempo que limita sus posibilidades de acceso a las instancias legitimadas de reclamo colectivo<sup>371</sup>.

En este sentido Goldín (2008) señala que el alto nivel del desempleo debilita sobremanera la acción sindical y el poder de conflicto de los sindicatos. Castel (2004) describe este proceso como la erosión del segundo dique de contención que habría logrado domesticar el mercado de alguna manera, “la atención de la defensa de los intereses de los asalariados a través de grandes formas de organizaciones colectivas” (Castel, 2004: 56). En el nuevo modelo, el trabajador es más vulnerable porque no puede ampararse en sistemas de regulación colectiva.

Tokman señala que la existencia de un alto nivel de evasión de las regulaciones laborales puede revelar tanto un mecanismo débil de inspección, como la permisividad de la autoridad laboral, o bien la existencia de “zonas grises de contratos atípicos no bien definidos, en algunos casos, o en la mayoría, interpretados con criterios diferentes a las intenciones de los legisladores” (Tokman, 2006: 26).

---

<sup>371</sup> Como parte de los usos y costumbres de los sindicatos con personería gremial se ha instalado en las últimas décadas la restricción a la afiliación de personal no registrado (Arias y Salgado, 2012). Mediante esta operatoria las y los trabajadores carentes de registro se hallan doblemente negados en su condición y restringidos de sus derechos: por parte de las patronales, así como de los sindicatos.

Es destacable el comportamiento estable de las personas empleadas formalmente en la indumentaria en términos absolutos: entre 2005 y 2011 se mantienen alrededor de los 12 mil puestos de trabajo, con una oscilación de 500 puestos –con excepción de 2010, año en que se registra una caída del 20%-. El empleo industrial general sigue la misma línea -se estima que 94 mil habitantes de la ciudad se desempeñan en la industria, monto que varía en menos de un 4% a lo largo de la serie-. Esto no necesariamente indica la estabilidad de la economía, sino que puede entenderse como una estrategia de mantenimiento preventivo de personal (*labor hoarding*) (Damill y Frenkel, 2006): frente a las oscilaciones se reduce la producción -sin reducir la dotación- cuando la tendencia es a la baja. El reverso de esta dinámica consiste en incrementar el trabajo informal a través de la tercerización o la contratación ilegal -carente de registro laboral e impositivo- en la fase alcista.

De este modo, la reducción del 15% que se opera entre 2005 y 2007, así como el leve aumento que se inicia en 2010, no se corresponde con los cambios en el sector formal de la indumentaria.

### *Tamaño*

Las personas que viven en la Ciudad de Buenos Aires y trabajan en la indumentaria superan 4 en veces -aproximadamente- a las del sector textil -relación que se duplica los años 2005, 2008 y 2011-. La indumentaria enseña mayor protagonismo fundamentalmente en establecimientos más pequeños. Las personas empleadas en el rubro textil son menos de un cuarto de las que trabajan en la confección, sin embargo, esta relación se altera cuando se trata de establecimientos que emplean a más de 40 personas: la cantidad de trabajadores textiles asciende a casi la mitad de los de la indumentaria que se desempeñan en unidades productivas de este tamaño. Una relación similar han tenido los textiles en establecimientos unipersonales durante el período 2004-2006, que se fue reduciendo desde entonces<sup>372</sup>.

Alrededor de la mitad de los asalariados de la indumentaria trabajan en establecimientos que emplean entre 6 y 40 personas. La categoría anterior -de 2 a 5 personas- concentra entre un 25 y un 30% de quienes trabajan en relación de dependencia.

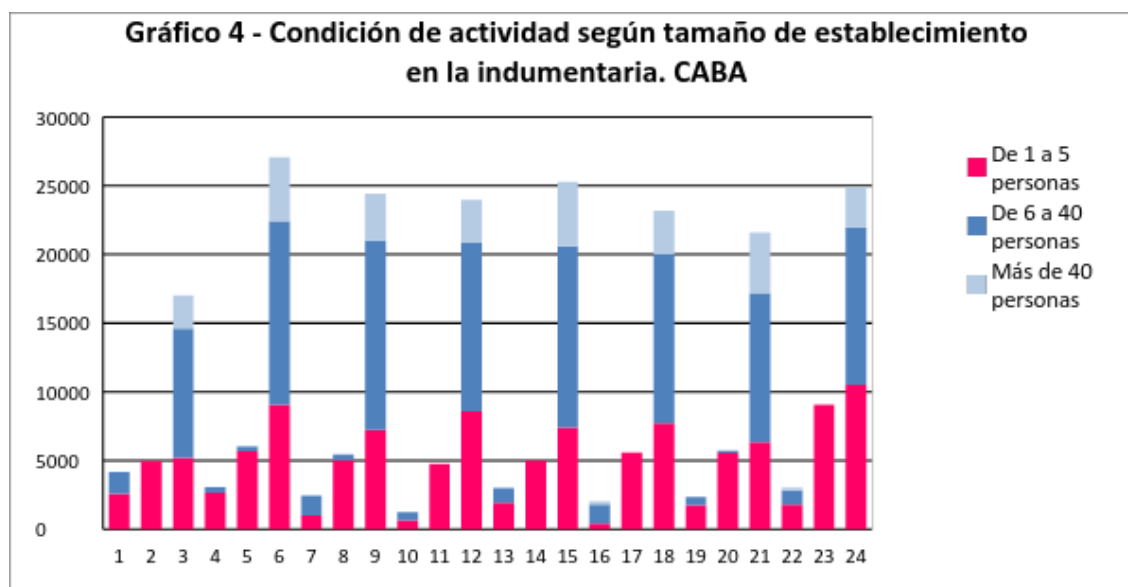
---

<sup>372</sup> Alrededor del 40% de los asalariados del sector textil trabajan en establecimientos que emplean de 6 a 40 personas, este número asciende a valores cercanos al 70% si consideramos unidades productivas de 6 personas en adelante.

A diferencia de lo que ocurre en el sector textil, cerca del 80% de los asalariados de la indumentaria se desempeñan en establecimientos de hasta 40 personas.

El cuentapropismo muestra un fuerte carácter unipersonal -oscila entre el 50 y el 70%- aunque existe una participación considerable de asociados que en total no superan a las 5 personas -esta va del 30 al 50%- (Gráfico 4).

Como se mencionó arriba, la proporción de trabajadores por cuenta propia acompaña la tendencia del conjunto -entre 17 y 20%-, pero en indumentaria se destaca la elevada participación -cercana a un 8%- de patrones o empleadores en relación a los 5 puntos que representa para el total. Entre el 50 y el 70% declaran trabajar en establecimientos de 2 a 5 personas, en tanto entre el 25 y el 40% lo hace en unidades productivas de 6 a 40 empleados.



FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH05, EAH06, EAH07, EAH08, EAH09, EAH10, EAH11, EAH12 y EAH13. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

Estos datos evidencian la prevalencia del trabajo en unidades productivas pequeñas, así como una fuerte presencia del autoempleo.

## *Migración*

El proceso de deslocalización de la producción que viene operándose crecientemente en las últimas décadas, en el caso de la industria de la indumentaria argentina se llevó a cabo dentro de los límites del Estado-Nación, pero a partir de la explotación y sobreexplotación de población migrante –deslocalización de la fuerza de trabajo- (Salgado, 2012 y 2015).

La situación de estos migrantes supone una particular condición de vulnerabilidad de la que se valen quienes se dedican a la reproducción del capital en esta rama. Ésta se hace ostensible en su situación económica, así como en la carencia de registro tanto laboral como, en muchos casos, migratorio. La masividad del trabajo de migrantes procedentes de Bolivia en talleres de confección clandestinos ha trascendido desde el incendio del taller de la calle Luis Viale en 2006, en el que murieron dos costureros y cuatro niños que vivían allí. A partir de entonces, la problemática del trabajo en la industria de la indumentaria ha cobrado relevancia mediática y ha generado la puesta en marcha de algunos mecanismos estatales -incipientes aun- de control y contención de la población que sale de talleres clandestinos clausurados.

A continuación se analiza la incidencia de la migración en el empleo del sector.

A lo largo del período en estudio, la participación relativa en la población total de la Ciudad de Buenos Aires según lugar de nacimiento se mantiene estable con variaciones que no superan los 2 puntos porcentuales<sup>373</sup>. Las y los porteños representan al 62% de los habitantes de la ciudad. Les siguen quienes nacieron en otra provincia -14%- , en partidos del Gran Buenos Aires (GBA) -7%- y en países limítrofes<sup>374</sup> -6%-.

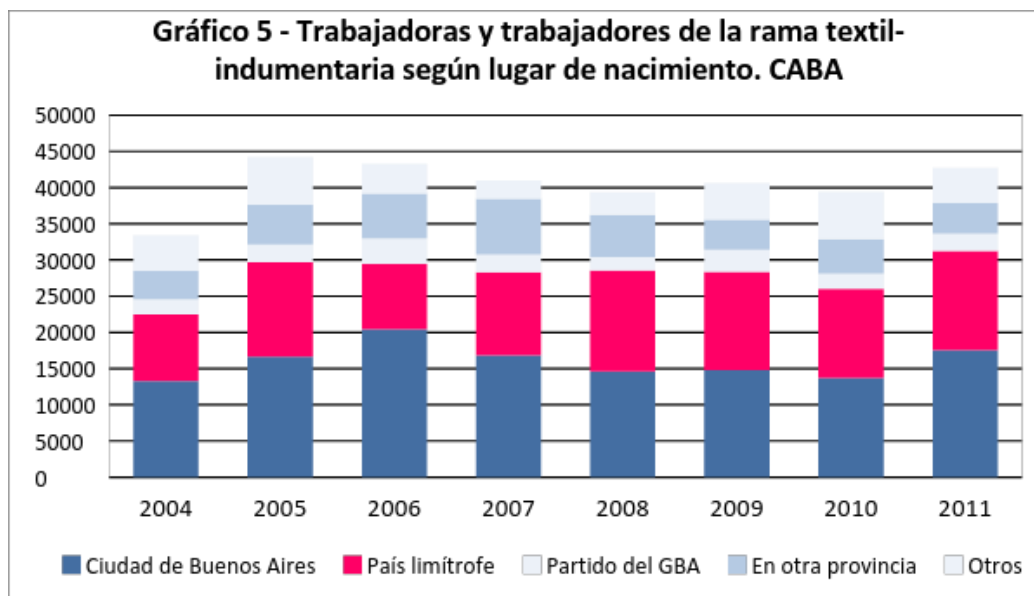
El segmento que más ha crecido es el de personas nacidas en países limítrofes: su participación asciende de 4,7% en 2004 a 6,1 en 2008, se mantiene estable hasta 2010 tras lo que reinicia su crecimiento, alcanzando 7 puntos para 2013 -incremento que explica la reducción relativa de la participación de las y los nacidos en CABA-.

---

<sup>373</sup> Esta tiene un peso similar a la de las nacidas en la Ciudad de Buenos Aires: cada una de estas categorías engloba a más del 30% de las y los trabajadores del sector en todos los años analizados -la oscilación va entre los 2 y los 5 puntos en ambos sentidos- y esta distribución se mantiene lo largo de la serie analizada -2004 a 2011-.

<sup>374</sup> Los datos recabados por la EAH agregan la información en la categoría “países limítrofes”. En base a datos cualitativos, así como a otras fuentes académicas y periodísticas, podemos asumir que en el caso de la industria de la confección se trata de personas nacidas en Bolivia.

La concentración de personas procedentes de países limítrofes en el sector textil-confecciones se enseña en el Gráfico 5.



FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH05, EAH06, EAH07, EAH08, EAH09, EAH10, EAH11, EAH12 y EAH13. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

Las mismas están en el orden del 30% a lo largo de la serie: inicia en más de un 27% en 2004 y alcanza su máximo en 2008 -más del 35%- si tomamos al complejo textil-confecciones en su conjunto. En la confección de indumentaria la participación de trabajadoras y trabajadores nacidos en países limítrofes es superior a la rama textil y mantiene su comportamiento ascendente hasta 2010 -año en el que alcanza el 40%-.

Este dato en relación a la participación en el conjunto de la población de la ciudad evidencia una relación fuerte entre migración y el trabajo en la industria de la confección -dado que en esta rama es más fuerte-.

Alrededor del 80% de los-as migrantes de países limítrofes que se desempeñan en el ámbito de la costura, lo hacen en tareas de calificación operativa vinculadas a la producción artesanal e industrial y a la operación de maquinaria y equipos de la producción industrial. Lo cual varía según la maquinaria que se opere. Las tareas no calificadas se mantienen en el orden del 10% con leves oscilaciones de un año a otro. El hecho de que estas proporciones se mantengan habiéndose in-

crementado la población en estudio en un 60% entre 2004 y 2011, da cuenta del crecimiento del sector y del aumento paralelo de su demanda de mano de obra de estas características.

Entre los-as nacidos-as en países limítrofes la cantidad de trabajadores por cuenta propia se redujo en términos relativos, en tanto los asalariados se incrementaron en un 60% entre 2004 y 2011 - explicando casi el total del crecimiento de l@s ocupados-as del sector-. La variabilidad de asalariados-as de otros orígenes en el período analizado no resulta significativa, por lo que constatamos que el crecimiento del sector se asienta en fuerza de trabajo procedente de países limítrofes.

La condición migratoria refuerza la informalidad en la medida en que, como afirma Castel (2004), vuelve más dóciles a las personas y genera en este carácter una preferencia para su empleo - proceso que el autor define como “racismo del inmigrante”-. Esto se evidencia en la aceptación de condiciones de empleo y salarios inferiores a los de los segmentos formales. El escaso poder de negociación y la predisposición a aceptar las condiciones de trabajo que se imponen está extendida tanto entre quienes remesan<sup>375</sup>, como entre quienes tienen el proyecto de ir a vivir a su país de nacimiento, así como entre quienes están establecidos-as en la ciudad. El disciplinamiento de la fuerza de trabajo se efectiviza de diferentes maneras: desde la amenaza a la deportación que sufren quienes son traídos a través de redes de trata de personas, hasta mediante la especulación y el maltrato que supone el pago retrasado y por debajo de las condiciones pactadas –que, de nuevo, revela una correlación de fuerzas que se vuelca casi enteramente al tallerista frente al obrero y a la marca frente al tallerista-.

Incluso en lo concerniente al trabajo a domicilio –disfrazado de autoempleo- las condiciones de autoexplotación son elevadas, fundamentalmente en términos de sobreocupación horaria.

Para el 2011 casi el 70% de las personas procedentes de países limítrofes ocupadas en el sector no percibía salario indirecto –apenas unos puntos menos que en 2004-. En cuanto a la carga horaria del trabajo, aproximadamente la mitad de las y los trabajadores de la confección de indumentaria nacidos en países limítrofes trabajan más de 45 horas semanales. A comienzo de la serie -2004- se trataba casi de un 70% (Tabla 3), a partir de entonces se ha ido reduciendo aunque continúa llamando la atención el significativo 43,6% que trabaja más de 45 horas semanales. Al descomponer esa categoría en rangos que puedan ofrecernos datos más detallados, se constata que en 2004 el

---

<sup>375</sup> La magnitud de las remesas de los migrantes a sus familias de origen ha generado una nueva fuente de recursos no solo para estas, sino también para algunos países de la región (Arriagada, 2007).

mayor porcentaje -32,9%- lo agrupa la categoría “más de 66 horas semanales”, mientras que en 2011 la misma categoría alberga a un 10% de la población analizada. Esto enseña una tendencia a la baja de la extensión de la jornada, como se ve en el aumento de quienes trabajan de 36 a 45 horas: de 14,2% para 2004 a 35,3% en 2011. Sin embargo, la mayor concentración sigue estando entre quienes trabajan más de 45 horas, por lo que la reducción de la jornada continua siendo una tarea pendiente.

**Tabla 3: Horas trabajadas por trabajadores-as de la confección de indumentaria nacidos-as en países limítrofes según años. CABA**

|                            | 2005 |              | 2007  |              | 2009  |              | 2011  |              |
|----------------------------|------|--------------|-------|--------------|-------|--------------|-------|--------------|
| <b>Menos de 35 horas</b>   | 1553 | 18,4%        | 1821  | 16,8%        | 3703  | 28,2%        | 2737  | 20,4%        |
| <b>Entre 35 y 45 horas</b> | 1203 | 14,2%        | 2878  | 26,6%        | 3351  | 25,5%        | 4730  | 35,3%        |
| <b>Más de 45 horas</b>     | 5700 | <b>67,4%</b> | 6123  | <b>56,6%</b> | 5868  | <b>44,7%</b> | 5841  | <b>43,6%</b> |
| <b>Total</b>               | 8456 | 100%         | 10821 | 100%         | 13118 | 100%         | 13385 | 100%         |

FUENTE: Elaboración propia a partir de las Bases EAH04, EAH07, EAH09 y EAH1. Dirección General de Estadística y Censos (Ministerio de Hacienda de GCBA)

En cuanto a la distribución horaria, según categoría ocupacional todas -patrón, cuentapropista, asalariado-a y trabajador-a familiar- muestran una alta cantidad de horas trabajadas: el pico se encuentra en el inicio de la serie y va enseñando una tendencia a la baja. Quienes trabajan por cuenta propia y los-as asalariados-as se comportan de un modo similar: en ambas categorías, alrededor del 50% trabaja más de 45 horas semanales -valor que ascendía al 70% para los asalariados-as en 2004-. Esto muestra que en términos de ocupación horaria la autoexplotación impone ritmos similares a los del trabajo bajo patrón. En el caso de las y los trabajadores familiares, el porcentaje es menor, pero igualmente alarmante: alrededor del 40% trabaja más de 45 horas. Es decir, independientemente de la categoría ocupacional, el trabajo en el sector supone una jornada extensa.

### *Situación habitacional*

En cuanto a la situación habitacional de la población nacida en países limítrofes y dedicada a la confección de indumentaria, los datos estadísticos muestran que para 2011 más de un cuarto se encontraba en condiciones de hacinamiento -más de 2 personas por cuarto, incluyendo los hogares que no disponen de ningún ambiente de uso exclusivo-. Este porcentaje ascendía a más del 40% para 2004. Para 2011 el 30% de los hogares de estas personas compartían el baño con otro hogar - la población en estas condiciones era menor al 20% en 2004 y el ascenso se registra ya desde 2007-, datos que indican la precariedad existente en las condiciones de vivienda.

### *Reflexiones finales*

A partir del recorrido propuesto constatamos que el sector de la confección presenta altos niveles de informalidad en relación al conjunto del empleo de las y los habitantes de la Ciudad de Buenos Aires. De esto da cuenta la prevalencia del cuentapropismo, el protagonismo de establecimientos de explotación pequeños y la preponderancia de la carencia de registro laboral. Asimismo, se ha analizado la participación de migrantes en el sector en tanto se supone que su condición vulnerabiliza aún más a esta población propiciando la aceptación de empleos de características asociadas a la informalidad y cercanas a la superexplotación –fundamentalmente en materia de extensión de la jornada-.

La expansión del trabajo en condiciones similares a la servidumbre opera como disciplinador del trabajo en el sector: presiona a la baja tanto a aquéllas propias del ámbito registrado, como a las que corresponden al segmento informal que no está vinculado a la trata de personas. Del mismo modo que la desocupación –en términos de ejército de reserva- incide en el conjunto de asalariados-as ocupados-as, la expansión de condiciones precarias de trabajo en el ámbito no registrado disciplina y retrae los límites de exigencia pensables dentro del campo formal. La escasa articulación entre trabajadores-as del sector -registrados y no registrados- y la exigua intervención estatal y sindical abonan el terreno sobre el que se erige el crecimiento de la plusvalía absoluta.

En términos más generales, a partir del análisis del sector, podemos pensar en línea con



Hopenhayn (2007) el proceso de deslocalización como desfragmentador del colectivo de trabajo, pero a través del impulso a la concentración de recursos en un lado –pequeño- y extendiendo la pauperización del trabajo en el otro –amplio-.

Esta incapacidad de absorción que define el autor resulta por demás sugerente para reflexionar en torno a la dinámica imperante en la rama indumentaria. La misma mantiene un elevado nivel de informalidad a lo largo del último decenio, que se inicia en un período expansivo de la economía, lo cual da la pauta de un comportamiento que se vincula más a lo estructural, que a la contingencia.

### **Bibliografía**

ADÚRIZ, Isidro. “La Industria Textil en Argentina. Su evolución y sus condiciones de trabajo” en *FOCO – Foro Ciudadano de Participación por la Justicia y los Derechos Humanos del Instituto para la Participación y el Desarrollo* (Buenos Aires: INPADE), 2009.

ARIAS, Cora y SALGADO, Paula. “Revitalización sindical en Argentina: el caso del subte”, en *Revista de Ciencias Sociales de la Universidad de Costa Rica*. Pp. 131-152, 2012.

ARRIAGADA, I. “Transformaciones familiares y políticas de bienestar en América Latina”, en Arriagada, I. (Coord) (2007) *Familias y políticas públicas en América Latina. Una historia de desencuentros*. Santiago de Chile, Libro de la CEPAL N°96 Pp 63-75, 2007.

BECCARIA, Luis; CARPIO, Jorge y ORSATTI, Álvaro “Argentina: informalidad laboral en el nuevo modelo económico”. En Carpio, Jorge; Klein, Emilio e Novacovsky, Irene (comps.) *Informalidad y exclusión social*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica-Siempro-OIT, 2000.

CASTEL, R. *La inseguridad social. ¿Qué es estar protegido?*, Ed. Manantial, Buenos Aires, 2004.

CRESWELL, J. W. *Research design. Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. Thousand Oaks, California: Sage, 2009.

DAMILL, M. Y FRENKEL, R. “El mercado de trabajo argentino en la globalización financiera”, en *Revista de la Cepal* N° 88, Santiago de Chile, 2006.

D'OIVIDIO, M. Quién es quién en la cadena de valor del sector de indumentaria textil. *Informe realizado por la Fundación El Otro (www.elotro.org.ar) en alianza con interrupción (www.interrupcion.net)*, 2007.

DONZA, Eduardo “Método de imputación de la no respuesta en las preguntas de ingresos en la Encuesta Permanente de Hogares. Gran Buenos Aires 1990-2010”. Ponencia presentada en la *X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires. Disponible en <<http://www.aacademica.com/000-038/769>>, 2013.

GOLDÍN, A. Normas laborales y mercados de trabajo argentino: seguridad y flexibilidad, *Serie Macroeconomía del desarrollo* 74, Santiago de Chile: CEPAL, 2008.

GROISMAN, F. “Gran Buenos Aires: Polarización del ingreso, clase media e informalidad laboral (1974-2010)”, en *Revista de la CEPAL* 109, Santiago de Chile, 2013.

GROISMAN, F., SCONFIENZA, M. E. y BOSSERT, F. Políticas de protección social y participación económica de la población en Argentina (2003-2010), *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, 2012.

HOPENHAYN, M. “Cambios en el paradigma del trabajo remunerado e impactos”, en Arriagada, I. (Coord) *Familias y políticas públicas en América Latina. Una historia de desencuentros*. Santiago de Chile, Libro de la CEPAL N°96, Pp 63-75, 2007.

LIEUTIER, Ariel. *Esclavos: los trabajadores costureros de la ciudad de Buenos Aires* (Buenos Aires: Retórica Ediciones), 2010.

GROSSKOFF, Rosa. “Comparación de las estadísticas de ingresos provenientes de encuestas de hogares con estimaciones externas”, en *Segundo Taller Regional Medición de del ingreso en las encuestas de hogares*. MECOOVI, Buenos Aires: MECOVI-CEPAL-INDEC, 1996.

KACEF, Osvaldo. *Industria de la Confección y el Diseño*. Buenos Aires: CEPAL-ONU, 2003.

MARX, Karl. *El Capital. Crítica de la Economía política*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores., 2002.

OSORIO, Jaime. *Crítica de la economía vulgar Reproducción del capital y dependencia*. Colección América Latina y el Nuevo Orden Mundial. México: Miguel Ángel Porrúa, UAZ, 2004.

PERRY, G.; MALONEY, W.; ARIAS, O.; FAJNZYLBER, P.; MASON A. y SAAVEDRA-CHANDUVI, J. *Informality: Exit and Exclusion*. Washington: World Bank, 2007.

SALGADO, Paula D. “Deslocalización de la producción y la fuerza de trabajo: Bolivia - Argentina y las tendencias mundiales en la confección de indumentaria”, en *Si Somos Americanos*, (Santiago de Chile) Vol XV, N° 1, *en prensa.*, 2015

\_\_\_\_\_. “El trabajo en la industria de la confección de indumentaria en Argentina. Aproximaciones a partir de las transformaciones recientes en la cadena de valor”. Ponencia presentada en el *Congreso de Economía Política Internacional* de la Universidad de Moreno. Buenos Aires. Octubre, 2014.

\_\_\_\_\_. “El trabajo en la industria de la indumentaria: una aproximación a partir del caso argentino”. *Revista Trabajo y Sociedad*, 18, 59-68, 2012.

<<http://www.unse.edu.ar/trabajosociedad/18%20SALGADO%20Industria%20indumentaria%20.pdf>>

SALGADO, Paula D. y SANCHEZ KHALIL, P. “Cambios en el mundo del trabajo. Análisis de la situación y de las formas de organización de clase: período 1975–2000”. *Revista de la Facultad Publicadecs, UNCo*, número 14, segundo semestre, pp. 11-31, 2009.

<<http://fadeweb.uncoma.edu.ar/medios/revista/revista15/01SalgadoSnchez.pdf>>

SOTELO VALENCIA, Adrián. *La reestructuración del mundo del trabajo Superexplotación y nuevos paradigmas de la organización del trabajo*. México: Editorial Itaca-Universidad Obrera de México y Escuela Nacional para Trabajadores, 2003.

STALLINGS, B. y WELLER, J. El empleo en América Latina, base fundamental de la política social, *Revista de la CEPAL*, 75, Santiago de Chile: CEPAL, 2001.

TOKMAN, V. Inserción laboral, mercados de trabajo y protección social, Serie Financiamiento del desarrollo 170, Santiago de Chile, 2006.

***Fuentes consultadas***

Encuesta Anual de Hogares (EAH) de la Dirección de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad

Centro de Investigación y Desarrollo Textil del Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI)

Observatorio de Empleo y Dinámica Empresarial del Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social

Denuncias realizadas en la Defensoría del Pueblo de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires

Entrevistas en profundidad a trabajadores y empleadores del sector, y a informantes clave. Desde 2009 a 2014.

**Migración y trabajo: las “fronteras” de la explotación. El caso de la industria de la indumentaria. Buenos Aires, 2001-2013**

**Migration and labor: “frontiers” of exploitation. The case of garment industry. Buenos Aires, 2001-2013**

Paula Dinorah Salgado<sup>376</sup>

**Resumen**

La presente ponencia resulta de la indagación en torno a la articulación que se da en la industria de la confección de indumentaria argentina –particularmente en Buenos Aires- entre migración y trabajo. La presencia de migrantes procedentes de Bolivia en la rama data de la década del 90 y ha ido en aumento desde la fase de crecimiento que se inició en 2003. Este incremento fue acompañado de la precarización de las condiciones de trabajo.

Este trabajo problematiza la noción de frontera en cuanto a sus potencialidades y limitaciones para estudiar el fenómeno. El recorrido que proponemos se estructura a partir del análisis de los supuestos ontológicos y epistemológicos de un conjunto de abordajes, impulsado por la búsqueda de una mirada capaz de captar la complejidad de un caso que se sitúa en un momento histórico en que las fronteras se multiplican, se corren y no coinciden necesariamente con la línea punteada dibujada en el mapa.

Como parte de esta reflexión se indaga en el abordaje del Estado-Nación y de la etnicidad como entidades discretas, y se enfoca particularmente en el concepto de *enclave étnico* debido a que constituye una región de tensión de paradigmas. Finalmente se propone la idea de *interseccionalidad* –en términos ontológicos y metodológicos- como alternativa para resolver contradicciones y lograr abarcar la multiplicidad de dimensiones que se imbrican en el fenómeno.

**Abstract**

In this paper we analyze the linkages between migration and labor in Argentine garment industry – particularly in Buenos Aires-. Migrants from Bolivia were present in the branch in the 90s and

---

<sup>376</sup> Licenciada en Sociología (Universidad de Buenos Aires). Maestranda en Metodología de la Investigación en Ciencias Sociales (UniBo-UNTReF). Doctoranda en Ciencias Sociales (UBA). Pertenencia institucional: Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires). Correo electrónico: [pauladsalgado@yahoo.com.ar](mailto:pauladsalgado@yahoo.com.ar)

their presence had been increased since the growth phase that had started in 2003, along with the precarization of working conditions.

In this study, an attempt has been made to analyze critically the notions of frontier and border and their potential for approaching the phenomenon. It is structured by the analysis of ontological and epistemological suppositions and aims to capture the complexity of a historical moment in which frontiers and boundaries multiply, displace and do not suit exactly with the line drawn on the map.

In the same line, this inquiry tackles the concept of nation-state and ethnicity problematizing their approach as discrete entities, particularly related to the notion of ethnic enclaves because it is situated in a location of competing paradigms. Finally, the idea of intersectionality is proposed as alternative to resolve contradictions and because it is able to capture the multiple dimensions interwoven in the phenomenon.

### ***Introducción***

La presente ponencia resulta de la indagación en torno a la articulación que se da en la industria de la confección de indumentaria argentina –particularmente en Buenos Aires– entre migración y trabajo. El acento está puesto en la primera de estas dimensiones, siendo abordada como generadora de una particular condición de vulnerabilidad que promueve la forma de explotación laboral específica que se analiza a continuación<sup>377</sup>.

La industria de la confección de indumentaria en Argentina ha reportado un notable crecimiento a partir del año 2003 que ha ido acompañado de un aumento del trabajo no registrado. Esta tendencia es la resultante del vuelco de gran cantidad de empresas al desligamiento de la producción hacia talleres no registrados ni laboral, ni impositivamente. En otros estudios analizamos el derrotero

---

<sup>377</sup>\* Licenciada en Sociología (Universidad de Buenos Aires). Maestranda en Metodología de la Investigación en Ciencias Sociales (UniBo-UNTref). Doctoranda en Ciencias Sociales (Facultad de Ciencias Sociales-UBA). Pertenencia institucional: Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires). Correo electrónico: [pauladsalga-do@yahoo.com.ar](mailto:pauladsalga-do@yahoo.com.ar)

Los datos que se analizan en el presente estudio corresponden a denuncias provistas por la Defensoría del Pueblo de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, entrevistas en profundidad realizadas desde abril de 2009 a la actualidad y datos estadísticos correspondientes a la Encuesta Anual de Hogares de la Dirección General de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires. La triangulación de fuentes y de metodologías resulta de suma utilidad tanto con vistas a la exhaustividad de la información, como a la captación de distintas perspectivas sobre el fenómeno.

de la industria de la indumentaria local en sintonía con las tendencias mundiales (Salgado, 2011, 2012 y 2015). Entonces nos centrábamos en la correlación presente entre estas dos escalas de análisis, evidenciada en el avance de la desintegración vertical de la industria –fragmentación y separación del proceso productivo correlativa de la integración comercial a escala planetaria-. Dicho proceso implicó la deslocalización de la producción en diferentes sentidos: separando las unidades ejecutoras de las distintas etapas y concentrando algunas de ellas en diferentes partes del globo.

A partir de la década del 70 comienza a operarse una traslación desde Europa y Estados Unidos hacia Asia y otros países periféricos en materia de empleo. Esta tendencia está vinculada al desplazamiento desde el ámbito formal al informal, lo que ha repercutido en términos negativos en las remuneraciones y en las condiciones de trabajo: mayor cantidad de empleos temporales y a tiempo parcial, así como el crecimiento del trabajo a domicilio en las industrias del vestido y el calzado (OIT, 1996). Crecientemente la producción en esta rama fue trasladándose a países en los que se ejecutaba mediante la explotación de trabajadores y trabajadoras no registrados-as y en condiciones que desbordan al concepto de precariedad. En Argentina, esta transformación comenzó a llevarse a cabo desde de la década del 70 y se profundizó promediando la década del noventa producto de la contracción económica (Adúriz, 2009). Esto se tradujo en la creciente tercerización, en su mayoría de tareas manuales -primordialmente la confección- a establecimientos dedicados a tal fin, y la concentración dentro de las empresas del trabajo intelectual -diseño, publicidad, etc.- (Lieutier, 2010).

La recuperación de la industria de indumentaria que se inicia en 2003 no ha implicado una mejora de las condiciones de trabajo, por el contrario se observa la proliferación de talleres de confección de indumentaria clandestinos. La forma particular de explotación del trabajo que allí se extiende ha sido denominada como “reducción a la servidumbre” debido a los diferentes mecanismos de coerción que se imponen a las y los trabajadores que constriñen su libertad. Acorde a estimaciones recientes 75% de los-as trabajadores-as del sector no está registrados y gran parte de este porcentaje es explicado por el trabajo en talleres de confección clandestinos -dato por demás significativo al comparar con el 40% del empleo no registrado presente en el conjunto de la economía-. Las personas que allí se desempeñan proceden en su mayoría de países limítrofes –fundamentalmente de Bolivia- y un conjunto de ellas son traídas mediante mecanismos que se inscriben en lo definido como trata de personas bajo la modalidad denominada “servidumbre por deudas”. Cumplen una jornada laboral que ronda las 15hs, perciben pago a destajo y su salario está muy por debajo del establecido en las negociaciones paritarias. Usualmente viven en el lugar de trabajo en condi-

ciones de hacinamiento y son provistos de una magra alimentación por parte de sus patrones, quienes comúnmente, a través de diversos mecanismos de coerción y coacción, regulan su libertad de entrada y salida del taller (Salgado, 2012).

Diferentes estudios dan cuenta del crecimiento del trabajo en condiciones de reducción a la servidumbre a partir de la retracción que experimentó el sector durante los años 90 (Jelin, 1998; Gallart, 2006; OIT-CEA, 2011), estimulado por el desplazamiento de la fábrica al taller a domicilio (Cortés, 1988). Otro conjunto de investigaciones orbitan en torno a la apertura que posibilitó el aumento pronunciado de las importaciones chinas a mediados de la primera década del Siglo XXI. Debido a éste la industria local acudió a la importación de las relaciones sociales de producción – replicando la forma de explotación en *sweatshops* extendida en países asiáticos y europeos- con el objetivo de permanecer en el sector (D’Ovidio, 2007).

En línea con Harvey (2007) pensamos al capitalismo como estructura situada temporal y espacialmente. El neoliberalismo, como intento por restablecer el poder de las clases dominantes, se ha valido de la explotación clásica del capitalismo y de un conjunto de prácticas que llevan al autor a caracterizar este momento histórico como de “acumulación por desposeimiento”. Se trata de la continuación y expansión de las prácticas que Marx identificó como “primitivas” durante el ascenso del capitalismo, pero situadas en la actualidad ejerciendo un movimiento específico en la reproducción del capital. Entre ellas el autor ubica a “la trata de esclavos” –aunque sólo se restringe a analizar a la que se vincula a la explotación sexual-. Mezzadra y Neilson (2013) separan las dos dimensiones –o momentos- que, a su entender, figuran como equivalentes desde la perspectiva de Harvey: desposesión y explotación. Los autores sugieren una articulación dialéctica entre estos dos momentos de operaciones del capital que se ponen en contradicción a partir de la existencia de límites –*boundaries*–: “en las experiencias, prácticas y luchas de sujetos móviles que viven y trabajan en y a través de zonas, corredores y otras geografías postdesarrolladas, esta articulación se hace visible” (Mezzadra y Neilson, 2013: 242).

Como indicamos al principio, migración y trabajo se enlazan en el caso que analizamos y conforman una dimensión nueva en la que son inescindibles para el estudio del fenómeno. El objetivo que perseguimos aquí es problematizar particularmente la mirada desde la que se reflexiona en torno a la migración. Para ello nos adentraremos primero en la conceptualización de la/s frontera/s y las (i)legalidades que su existencia produce. Seguidamente se analizan distintas alternativas de abordaje de lo transnacional en lo local, atendiendo particularmente a las posiciones ontológicas



subyacentes a cada una de estas perspectivas. Finalmente se expone la interseccionalidad como camino aglutinador de las potencialidades de las diferentes líneas de investigación analizadas.

### ***Frontera y fronteras del trabajo en la industria de la indumentaria***

La migración de países limítrofes es un fenómeno cuya historia se remonta a la conformación del Estado nacional. Si bien, en la actualidad posee gran visibilidad, numerosa cantidad de estudios dan cuenta de la perennidad de su existencia, así como de su variabilidad. Hacia finales del siglo XIX representaban un bajo porcentaje en relación al conjunto de migrantes -20% según datos del Censo Nacional de Población de 1869-. Esta relación fue decreciendo hasta 1914 –año en el que llegó al 8%-, a partir de cuando inició una tendencia ascendente: para 1991 representaba a la mitad del conjunto de migrantes y en 2001 alcanzó el 60% (Pascucci, 2010).

En la industria de la confección, específicamente, se destaca la prevalencia de trabajadoras y trabajadores provenientes de Bolivia (INET, 2008). Por ello, presentaremos un breve recorrido sobre las características que ha asumido la migración desde este país para analizar posteriormente su relación con el devenir de la industria de la confección.

Las primeras migraciones provenientes de Bolivia tenían un carácter rural-rural: se ocupaban de cubrir la demanda de trabajo estacional propia del trabajo agrícola concentrándose fundamentalmente en Salta y Jujuy. Tras el impulso de los cultivos de caña de azúcar no sólo se incrementó el flujo migratorio, sino también muchos comenzaron a establecerse en Argentina. Esta tendencia se intensificó hacia los inicios de la década del 40: los migrantes combinaban diferentes trabajos estacionales vinculados a la frutihorticultura. Según estimaciones en ese entonces casi el 90% se establecía en el norte, en tanto un 7% se asentaba en Buenos Aires. Promediando el siglo XX la migración comienza a adoptar una naturaleza rural-urbana. Las ocupaciones que concentraban la mayor cantidad de migrantes bolivianos en el Gran Buenos Aires (GBA)<sup>378</sup> durante la década del 60 tenían como denominador común la baja calificación y la inestabilidad: trabajo doméstico, industria de la confección, construcción, horticultura, venta callejera de verduras (Pascucci, 2010).

---

<sup>378</sup> Lugar de destino del 45% de las y los migrantes bolivianas-os, así como de argentinas-os provenientes de diferentes provincias.

Según Benencia (2009) la atracción hacia las metrópolis era provocada por la posibilidad de conseguir mejores salarios que en el país de origen o en las zonas fronterizas.

Para 1970 más de un tercio de los migrantes de países limítrofes habitaba en el área metropolitana de Buenos Aires. Este acrecentamiento de la presencia de migrantes en centros urbanos le otorgó mayor visibilidad al fenómeno. Según Cerrutti (2009) este cambio se debió a la expulsión de la mano de obra estacional de las actividades vinculadas a la agricultura producto de su tecnificación, así como a las potencialidades de mejora del estándar de vida que se vincula a los centros urbanos. Hacia 1991 el 40% de los migrantes de Bolivia se asentaba en la ciudad de Buenos Aires y el GBA. Para 1998 sólo en el GBA se concentraba el 38,8% –el 34,7% en Salta y Jujuy- (Pascucci, 2010). De acuerdo a datos del censo 2001, la proporción de migrantes bolivianos en el área metropolitana del GBA mantiene una tendencia creciente -51,6%-, en tanto se reduce la de aquéllos que residen en Salta y Jujuy al 23,8%.

La crisis de 2001-2002 operó como punto de inflexión en materia de empleo de migrantes en la industria de la confección. La retracción económica llevó a la reubicación en industrias más débiles y de alta precarización –vestido, calzado y comercio al por menor, fundamentalmente- (Maguid, 2005, cit. en Benencia, 2009). En base a datos de la Encuesta Anual de Hogares (EAH) de la Dirección General de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires<sup>379</sup>, en el período 2004-2011 no ha habido una gran variación en la composición de las y los habitantes de la Ciudad de Buenos Aires en cuanto a su lugar de nacimiento. Más del 60% es porteño-a -nacido-a en la ciudad-, en tanto la segunda participación es de personas que han nacido en otra provincia -sin contar los primeros cordones que rodean a la Ciudad de Buenos Aires-. La proporción de personas nacidas en países limítrofes se ha incrementado del 4,7% en 2004 al 6,5% en 2011. En términos absolutos representan a más de 50.000 personas siendo, además, la categoría que mostró la variación más significativa en el período.

---

<sup>379</sup> La encuesta que analizamos, llevada a cabo por una dependencia del Estado, muestra la región ostensible del universo de estudio. El hecho mismo de acceder a contestar, da cuenta de un determinado nivel de visibilidad. Posiblemente, quienes trabajan privados-as de su libertad en talleres se encuentren dentro del porcentaje de no respuesta. A partir de esta advertencia, creemos de mayor rigor considerar a la población que muestran estas estadísticas como “las y los trabajadores visibles de la confección de indumentaria”, sin pretensión de alcanzar a la totalidad mediante estos datos.

Según datos de la EAH, entre 2004 y 2011 la residencia en la Ciudad de Buenos Aires de personas nacidas en países limítrofes que trabajan en la confección de prendas de vestir se ha incrementado en más de un 60%. Casi la totalidad de ellos-as vienen directamente a la ciudad, sin destinos intermedios. Benencia (2009) afirma que quienes migran para trabajar en el ámbito de la confección de indumentaria se caracterizan por provenir de hogares pobres, en muchos casos se trata de una estrategia familiar por etapas, en otros, el migrante se contacta con parientes menos cercanos que ya están asentados en la ciudad de destino. El tipo de trabajo al que acceden es de baja calificación, se encuentra en el límite inferior de la escala salarial y es de gran rotación -incorporación y expulsión veloz de trabajadores del proceso productivo-. De las y los residentes en la Ciudad de Buenos Aires en 2011 que han nacido en países limítrofes y se desempeñan en la industria de la confección, más del 45% llegó después del 2002 y un poco más del 40% lo hizo entre 1990 y 2001 (EAH).

La trata de personas con fines de explotación laboral se ha ido extendiendo en el tiempo y es de relevancia para explicar la migración de países limítrofes en la indumentaria<sup>380</sup>. En el sector, específicamente, prevalece la modalidad definida como “servidumbre por deudas”. Generalmente, la deuda inicial consiste en los gastos de traslado desde el país de origen, ésta es cobrada con trabajo en el lugar de destino. Dado que la vivienda y la comida son provistas por el empleador, esta deuda se va acrecentando y debe ser saldada con un trabajo por el que se paga un salario muy inferior al estipulado por la legislación laboral<sup>381</sup>.

El sometimiento y las obligaciones son generados también a través de mecanismos como la retención de los documentos de identidad, el pago retrasado del sueldo y en pequeñas partes, las amenazas con la puesta en conocimiento a las autoridades de migración, la prohibición de entrar y salir del taller libremente, para mencionar los que se han denunciado con mayor frecuencia. Asi-

---

<sup>380</sup> En el caso que analizamos, implica también el tráfico, debido a que son trasladadas a otro país de manera irregular. Se considera un delito contra las personas que se caracteriza por un reclutamiento a través de engaños, rapto o coacción cuya finalidad es la explotación laboral, sexual o la extracción de órganos (D’Ovidio, 2007).

<sup>381</sup> En Argentina se estiman entre 100.000 y 130.000 las víctimas de trata con fines de explotación sexual y laboral provenientes de Bolivia (D’Ovidio, 2007). De acuerdo al último informe de La Procuración de Trata y Explotación de Personas (PROTEX), más del 40% de las víctimas de los primeros 71 procesamientos dictados por el delito de trata de personas con finalidad de explotación laboral (reducción a servidumbre y trabajo forzoso) -referidos a 156 imputados y 516 víctimas- corresponden al sector textil (Colombo, 2014).

mismo existen denuncias de violencia física, apropiación de las pertenencias del trabajador por parte del tallerista y abuso sexual.

A partir de las características hasta aquí descritas nos proponemos ahora efectuar una reflexión teórica desde la que analizar las particularidades del caso en estudio.

El concepto de frontera ha sido indagado en profundidad dentro del campo de las Ciencias Sociales conformado por los estudios migratorios. Si bien no es el objetivo de este trabajo profundizar en los debates que ha suscitado, sí interesa dar cuenta de la mirada que consideramos con mayor capacidad de albergar las dinámicas que ponen en movimiento los desplazamientos Bolivia-Argentina vinculados al trabajo en la industria de la indumentaria Argentina.

Para comprender las diferentes dimensiones espaciales que adquiere la frontera en la literatura una propuesta de utilidad consiste en distinguirla del concepto de límite. Este último refiere al perímetro que comprende a un territorio, en el caso de los Estados-Nación se trata de la región espacial a la que alcanzan los derechos y obligaciones, así como el monopolio de la violencia legítima. Benedetti y Salizzi (2011) abonan a la idea que en virtud de las disparidades que se producen a los lados de estos límites, se genera una movilidad –como estrategia individual o grupal, según los autores- que posibilita “beneficiarse” de estas diferencias. Coincidimos en la idea de acudir a este recurso como alternativa para la mejora de las condiciones de existencias. Ahora bien, consideramos necesario intentar responder una serie de interrogantes para problematizar la idea de “beneficio” –siempre pensando en experiencias masivas-: ¿quiénes son las y los que atraviesan estos límites? ¿Cómo aparece el desplazamiento como una alternativa en la vida de estas personas? ¿Cuáles son los lugares y las condiciones de vida a las que ingresan a partir de ese movimiento?

Siguiendo la propuesta de los autores, la noción de frontera remite a lo que está al frente, que muchas veces coincide con el límite, aunque no necesariamente. Si bien ambos conceptos aluden a construcciones sociales y son expresiones del poder ejercido con vistas al control del territorio, la frontera carga la idea de conflicto en tanto “cobra sentido en la medida que haya intenciones de algún sujeto de moverse a través del límite y, además, exista una clara voluntad por afectar, influir o controlar las acciones del otro; sino se trata solamente de un límite” (Benedetti y Salizzi, 2011: 153). El movimiento, la dialéctica y la existencia de un poder legítimo subyacen a esta forma de entender la frontera.

Mezzadra y Neilson (2013) establecen una distinción entre la expansión de las fronteras *-frontiers-* del capital y la proliferación de las fronteras *-border-* políticas, legales y sociales que pueden ser

abordadas al utilizar la frontera como método *-border as method-*. La regulación política asociada al Estado-Nación deja de ser hegemónica en la medida en que el capital se libera del anclaje geográfico a través de la primacía de su versión financiera, a partir de la crisis de los 70. Así, funciones políticas dejan de depender del Estado: “las finanzas globales contemporáneas, que pueden dictar políticas a países enteros, dando forma a racionalidades de gobierno y ciudadanía a través de diversas escalas territoriales” (Mezzadra y Neilson, 2013: 85).

Como analizaremos en el siguiente apartado, la incorporación de la perspectiva transnacional supone un derrumbe de las posiciones ontológicas y epistemológicas ligadas a la naturalización de los límites establecidos por el Estado-Nación. La crítica desde esta posición llevada a la noción de frontera ha hecho proliferar denominaciones que buscan definir lugares cada vez más amplios y heterogéneos, lugares que se imbrican con los espacios, rompiendo con la tradicional dualidad de las Ciencias Sociales en pos de una diversidad en movimiento. Este reacomodamiento de la mirada es uno de los reflejos posibles de la estructuración de la producción capitalista, y de la distribución de sus productos y su fuerza de trabajo, que se viene operando desde fines de los 70 (Harvey, 2007) y que ha fortalecido y dinamizado lazos globales de circulación de bienes materiales, simbólicos y de personas. Sin embargo, como advierte Garduño (2003), la atención puesta en la movilidad multidireccional de los sujetos sociales, en sus procesos de construcción identitaria, las prácticas individuales o colectivas desplegadas como parte de estos movimientos, corren el riesgo de difuminar asimetrías que –deslocalización mediante– continúan teniendo vigencia. Concretamente se refiere a la extracción de plusvalor y a las nuevas formas que asume a partir de la masificación de las migraciones. En línea con Sider (1992, cit. en Garduño, 2003) afirma que “a pesar de los cambios globales de nuestra época, la migración continúa siendo la apropiación, por parte de los países receptores, del excedente sustraído directamente de los trabajadores transnacionales y de su trabajo y, más aún, la explotación de los lazos de parentesco y de las comunidades, regiones y países de los migrantes” (Garduño, 2003: 74).

En esta clave puede leerse la edificación de la normativa migratoria, como dispositivo legítimo de consolidación de esa frontera. Sobre esta idea De Génova (2010) procura desnaturalizar la representación del “inmigrante ilegal” a través de su deconstrucción. Es por esto que diferencia la carencia de documentación de la “ilegalidad”, esta última consiste en un estatus jurídico que plantea una relación social con el Estado. La ilegalidad en el marco de las migraciones surge a partir de la Segunda Guerra Mundial como hecho generalizado en las Naciones-Estado que gozaban de mayor bienestar. En la misma línea, González Cámara (2010) advierte que son diversos los analistas que

se preocupan por visibilizar cómo la alusión a la legalidad contribuye a la criminalización de los migrantes en situación irregular. Esta acepción niega a la persona la condición de personalidad legal del migrante en la medida en que se asocia a procesos de exclusión, de restricción de derechos, creando lo que Coutin (cit. en González Cámara, 2010) ha denominado “espacios de no-existencia”. La autora encuentra que en el uso del término “inmigrante indocumentado” la noción de ilegalidad aparece disipada. Gracias al debate terminológico se han logrado visibilizar problemas epistemológicos más profundos, como la naturalización a la que se han visto sometidas las migraciones no autorizadas.

De Génova (2010) destaca otro aspecto fundamental para la crítica de la “legalidad” migratoria. Se trata de la relación estrecha existente entre trabajo y migración indocumentada: éstas últimas consisten fundamentalmente en migraciones laborales. El autor sostiene que las formas de “ilegalidad” cotidiana son responsables del encuentro con diferentes formas de vigilancia y represión, que se expresan cabalmente en la deportabilidad -la potencialidad de ser deportado-a y no de la deportación en sí-. Lo decisivo de la potencialidad de ser deportados, es que algunos efectivamente lo sean, para que otros-as permanezcan como trabajadores, que por su status migratorio, serán considerados-as “ilegales”. Así la “ilegalidad” es producida por la legislación migratoria, no sólo en el sentido abstracto, sino también en el más profundo acerca de la historia de intervenciones deliberadas que revisaron y reformularon la ley constituyendo un proceso de inclusión a través de la “ilegalización” (De Génova, 2010).

Las restricciones normativas de los flujos migratorios aparecen vinculadas a las divisiones que señala Vidal López (2005) en su investigación. Interesa particularmente destacar el rol asignado a la calificación y/o posición en la estructura social para analizar el fenómeno de la migración: por un lado ejecutivos familiarizados con aeropuertos, y por otro, pobres no registrados. Esta desigualdad se expresa también en la participación de la riqueza mundial y el crecimiento poblacional de los Estados-Nación: mientras la concentración de la riqueza mundial ocurre en zonas de baja densidad de población, las de mayor densidad se empobrecen rápidamente. Dado que las migraciones regionales han existido siempre, Vidal López asegura que “la globalización liberal encierra una fuerte contradicción entre la movilidad que propone y produce para los procesos económicos, y el fuerte conservadurismo que practica frente a las migraciones masivas” (Vidal López, 2005: 30).

El formato Estado-Nación es el que se ha ocupado históricamente de estimular un tipo de migración -las definidas como deseables- y reprimir y obstaculizar las migraciones no deseadas. Entre

los tipos de migración que distingue Vidal López nos interesa el que podríamos definir como “in-documentadas” –en lugar de la nominación de “ilegal” que propone el autor-: éstas se provocan en virtud del desbalance presente entre producción y apropiación, así como en materia de remuneración salarial. Existe una industria de las migraciones desarrollada como resultante de esta segmentación. Es controlada por mafias y se vincula con actividades ilegales desplegando mecanismos de trata de personas o tráfico de migrantes especialmente de personas no calificadas (Vidal López, 2005).

A través del caso que analizamos constatamos cómo la carencia de documentación resulta sumamente funcional, o incluso un requisito, para la vulneración de las personas y, producto de ésta, su sujeción a condiciones de trabajo y que están muy por debajo de lo requerido por el cuerpo humano para su reproducción saludable. La pregunta que aparece en esta instancia es ¿cómo se llega a un taller de confección desde Bolivia? ¿Qué lazos se ponen en movimiento?

A partir de los datos cualitativos podemos describir diferentes caminos de llegada. La primera gran división es entre quienes son reclutados-as en Bolivia y quienes llegan individualmente a Buenos Aires. Entre los primeros identificamos dos grupos: los-as son traídos por un familiar propietario del taller o por otras personas. En esta categoría se engloban modalidades como la difusión a través de avisos en las radios, en comercios barriales, por el dueño del taller mismo o por un contacto de éste que se ocupa del reclutamiento en Bolivia –y que en muchos casos realiza el viaje con ellos-, o bien a través de algún pariente que los acerca a alguien que se ocupa de la gestión de trabajadores-as. En los relatos sobre las llegadas individuales, con frecuencia se enuncia la presencia de algún familiar o amigo en el taller en el que procuraba incorporarse. En estos casos, en que no ha habido ningún “compromiso” previo al viaje, han podido ingresar a algún taller en muy corto plazo –incluso en el mismo día de arribo a la Ciudad de Buenos Aires-.

Otras modalidades se despliegan en la Ciudad de Buenos Aires para quienes buscan cambiar de taller. Existen radios cuya programación se dedica enteramente a temáticas vinculadas con Bolivia. En ellas se anuncian talleres que buscan personas para desempeñarse en la costura. Otra estrategia es a través de carteles en las vidrieras de los locales de venta de indumentaria de bajo precio y sin marca, fundamentalmente en el barrio de Flores donde hay una calle en la que se concentran centenares de comercios de estas características. Un camino alternativo consiste en acercarse a la esquina de Curapaligüe y Cobo, en el Bajo Flores, donde dueños de los talleres reclutan personas para trabajar en la costura cotidianamente. Otra de las vías que se ha relatado refiere a acercarse

directamente al taller en el que se pretende trabajar, pero esto implica tener un conocimiento previo, ya que estas unidades productivas se esconden en el paisaje urbano para impedir su detección.

Según testimonios la carencia de documentación alimenta permanentemente el miedo a la deportación, el cual es utilizado por el tallerista –mediante amenazas- para garantizar la permanencia de las y los trabajadores en su taller. Otra de las estrategias desplegadas por los talleristas consiste en un contrato que se firma con familiares que están en el lugar de origen. A través de este se obliga a la persona que viaja a trabajar en un taller particular. En algunos casos, el tallerista se compromete a enviar parte del salario como remesa, lo cual acaba haciéndose con gran irregularidad generando una deuda del tallerista hacia el trabajador y, por esto mismo, compeliendo a este último a que se mantenga en el taller con el objetivo de cobrar su salario.

A partir de esta breve presentación de las dinámicas de migración y permanencia, salta a la vista la presencia de redes que promueven la inserción de personas procedentes de Bolivia en talleres de confección de indumentaria clandestinos en la Ciudad de Buenos Aires. Esta red de producción se imbrica con la red familiar –en la mayoría de los relatos se menciona a un pariente interviniendo en algún movimiento-, generando un solapamiento que enmascara la relación de explotación –fundamentalmente cuando el tallerista es un familiar-. La noción de “redes” resulta de gran utilidad para describir el entramado que se teje en la migración en la industria de la indumentaria. Rivera Sánchez las define como expresión de “la relación entre personas localizadas en diversos puntos geográficos insertos en el circuito, pero que particularmente la cualidad de los vínculos y las prácticas de interconexión son los que posibilitan el desarrollo de formas diversas de contacto e interconexión, y le otorgan sentido a las relaciones sociales en el circuito” (Rivera Sánchez, 2008: 176). La autora sostiene, además, que tanto quienes realizan el movimiento en el espacio, como quienes permanecen en un mismo lugar, pero interconectados a los primeros, conforman los circuitos migratorios dinámicos.

Más arriba nos preguntábamos qué acepción de frontera puede ayudarnos más para dar cuenta de la diversidad de procesos, dinámicas, relaciones que se articulan para generar esta particular forma de desplazamiento en el espacio. A este respecto Velasco y Gianturco (2012) sostienen que las fronteras que se atraviesan en la experiencia migratoria son múltiples: junto a la migración espacial, también se cruzan fronteras étnicas, de género, de clase y nacionales. Estas dimensiones se determinan y transforman unas a otras sin jerarquía capaz de establecerse a priori.



### ***Lo transnacional en lo local***

En este apartado buscamos complejizar la mirada que traza una frontera entre el conjunto de migrantes y la “sociedad” de destino. Es claro que la masividad con la que se desenvuelve la explotación de personas sin registro migratorio en la industria de la indumentaria nos lleva a considerar a esta modalidad como norma y no como excepción para la reproducción del capital en el sector, al tiempo que moldea un fenómeno singular que –por sus dimensiones- se destaca como un colectivo que comparte ciertos espacios, redes y prácticas.

La primera distinción para hacer consiste en los diferentes tipos de talleres existentes: registrados y no registrados. En el presente artículo analizamos particularmente el trabajo de migrantes en talleres no registrados. Entre estos existen diferencias que refieren a la cantidad de personas que trabajan, la existencia de lazos familiares entre quienes trabajan, la forma de reclutamiento de las y los trabajadores y la vinculación con la vivienda. En relación a este último punto, el trabajo puede ser definido como “cama adentro” o “con retiro”. El primero implica vivir en el taller, en tanto la segunda modalidad consiste en vivir en un lugar diferente, pero con el mismo régimen de explotación laboral. Más allá de esta diferencia existen relatos desde las diferentes tipologías que dan cuenta de similares condiciones laborales en cuanto a extensión de la jornada, salario, seguridad e higiene, poder de negociación en la cadena del valor, etc. Sin embargo, la totalidad de experiencias de privación de la libertad y retención de la documentación, proviene de talleres con modalidad “cama adentro”.

En base a datos de la EAH, más de la mitad de las y los trabajadores visibles de la costura procedentes de países limítrofes, se dedican a tareas no calificadas, con una carga horaria semanal superior a las 45 horas, carente de registro laboral y con una gran presencia de precariedad habitacional –las distribuciones se mantienen independientemente de la categoría ocupacional-.

En otros trabajos (Salgado, 2011 y 2012) dimos cuenta de la asociación entre el crecimiento del sector y el deterioro de las condiciones laborales desde la recuperación posterior a la crisis 2001-2002. Un fuerte proceso de transformación se ha operado al interior del proceso de producción: el fin del modelo de integración vertical y la consecuente deslocalización de la producción para su tercerización se expresó en la reducción de costos de capital variable y fijo, a través la creación y proliferación de pequeños talleres a los que tercerizar la confección. Según Gallart (2006) la dinámica imperante en esta forma de distribución de la producción y su extensión en el tiempo han generado una trama sólida en la que el trabajo no registrado comienza a aparecer como una condi-

ción indispensable para la reproducción del capital en este ámbito, a punto tal que la sanción por la evasión legal no sea percibida como una amenaza. En una línea similar se encuentra el estudio de Lieutier (2010). El autor realiza una estimación de las diferencias en el reparto del plusvalor entre quienes intervienen en las diferentes etapas del proceso de producción de indumentaria: mientras la marca retiene aproximadamente el 20%, en la comercialización se apropia un 29%, el taller registrado sólo percibe un 2,9% del precio de venta minorista de la prenda –en el caso de los talleres clandestinos dicho porcentaje se estima en un 1,3-. El-la costurero-a recibe apenas un 1,8% de dicho precio en concepto de salario. Esta diferencia se explica a través de la concentración de capital en el sector: esta restringe la capacidad de negociación de los talleres de confección a los que se terceriza el total o una parte de la producción. Según Lieutier (2010), la atomización y falta de organización de los talleres de confección los compele a aceptar los precios impuestos, mecanismo que luego replican hacia los-as trabajadores-as.

Desde otra perspectiva de análisis que observa los mecanismos de reproducción de este tipo de trabajo, la procedencia étnica aparece como una suerte de marca genética que habilita y determina su expansión. El circuito que se traza provoca, según Benencia (2009), que la salida del rol de costurera-o se proyecte hacia la figura de tallerista. Tras varios años de residencia, algunos costureros-as han constituido talleres familiares –al menos en los inicios- reproduciendo las condiciones de explotación a las que fueron sometidos. Esta dinámica ha llevado a Benencia a desarrollar la conceptualización de “escalera boliviana”, en un intento por dar cuenta de su lógica interna de reproducción. Sin embargo, este punto nos compele a un análisis cuidadoso que permita comprender tanto las representaciones que impulsan a la transformación de las condiciones individuales aún en base a la explotación de otras personas -en muchos casos familiares-, como en cuanto a las condiciones materiales que limitan la generación de otra alternativa.

Son diversas las investigaciones que analizan casos de trabajadores-as migrantes y que procuran dar cuenta de su expansión a través de características culturales y del tendido de una red de personas procedentes del mismo destino que sostiene y conduce al conjunto hacia lugares similares. Wilson y Portes (1980) desarrollan la noción de “economía de enclave” –o “enclave étnico”- para dar cuenta de este proceso. La definición que dan, refiere al conjunto de migrantes que transita por un espacio distintivo y despliega una economía que sirve para la comunidad étnica y/o para la población en general. En línea con esta perspectiva, Mera (1998) analiza la dinámica que se despliega al interior de la comunidad coreana en Buenos Aires y describe diferentes etapas que le permiten hablar de un “sistema de movilidad social ascendente”. A partir de esta idea, Portes y Shafer

(2006) consideran a los enclaves étnicos como generadores de oportunidades –cuyo horizonte está puesto en el “auto empleo”-, en tanto movilizan la solidaridad basada en el hecho de compartir la procedencia.

Como se ha expuesto en el apartado anterior, la familia aparece muy presente tanto en la decisión de migrar como en la elección de los talleres en los que trabajar. El recurso a la familia como a amigos-as de la misma procedencia o canales de comunicación masivos utilizados por la comunidad -fundamentalmente radios- aparecen en forma reiterada en las entrevistas y las denuncias. Esto da cuenta de la existencia de una red en la que son algunos lazos los que se fortalecen a través de las prácticas. Cabe entonces preguntarnos por las potencialidades y limitaciones de la noción de enclave para explicar el caso de estudio. ¿Qué poder analítico nos otorga para comprender la expansión e instalación de esta forma de explotación? ¿De qué modo contribuye en términos epistemológicos a trascender la mirada desde las representaciones del destino para poder generar un diálogo y construir un saber a partir de esa interacción? ¿Qué supuestos ontológicos dan soporte a esta mirada?

A partir de transitar el camino que proponen estos interrogantes, -que aproximan respuestas y se reconvierten en nuevas preguntas, más especializadas- elegimos un sendero para exponer nuestras reflexiones que ha sido recorrido de diferentes modos por los estudios en migraciones y cuyo tránsito implica la interrogación ontológica para decidir, para picar y abrir la grieta desde la que la que comienza a manar la nueva interacción planetaria con sus redes que forman esferas, dibujando movimientos circulares y espiralados que van fusionando representaciones, culturas, emociones. De este modo, ubicamos dos epicentros desde donde analizar el movimiento tectónico que se viene dando en las Ciencias Sociales desde el fin del fordismo y como resultante de la expansión del capitalismo global: uno se ubica en la idea de Estado-Nación y el otro en el carácter étnico de las prácticas que se ponen en movimiento.

En cuanto a la primera de estas cuestiones, Wimmer y Schiller (2003) han mostrado cómo gran cantidad de estudios sobre migración han tendido a considerar al Estado-Nación como la forma social y política natural del mundo moderno. Describiendo a los migrantes en términos de riesgo de la seguridad política, como otros culturales, como marginados sociales o como excepción a la regla del confinamiento territorial: “los estudios sobre migraciones han espejado por completo la imagen nacionalista de la vida normal” (Wimmer y Schiller, 2003:25). Según Gil Araujo (2006), la migración ha sido considerada como problema político desde que las y los migrantes se trans-

formaron en parte de las sociedades de destino. Las políticas de migración construyen unidad y diferencia a partir del sentido de nación, país y demás símbolos de gobierno.

En el caso de estudio, esto se manifiesta cabalmente en la situación de particular vulnerabilidad en que se encuentran las y los trabajadores producto de la falta de regulación migratoria. La retención de la documentación es frecuente en los talleres cama adentro, así como la privación de la libertad de las personas. En las denuncias se expresa reiteradamente la restricción que imponen los patrones sobre la libre circulación. Esta va desde la retención de la documentación al cierre bajo llave del taller. Las llaves y la libertad de las personas quedan en manos del tallerista o de alguna persona de confianza de éste-a -mayormente un familiar directo-. Según consta en un conjunto de denuncias, la salida se realiza en compañía de alguna de estas personas y si quien tiene la llave se retira, quedan imposibilitados-as de salir del lugar. Sin embargo, ni aun siguiendo los pasos impuestos, se puede garantizar una salida a comprar pan o al locutorio a hacer una llamada. Incluso, ha habido casos en los que se ha tenido necesidad de atención médica y no se les ha permitido salir. En otros testimonios se relata el impedimento a que el-la costurero-a vaya a estudiar o que los-as niños-as que vivían en el taller fueran a la escuela.

Otro ejemplo en esta línea es el rechazo que han manifestado autoridades policiales en diferentes oportunidades a tomar denuncias por no contar con documentos.

Estas experiencias dan cuenta de la vigencia del Estado-Nación a través de su operatoria concreta en cuanto a la normativa migratoria y a la disparidad de derechos que supone. Habiendo hecho esta aclaración retomamos la propuesta de Wimmer y Schiller, en cuanto a la mirada nueva que necesitamos desarrollar para captar este tipo de fenómenos procurando no anclar nuestra perspectiva en un punto del espacio. En esta línea, Sassen (2007) presenta la necesidad de incorporar el “transnacionalismo” como eje fundamental desde el que reflexionar en torno a los procesos sociales, como correlato de la expansión de formaciones y dinámicas transfronterizas que han desbordado la categoría de nación. Si bien lo nacional presenta un alto grado de institucionalización y densidad, se trata de identificar las “estructuraciones múltiples y específicas de lo global en el interior de aquello que históricamente se considera nacional” (Sassen, 2007:35). Según la autora, esta mirada resulta fundamental para abordar la problemática a partir del análisis del significado subjetivo y de la representación ideológica otorgada a la migración.

Khagram y Levitt (2008) avanzan en esta línea y plantean la perspectiva transnacional como “una mirada que se inicia en un mundo sin bordes, [que] examina empíricamente los límites y bordes

que emergen en momentos históricos particulares y explora su relación con arenas y procesos desconectados” (Khagram y Levitt, 2008: 5). Según Kearny (1995) las transformaciones de escala planetaria han reconfigurado el espacio, implicando nuevos centros, periferias y un amplio gradiente entre estas, que dejan de delimitarse progresivamente por las divisiones sostenidas por la teoría de la dependencia occidente-oriente, centro-periferia. En este sentido los límites –tanto físicos como analíticos- inherentes a la noción de Estado-Nación se reconfiguran en redes que asumen la forma de conexiones neuronales antes que de entidades discretas. El autor identifica una distinción entre las acepciones “transnacionalismo” y “globalización”. Transnacional remite a proyectos culturales y políticos de los Estados-Nación en la medida en que ellos rivalizan por la hegemonía en las relaciones con otros Estados-Nación, con sus ciudadanos y “extraños”. La globalización, por su parte, supone mayor abstracción, menor institucionalidad e intencionalidad. Dice el autor que el carácter político e ideológico del primer concepto contrasta con el tono impersonal y universal del segundo –reflejado asimismo en el uso de los sufijos “ismo” e “zación” respectivamente-. En ambos casos el Estado-Nación es trascendido en pos de una mirada sin fronteras que se centra en dinámicas en movimiento. Desde esta posición reflexionamos en torno al caso. Pensando en una identidad “desterritorializada” asociada a no a uno, sino a múltiples espacios, que va a la par del proceso de separación del capital, la producción, el consumo, la política, etc. de los lugares (Kearny, 1995). Al mismo tiempo, reconocemos junto a Mezzadra y Neilson la existencia de un mundo dividido geográficamente, pero en el que la hegemonía de la *fábrica mundi* - en términos de consistencia ontológica que organiza una división mundial estable- se desvanece. De acuerdo a los autores “este espacio vacío continua existiendo, pero se articula dentro de ensamblajes de territorio y poder en movimiento, que operan acorde a una lógica que es mucho más fragmentada y evasiva de lo que fue en la época clásica del Estado-Nación” (Mezzadra y Neilson, 2013: 85).

A partir de este recorrido, podemos dar cuenta del potencial que presenta el enfoque transnacional para complejizar la mirada que supone la noción de “enclave”, abriendo intersecciones y nuevas dimensiones que liberan de un conjunto de oclusiones a la frontera rígida que construye esta categoría. Consideramos que la noción de “redes” es capaz de captar con mayor detalle el entramado que se articula y por el que empieza a desarrollarse un tránsito de creciente caudal que compele a emplazar una autopista en lo que eran caminos de tierra. ¿Por qué aumenta ese fluir? A partir del caso que analizamos, vemos que estas redes, que propician movimientos en direcciones determinadas -como si se tratara de un tobogán- se imbrican con otras redes de producción de mercancías para la reproducción del capital, con redes familiares y étnicas. Unas y otras, se encuentran. No en

forma única y a la manera de un evento conclusivo, sino una y otra vez, representadas por diferentes agentes, con intenciones similares, pero diferentes, que en su conjunto fueron dando forma a la expansión del trabajo en talleres de confección clandestinos como eslabón de mayor presencia relativa en la instancia de producción de indumentaria. Entonces ¿cómo despojar a la noción de “enclave” de su connotación de aislamiento para que nos ayude a dar cuenta de la multiplicidad de conexiones que se entablan con el lugar de destino, incluyendo la dimensión material-económica-productiva con la centralidad que tienen otras a las que tradicionalmente se orienta la atención de los estudios migratorios que se encuentran en el paradigma constructivista? y ¿cómo despojarla de su connotación de incrustación que hace aparecer al destino como neutral, homogéneo y libre de prácticas que sí se adjudican a quienes componen ese “enclave”, en favor de una idea de incorporación y fusión?

Estos interrogantes nos revelan la utilidad que aporta la mirada transnacional para analizar el caso, en lugar de la estabilidad que propone la categoría de “enclave”. Desde esta perspectiva multiplicamos los puntos de enfoque como proponen Levitt y Jaworsky (2007) al entender a la migración como generadora de movimiento en ambos lugares –origen y destino- y entre quienes la protagonizan con su movimiento, como entre quienes la atestiguan desde un lugar estable.

Es interesante el aporte que realizan Gupta y Ferguson (1992) en esta línea. Los autores proponen –a diferencia de la antropología clásica- una mirada más centrada en lo cultural como eje desde el que pivotar en el espacio, alternativa a la concepción que establece diferencias semánticas contundentes entre espacio y lugar –así como entre el espacio imaginado y el territorio-. En esta línea plantean la bifocalidad que caracteriza la vida local en la globalidad: una mirada múltiple y simultánea, fugada en distintos puntos.

Este abordaje nos da pie para abordar la segunda de las cuestiones nodales para la reflexión ontológica y epistemológica que mencionamos arriba: el carácter étnico de las prácticas para el estudio de los procesos migratorios.

La noción de etnicidad se ha transformado en línea con la traslación de supuestos ontológicos desde el positivismo al constructivismo: ya no se trata de un “atributo” del mundo cultural, sino de una cuestión de percepción e identificación. Wimmer (2007) sostiene que esta ya no remite a culturas “objetivamente definibles”, sino a modos subjetivos en que los actores perciben las diferencias culturales. Desde esta posición la investigación se orienta a analizar cómo los lazos étnicos se inscriben en el paisaje de continuas transiciones culturales y relaciones sociales ininterrumpidas.

A este respecto Gupta y Ferguson (1992) señalan que la ficción de la cultura como objeto discreto queda expuesta a través de las poblaciones que viven en la frontera, las personas que dividen su tiempo en dos lugares diferentes y quienes viajan permanentemente. Algo similar ocurre con las poblaciones poscoloniales ¿a qué lugar pertenecen? A diferencia del paisaje fragmentado de culturas aisladas, los autores proponen una mirada que permita pensar al espacio interconectado jerárquicamente -en lugar de estar naturalmente desconectado-. La explicación más definitiva sobre la superposición entre cultura y lugar estriba en la fijeza -en términos de movimiento- que adquirieron las comunidades urbanas producto de la estabilidad laboral desarrolla en el fordismo. Ahora, el espacio pulverizado de la posmodernidad, se ha reterritorializado y obliga a la reconceptualización de las categorías. Según los autores aquí y allá, campo y ciudad, centro y periferia se diluyen. El “nosotros” y el “otro” se disocian del territorio. Además de la problematización en torno a los criterios de inclusión y exclusión, los autores identifican la necesidad de reflexionar sobre las zonas de “contacto”. Asimismo, sostienen que la representación del territorio varía más atendiendo a cuestiones de clase, raza, género y sexualidad, que al sentido de pertenencia nacional. Entonces, para problematizar la noción de cultura afincada en la territorialización, resulta imprescindible reflexionar en torno a las formas de reterritorialización del mundo contemporáneo.

Levitt y Jaworsky (2007) advierten que al tratar como dadas categorías como etnicidad, nacionalidad o religión se enmascara la diversidad existente en grupos de gran heterogeneidad. Por esto insisten en complejizar los estudios incorporando nociones de etnicidad, género, religión, etc. a fin de evitar enseñar como un conjunto homogéneo a la población migrante, así como con el objetivo de captar las “pertenencias múltiples” -diversidad de identidades que se conforman a partir de los procesos de transnacionalización-.

### ***Reflexiones finales: la interseccionalidad como conjunción de lo múltiple***

Una alternativa superadora de las limitaciones que suponen tanto el nacionalismo metodológico, como el esencialismo étnico, está dada por la noción de interseccionalidad que desarrolla Herrera (2013). Partiendo de una mirada abierta y relacional la autora procura analizar las dinámicas migratorias desde las dimensiones que estructuran las prácticas de sus protagonistas y a las que ellos/as asignan valor. Así distingue migración y género como campos fusionados que dan cuenta de formas particulares de poder sobre las que se montan dinámicas de adaptación, resistencia, conformación de redes, intercambios, movilidad, etc. La autora advierte que el abordaje del género

como dimensión discreta no permite dar cuenta del entramado sobre el que se asientan las experiencias de migración y que establece particulares relaciones de dominación mantenidas en la distancia espacial en el contexto de la estructura familiar. Herrera pondera al género para el análisis de los procesos migratorios. Asimismo, identifica otras dimensiones sobre las que se montan formas particulares de distribución del poder, tales como familia, clase y generación. A la convergencia de esta multiplicidad de protagonismos es lo que la autora denomina *interseccionalidad* (Herrera, 2012). En términos metodológicos, la apertura con la que se supone ha de realizarse el trabajo de campo a fin de habilitar la emergencia de múltiples dimensiones –para captar, a su vez, todas sus combinaciones- vuelven a este punto de convergencia a la vez provisional e inestable, garantizando una riqueza singular, pero imponiendo al mismo tiempo un gran desafío. A su vez esta perspectiva permite articular el carácter emocional y social de los lazos transnacionales, ir más allá de la familia y el hogar como unidades homogéneas y abordar la dualidad soporte-conflicto a partir de dinámicas de poder que circulan entre los miembros (Herrera, 2012).

La interseccionalidad reviste un potencial singular para el abordaje del caso de estudio, propone como método tomar en consideración todas las dimensiones posibles para dar cuenta de su conjunción. La siguiente escena -reiterada en los relatos de las y los costureros bolivianos- es una ilustración de este espacio de convergencia, entrecruzado por diversos planos que dan existencia al fenómeno:

*La costurera paceña trabaja desde las 7. Son las 12 y tiene hambre, pero todavía no puede comer. Se distrae con la radio que suena todo el día en el taller. Escucha las voces de los paisanos y parece que estuviera tan cerca de su casa. Qué diferente se imaginaba el taller cuando la comadre de su cuñada le ofreció viajar.*

*Le gustaría salir, pero no se anima: afuera se discrimina, afuera está la policía, afuera seguro la meten presa o la lastiman. Quiere volver, pero no tiene plata: el tallerista le dice que primero ella tiene que pagar, que basta, que no le pida más, que ya él le va a dar cuando tenga lo que le debe.*

*Ya está la comida. Se amontona junto a sus 30 compañerxs para agarrar un plato. Se lleva su sopa y su pan a la máquina. Corre las prendas apiladas con cuidado y apoya el plato. Se sienta. Toma la cuchara y revuelve*



*para esparcir la sustancia. Mira fijo el líquido traslúcido sobre el gris de la cuchara. Una y otra vez, hasta que no queda nada.*

El tiempo y el espacio se superponen en esta imagen en sus diferentes escalas: el origen y el destino, la casa y el trabajo, lo privado y lo público. Una imbricación indiscernible, a la que gobierna la producción.

Esta imagen es una región que atraviesan y componen una diversidad de ejes, planos y dimensiones: el género, las redes migratorias, el Estado y su Ley, los sindicatos, la familia, la trata de personas, la masificación del consumo, la globalización del capital, la desintegración vertical de la industria, la clase y la más cruda de las formas de explotación. Interseccionalidad de dimensiones en movimiento, des y re-territorializadas.

### ***Bibliografía***

ADÚRIZ, Isidro. “La Industria Textil en Argentina. Su evolución y sus condiciones de trabajo” en *FOCO – Foro Ciudadano de Participación por la Justicia y los Derechos Humanos del Instituto para la Participación y el Desarrollo* (Buenos Aires: INPADE), 2009.

BENEDETTI, Alejandro y SALIZZI, Esteban “Llegar, pasar, regresar a la frontera. Aproximación al sistema de movilidad argentino-boliviano” en *Revista Transporte y Territorio* (Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires) N° 4, pp. 148-179, 2011. [www.rtt.filo.uba.ar/RTT00409148.pdf](http://www.rtt.filo.uba.ar/RTT00409148.pdf)

BENENCIA, Roberto. “El infierno del trabajo esclavo. La contracara de las 'exitosas' economías étnicas”, en *Avá. Revista de Antropología* (Posadas) N° 15, 2009.

[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-6942009000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-6942009000200002&script=sci_arttext)

CERRUTTI, Marcela. “Diagnóstico de las poblaciones de inmigrantes en la Argentina”, en *Serie de Documentos de la Dirección Nacional de Población* (Dirección Nacional de Población, Secretaría del Interior, Ministerio del Interior), 2009.

COLOMBO, Marcelo. *Trata laboral en Argentina. El tratamiento judicial de los casos en el fuero federal*. Buenos Aires: Procuraduría de Trata y Explotación de personas - Ministerio Público Fiscal. Procuración General de la Nación-, 2014.

CORTÉS, Rosalía. “El trabajo clandestino en la industria del vestido”, en *El empleo precario en la Argentina* (Lima: CIAT- OIT, Ministerio de Trabajo y Seguridad Social) Vol. 2., 1988.

D’OVIDIO, María. “Quién es quién en la cadena de valor del sector de indumentaria textil”. Informe realizado por la *Fundación El Otro* ([www.elotro.org.ar](http://www.elotro.org.ar)) en alianza con *interrupción* ([www.interrupcion.net](http://www.interrupcion.net)), 2007.

DE GENOVA, Nicholas. "Migrant 'Illegality' and Deportability in Everyday Life", en *Annual Review of Anthropology* (Palo Alto) N° 31, pp. 419-447, 2002.

GALLART, María Antonia. “Análisis de las estrategias de acumulación y de supervivencia de los trabajadores ocupados en la rama de textiles y confecciones”, en *Informalidad, Pobreza y Salario Mínimo* (Buenos Aires: Organización Internacional del Trabajo - OIT) Programa Nacional de Trabajo Decente Argentina 2004-2007, 2006.

GARDUÑO, Everardo. "Antropología de la frontera, la migración y los procesos transnacionales", en *Frontera Norte* (México) Vol. 15, N° 30, julio-diciembre, 2003, pp. 65-89, 2003.

ARAÚJO, Sandra Gil. “Las argucias de la integración. Construcción nacional y gobierno de lo social a través de las políticas de integración de inmigrantes. Los casos de Cataluña y Madrid”. *Tesis doctoral*. Universidad Complutense de Madrid. Págs. 70-83, 2006.

GONZÁLEZ CÁMARA, Noelia. “De indeseables a ilegales: una aproximación a la irregularidad migratoria”, en *Arbor* (España) Vol. 186, N° 744, 2010.

HARVEY, David. “El neoliberalismo como destrucción creativa” en *ANNALS of the American Academy of Political and Social Science* (Newbury), 2007.

Instituto Nacional de Educación Tecnológica 2008 “El Sector de la Indumentaria en Argentina” [en línea] disponible en: [www.inet.edu.ar](http://www.inet.edu.ar)

GUPTA, Akhil y FERGUSON, James. “Beyond ‘Culture’: Space, Identity, and the Politics of Difference” en *Cultural Anthropology*, Vol. 7, No. 1, Space, Identity, and the Politics of Difference, pp. 6-23, 1992.

HERRERA, Gioconda. “Gender and International Migration: Contributions and Cross Fertilizations” en *Annual Review of Sociology* (Cambridge) Vol. 39, pp. 471-489, 2013.

\_\_\_\_\_. “Género y migración internacional en la experiencia latinoamericana. De la visibilización del campo a una presencia selectiva” en *Revista Política y Sociedad* (Madrid: Universidad Complutense de Madrid) Vol. 49 N° 1, pp. 35-46, 2012.

JELIN, Elizabeth; MERCADO, Matilde; y WYCZYKIER, Gabriela “El trabajo a domicilio en la Argentina” Santiago de Chile (Ginebra: Oficina Internacional del Trabajo - OIT) Informe final de investigación, 1998.

KEARNEY, Michael. “The local and the global: the anthropology of globalization and transnationalism” en *Annual Review of Anthropology* (Palo Alto) N°24, pp 547-565, 1995.

KHAGRAM, Sanjeev y LEVITT, Peggy. “Construction Transnational Studies” en Sanjeev Khagram y Peggy Levitt (comps.) *The Transnational Studies Reader* (Nueva York: Routledge), 2008.

LIEUTIER, Ariel. *Esclavos: los trabajadores costureros de la ciudad de Buenos Aires* (Buenos Aires: Retórica Ediciones), 2010.

LEVITT, Peggy y JAWORSKY, B. Nadya “Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends” en *Annual Review of Sociology* (Cambridge) Vol. 33, pp 129-156, 2007.

MERA, Carolina. *La inmigración coreana en Buenos Aires. Multiculturalismo en el espacio urbano* (Buenos Aires: EUDEBA). OIT – CEA 2011 *Trama productiva urbana y trabajo decente. Estrategias para la cadena productiva textil de indumentaria en áreas metropolitanas* (Buenos Aires: Oficina de País de la OIT para la Argentina), 2008.

MEZZADRA, Sandro y NEILSON, Bret. *Border as Method, or, the Multiplication of Labor*. Londres: Duke University Press, 2013.

OIT 1996 “La mundialización cambia la fisonomía de las industrias de los textiles, el vestido y el calzado”. Comunicado de prensa, 28 de octubre [en línea], [citado 2012-10-20]. Disponible en: [http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_008432/lang-es/index.htm](http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_008432/lang-es/index.htm)

PASCUCCI, Silvina. “Migraciones y clase social. Un análisis crítico de la bibliografía sobre inmigrantes bolivianos en Argentina” en *Miradas en Movimiento* (Quito) Vol. IV, 2010.

PORTES, Alejandro y SHAFER, S. "Revisiting the Enclave Hypothesis: Miami Twenty-Five Years Later" en *Research in the Sociology of Organizations* N° 25, pp 157-90, 2007.

SÁNCHEZ, Liliana Rivera. "Redes, prácticas de interconexión y vínculos sociales en un circuito migratorio transnacional" en Novick, Susana (comp.) *Las migraciones en América Latina. Políticas, culturas y estrategias* (Buenos Aires: CLACSO), 2008.

SALGADO, Paula Dinorah. "Deslocalización de la producción y la fuerza de trabajo: Bolivia - Argentina y las tendencias mundiales en la confección de indumentaria", en *Si Somos Americanos*, (Santiago de Chile) Vol XV, N° 1, *en prensa*, 2015.

\_\_\_\_\_. "El trabajo en la industria de la indumentaria: una aproximación a partir del caso argentino", en *Revista Trabajo y Sociedad* (Santiago del Estero: Universidad Nacional de Santiago del Estero) N° 18, pp. 59-68, 2012. <<http://www.unse.edu.ar/trabajosociedad/18%20SALGADO%20Industria%20indumentaria%20.pdf>>

\_\_\_\_\_. "El trabajo en la industria de la confección: aproximaciones a partir del desenvolvimiento del sector en la última década". Ponencia presentada en *10° Congreso de la Asociación de especialistas en Estudios del Trabajo, ASET* (Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Económicas) 3 al 5 de agosto de 2011.

SASSEN, Saskia. *Una sociología de la globalización* (Buenos Aires: Katz), 2007.

UNION DE TRABAJADORES COSTUREROS (UTC). *Boletín 8 Hrs.* (Buenos Aires) Diciembre, 2007.

VELASCO, Laura y GIANTURCO, Giovanna. "Migración internacional y biografías multiespaciales: una reflexión metodológica" en ARIZA, Marina y VELASCO, Laura (coord.) *Métodos cualitativos y su aplicación empírica. Por los caminos de la investigación sobre migración internacional* (México: Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM y El Colegio de la Frontera Norte), 2012.

VIDAL LÓPEZ, Roberto Carlos. *Derecho global y desplazamiento interno. La creación, uso y desaparición del desplazamiento forzado por la violencia en Colombia.* (Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana), 2005.

WILSON, K.L. y PORTES, Alejandro. “Immigrant Enclaves: An Analysis of the Labor Market Experiences of Cubans in Miami” en *The American Journal of Sociology* N° 86, pp 295-319, 1980.

WIMMER, Andreas. “How not to Think about Ethnicity in Immigrant Societies: toward a Boundary Making Perspective”, en Schnittenhelm, Karin (ed.) *Concepts and Methods in Migration Research. Conference Reader* (Siegen: Study Group “Cultural Capital during Migration”), 2007. <http://cultural-capital.net/reader/Concepts-and-Methods.pdf>

WIMMER, Andreas y GLICK SCHILLER, Nina. “Methodological Nationalism, the Social Sciences, and the Study of Migration: an Essay in Historical Epistemology” en *International Migration Review* (Nueva York) Vol. 37, N° 3, pp. 576–610, 2003.

## **A gênese da classe trabalhadora no Brasil: da colônia à Independência**

Rachel Silva Rodrigues<sup>382</sup>

Resumo: Este trabalho se propõe a estudar, em linhas gerais, as classes sociais no Brasil, tendo como foco a classe trabalhadora e sua formação específica. Para isto, partiremos da análise da colônia, estruturada para atender a interesses externos, passando pelo processo de Independência e abolição da escravatura no Brasil, marcos fundamental para a constituição do capitalismo dependente e subdesenvolvido no país. Essa reflexão ganha relevo, pois, até os dias atuais, se vislumbram traços que remontam à nossa origem colonial: concentração de renda e riqueza, desigualdade racial, concentração fundiária, produção monocultora para exportação, superexploração da força de trabalho e dependência externa. A opção da burguesia brasileira marcada pela tentativa de manter-se no poder a qualquer custo faz com que esta não só se subordine, mas também, se associe à burguesia externa, impedindo que o processo de revolução burguesa brasileira rompesse com os nexos causais do passado na construção de uma nação capitalista realmente autônoma e com maior conteúdo democrático, elementos funcionais ao processo de reversão neocolonial da atualidade.

Palavras-chave: Classe trabalhadora, Formação social brasileira, Luta de classes.

### **INTRODUÇÃO**

O desenvolvimento do capitalismo no Brasil, ao contrário dos países do centro, não rompe definitivamente com os nexos oriundos do passado em vias de superação. Ao contrário disso, mantém-se realizando a revolução democrático-burguesa de forma específica. A burguesia brasileira manteve-se associada e subordinada à burguesia externa e elementos do antigo regime continuaram influenciando nos processos decisórios mesmo após a independência. Há uma sucessão de acontecimentos desde a colonização que desembocam no desenvolvimento do capitalismo no Brasil e no imobilismo do povo.

Nesse sentido, cumpre entender desde a colônia como o Brasil nasce para atender às necessidades dos países do centro, servindo como impulsionador do processo da acumulação capitalista e como, em consequência disto, devido à formação das classes sociais internamente de forma particular, consolida-se um capitalismo de tipo dependente e subdesenvolvido. A burguesia brasi-

---

<sup>382</sup> Graduanda do curso de Ciências Econômicas na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Bolsista de Iniciação Científica do Fundo de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: racheleconomiaufvjm@gmail.com

leira opta por manter-se subordinada e ao mesmo tempo é necessário que esta assim permaneça em relação aos interesses da burguesia dos países hegemônicos. Observa-se que a classe trabalhadora tem pouca margem de manobra para conseguir melhorias mesmo dentro da “ordem”. Objetiva-se percorrer a colônia de forma geral para entender a formação das classes sociais no Brasil para com isso compreender o processo de independência no Brasil, como este é feito de cima para baixo sem participação efetiva dos trabalhadores. Segundo o autor Florestan Fernandes,

Isso quer dizer que o desenvolvimento capitalista sempre foi percebido e dinamizado socialmente, pelos estamentos ou pelas classes dominantes, segundo comportamentos coletivos tão egoísticos e particularistas, que ele se tornou compatível com (quando não exigiu) a continuidade da dominação imperialista externa; a permanente exclusão (total ou parcial) do grosso da população não-possuidora do mercado e do sistema de produção especificamente capitalistas; e dinamismos socioeconômicos débeis e oscilantes, aparentemente insuficientes para alimentar a universalização efetiva (e não apenas legal) do trabalho livre, a integração nacional do mercado interno e do sistema de produção em bases genuinamente capitalistas, e a industrialização autônoma. Desse ângulo, dependência e subdesenvolvimento não foram somente “impostos de fora para dentro”. Ambos fazem parte de uma estratégia, repetida sob várias circunstâncias no decorrer da evolução externa e interna do capitalismo, pela qual os estamentos e as classes dominantes dimensionaram o desenvolvimento capitalista que pretendiam, construindo por suas mãos, por assim dizer, o capitalismo dependente como realidade econômica e humana. (FERNANDES, 2006, p.262)

Para entendermos a formação de uma burguesia que se pauta em torno dos próprios interesses em detrimento da construção de uma “nação” e o papel da classe trabalhadora nos processos ocorridos no Brasil há que se apreender o sentido da nossa colonização. “Nascemos” e nos constituímos para atender às necessidades externas, como é brilhantemente defendido por Caio Prado Jr. Somos parte de um todo, fruto da expansão comercial europeia e do processo de “acumulação primitiva”<sup>383</sup> de capital, servindo como apêndice ao desenvolvimento capitalista nos países centrais.

---

<sup>383</sup> Termo cunhado por Karl Marx no capítulo XXIV d’O Capital

É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileira. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura, bem como as atividades do país (PRADO JR, 1987, p.32).

Assim, as pessoas que fixaram residência na colônia vieram com o intuito de explorar os recursos nativos e o incentivo para que viessem era devido ao fato de que precisavam de exploradores que habitassem o território. Esse sentido vai influenciar profundamente nossa formação. Fica evidente que era necessária a introdução na Colônia de elementos e dinamismos do capitalismo comercial europeu, o que não quer dizer que a intenção era de que a colônia se tornasse a extensão da Europa e que esta seguiria os mesmos passos para o desenvolvimento econômico. Essa condição de subjugada à Metrópole e aos países hegemônicos, como veremos, será o estopim que levará a elite interna a uma revolução nacional que se efetivará, segundo Florestan Fernandes, de forma específica. (FERNANDES, 1976, p.20). Concomitantemente a isso, a massa da população na colônia em um primeiro momento será formada pelos índios, e num segundo momento pelos escravos africanos.

O que há de importante nessa questão, como apontado por Florestan Fernandes (1976), é o papel da escravidão como estrutura pré-capitalista servindo de alavanca para o modo de produção capitalista. Ela era “o ponto onde o mundo colonial se distinguia se opunha e negava o mundo metropolitano.” O autor enxerga a escravidão como base para a acumulação primitiva e como algo que impulsiona de forma despropositada o nascimento de estruturas que possibilitam futuramente o surgimento tardio do capitalismo na colônia. O que se coloca é que a parte que fica com o Senhor e com a Coroa é ínfima se relacionada ao restante do “circuito de apropriação”. Portanto, “existia um circuito de apropriação, em parte legal, político e fiscal e em parte econômico, que constituirá a essência da apropriação colonial. O excedente econômico não era produzido para o desfrute exclusivo do senhor, mas para entrar nesse circuito.” (FERNANDES, 1976, p.23).

Contudo, até o fim, apesar de incorporar-se ao capital fixo, o trabalho escravo sempre foi um fator humano e mesmo depois que a imigração já contava como o eixo histórico da evolução do sistema de trabalho, o que só ocorre na década de oitenta, ele representou a base material da revolução histórica que se dá na economia interna (FERNANDES, 1976, p.23).

Com base nisto, analisaremos neste trabalho a colonização e suas especificidades e como a utilização de mão de obra escrava faz com que a classe trabalhadora não tenha condições de se



organizar politicamente e nem de participar dos processos decisórios no país. Segundo Florestan, esse vai ser o marco da nossa formação social.

## A COLÔNIA

O objetivo das colônias era atender às necessidades de acumulação dos países hegemônicos. Essa é a tese defendida por Caio Prado Jr (1987), onde para o autor, o sentido da colonização era voltado para o exterior. O motivo que levou à colonização, segundo Fernando Novais, foi o acúmulo de riquezas por parte das Metrôpoles para consolidação de suas nações, isso vai alavancar a primeira Revolução Industrial, que alicerça o modo de produção capitalista.

O monopólio do comércio das colônias pela metrópole define o sistema colonial porque é através dele que as colônias preenchem a sua função histórica, isto é, respondem aos estímulos que lhes deram origem, que formam a sua razão de ser, enfim, que lhes dão sentido. [...] essa transferência corresponde às necessidades históricas de expansão da economia capitalista de mercado na etapa de sua formação. Ao mesmo tempo, garantindo o funcionamento do sistema, face às demais potências, e diante dos produtores coloniais e mesmo das demais camadas da população metropolitana, o Estado realiza a política burguesa, e simultaneamente se fortalece, abrindo novas fontes de tributação. Estado centralizado e sistema colonial conjugam-se pois para acelerar a acumulação de capital comercial pela burguesia mercantil europeia (NOVAIS, 1985, p.51).

O povoamento e colonização dar-se-á posteriormente para afugentar outras nações interessadas no rico território brasileiro. Mas, para os portugueses, havia um problema: ninguém queria morar no Brasil, devido a vários fatores, dentre eles as condições climáticas e geográficas da colônia. Assim, o rei precisa tornar esse território atraente já que não dispõe de quantidade suficiente de pessoas para habitarem essa terra (devido às mortes provocadas pela “peste” que assolou Portugal; e quantidade necessária para as expedições). A forma encontrada pelo rei foi tornar vantajoso este “negócio”, concedendo “nada menos que poderes soberanos, de que o Rei abria mão em benefício dos seus súditos que se dispusessem a arriscar cabedais e esforços na empresa” (PRADO JR, 1976, p. 31). As tais vantagens consistiam:

O plano, em suas linhas gerais, consistia no seguinte: dividindo-se a costa brasileira (o interior, por enquanto, é para todos os efeitos desconhecido), em doze setores lineares com extensões que variavam entre 30 e 100 léguas. Estes setores chamar-se-ão capitânicas, e serão doadas a titulares que gozarão de grandes regali-

as e poderes soberanos; caber-lhe-á nomear autoridades administrativas e juizes em seus respectivos territórios, receber taxas e impostos, distribuir terras, etc. O Rei conservará apenas direitos de suserania semelhantes aos que vigoravam na Europa feudal. Em compensação, os donatários das capitânias arcarão com todas as despesas de transporte e estabelecimento de povoadores (PRADO JR, 1976, p. 31-32).

Segundo Néelson Werneck Sodré (1968), as capitânias hereditárias - um direito sobre a terra garantida pelo Rei aos colonizadores - determinarão o tipo de exploração agrária adotada no Brasil:

A fórmula consistia na distribuição de faixas territoriais contadas ao longo da costa, indelimitadas no interior, - iriam até o meridiano convencionado em Tordeasilhas, - aos que as disputassem ou aceitassem, dentro de determinadas condições. Não houve disputa, - ao contrário, alguns donatários nem as receberam, ou as transferiram, - mas aceitação. Os escolhidos, na regra dos casos, foram válidos da Coroa, alguns com serviços prestados no Oriente (SODRÉ, 1968, p.67).

O investimento necessário a esse empreendimento era elevado devido ao alto valor, tanto dos escravos quanto do engenho<sup>384</sup>. E esse pré-requisito para manter a lavoura de cana de açúcar, segundo Sodré, terá uma tendência discriminatória que vai refletir na sociedade da zona açucareira. Primeiramente, o investimento inicial necessário imporia a vinda de pessoas com determinada condição financeira para a colônia, dispostas a investir na estruturação/manutenção da célula colonial, e não aqueles dispostos a trabalhar e/ou povoar o país. Em segundo lugar, há uma vantagem em favor dos que conseguiam montar o engenho, que como já mencionamos tem um custo alto. “Desse conjunto de fatores decorrerá uma sociedade aristocrática, em que os valores do trabalho serão amesquinçados porque desclassificam” (SODRÉ, 1968, p. 72). Assim, o autor afirma que estes, devido a esta pressão, tornar-se-ão aristocratas.

Segundo Sodré (1968), esses primeiros colonizadores tiveram que alienar seus pertences em nome da esperança de enriquecer na Colônia. A Coroa dava o que tinha de mais abundante na

---

<sup>384</sup> “[...] O engenho é um estabelecimento complexo, compreendendo numerosas construções e aparelhos mecânicos: moenda (onde a cana é espremida); caldeira, que fornece o calor necessário ao processo de purificação do caldo; casa de purgar, onde se completa esta purificação [...] (PRADO JR, 1976, p. 38).

Colônia: a terra. O investimento inicial deveria ser conseguido por quem estivesse disposto a fazê-lo.

A questão fundamental a se realçar é que a base da Colônia foi a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo. A grande propriedade e a monocultura terão os mesmos motivos de existência: a necessidade/interesse de se produzir bens de alto valor comercial para exportação, em larga escala. Tanto que a colônia irá basear-se na produção para a exportação, não tendo incentivo à produção interna.

O trabalho escravo foi a funcional solução para uma série de problemas: necessidade de trabalhadores, pois Portugal não tinha quantidade suficiente de população para vir para o Brasil ceder seus braços (além disso, o europeu não viria para o Brasil com o intuito de trabalhar, diga-se um trabalho bastante pesado); grande disponibilidade de terras; o conhecimento e prática portuguesa de tráfico de escravos; os ganhos provenientes dessa atividade. Daí explica-se o ressurgimento da escravidão em pleno século XVI, para trabalhar nas lavouras das Colônias que funcionavam para acelerar a acumulação primitiva capitalista (NOVAIS, 1989, p. 102).

[...] nas condições históricas em que se processa a colonização da América, a implantação de formas compulsórias de trabalho decorria fundamentalmente da necessária adequação da empresa colonizadora aos mecanismos do Antigo Sistema Colonial, tendente a promover a primitiva acumulação capitalista na economia europeia; do contrário, dada a abundância de um fator de produção (a terra), o resultado seria a constituição no Ultramar de núcleos europeus de povoamento, desenvolvendo uma economia de subsistência voltada para o seu próprio consumo, sem vinculação econômica efetiva com os centros dinâmicos metropolitanos. [...] Tratava-se, porém, naquele momento da história do Ocidente, de colonizar para o capitalismo, isto é, segundo o mecanismo do sistema colonial, e isto impunha o trabalho compulsório (NOVAIS, 1989, p.102).

Esses são os motivos externos do ressurgimento da escravidão. A necessidade de explorar a Colônia que não poderia ser colocada em risco de destinar-se a outros fins que não o da exploração. O tráfico negreiro será, além do açúcar, “um grande negócio”. O escravo tornar-se-á um bem valioso na Colônia: “a quantidade de escravos determinará a riqueza que o Senhor possui” (SODRÉ, 1968, p. 71). O trabalho difícil da Colônia será por três séculos executado pelo trabalhador escravo.

Mais preciosa para o senhor era a propriedade do escravo do que a da terra. Esta era abundante e praticamente gratuita. O escravo só podia ser obtido por compra, e não era barato. Ter ou não ter escravos era a questão fundamental. Aquele que não os tivesse, por mais extensas que fossem as suas terras, nada tinha. *O prestígio do senhor media-se por uma só unidade: o escravo. A supremacia do trabalho sobre tudo o mais impunha-se, inexoravelmente.* (grifo nosso, SODRÉ, 1968. p.71).

Mas, algo deve ser ressaltado, não há interesses por parte das nações que detinham o controle do comércio europeu que a “periferia” se destacasse economicamente. Isso porque era necessário ao desenvolvimento dessas que o Brasil continuasse como colônia de exploração. Manter-se nessa condição era imprescindível para a acumulação primitiva nos países hegemônicos e para a Metrópole. Por isso, o papel da colônia era complementar a economia metropolitana. Florestan Fernandes (1976, p. 18) diz que a intenção não era que “Colônia fosse uma extensão das nações hegemônicas” era antes que esta servisse de apêndice ao desenvolvimento capitalista daquelas. Por isso,

A transplantação de núcleos imigrantes portugueses (e por vezes de elementos de outra nacionalidade) não se prendia ao fato de engendrar, aqui, uma extensão demográfica, econômica, sócio-cultural e política da sociedade metropolitana. Nem a lavoura nem a mineração nem os tipos de produção subsidiária que se desenvolveram através delas, acarretaram esse desfecho. O povoamento resultava da necessidade de produzir o butim. Este não existia pronto e acabado. Para colhê-lo era preciso produzi-lo (FERNANDES, 1976, p. 19).

Fica evidente nesse processo, até o momento tratado, que a dinâmica econômica na colônia se move em torno das querências externas. A colônia se despende para produzir o que o mercado externo necessita. Foi assim desde o início da colonização. Tal fato marcará o seu processo de formação e, conseqüentemente a formação das classes sociais. O que nos chama atenção é que, por mais que a colônia tivesse como central a atividade voltada para suprir as necessidades de acumulação dos países hegemônicos; a escravidão, a agricultura e a mineração proporcionariam o desenvolvimento, não planejado, de outros setores na economia que só se tornarão importantes depois da Independência. Essas atividades proporcionarão o desenvolvimento capitalista no Brasil pós Independência.

## INDEPENDÊNCIA E ABOLIÇÃO

Vimos como a colônia se reproduz com o intuito de promover a acumulação das nações hegemônicas. Mas, no século XVIII, já contamos com uma elite que tem condições de decidir o caminho que a colônia vai percorrer, e essa decisão vai marcar a nossa formação até os dias atuais. Essa escolha não é só da elite interna, pois abrange todo o sistema. Por isso, analisaremos a decisão interna influenciada pela burguesia externa e as circunstâncias em que se desenvolve o capitalismo no Brasil. Portanto,

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram (MARX, 2011, p.25).

Florestan Fernandes (2006, p. 123) nos fala sobre a importância da inserção do liberalismo no Brasil. Este terá um papel importante na colônia como ideologia e fará a diferença no pensamento da elite com relação à mudança. Essa mudança passará a ser bem vista na colônia. Isso porque a elite quer ter mais poder de mando dentro da colônia. Ela não se opunha ao sistema colonial, mas sim aos limites sociais, econômicos e políticos impostos pelo estatuto colonial. Dentro do estatuto colonial isso não é possível, a “elite nativa” é subordinada aos desmandos da Metrópole. Segundo Florestan Fernandes, não se pode associar o senhor de engenho, da colônia, com o burguês. O surgimento deste na colônia será particular, não terá origem, como nos países de Revolução Burguesa clássica, dos feudos (FERNANDES, 2006, p. 34). Sobre o surgimento do burguês no Brasil:

O burguês já surge, no Brasil, como uma entidade especializada, seja na figura do agente artesanal inserido na rede de mercantilização da produção interna, seja como negociante (não importando muito seu gênero de negócios: se vendia mercadorias importadas, especulava com valores ou com o próprio dinheiro; as graduações possuíam significação apenas para o código de honra e para a etiqueta das relações sociais e nada impedia que o “usurário”, embora malquisto e tido como encarnação nefasta do “burguês mesquinho”, fosse um mal terrivelmente necessário). Pela própria dinâmica da economia colonial, as duas florações do “burguês” permaneceriam sufocadas, enquanto o escravismo, a grande lavoura exportadora e o estatuto colonial estiveram conjugados. A independência, rompendo o estatuto colonial, criou condições de expansão da “burguesia” e, em particular, de valorização social crescente do “alto comércio”. Enquanto o agente artesanal autôno-

mo submergia, em consequência da absorção de suas funções econômicas pelas “casas comerciais importadoras”, ou se convertia em assalariado e desaparecia na “plebe urbana”, aumentava o volume e a diferenciação interna do núcleo burguês da típica cidade brasileira do século XIX. Ambos os fenômenos prendem-se ao crescimento do comércio e, de modo característico, à formação de um rede de serviços inicialmente ligada à organização de um Estado nacional, mas, em seguida, fortemente condicionada pelo desenvolvimento urbano (FERNANDES, 2006, p.34-35).

Assim, o burguês surge no Brasil de atividades que na colônia não eram centrais. Na verdade, o que surge no Brasil não vai ser uma classe propriamente dita, no sentido clássico. Será, nas palavras do autor, uma “congrégie social”. O que une essa congrégie é o interesse por aumentar seus lucros e por manter-se no poder. Assim, se a colônia permanecesse não seria possível haver autonomia. Optam, portanto, pela modernização, por romper com o estatuto colonial, mas, mantendo os traços coloniais.

Tal fato levará à permanência do “velho” com o “moderno”. Essa correlação de dois setores, de duas forças tornará a inserção do capitalismo no Brasil específica, afirma a dependência e o subdesenvolvimento porque mantém os mesmos laços com as nações hegemônicas. Com a Independência, ao mesmo tempo em que permanecem os laços de dependência da burguesia dos países hegemônicos, internaliza parte do poder de decisão. Esse é o interesse da “burguesia interna”, pois, esta era fragmentada e unese com o propósito maior de manter-se no poder e combater os “setores subalternos”. Ao mesmo tempo, esses laços não podem ser rompidos porque é a dependência brasileira que estrutura o modo de produção capitalista, pois, a classe trabalhadora no Brasil será superexplorada pela burguesia dos países hegemônicos e pela burguesia interna, daí a particularidade da classe trabalhadora no Brasil. Concomitantemente, continuaremos nos especializando na produção de gêneros de necessidade para o mercado externo. E importaremos suas manufaturas possibilitando o avanço do capitalismo (FERNANDES, 2006, p. 35).

As ideias de liberdade de comércio vindas de fora logo mudam o pensamento em todos os sentidos (social, cultural e econômico) internamente. E isso, por um lado, será bom, pois, possibilitará mudanças importantes. Com a Independência, o Brasil internalizará uma parte dos lucros vindos da agricultura aumentando a dinâmica interna. Socialmente, a abolição da escravidão virá de uma necessidade de expansão do capitalismo inglês. Externamente, com a consolidação da Primeira Revolução Industrial; e por outro lado, internamente, a escravidão passa a ser desaprova-

da por uma boa parte da “burguesia”. Manter a escravidão após o rompimento do estatuto colonial, levando em consideração que na Europa os trabalhadores já eram “livres como pássaros”<sup>385</sup>, era uma anomalia<sup>386</sup>, por isso, houve uma pressão, principalmente por parte da Inglaterra, para que o Brasil abandonasse o trabalho escravo adotando o trabalho livre. Mas, esse processo ainda vai demorar, pois, a mentalidade dos fazendeiros era medíocre no sentido de que a escravidão dava-lhes lucros.

Por fim, desses núcleos é que partiu o impulso que transformaria o antiescravismo e o abolicionismo numa revolução social dos “brancos” e para os “brancos”: combatia-se, assim, não a escravidão em si mesma, porém o que ela representava como anomalia, numa sociedade que extingiria o estatuto colonial, pretendia organizar-se como nação e procurava, por todos os meios, expandir internamente a economia de mercado (FERNANDES, 2006, p.35-36).

E se o caráter das orientações da Colônia se alterou, isso não decorreu de uma política deliberada e aplicada com certo afinco. Mas da lenta reação da população da sociedade colonial, que descobriu que o antigo sistema colonial não reproduzia nem levava a outra coisa senão ao próprio sistema colonial (FERNANDES, 1976, p.19).

Em face do imobilismo que o estatuto colonial prometia, a “burguesia” opta pela Independência específica. Mas, a independência não significa grandes alterações para a grande massa da população. Segundo Florestan Fernandes, a independência permitiu que houvesse mudanças na colônia. A abolição foi feita pelos “brancos” e em prol dos “brancos”, não estavam preocupados nenhum pouco com as condições desumanas da escravidão e nem com o destino dos libertos após a Abolição; a Independência significou a “burocratização” do poder interno da elite; pós Independência permanecerá o trabalho escravo por um bom tempo mesmo com as pressões externas para a abolição. (FERNANDES, 1976, p.14).

---

<sup>385</sup> Termo cunhado por Karl Marx em “O capital” referindo-se aos trabalhadores expropriados da terra e dos meios de produção tornando-se assim “livres como pássaros” para vender a única mercadoria que possuíam, a sua força de trabalho.

<sup>386</sup> Novais (1989) esclarece como o Antigo Sistema Colonial, ao cumprir seu papel e promover o processo de acumulação primitiva de capital e fomentar o desenvolvimento do capitalismo, contraditoriamente, cria as bases de sua própria superação. Isto é, o sucesso do Antigo Sistema Colonial torna-o um entrave, posteriormente, à expansão do capitalismo pós Revolução Industrial.

Cabe ressaltar que existe um ponto fundamental em que Florestan Fernandes (2006) diverge dos demais autores que tratam deste tema, e é de suma importância. Florestan Fernandes atribui à “elite nativa” certa “autonomia” interna quando afirma que entre permanecer colônia estagnada e a Independência, preferem esta. Existiram alguns fatores que os levaram a isso: somente uma parte da renda da lavoura ficava na Colônia; o sistema colonial organizava-se para drenar riquezas para fora. Florestan nos diz que a parte da renda que ficava na colônia destinada aos senhores de engenho não passava de uma remuneração. Portanto, o sistema colonial gerava uma acomodação interna não permitindo outros dinamismos econômicos. Segundo o autor, o seu único polo dinâmico que poderia gerar autonomia, justamente neutralizava essa autonomia, pois era organizado para servir ao capital comercial.

Mas, ao mesmo tempo em que o autor nos mostra os elementos que levam a elite a “optar” pela independência, faz uma importante referência a como esse “elemento humano” que é capaz de mudar a situação da colônia social, política e economicamente, também preserva a estrutura colonial. Eis aí a contradição, o “agente humano” que tem possibilidade de consolidar o capitalismo, é o mesmo que preserva as características do estatuto colonial (FERNANDES, 2006, p. 42).

[...] Em outras palavras, aceitava uma especialização no nível da economia internacional da época que o convertia no principal elemento humano da preservação, fortalecimento e expansão do próprio sistema colonial. O que nos interessa, aqui, é o que significam, subjetiva e funcionalmente, tais acomodações econômicas. Passava a fazer parte da mentalidade econômica do agente a ausência de ambições que pudessem conduzir seus comportamentos ativos em novas direções, inclusive na de romper os bloqueios que pesavam sobre a grande lavoura por causa da existência do sistema colonial (FERNANDES, 2006, p.43).

O fato é que, com a Independência e a tentativa de formação de um Estado Nacional, internaliza-se parte da renda que ia para o exterior, isso faz com que surjam novos dinamismos internos. Os senhores de engenho em busca da formação do Estado Nacional passam a sair do mundo em que viviam nas fazendas e a frequentar outros ambientes. Portanto,

Essa porção de senhores rurais tendeu a secularizar suas ideias, suas concepções políticas e suas aspirações sociais; e, ao mesmo tempo, tendeu a urbanizar, em termos ou segundo padrões cosmopolitas, seu estilo de vida, revelando-se propensa a aceitar formas de organização da personalidade, das ações ou das relações



sociais e das instituições econômicas, jurídicas e políticas que eram malvistas e proscritas no passado (FERNANDES, 2006, p.45).

Outro ponto de extrema importância que é a Independência não muda as condições do escravo. A elite continua, e agora com maior afinco, a defender seus interesses escravocratas, pois, estes passaram a contar com as “vantagens da espoliação” escravista. A escravidão passa a ser à base do crescimento do capital mercantil dentro do país. Ainda que parte dos lucros produzidos pelo tráfico fosse para fora, uma boa parte ficava no Brasil. O aparecimento deste “mercado moderno” contribui para o surgimento de novos papéis econômicos para o senhor que passa a ter uma vida urbana. O significado da escravidão para a acumulação primitiva na Europa passou a aparecer no Brasil com o surgimento do capitalismo comercial interno (FERNANDES, 1976). Existiam fatores externos, que com o desenvolvimento do capitalismo nos países centrais há a emergência de que se rompa com a escravidão, ao mesmo tempo, há querências internas que impedem com que isso aconteça.

Externamente, Fernando Novais (1989) nos fala que a motivação para a abolição do tráfico negreiro será a necessidade por mercados consumidores de produtos manufaturados da Inglaterra pós Revolução Industrial. A escravidão que renasce para a acumulação no mercantilismo, deve ser abolida para se gerar trabalhadores livres e assim, tornarem-se consumidores. Esse será o fator que vai impulsionar a extinção do tráfico internacional de escravos e a abolição da escravatura, que no Brasil ocorre tardiamente, pois, como já mencionado, o escravo promove a acumulação na colônia (NOVAIS, 1989, p. 111).

O mecanismo fundamental portanto mantém-se. O universo das relações mercantis é função dos senhores e, digamos, agregados. A massa de produtores diretos (escravos) vive fora das relações mercantis, e isso trava a constituição do mercado interno. No conjunto, tal configuração do mundo colonial responde ao funcionamento do sistema, enquanto as economias centrais se desenvolvem apenas no nível da acumulação primitiva de capitais, e a produção se expande no nível artesanal, ou mesmo manufatureiro. Quando, porém essa etapa é ultrapassada, e a mecanização da produção com a Revolução Industrial, potenciando a produtividade de uma forma rápida e intensa, leva a um crescimento da produção capitalista num volume e ritmo que passam a exigir no ultramar mais amplas faixas de consumo, consumo não só de camadas superiores da sociedade, mas agora da sociedade como um todo, o que se torna imprescindível é a generalização das rela-

ções mercantis. Então o sistema se compromete, e entra em crise (NOVAIS, 1989, p. 112).

Internamente, segundo Florestan Fernandes (1976), esse vai ser um dos motivos que levam à abolição da escravidão. A emergência para a modernidade faz com que se queira romper com essa anomalia. Essa vai ser a opção no Brasil: “ou ela ou o capitalismo”. A escravidão permitiu o aparecimento do comércio e de uma nova dinâmica econômica. A independência permitiu que houvesse a acumulação que antes era fora do país passasse a ser pelo menos uma parte internamente.

O grau de internalização institucionalizada de complexas funções comerciais e financeiras é suficiente para garantir um aproveitamento mais amplo e, mesmo, revolucionário do capital mercantil acumulado através da produção escravista. O que faz com que ele ajude a financiar, juntamente com o capital mercantil captado no Exterior, um vasto processo de criação de infra-estrutura econômica, de crescimento da grande lavoura, de modernização urbana, de diferenciação econômica no sentido da industrialização e, até, de imigração, expansão da pequena propriedade ou do trabalho livre etc. Nas convulsões finais, portanto, a escravidão mercantil exercia influências construtivas que não preencheria antes, nem no período colonial nem no período de transição neocolonial, pela simples razão que antes não existia um meio capitalista consolidado, capaz de ampliar e de aproveitar seus efeitos multiplicadores. Sob um capitalismo comercial plenamente constituído e quase maduro, não se tratava mais de provocar certos deslanches. Mas, de por a acumulação de capital mercantil gerada pela escravidão a serviço da revolução burguesa (FERNANDES, 1976, p.30).

Diferentemente de outros autores, Florestan Fernandes (2006) admite a existência de “agentes humanos” capazes de engendrar o capitalismo a partir da Independência e dos lucros obtidos com o tráfico de escravos. Isso é o que há de contraditório, algo com características “arcaicas” como a escravidão, sem a menor dúvida, desumanas e ao custo do sofrimento alheio, permite o aparecimento de dinamismos “modernos” no país.

É relevante destacar o modo que os senhores, agora modificados os seus papéis, levam às mudanças no país pensando estritamente em manter sua posição e aumentar seus lucros, não importando a forma. Em nenhum momento houve a defesa dos direitos dos cidadãos. Mesmo com a Independência essa “burguesia” era revolucionária quando rompe com o “antigo sistema” e torna-

se politicamente autônoma, mas mantém a mesma estrutura, onde a grande massa da população está à margem das transformações ocorridas no país.

A absorção do liberalismo deu-se de forma específica no Brasil, pois serviu para reafirmar as características “heteronômicas”. De forma alguma representou autonomia do país com relação aos países europeus. Este traço colonial permaneceu intacto, com a ressalva de que parte do lucro agora era absorvida internamente pela “burguesia nascente”. As funções que o liberalismo desempenhou foram contribuir para a formação da nação e orientar o desenvolvimento de uma ordem social nacional mantendo traços “heteronômicos” (FERNANDES, 2006, p. 55). Ou seja, extingue o “estatuto colonial” mantendo os traços de dependência econômica e da desigualdade interna. A produção interna continuará baseada no setor agrícola. Mas o autor ressalta o lado “positivo” do liberalismo, considera como a força que impulsionou a revolução nacional brasileira:

De um lado, malgrado a contenção de sua amplitude revolucionária (calibrada por “interesses senhoriais” e nos limites da supressão do “esbulho colonial” em termos desses interesses), ele concorreu para revolucionar o horizonte cultural das elites nativas. Primeiro, propiciando-lhes categorias de pensamento e de ação que conduziram ao desmascaramento do “esbulho colonial” e à oposição ao “sistema colonial”. Segundo, alterando suas perspectivas de percepção do uso, da importância e da organização do poder em termos da sociedade global. Terceiro, preparando-as intelectualmente tanto para os conflitos que as uniam contra o estatuto colonial, quanto para a defesa da Independência, da Monarquia constitucional e da democratização do poder político no âmbito de sua camada social (FERNANDES, 2006, p.55).

O que é relevante para este trabalho, nesse ponto, é que a mudança social, cultural, política e econômica dos senhores estabelecem, e aqui a nossa posição é concordante com o autor, mudanças no país, mesmo que não estruturais e socialmente importantes para os trabalhadores. Admite-se que a “burguesia” interna teve um papel importante na modernização do país. Fica evidente, como já apontado pelo autor, que “o espírito burguês” não lhes permite pensar em mudanças significativas para o conjunto da nação. Todavia, a inserção do liberalismo em uma estrutura heteronômica, faz com que o “espírito” da elite veja-o como privilégio voltado à atender as necessidades de poucos.

As normas constitucionais que regulavam os direitos de escolha e de representação, através das eleições primárias e das eleições indiretas, bem como o poder de

decisão inerente aos diferentes mandatos eletivos e a possibilidade aberta ao poder moderador de recrutar ministros e conselheiros de Estado entre deputados e senadores, condicionavam uma tal concentração do poder político no nível dos privilégios senhoriais, que “sociedade civil” e “estamentos sociais dominantes” passaram a ser a mesma coisa. De fato, não só o grosso da população ficou excluído da sociedade civil (FERNANDES, 2006, p.59).

Significa que o liberalismo permitiu que o “moderno” fosse possível, mas permanecendo, concomitantemente, o “atraso”. A elite vai fazer com que os seus interesses particulares tornem-se os da nação. Essa era a democracia estabelecida na colônia. Os privilégios eram de uma pequena minoria.

Algo crucial é entender que a elite nativa se dividia entre a parte que preservava as velhas estruturas coloniais e outra parte que queria “elementos modernos”; esse último ditará a dinâmica econômica no país tendo como base o “setor atrasado”; vai ser o surgimento da indústria tendo como base o setor agroexportador. Essa particularidade da coexistência entre “velho” e “moderno”, impulsionando-se recíproca e contraditoriamente, é que dará a dinâmica econômica do país.

[...] O desenvolvimento prévio da sociedade, sob o regime colonial, não criara, por si mesmo, uma nação. Mas dera origem a estamentos em condições econômicas, sociais e políticas de identificar o seu destino histórico com esse processo. Desse modo, a constituição de um Estado nacional independente representava o primeiro passo para concretizar semelhante destino. Por meio dele, os interesses comuns daqueles estamentos podiam converter-se em interesses gerais e logravam condições políticas para se imporem como tais. Ao se concretizarem politicamente, porém, os referidos interesses tinham de se polarizar em torno da entidade histórica emergente, a nação. Somente ela poderia dar suporte material, social e moral à existência e à continuidade de um Estado independente. Assim, ao enlaçar-se à fundação de um Estado independente e à constituição de uma sociedade nacional, a dominação patrimonialista passou a preencher funções que colidiam com as estruturas sociais herdadas da Colônia, com base nas quais ela deveria resguardar e fortalecer. Sua duração, em condições de equilíbrio relativo e de indiscutível eficácia (pelo menos dentro dos limites dos desígnios políticos dos estamentos senhoriais), sugere que ao longo da evolução do Império ela não chegou a ser posta em causa realmente e que não surgiram forças sociais novas, empenhadas em rearticular, politicamente, transformação da ordem social global e integração nacional (FERNANDES, 2006, p.76).

O que separa a “era senhorial” da “era burguesa”<sup>387</sup> será um momento de transição, que no Brasil ocorrerá com quatro séculos de atraso. O autor afirma que essa transição não será uma crise; será antes uma passagem de um momento a outro, não havendo, portanto, comparação com a transição ocorrida nos países onde a revolução se deu na forma clássica. As condições que antes eram de total privilégio da minoria em detrimento da grande massa da população continuarão as mesmas na passagem para a “era burguesa”. Nesse sentido, Florestan Fernandes nos afirma:

Há burguesias e burguesias. [...] Certas burguesias não podem ser instrumentais, ao mesmo tempo, para “a transformação capitalista” e a “revolução nacional e democrática”. O que quer dizer que a Revolução Burguesa pode transcender à transformação capitalista ou circunscrever-se a ela, tudo dependendo das outras condições que cerquem a domesticação do capitalismo pelos homens. [...] Sob o capitalismo dependente a Revolução Burguesa é difícil – mas é igualmente necessária, para possibilitar o desenvolvimento capitalista e a consolidação da dominação burguesa. E é inteiramente ingênuo supor-se que ela seja inviável em si e por si mesmo, sem que outras forças sociais destruam ou as bases de poder, que a tornam possível, ou as estruturas de poder, que dela resultam (e que adquirem crescente estabilidade com a consolidação da dominação burguesa) (FERNANDES, 2006, p.251-252).

Em benefício próprio a elite brasileira, em detrimento da construção da nação, serviu de alavanca para a acumulação de capital nos países centrais e no fortalecimento dessas nações. Com isso, reafirmou-se o papel brasileiro de apêndice das nações do centro, e a organização da economia brasileira se dará, ao longo dos séculos, para suprir as necessidades desses países. Essa é a opção que a burguesia brasileira fará e que se reafirmará ao longo da história brasileira. Assim, “Estado centralizado e sistema colonial conjugam-se, pois, para *acelerar a acumulação de capital comercial pela burguesia mercantil europeia*” (NOVAIS, 1985, p. 51).

E quando da transição para a chamada “era burguesa” ou para a modernidade a organização econômica, social e política e o seu sentido não serão diferentes. E, é claro, nesse processo de beneficiamento de uma minoria a grande massa da população é sempre onerada. As condições de luta da classe trabalhadora ficam desse modo, solapadas por nossa formação específica.

---

<sup>387</sup> Florestan Fernandes utiliza esses termos para denominar a passagem do Brasil da colônia para a modernidade. Segundo o autor, a recomposição das estruturas de poder que vão marcar essa passagem no Brasil. (FERNANDES, 2006, p.239)

A grande preocupação da burguesia brasileira não era a revolução social, democrática e econômica do país, era antes manter-se no poder a qualquer custo, e isso vai ser possível mantendo os traços “heteronômicos” originados na colônia. As mudanças ocorridas, a revolução propriamente dita, e específica, dar-se-á devido às circunstâncias históricas emanadas de fora e que, ao reafirmar a burguesia brasileira como elite dominante internamente será permitida por esta. A especificidade brasileira é a consolidação da “era burguesa” mantendo a base da chamada “modernidade” no “setor atrasado”.

O efeito mais direto dessa situação é que a burguesia mantém múltiplas polarizações com as estruturas econômicas, sociais e políticas do país. Ela não assume o papel de paladina da civilização ou de instrumento da modernidade, pelo menos de forma universal e como decorrência imperiosa de seus interesses de classe. Ela se compromete, por igual, com tudo que lhe fosse vantajoso: e para ela era vantajoso tirar proveito dos tempos desiguais e da heterogeneidade da sociedade brasileira, mobilizando as vantagens que decorriam tanto do “atraso” quanto do “adiantamento” das populações. [...] No mais, ela florescia num meio em que a desagregação social caminhava espontaneamente, pois a Abolição e a universalização do trabalho livre levaram a descolonização ao âmago da economia e da sociedade. Sem qualquer intervenção sua intolerante ou ardorosa, a modernização caminhava rapidamente, pelo menos nas zonas em expansão econômica e nas cidades mais importantes em crescimento tumultuoso; e sua ansiedade política ia mais na direção de amortecer a mudança social espontânea que no rumo oposto, de aprofundá-la e de estendê-la às zonas rurais e urbanas mais ou menos “retrógradas” e estáveis. (FERNANDES, 2006, p.240-241).

Assim, utilizando o Estado como instrumento, a elite brasileira precisa resolver o problema que se instaura com a abolição da escravidão: mais uma vez o problema da mão de obra. Segundo Celso Furtado, não havia possibilidade de transformarem o negro em assalariado. A questão colocada pelo autor é de que os ex-escravos preferiam o ócio ao trabalho devido à forma exploratória e desumana de trabalho a que foram submetidos no período da escravidão. Isso faz com que mesmo por uma boa remuneração eles não aceitem voltar ao trabalho, preferem a “liberdade” (FURTADO, 1987, p. 140). Assim,

[...] O homem formado dentro desse sistema social está totalmente desparelhado para responder aos estímulos econômicos. Quase não possuindo hábitos de vida familiar, a ideia de acumulação de riqueza é praticamente estranha. Demais, seu

rudimentar desenvolvimento mental limita extremamente suas “necessidades”. Sendo o trabalho para o escravo uma maldição e o ócio o bem inalcançável, a elevação do seu salário acima de suas necessidades – que estão definidas pelo nível de subsistência de um escravo – determina de imediato uma forte preferência ao ócio. (FURTADO, 1987, p.140).

O fato é que a existência desses trabalhadores ex-escravos e a vinda dos imigrantes europeus<sup>388</sup> para o território brasileiro possibilitam, segundo Celso Furtado, um rebaixamento dos salários no momento de expansão da economia cafeeira, proporcionando à classe dos produtores de café elevados lucros (FURTADO, 1987, p.153). Concomitantemente a isso, Florestan Fernandes, afirma que com a vinda de imigrantes europeus para o Brasil há uma concorrência deste com os ex-escravos. Esse, segundo o autor, vai ser um dos motivos da fragmentação e da desorganização da classe trabalhadora, os ex-escravos permanecerão sempre à margem.

Daí pode-se observar como mais uma vez os ex-escravos, após a abolição, constituem uma forma de acumulação para a elite cafeeira brasileira, nesse caso como exército de reserva para a lavoura contribuindo para o rebaixamento dos salários e aumento da lucratividade dos donos das lavouras de café. “Portanto, teve importância fundamental, no desenvolvimento do novo sistema econômico baseado no trabalho assalariado, a existência da massa de mão de obra relativamente amorfa que se fora formando no país nos séculos anteriores” (FURTADO, 1987, p.153).

É de extrema importância ressaltar esse ponto para esclarecer como os nexos originados da colônia permanecem mesmo após a Independência e todos os outros processos que vieram após. Esses fatores mostrados reafirmam a concentração de renda, algo que permanecerá até os dias atuais. Além disso, um enorme exército de reserva formado em sua maioria por ex-escravos, impulsiona os salários dos trabalhadores para baixo. Esses fatores diminuem o poder de barganha dos trabalhadores no Brasil; impedindo-os de lutar por melhores condições mesmo “dentro da ordem”.

---

<sup>388</sup> Com o fim de escravidão, era necessário resolver o problema da mão de obra, que como Furtado nos mostra, não é exatamente um problema de escassez, é antes um problema de excesso. O fato é que os ex-escravos africanos não queriam trabalhar na lavoura em um regime parecido com o da escravidão que já haviam passado. Por isso, a elite cafeeira e o governo precisavam resolver este problema. Assim, “a ideia do senador Vergueiro era uma simples adaptação do sistema pelo qual se organizara a emigração inglesa para os EUA na época colonial: o imigrante vendia o seu trabalho futuro. [...] No caso brasileiro, o governo cobria a parte principal desse financiamento que era o preço da passagem da família. [...] Com efeito, o custo real da imigração corria totalmente por conta do imigrante, que era a parte financeiramente mais fraca. O Estado financiava a operação, o colono hipotecava o seu futuro e o de sua família, e o fazendeiro ficava com todas as vantagens” (FURTADO, 1987, p.126).

Outro elemento nos ajuda a compreender as condições da classe trabalhadora no período pós-escravidão e de assalariamento. Segundo Celso Furtado, nos períodos de prosperidade os salários dos trabalhadores permaneciam estáveis enquanto, que os lucros da elite cafeeira (produto que estava no auge de exportações no período) aumentavam, isto é, aumentos de produtividade não eram repassados aos salários, ou o eram infimamente. Reflexo da especificidade das classes sociais no país e da dinâmica da luta de classes.

Reforçando tal tendência, nos períodos de crise não havia um fator que equilibrasse tal desnível, transferindo parte da renda para a classe trabalhadora. Pelo contrário os prejuízos da crise eram transferidos para a grande massa de trabalhadores em prol da renda dos exportadores. Assim,

[...] os aumentos de produtividade econômica alcançados na alta cíclica eram retidos pelo empresário, dadas as condições que prevaleciam de abundância de terras e mão de obra. Havia, portanto, uma tendência à concentração da renda nas etapas de prosperidade. Crescendo os lucros mais intensamente que os salários, ou crescendo aqueles enquanto estes permaneciam estáveis, é evidente que a participação dos lucros no total da renda territorial tendia a aumentar. Na etapa de declínio cíclico, havia uma forte baixa na produtividade econômica do setor exportador. Pelas mesmas razões por que na alta cíclica os frutos desse aumento de produtividade eram retidos pela classe empresarial, na depressão os prejuízos da baixa de preços tenderiam a concentrar-se nos lucros dos empresários do setor exportador. Não obstante, o mecanismo pelo qual a economia corrigia o desequilíbrio externo – o reajustamento da taxa cambial – possibilitava a transferência do prejuízo para a grande massa consumidora. Destarte, o processo de concentração de riqueza, que caracterizava a prosperidade, não encontrava um movimento compensatório na etapa de contração de renda. (FURTADO, 1987, p.166).

Para tanto, podemos observar quais são as prioridades dos “setores dominantes internos” quando da passagem do Brasil colônia para o que Florestan denominou de “ordem social competitiva” ou modernidade. “Portanto, estamos diante de uma burguesia dotada de moderado espírito modernizador e que, além do mais, tendia a circunscrever a modernização ao âmbito empresarial e às condições imediatas da atividade econômica ou do crescimento econômico” (FERNANDES, 2006, p. 242). A economia brasileira continuará voltada à atenção de necessidades alheias. Basicamente, a dinâmica econômica será dada pelo setor agroexportador de produtos primários e a grande massa da população fica excluída de todos esses processos, condicionada por sua formação



específica. O tipo de revolução burguesa consolidado no Brasil através da “opção” da burguesia brasileira e, segundo circunstâncias dadas, foi manter como base da modernidade e do desenvolvimento capitalista no Brasil o setor arcaico, nexos originados na colônia. Esse setor arcaico será o responsável por manter relações patriarcais e estamentais mesmo após a passagem para a “era burguesa” formando classes sociais subordinadas aos interesses externos e, do ponto de vista da classe trabalhadora, a burguesia brasileira consegue que esta não se organize enquanto classe em si e para si para lutar por direitos mínimos mesmo dentro da “ordem”, não tendo direitos tão pouco à democracia burguesa. A classe trabalhadora no Brasil é fragmentada, conformada e desorganizada. A tarefa fundamental é pensarmos como reverter às amarras que nos prendem ao passado e pensar na superação desses entraves e como transformar a classe trabalhadora em agente político consciente do seu papel modificador da sociedade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, Florestan. *Circuito Fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo: Hucitec, 1976.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 22ª ed. São Paulo: Nacional, 1987.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NOVAIS, Fernando. *O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial*. In: MOTA, Guilherme C. *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 1985. p.47-63.

\_\_\_\_\_. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial: (1777- 1808)*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

PRADO JR., Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

\_\_\_\_\_. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 20ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *História Econômica do Brasil*. 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SILVA, Sérgio. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

## **Violência Sexual Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes: Considerações sobre a Proteção Jurídica e o Enfrentamento no Brasil<sup>389</sup>**

### **La violencia sexual intrafamiliar contra Niños, Niñas y Adolescentes: Consideraciones sobre la protección jurídica y el enfrentamiento en Brasil**

Rafael Bueno Da Rosa Moreira<sup>390</sup>

Diogo Lentz Meller<sup>391</sup>

**Resumo:** Buscar-se-á estudar a proteção jurídica nacional e internacional dos direitos da criança e do adolescente, a teoria da proteção integral, a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes e as políticas públicas de enfrentamento da situação de violência e de efetivação de direitos fundamentais durante à infância.

**Abstract:** It will seek to study the national and international legal protection of children's and adolescents' rights, the theory of integral protection, sexual domestic violence against children and adolescents and public policies to face the situation of violence and realization of fundamental rights during childhood.

**Palavras-chave:** Criança – adolescentes – violência sexual

---

<sup>389</sup> Este artigo é resultado das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto "A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes e as políticas públicas: a imperiosa análise do problema para o estabelecimento de parâmetros de reestruturação do combate às violações aos direitos infanto-juvenis" financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil - Chamada Universal 14/2012, sob a orientação do Prof. Dr. André Viana Custódio

<sup>390</sup> Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), integrante do Grupo de Estudos em Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes (GRUPECA/UNISC) e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas de Inclusão Social (UNISC), Especialista em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade Anhanguera/UNIDERP, Professor do Curso de Graduação em Direito da Universidade da Região da Campanha – URCAMP/Alegrete e Bagé. Coautor do Projeto de Pesquisas em Direitos Humanos: desafios no efetivo cumprimento dos direitos de 2ª geração no Brasil (URCAMP) e Coordenador do Grupo de Estudos em Direito e Inclusão Social (URCAMP). Endereço eletrônico: rafaelbmoreira2@yahoo.com.br.

<sup>391</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), integrante do Grupo de Estudos em Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes (GRUPECA/UNISC) e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas de Inclusão Social (UNISC). Endereço eletrônico: diogolmeller@gmail.com.

**Palabras-clave:** Niño – adolescentes – violencia sexual

**Keywords:** Children – teenager – sexual violence

### **Considerações Iniciais**

A exploração e a violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno que afeta muitas pessoas no Brasil. O presente estudo analisará a violência sexual intrafamiliar. Considerando que a exploração sexual intrafamiliar durante a infância é um problema que traz diversas consequências ao desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, como ocorre o enfrentamento a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes no Brasil?

Buscar-se-á analisar a proteção jurídica de direitos da criança e do adolescente, a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, as políticas públicas de enfrentamento a violência sexual intrafamiliar e as estratégias dispostas no Plano Nacional de Enfrentamento a Violência Sexual.

### **1. A Proteção Jurídica contra a Exploração Sexual se Crianças e Adolescentes**

No âmbito internacional, foi instituída a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU em 1989, importante tratado internacional que visa instituir garantias universais as crianças e adolescentes (ONU, 1989).

A Convenção sobre os Direitos das Crianças assegurou as mais diversas garantias, de forma universal, dentre elas: a proteção contra qualquer forma de castigo ou de discriminação (art. 2º); os direitos à saúde e à segurança (art. 3º); a proteção do bem estar social (art. 3º); os direitos ao desenvolvimento e à vida (art. 6º); o direito a convivência familiar (art. 9º); o direito à educação (arts. 18 e 28); a proteção contra todas as formas de violência física ou mental (art. 19); o direito ao descanso e ao lazer (art. 31); o direito à saúde (arts. 24 e 25); entre outros direitos (ONU, 1989).

A proteção jurídica disposta na presente Convenção buscou assegurar um conjunto de direitos em que é titular toda criança e adolescente, efetivando o reconhecimento destes como sujeito de direitos. A garantia da pluralidade de direitos tem por finalidade assegurar a proteção inte-

gral da criança e do adolescente, possibilitando o desenvolvimento integral de um indivíduo que se encontra em situação peculiar de pessoa em desenvolvimento (CUSTÓDIO; VERONESE, 2013).

Em seu artigo 19 encontra-se previsto a obrigatoriedade dos Estados Partes adotarem medidas para proteção contra qualquer forma de violência seja ela de natureza “[...] física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela” (ONU, 1989).

Se tratando da proteção contra a violência sexual de crianças e adolescentes, a Convenção sobre Direitos da Criança dispôs:

#### Artigo 34

Os Estados Partes se comprometem a proteger a criança contra todas as formas de exploração e abuso sexual. Nesse sentido, os Estados Partes tomarão, em especial, todas as medidas de caráter nacional, bilateral e multilateral que sejam necessárias para impedir:

a) o incentivo ou a coação para que uma criança se dedique a qualquer atividade sexual ilegal [...] (ONU, 1989).

Portanto, há um compromisso internacional entre os Estados Partes que ratificarem a presente convenção em executar medidas de proteção contra qualquer forma de exploração ou abuso sexual. Desta maneira, deverá ser enfrentada toda e qualquer forma de violência sexual contra crianças e adolescentes, dentre elas, a violência sexual intrafamiliar, a exploração de crianças e adolescentes em atividades prostituição, o incentivo a atividade sexual ilegal ou a exploração de crianças ou adolescentes em materiais ou espetáculos pornográficos (ONU, 1989).

A Convenção sobre os Direitos da Criança previu em seu artigo 39 o comprometimento dos países signatários em adotarem políticas públicas voltadas à infância, com a finalidade de “[...] estimular a recuperação física e psicológica e a reintegração social de toda criança vítima de qualquer forma de abandono, exploração ou abuso; tortura ou outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes; ou conflitos armados” (ONU, 1989).

No Brasil, o artigo 227 da Constituição Federal previu os direitos fundamentais da criança e do adolescente, assegurando os princípios da proteção integral, da tríplice responsabilidade compartilhada e da prioridade absoluta no ordenamento jurídico nacional, sendo instituído como compromissos para o Estado, para família e para sociedade a efetivação dos direitos fundamentais da criança e adolescente com prioridade absoluta (BRASIL, 1988).

A proteção integral da criança e do adolescente com prioridade absoluta também foi garantida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente no artigo 1º e 4º, estabelecendo a teoria da proteção integral na presente lei (BRASIL, 1990).

O ordenamento jurídico estabeleceu a proteção jurídica para garantir a efetivação do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, bem como para possibilitar a implementação de políticas públicas de proteção, atendimento, justiça e promoção de direitos, destinadas à crianças e adolescentes. Como princípio fundamental foi adotada a teoria da proteção integral, sendo utilizada como instrumento protetivo e concretizador de direitos, que visa o reconhecimento de crianças e adolescentes como sujeito de direitos, que em decorrência de condição própria de pessoa em processo de desenvolvimento merece proteção especial (CUSTÓDIO; VERONESE, 2013).

O Estatuto previu os “Direitos Fundamentais” que devem ser garantidos a universalidade de crianças e adolescentes no território brasileiro. Como consequência da violência sexual intrafamiliar poderão ser afetados diversos direitos nele previstos como: o direito à vida e à saúde; o direito à dignidade, à liberdade ou ao respeito (BRASIL, 1990).

Assim, a proteção jurídica nacional e internacional contra a violência sexual intrafamiliar visa garantir o desenvolvimento integral de crianças e de adolescentes, possibilitando o desenvolvimento desde a infância até a vida adulta.

## **2. Da Violência Sexual Intrafamiliar e seu Enfrentamento no Brasil**

O Mapa da Violência contra Crianças e Adolescentes no Brasil demonstra o tamanho do problema a ser enfrentado pelo Estado, expondo, com base no Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN, pertencente ao Ministério da Saúde, que é realizada pelo gestor de saúde do Sistema Único de Saúde – SUS, mediante ficha de notificação, que foram realizados o atendimento de 10.425 crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, pela política pública de atendimento à saúde no ano de 2011 no Brasil. O dado demonstrado expressa somente os casos que

buscaram a política pública, havendo diversos outros casos que não foram contabilizados. O dado demonstrou, também, outras formas de violências verificadas, ficando evidenciado que a ocorrência da violência sexual somente foi menor que a da violência física que identificou 21.279 casos. Na estatística poderiam ser marcadas mais de uma alternativa, podendo ser marcado ao mesmo tempo, por exemplo, violência sexual e violência física (WAISELFISZ, 2012, p. 62; 67).

| <b>Número de atendimentos de crianças e adolescentes por tipo de violência</b> |        |        |       |          |        |         |
|--|--------|--------|-------|----------|--------|---------|
| Tipo   | Física | Sexual | Moral | Abandono | Outros | Tortura |
| Quantidade   | 21.279 | 10.425 | 9.948 | 8.275    | 2.596  | 992     |

Fonte: SINAN/ SVS/ MS/ Mapa da violência contra crianças e adolescentes no Brasil

Do total de atendimentos realizados, foi identificado que o local de maior ocorrência de qualquer uma das violências acima citadas contra crianças e adolescentes, foi a residência, totalizando 21.041 notificações. A residência como local da ocorrência da violência possui um percentual maior que todos os outros locais identificados, demonstrando o alto índice de ocorrência de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes no Brasil (WAISELFISZ, 2012, p. 66).

| <b>Número de atendimentos de crianças e adolescentes por violência segundo o local de ocorrência</b> |            |             |        |        |     |
|--|------------|-------------|--------|--------|-----|
| Local  | Residência | Via Pública | Outros | Escola | Bar |
| Quantidade   | 21.041     | 6.037       | 4.056  | 1.563  | 630 |

Fonte: SINAN/ SVS/ MS/ Mapa da violência contra crianças e adolescentes no Brasil

Do total dos casos segundo o local da ocorrência da violência, 10.584 agressores eram reincidentes, enquanto 22.473 não eram reincidentes (WAISELFISZ, 2012, p. 66).

Se tratando especificamente da violência sexual contra crianças e adolescentes, foi definida no relatório violência sexual como “[...] toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais, contra a vontade, por meio de força física, influência psicológica, uso de armas ou drogas” (WAISELFISZ, 2012, p. 70).

Na maior parte dos casos, a violência sexual foi cometida contra crianças e adolescentes do sexo feminino, o que representou 83,2% das 10.425 notificações de violência sexual na infân-

cia no ano de 2011, sendo que a maior incidência de casos ocorreu na faixa etária entre 10 e 14 anos, totalizando 4.118 casos (3.673 do sexo feminino), porém os índices são consideráveis em todas as faixas etárias. A violência sexual mais verificada foi o estupro, tendo sido notificados 7.154 casos, sendo 6.108 casos onde a vítima era do sexo feminino. Fica evidenciado as crianças e adolescentes do sexo feminino são mais vulneráveis a violência sexual (WAISELFISZ, 2012, p. 70-72).

| <b>Número de atendimentos de crianças e adolescentes por violência sexual conforme idade e sexo</b> |           |           |             |             |        |
|---|-----------|-----------|-------------|-------------|--------|
| Sexo  | Entre 0-5 | Entre 5-9 | Entre 10-14 | Entre 15-19 | Total  |
| Masculino   | 403       | 775       | 445         | 125         | 1.748  |
| Feminino  | 1.332     | 1.767     | 3.673       | 1.905       | 8.677  |
| Total   | 1.735     | 2.542     | 4.118       | 2.030       | 10.425 |

Fonte: SINAN/ SVS/ MS/ Mapa da violência contra crianças e adolescentes no Brasil

Na identificação da relação da vítima com o agressor, se pode verificar o percentual de violência intrafamiliar. A relação familiar tem por característica a submissão de crianças e adolescentes ao poder de seus ascendentes/familiares e a relação de confiança, que devido a diferença de idade é extremamente desigual. O problema é que em diversas ocasiões os ascendentes aproveitam desta situação de subordinação para violentar sexualmente os seus descendentes/familiares, exercendo uma dominação pelo poder.

A Constituição Federal previu a família como base da sociedade, garantindo a ela proteção especial do Estado, especificando no § 4º do artigo 226 a definição que: “Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988).

Como conceituação de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes destaca-se:

[...] todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do



direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (GUERRA, 2001, p.32-33).

No mapa da violência contra crianças e adolescentes foi identificado que os pais e padrastos são os maiores agressores no que diz respeito a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes, sendo identificados 1.056 (um mil e cinquenta e seis casos) casos onde o pai é o agressor e 1.061 (um mil e sessenta e um) casos onde o padrasto é agressor (WAISELFISZ, 2012, p. 73).

| <b>Número de atendimentos de crianças e adolescentes por violência sexual segundo relação com o agressor</b> |                               |                                   |
|--|-------------------------------|-----------------------------------|
| <b>Relação</b>   | <b>Número de atendimentos</b> | <b>Percentual de atendimentos</b> |
| Pai  | 1.056                         | 10,2                              |
| Mãe  | 231                           | 2,2                               |
| Padrasto   | 1.061                         | 10,3                              |
| Madrasta   | 23                            | 0,2                               |
| Cônjuge  | 98                            | 0,9                               |
| Ex-cônjuge   | 17                            | 0,2                               |
| Namorado   | 647                           | 6,3                               |
| Ex-namorado  | 84                            | 0,8                               |
| Irmão  | 269                           | 2,6                               |
| Amigo/conhecido  | 2.950                         | 28,5                              |
| Desconhecido   | 1.848                         | 17,9                              |
| Outros   | 2.050                         | 19,8                              |

Fonte: SINAN/ SVS/ MS/ Mapa da violência contra crianças e adolescentes no Brasil

Portanto, se verifica que em 25,6% dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorridos no ano de 2011, onde houve notificação pela política pública nacional, os agressores eram membros consanguíneos da família. Aqueles que possuem ou tiveram relacionamento afetivo com as vítimas, totalizam um percentual de 8,2% (WAISELFISZ, 2012, p. 73).

Os índices de violência sexual intrafamiliar são extremamente consideráveis no contexto geral acima exposto, demonstrando que há um percentual altíssimo de casos onde o agressor é membro da família. Se deve salientar, que no tópico “outros” poderá haver outras pessoas que possam ter algum outro relacionamento familiar mais distante, como é o caso de primos(as), tios(as), avós, avôs.

Com a finalidade de enfrentamento a exploração sexual intrafamiliar e a garantia de direitos fundamentais a crianças e adolescentes, de suma importância é o desenvolvimento de políticas públicas no âmbito nacional. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê uma série de políticas públicas de garantia de direitos e de proteção a infância, que são interdisciplinares, e que deverão atuar articuladamente e em rede, de forma descentralizada. As políticas públicas de atendimento, planejadas pelos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente, órgão presente no âmbito nacional, estadual e municipal, são as responsáveis pelo atendimento de crianças e adolescentes, possibilitando a garantia do direito à saúde, à educação, à assistência social e dos demais direitos sociais básicos, por meio de órgãos públicos que deverão ter seus servidores atuando na identificação e notificação de ocorrência de violência sexual intrafamiliar (BRASIL, 1990).

A política de proteção, que é de execução dos Conselhos Tutelares, tem por finalidade garantir a proteção integral de crianças e adolescentes, tendo competência para a aplicação de diversas medidas de proteção disciplinadas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Também existem as políticas públicas de promoção de direitos e de justiça, que deverão atuar, respectivamente, na garantia de direitos humanos no período da infância e no amplo acesso à justiça de crianças e de adolescentes por meio dos órgãos públicos (BRASIL, 1990).

O fortalecimento do sistema de garantia de direitos é de extrema importância para o enfrentamento a exploração sexual comercial no Brasil mediante uma diversidade de estratégias que possam alterar a situação de violência sexual contra crianças e adolescentes.

### **3. Das Estratégias do Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes**

O Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, chamado doravante de Plano Nacional, surge como um plano que visa promover a estruturação de uma política setorial em consonância com as bases legais presentes no Plano Decenal dos Direitos da Criança e do Adolescente (cuja estrutura baseia-se nos eixos de: promoção de direitos das crianças e dos adolescentes; proteção e defesa dos direitos; protagonismo e participação de crianças e adolescentes; controle social da efetivação dos direitos; gestão da política nacional dos direitos humanos de crianças e adolescentes), partindo para a estruturação de metodologias, de levantamento de indicadores e de estratégias de enfrentamento da violência sexual (BRASIL, 2013).

A previsão de um plano de monitoramento e avaliação com a inclusão de indicadores relacionados diretamente com os eixos, aparecem como importantes instrumentos de elaboração, aprimoramento e efetivação de direitos em sede de políticas públicas, uma vez que se considera a ausência das causas que aprofundam a falta de eficácia no enfrentamento a violência sexual. Tais indicadores se relacionam diretamente com o levantamento de números e dados acerca das ações estratégicas constantes em cada eixo (BRASIL, 2013).

O Plano Nacional constitui-se como documento setorial que integra e visa efetivar o conteúdo presente nos eixos e diretrizes do Plano Decenal.

O Plano Nacional é composto por eixos que trazem consigo: objetivos; ações, - realizadas mediante a articulação entre representantes de setores, esferas participativas (conselhos e comitês), empresas, que são parceiros para as ações promovidas (e de responsabilidade) do Estado - bem como o escrutínio acerca dos responsáveis por sua promoção e seus parceiros; indicadores de monitoramento; e a descrição da relação que guarda com certos eixos do Plano Decenal (BRASIL, 2013).

#### **3.1 Eixo Prevenção**

Relaciona-se diretamente com o eixo de promoção dos direitos de crianças e adolescentes do Plano Decenal, através de sua 1ª diretriz, que versa sobre a promoção, tanto em âmbito familiar, quanto estatal e da sociedade, da cultura de respeito e garantia dos direitos humanos de crianças e adolescentes (BRASIL, 2013, p. 27-34).

Possui como objetivo promover ações de caráter preventivo, realizam-se através da sensibilização, educação e autodefesa. Essas ações tratam, principalmente, da implementação de políticas públicas intersetoriais de garantia de direitos sexuais (que levem em conta questões transversais, como a de gênero, etnia/raça, e orientação sexual), de sensibilização, formação e qualificação de agentes públicos, e da iniciativa privada, para a prevenção e conscientização dos riscos da violência sexual contra crianças e adolescentes, atentando para a especificidade de certos contextos de exploração, como o turismo, os megaeventos e grandes obras de desenvolvimento, e da necessidade que estes criam para a prática preventiva (BRASIL, 2013, p. 27-31).

### ***3.2 Eixo: Atenção***

Visa - levando em conta a universalização de acesso a políticas públicas de garantia dos direitos humanos; a necessidade de proteção especial de crianças e adolescentes em situação de ameaça e violação de direitos; o fortalecimento dos conselhos tutelares; e incentivo e aprimoramento de estratégias de gestão que levem em conta os princípios da indivisibilidade dos direitos, intersetorialidade, participação, descentralização e continuidade das políticas públicas; garantir uma rede de atendimento especializado, e através de profissionais especializados e capacitados, às crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, bem como às famílias, e àquele que cometeu a violência (BRASIL, 2013, p. 31-34).

Em seu rol de ações, destacam-se: a universalização de acesso, da criança e do adolescente vítima de violência sexual, e de sua família, às políticas públicas de atendimento, principalmente na área da saúde, educação, assistência social, esporte e lazer; acolhimento das crianças e adolescentes em situação de abuso; programas de fortalecimento e acompanhamento de crianças e famílias em situação de abuso e exploração sexual; realização de fluxos e protocolos de procedimentos que articulem toda a gama de instâncias de atendimento, de modo a garantir o estabelecimento de uma rede efetiva de atendimento (BRASIL, 2013, p. 31-34).

### ***3.3 Eixo: Defesa e Responsabilização***

É permeado pelo conteúdo do eixo de Proteção e Defesa dos Direitos, do Plano Decenal, relacionando-se com suas diretrizes de nº 05 e 13, cujos conteúdos preveem a efetivação dos direitos da criança e do adolescente através do acesso ao sistema de justiça e de segurança pública, e

cooperação internacional na criação normativa e de acordos que se almejem a proteção e defesa dos direitos desses. Objetiva a atualização dos marcos normativos, o combate a impunidade (e a conseqüente responsabilização dos envolvidos), e a disponibilização de serviços de notificação, quando se trata de crimes sexuais (BRASIL, 2013, p. 34-38).

Prevê linhas de ações que vistam principalmente: implantação de serviços especializados, através da criação de delegacias, perícias, varas criminais, no tratamento de casos de crimes sexuais contra crianças e adolescentes, e a estruturação de núcleos que integrem os serviços e o sistema de justiça; fortalecimento e articulação da área investigativa e repressiva, englobando as forças policiais e o sistema de justiça, como também da rede notificação (implementação de notificação compulsória quando se trata de profissionais da assistência social; saúde e educação), e dos conselhos tutelares; desenvolvimento de acordos internacionais de cooperação, e de programas na rede consular para combate a abuso e exploração sexual no exterior; capacitação dos servidores dos sistemas de segurança e de justiça, para que na escuta não provoquem a revitimização da criança e do adolescente explorado (BRASIL, 2013, p. 34-38).

### ***3.4 Eixo: participação e protagonismo***

Seu objetivo é a promoção da participação do adolescente e da criança na defesa de seus direitos, nas fases de elaboração e execução das políticas de proteção – tal objetivo relaciona-se com o eixo 3, que prevê, através de sua diretriz nº 06, o fomento de estratégias e mecanismos de participação e livre expressão da criança e do adolescente nos assuntos que a eles se relacionam (BRASIL, 2013, p. 39-41).

Dentre as ações previstas como formas de perseguir tal objetivo, evidencia-se: fomento, criação e fortalecimento de espaços, onde as crianças e adolescente proativamente participam na formulação, avaliação e monitoramento de políticas voltadas para o enfrentamento da violência sexual, bem como de formulação de orçamento público para este fim; desenvolvimento de metodologias e atividades que valorizem a organização, a participação e a autoproteção e autoafirmação; estímulos à criação de espaços virtuais de interação e diálogos acerca dos direitos humanos das crianças e adolescentes (BRASIL, p. 2013, 39-41).

### ***3.5 Eixo: comunicação e mobilização social***

Objetivando fortalecer as articulações, nos níveis nacionais, regionais e locais, através de fóruns, comissões e conselhos, de enfrentamento e erradicação da violência sexual contra crianças e adolescentes, tal eixo relaciona-se com as diretrizes nº 07 - que versa sobre o fortalecimento de espaços democráticos, principalmente na figura dos conselhos de direitos, de participação e controle social - e 13 (cujo conteúdo fora abordado subtítulo 3.3) do eixo de Controle Social da Efetivação de direitos do Plano Decenal (BRASIL, 2013, p. 41-46).

Prevê, para concretizar seus objetivos, ações dentre as quais se observa a previsão de: integração entre conselhos (de direitos e setoriais) nas três esferas administrativas, com o intuito de promover a articulação na construção de políticas de enfrentamento; estimulação de descentralização e fortalecimento de instâncias participativas como os fóruns e comissões de enfrentamento; promoção de mobilização da sociedade, em todos os seus segmentos (levando em conta, também, a necessidade e engajamento de setores estratégicos, como turismo, transporte e etc...), com o fim de promover os direitos sexuais e o combate a exploração e ao abuso de crianças e adolescentes; desenvolvimento de campanhas de sensibilização e de mobilização social, bem como de sensibilização da mídia (incluindo a temática dos direitos humanos de crianças e adolescentes na grade de programação) (BRASIL, 2013, p. 41-46).

### ***3.5 Eixo: estudos e pesquisas***

Procura conhecer, através de dados, diagnósticos e pesquisas, as mais variadas formas que se dá a violência sexual, com o objetivo de tal conhecimento ser aplicado na formulação de políticas públicas (em conformidade com a diretriz nº 12 do eixo de gestão da política nacional dos direitos humanos de crianças e adolescentes) (BRASIL, 2013, p. 46-49).

Suas ações se estruturam da seguinte forma: inclusão da temática da violência sexual e dos direitos sexuais em linhas de pesquisa e nas agências de fomento, como modo de financiar a produção que possam subsidiar novos programas, metodologias e ações, bem como a disseminação do conhecimento produzido; mapeamento e sistematização de dados para auxiliar a formulação de políticas públicas de prevenção e enfrentamento (levantamento sobre inquéritos e processos, sobre perfil do abusador, acerca de cenários de vulnerabilidade, de incidência geográfica da violência sexual, dentre outros) (BRASIL, 2013, p. 46-49).

## **Considerações Finais**

Verificou-se que a violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes é um problema que prejudica o desenvolvimento integral durante a infância. O Brasil possui uma proteção jurídica de direitos que poderão ser afetados com a ocorrência da exploração sexual de crianças e de adolescentes.

Para a garantia dos direitos e enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes é de suma importância o desenvolvimento das políticas públicas que buscam assegurar a proteção integral de crianças e de adolescentes de forma interdisciplinar, descentralizada e multi-setorial, bem como buscando o fortalecimento do sistema de garantia de direitos.

## **Referências**

**BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Congresso Nacional, 1988.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Congresso Nacional, 1990.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes.** Brasília: CONANDA, 2013.

CUSTÓDIO, André Viana; VERONESE, Joseane Rose Petry. **Trabalho Infantil Doméstico.** São Paulo: Saraiva, 2013.

GUERRA, Viviane N. de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: A tragédia revisitada.** São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVA, José Roberto Dantas. **O princípio da proteção integral e o trabalho da criança e adolescente no Brasil.** São Paulo: LTr, 2006.

ONU. **A convenção sobre direitos das crianças.** Assembleia Geral, 1989.

SOUZA, Jadir Cirqueira de. **A efetividade dos direitos da criança e do adolescente.** São Paulo: Pillares, 2008.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012: Crianças e Adolescentes do Brasil.** Rio de Janeiro: Cebela, 2012.

## **Império americano, Banco Mundial e reforma do Estado**

Rafael de Paula Fernandes Mateus (UFRRJ; rafaelpfm@gmail.com)

A ordem capitalista sob tutela norte-americana estruturou-se não por um império formal, mas por intermédio da reconstrução dos Estados como elementos constitutivos de um império informal. A reestruturação dos Estados teve as instituições financeiras internacionais como atores fundamentais. Diante disso, nosso objetivo é o estudo das prescrições do Banco Mundial para a reforma do Estado no período Pós-Guerra Fria, a partir da análise Relatórios sobre o Desenvolvimento Mundial.

Palavras-chave: Banco Mundial; reforma do Estado; Consenso de Washington; imperialismo

The capitalist order under US tutelage was structured not by a formal empire, but through the reconstruction of states as constituent elements of an informal empire. The restructuring of States had the international financial institutions as key actors. Therefore, our goal is the study of the World Bank requirements for the state reform in the post-Cold War period, from the World Development Reports analysis.

Keywords: World Bank; reform of the state; Washington Consensus; imperialism

### **1. Introdução**

O Grupo Banco Mundial é composto por sete órgãos. Neste texto, nos dedicaremos ao estudo do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento e a Associação Internacional de Desenvolvimento. O uso da expressão “Banco Mundial” (BM) incorpora apenas estas duas agências.

O BM constitui uma complexa e alargada instituição, a qual jamais se limitou exclusivamente ao papel financeiro. Na verdade, tais recursos, por si só, jamais justificariam o papel de



destaque da organização no cenário internacional. O dinheiro sempre ocupou uma posição secundária dentro do BM, servindo como ferramenta para promover seu principal produto: prescrições políticas e econômicas no campo do desenvolvimento capitalista (o que fazer, como fazer, quem deve fazê-lo e para quem). Essas seriam as responsáveis por implementar as reformas desejadas. Contudo, se por um lado às quantias financeiras disponibilizadas pela organização sempre foram insuficientes perante os problemas mundiais, por outro, o Banco atuou como um importante sinalizador de mercados, intermediador econômico e produtor de dados socioeconômicos (SANAHUJA, 2001; PEET, 2004; PEREIRA, 2010).

Ao longo de sua trajetória, o Banco cresceu e especializou-se, abarcando os mais diversos campos. Atualmente, não há área ligada ao desenvolvimento (agricultura, economia, administração pública, infraestrutura urbana e rural, comércio, educação, saúde, energia, finanças e etc.) que esteja fora do raio de atuação da organização. Embora não tenha produzido nada intelectualmente novo, as publicações do BM sempre figuraram como referências obrigatórias no campo das Ciências Sociais e Economia. O Banco, contudo, não é onipotente. A institucionalização das prescrições políticas e ideias demandam um ambiente receptivo as mesmas. Por isso, o Banco dedicou-se a formar quadros para os governos e órgãos locais, investiu em pesquisa e *marketing*, e atuou junto a setores da sociedade civil. Esta atuação multifacetada, a qual perpassou os campos político, intelectual e financeiro (PEREIRA, 2010), tem como objetivo levar a crer que uma única visão de mundo é possível.

Por ter atuado tanto na intercessão dos três campos supracitados e respondido às pressões dos mesmos, nos planos nacional e internacional, a compreensão sobre o BM demanda uma perspectiva multidimensional. Ao mesmo tempo, estudá-lo em si mesmo não é suficiente para compreender sua atuação, uma vez que a organização está inserida no jogo entre os Estados e na dinâmica da política-economia internacional.

Dentre os diversos fatores que concederam ao BM uma condição ímpar no cenário internacional, o mais importante deles foi o apoio do governo norte-americano. Os EUA não foi somente o principal responsável pela criação do BM, mas o ponto de apoio para a subida da organização a um papel de destaque no cenário internacional. Em contrapartida, mais do que qualquer outro, beneficiaram-se amplamente da atuação internacional do BM no campo político e econômico, retirando o peso de interferências bilaterais e fazendo com que a organização contrariasse suas premissas multilaterais, funcionando como um instrumento da política-externa norte-americana (PEREIRA, 2010).

## 2. Império americano e Banco Mundial

Os debates engendrados na literatura sobre BM são dominados por economistas. Isso ocorre por predominar a ideia de que a organização é um ator exclusivamente financeiro, empobrecendo a faceta política e intelectual da instituição. Ao mesmo tempo, existe um tipo de abordagem vinculada à sociologia da burocracia, que analisa o BM somente como uma burocracia complexa. Esse tipo de perspectiva não transcende o plano interno, sem vislumbrar as pressões sobre a organização e o dinamismo do capitalismo global. O Banco deve, de fato, ser visto como uma instituição complexa, mas formada por Estados, os quais estão inseridos em uma estrutura internacional de poder profundamente hierarquizada, na qual é possível que alguns projetem suas políticas domésticas, interesses nacionais e padrões culturais para além de seus domínios (VILAS, 2005).

A característica fundamental do sistema global de fins do século XX e início do XXI, como ressaltou Ahmad (2003), consiste no fato dos EUA não encontrar, no plano militar, econômico e ideológico, adversários a sua liderança, fazendo com que uma possível rivalidade para com Europa e Leste da Ásia não esteja em pauta. Mesmo autores como Albo (2003), o qual aponta a existência de competições econômicas entre os centros capitalistas, reconhecem que a interdependência dos mercados implica em cooperação, limitando os conflitos. Paralelamente, o poderio financeiro que emerge nas diversas partes do mundo somente pode aproveitar-se do sistema capitalista global caso se aloje corretamente na matriz de poder norte-americano (HARVEY, 2012b). O capital estabelecido em um determinado país, seja nacional ou estrangeiro, depende do respectivo governo nacional e, sobretudo, dos EUA, para se expandir e ser salvaguardado (PANITCH; GINDIN, 2003; 2004).

Esta ordem capitalista sob tutela estadunidense estruturou-se não por um império formal, mas por intermédio da reconstrução dos Estados como elementos constitutivos de um império informal. O capital, ao invés de desagregar os Estados, tornou-se mais dependente deles, pois foi através dos mesmos que as relações sociais e instituições de classe se reproduziam e a acumulação internacional de capital foi levada a frente. A reestruturação dos Estados, a “imagem e semelhança” de Washington, foi realizada de duas formas. Primeira, através da ocupação militar e ingerência direta no reordenamento, tal como fora feito com Alemanha e Japão no pós-guerra. Segunda, através das Instituições Financeiras Internacionais (IFIs), impondo um conjunto de condicionali-

dades aos países do Terceiro Mundo na hora de contraírem empréstimos (PANITCH; GINDIN, 2003; 2004).

Em tal quadro, para Wood (2014), a principal dificuldade em refletir sobre imperialismo consiste no fato da ocupação territorial direta não ter a mesma importância que na época da criação do conceito. Entretanto, a ausência da ocupação territorial não trouxe consigo o fim do imperialismo; ao contrário, alavancou a emergência de uma forma propriamente capitalista de imperialismo.

Hoje é mais difícil que nos antigos impérios coloniais detectar a transferência de riqueza das nações mais fracas para as mais fortes. Mas mesmo quando é dolorosamente evidente que ela ocorre, a forma como isso é realizado não é menos opaca que a relação entre capital e trabalho, e essa opacidade deixa muito espaço para negativas. Também nesse caso não há, tipicamente, uma relação de coerção direta. Também nesse caso, as compulsões têm maior probabilidade de serem “econômicas”, impostas não pelos senhores (diretamente), mas por mercados. Também aqui, a única relação formalmente reconhecida é entre entidades legalmente livres e iguais, como compradores e vendedores, tomadores de empréstimo e emprestadores, ou até mesmo entre Estados claramente soberanos (WOOD, 2014, pp. 16 - 17).

O imperialismo capitalista, portanto, é um mecanismo através do qual o mais valor é bombeado das nações mais frágeis às mais poderosas por intermédio exclusivo dos mecanismos de mercado. Nesse sentido, a opacidade do imperialismo do período pós-guerra não indicaria seu fim, mas a emergência de uma forma de imperialismo especificamente capitalista, pois está alicerçada na coerção econômica (WOOD, 2014).

No que confere a participação do Estado, Wood (2014) apontou que, quanto mais global é a economia, mais os circuitos econômicos organizam-se por territórios e relações estatais, com o capital vinculando-se aos territórios estatais para construir e manter as condições para acumulação global. Os Estados seriam responsáveis pela imposição dos mecanismos neoliberais, os quais tornam mais fáceis ao traslado internacional de capital. Portanto, o capitalismo global não é um Estado global, mas uma estrutura de diversos Estados territoriais.

### 3. Banco Mundial e sua atuação na reforma do Estado (1989 – 1997)

Durante os anos de 1980, os programas empreendidos pelo BM e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) incidiam sobre os âmbitos macroeconômico, fiscal e em algumas áreas da política social. O aporte teórico neoclássico foi responsável por alicerçar as reformas, enfatizando o aspecto contraproducente da interferência do Estado na economia. O livre mercado seria responsável pela boa economia, promovendo a melhor alocação de recursos; não haveria nenhuma atividade estatal que o mercado não fizesse melhor (VILAS, 2002). Em meio a esse processo de ajustamento, o Estado desenvolvimentista foi demonizado e *culpabilizado* pela instabilidade econômica. Tomado como um entrave ao desenvolvimento, o mesmo foi alvo de um contundente processo de liberalização, que desagregou e privatizou os mecanismos de intervenção econômica, em prol de um “Estado mínimo”.

No limiar da década de 1980, os principais responsáveis pela reestruturação capitalista neoliberal reuniram-se, com intuito de avaliar o processo em curso e traçar as novas diretrizes. Este encontro contou com os principais grupos que formavam a rede de poder político, financeiro e intelectual do eixo Washington-Wall Street, nomeadamente, o BM, o FMI, a Usaid, o Banco Internacional de Desenvolvimento e os principais *bancos de ideias* norte-americanos, resultando no que ficou conhecido como *Consenso de Washington* (CW). A terminologia em questão foi forjada por Williamson (1992), consistindo no seguinte decálogo: (1) disciplina fiscal; (2) reorientação do gasto público; (3) reforma fiscal; (4) taxa de juros determinada pelo mercado; (5) taxa de câmbio unificada e competitiva; (6) liberalização do comércio; (7) abertura para o investimento externo direto; (8) privatização; (9) Desregulamentação da economia; (10) garantia do direito a propriedade.

Na prática, contudo, a novidade deste programa consistia menos no conteúdo de suas medidas e mais no acordo sobre o pacote de reformas de política econômica e na execução mais contundente do mesmo dentro e fora da região. O mesmo consistiu no assalto do capital aos direitos sociais e trabalhistas e no fim da tolerância de Washington com o nacionalismo econômico.

Como um dos atores principais do processo de liberalização econômica, o BM não tardou em delinear diretrizes. No *Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial* (RDM) de 1991 definiu o que seriam as novas atribuições estatais no campo econômico, tendo como objetivo intensificar o processo de desregulação financeira e ajustamento estrutural. Segundo o BM, era necessário fo-

mentar a interação entre Estado e mercado, abandonando o dualismo entre *laissez-faire* e intervencionismo. A abertura econômica aos movimentos internacionais de capital, bens e serviços figurava como pré-condição ao desenvolvimento, tal como os mercados competitivos constituindo o mecanismo ótimo para organizar a produção e distribuição de bens e serviços. Entretanto, os mesmos necessitavam que os governos os apoiassem e criassem as condições para sua atuação, como também atuassem em áreas onde as forças do mercado seriam ineficazes. O Estado não deveria coordenar a economia, mas praticar um “enfoque amistoso com o mercado” (*market-friendly approach*), complementando-o e promovendo a concorrência entre os agentes econômicos (BANCO MUNDIAL, 1991).

Para que o Estado complementasse o mercado de forma eficiente, era necessário estabelecer o marco adequado para sua atuação. Esse último consistia nos seguintes pontos: estabilidade macroeconômica e ambiente propício à competitividade, ordem pública, investir em “capital humano”, fornecer infraestrutura, proteger o meio-ambiente, controlar a natalidade e gerir a previdência social. Além disso, o texto apontou mecanismos gerais para formação de instituições públicas mais eficazes: racionalização da burocracia, ajuste fiscal, melhora administrativa para realizar privatizações, transferência de serviços públicos para ONGs, reforma do judiciário para otimizar as relações de mercado, legislação condizente a atuação do capital financeiro e garantia dos direitos de propriedade. Por fim, o RDM 1991 defendeu a realização da abertura econômica de forma radical, nos moldes da “terapia de choque”, com dois anos de duração e tendo como objetivo fomentar a concorrência “sem travas”.

A partir de meados da década de 1990, a sucessão de crises nos “mercados emergentes” – como, por exemplo, México (1994), Leste asiático (1997) e Rússia (1998) – trouxe consigo profundos questionamentos à ordem política vigente, em especial, as promessas de crescimento econômico e prosperidades obtidas através da liberalização, resultando no aumento das tensões sociais e oposição aos governos. Para o *establishment* de Washington-Wall Street, a resposta a tal quadro foi maior contundência no ajuste macroeconômico e um conjunto de reformas institucionais, que complementaríamos as reformas levadas a cabo até então.

O RDM 1997 (BANCO MUNDIAL, 1997) foi lançado como uma alteração no programa de reformas, que retornaria com o Estado a cena do desenvolvimento. O mesmo criticou o Estado *minimalista*, creditando ao mesmo os fracassos econômicos obtidos com as reformas, para defender o Estado como catalizador e facilitador do desenvolvimento econômico, que deveria ser sem-

pre orientado pelo setor privado. Portanto, o Estado não deveria ser “mínimo”, mas “efetivo”, complementando o mercado.

Nesse contexto, o relatório ofereceu uma dupla estratégia para a reforma do Estado. A primeira referiu-se à definição das atividades públicas que são essenciais para o desenvolvimento, ajustando sua capacidade ao que pode executar, com intuito de aumentar sua eficiência e estabelecer bons fundamentos. Dentre essas, cinco tarefas foram tomadas como fundamentais: garantir um ambiente econômico sem distorções, instituir um marco adequado a livre concorrência, assegurar a estabilidade macroeconômica, realizar investimentos em infraestrutura, proteger a propriedade privada e criar programas sociais paliativos. Paralelamente, era necessário que o Estado não fosse o único provedor, pois não seria suficiente para dar conta do todo. Além disso, no campo da política social, deveria haver a distinção entre “seguro social” (p.e., previdência e seguro desemprego), que deve ser privatizado, e “assistência social”, que deve focalizar nos grupos e regiões mais vulneráveis. Não se tratava de um desmonte do aparelho estatal, mas de focalização nos elementos econômicos e sociais fundamentais, deixando os aspectos que não são básicos para os atores privados.

No campo da política industrial, o Relatório, afirmou que quando os mercados fossem subdesenvolvidos, seria possível que o Estado fosse o mentor do aprendizado, redutor das falhas de informação e incentivado do desenvolvimento dos mesmos. Contudo, tal atuação precisaria estar inserida na lógica da liberalização econômica e da privatização. Como “parceiro”, o Estado não deveria controlar o setor privado. Para cumprir essas atividades, no entanto, seria necessária alta capacidade institucional, trabalho em conjunto entre governo e empresas, pressões competitivas do mercado e medidas baseada nas “vantagens comparativas”.

A segunda parte da estratégia consiste em aperfeiçoar a capacidade estatal através da fortificação das instituições públicas. Para tanto, devem ser utilizados três mecanismos centrais: (1) estabelecimento de normas e restrições efetivas formais nas instituições; (2) introdução de maiores pressões competitivas, que devem ocorrer com a introdução da lógica de mercado nas instituições públicas, a formação de uma burocracia do tipo weberiano e com a reforma das instituições de prestação de serviços; (3) maior aproximação entre o Estado e a sociedade, através da criação de conselhos, ferramentas de consulta, participação e supervisão da sociedade civil (compreendida como sujeitos individuais, ONGs e empresas). Além disso, serviços básicos deveriam ser privatizados/terceirizados para as organizações da sociedade civil, pois estariam mais próximas do povo.

O Relatório também concedeu espaço à necessidade de expandir o fenômeno da globalização. Ao adentrarem ao processo, os países que estão obsoletos precisariam adotar “políticas adequadas” e fortalecer a capacidade do Estado. A gestão interna é fundamental, pois, para o Banco Mundial, “[...] a globalização começa em casa [...] e o líder eficiente dá ao público o senso de que a reforma pertence ao povo e não foi imposta de fora para dentro” (1997, pp. 13 – 14). Portanto, cabe ao governo disseminar a agenda de dentro para fora, como interesse nacional.

A implementação das medidas prescritas pelo CW levou à redução severa, porém seletiva, dos mecanismos intervencionistas e dos bens públicos do Estado, direcionando os recursos e o poder decisório para o mercado. Entretanto, essa dissolução necessitou de uma concentração de poder decisório dentro do aparelho estatal, necessária para impulsionar a desregulação, vencer resistências e modificar os equilíbrios existentes (VILAS, 2007). A redução da atividade estatal ao campo da administração gerencial foi causada por uma profunda reorientação política nos objetivos da própria ação do Estado. Portanto, o Estado jamais foi “mínimo”, mas atuante na remoção das barreiras que limitavam a liberdade do mercado (STOLOWICZ, 2012a).

Nesse contexto, uma vez obtido o tamanho considerado do aparelho estatal, o BM ressaltou a necessidade de incluir as instituições e a gestão pública no pacote da reforma, com o objetivo de tornar mais eficaz o programa de ajuste estrutural (VILAS, 2000). Como foi visto anteriormente, o Banco já vinha trabalhando no processo de ampliação do pacote de ajuste desde o início da década de 1990, com a conceituação do “enfoque amistoso com o mercado” (BANCO MUNDIAL, 1991). Apesar disso, o RDM 1997, ao tecer críticas ao Estado minimalista, apontou a necessidade de trazer o Estado à cena do desenvolvimento; ao fazer isso, o texto realizou dois movimentos. Primeiro, omitir o fato de o Estado ter sido atuante na implementação das reformas. Como apontou Vilas (2010), a metáfora do Estado que “vai” e “volta” não permite observar o fato de que a mudança na ação estatal, em seus objetivos e estilos, está sempre relacionada a alterações e disputas de poder entre os atores sociais.

O segundo movimento refere-se à tentativa de salvaguardar o primeiro pacote de reformas baseado no CW. Como apontou Stolowicz (2012a), segundo o RDM 1997 o problema era como as reformas haviam sido levadas a cabo. Por um lado, foram enfatizados os problemas de gestão, frente aos quais seria necessário mudar normas (instituições formais) e valores (instituições informais). Para tanto, era preciso uma nova engenharia institucional, somente possível no bojo de uma sociedade civil fortalecida. Por outro lado, foi concedido destaque a maneira como as reformas seriam implementadas, enfatizando a velocidade e a estrutura de sucessão das reformas como me-

canismos de estratégia política para evitar resistências. Além disso, o argumento de defesa do primeiro pacote de reformas também fica explícito na própria exposição da estratégia para fortalecimento institucional. Esta última é dívida em dois momentos: a etapa inicial reafirma as áreas de intervenção demarcadas no “enfoque amistoso com o mercado” (BANCO MUNDIAL, 1991), enquanto a segunda avança nos campos e métodos para a forma estatal, ampliando os argumentos existentes em textos anteriores (BANCO MUNDIAL, 1991).

Como sustentou Pereira (2010, pp. 378 – 379) as relações capitalistas neoliberais somente podem se reproduzir com um Estado que garanta os direitos de propriedade, isole as tomadas de decisão econômica das pressões democráticas e garanta condições estáveis no plano social. Nesse sentido, o RDM 1997, não propôs o retorno do Estado como um “vigilante”, mas “prescreveu uma ampla transformação institucional voltada para fortalecer a capacidade do Estado nacional de acelerar, aprofundar e consolidar a reestruturação capitalista neoliberal, tanto ao sul como ao leste”.

Para cumprir seus objetivos, o RDM 1997 foi elaborado com base no neoinstitucionalismo. Como apontou Vilas (2002), essa vertente teórica configura-se como uma variante da teoria neoclássica, colocando como central a atuação das instituições nos custos e ganhos das transações. Dentro dessa perspectiva, as instituições são como “regras do jogo”; o sistema de normas que estrutura as relações humanas, aceitas pelo conjunto da respectiva sociedade. Tal como a teoria neoclássica, o neoinstitucionalismo tem a empresa privada como *locus* da racionalidade e eficiência, que deve ser modelo para o Estado. Entretanto, diferente o enfoque neoclássico, que chama atenção para as falhas do mercado, o neoinstitucionalismo atribui o mau desempenho da economia às falhas institucionais, sobretudo, as estatais. A partir disso, passou-se a apontar que a reforma econômica para a promoção do mercado deveria ser acompanhada e sustentada por uma reforma institucional. Essa última seria responsável por aumentar a eficácia do setor público e isola-lo das pressões de grupos particulares. Esta vertente teórica também tornou possível a redução da política à engenharia institucional, apresentando esta última em uma dimensão unicamente técnica (PEREIRA, 2010). Ao concentrar-se exclusivamente no funcionamento dos órgãos públicos, “a problemática propriamente política da construção estatal e do desenvolvimento é diluída e substituída pela questão da administração de uma determinada configuração de poder que se supõe constante” (VILAS, 2010, p. 28).

Em tal quadro, foram ofuscadas as relações históricas entre a ação estatal e o capitalismo, tendo como objetivo tornar natural a configuração de poder estabelecida pelo neoliberalismo. A noção de boa gestão faz referencia a eficácia e eficiência, mas sem modicar os objetivos conserva-



dores. A ideia de “bom governo” é utilizada para conceder credibilidade (STOLOWICZ, 2012b). A necessidade de reorientação para metas mais amplas que a estabilidade macroeconômica e o reconhecimento da importância do setor público para a prevenção e correção das falhas do mercado forjou o pacote que passou a ser denominado de “Pós-CW”. Por possuir tais características, Vilas aponta que tal proposta corrobora as mesmas intenções do “CW” original (VILAS, 2010). Para Pereira (2010), esse pacote de medidas pode ser concebido como um “CW ampliado”, que teve como objetivo levar a cabo um segundo conjunto de reformas, as quais visavam complementar e consolidar as anteriores. Por seu turno, Stolorowicz (2012c) chamou esta onda reformadora de “novo consenso pós-neoliberal”, que seria uma resposta das classes hegemônicas a insuficiência do modelo político que administrou as contradições do capitalismo neoliberal até a metade da década de 1990.

O CW manteve-se presente nas prescrições apresentadas pelo BM durante a década de 1990. A organização chamou reformas institucionais, as quais deveriam complementar e aprofundar o ajuste macroeconômico que fora sintetizado no cardápio de 1989. Para tanto, recorreu ao neoinstitucionalismo, através do qual o Estado foi isolado de sua dimensão política e reduzido aos aparelhos administrativos. Nesse sentido, foi possível continuar a perpetuar a mesma visão de mundo, que reduz a sociedade à lógica do mercado.

#### **4. Conclusão**

Nas mais distintas do globo, o Estado tem papel fundamental às condições de crescimento acelerado da produção capitalista. Esse processo foi levado à frente em diversos países na forma de regimes combinados entre Estado-nação e administração global, através de autoridades supranacionais supervisoras. Nesse sentido, tais organizações tinham um papel essencial para sustentar o sistema global como um todo; por isso o entrelaçamento entre as instituições multilaterais, o Estado norte-americano e os demais governos de outros Estados.

Diante de tais aspectos, o Banco atuou no campo da reforma do Estado, a qual consiste em alinhar os países ao capitalismo global e garantir estruturas internas adequadas para o sustento e propagação do capital. Durante o recorte temporal proposto nesse estudo, a organização manteve como ponto norteador o CW, alargando posteriormente o pacote de reformas com medidas institucionais.

## **Bibliografia**

AHMAD, Aijjaz. Imperialism of our time. In: PANITCH, Leo; COLIN, Leys. *Socialist Register 2004*. London: Merlin Press, 2003.

ALBO, Gregory. The Old and New Economics of Imperialism. In: PANITCH, Leo; COLIN, Leys. *Socialist Register 2004*. London: Merlin Press, 2003.

BANCO MUNDIAL. *Relatório de Desenvolvimento Mundial – Estado num mundo em transformação*. Washington, 1997.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Desenvolvimento Mundial – O Desafio do Desenvolvimento*. Washington, 1991.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. SP: Edições Loyola, 2012.

PANITCH, Leo; GINDIN, Sam. Finance and American Empire. In: PANITCH, Leo; COLIN, Leys. *Socialist Register 2005*. London: Merlin Press, 2004.

\_\_\_\_\_. Global capitalism and American Empire. In: PANITCH, Leo; COLIN, Leys. *Socialist Register 2004*. London: Merlin Press, 2003.

PEREIRA, João Márcio. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944 – 2008)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PEET, Richard. *La maldita trinidad*. Pamplona: Editorial Laetoli, 2004.

SANAHUJA, José. *Altruismo, mercado y poder*. Bancelona: Intermón Oxfam, 2001.

STOLOWICZ, Beatriz. América Latina: estrategias dominantes ante la crisis. In: \_\_\_\_\_. *A contracorrente de la hegemonia conservadora*. Bogotá: Espacio Crítico, 2012a.

\_\_\_\_\_. El debate actual: posliberalismo ou anticapitalismo. In: \_\_\_\_\_. *A contracorrente de la hegemonia conservadora*. Bogotá: Espacio Crítico, 2012b.

\_\_\_\_\_. El “posneoliberalismo” y la reconfiguración del capitalismo em América Latina. In: \_\_\_\_\_. *A contracorrente de la hegemonia conservadora*. Bogotá: Espacio Crítico, 2012c.

VILAS, Carlos. Las “idas” y “regresos” del Estado. *Utopía y Praxis Latinoamericana*. Maracaibo – Venezuela: ano 5, nº 43, Abril/Junho. 2010.

\_\_\_\_\_. ¿Hacia atrás o hacia delante? La revitalización del Estado después del “Consenso de Washington”? In: *Perspectivas*. São Paulo, v. 32, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. *Estado y política em la Argentina actual*. Buenos Aires: Prometeo libros, 2005.

\_\_\_\_\_. La piedra en el zapato: estado, instituciones publicas y mercado. In: ARAGÓN, Leticia (org.). *La realidad económica actual y las corrientes teóricas de su interpretación*. México: Instituto de Investigaciones Económicas de la Universidad Nacional Autónoma de México/Miguel Angel Porrúa, 2002.

\_\_\_\_\_. ¿Más allá del “Consenso de Washington”? Um enfoque desde al política de algunas propuestas del Banco Mundial. In: *América Latina Hoy*. Salamanca: Universidad de Salamanca. nº 26, diciembre, 2000.

WILLIMASON, John. Reformas políticas na América Latina na década de 80. *Revista de Economía Política*. Vol. 12, nº 1, janeiro-março, 1992.

WOOD, Ellen. *O império do capital*. SP: Boitempo, 2014.

## **As contribuições de Antonio Gramsci para a formação do educador**

Rafael Vicente de Moraes (IFMS, rafael.moraes@ifms.edu.br)

**Resumo:** Os princípios que constituem a realidade não são uma 'teoria' historicamente pensada, mas um 'real aparente' que refrata parte dessa totalidade representada por grupos específicos. No bojo das relações societárias determinadas pelo modo de produção que o homem se faz homem enquanto determinado e determinante dessas mesmas relações. Assim, o propósito do texto é discutir o pensamento educacional gramsciano a partir da crítica que se estabelece ao sistema escolar italiano porque reproduz as desigualdades sociais. A escola articula subjetividade e objetivação, entendidas não como duas esferas contrárias, mas como relações dialéticas que estabelecem o objeto enquanto fruto da atividade subjetiva. A escola unitária é entendida enquanto construção coletiva do espaço de sociabilidade calcada na participação consciente de todos na gestão da sociedade. Expressa a capacidade conquistada pelas classes subalternas de se apropriarem dos bens socialmente criados e de ativarem as potencialidades de emancipação humana. A escola unitária é convocada para desempenhar um papel mais amplo que combina a educação humanista tradicional com a educação técnica potencializando o indivíduo para o exercício efetivo de qualquer função, seja ela de operário qualificado ou de dirigente político o que cinde os elos viciosos de reprodução da elite. Ou seja, a escola unitária transpõe a dualidade entre conhecimento teórico e conhecimento prático que marca a organização escolar ocidental desde a sua gestação.

### **Introdução**

As ações concretas refletem um indivíduo que exerce suas práticas em um contexto de relações dele com outros indivíduos e dele com a natureza visando a obtenção de determinados fins. Os princípios que constituem a realidade não são uma 'teoria' historicamente pensada, mas um 'real aparente' que refrata parte dessa totalidade representada por grupos específicos e revelam diferentes modos de o homem orientar-se em sociedade.

Gramsci questionava o engessamento das instituições da classe operária – o partido e o sindicato que foram organizados no Estado burguês, portanto assumiram uma feição privada e contratual – em estruturar a auto-organização do trabalhador e, em concretizar essa proposta para a sua real emancipação. O desafio era imenso. Sobretudo porque existia na Itália, a presença de três fatores: a ascensão do fascismo; a permanência de resquícios feudais, além de o movimento operário não estar em condições efetivas para o desenvolvimento de instituições políticas e sociais. A

conjugação desses fatores transformou substancialmente as condições nas quais se desdobrariam a teoria e a prática do pensamento gramsciano.

## **Metodologia**

Como instrumento metodológico, a pesquisa está calcada em livros, periódicos e bases eletrônicas de dados. Esta produção se contextualiza a partir de um amplo levantamento bibliográfico que a situa frente às transformações pelas quais passava a sociedade italiana da época recuperando assim a complexidade das relações entre produção intelectual, práticas políticas e demais transformações históricas.

## **Discussão**

No decurso do processo do homem produzir a si mesmo elabora as condições de sua existência por meio das relações que firma com os outros homens, com a natureza e consigo mesmo. A exploração e degradação do trabalho humano impostas pelo modo de produção capitalista trouxeram para o trabalho o desafio de criar outras relações na esfera do cotidiano não só fabril, porém das demais instâncias da vida em sociedade. Porque o processo produtivo – mecânico e repetitivo em sua essência – fragiliza o compromisso político do trabalhador. A educação é, segundo Gramsci, básica e profundamente conservadora, ao passo que distende o mito de que educação e formação são pressupostos de toda ação, não transforma a ordem das coisas.

O homem nasce no seio da sociedade. Interioriza e ressignifica normas, valores e práticas necessárias à compreensão do mundo. O campo de experimentação da atividade prático-sensível são os grupos - família e escola - que realizam a mediação entre o indivíduo e as vivências sociais. Neles o indivíduo materializa os elementos da cotidianidade responsáveis pela sua aderência aos valores permitindo ao mesmo tempo transformá-los. Pois: "... as ideias não brotam de outras ideias, que as filosofias não são criadoras de outras filosofias, mas que elas são expressões sempre renovadas do desenvolvimento histórico real. (Gramsci, 1972: 1134)

A sociedade ocidental capitalista apregoa os princípios disseminados pelos acontecimentos de 1789 na França. Porém, no estudo de uma de suas instituições fundamentais – a escola – a concretização desses princípios ocorre na dimensão formal, tão somente. Se ela, além de ainda não

ter se universalizado de fato, pelo menos nas nações de Terceiro Mundo, e mesmo naquelas que puderam eliminar o analfabetismo e proporcionar à totalidade de sua população uma educação básica, a escola perpetua as desigualdades sociais quando consideradas as origens sociais de seu aluno. A grande maioria caminha para os cursos técnico-profissionalizantes ou para as ocupações manuais não especializadas enquanto uma pequena parte que dispõe do poder econômico caminha para os estudos superiores.

Malgrado a Revolução Francesa transformar em estandarte a democratização do ensino básico, esse princípio ecoará após a Revolução Industrial quando a indústria nascente requeria a necessidade da formação de mão-de-obra especializada. De um lado, para os liberais, esse princípio devia ir ao encontro e responder pelo aumento da produtividade, por outro, os socialistas vêem no ensino formal o baluarte para a construção da hegemonia da classe trabalhadora. Ou seja, uma educação calcada na idéia da escola unitária acessível a todos independentemente da classe social.

No capitalismo há a contradição central do trabalho já que, de um lado, existe o aspecto de sua *positividade* traduzida na possibilidade de o trabalho coletivo libertar o homem das agruras naturais, de cunho biológico, ao produzir as condições materiais de subsistência em larga escala e, de outro, o aspecto de sua *negatividade* ao passo que a própria materialidade do modo de produção capitalista não tem por meta socializar os frutos do trabalho humano, mas sim visa ao acúmulo de capitais e a perpetuação do sistema que a gera. A indústria moderna, baseada na racionalização produtiva requer a geração de “um novo tipo de trabalhador e homem” que não apenas físico, mas também moral.

Para a adaptação do homem ao *modus vivendi* moderno era necessário um novo intelectualismo. O ponto de partida é a escola única do trabalho, porém não aquela de feição elitista. Ela deve vincular-se aos interesses da classe subalterna e ser movida por um tipo de intelectual desgarrado dos interesses da classe dominante. A educação no seio da sociedade moderna cumpre pelo menos três propósitos básicos: referencia a sua organização aos novos critérios internacionais de produtividade; identifica a atividade de trabalho com a organização empresarial e estrutura mudanças organizacionais em virtude do regime da produção flexível e integrado. Nesse sentido afirma (Souza Júnior, 1994: 36):

O novo modelo é flexível. A tecnologia de base microeletrônica possibilita a flexibilidade na implantação dos novos sistemas estruturas de organização do traba-

lho. São flexíveis os equipamentos e também o processo de trabalho. O princípio da flexibilidade afeta a própria concepção de trabalho qualificado: este perde seu sentido técnico de habilidade requerida para o desempenho de uma função, relacionada geralmente à experiência acumulada, ganhando uma conotação mais propriamente comportamental, relacionada à versatilidade, à mudança nos hábitos pessoais e de trabalho que procuram conformar e ajustar a força de trabalho às exigências de flexibilização.

O desenvolvimento da microeletrônica figura hoje enquanto elemento de controle social, onde o trabalhador – flexível e com alto grau de abstração – necessita adaptar-se à realidade tecnológica que exige, entre outros atributos, o manuseio do computador, a capacidade de efetuar funções de modo ágil e o domínio de códigos linguísticos. A base de todo esse processo é destacada por (Marx, 1998: 419), n’O Capital, Livro I, quando afirma: “Excetuando-se aspectos acessórios, só existe mudança de forma quando sobrevém uma revolução nos instrumentos de trabalho”. A lógica operacional e lucrativa exige renovação constante das aptidões e dos conhecimentos. Ao invés de desenvolver no homem suas potencialidades reais, as inovações tecnológicas produzem a subordinação do trabalhador ao capital, mas não sem resistências, que abarca a sua mente e o seu corpo por meio da captação da subjetividade e do disciplinamento psicofísico estudado por Gramsci (1978b). A estreita vinculação entre as competências requeridas e a subordinação da educação formal aos ditames do capital articuladas ao uso de estratégias psicológicas marca o setor produtivo requerendo um tipo de trabalhador cada vez mais qualificado. Há nisso, a necessidade de identificar quais as competências e os perfis desejados a fim de atender as demandas do capital. É um processo de mão dupla: do mesmo modo que a educação contribui para o avanço do capital, este, por sua vez, transforma o ambiente escolar.

(...) a organização do trabalho, sob o capital, obedece a uma lógica que se caracteriza pela constituição, cada vez mais desenvolvida, do *trabalhador coletivo*, entendido enquanto somatório de inúmeros trabalhadores parciais (ou seja, trabalhadores que realizam apenas uma parcela das atividades que compõem o processo integral de produção de um dado produto). (Klein, 2003: 21, grifos do autor).

No bojo das relações societárias determinadas pelo modo de produção que o homem se faz homem enquanto determinado e determinante dessas mesmas relações sendo o único que estrutura sua ação ante a sua execução a partir de certos propósitos, a escola articula subjetividade e objetivação, entendidas não como duas esferas contrárias, mas como relações dialéticas que estabelecem o objeto enquanto fruto da atividade subjetiva. (Rodrigues, 2000: 50-51).

O sistema escolar italiano era voltado ao ensino humanista para a burguesia – expresso na tríade ginásio-liceu-universidade – a fim de preencher os escalões da administração pública do Estado liberal ou então, enfatizava o ensino técnico destinado ao trabalhador. Assim, “para a classe operária, o Estado burguês organizou um tipo particular de escola: a escola popular e a escola profissional, voltadas a manter a divisão de classe e a fazer com que o filho de operário seja ele também um operário”. (Gramsci, 1978a: 60, tradução nossa). A proposta era gestar uma escola unitária que anelasse o ensino humanista ao conhecimento técnico-científico. A análise gramsciana da escola e do ensino salienta o teor epistemológico da prática cotidiana ao valorizar o conhecimento que floresce da prática reflexiva desafiando os intelectuais não somente a conhecerem os processos já existentes, mas também a buscarem respostas às novas problemáticas por meio da construção de saberes.

A luta permanente do trabalhador para assegurar a cultura e para se apropriar do saber fortalecia sua autonomia face ao poder dos intelectuais da classe dominante criando o desenvolvimento de uma nova cultura que fizesse frente à ofensiva do capital. Desse modo ressalta Gramsci (1978a: 49, tradução nossa): “(...) somos uma organização de luta, e nas nossas filas se estuda para crescer, para aprimorar a capacidade de luta de cada um e de toda a organização para compreender melhor quais são as posições do inimigo e as nossas, para adaptar melhor as nossas ações de cada dia”. O partido político, no pensamento gramsciano, manifesta as inquietações e as reivindicações dos seus adeptos e das demais esferas da sociedade capitalista e burguesa. Nele se potencializa as faculdades de lideranças e correligionários, de forma que as atividades prática e de formulação teórica sejam fertilizadas. Porque o partido político é:

(...) a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais (...) É preciso também definir a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno; a vontade como consciência atuante da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo (...) A formação de uma vontade coletiva nacional-popular é impossível se



as grandes massas dos camponeses cultivadores não irrompem simultaneamente na vida política. (Gramsci, 1978b: 6-7).

O princípio educativo defendido por Gramsci adquire vigor mediante a conjugação das relações teórica e prática; da organização científica do trabalho manual e do trabalho conceptual. Esse processo deve ser desenvolvido por intelectuais e difundido pelos canais culturais de divulgação tais como: escola; jornais; os escritores de arte e os populares; o teatro e o cinema sonoro; o rádio; as reuniões públicas de todos os gêneros; as relações de 'conversação' entre os vários extratos da população; os dialetos locais. Para Gramsci (1973: v. I: 189, tradução nossa): “Formou-se uma hierarquia espiritual e intelectual, e a educação intercambiável opera onde não pode chegar a atividade dos escritores e propagandistas. Nos círculos, nas conversações diante das oficinas é esmiuçada e propagada, tornada permeável a todos os cérebros, a todas as culturas, a palavra da crítica socialista”. Além disso, destaca o cariz intelectual do trabalho ao afirmar:

Não existe trabalho puramente físico (...) em qualquer trabalho físico, mesmo no mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual, qualquer que seja; é um filósofo, um artista, um homem de gosto; participa de uma concepção de mundo; possui uma linha consciente de conduta, contribui, assim, para manter ou modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (Gramsci, 1989: 7-8).

O trabalho humano assume duas dimensões: de trabalho manual ou instrumental e de trabalho intelectual. Não há atividade humana na qual se possa prescindir de todo e qualquer esforço físico, assim como não há atividade manual que não envolva algum tipo de atividade intelectual. O pensador italiano estabelece uma importante distinção entre todos os homens (intelectuais) e aqueles que na sociedade desempenham a função de intelectual. Dentre esses últimos há dois tipos: os tradicionais – administradores, cientistas, filósofos, eclesiásticos etc. - cuja existência está baseada na eloquência e, há o novo tipo de intelectual, o orgânico que não mais será marcado pela

eloquência e pelo distanciamento do mundo do trabalho físico, já que passa a “imiscuir-se ativamente na vida prática como construtor, organizador, pensador permanente”. (Gramsci, 1989: 9).

(...) combinando o ensino intelectual com o trabalho físico, articulando teoria e prática, através de uma formação politécnica que compense os inconvenientes da divisão do trabalho e que impedem ao trabalhador dominar o conteúdo e os princípios que regem seu trabalho e sua forma de existir. (Marx; Engels, 1978: 285-286).

Diante das condições de exploração em que vive a classe operária esta não tem acesso às ferramentas teórico-metodológicas que lhe facultem a produção do saber capaz de superar sua situação de classe, porque o domínio dessas mesmas ferramentas é um dos dispositivos através do qual a classe dominante garante sua condição de dominação, aquela não formula o mesmo grau de sistematização e complexidade permanecendo naquilo que Gramsci define como senso comum. O senso comum é um tipo de saber peculiar a certa época e ambiente marcado pelo pensamento genérico compreendendo formulações difusas e esparsas. Nele: “(...) o homem atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica desta sua ação, que, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma”. (Gramsci, 1989: 18).

Ao passo que intensifica suas experiências políticas cotidianas – organização dos Conselhos de Fábrica, direção da revista de cultura socialista *L'Ordine Nuovo*, direção do Partido Comunista da Itália – vai compreendendo de modo mais amplo os conceitos de cultura e de homem bem como seus alcances. Assim, camponeses e operários deixam de ser receptáculos passivos da cultura porque ela não mais representa algo exclusivamente sistematizado por um grupo de intelectuais que a distribui para as camadas populares de cima para baixo. A opção gramsciana é – ainda que o homem não tenha tido o privilégio de se instruir nos bancos escolares tradicionais – valorizar seus conhecimentos, sua criatividade e praticidade muito presentes em seu dia a dia.

Todos esses valores são parte constitutiva e fundamental de seu projeto político-cultural de formação do sujeito a ser transmitido às futuras gerações. Não obstante, a base da formação humanista – calcada no ideal de homem culto – instruído no grego, no latim, nas humanidades em largo sentido tornou-se impermeável aos anseios da população, sobretudo no que se refere ao trabalho produtivo que permaneceu apartado da vida intelectual. O autor napolitano Benedetto Croce

(1866-1952) é uma importante referência analítica para Gramsci. Àquele distante dos círculos universitários endereça fortes críticas ao positivismo e academicismo latentes nas Universidades italianas.

A partir dessas considerações, segundo Gramsci, o homem transforma a si mesmo, ao passo que modifica o universo das relações societárias no qual está inserido. Há implícito o compromisso político com a formação integral do homem que reflete, acerca de si mesmo e acerca da sociedade. Nesse processo imprime mudanças profundas a fim de que ela seja efetivamente humana. No pensamento de Marx, a indissociabilidade entre teoria e ação na práxis humana funda-se na concepção de que, contrariamente ao ser natural, o mundo dos homens é um construto. Por meio do acúmulo crítico de experiências e conhecimentos a individualidade abarca determinações essenciais que permitem relações com a totalidade social vincada pela capacidade de apreender o real. Se Gramsci – seguindo a argumentação marxiana – afirma que a educação relaciona-se diretamente ao processo de acumulação capitalista, a educação calcada na participação e compromisso políticos da sociedade poderá conduzir ao aprimoramento humano, sobretudo nas suas dimensões moral e ética. Aqui, o intelectual italiano vai além das idéias marxianas sobre educação.

## **Resultados**

O aprofundamento nas questões referentes às atitudes da classe operária e de sua fragilidade política diante do fascismo requer investidas no terreno da modernidade, da racionalização das massas e dos papéis desempenhados pelos símbolos. Isso porque a crescente racionalização do trabalho nas fábricas a partir dos anos 20 suscitou: perspectivas de melhora individual e social; o desenvolvimento de um imaginário consumista ao alcance de parte da classe operária e o desenvolvimento dos veículos de comunicação como o rádio sobretudo, e a embrionária televisão. A experiência política cotidiana demonstrou que a educação do trabalhador dependia muito mais de suas próprias forças organizativas do que do partido político ou sindicato, porque dispunha de uma bagagem específica já que participava ativamente do processo produtivo. A atividade qualificada deveria se atrelar ao conhecimento de cultura científica e humanista para gerir o processo na fábrica moderna e a riqueza social dele derivado; além disso, administrar o Estado socialista e operário. No curso de auto-educação coletiva e solidária o trabalhador geraria seus educadores orgânicos que promoveriam “um contínuo desenvolvimento de cada um e que tal desenvolvimento seja contínuo e sistemático”. (Gramsci, 1978a: 50, tradução nossa).

A escola burocrática, classista e antidemocrática, estava fadada a perpetuar “uma determinada função tradicional, diretiva ou instrumental” mantendo a velha e rígida divisão do trabalho e reproduzindo as discriminações sociais. A vida moderna e produtiva pressupõe a multiplicidade de aptidões e talentos. Para Gramsci, a formação integral da personalidade só se potencializa através da incursão do jovem no universo de múltiplas experiências o que o conduz aos estudos posteriores quanto para a profissão, porque de nenhum ofício retira-se conteúdos e exigências intelectuais e culturais.

Da escola unitária emerge o cidadão integral, participante e cômico da sua atuação, de seus direitos e deveres, na esfera da sociedade. Sua atuação contribui substancialmente para a solução dos problemas advindos da organização produtiva. A escola unitária é convocada para desempenhar um papel mais amplo que combina a educação humanista tradicional com a educação técnica potencializando o indivíduo para o exercício efetivo de qualquer função, seja ela de operário qualificado ou de dirigente político o que cinde os elos viciosos de reprodução da elite. Por tudo isso, a escola unitária transpõe a dualidade entre conhecimento teórico e conhecimento prático que marca a organização escolar ocidental desde a sua gestação.

### **Referências bibliográficas**

GRAMSCI, Antonio (1971), *El materialismo histórico y la filosofía de Benedetto Croce*, Nueva Vision, Buenos Aires.

\_\_\_\_\_. (1972), *Scritti politici*, Riunit, Roma. 3v.

\_\_\_\_\_. (1978a), *La costruzione del partido comunista (1921-1926)*, Einaudi, Turim.

\_\_\_\_\_. (1978b), *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 3. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (1989), *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

KLEIN, Ligia Regina (2003), “Trabalho, educação e linguagem”, *Educar em Revista*, v. 1, edição especial, Curitiba, pp. 15-42.

MARX, Karl (1998), *O Capital, Livro I*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Crítica do Programa de Gotha. Disponível em:

<<http://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/index.htm>>. Acesso em: 10/10/2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1978), *Crítica da Educação e do Ensino*, Moraes, Lisboa.

RODRIGUES, Alberto Tosi (2000), “Sociedade, Educação e Emancipação”, In:\_\_\_\_\_. *Sociologia da Educação*, DP&A, Rio de Janeiro, pp. 35-57.

SOUZA JÚNIOR, Hilário (1994), *Controle da qualidade total: uma nova pedagogia do capital*, Movimento de Cultura Marxista, Belo Horizonte.

**Soberania Alimentar e o Pacto para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia: uma visão pós-colonialista das Relações Internacionais**

**Soberanía Alimentaria y el Pacto Amazónico de Desarrollo Sostenible: una visión post-colonialista de las Relaciones Internacionales**

*Raissa Lorena Malcher Sena (Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. E-mail: raissasenaap@hotmail.com)*

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo apresentar a formação do conceito de Soberania Alimentar juntamente com suas finalidades e reivindicações para, então, analisar de que forma essa ideia pode estar presente no Pacto para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, firmado em 2012 pelos estados amazônicos brasileiros e apresentado na Rio+20. Para estabelecer a existência da relação, o trabalho vai partir da pesquisa bibliográfica referente à temática da Soberania Alimentar e possíveis explicações teóricas da área de Relações Internacionais ao tema, assim como análise do documento elaborado pelos estados da Amazônia Legal. Por fim, ao assimilar o estudo teórico e a aplicação dos ideais de Soberania Alimentar, salientar-se-á a importância da elaboração do Pacto da Amazônia para que esses ideais sejam colocados na pauta de discussões governamentais e internacionais.

**Palavras-chave:** Soberania Alimentar. Pacto da Amazônia. Relações Internacionais.

**Abstract**

This article aims to show the formation of the concept of Food Sovereignty with its goals and claims to, then, examine how this idea can be present in the Pact for Sustainable Development of the Amazon, signed in 2012 by the Brazilian Amazonian states and presented at Rio +20. To establish the existence of the relation, this work will use the literature related to the theme of Food Sovereignty and possible theoretical explanations from International Relations area, as well as analysis of the document prepared by the provinces of Legal Amazon region. Finally, by assimilating the theoretical study and the application of the ideals of Food Sovereignty, the article will stress the importance of the elaboration of the Amazon's Pact so that these ideals are put on the agenda of government and international discussions.

**Keywords:** Food Sovereignty. Amazon's Pact. International Relations.

## **Introdução**

Diferentemente do conceito clássico de soberania, ligado fundamentalmente a territórios e dinâmicas de poder sobre o mesmo, o conceito de Soberania Alimentar agrega a idéia do protagonismo dos povos, não só na questão alimentar em si, mas também no desenvolvimento dos indivíduos com qualidade de vida e poder de decisão sobre sua vida.

O debate sobre a questão de Soberania Alimentar é considerado recente, porém, bastante articulado, envolvendo governos locais e nacionais, ONGs e Organizações Internacionais. Na literatura das Relações Internacionais, o tema ainda não foi apropriadamente discutido e nos fornece, portanto, um importante e propício campo de debate e trabalho.

O presente artigo visa primeiramente apresentar como o conceito de Soberania Alimentar foi construído, de que forma o contexto de globalização contribuiu para a construção do mesmo e como podemos munir o debate com abordagens teóricas das Relações Internacionais. Posteriormente, o foco será analisar de que maneira a ideia de Soberania Alimentar permeia também as discussões do Pacto firmado pelos estados amazônicos brasileiros, conhecido como Pacto para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia, mesmo que muitas vezes a expressão Soberania Alimentar não esteja explícita em suas proposições.

## **Formação do Conceito de Soberania Alimentar**

O termo Soberania adquire conceituação clara e definida no final do século XVI e está sempre ligado à ideia de poder. "*Les Six Livres de la République*" de Jean Bodin foi a primeira obra a se preocupar em conceitualizar Soberania, que seria um poder absoluto e perpétuo por não haver a possibilidade de limitá-la ou estabelecer tempo certo para o seu exercício. Rousseau, em 1762, é quem defende a ideia de que a Soberania é o poder que emana do povo e a ele pertence. No século XIX, em contrapartida, o conceito de Soberania é relacionado à expressão de poder político em concordância com o interesse que as potências tinham em conquistar territórios e imunidade a limitações jurídicas. (DALLARI, 1998).

A Soberania teria um caráter interno e um externo. Nesse sentido, no âmbito interno (ou seja, dentro dos limites territoriais do Estado) ela exerce o poder superior a todos os demais, sendo a expressão do poder jurídico mais alto. Com relação aos demais Estados (ou seja, no âmbito externo), Soberania adquire o significado de independência na medida em que os Estados desejam a não submissão às potências estrangeiras. (DALLARI, 1998).

O conceito de Soberania Alimentar, por sua vez, elenca discussões que vão além das clássicas preocupações acerca do poder a ser exercido em determinados limites territoriais. Isso porque sofre influência do processo de globalização, em que se observa a importância cada vez maior de atores não estatais e dos próprios indivíduos no Sistema Internacional. As discussões trazidas pelo conceito de Soberania Alimentar vão abordar principalmente o poder de decisão sobre a própria vida e o direito à qualidade de vida.

O ponto histórico para a análise da Soberania Alimentar é a conjuntura da globalização desde a década de 70. Alguns dos temas da discussão sobre globalização e seus impactos na agricultura incluem a liberalização do comércio com mudanças nos padrões do comércio mundial de *commodities* agrícolas; o aumento da concentração de corporações globais nas agroindústrias; novas tecnologias organizacionais implantadas por essas corporações com processamento e fabricação destinados ao varejo de distribuição, e como essas tecnologias, ao se combinar com o poder econômico empresarial, acabam por moldar e restringir as práticas e “escolhas” de agricultores e consumidores. (BERNSTEIN, 2013).

A criação do conceito de Soberania Alimentar é atribuída ao movimento internacional de camponeses, agricultores familiares, pescadores, trabalhadores rurais, silvicultores e grupos indígenas: a Via Campesina, que foi formada no ano de 1992 em uma reunião de líderes camponeses da América Central, América do Norte e Europa, em Nicarágua. Em 1993, na Bélgica, ocorreu sua primeira conferência, foi constituída como uma organização mundial e seus objetivos e estratégias foram delineados. (WWW.VIACAMPESINA.ORG)

Para que a definição do conceito acontecesse de maneira formal e democrática, a Via Campesina organizou duas conferências internacionais que teriam como temática a Soberania Alimentar. A primeira delas, o Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, que aconteceu no ano de 2001 na cidade de Havana, Cuba, contou com a presença de 400 delegados de organizações de povos camponeses, indígenas, sem-terra, pescadores, pequenos e médios fazendeiros, juntamente com acadêmicos e pesquisadores de 60 países diferentes. O segundo evento foi o Fórum Mundial



pela Soberania Alimentar - Nyéléni 2007, que aconteceu em Mali com a participação de 600 representantes dos mesmos tipos de organizações da primeira conferência, mas com a adição de trabalhadores rurais, migrantes, comunidades florestais, consumidores, movimentos ambientais e urbanos de mais de 80 países. (PIMBERT, 2009).

É importante também analisar que a ideia de Soberania Alimentar surgiu como uma reação ao uso do termo Segurança Alimentar. De acordo com a definição da FAO (*Food and Agriculture Organization*), “existe Segurança Alimentar quando todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico e econômico à alimentação suficiente, segura e nutritiva que atenda às suas necessidades dietéticas e preferências alimentares para uma vida ativa e saudável”. (*World Food Summit, 1996 apud FAO, 2008, p. 01*).

Na visão dos defensores da Soberania Alimentar, essa ideia mostra a importância de se ter uma alimentação boa e suficiente, mas sem discutir sobre o lugar que a comida vem, quem a produziu e as condições sob as quais foi cultivada. Dessa maneira, os grandes exportadores de alimentos acabam por convencer os países pobres a importar seus alimentos baratos como meio para se alcançar a segurança alimentar, ao invés de incentivá-los a produzir seus próprios alimentos. Isso causa a dependência cada vez maior desses países ao mercado internacional, o que pode contribuir para que a situação de insegurança alimentar se agrave. (PIMBERT, 2009).

O que o conceito de Soberania Alimentar pressupõe, então, vai além e requer reforma agrária em favor dos pequenos produtores e dos sem-terra, reorganização do comércio global de alimentos e incentivo aos mercados locais para a criação de um sistema alimentar igualitário, justo, sustentável e autônomo. A Via Campesina (1996) considera que a Soberania Alimentar é uma condição prévia para a existência de Segurança Alimentar.

As discussões decorrentes das conferências já citadas foram definitivas para a formação do conceito de Soberania Alimentar que ficou, portanto, estabelecido como o direito dos povos, comunidades e países a definirem as suas próprias políticas agrícolas, pecuárias, laborais, de pesca e alimentares de forma a serem ecológica, social, econômica e culturalmente apropriadas às suas circunstâncias exclusivas. Isto inclui o direito real à alimentação e à produção de alimentos. (VIA CAMPESINA, 1996).

Para que melhor fosse entendida essa ideia, na Cúpula Mundial pela Alimentação (WFS, da sigla em inglês) em 1996, a Via Campesina apresentou sete princípios que definiriam um paradigma alternativo para a alimentação, agricultura e bem-estar humano. Os princípios consideram a

alimentação como direito humano básico, a necessidade de reforma agrária, proteção dos recursos naturais, reorganização do comércio de alimentos, fim da globalização da fome, paz social e controle democrático. Desde 1996, declarações e documentos da Via Campesina e de outras organizações tiveram como base esses princípios.

### **Discussão teórica: uma visão pós-colonialista**

A teoria do Pós-colonialismo é considerada recente no debate teórico das Relações Internacionais, com origem no final dos anos 70. Inicialmente, o termo “pós-colonial” se referia ao efeito das colonizações nas culturas e sociedades, e a teoria surgiu com a preocupação de dar importância e atenção à voz dos indivíduos de fora do primeiro mundo. (MACHADO, 2004)

Na luta por fazer valer a voz desses indivíduos, alguns intelectuais da corrente teórica passaram a falar não mais sobre o Pós-colonialismo “real”, localizável no espaço e no tempo, mas sim sobre a “situação pós-colonial”. A discussão iria mais longe e a situação não dizia respeito somente aos países que sofreram com a colonização. Uma situação pós-colonial pode ser identificada quando populações têm que lidar com a falta de representação, incapacidade de mostrar suas próprias narrativas sobre os fatos e a falta de controle sobre a própria imagem. (MACHADO, 2004) Todas as populações que vivem em condições marginais e de opressão estariam vivendo uma situação pós-colonial. Isso inclui povos indígenas, grupos étnicos e mulheres.

Stuart Hall (2003), ao discutir sobre a questão conceitual do que seria o pós-colonial, infere que

(...) o “pós-colonial” não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes/depois. O movimento que vai da colonização aos tempos pós-coloniais não implica que os problemas do colonialismo foram resolvidos ou sucedidos por uma época livre de conflitos. Ao contrário, o “pós-colonial” marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra. (HALL, 2003, p.56).

Dessa forma, é possível perceber que problemáticas que envolvem a dependência, o subdesenvolvimento e a marginalização (características do período colonial), continuam a existir no momento da pós-colonização em uma nova configuração.

O Pós-colonialismo seria uma forma de reformular a maneira de se pensar as identidades sociais que foram criadas pela hegemonia ocidental. Seus estudos não teriam a pretensão de desmascarar o discurso dominante, mas de mostrar a possibilidade de existência de novos discursos, feitos pela periferia, com a intenção de reavaliação de valores. (MACHADO, 2004)

Edward Said (1990) é considerado um dos principais autores que influenciaram a constituição do debate pós-colonialista e sua preocupação estava em discutir sobre a representação ao outro e os discursos coloniais. No que tange à representatividade, questionava quem poderia ou não falar pelo outro e quais seriam as consequências de representações através de construções de narrativas ocidentais. Essas narrativas ocasionariam um etnocentrismo e desprezo pela diferença, em que prevaleceria o desejo de se fazer homogêneas as ideias advindas do mundo ocidentalizado. Avaliar a situação de pós-colonização dos povos através de uma visão hegemônica reduziria, dessa forma, a própria narrativa desses povos.

Os autores da teoria pós-colonialista, ao abordarem a questão da opressão e falta de representatividade vivenciada por sociedades pós-coloniais, estabelecem a importância em se ter o controle sobre os rumos da própria história, criando narrativas próprias e desconstruindo o que os ideais dominantes poderiam vir a narrar em relação às suas particularidades.

Nesse sentido, os grupos envolvidos com o movimento pela Soberania Alimentar estariam vivendo em uma “situação pós-colonial”. Camponeses, agricultores familiares, pescadores, trabalhadores rurais, silvicultores e grupos indígenas são considerados grupos que vivem à margem do sistema e que apresentam dificuldades na representação de seus direitos e interesses.

Com o objetivo de inserir suas reivindicações na agenda do debate internacional, as demandas são elaboradas pelos próprios grupos “pós-coloniais” da Soberania Alimentar, mostrando a capacidade de construção de novos discursos feitos por periferias. Direito à alimentação, proteção dos recursos naturais, reorganização do comércio de alimentos, erradicação da fome, paz social e controle democrático são alguns dos objetos de luta do movimento e que trazem à tona os desejos de populações que vivem em “situação pós-colonial”.

### **Princípios, Propostas e Demandas do Pacto da Amazônia**

O Pacto para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia foi apresentado na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em junho de 2012. Inicialmen-

te chamado de Carta da Amazônia, o Pacto foi construído a partir de reuniões do Fórum de Governadores da Amazônia. O Fórum aconteceu na cidade de Belém – Pará em março de 2012 e teve como tema “A construção da agenda amazônica rumo à Rio +20”. Questões como gestão ambiental, desenvolvimento sustentável e cooperação entre ações ambientais e econômicas da região amazônica foram discutidas na ocasião.

O documento levado à ONU pelo governador do Amapá, Camilo Capiberibe, foi elaborado pelos nove estados que compõem a Amazônia Legal (Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Amazonas, Amapá, Tocantins e Mato Grosso). O Pacto da Amazônia foi feito por todos os grupos majoritários da região, reconhecidos pela ONU, sendo estes a Indústria e Negócios, Crianças e Jovens, Produtores Rurais, Povos Indígenas, Governos Locais, ONGs, Comunidade Científica e Tecnológica, Mulheres, Trabalhadores e Sindicatos, com a adição de um novo grupo: Povos e comunidades tradicionais, grupos étnicos, raciais e culturais. Composto por 456 proposições, o Pacto se divide em três seções: Princípios, Propostas e Demandas.

As proposições versam, entre outras coisas, sobre o reconhecimento, por parte dos estados amazônicos brasileiros, da importância da Conferência Rio-92 para a temática do desenvolvimento sustentável; dos tratados internacionais que o Brasil faz parte, como o Plano de Ação da Cúpula Mundial de Alimentação, a Convenção Interamericana contra a violência à mulher, e a Declaração dos Povos Indígenas da ONU. O Pacto traz discussões a respeito do estabelecimento de uma economia baseada no uso sustentável dos recursos naturais, do respeito à diversidade sociocultural e às particularidades territoriais.

O Pacto avalia o nível de comprometimento da Amazônia Brasileira com a temática do desenvolvimento sustentável, mas argumenta que o comprometimento regional não é capaz de suprir toda a problemática que envolve o tema. Dessa forma, apresenta uma série de demandas a fim de que o Governo Federal se ocupe da implementação de políticas concretas de produção sustentável, como a resolução de conflitos fundiários, aprovação e regulamentação da Política Nacional das Comunidades Tradicionais (PNCT) para garantir os direitos desses grupos e a adaptação de políticas públicas nacionais aos povos indígenas, comunidades tradicionais e agricultores familiares.

Ponto de relevância a ser analisado na construção desse Pacto é a contribuição de outro país amazônico no processo de elaboração do documento. A Carta do Amapá para a Rio+20 possui

um tipo de nota feita pelo departamento ultramarino francês Guiana Francesa intitulado “A Guiana Francesa Rumo à Rio+20: os caminhos do Desenvolvimento Sustentável do território”.

A Região da Guiana Francesa, sempre afirmando a dupla identidade europeia e amazônica, compartilha com os 9 estados brasileiros da Amazônia características comuns e o mesmo destino, e vem apresentar suas proposições ao esforço empreendido pelo Amapá para levar sua mensagem aos setores responsáveis por assegurar o desenvolvimento econômico e social sustentável de nosso planeta durante a “Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – CNUDS”. (CARTA DO AMAPÁ, 2012, p. 11).

A contribuição da Guiana Francesa para a construção do Pacto pode ser um indicador de que as questões debatidas servem, ainda, para aprofundar a questão internacional no que tange a temática do meio ambiente relacionada à proposta de desenvolvimento sustentável, bem como fomentar a cooperação internacional também atrelada a essa temática.

### **A discussão sobre Soberania Alimentar no Pacto da Amazônia**

A Via Campesina é a organização mais conhecida quando o debate gira em torno da Soberania Alimentar. O que é preciso ter em mente é que, ao contrário do que pode parecer, já existe uma articulação internacional nesse sentido e alguns exemplos de grupos internacionais dedicados à causa são *African Biodiversity Network*, *Community Alliance for Global Justice*, *PAN International*, *Grain* e movimentos como o *Food Democracy Now!* que defendem a necessidade de um sistema alimentar sustentável e maior valorização à agricultura familiar. ([HTTP://FOODSOVEREIGNTYNOW.ORG.UK](http://FOODSOVEREIGNTYNOW.ORG.UK))

A preocupação das organizações comprometidas com a defesa da Soberania Alimentar é pela criação de uma agenda política para o agricultor familiar. Nessa agenda, deve existir a capacitação do agricultor através de políticas públicas que assegurem o recebimento de preços justos por aquilo que é produzido e o acesso ao crédito e à terra para que esse agricultor possa permanecer no negócio, bem como redução do controle por parte de grandes corporações do agronegócio no sistema alimentar e no debate da política agrícola.

No Pacto da Amazônia, os estados amazônicos brasileiros

Comprometem-se a estabelecer e colocar em prática etapas claras e apoio institucional e financeiro adequado para alcançar: a erradicação da pobreza, a segurança e soberania alimentar e nutricional, a preservação e conservação dos recursos naturais, a geração de trabalho e renda, a manutenção da cultura, a equidade de gênero no pleno exercício dos direitos humanos, dos saberes, da cultura, da política e do protagonismo feminino. (PACTO DA AMAZÔNIA, 2012, p.06).

Dessa forma, o Pacto aborda explicitamente a questão da Soberania Alimentar como uma meta a ser alcançada pela Amazônia Legal, juntamente com ideais de igualdade de gênero, valorização da mulher e da cultura, e da proteção de recursos naturais. A Via Campesina (1996) defende que a mulher desempenha um papel fundamental na obtenção de Soberania Alimentar e deve ter iguais oportunidades de desenvolver e empregar suas habilidades. O movimento afirma e celebra a diversidade cultural e adverte sobre a necessidade de se respeitar as particularidades de cada cultura.

Na declaração *“Food Sovereignty: A Future Without Hunger”*, a Via Campesina (1996) dedica um tópico para a questão da proteção dos recursos naturais e argumenta que a utilização sustentável desses recursos (com especial atenção a terra, água e sementes) seria uma base para a Soberania Alimentar.

O Pacto afirma, ainda, que os estados da Amazônia brasileira “Reconhecem o Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável e a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional como princípios que devem ser integrados às políticas e programas de produção de alimento.” (PACTO DA AMAZÔNIA, 2012, p. 48). A alimentação é vista pelo movimento da Soberania Alimentar como um direito humano básico e a Via Campesina (1996) infere que todas as nações devem declarar o acesso à alimentação como direito constitucional e incentivar o desenvolvimento do setor primário da economia para a realização desse direito.

No momento em que “Reconhecem a importância das sementes crioulas e espécies animais para a soberania alimentar e nutricional das populações tradicionais.” (PACTO DA AMAZÔNIA, 2012, p. 50), é estabelecida a relação entre Soberania Alimentar e sementes. O modelo de desenvolvimento sustentável proposto pelos defensores da Soberania Alimentar argumenta que a semente é uma herança comum da humanidade e que é mantida pelas comunidades rurais, contrari-

ando, dessa maneira, a visão do atual modelo econômico em que a semente é considerada uma mercadoria patenteável.

As políticas para Soberania Alimentar perseguem três tipos de objetivos: igualdade, sustentabilidade e democracia. Esses três objetivos assegurariam os direitos dos povos e comunidades, o respeito à diversidade cultural, o uso de recursos de forma compatível com a sustentabilidade ecológica, democratização das instituições governamentais e capacitação da sociedade civil na tomada de decisões. (PIMBERT, 2009)

As discussões relativas à Soberania Alimentar estão presentes no Pacto da Amazônia não só nos momentos em que ela é citada de maneira explícita, mas também quando os princípios, as propostas e as demandas levam em consideração os ideais defendidos pelo movimento da Soberania Alimentar.

Ao alertar sobre a necessidade de novos padrões de produção e consumo; de desenvolvimento sustentável; responsabilidade socioambiental; respeito à diversidade sociocultural e às diferenças locais, regionais e territoriais; repartição justa e igualitária do uso dos recursos naturais; comércio justo; reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, comunidades tradicionais e da importância dos saberes femininos, o Pacto estabelece forte relação com a defesa de uma Soberania Alimentar.

Isso é evidenciado, também, ao se perceber o comprometimento em relação à reforma agrária e regularização fundiária em favor dos pequenos e médios produtores, articulação internacional como meio de discussão sobre o manejo dos recursos naturais e culturais, ações de transferência de tecnologia para a agricultura familiar e indígena, melhoria da qualidade de vida e da saúde, e incentivos à produção local de alimentos.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto acerca da construção do conceito de Soberania Alimentar e das principais reivindicações do mesmo, o Pacto para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia pode ser entendido como uma forma de se perceber os ideais que sustentam o movimento na pauta de discussão dos governos.

Se o comprometimento firmado entre os estados amazônicos brasileiros for transformado em elaboração de políticas públicas concretas voltadas à temática do desenvolvimento sustentável, o resultado vai ser o que os envolvidos com a causa da Soberania Alimentar tanto demandam: mudanças nos padrões do modelo de produção em favor da atividade dos agricultores familiares, pescadores, indígenas e trabalhadores rurais; direito de produzir seus próprios alimentos, escolher o que produzir, como produzir e o que consumir; respeito às peculiaridades de cada espaço e cada cultura e valorização à mulher.

A teoria pós-colonialista, em um debate das Relações Internacionais, traz a proposta de reavaliação de pensamentos advindos da dominação ocidental e argumenta que populações marginalizadas devem ter direito de criar seus próprios discursos com suas visões de mundo. Isso é o que pode ser observado em um movimento composto por camponeses e trabalhadores rurais por uma Soberania Alimentar.

É possível concluir, por fim, que existe uma articulação internacional para a defesa dos ideais do movimento da Soberania Alimentar que demanda a criação de políticas públicas sobre essa questão. No Pacto firmado pelos nove estados brasileiros, a Amazônia ocupa lugar central para a discussão de políticas que envolvam a necessidade de desenvolvimento sustentável e respeito às comunidades tradicionais. A ênfase em novas possibilidades de pesquisa na área se faz relevante, tendo em vista a importância e atenção que o tema vem adquirindo tanto nacional, quanto internacionalmente.

### **Referências Bibliográficas**

BERNSTEIN, Henry. "Food Sovereignty: A skeptical view." Conferência Internacional em Food Sovereignty: A Critical Dialogue, Yale University, Setembro, 2013. Disponível em: <[http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/1\\_Bernstein\\_2013.pdf](http://www.yale.edu/agrarianstudies/foodsovereignty/pprs/1_Bernstein_2013.pdf)>. Acesso em: 23 de janeiro de 2014.

CARTA DO AMAPÁ, 2012. Disponível em: <[http://www.ief.ap.gov.br/system/archives/23/original/Carta\\_Amapa\\_Rio20.pdf](http://www.ief.ap.gov.br/system/archives/23/original/Carta_Amapa_Rio20.pdf)>. Acesso em: 25 de março de 2014.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de teoria geral do Estado. 2ª edição atualizada. São Paulo: Editora Saraiva, 1998.



FAO. An Introduction to the Basic Concepts of Food Security, 2008. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/013/al936e/al936e00.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.

FOOD SOVEREIGNTY NOW. Disponível em: <<http://foodsovereignty.org.uk/foodsov/international-groups/>>. Acesso em: 14 de março de 2014.

HALL, Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LA VÍA CAMPESINA. The right to produce and access to land. Declaração apresentada na Cúpula Mundial pela Alimentação em Roma, 1996. Disponível em: <<http://www.voiceoftheturtle.org/library/1996%20Declaration%20of%20Food%20Sovereignty.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2014.

MACHADO, Igor José de Renó. “Reflexões sobre o Pós-Colonialismo”. Teoria e Pesquisa Revista de Ciências Sociais, Vol. 1, n.44, p.19-32, Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/71/61>>. Acesso em: 10 de abril de 2014.

PACTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA, 2012. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/editoria/files/2012/06/Carta-da-Amaz%C3%B4nia.pdf>>; Acesso em: 10 de março de 2014.

PIMBERT, Michel. “Towards Food Sovereignty”. Gatekeeper, n. 141, p. 1-20, Novembro, 2009. Disponível em: <<http://dlc.dlib.indiana.edu/dlc/bitstream/handle/10535/5851/14855IIED.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2014.

PIMBERT, Michel. “Towards Food Sovereignty: Reclaiming autonomous food systems”. Reclaiming Diversity and Citizenship, 2009. Disponível em: <<http://pubs.iied.org/pdfs/G02268.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2013.

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

VIA CAMPESINA. Disponível em: <[www.viacampesina.org](http://www.viacampesina.org)>. Acesso em: 28 de dezembro de 2013.

## **Contradição, Politecnia e Revolução: Limites de uma polêmica**

Ricardo Scopel Velho – (Instituto Federal Catarinense: [ricardovelho@ifc-riodosul.edu.br](mailto:ricardovelho@ifc-riodosul.edu.br))

### RESUMO

O objetivo geral do artigo é apresentar a importância da apreensão do movimento contraditório do capital e a capacidade da classe trabalhadora produzir ação política que se coloque em enfrentamento com a ordem estabelecida, problematizando a questão educacional. Considerando que a relação social determinante é a de exploração do capital sobre o trabalho e, portanto, personificados nas classes antagônicas desse modo de produção, burguesia e proletariado. Se entendermos o desenvolvimento do modo de produção capitalista como a materialidade onde se desenrolam determinadas estratégias políticas das organizações das classes sociais, é preciso também perceber que ao mesmo tempo essas estratégias e sistemas econômicos “modelam” os diferentes processos educativos. Aqui inicia o debate acerca do papel da escola nessas particularidades e também de seu papel no conjunto da formulação estratégica de cada período histórico. Discutiremos com a concepção de politecnia e a problematizaremos. Sendo assim, será necessária uma análise da realidade brasileira para derivar uma estratégia de revolução particular a nossa formação social e também é necessária uma mesma análise quanto à escola.

Palavras chave: revolução, politecnia e contradição.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa em educação tem se referenciado durante um grande período de tempo pela literatura marxista, onde a crítica à economia política é a arma de combate às relações capitalistas dominantes. Sabemos que houve variáveis que intervíram nas características do campo de pesquisa<sup>392</sup>, isso implicou a mudança de entendimento quanto ao papel da educação na busca da superação da sociedade dividida em classes sociais antagônicas e baseada na propriedade privada dos meios de produção. Também é parte importante do arsenal teórico do marxismo a categoria de contradição, que queremos trazer presente nesse artigo com a contribuição de Alexandre Cheptulin.

---

<sup>392</sup> Principalmente as críticas nas obras de Reis e Rodrigues, 2011 e Tumolo, 2005.

O objetivo geral desse texto é apresentar a importância da apreensão do movimento contraditório do capital e a capacidade da classe trabalhadora produzir ação política que se coloque em enfrentamento com a ordem estabelecida, problematizando a questão educacional. Considerando que a atual relação social determinante é a de exploração do capital sobre o trabalho e, portanto, personificados nas classes antagônicas desse modo de produção, burguesia e proletariado. Para compreender esse processo, vejamos de início como entender a produção material da existência em movimento e qual a fonte desse movimento:

Essa fonte é a contradição, unidade e luta dos contrários. Assim, o conhecimento chocasse, em seu desenvolvimento, com a necessidade de descobrir as contradições, os aspectos e as tendências *contrários* próprios de todas as coisas e fenômenos da realidade objetiva.

(...) a unidade dos contrários é, portanto, antes de tudo, seu estabelecimento recíproco, isto é, os aspectos ou tendências contrárias não podem existir uns sem os outros. Mas, paralelamente, a unidade exprime igualmente uma certa coincidência dos contrários, nesses ou naqueles momentos ou tendências. (...) [os contrários] devem ter necessariamente muitas coisas em comum, coincidir em toda uma série de propriedades essenciais porque, em caso contrário, sua interação não poderia (...) tornar-se o fundamento da existência do fenômeno qualitativamente determinado correspondente. (CHEPTULIN, 2004, p. 286 e 287)

Assim temos uma perspectiva de como se dá o desenvolvimento do real em seu processo incessante, é partindo desse pressuposto, que a contradição é intrínseca à constituição da realidade, podemos mergulhar no mundo e mudá-lo. Cheptulin para exemplificar, descreve a relação dialética entre o singular e o geral nas formações materiais particulares: o singular tem a tendência de não se repetir, o geral repete-se sempre. Da oposição desses contrários, de que tomamos conhecimento no reconhecimento do particular, desenvolve-se o conhecimento da realidade concreta.

Florestan Fernandes também vai sintetizar o método de Marx para poder compreender a realidade social brasileira:

O impasse foi resolvido dentro da lógica hegeliana: o próprio movimento da realidade estabelece uma lei de interpenetração dos contrários, por meio da qual é possível compreender inclusive o elemento comum e sua validade como fator explicativo. Sem elementos comuns, o próprio desenvolvimento acumulativo da cultura e as transições bruscas de um período histórico para outro, com as correspondentes mudanças de organização social motivadas pelas transformações das relações de produção, seriam inexplicáveis. (FERNANDES, 2010, p. 30)

A compreensão de que toda diferença seria contradição restringe a compreensão da totalidade das relações existentes na realidade objetiva. Cheptulin (2004) afirma que, se o caráter contraditório da realidade é universal e determinante do desenvolvimento dos fenômenos, não é sua única forma de relação, existindo também formas de harmonia, concordância e correspondência nos e entre fenômenos. Ademais, afirmar que toda diferença é contradição consiste em justamente obscurecer os aspectos da essência dos fenômenos, cujo discernimento permite identificar as contradições que de fato os determinam. Assim, quando nos propomos a debater a relação entre uma educação para além do capital, temos a necessidade de perguntar:

1) qual o grau da contradição entre educação e desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo?

2) a diferença de distribuição das possibilidades educacionais é uma contradição fundamental na atualidade? Ou podemos falar em diminuição dessa desigualdade sem necessariamente falar em mudança sistêmica?

3) a politecnia é uma forma educacional compatível, ainda dentro do capitalismo, para lutar contra ele?

A distinção entre os graus da contradição é de fundamental importância para a busca de respostas a essas questões, pois uma acepção mais próxima do fenômeno é determinante de sua correta compreensão. Para Cheptulin:

A contradição começa a partir de uma diferença não-essencial e passa em seguida ao estágio de diferença essencial. Nas condições adequadas, as diferenças essenciais tornam-se contrários. A partir desse estágio em seu desenvolvimento, as contradições chegam ao estágio dos extremos, em que os contrários entram em conflito, passam um no outro, tornam-se idênticos e, exatamente por isso, condicionam a resolução das contradições. Uma vez as contradições resolvidas, a formação material chega a um novo estado qualitativo, incluindo um novo grupo de contradições. (CHEPTULIN, 2004, p. 293).

Esses distintos graus da contradição podem se desenvolver progressivamente ou regressivamente, e em momentos distintos nas distintas formações sociais existentes. Primeiramente Cheptulin cita o exemplo do desenvolvimento da contradição entre burguesia e proletariado, cujas raízes se encontram no período da produção artesanal. Nesse período, se manifestava como diferença não-essencial entre contramestre (patrão) e aprendiz, portanto o aprendiz ainda estabelecia

com o contramestre uma relação de aprendizado e complementaridade. O caráter dessa diferença era não-essencial, pois, dada a natureza do processo de acúmulo e transmissão do conhecimento da produção, por meio da experiência todo aprendiz podia tornar-se eventualmente um mestre. Tal relação transitou para uma impossibilidade de os aprendizes se tornarem contramestres automaticamente, permanecendo indefinidamente na posição subordinada de assalariados. Agora a diferença não-essencial torna-se essencial. Finalmente, na passagem da produção artesanal para a manufatura, torna-se contradição, quando o patrão fica à parte da produção e vive à custa do trabalho de seus assalariados, por meio da exploração. Interesses de patrões e operários tornam-se radicalmente opostos, antagônicos e inconciliáveis. O determinante dessa progressiva contradição é a propriedade privada dos meios de produção e não o conhecimento do aprendiz. Veremos isso mais adiante.

### CONTRADIÇÃO E PRODUÇÃO SOCIAL

Adentrar ao mundo dos humanos e apropriar-se das relações que nos envolvem depende da capacidade de totalizações teórico-práticas que construímos. Uma poderosa arma nessa batalha é a contribuição de Karl Marx (1818-1883). Podemos notar que no raciocínio realizado por Marx na construção do seu estudo d'O Capital, o autor vai desenvolver algumas das categorias que utilizamos nesse artigo.

Acreditamos que essa teoria é capaz de discernir os distintos graus de contradição buscando estabelecer com clareza as relações sociais que estão se desenvolvendo em determinado contexto histórico, contribuindo assim para que o entendimento do real seja um momento da necessária constituição da consciência de classe dos trabalhadores. Para isso Marx vai apresentar os seguintes processos de diferenciação nos níveis de desenvolvimento do real e do racional, que sintetizamos na tabela abaixo:

| Processo de trabalho     | Processo de produção   | Processo de valorização do valor |
|--------------------------|------------------------|----------------------------------|
| Valor de uso             | Valor de troca         | Valor                            |
| Fetichismo da mercadoria | Fetichismo do dinheiro | Fetichismo do capital            |

Cada uma das colunas tem um nível de complexidade aprofundado, tanto em nível de entendimento do real como em nível de explicitação do conceito teórico capaz de apreender esse real. Marx vai exemplificar isso em vários momentos dos livros, passando em revista a história dos modos de produção e explicitando as relações sociais que eram determinantes em cada época. Isso implica em perceber qual a contradição fundamental de dada formação econômico-social, e não simplesmente agarrar qualquer contradição e colocá-la como pedra de toque de explicação do real.

Além dos três fetiches que apresenta, temos a impressão que o desfecho desse raciocínio seria o fetiche do Estado, num nível de apreensão mais elevado e principalmente fundado na materialidade do modo de produção, diferente da compreensão de Hegel do papel do Estado como objetivização do Espírito Absoluto.

Novamente Cheptulin pode contribuir com a categoria de contradição:

Assim, a contradição não é uma coisa fixa, imutável, mas encontra-se em movimento incessante, em mudança permanente, passando das formas inferiores às superiores, e vice-versa, enquanto os contrários passam um pelo outro, tornam-se idênticos, e a formação material que os possui propriamente entra em um novo estado qualitativo. (CHEPTULIN, 2004, p. 287)

E continua

A dialética é a teoria da forma pela qual os contrários podem ser e habitualmente são (porque assim eles se tornam) idênticos – condições nas quais eles são idênticos mudando-se um no outro – razões por que o espírito humano não deve tomar esses contrários por mortos, fixos, mas por vivos, condicionados, móveis, mudando-se um no outro (LENIN apud CHEPTULIN, 2004, p. 289).

Vemos que a realidade está carregada de contradições, mas que, no entanto não são todas essas que determinam a vida social, há algumas que são fundamentais e essas condicionam e determinam outros conjuntos de contradições.

Outro critério que consideramos essencial é apresentado por Postone (2006): as categorias devem nos possibilitar não apenas realizar a crítica do que “é”, mas também apontar para um “vir-a-ser” que se expressa na superação das contradições determinantes do fenômeno. Esse vir-a-ser é o fundamento da centralidade da contradição na teoria crítica de Marx, uma vez que possibilita ao conhecedor realizar a crítica dos fenômenos sociais a partir de seus aspectos internos. Para isso, a escolha de categorias adequadas desempenha papel fundamental. Florestan Fernandes irá se colocar a questão das tendências de desenvolvimento do real:

Restringindo-me ao essencial, o ponto de divórcio está no aspecto prático do materialismo histórico, que implica unidade de teoria e ação e, em consequência, resposta positiva à pergunta da possibilidade de se conhecer de antemão, dentro de certos limites e de acordo com os dados da situação vivida, a sua possível tendência de desenvolvimento. (FERNANDES, 2010, p. 43)

## CONTRADIÇÃO E ESTRATÉGIAS POLÍTICAS

Na medida em que concordamos com Florestan na sua afirmação sobre o materialismo histórico, da sua unidade de teoria e ação e, portanto na capacidade de antever as linhas de desenvolvimento das relações sociais imersas em alguma totalidade, é que se afirmam as estratégias político-organizativas das classes. Por isso é importante analisarmos como isso ocorreu no Brasil no campo trabalho e educação.

A pesquisadora Lucília R. de Souza Machado (1991) produziu um texto seminal para o campo Trabalho e Educação, chamado “Politecnia, Escola unitária e Trabalho”. Nele a autora nos apresenta a problemática encontrada pelos revolucionários. Afirma que a questão da organização escolar não é o vetor principal para a organização da sociedade socialista, mas sim, o projeto de unificar culturalmente a classe que envolve o conjunto das relações sociais e não se dá de imediato. (MACHADO, 1991, p.137)

Neste texto Machado desenvolve uma apreensão das diferenças entre as estratégias políticas e unificação escolar na história, apresentando o raciocínio de que no Brasil a guerra de movimento não é compatível e sim a guerra de posição da acepção Gramsciana. Para isso apresenta a necessidade da unificação escolar sob perspectiva dos trabalhadores se diferenciando da proposta de escola unitária burguesa.

(...) a proposta de escola unitária do trabalho faz parte da concepção socialista de educação e tem por objetivo o desenvolvimento multilateral do indivíduo. Ela se propõe como escola única, porque, sob a hegemonia do proletariado, o socialismo pretende realizar a emancipação geral; e do trabalho, porque é ele que lhe dá o conteúdo da unificação educacional. Este princípio unitário pressupõe em primeiro lugar, tornar os conhecimentos concretos, vivos e atualizados com o desenvolvimento técnico-científico. Por outro lado, exige a redefinição da relação entre estrutura, conteúdo e métodos numa perspectiva orgânica. Por último, requer que o ensino seja impregnado pelas questões postas pelo cotidiano social. O ensino politécnico é definido como o meio adequado para a operacionalização deste princípio educativo, atendendo às condições apontadas acima. (MACHADO, 1991, p.11)

Se entendermos o desenvolvimento do modo de produção capitalista como a materialidade onde se desenrolam determinadas estratégias políticas das organizações das classes sociais, é preciso também perceber que ao mesmo tempo essas estratégias e sistemas econômicos “modelam” os diferentes processos educativos. Ao analisar no texto de Lucília Machado a relação entre educação escolar e estratégias, Paulo Sergio Tumolo nos diz:

A autora trabalha, fundamentalmente, com o dado de que a função da escola depende do projeto estratégico que o proletariado tem usado ou pode usar, nos diversos momentos históricos de luta contra a burguesia, e, portanto pela superação do capitalismo. Por isso, faz o relato e a análise dos embates ocorridos no seio do movimento operário, desde o século passado até o presente, a respeito dos diversos projetos de transformação do capitalismo e, por conseguinte, das diferentes propostas educacionais decorrentes daqueles projetos. Machado destaca três perspectivas divergentes de encaminhamento da luta dos trabalhadores pela escola unitária: a anarquista, a reformista e gradualista, e por fim a marxista. (TUMOLO, 2003, p.4)

Sem tratar das três grandes linhas de ação da classe trabalhadora nos diferentes períodos, o que é necessário, mas impossível devido ao espaço desse texto, podemos nos ater ao nominado de marxista. Desta maneira precisamos inicialmente apresentar minimamente a perspectiva da teoria da revolução em Marx, para podermos visualizar as expressões que essa teoria pode ter na pesquisa em educação dessa perspectiva.

## TEORIA DA REVOLUÇÃO EM MARX

Vejamos um dos textos mais celebres de formulação estratégica de Marx, a Mensagem ao Comitê Central da Liga dos Comunistas datado do fim da vaga revolucionária dos anos 1848,



quando trata das relações entre os operários, e a pequena burguesia. Notemos as ênfases na questão da democracia e da luta de classes.

Ao passo que os pequeno-burgueses democratas querem pôr fim à revolução o mais depressa possível, realizando, quando muito, as exigências atrás referidas, o nosso interesse e a nossa tarefa são tornar permanente a revolução até que todas as classes mais ou menos possidentes estejam afastadas da dominação, até que o poder de Estado tenha sido conquistado pelo proletariado, que a associação dos proletários, não só num país, mas em todos os países dominantes do mundo inteiro, tenha avançado a tal ponto que tenha cessado a concorrência dos proletários nesses países e que, pelo menos, estejam concentradas nas mãos dos proletários as forças produtivas decisivas. **Para nós não pode tratar-se da transformação da propriedade privada, mas apenas do seu aniquilamento, não pode tratar-se de encobrir oposições de classes mas de suprimir as classes, nem de aperfeiçoar a sociedade existente, mas de fundar uma nova.** Não resta dúvida alguma que a democracia pequeno-burguesa alcançará por um momento a influência preponderante na Alemanha no curso de desenvolvimento da revolução. (MARX e ENGELS, s/d, grifos nossos)

Esse trecho demonstra a situação da luta de classes na Europa, após as derrotas das revoluções de 1848, no entanto, já se firma como uma análise materialista e histórica da forma de organização e luta dos trabalhadores. O programa apresentado é claro: fim da propriedade privada, fim das classes, fundação de uma nova sociedade, e não a democracia pequeno-burguesa. No conjunto do texto podemos derivar uma série de elementos que são universais da estratégia política da classe trabalhadora. Quais sejam:

1. Programa próprio;
2. Organização autônoma e independente, com suporte legal e parte secreta;
3. Deve ser armada;
4. Fundar-se nas próprias forças, o DUPLO-PODER;
5. A revolução é permanente e internacional.

Partindo desses grandes eixos as organizações dos trabalhadores podem construir sua intervenção nas particularidades das formações sociais onde estão situadas. Isso implica uma análise concreta da situação concreta, como diria Lênin e, portanto uma interpretação correta de quais são as contradições fundamentais e secundárias em cada realidade. Aqui inicia o debate acerca do pa-

pel da escola nessas particularidades e também de seu papel no conjunto da formulação estratégica de cada período.

Nesse sentido, existem várias discussões sobre como podemos dirigir o processo de manutenção social ou de mudança social. Nos termos de Saviani:

(...) é possível encarar a escola como uma realidade histórica, isto é, suscetível de ser transformada intencionalmente pela ação humana? (...) é possível articular a escola com os interesses dos dominados? (...) é possível uma teoria da educação que capte criticamente a escola como instrumento capaz de contribuir para a superação da marginalidade?

Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. (SAVIANI, 1989, p. 41 e 42)

Essa alteração no papel da escola está de acordo com a formulação de Gramsci a respeito do Estado moderno em contraposição ao gelatinoso momento da sociedade civil no oriente. Nos termos de Machado ao apresentar a perspectiva da luta pela escola única e seu papel na “formula da hegemonia civil”:

Acompanhando a modificação geral que se processa na estrutura social, tal como exposta por Gramsci, a instituição escolar não deixaria de sofrer alterações importantes, tornando-se também uma questão complexa. Seu papel dentro da guerra de posição é incomparavelmente maior, relativamente ao período da guerra de movimento, quando predominava o elemento militar e o ataque frontal. Para vencer a guerra, a instituição escolar passa a ser um elemento importante, ao lado de outros organismos civis, que passam a constituir 'trincheiras' e fortificações a resguardar e a ampliar posições adquiridas. (MACHADO, 1991, p. 239).

Tumolo vai lembrar as tarefas que Lênin tinha ao pensar e agir na realidade russa e desenvolver concretamente a formula da revolução permanente sob os auspícios da teoria marxiana de revolução sintetizada na Mensagem do comitê central a liga dos comunistas de 1850. E dessa maneira situar a questão da análise concreta de uma situação concreta como método de interpretação do real a fim de apreender sua materialidade em movimento, ou seja, se Gramsci e Lênin estão analisando Estados diferentes em momentos socioeconômicos diferentes, é no mínimo incômodo pensar na aplicação de algumas de suas “fórmulas” em outra formação social particular.

Decorre dessa interpretação a posição de Tumolo de questionar o cabimento da proposta de escola unitária baseada da fórmula da hegemonia civil à realidade Brasileira. No mesmo sentido, Florestan também vê com cuidado essa questão:

Os defensores da escola única integral, igualitária e socialista pregam a difusão da politecnicidade no ensino fundamental comum. O ensino fundamental comum esbarra com a divisão social do trabalho, na forma imperante na sociedade burguesa, e com a divisão em classes sociais nesta sociedade. A “escola única” acaba sendo uma mistificação ideológica. (FERNANDES, 1989, p. 262)

Assim sendo, é necessária uma análise da realidade brasileira para derivar uma estratégia de revolução particular a nossa formação social, também é necessária uma mesma análise quanto à escola. Assim Fernandes vai defender a mudança da orientação pedagógica na escola, “aí a utopia pedagógica só negará e ultrapassará a realidade depois de uma revolução contra a ordem.” (FERNANDES, 1989, p. 263)

Em uma entrevista perguntado sobre uma definição de pedagogia socialista Fernandes responde:

Essa é uma perspectiva que envolve o ideal de que o professor, o estudante e a própria escola operem de acordo com os valores socialistas de concepção de mundo. É por isso que dentro de uma sociedade capitalista podem existir estudantes que defendam uma concepção pedagógica socialista, podem existir movimentos sociais e partidos políticos que defendam uma concepção socialista de educação. **Não obstante, o socialismo, como sistema pedagógico, só pode existir depois da vitória da própria revolução proletária.** Depois da eliminação da desigualdade de classe pode-se pensar no advento de uma sociedade na qual o socialismo seja compartilhado por todos. Só aí poderia haver uma pedagogia socialista como filosofia oficial e geral da organização do sistema educacional. (FERNANDES, 1989, p. 151, grifos nossos)

Florestan é peremptório, para ele só depois da revolução proletária é que pode existir uma pedagogia socialista. Trata-se, portanto, de discutir qual o papel da escola e/ou da educação na construção dessa revolução, qual o papel dos educadores nessa revolução, e assim, qual a contradição fundamental que esses trabalhadores experimentam.

No debate do campo Trabalho e Educação, atualmente há um tensionamento sobre qual é a contradição determinante no meio escolar e, portanto de qual o papel da escola no processo revolucionário. Sem querer resolver a questão, mas apenas apresentá-la, trazemos Saviani:

A noção de politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral. A sociedade moderna, que generaliza as exigências do conhecimento sistematizado, **é marcada por uma contradição**: como se trata de uma sociedade alicerçada na propriedade privada dos meios de produção, a maximização dos recursos produtivos do homem é acionada em benefício da parcela que detém a propriedade dos meios de produção, em detrimento da grande maioria, os trabalhadores, que possuem apenas sua força de trabalho. Na sociedade capitalista, a ciência é incorporada ao trabalho produtivo, convertendo-se em potência material. **O conhecimento se converte em força produtiva e, portanto, em meio de produção**. Assim, a contradição do capitalismo atravessa também a questão relativa ao conhecimento: **se essa sociedade é baseada na propriedade privada dos meios de produção e se a ciência, como conhecimento, é um meio de produção, deveria ser propriedade privada da classe dominante**. (SAVIANI, 2003, p. 137, grifos nossos)

Na hipótese de que o conhecimento é um meio de produção e, portanto a contradição fundamental na sociedade capitalista está na apropriação privada desse meio de produção, tem se constituído muitas interpretações estratégicas no meio educacional identificadas com a luta anti-capitalista. Essencialmente podemos dizer que a citação acima nos leva a entender a contradição entre ciência e propriedade privada como sendo fundamental, ou seja, que na escola onde a socialização desse meio de produção ocorre é o espaço estratégico e fundamental da luta de classes, tendendo diretamente para a luta socialista. No entanto, se prestarmos atenção na indicação de Lênin poderemos ter novos entendimentos:

Os problemas da educação não se esgotam com os da escola; a educação de modo algum se limita a escola. (...) As classes sociais estabelecem relações sociais de produção, cujas contradições educam efetivamente. Lênin lembra o papel desempenhado pelo desenvolvimento capitalista da Rússia na educação das massas trabalhadoras (1977:231). (LENIN apud MACHADO, p. 136).

Essa observação nos leva a questionar a afirmação que diz ser na escola o lugar da luta de classes privilegiado para socializar os meios de produção, e mais do que isso, questiona como en-

tendemos a relação entre educação e escola no interior da contradição entre classes sociais antagônicas. Assim como isso pode servir para a implementação de formas de organização da classe trabalhadora para se autocompreender e assim superar as relações de exploração, de maneira mais gradativa ou por rupturas.

O nome que damos para esse processo de mudança profunda é revolução e as transformações gradativas de reforma. O difícil equacionamento da relação entre esses dois processos de transformação é bastante controverso na seara marxista, levando a múltiplas compreensões da maneira que devem agir os revolucionários. Tumolo nos apresenta a sua compreensão:

Primeiro que a revolução é uma necessidade, e que, por pressupor um processo, guarda uma relação em que ela é o **objetivo estratégico** (fim) e a luta por reformas é o **meio**. Em segundo lugar, há de se destacar um detalhe aparentemente irrelevante: não é a realização mesma das reformas que constitui a tática, mas a **luta por elas**; mesmo porque, sua realização depende do contexto histórico, da correlação de forças e da flexibilidade tática das classes em luta. Por isso, não se pode pensar que a revolução seja o desdobramento de um processo de reformas. Se é verdade que existe uma relação intrínseca e necessária entre reforma e revolução, esta explicitação não é suficiente para se compreender a relação entre estes dois elementos. A revolução só é necessária exatamente porque o capitalismo não pode fazer reformas profundas, não pode eliminar suas contradições internas. (...) Acreditar, portanto, que a revolução é o desdobramento de um processo de reformas do capitalismo é cair na ilusão da tese reformista, é transformar a revolução em conceito ocioso. Se a revolução é o salto de qualidade que ocorre a partir de um acúmulo de quantidades, isso não significa que a revolução seja fruto de um acúmulo de **quantidades de reformas**, mas ao contrário, de um acúmulo de **quantidades de dificuldades e impossibilidades** de realizá-las, ou seja, acúmulo de **agudização de suas contradições internas**. (TUMOLO, 2011, p. 4 e 5)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocado nesses termos até aqui e a grandeza da problemática, não pretendemos resolver nenhuma das polemicas, mas sim somente apresentar novos questionamentos para que possam servir de patamares para a apreensão mais próxima do real e de indicadores para a ação no real dos verdadeiros sujeitos em luta, ou seja, dos trabalhadores. Algumas dessas questões são:

- 1- Se a escola tem um papel na revolução, como isso se materializa nas ações dentro da ordem burguesa? São com escolas proletárias ou com atuação dentro da escola burguesa? É com uma pedagogia própria ou com uma crítica a pedagogia burguesa?
- 2- A politécnica está funcionando hoje na escola liberal? Como a reestruturação produtiva tem tornado “multi/ poli/trans” a relação do trabalho com o saber?
- 3- Como é possível uma ação revolucionária na escola na condição de derrota da estratégia proletária na luta de classes?
- 4- Qual a contradição fundamental da sociedade brasileira no atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas?
- 5- O caráter do Estado capitalista brasileiro ainda é colonial, autocrático ou dependente?

Nos parece que essas questões podem ser apresentadas na discussão do campo trabalho e educação, somente por já trazerem nelas mesmos elementos para suas respostas, que aqui ainda não podemos desenvolver, mas que se coloca como tarefa para pesquisadores e militantes da educação.

Para finalizar gostaríamos de concordar com Suchodolski:

Só a revolução socialista poderá focar de um modo prático o problema da educação do homem para o trabalho e através do trabalho de tal forma que o trabalho não limite o homem, mas que, pelo contrário, o desenvolva em todos os seus aspectos. Só a revolução socialista quebrará as cadeias que impedem o desenvolvimento das forças produtivas. Com ela, pela primeira vez na História, é possível apresentar a questão da educação do homem para o trabalho e pelo trabalho numa esfera humana nova na qual os homens se convertem em produtores independentes e responsáveis, que os liberaria da esfera do cultivo de escravos e da formação de «forças produtivas». (SUSCHODOLSKI, 1976, p. 26).

E nessa concordância queremos reafirmar que só compreendendo a nossa própria realidade com todas as suas singularidades e contradições fundamentais é que poderemos fazer avançar os caminhos para a classe trabalhadora.

Buscar a real identidade na aparente diferença e contradição, e procurar a substancial diversidade sob a aparente identidade é a mais delicada, incompreendida e contudo essencial virtude do crítico das ideias e do historiador do desenvolvimento histórico. (Gramsci, Q 24, parágrafo 3, p. 2268)

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista: categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Omega, 2004. Capítulo XIII. A contradição. A lei da unidade e da luta dos contrários (pp. 286-312).

FERNANDES, Florestan: **Leituras e legados**/apresentação de Maria Arminda do Nascimento Arruda. Introdução a Contribuição á crítica da economia política. São Paulo: Global, 2010.

MACHADO, Lucilia. **Politecnia, Escola Unitária e Trabalho**. 2ª Edição – São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1991.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**, disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1875/gotha/gotha.htm>, acessado em 22 julho de 2013.

POSTONE, M. **Crítica y contradicción**. In: Tiempo, trabajo y dominación social: uma reinterpretação de la teoria crítica de Marx. Madrid: Marcial Pons, 2006.

REIS, Ronaldo R. e RODRIGUES, José. **Nós educadores que amávamos a revolução**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 170-191, 2011. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art13\\_41e.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art13_41e.pdf)

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo, Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, Educação e Saúde**. 2003.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria Marxista da Educação. Volume II**, Lisboa Editora Estampa, 1976.

TUMOLO, Paulo Sergio. **Gramsci, a educação e o Brasil. Notas para uma reflexão crítica**.

\_\_\_\_\_. **A produção em “trabalho e educação”. Esboço para a discussão de suas marcas e de suas perspectivas**. Trabalho & Educação – vol.14, nº 1 – jan / jun – 2005.

## **Sufrimento do trabalhador brasileiro: conjuntura internacional, política pública e o tensionamento político da classe trabalhadora**

Roberto Coelho do Carmo<sup>393</sup>

Desde os anos 1980, o Brasil, como o restante do mundo capitalista, vem passando por um denso processo de mudanças produtivas e organizacionais. Sabemos que essas mudanças não são só materiais ou objetivas, mas repercutem também como subjetivação capitalista, de modo que os trabalhadores inculcam os valores da competição dos processos de trabalho levando à corrosão da percepção de classe que o fordismo periférico virtualmente havia proporcionado. Com esta veia analítica o trabalho proposto busca apresentar resultado de investigação sobre o sofrimento mental no Brasil tendo documentação como fonte dados, esta pesquisa buscou em fontes secundárias contemporâneas de pesquisa científica os alicerces comprobatórios do crescimento dos transtornos mentais relacionados à organização contemporânea do trabalho. Estatísticas oficiais foram utilizadas para a mesma finalidade. De outra maneira, buscaremos esboçar a preocupação de organismos internacionais e nacionais como a Organização Internacional do Trabalho e a Organização Mundial da Saúde e, no Brasil, traremos ao debate as organizações de trabalhadores expressas nas centrais sindicais do país.

### **Introdução**

Desde os anos 1980, o Brasil, como o restante do mundo capitalista, vem passando por um denso processo de mudanças produtivas e organizacionais. Sabemos que essas mudanças não são só materiais ou objetivas, mas repercutem também como subjetivação capitalista, de modo que os trabalhadores inculcam os valores da competição dos processos de trabalho levando, por exemplo, à corrosão da percepção de classe que o fordismo periférico virtualmente havia proporcionado (OLIVEIRA, 2006: 37), sacrificando a percepção de si mesmo no contexto de mudanças.

Para Carmo (2013), no seio destas mudanças esta posto uma crescente do sofrimento mental, identificada pelo autor a sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificul-

---

<sup>393</sup> Programa de Estudos e Pesquisas em Lutas Sociais, Trabalho e Política na Realidade Brasileira (PROLUTA/UFOP). Curso de Serviço Social.



dade de concentração, rebaixamento da auto-estima, ansiedade, sentimento de insatisfação com a vida, dificuldades cognitivas e as dificuldades de relacionamento familiar até queixas somáticas e depressão.

A história da doença de uma população é social e gesta-se nos processos sociais, antes de ter sua expressão sensível no indivíduo. O sofrimento físico, o sofrimento mental e o sofrimento social são indissociáveis, não sendo totalmente esclarecedora a observância de apenas um desses aspectos separados (SELIGMANN-SILVA, 1986). Deste modo, as mudanças econômicas afetam à saúde humana, principalmente no que diz respeito à alimentação, hábitos de vida, condições de trabalho e tensão para responder a determinado comportamento desejado, hegemonicamente.

A partir de uma análise conjuntural contemporânea Carmo (2013) conclui

que um indivíduo mentalmente saudável é aquele cujo potencial de realização do ser está posto ao próprio ser, pelo próprio ser, que é, por essência, social. Distúrbios das características desse ser social seriam o cenário de produção de um transtorno mental. Características da sociabilidade contemporânea, como a crescente individualização, colaboram com a distorção da característica humana de ser social, fortalecendo a personalidade egoica como virtude (CARMO, 2013: 19).

O autor ainda afirma que os sujeitos tendo limitado o raio de previsão teleológica por condições objetivas, podem estar no cenário limite do sofrimento. Isso significa que os sujeitos

[...] vivendo em sociedade onde tenham dificuldade de projetar mentalmente seu futuro de forma positiva podem viver em sofrimento, pois não encontram os elementos materiais hoje, que lhes permitiriam visualizar uma realidade futura onde será possível prover a própria vida e da família; dentro de uma situação se não aceitável para um ser humano, ao menos suportável (Idem).

Como Marx já afirmara na Ideologia Alemã, o sujeito precisa estar em condições de fazer história, o que significa ter suas necessidades básicas atendidas em quantidade e qualidade sufici-

entes. Isto posto, tornou-se fundamental entender a ampliação da instabilidade no sistema capitalista, especificamente após o cenário de mudanças na era flexível e sua relação com o sofrimento.

Com esta veia analítica o trabalho proposto busca apresentar resultado de investigação sobre o sofrimento mental no Brasil tendo documentação como fonte dados, esta pesquisa buscou em fontes secundárias contemporâneas de pesquisa científica os alicerces comprobatórios do crescimento dos transtornos mentais relacionados à organização contemporânea do trabalho. Estatísticas oficiais foram utilizadas para a mesma finalidade. De outra maneira, buscaremos esboçar a preocupação de organismos internacionais e nacionais como a Organização Internacional do Trabalho e a Organização Mundial da Saúde e, no Brasil, traremos ao debate as organizações de trabalhadores expressas nas centrais sindicais do país.

### **Balço sobre sofrimento e mudanças recentes do trabalho**

A motivação desta pesquisa decorre do interesse em entender a crescente adesão a tratamento medicamentoso para sofrimento psíquico e sua possível associação à instabilidade social decorrente trabalho. Em razão disso, investigamos sobre os possíveis estudos nessa direção através da busca de trabalhos acadêmicos na rede mundial de computadores (internet), em bibliotecas e livrarias tradicionais (presenciais). O resultado dessa busca aproximou a pesquisa de dois tipos de estudos: um, que na forma de texto estatístico, relaciona as causas dos transtornos mentais com a qualidade de vida e trabalho; outro, composto de estudos que, por meio da metodologia do estudo de caso, aprecia a situação de categorias profissionais específicas.

Para constituir esse campo de análise da relação saúde mental e trabalho, tomaremos o processo saúde-doença mental como decorrente da “multiplicidade e complexidade na formação e estruturação do ser humano” (ARAÚJO, 2011: 325). E, nesse sentido, evidenciamos na pesquisa que são inúmeras as correntes teóricas que buscam analisar a relação saúde mental e trabalho, sobressaindo, no Brasil, aquelas embasadas na teoria do estresse, as que fundamentam os estudos de psicodinâmica do trabalho e as oriundas das ciências sociais.

A teoria do estresse orientou os estudos pioneiros no Brasil, sendo importante referência no campo da Epidemiologia e da Psicologia. Os estudos baseados na teoria do estresse – seja a interpretação dos resultados seja a proposição de intervenção –, adotam concepções cognitivo-comportamentais, não incorporando na sua argumentação a análise da organização, do ambiente e

dos processos de trabalho. A psicodinâmica do trabalho, centra na abordagem da relação entre a organização do trabalho e o sofrimento mental<sup>394</sup>, privilegiando, enquanto instrumento de coleta de dados, o relato das vivências dos trabalhadores.

Os estudos embasados nas Ciências Sociais buscam compreender que os agravos à saúde mental provêm de perdas causadas pelo desgaste mental. Essas perdas podem ser concretas, simbólicas ou potenciais e, ainda, ser de natureza biológica, psíquica ou social. Para Araújo (2011), a observação desses elementos articulados pode ser profícua às investigações das práticas sociais. Por isso, sugere que apreciemos as duas correntes centrais, uma de orientação epidemiológica e outra de estudos sobre subjetividade e trabalho. Para a corrente inspirada na Epidemiologia que se ocupa dos elementos que constituem o trabalho e estruturam o conteúdo e a forma do adoecimento, faz-se uso de instrumentos padronizados de avaliação e o aporte quantitativo das prevalências lhe é característico. As abordagens qualitativas são privilegiadas nos estudos de subjetividade, que buscam analisar as relações entre saúde mental e trabalho baseado nas experiências dos trabalhadores.

Na exploração desse tema, utilizamos o sítio Google Acadêmico<sup>395</sup>, que se apoia numa ampla base de dados: Medline, Lilacs, Scielo, Ovid, Prodoc, Capes e em sítios das universidades e outros órgãos de pesquisa como o IBGE ou DIEESE. Acrescentando os serviços da Biblioteca da **Rede Sirius (rede de bibliotecas UERJ)** e achados em livrarias. Os termos da busca foram: “saúde mental”+”trabalho”. As aspas sinalizam que a palavra buscada seria tal qual está escrita, sem que o mecanismo de busca dividisse “saúde” de “mental” e o sinal de + significa que só seriam apresentados os resultados que contivessem os dois termos “saúde mental” e “trabalho”. O sistema busca os termos tanto para o assunto/título do livro ou artigo, como no corpo dos textos bem como as obras citadas. O resultado alcançado foi da ordem de 29.000 inserções, nas quais buscamos aleatoriamente por diferentes trabalhos com diferentes correntes e sobre diferentes categorias profissionais, com intenção de apresentar a realidade do problema independente da corrente teórica/metodológica adotada e da categoria profissional sobre a qual incidem os estudos.

Em conjunto, esses trabalhos acadêmicos formam parte significativa das fontes secundária de investigação desta pesquisa que classificamos brevemente a seguir no quadro abaixo.

---

<sup>394</sup> “O sofrimento corresponderia a uma vivência subjetiva intermediária ente a doença e a saúde, sendo experimentado pelo trabalhador, por meio de sentimentos de insatisfação” (ARAÚJO, 2011: 327-8).

<sup>395</sup> <http://scholar.google.com.br>

**Tabela 1 - Quadro informativo das fontes secundárias sobre estudos do trabalho e saúde mental**

| Título  | Autor/  | Núcleo central do estudo / categoria profissional / região   |
|---|---|--|
|   | Corrente Teórica que se aproxima neste trabalho             |  |
| Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns.          | LUDERMIR, Ana Bernarda;<br>MELO FILHO, Djalma A. de.        | Estudo transversal conduzido em 1993 em Olinda/PE. Envolvendo 621 adultos em uma amostra domiciliar aleatória.   |
| <b>Ciências sociais</b><br><b>(subjetividade e trabalho)</b>                                |   |  |
| O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental                                 | SILVA, Maurivan Batista da;<br>VIEIRA, Sarita Brazão        | Estudo qualitativo do tipo exploratório-descritivo realizado entre 2006 e 2007 em João Pessoa/PB. Foram 19 Policiais Militares, sendo sete considerados individualmente e 12 em grupos de discussão. |
| <b>Psicodinâmica do Trabalho</b>  |   |  |
| O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal  | ARGOLO, João Carlos Tenório;<br>ARAÚJO, Maria Arlete Duarte | Estudo quantitativo realizado em Natal/RN. Com amostra de 642 sujeitos, divididos entre trabalhadores empregados e desempregados.  |
| <b>Teoria do estresse</b>   |   |  |
| Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem | ARAÚJO, (et Al.)  | Estudo transversal incluindo 502 enfermeiros de um hospital público de Salvador/BA.  |
| <b>Ciências sociais (epidemiologia)</b>   |   |  |
| O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde                          | GASPARINI, Sandra Maria (et Al.)                            | Pesquisa documental realizada baseada no Relatório da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/2003 sobre afastamento por motivo de doença.  |
| <b>Ciências sociais</b>   |   |  |

---

|  |                                  |   |
|--|----------------------------------|---|
| Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil) | FARIA, Neice MX (et Al.)         | Estudo transversal envolvendo 1.282 da Serra Gaúcha/RS. Foram realizadas entrevistas diretas, a partir da percepção do trabalhador.                         |
|  | <b>Psicodinâmica do Trabalho</b> |   |
|  | <b>Teoria do estresse</b>        |   |
| A inter-relação Trabalho-saúde mental: Um estudo de caso                       | SELIGMANN-SILVA                  | Pesquisa documental e estudo de caso individual. Trata-se do caso de um mecânico industrial do setor siderúrgico que desenvolveu um quadro psicopatológico. |
|  | <b>Ciências sociais</b>          |   |

---

Fonte: elaboração do autor

É preciso que se diga que o sistema de busca utilizado procura por títulos cadastrados em banco de dados abertos à consulta e que possivelmente o volume de estudos existentes seja ainda maior, pois estudos antigos podem não ter sido catalogados nas mais diferentes bibliotecas, bem como algumas entidades, por motivo de segurança, podem preferir manter seus banco de dados fechados para consulta.

Todos os estudos mencionados, tomam por base o quadro de pilhagem do trabalho inerente ao sistema capitalista reiterados nas modificações recentes do capitalismo no Brasil. Apuramos que os estudos que associam sofrimento mental e trabalho são recentes demonstrando possivelmente, que o tema ganha interesse investigativo na contemporaneidade o que talvez sugira recrudescimento da realidade social no tocante ao asseveramento do sofrimento psíquico o que deverá, a médio e curto prazo, mobilizar mais atenção do meio acadêmico, das organizações dos trabalhadores e do poder público. Nas fontes secundárias investigadas na pesquisa fica evidente o impacto das mudanças sobre o trabalhador, que, em resumo, tem provocado o aumento de transtornos e sofrimento psíquico para diferentes categorias profissionais. Diante deste cenário, partiremos para indagação sobre como a questão vem sendo tratada pelos organismos oficiais, internacionais e nacionais.

## **Os organismos internacionais e nacionais e a elevação do sofrimento**

A indagação, nessa parte da pesquisa, era sobre como o problema do aumento do sofrimento (e sua associação com o trabalho) vinha sendo abordado pelo poder público no país e pelos organismos internacionais. Para responder a essa pergunta delimitamos algumas fontes de investigação como documentos e informes desses ajustes institucionais. Vejamos.

Em um denso trabalho publicado em 2001, a Organização Mundial da Saúde se posiciona sobre os problemas relativos ao sofrimento mental e afirma que as incidências de transtornos mentais e comportamentais são cada vez mais comuns, chegando hoje a afetar mais de 25% da população, em dada fase da sua vida. Estes transtornos afetam homens e mulheres de todas as idades e de vários países e sociedades, sejam ricos ou pobres, vivam em área urbana ou rural. Os impactos econômicos destes transtornos sobre as sociedades e sobre o padrão de vida das pessoas e das famílias é inimaginável. A presença dos transtornos mentais e de comportamento é uma realidade possível a qualquer indivíduo, pois, estima-se que aproximadamente 10% da população adulta pode ser acometida por este mal a qualquer momento e cerca de 20% dos pacientes atendidos por profissionais de atenção primária de saúde têm um ou mais transtornos mentais e comportamentais. Além disso, é significativo afirmar a probabilidade de que uma família tenha ao menos um membro com algum distúrbio mental ou de comportamento (OMS, 2001: 17).

Os transtornos aos quais a OMS faz referência são “condições clinicamente significativas caracterizadas por alterações do modo de pensar e do humor (emoções) ou por comportamentos associados com angústia pessoal e/ou deterioração do funcionamento” (2001: 18). Estes assim chamados transtornos mentais e comportamentais, segundo a organização, não são simples variações dentro da escala do “normal”, eles constituem fenômenos claramente anormais ou patológicos.

Para a OMS (2001), não existe um destaque para este ou aquele grupo social no que se refere à prevalência dos transtornos mentais, sendo os mesmos caracteristicamente universais. Menciona em seus documentos, que transtornos mentais e comportamentais podem ser observados em pessoas de todas as regiões, países e sociedades. Para a instituição é um erro acreditar que os distúrbios mentais sejam problemas das áreas industrializadas e relativamente mais ricas, ou ainda que comunidades rurais, não sofrem distúrbios mentais, simplesmente por não serem afetadas pelo ritmo da vida moderna. Ainda que não se possa isolar territórios dos efeitos da mundialização da vida urbana capitalista, os dados da OMS sinalizam a amplitude geográfica do problema.

Um estudo epidemiológico realizado pela OMS em contexto de atenção primária em 14 locais apresentou dados significativos a esse respeito<sup>396</sup>. Embora os resultados tenham apresentado consideráveis variações na prevalência de transtornos mentais nos diferentes locais, pôde-se verificar uma proporção substancial – cerca de 24% dos pacientes – acusando transtorno mental. Os diagnósticos mais recorrentes em contexto de atenção primária são depressão, ansiedade e transtornos do uso de substâncias; todos identificados no campo de estudo sobre sofrimento e presentes isoladamente ou em conjunto com um ou mais transtornos físicos.

Existe uma carga direta de impacto proporcionada pelos transtornos mentais e comportamentais. E estes incidem diretamente sobre os indivíduos, as famílias e as comunidades. Para a OMS (2001), o sofrimento individual não é só por conta dos sintomas inquietadores do distúrbio. Além disso, os indivíduos acometidos com tais transtornos, por vezes, sofrem também por estarem incapacitados de participar plenamente das atividades de trabalho e lazer. Contudo, o estudo não dá conta de quando essa incapacidade provém das relações de trabalho. Existe também a preocupação com o fato de eles não poderem arcar com suas responsabilidades para com a família e os amigos, e o terrível temor de tornar-se um fardo para os outros.

Além desta carga direta, é preciso considerar também as oportunidades perdidas, pois, as famílias que têm um membro sofrendo com um distúrbio mental fazem diversas concessões, ajustes e assumem compromissos que acabam impedindo os outros familiares de atingirem o seu pleno potencial no trabalho, nas relações sociais e no lazer. Esses são alguns dos aspectos humanos do ônus gerado pelos transtornos mentais, e que são de difícil avaliação, embora sejam muito importantes (OMS, 2001).

Todos estes impactos na qualidade da vida não estão limitados somente aos transtornos mentais graves. A OMS (2001) acredita que os transtornos da ansiedade e do pânico também têm expressivo efeito, de maneira especial no que se refere ao funcionamento psicológico.

Sobre estes transtornos mais comuns podemos destacar a depressão, caracterizada “por tristeza, perda de interesse em atividades e diminuição da energia, [...] a perda de confiança e autoestima, o sentimento injustificado de culpa, ideias de morte e suicídio, diminuição da concentração e perturbações do sono e do apetite.” (OMS, 2001: 28). Além destes, podem ser identificados

---

<sup>396</sup> A pesquisa usou diferentes métodos de diagnóstico, quais sejam, “um breve instrumento de triagem, uma entrevista detalhada estruturada e um diagnóstico clínico pelo médico de atenção primária” (OMS, 2001, p.21).

também diversos sintomas somáticos. Este transtorno pode variar em gravidade, desde uma depressão mais branda até uma muito grave, podendo ainda ocorrer de maneira episódica ou na forma crônica e recorrente. Mesmo sendo comuns os sentimentos depressivos, em especial após vivenciar instabilidade na vida, o diagnóstico de transtorno depressivo se dá apenas quando os sintomas atingem certo limite e permanecem por pelo menos duas semanas. O que o trabalho que propomos chama atenção é quando essa instabilidade é proveniente do trabalho e penetra a vida do trabalhador, o que não é percebido pelo estudo da OMS.

O que o organismo que vimos tratando estima é que até 2020, persistindo as atuais tendências da transição demográfica e epidemiológica, a carga da depressão subirá a 5,7% da carga total de doenças, e se tornará a segunda maior causa de Anos de Vida Ajustado por Incapacidade (AVAI)<sup>397</sup>, perdendo apenas para as doenças isquêmicas e cardíacas em ambos os sexos. Será nas regiões desenvolvidas que a depressão terá maior peso na carga de doenças.

A depressão é um mal essencialmente episódico, recorrente. Cada episódio perdura de alguns meses a alguns anos, alternando com um período aparentemente normal. Contudo, em cerca de 20% dos casos de depressão, a doença segue um curso crônico, sem remissão, com destaque para quando não é realizado o tratamento adequado. Um dos desfechos mais trágicos para os distúrbios depressivos é o suicídio.

É bastante difícil, quando não impossível encontrar uma explicação que atenda a diversidade de variações sobre os dados de suicídio<sup>398</sup>. Contudo, para a OMS (2001) a mudança socioeconômica (em qualquer sentido) pode ser apontada como possível fator afluente para um aumento dos índices de suicídio. Mesmo tendo essa afirmativa ampla documentação, é possível observar em várias ocasiões aumentos dos índices de suicídio em períodos onde se gozou de plena estabilidade socioeconômica, da mesma maneira que se têm observado taxas de suicídio estáveis em períodos de grandes transformações socioeconômicas. A partir dessa informação, cabe analisar as

---

<sup>397</sup>

A CGD é um levantamento realizado pela OMS para avaliar a Carga Global de uma Doença. Além de gerar um conjunto abrangente e consistente de estimativas de mortalidade e morbidade por idade, sexo e região, a CGD introduziu também um novo parâmetro de medida, o Ano de Vida Ajustado por Incapacidade (AVAI), que busca quantificar a carga das doenças. O AVAI mede o desnível de saúde, combinando informações sobre o impacto da morte prematura com a incapacidade e outros resultados não fatais. Pode-se considerar como um AVAI um ano perdido de vida “saúdável”, e a carga das doenças como uma medida do desnível entre o *status* de saúde atual e uma situação ideal na qual todos chegam à velhice livres de doenças e deficiências.

<sup>398</sup> Para a OMS (2001) o suicídio é resultado de um ato deliberado, sendo iniciado e levado a cabo por uma pessoa plenamente conhecedora do resultado, carregando expectativa de um resultado fatal.



formas que a instabilidade/estabilidade socioeconômica pode atingir o indivíduo. Da feita que existe uma íntima relação entre estabilidade econômica e estabilização de crescimento da taxa de lucro, devemos ser capazes de perceber que estabilidade econômica pode ser sinônimo de instabilidade social, já que a estabilização do lucro e a conseqüente concentração da riqueza são sinônimo de privação desta riqueza para maior parte da população.

Por fim, dos inúmeros motivos que podem determinar a prevalência, o início e ou evolução do sofrimento, a OMS (2001: 39) destaca: os fatores sociais e econômicos; os fatores demográficos como sexo e idade; as ameaças graves tais como conflitos e desastres; a presença de uma ou mais doenças físicas graves; e, o ambiente familiar.

Das condições socioeconômicas favoráveis ao início e evolução de um transtorno mental tem destaque a pobreza, com todas as condições a ela associadas como o desemprego, o baixo nível de instrução, a privação e ausência de domicílio. Para a OMS (2001), isso não é só uma condição hegemônica em países capitalistas subdesenvolvidos, mas também uma das condições que afeta considerável parcela da população em países centrais e periféricos. Dados desta organização, obtidos com pesquisas transculturais feitas no Brasil, Chile, Índia e Zimbábue, mostram que os transtornos mentais mais recorrentes são até duas vezes mais comuns entre os pobres do que entre os ricos (OMS, 2001: 39). A este fato, chamamos atenção para a intensidade do sentimento de insegurança causado pela instabilidade econômica/política/social nos trabalhadores pobres, muito mais sujeitos às expressões do trabalho precário instável.

As diferenças de gênero não parecem, segundo a OMS (2001), influir na prevalência geral de transtornos mentais e comportamentais. É, contudo, mister para instituição observar que os transtornos da ansiedade e a depressão são mais frequentes no sexo feminino, da mesma maneira que os transtornos decorrentes do uso de substâncias são bem mais frequentes no sexo masculino (OMS, 2001: 41).

Grandes conflitos como as guerras e insurreições civis, bem como os desastres naturais afetam grande número de pessoas e podem resultar também em problemas mentais. A estimativa é que exista em todo o mundo aproximadamente 50 milhões de homens e mulheres refugiadas ou que estão, ao menos, deslocadas internamente dentro de áreas de conflito. Além dos milhões que são afetados por grandes catástrofes naturais como os terremotos, as inundações, os tufões, os furacões, as enchentes, deslizamentos de terra e outras grandes calamidades similares. Todas essas situações afetam pesadamente à saúde mental de todos os afetados, seja direta ou indiretamente,

contudo, a grande maioria dos afetados vive em países subdesenvolvidos, onde a instabilidade política do regime neoliberal limita a capacidade de agir frente a problemas como esses (OMS, 2001: 43-4).

A presença de doenças físicas graves pode também afetar a saúde mental das pessoas, bem como a saúde mental de toda a família. Grande parte dessas doenças físicas que impactam de forma grave, de maneira a ameaçar a vida como os vários tipos de câncer em homens e mulheres, bem como os casos de HIV positivo tem esse efeito (OMS, 2001: 45).

Quanto aos fatores familiares e ambientais, podemos dizer que existe uma ligação visceral entre os transtornos mentais e o ambiente social do indivíduo. São inúmeros os fatores sociais que podem influenciar o início, a progressão e o resultado desses transtornos. Durante a trajetória de vida, as pessoas certamente vivenciam um sem número de eventos significativos, sejam pequenos eventos ou eventos de grande proporção. Sobre estes eventos é importante destacar que eles podem ser desejados, ou desejáveis como uma promoção no trabalho, ou ainda, indesejáveis como o luto, o desemprego ou a descoberta de uma doença grave na família. Contudo, é fato registrado, segundo a OMS (2001) que à incidência de transtornos mentais precede imediatamente um acúmulo de eventos vitais. Entretanto, devemos destacar que mesmo sendo predominante a ocorrência de eventos indesejáveis precedendo ou como fator afluente, a recaída ou início de um transtorno depressivo, uma ocorrência maior de todos os eventos, sejam eles indesejáveis ou desejáveis, pode preceder outros distúrbios mentais. Existem indicadores que apontam que todos os eventos significativos na vida podem atuar como estressores, e, assim sendo, quando ocorrem em rápida sucessão, deixam o indivíduo predisposto a ocorrência de transtornos mentais. Este fenômeno não está limitado apenas a transtornos mentais, já há comprovação também da associação com diversas doenças físicas, como infarto do miocárdio, por exemplo. (OMS, 2001: 45).

Mas as preocupações da OMS não são isoladas. Outro organismo internacional ligado a ONU se ocupa dos modos de adoecimento, particularmente aqueles afetos ao trabalho e, na contemporaneidade, ao novo contexto produtivo e organizacional.

É histórica a preocupação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) com a saúde e segurança no trabalho, desde a sua criação em 1919. Em razão disso, hodiernamente, existem aproximadamente setenta normas internacionais do trabalho (NIT), sob a forma de convenções ou de recomendações aos países, entretanto nenhuma das normas identificadas atende especificamente as demandas de sofrimento mental (OIT, 2007)!

Em 2010, campanha lançada pela OIT sobre o tema Saúde e Segurança no Trabalho considerou os significativos avanços tecnológicos dos processos produtivos vinculados ao processo acelerado de globalização, sublinhando que os efeitos dessa combinação no ambiente de trabalho podem ser tanto negativos como positivos. A partir disso, observa que, por um lado, alguns riscos tradicionais foram minimizados ou eliminados em consequência até mesmo da automatização de vários processos nas plantas produtivas, contudo por outro lado, menciona a entidade, insurgem novos riscos decorrentes dessas novas tecnologias de produção e organização do trabalho.

Segundo Schmidt (2010) esses novos riscos podem decorrer das novas tecnologias e processos de produção como a nanotecnologia e a biotecnologia. Além disso, menciona o autor, as novas condições de trabalho expressas por cargas mais pesadas, intensificação (redução do número de trabalhadores), longas horas de trabalho, necessidade de multiespecialização do trabalhador (polivalência), relações de trabalho pouco seguras (às vezes informais), enfim, instabilidade no trabalho. Inclui ainda as formas emergentes de trabalho baseadas na autonomia, na terceirização, nos contratos temporários e no trabalho de migrantes.

Para a OIT (2000), alguns fatores merecem destaque como desencadeadores dos processos de estresse nos trabalhadores. São eles o controle sobre as responsabilidades, a demanda (exigência) do trabalho, as características pessoais e o apoio social. Geralmente, quanto maior o controle do trabalhador sobre as responsabilidades no trabalho menor o nível de estresse, de outra forma, quanto maiores as exigências do trabalho – sejam com tarefas extras, mais velocidade de trabalho, condições de isolamento, fadiga, monotonia, automonitoria e dor – maiores serão os níveis de estresse.

A OIT também destaca o papel desempenhado pelo apoio social – ou seja, interação social e possibilidade de treinamento e aprendizado – como influência positiva na prevenção ou no controle do estresse no trabalho (SCHMIDT, 2010: 490).

Para o organismo, além do controle sobre o trabalho, os níveis de pressão sobre o trabalho também devem ser considerados. A este respeito menciona um cuidado como extremamente necessário. Quando falamos de pressão sobre o trabalho, ou no caso sobre o trabalhador, somos levados a acreditar em momentos tranquilos, com pouca pressão. Em situações desse porte, menciona a OIT, o ser humano tem tendência a relaxar, o que pode se converter em tédio, frustração e letargia, num longo prazo. Dessa forma, para a entidade, alguma pressão faz parte do trabalho. A questão em cheque para a OIT é o fantasioso equilíbrio: nem excesso, nem escassez.

De qualquer maneira, é fato que o trabalhador não possa render muito para sempre, pois o organismo do ser humano precisa de períodos de descanso depois de submetido a estresse, de forma que possa recuperar seu funcionamento normal. Caso isso não aconteça, estresse acumulado torna-se um alto risco à saúde do trabalhador.

Schmidt apresenta um quadro com os cinco sinais mais comuns de estresse segundo a OIT

- 1) Reações físicas: distúrbios de sono, dores, mudanças de apetite e digestivas, pressão alta, cansaço persistente e exaustão, baixa resistência a resfriados e infecções, disfunção sexual;
- 2) Reações emocionais: sensação de esgotamento, de solidão, sentimento de exclusão, negatividade, cinismo, ansiedade, mania de perseguição, explosões emocionais, depressão ou tristeza crônica, perda do senso de humor, baixa autoestima;
- 3) Reações cognitivas: dificuldade de concentração, pensamento obsessivo, diminuição de tolerância para ambiguidade, pensamento fixo, sensação de ser indispensável, cansaço de pensar, dificuldade de tomar decisões ou estabelecer prioridades;
- 4) Efeitos comportamentais: irritabilidade, mania de culpar os outros, isolamento social, abuso de substância (fumo, álcool, drogas, automedicação), gula, comportamentos arriscados ou negligência com segurança, relutância em começar ou finalizar projetos;
- 5) Reações espirituais: perda de confiança e de objetivo, desilusão, preocupação com o eu, dúvidas sobre sistema de valores ou crenças religiosas, questionamento de áreas maiores na vida, como profissão e estilo de vida (2010: 493).

De forma a sedimentar o conhecimento sobre as possíveis consequências do estresse no ambiente de trabalho, bem como da insegurança no trabalho resumimos, de acordo com Schmidt (2010) o seguinte rol de efeitos: o uso de fumo, de bebida e drogas; perturbações no sono; problemas de nutrição; baixa atividade física (sedentarismo); diminuição de performance (produtividade)

e da qualidade das decisões tomadas; aumento da violência (física e/ou psicológica); prática de relação sexual sem proteção e o conseqüente aumento de doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, para a OIT, os prejuízos de um ambiente de trabalho instável são inúmeros. Para os trabalhadores: a diminuição da saúde e da renda, o aumento de despesas médicas, e possivelmente uma aposentadoria precoce. Para as empresas: aumento de absenteísmo, menor número de horas trabalhadas, perda de produtividade e eficiência, prejuízo com equipamentos estragados, aumento do *turnover* de trabalhadores, aumento de despesas com contratação e formação, processos de indenização, subutilização de plantas produtivas de custo elevado, possível redução na escala econômica, marketing negativo (imagem, reputação) (SCHMIDT, 2010: 494-5).

Pudemos ver na pesquisa que para a OIT os processos que levaram às transformações da organização do trabalho também transformaram os riscos. A instabilidade que toma o mundo do trabalho contemporâneo vem a reboque de tecnologias novas no processo produtivo que por sua vez nos apresentam novas condições de trabalho, mais pesadas e intensas, com longas jornadas e necessidade de multiespecialização (polivalência). As precárias condições dos postos de trabalho informais e a insegurança no trabalho são marcas dessas transformações, que incluem ainda as formas emergentes de trabalho baseadas na autonomia, na terceirização e nos contratos temporários. É neste contexto de precarização do trabalho que precisamos contextualizar a produção do adoecimento mental do trabalhador.

No Brasil a preocupação do Ministério da Saúde está expressa em documentos como a Portaria nº 1.339/GM de 18 de novembro de 1999, que dispõe sobre a listagem de doenças relacionáveis ao trabalho com revisão prevista na Lei 8.080/90 e em material de base técnica publicado em 2001. Neste último, o Ministério da Saúde posiciona-se sobre os problemas de saúde mental e trabalho dizendo que, o trabalho tem importância fundamental na constituição da subjetividade, no modo de vida e, assim sendo, na saúde física e mental das pessoas, pois ele (o trabalho) tem em nossa sociedade um papel mediador de integração social, seja por seu valor econômico (subsistência), seja pelo aspecto cultural (simbólico)<sup>399</sup>. Baseados nisso e no que vimos trabalhamos até aqui, afirmamos que a instabilidade no trabalho pode converter-se em instabilidade psíquica, expressando-se, seja num transtorno mental comum, seja em alcoolismo ou ainda drogadição.

---

<sup>399</sup> Vigora desde 2004 a Política Nacional de Saúde do Trabalhador, de caráter intersetorial, que visa a promoção, reabilitação e vigilância na área de saúde. <[http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id\\_area=928](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=928)>

Baseado nisso, o Ministério afirma que

Em decorrência do lugar de destaque que o trabalho ocupa na vida das pessoas, sendo fonte de garantia de subsistência e de posição social, a falta de trabalho ou mesmo a ameaça de perda do emprego geram sofrimento psíquico, pois ameaçam a subsistência e a vida material do trabalhador e de sua família. Ao mesmo tempo abala o valor subjetivo que a pessoa se atribui, gerando sentimentos de menos-valia, angústia, insegurança, desânimo e desespero, caracterizando quadros ansiosos e depressivos. O atual quadro econômico mundial, em que as condições de insegurança no emprego, subemprego e a segmentação do mercado de trabalho são crescentes, reflete-se em processos internos de reestruturação da produção, enxugamento de quadro de funcionários, incorporação tecnológica, repercutindo sobre a saúde mental dos trabalhadores (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001: 161).

A Portaria nº 777/GM, de 28 de abril de 2004, institui a Rede Sentinela de Notificação Compulsória de Acidentes e Doenças Relacionados ao Trabalho, cuja estrutura conta com centros de Referência em Saúde do Trabalhador; hospitais de referência para o atendimento de urgência e emergência e ou atenção de média e alta complexidade; e serviços de atenção básica e de média complexidade. Além disso, dispõe sobre os procedimentos técnicos para a notificação compulsória de agravos à saúde do trabalhador em rede de serviços sentinela, no Sistema Único de Saúde (SUS) e lista os transtornos mentais relacionados ao trabalho dentre estes transtornos.

Neste mesmo ano, passa a vigorar a Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador, desenvolvida de modo articulado e cooperativo pelos Ministérios do Trabalho, da Previdência Social e da Saúde, de modo a buscar condições que contribuam para a melhor qualidade de vida, para a realização pessoal e social dos trabalhadores e sem que para isso seja prejudicada sua saúde, sua integridade física e mental. Com esse objetivo a Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador realiza ações de promoção, reabilitação e vigilância na área de saúde.

É preciso que se diga que esta Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador está em processo de instrumentalização. Suas diretrizes foram publicadas em 6 de julho de 2005 na Portaria nº 1.125, e, dentre outras coisas prevê: a atenção integral à saúde; a articulação intra e intersetorial; a estruturação da rede de informações em Saúde do Trabalhador; o apoio a estudos e

pesquisas; e, a capacitação de recursos humanos associados à ampla participação da comunidade na gestão dessas ações.

A rede de informações em Saúde do Trabalhador, de que fala a Portaria nº 1.125 de 6 de julho de 2005 só foi regulamentada em 2009 pela Portaria nº 2.728/GM de 11 de novembro, e atende pela insígnia de Renast – Rede Nacional de Atenção à Saúde do Trabalhador. A Renast compõe as estratégias de atenção integral à saúde dos trabalhadores. A composição desta rede é feita por Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (Cerest), que podem ser Estaduais e/ou Regionais, e por um leque de mais de 1.000 serviços sentinela<sup>400</sup> de média e alta complexidade.

Além de compor a Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador, o Instituto Nacional do Seguro Social divulgou em seu anuário estatístico de 2010 que, dentre as aposentadorias concedidas no ano por invalidez, os transtornos mentais e comportamentais – 15.395 em 2009 aumentando para 15.431 em 2010 – ocupam o terceiro lugar, atrás apenas das doenças do sistema osteomolecular e do aparelho circulatório.

A Lei 8.213 de 1991 (posteriormente alterada em 2006 pela Lei 11.430 de 26 de dezembro de 2006) dispõe sobre os planos de Previdência Social pública no país vinculando as possíveis doenças do trabalho às listagens produzidas pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério do Trabalho. Em 1999 o Decreto nº 3048, regulamentador da Previdência Social, dá o reconhecimento do Ministério da Previdência Social a estes agravos à saúde mental e evidencia a complexidade que envolve a avaliação da relação entre o processo saúde/doença e o trabalho. O Decreto nº 6.042, de 12 de fevereiro de 2007, altera o Decreto nº 3048/1999 e dá novo tom do reconhecimento do nexo entre trabalho e a doença do trabalho. A partir deste decreto, o acidente de trabalho caracteriza-se tecnicamente pela perícia médica do INSS, mediante a identificação do nexo entre o trabalho e o agravo. Pelo mesmo Decreto, o nexo entre o trabalho e o agravo considera-se estabelecido quando for possível verificar nexo técnico epidemiológico entre a atividade da empresa e a entidade mórbida motivadora da incapacidade.

Entretanto, mesmo diante do instrumental legal para a verificação deste nexo entre saúde e doença do trabalho, a identificação, no caso de concessão de benefício pelo Instituto Nacional da

---

<sup>400</sup> Compõem a Rede Sentinela unidades de saúde que identificam, investigam e notificam, quando confirmados, os casos de doenças, agravos e/ou acidentes relacionados ao trabalho, informando ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN-NET), conforme Portaria nº 777/GM, de 28 de abril de 2004, já citada no texto.

Previdência Social, por exemplo, é feita por perito médico da instituição que interpreta o caso de doença como relacionada ao trabalho ou não. Isso abre uma grande margem para equívocos tanto a favor do trabalhador, mas o mais grave, contra o trabalhador, possivelmente já fragilizado pelo transtorno.

O Ministério do Trabalho e Emprego vem demonstrando preocupação com o tema através de portarias normatizando o trabalho em algumas categorias como dos operadores de telemarketing – portaria nº 09, de 30 de março de 2007 – e na regularidade com que a temática é colocada em debate em seminários por todo o Brasil, como divulgado em seu sítio na internet ([www.mte.gov.br](http://www.mte.gov.br)).

Evidenciada a complexidade que envolve a avaliação do processo saúde/doença mental e o trabalho, o Ministério do Trabalho, através da Fundacentro, produziu um dossiê intitulado “O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador” que foi publicado em duas partes na Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (RBSO), periódico de frequência semestral, difusor de artigos originais de pesquisas sobre Segurança e Saúde do Trabalhador (SST).

O referido dossiê traz contribuições em formato de artigos acadêmicos problematizando a relação entre saúde mental e trabalho para algumas categorias como: trabalhadores do setor de rochas ornamentais, aqueles que labutam em regime de embarque em plataformas *offshore* ou o operariado tradicional.

De maneira geral, o dossiê expressa um campo de estudos importante sob os auspícios do Ministério do Trabalho. A publicação demonstra que o meio científico, técnico e político relacionado à área do trabalho conhece e lida com a problemática do sofrimento mental decorrente do trabalho. Ou seja, essa não é uma ideia sem sentido na realidade concreta. Ainda que careça de avanços sobre protocolos técnicos que possam medir sistematicamente a relação sofrimento mental e trabalho, os estudos acessados nessa pesquisa apontam a necessidade de aprofundar as práticas investigativas na área. Inclusive para que possa colaborar com as lutas sociais por melhores condições e relações de trabalho.

Nessa direção é que nossa pesquisa buscou conhecer como o movimento sindical lida com o tema. Para isso, as centrais foram catalogadas de acordo com tabela de distribuição das centrais



sindicais oficializadas no Brasil, conforme divulgado pelo Ministério do Trabalho e Emprego<sup>401</sup>. Através das ferramentas de procura destes sítios utilizamos “saúde mental<sup>402</sup>” como o termo da busca, obtendo o seguinte resultado:

- CGTB<sup>403</sup> - Não encontrou nenhum resultado para busca no site;
- CUT<sup>404</sup> - Foram encontrados 11 resultados, dentre os quais figuram muitas notícias sobre o tema, chamadas para simpósios e debates além de uma produção da própria central em forma de entrevista com Rogério Giannini/SinPsi-SP e Kátia Paiva (Coordenadores de Saúde Mental da região de Embu das Artes em São Paulo);
- Força Sindical<sup>405</sup> - Encontramos cinco resultados para a busca. São duas chamadas para o mesmo Seminário debatendo a temática e as outras chamadas não tinham relevância para o tema;
- Conlutas<sup>406</sup> - No site da Conlutas encontramos 43 resultados para a busca, contudo, o grande resultado parece ser fruto de problemas no mecanismo de pesquisa, pois, quando verificado o conteúdo dos resultados, apenas uma inserção fazia referência ao tema, com a replicação de uma notícia divulgada no portal da rede mundial de computadores IG ([www.ig.com.br](http://www.ig.com.br));
- NCST<sup>407</sup> - Este site apresentou 17 resultados. Dentre os que apresentam conteúdo relevante, cinco faziam referência direta ao tema saúde mental e trabalho, com destaque para a matéria de título “Emprego ruim é pior do que desemprego, diz estudo” que afirmava, a partir de resultado de estudos “que ter um emprego ruim, temporário ou mal pago pode fazer tão ou mais mal à saúde mental quanto não ter emprego”<sup>408</sup>, dada a instabilidade de um trabalho precário. Outros resultados destacavam uma ação da Central com campanha contra o crack; e, o debate sobre saúde do trabalhador, que, dentre

---

<sup>401</sup> Atualizada para o dia 20/03/2012, data da sondagem realizada nos sítios das respectivas centrais na rede mundial de computadores. Disponível em: <http://www3.mte.gov.br/sistemas/cnes/relatorios/painel/GraficoFiliadosCS.asp>

<sup>402</sup> O termo Saúde Mental foi utilizado tendo em vista o ineditismo e especificidade deste trabalho sobre a questão do sofrimento. Todavia a relação entre o sofrimento e a saúde mental está posta pelo trabalho.

<sup>403</sup> Central Geral dos Trabalhadores do Brasil <<http://www.cgtb.org.br/>>

<sup>404</sup> Central Única dos Trabalhadores <<http://www.cut.org.br/>>

<sup>405</sup> <<http://www.fsindical.org.br/>>

<sup>406</sup> <<http://cspconlutas.org.br/>>

<sup>407</sup> Nova Central Sindical de Trabalhadores < <http://www.ncst.org.br/>>

<sup>408</sup> <http://www.ncst.org.br/noticias.php?id=12644> (acessado dia 20/03/2012)

outros aspectos, fazia referência à saúde mental. Por fim, encontramos três resultados da busca abordando com centralidade o tema segurança no trabalho e condições de trabalho;

- CGTB<sup>409</sup> - Encontramos cinquenta resultados, mas apenas quatro referenciavam diretamente o tema da saúde mental e desses três diziam respeito à saúde mental e trabalho com duas propostas de debate sobre o tema;
- UGT<sup>410</sup> - Encontramos nove resultados em nossa busca. Todos datados de períodos anteriores a fevereiro de 2010. Dos resultados relevantes, apenas um apresentava referência direta com o tema proposto, apresentando proposições da Organização Internacional do Trabalho para o combate ao Assédio Moral.
- CENASP<sup>411</sup> - Como o site não possui mecanismo de busca, utilizamos o mecanismo de busca externo ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)) para realizar uma busca interna, contudo, não encontramos nenhum resultado.
- CSP Conlutas<sup>412</sup> - Não encontramos nenhum resultado para a busca;
- CBDT<sup>413</sup> - Sobre a CBDT, não encontramos um sítio na internet, nem qualquer documento endereçando esta central, contudo encontramos no sítio da CGTB nota que confirma a unificação recente das duas centrais e explica a ausência de informações na rede.

Além dessa busca genérica do tema, procuramos nos setoriais de saúde do trabalhador das Centrais Sindicais alguma referência à temática em foco neste trabalho, mas em nenhum obtivemos êxito. Diante desse resultado ainda parco de atenção das agendas das centrais, procedemos contato com todos as centrais sindicais referenciadas<sup>414</sup> aqui por meio de carta enviada a cada Central no dia 21 de março de 2012. Entretanto, até a presente data, apenas a CSP Conlutas respondeu, afirmando que o comunicado seria encaminhado ao setorial de saúde do trabalhador e nenhum resultado mais pode ser apurado.

---

<sup>409</sup> Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil <<http://portalctb.org.br/site/>>

<sup>410</sup> União Geral dos Trabalhadores <<http://www.ugt.org.br/>>

<sup>411</sup> Central Nacional Sindical dos Profissionais em Geral <<http://www.cenasp.com.br/>>

<sup>412</sup> <<http://cspbrasil.org.br/>>

<sup>413</sup> Central do Brasil Democrática de Trabalhadores

<sup>414</sup> Exceto a CGTB, pelo motivo já explicitado e pela CUT, cujo site apresentou problemas para se realizar contato

Enfim, o que a pesquisa conseguiu apurar é que o problema dos transtornos mentais tem atingido índices alarmantes e já é possível identificar sua crescente associação ao trabalho. É perceptível a preocupação do poder público brasileiro e dos organismos internacionais com o crescimento desses transtornos e sua vinculação à instabilidade no trabalho ou à qualidade das relações de trabalho. Entretanto esse não é um tema que ocupe as agendas sindicais, a contar pela consulta relatada acima. Isso sugere que as lutas dos trabalhadores ainda não tomam o sofrimento psíquico como objeto de atenção, luta e negociação com o empresariado e poder público. Ainda que haja sensibilidade com o tema, ela não se convertem em dispositivo de politização das práticas recentes de organização do trabalho.

## **CONCLUSÃO**

Ao trabalho por ora proposto foi possível identificar que, dentre as pesquisas analisadas sobre sofrimento mental, reiteravam-se os seguintes fatores: a precarização do trabalho expressa na intensificação laboral e na informalidade; baixos salários aliados a condições de trabalho desfavoráveis; supressão de direitos básicos de cidadania; pressão social, por produtividade no trabalho e baixo suporte social seja familiar, no ambiente de trabalho ou de instituições sociais. A instabilidade de rendimento e emprego é ponto pacífico como partícipe do sentimento de insegurança, na maioria dos estudos.

É clara a preocupação dos organismos nacionais e internacionais diante da constatação do aumento de casos e comprometimento de anos de vida dos portadores de transtornos mentais. A preocupação com os recursos dos serviços de saúde e da previdência não está longe da agenda dos mandatários desses organismos. Ciente da grandeza do problema para o processo produtivo como um todo, são apresentadas normas e regulamentos internacionais e nacionais – Como a publicação do *bureau* internacional do trabalho pela OIT (2007) – para o trabalho, ainda que sejam de difícil percepção sobre o impacto para a resolutividade da questão. Ou se isso seria possível na medida em que as transformações produtivas se sustentam nessa instabilidade, no uso e na reprodução ampliada da força de trabalho. A instabilidade social estaria então, no cerne da contradição na medida em que provoca sofrimento que exige serviços de atenção.

Por outro lado, o debate no seio das organizações dos trabalhadores ainda é insuficiente não convergindo num casamento o debate com ações. Na nossa leitura, é insuficiente para dar conta da grande dimensão do problema.

Ao fim do estudo, deparamo-nos com a tarefa de realizar um necessário balanço para que se possa aferir, concatenados com uma proposta de leitura da sociedade que considere como central o trabalho para o modo de produção vigente, *o que fazer?*

Nesta linha, concordamos com Dal Rosso (2008) acerca da intensificação do trabalho especificamente imaterial e que esta característica do trabalho contemporâneo ocupa sobremaneira a mente do trabalhador durante o tempo de trabalho e, por vezes, até de não-trabalho. Contudo, continuando esse raciocínio do autor, nossa pesquisa evidenciou que resta para os tempos de não-trabalho na cena da instabilidade são medos e incertezas quanto ao futuro.

Acreditamos que o trabalho na contemporaneidade, sob influência das formas de acumulação flexível, justifica como naturais certas transformações na realidade de trabalho e essas, na maioria das vezes, são potencialmente perversas à qualidade de vida do trabalhador. Induzindo adoecimentos e dificultando a terapêutica assistencial por força da desregulamentação de direitos e benefícios sociais. Os agravos à saúde mental impactam tanto o indivíduo quanto a coletividade se apresentando como um desafio clínico, mas, antes de tudo, um desafio aos profissionais de saúde e Serviço Social e, mais especificamente, aos que atuam em Saúde do Trabalhador e Saúde Mental.

Por fim, e pelos motivos acima lançados, observamos que a transformação social não é uma mera possibilidade, mas sim uma necessidade humana que passa pelo reconhecimento de classe e pelo compromisso de classe. Mas, sendo o homem um ser potencial, em constante formação/evolução/revolução potencial de ser é igual ao de não ser. Para que a classe trabalhadora possa operar em sociedade de maneira a romper com a alienação, cabe ao intelectual promover um novo Esclarecimento. Da mesma ordem que foi o Esclarecimento burguês para a Revolução Francesa, mas um Esclarecimento de base crítica ontológica capaz de negar a centralidade do indivíduo isolado, egoísta, em competição com o outro, negando sua condição de existência, o que significa dizer que se faz necessário um novo Esclarecimento socialista.

Não acreditamos em um impulso humano pela servidão, mas sim que as condições sociais que se construíram reproduzem a servidão, pela dominação de classe. A pulsão humana por liberdade, calçada de uma crítica ontológica densa, pode sim caminhar em direção a uma emancipação humana e política real.

## **Referências**

ARAÚJO, T. M. et AL (2003); Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. **Revista de saúde pública**, Ago, vol.37, no.4, p.424-433.

ARAÚJO, Tânia Maria de (2011); Revisão de abordagens teórico-metodológicas sobre Saúde Mental e Trabalho. **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea**. MINAYO GOMES, Carlos (org.). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

ARGOLO, João Carlos Tenório; ARAÚJO, Maria Arlete Duarte (2004); O impacto do desemprego sobre o bem-estar psicológico dos trabalhadores da cidade de Natal. **Revista administração contemporânea**, dez, v.8, n.4, p.161-18

CARMO, Roberto Coelho do (2013); **Por um Fio: o Sofrimento do Trabalhador na Era do Capitalismo Flexível**. Roberto Coelho do Carmo. Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

DAL ROSSO, Sadi (2008); **Mais trabalho!**:A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo.

BRASIL. Decreto nº 3.048, de 06 de maio de 1999. Aprova o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, 7 maio 1999, republicado em 12 de maio de 1999a.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 6.042, de 12 de fevereiro de 2007. Altera o Regulamento da Previdência Social, aprovado pelo Decreto nº 3.048, de 6 de maio de 1999, disciplina a aplicação, acompanhamento e avaliação do Fator Acidentário de Prevenção – FAP e do Nexo Técnico Epidemiológico, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, 13 fev. 2007, republicado em 23 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.430, de 26 de dezembro de 2006. Altera as Leis nº 8.213, de 24 de julho de 1991, e nº 9.796, de 5 de maio de 1999, aumenta o valor dos benefícios da previdência social; e revoga a Medida Provisória nº 316, de 11 de agosto de 2006; dispositivos das Leis nº 8.213, de 24 de julho de 1991, 8.444, de 20 de julho de 1992, e da Medida Provisória nº 2.187-13, de 24 de agosto de 2001; e a Lei nº 10.699, de 9 de julho de 2003. *Diário Oficial [da] União*, 27 fev. 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. *Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.339/GM, de 18 de novembro de 1999, institui a lista de doenças relacionadas ao trabalho, a ser adotada como referência dos agravos originados no pro-

cesso de trabalho no Sistema Único de Saúde, para uso clínico e epidemiológico, constante no Anexo I da Portaria. *Diário Oficial [da] União*, 19 nov. 1999b, seção 1.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Portaria nº 777/GM, de 28 de abril de 2004. Dispõe sobre os procedimentos técnicos para a notificação compulsória de agravos à saúde do trabalhador em rede de serviços sentinela específica, no Sistema Único de Saúde – SUS. *Diário Oficial [da] União*, 29 abril 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº 09, de 30 de março de 2007. Aprova o Anexo II da NR-17 – Trabalho em Teleatendimento/Telemarketing.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde, Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e das outras providências.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde, Portaria nº 1.125/GM de 6 de julho de 2005. Dispõe sobre os propósitos da política de saúde do trabalhador para o SUS.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde, Portaria nº-2.728, de 11 de novembro de 2009. Dispõe sobre a Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST) e dá outras providências.

FARIA, N. M. X. et al (2011); Estudo transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). **Revista de Saúde Pública** [s.n.] :São Paulo, v. 33, n. 4, Aug. 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101999000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101999000400011&lng=en&nrm=iso)> acessado em: 27 Dec.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNCAO, Ada Ávila (2011); O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**. [s.n.] :São Paulo, v. 31, n. 2, Aug. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso)> acessado em: 27 Dec.

LUDERMIR, Ana Bernarda; MELO FILHO, Djalma A de (2012); Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. **Revista de Saúde Pública**. [s.n.] : São Paulo, v. 36, n. 2, Abril 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102002000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000200014&lng=en&nrm=iso)>. acessado em 20 Março 2012.

MARX, Karl (2009); **A ideologia alemã**.1.ed. São Paulo: Expressão Popular.

OLIVEIRA, Francisco de (2010); O Momento Lênin. **Novos estudos - CEBRAP**, [s.n.]:São Paulo, nº75, jul. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em 28 set. 2010.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (2007); **As regras do jogo**: uma breve introdução às normas internacionais do trabalho. Lisboa : Etigrafe.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2001); **Relatório sobre a saúde no mundo**.Saúde Mental: Nova Concepção, Nova Esperança.Genève : OMS.

SCHMIDT, Martha Halfeld Furtado de Mendonça (2010); Trabalho e saúde mental na visão da OIT. In: **Revista do Tribunal regional do trabalho 3ª região**, n.81. [s.n.] :Belo Horizonte.

SELIGMANN-SILVA, Edith (1986); Crise econômica, trabalho e saúde mental. In **Crise trabalho e saúde mental no Brasil**. Edith Seligmann Silva, Maria Helena C. de Figueiredo Steiner, Moacir Carlos da Silva; Camon (Valdemar Augusto Angerani) organizador. São Paulo : Traço, 1986. p.54-132.

\_\_\_\_\_ (1992); A inter-relação trabalho-saúde mental: Um estudo de caso In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo :EAESP/FGV, 1992.

\_\_\_\_\_ (2011); **Trabalho e desgaste mental**: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo :Cortez.

SILVA, Maurivan Batista da; VIEIRA, Sarita Brazão (2008); O Processo de Trabalho do Militar Estadual e a Saúde Mental. In: **Revista Saúde Soc.** v.17, n.4, São Paulo : [s.n.]. p.161-170.

VIEIRA, I. (2010); Conceito(s) de burnout: questões atuais da pesquisa e a contribuição da clínica. In: **Revista brasileira de Saúde Ocupacional**, v.35, n.122, São Paulo : FUNDACENTRO.

## **Violência intrafamiliar do micro ao macrossistema: uma perspectiva bioecológica para pensar a educação**

Rosa Elena Bueno; e-mail: [rosaelbueno@yahoo.com.br](mailto:rosaelbueno@yahoo.com.br); Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Araci Asinelli-Luz; e-mail: [araciasinelli@hotmail.com](mailto:araciasinelli@hotmail.com); Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Adão Aparecido Xavier; e-mail: [adaopolen@ibest.com.br](mailto:adaopolen@ibest.com.br); Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Aline do Rocio Neves; e-mail: [alinedorocioneves@gmail.com](mailto:alinedorocioneves@gmail.com); Pontífca Uni Católica (PUC-PR)

Marlene Schussler D'Aroz; e-mail: [darozmarlene@gmail.com](mailto:darozmarlene@gmail.com); Universidade Federal do Paraná (UFPR)

### **Resumo**

O presente artigo emerge como fruto do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, ofertado pela Secretaria Educação do Estado do Paraná (SEED / PR) Brasil (2013). Elaborou-se um projeto cujo tema inicialmente versou sobre o ensino de “Literatura em Interfaces com Direitos Humanos”. Envolveu alunos do Ensino Médio, bem como comunidade intra e extraescolar, lideranças comunitárias e representantes das instâncias colegiadas. Como metodologia para nortear as discussões, foi utilizado o filme e o romance “Capitães da Areia”, de Jorge Amado (1937), que narra a história dos meninos de rua em Salvador na década de trinta e as estratégias de sobrevivência, dentre outros assuntos como o sincretismo religioso, prostituição, a epidemia da varíola, o comunismo e as diversas manifestações de violências no ambiente intra e extrafamiliar. Os debates sobre violação de Direitos Humanos, desde o micro- ao macrossistema foram delineados a partir do paradigma bioecológico proposto por Bronfrenbrenner (2011). Espera-se sensibilizar sobre a importância de todos e todas se envolverem efetivamente no desenvolvimento (social, cultural, afetivo e cognitivo), de crianças e adolescentes, visando à edificação de subjetividades humanizadas.

### **Introdução**

Esse artigo traz uma abordagem sintetizada fruto da implementação do projeto de intervenção pedagógica elaborado durante a participação em curso de formação continuada pelo Programa de Desenvolvimento Educacional(PDE), ofertado aos professores pertencentes ao Quadro Próprio de Magistério, concursados para atuar na docência da rede pública de ensino no estado do Paraná, 2012. Trata-se de uma proposta de formação continuada para a qual o professor fica um ano afastado 100% das atividades docentes para se dedicar aos estudos, e um ano afastado com 25% da



carga horária para a implementação do projeto e do caderno temático ou pedagógico elaborado durante a participação no PDE. Recebe no final um certificado que referenda 960 horas para promover ao terceiro nível do plano de carreira.

O PDE requer do professor além da elaboração do plano de intervenção, a confecção de um caderno temático ou pedagógico contendo os assuntos propostos e atividades sugeridas para serem trabalhadas com alunos, com equipes multidisciplinares, com instâncias colegiadas, ou com alunos em sala de aula. O professor participa de um processo seletivo para cuja aprovação é necessário ter participado do Grupo de Trabalho em Rede – GTR, outra oferta de formação na modalidade à distância, também são somados os títulos oriundos de certificados que comprovam a participação em cursos na área da educação, bem como o tempo de trabalho docente.

O GTR é ofertado por professor participante do PDE, constitui a possibilidade de aplicar na prática cotidiana as propostas constantes no projeto de intervenção. Ao ser aprovado, o professor participante do PDE fica por um ano 100% afastado das atividades para estudar, e um ano para implementar, verificar resultados, ofertar um GTR com o assunto que propôs na elaboração do projeto de intervenção e produzir um artigo final para publicação. Geralmente, a orientação aos estudos é realizada por um(a) orientador(a) vinculado a Instituição de Ensino Superior (IES).

A proposta que será aqui apresentada se insere no campo da literatura a partir de uma proposta transdisciplinar. A literatura oferece não somente a possibilidade de fazer um trabalho de ensino e aprendizagem articulado às demais áreas de conhecimento, como a filosofia, a sociologia, a história, a arte, a língua estrangeira moderna, mas também às disciplinas das ciências exatas. Também os assuntos presentes em textos literários tais como contos, crônicas, romances, poesia, como em outros gêneros discursivos, podem ser correlacionados aos direitos humanos.

Visando a sensibilizar os educandos para a participação engajada nas discussões propostas, optou-se por utilizar o filme lançado em 2011 por Cecilia Amado, neta de Jorge Amado, intitulado “Capitães da Areia”. O filme faz uma adaptação do romance de mesmo nome, lançado pelo escritor em 1937. Neste período, a literatura está profundamente marcada por uma estética de denúncia social. Os artistas retratam em suas obras a situação de miséria vivenciada por pessoas marginalizadas, que viviam em condições de vulnerabilidade social, de violação a direitos humanos.

A segunda geração do Modernismo Brasileiro, contexto de produção dos “Capitães da Areia”, marca um período no qual o Brasil vivenciava os reflexos da ditadura no cenário internacio-

nal e nacional. Jorge Amado sofreu com a repressão do governo Getúlio Vargas, que não aceitou a publicação do romance. Muitas cópias foram queimadas em praça pública. Em 1937, finalmente é publicada e as histórias de vida dos meninos de rua de Salvador vêm à tona, a partir da ótica das crianças abandonadas. Cada personagem representa um arquétipo humano, traz na aparência física e nos aspectos psicológicos características que ilustram como ocorreu a edificação de suas subjetividades, em constantes interações com o ambiente físico e social, dentro de condições socioeconômicas extremamente desfavoráveis a um desenvolvimento humano bioecologicamente saudável.

O conceito de bioecologia será utilizado para fundamentar melhor o debate sobre a formação humana a partir de reflexões propostas por Bronfrenbrenner (2011). Considera-se assim que o desenvolvimento humano consiste em uma equação cujas variáveis são resultantes do produto entre a pessoa e o ambiente no qual ocorre a interação:  $D=f(PA)$ . Os ambientes podem ser classificados em microssistemas, os quais compreende o contexto imediato onde a pessoa se encontra como o lar, o lar de tios, tias, avós e demais familiares, a casa dos amigos, dos vizinhos, a igreja, a escola, todos os espaços por onde a pessoa transita.

A mediação da pessoa com o meio é considerado o mesossistema. Há outrossim locais nos quais não se transita fisicamente no plano concreto, mas que influenciam na construção mental dos esquemas representativos por meio das interações interpessoais. Assim o local de trabalho dos familiares, dos parentes dos vizinhos, são locais pelos quais não se transita necessariamente, mas ao conversar ou ouvir-se falar sobre, princípios e valores são construídos no plano intrapsíquico, que é interno ao sujeito. Abre-se um campo de imaginação que permite à pessoa em análise construir uma subjetividade edificada a partir do que foi denominado de exossistema.

O microssistema, o mesossistema e o exossistema se inserem em um macrossistema, que constitui um plano maior no qual se insere a cultura de uma nação, a política, a economia, os efeitos históricos e sociais que se refletem nos demais sistemas. Bronfrenbrenner ilustrou o paradigma bioecológico com a metáfora das bonecas russas, a saber:

#### **FIGURA 1 – BONEQUINHAS RUSSAS**

As estruturas concêntricas das bonequinhas permite que uma se encaixe perfeita-



mente na outra, pois são proporcionais em tamanhos e representam o macro-, meso, exo- e microsistema sucessivamente.

FONTE:Disponível

em:

[http://0901.static.prezi.com/preview/sro67pg2yfvwnmo6ja5sjsjuqadw6rhlm5vs2o1l757hbaoaxlq\\_0\\_0.png](http://0901.static.prezi.com/preview/sro67pg2yfvwnmo6ja5sjsjuqadw6rhlm5vs2o1l757hbaoaxlq_0_0.png)

(Acesso em 02 de julho)

O sistema político e cultural de um país se constitui em uma estrutura maior que delinea o percurso da vida dos indivíduos em seu desenvolvimento, tendo em vista os processos proximais com outras pessoas com quem formam as cooperações mentais, operam juntas princípio e valores, uma faz a cabeça da outra para que pense igual. Assim, constroem-se nas relações interpessoais recíprocas muitas parcerias denominadas de díades, influência mútua entre duas pessoas, tríades, entre três pessoas, e tétrades, quando envolve quatro pessoas ou mais.

Perpassa por esses sistemas a influência do cronossistema. O tempo de existência do indivíduo, suas experiências de vida, o tempo das pessoas de convivência que estão ao seu redor e constituem os processos proximais, o período da convivência com essas pessoas e a frequência da interação fazem com que seja co-construídas díades, tríades e tétrades.

A influência dos pensamentos, dos juízos de valores de uma pessoa sobre a outra provoca a bidirecionalidade do desenvolvimento, pois ambas aprendem, reaprendem, significam objetos e símbolos, modos de viver, ressignificam, afetam e são afetadas nestas interações. Ao interagir com o outro, o olhar de aprovação ou reprovação às ideias apresentadas no ato interativo provocam resultados que podem aprimorar a competência para determinadas ações. No entanto, dependendo do que pensa a outra pessoa, de como construiu sua subjetividade, as interações podem contribuir para acentuar os resultados das disfunções, de certas dificuldades preexistentes para lidar com as emoções, com as frustrações e demais sentimentos negativos.

Os resultados da competência ou da disfunção dependem da exposição aos processos proximais, que podem variar ao longo de cinco dimen-

sões: duração do período de contato, frequência do contato ao longo do tempo, interrupção ou estabilidade da exposição, “*timing*” da interação e força do contato. Dessa forma, pode se compreender os resultados evolutivos, em um determinado estágio do desenvolvimento, como uma função conjunta do processo, das características da pessoa, da natureza do ambiente imediato em que vive, da intensidade e da frequência em relação ao período de tempo durante o qual foi exposta ao processo proximal e ao ambiente em que ocorreu. Além disso, há que se considerar os fatores genéticos que são interdependentes de todos os processos e fatores já descritos anteriormente (Bronfrenbrenner; Evans, 2000, *apud*, Narvaz; Koller, 2005: 59).

Após essas reflexões, é possível inferir que se a criança se desenvolve em contextos familiares extremamente violentos, nos quais as pessoas, especialmente as adultas consideradas referenciais como os pais, avós, tios, irmãos mais velhos, em constante desenvolvimento, tenham sido edificadas a partir de parâmetros de violências e violações, as relações intrafamiliares podem contribuir para enfatizar as disfunções da criança ao invés de fortalecer-lhe a competência para o desempenho de habilidades pró-sociais.

Na escola, essas habilidades podem ser construídas a partir do momento em que se considere a construção de laços duradouros entre os profissionais da educação e os estudantes. Trata-se de um microssistema onde precisam ser co-construídas relações proximais que tenham como princípio educativo o diálogo, o respeito mútuo, a reciprocidade. A criança e o adolescente são pessoas em fases peculiares do desenvolvimento humano, estão passando por um processo de transição do ciclo vital que demanda um olhar atento, inclusivo, afetuoso e compromissado com uma formação humana integral e integradora das demandas socioeducacionais contemporâneas.

É oportuno considerar que no campo da psicologia e das ciências jurídicas, parece haver uma concepção consensual de que todas as estratégias possíveis precisam ser adotadas para que se oportunize às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade a permanência na casa onde mora com a família. Quando trata sobre o “papel do psicólogo jurídico na violência intrafamiliar: possíveis articulações”, Sesca (2004) realça a importância de um trabalho socioafetivo que prime pela reestruturação das relações intrafamiliares visando à permanência da criança no lar. Chama a atenção para que os profissionais que atuam com questões envolvendo a violência entre os famili-

ares considere efetivamente a perspectiva interdisciplinar entre psicologia e direito, e fiquem atentos para não se limitar ao texto legal, precisam considerar as causas geradoras dos conflitos, aprofundar-se em investigações psicanalíticas de todos os entes familiares envolvidos, trabalhar em harmonia e numa relação dialógica com representantes do conselho tutelar, da assistência social, do juiz, entre outros profissionais, para que a violência intrafamiliar seja tratada e não punida.

Quando os familiares são chamados para o diálogo com profissionais preparados, atitudes expressas por meio de gestos, expressões faciais, olhares, quaisquer comportamentos que possam ser considerados agressivos, sádicos e violentos, podem se tornar perceptíveis para todos os envolvidos no ato interacional. Nuances de crueldade, situações corriqueiras como brincadeiras de mal gosto, quaisquer manifestações de despreço para com a criança vítima e vitimizada podem vir à tona e passar de situações camufladas, abafadas e silenciadas para se tornarem temas de diálogo franco e aberto no qual sejam desocultadas práticas culturalmente banalizadas de violências e violações.

### ***Violência Intrafamiliar***

Segundo dados do Ministério da Saúde, a violência intrafamiliar atinge parte considerável da população e repercute diretamente na saúde das pessoas a ela submetidas. Portanto, esse tipo de violência deve se considerado um problema de saúde pública, e conseqüentemente um desafio para os administradores do Sistema Único de Saúde (SUS). Espera-se que medidas de enfrentamento sejam promovidas por profissionais de diversas áreas, incluindo mobilização dos setores do governo e da sociedade civil, a fim de potencializar ações e serviços cujo compromisso é contribuir par diminuição dessa problemática (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002, p. 5). A violência intrafamiliar pode ser definida como:

[...] toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consangüinidade, e em relação de poder à outra. O conceito de violência intrafamiliar

não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre mas também as relações em que se constrói e efetua (Ministério da saúde, 2002: 15).

A violência intrafamiliar pode ser considerada como “qualquer tipo de relação de abuso praticado no contexto privado da família contra qualquer um dos seus membros” (BRASIL, 2002, p.10). Muitas vezes, o abuso físico e a negligência às crianças e adolescentes são cometidos, via de regra, por ação ou omissão de pessoas próximas, sendo que o homem adulto parece ser o autor mais frequente de abusos contra meninas e mulheres. Casos de violência explícita são encontrados com frequência em registros oficiais. Isso permite inferir que outras formas de violência parecem ser desconsideradas, por exemplo, a violência psicológica e a violência simbólica expressa veladamente por meio de gestos, expressões faciais, olhares que inferiorizam o outro, desmoralizam, estigmatizam-no e desqualificam sua integridade psicológica, sua dignidade e sua humanidade.

Ações corriqueiras construídas historicamente verificáveis em algumas relações intrafamiliares, conscientes ou inconscientes, muitas vezes silenciadas por parte do agressor e da vítima que passa muitas vezes da condição vítima ou vitimizada para vitimizador(a). Atitudes que contribuem para estigmatizar, excluir e não raro se torna um fenômeno cíclico na medida em que o oprimido acaba por hospedar o opressor. (Re) conhecer-se na situação de agressor ou agredido é um grande passo para libertar-se da condição de opressão e da reprodução deste ciclo que tende a autoamplificar as manifestações de violência.

Esse seria o exercício necessário a ser aprendido para cessar o processo de desumanização. Eis a proposta de uma pedagogia humanista e libertadora feita por Freire (1987), para a qual são apresentados dois momentos reflexivos de uma ação metacognitiva que pode vir a se tornar uma prática libertadora. “ O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transforma a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (Freire, 1987: 41).

A violência intrafamiliar analisada sob o prisma da retroalimentação e da recursividade como passível de reprodução por parte dos violentados pode ser manifestada de diversas formas ocultas ou explicitadas, tais como os maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais, econômicos ou patrimoniais, causando danos à saúde e ao desenvolvimento saudável. Se não existirem recursos

para proteger a vítima, ela continuará exposta à situação de violência que possivelmente poderá representar um obstáculo para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Segundo D'Aroz (2008), “a família contemporânea tem criado formas particulares de organização, não mais se limitando à família nuclear (pai, mãe e filhos dos mesmos pais), mas a uma forma distinta e decorrente dos tempos modernos” (2008, p.19). A partir do surgimento de novas configurações familiares, a família se tornou um campo de investigação e observação do desenvolvimento humano, onde se consolidam os primeiros laços afetivos que contribuem para o desenvolvimento dos valores civilizatórios morais e éticos construtores da identidade subjetiva e delineadores do potencial para o exercício do livre arbítrio. Pensar a falta de tolerância que ocorre entre os entes familiares requer uma análise sobre a complexidade imbricada nesse novo redeseñho da estrutura familiar desses tempos, tempos de respeito à diversidade sexual, à equidade de gêneros, às diferentes orientações sexuais, aos direitos humanos.

De todas as formas de violência, a mais perversa e cruel são as violências contra à infância e à juventude, pois na condição de anomia<sup>415</sup> ou heteronomia<sup>416</sup>, não há saída para pessoas tão vulneráveis e indefesas, que acabam ficando a mercê do poder coercitivo de uma pessoa mais velha, ou de um adulto presente no contexto familiar, na vizinhança, na escola, na igreja, em alguns dos microssistemas nos quais interage. Num sentido mais amplo, pode-se inferir que:

A violência intrafamiliar difere da violência doméstica, da violência contra a mulher e da violência contra crianças e adolescentes. Neste último caso, é caracterizada pelo abuso do poder disciplinar e coercitivo de pais ou responsáveis, que muitas vezes se prolonga ao longo de meses e anos, sendo uma violação dos direitos essenciais da criança e do adolescente em sua condição de humanidade”(Rizzini, 2006, (*apud* D’Aroz, 2012).

---

<sup>415</sup> Com relação à moralidade, observa-se a vigência da anomia (ausência de regras e normas) na etapa sensório-motora. Há dificuldade de reconhecer normas e regras externas e elas também não estão construídas internamente pelo bebê. Na anomia a criança não reconhece regras exteriores a ela, a não ser as suas próprias e isto está muito distante da autonomia. Regida pela anomia, a criança é guiada por desejos e impulsos que se seguem sem uma lógica.(STOLTZ, p. 19)

<sup>416</sup> “A coação é a moral do dever puro e da heteronomia: a criança aceita do adulto um certo número de ordens às quais devem submeter-se, quaisquer que seja as circunstâncias” (1965/1973: 288)

Quando os responsáveis se ausentam de casa para obter o sustento do grupo familiar, podem ocorrer consciente ou inconscientemente situações de negligência com relação ao desenvolvimento humano de crianças, adolescentes e jovens, cujos principais tipos de privação vão além das condições materiais. Nesse contexto, os pais não têm mais tempo para reforçar os laços afetivos com seus filhos e fazer valer o ideal da convivência familiar obrigatória prevista na legislação vigente. “Uma criança amada terá mais chances de atingir um desenvolvimento cognitivo, emocional pleno e saudável” (Zagury, 1996: 31).

O meio externo às interações sociais, ainda que não vivenciado diretamente, pode, por meio da convivência, influenciar o desenvolvimento psíquico e biológico das crianças e adolescentes em formação. A teoria de Bronfenbrenner nos ajuda a perceber como os diferentes contextos habitados pelos seres humanos podem ser determinantes para o desenvolvimento de todas as pessoas em interação nesses ambientes. A teoria da ecologia propõe observações e investigações da “acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos” (Bronfenbrenner, 2011: 18).

Todos os sistemas atuam direta e indiretamente na relação das crianças e adolescentes com os ambientes em que transitam (macrossistema/mesossistema/exossistema/microssistemas). Esses sistemas externos ao indivíduo, seus símbolos e signos culturais vão passando do plano inter-psíquico para o intra-psíquico dos sujeitos em convivência, dentro de um determinado período de tempo. O cronossistema pode ser considerado a partir do micro-tempo, referente à frequência contínua ou descontínua dos episódios que ocorrem por influência recebida das pessoas em interação no contexto imediato, que contribuem para o desenvolvimento dos processos proximais interativos. O mesotempo, que consiste em verificar o período em que os eventos ocorrem e o macro-tempo, no qual se considera os eventos históricos, sociais e culturais durante o ciclo vital. (Bronfenbrenner e Morris, 1998: 26).

Essas reflexões apontadas até o momento contribuíram para delinear o método para a implementação do projeto de intervenção pedagógica desenvolvido durante a participação no PDE. A escola que contribuiu para esses estudos se situa em uma localidade extremamente marcada por situações de violências manifestadas em suas diversas facetas tais como a violência física, psico-



lógica, simbólica, doméstica, intra e extrafamiliar, intra e extraescolar, que ocorrem cotidianamente e atingem diretamente os processos de ensino e de aprendizagem, de desenvolvimento humano de profissionais da educação, da rede de proteção, de pais de alunos, de membros da comunidade inserida no contexto onde se situa a instituição coparticipante.

### ***Método***

Como forma de motivar os alunos para a leitura do romance “Capitães da Areia”, foi utilizado o filme homônimo lançado recentemente<sup>417</sup>. Na sala de vídeo, os estudantes assistiram ao filme e debateram situações que permitiram chegar-se a alguns temas para serem discutidos nas disciplinas de outros professores. Na sequência, foram convidados a ler o romance no laboratório de informática, tendo em vista que a escola não dispunha de recursos para adquirir em número o suficiente um livro por aluno, ainda que fosse proposta a leitura em duplas.

Após assistir-s ao filme e realização da leitura do romance, os estudantes foram convidados a participar de um debate para verificar a percepção dos participantes com relação à violências e violações sofridas pelas crianças e adolescentes no filme e no romance, no contexto intra e extrafamiliar, bem como comparar a linguagem cinematográfica e o texto escrito da obra literária.

Vários assuntos presente nas histórias dos meninos de rua de Salvador demandaram a necessidade de recorrer-se a professores de outras disciplinas para propor um trabalho articulado entre as disciplinas. Também se considerou oportuno convidar para participar da implementação deste projeto representantes das equipes multidisciplinares, pois as diversas manifestações de violência, ressaltou-se a simbólica, somados ao hibridismo cultural presente no romance, suscitaram a necessidade de trabalhar questões referentes à cultura africana e afro-brasileira, indígena, dentre outros temas melhor explicitados nos resultados e discussões.

---

<sup>417</sup> Gênero: Drama / Direção: Cecília Amado / Roteiro: Cecília Amado / Elenco: Ana Graciela Conceição, Elielson Santos da Conceição, Evaldo Maurício Silva, Gabriel Conceição, Heder Jesus dos Santos, Israel Gouveia de Souza, Jamaclei Conceição Pinho, Jean Luis Amorim, Jordan Mateus, Paulo Abade, Robério Lima / Produção: Bruno troppiana, Donald Ranvaud / Fotografia: Guy Gonçalves / Trilha Sonora: Carlinhos Brown.

O Caderno Pedagógico elaborado para nortear as reflexões propostas trouxe sugestões de encaminhamentos teórico metodológicos para a literatura em interfaces com os direitos humanos. Trata-se de um material didático-pedagógico elaborado a partir da verificação sobre a necessidade de inserir multidisciplinarmente o debate dos Direitos Humanos no currículo. Propõe a professores de Literatura que atuam no Ensino Médio uma articulação com os colegas de Matemática, Filosofia, Biologia, Arte, Coordenadores da Rádio Escola e do Jornal Escolar do Programa Mais Educação, à Equipe Multidisciplinar, Instâncias Colegiadas, uma intervenção pedagógica na comunidade local.

A partir de “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, são sugeridas algumas atividades envolvendo o uso de recursos midiáticos como a TV Pendrive e Laboratório de Informática. São apresentadas propostas de um trabalho com temas tais como “Violências e Violações”, “Liberdade e Ética”, “Varíola”, “HIV” e “H1N”, “Estatística” e uma análise do quadro “Os Retirantes”, de Cândido Portinari. Propicia também reflexões sobre gêneros do discurso e aspectos sociolinguísticos. Procurou abranger a comunidade local, sugeriu que a Equipe Multidisciplinar acionasse as instâncias colegiadas para verificar recursos e estratégias de atrair pais e responsáveis para assistirem à apresentação dos alunos sobre a temática da violação de direitos e a importância de cada ação individual no plano coletivo.

O Grupo de Trabalho em Rede – GTR é um oferta de formação continuada para professores da rede pública de ensino no estado do Paraná. Trata-se de um ramificação do Programa de Desenvolvimento Educacional/PDE, no qual os professores participantes têm acesso à leitura e discussão do Projeto de Intervenção Pedagógica, do caderno temático pedagógico elaborado pelo professor PDE em parceria com um orientador da Instituição de Ensino Superior IES ao qual ele está vinculado. O tema do GTR proposto versou sobre a literatura em interface com direitos humanos, numa perspectiva multidisciplinar. Os professores participantes também implementaram o projeto de intervenção pedagógica em sala de aula, bem como o caderno pedagógico, debateram os resultados com demais participantes. Propuseram alterações, contribuíram com outras propostas de atividades, enriqueceram as reflexões propostas.

Por fim, elaborou-se um artigo final contendo os resultados da implementação do projeto, do caderno pedagógico e do GTR. Dentre os objetivos, pretendeu-se propor um trabalho não somente transdisciplinar com a literatura, mas também que tivesse como objetivo a articulação com o debate sobre Direitos Humanos, das violências que levam as vítimas a se tornarem vitimizadas.

Dentre os resultados destaca-se a promoção da sensibilidade para perceber práticas de violações e violências. Começaram a frequentar o Fórum de Combate à Violência Alexandre de Lima Moraes. Juntamente com representantes da rede de proteção, debateram questões como a falta de segurança, as inúmeras causas geradoras das violências, falta de vagas em creches e escolas, facilidade de acesso a drogas e armas, precarização da educação... As reflexões foram fundamentadas pelo paradigma da complexidade e bioecológico do desenvolvimento humano. Cabe ressaltar das conclusões a importância da ação transformadora que cada um tem de se empoderar como sujeito autobiográfico, capaz de escrever a história individual e social, de militar ativamente na promoção de políticas públicas voltadas para assegurar direitos cotidianamente violados.

### ***Resultados e discussão***

Alguns assuntos oriundos dos debates se referem a aspectos concernentes às religiões de matriz africana, ao uso e abuso de drogas; às motivações para o furto e o roubo como a fome, o desemprego, a falta de oportunidades referentes à escolarização e ao mercado de trabalho, ao tempo da ociosidade na infância e na juventude, a falta de atividades pedagogicamente orientadas, de áreas de lazer como parques, pistas de skate, cinema, dentre outros como programas desportivos culturais na comunidade.

Os resultados obtidos a partir da implementação do projeto sobre literatura e direitos humanos suscitaram aprofundar-se em conteúdos predominantes em outras áreas específicas. Destaca-se a política autoritária e ditatorial desenvolvida no “Estado Novo”, período da produção do romance “Capitães da Areia”, publicado em 1937, o governo repressor de Getúlio Vargas, os efeitos do Código de Menores na vida das crianças pobres e órfãs, consideradas em situação irregular, as condições sub-humanas vivenciadas no Reformatório. Os avanços obtidos nas ciências jurídicas com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA/1990, os reflexos da doutrina da proteção integral nos atuais Centros de Socioeducação – CENSE. Demais assuntos versaram sobre os elementos químicos das drogas no organismo, a importância da força das interações humanas e do apoio dos familiares para a superação da dependência. Outros assuntos versaram sobre a discussão da estética presente em algumas obras de Cândido Portinari e gráficos estatísticos do IBGE que revelam os índices de mortalidade juvenil.

O filme “Capitães da Areia” oportunizou também discussões sobre o sincretismo religioso presente no romance, os símbolos do candomblé, dos ícones que compõem o ritmo sonoro e as

motivações religiosas da matriz africana. A história dos meninos de rua de Salvador na década de trinta vai sendo revelada ao telespectador por meio de vários personagens que ilustram arquétipos humanos edificados dentro de determinados contextos geográficos, históricos, socioculturais. Cada personagem ilustra a situação de milhares de outras crianças e adolescentes no Brasil que vivenciaram a situação do abandono familiar, do município, do Estado, da União. Cabe enfatizar que as violações de direitos no panorama do macrossistema nacional repercutem na vida individual de cada capitão da areia. Esse debate permitiu elucidar situações de violações de direitos dentro dos contextos nos quais cada um dos personagens erigiu sua subjetividade.

Para exemplificar, o personagem Pedro Bala, líder do grupo, representa uma criança abandonada devido à perda do pai, aos cinco anos de idade. A mãe não é mencionada, mas do pai morto pelos policiais em um dos movimentos de greve que liderava, o garoto fica sabendo através das histórias que ouvia de um colega de luta por direitos trabalhistas as trabalhadores do cais de Salvador, o João de Adão. O Exossistema enquanto um espaço pelo qual a criança não transita mas que influencia na construção das representações mentais parece ser determinante para delinear a trajetória de vida de Pedro Bala. Críticos comentam que as ideias comunistas do escritor bahiano Jorge Amado se presentificam nas ações de seus personagens, em especial de Pedro Bala. Ele que lidera o grupo de mais de cem meninos de rua nos anos trinta, ensinando e aprendendo estratégias de sobrevivência.

O envolvimento dos participantes teve repercussões não previstas na elaboração do projeto. Engajaram-se tanto na militância por Direitos e no exercício da cidadania que começaram a frequentar o Fórum de Combate à Violência, articularam o debate sobre a falta de segurança no município com autoridades presentes no Fórum tais como representantes do Conselho Tutelar, da Patrulha Escolar, Vereadores, professores que atuam no Núcleo da AMNorte, dentre outras autoridades com as quais tiveram a oportunidade de conhecer as atribuições de cada segmento cuja atuação é imprescindível para a promoção de políticas públicas voltadas para assegurar direitos cotidianamente violados.

A implementação do projeto aguçou nos participantes a percepção sobre formas de violações dos direitos assegurados em diversos documentos como a Constituição Federal/1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente/1990, dentre outros. Em um dos debates a respeito de como os capitães da areia não tinham por parte do Estado uma proteção que lhes assegurasse condições de um desenvolvimento humano saudável, uma aluna do terceiro ano modifica o olhar para como julgava o irmão mais novo, assassinado por estar envolvido com o uso da maconha.

Quando foram debatidas questões como a falta de vagas em creches e pré-escolas, de acesso a programas desportivos e culturais para a infância e a juventude no município, ela desabafou: *Professora, talvez então meu irmão não fosse tão 'tralha' como nós da família pensamos que fosse. Minha mãe não conseguiu vaga na creche pra ele. Então eu e ela saía pro serviço, ele ficava na rua sem ter o que fazer. Quando começou a fumar maconha, o diretor expulsou dizendo que uma batata podre apodrece as demais. Aí ele ficava a tarde inteirinha sem ter o que fazer. Começou a fumar mais maconha ainda e a usar outras drogas. Como não tinha dinheiro para comprar e sustentar o próprio vício, começou a vender. Não durou seis meses. A gente piscou o olho e quando vimos ele já tava morto com tiro.*

A negligência por parte dos familiares, a omissão por parte dos profissionais da escola, a falta de instrumentalização aos profissionais que atuam no conselho tutelar, em algumas ações da patrulha escolar e da polícia militar foram alguns elementos considerados importantes para se pensar as formas de exclusão e de falta de proteção. A inacessibilidade ao sistema de garantia de direitos contribui para aumentar os fatores de risco e fragilizar a situação de vida das crianças e adolescentes que vivem em condições de vulnerabilidade.

Verifica-se especialmente nas regiões metropolitanas microsistemas nos quais a relação da criança e do adolescente com o mesossistema está intrínseca e extrinsecamente marcada pela falta do diálogo na mediação dos conflitos, pela convivência entre pares que vivem em condições de alto risco pessoal e social, pela presença das drogas, de armas brancas e armas de fogo, e o que pode ser considerado ainda mais grave: há várias ocorrências em que as pessoas por eles respeitadas e amadas estão extremamente vulneráveis, têm comprometimento com a toxicomania, não têm acesso à clínicas de recuperação ou à tratamento terapêutico e, muitas vezes, há o envolvimento por parte de familiares com o comércio ilícito de entorpecentes.

Uma compreensão com maior profundidade em torno de temas de demanda contínua requer que tenha sido oportunizada aos profissionais da educação a formação necessária para a compreensão dos fenômenos necessários para trabalharem na perspectiva transdisciplinar, com vistas à edificação de uma subjetividade preparada para o exercício da cidadania plena. Em reflexões sobre formação continuada e a importância dessa oferta em cursos de extensão, Asinelli-Luz (2008) considera que:

A extensão, portanto, é um braço importante da universidade na comunidade, numa dinâmica de ir e vir de saberes, num diálogo permanente entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Reconhecer a extensão como fonte de conhecimento oportuniza a professores, estudantes, pesquisadores/as e comunidade interagirem, propiciando que todos/as sejamos, efetivamente, autores e protagonistas de uma nova construção social, mais solidária, ética e cidadã (Asinelli-luz, 2008: 95).

Os cursos de extensão universitária e de formação continuada precisam ter a oferta ampliada para atender às necessidades socioeducacionais dos profissionais que atuam na rede de proteção, para conselheiros tutelares, professores, pedagogos, membros de equipe diretiva das escolas, profissionais dos conselhos tutelares, da Patrulha Escolar, dos centros de apoio psicossocial/CAPS, dos centros de referência à assistência social/CRAS, dos centros de referência especializada à assistência social/CREAS. Esses atores sociais presentes nos diversos microssistemas podem atuar como protagonistas da disseminação de estratégias de prevenção e redução de danos.

A formação deve fortalecer o protagonismo para que profissionais e atores sociais aprendam como mediar conflitos assertivamente e orientar especialmente crianças e adolescente que sofrem cotidianamente práticas de violências. Ao conviverem com pessoas que também estão em situação de risco, as histórias compartilhadas no ato da interação verbal, nas trocas de narrativas, vão constituindo o universo de representações mentais de todos os presentes em um determinado ambiente.

O exossistema, os objetos e símbolos que estão nos espaços onde a pessoa em desenvolvimento não pisou, não interagiu, chega ao processo reflexivo por meio das narrativas de outrem, da mídia radiofônica, televisiva, multimidiática. Desencadeia a imaginação, os julgamentos de valores, a criatividade. O pensamento é influenciável, especialmente se as maturações psicológicas do indivíduo o colocam numa fase mais voltada para a heteronomia do que para a autonomia.

A violência sexual, debatida a partir da atuação da personagem Dalva como prostituta no romance e no filme, permite um trabalho profícuo com a temática do papel da mulher na sociedade, da precocidade com que meninas começam suas atividades sexuais sem proteção, de métodos contraceptivos, da negligência e omissão por parte da família, das necessidades de insumos básicos para a sobrevivência que leva algumas para a exploração sexual, para o aliciamento, ou para a

exploração do trabalho infantil. Outras violências discutidas se referem à pedofilia, que começa muitas vezes a partir das relações intrafamiliares, do estupro de vulneráveis, como fatores que podem desencadear psicopatologias por vezes irreversíveis além de doenças sexualmente transmissíveis.

As diversas manifestações de violência vieram à tona a partir da implementação do projeto de intervenção pedagógica. As definições de algumas categorias de violência e as punições previstas na legislação vigente correspondente foram trabalhadas. Destacam-se as mais citadas no contexto intrafamiliar a violência física, a violência psicológica e a violência simbólica. A lei 11.340/2003, inaugurada com o título “Maria da Penha” (2003), constitui-se num dispositivo legal de extrema importância para ser amplamente discutido em sala de aula.

Há vídeos disponíveis em sites gratuitos contendo como surgiu a lei, a história de vida de Maria da Penha, sua luta para acabar com a impunidade ao seu agressor. Uma luta que precisa ser disseminada aos educandos visando à promoção de uma cultura sem violência contra a mulher. A naturalização do fenômeno das agressões físicas e verbais, das humilhações que ocorrem nos relacionamentos conjugais, precisa se tornar tema de reflexão e sensibilização em sala de aula. O sociólogo Waiselfisz traz informações precisas que revelam o Mapa da Violência 2013. Aponta que “de 2001 a 2011, o índice de mulheres jovens assassinadas foi superior ao do restante da população feminina. Em 2011, a taxa de homicídios entre mulheres com idades entre 15 e 24 anos foi de 7,1 mortes para cada 100 mil, enquanto a média para as não jovens foi de 4,1”. (Waiselfisz, 2013: 05)<sup>418</sup>.

Além das agressões físicas, outra violência que muitas vezes não se percebe é a violência psicológica. As características que constituem a violência psicológica precisam ser aprofundadas, pois geralmente se percebe uma preocupação maior com a violência física que pode ser vista, porém a psicológica pode ser ainda mais perversa por ficar na maioria das vezes oculta, invisível e camuflada. Nas relações interfamiliares, muitas vezes crianças e adolescentes são frequentemente agredidos por meio de palavrões, gestos e expressões ofensivas que “menosprezam a presença e as características da criança e/ou do adolescente. Estas atitudes são consideradas fatores de risco que comprometem o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes” (Precoma, 2011, p.17).

---

<sup>418</sup> Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/mapa-da-violencia-2013-aponta-que-mulheres-jovens-foram-principais-vitimas-de-homicidios/> (Acesso em 08 de outubro de 2014).

Superar a cultura da violência historicamente construída no macrosistema brasileiro requer informação e formação. A escola formal é um microsistema privilegiado para fomentar a disseminação de conceitos que desocultem práticas camufladas ou explicitadas de quaisquer atitudes que configurem em agressão física, psicológica, simbólica e inferiorizem o outro. As violências que ocorrem no ambiente familiar, nas instituições de ensino, nos diversos espaços de relações interpessoais, podem ser trabalhadas em todas as disciplinas de tradição curricular a partir de temas que envolvam conteúdos presentes nos programas curriculares de forma transdisciplinar. Ações docentes podem ser mais significativas quando elaboradas pelo coletivo de professores, pedagogos, gestores, assistentes, enfim, por representantes das instâncias colegiadas tais como os membros da Associação de Pais, Mestres e Funcionários/APMFs, do Conselho Escolar, do Grêmio Estudantil, das Equipes Multidisciplinares.

Neste sentido, importa ressaltar a importância em se desenvolver ações no âmbito escolar que demonstrem a gestão do cuidado para com a formação humana integral e saudável, que revelem gestos virtuosos nos quais o altruísmo se sobreponha ao egoísmo e uma concepção de coletividade e pró-sociabilidade se sobreponham ao egocentrismo. Uma ação educativa engajada com a função social da escola deve ser norteadada por princípios que revelem a preocupação em desenvolver em si e no outro habilidades empáticas, o sentimento planetário de que todos e todas são co-habitantes do mesmo planeta e precisam cuidar das relações humanas que se entretecem nos diversos contextos bioecológicos.

Este artigo apresentou uma experiência oriunda a partir da participação no PDE cujos reflexos nas ações docentes continuam. Propôs um trabalho articulado entre diferentes disciplinas a partir do debate entre literatura e direitos humanos. No ato da implementação do projeto de intervenção pedagógica, do caderno pedagógico, e das reflexões surgidas a partir das discussões realizadas no GTR, vários temas que enriqueceram as ideias iniciais apresentadas no projeto foram aparecendo. Dentre os assuntos considerados relevantes pelos alunos e profissionais da educação participantes, as violências intra e extrafamiliares, que vão do micro- ao macrosistema, constituem-se em temas de demanda contínua e vêm ao encontro das necessidades socioeducacionais de todas as pessoas envolvidas com o ato formativo.

Faz-se necessário pensar em projetos políticos e pedagógicos elaborados pelo coletivo da comunidade onde a escola está inserida, que tenham dentre os objetivos intensificar as discussões propostas ao longo das reflexões presentes neste artigo. Articular encontros com pais e familiares dos educandos, com profissionais da rede de proteção, Conselho Tutelar, CRAS, CAPS, CREAS,



Patrulha Escolar, lideranças religiosas e comunitárias, demais autoridades e atores sociais, para debater assuntos referentes a violências, violações, direitos humanos.

Discutir sobre a capacidade autobiográfica que cada um tem para a transformação, para o exercício de ações assertivas<sup>419</sup> de respeito, solidariedade, altruísmo, empatia, sinergia, envolvimento com o desenvolvimento humano. Levá-los a perceber nuances de negligência, diferentes tipos de agressões prejudiciais à formação humana, bem como a importância de intervir positivamente nas relações interpessoais que ocorrem nos diversos ambientes e afetam bidirecionalmente a edificação das subjetividades de todas as pessoas envolvidas nos diversos contextos bioecológicos.

### **Referências:**

AMADO, Jorge (1937); *Capitães da Areia*, Rio de Janeiro: Record.

ASINELLI-LUZ, Araci.; PERES, Emerson Luiz (1997); “Reflexões sobre a extensão universitária e a participação da psicologia num programa de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas”, *Interação*, Curitiba, v.1, p. 179-191, jan./dez.

BRONFRENBERGER, apud LERNER, Richard M (2011). In *Bioecologia do Desenvolvimento Humano.: tornando os seres humanos mais humanos*, tradução: André de Carvalho-Barreto, revisão técnica: Silvia H. Koller, Porto Alegre:Atmed, 310 p. : Il., 23 cm.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde (2001); *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde*. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988); *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 292 p.

\_\_\_\_\_. *Estatuto da criança e adolescente; Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*.

---

<sup>419</sup> Assertividade neste caso pode se referir à maneira como a qual uma pessoa expressa seus sentimentos de desapeço à conduta a ação do outro, sem ofender, sem magoar, da uma forma franca, honesta, com explicações detalhadas do próprio ponto de vista que visem a respeitar o direito à dignidade do interlocutor. As palavras escolhidas para um diálogo assertivo precisam primar pela compreensão dos motivos da desaprovação de determinado gesto, atitude, forma de pensar, bem como reforçar os laços sociais e intensificar relações dialógicas de reciprocidade. Para isso se faz necessário abertura para a audiência das razões e motivações do outro. Ações assertivas contribuem para o encontro do autoequilíbrio e o desenvolvimento de habilidades pró-sociais.

\_\_\_\_\_. Lei maria da penha; Lei N.º 11.340, de 7 de Agosto de 2006.

D'ARÓZ, Marlene Schüssler (2013); A vez e a voz de mulheres-mães com filhos e ou netos institucionalizados. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/> (Acesso em 18 de agosto de 2014).

FREIRE, Paulo (1987); Pedagogia do oprimido, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

STOLTZ, Tania (2006); “Como avaliar a partir de Piaget : caderno temático” / Tânia Stoltz. Curitiba : Ed. UFPR.

PIAGET Jean (1965/1973); Estudos Sociológicos, Rio de Janeiro: Forense.

PRECOMA, Eliane Cleonice Alves (2011); Representações de violência reveladas por crianças, adolescentes e suas famílias em situação de risco social: histórias e caminhos de resiliência, Campinas, SP.

WASELFISZ, Julio Jacobo (2013); “Mapa da violência 2013: Homicídios e juventude no Brasil”. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf) ( Acesso em 08 de outubro de 2014).

## **Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais: relatos de conflitos e demandas para as políticas públicas**

Rosângela Bujokas de Siqueira ([janja.bujokas@uol.com.br](mailto:janja.bujokas@uol.com.br); Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO/ Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG); Danuta Estrufika Cantóia Luiz ([danutaluiz88@gmail.com](mailto:danutaluiz88@gmail.com); Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.)

### **RESUMO**

O estudo é resultado preliminar de reflexões realizadas durante a observação das reuniões de articulação do movimento social Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais, entre dezembro de 2012 até junho de 2014, que articula segmentos étnicos tradicionais da região sul do Brasil, especialmente do Paraná. Tal movimento nasceu em 2008, como forma de denúncia da situação de invisibilidade social vivenciada por tais povos e se configura como espaço de resistência ao modelo político-econômico vigente, que submete os recursos naturais aos interesses do mercado. A Rede Puxirão tem contribuído para a articulação de um sujeito coletivo, para a formação política e para o tensionamento da relação entre os segmentos étnicos organizados e os agentes estatais. Os conflitos territoriais e as formas de opressão vêm sendo publicizadas e um dos resultados desta mobilização política foi a criação, recentemente, do Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná – CPICT/PR. Os conflitos relatados denunciam o agronegócio, instâncias e burocracias governamentais, bem como instituições conservadoras que oprimem, de diferentes maneiras, o modo tradicional de vida destes povos.

### **INTRODUÇÃO**

No Brasil, o tema dos Povos e Comunidades Tradicionais ganhou espaço, principalmente, a partir da década de 1970. Este período foi marcado pela ampla mobilização de diversos segmentos populares no processo de questionamento do Estado autoritário vigente no período, bem como pelo quadro de desigualdade social crônica e pela ausência de direitos.

O conjunto de reivindicações formuladas no período partia de carências materiais (emprego e renda, moradia, educação, serviços de saúde, etc) e desembocava no campo das práticas políticas. Neste período, os movimentos sociais pressionaram o Estado no sentido de ampliação dos espaços de discussão e de decisão políticas, com participação popular.

Entre os rebatimentos desta conjuntura está a democratização da política, que culminou com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que regulamentou a universalização de direitos e o reconhecimento das diversidades culturais e do acesso e permanência aos territórios tradicionalmente ocupados, especificamente para os povos indígenas e quilombolas.

Contudo, embora pródiga no quesito ampliação de direitos, tal Constituição foi frustrada na operacionalização de políticas públicas efetivas, que pudessem materializar os direitos previstos. Entre as explicações para este impasse podemos citar a interferência do poder das elites conservadoras sobre o Estado, com destaque para os setores vinculados ao latifúndio e a política econômica adotada pelo país a partir da década de 1990, que em prol do equilíbrio fiscal sacrificou sobremaneira os investimentos em áreas estratégicas, como no campo das políticas sociais.

As reformas estruturais mais amplas (como as reformas agrária e tributária, por exemplo) e os serviços sociais públicos foram sucateados. Desta forma, grande parte das garantias constitucionais tornou-se fonte de tensões entre os movimentos sociais e os governos, já que tais movimentos vêm lutando para a garantia de acessar direitos.

Neste campo paradoxal encontram-se os movimentos sociais dos povos e comunidades tradicionais, que buscam reconhecimento perante o Estado, materialização dos direitos previstos e a instituição de novos direitos.

Diante deste debate, este trabalho tem como objetivo discutir as polêmicas que envolvem o campo dos direitos e das demandas dos povos e comunidades tradicionais no Paraná, a partir da experiência do movimento social Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais.

As reflexões apresentadas neste texto são parte dos estudos preliminares da autora, que está em processo de doutoramento e tem como objeto de estudo a experiência de mobilização da Rede Puxirão, coletivo que agrega diversos segmentos étnicos que lutam por reconhecimento e políticas públicas no Paraná.

O texto está dividido em três momentos. No primeiro são apresentadas as ideias gerais sobre os povos e comunidades tradicionais no Brasil, como histórico de luta e reconhecimento jurídico. Na sequência, levanta-se um conjunto de polêmicas no que se refere à materialização de direitos e se expõe, de forma sumária, demandas centrais de segmentos étnicos do Paraná, a partir de informações levantadas junto ao movimento social Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais. Por fim, segue a conclusão.

Para fins metodológicos, este estudo possui caráter qualitativo e utiliza-se das pesquisas bibliográfica e documental. No que se refere aos documentos, além das legislações citadas, foi pesquisado um documento produzido pela Rede Puxirão, em 2010, que sintetiza as principais demandas dos segmentos étnicos do Paraná, para fins de discussão e criação de uma Política Estadual dos Povos e Comunidades Tradicionais, em consonância com o Decreto N. 6.040, que regulamentou a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil, ainda em 2007.

De antemão, os resultados deste estudo apontam que as políticas públicas ainda são ineficientes para atender as necessidades e as especificidades destes povos, assim, o papel dos movimentos sociais ganha relevância no sentido de democratizar os debates e lutar pela criação de novos direitos que atendam efetivamente as demandas dos povos e comunidades tradicionais.

## **LUTAS DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS**

No Brasil, os estudos sobre os movimentos sociais ganharam impulso entre as décadas de 1970 e 1980, em função da conjuntura política vivenciada no período. Como uma das expressões da sociedade civil, estes sujeitos, entre outros, contribuíram no processo de questionamento do Estado autoritário instalado no país e do quadro de desigualdade social crônica, vivenciado neste momento.

No período, a sociedade civil ganhou relevância como espaço de organização de ideias e valores contra-hegemônicos, contribuindo para o processo de transformação social. Tal transformação incluiu, sobretudo, o terreno das práticas sociais e políticas.

Desta forma, os movimentos sociais foram apontados como sujeitos centrais do processo de criação e generalização de uma cultura democrática, através de novas formas de práticas políticas e novos formatos de sociabilidade em bases mais igualitárias. Neste sentido, fazer política não era mais uma atividade somente do Estado, e sim de toda a sociedade civil (GECD, 1998-1999).

O campo de reivindicações partia de um universo material, com demandas relativas ao custo de vida, moradia, transporte, serviços de saúde, educação, etc; e culminava na exigência de um

novo padrão de discussão e de tomada de decisões políticas, ou seja, tais movimentos atuavam em um campo ético-político (SADER, 1988; DOIMO, 1995).

Semeraro (2009) argumenta que este movimento de cunho político-cultural ganhou espaço na América Latina, fomentando um sujeito político que se identificava como “oprimido”, ou seja, como um sujeito espoliado e violado na sua dignidade, não pela sorte ou pela natureza, mas pela ação iníqua de incursões de predadores que há séculos os saqueavam. Este “oprimido” se configura como produto do capitalismo e do sistema moderno de colonização disseminado pela burguesia.

A partir de fundamentos bíblicos, estes sujeitos foram se identificando como um povo escravizado em busca da libertação e da própria terra, através da elaboração de um cristianismo popular, sensível a esta condição social (SEMERARO, 2009). A Teologia da Libertação, corrente de esquerda dentro da Igreja Católica, impulsionou espaços de reflexão e organização política, especialmente através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A “salvação” é anunciada na instauração de condições de vida mais humanas. O “humano” aqui não está contraposto ao “divino”, mas, pelo contrário, aparece como manifestação de Deus. Aqui temos referência às carências materiais e às estruturas opressoras, embora a enunciação peça apenas o mínimo necessário e o fim dos abusos. Tal formulação expressa uma conciliação entre diversas tendências e dá lugar igualmente para diversas interpretações. Refere-se também a valores morais, com a superação do egoísmo e as injustiças e o reconhecimento da dignidade, solidariedade, paz (SADER, 1988: 153).

No início da década de 1980, as CEBs se multiplicaram em todo território nacional. Estima-se que, em 1981, havia cerca de 80 mil CEBs, tanto no campo como no espaço urbano (SADER, 1988).

A interlocução entre a esquerda latino-americana e o cristianismo popular levantava críticas profundas ao modelo dominante de desenvolvimento econômico. Tal matriz associou-se a descoberta e a valorização da cultura indígena e afro-americana, a efervescência de uma pluralidade de organizações populares e sujeitos nunca antes configurados entre os atores políticos (SEMERARO, 2009).

Nesta conjuntura, ganharam espaço os movimentos sociais do campo, em busca de acesso a recursos e à terra, e o movimento ambientalista.

No Brasil, as polêmicas pelo acesso e permanência na terra datam desde a chegada dos portugueses. Marco histórico que explicita o teor da concentração fundiária foi a Lei de Terras, de 1850. Esta Lei surgiu durante o Brasil Império e reafirmava o poder do Estado sobre a terra. Tal regulamentação determinou que as terras distribuídas pelo sistema de sesmarias seriam regularizadas, e a partir daí só poderiam ser acessadas através da compra de títulos junto ao Estado. Na prática, a terra que estava em poder das elites rurais foi regulamentada pelo Estado e a classe subalterna foi impedida de acessá-la. Sobre esta Lei, Martins (2010: 10) argumenta:

O país vivenciou a fórmula simples da coerção laboral do homem livre: se a terra fosse livre, o trabalho tinha que ser escravo; se o trabalho fosse livre, a terra tinha que ser escrava. O cativo da terra é a matriz estrutural e histórica da sociedade que somos hoje. Ele condenou a nossa modernidade e a nossa entrada no mundo capitalista a uma modalidade de coerção do trabalho que nos assegurou um modelo de economia concentracionista. Nela se apóia a nossa lentidão histórica e a postergação da ascensão social dos condenados à servidão da espera, geratriz de uma sociedade conformista e despolitizada. Um permanente aquém em relação às imensas possibilidades que cria, tanto materiais quanto sociais e culturais.

De acordo com Souza (2005), as lutas pelo acesso à terra intensificaram-se a partir das Ligas Camponesas, dos movimentos de bóias-frias e da atuação do Movimento dos Sem Terra (MST). Após a segunda metade do século XX, em todo território nacional, vários movimentos sociais do campo passaram a reivindicar a reforma agrária. No sul do país, tais movimentos ganharam força em função dos conflitos entre posseiros e grileiros e entre os trabalhadores que tiveram suas terras alagadas pela construção de hidrelétricas, a exemplo de Itaipu – PR.

Já o movimento ambientalista teve como foco as pautas de preservação da natureza, através das áreas de conservação ambiental, como a criação dos Parques Nacionais, por exemplo. De maneira geral, para os conservacionistas, a natureza deveria ser protegida da ação dos indivíduos, desta forma, populações que viviam integradas aos territórios das áreas de preservação foram retiradas destes espaços, gerando intensos conflitos sociais (VIANNA, 2008).

Da soma do contexto de socialização da política, de organização de sujeitos coletivos e de preservação da natureza emergiu a discussão dos direitos das populações tradicionais. Cruz (2012) explica que na América Latina, e de maneira mais específica no Brasil, na década de 1980, no campo dos conflitos sociais do campo, ganharam espaço novos sujeitos políticos protagonistas que emergiram nas arenas políticas, sendo denominados ou autodenominados “Povos e Comunidades Tradicionais”. Tais sujeitos surgiram do entrelaçamento do campo ambiental (proteção ambiental) e do campo de lutas por território e direitos culturais.

[...] Na década de 1980, iniciou o processo de incorporação do tema da sociodiversidade ou diversidade cultural, às discussões sobre conservação da biodiversidade no Brasil. [...] A aliança entre ambientalistas e movimentos sociais resultou no socioambientalismo. Os movimentos sociais foram incorporando a expressão “população tradicional” ao longo da década de 1990, em função da defesa de seus territórios, positivando argumentos dos conservacionistas, revalorizando suas identidades e sua autodeterminação (VIANNA, 2008: 214).

Scherer-Warren (2013) reafirma a importância da emergência de movimentos desta natureza quando relata que, na América Latina, os grupos subalternos vêm transcendendo de uma situação de marginalidade na esfera pública para a condição de vozes que ecoam para além de seus territórios, passando a impactar (ainda que com resistência) a legitimação dos “direitos originários”, como o caso dos indígenas, quilombolas, posseiros, entre outros.

Ainda neste debate, Silva (2007) acrescenta que a diversidade destes povos se relaciona com processos históricos diferenciados, onde segmentos da sociedade brasileira desenvolveram modos de vida próprios e distintos dos demais, ocasionando riqueza sociocultural e, contraditoriamente, invisibilidade perante a sociedade e as políticas públicas de modo geral.

Apesar de toda luta empreendida pelos povos e comunidades tradicionais, no campo de tensões sociais e políticas, Souza (2007) explica que a invisibilidade de tais sujeitos persiste e se deve ao silenciamento causado por pressões econômicas, fundiárias, processos discriminatórios e exclusão das arenas de debate e formulação de políticas públicas.

Como contraposição, tal processo tem culminado com o fortalecimento da luta das comunidades tradicionais pelo reconhecimento e direito ao território tradicional. Assim, as articulações



das lutas territoriais têm mobilizado uma diversidade de sujeitos, como indígenas, quilombolas, mulheres camponesas, atingidos por barragens, sem terra, entre outros; tendo a construção de pautas ancoradas em significados políticos e simbólicos, como o princípio da função social da propriedade (SCHERER-WARREN, 2013).

Apesar de toda forma de resistência imposta pelo sistema econômico hegemônico, tais comunidades têm conquistado reconhecimento jurídico-formal. Respaldo importante nesta luta se deu através da aprovação, em 1989, da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na qual se definiu um conjunto de direitos para os povos indígenas e tribais.

No Brasil, esta discussão também ganhou espaço no movimento Constituinte, que acabou por incorporar ao texto da Constituição Federal de 1988 os direitos dos indígenas e dos quilombolas, sobretudo a demarcação e titulação das terras tradicionalmente ocupadas. Já a Convenção 169 da OIT só foi ratificada pelo país em 2002, após muita pressão dos movimentos sociais.

Contudo, Silva (2007) explica que mesmo para estes segmentos que já alcançaram algum reconhecimento jurídico persistem questões primordiais pendentes, como o acesso à terra, à saúde e educação diferenciadas, que garantam condições mínimas para que estes povos permaneçam em seus territórios e tenham sua identidade cultural preservada.

Neste cenário contraditório, de reconhecimento jurídico com espoliação de direitos, os povos e comunidades tradicionais do Brasil têm emergido como um sujeito coletivo de relevância na luta por reconhecimento perante o Estado e a sociedade em geral.

Em nosso entendimento, parte da contradição que assola a luta pela efetivação de direitos destes Povos se relaciona com a questão agrária brasileira, eixo estrutural de reprodução das desigualdades sociais.

Segundo Nakatani, Faleiros e Vargas (2012), a questão agrária se refere ao conjunto de inter-relações e contradições derivado da estrutura fundiária altamente concentrada, que acaba condicionando também a concentração de poder econômico, político e simbólico. Assim, criam-se estruturas de sujeição da população do campo e uma cultura incompatível com um tipo de exploração racional da terra.

Para os autores, o Brasil atravessou séculos (desde a colonização, a independência e o processo de industrialização) orientando seu projeto de desenvolvimento econômico assentado no latifúndio, na monocultura e na exportação. Tal opção gerou uma economia primária e altamente

dependente do capital externo, além de manter acentuadamente o latifúndio, conservando altos índices de desigualdade social e gerando impactos ambientais.

Nesta conjuntura, a luta dos povos e comunidades tradicionais ganha opositores de peso, como o agronegócio e os grupos conservadores que ocupam o poder do Estado (como a bancada ruralista, por exemplo). A pauta central desta luta é o acesso a terra, ou seja, aos territórios tradicionalmente ocupados.

Assegurar o acesso ao território significa manter vivos, na memória e nas práticas sociais, os sistemas de classificação e de manejo dos recursos naturais, os sistemas produtivos, os modos tradicionais de distribuição e consumo da produção. Isso, além de sua dimensão simbólica: no território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo, como a base material de significados culturais que compõem sua identidade social (SILVA, 2007: 08).

No Brasil, saldo positivo desta empreitada se deu em 2007, através da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída por meio do Decreto n. 6.040. Tal Política busca promover o desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais através do reconhecimento, fortalecimento e garantia de seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, valorizando suas identidades e formas de organização (BRASIL, 2007).

Esta mesma Política esclareceu, com base na autodefinição, quem são os povos tradicionais:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

De acordo com este conceito, podemos identificar como Povos Tradicionais, além dos indígenas e quilombolas, os faxinalenses, seringueiros, quebradeiras de coco, cipozeiros, pescadores artesanais, ciganos, benzedeadas e benzedores, povos de terreiro, ribeirinhos, fundos de pasto, entre outros. A depender da fonte bibliográfica, estima-se que existam até 25 milhões destes sujeitos no país, cuidando do território e de sua biodiversidade (25% do território nacional) (SILVA, 2007).

Parece-nos que a luta pelo território, com formas próprias de produção e consumo, bem como a conservação da biodiversidade tem levantado uma forma de resistência ao modelo econômico hegemônico, o que pode contribuir para o debate público de temas tão caros no Brasil, como a questão fundiária. Por isso, entendemos que estes Povos sustentam um discurso contra-hegemônico que pode se concretizar em um projeto político alternativo, ainda que permeado de contradições. Tal projeto pode se converter em instrumento de debate e construção de consensos, ainda que provisórios e correlatos a temas específicos.

No que se refere à organização de resistências e a construção de projetos alternativos, Castells (2008), ao estudar a experiência de diferentes movimentos sociais no contexto da sociedade em rede, ponderou que diante da globalização das atividades econômicas, da flexibilização e instabilidade do emprego, da virtualidade construída por um sistema de mídia diversificado e pela transformação das bases materiais de vida surgiram expressões de identidades coletivas, que desafiam este cenário mais amplo em função de sua singularidade e do controle sobre suas vidas e ambientes.

Para o autor, a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo e pode ser elemento de transformação social. Assim, existem identidades de resistência e identidades de projeto. A primeira é criada por atores que se encontram em posições estigmatizadas pela lógica da dominação e constituem trincheiras de resistência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade de maneira geral. Já a segunda diz respeito a situações onde os atores sociais, utilizando-se de qualquer material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, e assim, buscam a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 2008).

A experiência de organização dos movimentos sociais dos povos e comunidades tradicionais parece apontar, nos termos de Castells (2008), para uma identidade coletiva de resistência. “Obviamente, identidades que começam como resistência podem acabar resultando em projetos

(...)” (CASTELLS, 2008: 24). Desta forma, é importante refletirmos sobre a organização deste sujeito coletivo.

Neste sentido, ao discutir sobre as experiências de resistência na América Latina, Semeraro (2009) defende que a imposição da hegemonia elitista torna-se incapaz de universalizar direitos, o que vem fomentando uma rede de novas subjetividades políticas em busca de outra forma de globalização. Os Movimentos dos Sem Terra, Sem Teto, o Movimento Negro Unificado, os movimentos dos índios, dos migrantes, das mulheres, as cooperativas populares, as associações dos pacifistas, dos ambientalistas, a cultura *underground*, os levantes estudantis, inúmeras e diversas organizações da sociedade civil popular, etc; são expressões da força popular que sinaliza experiências de reinvenção da política e de formas de viver em sociedade.

Desta forma, ainda que entre contradições e fragilidades, a força dos movimentos sociais e das organizações populares se constitui como um sujeito político indispensável para a universalização de direitos. Estes movimentos:

[...] Lutam para introduzir uma visão que visa ao controle popular das riquezas do território e dos serviços públicos, à soberania nacional, alimentar, energética, financeira, ao reconhecimento das etnias, à igualdade social e ao respeito das diversas culturas e religiões, aos direitos dos trabalhadores e das mulheres e à educação ecológica (SEMERARO, 2009: 116).

Diante deste debate, podemos sinalizar que as lutas dos povos e comunidades tradicionais têm tensionado o Estado e os interesses conservadores presentes na sociedade, no sentido de apontar que os recursos naturais não podem ser tratados como mera mercadoria e que as decisões políticas devem ser tomadas através do diálogo democrático, respeitando as singularidades dos povos.

Apesar das décadas de lutas e de reconhecimento jurídico, estes povos ainda permanecem invisíveis para grande parte da sociedade e para os agentes estatais, de forma geral. Desta feita, partimos para o esforço de apontar parte das demandas apresentadas por estes sujeitos, a partir da realidade vivenciada no Paraná, pelo movimento social Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais. É disso que trata o item a seguir.

## **DEMANDAS DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NO PARANÁ**

Na região Sul do país, a invisibilidade social é uma das principais características dos povos e comunidades tradicionais. Recentemente, a inexistência de estatísticas oficiais fez com que estes grupos levantassem dados preliminares numa tentativa de afirmar sua existência coletiva em meio a tensões, disputas e pressões que ameaçam seus direitos étnicos e coletivos, garantidos pela Constituição Federal de 1988 e demais convenções internacionais (REDE PUXIRÃO, 2014).

Assim, em 2008, na cidade de Guarapuava – PR, vários segmentos tradicionais se reuniram no I Encontro Regional dos Povos e Comunidades Tradicionais e deram início ao movimento social Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais. Na ocasião, compuseram o movimento os segmentos: xetá, guaranis, kaingangs, faxinalenses, quilombolas, benzedores e benzedadeiras, pescadores artesanais, caiçaras, cipozeiros e cipozeiras, ilhéus e religiosos de matriz africana.

A Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais atua articulada a outros movimentos sociais do campo, como Movimento dos Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento de Mulheres Camponesas, entre outros. Em Guarapuava, tais movimentos têm como respaldo (assessoria política, acesso a recursos, espaço físico, etc) a organização não governamental Centro Missionário de Apoio ao Campesinato (CEMPO).

O CEMPO promove reuniões de articulação dos movimentos sociais na cidade de Guarapuava, a cada três meses, visando articular demandas, denúncias e construir agendas de luta. Além disso, as reuniões proporcionam a formação de lideranças e a programação de eventos, manifestações, entre outros.

A Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais participa destas reuniões gerais e realiza, nestas ocasiões, reuniões específicas de cada segmento tradicional e uma plenária geral da Rede.

Cada segmento tem seu movimento social específico, o qual compõe a Rede Puxirão. São exemplos: a Articulação dos Povos Faxinalenses, as Aprendizizes da Sabedoria (benzedores e benzedadeiras), o Movimento dos Ilhéus do Rio Paraná, o Movimento dos Pescadores e Pescadoras do Litoral do Paraná, entre outros.

A Rede Puxirão tem adotado como estratégia de mobilização e organização dos segmentos/comunidades a chamada auto cartografia social, que se trata de uma espécie de mapeamento das identidades, demandas/práticas e conflitos destes Povos. Tais informações são levantadas pe-

los próprios sujeitos e sistematizadas através de símbolos em mapas. O instrumento é compilado no formato de uma cartilha, e serve para ampla divulgação da luta destes Povos e de ferramenta para pressão política nos órgãos de defesa e implementação de direitos.

Como resultado deste processo de mobilização, em 2010, o movimento social articulou, junto à Assembleia Legislativa do Paraná, um grupo de trabalho para discutir as demandas dos Povos Tradicionais e a construção de uma Política Estadual para o segmento. As demandas foram registradas durante uma reunião do referido grupo de trabalho, em forma de relatório. O documento<sup>420</sup> foi consultado pela autora e organizado, de forma resumida, no quadro a seguir.

QUADRO 1: Síntese das Demandas apresentadas pela Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais – Curitiba – 2010

---

Demandas

Apoio do Estado em garantir o direito de livre acesso aos territórios tradicionais.

Garantir que os territórios tradicionalmente ocupados que gerem ICMS ecológico, por meio de Unidades de Conservação ou área de uso regulamentado, recebam diretamente o valor do repasse para a comunidade, atendendo demandas apresentadas pelas mesmas.

Que as atividades de subsistência tradicionalmente praticadas (roças, extrativismo, pesca, criações e outros) sejam garantidas junto com o reconhecimento do uso dos territórios.

Que a Secretaria de Estado de Educação adote nos currículos escolares a discussão dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Que a Secretaria de Segurança Pública no PR oriente suas delegacias a registrarem B.O's denunci-

---

---

<sup>420</sup> Documento coletado pela autora na reunião da Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais, realizada em 03 de julho de 2014, em Guarapuava – PR.

ados pelos povos tradicionais, atuando na averiguação das ameaças e conflitos praticados.

Que o IAP<sup>421</sup> promova ações de formação de agentes fiscais da comunidade, para que atuem diariamente na fiscalização dos territórios tradicionalmente ocupados.

Que o governo apóie a busca de reconhecimento das identidades coletivas e efetive maior facilidade na concessão de benefícios sociais da previdência social.

Que o Governo do Estado efetue o acompanhamento das indenizações.

Liberdade para construção e reforma de casas para moradores nativos das ilhas que foram transformadas em parques.

Criação e fortalecimento das políticas públicas para a pesca artesanal.

Que o governo crie políticas públicas para desenvolver a sustentabilidade de acordo com o costume de cada povo, incentivando e apoiando a maneira de cada povo desenvolver seu auto sustento.

Diferentemente do atendimento hoje oferecido, que o Estado realmente cumpra seu papel frente à questão da saúde junto aos diferentes povos, articulando políticas nos Municípios, Estado e União.

Que o Estado crie condições para apoiar os povos que estão em áreas de processo de demarcação disponibilizando condições básicas sustentabilidade, como: alimentação, saúde e educação.

Proporcionar a igualdade de participação nos projetos sociais que são desenvolvidos pelos órgãos governamentais, independente de credos, referências e opções pessoais de seus governantes, garantida a capacitação a responsabilidade técnica no desempenho dos respectivos trabalhos.

Promover nas escolas públicas e privadas nos estados ampla campanha educativa de combate ao preconceito e à intolerância religiosa.

Apoiar a Auto cartografia social das comunidades tradicionais, em parceria com a sociedade civil, universidades públicas e privadas.

---

Fonte: Relatório Final do Grupo de Trabalho de Povos e Comunidades Tradicionais, 2010.

---

<sup>421</sup> Instituto Ambiental do Paraná.

Nota: As informações foram resumidas pela autora, tendo como critério demandas genéricas e que se repetiam, ao menos, duas vezes para segmentos diferentes.

Além do fortalecimento dos segmentos específicos, a Rede Puxirão tem atuado no sentido de pressionar o Estado para a implementação de políticas públicas que efetivem os direitos já conquistados pelos povos tradicionais no Brasil. Contudo, as lacunas existentes entre as demandas das comunidades e o universo das políticas públicas ainda são intensas.

A obra de Oliveira e Scherer (2006) compilou diferentes estudos sobre as políticas públicas na Amazônia e, embora aborde segmentos e demandas diferentes, as pesquisas focam suas análises no desempenho do Estado Nacional por meio das políticas públicas, considerando neste contexto o protagonismo dos movimentos sociais nas suas práticas de resistência e inconformismo. A obra contribui para refletirmos sobre a incompatibilidade existente entre as demandas dos povos e comunidades tradicionais e as políticas públicas existentes.

Entre as pesquisas realizadas, podemos citar o estudo de Garnelo (2006), que ao discutir a política de atenção à saúde dos povos indígenas, analisando as contradições do Estado brasileiro na provisão da atenção à saúde dessas minorias étnicas, percebeu que houve total despreparo dos agentes estatais no processo de implementação de ações e serviços. Tal despreparo repercutiu no envolvimento do movimento indígena nas tarefas de execução e gestão de ações, o que, por fim, serviu para desmobilizar e criminalizar as organizações indígenas, acusadas de corruptas e ineficientes. Somado a isso, os serviços de saúde prestados não respeitaram a cultura deste povo, reproduzindo a lógica curativa com uso abusivo de medicamentos, contrariando a cosmovisão dos indígenas. O saldo desse processo foi um serviço ineficiente, pouco resolutivo.

Já o estudo de Noda; Noda e Martins (2006) tiveram como foco sistematizar conhecimentos sobre a conservação da diversidade cultural e ambiental, com ênfase nas atividades de agricultura familiar nos espaços na várzea amazônica. Entre os resultados encontrados, os autores apontam que a agricultura familiar na várzea gera subsistência e promove sustentabilidade do ponto de vista ambiental, considerando as práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais, contudo, a ineficiência das políticas públicas existentes para o setor tem contribuído para o aprofundamento de questões como a severa diminuição da diversidade alimentar, desflorestamento e empobrecimento de recursos hídricos, agravando o quadro de pobreza e de problemas ambientais.



Por fim, citamos as contribuições da pesquisa de Fraxe; Witkoski; Lima e Castro (2006) que, ao refletirem sobre a percepção espacial dos caboclos-ribeirinhos acerca da várzea amazônica, indicaram que as políticas públicas voltadas para estas populações tradicionais necessitam entender que as relações socioespaciais ali presentes são ricas em uma forma de conhecimento que não poder ignorada pelos agentes estatais, já que este conhecimento é rico, fruto do vivido, adquirido em função da práxis do mundo ordinário e também extraordinário, como mitos, lendas, contos, etc. Tal conhecimento pode, inclusive, potencializar os resultados de políticas públicas.

Apesar dos distintos objetos pesquisados, os estudos citados explicitam a lógica de incongruência existente entre as demandas das comunidades tradicionais e o universo das políticas públicas, operacionalizadas pelo Estado.

As demandas apontadas pelos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná, através da experiência da Rede Puxirão, corroboram os dilemas apontados pela literatura, conforme podemos observar no Quadro 1, aparece com destaque questões como: Ineficiência em materializar direitos já adquiridos; Má gestão de recursos disponíveis (como os do ICMS ecológico, por exemplo); Ausência de entendimento acerca das práticas tradicionais de subsistência nos processos de reconhecimento dos territórios; Ações precárias no âmbito da educação, saúde e benefícios sociais direcionados aos povos tradicionais; Desconhecimento por parte dos agentes estatais (a exemplo do I-AP) das especificidades que envolvem as comunidades tradicionais.

As demandas apontadas sinalizam que, embora as lutas dos povos e comunidades tradicionais venham se organizando há décadas (talvez há séculos, considerando a causa indígena, por exemplo) o Estado ainda não reconhece de forma eficiente, no universo das políticas públicas, as pautas destes segmentos étnicos.

## **CONCLUSÃO**

Este trabalho teve como objetivo discutir as polêmicas que envolvem o campo dos direitos e das demandas dos povos e comunidades tradicionais no Paraná. Para tanto, retomamos o histórico de luta dos movimentos sociais, com destaque aos povos e comunidades tradicionais e indicamos parte da legislação pertinente à área. Foram apontados, a partir da experiência da Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais, parte das polêmicas e demandas que envolvem os direitos destes segmentos no Paraná.

A revisão de literatura realizada, bem como a discussão das demandas apresentadas pela Rede Puxirão, nos permitem afirmar que as políticas públicas ainda são ineficientes para atender as necessidades e as especificidades destes povos, desta feita, o papel dos movimentos sociais neste campo torna-se central, no sentido de reivindicar a democratização dos debates em torno dos direitos já conquistados, assim como pela criação de novos direitos, que no contexto do Estado democrático, atendam efetivamente as pautas destes sujeitos.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Decreto N. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm) Acesso em 17 de fevereiro de 2014.

CASTELLS, Manuel (2008); *O Poder da Identidade*, Paz e Terra, São Paulo.

CRUZ, Valter do Carmo (2012); *Povos e Comunidades Tradicionais*. In: CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.), *Dicionário da Educação do Campo*, Expressão Popular, São Paulo.

DOIMO, Ana Maria (1995); *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*, Relume-Dumará, ANPOCS, Rio de Janeiro.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOAKI, Marcos Castro de Lima e CASTRO, Albejame-re Pereira de (2006); “Natureza e Mundo Vivido: O Espaço e Lugar na Percepção da Família Cabocla/Ribeirinha”. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs), *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*, Garamond, Rio de Janeiro, p. 233-258.

GARNELO, Luiza (2006); “Políticas de Saúde Indígena na Amazônia: Gestão e Contradições”. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs), *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*, Garamond, Rio de Janeiro, p. 133- 160.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA – GECD (1998/1999); “Sociedade Civil e Democracia: reflexões sobre a realidade brasileira”, *Idéias*, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, p. 13-42.

MARTINS, José de Souza (2010); *O Cativo da Terra*, 9 ed, Contexto, São Paulo.

NAKATANI, Paulo; FALEIROS, Rogério Naques; VARGAS, Neide César (2012); “Histórico e os limites da reforma agrária na contemporaneidade brasileira”, *Revista Serviço Social e Sociedade*, N. 11º, abr/jun, Cortez, São Paulo, p. 213-240.

NODA, Sandra do Nascimento; NODA, Hiroshi e MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi (2006); “Agricultura Familiar na Várzea Amazônica: Espaço de Conservação da Diversidade Cultural e Ambiental”, In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs), *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*, Garamond, Rio de Janeiro, p. 163-194.

REDE PUXIRÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, Histórico da Rede Puxirão, Disponível em: <http://redepuxirao.blogspot.com.br/>. Acesso em: 28 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_ (2010); Relatório Final do Grupo de Trabalho de Povos e Comunidades Tradicionais. Curitiba, Não publicado.

SADER, Eder (1988); *Quando novos personagens entram em cena*, 2. Ed, Paz e Terra, São Paulo.

SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de (orgs) (2006); *Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade Cultural*, Garamond, Rio de Janeiro.

SCHERER-WARREN, Ilse; *Movimentos Sociais na América Latina: revistando as teorias*. Disponível: <https://www.google.com.br/#q=movimentos+sociais+na+am%C3%A9rica+latina:+revisitando+as+teorias> Acesso em 25 de julho de 2014.

SEMERARO, Giovanni (2009); *Libertação e Hegemonia: realizar a América Latina pelos movimentos populares*, Idéias & Letras, Aparecida, SP.

SILVA, Marina Osmarina (2007); *Saindo da invisibilidade – a política nacional de povos e comunidades tradicionais*, *Inclusão Social*, V. 2, N. 2, abr/set, Brasília.

SOUZA, Maria Antônia (2005); “Movimentos Sociais na Sociedade Brasileira: lutas de trabalhadores e temáticas sócio-ambientais”, In: SOUZA, Maria Antônia; COSTA, Lucia Cortes. *Sociedade e Cidadania: desafios para o século XXI*, UEPG, Ponta Grossa, p. 73-96.

SOUZA, Roberto (2007); *Da invisibilidade para a existência coletiva: redefinindo fronteiras étnicas e territoriais mediados pela construção da identidade coletiva dos Povos Faxinalenses*, In: II

SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA,  
UFSC, Florianópolis.

VIANNA, Lucila Pinsard (2008); De invisíveis a protagonistas: populações tradicionais e unidades de conservação, Annablume, São Paulo.

## **Entre Movimentos: Diálogos e Perspectivas a respeito da Lei 11.645/2008**

Tamires Cristina dos Santos ([tamirescaleftat@gmail.com](mailto:tamirescaleftat@gmail.com), UFSCar-Universidade Federal de São Carlos); Clarice Cohn ([clacohn@ufscar.br](mailto:clacohn@ufscar.br), UFSCar-Universidade Federal de São Carlos).

### **Resumo**

Este projeto propõe a realização de uma etnografia a respeito da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. O objetivo central da pesquisa é realizar um trabalho etnográfico que descreva as alianças entre os movimentos indígena e negro, na formação da Lei 11.645, apontando também para os efeitos desta para os dois movimentos. Quais seriam as perspectivas destes atores? Existiram alianças entre o Movimento Indígena e o Movimento Negro na elaboração e formalização da Lei nº 11.645/08? Quais seriam seus efeitos para os dois movimentos? Essas são algumas das questões levantadas, por meio das quais se pretende desenvolver a pesquisa.

## **Entre Movimentos: Diálogos e Perspectivas a respeito da Lei 11.645/2008**

Tamires Cristina dos Santos<sup>422</sup>

Clarice Cohn<sup>423</sup>

### Introdução

As Leis nº. 10.639/2003 e 11.645/2008 que, alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornam obrigatório, respectivamente, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, bem como o estudo da história e das culturas dos povos indígenas nas instituições de ensino fundamental e médio, públicos e privados, do território nacional. Essas duas leis

---

<sup>422</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, Bolsista de Iniciação Científica Capes/Observatório da Educação Escolar Indígena da UFSCar. E-mail para contato: tamirescaleftat@gmail.com.

<sup>423</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Atualmente coordena o Observatório da Educação Escolar Indígena da UFSCar e o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Antropologia da Criança (LEPAC). E-mail para contato: clacohn@ufscar.br.

ampliam as discussões acerca das identidades culturais destes dois grupos envolvidos, levando aos questionamentos acerca das categorias de raça, no caso do movimento negro e cultura/etnia, no caso dos indígenas. A análise proposta nesta pesquisa pretende discutir a criação e a implementação da Lei nº 11.645/2008, ao mesmo passo que propõe uma reflexão a respeito das ações que estes atores tiveram na institucionalização da Lei: qual seria o papel destes atores na criação da mesma?

Os dois movimentos, indígena e negro, surgem como protagonistas quando se trata de denunciar a representação estereotipada presente no sistema educacional brasileiro. Em particular nos livros didáticos, este sistema parece negar as diferenças socioculturais na medida em que reduz suas especificidades, como nas datas de 19 de abril (Dia do Índio) e 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra), sendo as suas diversidades não reconhecidas em sua plenitude, mais uma manifestação de uma tendência nacional da assimilação cultural. Levando em conta que as desigualdades não surgem apenas no campo econômico, mas, também, na ausência de reconhecimento do outro, em aspectos culturais, o que pode ser notado nos currículos escolares, começam a surgir demandas específicas dos diferentes grupos étnicos e raciais por reconhecimento político e por políticas públicas que assentem suas reivindicações.

Neste cenário, a educação exerce papel fundamental, propondo uma escola multicultural que respeite a diversidade em oposição a apenas o conhecimento eurocêntrico, o qual parece sobressair o que seria resultado apenas de direitos individuais. Os movimentos indígenas e negros veem na educação uma ferramenta de base importante na construção de ações que guardem suas especificidades, como no caso da educação escolar indígena que reivindica uma escola específica com currículo diferenciado, levando em consideração a sua diversidade e cultura. O mesmo fato pode ser visto em relação ao movimento negro que luta por uma educação pluricultural, sendo uma forma de diminuir o preconceito racial herdado do período escravocrata. Em outras palavras, os dois movimentos sempre tiveram, em suas discussões e reivindicações apresentadas aos governantes, à educação como pauta. Os dois movimentos denunciam, com suas especificidades, que analisaremos mais detidamente, na educação escolar, a forma discrepante como são mostrados, por exemplo, nos livros didáticos, suas histórias e culturas, de forma a questionarem as práticas e os discursos usuais que acabam reforçando os estereótipos, muitas vezes, presentes no cotidiano escolar.

A contemplação da diversidade cultural e, mais precisamente, da presença dos povos indígenas e da cultura afro-brasileira no currículo escolar não deve ser en-

tendida como uma concessão ou abertura resultante da democratização do país. Precisa ser compreendida antes como o resultado de uma longa luta dos movimentos negros e indígenas por visibilidade e reconhecimento. (Collet et al, 2013: 07)

Reconhecer e operar os conceitos de etnia/cultura e raça pode proporcionar uma melhor compreensão das desigualdades sociais, sendo que ambos os conceitos orientam as discussões que antecedem o processo de construção da Constituição Federal de 1988, tendo tido importante participação no texto final da Constituição, mesmo com diferentes trajetórias e estratégias políticas.

Os movimentos indígena e negro tiveram como espaço para suas demandas e discussões uma única subcomissão, chamada de Subcomissão dos negros, populações indígenas, pessoas deficientes e minorias. As conquistas decorrentes da mobilização de indígenas e negros são resultados de ambas as lutas, o que nos faz pensar na possibilidade da existência de ações conjuntas de ambas as militâncias.

Desta forma, o campo para investigação parece ser vasto, no entanto, pouco explorado, o que dificulta a compreensão de possíveis desdobramentos em termos de semelhanças ou diferenças que podem ser gerados entre essas entidades, ou seja, os próprios militantes destes dois movimentos e também com as organizações governamentais do Estado, como a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) que articula os sistemas de ensino para programar políticas educacionais nas em áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação para as relações étnico-raciais e inclusiva, que teria como objetivo

Contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado à valorização das diferenças e da diversidade, à promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade socioambiental, visando à efetivação de políticas públicas transversais e intersetoriais. (Brasil. Ministério da Educação e Cultura, 2013.)

## **1. Justificativa**

Com base no cenário descrito, é importante pontuar a participação consistente dos movimentos indígena e negro na articulação e constituição de políticas públicas curriculares, no sentido de reconhecimento e valorização das diferenças, no entanto, a educação multicultural ainda requer discussões que devem ir além do que até o momento foi produzindo.

Neste sentido, esta pesquisa tem como base ampliar a possibilidade de novas produções teóricas, marcadas por estudos realizados pelos atores engajados neste processo que antes eram apenas objeto dos pesquisadores, tendo em vista a trajetória da autora na militância junto ao Movimento Negro e sua participação junto aos pesquisadores indígenas e não indígenas no debate sobre educação escolar.

## **2. O Movimento Negro e a Lei 10.639/03**

O movimento negro configurou-se de diferentes formas e teve diversas estratégias ao longo de sua trajetória. A fim de apresentá-las de modo sucinto, atenta-se para a caracterização feita pelo historiador Petrônio Domingues (2007) que revisita algumas organizações mobilizadas por sujeitos negros desde a instauração da república em 1889. O autor aponta três fases do movimento negro: (i) entre os anos de 1889 a 1937; (ii) referente aos anos de 1945 a 1964 e (iii) entre os anos de 1978 a 2000<sup>424</sup>. Na análise proposta, o início do século XXI é marcado por grupos musicais, como o movimento Hip Hop, que, em suas letras e forma de se portar no mundo, denuncia os atos de racismo sofrido pelos negros, desmistificando o “mito da democracia racial”.

Nesta pesquisa, o foco será na terceira fase deste movimento. Em junho de 1978, em reunião que rearticulou diversos grupos e entidades negras, a exemplo de Centro de Cultura e arte negra, Grupo Afro-Latino América, Câmara do Comércio Afro-Brasileiro, Jornal Abertura, Jornal Capoeira e Grupo de Atletas e Grupo de Artistas Negros, criou-se o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), mais tarde, durante um encontro nacional no Rio de Janeiro, daria lugar ao então Movimento Negro Unificado (MNU). Entre as ações conjuntas deste Movimento estava um programa de ação proposto no ano 1982 que defendia a

---

<sup>424</sup> Mesmo com essa caracterização o movimento negro não poderia ser entendido somente por fases, sua história é ampla, contudo foi colocado desta forma apenas para encargo de explicação.



Desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massa; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil. (Dominguês, 2007: 115)

Sua proposta era de unificar a luta de todos os grupos e organizações antirracistas num âmbito nacional, fortalecendo o poder político do movimento. Tal movimento é também responsável por ressignificar o termo negro, incentivando o povo negro a assumir sua condição racial, adotando o termo oficialmente para designar todos os descendentes de africanos que foram escravizados durante o período colonial no Brasil.

As propostas deste movimento também se caracterizam na promoção e discussão de políticas educacionais, como pode ser visto:

com proposições fundadas na revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didático; na capacitação de professores para desenvolver uma pedagogia interétnica; na reavaliação do papel do negro na história do Brasil e, por fim, erigiu-se a bandeira de inclusão do ensino da história da África nos currículos escolares”. (Dominguês, 2007: 115)

A educação sempre apareceu como uma estratégia política de articulações e discussões importantes para o movimento negro, assim como se faz para o movimento indígena. O movimento negro, bem como o movimento indígena, intensificam-se na década de 1980, com objetivo de divulgar suas reivindicações e ampliar a luta em favor da educação, no plano municipal, estadual e federal.

Deste modo, o Movimento Negro Unificado, levando em consideração todo o histórico de discriminação e omissão sofrida pelos negros nos processos educacionais, procurou denunciar o modelo educacional brasileiro que privilegiava apenas não negros, passando a incluir em sua a-

genda de reivindicações o estudo da história do continente africano, bem como dos africanos, a cultura negra brasileira e os negros na formação da sociedade brasileira. A caminhada feita pelos movimentos negros até a Lei 10.639/03 foi longa, como descreve Augusto Sales (2005)<sup>425</sup>. No entanto, reconhecendo as lutas antirracistas dos movimentos negros no início do ano de 2003, o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, sancionando a Lei nº 10.639, 9 de janeiro de 2003. A antiga Lei passa a vigorar, acrescida dos seguintes artigos:

ART. 26 A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra.

A Lei 10.639/03 mostra os avanços conquistados pelos movimentos negros organizados na luta antirracismo, deixando claro a importância de revisar os currículos escolares, dando uma qualificação pedagógica para os professores, de modo a instrumentalizar os educadores para o exercício de ministrar o ensino de história e cultura afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio. O grande problema é que a legislação federal “é bem genérica e não se preocupa com a execução adequada do ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira” (Sales, 2005: 33).

---

<sup>425</sup> A Lei nº 10.639/03, como fruto da luta antirracista do movimento negro.

O autor supracitado ainda aponta que a Lei Federal, indiretamente, acaba deixando a responsabilidade deste ensino a cargo dos professores, além de não indicar qual é o órgão responsável pela implementação adequada da mesma, ao passo que pode vir a limitar este ensino apenas às áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira, dificultando o trabalho de professores de outras áreas ou se desresponsabilizando pelo debate destes temas.

Tornar a Lei obrigatória, mesmo sendo extremamente necessário, não diminui as dificuldades de colocá-la em prática de fato. Seria necessário rever não só os currículos escolares das escolas públicas e privadas, bem como, rever os currículos das universidades que oferecem cursos de licenciatura, proporcionando subsídios adequados para estas discussões, para que possam abordar estas temáticas dentro e fora das salas de aula sem o receio de reforçar os estereótipos tão presentes no cotidiano escolar.

### **3. O Movimento Indígena e a Lei 11.645/08**

A emergência de novos movimentos sociais em meados da década de 1970 esteve ligada também ao processo de eclosão de novas organizações formadas por militância indígena, de acordo com Dias (2000). A possibilidade deste momento surge por três fatores importantes: (i) o fator definido pela autora supracitada como interno, remetendo à situação de extrema discriminação, desrespeito e vulnerabilidade indígena, evidenciada na invasão de seus territórios e na discriminação de suas culturas; (ii) o fator apontado como externo, com ocorrência no segundo período do regime militar, momento de emergência de novos atores e movimentos sociais, mobilizando novas estratégias de luta e demonstrando a possibilidade de um novo momento para sociedade brasileira com movimentos de resistência e oposição à ditadura e (iii) o fator chamado de continental, de acordo com Dias (200), por envolver as Américas Central e do Sul, em que ocorreriam embates muito fortes em torno dos setores da sociedade em diversos países, por um lado buscando-se a implementação de novos modelos de política e economia (visão socialista), com reação violenta das classes dominantes e a imposição de regimes ditatoriais que perseguiram, torturavam e violentavam tanto membros da sociedade civil quando militantes contrários ao regime impositivo.

Com vistas no cenário descrito “criam-se canais de intercâmbio e articulação, que, se consolidando em formas de solidariedade, apoio e estratégias mais amplas de luta pela cidadania, liberdade, democracia, direitos e transformação social” (Dias, 1999: 99), tendo sido o marco desse processo o Parlamento Índio-Americano do Cone Sul, realizado em Bernardino/Paraguai, em ou-

tubro de 1974, sendo “nesta década que começam o surgimento de inúmeros movimentos indígenas em praticamente todas as regiões do país” (Dias, 1999: 99).

A autora sinaliza ainda outros fatores importantes para a compreensão deste processo de mobilização coletiva das etnias indígenas, com importância significativa para o texto final da Constituição de 1988. De acordo com os apontamentos organizados pela autora supracitada, esse processo caracteriza-se por:

- O direito à demarcação de seus territórios que, apesar do Estatuto do Índio “dar como limite para a demarcação de todas as terras indígenas dezembro de 1978, até aquela data menos de 20% das terras eram demarcadas” (Dias, 2000: 13-14). Essa tomada de consciência dos povos indígenas ajudou a gerar novas bases de lutas e mobilizações conjuntas;
- As *assembleias indígenas* que tinham o intuito de reunir diferentes povos, ampliando a solidariedade interétnica e proporcionando solidez às organizações e aos movimentos indígenas. A primeira *assembleia indígena* é realizada em Diamantino/MT, em abril de 1974;
- O surgimento de *entidades de apoio* à causa indígena, através da sociedade civil, como a Comissão Pró-Índio, em 1978, e o Centro de trabalho Indigenista, em 1979, o que gerou um processo de discussão e reflexão dos problemas indígenas<sup>426</sup> sobre os processos de colonização (Dias, 2000). A autora ressalta que esse ponto de discussão foi fundamental para abordar a questão indígena em âmbito nacional, e, “desta forma, recolocá-la na pauta das grandes questões-nacionais e internacionais” (Dias, 2000: 13-14.);
- A *construção de alianças* em que representantes do movimento indígena estabeleceram alianças políticas junto, por exemplo, à Central Única dos Trabalhadores (CUT), pela luta e garantias de seus direitos.

Para compreender-se melhor a pluralidade de organização e de movimentação, voltasse à tipificação feita por Azevedo e Ortolam *apud* Dias (1993):

1. Pelo povo, por exemplo, o CGTT (Conselho Geral da Tribo Ticuna) e a Comissão Indígena Xerente do estado de Tocantins;

---

<sup>426</sup> Este termo sinaliza às questões históricas como a colonização e as questões ainda enfrentadas pelas etnias, como demarcação de terras, saúde e educação.

2. Por mais de um povo, por exemplo, a ACIRX (Associação das Comunidades Indígenas do Rio Xié) o CIR (Conselho Indígena de Roraima) e a Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo;
3. Por categoria (estudantes, professores, mulheres, agentes de saúde etc.), como o Grupo de Mulheres Bordadeiras Xokó, a COPIAR (Comissão dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre) e a APBKG (Associação dos Professores Bilíngues Kaingang e Guaraní);
4. Articulação de organizações, como a COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro);
5. Em âmbito nacional, o CAPOIB (Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil) e o GRUMIM (Grupo de Mulheres e Educação Indígena).

Ressalte-se que essas novas organizações indígenas ocorreram em um período de reconhecimento legal dos direitos indígenas, a partir, principalmente, da Constituição de 1988:

promulgada em cinco de outubro de 1988, expressa os direitos dos povos indígenas em um capítulo específico, intitulado “Dos índios”, no Título “Da Ordem Social”, em oito artigos isolados e em um artigo, no “Ato das Disposições Constitucionais Transitórias”, referentes à demarcação dos territórios indígenas. (Grupioni, 1994: 88)

O autor mostra que a nova Constituição rompe com a tradição da legislação brasileira “que sempre procurou incorporar o índio à comunhão nacional, enquanto o novo texto reconhece aos índios o direito à diferença cultural” (Grupioni, 1994: 88). Este cenário reconhece a diversidade e os direitos dos povos indígenas no que diz respeito à terra, mostrando-se favorável também à ressignificação do próprio termo indígena, que remetia a uma conotação genérica de índio ou indígena, e agora é organizado em prol da identidade que une, articula e dá visibilidade ao movimento, o que fortaleceria os laços entre os povos indígenas.

É importante destacar que quando estamos falando de identidade indígena não estamos dizendo que exista uma identidade indígena genérica de fato, estamos falando de uma identidade política simbólica que articula, visibiliza e acentua as identidades étnicas de fato, ou seja, as que são específicas, como a identidade baniwa, a guarani, a terena, a yanomami, e assim por diante. (Luciano, 2006: 40)

A valorização da identidade indígena, assim como o reconhecimento de sua diversidade étnica e cultural, “possibilitaria uma nova consciência étnica dos povos indígenas do Brasil” (Luciano, 2006: 38), de modo que, hoje, “ser índio é sinônimo de orgulho indenitário” (Luciano, 2006:38).

Retomando a formação do movimento indígena nos anos 1980, vimos que a constituição de 1988 amplia as relações entre etnias e povos distintos, o que, no entanto, permite modificar a relação entre os indígenas e o Estado Brasileiro com a criação de diversos órgãos em vários ministérios com a atuação com povos indígenas. A Fundação Nacional do Índio – (FUNAI), que antes tinha o monopólio da política indigenista, como órgão titular e absoluto, perde sua hegemonia.

Várias ações indigenistas antes centradas na FUNAI foram transferidas para outros ministérios. Como exemplo, citamos os casos de Saúde, especificamente para a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), e a Educação Escolar Indígena, que foi transferida para o Ministério da Educação. (Luciano, 2006:73)

A crescente mobilização do movimento indígena mostrou sua expressividade, se antes de 1970 não havia registros de organizações indígenas institucionalizadas, em 2001 estimou-se haver um número de 347 somente na Amazônia Legal (PDPI, 2001) <sup>427</sup>.

O amadurecimento do movimento levou à formação de uma frente indígena em defesa dos direitos coletivos (lideranças e organizações locais, regionais, nacio-

---

<sup>427</sup> De acordo com dados do Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas, que faz parte do Ministério do Meio Ambiente.

nais e internacionais), ao mesmo tempo em eram identificadas necessidades e estratégias de cada povo, formando a base concreta do movimento e da luta indígenas. (Luciano, 2006:76)

Ainda que seja complexo definir a formação do movimento indígena no Brasil, um dos principais intuítos da pesquisa é demonstrar o protagonismo dos indígenas na formulação de suas políticas públicas, como no caso da educação escolar indígena.

A questão escolar ou o acesso à educação surge como uma das pautas levantadas pelo movimento indígena nas últimas décadas. A demanda por uma educação que reconheça suas especificidades e pluralidade aparece como um importante caminho para enfrentar problemas antigos e atuais gerados no curso da história através do contato com o mundo não indígena.

No âmbito de velhos desafios, encontram-se as possibilidades de que as tecnologias modernas possam ajudar no fortalecimento das tradições e na melhoria das atividades produtivas de subsistência. No âmbito de novos desafios, encontram-se as necessidades relativas ao exercício da cidadania e da participação política na vida do país, que em geral dizem respeito ao acesso às políticas públicas nas áreas de saúde, educação, geração de renda, gestão territorial e outras. (Luciano, 2011: 43)

A Constituição de 1988 revoga a tutela, da qual os indígenas eram submetidos até então, abrindo o diálogo com outras instâncias do Estado, dando lugar a políticas específicas para a população indígena, como no caso da educação escolar indígena diferenciada, gerida pelo Ministério da Educação (MEC), com a participação dos povos indígenas. Tal política é subsidiada pela Lei de Diretriz e Bases da Educação Nacional-LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) e executada pelas secretarias estaduais e municipais da educação com o intermédio da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CNEEI) e com a representatividade do Conselho Nacional de Educação (CNE).

O cenário atual amplia as discussões e reivindicações das populações indígenas no que concerne ao diálogo do ambiente escolar com os conhecimentos tradicionais, assim como a possi-

bilidade de apreender os conhecimentos não indígena com o objetivo de inserir as questões indígenas nos planos governamentais, municipais, estaduais e federais, bem como em nível internacional, possibilitando o diálogo sem mediação não indígena. A preocupação dos povos indígenas com uma educação específica e diferenciada não é algo novo, no entanto a outra questão que permeia estas discussões trata-se da Lei nº 11.645/08 que dá título à pesquisa em questão.

A Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008, incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Se o movimento negro é diretamente responsável pela proposta da institucionalização da Lei nº 10.639/03, a Lei nº 11.645/08 encontra-se ainda em processo de discussão e elaboração no Conselho Nacional da Educação, deixando-nos brechas para questionamentos. Como ficou claro também, o movimento indígena e negro, aproximam-se nas redefinições indenitárias e se diferenciaram em suas reivindicações no que tange à educação escolar.

É importante observar a estratégia utilizada tanto pelo movimento indígena quanto pelo movimento negro neste processo que dá um novo significado a alguns termos que antes eram usados de maneira pejorativos, no sentido de inferiorizar essas categorias sociais e políticas, com os casos das palavras índio/indígena e negro.

Com base nesse cenário, “houve uma reapropriação ou ressignificação dos nomes genéricos que, ao longo da história do país, tiveram sentido pejorativo e foram associados a modos de vida pouco ‘civilizado’” (Collet et al, 2013: 12). Tal ressignificação marca a posição adotada pelos movimentos indígena e negro no que concerne à luta por políticas públicas diferenciadas, abrangendo suas reivindicações, levando-se em consideração suas diferentes organizações e trajetórias.

Outro ponto importante de se ressaltar é de que, se o Movimento Negro Unificado, como mostrou-se acima, já propunha em sua agenda a inclusão das temáticas de história e cultura afro-brasileiras no currículo nacional, os movimentos indígenas estavam lutando por sua inclusão no sistema educacional brasileiro por escolas que não fossem pautadas pelo integracionismo, e, portanto, reivindicavam escolas específicas e diferenciadas para as diversas etnias indígenas do Brasil, em estratégias que podem confluir mas que também são bastante diversas.



#### **4. Conclusão**

Neste trabalho procurou-se fazer um ensaio que pudesse articular e expor as possíveis relações entre as agendas dos movimentos indígena e negro, sendo que a lacuna para relacionar os dois movimentos aparece por meio da Lei nº 11. 645/08, deixando claro que cada qual tem suas particularidade e percepções de mundo.

Como notou-se neste trabalho, os movimentos indígenas aparecem, por vezes, de forma pulverizados, articulando-se sempre que há necessidade, em torno de questões pertinentes a maior e melhor qualidade de vida, a exemplo da demarcação de terra, do meio ambiente, da saúde e educação. Atrelados a um passado colonial que impôs sua educação nos moldes eurocêntricos, este modelo educacional é reivindicado pelos próprios indígenas com a criação de suas escolas dentro de suas comunidades, como no caso da educação escolar indígena diferenciada, com professores indígenas que em sua maioria são formados por cursos de licenciaturas interculturais, criando meios de viabilizar os saberes tradicionais com o mundo dos brancos.

A educação na história do povo negro origina-se no embate com o colonizado que omitiu dos negros o direito de aprender, impossibilitando sua ascensão e mobilidade social, a registros históricos em jornais e revistas da época que demonstram, espaços criados por sujeitos negros com o objetivo de alfabetizar as crianças negras. Nos anos de 1930 a Frente Negra Brasileira, movimento social de grande expressividade na época, fundada em 1931, organiza-se em prol da criação de uma escola primária, mas que também mantinha cursos para jovens e adultos. Tal acontecimento se deu pelo fato de “o abandono a que foi relegado à população negra motivou os movimentos, do início do século, a chamar para si a tarefa de educar e escolarizar as crianças, os seus jovens e de um modo geral, os adultos” (Silva, 2000: 142-143).

Observou-se também o caso do movimento negro unificado que sempre procurou articular e unificar a luta do povo negro pela educação, colocando como pauta uma educação de qualidade para negros e não negros que contemple história e cultura afro-brasileira, reforçando suas múltiplas identidades culturais na qualidade de desmistificar o racismo.

Enfim, os dois movimentos percebem na educação um caminho para a autonomia e respeito à pluralidade. É importante ressaltar que este trabalho não tem a pretensão de trazer respostas prontas ou uma formula mágica que acaba com todo o preconceito étnico-racial, se propondo, apenas, a organizar as ideias a partir de questões pouco exploradas pelos pesquisadores. Este traba-

lho possibilitou levantar questionamentos sobre as possibilidades de relações e possíveis diálogos entre as militâncias dos dois movimentos, comparando-os, porém deixando visíveis suas particularidades, pois mesmo que ajam diferenças significativas no modo organizacional, a luta por reconhecimento e a valorização da diferença permite que questionamentos como este sejam feitos com o intuito de propor maiores reflexões.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Marta; ORTOLAM, Maria Helena. “Movimento indígena: já existem 100 organizações”. Editora: Porantim, Brasília, 1992.

AZEVEDO, Marta. “O processo de formação das Organizações Indígenas”. Brasília: CIMI, Setor de Documentação, Datilografado, 1993.

BANIWA, Gerssem Dos Santos Luciano. “O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje”. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

BRASIL. Ministério da Justiça. “Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008”. Diário Oficial da União. De março de 2008.

BRASIL. Ministério da Justiça. “Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003”. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Ministério da Justiça. “Lei nº 11.645, de 10 março de 2008”. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 09 set. 2014.

BRASIL. SECAD. “Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03”. Brasília: Mec/ Secad, 2005.

COLLET, Célia; PALADINO, Mariana; RUSSO, Kelly. “Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas”. /Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, v. 3, 2014, pp 110.

DIAS, Rosa Helena. “Movimentos indígenas no Brasil e a questão educativa: relações de autonomia, escola e construção de cidadania”. Revista Brasileira de Educação, núm. 13, 2000, pp. 95-112. Disponível em: <[http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13\\_07\\_ROSA\\_HELENA\\_DIAS\\_DA\\_SILVA.pdf](http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_07_ROSA_HELENA_DIAS_DA_SILVA.pdf)>. Acesso em: 02 mar.2014.

DOMINGUES, Petrônio. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.” Revista Tempo online, vol.12, núm.23, 2007, pp. 100-122. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. “Da aldeia ao Parlamento: A educação escolar indígena na nova LDB”. Em Aberto, núm. 63, 1994, pp. 88 a 92. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/948/853>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

GRUPIONI, L. D. B. “Educação e povos indígenas: construindo uma política nacional de educação escolar indígenas”. Revista brasileira de estudos pedagógicos, v.81, núm.198, Brasília, 2000. Disponível em: < <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/145/145>>, Acesso em:05 mai. 2014.

GRUPIONI, L. D. B. “Contextualizando campo da formação de professores indígenas no Brasil.” In: Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

HANCHARD, Michel George. “Orfeu e o poder: movimento negro no Rio e São Paulo”. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. “Discriminação e desigualdades raciais no Brasil”. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro, 2005.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. “Educação para Manejo e Domesticação do Mundo: entre a escola ideal e a escola real. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.” - Curso de Antropologia Social, Departamento de Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília. Tese de Doutorado, 2008.

MONTEIRO, Helene. “O ressurgimento do movimento negro no Rio de Janeiro na década de 1970”. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, 1991.

NASCIMENTO, Maria. “A estratégia da desigualdade; o movimento negro dos anos 70”. PUC, São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1989.

OLIVEIRA, Luiz Alberto Gonçalves; PETRONILHA, Beatriz Gonçalves e Silva. “Movimento negro e educação”. Revista Brasileira de Educação, núm.15, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a09.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz. M. (orgs.). “Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil”. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007-2008.

PAIXÃO, Marcelo et al. (org.). “Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil”. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2011.

QUITO. ENCONTRO CONTINENTAL DOS POVOS INDÍGENAS. “Auto determinacion y proyecto político”. Documento dactilografado, 1990.

## **Democracia enquanto tecnocracia: Uma análise da atuação da UNICEF na República Dominicana**<sup>428</sup>

## **Democracia enquanto tecnocracia: Una análise de la actuación de UNICEF en la República Dominicana**

Tassiana Vieira de Assis<sup>429</sup>

### **Resumo**

A percepção dicotômica observada no cenário internacional (países desenvolvidos/subdesenvolvidos) é constituída historicamente e não apenas por fatores domésticos e, a partir da análise de programas de Organismos Internacionais é possível notar o papel do internacional na constituição do local. A partir da análise da atuação da UNICEF na República Dominicana a partir de um programa social chamado *Ayuntamientos Juveniles e Infantiles*, o qual tem caráter de educação política, é possível exemplificar como tais organismos têm moldado os interesses dos Estados, mantendo-os sob uma lógica de modernização estabelecida pelos países ocidentais desenvolvidos. Ainda de forma mais específica o programa propaga uma concepção tecnocrática de democracia, a qual reforça ainda mais as dicotomias postas pela colonialidade e a manutenção desse sistema político como um padrão ideal.

**Palavras chave:** democracia, tecnocracia, organizações internacionais, pós-colonialismo.

### **Abstract**

The dichotomous perception observed in the international scenario (developed / developing countries) is constituted historically and not just by domestic factors and from the analysis of International Organizations programs is possible to note the role of the international constitution of the local level. From the analysis of UNICEF's work in Dominican Republic through a social program called *Ayuntamientos Juveniles e Infantiles*, which has the character of political education, it

---

<sup>428</sup> O presente artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) sob orientação do Professor Doutor Aureo de Toledo Gomes da Universidade Federal de Uberlândia

<sup>429</sup> Estudante de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia

is possible to illustrate how such organizations have shaped the interests of the States, keeping them in a modernization logics established by developed Western countries. Still more specifically the program propagates a technocratic conception of democracy, which reinforces the dichotomies posed by colonialism and reinforces the maintenance of the political system as an ideal standard.

**Key words:** democracy, technocracy, international organizations, post colonialism.

## **Resumen**

La percepción dicotómica que se ve en el senario internacional (entre los países desarrollados y subdesarrollados) fue construida históricamente y no solamente por factores internos, cuando analizamos programas de Organizaciones Internacionales es posible ver el role del internacional en la formación del local. Desde la atuação de UNICEF en la República Dominicana desde un programa social llamado “Ayuntamientos Juveniles e Infantiles”, el cual tiene carácter de educación política, es posible traer un ejemplo de cómo esas Organizaciones cambian los intereses Estatales, poniéndolos en una lógica de modernización puesta por los países desarrollados. Aún, de manera más específica el programa propaga una concepción tecnocrática de la democracia, la cual refuerza más las dicotomías puestas por la colonialidade y la manutención de esto sistema político cómo un padrón ideal.

**Palabras clave:** democracia, tecnocracia, organizaciones internacionales, poscolonialismo.

## **Introdução**

A forma como o local e o internacional se coconstituem não só nos traz o entendimento de como são determinadas as ações do Estado domesticamente, como demonstra as discrepâncias estabelecidas internacionalmente entre os Estados. A percepção dicotômica que observamos no cenário internacional entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos é constituída não apenas por fatores internos aos países ou determinantes materiais, a partir da análise de programas de Organismos Internacionais é possível notar o papel do internacional na constituição do local.

A presente análise irá discorrer sobre a atuação do Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (doravante UNICEF)<sup>430</sup> na República Dominicana a partir de um programa social chamado *Ayuntamientos Juveniles e Infantiles*. O programa que tem caráter de educação política de jovens entre 8 e 17 anos, servirá como base para exemplificação empírica da forma como esses organismos têm moldado os interesses dos Estados, mantendo-os sob uma lógica de modernização estabelecida em grande parte pelos países ocidentais desenvolvidos. Ainda de forma mais específica o programa propaga uma concepção tecnocrática de democracia, a qual reforça ainda mais a manutenção desse determinado sistema político como um padrão ideal no mundo, ainda que não necessariamente signifique ganhos igualitários para toda população, uma vez aplicado enquanto um processo burocrático.

Uma das lógicas mais consolidadas dentre o mundo ocidental é a de democracias liberais. Grande parte dos Estados mais desenvolvidos, em especial Estados Unidos e Estados da Europa, adota esse modelo. Como veremos de maneira mais aprofundada durante a análise do programa da UNICEF, há um entendimento compartilhado de que a democracia é o sistema mais adequado ao mundo moderno, capaz de garantir não só as necessidades domésticas como a paz mundial (paz democrática). E dado uma visão linear e evolucionista da história assume-se que aqueles Estados que ainda não possuem tal sistema plenamente desenvolvido estão alocados em um patamar inferior na política internacional, e deverão trilhar os passos estabelecidos pelos países desenvolvidos a fim de atingir alto grau de democratização e desenvolvimento.

Nesse sentido, podemos preliminarmente perceber não só uma visão reducionista da história, como a construção da lógica internacional de forma relacional e a partir da construção de dicotomias, que separam aqueles que estão aptos a assumirem determinados papéis nas Relações Internacionais, e aqueles que não estão. (SAID, 1979) Essa dicotomia arraigada na base da estrutura internacional aponta para uma dominação e coordenação das relações internacionais a partir de um ímpeto pedagógico de organismos internacionais.

O aporte teórico para tanto, apresentado na próxima seção, possui bases construtivistas e pós-coloniais. Ainda em termos da discussão teórica que informa a análise, é importante apresentar o debate acerca da tecnocracia, e as implicações da utilização da democracia em termos tecno-

---

<sup>430</sup> Sigla para o termo em inglês *United Nations Children's Fund*. A UNICEF é um órgão da Organização das Nações Unidas, que trata dos direitos das crianças e adolescentes e está ativa em mais de 190 países e territórios. Fonte: <http://www.unicef.org/>. Acesso em 12 de janeiro de 2013

cráticos. Com todos os conceitos apresentados, esperamos assim demonstrar o processo que ocorre na República Dominicana, e como a atuação internacional contribui para a propagação de uma visão técnica da democracia, e de forma mais ampla, discutir os impactos dos Organismos Internacionais em sua atuação nos países subdesenvolvidos.

## **A Estrutura Internacional**

Com o intuito de identificar as diferenças estabelecidas entre os países desenvolvidos e aqueles ditos subdesenvolvidos, e compreender como isso é capaz de constituir o âmbito local, faz-se necessário previamente uma análise das estruturas internacionais que atuam diariamente direta ou indiretamente na construção ou incentivo de determinadas ações dos Estados. Nesse sentido, o trecho seguinte é bastante ilustrativo: “Os Estados estão inseridos em densas redes de relações transnacionais e internacionais que moldam suas percepções do mundo e do seu papel no mundo. Estados são socializados a querer certas coisas pela sociedade internacional na qual eles e as pessoas vivem.” (FINNEMORE, 1996, p. 2)

A partir disso entende-se que há uma estrutura internacional capaz de socializar regras e condutas perante os atores nela inseridos. Os interesses nacionais não são dados ou conhecidos previamente pelos Estados, eles têm uma origem, precisam ser formulados, e isso é feito tendo como base tanto questões internas como externas, a partir disso quando os agentes internacionais interferem naquilo que ocorre internamente ao Estado estão concomitantemente moldando sua formulação de interesse e, portanto propagando as lógicas da estrutura internacional. (FINNEMORE, 1996)

Nesse sentido os argumentos estabelecidos por Innayatullah e Blaney (2004) são bastante elucidativos, ao descreverem a incorporação da teoria da modernização pelas Relações Internacionais, identificam justamente esse movimento de se estabelecer externamente aos Estados as suas necessidades de desenvolvimento, as quais são definidas partindo da diferença e do pressuposto de que a mesma implica em inferioridade e, portanto, seria necessária uma instrução externa para que tais sociedades fossem capazes de alcançarem o mundo moderno.

Na teorização das Relações Internacionais a teoria da modernização é incorporada acreditando conseguir conter o problema da diferença, uma vez que todos os países trilhassem o caminho da modernização estariam em um mesmo patamar e lidar com a diferença internacionalmente



não seria mais necessário. O grande problema dessa perspectiva é que ela não só naturaliza a ideia de um único desenvolvimento e destino para todos os Estados, como temporaliza a diferença, a colocando como uma forma imperfeita, inferior e estagnada no tempo do formato de Estados Modernos (INNAYATULLAH e BLANEY, 2004).

Ainda, tal universalismo é estabelecido na teoria da modernização a partir das noções binárias de espaço interno/externo (sociedade dentro dos Estados enquanto um sistema ordenado) e desenvolvimento do tradicional para o moderno. Dessa concepção de ordem social deriva-se que o sistema político pode ser compreendido como uma série de padrões capazes de manter a ordem interna e externa. Destarte, o desenvolvimento do sistema político de uma sociedade caminhará obrigatoriamente para o exercício de política em termos liberais de uma sociedade moderna. Essa percepção não só gera reducionismos quanto à concepção de política e Estado, como retira sua complexidade. Em consequência, o relacionamento internacional se dá em termos hierarquizados e de passividade por uma parte, e nunca em termos de reciprocidade. (INNAYATULLAH e BLANEY, 2004)

Derivando de todo esse argumento modernizador a igualdade entre Estados apenas é atingida mediante a assimilação de uma cultura sobre a outra. O conceito de assimilação colocado por Innayatullah e Blaney é um conceito de Todorov (2010). O que Todorov traz é que o relacionamento com o outro não é unidimensional, a partir do contato com o diferente há um duplo movimento<sup>431</sup>. Como Innayatullah e Blaney (2004) demonstram esse duplo movimento descrito por Todorov (2010), de reconhecimento enquanto inferior guiando o assimilacionismo, é o que ocorre no âmbito internacional. Dado que a modernização estabelece a fronteira espacial/temporal entre os atrasados e o moderno, o único caminho para a igualdade seria a assimilação. Uma vez estabelecida a inferioridade do outro no plano axiológico, tende-se para assimilá-lo com o intuito de incorporá-lo à modernidade, lhe impondo os termos para se atingir essa igualdade.

Entendendo o processo de generalização e essencialização que se dá do mundo oriental/subdesenvolvido como um todo deriva-se que todos os problemas existentes nessas localidades

---

<sup>431</sup> Segundo Todorov (2010) tal relação se enquadra em três eixos, inicialmente no plano axiológico tem-se o momento de julgamento do “outro”, o qual é dado segundo as perspectivas o “eu” e não pela percepção do próprio “outro”, é quando se tem a interpretação do outro em termos valorativos, julgando-o com semelhante/diferente, bom/mau. Depois há o eixo que estabelece qual será a ação tomada perante o diferente, nesse plano praxiológico a ação é de se identificar com o outro ou assimilá-lo, ignorando toda e qualquer particularidade que ele venha a ter e subordinando-o à sua cultura, nas palavras de Todorov (2010), “*impondo-lhe minha própria imagem*” (p.269). E o terceiro eixo seria aquele em que se teria a indiferença a partir do contato, denominado o plano epistemológico.

seriam fruto da essência oriental. Mas ao mesmo tempo em que são culpabilizados por todos os problemas, são incapazes de solucioná-los por si só, dado suas características e intelectualidade inferiores. Assim o discurso modernizador implica na passividade do Outro perante seus próprios entraves sociais. E exatamente por enxergar no Oriente tantas incapacidades, institui-se a tutela ocidental sobre o mesmo. O Ocidente seria eternamente responsável pela manutenção da ordem no mundo não oriental, ensinando-o devidamente como se governar, se organizar e como existir. (SAID, 1990).

Assim, ao passo que as Organizações Internacionais propagam determinados programas, elas acabam por manter a tutela sobre os países subdesenvolvidos, ensinando-lhes no caso de um programa como o da UNICEF como se autogovernarem, e quais as melhores práticas a serem aplicadas no âmbito local. A igualdade entre os Estados seria atingida apenas com todos os países sendo democracias (tecnocracias). E a luz do que Finnemore (1996) diz, essas preferências por modernizar/democratizar são trazidas do internacional para o âmbito local e não são necessariamente uma demanda doméstica do país. A UNICEF ao aplicar o programa “*Ayuntamientos Juveniles e Infantiles*” vem ensinando a República Dominicana a necessidade de implementação de uma democracia pautada em procedimentos técnicos e burocráticos.

Associado ao estudo de caso do trabalho, os argumentos descritos previamente nos elucidam questões cruciais para analisar como as dicotomias do sistema internacional são mantidas pelo processo pedagógico de Organismos Internacionais. Cabe agora apresentar a especificidade do debate sobre tecnocracia e democracia e porque o mesmo é importante para nossa análise.

### **Democracia e Tecnocracia**

Para tratar de democracia e tecnocracia é preciso entender determinadas delimitações dentro do debate. Trazer definições precisas sobre os conceitos exigiriam um vasto e extenso debate, o qual não é o cerne do artigo, o principal intuito é verificar quais as implicações e limitações do uso tecnocrático da democracia. De modo que não se pretende uma crítica à tecnocracia *per se*, mas dada a sua inserção em determinados contextos, e sua colocação enquanto alternativa única para exercício da democracia há uma desvalorização de processos políticos importantes para constituição de uma sociedade.

A definição de tecnocracia não é um consenso absoluto, mas grande parte das características atribuídas à atuação tecnocrática, seu caráter burocrático, racionalista, o foco em eficiência, busca pela neutralidade e transparência estão presentes na descrição de alguns autores (MAC GUINTY, 2012; CENTENO, 1993)<sup>432</sup>. Mas, para além disso, a tecnocracia também representa uma forma específica de atuação, a qual não é uma lei universal dado as especificidades do contexto do qual emerge, mas representa de uma forma geral uma perspectiva de mundo particular e capaz de conduzir as ações de tecnocratas dentro da política e em outros setores (CENTENO, 1993). A aplicação da tecnocracia enquanto prática rotineira dentro dos países se dá a partir da ação de tecnocratas, os quais não necessariamente compartilham um mesmo ideal, mas pode-se dizer que compartilhar um *framework*<sup>433</sup> comum. Dessa forma, seguiriam um mesmo método de trabalho para a análise e solução de problemas, políticos ou não (CENTENO, 1993).

Fato importante e que por vezes é negligenciado são as causas colocadas para o surgimento das práticas tecnocráticas. Seria atribuída à complexidade das responsabilidades do Estado tal causalidade, a legitimidade do Estado passa a estar associada a um critério de performance, ou seja, sua habilidade enquanto provedor de serviços eficientemente. E a atuação de forma tecnocrática está, ainda, intrinsecamente ligada à existência de alguma crise/incerteza relativa ao Estado e de instituições autônomas. Considerando tal contexto, o que se alega em prol da tecnocracia seria que suas características são mais eficientes e capazes de gerir o Estado sem serem corrompidos por ganhos políticos de curto prazo. Porém pretende-se a partir de agora problematizar justamente tal visão. Primeiramente a tecnocracia pressupõe a ideia de que a política é corrupta e ineficiente, e portanto não seguir uma ideologia, mas um método e se desvencilhar de todo e qualquer valor seriam consideradas as opções mais plausíveis para uma gestão efetiva do aparato estatal (MAC GUINTY, 2012; CENTENO, 1993).

No entanto, ao promover uma gestão baseada em uma racionalidade instrumental, os tecnocratas estão sim seguindo um determinado tipo de ideologia, dentro da perspectiva moderniza-

---

<sup>432</sup> Centeno (1993, p.312), irá definir a tecnocracia não como uma ideologia de perguntas e temas, mas sim uma ideologia do método: uma crença na habilidade para se encontrar uma resposta ótima para qualquer discussão mediante a aplicação de práticas particulares.

<sup>433</sup> Mantém-se o termo *framework* do original para maior clareza do sentido empregado. *Framework* pode ser entendido como um arcabouço de trabalho comum, uma funcionalidade aplicável a diversas situações por possuírem um domínio comum.

dora. Um fator estrutural que permite a virada tecnocrática<sup>434</sup> é possibilitado pela ideologia modernizadora, perspectiva sob a qual práticas que envolvem identidade, sentimento, ou práticas políticas não tecnocráticas são vistas como arcaicas e irracionais. Assim, percebe-se que os tecnocratas não só possuem uma determinada visão de mundo como excluem a possibilidade de aplicação de qualquer outra. Além disso, ao se proclamarem *value-free* (desprovidos de valores) promovem soluções despolitizadas para questões sociais, o que é praticamente inconcebível. (MAC GUINTY, 2012; CENTENO, 1993). Centeno (1993) irá dizer que os tecnocratas não podem fugir de uma orientação valorativa, porém não terão necessariamente a mesma ideologia, esta será fruto da função que o tecnocrata possui dentro do aparato estatal, ou em determinada instituição.

Outro argumento levantado é o da neutralidade nas ações tecnocráticas. Toda a burocracia administrativa, critérios de eficiência, e confiança em análises científicas produzem a impressão de um posicionamento neutro e isento de percepções particulares. Mas, essa visão de eficiência é importada do setor privado, onde ela é associada à uma perspectiva neoliberal e, portanto, não é neutra ou isenta de ideologia. (MAC GUINTY, 2012) E a ciência por si só já possui seus paradigmas e ideologias específicas. Para além, a neutralidade e objetividade não servem para resolução de qualquer problema, ao se tratar de questões delicadas do ponto de vista social, religioso, entre outros, qualquer decisão implicará uma tomada de partido e quebra da neutralidade.

Com a disseminação de uma percepção tecnocrática na atuação política tem-se a propagação das chamadas *best practices* (melhores práticas/ boas práticas), ou seja, aquelas práticas tidas como exemplares e deverão ser prontamente replicadas pelo países. De modo que a burocratização e modernização seriam os melhores e, portanto, únicos exercícios a serem aplicados. Como fruto dessa propagação percebe-se que a replicação das práticas está inserida dentro daquela lógica pedagógica dos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento. Ademais, a expertise ensinada trata-se de um conhecimento não só burocratizado como ocidentalizado, e não uma expertise local. O problema das boas práticas no caso da tecnocracia é sua inflexibilidade, tendo inovações fora de seus padrões e criticidade excluídas da formulação de propostas. Com isso, não há uma adaptação adequada de determinada prática, levando-a a se tornar incoerente com as necessidades locais (MAC GUINTY, 2012).

---

<sup>434</sup> Mac Guinty (2012) explica com se dá a virada tecnocrática nas operações de paz. A virada tecnocrática seria caracterizada pelo destaque dado pela ONU quanto à necessidade de assistência técnica para fortalecer novas democracias, impregnando assim uma visão tecnicista e estado-cêntrica de democracia.

Com os conceitos apresentados, podemos enfim partir para a análise empírica, a ser realizada na seção seguinte.

### **Ayuntamientos Juveniles e Infantiles**

O programa denominado *Ayuntamientos Juveniles e Infantiles*, iniciado em 2004 na República Dominicana é direcionado para crianças e adolescentes entre 8 e 17 anos. Em linhas gerais, o programa visa promover ações de inserção da juventude no universo político e assim consiste na simulação da realidade de uma Prefeitura Municipal, com a realização de campanhas, eleições, propostas e ações de um grupo de crianças eleito para gerir o *Ayuntamiento Juvenil* por dois anos, incentivando os participantes a assumirem os papéis dos políticos. O programa iniciou-se nos municípios de Baní, Guaymate, La Romana, Mao e Yaguata e hoje continua em expansão.

É válido ainda explicar que o programa faz parte de uma estratégia mais abrangente da UNICEF e do Governo da República Dominicana chamada *Municipios amigos de la Niñez*, na qual estão inseridas diversas ações da UNICEF em prol da promoção e aplicação dos direitos da criança, tendo como base principal atingir os Objetivos do Milênio. Nesse sentido os *Ayuntamientos Juveniles e Infantiles* visam também promover uma maior disseminação dos direitos da criança dentro do país, se preocupando com questões sociais e até mesmo ambientais que afetam a infância direta ou indiretamente. Ressaltado esse ponto, esclarece-se que o programa é bem abrangente e o objeto para análise nesse artigo situa-se especificamente na parte de educação política das crianças, e não pretende se estabelecer um estudo para os demais aspectos do programa.

No seguinte trecho retirado de uma análise sobre a situação da infância na República Dominicana em 2012, é possível notar o caráter social e de defesa das crianças e adolescentes, e nesse sentido a estratégia *Municipios Amigos de la Niñez* é louvável, e tem alcançado importantes avanços para a população jovem do país.

La estrategia de *Municipios Amigos de la Niñez* promueve espacios de participación de niños, niñas y adolescentes en las decisiones municipales. En 2012, un total de 115 municipios (94 municipios y 21 Distritos Municipales) se han declarado Amigos de la Niñez. Como parte de esa estrategia, se han creado los Ayuntamientos Infantiles y Juveniles, los cuales representan espacios institucionales de partici-

pación infantil en la gestión municipal y contribuyen a estimular el interés de los niños, niñas y adolescentes por los asuntos políticos y sociales de su municipio. En el 2012, existen 15 Ayuntamientos Juveniles e Infantiles en el país y 3 más están en proceso de conformación. Una evaluación reciente de los ayuntamientos juveniles e infantiles muestra que el involucramiento y participación activa de niños y niñas ha tenido los siguientes efectos: incremento de autonomía y confianza en sí mismos (41%), incremento de confianza en el futuro (31%), y el respeto a SUS opiniones a nivel familiar y comunitario (25%). (Análisis de la Situación de la Infancia y la Adolescencia en la República Dominicana 2012, P.108)<sup>435</sup>

No entanto é justamente o caráter tecnocrático que traz limitações para o programa e corrobora para a manutenção da lógica modernizadora nas Relações Internacionais e mantém as dicotomias. Para implementação do programa há um guia que os municípios devem seguir, o qual instrui os passos para formação da gestão do Ayuntamiento Juvenil, delimitando as regras do programa e das eleições para escolha democrática dos representantes de cada gestão. E como apontado pela carta de apresentação do guia, é fruto de práticas dentro do âmbito dos Municípios Amigos de la Niñez que passaram a ser disseminadas para a aplicação em vários municípios: *“Creyentes en la validez e importancia de esta iniciativa, presentamos esta ‘Guía para Ayuntamientos Juveniles e Infantiles’, fruto de las buenas prácticas y lecciones aprendidas de un grupo de Municipios que a partir de 2004 decidieron intentar la experiencia.”* (Guía de Ayuntamientos Juveniles, Carta de apresentação)

As principais práticas são eleição por meio de voto com direito à campanha eleitoral e mandato dos eleitos pelo período de 2 anos. Nos trechos a seguir será possível notar a forma como a eleição e outros processos são estruturados e a partir daí a ideia de democracia que se deriva.

La Iniciativa Ayuntamiento Juvenil e Infantil se realiza porque los niños, niñas y adolescentes deben contar con la oportunidad de contribuir a las soluciones de los desafíos que les afectan y al mismo tiempo aprender a ma-

---

<sup>435</sup> Todos os trechos de documentos relativos ao programa serão citados no original em espanhol, para que o leitor possa comparar nossa interpretação com o original.

nejar correctamente un gobierno local. (Guia de Ayuntamientos Juveniles, p.7)

Es un espacio de participación de los niños, niñas y adolescentes en los Municipios Amigos de la Niñez, para su integración en la gestión municipal. Es una experiencia educativa donde tanto los niños, niñas y adolescentes como los/as adultos/as aprenden nuevas maneras de tomar decisiones en el municipio, de forma participativa, democrática, inclusiva, transparente y responsable. Es constituido por Síndica/o, Vice Síndica/o, Secretaria/o, Tesorera/o y Concejo de Regidoras/es, quienes son niños/as y adolescentes elegidos por el voto de toda la población infantil y juvenil del municipio. (Brochure Ayuntamiento Juvenil, p.2)

¿Qué es un padrón electoral? Es un listado con todos los nombres y datos personales de las personas que tienen derecho a votar en unas elecciones. En el caso de La Iniciativa Ayuntamientos Juveniles e Infantiles el padrón electoral es el listado de los niños, niñas y adolescentes que tienen derecho a votar en las elecciones juveniles e infantiles en un determinado municipio (Guia de Ayuntamientos Juveniles, p.27).

Os trechos acima que foram retirados do guia de implementação do programa “*Ayuntamientos Juveniles e Infantiles*” da UNICEF, e de um folder explicativo, podem nos mostrar a perspectiva transmitida pelo programa acerca de alguns conceitos. Quando é colocado que o programa que pretende ensinar a *manejar correctamente un gobierno local*, existe uma concepção prévia do que é gerir corretamente um governo, o que traz consigo determinadas práticas e ações consideradas corretas. Dessa forma os processos democráticos estão circunscritos nessa forma de gestão.

Quando o guia define o que é um padrão eleitoral também podemos perceber algumas noções que ele carrega do processo eleitoral. Em qualquer ambiente democrático, obviamente haverá regras relativas à forma de se exercer tal democracia representativa, as características do voto, o formato do processo eleitoral, a periodicidade dos mandatos dos representantes. Contudo, o padrão eleitoral no programa é algo dado, não passível de relativização ou alteração, e sendo esse formato o primeiro contato que os jovens terão de se inserir na política, eles terão em seu imaginário essa noção de que padrões eleitorais são necessariamente algo fixo e estabelecido externamente, fora do ambiente de discussão ao qual eles possuem alcance. A partir disso, um aspecto impor-

tante e determinante em um processo de uma democracia representativa é apenas replicado e não problematizado.

Ao aplicar o ensinamento sobre o que é democracia a partir do reducionismo de que a mesma consiste em participar do processo eleitoral, seja como votante ou candidato, realizar propostas e cumprir o seu mandato, acaba por burocratizar a participação política. Tal abordagem implica, em última instância, no bloqueio de alternativas à democracia nesse formato, fazendo com que a população replique esse modelo sem necessariamente repensá-lo ou colocá-lo em adequação com a sua realidade local. Os exemplos abaixo são indicadores do caráter tecnocrático do programa:

¿Qué es elegir democráticamente? Es cuando en un grupo se toman decisiones por consenso o por mayoría de votos, es decir, que las decisiones no las toma una sola o pocas personas (Guia de Ayuntamientos Juveniles, p.43).

*Organización administrativa del Ayuntamiento Municipal.* Cada Ayuntamiento Municipal tiene sus procedimientos administrativos internos a los que a veces el Ayuntamiento Juvenil e Infantil tiene que acceder. Por esto es importante que una persona adulta acompañe al el Ayuntamiento Juvenil e Infantil hasta que haya aprendido estos procedimientos administrativos y estén más relacionados con los empleados del Ayuntamiento (Guia de Ayuntamientos Juveniles, p.73).

Acima, aparece uma definição do que seria uma eleição democrática, nota-se que a afirmação é em termos processuais, uma eleição democrática implica na execução de um processo em que a decisão virá a partir da votação da maioria. Transportando esse pensamento para um ambiente político no nível estatal é muito difícil reduzir uma eleição a esses termos, a caracterização democrática não deveria ser apenas porque nela a decisão parte de mais de um votante e não é a decisão de uma única pessoa. Existem outros elementos para que uma eleição seja de fato democrática, deveria haver uma democratização das formas de comunicação, um amplo debate previamente à tomada de decisão não só entre os dirigentes, mas que envolva a população, dentre outros elementos que podem torná-la verdadeiramente democrática e não apenas técnica.



No segundo trecho é possível notar tanto um aspecto positivo quanto negativo. Por um lado conhecer os procedimentos administrativos dentro da gestão pública, seja ela municipal ou nacional, é interessante para conhecer o funcionamento do aparato estatal, de que forma ele pode ser alterado quais são as principais falhas e conseguir atuar ativamente nos processos públicos. Por outro, o ensinamento dos procedimentos técnicos do aparato estatal de forma despolitizada pode acarretar na mera reprodução dos mesmos, sem que novos processos sejam pensados ou os antigos sejam revisados.

Ainda, durante todo o guia de ayuntamientos juveniles é possível notar explicações acerca dos processos burocráticos. Os trechos possuem caráter explicativo, e para além disso, afirmativos, demonstrado a rigidez de tais processos, como pode ser observado na exposição abaixo:

¿Qué es una minuta? Es anotar por escrito lo decidido y conversado en una reunión. En el caso de los Ayuntamientos Juveniles e Infantiles es el documento que contiene la anotación de todas las discusiones y decisiones que se toman en una sesión. Luego de la reunión, la minuta tiene que ser tomada en cuenta para escribir el acta (Guía de Ayuntamientos Juveniles , p.44).

E outro ponto importante para além da burocratização é o ímpeto profissionalizante para gestão do projeto em si. Uma característica de um ambiente tecnocrático é prezar pela eficiência dos projetos, buscando, portanto, formas de profissionalizá-lo para que consiga manter a reprodução de seus procedimentos sem interrupções ou intempéries que prejudiquem o alcance dos objetivos propostos. A seguir podemos visualizar em um relatório da UNICEF acerca da iniciativa dos *Municípios amigos de la Niñez* a necessidade de profissionalização da gestão, para que o projeto se mantenha eficiente.

Durante las visitas al terreno, observamos que la mayoría de estos departamentos estaban dirigidos por un director, generalmente el Vicesíndico, quien estaba tomando muy en serio la Iniciativa MAN y estaba haciendo un gran trabajo para los niños del municipio. De hecho, esta persona era generalmente la persona primordial responsable de la Iniciativa MAN lo que a largo plazo representa un problema.

Debido a que el vicesíndico es una posición elegida, la continuidad que ofrece esta estructura es precaria (Evaluación MAN, p.22).

Para além, é possível visualizar em outros trechos que as avaliações positivas do programa se restringem a uma noção quantitativa, isto é, à quantidade de eleições realizadas, assim como à quantidade de pessoas envolvidas.

De julio 2004 a diciembre 2006 se han logrado los siguientes resultados: 12 elecciones juveniles e infantiles se han realizado en 10 municipios; Más de 50,000 niños, niñas y adolescentes; han participado como votantes; Cerca de 300 niños, niñas y adolescentes han participado como candidatos; 157 niños, niñas y jóvenes han ejercido funciones elegidas por voto popular dentro de un Ayuntamiento Juvenil y más de 500 han participado como suplentes, miembros de Comisiones de Trabajo o dentro de una Comisión Electoral Juvenil (Guia de Ayuntamientos Juveniles, p.10).

Resguardada a importância de se analisar determinados números e índices, o debate acerca do conteúdo de democracia no caso em questão acaba ficando em segundo plano, limitando o espaço para a população local participar e dizer como gostaria de preencher sua democracia, além de circunscrever a participação política da população ao comparecimento eleitoral e ao cumprimento das regras. Apesar de serem feitas algumas análises qualitativas relativas aos avanços dos *Municipios amigos de la Niñez* na busca pelos direitos de crianças e adolescentes, a quantificação nas análises aparece especialmente acerca do *Ayuntamientos Juveniles*. Assim, dado o caráter de propagação da democracia, a quantificação impede a leitura de informações que de fato apresentem uma democratização da sociedade. O caráter tecnocrático faz com que sejam avaliados apenas os números do programa.

No seguinte trecho é possível notar outra feição do programa, acerca das campanhas eleitorais das crianças coloca-se: *“Prohibir referencias a partidos políticos. Es muy importante prohibir el uso de signos, símbolos, colores, nombres, canciones o cualquier cosa que manifieste una relación con partidos políticos.”* (Guia de Ayuntamientos Juveniles, p.32), em que se vê mais uma vez um processo de despolitização dos debates e a aplicação de uma visão técnica.

A perspectiva do programa parece ignorar que na política real não há neutralidade, existem muitos interesses e valores envolvidos, assim apenas ensinar os participantes a como se inserirem no processo democrático a partir de práticas predeterminadas, implica na despolitização do debate, e conseqüentemente em um engessamento da democracia. Essa limitação impede que haja verdadeiras mudanças estruturais, então, mesmo que a população esteja melhorando a participação dos jovens na comunidade e nas famílias, dificilmente se alcançaria grandes mudanças no nível nacional, ou seja, na forma da gestão pública, políticas econômicas/sociais de Estado, entre outros aspectos.

Assim, por mais que a iniciativa incentive a participação das crianças nos processos políticos da cidade, o programa procura os inserir nessa participação para aprender formas de tomada de decisão, executar projetos e assimilar os procedimentos burocráticos da prefeitura municipal. Há pouco espaço no programa para que as crianças e a comunidade local atue de fora do que lhes é ensinado, assim o único método de participação que conhecem está dentro de aparatos já existentes do governo e a isso se restringe a participação democrática em buscar seus direitos por vias pré-estabelecidas, sem reformas ou transformações.

Especificamente sobre a dimensão tecnocrática da discussão, os principais pontos presentes no programa da UNICEF são a burocratização, busca por eficiência, quantificação, e utilização de boas práticas não adaptadas, como pode ser visualizado na análise documental do programa. Ainda, por se dar em um formato que copia um ambiente político já existente, carrega o problema da limitação, uma vez que todas as discussões e soluções são dessa forma pré-estabelecida de política, impedindo ou reduzindo o surgimento de alternativas de atuação política.

É interessante notar que no programa na República Dominicana há grande participação popular, mas especificamente da população infanto-juvenil. Mas estando o limiar entre uma atuação autônoma e uma mímica de práticas externas muito próximo, é difícil dizer com precisão, ou certeza absoluta o que ocorre nos municípios Dominicanos. É possível que haja uma mescla de ambos elementos, uma vez que a atuação da UNICEF ensina as boas práticas e implementa elementos externos, mas ao mesmo tempo conta com a incorporação dos mesmos pela população, esta com algumas contribuições pontuais.

O que se argumenta aqui é que a forma como se lida com o programa, formato dos Ayuntamientos, e outros detalhes podem ser instrumentalizados pela população local, mas todo ideal democrático, apelo por processos burocráticos e técnicas políticas lhes são ensinadas pedagógica-

mente pelas OIs, e provém de um processo histórico que é dominado por alguns Estados, e, portanto, irá contribuir para manutenção da estrutura internacional dentro dos padrões estabelecidos pelos mesmos, e que é crucial para sua perpetuação enquanto hegemonias.

### **Considerações Finais**

Visualizado o caráter tecnocrático do programa social da UNICEF na República Dominicana, e clarificando o que é a tecnocracia, e no que ela se traduz enquanto prática política é possível ver os impactos disso localmente e para a perpetuação da estrutura internacional estabelecida em termos dicotômicos de inferioridade/superioridade.

Toda a parte dos Ayuntamientos Juveniles relativa à incorporação dos jovens na política passa por uma lógica tecnocrática. É notável que as definições de democracia, eleições e participação política estão circunscritas em um universo tecnocrático, universo esse que é limitador e excludente, originário dos países ocidentais, não possuindo correspondência histórica com todas as sociedades e gerando incompatibilidade com os próprios valores da sociedade Dominicana.

Há uma crença de que mediante as práticas e regras do AJI será possível encontrar todas as respostas para inserção dos jovens na política e aplicação de seus direitos de infância. Assim como a tecnocracia coloca a chave para alcançar todos os problemas na aplicação de técnicas e práticas despolitizadas. Prezando pela neutralidade, objetividade, racionalidade instrumental e eficiência a tecnocracia esvazia o debate político de seu caráter moral e social, entendendo-o meramente como um processo burocrático que deveria seguir padrões científicos (CENTENO, 1993).

As consequências disso para uma sociedade é um potencial descolamento da realidade política com o contexto social, além de negligenciar parte das demandas da população devido à busca pela otimização dos processos. Ainda que se busquem formas de diminuir a pobreza e tratar outros problemas sociais, a atuação da população estará sempre limitada, uma vez que pela lógica tecnocrática, de valorização da ciência, as crenças e identidades da população são encaradas enquanto um empecilho para o desenvolvimento da governança estatal (CENTENO, 1993). A exemplo dos Ayuntamientos Juveniles, a direção apresentada para a sociedade é de uma democracia processual e ainda uma direção que leva aos princípios liberais, quando eles ensinam os procedimentos do processo e prezam pela eficácia do mesmo, maneiras corretas de se governar e padrões

técnicos, como analisado previamente, levam o Estado a um comportamento que originalmente não surge da sociedade Dominicana.

Assim para além das consequências geradas domesticamente, são geradas limitações aos Estados em sua atuação internacional. É possível ainda notar a tutela ocidental relativa aos países subdesenvolvidos. Tais programas e políticas ainda que partam de Organizações Internacionais estão socializando regras e comportamentos típicos das sociedades ocidentais. Isso, pois parte-se do pressuposto de que a irracionalidade dos demais países os impede de possuírem um desenvolvimento próprio, e portanto lhes é imposto a lógica de desenvolvimento ocidental (SAID, 1990). E a grande dificuldade de se adequar à lógica desenvolvimentista, democrática e modernizadora do ocidente é que ela ocorre mediante o assimilacionismo das culturas. O direito à diferença é explicitamente negado aos países sob pena de serem marginalizados nas Relações Internacionais (IN-NAYATULLAH e BLANEY, 2004).

Por fim, observa-se que os Organismos Internacionais em sua atuação nos países subdesenvolvidos geram impactos internamente aos Estados e na sua atuação internacional (FINNEMORE, 1996). O ímpeto pedagógico de tais instituições, como no caso da UNICEF, propaga a lógica democrática de forma que há uma limitação da atuação local e enfraquecimento do poder dos Estados internacionalmente, justamente por manterem e por vezes aumentarem as assimetrias entre eles.

A República Dominicana não apresenta expressiva influência no cenário internacional comparativamente aos demais países. Considerando que a atuação internacional se ancora em diversos fatores, desde econômicos até ideológicos, podemos interpretar que um dos fatores encontra-se justamente no ponto em que a tutela ocidental lhe confere um caráter inferiorizado por não estar de pleno acordo com os ideais modernizadores, e ao mesmo tempo reforçam, pois ao aplicarem programas modernizadores através dos Organismos Internacionais acabam por, pelos motivos já comentados previamente, impedir que o país tenha um desenvolvimento pleno a partir de uma concepção própria.

## **Referências**

CENTENO, Miguel Angel. *The New Leviathan: the Dynamics and Limits of Technocracy*. **Theory and Society**, vol. 22, n. 3, p.p. 307-335, 1993.

FINNEMORE, Martha. **National Interests in International Society**. Cornell University IIPress, 1996.

INAYATULLAH, Naeem e BLANEY, David. **International Relations and the problem of difference**. 2004.

MAC GINTY, Roger. Routine peace: Technocracy and peacebuilding. **Cooperation and Conflict**, vol. 47, n. 3, p.p. 287-308, 2012.

Roger Hart, Kim Sabo, Selim Iltus e Nelly Lubeck. **Evaluación de la iniciativa de municipios amigos de la niñez de la Republica Dominicana (MAN)**. 2006.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, 374 p.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 4ª Edição, 2010.

UNICEF. *Guia de ayuntamientos juveniles*. Disponível em: <[http://www.unicef.org/republicadominicana/resources\\_10625.htm](http://www.unicef.org/republicadominicana/resources_10625.htm)>: Acesso em 12 de janeiro de 2013.

UNICEF. Boletim: Ayuntamientos Juveniles alertan sobre el derecho de la niñez. Disponível em: <[http://www.unicef.org/republicadominicana/Boletin13\\_LOW.pdf](http://www.unicef.org/republicadominicana/Boletin13_LOW.pdf)>: Acesso em 17 de junho de 2014.

UNICEF. Análisis de la Situación de la Infancia y la Adolescencia en la República Dominicana 2012. Disponível em: <[http://www.unicef.org/republicadominicana/Analisis\\_Situacion\\_Ninez\\_corrido\\_ago13\\_\\_web.pdf](http://www.unicef.org/republicadominicana/Analisis_Situacion_Ninez_corrido_ago13__web.pdf)>: Acesso em 17 de junho de 2014.

UNICEF. Brochure Ayuntamiento Juvenil Disponível em: <[http://www.unicef.org/republicadominicana/Brochure\\_ayuntamiento\\_juvenil.pdf](http://www.unicef.org/republicadominicana/Brochure_ayuntamiento_juvenil.pdf)>: Acesso em 17 de junho de 2014.

## **A Questão Agrária brasileira: uma análise dos governos do Partido dos Trabalhadores entre os anos de 2003-2010**

Thaylize Goes Nunes Pereira<sup>436</sup>

Mirian Claudia Lourenção Simonetti<sup>437</sup>

Esta pesquisa está ligada as pesquisas mais amplas denominadas “Territorialidades em tensão: movimentos sociais, agronegócio e políticas de reforma agrária no Brasil entre 1985 a 2010” e vem sendo desenvolvidas junto ao Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais – CPEA na Universidade Estadual Paulista – UNESP, com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Tem-se a intenção de analisar os limites e as possibilidades das políticas públicas dos governos do partido dos trabalhadores para a realização da Reforma Agrária no Brasil, analisando também seu projeto de reforma agrária e sua implementação no período de 2003-2010. Desenvolvendo uma análise acerca das permanências e/ou as mudanças de ações adotadas respectivamente no primeiro e segundo mandato e traçando um panorama das suas propostas e projetos anteriores e posteriores as vitórias nas urnas. Sobretudo, procurar-se-á desenvolver essa problemática a partir da análise dos processos resultantes do II Plano Nacional de Reforma Agrária – II PNRA, desde a sua elaboração até quando esse foi deixado para trás em 2007.

### **Breves Considerações sobre a Questão Agrária e os Planos Nacionais de Reforma Agrária de 1985 e 2003.**

---

<sup>436</sup> Possui Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP, Campus de Marília. Atualmente é Mestranda do Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, no Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) e Graduanda de Licenciatura em Ciências Sociais. É Integrante e Pesquisadora do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais – CPEA UNESP - Campus de Marília. Bolsista FAPESP. thaylize@hotmail.com.

<sup>437</sup> É professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Coordenadora do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA) da UNESP/Marília/SP/Brasil. Bolsista Produtividade 2 CNPq. mirian@marilia.unesp.br.

O debate sobre a questão agrária no Brasil surge no final da década de 50, sendo voltado principalmente às questões econômicas e sociais. A década de 60 se caracterizou por possuir uma política econômica de recessão, combater a inflação e instabilidade política de governos populistas e depois o regime militar, que procuraram negar a questão agrária brasileira. Nos anos da ditadura, apesar das organizações que representavam as trabalhadoras e trabalhadores rurais serem perseguidas, a luta pela terra não parou, e apesar de toda a repressão continuou crescendo.

Nesse contexto, começou-se a organizar as primeiras ocupações de terra, não como um movimento organizado, mas sob influência principal da ala progressista da Igreja Católica, que resistia à ditadura. Em virtude desse contexto e acontecimentos em 1975, surge a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Nos anos 80, o Brasil vivia uma conjuntura de extremas lutas pela abertura política, pelo fim da ditadura e de mobilizações operárias nas cidades. Fruto deste contexto, o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra realizou seu primeiro Congresso Nacional, surgindo a palavra de ordem: "Ocupação é a única solução", onde se reafirmou a necessidade das ocupações, sendo essas legítimas para os trabalhadores rurais. A partir daí, começou-se a pensar um movimento com preocupação orgânica, com objetivos e linhas políticas definidos. Com o fim do regime militar, e com a industrialização e modernização da agricultura brasileira, retomou-se o debate da reforma agrária, principalmente a partir do I Plano Nacional de Reforma Agrária (Engelmann, 2011).

Esse congresso ocorreu em meio ao clima da campanha “Diretas Já”, ganhando assim maior proporção e visibilidade. Este período foi também conturbado com mobilizações de trabalhadores rurais pelo Brasil, tendo como reivindicando a realização da Reforma Agrária. Essas mobilizações na época contribuíram para a formulação do I Plano Nacional de Reforma Agrária, aprovado pelo Governo José Sarney, em outubro de 1985.

Em 1985, a “Nova República” assumiu o governo para realizar a “Transição Democrática” da ditadura. Assim, fez novas alianças no seio do poder do Estado com a anuência militar. Mas, aparentemente de forma contraditória, colocou como um de seus projetos prioritários a Reforma Agrária. [...] Foram, feitas articulações para a elaboração do I Plano Nacional de Reforma Agrária, aprovado em 1985, segundo o Estatuto da Terra de 1964. Seus autores, foram em termos os idealizadores do Estatuto (OLIVEIRA, 2007:126).



Esse Governo tinha por objetivo aplicar o Estatuto da Terra e viabilizar a Reforma Agrária até o final de seu mandato (1985-1989), assentando 1,4 milhão de famílias em uma área de 43.090.000 hectares. Na região Norte seriam assentadas 140.000 famílias em 10.080.000 há. Na região Nordeste seriam 630.000 famílias em 18.900.000 ha; na região Centro-Oeste, 210.000 famílias em 7.560.000 ha; na região Sudeste, 280.000 famílias em 4.370.000 ha; e no Sul, 140.000 famílias em 2.180.000 ha (Oliveira, 2007).

Em 1985 com a implantação do plano, passou a ocorrer forte luta entre a UDR (União Democrática Ruralista), o governo Sarney e os camponeses sem-terra, posseiros, etc. O objetivo da UDR foi a inviabilização da implantação do I PNRA. Os números referentes ao primeiro ano do Plano (85/86) traziam já, o fracasso da reforma agrária da "Nova República" de José Sarney. Havia sido atingido apenas 5% das metas das famílias assentadas e da área desapropriada. Depois, no segundo ano (86/87) o ritmo continuou lento. [...] O governo Sarney, passou a investir na propaganda governamental para alimentar a ilusão de que um dia a Reforma viria. [...] Depois de dois anos, menos de 10% das metas do I PNRA tinham sido implantadas. O motivo: a falta de vontade política e a prevalência da defesa dos interesses dos latifundiários organizados na UDR - União Democrática Ruralista (Oliveira, 2007: 126-127).

Entretanto as ações realizadas pelo I PNRA foram pequenas, o Governo Sarney foi modificado com os interesses do latifúndio, e ao final de seu mandato de cinco anos, assentou menos de 90 mil famílias.

Os resultados do I PNRA mostraram que haviam sido assentadas apenas 89.950 famílias (6,4% da meta) em uma área desapropriada de 4,8 milhões de hectares, ou seja, 1,5% da previsão. [...] Menos de um décimo da meta prevista para o número de famílias a serem assentadas pelo I PNRA, chegaram à terra, ficava provada, portanto, demagogia populista do governo Sarney com relação à Reforma Agrária e, mais uma vez, consolidava-se na estrutura do poder do Brasil, a política agrária dos latifundiários (Oliveira, 2007:129).

Desde o I Plano Nacional de Reforma Agrária metas e prazos não são cumpridos. Como podemos observar apenas 6% desses I PNRA conseguiu ser colocado em prática, nos sendo inaceitável que o governo de José Sarney não tenha conseguido assentar nem sequer o mínimo necessário dos Sem-Terra da época (Fernandes, 1996).

Já o II Plano Nacional de Reforma Agrária, do Governo Lula, foi apresentado em novembro de 2003,

[...] durante a Conferência da Terra, em Brasília. Construído num amplo diálogo social, o Plano é fruto do esforço coletivo de servidores e técnicos, com o acúmulo dos movimentos sociais e da reflexão acadêmica. O II PNRA combina qualidade e quantidade, eficiência e transparência na aplicação dos recursos numa ação integrada de governo e com a participação social na sua implementação (INCRA, 2012).

Assim, o INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – descreve o Plano Nacional de Reforma Agrária do Governo PT, apresentando-o sem nenhum confronto; sem problemas; eficiente; prático e executável em quatro anos. Porém, na elaboração do II Plano Nacional de Reforma Agrária, havia uma disputa de duas concepções diferentes sobre reforma agrária. De um lado estava a Secretária Agrária do PT que pensavam a reforma agrária como sendo uma política social compensatório que auxiliaria o Programa Fome Zero e outros programas tal como o Bolsa Família que é continuidade das políticas sociais do Governo Fernando Henrique Cardoso – Governo FHC.

Para além dessa política de reforma agrária compensatória, existe outra vertente que teoriza a reforma agrária para uma política emancipatória, que é “a política da liberdade em relação à exploração, à desigualdade ou à opressão” (Giddens, 2002: 222). Essa política segundo Giddens visa,

[...] libertar os indivíduos e grupos das limitações que afetam negativamente suas oportunidades de vida. Ela envolve dois elementos principais: o esforço por romper as algemas do passado, permitindo assim uma atitude transformadora em relação ao futuro; e o objetivo de superar a dominação ilegítima de alguns indivíduos e grupos por outros (Giddens, 2002: 194).

Sendo essa a concepção de reforma agrária a qual os movimentos sociais e a equipe de Plínio de Arruda Sampaio expressavam em seu documento de elaboração do II Plano Nacional de Reforma Agrária. Porém, o plano desenvolvido pela equipe de Plínio não chegou a ser colocado em vigor. Com a demissão de Marcelo Rezende que era presidente do INCRA e defendia esse modelo de reforma agrária fez com que essa vertente perdesse força, fazendo com que os movimentos sociais não tivessem mais um representante político no governo.

Assim, nessa época foi elaborada duas versões do II PNRA, uma era coordenada por Plínio de Arruda Sampaio, e tinha metas muito superiores do elaborado pela equipe de Miguel Rosseto. Para poder comparar a diferença entre a extensão dessas propostas de assentados, destaco que o plano elaborado pela segunda equipe pretendia assentar 600 mil famílias a menos que a primeira. Mesmo assim, o II PNRA obteve metas que não atingiriam o montante da população que “aguardava” ser atendida, se esse tivesse realmente sido colocado em prática seria notável a diferença das grandes extensões de terras localizadas em nosso país (Proposta, 2003).

Na campanha presidencial de 2002, uma das principais bandeiras levantadas por Lula era a reforma agrária, mas o que se percebeu a longo dos anos foi que ela foi deixada para trás com o passar do tempo. O Plano Nacional de Reforma Agrária do Governo Lula mal conseguiu sair do papel, e ainda nem era o plano esperado pelos movimentos sociais ligados à luta pela terra, sendo esse, muito mais ameno, com menor abrangência, sendo realmente um plano de políticas públicas de reforma agrária e não de fato a reforma agrária que o governo havia prometido anteriormente.

Os movimentos sociais estiveram presentes na elaboração do II PNRA, mas, o documento que entrou em vigor como o sendo, não era os que os movimentos sociais gostariam que fossem. A derrota dos movimentos sociais junto ao II PNRA já começou na elaboração do mesmo, pois o projeto de reforma agrária que se apresentava não cumpriria sequer uma demanda básica para a realização da mesma. Não assumindo assim o governo, as promessas que havia feito a população, aos movimentos sociais, e a todos os brasileiros. Os movimentos sociais ainda aqui, tentavam trabalhar conjuntamente com governo, pelos fatores históricos existente do governo vigente apoiar os trabalhadores, por acreditarem que esse governo apoiava aqueles que lutaram por séculos pela divisão de terras no país.

O MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário – pouco ou praticamente nada fez para ajudar a solucionar o problema da terra no Brasil nesse período. Na verdade, que tem sido feito no

Brasil desde os governos passados e continua sendo feito nesse é uma política de assentamento de números ilusórios, que não podemos caracterizar por reforma agrária.

Assim como diz Fernandes em seu livro *Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil*, os erros ocorridos no I e no II PNRA deveriam ser analisados mais atentamente pelos seus sucessores para que as mesmas falhas não sejam cometidas, no sentido de conseguirmos de fato fazer um PNRA que funcione, para cumprir as metas por ele estabelecidas – mesmo sabendo que essas metas são muitíssimo inferiores as necessidades inerentes para a realização de fato da Reforma Agrária no Brasil. Entre essas lições destacadas por ele, vale ressaltar que desenvolvimento não se faz sem conflitualidades (Fernandes, 2008). E nos é inerente que a disputa que o campo sofre hoje é referente ao modelo de desenvolvimento estabelecido entre a agricultura camponesa e o agronegócio. Disputas essas que saem do âmbito da diversidade de culturas produzidas e da monocultura, ou da agroecologia e do agrotóxico, as conflitualidades aqui destacadas perpassam esses e vão para além da produção.

Assim, podemos dizer que desde 1985 existe uma dívida dos governos com a reforma agrária no país, essa vem sendo envolta de políticas inacabadas que não sanam o problema e apenas o remedeiam com operações “tapa buraco”, com o intuito de diminuir as tensões existentes melhorando a imagem daqueles que estão no poder. A política que sempre se adotou ao longo da história foi à “política dos panos quentes”, que são colocados sempre em momentos de mais precisão de aceitação popular, ou para conter aqueles que se revoltam com os rumos tomados pelos governos.

Com tudo que aqui foi explanado, nota-se que o governo após eleito e até mesmo antes de se candidatar a reeleição não deu sinais que estava efetivamente trabalhando para resolver as questões relativas às desigualdades do campo no Brasil, mas pelo contrário, trabalhava contra isso, aliando-se cada vez mais aos latifundiários. O que parece lastimável é aceitar que o primeiro governante oriundo das camadas populares do nosso país não tenha se esforçado e se empenhado para fazer com que fossem cumpridas as promessas de reforma agrária para a existência de um país mais justo e democrático para todos.

**Primeiro e Segundo Mandato do Governo do Partido dos Trabalhadores (2003-2010) e a Reforma Agrária no Brasil.**

Quando Lula assume a presidência, em seu Discurso na Sessão de Posse, no Congresso Nacional realizado em Brasília no dia 1º de janeiro de 2003, na respectiva posse a Presidência da República, disse:

**A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas com linhas de crédito e assistência técnica e científica.** Faremos isso sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais [...] (Discursos Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Brasília, 2003, grifo nosso).

Com Luiz Inácio Lula da Silva e o Partido dos Trabalhadores – PT na presidência do país muitos se encheram de esperanças, pois acreditavam que lá estava o Partido Político que realizaria a Reforma Agrária.

Com Lula eleito presidente, renovam-se as esperanças na realização de uma efetiva reforma agrária e, ao mesmo tempo, esta bandeira, apesar de integrar as prioridades de governo, passa também a ser um dos seus grandes desafios.

Os trabalhadores rurais, principalmente os sem terras, esperam muito mais deste governo do que de governos anteriores, principalmente em razão da trajetória histórica de apoio aos movimentos sociais. A não realização da reforma agrária prometida pode ser, igualmente, transformada em decepção maior do que aquelas que os trabalhadores já experimentaram repetidas vezes. Contudo, esta renovada esperança não se transformará na espera passiva pela realização das promessas de campanha, como se pode verificar nas mobilizações e jornadas de lutas que os movimentos sociais do campo realizaram no decorrer de 2003 e vêm fazendo em 2004 (Heinen, 200?: 5).

Nesse primeiro mandato (2003-2006) do Governo PT, estava sendo elaborado o II Plano Nacional de Reforma Agrária e ainda se acreditava que esse entraria em execução para sanar as necessidades, se não de uma reforma agrária, pelo menos, de um avanço exponencial para a mesma. Por outro lado, não existia nenhum desafio que fosse tão profundamente relacionado com a

história do PT, como o da reforma agrária. Para tanto, destacamos o programa de governo que ele propunha, intitulado “Brasil de Todos”.

O Plano Plurianual (PPA 2004-2007 - Brasil de todos) é previsto no artigo 165 da Constituição Federal, e regulamentado pelo Decreto 2.829, de 1998. Constitui-se de um plano de médio prazo, que estabelece as Diretrizes, Objetivos e Metas a serem seguidas pelo Governo Federal, Estadual ou Municipal ao longo de um período de quatro anos. Assim, quando Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente do Brasil, elabora coletivamente um Plano Plurianual (PPA 2004-2007) intitulado "Brasil de Todos - inclusão e participação", e sua apresentação anuncia que:

O processo de elaboração do Plano Plurianual 2004-2007 inaugura uma nova fase no planejamento governamental brasileiro. A construção e a gestão do Plano a partir de um amplo debate com a sociedade busca a implantação de um novo padrão de relação entre Estado e sociedade, marcado pela transparência, solidariedade e com responsabilidade. A implementação de mecanismos que ampliem a participação da sociedade nas escolhas de políticas públicas é um traço distintivo deste PPA (Brasil, 2003: 3).

De maneira geral, o Programa se orienta pelos seguintes objetivos: 1-Inclusão Social e Redução das Desigualdades Sociais; 2- Crescimento com Geração de Emprego e Renda Ambientalmente Sustentável e Redutor das Desigualdades Regionais; 3- Promoção e Expansão da Cidadania e Fortalecimento da Democracia. Estas que sintetizam cinco dimensões: a democrática, a social, a econômica, a ambiental e a regional (Aranda & Senna, 2007).

Porém, mesmo com todos os objetivos e metas, esse mandato acabou sendo marcado pelo esvaziamento de suas propostas, especialmente em relação a concepção da reforma agrária e por políticas que defendiam o agronegócio.

Por meio de uma vigorosa guinada ao centro, Lula da Silva capitalizou os anseios de mudanças, elegendo-se presidente com mais de 60% dos votos. Os movimentos sociais iniciaram o ano de 2003 vivendo uma situação inteiramente nova: um governo cuja história se confunde com as lutas sociais das duas últimas décadas, porém empunhando uma política econômica em continuidade com a de Cardoso. Os embates sociais assumem, portanto, novas feições, recolocando a importância da autonomia de classe e a necessidade de perseverar na construção de projeto alternativo ao neoliberal (Leher, 2006: 82).

Podemos ter clareza que para esses, a reforma agrária não era mais uma necessidade histórica, não podendo ser transformada mais em uma política de desenvolvimento econômico e social. Passou a se pensar, desde então, que a reforma agrária deveria ser realizada pensando apenas em uma política social, com a finalidade de acabar localmente com o problema da fome no país (Oliveira, 2007).

Em uma entrevista concedida pelo geógrafo e um dos mentores do II Plano Nacional de Reforma Agrária, Ariovaldo Umbelino de Oliveira ao Correio da Cidadania ele diz que:

Estamos diante de uma realidade cruel. Lula sempre defendeu, pessoalmente, a reforma agrária. O PT sempre defendeu em seus programas a reforma agrária, mas agora que está no governo não a faz. Isso é um paradoxo, que se explica pelo fato de que a estratégia do governo durante o primeiro mandato foi feita em cima do Fome Zero<sup>438</sup>, e a reforma agrária era um dos componentes menos importantes do programa, que trazia uma concepção sobre o campo e sobre a reforma agrária de José Graziano da Silva, assessor especial de Lula (Oliveira, 2007, entrevista).

Não se pensou na realização de uma reforma agrária de fato; pois para ela acontecer seria necessário entrar em confronto com o agronegócio, pois, só através desse confronto se alteraria a concentração de poder e de terra no Brasil.

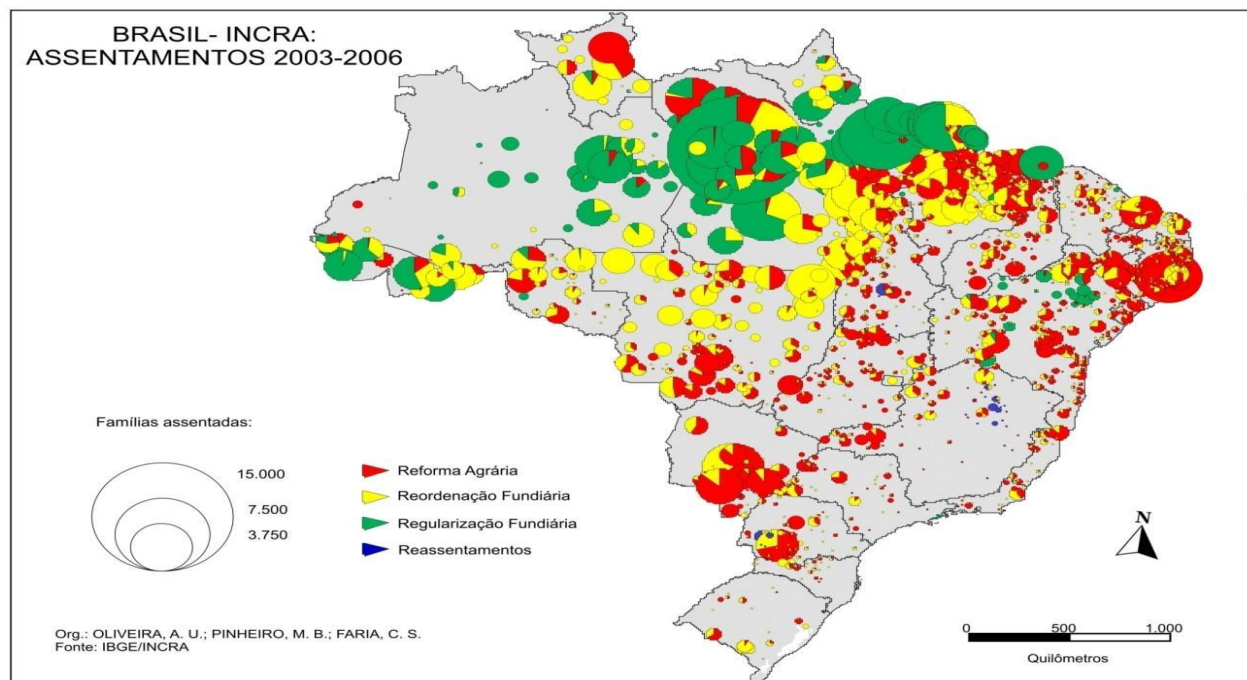
O MST detectou corretamente que o governo atual apóia o agronegócio. É isso que incomoda uma parte da esquerda, pois esse apoio revela a faceta do governo no seu entendimento sobre a questão agrária, ou seja, de que a reforma agrária não é uma necessidade histórica do país. É por isso que, em quatro anos de governo, o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Incra assentaram pouco mais de 100 mil famílias, quando o Plano Nacional de Reforma Agrária mandava assentar 400 mil. Dizem que não, que assentaram 381 mil famílias. Isso é mentira, nua e crua. Nos dados de 2005, há mais de mil famílias de um assen-

---

<sup>438</sup> É uma estratégia impulsionada pelo governo federal para assegurar o direito humano à alimentação adequada às pessoas com dificuldades de acesso aos alimentos. Esta estratégia se insere na promoção da segurança alimentar e nutricional buscando a inclusão social e a conquista da cidadania da população mais vulnerável à fome.

tamento da época de Getúlio Vargas, de 1942, e o governo Lula apenas reconheceu aquele assentamento. E reconhecer não é assentar (Oliveira, 2007, entrevista).

**Mapa 1 – Brasil: Assentamentos 2003-2006**



Fonte: IBGE/INCRA. Org: OLIVEIRA, A. U; PINHEIRO, M. B; FARIA, C. S.

Analisando o *Mapa 1 – Brasil: Assentamentos 2003-2006*, podemos entender claramente o que Ariovaldo Umbelino de Oliveira estava nos apontando. Os assentamentos do período de 2003-2006 são divididos em quatro categorias diferentes: reassentamento; regularização fundiária; reordenação fundiária e reforma agrária. O Governo Lula agrupou essas quatro categorias como se fossem “novos assentamentos” quando na verdade não são. Os únicos assentamentos que deveriam entrar nas estatísticas da primeira meta do II Plano Nacional de Reforma Agrária são os que estão denominados como “reforma agrária” e correspondem a cor vermelha do mapa. Nota-se aqui, uma articulação do governo para mascarar os dados de uma não reforma agrária, manipulando os números apresentados a população para alegar que estava cumprindo com o que havia prometido em campanha presidencial.

O Plano Nacional de Reforma Agrária do Governo Lula da Silva, juntamente desenvolvido com o Ministério de Desenvolvimento Agrário previa o cumprimento de 11 metas entre o período de 2003-2006, primeiro mandato do Governo Lula, dando início nesse país a tão aguardada Re-



forma Agrária. Essas 11 metas do II Plano Nacional de Reforma Agrária, de acordo com o MDA eram: (Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2004: 38).

1ª meta: 400 mil famílias assentadas;

2ª meta: 500 mil famílias com posses regularizadas;

3ª meta: 150 mil famílias beneficiárias pelo Crédito Fundiário;

4ª meta: Recuperar a capacidade produtiva e a viabilidade econômica dos atuais assentamentos;

5ª meta: Criar 2.075.000 novos postos permanentes de trabalho no setor reformado;

6ª meta: Implementar o cadastramento georeferenciado do território nacional e regularizar 2,2 milhões de imóveis rurais;

7ª meta: Reconhecer, demarcar e titular as áreas de comunidades quilombolas;

8ª meta: Garantir o reassentamento dos ocupantes não índios de áreas indígenas;

9ª meta: Promover a igualdade de gênero na Reforma Agrária;

10ª meta: Garantir assistência técnica e extensão rural, capacitação, crédito e políticas de comercialização a todas as famílias das áreas reformadas;

11ª meta: Universalizar o direito à educação, à cultura e à seguridade social nas áreas reformadas.

Não detalharemos aqui todas as metas propostas pelo Governo Lula, porém, selecionamos algumas mais específicas que nos proporcionam uma análise mais abrangente das propostas desse governo.

A 1ª meta estipulada de assentar no período de 2003 a 2006, 400 mil famílias – que deveria ser feito através de desapropriações com finalidade social, compra de terras e também retomada de terras públicas ocupadas ilegalmente; terras griladas por latifundiários; não foi cumprida. O Governo estipulou que assentaria, em 2007, 150 mil famílias, totalizando nos primeiros cinco anos de governo um montante de 550 mil novas famílias assentadas. O governo divulgado nos meios de comunicação nacional que assentou 448.954 famílias nesse período, mas, segundo Ariovaldo Umbelino, o governo tenta novamente nos confundir com dados falaciosos, que não correspondem à

realidade, pois a 1ª meta de assentar 400 mil famílias, diz respeito ao assentamento de novas famílias e não da incorporação de outros casos, como por exemplo, de reassentamento ou de regularização fundiária (Oliveira, 2008). Assim, Ariovaldo descreve:

Tenho escrito que esses dados divulgados pelo governo Lula sobre a reforma agrária, referem-se às Relações de Beneficiários emitidas, as “famosas” RBs. Assim, continuo a tarefa de esclarecer a todos que as RBs não se referem apenas aos assentamentos novos, elas são emitidas também para os assentamentos relativos à regularização fundiária [...]. As RBs são também emitidas para regularizar as situações das famílias dos assentamentos antigos reconhecidos pelo Incra para que os assentados tenham acesso às políticas públicas. Elas são inclusive emitidas para regularizar a situação de assentados em decorrência de herança, daqueles que compraram lotes de boa fé, e daqueles que foram substituídos nos assentamentos antigos por abandono ou outros motivos permitidos por lei etc (Oliveira, 2008).

Por isso, precisamos ter muita clareza para fazermos um balanço do II Plano Nacional de Reforma Agrária, pois se fizermos as análises em cima dos dados divulgados pelo INCRA e pelo Governo, chegaremos a números irrealistas de novas famílias assentadas, em virtude de terem “mascarados” dos dados, unindo duas situações completamente diferentes: novas famílias assentadas e famílias já assentadas que receberam a RBs. “Feita esta desagregação, entre 2003 e 2007, o governo Lula assentou apenas 163 mil famílias referentes à 1ª meta – novos assentamentos. Portanto, cumpriu somente 30% da meta de 550 mil famílias que ele tinha prometido assentar” (Oliveira, 2008).

A 2ª meta que diz respeito à regularização da posse da terra de 500 mil famílias no período de 2003 a 2006. Rossetto, ministro do Governo na época fez um pronunciamento junto com o Presidente ao qual dizia que a regularização fundiária não poderia ser caracterizada como um programa de acesso à terra, mas que através dela poderia ter a garantia do acesso a mesma. A importância da regularização dessas terras era saber qual o verdadeiro mapa fundiário do Brasil para que desta forma pudesse se assegurar a estabilidade no campo, combatendo a grilagem de terras e reduzindo significativamente os conflitos agrários no campo brasileiro. Mas, essa meta também não foi cumprida. O Governo conseguiu cumprir apenas 23% da meta, regularizando a posse de apenas 113 mil famílias (Oliveira, 2008).

O restante das outras nove metas do II Plano Nacional de Reforma Agrária também não foram cumpridas. Algumas ainda tiveram dados oficiais divulgados pelo Governo; dados esses facilmente contestáveis em contraponto com a realidade do campo brasileiro hoje; outros, porém o Governo fez questão de nem lançar a público, nem sequer um balanço das metas alcançadas pelo plano foi divulgado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ou Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), pois essas estatísticas comprovariam o fracasso do II PNRA e do próprio Governo para a realização da Reforma Agrária.

Desta forma, o Plano Nacional de Reforma Agrária do Governo Lula chegou ao seu fim, e constatamos que nenhuma das metas foi cumprida. Os quatro primeiros anos de mandato passaram e 230 mil famílias ainda continuavam na beira das estradas, embaixo de lonas pretas e mais uma vez a realidade nos dizia que não seria realizada a reforma agrária (Ouvidoria Agrária, MDA). O Governo Lula, também não elaborou nenhum outro plano de reforma agrária para o segundo mandato, abandonando as políticas de reforma agrária na continuação de seu governo, passando a adotar deliberadamente políticas compensatórias a fim de minimizar os conflitos em torno das disputas de terras em diferentes locais do país.

Em sua reeleição, Lula, inicia o que Oliveira (2013) nomeou de contra-reforma<sup>439</sup> agrária, e seu governo se uni ainda mais com o agronegócio brasileiro. Podemos aqui lembrar o saudoso discurso que foi feito na cidade de Mineiros, em Goiás (GO), onde Lula chamou os usineiros de heróis do país.

Entretanto, muitas alterações de natureza política interferiu nas ações do governo Lula e ele, não só não cumpriu estas metas como, no segundo mandato abandonou a política de reforma agrária e passou adotar deliberadamente uma política de contra reforma agrária, destinando terras públicas constitucionalmente terras da reforma agrária, para os latifundiários às ocupam ilegalmente (os grileiros) (Oliveira, 2013: 2).

---

<sup>439</sup>Usaremos a expressão contra-reforma agrária como Oliveira (2013) descreve em *Não Reforma Agrária e Contra Reforma Agrária no Brasil do governo Lula*. In: *Dinámica de losEspaciosRurales y Sustentabilidad: Articulacionesdespacio rural*. 2013. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Geografiasocioeconomica/Geografiaagraria/04.pdf>

Para seu segundo mandato não foi elaborado outro plano de reforma agrária, mas, em contrapartida a isso, foram realizadas duas medidas provisórias – 422 (Lei nº 11.763 - 1º/08/2008) e 458 (Lei nº 11.952 – 25/06/2009). Essas facilitaram que as terras griladas<sup>440</sup> da Amazônia Legal fossem regularizadas. Assim, ao invés de se criar um III PNRA, se criou o Programa Terra Legal, regularizando as terras griladas do agronegócio.

O Programa Terra Legal teve iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário, com o objetivo de promover a regularização fundiária de ocupações em terras públicas federais situadas na Amazônia Legal. O governo federal em 2009 promulgou a Lei 11.952/2009 com o objetivo de acelerar a regularização de ocupações informais em terras públicas federais na Amazônia Legal. Logo após, lançou o Programa Terra Legal para implementar essa lei e beneficiar até 300 mil posseiros. O objetivo inicial do programa era emitir títulos de terra em até 60 dias por meio de cinco fases principais: cadastramento de posses, georreferenciamento, vistoria, titulação e monitoramento pós-titulação.

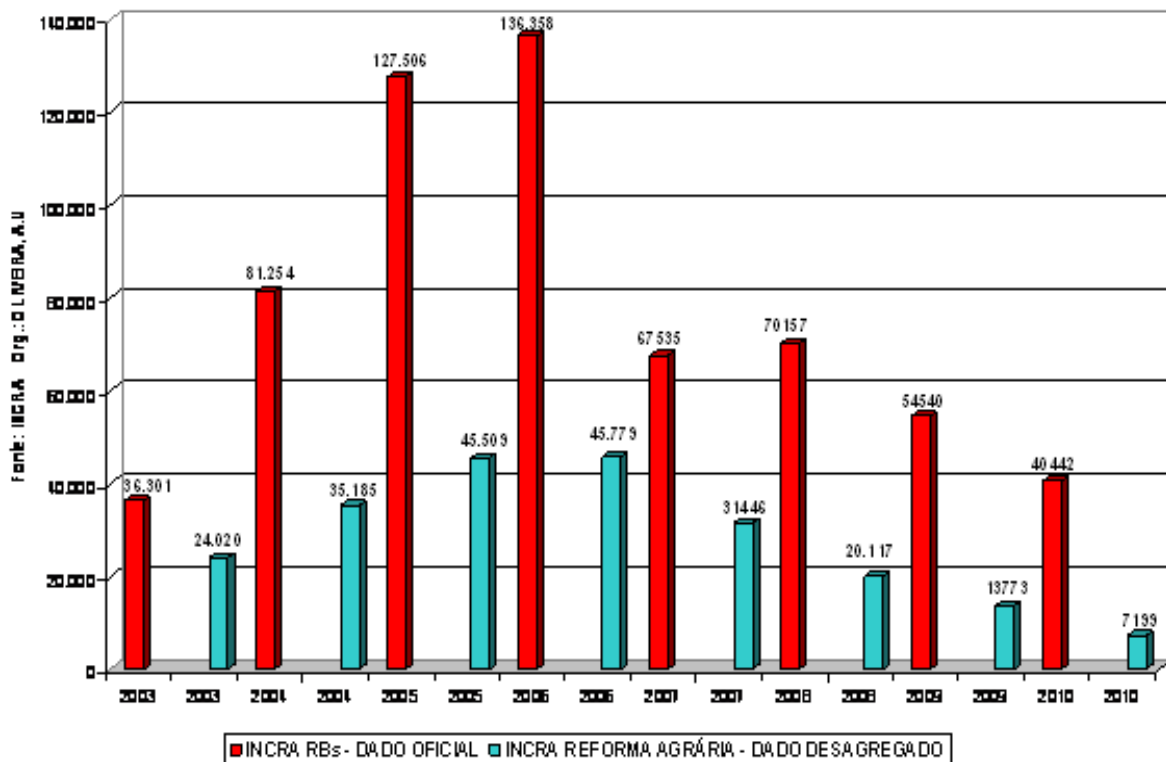
Desta forma, o Governo Lula não realizou qualquer alteração na estrutura fundiária do país, visto que não estavam interessados em incomodar o agronegócio, mas pelo contrário, o Governo passou a apoiá-los fortemente, ficando cada vez mais evidente suas intenções a partir de seu segundo mandato (2007-2010).

No segundo mandato a Reforma Agrária, passou a ser tratada como uma política marginal e compensatória, não mais como sendo o principal instrumento de democratização do campo. Podemos verificar essa afirmação, com os números contidos no *Gráfico 1 – Brasil – Assentamentos de Reforma Agrária – 2003 a 2010*, onde analisamos os dados desagregados dos RBs, encontrando um número de assentamentos muito inferior aos divulgados oficialmente (Oliveira, 2008).

### **Gráfico 1 – Brasil – Assentamentos de Reforma Agrária – 2003 a 2010**

---

<sup>440</sup> Grilagem de terras é o nome dado a apropriação de terras públicas feita de modo indevido e por meio de falsificação de documentos de titularidade da terra. A grilagem de terra está associada à especulação imobiliária, venda de madeiras e lavagem de dinheiro. Segundo o artigo 50 da Lei nº 6.766/1979, o cidadão que for flagrado exercendo essa prática poderá ter punição com prisão e pagamento de multa.



Fonte: INCRA/ Org: OLIVEIRA, A. U.

Assim, nos oito anos de governo a Reforma Agrária de Lula não foi realizada, embora esse tenha destacado no decorrer de sua campanha eleitoral e em seu primeiro mandato que a reforma agrária era uma política de justiça social e que sempre iria defender a mesma lutando por ela até morrer. Em suas palavras: “Nós faremos a reforma agrária, sim. Mas com tranquilidade e qualidade, que gere renda e trabalho para o campo. Eu não quero repetir os erros do passado, mas sim fazer melhor. Vou lutar pela reforma agrária até morrer” (Pronunciamento de Lula em 2005).

Ao terminar seu pronunciamento, Lula disse que para ele não foi fácil deixar de lado uma demanda histórica por uma reforma agrária ampla e radical, passando a realizar uma reforma agrária “tranquila e pacífica” e disse também que era para esperar o fim de seu governo para cobrá-lo sobre as realizações ou não de uma reforma agrária no Brasil.

Porém, o que se entendia naquela conjuntura como “tranquila e pacífica”, era que a reforma agrária iria acontecer, mas que seria de uma forma mais planejada dentro do governo – até mesmo, porque se esperava a concretização das metas do II PNRA. Mas, passado esse tempo, notou-se que o governo deixou de compreender a reforma agrária como sendo um instrumento de

construção de uma nova forma de organização no campo; seja ela política, social, produtiva e ambiental.

Não se pensou na realização de uma reforma agrária de fato, pois para ela acontecer seria necessário entrar em confronto com o agronegócio e todas as consequências nocivas desse setor para o país, ou seja, devastação ambiental, superexploração do trabalho no campo, dentre outras.

Notamos claramente que os mandatos dos governos Lula seguiram metas diferenciadas quando se fala em Reforma Agrária, onde no primeiro mandato existia a esperança por parte dos trabalhadores que essa realmente aconteceria, e já no segundo mandato, o sentimento a qual os cercava já era de desapontamento por ter esperado tanto para que um governo de esquerda chegasse ao poder, e a mesma não se concretizar.

Nesse governo destaca-se o seu crescente pacto junto ao agronegócio em detrimento a desvalorização da sua relação com os movimentos sociais, especialmente os sem-terras, que esse governo dizia que seriam os mais beneficiados desde os primeiros dias, após eleito.

Percebemos que os planos de reforma agrária foram deixados se não de forma integral, quase que totalmente para trás, dando espaço preferencial neste governo ao agronegócio. Remeto aqui às palavras de Oliveira, quando ele diz que nesse governo, as políticas de reforma agrária estão vinculadas a dois princípios fundamentais:

Não fazê-la nas áreas de domínio do agronegócio e fazê-la apenas nas áreas onde ela possa “ajudar” o agronegócio. Ou seja, a reforma agrária está definitivamente acoplada à expansão do agronegócio no Brasil. É como se estivesse diante de uma velha desculpa: o governo Lula finge que faz a reforma agrária e divulga números maquiados na expectativa de que a sociedade possa também fingir acreditar (Oliveira, 2008).

Entretanto,

Se nos primeiros meses do início do governo Lula se tinha esperança de que este daria uma tintura político-ideológica popular à sua administração, atualmente não cabem muitas ilusões: habilmente deu um alento importante ao desgastado projeto neoliberal, garantindo-lhe mais tempo de sobrevivência com apoio das camadas mais pobres e desorganizadas da população. As mudanças político-ideológicas do

PT ao longo dos anos provavelmente trazem dificuldades para resgatar seus compromissos históricos com as classes trabalhadoras. Essas mudanças contribuíram para que as classes dominantes aceitassem a eleição de um ex-operário à presidência da república e proporcionaram alterações na estrutura de poder no Brasil ao favorecerem a readequação das frações hegemônicas e manterem intactos os interesses monopolistas. O impacto desse processo para as classes populares ainda merecerá muitas análises, mas, pelo visto, as bandeiras históricas dos movimentos populares (antimonopolistas, antiimperialistas e antilatifundiárias) continuarão sendo içadas por um longo tempo (MACHADO, 200?: 32-34).

Em contrapartida as ações, ou não ações desses governos, e tendo em vista que esses homens e mulheres querem poder produzir em terras que por tanto tempo são mantidas improdutivas no Brasil, esses trabalhadores possuem duas alternativas: esperar para que aqueles que estão lá em cima olham para cá por vontade própria e realizem a mudança na estrutura fundiária do país, ou obrigá-los a olhar em virtude das lutas travadas por aqueles que esperam e reivindicam aquilo que é de todos nós por direito, ou seja, uma democratização do acesso à terra no Brasil.

Compreende-se então que, em virtude da Contra-Reforma desse Governo, desenvolveram-se duas frentes de luta no Brasil: primeiramente para adentrar a terra; em segundo lugar, para permanecer nela como camponês e produtor de alimentos fundamentais à sociedade brasileira. Esses camponeses são uma classe em luta permanente, pois, jamais obtiveram de um governo uma política pública efetiva para a consolidação da reprodução social dos mesmos, restando a esses a luta diária, senão por um pedaço de chão, por condições de continuar vivendo dele (Oliveira, 2001).

Tem-se claro que qualquer alternativa para se alterar a condição de vida da maior parte dos brasileiros, acabando com a exclusão social, passa obrigatoriamente pela realização da Reforma Agrária. Só com a Reforma Agrária de desapropriação de terras improdutivas e devolutas<sup>441</sup>, acabando com o latifúndio é que atingiríamos seu objetivo social, retirar da marginalidade uma gran-

---

<sup>441</sup> As terras devolutas são terras públicas, que em nenhum momento integraram o patrimônio particular, ainda que estejam irregularmente em posse de particulares. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado. O fato de não haver registro da terra não caracteriza que sejam devolutas, devendo o poder público comprovar a existência e propriedade das mesmas. Para estabelecer o real domínio da terra, ou seja, se é particular ou devoluta, o Estado propõe ações judiciais chamadas ações discriminatórias.

de parcela da população pobre e despossuída de meios de produção; além de seu papel econômico e político, como já exposto nesse trabalho.

A Reforma agrária dos movimentos sociais, não é uma reforma agrária compensatória, tranquila e pacífica como propôs Lula. Almejam uma reforma agrária que alterará a estrutura fundiária. De acordo com o MST, no atual modelo econômico, que tem seu centro nas exportações, nos bancos e nos grandes grupos econômicos, a reforma agrária não consiste apenas em dividir os latifúndios entre os pobres do campo, ela está mais complexa, visto que o capital estrangeiro, as transnacionais e os grandes grupos econômicos passaram a controlar a agricultura nacional, para exportar matérias-primas, produzir celulose e energia. A proposta atual pretende contrapor-se ao modelo hegemônico que aprofundou a integração do latifúndio com as empresas transnacionais e o capital financeiro.

Segundo João Pedro Stédile, “[...] o agronegócio é uma grande aliança entre as empresas transnacionais — que controlam os insumos [*input*], o mercado internacional e os preços dos produtos agrícolas — e os grandes proprietários capitalistas. Eles querem produzir apenas mercadorias que dêem lucro e para o mercado externo” (STÉDILE, 2012, entrevista).

Ele ainda coloca que falta à sociedade, ao governo e às forças populares brasileiras em geral, um projeto claro de país que englobe um desenvolvimento econômico, social, político e ambiental.

Segundo Stédile,

Agora, nós precisamos de um novo tipo de reforma agrária. [...] Uma reforma agrária que comece na distribuição de terras, mas que organize cooperativas de produção para instalar agroindústrias nos assentamentos e no interior. Porque é isso que aumenta a renda e tira da pobreza. Uma reforma agrária que adote a matriz tecnológica da agroecologia, produzindo alimentos saudáveis, sem veneno e sem alterar o equilíbrio do meio ambiente. Uma reforma agrária que distribua educação. [...] Nós queremos uma reforma agrária popular, de outro tipo. [...] E seu desfecho vai depender de mudanças na correlação de forças em geral. Vai depender do ressurgimento do debate em torno de um necessário projeto popular para o Brasil (STÉDILE, 2012, entrevista).



Stédile, juntamente com o MST, colocam a necessidade de pensarmos um novo tipo de reforma agrária, não aceitando a Reforma Agrária compensatório, tranquila e pacífica proposta pelos governos. Salientando que o Brasil precisa de um novo projeto popular que agregaria educação, saúde, distribuição de renda, produção, desenvolvimentos, todos esses, aliados a distribuição de terras e efetiva reforma agrária, que só será possível a partir de mudanças nas correlações de força. Esta que no Governo Lula, os movimentos sociais não conseguiram se contrapor, trazendo para a sociedade, mas principalmente para o campo brasileiro inúmeras consequências, dentre elas, o aumento da violência e dos conflitos agrários no Brasil.

### **Referências Bibliográficas**

ARANDA, Maria Alice de Miranda; SENNA, Ester. A Articulação Democracia e Participação no PPA do Governo Lula: Brasil De Todos – Inclusão E Participação, 2007. Disponível em: [http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/268.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/268.pdf) Acesso em: 10/09/2014

BRASIL. II Plano Nacional de Reforma Agrária. INCRA. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Plano Plurianual Brasil de todos: inclusão e participação. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, SPI, Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planobrasil.gov.br/texto\\_base.asp?cod=1](http://www.planobrasil.gov.br/texto_base.asp?cod=1) Acesso em: 05/08/2014

Discursos Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003); Brasília. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44275.shtml> Acesso em: 10/07/2013

ENGELMANN, Solange I. A questão agrária no Brasil: a política agrária do governo Lula e a relação com o MST. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, Costa Rica, 2011, pp. 1-22, Disponível em: [http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/solange\\_e\\_aldo\\_duran.pdf](http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/solange_e_aldo_duran.pdf) Acesso em: 23/06/2014

FERNANDES, Bernardo Mançano. MST: formação e territorialização em São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil. Campinas, Editora da Unicamp, 2008.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Tradução Plínio Dentzien. Jorge. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

HEINEN, Milton. O plano nacional de reforma agrária do governo Lula. Antecedentes. O plano. Possibilidades e limites de sua execução, 200?. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/17929366/1990100000/name/O+plano+nacional+de+reforma+agr%C3%A1ria+do+governo+lula.pdf>. Acesso em: 02/09/2014

INCRA. Ministério do Desenvolvimento Agrário 2006. Disponível em: [http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com\\_docman&Itemid=386](http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com_docman&Itemid=386) Acesso em: 28/05/2014

LEHER, Roberto. Región Sur. O governo Lula e os conflitos sociais no Brasil. En publicación: OSAL, Observatorio Social de América Latina, no. 10, 2006, p. 81- 129.

MACHADO, Eliel Governo Lula, Neoliberalismo e Lutas Sociais. Lutas Sociais 21/22, 200?. Disponível em: [http://www.pucsp.br/neils/downloads/2\\_eliel.pdf](http://www.pucsp.br/neils/downloads/2_eliel.pdf) Acesso em: 27/11/2013

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. Estud. vol.15 no.43. São Paulo Sept./Dec, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000300015> Acesso em: 16/02/2014

\_\_\_\_\_. O governo Lula dá adeus à reforma agrária. 24 de dezembro de 2008. Disponível em: [http://www.direitos.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=4790&Itemid=1](http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4790&Itemid=1) Acesso em: 24/08/2013

\_\_\_\_\_. Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: FFLCH., 2007.

\_\_\_\_\_. Não Reforma Agrária e Contra Reforma Agrária no Brasil do governo Lula. Dinámica de los Espacios Rurales y Sustentabilidad: Articulaciones del espacio rural, 2013. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egall3/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricaria/04.pdf> Acesso em: 03/03/2014

PROPOSTA de Plano Nacional De Reforma Agrária. Brasília, 2003.

STEDILE, João Pedro. Entrevista à revista Estopim, 2012. Disponível em:  
<http://www.odiariorio.info/?p=2586> Acesso em: 20/05/2014

**Mobilizações Urbanas Latino-Americanas, e o direito de ir e vir: Caracazo e as revoltas de junho de 2013 no Brasil**

**Movilizaciones urbana latinoamericana, y el derecho de ir y venir: Caracazo y junio 2013 en Brasil**

Vanessa Cristhina Zorek Daniel; (UNIOESTE; vanessazorek@gmail.com)

Manoela Marli Jaqueira; (UNIOESTE; manoelajaqueira@hotmail.com)

Dr. Fernando José Martins; (UNIOESTE; fernandopedagogia2000@yahoo.com.br)

**Resumo:** Pretende-se desenvolver neste trabalho um comparativo entre dois fenômenos de mobilizações sociais que ocorreram na América Latina. O primeiro conhecido como *Caracazo*, ocorreu em fevereiro de 1989 na Venezuela, e o segundo são as mobilizações de junho de 2013 que aconteceram no Brasil. A proposta deste trabalho, é dialogar sobre estes dois fenômenos sociais, pautando-se em teorias da ação coletiva, buscando desenvolver um panorama de similitudes que os envolvem. Ambos ocorrem a partir do anúncio de preços de tarifas de transporte público. O que suscita a reação coletiva de protestos, em tempos e contextos distintos, no entanto o que as unem é o fato de que estas medidas atingem diretamente a vida destes trabalhadores, pois interferem na sua renda e consequentemente na sua qualidade vida. As manifestações deixaram transparecer mais claramente a crise institucional, partidária e de representação política que a América Latina vive; entre outras questões como a expulsão dos trabalhadores das cidades para periferias cada vez mais distantes dos centros financeiros, falta de investimentos em infraestrutura e transporte, sobreposição dos interesses do grande capital em detrimento da população, violência do Estado e força da policial frente às mobilizações como reações não legítimas.

**Palavras-chave:** Mobilizações sociais, direito a cidade, América Latina.

**Resumen:** Se pretende desarrollar en este articulo una comparación entre dos fenómenos de movilización social que se produjeron en América Latina. La primera conocida como el Caracazo, ocurrido en febrero de 1989 en Venezuela, y el segundo en junio de 2013, las manifestaciones que tuvieron lugar en Brasil. El propósito de este trabajo es hablar de estos dos fenómenos sociales, basándose en las teorías de la acción colectiva, tratando de desarrollar una visión general de las similitudes que implican. Ambas ocurren a partir de anuncio de aumento en las tarifas del trans-

porte público. Lo que suscita una reacción colectiva de protestas en diferentes momentos y contextos. Sin embargo, el común entre ellos es el hecho de que estas medidas afectan directamente la vida de estos trabajadores al interferir con sus ingresos y, por tanto, en su calidad de vida. Las manifestaciones han dejado a relieves más claramente la crisis institucional, partidista y la representación política que América Latina vive; entre otras cuestiones, como la expulsión de los trabajadores de las ciudades hacia las periferias más alejadas de los centros financieros, la falta de inversión en infraestructura y el transporte, la superposición de grandes intereses comerciales a expensas de la fuerza de la población, la violencia estatal y la policía al frente de las movilizaciones como reacciones no legítimas.

**Palabras clave:** movilizaciones sociales, el derecho a la ciudad, en América Latina.

**Abstract:** The aim of this article is to develop a comparison between two phenomena of social mobilization occurred in Latin America. The first known as Caracazo, which took place on February 1989 in Venezuela, and the second the demonstrations occurred in Brazil on June 2013. The purpose of this work is to assess these two social phenomena, basing on theories of collective action, seeking to develop an overview of similarities involving. Both occurred after announcements of increase in public transport fares. Which raised the collective reaction of protests in different times and contexts, and the common theme being the fact that these measures directly affected the lives of these workers by interfering with their income and therefore their quality of life. These demonstrations unveiled the institutional crisis that affects Latin America more clearly, such as partisan and lack of political representation; among other issues such as the expulsion of workers from the cities to more distant peripheries away from financial centers, the lack of infrastructure and transportation investments, overlapping of big business interests at the expense of the population, state violence and police force to the front of the mobilizations as no legitimate reactions.

**Key words:** Social mobilization, right to the city, Latin America.

## **Introdução**

Pretendemos neste breve texto iniciar uma discussão sobre problemas sociais e urbanos que atingem principalmente as grandes cidades Latino Americanas, estes problemas estão dentre os quais julgamos como causas para protestos sociais que tiveram grandes repercussões, como é o

caso do Caracazo (1989) na Venezuela e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, entre tantos outros.

As cidades como fruto social e histórico sempre foram ocupadas de formas desiguais, houve desde o princípio dos planejamentos das cidades o privilégio de uma classe sobre a outra em relação aos benefícios de infraestrutura e de localização.

Com o projeto neoliberal iniciado na América Latina principalmente na década de 1980 – salvo exemplo do Chile que adotou o modelo ainda nos anos 1970 – na Venezuela marcado principalmente pela gestão de Carlos Andrés Pérez (1989-1993), e no Brasil iniciadas pelo presidente Fernando Collor de Melo (1990 -1992), e com continuidade no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998 e 1999-2002), este período foi marcado pela privatização dos bens públicos, precarização dos investimentos e serviços públicos como também uma grande elasticidade nos direitos trabalhistas, intensificando-se os problemas sociais, econômicos e urbanos da massa trabalhadora destes dois países. É neste cenário que iniciamos a discussão das mobilizações em questão.

### **Espaço Urbano**

Primeiramente é importante conceituar e contextualizar o espaço urbano, ao qual está inserido a questão de mobilidade. De acordo com Roberto Lobato Correa espaço urbano é formado por diferentes usos da terra, como centro da cidade, local onde está inserido o comércio, serviços e gestão, as áreas industriais e áreas residências diversas em relação ao contexto social, este conjunto de uso da terra é o que se forma o chamado “espaço urbano”. (CORREA, 1989, p. 5)

Mas o espaço urbano não é só o conjunto de terra e seu uso, para Roberto Lobato Corrêa é um sistema fragmentado e articulado:

(...) Mas o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Essas manifestações manifestam-se empiricamente através do fluxo de veículos e de pessoas associados à operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos cotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no cen-

tro da cidade ou nas lojas de bairro, às visitas aos parentes e amigos, e idas ao cinema, culto religioso, praia e parques. (CORREA, 1989, p. 5)

Desta forma o espaço urbano capitalista nesse sistema articulado e fragmentado tem um reflexo social e de desigualdade, os bairros são onde estão concentradas as diversas classes sociais e são reprodução dos vários grupos sociais existente em um centro urbano. A construção do espaço urbano, desse sistema fragmentado se dá através do movimento da sociedade, da estrutura e função urbana que se concretiza nas formas espaciais. (CORREA, 1989, p. 10)

O que se percebe é que neste espaço urbano, cada vez mais a população de classes menos favorecidas estão mais longes dos grandes centros e das zonas de trabalho e se veem obrigadas a se deslocarem por meio de transporte coletivos até o seu campo de labor e muitas vezes esse transporte é caro e precário, fazendo com que o trabalhador passe muito tempo para se deslocar de sua residência para seu local de trabalho.

### **O direito de cidade**

A reflexão acerca do espaço urbano faz repensar as estruturas das cidades, bem como as necessidades sociais acerca da vida urbana, neste cenário surgem reivindicações de diversos direitos como: educação, direito ao trabalho, cultura, repouso, saúde, habitação entre outros. Dentro desses direitos observamos a importância e necessidade da classe operária para o reconhecimento desses direito, mesmo que por muitas vezes não sejam implementados de forma equivocada. (LEFEBVRE, 2001, p. 117)

Diante desses direitos, o direito à cidade surge como um pedido, uma exigência, um apelo por uma cidade que está deteriorada e necessita ser renovada e Lefebvre coloca como sujeito da mudança a classe operária, aquela responsável em lutar e buscar a garantia do direito à cidade:

Só a classe operária pode se tornar o agente, o portador ou o suporte social dessa realização. Aqui ainda, como há um século, ela nega e contesta, unicamente com sua presença, a estratégia de classe dirigida contra ela. Como há um século, ainda que em novas condições, ela reúne os interesses (aqueles que superam o imediato e o superficial) de toda a sociedade, e inicialmente de todos aqueles que habitam.

Os moradores do Olimpio e a nova aristocracia burguesa (quem o ignora?) não habitam mais. (LEFEBVRE, 2001, p. 118)

A luta pela efetivação do direito da cidade é de todos aqueles que sofrem a ação de uma cotidianidade desordenada, que residem longe dos velhos centros e tem que correr de sua moradia até a estação mais próxima ou não, para utilizar o transporte público superlotado, às vezes utilizar mais de um meio de transporte para chegar até o escritório ou fábrica, o quadro que se encontra de mobilidade urbana é de miséria, onde está bem distante do efetivo cumprimento do direito à cidade. (LEFEBVRE, 2001, p. 118)

### **As Mobilizações sociais e o direito a cidade**

O movimento que ficou conhecido como Caracazo<sup>442</sup>, é um reflexo da situação política e econômica pela qual a Venezuela passava naquele momento. Na década de 1970 o país passou por um período de crescimento rápido, principalmente pelas altas que o mercado do petróleo sofreu, porém o aumento da renda não trouxe desenvolvimento real para o país, uma vez que não se desenvolveu a industrialização de forma significativa, mantendo-se vulnerável ao cenário internacional. Outro fator que teve influência para a eclosão desta mobilização social está estritamente ligado às políticas de ajustes preconizadas pelo Consenso de Washington, o qual cedia o empréstimo aos países latino-americanos, no entanto ao assinar o acordo de transferências de créditos os países estavam condicionados a aceitar os acordos que implicavam em um severo corte na máquina do Estado. O governo de Andrés Pérez tomou medidas extremamente impopulares, dentre elas a desvalorização da moeda, o congelamento de salários. O preço dos combustíveis teve um reajuste de 100% e para transporte público o governo anunciou para o aumento de 30% no entanto as empresas de transporte repassaram o preço de 100%, esse aumento ocorreu sem aviso prévio e os trabalhadores que moravam em bairros ou cidades vizinhas a Caracas e faziam viagem até o trabalho de uma a duas horas, souberam dos novos preços já no ponto de ônibus.

O aumento de 100% nas passagens implicava diretamente na renda do trabalhador venezuelano, que já vinha sofrendo deterioração das condições de vida, e este novo valor do transporte

---

<sup>442</sup> Revolta popular urbana que ocorreu em Caracas em 27 e 28 de fevereiro de 1989.



chegou a ser o valor total da renda de muitos trabalhadores mensalmente. No dia 27 de fevereiro no início da manhã ao se depararem com os novos os trabalhadores iniciaram os protestos, colocaram fogo em ônibus, trancaram estradas, chegaram ao centro de Caracas, deu-se também uma onda de saques principalmente em supermercados, e levaram para casa alimentos do cotidiano venezuelano como feijão, macarrão e leite em pó, que os comerciantes sabendo dos reajustes haviam escondidos nos depósitos deixando as estantes de mercados e mercearias praticamente vazias. Neste primeiro momento das manifestações, a polícia em muitos pontos participou dos saques ou não tentou conter os atos, pois estavam também em um conflito salarial com o governo. (Jones, 2008, p. 120-130)

As notícias sobre as mobilizações passadas pela televisão aumentavam ainda mais a adesão da população ao protesto que se espalhou por 16 cidades do país, no entanto no dia 28 foi anunciado pelo governo da Venezuela, um toque de recolher das 18h às 6h, como também a suspensão de direito e garantias a liberdade e a expressão, e a organização de assembleias, as pessoas poderiam ser presas ou detidas e não teriam direito a um advogado ou a comunicar a família. Os bairros pobres foram invadidos por forças do exercício que recebeu ordem para atirarem em qualquer coisa que se movesse. Muitas pessoas foram mortas e seus corpos não poderiam ser recolhidos pelos familiares, apenas as autoridades estavam autorizadas a removê-los, ainda hoje não se tem o número preciso vítimas resultantes dessas mobilizações. O exército fala de 327 mortos e mil feridos, jornalistas e correspondentes estrangeiros defendem o número de 1.500 mortos. (Martinez, 2008, p. 89)

As manifestações de Junho de 2013 no Brasil, que ocorreram mais de 20 anos depois deste episódio também eclodiram após o anúncio do preço das passagens do transporte público na cidade de São Paulo, apesar de o cenário social e econômico ser outro, com baixo nível de desemprego e existir políticas sociais efetivas e de redistribuição de renda, tais medidas não conseguiram conter a insatisfação da população em relação ao preço do transporte público. Entre tantas questões presentes nestas manifestações estava o pedido do direito a cidade, a se locomover de casa ao trabalho, sem ter que sacrificar economicamente para isso. *“As cidades são o principal local onde se dá a reprodução da força de trabalho. Nem toda a melhoria das condições de vida é acessível com melhores salários ou com melhor distribuição de renda”*. (Maricato, 2013, p. 19) Deste modo, por mais que muitos brasileiros tenham acendido socialmente, conseguindo emprego e direitos trabalhistas, continuam sendo a classe explorada e morando na periferia, sofrendo as dificuldades de depender do transporte público para chegar ao trabalho que garante a sua sobrevivência.

As Jornadas de junho no Brasil tiveram início dentro do *Movimento Passe Livre*, este movimento já havia participado de várias outras manifestações desde do ano de 2003<sup>443</sup>, e uma das bandeiras do movimento é o transporte público gratuito e de qualidade. Os primeiros protestos tiveram início dia 6 de junho de 2013, depois do reajuste de preço da tarifa em varias cidades do país, foi em São Paulo que ela ganhou contornos maiores. Por parte da Polícia militar houve forte repressão, as mobilizações que ocorreram entre 6, 7, 11 e 13 de junho foram eventos que tiveram a participação de em média duas mil pessoas, que sofreram constatações de atos de violência vindos do Estado, que foram tão intensas que gerou uma onda de solidariedade da população em ao Movimento do Passe Livre que ocorreu a partir do dia 17 de junho.

As ações policiais que ocorreram até o dia 13 de junho foi uma tentativa do Estado de manter estagnada qualquer possibilidade de continuidade de mobilização. Ainda nesta data polícia Militar prende vários manifestantes por porte de vinagre, o que gerou a chamada *Revolta da Salada*<sup>444</sup>, neste episódio alguns jornalistas também foram feridos e presos. A partir daí a mídia começou a mudar o discurso em relação aos protestos, e foi a partir do aval da televisão que muitas pessoas foram as ruas a partir do dia 17 julho sem pautas definidas e sem uma organização prévia, mas em um primeiro momento solidárias aos manifestantes injustiçados pela repressão violenta. Este fato representa o marco para a segunda fase das manifestações de Junho no Brasil que tem um caráter diferente da que foi descrita até aqui.

O aumento da passagem em 0,20 centavos iria impactar o orçamento de muitas famílias Brasileiras, principalmente as que vivem em grandes centros urbanos, no qual muitos trabalhadores pagam entre 2 a 4 passagens por dia para se deslocarem de casa ao trabalho e do trabalho para a casa. Segundo dados do relatório *Gastos das Famílias Brasileiras com Transporte Urbano Público e Privado no Brasil* publicado pelo IPEA (2012) eram comprometidos em média 15% do orçamento das famílias brasileiras com o transporte público.

---

<sup>443</sup> O movimento Surgiu com este nome apenas em 2005, após uma plenária do Fórum Social Mundial que ocorreu em Porto Alegre, no entanto a campanha do Passe Livre já existia em Florianópolis, houve também manifestações deste grupo ainda em 2003 em Salvador, na chamada Revolta do Buzu, e as Revolta das Catraca em Florianópolis, nos anos de 2004 e 2005. Fonte do site oficial do Movimento Passe Livre [www.mpl.org.br](http://www.mpl.org.br). Acessado em 22 de julho de 2014.

<sup>444</sup> O vinagre para a Polícia Militar do Estado de São Paulo é mais que um tempero, é digno de estar na lista de “objetos que podem ser usados contra os policiais e a população”. Ele virou um dos símbolos de um episódio marcado pelos abusos e truculência policial, a quarta manifestação contra o aumento da passagem de ônibus, que aconteceu ontem, na capital paulista. A verdade é que suas propriedades químicas amenizam o efeito do gás lacrimogênio e spray de pimenta usados pela corporação e isso só dificultaria a dispersão dos protestantes – tornando-se assim, proibido.

Em relação ao MPL como Movimento Social, podemos dizer que este reúne sujeitos que com objetivos e interesses comuns, motivados por mudanças e justiça social. Neste sentido, os atores juntam suas potencialidades e se organizam para enfrentarem seus opositores, que neste caso seriam as empresas de transporte público e principalmente o Estado que gere este sistema. Desta forma, questiona a ordem social, a ineficiência da representatividade política, da infraestrutura das cidades em relação ao transporte e da falta de políticas públicas em relação ao tema.

Como em ambos os casos de Ações e Mobilizações que relatamos aqui, pode-se remeter ao que Gohn fala sobre as motivações iniciais que levam as pessoas a se unirem em um ato coletivo, que seria a vontade de solucionar o problema imediatamente. :

Não há preocupação nas elaborações sobre a mobilização social quanto ao entendimento da história social e política de um povo para além de seu local imediato. As causas e a gênese dos processos de exclusão e pobreza não são analisadas. Parte-se de dada situação e busca-se mobilizar pessoas para a sua resolução, substituindo a “cultura da espera” pela “cultura da resolução, do fazer”. (Gohn, 2012, p. 67)

Nestes casos o presente é o norteador deste momento de mobilização, o pensamento crítico neste primeiro instante não tem espaço, mas se fazem presentes principalmente o caráter criativo e de inovação. Os Atores coletivos são os que produzem estas ações e mobilizações.

A ação coletiva entre os sujeitos fundamenta-se na solidariedade, esta produzirá um sentimento de pertencimento a partir da construção de identidade, isto é, onde os referidos atores tenham a capacidade de reconhecer a si mesmos e de serem reconhecido como membros do mesmo sistema de relações sociais, contribuindo para a mobilização dos atores em torno de determinado interesse.

### **Considerações Finais a cerca das Mobilizações Caracazo e Jornadas de Junho**

As mobilizações em ambos os momentos demonstraram aos governos do Brasil e da Venezuela uma ameaça ao status-quo político, as mobilizações que foram desencadeadas pelos preços das passagens, no entanto demonstram muito mais do que uma briga para manter o orçamento destes trabalhadores sem maiores prejuízos, mas a insatisfação em relação às questões políticas, sociais e econômicas de seus países, que os governos e partidos políticos não conseguem resolver.

Na Venezuela, a esperança da população em tempos melhores na econômica, resultou na a eleição de Carlos Andrés Pérez, que havia governado anteriormente (1974-1979) em uma época em que o preço do petróleo estava em alta, e a população acreditava que sua volta, traria novamente a bonança de outros tempos. Mas ao contrário foram surpreendidos com a realidade do Consenso de Washington que deteriorou a qualidade de vida de uma população que já tinha um alto índice de pobreza. As mobilizações do Caracazo pela injustiça que sofriam em relação aos preços dos alimentos, aos baixos salários e a dificuldade de lidar com a subida dos preços foi o primeiro passo das mudanças políticas que viriam anos mais tarde. Um segundo momento foi a tentativa de golpe em 1992 feita por Hugo Chávez e outros companheiros do exercito, e com apoio da população pobre que era grande maioria neste país, seu discurso contra o neoliberalismo e sua postura crítica aos governos anteriores, como também a proposta de fundar uma V República elegeram este líder de caráter outsider em 1998.

Em relação às manifestações ocorridas no Brasil, a injustiça e desigualdade social mesmo com algumas melhoras nos últimos anos com o governo do Partido dos Trabalhadores ainda estão longe de serem reparadas. Muitas das demandas da esquerda foram esquecidas, ou deixadas de lado, ainda que outras como o baixo índice de desemprego e a possibilidade de aquisição de casa própria como também os programas de distribuição de renda tem ocorrido, a classe trabalhadora continua sendo excluída dos grandes centros para a periferia, necessitando estes trabalhadores então obrigatoriamente a dependência do transporte público para chegarem até os centros ou a cidade Formal para vender sua força de trabalho, que é o seu meio de subsistência. Deste modo as pessoas que não possuam uma quantia em dinheiro para poderem pagar o transporte, estão de certa maneira presas a periferia, sem condições de locomoção pela distância, resultado dos interesses do grande capital e da especulação imobiliária. Por mais que se melhore a questão de renda no país, ainda nega-se o direito a cidade formal as populações da periferia, que participam dela apenas como trabalhadores e não como cidadãos de uma forma completa.

Além dos problemas sociais e econômicos serem um dos pontos de relação entre estes dois fatos está também o ponto da violência e da criminalização das manifestações, o Caracazo apresentou um nível terrivelmente maior de violência e repressão, deixando muitos mortos e calando rapidamente as mobilizações, como uma expressão da força imposta pelo governo que conseguiu de certo modo “controlar” a descida dos morros e saída dos pobres dos *Barrios* para o centro da cidade.

No Brasil as repressões demonstradas pela força Policia Militar de São Paulo nos primeiros quatro dias de Manifestações do MPL, contou também com a conivência da grande mídia, que descreveu até mesmo como legítima a ação dos policiais contra os “baderneiros”, “arruaceiros” e “vândalos”, tanto o discurso midiático quanto a ação da polícia se mostravam como uma tentativa de deslegitimar o protesto, mostrando que o aumento das passagens por parte do governo não seria colocado em pauta de discussão com a população. No entanto a partir do momento em que a violência da polícia atinge também alguns repórteres a opinião popular se comove com os feridos de classe média, a mídia muda o discurso e os protestos tomam outros contornos. Lembrando que a violência contra esse tipo de manifestações sempre ocorreu e que sempre houve militantes e manifestantes feridos, mas nunca antes receberam a solidariedade da mídia Brasileira.

## Referências

- BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. **Gastos das Famílias Brasileiras com transporte urbano público e privado no Brasil: Uma análise da POF 2003 e 2009.** Brasília, 2012. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/993/1/TD\\_1803.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/993/1/TD_1803.pdf) . Acessado em: 17 de julho de 2014
- BART, J. **Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da revolução permanente.** São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano.** Série Princípios. São Paulo: editora ática: 1989.
- GOHN, M. G. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais.** São Paulo, Loyola, 2012.
- IASI, M. L. A Rebelião, a cidade e a consciência. In: MARICATO, E. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo, Boitempo, 2013.
- LEFBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.
- MARTÍNEZ, J. H. **Causas e Interpretaciones del Caracazo.** HAOL, Núm. 16, 2008, Historia Actual.
- MARICATO, E. **É a questão urbana, estúpido!**. In: MARICATO, E. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo, Boitempo, 2013.

SECCO, L. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, E. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo, Boitempo, 2013.

TARROW, S. **El poder en movimiento, los movimientos sociales, la acción colectiva y la política**. Alianza Editorial, Madrid. 1994.

TOURAINE, A. Los movimientos Sociales. **Revista colombiana de Sociología**, nº 27, Bogotá. 2006.

## **A construção da identidade nacional e cultural e a relação com a instabilidade política haitiana no final do século 20**

### **La construcción de la identidad nacional y cultural y la relación con la instabilidad política haitiana al final del siglo 20**

Victor De Carli Lopes (UFSM – [victor.decarli@hotmail.com](mailto:victor.decarli@hotmail.com)); Wagner Fernandes de Azevedo (UFSM – [wagnerf.azevedo@yahoo.com.br](mailto:wagnerf.azevedo@yahoo.com.br))

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos de formação da identidade nacional e cultural haitiana, inseridas em um ambiente de instabilidade política e suas consequências na legitimação do estado haitiano. Essa construção se embasará por conceitos pós-coloniais e decoloniais de Relações Internacionais, haja vista a precariedade de literatura dialógica à realidade contemporânea do Haiti e suas peculiaridades nas questões religiosas, étnicas e linguísticas. A análise de fatores e produtos subjetivos visam a desconstruir o quantitativismo das teorias hegemônicas e generalistas de Relações Internacionais, a fim de perceber a importância e a disparidade da realidade latinoamericana no que tange a formação da sociedade, seus indivíduos e governos estabelecidos. O trabalho buscará destacar a epistemologia do Sul como base na interpretação dos períodos ditatoriais e democráticos no Haiti durante as décadas finais do século XX.

## **1 Introdução**

Embora os estudos mais subjetivos - como os de identidade, cultura e legitimidade - tenham sido negligenciados durante muito tempo, eles nem sempre tiveram pouco espaço no campo de Relações Internacionais (RI). Entre os anos de 1940 e 1960 eles formavam uma parte substantiva dos estudos de RI (ALEXANDER e SMITHI apud LAPID, 1993) e se ficou tempo demasiado no ostracismo, a verdadeira culpa fica a cargo dos acadêmicos, visto que a partir da década de 1960 diversos conflitos étnicos que mereceriam essa abordagem passaram a ocorrer com maior frequência e permaneceram ignorados (LAPID, 1993). No entanto, o espaço para a multidisciplinariedade começou a se abrir com o que veio a ser conhecido como Teoria Crítica, de viés marxista, escrita por autores como Robert Cox nos anos 1980 e se expandiu de vez com os teóricos pós-modernistas, pós-positivistas, pós-coloniais, feministas, construtivistas, e outros. Dentre estes, é

possível destacar Alexander Wendt. Ao adotar uma perspectiva construtivista, ele problematiza conceitos considerados inalteráveis pelos Realistas, inclusive os de anarquia e interesse de Estado. Para Wendt, há uma interação entre atores que formam as identidades e os interesses, os quais se retroalimentam entre si: se sou isso, quero aquilo; se sou aquilo, quero isso (WENDT, 1992).

Além das críticas a alguns conceitos “escritos em pedra” das teorias *mainstream*, outras críticas se voltaram mais precisamente ao foco regional dos objetos de estudos das RI, os *países do norte*. Quando estes não são o objeto de estudo, costumam ser a fonte de onde este provém. Isso acaba, nas palavras de Barry Buzan e Richard Little, levando inevitavelmente a uma *camisa de força metodológica*: ou seja, se a anarquia no sistema internacional é incontestável; se não há atores que, além dos Estados, possam ser considerados relevantes; se os únicos objetos merecedores de estudo são as grandes potências; os progressos teóricos dificilmente serão alcançáveis (BUZAN e LITTLE, 2010). Não obstante, ao se estudar os *países do sul*, é possível identificar diferenças marcantes em relação aos países do norte. Em muitas situações os Estados ainda não estão plenamente estabelecidos e, ao se trabalhar segurança, a ameaça se localiza muito mais no âmbito interno do que no externo; ou a instabilidade é gerada pela falta de legitimidade do governo, devido a sua condição histórica e/ou étnica; ou ainda, identificar a impossibilidade, com a metodologia ocidental, calcada no materialismo, no quantificismo e no individualismo, de entender as dinâmicas do mundo islâmico, por exemplo (TADJBAKHS, 2010), ou as relações sociais construídas pelos colonizadores nas colônias e o descrédito historiográfico coma as relações já existentes e também transformadas pelos colonizados (QUIJANO, 2005).

O texto tem por objetivo analisar os processos de formação da identidade nacional e cultural haitiana, inseridas em um ambiente de instabilidade política e suas consequências na legitimação do Estado. O país caribenho é elencado como objeto de análise, pois permite trabalhar empiricamente as ideias propostas. Na perspectiva adotada, o Estado haitiano apresenta debilidades na construção e consolidação política. Conhecido internacionalmente pela pobreza extrema, o Haiti conta com uma grande população migrante, o que remete à questão identitária: os laços nacionais são estendidos para além das fronteiras e em muitos casos relacionados com a raça. Em vista disso, a abordagem será centrada em aspectos culturais e políticos.

Abordar o conceito de legitimidade, tanto no campo da política doméstica quanto internacional, remete-nos a pensar sobre o exercício político em si. No cenário internacional, há uma pluralidade de Estados com diferentes capacidades e, principalmente, com grau de soberania diferente (o Haiti, analisado posteriormente, possui soberania limitada). Os governos de qualquer regime



político são baseados no direito de governar e isso pode ser atingido de qualquer meio e com variados graus de apoio. Dessa forma, a legitimidade, enquanto conceito construído ao longo dos séculos difunde-se e torna-se difícil de ser conceituado pontualmente.

De acordo com Robert Keohane (2007, p.4), a legitimidade possui um conceito sociológico que vai além do conceito normativo do “direito de governar”, ou seja, uma instituição só é legítima quando é socialmente aceita ou acreditada para governar. Contudo, o mundo real da política os aspectos normativos e empíricos da legitimidade estão conectados (2007, p.5). Russel Hardin (2007, p. 236), em seu artigo “Complacência, consentimento e legitimidade” possui um entendimento próximo ao pontuar que a legitimidade não é uma questão única dos Estados e das leis, pois os cidadãos são a fonte de consentimento. Isso nada mais é do que a asserção psicológica dos cidadãos de que o Estado ou o governo ou um regime são legítimos aos seus próprios olhos.

Como mencionado anteriormente, o conceito de legitimidade possui uma fundação teórica e histórica que vai desde a Idade Média à construção dos Estados Nação modernos. Seguindo a linha apresentada por Russel Hardin, a origem da legitimidade pode ser vista como teocrática como ocorria nos Estados Absolutistas em que o discurso que mantinha um monarca no poder era o direito natural e divino de dominação. Hobbes, neste contexto, apresenta o consentimento, o contrato e a governança que permanecem até as concepções contemporâneas. Posteriormente, o viés liberal democrático atribui o fundamento deste termo ao consentimento dos governados, sendo estes definidos de algum modo. O contrato social concedia o direito de governar. É importante ressaltar que o protestantismo do século XVII lançou bases para esse processo que em 1789 seria o marco para seu enfraquecimento. Para o autor, a passagem da versão teocrática e teológica da legitimidade para a compreensão moderna como o desenvolvimento político mais importante do último milênio na Europa.

Muitas discussões ainda ocorrem sobre o tema. A legitimidade pautada do direito, nas leis, varia de um local para o outro, de acordo com seus aspectos culturais, políticos e econômicos. Da mesma forma que o consentimento, por mais que seja importante, não gera homogeneização das decisões e expectativas da população em relação a um governo e isso é expresso em qualquer regime político. Podem ser analisados os fins cujos indivíduos permitem esse direito de governar: pelo temor, remetendo ao Leviatã de Hobbes, uma vez que é consentido o monopólio da força ou até mesmo pelos benefícios ou possíveis ganhos, ou seja, uma legitimidade consequencialista (HARDIN, 2007, p.245), com vistas no bem comum. Isso se relaciona a um dos aspectos considerados importantes para Keohane para se avaliar a legitimidade: benefícios comparativos, que cor-

respondem ao regime político, que funciona com eficiência, trará mais ganhos e possivelmente pouca oposição.

Russel Hardin acrescenta a visão de autoridade e dominação em Weber, que sumariamente entende legitimidade sendo essencialmente poder. Contudo, o exercício de poder é limitado em muitos casos, como no Haiti. Em uma tentativa de expor padrões gerais de legitimidade e analisar a soberania limitada, o artigo “Governança e Legitimidade” de Robert Keohane, em uma análise normativa e empírica, uma democracia não estabilizada é marcada pela ausência do monopólio da força, pouca credibilidade no Estado de Direito e baixa habilidade para tomar decisões coerentes para a coletividade. Para o autor, é necessário para a legitimidade a base de apoio, a justiça, preceitos morais mínimos e capacidade de adaptação da instituição.

Os aspectos apresentados acima sobre a legitimidade buscaram apresentar historicamente como o conceito foi se expandindo e se tornando cada vez mais complexo. Ressalta-se que a legitimidade dentro de um Estado Nação foge do campo meramente político e tem uma relação forte com as identidades, políticas, nacionais, religiosas, entre outros.

## **2 Pós-colonialismo**

O termo pós-colonial é comumente usado para se referir às contribuições que ganharam evidência nos anos 1980 em universidades inglesas e estadunidenses, tendo sua fonte principal em estudos literários e Culturais (BALLESTRIN, 2013 p. 90). Dessa forma o prefixo pós não se constitui como um indicador temporal, mas sim de uma marca para se pensar na continuidade política, onde se procura evidenciar a perpetuidade de um sistema global hegemônico (JATOBÁ 2013, p. 119). Assim como em outras correntes que adotaram o prefixo "pós", o pós-colonialismo tem uma gama muito variada de adeptos, mas que comungam de determinadas características, como a da busca por uma epistemologia crítica às concepções dominantes da modernidade gerando não uma substituição de paradigmas, mas o surgimento de paradigmas outros; a formulação de teorias próprias que tenham como lastro as especificidades da região tratada e libertar a população do Sul-Global dos essencialismos, através da desconstrução dos mesmos. Como é o caso de um dos cânones do pós-colonialismo, Frantz Fanon, que denuncia em seu livro *Pele Negra, Mascaras Brancas* a relação que negros, tanto martinicanos, como ele, ou africanos, tinham com os brancos europeus, principalmente na França, país que colonizou a Martinica. Fanon evidencia as diversas ferramentas que se utilizava em relação ao negro para "aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo,

vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável" (FANNON, 1983, p. 47). Junto com ele há ainda outros autores, como indica Ballestrin (p.4) que são considerados como precursores do pensamento pós-colonial como Aimé Césaire, que em seu livro "Discurso sobre o Colonialismo" considerava que a civilização europeia e ocidental tinha falhado em resolver dois dos principais problemas que ela mesma gerou: o problema do proletariado e o problema colonial (2010); o tunisiano Albert Memmi, autor do livro "Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador", no qual expressa as diferenças sociais, políticas e culturais que os africanos colonizados e os franceses colonizadores tinham em seu país; o palestino Edward Said que traz na obra "Orientalismo" a teoria de construção do Oriente como uma invenção do Ocidente; o bengali Ranajit Guha que é um dos fundadores do Grupo de Estudos Subalternos; e a indiana Gayatri Spivak também membra desse grupo e autora do livro *Pode o Subalterno Falar*.

Outro importante marco para o pensamento pós-colonial, principalmente na América, foi a criação na década de 1990 do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, com inspiração em seus irmãos asiáticos apesar de sempre procurar uma via que mostrasse a realidade da América Latina e reconceitualizasse o pluralismo e as condições de subalternidade oriundas de sociedades plurais (GRUPO LATINO-AMERICANO DE ESTUDIOS SUBALTERNO, 1998). Para Walter D. Mignolo, as teorias de Guha, Spivak e outros autores dos estudos subalternos "originais" não deveriam ser simplesmente traduzidos e incorporados ao caso latino-americano, visto que este não é o espelho daquele. Para o autor era necessário levar em conta as especificidades da história da América Latina que possui um diferencial único na história mundial uma vez que constitua o primeiro espaço/tempo para a formatação do poder mundial como ele é atualmente estruturado, graças a dois processos históricos que convergiam e atualmente se consolidam como seus eixos básicos: A naturalização das diferenças através da ideia de raça, como será abordado mais adiante e a questão da divisão do trabalho, as formas de controlá-lo e o surgimento de um capitalismo mundial (QUIJANO, 2005, p 1).

Houve ainda uma ruptura neste grupo, onde foi fundado também o Grupo Modernidade/Colonialismo, pois autores como Grosfoguel sentiam necessidade de transcender epistemologicamente a epistemologia e os cânones ocidentais, buscando não centrar seus estudos no que eram chamados os "quatro cavaleiros do Apocalipse", sendo eles, Foucault, Derrida, Gramsci e Guha, pois 3 deles elaboravam um pensamento a partir de uma ótica do Norte (GROSFOGUEL apud BALLESTRIN, 2013). Esse grupo possuía em sua gênese uma vanguarda de peso, tendo nomes como Immanuel Wallerstein, com suas contribuições sobre o Sistema-Mundo; Enrique Dussel,

que engrandeceu o grupo com a filosofia da libertação; Quijano, com a Teoria da Dependência, Walter Mignolo, Grosfoguel e tendo influência também pela Teologia da Libertação dos anos 60 e 70, e pelos estudos de Paulo Freire, Darcy Ribeiro e outros tantos intelectuais que foram formulando pensamentos que serviram de embrião para o empoderamento dos ex-colonizados. Para Escobar (2003) o M/C é considerado como um "programa de investigação" que compartilha algumas visões, perspectivas, raciocínios e conceitos que lhe oferecem uma identidade e um vocabulário próprio, renovando e intensificando a busca por ciências sociais próprias da latino-américa (BALLESTRIN, p. 99).

Quando vamos analisar a história haitiana, alguns desses conceitos e cosmovisões são muito caros para uma compreensão mais autônoma, e que não venha carregada de eurocentrismo e outros empecilhos que ainda dificultam uma aproximação maior com a realidade do Sul a partir do Sul. O colonialismo do Poder aferido por Quijano e expandida por Mignolo, que aponta a existência de uma tripla dimensão (a do poder, do saber e do ser), pautam que as dominações não cessaram com o fim do colonialismo, influenciando as nossas representações da realidade.

No que tange ao colonialismo do saber, ou geopolítica do conhecimento, é importante não só destacar a relação com a teoria de Foucault de violência epistêmica, mas o aprofundamento dela, uma vez que ela não tenha sido o suficiente para perceber o silêncio oriundo do racismo epistêmico (MALDONADO-TORRES apud BALLESTRIN, 2008). Para eles, o problema da "invenção do outro" deveria trazer como plano de fundo um caráter geopolítico. As consequências desse colonialismo vai ao encontro com a forma de se produzir conhecimento considerado como "legítimo", isto é, o centrado na perspectiva dos grandes polos de poder global e que carrega a ideia apontada por Castro-Gómez (2005) como "ponto zero". Esse conceito traz à tona a falsa ideia de imparcialidade que a linguagem científica assume desde o iluminismo, com o discurso de um suposto ponto de partida neutro e absoluto. Mas quando pensamos que "a formação acadêmica, a investigação, os textos que circulam, as revistas que se recebem, os lugares onde se realizam as pós-graduações, os regimes de avaliação e reconhecimento do corpo acadêmico, tudo aponta para a sistemática reprodução de uma visão de mundo pelas perspectivas hegemônicas do Norte" (LANDER, 2000)<sup>445</sup>, percebemos automaticamente que tal "ponto zero" não é possível e vem carregado inexoravelmente de um eurocentrismo.

---

<sup>445</sup> Tradução livre

Um dos legados mais importantes do grupo M/C é a noção de giro decolonial, cunhada por Maldonado Torres, que atenta para um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, para se combater a lógica da modernidade e colonialidade (BALLESTRIN, p.105). Para Mignolo (apud BALLESTRIN, p.105) quando correlacionamos a colonialidade como constitutiva da modernidade nós já estamos erguendo a bandeira do pensamento decolonial. Essa corrente que visa combater a lógica monológica da modernidade se difere do pós-colonialismo, ou dos estudos pós-coloniais, pois esses se baseiam em experiências outras, que muitas vezes não refletem a efetividade latino-americana. Os estudos decoloniais trazem novos prismas e maneiras de elucidar e enfrentar os velhos problemas da América Latina ao invés de simplesmente elencá-los, trata-se de um diagnóstico e prognóstico que leva em consideração a questão da práxis.

A atual ideia de raça teve sua origem e mundialização a partir da América e, apesar de ter fortes referências nas diferenças fenotípicas entre os conquistadores e conquistados, foi embasada no imaginário de pretensas estruturas biológicas diferenciais entre os dois grupos. A configuração dessas relações sociais acabou gerando identidades sociais na América historicamente inéditas: índios, negros e mestiços além de redefinir outras, como a representação dos portugueses e dos espanhóis não indicar mais a procedência geográfica ou o país de origem, mas também uma conotação racial. É interessante ressaltar que essas relações sociais estavam estabelecidas em relações de dominação, levando a associá-las a lugares e papéis na sociedade, hierarquizando os diferentes povos e outorgando legitimidade às relações de exploração (QUIJANO, 2005. p.2). Essa ferramenta demonstrou-se ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, uma vez que tenha naturalizado a inferioridade e constantemente subjulgado as contribuições culturais de uma maneira geral do dominado. Dessa forma então a raça foi o primeiro requisito organizador para distribuir a população nos mais variáveis patamares do sistema-mundo e serviu para impulsionar o conceito de nacionalidade.

### **3 Identidade**

A questão de identidade e mais especificamente o nacionalismo já está no centro do debate das ciências sociais há algum tempo. Em sua obra “Comunidades Imaginadas”, Benedict Anderson (1983) faz um estudo sistemático sobre o surgimento e a difusão das nações e do nacionalismo, e analisa, por sua vez, que a ideia de que cada povo deveria ser governado por si mesmo surgiu como contraponto

aos governos dinásticos. A partir dessa legitimidade que no sentido emancipatório ou descolonizador, se originou a identidade nacional, surgiram preceitos que, embora se mostrem abstratos e muitas vezes difíceis de serem definidos de maneira conclusiva, são amplamente aceitos no cenário multilateral dos Estados. O caso clássico seria a “máxima” da *autodeterminação dos povos*. Essa frase pode parecer inofensiva, mas carrega consigo uma ideia completamente ilusória de que existem povos muito bem definidos no mundo e que todos estes povos merecem um Estado próprio: eis o conceito de Estado-nação. Mesmo os países que talvez insistam em considerar-se como os mais “puros”, como França, Alemanha, etc., são, em verdade, misturas de diversos povos, como os célticos, ibéricos e germânicos no primeiro caso, e germânica, céltica e eslava no outro (RENAN, 1882). Ernest Renan no século XIX já dizia que “*a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muita coisa em comum, e também que todos tenham esquecido coisas*” (RENAN, 1882: 6). Portanto, é essencial nesse momento não perdermos de vista a complexidade inerente em um Estado na formação de identidades e que se problematize a noção de Estado-nação, incluindo os europeus.

A partir desta asserção, os autores Liah Greenfeld e Jonathan Eastwood, em seu artigo ‘National Identity’ propõem ainda que a implicação política fundamental dos nacionalismos é o Estado e defendem que o Estado Nação é essencialmente fruto da modernidade que surgiu na Inglaterra durante o século XVI. A identidade nacional não tem fronteiras delimitadas, ou seja, são políticas, culturais e religiosas. A nível de Estado, parte da relação indivíduo-coletividade e da forma como se desenvolveu este Estado. Em muitos casos europeus o aparecimento do nacionalismo foi predominantemente uma ocorrência política. Por outro lado, geralmente em Estados Nação mais “jovens”, o discurso nacional tem fortes implicações culturais, ou seja, centrado em um grupo étnico.

Da mesma maneira, os autores reforçam que as identidades possuem múltiplas camadas e é um meio necessário para a busca de significado, pertencimento e ordem aos indivíduos. Dentro deste quadro, a identidade nacional é conectada à uma determinada imagem do mundo, ou seja, uma imagem nacional do mundo. É, na visão dos autores (e passível de questionamentos), essencialmente secular, que divide o mundo em comunidades, sendo estas imaginadas e pautada na igualdade entre aqueles que compartilham da mesma identidade.

Os teóricos das Relações Internacionais, Kevin Dunn e Patrícia Goff, apresentam na introdução da sua publicação *Identity and Global Politics* (2004) quatro pilares para o estudo de identidade nas Relações Internacionais: alteridade, fluidez, multiplicidade e construção (p. 17). Por meio dessas bases, poderemos compreender e conceituar à disciplina a questão da identidade. Não

obstante, essa contribuição do tema à epistemologia e à metodologia das RI, partir-se-á por casos específicos. Determinar conceitos genéricos a realidades tão diversas já foi um erro comum das Relações Internacionais, formando um “imperialismo epistemológico” (AL MASSERI apud TADJBAKHS, 2010, p.74).

Analisando o contexto pós-colonial, a identidade é um fator ainda mais conturbado. Se na Europa os Estados se formaram por vínculos étnicos legitimantes em detrimento dos regimes dinásticos predecessores, como fariam os países latino-americanos, por exemplo, formados por imigrantes europeus, escravos e nativos? E quanto à África, que possuía civilizações pré-coloniais bem estabelecidas em certa área e tiveram que se reinventar aos moldes do Estado moderno criado pelo invasor europeu? São nessas problemáticas que o “problema pós-colonial” se delineia: não como algo que superou o colonialismo, mas uma tensão colônia/metrópole que permanece.

### ***3.1 Identidade Nacional e Raça***

Segundo Schiller e Fouron (1997) o conceito de raça vem sendo associado ao de identidade nacional, sobretudo em países exportadores de emigrantes, tais como México, República Dominicana, Colômbia e Haiti, que buscam revitalizar o nacionalismo através da resignificação do Estado-Nação como Transnacional. Essas identidades nacionais, diferentemente do pensamento de Anderson (1983), é baseada no conceito de descendência: é a partir de laços de sangue, ou seja, base biológica, que se cria o sentimento de pertencer a uma nação, sendo então apoiada na idéia de identidade racial. Logo, no caso da migração transnacional, seria a raça, e não uma língua, história política, cultura ou território partilhado que acaba sendo o traço distintivo necessário e suficiente da identidade nacional.

Esse conjunto de Estados, visando incluir sua população da diáspora, tem redefinido seus Estados-Nação como transnacionais, concepção essa que vem emergindo trazendo uma série de novas dinâmicas para o cenário internacional, como novas formas de políticas públicas, práticas políticas e ideologias que tendem a estender a esfera do poder político para além das fronteiras territoriais. A despeito de considerações, que alguns fazem, sobre o rápido fluxo global de capital, das comunicações mundiais e das migrações em grande escala e que esses fenômenos fariam com que sucumbisse a construção de Estado-nação, notamos que as redes transnacionais de migrantes proporcionam um contexto para uma política identitária transnacional que no meio desses proces-

tos econômicos globais, mantém a vitalidade das identidades nacionais baseadas no Estado (SCHILLER e FOURON, 1997).

Quando vamos tratar do estudo de conceitos devemos ter em mente a mutabilidade dos mesmos e a ideia de “mundanidade” de Said. Para o autor palestino nenhum texto ou autor existe no vácuo, sendo necessário atentar para o enraizamento das ideias e seus autores em uma perspectiva sociopolítica, cultural e temporal (JATOBÁ, 2013) e insistir na circunstancialidade e materialidade das empresas verbais (PIRES, 2012). A ideia que se faz presente quando se trata de nacionalismo atualmente não é a mesma que seria estruturada no século XVIII. À vista disso, devemos ter cautela ao abordar determinados temas para não correr o risco de cometermos anacronismos. A noção de descendência está na base da concepção de nação; em latim *natio* significa nascimento. No século XVIII esse significado foi usado por filósofos políticos para legitimar governos lastreados em princípios diferentes de privilégios monárquicos e direitos divinos, tempos depois passou a ser usado na Europa e na América para conservar ou disputar o poder do Estado com os governos coloniais ou monarquias, isto é, buscava-se a ideia de pertença para deslegitimar as outras ideologias que asseguravam um governo. Nessa linha de raciocínio, no século XIX, buscando a legitimidade os conceitos de raça e nação se fortaleceram, se transformaram e se confundiram. Para Schiller e Fouron a concepção biologizada do Estado-Nação adquiriu força no fim do séc. XIX com o fortalecimento do imperialismo. Foi com a representação racializada do - outro - colonizado que foi intensificada a construção da raça colonizadora, especialmente a britânica. (MILES apud SCHILLER e FOURON, 1997). Porém quando trazemos a concepção latinoamericana e os autores decolonias lançamos a base para essa construção alguns séculos antes com o processo de colonização das américas, e evidencia principalmente a questão da construção racial/nacional ibérica. Em ambos os casos vemos que essa relação tem seu sustentáculo em vínculos de dominação e se caracteriza da distinção dicotômica do explorado e do explorador. É através da caracterização do outro e na tentativa de se diferenciar dele que foi se estruturando as diferentes identidades europeias.

Como abordado anteriormente, para se forjar uma nação é necessária a formação de uma memória coletiva, mitos sobre a “essência” dos povos. No Brasil observamos isso no início do séc. XX com o mito das três raças, nos Estados Unidos encontramos os *Founding Fathers* que teria como base a ideia do branco das Américas, no México temos a mistura dos índios com os espanhóis. É notável o esforço com que esses países que se formaram tardiamente tem ao se adequar aos padrões já estabelecidos de Estado-nação, na Europa encontramos um exemplo no caso da



Itália na máxima de Massimo D'Azeglio: "*Nós fizemos a Itália, agora temos de fazer os italianos*". O que levanta mais uma vez as questões a respeito, por exemplo, da brutalidade do processo de descolonização do continente africano na segunda metade do século XX, levando-nos a atentar ainda mais para a dificuldade na adequação à noção de Estado-Nação estabelecida, visto que a criação desses Estados e sua delimitação geográfica foi muitas vezes de "cima para baixo", preteriu os interesses da população gentílica e abafou a voz de agentes que poderiam ter colaborado para uma construção com mais sintonia com a realidade da região.

Temos então duas vertentes distintas para lastrear o conceito de nação de um país, uma asentada na noção de descendência, laços de sangue e raça e a outra no território e no estatuto legal. Essa diferenciação pode ser ainda notada nos sistemas legislativos de *jus solis* e *jus sanguinis*.

#### 4 Caso do Haiti

O Haiti pós sua independência viveu períodos conturbados na estagnação de um regime político, faremos neste trabalho uma abordagem mais recente, do período ditatorial de Duvalier (1957-1986) até a contemporaneidade. Como base nessa análise, buscamos formular um diálogo dos textos de Schiller e Fouron e de Laennec Hurbon, sociólogo haitiano. A primeira aborda a questão racial na formação da identidade; o segundo faz um resgate político, cultural, social e econômico como formador da identidade haitiana e sua necessidade para se ter um governo estável.

A definição que os haitianos dão para sua nacionalidade, esta depositada na retórica racial, expressada na Constituição, de 1805, artigo 14: "*Toute acception de couleur parmi les enfants d'une seule et même famille, don't chef de l'Etat est le père, devra nécessairement cesser, les Haïtiens ne seront désormais connus que sous la dénomination génériques de noirs.*"<sup>446</sup> A população se vê como negra, uma nação negra independente do fenótipo ou história genética e usam a palavra "branco" para definir os estrangeiros. Por outro lado valorizam a cor branca como indicador de beleza física e poder o que acaba gerando uma ambiguidade interessante e inusitada. Esse aspecto paradoxal da cultura haitiana pode ter seu início com o pós-revolução de 1804 quando os

---

<sup>446</sup> Tradução nossa: *Qualquer cor entre os filhos de uma mesma família, o qual o chefe do magistrado é o pai, deverá necessariamente cessar, os Haitianos serão conhecidos pela denominação genérica de negros*

intelectuais haitianos julgavam os africanos negros como realmente não civilizados, selvagens e os haitianos negros deviam lutar para se equiparar aos europeus (NICHOLLS, 1995 apud SCHILLER e FOURON 1997), eles seriam "os primeiros negros civilizados" (SCHOELCHER apud TOMICH, 2009), um Estado que buscou se aproximar da "superioridade cultural europeia" (SCHILLER e FOURON 1997).

A Constituição de 1805 traz outro fator interessante e incomum das colônias, uma "laicidade" do Estado, nos seus artigos 50, 51 e 52, declarando a liberdade de culto. Porém, traz Hurbon, que a partir da concordata de 1860, a religião católica torna-se a religião oficial do Estado (p.217). Assim, no Haiti, o voodoo - religião sincrática, de matriz africana - começa a ser praticada clandestinamente e a ser perseguida pela Igreja que cria forças no território haitiano. Segundo o mesmo autor o voodoo é a matriz de todas as artes do Haiti - música, dança, escultura, literatura (p.217), ideia que casa com a conceituação de Dussel para as religiões populares da América Latina: "es el nucleo fundamental de sentido de la totalidad de la cultura popular porque se encuentran allí las practicas que enmarcan la significacion ultima de la existencia" (1986, p.103).

O crioulo e o voodoo - linguagem e religião - são partes essenciais da identidade cultural, que para Hurbon representam também uma resistência popular contra a burguesia e à mundialização. Nesta mesma linha, Dussel põe a mister a discussão da cultura periférica: "o colonizado produz uma desvalorização de sua própria cultura. Podemos dizer que a cultura de um povo, que não é o mesmo que a cultura nacional, começa a ser negada a partir das pautas da cultura do 'centro'" (1997, p.133). O escritor haitiano traz em artigo que a Igreja foi uma instituição de elo social, pós o Concílio Vaticano II, organizando a população em busca da democracia, durante a ditadura de Duvalier. Se antes o latim predominava na Igreja, agora até mesmo o crioulo seria utilizado. Evidentemente, o francês seguiu até a Constituição de 1987 como único idioma oficial, mas foi com essas aberturas que o crioulo perpetuou-se até atingir o mesmo caráter nesta constituição. Ou seja, a perpetuação e a resistência popular das bases haitianas, foram fundamentais para a consolidação de um Estado democrático e a formulação de suas instituições e leis.

A postura da Igreja Católica em organizar o povo em prol da democracia gerou frutos até a derrubada do governo de Duvalier e a construção de uma constituição, enfim, democrática. O papel da instituição em unir o povo ao combate da ditadura, não representou todas as demandas sociais. Com a chegada do padre salesiano Jean Bertrand Aristides à presidência, em 1990, a Igreja ainda não representava as reivindicações sociais, os estratos e os setores da vida social estava em uma certa confusão (p.222). Aos poucos, vinha o desencantamento da população com a democra-

cia, os sintomas da mobilização desapareciam. A mesma Igreja que abriu espaço para o povo, foi perdendo forças com o tempo. O que para Hurbon ainda deixava lacunas, faltando uma instituição que faça esse enlace social (p. 215). Porém, encontra-se aqui um novo problema de literatura: a perda da mobilização relaciona-se com a conquista de direitos populares ou pelo desenviesamento político que a Igreja institucional latinoamericana começava a assumir ao final das democracias? Desde esse acomodamento citado por Hurbon, a instabilidade no Haiti ganhou destaque, e as “lacunas” são atualmente preenchidas polemicamente por outras instituições, como a ONU.

Tal qual aconteceu com europeus e asiáticos que imigravam para os EUA nos séculos passados, os imigrantes latinoamericanos, africanos caribenhos e haitianos são racializados, portanto, classificados no outro racial. Para os imigrantes que residem no Estados Unidos, é necessário participar de sua própria racialização, para se distanciar dos afro-americanos, que segundo Smith (1997), cada geração nota que eles estão no fundo da hierarquia social do país. É na participação na construção de suas identidades como não-negros que os imigrantes tentam se acomodar em um local confortável na sociedade estadunidense, e fortalecer a identidade de seus países originais. Para Fanon (1983) nem o branco nem o negro existem como unidades independentes, mas sim como classificações cunhadas em determinado contexto histórico, sendo que a contrastividade excessiva impossibilita o princípio de transitabilidade existente na construção de qualquer alteridade (ROSA, 2005). A construção social da cor branca nos EUA reforça e reproduz conceitos haitianos de raça como nação; é ela que possibilita aos emigrantes haitianos autodefinirem-se como parte da diáspora haitiana e adotarem a ideologia e prática do Haiti como Estado-Nação Transnacional.

Essa consideração consciente de “quem são” pelos membros da diáspora, incluindo aí a população da segunda geração, isto é, filhos de haitianos nascidos em outro país, se pauta muitas vezes na retórica racial, argumentando que se se possui sangue haitiano, se é haitiano. Segundo alguns a “única maneira de impedir alguém de ser haitiano é cortarem-lhe a carne e tirarem o sangue” (SCHILLER e FOURON, 1997). Outro aspecto que consolida essa forte auto-declaração de haitiano por jovens que nunca estiveram no Haiti é o orgulho atrelado a essa atribuição. Segundo esses jovens, entre outras coisas, esse orgulho reside, como já foi abordado, pelo fato que o Haiti manteve uma religião de origem africana, ainda que nas periferias e zona rural (HURBON, p. 217), possui uma língua própria, lutou por sua independência, foi a primeira república negra a derrotar um exército branco e o primeiro país a abolir a escravidão (SCHILLER e FOURON, 1997).

Esses emigrantes, graças a essa forte ligação com Haiti, passam a se tornar transmigrantes, que constroem campos sociais transnacionais. Mais do que ligações sentimentais eles tomam decisões que interferem no cotidiano da população intrafronteiriça haitiana, como as decisões em assuntos financeiros (muitos emigrantes sustentam a família que permaneceu no Haiti com envio de dinheiro), atividades religiosas, organização da atividade política, relações familiares entre outras. Tamanha passou a ser a importância atribuída a essa população, e a vontade de Estado de se perpetuar que em 1991 o então presidente Aristides designou a diáspora haitiana como a 10ª província do Haiti, a província transfronteiriça. Foi criado também o Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (SCHILLER e FOURON, 1997). Dessa maneira, resignificando sua definição de Estado-Nação, que o país buscou se consolidar frente às adversidades que lhe eram impostas, aspirou aumentar sua - legitimidade - tanto perante a população permanente quanto a dispersa de seu território e garantir, de alguma forma, sua soberania.

Aristides também sofreu um golpe militar em 1991, um ano depois da “conquista da democracia”. Hurbon fala no processo de entusiasmo- que nem mesmo o golpe diminuiu - e desencantamento com a democracia. Percebemos que o encantamento fora motivado e incitado pela Igreja, mas o desencantamento também teve participação dessa. Não obstante, são inúmeras variáveis agindo nesse contexto. O neoliberalismo dos países latinoamericanos aumentava a desigualdade e as diferenças econômicas entre os países (p.225). Junto ao sistema econômico, o discurso da obrigatoriedade democrática incompatibilizava com a situação real dos países. Hurbon afirma que a democracia deve tornar-se do povo, não consequência de uma ordem econômica. Assim como aconteceu o Haiti. A mundialização, o neoliberalismo, não contribuem para construção de uma identidade cultural e nacional. Desse modo, o Haiti difere das sociedades ocidentais (p. 223-225).

Juntamente aos problemas sociais haitianos, como as altas taxas de mortalidade infantil e analfabetismo; os problemas econômicos ganham destaque, como uma proporção de desigualdade salarial de 1 para 176 (HURBON, p.217). O Haiti vive crises políticas, mesmo com uma cultura perpetuada das suas origens. O problema da democracia, de um governo legítimo, construído pelo povo, assim, Hurbon nos ilumina ao dizer que o problema da democracia, nos moldes de hoje, incluída em um sistema econômico capitalista, não é apenas do Haiti, mas de todo o mundo - principalmente aqueles que seguem os padrões ocidentais (p. 231).

## **5 Conclusão**

Buscamos com este artigo, apresentar uma perspectiva histórica dos processos de legitimidade e identitário dos Estados ao longo do tempo foram se expandindo e ficando cada vez mais complexos. O presente trabalho faz alusão aos processos de modulação tanto teológicos, políticos e epistemológico para tentar explicar as nuances etnocêntricas que caracterizam diferentes Estados-Nação. O processo de legitimidade dos Estados não possui fator comum pois se tratam de diferentes paridades de graus de soberania. O conceito de identidade nacional fica mais aberto as questões sociais nas quais envolvem o processo de criação do território até as afinidades biológicas. O Haiti foi tomado como exemplo por representar uma característica muito forte dos Estados latinoamericanos, africanos e caribenhos, ou seja, tem a figura identitária vinculada a raça. Países como o Haiti que é altamente exportador de emigrantes, necessitam de políticas publicas que de alguma forma assegurem os direitos do emigrante preservar suas tradições e culturas nos países distintos para que não se perca a identidade nacional de origem e consequentemente a legitimidade do Estado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSON, B. "Comunidades Imagindas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo". Tradução de Denise Bottman. 3. ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2013.

BALLESTRIN, Luciana; "América Latina e o giro decolonial", Revista Brasileira de Ciência política, nº 11. Brasília, 2013.

BUZAN, B. et al. "Non-Western Internation Relations Theory: Perspectives On And Beyond Asia". 1. ed. Routledge, Estados Unidos e Canadá, , p. 174-220, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. "Discurso sobre o colonialismo". Letras contemporâneas oficina editorial LTDA, Blumenau, 2010.

COSTA, Sérgio. "Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo." UFMG, Belo Horizonte, 2006.

DUSSEL, Enrique. "Religiosidad Popular Latinoamericana". In: Cristianismo y Sociedad. n. 88. UNAM, Mexico, 1986.

DUSSEL, Enrique. "Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação (1965-1991). Paulinas, São Paulo, 1997.

FANON, Frantz. "Pele Negra, Máscaras Brancas". Fator, Rio de Janeiro, 1983.

GOFF, P.; DUNN, K. "Introduction: In Defense of Identity". In Identity and global politics: empirical and theoretical elaborations. Palgrave MacMillan, New York, p. 16-25, 2004.

GREENFELD, L.; EASTWOOD, J. "National Identity." In The Oxford Handbook of Comparative Politics, editado por Carles Boix and Susan C. Stokes, p.256–273, 2007.

GRUPO LATINO AMERICANDO DE ESTUDOS SUBALTERNOS "Manifesto inaugural", em Castro-Gómez, Santiago & Mendieta, Eduardo (orgs). Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. Miguel Ángel Porrúa, México, 1998.

HARDIN, R. "Compliance, Consent, and Legitimacy." In The Oxford Handbook of Comparative Politics, editado por Carles Boix and Susan C. Stokes, Oxford University Press, Oxford, p. 236–255, 2007.

HURBON, L. "Democratisation, identité culturelle et identité nationale en Haiti." In Pouvoirs dans la Caribe. ed.10 Revues, Paris, p. 215-233, 1998. Acesso em 20 de junho de 2014. Disponível em: <<http://plc.revues.org/602>>

JATOBÁ, Daniel; LESSA, Antônio Carlos, OLIVEIRA, Henrique Altemani (Coord.). "Teoria das Relações Internacionais". Saraiva, São Paulo, 2013.

KEOHANE, R. "Governance and Legitimacy". In SFB- Governance Lecture Series, nº1, p.1-18, 2007.

LANDER, Edgardo. "¿Conocimiento para qué? ¿Conocimiento para quién? Reflexiones sobre la universidad y la geopolítica de los saberes hegemónicos". En Santiago Castro-Gómez (ed.) (2007). La reestructuración de las ciencias sociales en América Latina. Centro Editorial Javeriano, Bogotá, 2000. <<http://www.ram-wan.net/restrepo/decolonial/14-castro-descolonizar%20la%20universidad.pdf>> Acessado em 24/10/2014.

LAPID, Y. et al. "The Return Of Culture And Identity In Internation Relation Theory". 1. ed. Lynne Rienner Publishers, Estados Unidos, 1996.

NICHOLLS, David. "From Dessalnes to Duvalier: Race, Color and National Independence in Haiti". Rutgers, New Jersey, 1995.

PIRES, António Henrique Alves. "Edward Said e os Estudos de Tradução: Reflexões Críticas". Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

QUÍJANO, Anibal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina." A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). CLACSO, Buenos Aires, 2005.

RENAN, Ernest. "O que é uma nação?". Traduzido por Glaydson José da Silva. Revista Aulas. Unicamp, Campinas, 2008.

ROSA, Renata de Melo. Nação, Nacionalismo e Diferenças de Gênero e Raça na República Dominicana e no Haiti. *Universitas: Relações Internacionais*, v. 3, n. 02 Brasília, p. 62-95.

SCHILLER, Nina Glicker. "Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado transnacional". In *Revista Crítica de Ciências Sociais*. v. 48. CES UC, Coimbra, p. 33-66, 1997.

TADJBAKHSI, Shahrbanou. "International Relations theory and Islamic worldview". In: *Non-Western international relations theory: perspectives on and beyond Asia*. Routledge, Oxon, 2010.

WENDT, Alexander. "Anarquia é o que os Estados fazem dela: a construção social e política do poder". Tradução de Rodrigo Duque Estrada. In: *International Organization*, vol. 46, n. 2. UFGD, Dourados. p. 391-425, 1992.

## **El dilema de la Autonomía: movilización social y proyectos alternativos en América Latina**

Por Victoria Darling. UNILA.

El engaño arquetípico consistía en que los hombres creían que disponían en todo momento de libre albedrío, cuando en realidad estaban permanentemente gobernados por leyes de cuya existencia no se percataban.

*Luis Althusser, 1976*

Para leer los cambios que ocurren en el desarrollo del campo de conocimiento específico, como es el de la sociología de los movimientos sociales, es preciso realizar una lectura doble. Por un lado, focalizarse en un movimiento social a partir de su trayectoria y en búsqueda de aspectos novedosos que signan su acción política. Esto supone entender que el movimiento de la realidad es tal vez más veloz de aquello que podemos captar en el discurso. Incluso, es más complejo de lo que nuestras lentes pueden visualizar. Implica en todo caso, una escucha activa, minuciosa, incluso el desarrollo de una sensibilidad capaz de percibir aquello que los otros viven, aquellos quienes viven de cerca esa realidad, lo que hacen, practican y dicen que viven. En el relato de quienes viven la realidad social, ella se conforma y se reproduce.

Y para dar cuenta de una lectura doble que complejice la mirada de las relaciones de fuerza en que el movimiento se inserta, se vuelve preciso analizar al Estado, en su rol de organizador y constructor de un tipo de orden social.

Consideramos entonces una lectura que problematiza al movimiento social, para luego enfocarnos en el Estado en tanto contendor del conflicto social para desde allí, pensar las formas que adquieren y las prácticas que desarrollan los movimientos que pugnan por el cambio social, nuevamente.

El espacio/tiempo que enmarca esta propuesta reflexiva consiste en el análisis de casos específicos de América Latina a lo largo de las últimas dos décadas. Es posible afirmar que desde



mediados de los años 90 se produce un declive del ciclo de protestas que marcó el periodo esencialmente neoliberal de los años 80 y primeros años de los 90. En particular, 1994 constituye una fecha clave, pues el 1ero de enero de ese año se produjo el levantamiento indígena más importante del que se tenga memoria el último siglo. En tiempos en que los centros de poder en conjunto con el Estado debatían cuestiones referentes a la mejor competitividad, el libre comercio, la eficiencia de las empresas, la privatización y la liberalización de los mercados, un grupo de campesinos de origen indígena, en el estado más pobre de Mexico, declaró al Estado la revolución. Marcando este hito como comienzo del análisis, introducimos algunas ideas que permitan acercarnos a las diversas dimensiones en que el Estado se vincula con movimientos sociales.

### **Cierre del Ciclo de protestas de fines de los 90**

#### **De Movimientos de Resistencia a Movimientos con Capacidad Destituyente.**

El año 2000 signó el inicio de un nuevo ciclo de protestas en América Latina. Los estudios sobre movimientos sociales se extendieron y rebasaron en términos de análisis de caso sucesos que evidenciarían el fin de una época al calor de experiencias de resistencia al modelo neoliberal.

Los sucesos conflictivos que marcan el periodo son: la Guerra del Agua, en Cochabamba en el 2000, la Guerra del Gas, también en Bolivia en el 2003, la crisis del 2001 en Argentina, la crisis del 2005 en Ecuador. También hubo reiteradas movilizaciones en Venezuela, Paraguay, Chile y Perú, a las que se agrega Brasil con reclamos especialmente vinculados al sector agrario. Tomando los casos más destacados y mencionando los sucesos de mayor impacto, no puede desconocerse el movimiento que se gestó en Guatemala en rechazo al presidente constitucional en 2010 y las intensas acciones del movimiento de resistencia hondureño, consecuencia del golpe de Estado perpetrado hacia finales de junio del mismo año. Incluso el 2011 es atravesado por renovadas protestas de los estudiantes chilenos en reclamo por una educación pública gratuita de calidad, por demandas indígenas en Bolivia consecuencia del “gasolinazo” y por la consulta a indígenas en la deliberación de sus propios asuntos como es la construcción de una carretera en su territorio, y en Mexico se esparcen reclamos contra las políticas implementadas en aras de garantizar los derechos básicos, justicia y paz, además de seguridad ciudadana.

Estas movilizaciones dan cuenta de diversos factores comunes entre los que se destacan:

- A. La emergencia de periferias urbanas, antes desmovilizadas.
- B. Un proceso acumulativo de demandas que cuestionaba las instituciones representativas democráticas.
- C. La expresión multifocal resultado de una sociedad en signada por sectores sociales excluidos.

Según un análisis del Observatorio Social de América Latina, en 19 países de la región latinoamericana a lo largo del 2000 y hasta el 2002 se dio un crecimiento de los hechos de conflicto relevados del orden de más del 180%.

Ahora bien, estos movimientos sociales que se consolidan a lo largo de los primeros años del 2000 cuestionaban el sistema de representación, lejos de constituirse un paisaje en el que el proceso de consolidación democrática avanza y se cristaliza, nuevos desafíos políticos y cuestionamientos sociales emergieron violentamente sobre la necesidad de realizar transformaciones re-fundacionales.

Perú en 2000, Argentina en 2001, Venezuela en 2002, Bolivia en 2003 y 2005, Ecuador en 2000 y 2005, y, Honduras en 2009 son los casos que exponen esta tendencia. De las ocho situaciones críticas enumeradas, siete concluyeron con la caída de los presidentes de turno considerando a Fujimori en Perú, De la Rúa en Argentina, Sánchez de Lozada y Mesa en Bolivia, Mahuad y Gutiérrez en Ecuador, y Zelaya en Honduras. Ya sea porque la legislatura los destituyó o porque renunciaron, los cargos presidenciales sufrieron un llano decapite. En particular, Perú resulta llamativo por el caso de corrupción que envolvió al primer mandatario después de diez años de gobierno; Venezuela no deja de sorprender por el intento de golpe de Estado contra el presidente Chávez que culminó en rotundo fracaso por presión popular; y el caso de Honduras debido a la resistencia popular. A estas situaciones se suman otras que en la misma tendencia pero con distintos resultados resultaron críticas a lo largo de la década. Nicaragua hacia finales de 2004, Honduras en 2005 y Guatemala hacia fines de 2010 manifestaron diferentes formas de desestabilización política cercanas a esta tendencia crítica cristalizada en movilizaciones sociales de envergadura. No obstante, se destacan los casos que a causa de la presión de movilizaciones sociales, por su fuerza e impacto, generaron la definitiva renuncia o abandono del cargo del presidente democráticamente electo.

En esta línea, existe un factor distintivo a explicitar. Tanto en Bolivia, Argentina y Ecuador, las crisis de gobierno no generaron una disolución del parlamento ni menos aún, la supresión de la democracia mínima, formal o electoral. En este sentido, se desnuda la siguiente certeza: la democracia electoral puede ser interrumpida y nuevamente reinstalada con reformulaciones por orden-presión popular. El ciudadano puede salir a la calle toda vez que su gobierno no esté demostrando coherencia con las promesas realizadas.

Lo interesante, para citar un caso concreto que muestra el ánimo de este proceso es aquello que sucedía en Bolivia en 2005, según la encuesta de Latinobarómetro:

la alta participación política señalada por los encuestados en cuanto a asistir a manifestaciones como actividad política convencional llama la atención en Bolivia, donde se señala que un 11% está dispuesto a realizar actividades políticas no convencionales e ilegales. Se trata de una población que está movilizada más allá de la ley y de las convenciones siendo un porcentaje significativo del país (Informe Latinobarómetro, 2005).

Y finalmente, cabe mencionar el ciclo de protestas que se inaugura en el año 2010 en la región. Este nuevo ciclo considerado por autores como Maristella Svampa propio de un “Consenso de *commodities*” está signado por protestas vinculadas al reclamo por los recursos naturales. En este marco las luchas de los últimos cinco años se presentan polarizadas, disgregadas. Son movilizaciones locales que se contraponen al modelo regional de propensión global del ciclo anterior. Y en ese sentido, los actores que lo protagonizan son de diversa composición. Se da una preminencia indígena, y surgen con fuerza movimientos vinculados al sector campesino como el MOCASE en Argentina y el MST en Brasil. Más aún, la lucha contra el latifundio, los agrotóxicos (consecuencia de un modelo de desarrollo que jerarquiza la reprimarización de las exportaciones) conducen a luchas que vuelven a considerar el reclamo de autonomía como bandera. No obstante, estas luchas no permiten entender la complejidad del proceso actual. Las grandes capitales como Buenos Aires y Venezuela experimentan prácticas políticas colectivas novedosas, que lejos de proponer una simple resistencia a políticas públicas, contribuyen a un enriquecimiento del debate sobre los modos de construcción política que se despliegan desde el Estado.

### **La movilización social en tiempos progresistas**

En el presente, sobre todo en zonas de aglomeración urbana, se han vuelto protagónicos de procesos contestatarios, agrupaciones u organizaciones políticas que asumen el proyecto de los gobiernos de turno como propios. Más allá de las definiciones tradicionales, estas agrupaciones conforman espacios de militancia definidos, enmarcados en procesos de institucionalización. Claro que la presencia de estos colectivos escapa de cualquier definición teórica *strictu sensu* de movimientos sociales, desbordando el carácter eminentemente autónomo de dicha acción colectiva.

El intelectual boliviano Luis Tapia (2008: 2) sostiene que “un movimiento social empieza a configurarse cuando la acción colectiva empieza a desbordar los lugares estables de la política” y se mueve a través de la sociedad buscando solidaridades y aliados en torno a un cuestionamiento sobre los criterios y formas de distribución e la riqueza social o de los propios principios de organización de la sociedad, del estado y del gobierno”. En ese sentido, lo característico de un movimiento social sería que politiza desde un “no lugar” el espacio social con sus críticas, demandas, prácticas y proyectos. Por esa razón, se trataría de un desplazamiento de la política, de lugares institucionalizados hacia un lugar menos arraigado.

Si desde esa misma perspectiva, el lugar de la política de gobierno es el Estado, existirían dos grandes espacios o lugares de la política:

“Uno de ellos es el que articula elecciones y sistema de partidos, con su prolongación en el parlamento y el poder ejecutivo. Otro es el campo del conflicto social, que más bien es un no lugar político, ya que no es un espacio delimitado ni tiene instituciones regulares para su tratamiento” (Tapia, 2008: 4).

Lo cierto es que, desafiando estas definiciones respecto del modo de hacer política, en el presente en América Latina, diversos gobiernos considerados progresistas, como el de Cristina F. de Kirchner en Argentina y el de Hugo Chávez en Venezuela (representando ahora por Nicolás Maduro), construyeron espacios colectivos de organización y debate político con el fin de colocar en el centro del debate “la política como praxis cotidiana”. En esa línea, se dio impulso, en términos concretos, recursos materiales y simbólicos, a espacios de organización colectiva que se convertirían en agrupaciones militantes compuestas principalmente por jóvenes.

En el caso argentino, organizaciones como La Cámpora –extendida a nivel nacional-, o de menor escala, Jóvenes al frente -a nivel local-, se posicionaron en el espacio público como expresión de la canalización de una demanda de participación política activa, en franca confrontación con el modelo de participación política neoliberal de los años '90 de cuño “des-politizador”. Estas agrupaciones, autodenominadas “movimientos sociales”, se declaran simpatizantes del proyecto gubernamental, colaborando en proyectos de gran envergadura orientando políticas públicas, y a nivel local, fomentando la aplicación de políticas tales como la realización de actividades de asistencia a sectores sociales empobrecidos, desarrollo de campañas de alfabetización, vinculación con organizaciones de la sociedad civil de mayor antigüedad e incluso, se proyectan regionalmente tejiendo lazos con otras organizaciones políticas afines ideológicamente.

Este mismo tipo de experiencia de organización social y política existe en Venezuela. Se trata de jóvenes vinculados al Partido Socialista de Venezuela (PSUV) organizados en las llamadas “estructuras juveniles de la Revolución”. Estas agrupaciones también realizan tareas de acompañamiento de las misiones y cristalizan que algunas de las afirmaciones de acción clamadas discursivamente, sean llevadas a la práctica. Aquello que postulamos como hipótesis es que estas organizaciones otorgan renovada legitimidad a los gobiernos, en el marco de una “juvenilización” de la política, construyendo a su vez una masa crítica vinculada capilarmente a espacios locales conformando una red de relaciones de nuevo tipo. Son fuente de legitimidad y apoyo, y a su vez, sostén de las políticas asumidas como parte de un proyecto de cambio. En ese sentido, ocupan el lugar de los partidos políticos tradicionales resignificando la praxis del movimiento social volviendo ambiguo su accionar.

En ese sentido, escapan de las definiciones de movimiento social que consideran que el una cualidad fundamental es además de su estructura organizativa, la creación de repertorios de protesta, la perdurabilidad en el tiempo, la existencia de un proyecto cohesivo, es su accionar en expresa autonomía del Estado. Frente a estos casos el concepto movimiento social pareciera perder capacidad explicativa conduciendo a nuevas necesarias definiciones. Tal vez estemos frente al surgimiento de nuevos *movimientos políticos*, encabezados por quienes representan incluso un quiebre generacional, que desde la praxis activa y resistente, “hacen política” acompañando los proyectos que se ven cristalizados hoy en el Estado.

## **Sobre la Autonomía**

La lucha de inicio de siglo contra las políticas neoliberales terminó derivándose en algunos casos, en un franco cuestionamiento al régimen político, al modelo de democracia representativa vigente, y con esto, a las formas de ejercer la política formalmente. De aquí se derivaron numerosos ejemplos como las experiencias de exigencia de renuncia de presidentes o funcionarios de gobierno cristalizado en frases como “que se vayan todos” en Ecuador y Argentina, o la demanda de referéndums y consultas públicas populares para dirimir asuntos vinculados al régimen, como ocurrió en Bolivia en 2003 y Venezuela en 2002. Como contraparte de este cuestionamiento ocurrió una revalorización de los mecanismos participativos democráticos que en miras a un tipo de participación no mediada, reinventa la práctica política organizada “desde abajo”.

La revalorización de la experiencia de lucha por la autonomía proviene de la tradición indígena más combativa, como lema organizativo ha sido recuperado por múltiples colectivos en resistencia. El reclamo por la autonomía se ha convertido en la demanda madre de varios movimientos sociales, contando como referente indiscutible al movimiento zapatista mexicano.

Luchas emancipatorias con fuerte contenido de autonomía han sido las del Cabildo Abierto nacido de la guerra del agua en Cochabamba, las comunidades de vecinos de El Alto, las Juntas de Buen Gobierno de los caracoles zapatistas, las organizaciones de base comunitaria de los indígenas ecuatorianos, los núcleos de asentados en el campo brasileño. En el caso de Ecuador y Bolivia, la reciprocidad y la autonomía se vuelven convergentes en relaciones que combinan quehacer político y diálogo. Muchas de las normas creadas por los movimientos se consideran consuetudinarias, y tienen que ser puestas en práctica en presencia de otros para entrar en vigencia. Se trata de normas que los propios colectivos crean para ser regidas por ellos mismos, no escritas, pero sí inscritas en sus propias prácticas.

Incluso, la reapropiación comunitaria del espacio de vida, en algunos casos como el del MST, las comunidades indígenas de Bolivia, Ecuador, Chile, el caso de las fábricas recuperadas en Argentina, remite a experiencias de reproducción social en ámbitos que escapan a la lógica del capital. El territorio colectivo, comunitario, ampliamente valorado por los movimientos, se enfrenta en forma dicotómica con la exclusividad de la propiedad privada.

Según Mabel Thwaites Rey, la autonomía en relación al Estado

supone la organización de las clases subalternas de modo independiente de las estructuras estatales dominantes, es decir, no subordinada a la dinámica impuesta por esas instituciones. (Soy autónomo respecto al Estado porque éste no me determina o condiciona). En algunas versiones implica el rechazo a todo tipo de “contaminación” de las organizaciones populares por parte del Estado burgués, para preservar su capacidad de lucha y autogobierno y su carácter disruptivo. En otras, supone el rechazo de plano a cualquier instancia de construcción estatal (sea transicional o definitiva) no capitalista (Thwaites Rey, 2003: 1).

Ahora bien, la construcción de autonomía no es un proceso simple, pues como afirma William Roseberry (2002) recuperando la tesis sobre la economía moral de E. P. Thompson, son los aspectos cotidianos los que forman el Estado. Existiría un “consenso ideológico” en el que el poder del Estado descansa más allá de sus medios coercitivos. En ese sentido, sus rutinas, funcionarios, formularios, y registros, son también parte de aquello que colaboramos en construir.

Como sabemos, Gramsci ya sostenía la unidad compleja entre coerción y consenso en situaciones de dominación. En ese sentido, la hegemonía se presentaba como posibilidad, no como forma acabada y monolítica sino como proceso de disputa. Y aquí se vuelve insoslayable la brillante contribución que Roseberry realiza para entender cómo el Estado, de alguna manera, contribuye en la hibridación de espacios de resistencia.

El propio proceso de dominación moldea las palabras, las imágenes, los símbolos, las formas, las organizaciones, las instituciones y los movimientos utilizados por las poblaciones subalternas para hablar de la dominación, confrontarla, entenderla, acomodarse o resistirse a ella. Lo que la hegemonía construye no es, entonces, una ideología compartida, sino un marco común material y significativo para vivir a través de los órdenes sociales caracterizados por la dominación, hablar de ellos y actuar sobre ellos (Roseberry, 2002: 220).

Pues, lo que queda en evidencia es que no se trata solamente de un dilema conceptual entre los movimientos sociales de los últimos años –más próximos a los gobiernos progresistas- y aquellos que mantienen la autonomía del estado, sino de un problema menos claro, abigarrado, en el

que las organizaciones sociales son expresión de una sociedad civil, en sentido gramsciano, plagada de contradicciones, en franca ambigüedad en relación al Estado.

Más aún,

La posibilidad misma de este tipo de autonomía lleva aparejada toda una lucha “intelectual y moral”, como pensaba Gramsci, por vencer el proceso de fetichización que escinde el hacer del pensar ese hacer, para poder reproducirlo constantemente. Es preciso hacer consciente la explotación, comprenderla, para imaginar un horizonte autónomo, que contemple los intereses propios y no los de quienes nos someten. La autonomía no brota espontáneamente de las relaciones sociales, hay que gestarla en la lucha y, sobre todo, en la comprensión del sentido de esa lucha. Así como la fetichización es un proceso constante, permanente, de ocultar la verdadera naturaleza de las relaciones sociales tras la fachada de la igualdad burguesa, la autonomía también es un proceso de autonomización permanente, de comprensión continuada del papel subalterno y de la necesidad de su reversión, que tiene sus marchas y contra-marchas, sus flujos y reflujo (Thwaites Rey, 2003: 5)

La fetichización nunca es completa, y en la vida cotidiana todos percibimos situaciones de injusticia. Ahora bien, la eficacia de la dominación se cristaliza cuando se vuelve pública la creencia generalizada de que “no hay alternativa”. Frente a esa percepción, la resignación a la reproducción del Estado, la inviabilización de prácticas novedosas y la reproducción de formas organizativas tradicionales, son la regla.

### **¿Qué organización política es necesario construir? Sobre una ingeniería que excede a los intelectuales**

La conciencia de la no neutralidad del Estado y sobre todo, la certeza de su fetichización permiten una reflexión al respecto de su capacidad transformadora. El Estado cristaliza la ficción de representar el interés general. Las instituciones estatales reproducen la lógica de un modo de acumulación y la revisten de desarrollo. Ahora bien, cuestionarlo y considerar que los movimientos sociales deben construirse para seguir funcionando como tales, creando relaciones sociales



autónomas, no implica “desentenderse”, otorgándole libertad de autorregulación a la sociedad civil.

Confunde estas ideas Emir Sader cuando realiza las siguientes afirmaciones:

Por mais que movimentos sociais e, principalmente, ONGs, tentem atribuir-lhe um conceito distinto, a oposição frontal ao Estado é indissociável do conceito de sociedade civil. Sob esse manto dissolvem-se as classes, as contradições de classe e, com elas, desaparece o capitalismo. O Estado se torna inimigo, favorecendo-se assim, de forma consciente ou não, o mercado. Daí as ambiguidades das ONGs, que se opõem frontalmente ao Estado, mas não às empresas privadas e, conseqüentemente, ao mercado. A visão liberal de sociedade civil é assim aparentada com a ideia da autonomia dos movimentos sociais. Ambas se opõem ao Estado. Um apoiando-se em forças sociais e em organizações não-governamentais, outro diretamente no mercado. Mas um campo comum de interesses contra o Estado os une (Sader, 2014: 2)

En todo caso, el autor enmascara la disociación necesaria entre gobiernos que los últimos años asumieron con apoyo de movimientos sociales, de movimientos que le deben fidelidad a gobiernos que entre otros compromisos, apoyan hasta cierto punto, sus reclamos. Garantiza su éxito la dominación cuando el cuestionamiento es anulado.

Claro que no se desconoce que en el Estado hay recursos para resolver asuntos vitales para ciertos sectores sociales, pero el fortalecimiento de la lucha popular no puede quedar circunscrito a ese espacio que disuelve todo proyecto de cambio estructural, real. El dilema que seguiremos debatiendo, parece, se regodea en la contradicción pendular entre: la lucha contra el Estado con el fin de destruirlo en virtud de su claro compromiso con la dominación y la desigualdad que le es inmanente, o el de lograr ganar espacios dentro del mismo, sin perder las conquistas y convicciones de emancipación que mueven a los sectores subalternos, cristalizados en movimientos sociales.

Los desafíos no son simples, pero se trata de enfrentarlos incluso nombrándolos en el ámbito académica, toda vez que el acto de pensar se convierta también en un acto reflejo de la acción de crear, destruir, incomodar, organizar.

## Una aclaración sobre la tensa relación entre Movimientos Sociales y Estado

La trama temporal espiralada que sostiene y da sentido al relato de la Historia despliega un presente cargado de reminiscencias e invocaciones a un pasado tan lejano como sorpresivamente actual. En este marco de memorias se destacan “puntos neurálgicos” que ponen en evidencia la forma que adquiere la sociedad. A estas instancias Zavaleta las denomina *momentos constitutivos* y en ellas radica la identificación del cambio de horizonte de sentido en la orientación política de una conformación social, la renovación ideológica o la transformación del imaginario de sociedad posible.

Los movimientos sociales latinoamericanos cuentan con una memoria larga y en ella se condensan momentos de fuerte disciplinamiento. Cada organización, vale atreverse a afirmar que *toda* organización social tiene en su haber recuerdos condensados, momentos constitutivos signados por la violencia, en los cuales el tiempo se detuvo y el análisis de coyuntura se volvió fundamental para rever el camino a seguir.

Se trate de gobiernos más o menos progresistas, en los diferentes países de la región, el Estado ha demostrado su imposibilidad de sostenerse sólo a través del consenso. Las masacres del Dorado dos Carajás en Brasil, la de Acteal en México y los sucesos recientes de Ayotzinapan, dan cuenta de esta dificultad traducida en represión lisa y llana.

Gramsci ya sostenía la unidad compleja entre coerción y consenso en situaciones de dominación. En ese sentido, la hegemonía se presentaba como posibilidad, no como forma acabada y monolítica sino como proceso de disputa. Y aquí se vuelve insoslayable la luminosa contribución que el investigador Roseberry realiza para entender cómo el Estado invade y formatea los espacios de resistencia.

El propio proceso de dominación moldea las palabras, las imágenes, los símbolos, las formas, las organizaciones, las instituciones y los movimientos utilizados por las poblaciones subalternas para hablar de la dominación, confrontarla, entenderla, acomodarse o resistirse a ella. Lo que la hegemonía construye no es, entonces, una ideología compartida, sino un marco común material y significativo para vi-

vir a través de los órdenes sociales caracterizados por la dominación, hablar de ellos y actuar sobre ellos (Roseberry, 2002: 220).

## **Consideraciones finales**

La fetichización del Estado nunca es completa, y en casos de crisis, se develan las relaciones sociales que desnudan su carácter de clase. Hace al menos dos décadas, con ejemplos contemporáneos que podríamos seguir sumando, el Estado disciplina a los movimientos sociales para amedrentarlos con la amenaza de que aquello que sucedió, puede volver a ocurrir. Ahora bien, existen casos en que el fuego de la violencia enerva aún más a quienes se movilizan recrudeciendo ciclos que vuelven a la movilización en práctica necesaria.

La conciencia de la no neutralidad del Estado y sobre todo, la certeza de su fetichización permiten una reflexión al respecto de su capacidad transformadora. El Estado cristaliza la ficción de representar el interés general. Las instituciones estatales reproducen la lógica de un modo de acumulación y la revisten de desarrollo. Ahora bien, cuestionarlo y considerar que los movimientos sociales deben construirse para seguir funcionando como tales, creando relaciones sociales autónomas, implica comprometerse con que episodios de disciplinamiento como los mencionados, no vuelvan a ocurrir.

Claro que no se desconoce que en el Estado hay recursos para resolver asuntos vitales para ciertos sectores sociales, pero el fortalecimiento de la lucha popular no puede quedar circunscrito a ese espacio que disuelve todo proyecto de cambio estructural, real. Los desafíos no son simples, pero se trata de enfrentarlos incluso nombrándolos en el ámbito académico de modo de entender que toda construcción de pensamiento es *per se*, revolucionaria.

Y para terminar, unas palabras del Comunicado del Sub Comandante Marcos del 18 de enero de 1994

Quién tiene que pedir perdón y quien puede otorgarlo? ¿El presidente de la república? ¿Los secretarios de Estado? ¿Los senadores? ¿Los diputados? ¿Los gobernadores? ¿Los policías? ¿El ejército federal? ¿Los grandes señores de la banca, la industria, e comercio y la tierra? ¿Los partidos políticos? ¿Los intelectuales? ¿Los medios de comunicación? ¿Los estudiantes? ¿Los maestros? ¿Los colonos? ¿Los obreros? ¿Los campesinos? ¿Estos indígenas? ¿Los muertos de muerte inútil? ¿Quién tiene que pedir perdón y quién puede otorgarlo?

## **Bibliografía**

AGUILAR, Raquel Gutierrez. *Los ritmos del Pachakuti*, Tinta Limón: Buenos Aires, 2008.

DONGHI, Tulio Halperín. *Historia contemporánea de América Latina*, Alianza: Buenos Aires, 2004.

ROSEBERRY. *Aspectos cotidianos de la formación del Estado*, ERA: Barcelona, 2004.

REY, Mabel Thwaites. “La autonomía como mito y como posibilidad”. Borrador de presentación a ser realizada en mayo, en el Centro Cultural de la Cooperación, 2003.

SADER, Emir “Autonomia dos movimentos sociais ou luta por hegemonia alternativa?” Blog de la editorial Boitempo. Publicado el 20 de agosto de 2014, 2014.

TAPIA, Luis. *Politica salvaje*, Muela del Diablo: La Paz, 2008.

***Todos juntos y al mismo tiempo. Lucha política y formas de organización del movimiento obrero argentino: el caso de Electromecánica Argentina (1969-1975)***

Walter L. Koppmann (UBA) – [walter.koppmann@gmail.com](mailto:walter.koppmann@gmail.com)

La presente ponencia es parte de una investigación aún en curso sobre la lucha política del movimiento obrero argentino entre los años 1969 y 1975. La emergencia del Cordobazo, en mayo de 1969, vislumbró el horizonte mayor de una organización histórica independiente de la clase obrera. En este marco, la lucha por reivindicaciones económicas y políticas se hizo presente dentro de un amplio conjunto de lugares de trabajo y el avance de direcciones combativas, antiburocráticas y clasistas prefiguró los contornos de una *vanguardia obrera revolucionaria*: los obreros industriales de los destacamentos fabriles como el núcleo políticamente más avanzado de una clase.

En pos de ganar en profundidad, se propone tomar como estudio de caso la fábrica Electromecánica Argentina (EMA), sita en la zona norte del Gran Buenos Aires y dirigida entre 1973 y 1975 por la izquierda revolucionaria, Política Obrera (PO). Así, se buscará ahondar en aquellos elementos que den cuenta de las distintas formas de organización de los trabajadores, tanto en términos políticos y sindicales como dentro del propio proceso laboral, indagando sobre las premisas y tareas presentes en las caracterizaciones y planteos políticos así como también sobre las limitaciones y desenlaces en el vínculo trabajadores-izquierdas.

**Abstract**

This paper is part of an ongoing/current investigation about the political struggle of the Argentinean labour movement between the years 1969 and 1975. The civil uprising known as Cordobazo occurred in May 1969 and it marked the beginning of a historical organization of the working class.

In order to be able to make an in depth analysis about this phenomenon we will study the case of the Electromecánica Argentina factory (EMA). The internal commission of this factory, which was placed in the north area of Gran Buenos Aires, was commanded by a left-wing revolutionary party, Política Obrera (PO), between the years 1973-1975. We will make emphasis on the different forms of worker organization and we will consider not only the political and syndical aspects of this phenomenon but also the working conditions.

## Introducción

En este trabajo, se propone analizar la región de la zona Norte del Gran Buenos Aires, entre los años 1969 y 1975, poniendo el foco en aquellos aspectos relativos a la lucha política de los trabajadores industriales, la militancia fabril de las corrientes de izquierda revolucionaria intervinientes y, en particular, la estrategia política y la estructuración militante de la organización Política Obrera. Para ello, se realizará un estudio exploratorio sobre varias fuentes primarias y se plantearán algunas hipótesis de trabajo. Esta ponencia busca recuperar una dimensión de estudio más cercana al espacio de las vivencias cotidianas que rodearon la experiencia de la clase obrera argentina, entrecruzando este abordaje con ciertos factores objetivos que moldearon en buena medida el proceso de subjetivación de los trabajadores. Así, se pondrán en tensión los elementos provenientes de una entrevista en profundidad a Néstor Correa, activista político y delegado general entre 1973 y 1975 de la Comisión Interna de la metalúrgica Electro Mecánica Argentina (EMA), y también distintos datos provenientes de otras fuentes disponibles.

### ***“Todos juntos y al mismo tiempo”*: una vanguardia obrera revolucionaria**

En la Argentina de 1969, el Cordobazo marcó un hito en la evolución de la conciencia política de los trabajadores, abriendo la perspectiva de una organización histórica independiente de la clase obrera. La acumulación de poder social (lucha por las libertades democráticas y sindicales y el control obrero en el lugar de trabajo) y la asimilación de una profunda reflexión sobre la experiencia de masas basada en la lucha y la organización por reivindicaciones de carácter inmediato, evolucionó hacia una tónica política más nítida, diferenciándose y demarcando, en las áreas industriales de punta (corredor industrial Córdoba-Rosario-Buenos Aires), una vanguardia obrera revolucionaria. Por *vanguardia* se entiende el sentido que le diera Lenin en uno de sus discursos del año 1922, titulado “Sobre el significado del materialismo militante”: *“Uno de los más graves y peligrosos errores de los comunistas (como el de todos los revolucionarios que hayan coronado con éxito la etapa inicial de una gran revolución) es el de imaginarse que la revolución puede llevarse a cabo por los revolucionarios solos. Por el contrario, para el éxito de todo trabajo revolucionario serio, es necesario comprender y saber aplicar en la práctica el concepto de que los*

*revolucionarios sólo son capaces de desempeñar el papel de vanguardia de la clase verdaderamente vital y verdaderamente de vanguardia. La vanguardia cumple sus tareas como tal vanguardia sólo cuando sabe no aislarse de la masa que dirige, sino conducir realmente hacia delante a toda la masa. Sin la unión con los no comunistas, en los más diversos terrenos de la actividad, no puede ni siquiera hablarse de ninguna construcción comunista eficaz.*”<sup>447</sup> En este sentido, la vanguardia revolucionaria tiene la tarea de direccionar políticamente a los trabajadores en su movimiento de conjunto, representando el interés general del mismo por encima de cualquier elemento particular y buscando permanentemente aunar bajo un programa político común y una estrategia revolucionaria al conjunto de los explotados.

Al calor de la crisis política que se desató en el marco de la retirada estratégica del régimen político de la Revolución Argentina, la experiencia de los trabajadores argentinos entre 1969 y 1975 irrumpió en el medio de una transición política donde la burguesía y el proletariado protagonizaron una carrera contra el tiempo para dotarse de una dirección política propia. De este modo, la maduración de la confrontación entre las clases planteaba la disputa por el poder social en los términos de, en un primer momento, la acumulación de poder político vía la organización de clase para, luego, pasar a la ofensiva, organizando ese poder para propinarle un golpe certero al rival y que bloqueara sus posibilidades históricas de desarrollo. Ya sea desde el punto de vista del capital, es decir, de la reproducción de su hegemonía, la conservación del poder político y el aparato del Estado; ya sea desde el punto de vista de la clase obrera, cuyo objetivo estratégico es, justamente, fisonomizarse como caudillo hegemónico de masas y romper violentamente esta legalidad del *status quo* a través de la conquista del poder político y el Estado para implantar sus propias formas económicas y políticas de la reproducción social. Según Hobsbawn (1984), la existencia de estos dos momentos orgánicos en relación al poder político “...*puede plantearse de otra manera. Cada clase tiene dos niveles de aspiración, al menos hasta que alcanza la victoria política: las exigencias específicas, cotidianas, inmediatas, y la exigencia, más general, del tipo de sociedad que le conviene. (Una vez alcanzada la victoria, esta segunda exigencia se convierte en conservadurismo).*”.

---

<sup>447</sup> Ver la compilación estalinista: Lenin, Vladimir, *Marx – Engels – Marxismo*, Editorial Progreso, Moscú, 1967, pág. 471.

En los años previos al Cordobazo, el movimiento obrero había protagonizado dos grandes períodos de marcado ascenso y tenaz lucha política: el primero, entre 1955 y 1959, coincidente con la resistencia de los trabajadores frente a la ofensiva de la dictadura militar de la “Revolución Libertadora”, punto de partida del ciclo de gobiernos gorilas que venían a derrotar y disciplinar a la clase obrera a fin de aplicar los planes de productividad industrial tan exigidos por el empresariado<sup>448</sup>; el segundo período, luego de un cierto momento transitorio de derrota y reflujo (fruto de la brutal política represiva del gobierno de Frondizi<sup>449</sup>), se ubica entre 1961 y 1965, dando pie a una camada de jóvenes activistas antiburocráticos y combativos que realizaron una profunda experiencia con la burocracia sindical peronista, en particular, con las traiciones sucesivas del vandomismo, cabeza de la Unión Obrera Metalúrgica (UOM). La prolongada confrontación obrera con estos gobiernos produjo una cultura política de lucha y resistencia en medio de la cual creció la generación de los '70.

A su vez, para aquel momento, más de 1.350.000 trabajadores estaban ocupados en la industria, muchos de ellos en grandes plantas de miles de obreros, y su peso estructural y económico se había incrementado con el dinamismo de varias ramas de la producción a partir de la concentración y centralización capitalistas y las transformaciones operadas en la economía nacional fruto de la profundización de la penetración imperialista, fundamentalmente de origen norteamericano. Particularmente durante el gobierno “desarrollista” de Arturo Frondizi (1958-1962) se desarrollaron de forma exponencial las industrias siderúrgica, automotriz y petroquímica, ubicadas en la franja geográfica que va de la provincia de Córdoba pasando por el cordón industrial del río Paraná, englobando el Gran Buenos Aires y la Capital Federal. Estas concentraciones industriales fueron las que jugaron un papel de vanguardia en el ascenso que se inició con el Cordobazo.

---

<sup>448</sup> Es significativo, en este sentido, el “Congreso de la Productividad”, convocado por Perón en 1954, donde uno de los puntos fundamentales a tratar era la persistente “indisciplina” obrera en los lugares de trabajo y el férreo control de las comisiones internas y los delegados por sobre el proceso productivo.

<sup>449</sup> La cual tuvo como punto máximo el plan CONINTES (Conmoción Interna del Estado), plan represivo aplicado bajo el gobierno de Frondizi que designó al ministro de Ejército Franklin Lucero como comandante en jefe de la operación y le autorizó a establecer el toque de queda y a adoptar las medidas necesarias “para lograr la más rápida y eficaz represión de todo acto de alteración del orden público, violencias contra las personas o bienes públicos o privados, servicios públicos, templos o establecimientos religiosos, sabotajes, depredaciones, etc.”. El Plan CONINTES, por otra parte, habilitó a las Fuerzas Armadas para reprimir las huelgas y protestas obreras y poner a los activistas bajo jurisdicción de los tribunales militares.



El Cordobazo abrió una crisis revolucionaria, es decir, de poder, en la Argentina, que la burguesía y el imperialismo resolvieron a su favor mediante el retorno de Perón. Fue la presión de la movilización popular, la amenaza concreta que se cernía sobre la dominación burguesa, las que replantearon la cuestión del mantenimiento de la dictadura de Onganía. Luego de 14 años de haberlo proscrito, era necesario reencauzar las relaciones con el peronismo y con Perón. Era necesaria una presencia política más activa del otrora líder proscrito para contener y desviar la radicalización de las masas.

### **Desarrollo fabril en la zona Norte del Gran Buenos Aires**

Hacia fines de la década del '60, la zona Norte del Gran Buenos Aires (GBA) compartía, junto con la Capital Federal, el Gran Buenos Aires y el resto de la Provincia de Buenos Aires, Santa Fe y Córdoba, ciertas características distintivas de las ramas más importantes y dinámicas de la economía nacional. En este conjunto de jurisdicciones habitaba más del 60% de la población total de la Argentina, sumando, a su vez, más de dos tercios dedicada a la industria y al comercio, con un altísimo porcentaje ocupado en la producción manufacturera, la cual monopolizaba la inmensa mayoría de la fuerza motriz instalada en la industria y aportaba la porción más significativa del valor de dicha producción primaria en términos nacionales. La zona Norte del GBA, en su conjunto, aportaba en 1970 el 9,06% de la población total de la provincia de Buenos Aires. En lo relativo a la "densidad demográfica", las cifras giran en torno a los 3.167,5 habitantes por km<sup>2</sup>, siendo una de las subregiones del conurbano con mayor índice de crecimiento. Finalmente, cabe destacar que, para 1974, la principal rama industrial de la zona se centraba en la fabricación de productos metálicos, maquinaria y equipos (44,46%) (Löbbe, 2009).

El presente caso de estudio se sitúa en el partido de Vicente López donde, hacia septiembre de 1972, desarrollaba sus actividades la empresa Electro Mecánica Argentina (EMA). Para este período y en toda el área fabril de la zona Norte, se observa un avance considerable de las corrientes clasistas y combativas: fábricas como Tensa, Editorial Abril, Santini, Wobron, Del Carlo, Laboratorios Squib, Matarazzo y Panam son ganadas por el activismo antiburocrático en el marco de importantes luchas reivindicativas por parte de numerosos colectivos de trabajadores. En el caso de la corriente Política Obrera, se detectó su presencia en algunos establecimientos tales como las metalúrgicas EMA y Santini, la editorial Abril, la fábrica de pinturas Miluz y la fábrica de calzado deportivo Panam (Coggiola, 2006; Löbbe, 2009).

La fábrica de EMA conformaba un poderoso complejo industrial dirigido por capitales de origen norteamericano, suizo e italiano con casa matriz sita en EE. UU. (perteneciente al grupo empresario General Electric).<sup>450</sup> Allí trabajaban alrededor de 1400 obreros<sup>451</sup>, cifra a la cual hay que agregar 250 empleados de las oficinas administrativas, ubicadas en el mismo edificio sito en Florida, Vicente López. Cabe aclarar que estas cifras no son fijas en el tiempo pues, una vez que estaban terminados los equipos, los trabajadores tenían que viajar a otras fábricas a instalarlos.

La compañía se dedicaba esencialmente a la producción de elementos de manejo eléctrico de punta para el trabajo con alta tensión (tableros, disyuntores). Algunos de estos productos, como los tableros (que se hacían a medida de acuerdo a los requisitos específicos de la empresa donde fueran a ponerse), respondían a las necesidades de SOMISA, de Acindar, de Altos Hornos, es decir, de industrias con un peso enorme dentro de la producción nacional. Dado el carácter avanzado de la tecnología empleada en la producción, la mayoría de los trabajadores eran una mano de obra altamente calificada.<sup>452</sup> De hecho, muchos técnicos de algunas secciones particulares habían estudiado en la Universidad Tecnológica Nacional (no tanto así en herrería o matricería, donde había gente que conocía mucho el oficio, incluso algunos trabajadores traídos especialmente desde Italia cuando se creó la fábrica).

La planta de EMA ocupaba unas cuatro manzanas, con casi todas sus secciones distribuidas en un playón, que reunía: matricería, mecánica, aparatos, cableado, tableros, herrería, pañol. La descripción coincide con una producción de tipo discontinua; siguiendo a Katz (1986), esta clase de establecimientos se organizan como una sucesión de “talleres”, esto es, de secciones o departamentos que llevan a cabo una determinada tarea de transformación, y, para ello, agrupan en su interior a todos los equipos de un determinado tipo. Por ejemplo, el taller de tornería, la sección de rectificado, etc. Las partes, piezas y subconjuntos son transportados - manual o mecánicamente- de un taller a otro, para efectuar las tareas inherentes a cada sección. En este tipo de fábrica

---

<sup>450</sup> No obstante la composición mixta de capitales, la presencia italiana era bastante fuerte; prueba de esto es que el mandamás internacional de la fábrica era Ottavio Orsi, quien más tarde sería ministro de Planeamiento Urbano de Perón.

<sup>451</sup> Para construir este dato, se cotejaron: las cifras de *Insurgencia...* (800 obreros), las que expresó el entrevistado (1500 obreros), las de *El caudillo*, revista de la UOM (1000) y las de Löbbe (2000).

<sup>452</sup> El entrevistado tenía oficio: primero en la industria automotriz como pintor de coches y luego en la metalúrgica como tornero/fresador y prensador, es decir, sabía manipular máquinas de grandes dimensiones que requerían de una mano de obra especializada. Ver Correa (2013).

cada una de las secciones emplea equipos más universales y mano de obra de mayor calificación que en las plantas de producción “en línea”. Bajo la forma de procesos discontinuos y organizados en taller, es plausible de observarse una cierta tendencia a la fragmentación del trabajo. En efecto, este tipo de organización potencia la tensión propia de la producción metalúrgica, un proceso compuesto por un gran número de subprocesos, (como fusión, noyería y moldeo, entre los más importantes) que están regidos por los principios de complementariedad e interdependencia técnica, y puede resultar en la fragmentación o el aislamiento de cada subproceso y, por ende, en comportamientos obreros diferenciales.

La mayoría de la fábrica trabajaba desde las seis de la mañana hasta las doce de la noche, en dos turnos largos, lo cual dio base al conflicto que luego desembocaría en la ocupación de la planta, esto es, el no pago de una diferencia horaria durante años, pues los obreros salían después de las diez de la noche y, por lo tanto, esas horas de trabajo tenían una remuneración distinta.

### **Las formaciones políticas dentro de la fábrica**

En 1971, momento de ingreso del entrevistado a la fábrica, la Comisión Interna de EMA estaba vinculada con la UOM de Minguito y Calabro. Sin embargo, el hecho peculiar es que la crisis social más general que atravesaba el país (y que había partido al medio al régimen político militar) también provocaba diferencias, tensiones y escisiones hacia el interior de la burocracia sindical, es decir, tamizando elementos más burocráticos y patronales de otros más combativos y antipatronales. En el caso de EMA esto era muy claro: una parte de los delegados pertenecían al Comando de Organización<sup>453</sup> y obedecían rectamente las órdenes centrales pero, otros tantos, entre ellos, el secretario general de EMA, Valdez, era un elemento de la conducción de la UOM Vicente Lopez pero crítico de Minguito y Calabro, incluso con algunas veleidades de vínculos con gente de izquierda y demás (“*Valdez tenía cintura propia; estaba peleado con Calabro y su gente, era un tipo raro que coqueteaba con la izquierda, medio antipatronal a veces, un bicho raro...*”)<sup>454</sup>.

---

<sup>453</sup> El Comando de Organización (CdO) era el brazo gangsteril de la UOM, utilizado frecuentemente para asesinar activistas fabriles y militantes políticos. Meses más tarde se integraría a la naciente Triple A.

<sup>454</sup> Correa (2013).

El clima que imperaba en la fábrica, de descontento y movilización crecientes, era inseparable del agotamiento político de la dictadura de la “Revolución Argentina”. En este establecimiento, la seccional local de la Unión Obrera Metalúrgica (UOM) debía convocar a elecciones para renovar el cuerpo de delegados. Las elecciones dieron pie a un puñado de activistas de distinta orientación (trotskistas, peronistas de izquierda e “independientes”) a presentarse para delegados de sección, obteniendo un resonante triunfo que hizo avanzar un frente combativo y antiburocrático (el cual más tarde asumiría el nombre de “Lista Naranja”).

La Comisión Interna de EMA estaba formada por 16 delegados. En 1972, en las elecciones de delegados, Política Obrera había ganado una minoría de cuatro. Por lo tanto, en la conformación total coexistían cuatro delegados clasistas, cinco a los que podríamos denominar como “intermedios” -sin una clara definición política- y siete fieles a la línea de la burocracia. Sin embargo, recuerda Correa:

Algunos de los delegados peronistas que integraban la Comisión Interna, eran una expresión de la ruptura hacia la izquierda de todo el mundo, muy problematizados con lo que estaba pasando, honestos (...) Cuando salimos delegados una parte de la Comisión Interna, salimos porque la gente está queriendo que se activen reivindicaciones que estaban totalmente postergadas (...) En la sección mecánica salimos como delegados yo, y Ahumada de la JTP en segundo lugar, desplazando al segundo hombre y al hombre más de Calabró: Vega, un pibe joven, hombre de la burocracia (...) En la sección herrería sale elegido con Valdez el ‘Gallego Fernandez’, un español que se había sumado a nuestro partido y que había sido miembro de las Comisiones Obras, venia de la FAP, de un grupo semiguerrillero, era un herrero fuertísimo, un cabrón de esos, bravo (...) En la sección tableros, también muy importante, ganan delegados del PO.

En estas circunstancias, al viraje político que se cristalizó en el recambio de la interna le siguió la intensa movilización de todos los trabajadores por el no pago de la diferencia de remuneración de las horas extra nocturnas. La lucha por esta reivindicación puntual generó toda una serie de juicios ganados contra la patronal, desatando una gran euforia y reconocimiento entre los trabajadores.

A partir de esta experiencia reciente, en los primeros meses de 1973 se desató un conflicto prolongado por un conjunto de veinte reivindicaciones (pagos adeudados, recategorizaciones, etc.), el cual, sin contar con el aval del sindicato (la UOM), fue no obstante apoyado y dinamizado por la burocracia sindical encabezada por Valdez. De este modo, comenzó a darse un movimiento, sumamente nocivo para la empresa, de “quite de colaboración” y quite de horas extras (este último, en una situación de pleno empleo, se constituía en un instrumento de lucha de gran envergadura). Por otro lado, el quite de colaboración consistía en trabajar “a reglamento”, a ritmo lento, no haciendo ninguna tarea que correspondiera exactamente y según el convenio laboral.

Con el correr de los días, y al no haber respuesta alguna por parte de la patronal, los trabajadores decidieron extender el quite de colaboración a los lugares donde se debían instalar los tableros. Una de estas fábricas era Acindar<sup>455</sup>, dato no menor teniendo en cuenta que el desabastecimiento energético de los altos hornos que allí funcionaban ponía en riesgo toda la producción siderúrgica, generando un caos de proporciones descomunales.

### **La toma del establecimiento**

De esta manera, casi una semana antes de la asunción de Cámpora, el 19 de mayo de 1973, la patronal decidió echar al cuerpo de delegados entero. Luego de febriles comunicaciones entre la noche (momento en que los obreros se enteraron de los despidos) y la mañana (tiempo en que llegaban a la fábrica los primeros trabajadores), una parte de los delegados despedidos decidió acercarse al ingreso del lugar de trabajo para organizar asambleas en el campo de fútbol aledaño e informar de la situación. En el trájín de la entrada, aún teniendo en cuenta que la empresa había introducido policías dentro de la planta, el portón se abría y se cerraba sólo dejando pasar a los trabajadores, lo cual resultaba algo muy frágil de sostener. Fue cuestión de segundos: cinco delegados (entre ellos, Correa y Valdez) se agarraron del brazo y al grito de “¡Ahora!”, empujaron y se metieron adentro de la planta. A partir de este momento, y entre la ebullición y la admiración de todos los compañeros de EMA, comenzó la asamblea y la toma del establecimiento.

---

<sup>455</sup> La importancia de la electricidad era central pues un día de consumo de esta clase de plantas equivalía al consumo eléctrico de toda la ciudad de Rosario. De esta manera, a través de la instalación de los tableros que controlaban la energía se lograba afectar al conjunto de la fábrica, produciendo pérdidas millonarias.

La ocupación duró diez días. Al principio, los tanques de gasolina apostados en las entradas constituían una suerte de garantía frente a la perspectiva del desalojo vía represión policial. Asimismo, y es de destacar, si bien las tareas administrativas estaban interrumpidas, se había decidido permitir el ingreso de algunos funcionarios para obligarlos a constatar que nada estuviera roto<sup>456</sup>. Esta suerte de garantía de orden “proletario”, incluso dentro de la alteración de la cotidianidad que significa una toma de fábrica (con toda la tensión, “caos” y energía elemental que se desatan alrededor de ella), es uno de los elementos que permiten medir el alto nivel de conciencia de clase puesto en juego en estas medidas, rebasando los límites de una mentalidad puramente sindical o tradeunionista y vislumbrándose, en cambio, la disciplina de quien es consciente de todo lo que está en juego, ya no en términos individuales sino colectivos. En pocas palabras, se trata de un principio de control obrero dentro del ámbito privilegiado de la reproducción capitalista.

Naturalmente, al pasar los días y no obtener respuesta alguna por parte de la empresa, el proceso se radicalizó. Faltando sólo cuatro días para que asumiera Cámpora, la policía había amenazado con desalojar pero, evidentemente y ante la vorágine más general que cundía a lo largo y ancho del país, decidieron abortar el plan. No obstante, la patronal seguía sin dar respuesta.

La compañía no aflojó hasta que el 25 de mayo las columnas de Montoneros y del ERP, que habían estado en la Plaza de Mayo, a la noche pasaron por la fábrica y trataron de entrar para embanderar la planta cual “fábrica de Montoneros” y otros “fábrica del ERP”. Ante esta situación, se convocó a una asamblea multitudinaria, que reunió gente adentro y afuera del predio (muchos incluso portando ametralladoras). Así, los trabajadores saludaron la solidaridad y votaron que se formara un comité de solidaridad externo al conflicto, buscando remarcar que se trataba de la lucha de la fábrica EMA y no de la “fábrica Montoneros” o la “fábrica ERP”. Esa noche, hasta los trabajadores peronistas entendieron la necesidad y la importancia del planteo unitario. A partir de este momento, la victoria estaba casi definida a favor de los obreros de EMA.

Dada la magnitud de la toma, la misma sólo pudo ser negociada con la llegada urgente al país de Ottavio Orsi, ejecutivo italiano de la General Electric, grupo empresario al cual pertenecía EMA. El conflicto, como bien se señaló antes, amenazaba la provisión de equipos de alta comple-

---

<sup>456</sup> Al mismo tiempo, la autodefensa era fundamental y la habían dejado a cargo de una camada de jóvenes trabajadores que “querían romper todo” y que, por lo tanto, y bajo el control de los delegados, servían para vigilar que no pasara nada. Les habían hecho una suerte de armadura con chapas y, provistos de un bombo, recorrían la fábrica haciendo ruido y aturdiendo a quien encontraran en falta.

jidada para SOMISA y Acindar, generando pérdidas millonarias. Por otra parte, el despido de la totalidad de los delegados obreros representó un claro mensaje del empresariado sobre la forma de actuar en los tiempos que corrían y la respuesta del activismo, encabezado por la comisión interna despedida y junto con la participación plena del conjunto de los trabajadores, fue también ejemplar. A su vez, la resolución del conflicto en EMA fue significativa por su proyección a futuro: la reincorporación de todos los despedidos acabó siendo acordada en las oficinas del Ministerio del Trabajo por una delegación de la comisión interna y sin la presencia de los dirigentes de la seccional de la UOM.

La toma de la fábrica no sólo forzaba a la patronal a negociar desde una lógica de hecho consumado sino que también involucraba la intervención del Estado a través de la mediación del Ministerio de Trabajo. Así, el movimiento obrero de EMA realizaba una experiencia muy creativa y aleccionadora cuando luchaba con sus propios métodos organizativos y políticos contra la coerción legal e ilegal del Estado y el poder político, develando en la praxis misma la “santa alianza” entre el Estado capitalista, la burocracia sindical y la patronal. Por último, la ocupación de EMA sería paradigmática en la medida en que avizoraba lo que, a partir de ese momento, se generalizaría como la herramienta más extendida y eficaz para imponer las reivindicaciones obreras: la toma del lugar de trabajo.

El triunfo allanó el camino a través del cual los delegados de sección y la comisión interna pasaron a controlar y poner límites al accionar patronal en terrenos cotidianos tales como la seguridad, la salubridad y la escala de categorías correspondiente a cada una de las tareas. El dominio de la planta por parte de los trabajadores era prácticamente total y, más aún, no se tomaba ninguna decisión de peso sin informar a la Comisión Interna. A su vez, a partir del aplastante triunfo sobre la empresa, los obreros de EMA arrancaron una reivindicación tras otra (es decir, además de las veinte originales del pliego inicial) y durante más de dos años no fue suspendido ni despedido un solo trabajador. El control obrero y la democracia sindical se coligaban acrecentando el poder obrero hasta un punto inédito, marcando el camino a seguir por el resto de las fábricas de la zona Norte y del país. Política Obrera retuvo la conducción de la interna hasta comienzos de 1975, cuando recrudeció la ofensiva de los grupos fascistas parapoliciales y de la burocracia sindical y Néstor Correa fue detenido y pasado a disponibilidad del Poder Ejecutivo Nacional mientras organizaba el comité clandestino de huelga en Villa Constitución.

## **Un final provisorio**

A modo de cierre, sería importante puntualizar algunos aspectos inconclusos en este trabajo aunque significativos para completar el análisis propuesto. En primer lugar, el escaso trabajo exploratorio realizado hasta el momento con la prensa partidaria (en este caso, *Política obrera*) apareció omitido en esta ponencia. Esto por distintas razones. Una de ellas es que los distintos artículos, más allá de informar sobre conflictos puntuales, planteos y debates presentes en el seno del movimiento obrero, resultaban insuficientes a la hora de dar a conocer cabalmente los límites y tensiones en la intervención cotidiana del partido en los lugares de trabajo y delimita el desafío de incursionar en la documentación interna de la organización.

En segundo lugar, el trabajo deja planteada la profundización del estudio sobre el conjunto de los aspectos y factores que hacen al desarrollo de la vanguardia obrera revolucionaria y a su ligazón mediante un vínculo de reciprocidad constitutiva y constituyente con las organizaciones políticas de izquierda. Dicho de otra manera, queda pendiente el abordaje más pormenorizado sobre las caracterizaciones con las cuales intervenían cada una de las fuerzas políticas y qué alcance o ascendiente tenían las mismas en la masa obrera.

Por último, aunque no menor, importaría destacar y relevar en futuros trabajos la imbricación entre las propias izquierdas, a partir de cada una de sus iniciativas, las cuales tendían, en muchos momentos, a la convergencia en un campo de lucha común. La elaboración sobre la praxis militante que se despliega a partir de este virtual “frente único” (con el cual penetraron en las filas obreras algunas organizaciones) supone pensar aquellos puntos de contacto entre las líneas de intervención, siendo, en ocasiones, líneas políticas comunes. En esta dirección, la exploración apunta a identificar los ejes de gravitación política en torno a los cuales se reagrupó el activismo obrero en distintos episodios significativos y cuál fue la política que se dio cada una de las corrientes para intervenir en estas circunstancias.

## **Bibliografía**

BALVÉ, Beba et. al. *Lucha de calles, lucha de clases*, Ediciones ryr-CICSO, Buenos Aires, 2006.

BRENNAN, James y GORDILLO, Mónica. *Córdoba Rebelde. El cordobazo, el clasismo y la movilización social*, De la campana, La Plata, 2008.



COGGIOLA, Osvaldo. *Historia del trotskismo en Argentina y América latina*, Ediciones ryr, Buenos Aires, 2006.

DE RIZ, Liliana. *La política en suspenso 1966-1973*, Paidós, Buenos Aires, 2000.

FLORES, Gregorio. *Sitrac-Sitram. Del cordobazo al clasismo*, Ediciones Magenta, Buenos Aires, 1994.

GILLESPIE, Richard. *Soldados de Perón. Historia crítica sobre los Montoneros*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 2011.

HOBBSAWN, Eric. *El mundo del trabajo. Estudios históricos sobre la formación y evolución de la clase obrera*, Editorial Crítica, Barcelona, 1984.

IZAGUIRRE, Inés (comp.) *Lucha de clases, guerra civil y genocidio en la Argentina. 1973-1983*, Eudeba, Buenos Aires, 2012.

KATZ, Jorge. “Desarrollo y crisis de la capacidad tecnológica latinoamericana. El caso de la industria metalmeccánica”, Buenos Aires, BID/CEPAL/CIID/PNUD, 1986.

LENIN, V. *Marx – Engels – Marxismo*, Editorial Progreso, Moscú, 1967.

LÖBBE, Héctor. *La guerrilla fabril*, Ediciones ryr, Buenos Aires, 2009.

MARÍN, Juan Carlos. *Los hechos armados*, Ediciones P.I.C.A.S.O./La rosa blindada, Buenos Aires, 2007.

POZZI, Pablo y SCHNEIDER, Alejandro. *Los setentistas. Izquierda y clase obrera: 1969-1976*, Eudeba, Buenos Aires, 2000.

SCHNEIDER, Alejandro. *Los compañeros: izquierda, trabajadores y peronismo en la Argentina, 1955-1973*, Imago Mundi, Buenos Aires, 2005.

WERNER, Ruth y AGUIRRE, Facundo. *Insurgencia obrera en la Argentina (1969-1976)*, Ediciones IPS, Buenos Aires, 2009.

ZAVALETA, René. *Clases sociales y conocimiento*, Editorial Los amigos del libro, La Paz, 1988.

**50 años del golpe en Brasil: preguntas y debates en torno a la producción historiográfica**  
**50 anos do golpe no Brasil: perguntas e debates face à produção historiográfica**

Brenda Rupar

brendarupar@yahoo.com, UNQ-CONICET-UFF

Julia Rigueiro

juliarigueiro@gmail.com, UNMDP-UFF

**Resumen**

Al cumplirse este año el cincuentenario del inicio del Golpe de Estado en Brasil, asistimos a un incremento de las publicaciones sobre la temática. En las mismas, encontramos un predominio de las visiones que se centran en estudiar el consenso, las “zonas grises” y la participación civil en términos ampliados. Como estudiantes e investigadoras argentinas nos surgieron varios interrogantes acerca de las consecuencias políticas de dichas investigaciones. En este trabajo nos proponemos abordar críticamente las perspectivas historiográficas que se expresan en dichos escritos. Entendemos que la producción académica no puede estar escindida de la disputa política de conseguir juzgar a los responsables de la dictadura cívico militar que tuvo lugar entre 1964 y 1985.

**Abstract**

In 2014, due to the 50<sup>th</sup> anniversary of the last coup d’État in Brazil, there has been an increase in the number of publications on that theme. We’ve found a historiographical school which proposes a field renovation by making more complex analysis on the coup and the dictatorship. This historians suggest that the new studies must concentrate in investigate the consensus, the “grey zones” and civil participation in a broad perspective. We are proposing a critical approach to this school, focusing on the question about its political consequences. We understand that academic production can’t be divided from the political struggle to judge the responsables of the crimes comitted during the civil-military dictatorship between 1964 and 1985.

**1-**

¿Ya cincuenta años? Parece mucho tiempo y sin embargo las heridas están abiertas. La ciencia histórica formula sus explicaciones sobre el golpe de estado que derribó el gobierno de João Goulart el 1° de abril de 1964, sobre los largos 21 años que duró la dictadura. Pero claro que no

es la única que intenta comprender: las demás ciencias humanas y sociales, los medios de comunicación (los hegemónicos y los que no lo son), los partidos y organizaciones políticas, el conjunto de la población que vivió el proceso y/o sus consecuencias, han reflexionado y tomado posición, aunque sea confusa y ambiguamente, sobre lo acontecido.

En este trabajo nos proponemos analizar críticamente parte de la producción historiográfica que ha sido publicada y presentada en eventos científicos durante los últimos años. El recorte temporal de la muestra (2010-2014) obedece a un doble criterio: por un lado, las “fechas redondas” son momentos de balance en donde se reedita la disputa por las interpretaciones del pasado en cuestión con la realización de un mayor número de congresos y jornadas que se enfocan en la temática del golpe y la dictadura; por otro, el criterio del mercado, que en los albores de la fecha propicia la publicación y venta de colecciones, obras de síntesis, biografías, etc. En dicho recorrido nos hemos encontrado con una corriente que reclama el abordaje de una agenda de pesquisa que no ha dejado de inquietarnos. Coincidimos con E. Traverso en que “...las transformaciones que afectan a la historiografía no se reducen a las metamorfosis del ‘campo’ editorial, universitario o mediático en el interior del cual evolucionan sus actores.” (TRAVERSO, 2012: 21). Es por ello que en este artículo intentaremos sintetizar las ideas y conceptos centrales de la mencionada corriente, citando pasajes que nos resultaron significativos e ilustrativos, con el objetivo de abordar las siguientes preguntas que nos surgieron: ¿Cuál es la dirección predominante del campo en Brasil? ¿Es posible que el conocimiento histórico construido dentro de la academia sea parte de las luchas y demandas populares por “memoria, verdad y justicia”? ¿De qué manera?

Entendemos que la producción académica no puede estar escindida de la disputa política de conseguir juzgar a los responsables de la dictadura cívico militar que tuvo lugar entre 1964 y 1985. Creemos que la experiencia de otros países latinoamericanos puede contribuir a desenrañar estos problemas, y en particular pondremos en consideración el caso argentino. Desde nuestra perspectiva, es necesario un balance historiográfico regional que analice las dictaduras cívico-militares de las décadas de 1960 y 1970 (extendiéndose hasta mediados de los años ochenta, con sus especificidades nacionales) y sus consecuencias; objetivo éste que escapa al presente trabajo.

## 2-

En un recorrido por las producciones, las intervenciones y los debates en torno a un nuevo aniversario del golpe militar de 1964, nos encontramos con una interpretación que viene instalándose con fuerza. La misma señala que

Desde os anos 80 (...) tendeu a predominar a versão de que a sociedade brasileira apenas suportara a ditadura, como alguém que tolera condições ruins que se tornaram de algum modo inevitáveis, mas que, cedo ou tarde, serão superadas, como estava, de fato, acontecendo. (...) Assim, em vez de abrir um amplo debate sobre as bases sociais da ditadura, escolheu-se outro caminho, mais tranquilo e seguro, avaliado politicamente mais eficaz, o de valorizar versões memoriais apaziguadoras onde todos possam encontrar um lugar. (...) Numa arquitetura simplificada, muitos se confortavam com raciocínios polarizados. Opressão e Liberdade. Ditadura e Democracia. Repressão e Resistência. Esta última palavra tornou-se um mote, repetido à exaustão (AARÃO, 2014: 8).

Según esta postura, la versión explicativa hegemónica del golpe y la dictadura es aquella que haciendo una relectura de los hechos, tergiversa los mismos a partir de una operación en donde la memoria resignifica lo acontecido. Dicho proceso, que vendría llevándose a cabo a partir de la publicación del *Brasil: Nunca más*, se habría institucionalizado o vuelto “historia oficial” a partir de la llegada de Lula Da Silva y luego de Dilma Rousseff a la presidencia del país (AARÃO, 2014: 13).

Para estos autores, dicha interpretación adolece de simplismo. La operación realizada habría despojado al rico proceso histórico de sus matices, sus complejidades y contradicciones, resultando en un escenario de oposiciones binarias en donde la ambigüedad no tuvo lugar. Rodrigo Motta (2014) critica además que esa idea de resistencia/ colaboración fue creada en la Europa de la Segunda Posguerra y fue importada acríticamente en Brasil, en donde no hubo ocupación extranjera ninguna. Por el contrario, podría sostenerse que “para além das ações repressivas, que não podem ser minimizadas, tais relações foram permeadas por jogos de acomodação que não se enquadram na tipologia binaria resistência versus colaboração” (MOTTA, 2014: 13) . Otra interpretación en el mismo sentido sostiene que “(...) a sociedade se reconfigurou como tendo se oposto, sempre, e maciçamente, à ditadura, transformada em *corpo estranho*. Redesenhou-se o quadro das relações complexas entre sociedade e ditadura, que apareceu como permanentemente hostilizada pelas gentes. Construiu-se silêncio sobre o amplo movimento de massas que, através das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, legitimou socialmente a vitória do golpe.” (AARÃO, 2014: 135).

Sumado a ello y reforzando el sentido de ajenidad de lo acontecido, se habría acudido a un sobredimensionamiento del rol de los Estados Unidos en la gestación del golpe, apelando a la monocausalidad del factor externo para explicar el Golpe. De ese modo, se cerraba un todo explicativo que resultaba cómodo.

En discusión con ello, se fue configurando en los últimos años un núcleo de historiadores y cientistas sociales que desde diferentes perspectivas fue planteando la necesidad de problematizar

dicha versión, a la que consideran hegemónica. De manera propositiva, sostienen que el desafío actual de una historia crítica debe reponer esos aspectos intencionada y direccionadamente olvidados en la reconstrucción. En particular, se argumenta la necesidad de enfocar los estudios en las condiciones que posibilitaron el golpe y sostuvieron la dictadura. En palabras de Daniel Aarão,

Assim os apoios civis da ditadura-ativos e conscientes- continuavam consideráveis. Sem eles os militares não conseguiriam governar. Na gama diferenciada de atitudes que contribuiriam para a estabilidade do governo e do país merecem ainda ser registradas a simpatia não entusiasta, a neutralidade benévola, a indiferença, ou, no limite, a sensação de absoluta impotência. Zigzagueando entre elas, em atitudes ambíguas ou ambivalentes, muitos erravam em áreas indefinidas, de penumbra, que um autor chamou de *zona cinzenta*. Em determinados momentos, parecia que o governo havia conseguido construir, em torno de si, uma espécie de consenso, embora o debate sobre a questão, e sobre o próprio conceito, ainda permaneça em aberto. (AARÃO, 2014: 83-84)

Se afirma en el pasaje la idea de apoyo y consenso sobre lo que acontecía. Esta idea reaparece en otros trabajos. Por ejemplo, los historiadores Angela de Castro Gomes y Jorge Ferreria que publicaron, también en 2014, el libro *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*, un estudio muy bien documentado sobre el año del Golpe, también afirman que

Grandes parcelas da sociedade brasileira aplaudiram o golpe ou foram fazer outras coisas: nem preto nem branco. Vários tons de cinza. O que, evidentemente, não significa dizer que toda a sociedade brasileira comemorou o golpe quando ele ocorreu ou deu seu apoio à ditadura, em toda a sua duração. Como Denise Rollemberg e Samantha Quadrat advertem, é sempre muito difícil compreender como as ditaduras surgem e se consolidam mantendo vínculos com as sociedades, mesmo que elas tenham sido arquitetadas e dirigidas por elites. O golpe civil e militar de 1964 é exemplar. Ele não foi um evento externo à sociedade e alheio a sua participação, ainda que seu comando estivesse nas mãos de elites militares e civis brasileiras. (FERREIRA e GOMES, 2014: 380).

De este modo, podemos inscribir a Ferreira y Gomes como parte de esta tendencia que busca comprender a aquéllos que no estaban “ni a favor ni en contra” de la Dictadura. Más adelante, también afirmarán que es hora de superar las visiones maniqueas que demonizan algunos personajes y declaran como inocentes a otros; que es hora de reconocer que hubo apoyo de la sociedad al golpe de 1964; y, al mismo tiempo, que siempre es necesario recordar el sufrimiento inconmensurable de muchas personas que padecieron exilios, torturas y muerte.

Así como encontramos erróneo generalizar sobre toda la producción anterior, sería asimismo incorrecto si nosotras hiciéramos lo propio con los textos que analizamos. Conviene señalar por ejemplo, que Rodrigo Motta propone incorporar la noción de actitudes de “acomodação”<sup>457</sup>, para romper la falsa dicotomía entre resistencia y cooperación. El autor, que en su trabajo analiza específicamente a las Universidades bajo el régimen dictatorial, recupera parte de la tradición historiográfica que sostiene que en Brasil “é forte (...) o recurso à conciliação, à busca de soluções de compromisso que evitem o caminho de rupturas radicais” (MOTTA, 2014: 13) y que es incompleto y errado mirar sólo las contradicciones y ambigüedades de la población civil sin percibir que eso mismo se presentaba a nivel estatal, dentro del régimen, y que es en parte lo que ha permitido ese accionar de algunas personas.

También, caracteriza a estas actitudes como propias de

(...) pessoas que não desejavam aderir, por não partilhar os valores dominantes, mas que também não tinham intenção de resistir frontalmente ao Estado autoritário- por medo da punição ou por achar inútil-, buscaram estratégias de conviver como ele, inclusive como forma de reduzir os efeitos da repressão. Desse ponto de vista, tratava-se de explorar possibilidades abertas pelo próprio regime militar para atenuar o autoritarismo, aproveitando as “brechas” disponíveis, sobretudo as oferecidas por paradoxos e contradições da ditadura. (MOTTA, 2014: 310).

Tomando en cuenta lo que el autor concluye tras su investigación, sería difícil conceptualizar como “consenso” a quienes se habrían “adecuado” a pesar de no concordar con la dictadura.

Por otro lado, casi la totalidad de los textos trabajados remiten a los análisis efectuados por historiografías extranjeras con respecto a procesos nazi-fascistas en otras partes del mundo. Principalmente, recuperan un concepto introducido por Pierre Laborie (2010) para su estudio de la resistencia francesa al nazismo: *zona cinzenta* (o “zona gris”). El mismo, utilizado conjuntamente con la idea de “pensar duplo”, refiere a las ambigüedades que se encuentran en el comportamiento y las ideas de las personas. A través del mismo, los historiadores brasileiros que estamos analizando buscan dar cuenta de un fenómeno que explicaría las formas de pensar y de actuar de la gran mayoría de la población (al que denominarán “hombre medio” u “hombre común”), rompiendo con la idea de que los polos opuestos estarían tan definidos y que la población se encontraría en uno u en otro, excluyentemente. Como parte de la intención de insertarse en una tendencia historiográfica mundial que revisa críticamente regímenes “totalitarios”,

---

<sup>457</sup> Decidimos dejar el término en portugués, puesto que no existe una traducción literal al español y cualquier interpretación nos llevaba a otras connotaciones.

también recurren al tipo de análisis realizado por R. Gellately (2011) en su libro *Apoiando Hitler* en el cual se analiza la posibilidad concreta de la instauración de una dictadura (en ese caso la nazista) con apoyo popular, lo que podría parecer un absurdo a primera vista.

Esta nueva interpretación tiene la ventaja de no homogeneizar los 21 años que separan al Golpe civil militar en 1964, del primer presidente civil electo en 1984; al respecto, existe un debate en torno a la periodización de la Dictadura. Tanto Daniel Aarão como Jorge Ferreira y Angela de Castro Gomes, así como otros autores (Samantha Viz Quadrat, Denisse Rollemberg), apuntan que la dictadura habría durado poco más de diez años: entre 1968 (Acto Institucional N°5 y recrudescimiento de la represión estatal) y 1979 (Ley de Amnistía)<sup>458</sup>. El propio Daniel Aarão explica la transición con estas palabras: “Da ditadura fez-se democracia. Cordialmente, macunamicamente, brasileiroamente” (AARÃO, 2014: 16).

Finalmente, queremos traer a consideración una idea que se repite en varios de los trabajos consultados, a pesar de no ser compartida por el conjunto. Se trata de la postulación de la defensa de la institucionalidad como valor supremo a defender incluso hoy desde los análisis históricos:

Um aprendizado deixado por esse terrível período da História do Brasil é o da importância das instituições, práticas e valores do regime democrático, por mais incompletudes que ele possa ter. A democracia deve ser um valor inegociável, pois só ela pode garantir a manutenção e avanço dos direitos da cidadania.

A democracia não é um regime perfeito e muito menos um regime de consenso. Tem sentido exatamente para dar solução, de maneira pacífica e negociada, respeitando-se as leis vigentes, aos conflitos sociais existentes: grandes, graves, demorados. Esse regime só se sustenta quando as principais forças políticas e sociais aceitam submeter seus interesses a procedimentos e valores republicanos. Em outras palavras, quando aceitam a vitória e a derrota, quase sempre parciais.

Por fim, a democracia não é um jogo cujas regras - o ‘contrato social’- são sustentadas por alguém que está fora dele. As regras do jogo são preestabelecidas e aceitas pelos participantes. A democracia se mantém se as partes em conflito consideram que vale a pena participar do jogo, cumprindo suas regras. Se não for assim, ele acaba. Como ocorreu na virada de março para abril de 1964. (FERREIRA e GOMES, 2014: 391).

---

<sup>458</sup> Adoptaremos aquí la periodización política que establece la fecha de inicio de la dictadura el 1° de abril de 1964 y la de finalización en marzo-abril de 1985 junto con la asunción de José Sarney como presidente de la República. Conociendo que existe un debate en torno a esas fechas, consideramos que no hay razones suficientes que justifiquen la adopción de otra periodización. por otra parte, mantener una clara distinción entre democracia y dictadura, sin por ello ocultar las complejidades del proceso y la naturaleza civil-militar del gobierno durante más de veinte años, es fundamental y legítimo para la lucha política y la construcción de una memoria colectiva crítica. Si bien la elección del año de 1985 *puede ser* “funcional para todos os que desejam ocultar, silenciar ou suprimir as conexões civis da ditadura” (AARÃO, 2014), no es necesariamente excluyente de una visión que considere esas conexiones.

¿Y si la democracia existente en 1964 no incluía a una amplísima mayoría del pueblo brasileiro? ¿No es válida esa pregunta para saber si el “juego” merecía ser jugado con esas reglas o si era necesario cambiar las reglas que lo sustentaban? ¿Si todavía resulta necesario cambiar esas reglas?

Para sintetizar, se condenan los análisis basados en la polaridad resistencia/ consenso y en el excesivo rol asignado a los Estados Unidos para explicar el golpe de 1964 y la posterior dictadura civil- militar. Dicha visión, cargada de una memoria que no necesariamente sería fiel a lo acontecido, existió desde la década de 1980 pero habría pasado a hegemonizar el campo historiográfico a partir de la llegada al gobierno de Lula da Silva. Discutiendo con aquella visión, a la que consideran dominante a partir de la vuelta a la democracia y a la que acusan de simplista y casi romántica del pueblo brasileiro, varios intelectuales proponen una superación o renovación que se base en estudiar las causas profundas de la posibilidad del golpe y la dictadura, encontrando cuáles fueron las bases de apoyo, consensos y complicidades civiles que permitieron que el régimen permanezca en el tiempo. Se inspiran en algunos trabajos de análisis sobre nazismo y fascismo y, en la región, se resalta la experiencia argentina, la cual pasaremos a comentar a continuación.

Hay otras memorias que, aun subordinadas, luchan por afirmarse; este es el proceso que se libra en la batalla de las ideas en lo que va del siglo XXI en Brasil. Este sería un caso en el cual la transición hacia la democracia negociada con los militares alimenta la tendencia a que los conflictos se manifiesten menos, “imponiéndose una memoria hegemónica atenuante que neutraliza las voces que claman por justicia” (NAPOLITANO, 2014: 323).

### **3-**

La crisis final de la última dictadura argentina, que podemos ubicar a partir de la Guerra de Malvinas, propició una renovación de la vida académica y universitaria en el país. Varios trabajos sobre la historiografía argentina reciente destacan el retorno a la democracia como la marca fundamental de aquella renovación (ZEITLER, 2009; SPINELLI, 2008; HORA, 2001). A su vez, coinciden en afirmar que fue a partir de 1983 cuando se produjo la profesionalización del campo académico. Los autores sostienen que durante los años ochenta hubo un cambio en las temáticas abordadas, dando ahora especial prioridad a la historia política y social, en detrimento de la económica.



El ejercicio de revisar una parte de la producción historiográfica en el contexto histórico del tránsito hacia la restauración democrática y sus primeros años de experiencia que hemos intentado, nos pone en contacto con las transformaciones operadas en la cultura política de un sector de la sociedad que se esforzaba en sacudirse el estigma autoritario, y que fue exitoso en la coyuntura. Esta transformación que marcó una reconciliación con la tradición liberal democrática se vio reflejada, en la producción de los historiadores y científicos sociales, en el giro hacia la exploración de lo político, aun cuando este giro no pueda explicarse de manera unicausal por el peso de ese presente. (SPINELLI, 2008).

Diferentemente de lo que sucedió en Brasil, donde el propio gobierno dictatorial amplió y otorgó importancia y financiamiento a las universidades e institutos de investigación, en la Argentina esto sólo fue realizado una vez terminada la dictadura, por el gobierno de la Unión Cívica Radical. Ampliando el razonamiento esbozado por R. Hora, creemos que es posible analizar la producción historiográfica en la Argentina de los últimos treinta años en términos de continuidad y acumulación. El mismo autor señalaba que

La devaluación de toda certeza (y de todo optimismo) sobre el sentido del proceso de cambio histórico, así como la crisis de la idea de que, a la vez que una actividad dotada de una legalidad propia, la producción historiográfica es también un campo de disputas sociales más vastas (una idea que signó etapas pasadas de la reflexión argentina), han propiciado una autonomización del campo historiográfico en la que el culto a la profesionalización exenta de motivaciones intelectuales más amplias ocupa un lugar central, si no dominante. (HORA, 2001: 46-47).

Este culto se ha revertido en los últimos años, coherente con la importancia histórica de la gran movilización popular que ha ganado el nombre de “Argentinazo”, a fines del año 2001. En los años previos a las jornadas y a posteriori del estallido político-social, los cuestionamientos sobre las características de ese presente en crisis y su vinculación con las herencias del pasado reciente, aproximaron las producciones académicas al conflicto abierto. Conscientes de arriesgar una hipótesis apresurada, creemos que la situación actual predominante dentro del campo académico en Brasil, presenta los terrenos del trabajo académico y la lucha política como esferas autónomas.

En una primera etapa de la historiografía argentina pos 1983, existió un predominio de la llamada “Teoría de los Dos Demonios”, cuya postulación principal es que en el período predictatorial la sociedad argentina fue víctima inocente de una guerra entre las FFAA y los grupos guerrilleros. Tal predominio estaba relacionado con el hecho de que “la memoria [...] posdictatorial determinó una forma particular de producción historiográfica cuya función social atribuida era la revaloración de la democracia y los derechos humanos” (ZEITLER, 2009). Para valorizar la democracia, se desvalorizaron las acciones armadas, acercándose esta teoría a una visión liberal de armonía entre las clases sociales dentro de un sistema político que todo lo garanti-

zaría, escondiendo en los análisis que los fundamentos económicos de tal sociedad seguían siendo los mismos, agravados incluso por el peso de una deuda externa ilegítima, creciente desempleo y fragmentación social.

Hacia mediados de la década de 1990 encontramos una etapa diferente de la historiografía, donde la historia oficial, que defendía la Teoría de los Dos Demonios, comenzaba a resquebrajarse. Las crecientes manifestaciones populares y nuevas formas de organización de la clase trabajadora desplazada, desnudando las frases hechas del neoliberalismo, fueron algunas de las razones que llevaron a la historia política a volver a pensar en aquellos militantes como lo que fueron, y no sólo como *desaparecidos*.

Como parte del avance de la lucha popular por la derogación de las leyes de Obediencia Debida y Punto Final (que institucionalizaban la teoría de los dos demonios), y más adelante por la realización de los juicios para condenar a los responsables, emergieron estudios sobre memoria que generaron un fuerte debate sobre la pertinencia de la historia oral para su abordaje.

Los estudios más recientes mantienen el interés en los temas señalados, a la vez que incorporaron la dimensión económica para poner de manifiesto las causas y objetivos profundos de la ferocidad con la que actuó la dictadura argentina. A partir de la condena y prisión efectiva de muchos de los represores militares avanzaron las investigaciones sobre las complicidades civiles en sus diferentes grados y niveles<sup>459</sup>.

En cada uno de los momentos descriptos se ha reeditado (con nuevas características, bajo diferentes condiciones, y, claro, con nuevos argumentos) la disputa por la interpretación del período y su vinculación con la actualidad.

#### 4-

Sin lugar a dudas, las producciones académicas recientes que buscaron ampliar las problemáticas vinculadas a la caracterización del último golpe militar y la dictadura en Brasil, se lo propusieron desde la necesidad de complejizar y profundizar los análisis vigentes. Surgido en parte como respuesta a una corriente que había enfatizado el aspecto de la resistencia llegando incluso a resignificar las acciones y las omisiones en ese periodo, los investigadores que citamos han colocado sobre la mesa la dificultad de explicar la permanencia de los militares en el poder si todo el mundo hubiese resistido. Por ello, han orientado su atención a la denominada “sociedad

---

<sup>459</sup> Compartimos con Victoria Basualdo (2011) las críticas a estos trabajos.

civil” y el complejo entramado de relaciones que permitiría comprender más cabalmente el fenómeno. Así como señala Victoria Basualdo (2011) para la historiografía argentina, estos estudios permitieron avanzar sobre la conceptualización de una connivencia cívico-militar, así como realizar cruces con historiografías europeas (principalmente alemana y francesa) y latinoamericanas (casi exclusivamente, argentina).

Sin embargo, en este trabajo quisimos señalar lo que consideramos son las limitaciones que presenta dicho enfoque. Por un lado, la idea de “sociedad civil” u “hombre común”, usados a veces indistintamente, homogeniza a una población en donde la diferencia de intereses, de posiciones, etc. antecede a cualquier conceptualización de la misma. El problema se aborda de mejor manera cuando el estudio se enfoca en alguna corporación en especial (una asociación de profesionales, los medios de comunicación, etc.)<sup>460</sup>, pero se vuelve difuso al centrarse “el hombre medio”. Inclusive sería ingenuo no tomar en cuenta que las opiniones de éstos se ven condicionadas<sup>461</sup> por la influencia de instituciones como las escuelas, las universidades y los medios de comunicación, también controlados (en diferentes grados, según el caso) por la alianza golpista a cargo del gobierno (ver MOTTA, 2014). En esa misma línea interpretativa, encontramos a Marcos Napolitano (2014), que afirma que aunque el régimen no se mantuvo sólo por la fuerza y la coerción, se trató de “(...) um regime complexo, muitas vezes aparentemente contraditório em suas políticas, que mobilizou vários tipos e graus de tutela autoritária sobre o corpo político e social, articulando um grande aparato legal-burocrático para institucionalizar-se, aliado à violência policial-militar mais direta” (NAPOLITANO, 2014: 12).

Vinculado a ello, es preciso problematizar la noción de “consenso” que puede existir bajo un régimen militar. El término nos remite inmediatamente a la idea de consentimiento. Resulta difícil pensar las posibilidades de manifestarse abiertamente en oposición al régimen dictatorial, salvo en casos menores o de militancia política activa o en momentos de crisis más generalizadas. Ese problema también favorece la confusión acerca de cuáles fueron las resistencias, o a qué se puede denominar como tal. De todas maneras, creemos que no se debe confundir la falta de resistencia con la aceptación del régimen.

---

<sup>460</sup> Como ejemplo citamos: PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo (2014); *As universidades e o regime militar. Cultura política brasileira e modernização autoritária*, Zahar, Rio de Janeiro.

<sup>461</sup> Aunque de ningún modo determinadas.

Tomando en cuenta los aspectos mencionados, tenemos una multiplicidad de factores y variables que inciden en el comportamiento de las personas. Si tomamos testimonios individuales, es posible que se observe esa ambigüedad marcada por los autores. Y hasta es posible que esas personas hoy analicen de diferente manera su accionar en aquel periodo. Aquí se presentan las dificultades propias de la memoria y la historia oral, terreno que preferimos dejar fuera de este trabajo. Sin embargo, es menester señalar que la utilización de “zona cinzenta” puede no resultar del todo útil. Retomando lo anterior, es posible (o seguro) que encontremos un predominio de confusión y ambigüedad en el accionar de gran parte de la sociedad. Ahora bien, ¿qué puede concluirse a partir de ello? ¿Se puede derivar el consenso? A nuestro entender, no. La realidad no es inmóvil y dentro de ella mucho menos la política. Como historiadoras creemos que nuestro deber es significar, analizar esa situación y procurar comprender cómo y por quiénes es aprovechado en una sociedad dividida<sup>462</sup>.

Por otro lado, entendemos que existe una sobrevaloración de la democracia como sistema político que es capaz de solucionar, por sí sola, los conflictos derivados de una sociedad gual. En aras de la defensa acrítica de esa institucionalización, hallamos autores que hasta terminan responsabilizando por el Golpe a actores que previo al mismo cuestionaban el orden vigente, esbozando la ya mencionada Teoría de los dos demonios. A modo de ilustración, el siguiente extracto de Ferreira y Gomes:

Um dos poucos parlamentares que defenderam Goulart foi o deputado Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas do Nordeste. Interessante, pois, até aquela data, Julião se referia a Jango utilizando termos como ‘latifundiário’ ou ‘lacaio do latifúndio’. Mas política é assim; depende da configuração de forças do momento. E, naquele momento, para as esquerdas, mesmo as que sempre o criticaram por sua ‘moderação’, era preciso defender o presidente. Razão pela qual Julião ameaçou enfrentar os golpistas mobilizando sessenta mil homens armados das Ligas Camponesas. [...] a ameaça de que milícias rurais armadas poderiam invadir Brasília jogou mais combustível na fogueira da oposição. Assim, se ainda havia deputados indecisos, eles se assustaram tanto que passaram a apoiar de vez os golpistas. Um caso exemplar de como o feitiço pode se virar contra o feiticeiro. (FERREIRA e GOMES, 2014: 362).

Los “diputados indecisos” no se decidieron porque estaban “asustados” por la amenaza del máximo dirigente de las Ligas Camponesas. ¿El hechizo se vuelve contra el hechicero? Semejante razonamiento nos llevaría rápida y peligrosamente a afirmar que la culpa de la decisión de a-

---

<sup>462</sup> Posiblemente, si concluyéramos que esa posición ambigua fue inicialmente utilizada por la dictadura, para neutralizar población plausiblemente opositora. Sin embargo, no fue lineal y crecientemente estuvo disputada por la oposición al régimen (lo que luego les ha permitido a muchos de esos individuos recrear toda una historia de resistencia y oposición).

quellos diputados que terminó de inclinar la balanza hacia los golpistas fue del líder de las Ligas Camponesas, y que, por lo tanto, el Golpe fue una consecuencia defensiva de la radicalización de las fuerzas populares de la sociedad, organizadas principalmente en torno a la lucha por las Reformas de Base.

Pero más aún, nuestra preocupación se dirige a otro aspecto de la producción. Partimos de la concepción de que no existe historia neutral, a pesar de que la academia haya con cierto éxito instalado la idea de que hay una historia que se hace y que correspondería al ámbito de la política y una historia que se escribe, ésta territorio exclusivo de los historiadores (CHESNEAUX, 1984). Pero esa escisión parte de desconocer que la historia es *también* un terreno de disputa sobre las interpretaciones y que no es ajena a la lucha de clases, y se desmorona al abrir cualquier periódico o sintonizar radios y/o programas de TV en donde constantemente se apela a lecturas sobre el pasado como citas de autoridad. Ergo, es preciso ser consciente de esta pelea y batallar porque nuestra producción como historiadores acompase la lucha de los pueblos oprimidos por una verdad que históricamente ha sido ocultada, tergiversada y negada. Desde ya, esto exige un mayor rigor científico, evitando partir de conclusiones anticipadas.

Retomando el desarrollo sobre la historiografía argentina, consideramos que la misma expresa que el recorrido realizado y los debates planteados se fueron correspondiendo en cierta medida con determinados momentos de la lucha política por la memoria, la verdad y la justicia en dicho país. Y también en función de las nuevas (o ni tanto) situaciones de crisis que atravesaba el pueblo argentino.

En particular, la historiografía que comenzó a estudiar los consensos (a pesar de los límites que ya señalamos que tiene), en ese caso pasó a tener relevancia a partir del enjuiciamiento y condena de las cúpulas militares, *principales* responsables ideológicos y materiales de los crímenes de la dictadura. El resaltado de la palabra principal reconoce que no son los únicos. Justamente, es lo que ha permitido ir a la búsqueda de los demás cómplices y beneficiarios del régimen.

En el caso brasilero, por el contrario, la Ley de Amnistía de (1979)<sup>463</sup> alcanzó a todos los involucrados del período, evitando el debate acerca de las responsabilidades a partir de los lugares de poder ocupados. Según Daniel Aarão, “O argumento tinha uma lógica e um objetivo: introduzir na Lei Da Anistia dispositivos que, de forma dissimulada, pudessem garantir uma inusi-

---

<sup>463</sup> Para los debates en torno al carácter de la Ley de Amnistía, remitimos a ALMEIDA, Anderson da Silva (2012); *Todo o Leme a Bombordo. Marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil. Da rebelião de 1964 à anistia*, Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

tada figura jurídica, a *anistia recíproca*, por meio da qual seriam anistiados, num único movimento, os torturados e os torturadores” (AARÃO, 2014: 134).

Se consolidó así la “teoría de los dos demonios”. Y no sólo en términos jurídicos, sino que también expresa lo que se ha intentado consolidar como forma de explicar los acontecimientos. Creemos que si las investigaciones se centran en las complicidades civiles, extendiéndose al conjunto de la “sociedad civil”, entonces se refuerza la idea de que de algún modo u otro, todos fueron responsables en cierto grado y medida. La línea es delgada entre los diferentes usos políticos que pueden hacerse de esos argumentos<sup>464</sup>. La generalización desdibuja responsabilidades beneficiando de hecho a los culpables.

Entendemos que cobra sentido lo que señaló oportunamente Michel De Certeau (1984), acerca de que toda indagación histórica está sujeta a las restricciones del contexto socioeconómico, político y cultural en el que se inscribe. Por todo ello, sostenemos que para que la ciencia histórica pueda avanzar en la temática sin riesgo de ser funcional a las clases dominantes, es preciso que los propios historiadores acompañen la lucha por identificar a los culpables y pelear por su condena.

## 5-

*“Para quienes no han [y nosotras no hemos] elegido el desencantamiento resignado o la reconciliación con el orden dominante, el malestar es inevitable. Probablemente la historiografía crítica se encuentre hoy bajo el signo de tal malestar. Hay que tratar de volverlo fructífero.”*

Enzo Traverso

No hemos pretendido aquí confundir la historia con la ciencia histórica, pero sí afirmar que la segunda puede acompañar, de la manera en que mejor sabe hacerlo, los movimientos y cambios de la primera. Si por un lado las sociedades de América Latina están buscando entender las dictaduras sufridas en las décadas de 1960 y 1970, juzgar a los culpables de tantos crímenes de lesa humanidad cometidos, y elaborar una memoria colectiva crítica y consciente de que aquello

---

<sup>464</sup> Por ejemplo, la publicación de notas de Daniel Aarão sobre las complicidades y el consenso en el *Jornal O Globo* en la semana de conmemoración de los 50 años del Golpe, creemos que es utilizada por el multimedio como modo de difuminar su responsabilidad  
<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/02/15/daniel-aarao-reis-as-conexoes-civis-da-ditadura-brasileira-524443.asp>

no debe suceder “Nunca Más”, al mismo tiempo es posible encontrar, dentro de las publicaciones de amplia circulación del presente año, frases como la siguiente:

Veio 1964. E de novo foram construídas interpretações para uso político, mas distantes da história. A associação do regime militar brasileiro com as ditaduras do Cone Sul (Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai) foi a principal delas. Nada mais falso. O autoritarismo aqui faz parte de uma tradição antidemocrática solidamente enraizada e que nasceu com o Positivismo, no final do Império. O desprezo pela democracia foi um espectro que rondou o nosso país durante cem anos de República. (VILLA, 2014: 10).

Si bien se trata de un trabajo de divulgación no académico, lo citamos aquí para ilustrar cómo las ideas trabajadas toman forma y permean los discursos que más habitualmente son difundidos en Brasil. Si no es posible relacionar la dictadura brasilera con las que tuvieron lugar en los demás países de América Latina en la misma década, si no es posible encontrar una ruptura y un salto cualitativo en un momento determinado en que las clases dominantes se unieron bajo aquel paraguas autoritario y antidemocrático, entonces no podremos entender nuestra propia historia. Las dictaduras en el Cono Sur utilizaron los mismos métodos aprendidos en la Escuela de las Américas (e inaugurados por Castelo Branco), en escalas diferenciadas.

Terminando este artículo, fue noticia en los diarios que el Supremo Tribunal Federal había suspendido la acción penal que recaía sobre cinco militares acusados de matar y ocultar el cadáver del diputado Rubens Paiva. La decisión se fundamentó en que iría en contra de la Ley de Amnistía de 1979<sup>465</sup>, aceptada en el proceso por el mismo Tribunal en 2010. Esa ley que fue “el bautismo institucional de la memoria hegemónica” (NAPOLITANO, 2014), continúa siendo el argumento legal de los sectores militares que no quieren ser juzgados y castigados, gracias a su validación por el Supremo Tribunal Federal en 2010. Dicha noticia, en tanto nos entristeció, nos reafirmó la importancia de debatir aquello que hemos colocado en el presente trabajo.

Estamos convencidas de que el trabajo de los historiadores e historiadoras exige un genuino intento por comprender la realidad tanto como por transformarla. Es decir, el estudio del pasado debe estar relacionado tanto con el *presente* del que forma parte, como con el *futuro* que está siendo configurado y al que está aportando a partir de la construcción de nuevos conocimientos.

---

<sup>465</sup> “STF suspende ação contra militares por morte de Rubens Paiva”, Jornal O Globo 29/9/2014. Consultado dia 29 de setembro de 2014 em <http://oglobo.globo.com/brasil/stf-suspende-acao-contra-militares-por-morte-de-rubens-paiva-14082052#ixzz3Ew3xXOzn>

### **Referencias bibliográficas**

AARÃO REIS FILHO, Daniel. Ditadura e democracia no Brasil: Do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

AARÃO REIS FILHO, Daniel. “A conexões civis da ditadura brasileira”. Publicado en el diario O Globo do dia 15/02/2014. Consultado en <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2014/02/15/daniel-aarao-reis-as-conexoes-civis-da-ditadura-brasileira-524443.asp> el 11/09/2014

ALMEIDA, Anderson da Silva. Todo o Leme a Bombordo: Marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil: Da rebelião de 1964 à anistia. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 2012.

BASUALDO, Victoria. “Nuevas aproximaciones al estudio de la última dictadura militar: sus aportes y limitaciones para la historia de la clase trabajadora”. Publicado en [http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2011/10/mesa\\_1/basualdo\\_mesa\\_1.pdf](http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2011/10/mesa_1/basualdo_mesa_1.pdf)., 2011. Consultado el 01 de septiembre de 2014.

CHESNEAUX, Jean. ¿Hacemos tabla rasa del pasado? A propósito de la historia y los historiadores. México: Siglo XXI, 1984.

COMISIÓN NACIONAL DE LA VERDAD (CNV) Informe final. 10 de diciembre de 2014. Disponible en <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/574-conheca-e-acesse-o-relatorio-final-da-cnv>. Consultado el 15/12/2014.

DE CERTEAU, Michel. “La operación histórica en Jacques LeGoff y Pierre Nora”. In: Hacer la historia. Barcelona: Laia, 1978.

FERREIRA, Jorge e GOMES, Angela de Castro. 1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GALAFASSI, Guido (compilador). Ejercicios de Hegemonía: Lecturas de la Argentina contemporánea a la luz del pensamiento de Antonio Gramsci. Buenos Aires: Ediciones Herramienta, 2011.

HORA, Roy. “Dos décadas de historiografía argentina”. In: Punto de Vista, n°69, Buenos Aires, 2001.

LABORIE, Pierre. 1940-1944. “Os franceses do pensar-duplo”. In: ROLLEMBERG, Denise y VIZ QUADRAT, Samantha (orgs.). A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.



NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do regime militar brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PATTO SÁ MOTTA, Rodrigo. As universidades e o regime militar: Cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

PRESOT, Aline. “Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964”. In: ROLLEMBERG, Denise e VIZ QUADRAT, Samantha (orgs.). A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

ROLLEMBERG, Denise e VIZ QUADRAT, Samantha (orgs.). A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

ROLLEMBERG, Denise. “As trincheiras da memória. A Associação Brasileira de Imprensa e ditadura (1964-1974)”. In: ROLLEMBERG, Denise e VIZ QUADRAT, Samantha (orgs.). A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

SADER, Emir (org.). Gramsci: Poder, política e partido. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

SPINELLI, M. Estela. “La impronta de la ‘transición democrática’ en la historiografía sobre la segunda mitad del siglo XX argentino”. In: Estudios de filosofía práctica e historia de las ideas, vol.10, n°2, Mendoza, 2008. Versión online disponible en: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-94902008000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-94902008000200002&script=sci_arttext), consultado el día 25/09/14.

TRAVERSO, Enzo. La historia como campo de batalla: Interpretar las violencias del siglo XX. 1° edición. Buenos Aires: FCE, 2008.

VILLA, Marco Antonio. Ditadura à brasileira. 1964-1985. A democracia golpeada à esquerda e à direita, Rio de Janeiro: Editora LeYa, 2014.

ZEITLER, Elías. “El campo historiográfico argentino en la democracia. Transición, profesionalización y renovación”. In: Estudios Históricos, Buenos Aires, CDHRP, n°3, 2009.

## **Militares y democracia, una puja vigente durante el gobierno de Alfonsín**

María Delicia Zurita

mariadeliciazurita@gmail.com

Centro de Investigaciones Socio Históricas. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad Nacional de La Plata.

### **Resumen**

La vuelta a la democracia en los países del Cono Sur se correspondió con el cambio de paradigma por parte de Estados Unidos que privilegió las democracias por sobre las dictaduras. La administración de Alfonsín hizo uso de todos los instrumentos para la consolidación de la democracia. Ante la búsqueda de una pronta solución al conflicto limítrofe con Chile por el canal del Beagle el presidente decidió realizar una consulta popular. Algunos sectores castrenses se mostraron reticentes a esta medida pretendiendo continuar su influencia en democracia vigilando al gobierno emergente. El propósito del trabajo reside en analizar, en primer lugar, las memorias de quienes fueron funcionarios del gobierno en la cartera de defensa y de algunos miembros de las Fuerzas Armadas en torno a la consulta popular por el Beagle. Tomando como base teórica a Marc Angenot, quien interpreta que el discurso social es un dispositivo para ocultar, para desviar la mirada, ya que sirve para legitimar y para producir consenso en segundo lugar se pretende analizar el contexto de transición a la democracia en donde convivieron el discurso social propio de la dictadura y el de la democracia.

### **Introducción**

El arribo a la democracia y las políticas empleadas por el gobierno radical de Raúl Alfonsín (1983-1989) acentuó las tensiones entre los sectores de las Fuerzas Armadas que vieron limitado su campo de acción.

La reducción de sus competencias estuvo relacionada con el cambio de paradigma por parte de Estados Unidos con respecto a América Latina, pese a que durante los años de gestión radical el país del norte era gobernado por el conservador Ronald Reagan. Este decidió fomentar la permanencia de democracias en algunos países de la región en pos de la estabilidad, pensando a esta en términos económicos y para evitar avances por parte de sectores de izquierda, por lo cual apostar al sistema de democracia liberal, en lugares en los que existían focos insurgentes era la alternativa “deseable”.

Ese escenario coincidió con el restablecimiento de la democracia en Argentina y el avance del poder político civil por sobre el poder militar, que se había arrogado una suerte de rol de partido único al gobernar el país a través de una dictadura que pretendía continuar su influencia en democracia vigilando al gobierno emergente.

Sin embargo, Alfonsín llevó adelante una serie de reformas que alentaron el malestar castrense: avanzó en el juicio a las Juntas; pasó a retiro a una gran cantidad de oficiales con el objetivo de desestructurar el ímpetu represivo; y reformó el código militar, estableciendo que el jefe de las Fuerzas Armadas era el presidente de la Nación, quedando éstas bajo control del Ejecutivo. A su vez, la Doctrina de Seguridad Nacional fue reemplazada por la de Defensa Nacional. Por ende, la intervención militar quedaba circunscripta a cuestiones de agresión extranjera o defensa bajo solicitud del Ejecutivo, que era electo mediante el voto popular limitando el autogobierno de las Fuerzas y su intención de gobernar el Estado.

La administración de Alfonsín hizo uso de todos los instrumentos para la consolidación de la democracia. Ante la búsqueda de una pronta solución al conflicto limítrofe con Chile por el canal del Beagle el presidente decidió realizar una consulta popular.

Algunos sectores castrenses se mostraron reticentes a esta medida pretendiendo continuar su influencia en democracia vigilando al gobierno emergente.

El propósito del trabajo reside en analizar, en primer lugar, las memorias de quienes fueron funcionarios del gobierno en la cartera de defensa y de algunos miembros de las Fuerzas Armadas en torno a la consulta popular por el Beagle. Tomando como base teórica a Marc Angenot en segundo lugar se pretende analizar el contexto de transición a la democracia en donde convivieron el discurso social propio de la dictadura y el de la democracia.

### **La coyuntura externa: Reagan y la necesidad de las democracias en América Latina**

Para analizar el cambio de perspectiva que desde la óptica norteamericana se produjo a mediados de los años setenta y que repercutió en un nuevo paradigma de la política exterior estadounidense, se tomará en cuenta el análisis que Horacio Verbitsky hace en “Civiles y militares. Memoria secreta de la transición”. (Verbitsky, 1987)

El trabajo de Verbitsky, a su vez, se basa en la interpretación que el académico chileno Luis Maira hace sobre el período en cuestión. Según su tesis, el cambio de paradigma estadounidense respondió a la inutilidad que tenía para los intereses de EEUU la aplicación de la Doctrina de Seguridad Nacional. En su reemplazo, funcionarios de la sección de Asuntos Interamericanos del Depar-

tamento de Estado norteamericano consideraron que las dictaduras latinoamericanas digitadas por la política de Henry Kissinger “no constituían soluciones estables que defendieran los intereses estratégicos de Estados Unidos en el hemisferio”. Desde esta perspectiva recomendaban una “democracia intermedia” entre las democracias liberales y las dictaduras militares. Este modelo fue definido por los especialistas del Departamento de Estado Frank Devine y Henry Schlaudeman, modelo al que denominaron “democracias viables”. (Verbitsky, 1987: 156)

La aplicación de la doctrina de las “democracias viables” encajaba en un país en donde “el peligro de la amenaza socialista” había sido arrasado por el accionar de la dictadura. De hecho, uno de los creadores de dicha doctrina fue designado por la administración Reagan como embajador de la Argentina en el período de la transición, Henry Schlaudeman. Una democracia liberal pro-occidental resultaba ideal para el Departamento de Estado norteamericano y el gobierno de Alfonsín se adecuó a estos parámetros.

### **La consulta en el marco de la “transición a la democracia”**

Con el gobierno comenzaba la “transición a la democracia”, un período de cambios que la sociedad argentina en su conjunto debía transitar para salir del “proceso”.

Una etapa de transición política en una sociedad da cuenta de un período en el que las características del sistema anterior persisten aunque debilitadas y conviven con las características propias del nuevo sistema. La transición a la democracia en nuestro país fue un proceso lento y complejo y el nuevo gobierno que tenía el consenso mayoritario de la población debía sortear la dificultad de conciliar con los distintos sectores de la sociedad para tratar de dejar a todos conformes.

Esta transición presentaba una particularidad que no habían tenido las anteriores: la última dictadura militar buscó la salida democrática cuando ya estaba completamente desacreditada por gran parte de la población del país y por el resto del mundo que denunciaba la violación a los derechos humanos. El “nunca más” estaba presente y marcaba fuertemente esta nueva etapa que se inauguraba en 1983.

En este sentido, resulta pertinente la apreciación al respecto que hace Guillermo O’ Donnell sobre la época en donde reflexiona sobre las dificultades que se presentan en nuestro país para el establecimiento de gobiernos democráticos y que esto es una herencia de antaño. Según su opinión desde que perdió en el campo electoral y otros sectores, radicales y peronistas se hicieron cargo del gobierno, la derecha jugó con “deslealtad” el juego democrático. Una muestra de esto fueron

los diversos ataques de escepticismo que tuvo hacia la democracia, cuando otra fuerza política llevaba las riendas del gobierno. (O' Donnell, 1984: 24)

En 1983 con el advenimiento de la democracia la administración de Alfonsín comenzó a hacer uso de todos los instrumentos y mecanismos que validen ese sistema en pos de su consolidación. Por este motivo, ante la búsqueda de una pronta solución al conflicto limítrofe con Chile por el canal del Beagle el reciente presidente concluyó en el mes de julio de 1984 que era el pueblo quien debía decidir si estaba de acuerdo o no con la firma de un tratado de paz con Chile a través de una consulta popular. La intención no sólo de firmar un acuerdo de paz con Chile sino de hacer al pueblo partícipe de su decisión definitiva da cuenta del respeto por los valores democráticos para la solución de conflictos. Como indica Gabriel Vommaro "...la abundante literatura 'transitológica' ha situado la cuestión de la incertidumbre política como un rasgo central de las coyunturas de apertura democrática y de retorno de las elecciones...". (Vommaro, 2006: 246) Lo que sí se sabía es que esta iba a ser una transición distinta, en donde la defensa de la democracia sería el objeto primero de su gobierno. En este sentido "...el discurso y la propuesta política del presidente electo, Raúl Alfonsín, jugaría un rol importante al respecto: la apelación a la democracia como la forma más legítima de resolución de problemas y conflictos, su significación como valor en sí mismo, son en este sentido factores centrales". (Vommaro, 2006: 262)

La realización de la consulta generó numerosas controversias, ya que los sectores más conservadores de la sociedad mostraron oposición, no sólo al Tratado de Paz sino también a la realización de la consulta. Entre otros, abogados constitucionalistas, militares, algunos sectores de la prensa y la oposición liderada por los peronistas estaban en desacuerdo. Las opiniones a favor y en contra fueron expresadas en los medios de comunicación.

No es casual que la decisión de consultar al pueblo por parte de Alfonsín haya encontrado voces opositoras más ligadas a los gobiernos autoritarios que a los democráticos. Una muestra de ello fueron las opiniones de militares que habían formado parte de los gobiernos de facto. Los acuerdos y desacuerdos que se suscitaron alrededor de la consulta dieron muestra de que se estaba llevando a cabo una etapa de transición, no sólo porque las discusiones en torno de la consulta se hicieron durante 1984, el primer año de la administración radical, sino porque todavía no estaba completamente aceptada la utilización de los mecanismos democráticos. El uso de ellos podía ser considerado como un "abuso" por parte de los sectores más tradicionales y conservadores de la sociedad.

La consulta, un instrumento nunca utilizado en nuestro país, puso en evidencia nuevamente al escepticismo que la derecha históricamente había tenido para con la democracia a la que hacía alusión O' Donnell.

Es en este sentido que la propuesta de tesis reside en plantear, a partir de la posición ambivalente que mostraba más rechazo que puntos a favor respecto a la realización de la consulta popular, cuál fue la postura que de los sectores más conservadores, que pueden ser considerados de “derecha” tomaron frente a este mecanismo nunca antes utilizado en nuestro país.

En “La transición entre la confrontación y el acuerdo” Juan Carlos Portantiero expresa los embates que tuvo que enfrentar el gobierno de Alfonsín en el proceso de transición hacia la democracia. Asimismo sostiene que la transición argentina “...es el resultado de una retirada desordenada pero no total de las fuerzas armadas, que culmina en elecciones generales, en medio de una crisis general de acumulación... En estas condiciones, la transición en la Argentina está obligada a abrirse en una doble dimensión: transformar a un régimen autoritario en uno democrático y poner los basamentos de un nuevo régimen social de acumulación...”. (Portantiero, 1987: 260)

Como lo indica Portantiero cuando hablamos de transición “...no se trata de un acto único sino de un proceso, extendido en el tiempo, cuya primera fase es el inicio de la descomposición de un régimen político autoritario, su segunda la instalación de un régimen político democrático, que se continúa en un tercer momento en el cual, en medio de fuertes tensiones, se procura consolidar al nuevo régimen”. (Portantiero, 1987: 262)

Una vez que asumió el gobierno radical tuvo una doble tarea. Por un lado, defender las reglas del juego democrático en un país en donde las mismas estaban desdibujadas; por otro, consensuar con los distintos actores políticos y resolver los temas de agenda tanto a nivel nacional como internacional legados del gobierno anterior.

Partiendo del análisis que Oscar Oszlak hizo de la transición, es pertinente resaltar que la recepción negativa que tuvieron los sectores conservadores para con la realización y resultados de la consulta popular respondió a los parámetros que habían sido planteados durante la época de la dictadura. Como lo indica Oszlak durante la última dictadura militar los “... amigos del Proceso pasaron a ser los verdaderos artífices de la política (...) Con el desmembramiento y la atomización de la sociedad, con la supresión de las mediaciones institucionales, los ‘puentes’ tradicionales entre la sociedad civil y el Estado fueron así reemplazados por túneles y redes subterráneos que importaban la sustitución del juego democrático por una política de camarillas”. (Oszlak, 1984: 40) Entonces, cuando las prácticas democráticas, las mediaciones institucionales y los puentes entre el Estado y la sociedad civil vuelven a construirse, los actores sociales más emparentados con las

prácticas llevadas a cabo en la etapa inmediatamente anterior no las comparten. En este sentido la consulta era el “puente” entre la sociedad civil y el Estado que los “amigos del Proceso” no querían que se trace. En un contexto de transición en donde surgen nuevos “patrones de participación política que complementan o cuestionan -pero en todo caso innovan- respecto de los canales tradicionales de representación”. (Oszlak, 1984: 42)

El gobierno de Alfonsín recorría la dicotomía autoritarismo/democracia. Su desafío era dejar atrás los mecanismos autoritarios que desde los años '30 habían ingresado en la política y en la sociedad para darle paso a la defensa de la democracia en todas sus acepciones y al respeto de los valores democráticos. Esto implicaba el total ejercicio de los instrumentos para hacer cumplir la democracia y se manifestó con el debate por la consulta popular en 1984.

### **El discurso como “arma”**

Para reflexionar en torno a cómo la consulta popular evidenció la puja entre dos formas de concebir el mundo y la política exterior, la de las Fuerzas Armadas y de los funcionarios radicales, el trabajo de Marc Angenot “El discurso social” sirve como modelo analítico.

Teniendo en cuenta que no se puede reflexionar sobre las ideas si no se tiene en cuenta las condiciones sociohistóricas en las que estas fueron pensadas, el lenguaje oral o escrito constituyen fuentes materiales de información. En este trabajo nos enfocaremos en las memorias de los miembros de las Fuerzas Armadas de publicaciones que fueron escritas algunas al calor de los años ochenta, otras entre diez y treinta años después de acontecida la consulta.

Como sostiene Angenot

En todas las épocas reina una hegemonía de lo pensable (no una coherencia, sino una cointeligibilidad) (...) no hay historia “material”, concreta, económica, política o militar sin ideas inextricables puestas en discurso, que informan las convicciones, las decisiones, las prácticas y las instituciones, a las que a menudo se subordinan los intereses “concretos” y que procuran a la vez a los actores un mandato de vida y el sentido de sus acciones (...) Las ideas que predominan en un momento dado son, a la vez, producto de una larga historia y (...) deben estar inscriptas en “contextos” sucesivos, en medios e instituciones que las adoptan, las adaptan y hacen algo con ellas. (Angenot, 2010: 17)

Argentina, como el resto de los países latinoamericanos que tuvieron sus independencias entre la primera y la segunda década del siglo XIX, vivió el proceso de conformación del Estado-Nación hacia finales de esa centuria. En esta coyuntura, luego de una larga etapa de guerras civiles en la que las milicias fueron las protagonistas, la creación de las Fuerzas Armadas se constituye-

ron como parte de un ejército permanente cuya función era defender al país en caso de agresiones externas.

Desde ese entonces los militares se fueron identificando con la política y fueron aumentando su peso en la estructura de los gobiernos, formando una alianza con el clero católico y la oligarquía terrateniente. (Milenky, 1978, Rouquié, 1986, McGee Deutsch, 2005). Lograron hacerse con el poder político en 1930 y alternadamente fueron ocupando la casa rosada cuando consideraban que sus intereses eran amenazados, convirtiéndose en

“verdaderos sujetos de poder, en actores que contaban con un alto y creciente grado de *autonomía política* y de *corporativización institucional* dentro del escenario nacional. Su intervención política tuvo variadas modalidades de expresión que abarcaron desde el ejercicio de formas de arbitraje en las pujas políticas partidarias y sociales hasta el posicionamiento como factor de poder de fuerzas políticas locales, o como grupo de presión contra sectores políticos y gubernamentales adversos” (Sain, 2010: 60)

teniendo un rol central dentro la estructura decisoria de los gobiernos hasta entrados los años setenta.

Tradicionalmente en el discurso de los militares prima el aspecto geopolítico y la defensa de las hipótesis de conflicto o de guerra (HHG) con los países vecinos.

Las HHG son propias de la idiosincrasia de las Fuerzas Armadas para quienes constituyen un análisis profesional y técnico sobre las posibles regiones que pueden traer dificultades y consecuencias negativas en un futuro para la defensa del país. De hecho son pensadas como una herramienta que debe ser tenida en cuenta para que un Estado tome las mejores soluciones político-estratégicas. Así son consideradas como la “base de todo el sistema de defensa”. No existe política de defensa sin hipótesis de conflicto. (Lobaiza, 1997: 90)

En el mundo de la Guerra Fría, el discurso social de los militares estaba impregnado por las amenazas que imponía el escenario bipolar y la visión del mundo desde la lógica Este/Oeste que en la práctica se traducía en la importancia otorgada a las hipótesis de conflicto.

La vuelta a la democracia en 1983 era distinta para los militares en relación al final de los anteriores golpes de Estado en dos sentidos. Por un lado, porque era la primera vez que el cambio de sistema político era acompañado por la pérdida del consenso de gran parte de la sociedad, ante las denuncias por violaciones a los derechos humanos; y, por otro, las consecuencias por la derrota en Malvinas, que hizo evidente la falta de profesionalización de los militares sumado al descontento por la muerte de jóvenes en combate.



Alfonsín representó los intereses de gran parte de la sociedad y buscó por todos los medios la defensa de los valores democráticos tanto en las medidas que tomó en la política interna como en la política externa. Como integrante de la Unión Cívica Radical adhirió al ideario “krausista”<sup>466</sup> que apelaba en primer lugar a la idea de democracia, como expresión de la soberanía popular de la participación. La concepción del ser humano como ser para la libertad y con la solidaria armonización del individuo con las necesidades de la sociedad en su conjunto. En segundo lugar a la idea de nación y de las relaciones de las naciones entre sí, como articulación de soberanías internas, de libre asociación de autonomías, partiendo de la sacralización de los hombres y de los pueblos. En tercer lugar a algo que está muy arraigado en el pensamiento radical, que es la concepción de armonía social, del diálogo, de la tolerancia, de la pacífica superación de los conflictos y de un humanismo pacifista.<sup>467</sup>

Este ideario del partido estuvo presente desde los primeros tiempos del gobierno de Alfonsín que se alejó de la mirada de la política exterior que tuvo la cancillería argentina durante la última dictadura cívico- militar.

Transcurrían los primeros meses del gobierno y Alfonsín gozaba de una enorme popularidad. Se reconocía en su persona una gran capacidad de iniciativa. En él la sociedad depositaba todas las expectativas, las cuales no pueden escindirse del significado que para gran parte constituía la vuelta a la democracia.

En 1983 comienza un nuevo “tiempo” también para el relacionamiento externo que concibió al mundo desde las coordenadas Norte- Sur priorizando las cuestiones económicas como las que marcan el enfrentamiento entre países desarrollados y subdesarrollados, más que las cuestiones ideológicas. (Simonoff, 1997)

El proceso de la consulta popular manifestaba la resolución del conflicto mediante procesos dialoguistas o de búsqueda de consensos. De esta manera, Alfonsín se aleja de la posición belicista que planteaban las grandes potencias dejando atrás la lógica del gobierno militar que lo precedió del conflicto permanente.

Respecto del posicionamiento de nuestro país en el contexto bipolar, la gestión de Alfonsín intentó un mayor acercamiento hacia Europa Occidental y el fomento de la integración latinoamericana a fin de fortalecer a la región en el marco del conflicto bipolar y en vistas al futuro.

---

<sup>466</sup> El radicalismo adhiere al pensamiento del filósofo Karl Krause (1781 -1832).

<sup>467</sup> En <http://www.ucr.gov.ar>

El gobierno de Alfonsín se caracterizó entonces por la defensa de la autonomía de Latinoamérica, como región del Tercer Mundo, reconociendo el poderío de ambas potencias que caracterizaron el conflicto bipolar y manteniendo vínculos diplomáticos y comerciales pero realizando políticas que tuvieron un margen de autonomía en los años de la Segunda Guerra Fría<sup>468</sup>.

El cambio de perspectiva en política exterior tuvo su correlato en relación al rol que las Fuerzas Armadas debían ocupar en el gobierno. Las decisiones tomadas por el presidente Alfonsín, los ministros de Defensa y de Relaciones Exteriores, junto al resto de los funcionarios, estuvieron mediadas por una “negociación constante” con las Fuerzas Armadas.

En la política de defensa del ideario radical no existían las hipótesis de conflicto que sí eran consideradas ineludibles en el diseño de cualquier esquema geopolítico estratégico de las Fuerzas Armadas.

Siguiendo el análisis de Angenot es a través de la observación de lo que se dice y lo que se escribe en una sociedad determinada se pueden desentrañar sus reglas, esquemas cognitivos y normas a través de la búsqueda de regularidades, de previsibilidades, de elementos y dispositivos que aparecen con recurrencia en los discursos de los distintos actores sociales y que podrían ayudarnos a desentrañar su visión del mundo. (Angenot, 2010: 23)

Estas regularidades o también denominadas “dominancias discursivas” a las que alude Angenot aparecen en los discursos de los militares, respecto a la necesidad de las hipótesis de conflicto mientras que en el caso de los militares y de la defensa de la democracia para los funcionarios radicales. (Angenot, 2010: 29)

Estas dominancias discursivas “trascienden” la división de los discursos sociales y se convierten en “hegemónicas”. Como sostiene Angenot “La hegemonía que abordaremos aquí es la que se

---

<sup>468</sup> Según la clasificación que Fred Halliday realiza de la Guerra Fría podemos decir que la misma se divide en cuatro etapas centradas en el análisis de la relaciones Estados Unidos- URSS: Fase 1, la Primera Guerra Fría, 1946- 1953: 1953, esta primera fase tiene su culminación tanto por la muerte de Stalin (lo que desestabiliza internamente al bloque soviético), como por la elección de Eisenhower (visto como la promesa que saldaría el conflicto en Oriente).; Fase 2, el período de antagonismo oscilatorio, 1953-1969: Situado entre la Primera Guerra Fría, caracterizada por una confrontación estática y el período de distensión, esencialmente de negociación; Fase 3, distensión, 1969- 1979: Durante la misma, las tensiones no revisten mayor importancia y puede observarse un aflojamiento de la puja Este- Oeste. Esta se reflejó en una marcada reducción de la carrera armamentista y en una tendencia a la tolerancia del “otro” orden social y Fase 4, la Segunda Guerra Fría, desde 1979 en adelante: Esta etapa estuvo signada nuevamente por una fuerte tendencia ideológica que giraba en torno de considerar al enemigo como una amenaza para toda la humanidad (los norteamericanos llegaron a relacionar a la URSS con el terrorismo internacional, a exagerar su capacidad militar y hasta deshumanizar a sus líderes políticos, mientras que los soviéticos mantuvieron una línea relativamente homogénea en cuanto a sus acusaciones del régimen capitalista, sumado a un fuerte control de la prensa).

establece en el discurso social, es decir, en la manera en que una sociedad dada se objetiva en textos, en escritos (y también en géneros orales) (...) la hegemonía discursiva sólo es un elemento de una hegemonía cultural más abarcadora, que establece la legitimidad y el sentido de los diversos “estilos de vida”, de las costumbres, actitudes y “mentalidades” que parecen manifestar”. (Angenot, 2010: 30)

Angenot aclara que no llama

hegemonía al conjunto de esquemas discursivos, temas, ideas e ideologías que prevalecen, predominan, o tienen el más alto grado de legitimidad en el discurso social global o en alguno de sus actores. La hegemonía es, más bien, el conjunto de “repertorios” y reglas y la topología de los “estatus” que confieren a esas entidades discursivas posiciones de influencia y prestigio, y les procuran estilos, formas, microrrelatos y argumentos que contribuyen a su aceptabilidad. (Angenot, 2010: 30)

En relación a este trabajo las reflexiones de Angenot nos llevan a conocer cómo era la producción de sentido y las representaciones del mundo propias de los militares y de los funcionarios radicales en esta etapa de transición a la democracia planteando los siguientes interrogantes: ¿cuál era el discurso social de los funcionarios radicales y cuál el de los militares en 1984 al momento de realizarse la consulta popular?, ¿cuáles fueron los dispositivos utilizados por cada uno de estos actores sociales? y ¿cómo puede influir el paso del tiempo en los discursos que circulan en una sociedad?

### **La memoria de los actores**

En los últimos años ha habido una proliferación de trabajos en torno al análisis de la historia reciente. Como parte de este desarrollo la historia oral a través de la figura de los “testigos” han tomado relevancia ya que a través de sus dichos y memorias pueden dar cuenta de su experiencia vivida.

Como la memoria está en constante construcción el historiador debe inscribirla y contrastarla con el resto de los componentes de la sociedad que está analizando y del proceso histórico que está investigando, en particular contribuyendo a la formación de la memoria colectiva. Para ello su tarea consiste, además, en desmitificar aquellas memorias que, utilizando los términos de Traverso, podrían denominarse “fuertes”. Es decir, aquellas memorias que lograron subsistir con el correr de los años imponiéndose sobre las “otras” memorias más débiles. (Traverso, 2007: 88)

A partir de esta reflexión de Traverso resulta pertinente destacar el concepto de “memorias en disputa” que ha trabajado Ludmila Da Silva Catela. El mismo lleva a reflexionar sobre algunos

interrogantes: “¿qué cosas se recuerdan y cuáles se olvidan?, ¿quiénes luchan para mantenerlas en el recuerdo, en el olvido o en el silencio?” (Da Silva Catela, 2010: 102) Al interior de cada cuerpo social como pueden ser la familia, las instituciones y en ámbitos de gestión pública, los individuos tienen distintos pasados y distintas memorias, memorias en disputa.

Cada una de las memorias está condicionada por quienes las portan en función al lugar o posición que ocupaban esos individuos en las instituciones del gobierno nacional, en el caso de nuestro objeto de estudio los miembros de la cartera de Defensa o de las Fuerzas Armadas.

Puede haber una intencionalidad por parte de los actores de presentar una versión del pasado que quieran imponer como la “oficial” o la “única” con el propósito de que sea naturalizada y pase a formar parte del sentido común de esa sociedad. Para no caer en estas concepciones hay que tomar conciencia que el recuerdo está sujeto a los intereses que los portadores de las memorias tienen en el presente. La revisión de los sucesos vivenciados en el pasado reciente no tiene fin ya que lo que puede ser recordado por uno puede ser combatido por otro. Esto demuestra que “la memoria siempre permanece abierta” y es un proceso en constante construcción como indica Elisabeth Jelin. (Jelin, 2007: 308)

En el caso de los militares los testimonios de Etcheverry Boneo y de Díaz Bessone dan cuenta de la necesidad de contar “su verdad” dando a entender que la sociedad fue engañada ya que no se le habían transmitido los hechos “tal como ocurrieron”. Reconocen como “impuras” a las voces que no provienen del interior de la familia militar. Estas memorias son de corto alcance y no han logrado trascender más allá del propio ámbito de las Fuerzas Armadas en contraposición con la memoria oficial dominante que ha tenido gran visibilidad en el espacio público. Así estas memorias tienen un sentido reivindicatorio respecto del accionar de los militares ante determinadas coyunturas históricas.

En contraposición las memorias de los funcionarios radicales representan el discurso que ha prevalecido en la memoria oficial y que se mantuvo en la esfera pública desde 1984 al considerar la realización de la consulta y la paz con Chile como un logro de la política exterior de Alfonsín.

A continuación analizaremos cómo estas memorias, de los militares y de los funcionarios radicales son las resultantes del discurso social de la época y cómo puede decirse que sus ideas eran “de su tiempo”. (Angenot, 2010: 31)

### **El discurso social de los militares: la primacía de la geopolítica**

Luego de 1983 sin la posibilidad de accionar de manera directa sobre el Estado, la intervención de las ideas militares eran retomadas por algunos partidos y circulaban en diversos medios. La discu-

sión planteada por los sectores castrenses pueden verse en publicaciones institucionales, entre ellas la Revista Militar.

Esta publicación, que pertenece al Círculo Militar y comenzó a editarse en 1983 y aún se imprime, puede tomarse como un corpus de estudio en sí mismo. En este trabajo tomaremos algunas declaraciones desde donde se evaluará el discurso de los militares respecto de sus lecturas del escenario mundial por aquellos años. Esta forma de ver el mundo respondía al análisis que al interior de las fuerzas se constituyó en hegemónico, en el sentido expresado por Angenot, como “el conjunto complejo de las diversas normas e imposiciones (...) [que] <sup>469</sup> debe describirse formalmente como un “canon de reglas” y de imposiciones legitimadoras y, socialmente, como un instrumento de control social, como una *vasta sinergia* de poderes, restricciones y medios de exclusión ligados a arbitrarios formales y temáticos”. (Angenot, 2010: 32)

Los por ese entonces coroneles Romero y Maldonado coinciden en señalar que “la nueva Doctrina [establecida por el gobierno radical] <sup>470</sup> establece cambios impregnados por políticas extranjeras”. (Romero y Maldonado, 1988: 63-65)

El análisis que Romero y Maldonado hacen de los parámetros con los que se manejaba la política exterior de Alfonsín muestran la disconformidad de los coroneles que seguían viendo los “peligros” a los que estaba expuesto nuestro país que “con la nueva doctrina” que respondía a intereses de “políticas extranjeras” en detrimento de la defensa de “lo nacional”.

Al tiempo que puede evidenciarse un desprecio por lo popular cuando el militar Villegas manifiesta que “la presencia del gobierno actual es culpa del pueblo, ya que no conecta lo diplomático con lo geopolítico, porque existe la amenaza de expansionismo soviético”. (Villegas, 1985: 9)

En la mirada de Villegas existen las dominancias discursivas a la que se refiere Angenot cuando coincide con Romero y Maldonado en manifestar la intromisión de intereses extranjeros y evidenciar la existencia de la amenaza “soviética” sobre nuestro país.

A comienzos de 1984, cuando se habían iniciado las negociaciones entre Argentina y Chile fue consultado por el matutino de tirada nacional “La Nación”, Isaac Rojas <sup>471</sup>. Este último consideraba que Alfonsín había cometido “un craso error” al reconocer en el país trasandino durante su campaña presidencial que “las islas Picton, Nueva y Lennox están en el canal de Beagle”, como lo

---

<sup>469</sup> El [que] fue agregado por la autora del presente trabajo.

<sup>470</sup> La frase [establecida por el gobierno radical] fue agregada por la autora del presente trabajo.

<sup>471</sup> Fue vicepresidente de Argentina durante la “Revolución Libertadora” 1955-58, gobierno de facto que derrocó a Juan Domingo Perón en septiembre de 1955.

indican los chilenos, cuando en realidad pertenecen al Atlántico Sur y en consecuencia tendrían soberanía argentina. (La Nación, 1984:5) Mientras que para Roberto Marcelo Levingston<sup>472</sup>, la negociación a través del principio bioceánico que proponían los radicales significaba “la cesión de los derechos argentinos en el océano Pacífico”. Además añadió que el tema debía ser “debatido con amplitud por la comunidad nacional, antes de la firma de cualquier acuerdo preliminar que pueda hacerse”. (La Nación, 1984:5)

Ricardo Etcheverry Boneo<sup>473</sup> también dio su opinión como miembro de la delegación argentina que estuvo a cargo de las negociaciones con Chile hasta el comienzo del gobierno de Alfonsín. Desde su perspectiva la fundamentación argentina en el proceso de mediación y hasta el año 1984 tuvo como propósito afirmar la vigencia del principio rector Atlántico-Pacífico siguiendo el principio ordenador de las relaciones entre la Argentina y Chile desde el siglo XIX. El proceso de mediación se encontraba en desarrollo tanto que se estaba en camino de llegar a un acuerdo “aceptable y honorable” para nuestro país al asumir Alfonsín. (Etcheverry Boneo, 2000: 160)

Sin embargo, hacia enero de 1984 el poder Ejecutivo cambió radicalmente la modalidad negociadora. Etcheverry Boneo pasó de Jefe de la Misión ante la Santa Sede a ser asesor de la misma. La nueva orientación del gobierno respondía a obtener una rápida solución a la mediación. Para Etcheverry Boneo la ansiedad malogró todo intento de lograr un acuerdo que fuera favorable para Argentina. Se buscó un resultado a “cualquier costo” para mostrar a la opinión pública el “éxito de la diplomacia radical”. (Etcheverry Boneo, 2000: 164)

La totalidad de las opiniones de Etcheverry Boneo fueron extraídas de un libro denominado “Canal de Beagle. Crónica de una mediación”. Esta publicación data del año 2000. Entre los motivos para la realización de la misma el antiguo miembro de la delegación argentina indica: “Pretendo llenar un vacío existente dado que nunca se registró en los dieciséis años transcurridos desde la finalización de la Mediación, un trabajo de investigación serio, privado u oficial, que ilustrara a la opinión pública sobre lo sucedido con un problema en el que tuvo participación activa y decisiva mediante el plebiscito al que fuera convocada. Debe tenerse en cuenta que la Mediación culminó con el Tratado de Paz y Amistad, que el improvisado plebiscito impulsara para que fuera aprobado

---

<sup>472</sup> Fue presidente de Argentina durante la “Revolución Argentina” 1970-71, gobierno de facto que derrocó a Arturo Illia en junio de 1966.

<sup>473</sup> Fue nombrado en 1978 Embajador Extraordinario y Plenipotenciario y Jefe de la Delegación Argentina en las Negociaciones de la Comisión Mixta N° 2 con Chile. Al año siguiente fue acreditado ante la Santa Sede como Jefe Alternativo y luego titular de la Misión Argentina en la mediación Juan Pablo II por la zona austral.

por el Congreso, lo que significó para la nación asumir un compromiso de por vida”. (Etcheverry Boneo, 2000: 9-10)

Quien también hizo referencia a la consulta popular por el Beagle fue el General de División Ramón Díaz Bessone. En “Testimonio de una década” (1996) publicado por el Círculo Militar Díaz Bessone compiló una serie de artículos que publicó en diversos matutinos de tirada nacional entre 1984 y 1995. Entre otros temas se refirió a la disputa territorial existente entre nuestro país y Chile por los Hielos Continentales. En 1992 publicó en el diario La Prensa un artículo en donde expresa su descontento ante “la sesión de soberanía” que constituyó el Beagle, lo que le permitió a Chile “salir al Atlántico y controlar todos los pasos interoceánicos”. Refiriéndose al conflicto por los Hielos pero también al Beagle consideraba que esos territorios tenían un valor económico porque “si Chile lo ambiciona es porque vale”. Respecto a la consulta popular indicó, comparando ambos conflictos limítrofes, que “como en el caso del Beagle vuelve a agitarse el fantasma de la guerra o la paz. Afortunadamente no hemos sido llamados a un plebiscito tramposo en esta oportunidad”. (Díaz Bessone, 1996: 184)

Podemos observar la preponderancia en el discurso social de estos militares del aspecto geopolítico o en considerar a la consulta popular “un plebiscito improvisado y tramposo” como evidencian las fuentes como dominancias discursivas parafraseando a Angenot. Aunque también hay disonancias por ejemplo en las opiniones que tienen respecto de “lo popular” mientras que Villegas tiene un comentario despectivo del pueblo al que responsabiliza por haber elegido a Alfonsín, Levingston lo incluye para debatir antes de llevar a cabo cualquier resolución con el país vecino. La terminología utilizada por los militares da cuenta de determinadas temáticas que a lo largo de la existencia de las Fuerzas Armadas como institución legitimaron su accionar, organizando paradigmáticamente su visión del mundo y la creación de un sistema de valores que incluye entre otros la defensa de la “nación” ante las “amenazas extranjeras”. La realización de previsiones para el futuro quedan evidenciadas en la existencia de un peligro “permanente” en el que se encontraría nuestro país si continuaba con las políticas propuestas por los radicales.

### **El discurso social de los funcionarios radicales: la “defensa de la democracia”**

La entrevista a Dante Caputo<sup>474</sup> que la Revista América Latina/Internacional (FLACSO) hizo en julio de 1989 resulta clave a la hora de conocer en primera persona cuál fue la lectura del escenario mundial que los radicales hicieron al comenzar la gestión en diciembre de 1983.

Una de las prioridades en materia de política exterior fue lograr la “inserción internacional” ya que Argentina estaba “aislada del contexto mundial” y había perdido “la reinserción política y económica desde 1930”. Caputo sostiene que “el manejo de las Relaciones Exteriores estaba muy vinculado a pequeños grupos de presión y de poder”. En este escenario “Argentina necesitaba utilizar el vínculo con el mundo para consolidar la democracia y promover su desarrollo”. (Caputo, 1989: 260)

Con este diagnóstico las prioridades de Alfonsín en política exterior fueron: “hacer una política realista conociendo los límites, posibilidades e intereses argentinos, basada en la idea de independencia y sus tres elementos básicos fueron: el vínculo exterior como creador de la transformación, la independencia como condición para el vínculo y el vínculo como protector de la democracia”. (Caputo, 1989: 260)

Cuenta Caputo que desconectar a la Argentina de la lógica bipolar Este/Oeste llevó el primer año y medio de gestión y llegar a un acuerdo por el Beagle era un paso importante en este sentido. El ex canciller destaca las palabras que Alfonsín le dijo en aquel momento: "Mire, si este tema no lo cierra la sociedad argentina, el año que viene estamos discutiendo lo mismo... más allá de la mediación papal, si esto no lo cierra una consulta no termina más". (Caputo, 2009: s.p)<sup>475</sup>

Federico Storani, diputado radical<sup>476</sup>, recuerda que para Alfonsín “quien tenían mala imagen en el exterior era la dictadura militar no el pueblo argentino” y que el presidente pidió una enorme reserva para “poder desarrollar en un tiempo prudencial una campaña de esclarecimiento para que fuera el pueblo finalmente el que decidiera y que produjera una fuerza moral de convencimiento tan poderosa, tan potente, que costara muchísimo a los legisladores decir que no” ya que el Congreso tenía la potestad de aprobar o no los Tratados de Paz que firmaba el poder ejecutivo. (Storani, 2010)

---

<sup>474</sup> Dante Caputo fue Ministro de Relaciones Exteriores del gobierno de Raúl Alfonsín durante gran parte de su gobierno entre diciembre de 1983 y mayo de 1989.

<sup>475</sup> En <http://www.infobae.com/2009/04/01/439989-caputo-se-fue-una-etapa-importante-nuestras-vidas>

<sup>476</sup> Federico Storani era por ese entonces Presidente de la Comisión de Relaciones Exteriores de la Cámara de Diputados.



Podemos encontrar ciertas regularidades en el discurso de Caputo, como en el de Alfonsín y Storani donde términos como “pueblo” y la “sociedad argentina” aparecen con una connotación positiva aludiendo a la capacidad de decisión propia de los ciudadanos que viven en un sistema republicano, donde se depositaba una “fuerza moral poderosa”. Estos términos reflejan la visión del mundo de los radicales que adscriben al modelo político republicano de democracia liberal en el que el pueblo goza de “soberanía” y donde los ciudadanos tienen un papel fundamental en la toma de decisiones adquiriendo derechos y obligaciones. Una de sus obligaciones reside en la posibilidad de elegir a sus representantes. La consulta vino a representar una instancia nueva en la participación del pueblo que estaba internalizada en el ideario radical pero no en el discurso social que desde sus orígenes fue transmitido de generación en generación en la tradición militar. Formaba parte de su “ADN”, como indica Horacio Jaunarena<sup>477</sup> las Fuerzas Armadas tenían una herencia autoritaria que “podía hacerlos no estar de acuerdo con la decisión que estaba tomando el gobierno de Alfonsín. De hecho ellos se educaron teniendo al comunismo internacional, Chile y Brasil como hipótesis de conflicto y las mismas se caen cuando solucionamos el problema con Chile, nos acercamos a Brasil y armamos el Mercosur. Entonces se produce una necesidad de repensar todo y finalmente se llega, se plantea una crisis de misión. De pronto se cae todo eso y entonces ahí nace del deber de la democracia”. (Jaunarena, 2013)

Ante la coyuntura de conmoción interna (por la reciente derrota en Malvinas, la reducción del presupuesto en defensa, la disminución de la cantidad de efectivos, la decisión de juzgar a las Juntas, el cierre de cuerpos del ejército y la reformulación de los planes de estudio), surge la necesidad por parte del gobierno de delinear la “nueva misión” de las Fuerzas Armadas para integrarlas dentro “de un proyecto de nación”. (Jaunarena, 2013) Se quería lograr “un redimensionamiento, un instrumento militar idóneo, eficaz y eficiente para la defensa del país”. (Alconada, 2013)

En los análisis de Alconada<sup>478</sup> y Jaunarena aparecen recurrentemente “la crisis de misión” que vivieron las Fuerzas y la necesidad de crear una institución militar cuya política de defensa se encuadre dentro de los valores democráticos.

## **Conclusión**

---

<sup>477</sup> Horacio Jaunarena fue paulatinamente Subsecretario y Secretario de Defensa 1983-86 y luego Ministro de Defensa del gobierno de Raúl Alfonsín.

<sup>478</sup> Raúl Alconada Sempé fue diputado nacional, Subsecretario de Asuntos Latinoamericanos de la cancillería argentina, Secretario de Defensa y Vicecanciller, durante el gobierno de Raúl Alfonsín (1983-89).

Tras la realización de este escrito surgen algunas reflexiones en relación a la complejidad en la que nos encontramos los historiadores que estudiamos el pasado reciente. En particular, no debemos perder de vista que cada actor brinda su memoria, su testimonio produciéndose una disputa<sup>479</sup> entre las mismas. Esto demuestra que las memorias, no son lineales ni monolíticas y que están en permanente construcción.

Resulta indiscutible reconocer la implementación de la consulta popular como un instrumento nunca antes utilizado en nuestro país, con el plus que se le puede asignar por haber sido implementada en una etapa de transición a la democracia.

Mientras que para los funcionarios radicales la consulta popular constituyó la implementación de una herramienta que resultó exitosa en el camino de la consolidación democrática, para algunos sectores militares, sobre todo aquellos que no tuvieron un estrecho vínculo y un activo accionar durante la democracia, consideraron errónea la eliminación de las hipótesis de conflicto con los países vecinos, la paz con Chile y la realización de la consulta (en los términos “tramposos” en los que se llevó a cabo).

Así se puede observarse con la visión del mundo de cada uno de los actores se ve reflejada en el discurso social (Angenot, 2010) de la época considerando que las posiciones de los militares respecto de la política exterior de Alfonsín estaban mediadas por la situación política del momento, por las secuelas de Malvinas, por las políticas de Derechos Humanos, las memorias de los ex funcionarios radicales están mediadas por el lugar estratégico que ocupaban en la mesa de decisiones del gobierno.

Cabe destacar que la consulta popular y la posterior paz con Chile fueron considerados por los funcionarios gubernamentales como uno de los principales logros en materia de política exterior en su búsqueda de acercamiento hacia los países latinoamericanos. Mientras que para los militares resultaron paradigmáticas sus lecturas del escenario internacional que tenían a las hipótesis de

---

<sup>479</sup> En el sentido expresado por Ludmila Da Silva Catela. Partiendo de la base de que hablamos de “memorias” y no de “memoria” para poder abordar los procesos ligados a sus construcciones en escenarios políticos donde se desatan las luchas sobre los sentidos del pasado que pueden sufrir cambios y elaboraciones según como sean apropiados por los individuos y grupos específicos. Se debe tener en cuenta que ese pasado es una construcción cultural que se realiza desde el presente. El concepto de “memoria dominante” conformaría junto a las memorias subterráneas y denegadas una especie de tipología ideal al estilo weberiano. Ludmila Da Silva Catela (2010) realiza esta clasificación para reflexionar sobre las memorias en relación al terrorismo de Estado en la Argentina en los años setenta.

conflicto con los vecinos como sus principales protagonistas, las cuales fueron erróneamente eliminadas en materia de defensa desde hace 30 años a la fecha. Aquí puede observarse la presencia de los “tiempos externos” a los que alude Ludmila Da Silva Catela y de cómo las coyunturas políticas pueden influir en lo que se recuerda.

El discurso social de los militares demuestra que muchos sectores de las Fuerzas seguían atrapados en la dicotomía capitalismo/comunismo la cual daba sustento a las hipótesis de conflicto contra los soviéticos y los países vecinos. Frente a este discurso los funcionarios radicales alejándose de la lógica bipolar leían lo político desde la dicotomía autoritarismo/democracia. La política exterior de acercamiento hacia Brasil y Chile representó sus interés de unidad latinoamericana. En consonancia, la paz con Chile sirvió a estos objetivos y la consulta se constituyó en una herramienta en pos de la consolidación de la democracia como un valor, representando una etapa fundacional en la historia argentina. Sin lugar a dudas los militares y los funcionarios radicales representaron dos caras de los tiempos de transición, representando las ideas propias, parafraseando a Angenot, “de su tiempo”.

### **Bibliografía:**

ANGENOT, Marc (2010) *El discurso social, los límites históricos de lo pensable y lo decible*. Buenos Aires. Siglo veintiuno.

ALCONADA SEMPÉ, Raúl (2013) Entrevista realizada por María Delicia Zurita. 19 de marzo.

CAPUTO, Dante (1989) Entrevista a Dante Caputo. *Revista América Latina/Internacional*. Vol. 6. N° 21. Julio- Septiembre. pp. 260-278.

----- (2009) “Se fue una etapa importante de nuestras vidas”. Nota realizada a Dante Caputo en: <http://www.infobae.com/2009/04/01/439989-caputo-se-fue-una-etapa-importante-nuestras-vidas>. Fecha de consulta: 15 de Septiembre de 2014

DA SILVA CATELA, Ludmila (2010) “Pasados en conflicto. De memorias dominantes, subterráneas y denegadas” en Bohoslavsky, Ernesto, Franco, Marina, Iglesias, Mariana y Lvovich, Daniel (comps.) *Problemas de historia reciente del Cono Sur*. Vol. I. Buenos Aires. Prometeo. p. 99- 123.

DÍAZ BESSONE, Ramón (1996) *Testimonio de una década*. Buenos Aires. Círculo Militar.

ETCHEVERRY BONEO, Ricardo (2000) *Canal de Beagle. Crónica de una mediación*. Buenos Aires. Círculo Militar.

JAUNARENA, Horacio (2013) Entrevista realizada por María Delicia Zurita. 10 de abril.

JELIN, Elisabeth (2007) *Las derechas. La extrema derecha en la Argentina, Brasil y Chile. 1890-1939*. Buenos Aires. Universidad Nacional de Quilmes.

- LOBAIZA, Humberto (1997) *¿La Argentina indefensa? Crisis, oportunidades y propuestas*. Buenos Aires. Círculo militar.
- LEVINGSTON, Roberto Marcelo (1984) “Beagle: la gestión para afianzar un arreglo” en *Diario La Nación*. Sección Internacionales. 4 de enero. p. 5.
- MILENKY, Edward (1978) *Argentina’s Foreign Policies*. Boulder. Westview Press.
- O’ DONNELL, GUILLERMO (1984) “Democracia en la Argentina: micro y macro”. en Oscar Oszlak (comp.) “Proceso”, crisis y transición democrática/1 Buenos Aires. Centro Editor de América Latina. pp. 13-30
- OSZLAK, Oscar (1984) “Privatización autoritaria y recreación de la escena pública” en Oscar Oszlak (comp.) “Proceso”, crisis y transición democrática/1 Buenos Aires. Centro Editor de América Latina. pp. 31-46
- PORTANTIERO, Juan Carlos (1987) “La transición entre la confrontación y el acuerdo” en Nun, José y Portantiner, Juan Carlos (comps.) *Ensayos sobre la transición democrática en la Argentina*. Buenos Aires. Puntosur. p. 257- 292.
- ROMERO, Néstor y MALDONADO, Carlos (1986) “Un punto de vista sobre la actualidad de nuestro ejército” en *Revista Militar*. Enero- Marzo. N° 719. p. 63-69.
- ROJAS, Isaac (1984) “Oposición a un arreglo con Chile sin que haya debate previo” en *Diario La Nación*. Sección Internacionales. 2 de enero. p. 5.
- ROUQUIÉ, Alain (1986) *Poder militar y sociedad política en la Argentina*. Buenos Aires. Hispanoamérica.
- SAÍN, Fabián (2010) *Los votos y las botas. Estudios sobre la defensa nacional y las relaciones civil-militares en la democracia argentina*. Buenos Aires. Prometeo.
- SIMONOFF, Alejandro (1997) *Apuntes sobre las políticas exteriores argentinas. Los giros copernicanos y sus tendencias profundas*. La Plata. Del Autor IRI (Instituto de Relaciones Internacionales).
- STORANI, Federico (2010) Entrevista realizada por María Delicia Zurita. 15 de septiembre.
- TRAVERSO, Enzo (2007) “Historia y Memoria: Notas sobre un debate” en Franco, Marina y Levín, Florencia (comps.) *Historia Reciente. Perspectivas y desafíos para un campo en construcción*. Buenos Aires. Paidós. pp. 67-96.
- VERBITSKY, Horacio (1987) *Civiles y militares. Memoria secreta de la transición*. Buenos Aires. Del Bolsillo.
- VILLEGAS, Osiris (1985) “Geopolítica del Atlántico Sur” en *Revista Militar*. Enero – Diciembre. N° 714. p. 4- 9.

VOMMARO, Pablo (2006) “Cuando el pasado es superado por el presente: las elecciones presidenciales de 1983 y la construcción de un nuevo tiempo político en la Argentina en Pucciarelli, Alfredo (comp.) Los años de Alfonsín. ¿El poder de la democracia o la democracia al poder? Buenos Aires. Siglo veintiuno. p. 245- 288.

## **No violencia estratégica y su aplicación en Paraguay: desestabilización y des-ciudadanización**

Facundo Bordachar y Andrés Bustos

FSOC – UBA

af.bustos@gmail.com

**Resumen:** Nuestro trabajo de investigación propone como eje central analizar el derrocamiento de Fernando Lugo en Paraguay en junio del 2012. Queremos indagar de qué manera se montó la destitución presidencial y cómo se fue desarrollando un plan que tenía como objetivo inmediato, esa es nuestra hipótesis preliminar, abortar ciertas condiciones favorables para el posicionamiento de organizaciones populares y campesinas como alternativa electoral. A su vez, es nuestra intención hacer foco en las consecuencias de estos hechos en materia de derechos humanos y de deconstrucción de ciudadanía.

### **Introducción**

A lo largo de la joven historia de las naciones latinoamericanas han tenido lugar diferentes experiencias desestabilizadoras que, oponiéndose a la voluntad popular, dieron fin de manera abrupta a ciertos gobiernos e impusieron nuevas reglas de juego.

Si observamos los actores que hicieron de la aplicación de dicha metodología una práctica recurrente en la política de nuestra región, por lo general encontraremos una fórmula repetida: se trata de grupos de poder locales alineados con grandes intereses de países capitalistas centrales que, respaldados por ellos a nivel internacional, buscan recuperar el control gubernamental en alianza con sectores oligárquicos.

En este recorrido intentaremos, a partir de un análisis sobre cómo se construyó el clima social que posibilitó el golpe de estado perpetuado contra Fernando Lugo en Paraguay el 22 de junio de 2012, analizar los cambios en las prácticas desestabilizadoras a las que se apela en el siglo XXI: la puesta en marcha de golpes “blandos”, así llamados para contraponerlos a las modalidades golpistas del siglo anterior.

Los intereses imperiales detrás de dichas iniciativas se ligan con la dirección que tomaron en la última década los procesos políticos y sociales de América Latina y el Caribe, la cual no resulta satisfactoria para Estados Unidos. El rechazo a constituir una zona de libre comercio en toda América -ALCA-, la resolución exitosa de varios conflictos regionales a través de una institucionalidad

en construcción que excluye a Washington de sus decisiones, el mayor grado de intercambio con otras regiones y potencias (como China y Asia en general, Rusia, etc.), están en la dirección contraria de lo que pretende Estados Unidos para la zona. Por ende, la diplomacia norteamericana ve positivamente deshacerse de estos gobiernos que no favorecen al tipo de desarrollo democrático representativo neoliberal por ellos pretendido. (Aronskind, 2012: 123)

En este marco, coincidimos con Rocco Carbone, en aseverar que el juicio político a Fernando Lugo reactualiza fantasmas como los del stronismo o como los de las dictaduras institucionales del Cono Sur. Reactualiza el golpe de Estado propiciado en 2002 en la República Bolivariana de Venezuela contra Hugo Chávez y varios intentos desestabilizadores contra Evo Morales, sin olvidar la crisis política generada en Ecuador en 2010. Sobre todo, el golpe en Paraguay resignifica el acontecido en Honduras en 2009 contra Manuel Zelaya. Los ingredientes comunes en todos ellos: la vieja tradición, la oligarquía mediática, el empresariado local, las fortunas familiares, los medios de comunicación, la iglesia. (Carbone, 2012: 69). ¿Quiénes lo promueven? Una alianza concreta entre intereses norteamericanos y la derecha reaccionaria desplazada de su histórico papel protagónico en la vida política nacional.

Argentina, Ecuador, Bolivia y Venezuela. Todos estos países atravesaron intentos destituyentes de diferente magnitud, observándose similares argumentos legales esgrimidos por los golpistas. En Paraguay se dio una violación de la voluntad popular y, al igual que en Honduras, fue adoptado un intento de maquillaje parlamentario que apeló a fundamentos legales aunque de claro carácter inconstitucional.

El golpe de Honduras ya había sido leído como una prueba de laboratorio para desarrollar ciertas estrategias. Quebró un contexto ocupado por El Salvador del Frente Farabundo Martí y la Nicaragua del Frente Sandinista, y una cercanía al ALBA (Alianza bolivariana para los pueblos de nuestra América) que no suponía un mero tratado comercial sino una propuesta mayor de integración, colaboración y complementación contraria a los intereses de Washington. A Manuel Zelaya, el presidente depuesto, lo acusaron de generar “desviaciones institucionales”.

Por su parte, según José Carlos Rodríguez, el gobierno de Lugo era sudamericanista – apostando por el fortalecimiento de la Unasur y del Mercosur – mientras que la mayoría del parlamento era norteamericanista. El golpe fue anti Mercosur, anti Venezuela (Rodríguez, 2012: 53). Fue también una muestra de las nuevas formas de actuar de los grupos destituyentes, apoyados por el imperio norteamericano. Ya no se da en la manera de las dictaduras clásicas. El neo golpismo ya no necesita a las fuerzas armadas (Carbone, 2012: 68).

Nuestro punto de partida será entonces, analizar el caso del juicio político a Lugo como un ejemplo de puesta en práctica de nuevas estrategias desestabilizadoras. A su vez, rastreamos el rol jugado por ciertos actores económicos en dicho proceso, a través del análisis de uno de los medios de comunicación más importantes de Paraguay y ejemplo claro de los grandes grupos empresariales y mediáticos, como es el diario ABC Color.

### **De las intervenciones militares a los golpes “blandos”. Los cambios estratégicos.**

Las nuevas formas destituyentes, los denominados golpes “blandos”, surgen de la habilidad de ingeniería desarrollada a escala planetaria por un imperio acosado por la crisis económica. Anteriormente, las estrategias diferían en cuanto a su forma, más allá de que el contenido y los objetivos fueran similares.

Se recupera entonces cierta tradición golpista de los años sesenta, cuando las fuerzas armadas de América Latina y el Caribe protagonizan una revolución conservadora que les asigna un protagonismo excepcional en la vida política, participando de lleno en la denominada modernización económica y social (Roitman Rosenmann, 2013: 138). Cuando los bordes nacionales operaban de manera insuficiente para interpretar el mundo contemporáneo, ya que excluían un ámbito cada día más relacionado con el mundo exterior: la cultura nacional, la verdadera frontera era la interior. Esta frontera era la que debía ser preservada, perfeccionada y desarrollada. En ese juego entraban las Fuerzas Armadas como actores locales de cambio y transformación.

Paraguay, que históricamente había sido desestimado por los Estados Unidos, en la segunda mitad del siglo XX pasó rápidamente a ser considerado como un punto clave de alerta contra el comunismo en la región, por su ubicación geopolítica. En 1958 el embajador estadounidense en Asunción señalaba la idea del país norteamericano en instalar una nación fuertemente anticomunista en medio de países que experimentan graves problemas económicos internos e inviabilidad política. Factores que se consideraban favorables a la penetración comunista. (Soler, 2012a: 93)

Las alianzas cívico-militares, entonces, eran la palanca para la transformación social. Se trataba de alianzas anticomunistas de desarticulación de las izquierdas. (Roitman Rosenmann, 2013: 140)

Hoy esas alianzas se mantienen pero las fuerzas armadas se han retirado. En procesos donde las políticas neoliberales fueron reemplazadas, las burguesías gerenciales que están siendo desplazadas del poder, continúan aliadas al imperialismo norteamericano y a las democracias europeas, buscando revertir su condición apoyando procesos desestabilizadores.

Se busca revertir el cambio en el poder político, modificar la correlación de fuerzas que limitan a las oligarquías y las burguesías gerenciales de los centros de poder y control.



La estrategia de guerras de baja intensidad es la que pondera en los países latinoamericanos. La misma ya tuvo éxito en Honduras y Paraguay, potenciando sendos golpes de Estado, definidos como constitucionales, de guante blanco o golpes “blandos”.

### **Mecanismos destituyentes. La no-violencia como método para desestabilizar gobiernos.**

Si tomamos los postulados teóricos de la no-violencia como punto de partida para el análisis de las nuevas estrategias golpistas en la región, podemos encontrar en el caso paraguayo su aplicación concreta.

Gene Sharp compila una serie de pasos para lograr la derrota de un gobierno por parte de la sociedad civil. Haciendo propia la teoría del “fin de la historia”, esta metodología iguala “totalitarismos” de izquierda y de derecha, ya que propone el uso de la lucha no-violenta tanto contra regímenes *nazis* como *comunistas*. (Sharp 1988, p. 37).

La premisa es sencilla: se trata de quitarle el poder al gobierno y distribuirlo. A partir de que los gobernados retiren su consentimiento al gobernante, pueden controlar su poder y hasta destruirlo. Sharp omite tanto las diferencias de clase como las realidades sociales, económicas y políticas existentes al interior de cada sociedad, limitándose a razonar en términos de gobernantes y gobernados. Si estos últimos sostienen, en un número considerable y por un tiempo suficientemente largo su resistencia, el gobierno perderá el poder.

La confrontación propuesta es de tipo indirecta y apunta a *voltear* el apoyo que detenta el gobierno, atacando sus fuentes de poder, subvirtiendo su posibilidad de aplicación y debilitando su voluntad de uso (Sharp 1988, p. 63).

Lo que se busca entonces es destituir a los productores del orden social. Modificar la dirección que tomaron los procesos constituyentes nacidos de la crisis neoliberal, como el que se venía dando en Paraguay, hasta su abrupto final en junio del 2012.

Los casi doscientos métodos propuestos por el autor apuntan, teóricamente, a la organización para la lucha de los ciudadanos frente al poder opresor. En términos concretos, y de acuerdo a lo expuesto por Walter Goobar y Eduardo Vior (2014), estas técnicas han servido para llevar a cabo derrocamientos -exitosos o no- en países tan disímiles como Venezuela, Siria, la ex Yugoslavia, Ucrania y Egipto.

Si nos concentramos en el derrocamiento de Fernando Lugo podemos observar lo siguiente: un vasto conjunto de actores políticos y económicos que por primera vez en la historia paraguaya pierden la exclusividad simbólica de la toma de decisiones y dejan de reconocerse en la administración del estado (Rodríguez, 2012: 55), encabezan una estrategia no violenta para recuperar el

poder. Los “gobernados” buscan desplazar a los “gobernantes”. A la cabeza del ataque, los monopolios empresariales-mediáticos, que desde el mismo día en que se produjo la masacre de Curuguaty reclaman el enjuiciamiento político del presidente.

En Paraguay la trama desestabilizadora triunfó responsabilizando a Lugo de las muertes ocurridas el 16 de junio de 2012 en la masacre de Curuguaty. El poder judicial y el congreso en manos de la derecha reaccionaria justificaron la destitución y el juicio *express*. Más allá de que el gobierno del ex obispo apenas pudo alentar ciertos frenos ante los intereses de las multinacionales y de las tradicionales estructuras de poder, la reacción opositora fue feroz. En la desestabilización intervinieron empresas transnacionales, lobbies de presión, representantes del departamento de estado norteamericano y grupos de poder local. A los ojos del pensamiento de Sharp, todos ellos son parte del primer término de la fórmula “gobernados que buscan liberarse del gobierno opresor”.

### **Alianzas y conexiones del poder: los intereses del agronegocio y los grandes medios de comunicación.**

#### ***El agronegocio ayer, hoy y ¿siempre?***

Como ya mencionamos, los nuevos gobiernos latinoamericanos significaron un desplazamiento del poder político de ciertos actores tradicionales, cuya búsqueda permanente fue lograr recomponer el status quo anterior. En Paraguay, a su vez, los sectores económicos y políticos que propiciaron, apoyaron y ejecutaron el golpe de Estado destituyendo al presidente Lugo, buscaban otro objetivo: la conservación del modelo económico vigente desde hace décadas en el Paraguay, y por ende, de los privilegios y las ganancias que el mismo genera para un sector minoritario de la sociedad (Rojas Villagra, 2014: 34).

Dicho modelo se centra en la explotación agrícola de carácter extractivista, una de las principales actividades económicas y fuente de divisas de toda América Latina. Vigente desde el siglo XIX y con un notable impulso tras el desmantelamiento de los diferentes procesos industriales sustituitivos, el agro es en la actualidad el sector productivo de mayor dinamismo de la región.

A partir de la crisis financiera mundial ocurrida durante 2008 se generó un mayor movimiento de capitales hacia el sector de los agronegocios y la compra de tierras. Así, la matriz extractiva está siendo profundizada en toda América Latina, como estrategia del capital global para dar salida a dicha crisis. Esto trae aparejado un costo gigantesco para los pueblos que habitan esas regiones, que van siendo desplazados para dar paso a la producción intensiva de la tierra. También genera daños irreparables en los ya deteriorados ecosistemas.

La expansión del agronegocio en Paraguay, forma parte del modelo extractivo impulsado por grandes empresas transnacionales que dominan sectores clave de la producción y monopolizan las tecnologías utilizadas en estos procesos. La semilla más utilizada en este proceso de expansión territorial ha sido la soja RR de la empresa multinacional Monsanto. La soja se convirtió en el rubro estrella de la “modernización agrícola” del país: mientras en el año 1995 se habían sembrado 833.000 hectáreas de esta oleaginosa, diez años después, en 2005 se llegó a 2.000.000 de hectáreas y en 2012, se llegó a 3.157.600 has. (Rojas, 2014. p 10)

Los datos del Censo Agrícola Nacional del Paraguay en el año 2008 arrojan que el 2,5 % de las fincas posee el 85 % de las tierras censadas, confirmando que el modelo productivo, por ser intensivo en inversión de capital y en la explotación de la tierra, va profundizando una mayor concentración de la misma, ocasionando la progresiva desaparición de las pequeñas fincas rurales, mayoritariamente campesinas (Rojas, 2014: 15).

Además, las transnacionales del agronegocio en Paraguay prácticamente no pagan impuestos. La presión tributaria en Paraguay es apenas del 13% sobre el PIB. El impuesto Inmobiliario representa apenas el 0,04% de la presión tributaria, unos 5 millones de dólares, aún cuando el agronegocio produce rentas en torno al 30 % del PIB, que representan unos 6.000 millones de dólares anuales. (Méndez Grimaldi, 2012: 3).

La injusticia tributaria se ve agravada con las devoluciones que realiza el Ministerio de Hacienda a las empresas agroexportadoras en concepto de IVA por actividades de exportación. Esta devolución se basa en la Ley N° 125/91, artículo 84, que establece que las exportaciones están exoneradas de impuestos (Rojas, 2014: 41).

### ***Medios de comunicación y grupos económicos: ABC Color***

La legitimidad y la aceptación de la maniobra desestabilizadora la terminan de moldear los medios de comunicación, lo que los convierte en actores clave de la estrategia no violenta. Diego Segovia plantea que en un contexto global de capitalismo neoliberal, la conexión entre los grupos empresariales que controlan los medios masivos de comunicación y aquellos que controlan el núcleo duro del capitalismo financiero es cada vez más intensa y cercana. A su vez, la política pasa a ser política de mercado, cada candidato es un empresario que necesita vender un producto, su imagen, al costo de un voto (Segovia, 2010: 17, 20).

En la actualidad paraguaya podemos encontrar siete grandes grupos empresariales que controlan los medios más importantes: Zuccolillo (diarios ABC Color y Vanguardia), Domínguez Dibb (diarios La Nación y Crónica, radios 970 AM y Montecarlo FM), Vierci (diario Última Hora, radios

Estación 40, Urbana y Monumental AM, canales 4 y 11 de televisión), Wasmosy (diario Popular, radios Uno y Popular FM), Chena (radios Cardinal AM y FM, Canal 13 de televisión), Ángel González (canales 9 y 5 de televisión) y Rubín (radios Ñandutí AM y FM, Rock and Pop, Mburukuja PJC, RGS, Disney, Farra y otras). Todos ellos mantienen inversiones en otros campos de la economía nacional. (Segovia, 2010: 35, 43).

El grupo Zucolillo es uno de los actores más ricos de Paraguay. Su diario ABC Color es el diario de mayor circulación del país. Sus negocios incluyen inmobiliarias, bancos, constructoras, centros comerciales y participación en compañías de telefonía celular y automotrices, además de poseer decenas de miles de hectáreas, fruto de sus contactos durante el régimen stronista.

Si se piensa en la estructura económica de Paraguay en términos de “tipos ideales” weberianos, encontramos cuatro grandes grupos: terratenientes tradicionales, empresas transnacionales y sus aliados locales, mafias (narcotráfico, tráfico de armas, lavado de dinero) y empresarios políticos corruptos. El grupo Zucolillo posee conexiones e intereses comunes con casi todos estos grupos y logra establecer vínculos estratégicos con ellos (Segovia, 2010: 57).

ABC Color actúa como vocero de las distintas organizaciones de la oligarquía (Unión de Gremios de la Producción – UGP; Asociación Rural del Paraguay – ARP; Coordinadora Agrícola del Paraguay – CAP, Asociación de Productores de Soja – APS; entre otros), ampliando su capacidad de lobby y presión. A modo de ejemplo de la estrecha vinculación existente, cabe mencionar que en 2012, Héctor Cristaldo, presidente de la UGP, era integrante del staff directivo de varias empresas del Grupo Zucolillo (Méndez Grimaldi, 2012: 3).

El 8 de junio de 2012, unos días antes de la masacre de Curuguaty, se publicó en ABC Color una nota titulada “Los 12 argumentos para destituir a Lovera” y firmada por la UGP. La misma fue parte de una campaña mediática destinada a remover de su cargo a quien fuera en ese entonces presidente del SENAVE (Servicio de Nacional de Calidad y Sanidad Vegetal y de Semillas), debido a su negativa a inscribir una semilla transgénica fabricada por Monsanto en los registros de cultivables, ya que esta carecía de los dictámenes del Ministerio de Salud y de la Secretaría del Ambiente, exigidos por la legislación vigente. Se evidencia como una empresa transnacional, un sector importante de productores agrarios y un medio de comunicación masivo, operan a favor de los mismos intereses ligados directamente al agronegocio.

A su vez, el grupo Zucolillo es socio en Paraguay de Cargill, otra de las transnacionales más grandes del agronegocio en el mundo. Esta empresa construyó uno de los puertos graneleros más importante del Paraguay, denominado Puerto Unión, en una propiedad del grupo. Dicha obra se

llevó a cabo sin ninguna restricción, pese a las denuncias realizadas por contaminación ambiental, debido a que la misma se encuentra emplazada a 500 metros de la toma de agua de la Empresa de Servicios Sanitarios del Paraguay S.A. (ESSAP), sobre el río Paraguay. ABC Color se ocupó de defender la construcción.

Ya desde 2007 instalaban la idea de que el puerto sería positivo para la comunidad, como puede verse en una nota del 2 de Octubre, titulada “Vecinos apoyan el puerto Unión de Cargill”:

Organizaciones representantes de los pobladores de Viñas Cue, Zeballos Cue y Las Colinas, así como de la Asociación de Pescadores de Zeballos Cue están a favor de la instalación del puerto Unión, de la multinacional Cargill, en la ribera del río Paraguay, zona de Zeballos Cue, cerca de los puertos Caacupemí y Fénix.

Y en 2010 daban lugar a la empresa para desplegar argumentos que defendían su posición en esta publicación del 26 de septiembre:

Directivos de la empresa Puerto Unión SA (PUSA) señalaron que la barrera de contención instalada por la firma en las inmediaciones de la toma de agua de la Essap ha sido clave para evitar la contaminación por derrame de combustible del agua succionada en dicha toma. También contribuyó la efectividad de este sistema, los trabajos de mantenimiento habituales que se encontraban realizando en esos momentos el personal de PUSA. Puerto Unión, conformado por Cargill y la empresa local Puerto Zeballos SA, emplazó sus instalaciones y silos para embarques de cereales, que según los directivos, estaría preparado para exportar un millón de toneladas de granos de soja al año.

### **El rol de los medios de comunicación como parte de la estrategia no violenta**

Retomando a Sharp, éste sostiene que la apertura de la lucha no violenta es un aspecto clave: no se trata de una conspiración secreta, sino de un movimiento de liberación (Sharp, 1988: 70). Y qué mejor herramienta que los medios de comunicación para darle al golpe la masividad necesaria y el barniz democrático-republicano que permita garantizar la aceptación del nuevo gobierno.

ABC Color se presenta desde su línea editorial como garante de las instituciones democráticas y portavoz del ciudadano paraguayo, sin importar quien gobierne. En un repaso de sus Editoriales publicadas entre el 15/06/2012 (un día antes de la masacre de Curuguaty) y el 23/06/2012 (al día siguiente de la destitución de Lugo) podemos observar dicha posición. A modo de muestra, en el medio del caos político acontecido en los días siguientes a Curuguaty, el diario en su edición del 18/06/2012 rescata como ejemplo de civismo a los ciudadanos de Capiatá que, en una “marcha pacífica” que convocó 10.000 personas, salieron a las calles para conmemorar el Día de la Paz del Chaco y “exhortar a sus conciudadanos a despertarse contra la corrupción y la impunidad”.

Más allá de la marcha en sí, el diario busca ponerse del lado de aquellos ciudadanos y enfrentarse al poder estatal, llegando incluso a comparar las instituciones democráticas a las dictatoriales y llamando abiertamente a presionar al gobierno:

Si tenemos que atenernos a sus resultados, las instituciones democráticas de fachada consagradas en la Constitución nacional difieren muy poco de las que disponíamos durante la dictadura, pues ambas cuentan en común el cercenamiento del derecho básico de elegir que tienen los ciudadanos en la democracia representativa. Irónicamente, como resultado tenemos que el pueblo ha caído de la sartén al fuego al cambiar una forma de dictadura por otra semejante, excepto por la vigencia de la libertad que antes no existía. Así las cosas, los paraguayos tenemos hoy el gran desafío de acabar con esta autocracia partidista que cercena nuestros derechos ciudadanos, reduciéndonos a la vil condición de eunucos, cívica y metafóricamente hablando. La digna y altiva comunidad de Capiatá nos ha demostrado que la única estrategia eficaz de lucha contra las corruptas élites políticas de antigua y nueva extracción detentoras del poder estatal es la presión popular que las haga retroceder hasta un punto de no retorno.

El ataque no violento tiene a su favor la dificultad del gobierno para reprimirlo. Una reacción gubernamental ante las mentiras y acusaciones infundadas de los medios se vuelve en su contra al transformarse en una potencial denuncia de censura y limitación de la libertad de expresión. Así, se intenta poner a la opinión pública (local, regional, mundial) en contra del gobierno y a favor de los golpistas.

Una vez acontecida la masacre de Curuguaty, ABC responsabilizó a Lugo y pidió que sea juzgado, sin ningún tipo de disimulo ni media tinta. Su editorial del 16/06/2012 titulado “El presidente Lugo es el responsable de esta lamentable tragedia” cierra diciendo:

Por su parte, el presidente Lugo tal vez vuelva a eludir – más producto de la suerte que de cualquier otra circunstancia – la posibilidad de ser sometido a un proceso político en el Congreso que derive en su eventual remoción del cargo. Es probable que tenga esa suerte. Sin embargo, no logrará nunca salvarse del juicio perentorio de la historia, que le reserva el triste y nada digno lugar de pasar a ser considerado uno de los más incompetentes mandatarios que tuvo la República en más de doscientos años de vida independiente.

Así como también el 17/06/2012:

Si en esta oportunidad el Poder Ejecutivo no actúa enérgicamente contra los grupos criminales y violentos que mantienen en zozobra a todo el país, el Congreso debería iniciarle juicio político al Presidente de la República por mal desempeño de funciones.

El 20/06/2012 se presenta a Lugo como incapaz, y se le solicita que deje su lugar a otros para que gobiernen:

Evidentemente, este es el fondo de la cuestión: Fernando Lugo no tiene el “don de conducción”. Carece de las dotes necesarias para tomar las riendas del país y conducirlo por derroteros de pacificación, crecimiento y prosperidad. (...) El presidente Fernando Lugo debe reconocer este decepcionante panorama y actuar en consecuencia. Si no tiene las

“dotes de conducción” necesarias para liderar al Paraguay en esta grave coyuntura, debería permitir que otros encaminen al país por la senda de la reconciliación, del trabajo y del bienestar para todos y cada uno de sus habitantes.

El 21/06/2012 se le exige al presidente que se someta a juicio o renuncie:

Quien debió someterse espontánea e inmediatamente a un juicio político tuvo que haber sido el actual Presidente de la República, primer responsable de estos sucesos, como en su oportunidad lo hizo el presidente José Patricio Guggiari, cuando los hechos trágicos del 23 de octubre de 1931; o renunciar, por lo que optó el presidente Raúl Cubas, en ocasión de los luctuosos acontecimientos de marzo de 1999. Pero Lugo ni se hace investigar ni renuncia; actúa fingiendo que nada tuvo que ver y que él realmente estuvo ajeno al drama. Ni hablar, por supuesto, de que admita otras culpas, como negligencia o de ineptitud para el mando.

Y, finalmente, el 22/06/2012 anuncia que Lugo ha perdido el respaldo de sus ciudadanos, a partir de que el Partido Liberal le retirase su apoyo:

No obstante, más allá de lo que las cifras digan o puedan decir, lo cierto y lo concreto es que el Presidente de la República ha perdido el respaldo de la mayoría del pueblo paraguayo, y que en sus manos está la posibilidad de salir del poder por la puerta grande o hacerlo de manera indigna.

Queda en evidencia el objetivo del diario: dejar en claro su apoyo no solo a que se someta al presidente a juicio político, sino a que deje el poder y sea reemplazado. Sharp dice que el éxito de esta estrategia se alcanza a través de la denominada “coacción no violenta”: contra la voluntad de los adversarios (el gobierno), los activistas producen los cambios deseados. El adversario es forzado a actuar en contra de su voluntad. Sin infligir daño físico, se logra el colapso total de un sistema de gobierno, habilitando la desobediencia al orden gubernamental (Sharp, 1988: 104-105).

En el caso paraguayo la masacre de Curuguaty fue la oportunidad (creada adrede o no) inmejorable. Con aquel desencadenante del caos colectivo que los medios monopólicos intentaron perpetuar, se aprovechó la confusión y la efervescencia colectiva para manipular a la sociedad civil, generando las corrientes de opinión que legitimarían en definitiva la destitución del gobierno democrático. El adversario había sido derrotado y la sensación es que todo había sido hecho bajo el nombre de la ley.

El lugismo, por su parte, no había logrado generar un actor político que pudiera ocupar las calles así como tampoco una alianza con sectores de la burguesía. No se pudo construir un relato y una bandera propia. El peso simbólico del stronismo aun no se ha resuelto en Paraguay y sigue perpetuando una visión histórica que coloca a la Guerra de la Triple Alianza como principal portadora

de representaciones e imágenes políticas eficaces. Las mismas que le sirvieron a las elites paraguayas para continuar legitimando la destitución de Lugo ante los cuestionamientos de los países de la región reunidos en la UNASUR. (Soler, 2012a: 166-168) El relato es utilizado por los poderosos para enceguecer al pueblo paraguayo. La invocación constante de la guerra desmarca a los beneficiarios del siglo XX y XXI –vuelto invisibles- bajo la alfombra de los Estados de ayer (vuelto a-históricos). Ese marco permite la demonización del factor regional. (Halpern, 2012: 116).

Obsérvese en ese sentido, el siguiente extracto de la editorial de ABC Color del día 15/06/2012:

En lo que debe ser considerado como el más audaz y perverso exabrupto político jamás proferido en la última década, la ex secretaria general de la Unasur, María Emma Mejía, acuñó el término democracia “flexible” para justificar todos los atropellos y abusos que contra este sistema de gobierno abierto y plural viene cometiendo sistemáticamente la nueva camada de presidentes autoritarios izquierdistas que gobiernan en la región, los exponentes de ese engendro conocido como “bolivarianismo socialista del siglo XXI”, nuevo nombre para el fracasado marxismo, enemigo de la libertad y la propiedad privada. (...) El Congreso Nacional no debe dejarse engañar por las definiciones arteras de la ex-ministra colombiana, manteniéndose firme en su propósito de rechazar el perverso Protocolo de Unasur sobre Compromiso con la Democracia, adoptado en noviembre de 2010, el cual, como ahora venimos a constatar, no es más que el instrumento que los nuevos dictadores de la región esgrimirán para instalarse o permanecer eternamente en el poder.

No solo ABC sugiere (u ordena) como debe actuar el poder legislativo, sino que lo hace en nombre de la defensa de la democracia paraguaya (y del capitalismo, claro).

Volviendo al juicio, las palabras constitucional y legal fueron los ejes del argumento. El derrocamiento a Lugo se dio utilizando una legalidad abstracta, profundamente ideológica pero disfrazada de imparcialidad, para de este modo escapar de la idea de Golpe de Estado.

La acción no violenta supuestamente permite obtener resultados que deberían ser más permanentes y satisfactorios que los logrados por medio de la violencia (Sharp, 1988: 109). De aquí la “resignación cristiana” con la que Lugo se “somete” a la decisión del congreso (Soler, 2012b: 26). Y el rápido retorno de todos los canales de televisión a su programación normal dejando velozmente en el pasado aquel “Golpe guionado”.

La inconstitucionalidad de un juicio sin sustentos legales ni políticos obliga a pensar en los actores y en una clase política a merced de intereses corporativos y económicos.

Lo que buscan es generar o perpetuar situaciones de caos internos que hagan viable su estrategia golpista. Los escenarios de inseguridad, desobediencias, debilidades institucionales dejan terreno permeable para obtener la legitimidad de su acción.



De este modo se busca debilitar la cohesión social utilizando al miedo como sensación dominante. Llevar a la comunidad la idea del sálvese quien pueda redimensionando una vez más la figura del enemigo interno, esta vez más difuso, incluyendo a la sociedad toda en un escenario de guerra (Roitman Rosenmann, 2013: 176).

A través de este tipo de estrategias, las nuevas derechas siguen contando con posibilidades de ascender al poder ya que cuentan con el respaldo internacional y el control de los monopolios mediáticos, herramientas esenciales para desestabilizar a los actuales gobiernos latinoamericanos que no van en la dirección que ellos desean.

Y, una vez que la metodología desestabilizadora demuestra su efectividad, se replica la receta. Cuando se usa la acción no violenta con eficacia, la técnica tenderá a extenderse (Sharp, 1988: 112).

### **Los resultados de la estrategia: Franco y Cartes**

Durante el gobierno de Lugo el modelo económico extractivista y agroexportador no fue afectado en sus bases y estructura. Pero tampoco ese modelo lograba profundizarse y expandirse en el país a la velocidad que las transnacionales, empresarios, terratenientes y grandes productores esperaban y exigían (Rojas, 2014: 35). Había una mínima resistencia por parte del gobierno.

En el aspecto político, el regreso de los partidos tradicionales al poder determinó el freno a la posibilidad de que surgiera una alternativa política que incluyera actores hasta el momento ausentes de la política partidaria paraguaya.

Como resultados concretos y evidentes, podemos observar que ya durante el gobierno de Federico Franco se buscó facilitar una mayor diseminación del modelo extractivista, otorgando todas las facilidades y garantías para ello a los actores del agronegocio. Y en el actual gobierno de Cartes podemos observar como también algunos actores del ámbito agropecuario terminan siendo designados como funcionarios de estado: el consultor en agronegocios Jorge Gattini como Ministro de Agricultura y Ganadería, el productor de soja y expresidente de la Asociación de Productores de Soja, Regis Mereles, como presidente del SENAVE. Evidentemente la línea gubernamental será más biotecnología, más explotación de los recursos naturales y más extractivismo. (Rojas, 2014: 39-40)

Algunas medidas ejemplificadoras a la hora de observar este nuevo rumbo:

- A 15 días del cambio de gobierno, el SENAVE emitía una resolución por la cual inscribía el algodón transgénico Bt (MON531) de MONSANTO, en el Registro Nacional de Cultivares Comerciales, con lo cual liberaba su utilización en el país.

- De modo a facilitar aún más la aprobación de nuevas semillas transgénicas, el 19 de septiembre de 2012 Franco rubricó el Decreto 9.699 mediante el cual reestructuró la Comisión Nacional de Bioseguridad Agropecuaria y Forestal (CONBIO). Entre otras cosas, se relativizaba la exigencia de la Evaluación de Impacto Ambiental para la habilitación de OGMs (semillas modificadas genéticamente), excluía a organizaciones de la sociedad civil en dicha Comisión, y autorizaba la liberación por la vía de la excepción de nuevas variedades, cuando existan riesgos para la seguridad alimentaria y la agricultura nacional.
- En noviembre de 2012, el Instituto Paraguayo de Tecnología Agropecuaria y MONSANTO firmaron un convenio de cooperación para insertar los eventos transgénicos BT y RR en las variedades de algodón del IPTA, 212 y 232. Los firmantes fueron el entonces presidente del IPTA Luis Llano Imas, y el representante de MONSANTO Fernando Gianoni. (Rojas, 2014: 36-37).

Por el lado de la agricultura empresarial, el objetivo es explícito: en los próximos cinco años, duplicar la superficie de cultivos mecanizados, es decir, pasar de las actuales 3 millones de hectáreas a 6 millones, en su mayor parte con cultivos transgénicos. Lo ha dicho explícitamente el líder de negocios internacionales de Monsanto, Jesús Madrazo: Paraguay tiene potencial para duplicar su actual superficie de cultivos (Rojas, 2014: 14).

### **Cuestiones pendientes**

En primer lugar, pretendemos avanzar en el estudio de las consecuencias políticas, económicas y sociales del regreso de los partidos tradicionales al poder. Nos preguntamos qué consecuencias trajo este retorno en materia de derechos humanos. Respecto a eso, queremos enfocarnos en la modificación de la ley referente a la defensa nacional de Paraguay. ¿Cómo repercute en cuanto al acceso a los bienes del estado? ¿Sigue profundizándose la privatización del mismo? ¿Qué rol juegan los grandes grupos económicos y sus medios de comunicación en esta nueva etapa? ¿Qué tipo de ciudadanía se encuentra hoy en la sociedad paraguaya?

Por otro lado, el conjunto de grupos empresariales y mediáticos no se agota con el grupo Zucolillo y ABC Color. Nuestra intención es ampliar el espectro analizado e incluir a los grupos Vierci y Domínguez Dibb, y rastrear cual fue su posicionamiento durante los sucesos de junio de 2012.

A su vez, nos interesa averiguar qué otros actores jugaron un rol clave en la estrategia no violenta de desestabilización sobre el gobierno de Lugo. ¿Qué vinculación tienen con los hasta aquí investigados?

## Bibliografía

- ARONSKIND, Ricardo (2012) “Paraguay o la ‘democracia’ que nos proponen” en Carbone, R. y Soler, L. (comp) *Franquismo en Paraguay*, Buenos Aires, El 8vo Loco Ediciones.
- CARBONE, Rocco (2012) “Franquismo (que no franqueza)” en Carbone, R. y Soler, L. (comp) *Franquismo en Paraguay*, Buenos Aires, El 8vo Loco Ediciones.
- GOOBAR, Walter (2012) “Manual de autoayuda para los golpes de estado suaves” en Miradas al Sur, n° 216. Disponible en <http://sur.infonews.com/notas/manual-de-autoayuda-para-los-golpes-de-estado-suaves> (consultado el 29/08/2014)
- HALPERN, Gerardo (2012) “ABC de un Golpe” en Carbone, R. y Soler, L. (comp) *Franquismo en Paraguay*, Buenos Aires, El 8vo Loco Ediciones.
- LUZZANI, Telma. (2012) “Territorios Vigilados. Como opera la red de bases militares norteamericanas en Sudamérica.” Editorial DEBATE.
- MENDEZ GIRMALDI, Idilio (2012) “Monsanto golpea en Paraguay. Los muertos de Curuguaty y el juicio político a Lugo”. Disponible en <http://www.rebellion.org/docs/151721.pdf> (consultado el 10/10/2014)
- RODRIGUEZ, José Carlos (2012) “Los motivos del lobo. O el Golpe Parlamentario” en Carbone, R. y Soler, L. (comp) *Franquismo en Paraguay*, Buenos Aires, El 8vo Loco Ediciones.
- ROJAS VILLAGRA, Luis (2014) “La tierra en disputa. Extractivismo, exclusión y resistencia”, Asunción, BASE IS.
- ROITMAN ROSENMAN, Marcos (2013) “Tiempos de oscuridad. Historia de los golpes de estado en América Latina”, Ediciones AKAL S.A.
- SEGOVIA, Diego. (2010) “Comunicación y democracia. El rol de los medios en la construcción del discurso político ciudadano”, Asunción, BASE IS.
- SHARP, Gene (1988) “La lucha política no violenta. Criterios y métodos”, Santiago, Ediciones Chile América CESOC.
- SHARP, Gene. (2003) “De la dictadura a la democracia. Un sistema conceptual para la liberación” Albert Einstein Institution.
- SOLER, Lorena (2012a) “Paraguay. La larga invención al golpe” Editorial Imago Mundi.
- SOLER, Lorena (2012b) “Lugo: el palacio y la plaza” en Carbone, R. y Soler, L. (comp) *Franquismo en Paraguay*, Buenos Aires, El 8vo Loco Ediciones.
- VIOR, Eduardo (2014) “La no-violencia sucia” en Miradas al Sur n° 301. Disponible en <http://sur.infonews.com/notas/la-no-violencia-sucia> (consultado el 29/08/2014)

## Fuentes

*Diario ABC Color* (Asunción), ediciones varias.

## **Entre el desafuero y la destitución: desestabilización de proyectos sub-nacionales alternativos al neoliberalismo en México y Colombia**

Fernando Martín Collizzolli  
fercollizzolli@hotmail.com

Universidad de Buenos Aires - Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC)

**Resumen:** Desde principios del Siglo XXI, la hegemonía neoliberal ha sido puesta en cuestión en América Latina con el progresivo ascenso de los gobiernos del denominado “giro a la izquierda”. Sin embargo, este devenir no ha sido uniforme, e incluso, distintos países de la región continúan presididos a nivel nacional por fuerzas políticas de derecha. Tal es el caso de México y Colombia. Este artículo se propone reflexionar acerca de las disputas por la hegemonía en estos dos países, a partir de un análisis comparado, en tanto estudios de casos, de los intentos de desestabilización que han atravesado los gobiernos progresistas de las respectivas ciudades capitales nacionales. La referencia es, específicamente, al proceso de desafuero de Andrés Manuel López Obrador, Jefe de Gobierno del Distrito Federal entre el 2000 y el 2005, y a la destitución e inhabilitación política de Gustavo Petro, Alcalde Mayor de Bogotá, electo para el período del 2012 al 2016. Con ese objeto, se señala el desafío al neoliberalismo que suponen los proyectos políticos de estos líderes populares; y se destaca finalmente, que a pesar de las notables similitudes entre los procesos, mientras el desafuero de López Obrador fue promovido por una amplia coalición neoliberal conformada con dicho propósito, la destitución de Petro estuvo sujeta a los vaivenes de los conflictos entre las distintas fracciones del bloque de poder dominante colombiano.

### **1. Introducción**

Desde los albores del Siglo XXI, América Latina atraviesa sucesos propios de un “cambio de época”, cuya característica más destacada es la derrota parcial del neoliberalismo, al menos, en el plano político. Asistimos visiblemente, a la progresiva emergencia de fuerzas políticas que alcanzaron el control de los distintos gobiernos nacionales mediante el voto popular, en el marco de un proceso de resquebrajamiento de la hegemonía neoliberal que contribuyeron decididamente a profundizar con sus programas, políticas y alianzas.

Este acontecer, sin embargo, no ha sido uniforme. Las diferencias al interior del denominado “giro a la izquierda” han sido destacadas, debatidas e incluso, utilizadas políticamente (Paramio, 2006; García, 2008; Ramírez Gallegos, 2006). Más aún, algunos importantes países de la región parecen haber quedado al margen de este proceso. Tal es el caso de México y Colombia, donde la hegemonía neoliberal se extiende eficazmente, controlando incluso, los principales resortes y políticas del Estado nacional desde finales de la década del ‘80.

Sin embargo, en aquellos países han tenido y tienen lugar en el nivel sub-nacional experiencias de gobierno alternativas. Por la importancia relativa de las ciudades administradas, programas desplegados y apoyos alcanzados, entre otros factores, son dos las gestiones que se destacan: el gobierno de Andrés Manuel López Obrador en el Distrito Federal de México entre el año 2000 y 2005, y el de Gustavo Petro como Alcalde Mayor de Bogotá, desde el 2012. Líderes ambos, que debieron afrontar sendos procesos de desestabilización que pusieron en jaque la continuidad de sus respectivas administraciones y la potencial proyección nacional de sus liderazgos.

Algunos autores han definido este pasado inmediato y presente regional, como “una etapa de inédita disputa hegemónica, de final abierto” (Toer et al, 2012: 1). Este artículo se propone, entonces, explorar los conflictos por la hegemonía en México y Colombia, allí donde la derrota política del neoliberalismo no se ha consumado. Todo ello a partir de la descripción y el análisis de los procesos de *desafuero de López Obrador* en 2005, y de *destitución e inhabilitación política de Gustavo Petro* en 2014.

El intento es por destacar algunos puntos de contacto y diferencias entre ambos procesos destituyentes, a fin de pensar las posibilidades y dificultades que deben afrontar los proyectos alternativos en aquellos países. Con ese objeto, el artículo se divide en cuatro apartados: la presente introducción y presentación de la propuesta; una breve contextualización en la que se da cuenta de las características del neoliberalismo en general, su consolidación política en México y Colombia en particular, y el desafío planteado por los proyectos alternativos de López Obrador y Petro. Luego, la correspondiente descripción de los casos mencionados. Y por último, una conclusión en la que se intenta una reflexión primera acerca de las características y resultados de los procesos.

*Entre la destitución y el desafuero...* constituye apenas un somero acercamiento a un tema por demás complejo, interesante y necesario de abordar. Es imperativo destacarlo, posteriores análisis buscarán enriquecer y profundizar sus elementos y consideraciones.

## **2. De hegemonía neoliberal y proyectos alternativos**

El neoliberalismo puede definirse como una ideología utópica que centra el debate político en la determinación de los medios técnicamente más adecuados, para unos fines supuestamente fijos e inmutables. Este carácter “trascendental”, sobre el que se volverá más tarde por sus implicancias, tiende a la tecnificación de la política, la negación de otras ideologías e impone serias limitaciones a la democracia (Moulian, 1997: 14-17).

Su expansión global constituyó un intento por recomponer la acumulación capitalista, luego de la “crisis de los años dorados del capitalismo industrializado”, a partir de las imprecisas nociones de desregulación (que entraña en la práctica, nuevas formas de regulación), liberalización económica, privatización, flexibilización laboral y descentralización política (López y Díaz Pérez, 1990: 128-138). Es decir, confiando al mercado la capacidad de asignar los recursos.

En América Latina, su desarrollo supuso un “cambio de época”. Uno más en nuestra región, aunque claro, de características distintas al actual: reducción de las funciones del Estado en la economía, y mayor integración al mercado internacional. Si bien Chile y Argentina fueron experiencias precursoras, el neoliberalismo se perfiló en la región bajo el signo de reformas estructurales en el marco de la denominada “crisis de la deuda externa” de la década del ‘80 del siglo pasado. Su ingreso en la agenda política fue resultado de un traumático proceso de “aprendizaje negativo”, en el que la aplicación de distintas medidas ortodoxas hasta entonces conocidas no logró recomponer la acumulación. Políticas ineficaces sumadas a efectivas presiones internas y externas, con apoyos y préstamos financieros condicionados a la entrada en vigencia de estas reformas (Torre, 1998).

Se realiza a continuación, entonces, una rápida caracterización de los sucesivos gobiernos nacionales de México y Colombia de paradigma neoliberal, marcando el contrapunto respecto de la propuesta política de López Obrador y Gustavo Petro, respectivamente.

## **2.1 Estados Unidos Mexicanos**

En su orientación general, la entrada del neoliberalismo a México asumió las mismas características que en el resto de la región, es decir, un devenir de crisis económica, ajustes inefectivos, radicalización del diagnóstico, presiones, y finalmente, reformas estructurales. Su distinción estuvo dada, empero, por la mayor disponibilidad relativa de recursos con los que contaron las elites gubernamentales respecto del resto de los países de América Latina, posibilitada por la fachada de un régimen, sólo democrático en sus formas. En México operaba un sistema cerrado de distribución y transmisión del poder, basado en: el monopolio del Partido Revolucionario Institucional (PRI) de

la arena electoral, el control estatal de sindicatos y organizaciones campesinas, además de una densa red clientelar (Torre, 1998).

La “crisis de la deuda” generó, sin embargo, conflictos al interior de aquella elite dirigente, producto de una alteración en las relaciones de fuerzas entre las facciones del partido de Estado (PRI). Durante el gobierno de Miguel de la Madrid (1982-1988) se produjo el ascenso de una elite tecnocrática en detrimento de sectores políticos, que se consolidó con el mandato de Carlos Salinas de Gortari (1988-1994). Específicamente, bajo el gobierno de quién sería acusado por López Obrador de ser uno de los principales promotores de su desafuero, el cambio estructural se profundizó y aceleró (Torre, 1998). El Pacto de Estabilidad y Crecimiento, la privatización de empresas públicas, la notable apertura a la inversión extranjera y la entrada en vigencia del Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN), así lo indican.

Este régimen político autoritario que rigió en México hasta entrada la década del '90, era objeto de estabilidad pero sujeto a constantes críticas. La activa intervención del Estado en el plano político, limitaba el pluralismo y la movilización social (Ibarra y Elízaga, 2009: 71). Durante el gobierno de Ernesto Zedillo (1994-2000) se promovió una esperada reforma política, cuyas limitaciones fueron precipitadamente visibilizadas.

En el 2000, efectivamente, el PRI abandonó el control del Estado nacional luego de 71 años. La trayectoria de quien asumió el poderoso ejecutivo mexicano, no obstante, marca las características de la transición. Vicente Fox, candidato del Partido de Acción Nacional (PAN) y ex presidente de Coca-Cola para América Latina, ganó las elecciones con un amplio capital político, que pronto dilapidó. Solo durante las febriles jornadas del desafuero contra López Obrador, consiguió recuperar la iniciativa y el respaldo de las elites políticas y empresariales mexicanas.

En el transcurso de su pasaje por el Palacio Nacional (sede del poder ejecutivo) la economía permaneció prácticamente estancada. El desempleo y la pobreza, en cambio, mostraron preocupantes signos de crecimiento, al igual que los escándalos de corrupción (Díaz Polanco, 2005). La defensa del Área de Libre Comercio de las Américas (ALCA) le significó roces diplomáticos con los países del cono sur. Los enfrentamientos con Cuba, Bolivia y Brasil, entre otros, lo alejaron definitivamente de América Latina.

Como era previsible, los resultados de dos décadas de aplicación del neoliberalismo no fueron alentadores para México en general, y para los sectores populares en particular: la pobreza alcanzó al 45% de la población, la indigencia al 15% de los mexicanos; las empresas públicas fueron pri-

vatizadas o desmanteladas; la deuda privada, estatizada (Ibarra y Elízaga, 2009: 69). La migración se volvió obligada y masiva.

El año 2000 significó para México, entonces, la alternancia entre la derecha neoliberal (PRI) y la derecha clerical-neoliberal (PAN) (Figueroa Ibarra, 2012). Es decir, entre dos partidos con posiciones distintas respecto a la existencia de un partido de Estado en el gobierno, pero con igual proyecto económico (Ibarra y Elízaga, 2009: 69).

En este panorama general, el Partido de la Revolución Democrática (PRD) y el zapatismo eran los dos ejes de referencia nacional de la compleja y desigual izquierda mexicana, en la primera década del nuevo milenio. Surgido en 1989 de la confluencia de sectores del PRI, distintos partidos de izquierda y organizaciones sociales, el PRD procura alcanzar el poder político a través de la disputa y transformación de las instituciones existentes, a diferencia del zapatismo (Álvarez Bejar, 2005: 9-11). Partido multi-regional antes que nacional, desde que en 1997 se llevaron a cabo las primeras elecciones para Jefe de Gobierno del Distrito Federal, gobierna la capital mexicana.

### **Distrito Federal de México**

Andrés Manuel López Obrador (AMLO) formó parte del PRD desde su conformación. Nacido en 1953 en Tepetitán<sup>480</sup>, población de escasos habitantes y prácticamente inexistentes diferencias sociales notorias por aquel entonces, se graduó de Lic. en Ciencia Política y Administración Pública en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Figura en constante ascenso entre los “perredistas”<sup>481</sup>, presidió el partido en el Estado de Tabasco tras su fundación, y posteriormente dirigió el PRD a nivel nacional desde 1996 a 1999.

No obstante, AMLO consolidó definitivamente su liderazgo al interior del PRD, de la opinión pública mexicana, e internacional, a partir de su gestión en el DF entre el año 2000 y el 2005, en abierto y claro contraste con el gobierno de Fox. Este “crítico severo pero cauteloso del modelo neoliberal”, según Álvarez Bejar (2005: 11), estructuró su programa de gobierno en la articulación

---

<sup>480</sup> Es una villa del municipio de Macuspana, Estado de Tabasco, en el sur de México. Actualmente, su población es de 1522 habitantes, y son el petróleo y la agricultura sus principales actividades económicas. En 1953, su población no superaba las 600 personas y las comunicaciones se hacían a través de vías navegables.

<sup>481</sup> Termino con el que se conoce popularmente a los militantes del Partido de la Revolución Democrática (PRD).



y combinación de 3 ejes fundamentales: derechos sociales, participación ciudadana territorial y discurso ético (Ibarra y Elízaga, 2009: 70).

López Obrador colocó la política social en el centro de su actividad y discurso. No solo en el monto su accionar fue significativo, sino también en su orientación. En un contexto nacional y latinoamericano en el que la focalización por hogar e ingresos era la regla, promovió la universalidad y exigibilidad como lógica de las políticas sociales (Yanes, 2013: 144-145). Durante su gobierno, al menos 13 programas sociales fueron implementados: la Pensión Universal Alimenticia para Adultos Mayores, que supone una transferencia universal no condicionada equivalente a U\$d 70 mensuales y con rango de derecho; el Programa de Gratuidad de la atención médica y medicamentos para población excluida de la seguridad social; el Programa de Apoyo a Personas con Discapacidad; el Programa de Madres Solteras, consistente en becas para niños y niñas en condición de vulnerabilidad social; créditos a pequeñas empresas, etc.

Las políticas sociales fueron agrupadas en el Programa Integrado Territorial, como forma de planificación micro-territorial y promoción de la participación ciudadana. E impulsadas desde un discurso ético de austeridad republicana y lucha contra la corrupción (Ibarra y Elízaga, 2009: 70).

En el plano educativo se destacan, además de la entrega de útiles y materiales didácticos a estudiantes de bajos recursos, la construcción de 16 escuelas preparatorias públicas en las zonas más pobres del Distrito Federal, y la creación de la Universidad Autónoma de la Ciudad de México (UACM).

Además, frente al estancamiento nacional, manifestó un importante impulso a la obra pública, como forma de dinamizar la economía y generar empleo, a través de la recuperación del Centro Histórico, la construcción de viviendas, la ampliación de la autopista de circunvalación y distribuidores viales.

Su candidatura en las elecciones presidenciales del 2006 se daba por descontada incluso antes de su oficialización. Gobernar una ciudad de 20 millones de habitantes, con un PBI mayor al de todo Centroamérica era un poderoso trampolín. Gobernar con contundencia en abierto contraste al gobierno de Fox, le generó numerosos apoyos. Pero también una poderosa oposición.

El proyecto de López Obrador en el PRD no era, entonces, una opción anticapitalista, sino una alternativa no oligárquica ni neoliberal en construcción, capaz de poner en jaque a la gran empresa

y sus socios en el Estado (Ibarra y Elizaga, 2009: 70). Así pareció haberlo entendido también, la amplia coalición neoliberal que participó en su desafuero.

## **2.2 República de Colombia**

A diferencia del caso mexicano, el ingreso de las reformas estructurales neoliberales en la agenda política colombiana tuvo características singulares por el histórico patrón “neutral” de desarrollo (“ni orientado hacia dentro, ni orientado hacia afuera”), y los buenos resultados de los ajustes ortodoxos frente a la crisis económica. Su adopción, más bien, tuvo un fuerte componente normativo y performativo, de voluntad de conformar un modelo de desarrollo bajo los valores y directrices neoliberales (Torre, 1998).

Entre 1990 y 1991, comenzaron a implementarse las reformas neoliberales, desencadenadas a partir de la solicitud de un préstamo al Banco Mundial durante la presidencia de Virgilio Barco (1986-1990), condicionado a una apertura comercial. Presión externa que alumbró y articuló consensos internos, en el marco de un inestable contexto político (narcotráfico, conflicto armado, etc). Con la opinión pública centrando su atención en la conformación de una Asamblea Nacional Constituyente (de la que Gustavo Petro participó), el gobierno de Cesar Gaviria (1990-1994) encontró el espacio necesario para emprender un amplio e integral paquete de reformas, popularmente conocido como “revolución”, que significó un notorio avance en la apertura externa y negociaciones con soluciones de compromiso en torno a las privatizaciones y reformas laborales (Torre, 1998).

La dramática crisis de 1999, supuso para el gobierno de Andrés Pastrana (1998-2002), la firma de acuerdos con el FMI, ceñidos al cumplimiento de metas fiscales. Con la llegada de Álvaro Uribe al ejecutivo nacional (2002-2010), el patrón de acumulación basado en la re-primarización y financierización de la economía fue continuado y profundizado. Sucesivas reformas tributarias, laborales, de pensiones y del propio Estado, promovieron la transferencia de las rentas del trabajo al capital, de lo público a la propiedad privada, y del ámbito nacional al extranjero. La negociación de múltiples tratados de libre comercio y programas sociales focalizados, fueron parte del cuadro general. La exposición del país a las fluctuaciones internacionales, la extranjerización económica y la consolidación de la desigualdad, fueron algunas de sus consecuencias (Cubilledo Gorostiaga, 2013: 104-107).

Proveniente de una tradicional familia colombiana y ex Ministro de Defensa durante el escándalo de los “falsos positivos”<sup>482</sup>, Juan Manuel Santos asumió la presidencia de la República en 2010 y fue re-electo en junio de 2014. Durante su primer mandato continuó las principales políticas de su antecesor, es decir, la Política de Seguridad Democrática contra las guerrillas colombianas y la Confianza Inversionista. Sin embargo, los enfrentamientos entre Santos y Uribe rápidamente comenzaron a producirse en torno a 3 elementos: los diálogos de paz con las FARC-EP, el estado de la seguridad en el país, y programas de política económica. A partir del 2010, consiguientemente, el modelo económico neoliberal de enclave minero-exportador no sufre alteraciones; pero si empiezan a producirse, confrontaciones y re-alineamientos al interior de las fracciones dominantes (Cubilledo Gorostiaga, 2013: 113). Estas adquieren aun mayor visibilidad durante la campaña electoral del 2014, primero en las elecciones legislativas de mayo con la postulación y acceso de Álvaro Uribe al Senado, y luego en el marco de las elecciones presidenciales, que se definen en segunda vuelta con el ajustado triunfo de Juan Manuel Santos ante Oscar Iván Zuluaga, candidato del Partido Centro Democrático que responde al ex presidente Uribe.

### **Bogotá Distrito Capital**

En 1988 la ciudadanía capitalina empezó a elegir de forma directa al Alcalde Mayor de Bogotá. En el año 2012, Gustavo Francisco Petro Urrego accedió a este, el segundo cargo de elección popular más importante de Colombia. Nacido en Ciénaga de Oro (departamento de Córdoba) en 1960, a los pocos años su familia se trasladó a Zipaquirá en las afueras de Bogotá, donde funda un periódico y un centro cultural. Tras graduarse de economista en la Universidad Externado de Colombia, es elegido concejal de Zipaquirá y se vincula al partido Alianza Nacional Popular (ANAPO)<sup>483</sup> y al Movimiento 19 de Abril (M-19)<sup>484</sup>. En 1984 siendo concejal, hizo pública su militan-

---

<sup>482</sup> Nombre que hace referencia a las más de 3000 ejecuciones extrajudiciales, arbitrarias y sumarias perpetradas entre el año 2002 y el 2009, las cuales fueron denunciadas y están siendo investigadas por la justicia colombiana. Según las revelaciones que adquirieron notoriedad pública hacia fines de 2008, miembros del Ejército colombiano asesinaban civiles que hacían pasar por guerrilleros para mostrar “resultados” en el marco del conflicto armado, y conseguir beneficios personales.

<sup>483</sup> Partido político fundado en 1961 por el General Gustavo Rojas Pinilla, quién ocupó la presidencia de Colombia entre 1953 y 1957 a través de un golpe de Estado.

<sup>484</sup> Movimiento guerrillero fundado por sectores de izquierda de la ANAPO, cuyo nombre hace referencia al fraude electoral cometido contra el Gral. Rojas Pinilla en las elecciones del 19 de abril de 1970. De fuerte componente urbano, entre su accionar se cuenta la toma de la Embajada de la Rep. Dominicana, el robo de la espada de Simón Bolívar, la toma del Palacio de Justicia, etc.

cia en el M-19 en una manifestación en la plaza principal del municipio. Fue capturado por el ejército en 1985 y estuvo dos años en prisión. Tras lo cual volvió a integrar el M-19 en la clandestinidad, y fue uno de los artífices del proceso de paz entre el grupo y el gobierno de Virgilio Barco, que derivó en su desmovilización en 1990.

Junto a la mayoría del extinto movimiento fundó la Alianza Democrática M-19, partido con el que accedió a la Asamblea Constituyente que elaboró la Constitución Nacional de 1991. Posteriormente pasó a formar parte del Polo Democrático Alternativo (PDA), surgido de la confluencia de distintos partidos de la fragmentada izquierda colombiana. Fue el candidato del PDA en las elecciones presidenciales de 2010, sin embargo, escándalos de corrupción en la administración capitalina, diferencias programáticas y el no reconocimiento de su liderazgo, lo alejaron del partido. Fue entonces, cuando fundó el Movimiento Progresistas con el cual llegó a la alcaldía de Bogotá, ciudad de casi 8 millones de habitantes que aportan el 25% del PBI colombiano.

A pesar de las vicisitudes impuestas por el proceso de destitución e inhabilitación comenzado a poco de iniciar su mandato, planteó su programa de gobierno sobre 3 ejes articuladores: superación de la segregación social; adaptación al cambio climático; y finalmente, defensa de lo público (Bogotá Humana, 2013: 8). En pos de dichos objetivos, la construcción de una “Bogotá Humana”, lema de su gobierno, empezó a tejerse con: la ampliación de la jornada educativa, la extensión del servicio de agua potable gratis a 680 mil usuarios de los sectores más desprotegidos, reducción de las tarifas en el transporte público, atención integral a poblaciones vulnerables, la creación de Puntos por el Derecho a la Salud y Centros de Atención Móvil al Drogodependiente, inclusión social y territorial como forma de prevención ante el delito, etc . Finalmente también, la estatización de parte del servicio de aseo de la ciudad y el reconocimiento y organización de los recicladores y recolectores urbanos, que dio lugar al proceso de destitución e inhabilitación política en su contra (Bogotá Humana, 2013: 4-13).

Como parte del incremento de la inversión pública en infraestructura durante su gestión se destacan los avances para la construcción de la primera línea de metro de la ciudad, la finalización de la avenida 26 que conduce al Aeropuerto El Dorado, la construcción de jardines infantiles, escuelas y viviendas.

Al igual que en la gestión de AMLO, entonces, la política social, la obra pública, la participación ciudadana y el discurso ético forman parte de sus principales lineamientos. La reducción de la

pobreza, el desempleo y la mortalidad infantil, así lo demuestran. Las descalificaciones y la promoción de su destitución por parte de sectores conservadores colombianos, también.

### **3. Asedio y resistencia en la capital**

El 24 de abril del 2005, el Distrito Federal de México amaneció caluroso como de costumbre. Sin embargo, solo el sol pareció cumplir con la rutina. Desde temprano, miles de ciudadanos fueron llegando al centro de la ciudad capital provenientes de distintas delegaciones territoriales y puntos del país. Con la frente en alto y el aire resuelto que caracteriza a quienes se saben acompañados en una jornada histórica, 1 millón 200 mil mexicanos se movilizaron en una Marcha del Silencio, que no fue tal. El grito de “Todos somos López” retumbó en las principales avenidas de la ciudad. Y El Zócalo colmado, constituyó una imponente muestra de apoyo popular a Andrés Manuel López Obrador, Jefe de Gobierno del DF en ejercicio, en torno al proceso de desafuero en su contra.

El viernes 13 de diciembre de 2013, la guardia indígena alcanzó la Plaza Bolívar en el centro de la capital colombiana, acompañada por movilizaciones que partieron desde 12 puntos de la ciudad. “Petro se queda”, “Mi voto se respeta” fueron las consignas principales. Cuando el Alcalde Mayor Gustavo Petro salió al balcón del Palacio Liévano para pronunciar su discurso, incluso las estimaciones más optimistas habían sido superadas por la marea popular multicolor contraria a su destitución e inhabilitación política.

A pesar de la distancia espacial y temporal que las separa, aquellas jornadas en el DF y Bogotá comparten notables puntos de contacto. Pasaron a la historia por las extraordinarias manifestaciones de sectores populares en apoyo a sus alcaldes progresistas, frente a los procesos de desestabilización desatados en su contra. Ambas fueron importantes para el fracaso de dichos procesos, aunque una fue definitiva. En este apartado se describirán sus características.

#### **3.1 “Desaforado desafuero por desaforados desaforadores”**

Así calificó Fidel Castro, el proceso emprendido sobre el Jefe de Gobierno del Distrito Federal de México, Andrés Manuel López Obrador. La desestabilización de su gobierno, sin embargo, había empezado mucho antes del desafuero y continuaría aun después de su fracaso.

Desde su llegada al ejecutivo de la capital, el SACHA (Síndrome del Antichavismo Adquirido) se apoderó de los grupos de poder internos y transnacionales con intereses estratégicos en México (Díaz Polanco, 2005). Desde entonces iniciaron una feroz campaña para eliminarlo políticamente (Ibarra y Elízaga, 2009: 71). La primer ofensiva considerable se dio sobre el caso denominado

*Paraje de San Juan* en 2003, cuando una jueza ordenó al Gobierno del Distrito Federal (GDF) pagar en el plazo de 3 días, alrededor de U\$D 138 millones como indemnización al supuesto propietario de un predio de 280 hectáreas, por una expropiación irregular. AMLO logró demostrar que se trataba de un intento de fraude contra el erario público, y visibilizar la millonaria “industria de la indemnizaciones”. Sin embargo, este pleito adelantó el argumento de la campaña en su contra: su supuesto autoritarismo y no respeto al Estado de Derecho.

La segunda ofensiva tuvo lugar con los *videoescándalos* de marzo de 2004. La TV Azteca y Televisa difundieron imágenes de Secretarios del GDF apostando en Las Vegas y recibiendo cuantiosas sumas de dinero por parte del empresario Carlos Ahumada. “Claro que hubo actos de corrupción, pero en el fondo buscaban destruirme políticamente” señaló López Obrador. No sólo no lograron mostrar su complicidad, sino que también demostró la existencia de un complot en su contra, perpetrado por el ex presidente Salinas de Gortari, el dirigente panista Fernández de Cevallos y funcionarios del Centro de Investigaciones de la Seguridad Nacional (CISEN).

A estas campañas se sumó la votación de la descentralización educativa sin los recursos correspondientes y restricciones a su capacidad de endeudamiento, conformando la clásica “receta anti-populista”: asfixia presupuestal, asedio jurídico y golpeteo político (Álvarez Bejar, 2005: 7).

Estos intentos fueron generando una poderosa alianza desestabilizadora en oposición a AMLO, pero no lograron frenar su ascenso en las encuestas. Se puso en marcha, entonces, “una nueva y aun más vigorosa ofensiva para detenerlo” en el segundo semestre del 2004, que llevaría a su desafuero y alejamiento del Gobierno del Distrito Federal por algunas semanas (Ibarra y Elizaga, 2009: 73).

Rosario Robles, antecesora inmediata de AMLO en el ejecutivo distrital, expropió una parte del predio *El Encino* para la construcción de los accesos al Hospital ABC. Ya con López Obrador en el gobierno, el propietario del terreno demandó al GDF. Con la asesoría de Fernández de Cevallos, consiguió interponer un amparo que suspendía temporariamente los trabajos hasta tanto el asunto se aclarara definitivamente. El Secretario de Gobierno del DF firmó el parate de unas obras que nunca se terminarían; pero ya era tarde. Un juez de distrito alegó que el cumplimiento de la orden había sido dilatorio y que el amparo había sido violado.

Había que responsabilizar directamente a López Obrador por la desobediencia. Hacerlo abría la posibilidad de excluir su candidatura de las elecciones presidenciales del 2006, en tanto la Constitución Nacional de México establece en su artículo 38, fracción segunda, que quien este sujeto a

proceso pierde sus prerrogativas de ciudadano, sus derechos políticos. Es decir, no puede votar ni ser elegido.<sup>485</sup>

Fox en persona preparó políticamente el terreno para ello. Tal como quedó registrado, se reunió con Mariano Azuela, Presidente de la Suprema Corte de Justicia. También con las cúpulas empresariales, mediáticas, de las FFAA y del Congreso del Trabajo. El “golpe preventivo” estaba en marcha (Álvarez Bejar, 2005: 8).

La Procuraduría General de la República (PGR), órgano del Poder Ejecutivo Nacional, solicitó un juicio de procedencia, esto es, le pidió a la Cámara de Diputados que decidieran si le retiraban o no el fuero a López Obrador. El 1 de abril de 2005, una comisión compuesta por apenas 4 parlamentarios resolvió que la Cámara en pleno votaría seis días más tarde, quitarle o no la inmunidad jurídica a AMLO.

El 7 de abril, una multitud se reunió en El Zócalo del DF. López Obrador se dirigió a ellos para decirles que el proceso en marcha regresaba a México a la época autoritaria. “Los quiero desaforadamente” saludó, y se marchó hacia San Lázaro, para hacer su defensa ante la Cámara de Diputados antes de la votación. Allí acusó a los presidentes del Poder Ejecutivo Nacional y de la Suprema Corte de Justicia de tramar su desafuero, y adelantó que el legislativo también le daría la espalda a sus representados. “Ahora resulta que en el país de la impunidad... a mi me van a desaforar, me van a encarcelar, me van a despojar de mis derechos políticos por haber intentado abrir una calle para comunicar un hospital” concluyó (López Obrador, 2005). Tal como anticipó, los Diputados del PRI, del PAN, y del Partido Verde decidieron por 360 votos a favor y 127 en contra del PRD, quitarle los fueros constitucionales. Desde Roma, donde había asistido al funeral de Juan Pablo II, el presidente Fox señaló que “hoy México da un ejemplo al mundo de legalidad, de apego a la ley, y da también una clara señal de la fortaleza de nuestras instituciones”.

De esta forma, una poderosa coalición antidemocrática neoliberal se había alineado en oposición a López Obrador. La conformaban: el presidente Fox, la Procuraduría, el presidente de la Suprema Corte de Justicia, con la complicidad del duopolio televisivo, sectores de la jerarquía católica, di-

---

<sup>485</sup>“Artículo 38. Los derechos o prerrogativas de los ciudadanos se suspenden: ii. Por estar sujeto a un proceso criminal por delito que merezca pena corporal, a contar desde la fecha del auto de formal prisión;” Constitución política de los Estados Unidos Mexicanos, <http://info4.juridicas.unam.mx/ijure/fed/9/41.htm?s=>

rigentes empresariales, y los aparatos del PAN y del PRI. Impedir la participación de AMLO en las elecciones presidenciales era su objetivo, e intentaron utilizar las normas jurídicas para imponer su voluntad política (Díaz Polanco, 2005; Ibarra y Elizaga, 2009).

López Obrador comenzó una recorrida por el país, concitando crecientes muestras de apoyo. Para el 24 de abril se organizó una gran movilización popular a El Zócalo del Distrito Federal, que sería la más numerosa de la historia de México. Como se señaló anteriormente, 1 millón 200 mil mexicanos marcharon por los 9 km que separan el Museo Nacional de Antropología de la plaza tradicional, para expresar su apoyo a AMLO y su rechazo a una “democracia tutelada”. “A nuestros adversarios les produce un miedo irracional el que estemos proponiendo llevar a la práctica un proyecto alternativo de nación”, señaló López Obrador durante su discurso.

El impacto fue conmovedor, en su doble acepción. El repudio de la opinión pública internacional, hizo lo propio. El 25 de abril, AMLO retomó sus funciones. Dos días más tarde, Fox se comprometió a no impedir la participación de ningún candidato en las elecciones presidenciales de 2006. Una semana después, la PGR emitió un comunicado en el que declaraba la anulación del proceso, por la ausencia de una pena aplicable al supuesto delito acreditado.

Parcial y momentáneamente, el proceso de desestabilización había concluido con este fracasado intento. La movilización popular, junto al repudio de la opinión pública internacional, había sido determinante para mantener la posibilidad de unas elecciones libres en el 2006. La coalición opositora, se arreglaría para que no fueran limpias, y finalmente también, fraudulentas.

### **3.2 Destitución e inhabilitación política en Bogotá**

Durante su primer año de mandato al frente de la Alcaldía Mayor de Bogotá, Gustavo Petro decidió avanzar en el tercero de los ejes de su Plan de Desarrollo, esto es, la defensa de lo público. En pos de dicho objetivo, resolvió no renegociar los contratos de adjudicación del servicio de recolección de residuos, apartar del multimillonario negocio a unas pocas familias tradicionales colombianas y estatizar su servicio.

El 18 de diciembre de 2012, entró en vigencia el nuevo esquema de aseo en la capital, en el que la empresa estatal Aguas de Bogotá cubre el 52% de las operaciones, y se reconoce la labor de los recicladores urbanos. Los problemas, sin embargo, fueron evidentes durante los primeros días de la puesta en marcha del nuevo sistema. Utilizado políticamente por sus adversarios políticos y



amplificado por los principales medios de comunicación, el tema de la basura adquirió dimensiones nacionales. Y le valió a Petro la puesta en marcha de un proceso en su contra.

En enero de 2013, la Procuraduría General inició una larga investigación disciplinaria sobre la actuación del alcalde que culminaría 11 meses más tarde, con la oficialización de su destitución e inhabilitación a ocupar por 15 años cargos públicos. El Procurador General, haciendo uso de una amplia interpretación de las funciones conferidas por los artículos 277 y 278 de la Constitución Nacional, así lo establecía, responsabilizando a Gustavo Petro por las irregularidades que supuestamente se sucedieron en torno a la puesta en funcionamiento del nuevo esquema de aseo. Lo acusó, específicamente, de conferirle la labor a una empresa estatal con escasa experiencia, y de afectar de manera libre, consiente y voluntaria la libertad de empresa.

La Procuraduría General es, a diferencia de México, un órgano autónomo según la Constitución colombiana. El Procurador General es elegido por el Senado cada 4 años con posibilidad de reelección indefinida, siendo Alejandro Ordoñez el actual. Adscrito al Partido Conservador desde su juventud y cercano a Álvaro Uribe, este funcionario crítico del matrimonio homosexual y de los diálogos de paz con las FARC, aplicó sanciones disciplinarias sobre 1540 dirigentes políticos en solo su primer período al frente del Ministerio Público. Desde su llegada a la Procuraduría, esta institución por primera vez empezó a utilizar de forma extendida el control disciplinario, lesionando gravemente los derechos políticos de una ciudadanía colombiana que elige representantes que son luego destituidos por un funcionario carente de legitimidad popular.

La democracia colombiana sufría nuevamente con una decisión, movida por consideraciones ideológicas: el carácter progresista del gobierno de Bogotá en un país eminentemente neoliberal; y políticas: el uribismo y el santismo buscaban sacar rédito político en un escenario pre-electoral, y recuperar la capital para sus respectivos partidos, luego de distintos gobiernos de centro-izquierda. Para los sectores uribistas era también la posibilidad de entorpecer los diálogos de paz de La Habana, entre el gobierno nacional y las FARC-EP. Y Ordoñez sacaba de carrera con la inhabilitación, a un potencial competidor en sus reconocidas aspiraciones por alcanzar la presidencia en 2018.

Tras conocerse el fallo, la Presidencia de Colombia emitió un comunicado en el que informaba su respeto a la decisión de Ordoñez, y los medios de comunicación comenzaron a mencionar los posibles sucesores del Alcalde Mayor. Sin embargo, al interior del gobierno y del Partido de la U del presidente Santos, surgieron notorias disidencias. El Ministro de Trabajo, Rafael Pardo, sostuvo

“Petro ha sido leal con la paz que se firmó hace 20 años”. Armando Benedetti, senador oficialista, consideró que “el Procurador pone en entredicho la estabilidad institucional y en riesgo al sistema democrático” (Bogotá Humana, 2013: 3).

Gustavo Petro calificó la situación como un “golpe a la democracia, un golpe de Estado contra la voluntad popular”. Empezó a construir, desde entonces, una ofensiva integral que incluía un llamamiento expreso a que Juan Manuel Santos se expresara, recursos ante tribunales distritales, nacionales y ante la Comisión Interamericana de Derechos Humanos, y populares medidas de gobierno. Apuestas todas, sostenidas por un llamamiento a la sociedad bogotana a permanecer en estado de movilización permanente. Como aquella del 13 de diciembre, numerosas manifestaciones populares se producirían en apoyo al alcalde y en oposición a la decisión del procurador.

Así se mantuvo Petro en la Alcaldía Mayor hasta el martes 18 de marzo, cuando el Consejo de Estado rechazó las 25 tutelas radicas contra la sanción disciplinar de la Procuraduría General. Parecía entonces justificarse, el tan anunciado y fallido final de su carrera política. El voto mayoritario del Consejo dejaba en firme su destitución e inhabilitación. Sin embargo, otra vez, el jaque no fue mate. Al filo de la medianoche, la Comisión Interamericana de Derechos Humanos solicitó al Estado colombiano suspender la remoción de Gustavo Petro y proteger sus derechos políticos para que pueda continuar en funciones hasta tanto el mismo organismo, perteneciente a la Organización de Estados Americanos, se pronuncie sobre la cuestión de fondo. Los principales medios de comunicación y distintos actores políticos salieron a presionar con la supuesta posibilidad de no acatar la resolución. Opción que la Corte Constitucional colombiana se había ya encargado de desestimar en el 2003, reconociendo su carácter vinculante.

Inmediatamente al día posterior, haciendo lugar a las presiones y no, a lo establecido por la CIDH, Juan Manuel Santos firmó la destitución de Gustavo Petro que abandonó la alcaldía e inició, como López Obrador, un recorrido por el país concitando apoyos crecientes.

El 23 de abril, luego de más de un mes alejado de las funciones para las que había sido elegido, el Tribunal Supremo de Bogotá ordenó acatar las resoluciones de la CIDH y restituir al alcalde. En un contexto de elecciones en las que buscaba ser re-elegido, jaqueado por la popularidad creciente de Petro y su caída en las encuestas, Santos confirmó la restitución de Petro en la alcaldía de Bogotá. La situación comenzada por el Procurador Ordoñez había desgastado su imagen, y el definitivo retorno de Petro le servía a Santos, para diferenciarse del uribismo y su candidato, Oscar Iván Zuluaga.

#### **4. Conclusiones**

Este constituyó, entonces, apenas un acercamiento a un fenómeno complejo, por demás. Sin embargo, permitió alumbrar procesos de desestabilización de gobierno populares a nivel sub-nacional en países latinoamericanos que no forman parte del denominado “giro a la izquierda”, y que por ello, no suelen encontrar amplia difusión en los grandes medios de comunicación regionales.

El origen de los procesos destituyentes analizados responde a la hegemonía neoliberal imperante en México y Colombia, en un doble sentido. Por un lado, porque los proyectos populares de López Obrador y Gustavo Petro ponían en cuestión las políticas, alianzas, incluso la propia, hegemonía del neoliberalismo. Pero también, siguiendo a Moulian (1997), porque en tanto el neoliberalismo pregona una supuesta tecnificación de la política y “trascendentalización” de los fines, sus propias premisas lo llevan a la negación de toda ideología o proyecto alternativo.

Los puntos de contacto entre López Obrador y Petro son múltiples. Dirigentes provenientes de familias pobres de zonas marginales del país; alcaldes progresistas capitalinos, en naciones dominadas por el neoliberalismo; con explícita proyección nacional; respaldados por un amplio apoyo popular; y acusados despectivamente de “chavistas” por los sectores conservadores de México y Colombia, que sufrieron sendos procesos de desafuero y destitución.

Sin embargo, la descripción de los casos permitió visibilizar algunas particularidades y diferencias de las disputas por la hegemonía en México y Colombia.

El desafuero de López Obrador constituyó un intento por impedir su candidatura y con ello su triunfo en las elecciones nacionales de 2006. En pos de dicho objetivo, se consolidó una amplia y poderosa coalición neoliberal compuesta por el PAN, el PRI, el Presidente de la Suprema Corte de Justicia, la Procuraduría, el duopolio televisivo, y sectores empresariales y de la jerarquía católica, bajo el liderazgo del presidente, Vicente Fox. La destitución e inhabilitación política de Petro, por el contrario, fue promovida por el Procurador General Ordoñez, planificada por el uribismo y contó con el apoyo de distintos estamentos del Poder Judicial, la complicidad de los principales medios de comunicación, el Partido Conservador, el Partido de Centro Democrático, y sectores del Partido de la U, del presidente Juan Manuel Santos. La alianza, entonces, no contó con la misma amplitud ni solidez que la que emprendió el desafuero de AMLO.

En el caso de López Obrador fue, principalmente, la movilización popular, junto a la presión internacional, la que llevó el intento de desafuero al fracaso. En el caso de Petro, si bien las movili-

zaciones también fueron importantes y multitudinarias, su retorno a la alcaldía de Bogotá se debió más bien al conflicto político entre Santos y Uribe, en un contexto de elecciones presidenciales en las que competían el propio Santos, y Oscar Iván Zuluaga por el uribismo.

Por lo tanto, mientras que el proceso de desafuero de AMLO se inscribe y explica en el marco de una crisis de la hegemonía neoliberal en México y de *disputa por la hegemonía entre dos proyectos alternativos* (que no será definida parcialmente con el desafuero, sino con el fraude electoral del 2006), la destitución de Petro, responde y se resuelve más bien por *disputas entre fracciones del bloque de poder dominante por el liderazgo de la hegemonía neoliberal*, en un escenario de elecciones nacionales.

Así las cosas, la correlación de fuerzas para los sectores populares era más favorable en México que en Colombia, de acuerdo con los casos analizados. Siguiendo el planteo de Gorostiaga (2013: 113), la situación política de Petro sería, entonces, un nuevo asunto de discusión entre el santismo y el uribismo por el control y liderazgo de la hegemonía neoliberal en Colombia. A los pocos días de volver a sus funciones en la Alcaldía Mayor de Bogotá, Gustavo Petro firma un acuerdo con Juan Manuel Santos, en el que este se compromete a trasladar a nivel nacional algunas de las políticas implementadas por el gobierno de Petro en Bogotá, y Progresistas reconoce la importancia de los diálogos de paz de La Habana y manifiesta su apoyo al proceso. En un contexto de campaña electoral por la presidencia en el que el uribismo crecía en las encuestas, Santos recibía el aval de un importante sector político progresista, y Petro reforzaba su retorno a la alcaldía e impulsaba los diálogos de paz con las FARC-EP, cuyos resultados no son menores para el futuro de los sectores de izquierda y progresistas en Colombia.

La disputa por la hegemonía en México entre proyectos alternativos no se cerró, entonces, durante las febriles jornadas del derrotado proceso de desafuero a López Obrador. Su definición parcial habría de desarrollarse al año siguiente, en el marco de una feroz campaña electoral contra AMLO, complementada finalmente con el fraude electoral de las elecciones presidenciales del 2006 que le dieron el triunfo a Felipe Calderón del PAN (Ibarra y Elizaga, 2009: 85). Sucesos que volvieron a poner en cuestión el carácter democrático de la sociedad mexicana, incluso en su limitada forma como régimen electoral.

## **Bibliografía**

Alvarez Béjar, Alejandro (2005): “La izquierda mexicana ante los desafíos presentes y futuros”, en *Revista Memoria* N°195.

Bogotá Humana (2012): *Plan de Desarrollo Distrital Bogotá Humana 2012-2016*.

Bogotá Humana (2013): Periódico Oficial de la Alcaldía Mayor de Bogotá, edición número 26, diciembre de 2013.

Cubilledo Gorostiaga, Daniel (2013): “La confrontación Uribe-Santos ¿diferencias superficiales o contradicciones en el bloque de poder dominante?”, en *Cuadernos del GESCAL* N°1, Buenos Aires.

De Moraes, Denis, Ramonet, Ignacio y Serrano, Pascual (2013): *Medio, Poder y Contrapoder*. Editorial Biblos.

Díaz Polanco, Héctor (2005): “El desafuero. Paisaje después de la batalla”, en *Revista Memoria* N°196.

Figueroa Ibarra, Carlos (2012): *México: cuando “la democracia nos mata”, crónica de un fraude anunciado*.

García, Marco Aurelio (2008): “Nuevos Gobiernos en América del Sur: Del destino a la construcción de un futuro”, en *Nueva Sociedad* N°217, Buenos Aires, septiembre/octubre.

Ibarra, Carlos y Elízaga, Raquel (2009): *Del desafuero al gobierno legítimo: episodios de la resistencia civil en la confrontación neoliberal en México*.

López, Andrés y Díaz Pérez, José Luis (1990): “Tristezas y melancolías del capitalismo”, en *Realidad Económica* N° 92/93, Buenos Aires.

López Obrador, Andrés Manuel (2005); discurso ante el pleno de la Cámara de Diputados durante el juicio de procedencia, México, 6 de abril de 2005.  
<http://www.democraciasur.com/documentos/LopezObradorDiscursoDesafuero.htm>

Moulian Tomás (1997), “Páramo del ciudadano”, en *Chile actual. Anatomía de un mito*, Santiago.

Paramio, Ludolfo (2006): “Giro a la izquierda y regreso del populismo”, en *Nueva Sociedad* N°205, Buenos Aires, septiembre/octubre.

Ramírez Gallegos, Franklin (2006): “Mucho más que dos izquierdas”, en *Nueva Sociedad* N°205, Buenos Aires, septiembre/octubre

Toer, Mario (2011): *De Moctezuma a Chávez. Repensando la historia de América Latina*, Ediciones Cooperativas, Buenos Aires, 4 Edición.

Toer, Mario et al (2010): “Los desafíos del pensamiento progresista en el actual contexto latinoamericano. Hegemonía, Estado y Democracia”, ponencia presentada en el I Congreso Internacional Extraordinario de Ciencia Política, Universidad de San Juan, Argentina, agosto de 2010.

Torre, Juan Carlos (1998): *El proceso político de las reformas económicas en América Latina*, Editorial Paidós, Buenos Aires.

Yanes, Pablo (2013): “Quince años de política social en la Ciudad de México”, en *Nueva Sociedad* N°243, Buenos Aires, enero-febrero de 2013.

**Nuevas medidas económicas en las democracias de América Latina. La política social de precios en Argentina y Venezuela en el escenario de disputa entre los gobiernos del giro a la izquierda y la reconfiguración de las derechas.**

Florencia Tursi Colombo

[flortuco@yahoo.com.ar](mailto:flortuco@yahoo.com.ar)

FSOC-UBA.

### **Resumen**

Durante 2014 se han registrado en Argentina y Venezuela maniobras de especulación económica y sabotaje por parte de sectores empresariales y parte de las oposiciones de derecha, son golpes económicos que aprovechan los incrementos de la demanda (gracias a la redistribución del ingreso impulsada por los gobiernos) para aumentar sus precios y sus márgenes de ganancia, a expensas del bienestar del resto de la sociedad. En este escenario aparece la inflación como una cuestión socialmente problematizada, ante esto, los gobiernos de Cristina Fernández de Kirchner y Nicolás Maduro han impulsado programas de precios (Programa Precios Cuidados y Superintendencia de Precios Justos) como tomas de posición que pretenden combatir la inflación y el desabastecimiento a través de la intervención del Estado. La solución a la cuestión socialmente problematizada no es sólo una medida económica de reducción de la inflación, sino que se da pelea desde la democracia abarcando lo político (ya que es una disputa hegemónica) y lo social (ya que garantiza el acceso al consumo masivo); no son meras políticas económicas, sino que son por sobre todo políticas sociales que benefician a los sectores de menores ingresos garantizando su acceso al consumo.

### **Introducción**

En este trabajo voy a comparar las políticas de Precios Cuidados y Superintendencia de Precios Justos impulsadas en el 2014 por los gobiernos de Cristina Fernández de Kirchner en Argentina y Nicolás Maduro en Venezuela, como tomas de posición por parte de ambos Estados con el objetivo de resolver una "cuestión socialmente problematizada": la inflación. En un contexto de disputa hegemónica en donde parecen reconfigurarse las oposiciones de derecha, al mismo tiempo que se dan climas de desestabilización económico/ financieros.

Primero caracterizaré los actuales gobiernos de Argentina y Venezuela en el marco del "giro a la izquierda" en la región latinoamericana en contraposición al neoliberalismo de la etapa anterior.

Luego señalaré el contexto internacional de crisis que enfrentan estos gobiernos, que en un principio permitió bonanza económica en la región pero que a través de grupos de presión especulativos nacionales e internacionales, se desencadenaron golpes económicos. En siguiente lugar identificaré los programas de precios como toma de posición de los Estados para combatir esos golpes. Analizaré las posiciones de los distintos actores sociales, principalmente empresarios, comerciantes y la oposición de derecha que especulan con los precios generando climas de desestabilización y la disputa hegemónica que se genera entre estas corporaciones de poder económico y financiero que aspiran a un retorno del Consenso de Washington y los gobiernos del "giro a la izquierda" que garantizan el consumo popular y la redistribución del ingreso. Finalmente concluiré reflexionando sobre el Programa Precios Cuidados y la Superintendencia de Precios Justos, no como meras políticas económicas, sino que son por sobre todo políticas sociales que benefician a los sectores de menores ingresos garantizando su acceso al consumo.

Mi hipótesis es que las nuevas medidas económicas implementadas por los gobiernos de Argentina y Venezuela, Programa Precios Cuidados y Superintendencia de Precios Justos, son políticas sociales que buscan una redistribución del ingreso equitativo, democratizar el acceso al consumo y al mismo tiempo disputar la hegemonía con aquellos grupos de poder político y económico que pretenden una vuelta al Estado neoliberal.

### **"Giro a la izquierda"**

América Latina vive, desde hace un tiempo, un ciclo político conocido como "giro a la izquierda" (GI), gobiernos de izquierda han sido electos democráticamente y casi al mismo tiempo en distintos lugares de la región. En Venezuela, Hugo Chávez en 1999 y en Argentina, Néstor Kirchner en 2003. Estas nuevas fuerzas que surgieron cuestionando a la hegemonía neoliberal son heterogéneas, esto ha llevado a un debate sobre como analizar a la región.

Por un lado, interpretaciones como las de Jorge Castañeda y Ludolfo Paramio, nos hablan de dos izquierdas latinoamericanas: una izquierda "sensata", "realista", "moderna", "buena", preexistente, que ha reaccionado contra el neoliberalismo, es el caso de Brasil, Chile y Uruguay. Otra izquierda "demagógica", "nacionalista", "poco modernizada", "sin fundamentos ideológicos", "mala", "anti-democrática", que no es una verdadera alternativa al neoliberalismo sino que el giro a la izquierda desembocó en discursos populistas que dividen a la sociedad, confrontan y no pretenden crear ciudadanos sino seguidores; en Bolivia, Venezuela y Argentina. El objetivo de estos autores es descalificar a esta última izquierda.

Por otro lado Marco Aurelio García señala que no hay dos izquierdas una "buena" y otra "mala", sino que hay diferentes circunstancias históricas y diferentes intereses que nos permiten identificar dos procesos: el de los países del Cono Sur como Chile, Argentina, Uruguay y Brasil que han dejado atrás al neoliberalismo y han logrado crecimiento y mejoras sociales y atraviesan una época de cambios; y el de los países del área andina como Venezuela, Perú, Ecuador y Bolivia que están atravesando un verdadero cambio de época en el que emergen los sectores populares construyendo un nuevo equilibrio político. En sintonía, Franklin Ramírez Gallegos señala que hay una variedad de izquierdas en la región que se debe a la heterogeneidad señalada. Pero hay rasgos comunes como un retorno a un neo-desarrollismo; una inserción soberana en el escenario internacional; innovación económica a partir de cooperativas y un impulso democrático.

Este GI representa una lucha hegemónica contra el neoliberalismo el cual comenzó en los años 70 y se extendió en los 80 y 90 volviéndose hegemónico en la región. Se expresó a través del Consenso de Washington, el cual impulsaba a los países latinoamericanos a dejar de controlar el tipo de cambio, abrir las cuentas financieras y privatizar los servicios del Estado. Las políticas neoliberales lograron controlar la inflación pero fracasaron en promover una verdadera estabilidad macroeconómica y recuperar el desarrollo. "Las elites locales dejaron de pensar con la propia cabeza y aceptaron los consejos del Norte" (Bresser-Pereira 2007: 113).

Utilizo el término "hegemonía" en sentido gramsciano, como una visión de mundo, una filosofía, una moral, costumbres y un sentido común que logra imponerse sobre la sociedad civil y política; no es mero dominio sino que la hegemonía supone la incorporación de los estratos populares. Hegemonía es hacer aparecer determinados intereses particulares como intereses generales; el neoliberalismo logró esto en la región en 1990. En Venezuela tuvo su auge, la hegemonía neoliberal, en la segunda presidencia de Carlos Andrés Pérez y en Argentina en las presidencias de Carlos Saúl Menem. Pero el GI vino a resquebrajar esa hegemonía neoliberal.

Hegemonía en el sentido 'gramsciano' no es el abuso, es liderazgo, es dirección moral, dirección política, cultural, espiritual, sobre el resto de las fuerzas sociales, una revolución tiene que permanentemente ampliarse, irradiarse a otros sectores, pero si se irradia demasiado, se debilita el núcleo y pierde su esencia, pero si se concentra en su núcleo queda aislado y entonces en sus alrededores pueden surgir otros liderazgos que atraigan a las clases sociales en contraposición a la revolución, entonces uno tiene que saber medir permanentemente entre consolidar el núcleo fundamental, obrero, campesino, indígena, popular y saber irradiarse a los otros sectores. No olviden, siempre hay que sumar a Lenin con Gramsci, al adversario hay que derrotarlo, eso es Lenin, Gramsci, al adversario hay que incorporarlo, pero no se incorpora al adversario, en tanto adversario organizado, sino en tanto adversario derrotado, es derrotar e incorporar. (García Linera 2014).



El actual gobierno de Nicolás Maduro asumió la presidencia en Venezuela luego de la muerte de Chávez (2013), dando continuidad a las políticas implementadas que asignaban un rol central a la redistribución social de la renta petrolera, un "socialismo petrolero" basado en la empresa nacional PDVSA y el objetivo socialista de "maximizar la felicidad social" a través de las misiones sociales que buscan favorecer a los menos privilegiados y excluidos (como por ejemplo la campaña de alfabetización). Los fondos provenientes del petróleo se destinan a los programas sociales y a la lucha contra la pobreza. Cristina Fernández, actualmente en su segunda presidencia, también continúa con las medidas implementadas por su esposo Néstor Kirchner que buscan redistribuir el ingreso sin que se dispare la inflación ni que se dificulte el manejo de las principales variables económicas (Toer 2013: 181). Ambos países impulsan modelos de desarrollo endógenos en donde las políticas económicas y sociales están íntimamente relacionadas en un objetivo común, eliminar la pobreza; a diferencia del Estado neoliberal en el cual la economía se encontraba "abierta" a los capitales financieros internacionales beneficiando a las elites económicas dominantes, reproduciendo y aumentando la pobreza y la desigualdad.

El crecimiento de la economía sudamericana revierte la prolongada tendencia recesiva del pasado reciente. Y ha llegado acompañado de un equilibrio macroeconómico sin precedentes: baja inflación, buena situación fiscal, superávit de las cuentas externas y considerables reservas monetarias. A pesar de la persistencia de graves problemas sociales – pesada herencia del pasado–, el crecimiento ha permitido la expansión del empleo y de la riqueza y, en mayor o menor medida, la reducción de la pobreza y de la desigualdad. A esta mejora de la situación social contribuye también una serie de políticas públicas aplicadas por casi todos los gobiernos en el área de la educación, la salud, la vivienda y el saneamiento, además de los programas de transferencia de renta. Pero no se trata solo de un buen contexto económico. La situación es también inédita desde el punto de vista político: todos los gobiernos sudamericanos son resultado de elecciones libres y democráticas, con una amplia participación popular, que han permitido el ascenso de nuevos actores hasta hace poco relegados a los entretelones de la escena política, como los pueblos originarios. (García 2008: 119).

Las economías de los países que analizamos no son exactamente iguales, en Venezuela los alimentos básicos en su mayoría se producen en el país, pero en cantidades insuficientes como para satisfacer la demanda, lo que requiere destinar parte de las divisas de moneda extranjera para la importación de alimentos. En cambio en Argentina la mayor industria es la agropecuaria, lo que permite satisfacer la demanda interna y generar un excedente para la exportación.

Ambos países registran altos índices de crecimiento que entre otras razones se deben a: aumento del mercado interno, ampliación del acceso al consumo y disminución de la desocupación.

### **Contexto mundial y coyuntura interna.**

En el 2008 a nivel mundial estalla la crisis. La causa principal fue que los Estados Unidos sostenían su crecimiento en base al consumo interno financiando para la compra de viviendas, éste sistema desemboca en una crisis financiera ante el incumplimiento de los pagos. Pero esta no fue una crisis financiera más, sino que las hipotecas inmobiliarias se habían convertido en títulos especulativos. No sólo resultaron afectados los bancos sino también numerosas familias se endeudaron y se quedaron sin hogar, los inmuebles se desvalorizaron y la industria de la construcción cayó, quedando sin empleo muchos trabajadores. Esta crisis se transfirió a los demás países principalmente a los de la Unión Europea. Los gobiernos de Norteamérica y la Unión Europea decidieron intervenir para salvar las principales empresas, bancos y compañías financieras en quiebra. Estas acciones constituyeron una socialización de las pérdidas, aumentando los damnificados y condenando al endeudamiento a las generaciones futuras.

Ante la crisis internacional los países de la región latinoamericana han consolidado sus vínculos políticos y económicos, mientras que los países afectados (Estados Unidos y Europa) y los organismos multilaterales (como el FMI) siguen sosteniendo el modelo neoliberal. La crisis revela que estamos ante un escenario en disputa, las fuerzas políticas sudamericanas pretenden impedir y revertir al neoliberalismo a través del rol central que le dan al Estado en reasignar los recursos en beneficio de los sectores populares.

En América Latina la crisis repercutió no en las finanzas sino en el comercio ya que la región ha logrado reducir la vulnerabilidad financiera pero "la vulnerabilidad comercial es mucho más profunda que en el pasado" (Ocampo 2009: 56). Esto se debe a que se ha reducido el endeudamiento externo, pero apareció la inflación como un problema a resolver. La crisis internacional alimentó la especulación con los precios internacionales de los alimentos, la energía y otras materias primas aumentando las presiones inflacionarias por parte de los sectores de mayores ingresos nacionales e internacionales en Argentina y Venezuela.

Se denomina inflación a un aumento del nivel general de precios. Usualmente se calcula a partir de los incrementos porcentuales del costo de vida, es decir, cuánto varía la suma de dinero que paga un consumidor por un conjunto representativo de los bienes y servicios que adquiere habitualmente. Si el nivel general de precios baja en lugar de aumentar, se trata de deflación, fenómeno que puede ser más indeseable que la inflación, porque genera desocupación, quiebras y depresión económica. (Rapoport 2010 a: 1).

Los procesos inflacionarios o deflacionarios no son neutrales, sino que provocan transferencias de recursos de unos sectores a otros. En donde siempre se beneficia la misma minoría en perjuicio de la mayoría.

En síntesis, podríamos decir que hoy permanece la incertidumbre sobre las modalidades de la recuperación, y no sabemos si habrá un «amesetamiento» que nos coloque por un tiempo prolongado en una situación mediocre o si, por el contrario, podremos aplicar nuevas y mejores estrategias para alcanzar indicadores que nos aproximen a los del favorable ciclo 2003-2008. Entre los retos que una buena salida plantea a los gobiernos progresistas se debe incluir asuntos como los nuevos mecanismos de regulación y control de la banca, los negocios inmobiliarios y de seguros, cuya necesidad se reconoce universalmente; los proyectos para establecer mecanismos de participación y control ciudadano para consumidores y productores de menor tamaño; la reglamentación de responsabilidades y sanciones para los malos empresarios que violen las reglas éticas de su quehacer, y una dinamización de los circuitos de cooperación e integración regional que aumente la capacidad de inserción internacional de nuestros países. Estos son algunos desafíos para enfrentar la crisis. (Maira 2009: 150-151).

Uno de los objetivos del Consenso de Washington, era luchar contra la inflación para ello decían que había que incrementar la eficiencia de la industria "abriendo" la economía, esto significaba una desindustrialización, es decir una salida de capitales y un aumento de la deuda externa. Se ha utilizado la inflación para justificar el ajuste y "las medidas de estabilización" neoliberales.

Para los "economistas ortodoxos" (identificados con los lineamientos del Consenso de Washington) la inflación depende de una emisión monetaria: si el Banco Central pone más dinero en manos del público, éste aumentará sus compras y convalidará la inflación. Es decir que se culpa de la inflación a los salarios, el gasto público y la expansión monetaria ya que generan demandas que presionan sobre el mercado provocando que aumenten los precios. La solución para estos economistas (que los vimos operando durante la hegemonía neoliberal en Latinoamérica) es reducir el gasto público, aumentar los impuestos al consumo, no emitir moneda y congelar o bajar salarios. Las consecuencias de esto las conocemos muy bien en la región: aumento de la desocupación, la pobreza y la indigencia y se redistribuyen regresivamente los ingresos. Al contener la inflación, el neoliberalismo desencadena la deflación, la cual produce más desventajas para los sectores populares que la inflación.

Hoy podemos decir que en América Latina ha surgido de manera genérica un modelo post neoliberal, hablar de neoliberalismo en América Latina cada vez se asemeja a hablar de un arcaísmo, es casi como hablar del parque jurásico. Hace 15 años neoliberalismo era la biblia, hoy el neoliberalismo es un arcaísmo que lo estamos botando al basurero de la historia, de donde nunca debía haber salido. El mundo es otro, la historia continúa, la ideología y el falso macro relato del fin de la historia se ha derrumbado ante la emergencia de luchas, de proyectos, de insurgencias que se han expandido a lo largo en todo el continente. (García Linera 2014).

La actual crisis internacional genera desafíos a la gobernabilidad democrática en la región latinoamericana, son golpes económicos que se expresan a través de la inflación y el desabasteci-

miento; también en Argentina a través de la especulación con la deuda externa. Pero la solución no deben ser sólo propuestas económicas, sino que hay también un enfrentamiento político entre grupos políticos/empresarios que se ocultan tras la máscara del "cambio" y de "lo nuevo" pero que en verdad quieren resucitar al neoliberalismo y por otro lado, los gobiernos democráticos que quieren profundizar el GI.

### **Toma de posición del Estado, combatir la inflación.**

La inflación es, hoy en día, en Argentina y Venezuela, una cuestión socialmente problematizada. Es decir que "clases, fracciones de clase, organizaciones, grupos o individuos promueven su incorporación a la agenda de cuestiones socialmente problematizadas" (Oszlak y O'Donnell 1982: 109).

Toda cuestión atraviesa un ciclo desde su problematización social hasta su resolución. A lo largo de este proceso, diferentes actores toman posición frente a la misma, modificando el mapa de relaciones sociales. Ante esto, el Estado también toma posición; a través de la política estatal intenta dar resolución a la cuestión problematizada. La política estatal es un conjunto de acciones y/u omisiones que manifiestan una determinada modalidad de intervención del Estado en relación con una cuestión que capta la atención e interés de la sociedad. Dicha intervención da cuenta de la direccionalidad y orientación gubernamental. La política estatal no es un acto reflejo ni una respuesta aislada sino, un conjunto de iniciativas y respuestas, manifiestas o implícitas, que observadas en un momento histórico y en un contexto determinado permiten inferir la posición (predominante) del Estado frente a una cuestión. El Estado es un actor que "toma partido" respecto a una cuestión socialmente problematizada ya sea por acción u omisión.

La problematización social de la inflación tanto en Venezuela como en Argentina se dio en el 2013 pero como ya fue mencionado, tiene sus orígenes en el 2008 con la crisis mundial. Ambos estados han implementado políticas similares para encarar su resolución: el Programa Precios Cuidados en Argentina y la Superintendencia de Precios Justos en Venezuela.

El objetivo de los sectores económicos más concentrados es, a través de estos golpes económicos, producir climas desestabilizadores y de esa manera, presionar a los gobiernos para que cambien su orientación política/económica.

Desde luego, lejos parecen estar los tiempos en que en América del Sur, con la ayuda de Washington, los militares se deshacían de gobiernos constitucionales surgidos de elecciones democráticas. Sin embargo, cuando una ola de dirigentes carismáticos, de izquierda o centroizquierda, llegó al poder a partir de 1999 movilizándolo a los desfavorecidos, golpes de Estado y otros intentos de desestabilización, abortados o concretados, tuvieron lugar en Venezuela (2002, 2003, 2014), Haití (2004), Bolivia (2008), Honduras (2009), Ecua-

dor (2010) y Paraguay (2012). Pero las fuerzas conservadoras aprendieron que, para la opinión pública internacional, los métodos sangrientos resultan contraproducentes y que, al menos en América Latina, un “golpe” clásico ya no tiene cabida. Entonces, las técnicas evolucionaron. (Lemoine 2014).

Los golpes económicos son presiones sobre las políticas económicas de los gobiernos llevadas a cabo por "gurús" neoliberales, es decir grupos con poder económico-financiero especulativo ya sean dueños de bancos, empresas nacionales o multinacionales o tenedores de deudas estatales (fondos buitre), con el objetivo de hacer retroceder los avances de los gobiernos del GI en beneficio sus intereses privados.

Los gurús del neoliberalismo buscan la manera más eficaz para contribuir a satisfacer empíricamente la tesis de la profecía autocumplida. El procedimiento es siempre el mismo. Primero, fijan el objetivo que desean destruir. Habitualmente, este objetivo se limita al país que no cumple con lo que ordenan esos mismos gurús de la política económica. Segundo, juegan a disfrazarse de adivinos, sabelotodo, vestidos de traje académico, siempre aparentando una inexistente neutralidad, y sin usar ni siquiera la bola de cristal, son capaces de prever anticipadamente el mayor de los colapsos, la catástrofe más catastrófica posible. Tercero, se inicia una insistente tarea de repetir y repetir el mensaje fatídico y siniestro hasta la saciedad, en tantos medios disponibles como el capitalismo disponga a su merced, con el mayor de los ecos posibles, y siempre abusando de una posición dominante que reside en la propia hegemonía de su relato económico a nivel mundial. (Serrano 2014).

El efecto "inflación" producido por estos golpes económicos se manifestó en ambos países de la misma manera: aumentos excesivos en los precios principalmente de los alimentos (aunque también afectó otros rubros como automóviles, aparatos electrónicos, productos de limpieza, medicamentos y materiales para la construcción) y desabastecimientos, es decir faltantes de productos de consumo masivo en los comercios. Las medidas impulsadas por los gobiernos de Maduro y Fernández de Kirchner intentan resolver estas dos cuestiones (precios y abastecimiento) dando continuidad a la direccionalidad de los gobiernos del GI, contrariamente a lo que pretenden los sectores económicos concentrados. Esta direccionalidad se caracteriza por posibilitar el acceso a los mercados a amplios sectores de la población, pero no en el sentido neoliberal de un mercado "abierto" a todos, regulado por una "mano invisible" y el libre juego de la oferta y la demanda; sino que, a diferencia de la etapa neoliberal, el Estado asume ahora un rol central en democratizar el consumo ya que los gobiernos del GI reconocen que el acceso al mercado es una cuestión política.

### **Nuevas medidas económicas. Implementación y resistencias.**

El Programa Precios Cuidados y la Superintendencia de Precios Justos, en rasgos generales, comparten la fijación de precios accesibles de productos básicos de consumo masivo conocidos como "canasta familiar"; buscan detener la inflación, garantizar el abastecimiento e impulsar la producción nacional. Además comparten otro objetivo fundamental: parar la especulación económica. Es por esta razón que estas políticas sociales de Precios Justos y Precios Cuidados disputan la hegemonía con las grandes corporaciones de poder económico, financiero y político que especulan con los precios generando climas de desestabilización. Lo que pretenden estos grupos desestabilizadores es volver a un Estado neoliberal, es decir un Estado que no intervenga en el mercado, que sólo garantice sus intereses privados.

La Superintendencia de Precios Justos propone crear una economía "sana" en lo productivo y en los precios para atacar la raíz de la especulación, la inflación y el acaparamiento. Es una "fase ofensiva contra la guerra económica" (así la caracterizó el Presidente bolivariano) que se basa en tres ejes: impulsar la producción nacional, garantizar el abastecimiento y establecer precios justos. Por su parte el Programa Precios Cuidados se presenta como un compromiso entre el Gobierno nacional, las empresas comercializadoras, los distribuidores y los principales proveedores para brindar previsibilidad, estabilidad y transparencia en el proceso de formación de precios. Mientras que en Venezuela se fijan precios máximos en cada parte de la cadena de producción o importación, distribución y consumo de bienes y servicios; en Argentina los Precios Cuidados son precios de referencia que sirven para comparar con los precios de los demás productos y que los consumidores puedan "comprar informados". En ambos casos son importantes las medidas de fiscalización y control para verificar el cumplimiento de los programas en los comercios por parte de inspectores; en Argentina hay una gran participación de jóvenes militantes en los barrios informando sobre los precios y además se concientizó a la población a través de los medios de comunicación sobre el listado de los productos y sus precios cuidados y un número telefónico gratuito para denunciar incumplimientos, con lo cual toda la población se vuelve medio de control. En Venezuela la Guardia Nacional Bolivariana colabora en la inspección; en ambos países se han impuesto sanciones a empresas y distribuidores por el incumplimiento en los precios o en el abastecimiento.

La solución que están llevando a cabo ambos gobiernos se opone a la posición de la alta burguesía local que intenta hacer fracasar las políticas estatales a través de sabotajes en el aprovisionamiento y aumentando los precios. En Venezuela se dan acusaciones cruzadas, por un lado Maduro denuncia un sabotaje económico perpetrado conjuntamente por la oposición, los sectores empresariales y el gobierno de Estados Unidos; por otro lado la oposición de derecha incrimina la negligencia del presidente Nicolás Maduro y de su equipo. Las oposiciones de los dos países sostienen que los

programas no resuelven el problema de la inflación ya que los precios siguen aumentando y se dificulta la obtención de divisas para comprar productos "de lujo" (tecnológicos) provenientes del exterior. Una crítica mal intencionada señala que no hay libertad de elección de "marcas" porque la lista de productos incluidos es limitada, sin ver que el objetivo es cuidar el acceso a los productos de los sectores más vulnerables.

En estos golpes económicos las firmas aprovechan los incrementos de la demanda, gracias a la redistribución del ingreso impulsada por los gobiernos del GI, para aumentar sus precios y sus márgenes de ganancia, a expensas del bienestar del resto de la sociedad. Es por esto que la solución a la cuestión socialmente problematizada no es sólo una medida económica de reducción de la inflación, sino que abarca lo político ya que es una disputa hegemónica y lo social ya que garantiza el acceso al consumo masivo.

### **Reconfiguración de las derechas. Escenario de disputa.**

Las políticas estatales de precios en Argentina y Venezuela se orientan hacia una toma de posición que pretende combatir la inflación y el desabastecimiento a través de la intervención del Estado. Al mismo tiempo se denuncian en ambos países maniobras de especulación económica y sabotaje llevados a cabo por sectores empresariales nacionales e internacionales y parte de la oposición de derecha que aprovechan estos climas desestabilizadores para criticar a los gobiernos y proponer "nuevos cambios" que de nuevos no tienen nada ya que implican una vuelta al neoliberalismo; es decir, apelan a un neoliberalismo que niega su parentesco con el Consenso de Washington y propone borrar el rastro de los gobiernos del GI "dejando lo que está bien y cambiando lo que está mal"; en definitiva, quieren volver al período anterior que se caracterizaba por la apertura sin restricciones de los mercados locales al comercio y las finanzas internacionales.

Llamo neoliberales a las oposiciones de derecha que han aparecido en la escena política de los países del GI en los últimos años; se presentan como algo nuevo y diferente pero son la misma derecha neoliberal de los 70, 80 y 90 reconfigurada bajo una nueva táctica, la de los golpes económicos.

A la hora de analizar la correlación de fuerzas, las derechas conservadoras en la región, han experimentado un momento de confusión y conflicto ya que han entrado en crisis las potencias occidentales que definían el rumbo de las elites locales neoliberales y se han consolidado exitosamente los gobiernos del GI en América Latina. Pero en el último año (2013) las oposiciones en Argentina y Venezuela han logrado amplio apoyo en las elecciones realizadas. En abril del 2013, Maduro ganó la elección presidencial por una mínima ventaja de casi el 2%. En Argentina el kirchnerismo

fue la fuerza más votada a nivel nacional en las elecciones legislativas de octubre del 2013 pero perdió en un distrito clave como es la Provincia de Buenos Aires. Esto nos demuestra que hay un escenario de disputa por la hegemonía entre dos modelos políticos que buscan dominar y ninguno de los dos tiene el camino asegurado.

En este análisis distingo el escenario de la disputa y lo que está en juego en esa lucha.

El escenario de disputa se plantea de la siguiente manera; de un lado, las oposiciones conservadoras que ante el fracaso en elecciones democráticas y populares, recurren a la vía económica especulativa: desabastecimientos y suba indiscriminada de precios como forma de desestabilizar a los gobiernos y proponer medidas neoliberales. Del otro lado, los gobiernos democráticos del GI que cuentan con el apoyo de las mayorías populares en la implementación de nuevas medidas económicas de redistribución del ingreso como el Programa Precios Cuidados y Superintendencia de Precios Justos, que son políticas sociales de precios.

Lo que está en disputa es el sentido de la economía. De un lado, políticas económicas neoliberales que han perdido la hegemonía en la región pero pretenden volver a instalarse como algo nuevo y renovado dando una aparente solución a todos los problemas que encuentran las economías regionales frente a la crisis mundial, teniendo como principal actor para llevar adelante esa solución a la economía financiera especulativa. Del otro lado, políticas sociales económicas propuestas por los gobiernos del GI que a través del Estado como actor principal han incorporado a importantes protagonistas en la escena política y económica a través de la ampliación de derechos sociales, pero ya han dejado atrás ese "tiempo de la reparación" (Toer 2014) y están entrando en una nueva etapa, o lo que Jorge Taiana llama el "segundo tomo", consiste en profundizar estos cambios a nivel regional. La clave para ello es la integración regional.

La amenaza destructiva para el proceso de integración emana de dos enemigos principales: el imperialismo estadounidense y las corporaciones transnacionales, particularmente las de capital financiero, extractivo y mediático (...) Ninguno de los Estados del Bloque Regional de Poder (BRP) tiene, por sí solo, la capacidad para derrotar a esos enemigos (...) Ninguna de estas batallas contra el capital financiero se puede librar exitosamente, de manera unilateral. (Dieterich 2007: 30-32).

Del fortalecimiento, articulación e integración de los gobiernos del GI depende la superación de la hegemonía neoliberal y la hegemonía imperial estadounidense. Es en América Latina, donde ha surgido una alternativa al neoliberalismo mundial pero no está garantizada la irreversibilidad de las transformaciones logradas en la región, ha habido una reconfiguración conservadora neoliberal detrás de los golpes económicos especulativos principalmente en Argentina y Venezuela.



## **Conclusión**

Hablar de combatir la inflación es "hablar de una revolución" (Ciafardini 1990) ya que una política verdaderamente antiinflacionaria afecta los intereses de los grandes empresarios de poder económico y financiero que se han beneficiado con el Consenso de Washington y quieren volver a la hegemonía neoliberal. En Argentina esto implica cambiar la propiedad latifundista de la tierra concentrada en unas pocas manos y generar una redistribución de la renta proveniente de las exportaciones agrarias. En Venezuela debe afectarse la renta petrolera del sector privado que se destina al exterior y reinvertirla en el país para terminar con la dependencia externa de alimentos. Se requiere además, desarrollar sectores productivos con elevado valor agregado, incentivar las innovaciones tecnológicas, las inversiones públicas y privadas, y robustecer el mercado doméstico a través de la plena ocupación en empleos formales y de la creación de puestos de trabajo de alta productividad. Aún falta, pero se está yendo por un buen camino. Se transita por una "revolución democrática" (Toer 2013: 289) que cuestiona a la etapa neoliberal (el desempleo, la desigualdad y la pobreza que ésta provocó). Ante el neoliberalismo, los gobiernos del GI en la región, dan pelea desde la democracia. En cambio, las derechas neoliberales que viene perdiendo en la urnas, buscan desestabilización política desde lo económico.

El Programa Precios Cuidados y la Superintendencia de Precios Justos no son meras políticas económicas que fijan precios de referencia, generan estabilidad económica y garantizan abastecimiento, son por sobre todo políticas sociales que benefician a los sectores de menores ingresos garantizando su acceso al consumo y todo lo que se desprende de ese acceso al consumo.

Por lo tanto, lo que está en disputa es el sentido de la economía. El GI plantea la relación inseparable entre lo económico, lo político y lo social. Estos tres aspectos están presentes en la política estatal actual de Venezuela y Argentina, impulsando un objetivo común a través de la intervención del Estado como un actor central. Este objetivo común tiene que ver con promover el consumo popular gracias a una redistribución de ingreso. Pese a un contexto de crisis financiera internacional el crecimiento de la región continúa, no ha disminuido significativamente el empleo y los sectores populares siguen accediendo al consumo. Frente a la crisis mundial los países de la región se encuentran unidos en una estrategia común de recuperación del Estado como actor que interviene y regula las variables económicas para garantizar los derechos sociales. En este sentido apuntan los programas analizados de Precios Justos y Precios Cuidados, en disputar el sentido de la economía frente al neoliberalismo: una política económica social redistributiva y popular versus una política disfrazada de economía, que es elitista e impopular y que genera desigualdad y pobreza.

Estas nuevas medidas fueron respuestas democráticas en Estados democráticos ante el avance de los golpes económicos neoliberales de la derecha conservadora. Se valora la creatividad para encontrar solución a estos problemas que no contaban con antecedentes.

La problematización de la inflación aparece en el seno de esta disputa, son distintas las causas y soluciones que se dan de cada lado. Esto se debe a que la inflación no es neutral y tampoco lo es el Estado. La solución a la inflación por parte de los actuales gobiernos de Argentina y Venezuela a través del Programa Precios Cuidados y Superintendencia de Precios Justos, es una toma de posición que da cuenta de la orientación política de los gobiernos del GI.

La crisis capitalista global aún no ha finalizado y sus consecuencias aún no son seguras; pero en la región, el GI ha planteado una alternativa firme al neoliberalismo y se ha consolidado. Aunque, las oposiciones han logrado reconfigurarse electoralmente apareciendo como "lo nuevo" pero defienden al viejo modelo neoliberal. El escenario de disputa hegemónica que está abierto.

### **Bibliografía**

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos (2007): "Estado y mercado en el nuevo desarrollismo", en Nueva Sociedad n210.

CIAFARDINI, Horacio (1990): "La Argentina en el Mercado Mundial contemporáneo" en *Crisis, inflación y desindustrialización en la Argentina dependiente*; editorial Agora.

DIETERICH, Heinz (2007): *Hugo Chávez. El destino superior de los pueblos latinoamericanos y el gran salto adelante*; Alcalá, Jaén, España.

ELLNER, Steve (2010): "La primera década del gobierno de Hugo Chávez: logros y desaciertos", en *Cuadernos del Cendes*, Año 27, N° 74, Caracas, mayo-agosto de 2010.

GARCÍA, Marco Aurelio (2008): "Nuevos gobiernos en América del Sur. Del destino a la construcción de un futuro", en Nueva Sociedad N° 217, Buenos Aires, septiembre-octubre.

GARCÍA LINERA, Álvaro (2014): "Para preservar los cambios logrados hay que profundizar lo conseguido"; discurso del vicepresidente del Estado, en la inauguración del XX Encuentro del Foro de Sao Paulo, en el Campo Ferial de La Paz.

KARG, Juan Manuel (2014): "Venezuela: Un nuevo momento político"; Caracas, Venezuela.

LANDER, Edgardo (2005): "Izquierda y populismo: alternativas al neoliberalismo en Venezuela", en César Rodríguez Garavito, Patrick Barrett y Daniel Chávez (eds.), *La nueva izquierda en América Latina. Sus orígenes y trayectoria futura*, Bogotá: Norma, 2005.

LEMONIE, Maurice (2014): "Los nuevos golpes de Estado light"; en *Le Monde* n182; <http://www.eldiplo.org/archivo/el-mundo-en-guerra/los-nuevos-golpes-de-estado-light/>

- MAIRA, Luis (2009): "¿Cómo afectará la crisis la integración regional?"; en Nueva Sociedad n224.
- NATANSON, José (2014): "Kung-fu Venezuela"; en Le Monde n177; <http://www.eldiplo.org/archivo/177-el-pecado-original-de-la-economia-argentina/kung-fu-venezuela/>
- OCAMPO, José Antonio (2009): "La crisis económica global: impactos e implicaciones para América Latina"; en Nueva Sociedad n224.
- OSZLAK, Oscar; O'DONNELL, Guillermo (1982): "Estado y políticas estatales en América Latina: hacia una estrategia de investigación"; en Revista Venezolana de Desarrollo Administrativo n1, Caracas.
- PARAMIO, Ludolfo (2006): "Giro a la izquierda y regreso del populismo", en Nueva Sociedad Nº 205, Buenos Aires, septiembre-octubre.
- PÉREZ SÁINZ, Juan Pablo (2009): "Estado y mercado en América Latina: una mirada desde las desigualdades"; en Nueva Sociedad n221.
- RAMÍREZ GALLEGOS, Franklin (2006): "Mucho más que dos izquierdas", en Nueva Sociedad Nº 205, Buenos Aires, septiembre-octubre.
- RAPOPORT, Mario (2010 a): "Una revisión histórica de la inflación argentina y sus causas"; *Aportes de Economía Política en el Bicentenario de la Revolución de Mayo*; disponible en <http://www.mariorapoport.com.ar/>
- RAPOPORT, Mario, et al. (2010 b): *Temas de historia económica, política, social y cultural de la Argentina*; disponible en <http://www.casadelbicentenario.gob.ar/>
- RASMUS, Jack (2014): "Recesión América Latina 2014, 'Made in the USA'"; en Telesur artículos, <http://www.telesurtv.net/opinion/Recesion-America-Latina-2014-Made-in-the-USA.-20141008-0076.html>
- ROJAS ARAVENA, Francisco (2009): "Siete efectos políticos de la crisis internacional en América Latina"; Nueva Sociedad n224.
- SCHORR, Martín (2012): "Argentina: ¿nuevo modelo o «viento de cola»? Una caracterización en clave comparativa"; en Nueva Sociedad n237.
- SERRANO, Alfredo (2014): "El default en el pensamiento económico buitre"; en Telesur blog, <http://www.telesurtv.net/bloggers/El-default-en-el-pensamiento-economico-buitre-20140915-0002.html>
- STEFANONI, Pablo (2012): "Posneoliberalismo cuesta arriba. Los modelos de Venezuela, Bolivia y Ecuador en debate"; Nueva Sociedad n239.

THWAITES REY, Mabel (2007): "El Estado "ampliado" en el pensamiento gramsciano"; en Thwaites Rey (compiladora), *Estado y marxismo: un siglo y medio de debates*; Prometeo, Buenos Aires.

TOER, Mario et al. (2014): "América Latina: nuevas demandas, dificultades y protagonistas ¿Una nueva fase?"; II Jornadas del Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC) desarrolladas en la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires; panel convocado por el equipo UBACyT "Las disputas por la hegemonía en el siglo XXI latinoamericano: el nuevo carácter de los conflictos", desgrabación Tursi C. F.

TOER, Mario (2013): *De Moctezuma a Chávez*; Ediciones Cooperativas, Buenos Aires.

TOER, Mario y equipo (2012): *La emancipación de América Latina*; Ediciones Continente, Buenos Aires.

UZCÁTEGUI, Rafael (2013): "Antecedentes y escenarios de la Venezuela poschavista"; en Nueva Sociedad n244.

VIGNA, Anne (2013): "Hacer las compras en Caracas"; Le Monde n173; <http://www.eldiplo.org/index.php/archivo/173-la-politica-que-viene/hacer-las-compras-en-caracas/>

WILPERT, Gregory (2013): "Venezuela se ahoga en su petróleo"; Le Monde n173; <http://www.eldiplo.org/archivo/173-la-politica-que-viene/venezuela-se-ahoga-en-su-petroleo/>

## **A preferência ideológica na formulação de políticas públicas**

Aline do Rocio Neves<sup>486</sup>,

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, [alinedorocioneves@gmail.com](mailto:alinedorocioneves@gmail.com)

Samira Kauchakje<sup>487</sup>,

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR,

Universidade Federal do Paraná - UFPR, [skauchakje@gmail.com](mailto:skauchakje@gmail.com)

Evelise Zampier da Silva<sup>488</sup>,

Universidade Federal do Paraná – UFPR, [zampierdasilva@gmail.com](mailto:zampierdasilva@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem por finalidade apresentar os resultados da pesquisa sobre as Políticas de Transferência de Monetária (Conditional Cash Transfer- CCTs) implementadas na América Latina a partir dos anos 1990. As pesquisas realizadas apontam que 18 dos 20 países pesquisados (considerando a classificação da CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina) possuem ou já possuíram, no período analisado, políticas do tipo CCT, apesar das diferenças culturais, econômicas e políticas observadas entre eles. Outra característica que se destaca é que os governos dos países alvo situam-se em diversas posições do espectro ideológico, razão pela qual busca-se verificar se esse posicionamento é decisivo na opção por CCTs como meio de alívio ou erradicação da pobreza. Entre os países pesquisados, optou-se, pelo critério geográfico, e a fim de selecionar uma amostra que represente diferentes contextos da região, pelos seguintes países: Brasil, México, Chile e Nicarágua. A pesquisa, ainda em curso, se desenvolve através de consultas a páginas oficiais dos governos e de organizações internacionais como Banco Mundial e Organização das Nações Unidas.

### **Introdução**

O presente trabalho<sup>489</sup> tem como objetivo analisar as Políticas de Transferência Monetária Condição (Conditional Cash Transfer - CCTs) implementadas na América Latina a partir dos anos

---

<sup>486</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, bolsista do Programa de Iniciação à Docência e voluntária no Programa de Iniciação Científica em Ciência Política.

<sup>487</sup> Cientista Política, Professora.

<sup>488</sup> Doutoranda em Ciência Política.

<sup>489</sup> Parte da pesquisa matriz orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Samira Kauchakje.

1990, e identificar se o posicionamento político-ideológico do governante pode ser decisivo na opção por CCTs como meio de combate à pobreza. Pretende-se examinar se há ou não um padrão relacionado à posição dos governantes no espectro-ideológico na promoção das políticas do tipo CCT.

A pesquisa, ainda em curso, tem caráter documental, e ocorre através de consultas a páginas oficiais dos governos, aos programas governamentais e aos programas dos partidos políticos dos titulares do executivo nacional no período estudado. Busca-se compreender a capacidade do Estado em modelar CCTs em diversos períodos governamentais, a fim de assimilar a dinâmica decorrente das posições ideológico-partidárias dos governantes. Optou-se pelo critério geográfico, a fim de selecionar uma amostra que represente diferentes contextos da América Latina.

O presente artigo se desenvolve em seções, nas quais serão tratados os seguintes temas: a) do Welfare State às Políticas de Transferência Monetária b) as políticas de transferência monetária, ou CCTs – Conditional Cash Transfer; c) a formação de um consenso político; d) partidos e ideologias políticas como agentes da transferência e difusão de políticas do tipo CCT; e) resultados e análise; f) conclusão.

### ***Do Welfare State às Políticas de Transferência Monetária***

Em meados do século XX, diversos países desenvolvidos adotaram políticas que os enquadraram no modelo de *welfare state*. Dessa forma, tornaram-se pioneiros na adoção de Políticas de Transferência Monetária, ao lado da Dinamarca e de outros países europeus que já haviam adotado programas de garantia de renda mínima, especialmente no período pós-guerra (por exemplo, a “renda de subsistência” alemã, existe desde 1957). Do mesmo modo, a instituição de renda mínima garantida estava prevista na “Carta Social”, adotada em 1989 pelos países da União Europeia, embora a decisão por adotá-las seria de âmbito nacional (Lavinias, 1998:1)

Lavinias (1998) lembra que a ideia de transferências monetárias já fora formulada por pensadores liberais desde o século XVIII, com o propósito de criar uma rede de proteção social para as populações mais pobres.

Para Briggs (1969), o *welfare state* busca alterar as relações de força do mercado, em três possíveis direções: i) garantia de renda mínima aos indivíduos e famílias independentemente de trabalho ou propriedades; ii) criação de redes de segurança para indivíduos e famílias em situação de doença, velhice, desemprego; e iii) prestação, a todos os cidadãos, indistintamente, do mais alto nível de serviços públicos.

Pelo menos em tese, os programas de transferência monetária, entre os quais aquele que interessa ao presente estudo, os do tipo CCT – Conditional Cash Transfer (transferência condicionada de dinheiro<sup>490</sup>), estariam previstos na definição citada.

Numa perspectiva regional, após a crise econômica da década de 1980, muitos países em desenvolvimento passaram a realizar ajustes estruturais, frequentemente em decorrência de prescrições das instituições financeiras internacionais. Como consequência dessas políticas, que caracterizaram um período de governos neoliberais nos países da América Latina, observa-se uma acentuação do empobrecimento na região, resultado, inclusive, de medidas neoliberais que flexibilizaram as relações de trabalho, e como consequência, aumentaram o desemprego.

Paralelo a esse contexto, o combate à pobreza passa a ser a tônica dos debates internacionais, sediados em muitas oportunidades, em encontros multilaterais promovidos pelas organizações internacionais, como as Conferências das Nações Unidas que marcaram a década de 1990.

Nesses eventos e em documentos multilaterais elaborados à época, bem como em relatórios e análises oriundas das organizações internacionais, o papel das transferências monetárias passa a ser destacado. Surgem, a partir de 1995, em nível doméstico, iniciativas pontuais como em Campinas (SP) com o Programa de Garantia de Renda Mínima Familiar<sup>491</sup>, e em Brasília (DF), com o Bolsa Família local<sup>492</sup>.

Na América Latina, observa-se que a partir de 1990 “foram implementados diversos programas de transferência de renda, com o objetivo de combater a pobreza através da visão da ‘focalização’ das ações de política pública” (Mattei, 2010, p.7). Os programas de transferência monetária ou Conditional Cash Transfer podem ser definidos como:

Conditional cash transfers (CCTs) provide cash to participants upon their fulfillment of a set of conditions or co-responsibilities. Examples include programs that combine one or more conditions such as ensuring a minimum level of school attendance by children, undertaking regular visits to health facilities, or attending skills training programs; conditional cash transfers also include school stipend programs. (Gentilini; Honorati; Yemtsov, 2014: 7)

Ou seja, o objetivo central dos programas de transferência de renda é atacar os aspectos multidimensionais da pobreza, proporcionando meios para que os beneficiários alcancem padrões míni-

---

<sup>490</sup> Tradução livre das autoras.

<sup>491</sup> Ver Lei n.º 8.261 de 06/01/1995 e Decreto n.º 11.471/95 de 03/03/1995.

<sup>492</sup> Ver Decreto 19.391, de 3 de julho de 1998.

mos de subsistência e tenham acesso a serviços públicos. Para isso, estes programas oferecem transferências monetárias periódicas<sup>493</sup> às famílias que vivem em situação de pobreza ou extrema pobreza. Porém, a elas são atribuídas “co-responsabilidades”, como obrigatoriedade de frequência dos filhos à escola, acompanhamento médico, vacinação, entre outros. O cumprimento das condicionalidades, ao mesmo tempo que garante o recebimento do benefício, colabora para o subsequente desenvolvimento dos grupos familiares.

### **A formação do consenso em torno dos CCTs**

A partir do século XXI revelou-se certa “fragilidade” por parte dos países pertencentes à América Latina em atingir as metas atribuídas pela Organização das Nações Unidas em setembro de 2000, através da “Declaração do Milênio”, isso é, reduzir a fome e a pobreza pela metade no período de 1990 a 2015 (Mattei, 2010, p.4). A maior dificuldade estaria relacionada, à realidade das famílias latino-americanas, pois parte significativa da população não teria acesso à alimentação adequada e nem teria renda familiar mensal capaz de suprir todas as suas necessidades básicas. Essa problemática era um empecilho ao alcance das “Metas do Milênio”, o que impulsionou os governos a mobilizarem-se em prol de recursos para atender à demanda alimentar e à carência de renda.

Discutir políticas de transferência monetária remete ao questionamento sobre “o papel que o Estado deve desempenhar na sociedade, e claro, considerar a dimensão do Estado na economia” (Soares, 2010:4).

Pesquisas de Gonett (2012) e Kauchakje e Silva (2014) demonstram que as Organizações Internacionais e as Instituições Financeiras Internacionais (OI's/IFI's) operaram como força política impulsionadora nas negociações, além de contribuir para construção de apoio doméstico em relação à adesão de políticas de transferência monetária. Isto é as Organizações Internacionais contribuíram para a formação de um consenso, em torno da urgência de medidas de enfrentamento da pobreza, o que pode ter orientado e estimulado os governos dos países da América Latina a adotar Políticas de Transferência Monetária, como mostram os dados sobre a “Implementation of the first United Nations Decade for the Eradication of Poverty (1997-2006) Report of the Secretary-General” (2007) da Organização das Nações Unidas (ONU):

In September 2000, at the United Nations Millennium Summit, world leaders decided to endorse the commitment made at the special session to halve extreme poverty by 2015 and

---

<sup>493</sup> A periodicidade depende de cada caso estudado.



included poverty eradication as one of the key objectives of the global development agenda (ONU, 2007: 3)

Ou seja, diversos países em desenvolvimento priorizaram a redução da pobreza, estipulando estratégias internas, e implementando políticas nacionais, que contribuíssem para o alcance das metas de desenvolvimento acordadas internacionalmente. Segundo a Declaração do Milênio (2000):

Não pouparemos esforços para libertar os nossos semelhantes, homens, mulheres e crianças, das condições abjetas e desumanas da pobreza extrema, à qual estão submetidos atualmente mais de 100 milhões de seres humanos. Estamos empenhados em fazer do direito ao desenvolvimento uma realidade para todos e em libertar toda a humanidade da carência. (ONU, 2000:6)

Foram desenvolvidas diversas estratégias para reduzir a pobreza, como as *Poverty Strategies Initiative*, lançadas em 1996 pelo PNUD<sup>494</sup> - Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas; a Primeira Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (1997-2006)<sup>495</sup> solicitando “à cooperação internacional para a erradicação da pobreza nos países em desenvolvimento” (ONU,1997); e, em 2007, a Segunda Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (2008-2017)<sup>496</sup> cujo objetivo era continuar a unir esforços para diagnosticar e superar a pobreza extrema em todo mundo.

A atuação especializada das instituições financeiras internacionais também incentivou a adoção de CCTs, seja através de financiamento de programas, seja através de fornecimento de apoio técnico e consultivo para a estruturação desse tipo de política. O Banco Mundial, por exemplo, intensificou sua assistência aos países da América Latina, e desta forma, pode ter estimulado a promoção de políticas de enfrentamento da pobreza e, possivelmente, à adesão as CCTs.

## **Partidos e ideologias políticas como agentes da transferência e difusão de políticas do tipo CCT**

---

<sup>494</sup> The first such initiative, the Poverty Strategies Initiative, was launched by the United Nations Development Programme (UNDP) in 1996. The Initiative supported efforts in more than 100 countries to diagnose poverty and improve their capacity for policy analysis and implementation. Through such activities as qualitative poverty assessments, household surveys and poverty maps, analyses of social spending and aid flows to basic services, and the preparation of national human development reports, the Initiative played a role in advancing poverty awareness, stimulating national debate and mobilizing national actors behind common policy goals in poverty reduction strategies.

<sup>495</sup> Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N97/767/11/PDF/N9776711.pdf?OpenElement>> Acesso em 14/out/2014.

<sup>496</sup> Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N11/471/72/PDF/N1147172.pdf?OpenElement>> Acesso em 14/out/2014.

De acordo com Sáez e Freidenberg (2002) os partidos têm suma importância na vida política da América Latina. Há certa estabilidade na configuração dos sistemas entre os partidos existentes, e as competições entre eles, se tornam centrais na formação dos resultados eleitorais, pois a disputa “orienta os cidadãos e as elites no que se refere à compreensão da realidade política”, além de promover acordos através de políticas governamentais, e estabelecer ações que podem ser implementadas pelo legislativo.

De 1980 até os dias atuais houve um processo de democratização dos partidos políticos na América Latina e inúmeras mudanças foram realizadas nos textos constitucionais (leis partidárias, leis eleitorais). Todos os países latino-americanos fizeram modificações, com maior ou menor profundidade, durante esse período (Sáez, Freidenberg, 2002:143). Mas é importante considerar que existe uma polarização ideológica entre os partidos políticos latino-americanos, ou seja, uma fragmentação de posições dentro do espectro- ideológico.

Segundo Bobbio (2001) e Vovelle (1994), esquerda e direita são esferas políticas ideológicas que nasceram na França, no período de 1789-1799, porém, o que as difere é o agente social, que acumula, administra e distribui os recursos. Na esquerda é o Estado, e na direita é o mercado. Na esquerda o liberalismo, na direita o conservadorismo.

De acordo com Norberto Bobbio (2001) os governantes situados à direita do espectro-ideológico consideram a desigualdade como um dado de ordem social natural, e, portanto, a desigualdade é legitimada quando a responsabilidade pessoal do indivíduo é enfatizada na sociedade. Já a posição política à esquerda do espectro-ideológico é caracterizada pela ideia de que as desigualdades entre as pessoas são oriundas do meio social, e para superá-las utiliza-se a participação ativa do Estado. “A diferença pode ser resumida nessas duas máximas: governar o desenvolvimento, de um lado, mudar a sociedade, de outro”, ou seja, uma verdadeira “dicotomia” (Bobbio, 2001:21). A esquerda entenderia a pobreza como consequência de conjunturas externas ao indivíduo, daí a necessidade de intervenção do Estado. Por sua vez para a direita, a pobreza seria uma manifestação de incapacidade individual, a ser amenizada não por políticas estatais ou direitos sociais, mas por caridade e benevolência. Prossegue Bobbio (2001):

E depois, “esquerda” e “direita” não indicam somente ideologias. Reduzi-las a pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação. “Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, não só de ideias, mas também de interesses, e de avaliações [*valutazioni*] a respeito da direção a ser seguida pela sociedade [...] (Bobbio, 2001:33)

Nesse sentido, quanto aos partidos com orientação à esquerda do espectro político-ideológico, podemos lembrar de Marx, ao falar da “repartição equitativa”. Para ele, as sociedades mais maduras agiriam sob a seguinte máxima: “de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com sua necessidade”. Assim tenderia a ser o perfil dos governos à esquerda, voltado a políticas de caráter universal e redistributivo. Vê-se uma conexão com a lógica do *welfar estate* contida no conceito de Briggs (1969), antes citado, que prevê um realinhamento de forças dentro da economia de mercado.

Pode-se inferir que a criação de CCTs por governos à esquerda significaria, conforme ensina Reis (1988), a conexão entre a identidade e instrumentalidade. Os valores e crenças contidos na identidade social democrata estariam sendo instrumentalizados através da implementação de políticas de transferência monetária.

Mas, contra intuitivamente, a implementação de CCTs também representaria a instrumentalização do ideário de direita, devido à focalização (ao contrário da universalidade), diminuição dos gastos públicos em políticas sociais, e caráter residual.

A ideia síntese de Bobbio (2001), é que a distinção entre direita e esquerda decorre do que cada polo entende por igualdade. Ao entender que as carências do indivíduo decorrem de sua própria atitude em sociedade, aqueles situados à direita do espectro ideológico acabam por abraçar uma visão individualista, que afasta e desobriga o Estado de assumir responsabilidades amplas e efetivas para redução das desigualdades. Criticam o Estado do Bem-Estar por considerá-lo ineficiente em termos econômicos, defendendo a assistência ao invés do direito.

Especificamente no que se refere à interferência do posicionamento ideológico do governante em face da opção por políticas do tipo CCT, Sugiyama (2011) cita Mullins (1972) para quem a tomada de decisão a respeito da alocação de recursos pode atrelar-se a valores e crenças vinculados a compromissos ideológicos.

Essa afirmação, embora vaga, é corroborada pelos resultados obtidos pela pesquisa em curso, que serão a seguir apresentados.

## **Resultados e Análise**

O presente trabalho discute a relação entre preferências ideológico-partidária de governantes e a implementação de políticas de tipo CCT. Optou-se pela amostra de quatro países: Brasil, México, Chile e Nicarágua, que representam esses diversos contextos. Quanto ao recorte temporal, temos o período entre os anos 1990 e 2014. A tabela (tabela 1) disponibilizada abaixo contém o nome do

país e seu respectivo governante, período do governo, partido político do governante, posição-ideológica e o programa de transferência de renda implementado.

Tabela 1 - CCTs na América Latina e posicionamento ideológico dos governos adotantes.

| PAÍS      | GOVERNO                   | PERÍODO DO GOVERNO | PARTIDO  | POSIÇÃO | CCT                          | PERÍODO DO PROGRAMA |
|-----------|---------------------------|--------------------|--|---------|------------------------------|---------------------|
| BRASIL    | Fernando Henrique Cardoso | 1995-2003          | Partido da Social Democracia Brasileira              | CD      | Bolsa Escola                 | 2001-2004           |
|           | Luis Inácio Lula da Silva | 2003-2011          | Partido dos Trabalhadores                            | E       | Bolsa Família                | 2003-atual          |
|           | Dilma Rousseff            | 2011-atual         | Partido dos Trabalhadores                            | E       | Bolsa Verde                  | 2011-atual          |
| CHILE     | Ricardo Lagos             | 2000-2006          | Partido Socialista                                   | CE      | Chile Solidário              | 2002-atual          |
|           | Sebastián Piñera          | 2010-2014          | Coalizão Alianza por Chile                           | CD/D    | Ingreso Ético Familiar       | 2012-atual          |
| MÉXICO    | Ernesto Zedillo           | 1994-2000          | Partido Revolucionario Institucional                 | CD      | Progres (hoje Oportunidades) | 1997-atual          |
| NICARÁGUA | Arnaldo Alemán Lacayo     | 1997-2002          | Partido Liberal Constitucionalista - Alianza Liberal | D       | Rede de Proteção Social      | 2000-2006           |

Legenda: (CD) centro-direita, (D) direita, (CE) centro-esquerda, (E) esquerda.

Elaborado pelas autoras.

A posição no espectro político-ideológico dos governos latino-americanos que adotaram CCTs varia, não permitindo que se afirme a existência de preponderância à esquerda ou à direita. Quanto aos países analisados nesse artigo, vê-se que 4 (quatro) programas foram criados em governos de direita ou centro-direita, e 3 (três) programas foram implementados em governos de esquerda ou centro-esquerda.

Dessa forma, o que se destaca é que o conteúdo dessa política atendeu aos interesses à direita e à esquerda. Para a direita, por oferecer uma política de combate à pobreza focalizada e com baixo custo aos cofres públicos. Para a esquerda, por ser uma alternativa para a redução das desigualdades e por gerar inclusão social.

A adoção de CCTs apresentou-se como uma alternativa viável, consubstanciada em uma política cujo conteúdo poderia se orientar pelo viés social democrata ou conservador. Dessa forma, serviu como mecanismo de legitimação dos governos adotantes, tanto na esfera doméstica – por oferecer uma resposta ao problema da pobreza, como no âmbito internacional – por atender às diretrizes e prescrições que vinham sendo propagadas no sentido da implementação de políticas de transferência monetária.

### **Conclusão**

O presente trabalho é um recorte da pesquisa matriz que analisa a adoção de CCTs na totalidade de países da América Latina e Caribe. A análise ocorre orientada pelas seguintes variáveis: i) conteúdo da política, ii) papel das organizações internacionais na difusão desse tipo de política, e iii) influência da posição do governante no espectro político-ideológico na adoção de CCTs.

Nesse trabalho a variável norteadora é ideologia política. A amostra selecionada - Brasil México, Chile e Nicarágua - embora pretenda desvendar o peso da preferência ideológica na promoção de políticas públicas, não esgota a importância epistemológica do vasto e multifacetado tema.

Percebe-se que os governantes latino-americanos promoveram Programas de Transferência Monetária de forma semelhante, isto é, independentemente da sua posição política-ideológica. Muito provavelmente de acordo com as suas ideologias-partidárias, seus valores individuais e econômicos. Do mesmo modo, as justificativas/interesses para aderir a essas políticas, possivelmente foram tomadas em âmbitos distintos, uma vez que, como citamos anteriormente, “esquerda” e “direita” são muito mais que ideologias, são valores e ideias que direcionam a sociedade (Bobbio, 2001).

Devemos considerar todos os fatores anteriormente citados, sobretudo o contexto em que os países desenvolvidos começaram a adotar políticas de transferência monetária, correlacionando-o com a realidade da América Latina, e a adoção de CCTs na região.

A pesquisa ainda em curso sinaliza que as variáveis analisadas não se excluem, mas se potencializam entre si. O conteúdo das CCTs pode ter facilitado seu espraiamento por atender interesses de governos à “esquerda” e à “direita”. As organizações internacionais possivelmente agiram como propagadores desse tipo de política ao utilizarem-na como boa prática no enfrentamento da pobre-

za. Por sua vez, a ideologia dos governantes dos países que adotaram CCTs relaciona-se ao conteúdo desse tipo de política. Para os governos a “direita” do espectro político-ideológico as características das CCTs como focalização e baixo custo aos cofres públicos estariam em consonância com a ideia de políticas sociais residuais. E os governos a “esquerda” optariam por CCTs dado o seu impacto na redução da pobreza e das desigualdades.

## **Referências**

BANCO MUNDIAL (2003), Brasil: Avaliação da Assistência do Banco Mundial ao País, Washington, Banco Mundial: Departamento de Avaliação e Operações.

BARR, Nicolas (2004). *The Economics of the Welfare State*. Oxford: Oxford University Press, 4th edition.

BRIGGS, Asa (1961); "The Welfare State in Historical Perspective", em Peter Alcock e Martin Powell (coord.), *Welfare Theory and Development*, Sage Library of Health and Social Welfare Series, Universidade de Birmingham, Birmingham, pp. 9-39.

BITTAR, Mariana (1996). As estruturas de gastos das famílias beneficiadas pelo programa de garantia de renda familiar mínima da prefeitura municipal de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000296165>> acesso em: <13/out/2014>.

BOBBIO, Norberto (1992), *A Era dos Direitos*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier.

BOBBIO, Norberto (2001), *Direita e Esquerda*. São Paulo: UNESP.

GENTILINI, Ugo; HONORATI, Maddalena; YEMTSOV, Ruslan (2014), *The state of social safety nets 2014*. Washington, DC: World Bank Group. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/en/2014/05/19487568/state-social-safety-nets-2014>> acesso em: <13/out/2014> .

GONNET, Cecilia Osorio (2012), *The role of international organizations in a policy diffusion process. Preliminary discussion about the Conditional Cash Transfers programs in Latin America*. X Chilean Congress of Political Science.

LAVINAS, Lena (1998), *Programas de Garantia de renda mínima: Perspectivas brasileiras*, IPEA: Texto para discussão nº 598, Rio de Janeiro, outubro.

MARX, Karl (2012), *Crítica ao programa de Gotha (1875)*. São Paulo: Boitempo, 144 p.

MATTEI, Lauro (2010), Notas sobre programas de transferência de renda na América Latina. Texto para discussão n. 10. Instituto de Estudos Latino-Americanos. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.iela.ufsc.br>>acesso em:<13/out/2014>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (1997), First United Nations Decade for the Eradication of Poverty. New York: Organização das Nações Unidas.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2000) "Declaração do Milênio", Assembleia Geral, Nova Iorque. Disponível em;<[http://www.pnud.org.br/Docs/declaracao\\_do\\_milenio.pdf](http://www.pnud.org.br/Docs/declaracao_do_milenio.pdf) >acesso em: <13/out/2014>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (2007), United Nations Decade for the Eradication of Poverty (1997-2006) Report of the Secretary-General. New York: Organização das Nações Unidas.

REIS, Fábio W (1988), IDENTIDADE, POLÍTICA E A TEORIA DA ESCOLHA NACIONAL. São Paulo, Rev. bras. Ci. Soc. v.3 n.6.

SÁEZ, Manuel Alcántara; FREIDENBERG, Flavia (2002), Partidos Políticos na América Latina. Opinião Pública, Campinas, V. VIII, n. 2, pp. 137-157.

KAUCHAKJE, Samira; SILVA, Evelise Z. (2014), A ESQUERDA IMPORTA? PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA MONETÁRIA (CCTS) NA AMÉRICA LATINA. IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, Brasília, DF.

SOARES, Luísa de A. S (2010), Transferências de renda: modalidades e finalidades. 2010. < Disponível em <<http://www.sinteseeventos.com.br/bien/pt/papers/luisaazevedoTransferenciasderendanoBrasil.pdf> > acesso em: <14/out/2014>.

SUGIYAMA, Natasha B (2011), "The diffusion of Conditional Cash Transfer programs in the Americas. Global Social Policy, Global Social Policy. 11(2-3) 250-278.

TORGAL, Luis R (1981), Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2v.

VOVELLE, Michel (1994), Breve História da Revolução Francesa. Presença.

## **La difícil construcción de una derecha democrática en América Latina**

Sergio Daniel Morresi

smorresi@ungs.edu.ar

Universidad Nacional de General Sarmiento-CONICET

### **Resumen**

Desde que se inició el proceso de transición a la democracia en varios países latinoamericanos, las derechas políticas de la región apostaron por distintas estrategias que les permitieran mantener su capacidad de acción dentro del marco de las nuevas poliarquías. Este trabajo intenta explorar esas estrategias, prestando particular atención a la construcción de nuevos partidos políticos. La comunicación se abre con una breve introducción acerca de la importancia del estudio de las derechas latinoamericanas en la coyuntura actual. A continuación se analizan las dificultades para definir a la derecha y se ofrece una caracterización operativa en base a un enfoque procesual y plural con énfasis en los contextos socio-históricos. Luego, se analizan las diferencias entre las estrategias electorales y no electorales de las derechas y se señalan los desafíos que cada uno de ellas presenta al fortalecimiento de la democracia en América Latina. Finalmente, como conclusión, se pone en discusión una agenda de estudio comparativo y se presenta la hipótesis de que las estrategias electorales partidarias institucionales (es decir, de partidos no personalistas ni coyunturales) implican una novedad auspiciosa para la continuidad de la democracia en la región.

### **¿Giro a la izquierda o permanencia de las derechas?**

En los últimos años, una sumatoria de factores no necesariamente relacionados entre sí permitió que América Latina experimentase lo que los especialistas han llamado un “giro a la izquierda” (Levitsky y Roberts, 2011b). El fracaso del neoliberalismo en avanzar más allá de la estabilidad económica generó el descontento de amplios sectores sociales, lo que permitió que desde finales de los años noventa, fuerzas de izquierda fueran sumando adhesiones y acabaran instalando gobiernos de signo progresista en reemplazo de aquellos que habían implementado la agenda del Consenso de Washington. El avance del progresismo se vio facilitado por factores exógenos. Por un lado, el fin de la guerra fría y la urgencia impuesta por conflictos en otras regiones del mundo llevaron a que los Estados Unidos bajaran la intensidad de sus usuales monitores e intervenciones



en la región (Beasley-Murray, Cameron y Hershberg, 2009). Por el otro, el crecimiento de la economía china colaboró en un aumento sostenido del precio de las *commodities*, lo que permitió una mejora sustancial de las economías latinoamericanas y redundó en un mayor margen de maniobra de sus gobiernos (Kaufman, 2011).

Como consecuencia de esta novedad, durante los últimos años, los estudios sobre América Latina tendieron a concentrarse fuertemente en el análisis de las izquierdas, una temática sobre la que se editaron varios trabajos y que no sólo está presente en las revistas académicas, sino también en los medios masivos de comunicación. Sin embargo, y en parte gracias a las investigaciones sobre el avance de las izquierdas, fueron quedando en claro ciertos elementos que apuntan a la importancia de no perder de vista el estudio de las derechas. En este sentido, hay cuatro líneas argumentales que resultan relevantes.

En primer lugar, el giro a la izquierda latinoamericano dista de haber sido uniforme o completo. En algunos países, la izquierda no llegó a imponerse (como en Colombia o México). En otros, los partidos de derecha recuperaron posiciones por vías democráticas (como en Chile) o por medio de golpes de palacio (como en Paraguay u Honduras). En otros (como en Perú), la llegada al poder de movimientos o líderes de los que se esperaba una inclinación hacia la izquierda no redundó en un cambio sensible de las políticas sociales y económicas. De este modo, si el cambio de signo del subcontinente implica una transformación que muestra los límites del paradigma institucionalista-neoliberal, también resulta claro que la persistencia del poder de la derecha en la región más desigual del mundo continúa siendo una cuestión que es necesario analizar (Luna y Filgueira, 2009).

En segundo lugar, los gobiernos progresistas instalados en los últimos años no siguieron todos la misma estrategia: mientras algunos (como Venezuela y Ecuador) plantean metas refundacionales: otros (como Uruguay y Brasil) parecen inclinarse por un sendero más medido y compatible con la lógica liberal (Castañeda, 2006). Aunque esta división en izquierdas “buenas” y “malas” ha sido objeto de críticas razonadas y certeras (Leiras, 2007; Cameron, 2009), lo cierto es que parece haber un acuerdo en señalar que, a la hora de referirse a los recientes cambios de América Latina, conviene acudir a enfoques que muestren la pluralidad de movimientos implicados (Beasley-Murray, Cameron y Hershberg, 2009; Levitsky y Roberts, 2011a). Justamente por ello, resulta atendible la idea de que para comprender los distintos caminos seguidos por los gobiernos progresistas latinoamericanos y los límites que se vieron obligados a aceptar se hace necesario estudiar la presencia y la capacidad de las fuerzas de derecha.

En tercer lugar, datos recientes muestran que el tema que más preocupa a la ciudadanía latinoame-

ricana desde comienzos de siglo es el de la seguridad, una cuestión que forma parte del núcleo ideológico de las derechas y a la que la izquierda no ha logrado resolver de modo satisfactorio. Esto ha permitido el surgimiento de partidos o movimientos políticos que enarbolan exitosamente perspectivas neopunitivistas de tinte conservador y acuden a modelos populistas para llevar adelante sus agendas (Eaton, 2014; Wills-Otero, 2014). En este mismo sentido, debe apuntarse que lo que podríamos llamar las “nuevas derechas” han sido capaces de movilizar adhesiones en base a valores no materiales, como por ejemplo las identidades territoriales, sectoriales o étnicas, como sucedió en Bolivia durante la primera presidencia de Evo Morales. Este recurso viene permitiendo un fortalecimiento de las derechas que parece necesario estudiar mejor.

Finalmente, las dificultades experimentadas por los partidos de orientación conservadora o neoliberal en los últimos años no implican por sí solas una disminución en el poder de las elites socio-económicas. Después de todo, la derecha gobernó América Latina durante décadas sin recurrir a la vía partidaria, no sólo acudiendo a golpear las puertas de los cuarteles, sino también colocando cuadros propios en gobiernos democráticos o limitando por diferentes vías la capacidad de acción de los gobiernos progresistas (Middlebrook, 2000). En este sentido, el poder económico de las derechas ha servido para que los sectores dominantes financien *think tanks* y grupos de presión, lancen campañas mediáticas contra los gobiernos de signo progresista, los amenacen con iniciativas de desinversión o emprendan fugas masivas de capitales que ponen en riesgo la gobernabilidad (Boron, Gambina y Minsburg, 1999; Boron, 2000). Asimismo, debe señalarse que (al menos en algunos países) las derechas han acudido a la movilización social con modalidades que antaño parecían exclusivas de la izquierda, tales como protestas masivas y cortes de ruta (Morresi, 2012).

Ahora bien, si está claro que existen motivos para estudiar a las derechas, también lo es que la tarea encierra no pocas dificultades. Además de los habituales problemas de definición (que se abordan en la próxima sección), interesa resaltar que la diversidad de modos de acción que tienen las derechas hace difícil la formulación de hipótesis de trabajo que consigan abarcar el amplio abanico de estrategias a las que recurren estas fuerzas políticas. En este sentido, en la tercera parte de este trabajo se presenta una tipología simplificada de las estrategias de las derechas para poder mostrar cuáles son sus modos de acción más destacados durante los últimos años. Como se verá, las estrategias recientes de la derecha apuntan a un acercamiento a las formas democráticas que resulta auspicioso. No obstante, este acercamiento es puesto en duda al considerar el predominio de modalidades de acción no electorales o no institucionalizadas por parte de las derechas en las primeras décadas del nuevo siglo.

## **Derechas en plural: aportes para una definición operativa**

El estudio de la derecha política encierra desafíos que no pueden ser pasados por alto. El primero y más importante, como lo reconocía el político británico Ian Gilmour es el de la misma nomenclatura, pues aunque muchos saben qué es la derecha, a todos les cuesta trabajo definirla (citado en Eatwell y O'Sullivan, 1990).

Al revisar la literatura existente puede notarse que hay tres enfoques básicos para abordar la cuestión. El primero y más extendido es el ideológico, que implica identificar a ciertas ideas (como el conservadurismo, el autoritarismo o el libre mercado) como propios de la derecha. El segundo es de tipo sociológico y está basado en una identificación de la derecha con los intereses de las clases económicamente más aventajadas. El tercero privilegia una mirada comparativa y relacional para adscribir ciertas ideas e intereses en el espacio izquierda-derecha. En esta sección trataremos de mostrar que cada uno de estos enfoques tiene limitaciones y que, para arribar a una definición de derecha política que resulte operativa, es necesario combinarlos. El resultado obtenido a partir del uso de la metáfora del campo magnético de Pierre Bourdieu y de la incorporación de datos contextuales no pretende resolver una controversia que lleva décadas desarrollándose, sino hacer un aporte a la discusión.

### ***El enfoque ideológico***

A la hora de definir a la derecha, algunos especialistas acuden a la práctica de identificar a ciertas ideas como propias de las derechas. En general, si bien se reconoce el origen contingente de la división entre derecha e izquierda, se tiende a ofrecer una perspectiva esencialista según la cual la derecha se caracteriza por ser eminentemente conservadora y, por lo tanto naturalmente enfrentada a la izquierda que se supone innovadora. Esa era, por ejemplo, la postura del historiador argentino José Luis Romero, que sostenía que la derecha latinoamericana se caracterizaba por oponerse a los procesos de modernización que ponían en riesgo el poder de las elites tradicionales (Romero, 1970). Sin embargo, esta perspectiva tiene una falla lógica: cuando las fuerzas del cambio llegan al poder se convierten necesariamente en derechas. No sólo el fascismo y el liberalismo serían de derecha, sino también la socialdemocracia y el comunismo. Aunque quizás no sea errado identificar derecha y poder como lo hacía la Escuela de Frankfurt (Adorno y Horkheimer, 1994), la perspectiva resulta poco operativa para los análisis políticos. En parte por ello, otros analistas ofrecieron definiciones más complejas sobre la misma idea. Así, el pensador italiano Dino Cofrancesco

(1984; 1986) sugiere que la derecha está orientada a percibir positivamente los lazos sociales, a los que tiende a naturalizar, mientras que la izquierda se inclina por cuestionar esas cristalizaciones. De este modo, la derecha sería “un ser que impide el devenir” (Cofrancesco, 1986: 67).

De todos modos, otros estudiosos se han acercado al enfoque ideológico de un modo distinto y han sugerido que la derecha no se caracteriza por su conservadurismo sino por su apego a otros valores. En la ciencia política estadounidense, por ejemplo, es usual percibir a la derecha relacionada con la defensa del libre mercado (Downs, 1973 fue el primero en plasmar esta distinción con claridad). Por su parte, los especialistas en partidos políticos sugieren que la derecha se caracteriza por oponerse al intervencionismo estatal y dar soporte a la libre empresa (Bartolini y Mair, 2007). Otros analistas, en cambio, han hecho hincapié en que la derecha es, sobre todo, una fuerza relacionada con las ideas de autoridad y orden (Minkenberg y Inglehart, 1989; Minkenberg, 2000) o con la defensa de una comunidad jerárquica afincada en la desigualdad (Rémond, 2007).

Las distintas perspectivas ideológicas mencionadas ayudan, sin lugar a dudas, a delinear el perfil de las derechas, pero tienen el problema de que no son siempre combinables. Por ejemplo, la comunidad jerárquica no se conjuga fácilmente con la competencia individualista del *laissez faire*. Por otra parte, si en lugar de tomar una o dos ideas como propias de las derechas se pasa a tomar un conjunto de nociones como factores identitarios se puede caer fácilmente en una casuística poco útil, tal como lo señalara Givoanni Sartori (2002).

Justamente siguiendo una línea más parsimoniosa y en la búsqueda de conceptos recíprocamente exclusivos y mutuamente excluyentes, Norberto Bobbio parece haber arribado a una definición que resulta razonablemente operativa y que goza de amplia aceptación. En un libro que ya se ha convertido en clásico, el politólogo italiano sugiere que el mejor modo de identificar a derecha e izquierda es el de centrarse en el enfoque de cada fuerza con respecto a la igualdad. Partiendo de los arquetipos de Rousseau y Nietzsche, Bobbio sostiene que, en tanto para la izquierda la igualdad es un ideal con valor absoluto que puede y debe ser procurado, para la derecha apenas la igualdad tiene sólo un valor relativo que debe ceder para no poner en peligro a la libertad y a la seguridad (Bobbio, 1995).

### ***El enfoque sociológico***

Si se observa con atención la definición de Bobbio se caerá en la cuenta de que la misma acaba retornando sobre la más clásica definición de la derecha, la que supone que la derecha es esen-

cialmente conservadora. En efecto, siguiendo a Bobbio, mientras la izquierda supone con optimismo que los hombres pueden transformarse a sí mismos para alcanzar un mayor grado de igualdad que resulte emancipador, la derecha descansa en una suerte de pesimismo que subraya el carácter peligroso de los intentos deliberados de perseguir la igualdad (von Hayek, 1976; Hirschman, 1991). Ahora bien, esta idea, como ya había señalado Karl Marx en más de una ocasión, es propia de los sectores o clases opresoras que suponen que las condiciones que garantizan su interés particular deben ser necesariamente las mejores para toda la sociedad (Marx y Engels, 1955; Marx, 2002). De este modo se puede arribar a la convicción de que resultaría conveniente una definición más sociológica que ideológica de la derecha.

Desde el enfoque sociológico, que ha sido ampliamente usado en los análisis dedicados a la región latinoamericana, las derechas son las fuerzas políticas que defienden -con distintos argumentos y con medios disímiles- los intereses de las clases elevadas. Obviamente, eso no quiere decir que sólo los estratos más altos sean de derecha, ya que muchas veces (sobre todo cuando imperan las condiciones de una poliarquía) las elites procuran (y consiguen) el apoyo de otros sectores sociales para aumentar sus chances de triunfo. En este sentido, el carácter policlasista de los movimientos derechistas podría resultar problemático a la hora de realizar un estudio a menos que se escogiera un prisma de análisis que permitiera ver la complejidad de los mismos (Marx, 1955).

Una posible solución a la encerrona teórica de este enfoque la propuso Edward Gibson en sus análisis de las derechas argentinas (Gibson, 1990; 1996b). De acuerdo con el politólogo estadounidense, para conocer el alineamiento de una fuerza política es necesario proceder a un estudio del status socioeconómico de sus “miembros nucleares” (es decir, de aquellos miembros que tienen mayor capacidad para actuar políticamente e influir en la formación de la agenda, independientemente de su número). En este sentido, un partido es de derecha cuando sus miembros nucleares pertenecen a la clase alta, incluso si el grueso de sus votos proviene de las capas medias o del campesinado.

La línea de investigación iniciada por Gibson ha resultado fructífera para la realización de varios trabajos comparativos de inestimable valor (por ejemplo, Middlebrook, 2000). Sin embargo, tiene algunos problemas. Por una parte, se corre el peligro de obviar que varios partidos de izquierda tienen miembros nucleares provenientes de las clases medias y medias-altas (como lo muestra el caso del Frente Amplio en Uruguay). Por otro lado, varios movimientos políticos han experimentado importantes cambios en sus miembros nucleares en un lapso de tiempo relativamente breve (un ejemplo, podría ser el aprismo en Perú). Finalmente, como lo muestra el propio Gibson en su

estudio sobre la Argentina, una fuerza política puede contener distintos grupos de miembros nucleares con intereses e ideas divergentes y dispuestos a pulsear internamente su dominio sobre la agenda. Todos estos factores llevan a una disyuntiva: o se entra de lleno en las problemáticas aguas de las discusiones sobre la ideología y la falsa conciencia (por ejemplo, Larraín, 1983; Žižek 1994; Eagleton, 1997) o bien se complementa el enfoque sociológico con otros abordajes.

### ***El enfoque topológico***

El análisis topológico o espacial de la política es relacional y, en principio, anti-esencialista. En lugar de adscribir *a priori* quién pertenece al campo de la derecha o la izquierda, supone un trabajo de investigación sobre el conjunto de los agentes, teniendo en cuenta tanto su auto-identificación como otros criterios que resulten compatibles con aquellos que resulten relevantes para la sociedad que se busca estudiar o que surjan de comparaciones más amplias. Como insumos pueden usarse encuestas de opinión (masivas, de elites partidarias o de especialistas), análisis discursivos de las plataformas partidarias, estudios sobre las redes sociales de los grupos dirigentes, etc. Recién en un segundo paso, a través de un procedimiento inductivo, se pasa a ordenar a los actores en un gradiente de izquierda a derecha, que en algunas ocasiones es complementado por un eje ortogonal que alude a otro clivaje relevantes para el caso estudiado (por ejemplo, Ostiguy, 2009).

Aunque esta perspectiva analítica es estimulante, teóricamente robusta y ha producido trabajos de gran relevancia (Mair, 1997; Klingemann et al, 2001; Franzmann y Kaiser, 2006), su aplicación en América Latina no arroja resultados particularmente interesantes, al menos por el momento. En primer lugar, en esta región una de las fuentes principales de este enfoque (el análisis de textos partidarios) es prácticamente inexistente, en buena medida porque hay un acuerdo generalizado entre los especialistas en la escasa relevancia de los mismos (Levitsky y Murillo, 2005). En segundo lugar, aunque las encuestas de opinión y los análisis de los especialistas resultan una fuente de inestimable valor, los estudios realizados a partir de las mismas no muestran diferencias relevantes con los estudios realizados desde los enfoques ideológicos, pues de acuerdo con estos estudios, para Latinoamérica la divisoria de aguas entre izquierda y derecha se establece, en primer lugar, respecto a la dicotomía entre Estado y Mercado (Colomer y Escatel, 2005; Castañeda y Morales, 2007). Finalmente, debe resaltarse que estos trabajos tienen el onus de estar hechos sólo en las últimas décadas y, por lo tanto, no pueden realizarse análisis diacrónicos amplios a partir de los

mismos.

### ***La derecha como un campo: aporte para un enfoque historicista***

Como afirman Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (2014b), después de analizar las ventajas y desventajas de diferentes enfoques sobre las derechas, todo parece indicar que, pese a sus problemas, el abordaje ideológico resulta suficientemente operativo. En particular, la definición minimalista de Bobbio parece un punto de partida robusto que tiene la ventaja de poder ser complementado con los resultados menos abstractos de estudios sociológicos y topológicos. Sin embargo, aunque esta conclusión sea correcta en lo esencial, puede resultar interesante tomar ese punto de partida y avanzar hacia una caracterización que facilite las comparaciones históricas. En este sentido podría resultar relevante colocar el énfasis en la diversidad de las derechas políticas (Rémond, 2007), sin que ello implique perder de vista los aspectos ideológicos comunes a distintas situaciones históricas (Freeden, 1996).

Una línea de trabajo complementaria a la ensayada por Bobbio podría partir de la noción clásica de la derecha como ideología conservadora (que está presupuesta por el politólogo italiano) y poner el acento en las distintas contradicciones que corresponden a diferentes contextos históricos. De este modo, se podría caracterizar a la derecha como la posición política resultante de una serie acumulativa de reacciones o rechazos concretos, históricamente situados, a innovaciones socio-políticas de carácter inclusivo. Ejemplos de esta idea serían las respuestas negativas al surgimiento de la república moderna, a la expansión del sufragio, a la amenaza de la revolución socialista, al establecimiento y la expansión del Estado de Bienestar (o sus sucedáneos), a la incorporación activa de sectores de la población que venían siendo excluidos, etc. (Eatwell y O'Sullivan, 1990; Eatwell 1994). Esta serie de oposiciones (potencialmente infinita) puede ser reducida por medio del análisis histórico a un conjunto delimitado de derechas que resulten teóricamente relevantes y no sean subsumibles entre sí (Ignazi, 2006).

En esta línea, en su análisis de las derechas francesas, René Rémond (2007) llegó a una tipología que resulta útil y atractiva al distinguir tres grandes conformaciones: la derecha legitimista, la orleanista y la bonapartista. La primera de ellas, que nació como reacción a los impulsos modernizantes de la Revolución Francesa, se caracteriza por mirar hacia el pasado con nostalgia y por suponer al mismo tiempo una antropología negativa y una suerte de teología positiva que la lleva hacia una concepción naturalista y estrictamente jerárquica del orden social y a una perspectiva

monista y autoritaria del poder. La segunda pendula entre los valores liberales y conservadores que se ven reunidos por medio de las nociones de moderación, seguridad y tradición; por eso, la derecha orleanista, aunque no aborrece los cambios sociales, los acepta sólo de un modo gradual y tutelado, mostrando escepticismo o alarma ante los avances de actores sociales o ideas que trastocan el orden establecido desde abajo, pero acepta transformaciones de envergadura cuando son impulsadas desde arriba. La tercera también tiene una visión positiva del cambio social desde arriba, pero se vincula estrechamente con el autoritarismo de tipo plebiscitario; en este sentido, la derecha bonapartista se basa en la movilización de masas a partir de una visión no pluralista de las ideas de pueblo o nación y aspira a una cierta identidad entre Estado y Sociedad.

Otros autores han presentado versiones modificadas de la tipología de Rémond. Roger Eatwell (1990), por ejemplo, sostiene que pueden distinguirse cinco “estilos de derechas” (reaccionaria, moderada, extrema, radical, nueva). Sin embargo, la visión del teórico francés tiene varias ventajas. En primer lugar, es parsimoniosa, fácilmente comprensible y resulta apta para realizar estudios comparativos. En segundo término la forma en que la misma está realizada, permite dar cuenta de las principales formaciones conocidas hasta el momento (incluyendo versiones contemporáneas de las derechas como la neoliberal, la neoconservadora y los populismos nacionalistas). En tercer lugar, permitir explorar provechosamente las diferencias entre distintas derechas en situaciones concretas (dejando así de lado las simplificaciones esencialistas, muy comunes en los análisis sobre América Latina. Finalmente, el hincapié de Rémond en la perspectiva histórica y procesual muestra que las diferentes formas de la derecha no están aisladas unas de otras, sino que se superponen e interactúan, tanto de forma competitiva como colaborativa en un mismo espacio.

Pese a la existencia de distintas derechas, no parece claro que pueda extraerse de esta diversidad la existencia de un espectro político en forma gradiente dentro del cual fuera posible distinguir posiciones más o menos a la derecha, como lo intentara Milton Rokeach (1973). En realidad, parece más plausible recurrir a la metáfora (no a la teoría) de los campos (Bourdieu y Wacquant, 2005). En este sentido, las distintas derechas aparecen como elementos constitutivos de un campo político que compiten entre sí por el dominio del espacio pero que son capaces de actuar de forma solidaria cuando el campo se encuentra bajo el asedio de fuerzas externas.

Avanzando en la propuesta, debe notarse que los rechazos que conforman las derechas se asientan sobre valores, actores o prácticas que son erigidos como mitos o monumentos en el mismo momento en (y por el mismo acto por el) que son cuestionados. Estos mitos o monumentos pueden (o no) estar basados en datos fehacientes, pero, importa sobre todo que los mismos sean operativos



(Lakoff y Johnson, 2003). De este modo, el campo de la derecha (como el de la izquierda) se conforma gracias al acervo y las capacidades de sus integrantes, pero no es equivalente a su suma aritmética. El campo contiene un plus articulador que es el que permite la identificación con la imagen del campo magnético. Ese plus es difícil de aprehender, pero puede asimilárselo al resultado contingente, pero no por ello casual, de las operaciones discursivas de los agentes que están dentro del radio del campo. Así, el plus está formado por la gramática común y compartida de los distintos discursos de los actores. Esta gramática puede caracterizarse como una red conceptual, o sea una serie de conceptos que se definen mutuamente y que conforman un todo con coherencia interna que puede (o no) alcanzar la sistematicidad propia de las teorías (Pocock, 1972). Es decir que una gramática no es necesariamente una propuesta teórica, pero tampoco es una mera colección anárquica de definiciones, pues está construida alrededor de un eje al que llamaremos “mito fundante” que, a su vez, sólo es posible merced a la exclusión del campo de uno o más conceptos que funcionan como exterior constitutivo (Laclau, 1996).

Los mitos fundantes son ideas que procuran brindar una explicación no sólo de las acciones pasadas, sino también justificar las elecciones presentes y los planes futuros. No es importante si los mitos se asientan sobre datos empíricos o si son producto de una ficción. Basta su mera existencia para que tengan consecuencias materiales. El mito de la nación es operativo independientemente de si una determinada población comparte o no una historia común o que los ciudadanos posean intereses compatibles entre sí. No obstante, como se dijo más arriba, para que los mitos puedan surgir y convertirse en eje de la gramática de un campo es necesario que los actores expulsen, mediante operaciones discursivas, al menos a un concepto que, transformado en anatema, sirva como frontera y punto de referencia negativo. Sólo cuando el campo cuenta con ese exterior constitutivo puede erigir su mito fundante, que siempre aparece como el opuesto positivo de aquello que fue excluido, y desarrollar su lenguaje. Un ejemplo de ello podría ser el caso de la derecha argentina que mediante la expulsión del concepto de populismo logró erigir al republicanismo como mito fundante.

Obviamente, la exclusión de un determinado concepto y la formación del mito fundante tienen implicancias que sobrepasan el momento fundacional (que, en todo caso es lógico antes que cronológico). Sin embargo, se debe ser cuidadoso en lo que respecta a la duración de los efectos de las operaciones de exclusión y mitologización. Las mismas no son eternas ni inmutables; por el contrario, se trata de paradigmas dinámicos, que van cambiando con el tiempo, en buena parte como respuesta a las acciones del campo opuesto, pero también como resultado de las disputas

dentro del campo propio. La dialéctica interna del campo de la derecha resulta particularmente importante a la hora de emprender los análisis empíricos ya que permite pensar campos de derecha históricamente situados con una complejidad más rica que la que podría desprenderse de una concepción esencialista que asimilara derecha a autoritarismo, mercado o inequidad social. Así, se podría estudiar, por ejemplo, el campo de derecha argentina durante el siglo XX como el fruto de la interacción de fuerzas legitimistas (reaccionarias, clericalistas), orleanistas (liberal-conservadoras, neoliberales) y populistas (falangismo, peronismo de derecha).

### **Derechas en acción**

Las dificultades de los estudios de las derechas no se agotan con la delimitación del concepto de derecha. Sobre todo si se acepta la perspectiva adoptada más arriba con respecto al carácter plural e internamente conflictivo del campo de la derecha, parece necesario examinar el amplio abanico de estrategias las derechas tienen a su disposición y que son puestas en práctica de modo alternativo o simultáneo en cada país en diferentes contextos históricos. En este sentido, un buen punto de partida es una presentación analítica simplificada de las distintas estrategias. Luego, corresponde profundizar un poco el análisis en un sentido histórico de modo tal de resaltar cuáles son las modalidades de acción que están más presentes en los últimos años. Finalmente, con ese diagnóstico, se puede proceder (en la siguiente sección) a la formulación de preguntas y problemas que podrían vertebrar una agenda de trabajo comparativo.

### ***Las estrategias de las derechas latinoamericanas***

Siguiendo (con leves modificaciones) a Luna y Kaltwasser (2014a), parece conveniente separar a las estrategias electorales de las no electorales. Es decir, distinguir las acciones dirigidas a conseguir o mantener el poder por los métodos propios de las poliarquías de aquellas que exploran otros caminos.

Entre las estrategias electorales cabe distinguir en primer lugar a las dirigidas a la construcción o el fortalecimiento de partidos que reivindican abiertamente las agendas de las derechas y se plantean de forma deliberada la meta de institucionalizarse. En este caso, puede tratarse nuevos partidos (como el caso de Alianza Republicana Nacionalista en El Salvador) o de partidos tradicionales que son renovados parcial o totalmente (como el partido Democratas en Brasil). En segundo lugar

se debe mencionar a las estrategias electorales menos claras o carentes del objetivo de institucionalizarse, es decir, orientadas a incidir en la coyuntura, ya sea por medio de fuerzas personalistas (como el Partido de la U en Colombia) o mediante frentes electorales orientados por temas concretos o de tinte populista (como el Frente Popular en Perú).

Por otra parte, entre las estrategias no electorales parece relevante distinguir las que apuntan a intervenir directamente en el nivel del Estado de aquellas que procuran influir de forma indirecta. En el primer caso encontramos modalidades muy distintas: desde la ocupación lisa y llana del aparato estatal por medio de un golpe de Estado (un ejemplo prototípico sería el brevísimo gobierno golpista de Pedro Carmona en Venezuela) hasta la incorporación negociada de cuadros dirigentes de la derecha en los gabinetes de gobiernos civiles o militares (como la entrada de economistas liberal-conservadores en distintas administraciones argentinas a partir de los años sesenta). En el segundo caso, la variedad es más amplia todavía. La derecha puede influir indirectamente en el Estado a través de distintas alianzas socio-económicas y socio-políticas, utilizando para ello sus recursos económicos, comunicacionales, culturales y técnicos. Este tipo de estrategia admite modalidades pacíficas e institucionales (como la utilización de los medios masivos de comunicación para hacer avanzar la agenda hacia la derecha), pero también violentas (como el financiamiento de grupos paramilitares en Colombia) y anti-institucionales (como el soporte al movimiento separatista que tuvo lugar en Bolivia en el año 2008).

Obviamente, la distinción analítica de estas estrategias no debe llevar a pensar que las mismas se presentan como alternativas mutuamente excluyentes. En general, el campo de la derecha emplea distintos modos de acción al mismo tiempo, no por una suerte de estrategia conspirativa, sino por su carácter plural y multiforme. Así, en el caso de la Argentina contemporánea, el campo de la derecha procede al mismo tiempo a través de la modalidad electoral (por ejemplo, por medio del partido Propuesta Republicana, PRO), pero también de modo no electoral (por ejemplo, a través de la presión económica sobre el mercado de divisas). En ocasiones, las distintas estrategias no electorales se articulan y consiguen estructurar una fuerza electoral con chances de éxito, como lo muestra el caso de la Mesa de Unidad Democrática de Venezuela. Otras veces, se da el camino inverso: las estrategias electorales no exitosas se desestructuran y comienzan a operar por vías indirectas y fragmentarias, como sucedió con muchos de los miembros de Poder Democrático Social (PODEMOS) de Bolivia.

*¿Una luz en el camino? Del golpismo al compromiso con la poliarquía*

A comienzos del siglo XX, en algunos pocos países de América Latina las derechas fueron capaces de movilizar partidariamente a amplios sectores de la población en defensa de sus intereses. En otros, en cambio, se vieron obligadas a tomar otros caminos. Como sostuvo convincentemente Kevin Middlebrook (2000), del análisis comparativo de la región se desprende que los casos de éxito partidario de las derechas en este período (Chile, Colombia y, parcialmente, Venezuela) se explican por la presencia conjunta de tres factores: la fortaleza inicial de la iglesia católica, la amplitud de las reformas liberales y anti-clericales emprendidas a finales del siglo XIX y las condiciones sociopolíticas e institucionales que permitiesen a los propietarios rurales y a la Iglesia aliarse para formar organizaciones de nivel nacional capaces de movilizar socialmente al campesinado. En otros países (como la Argentina, Brasil o Perú) estos factores no estaban presentes. En la Argentina, por ejemplo, no había una masa campesina suficiente para movilizar y la iglesia católica tenía una posición de relativa debilidad. En Brasil y Perú, en cambio, los conflictos dentro de las elites (entre liberales y reaccionarios) y los prejuicios étnicos fueron determinantes para no movilizar a los esclavos liberados o a los pueblos originarios en defensa de los valores tradicionales. Así, aunque en algunos países se formaron partidos conservadores electoralmente competitivos, en otros la derecha tuvo que recurrir a otros medios para garantizar su permanencia en el poder.

Más allá de recurrir a la práctica de restringir el voto, a partir del final de la primera guerra mundial, las derechas latinoamericanas comenzaron a inclinarse por interrumpir a los gobiernos surgidos de las urnas. Esa forma de acción sirvió como caldo de cultivo para el florecimiento de una derecha nacionalista, autoritaria cercana a las ideas fascistas que tuvo éxito sobre todo en los países del cono sur. La Liga Patriótica en Argentina, el Partido Nacista en Chile, la Acción Integralista en Brasil son buenos ejemplos de la aparición de esa vertiente de derecha en la región (McGee Deutsch, 2005). La difícil convivencia entre esta tipo de nacionalismo y las elites tradicionales produjo ásperas disputas en el campo de la derecha que, en general, fueron saldadas por juegos de alianzas que permitieron excluir o subordinar las fuerzas nacionalistas. De todos modos, es claro que en el período que va entre 1920 y 1980, las derechas latinoamericanas, cuando se enfrentaron a resultados adversos en las urnas, optaron por mantener el poder por la vía de las intervenciones militares y los *putschs* palaciegos. Esto es, con pocas excepciones, en los países de la región primaron las estrategias no electorales y no democráticas (Lewis, 2006). En parte por ello, cuando el subcontinente retornó al camino de la poliarquía, varios analistas políticos auguraron un tiempo de ostracismo para las derechas que -se temía- sería seguido por un retorno a la vía pretoriana. Sin embargo, y a pesar de que los procesos de transición distaron de carecer de sobresaltos y problemas, no sólo las democracias latinoamericanas se afincaron con más facilidad de la esperada sino

que, además, las derechas mostraron que tenían recursos suficientes para llevar adelante con relativo éxito distintas estrategias no del todo reñidas con las instituciones democráticas (Mainwaring, 1995; Gibson, 1996b).

Así, en Brasil y Chile, que venían de experimentar dictaduras particularmente extensas, las derechas se inclinaron por distintas estrategias electorales que, a pesar de explicitar sus vínculos con los regímenes dictatoriales, resultaron relativamente exitosas (Garretón, 2000; Mainwaring, Meneguello y Power, 2000). En otros países de la región, los intentos de las fuerzas de derecha por movilizar electoralmente a una parte mayoritaria de la población resultaron infructuosos: ni la Unión del Centro Democrático en Argentina ni el Partido Popular Cristiano en Perú pudieron mantenerse frente a la hegemonía de los partidos tradicionales (Gibson, 1996a; Mainwaring, Bejarano y Pizarro Leongómez, 2006). Sin embargo, en ninguno de estos casos, los cuadros dirigentes se inclinaron por retomar estrategias golpistas, en parte al menos porque si bien sus fuerzas partidarias habían sido ampliamente derrotadas, las opciones electorales populistas que ellos más temían no resultaron triunfantes. En lugar de volver su mirada hacia las fuerzas armadas una vez más o presionar directamente sobre el Estado Nacional, los líderes de estas agrupaciones ensayaron otras modalidades, como el “entrismo” (es decir, el posicionamiento de líderes y equipos propios en partidos ajenos) y el acercamiento a las redes internacionales de *think tanks* de derecha (Fischer y Plehwe, 2013).

La perseverancia de las fuerzas derechistas en modalidades de acción *a priori* compatibles con la democracia no debe ser subestimada, pero tampoco sobrevaluada, ya que existen claros indicios de connivencia entre esa derecha político-electoral y una derecha extra-política que actuó por medio de la presión económica para facilitar el debilitamiento de los nuevos gobiernos democráticos, tornando más eficientes a las estrategias no electorales como el entrismo y poniendo así en entredicho buena parte de las promesas de representación implícitas en los recientemente recuperados regímenes democráticos (Stokes, 2001; Garretón, 2003). Efectivamente, desde fines de los años ochenta, fue quedando claro que los países latinoamericanos se inclinaban ante el poder del campo de la derecha, hegemonizado por vertientes orleanistas que ahora predicaban una gramática consistente basada en la teoría neoliberal (Boron, 2003; Morresi, 2008). En algunos países (como El Salvador) un partido de derecha estaba en el poder; en otros (como en Argentina y Brasil) fueron fuerzas políticas que no eran claramente de derecha las que se encargaron de implementar las reformas popularmente conocidas como el Consenso de Washington (Conaghan, Malloy y Abugattas, 1990; Weyland, 1998; Armijo y Faucher, 2002).

En cierto sentido, el debate sobre el legado de la “década neoliberal” no ha sido del todo saldado, pero parece claro que los resultados obtenidos distan mucho de las promesas que se realizaron. Al final de los noventa, la pobreza, la desigualdad y la inseguridad habían aumentado mientras que los niveles de empleo, participación política y desarrollo económico habían bajado (Weyland, 2004; Macdonald y Rückert, 2009; Levitsky y Roberts, 2011a). Para quienes apoyaron el ciclo, el desenlace tuvo un sabor agrio (Walton, 2004); para aquellos que lo combatieron activamente, las secuelas fueron de una envergadura incalculable, pero tuvieron la virtud de apuntalar lo que se dio en llamar una “marea rosa” a comienzos del siglo XXI (Sader, 2008). Sin embargo, como ya se dijo, el giro a la izquierda no debe ocultar la persistencia del campo de la derecha, que tiene un amplio espectro de modos de acción disponibles para hacer avanzar su agenda y cuenta con los recursos para ponerlos en práctica.

### ***Los nuevos caminos de la derecha latinoamericana***

Durante los últimos años la derecha electoral latinoamericana se ha puesto a la defensiva. Una mirada rápida al mapa político permite dar cuenta de que, con contadas excepciones, los partidos de derecha (incluyendo a los partidos personalistas y los frentes electorales coyunturales) han sido derrotados por fuerzas de izquierda o centro-izquierda a lo largo de todo el subcontinente. Sin embargo, sería un error grueso concluir que el campo de la derecha está en retirada. De hecho, no hace falta un análisis particularmente sofisticado para percibir que el campo de la derecha se ha adaptado al nuevo escenario y viene demostrando su capacidad para encuadrar la agenda política latinoamericana. Ciertamente, ya no se trata de un espacio hegemonizado por la gramática neoliberal, sino de un terreno en proceso de transformación, en el que las diferentes derechas puján por el dominio y adoptan estrategias que -aunque puedan parecer erráticas a primera vista- convergen en mantener la fuerza del campo de la derecha. Conviene aquí puntualizar brevemente tres de esas estrategias con algunos ejemplos.

En primer lugar cabe señalarse la opción por modos de acción política no electoral indirecta. En la mayoría de los países de América Latina en los que las derechas están fuera del gobierno, se han ensayado distintas estrategias orientadas a influir indirectamente en el Estado, bien a través de acciones de protesta (con modalidades similares a las que habían sido empleadas en la década anterior por fuerzas de izquierda) o bien a través de la búsqueda de influencia por los medios masivos de comunicación o las redes transnacionales de *think tanks*. Un buen ejemplo del empleo de

esta estrategia son las manifestaciones públicas en demanda de seguridad y medidas más duras contra los delincuentes que se ven reforzadas por las denuncias en los medios informativos y por las recomendaciones de mano dura emanadas desde las usinas de ideas de la derecha (Galar, 2009; Meléndez, 2014). El discurso neopunitivo se ha demostrado exitoso al punto de ser adoptado incluso por los líderes políticos que se autoposicionan a la izquierda y ha redundado en la instauración de políticas públicas claramente regresivas (Kessler, 2014).

En segundo lugar, y en parte como consecuencia de la estrategia anterior) se puede apuntar a la opción de la derecha por la competencia electoral por medio de partidos personalistas o por frentes electorales coyunturales de tipo bonapartista que intentan trascender (al menos discursivamente) el clivaje izquierda/derecha. Si bien en toda la región latinoamericana se verifica la tendencia de los dirigentes partidarios a autoubicarse en el centro, los cuadros de las derechas tienden a hacerlo en mayor medida que sus colegas de la izquierda (Colomer y Escatell, 2005). La voluntad de considerar superada la distinción entre izquierdas y derechas se ve, en ocasiones facilitada por ciertas modalidades de acción vinculadas al gobierno local y a la política de cercanía (Gallo, 2008; Cheresky y Anunziata, 2013). En este mismo sentido, también vale la pena resaltar que, ante el triunfo de las izquierdas, las derechas han optado por apuntar a un crecimiento electoral gradual, buscando afinarse primero en los gobiernos municipales, departamentales o provinciales (como lo había hecho la izquierda en los años del neoliberalismo). En ocasiones, estos gobiernos locales se convierten en base de operaciones de una estrategia electoral nacional (como el caso del Partido Acción Nacional de México) o de múltiples modos de acción no electoral (como Verdad y Democracia Social en Bolivia).

Finalmente vale la pena mencionar que en algunos países de América Latina las fuerzas del campo de la derecha se han ido alejando, al menos en términos discursivos, de posturas reaccionarias, pero al mismo tiempo han logrado que los gobiernos de izquierda adopten parte importante de su agenda. En este sentido, debe resaltarse la provocativa hipótesis de Kurt Weyland (2011), que sostiene que debido al pobre desempeño de las izquierdas claramente anti-neoliberales (como por ejemplo, el caso de Venezuela) y a la mejor performance relativa de los gobiernos más moderados (como el caso de Brasil), podría darse el caso de que el giro a la izquierda terminase por apuntalar las medidas pro-mercado en lugar de reforzar el paradigma estatista que imperó en América Latina hasta los años setenta. En efecto, en tanto que las izquierdas no radicalizadas continúan mostrando la compatibilidad de la centralidad del mercado con el financiamiento de políticas públicas de inclusión social que morigeran los efectos más lacerantes del neoliberalismo, se facilita el creci-

miento de una suerte de “derecha sensible” dispuesta a aceptar y adoptar medidas redistributivas (Roberts, 2014). Al respecto, puede apuntarse que algunos estudios muestran que las elites dirigentes de partidos de la derecha latinoamericanos tienen una visión positiva del rol del Estado para impulsar políticas de inclusión social (Morresi y Vommaro, 2014). Por supuesto, este acuerdo no implica que las fuerzas de derecha dejen de considerar al mercado como el mejor asignador de recursos posible, sino apenas una versión *aggiornada* de la defensa de las políticas focalizadas que venían siendo impulsadas por el Banco Mundial desde la década del noventa (Banco Mundial, 1997; Weyland, Madrid y Hunter, 2010).

### **Democracia y derechas**

A partir de lo expuesto en estas páginas deberían quedar claras algunas cuestiones. En primer lugar que, aún cuando en el contexto actual hay buenos motivos para inclinarse por el estudio de las izquierdas que han llegado al poder en buena parte de la región, el estudio de las derechas políticas latinoamericanas continúa teniendo relevancia. En segundo término, que el análisis de las derechas implica de forma necesaria una discusión teórica relevante acerca de la definición misma de derecha. Aquí se ha intentado apuntalar una perspectiva históricamente situada y plural de las derechas. Justamente porque se optó por una visión no esencialista de las derechas, se tornó imprescindible examinar las distintas estrategias que el campo de la derecha fue adoptando en América Latina durante los últimos años. Finalmente, también debería quedar en claro que de la consideración de las modalidades de acción de las derechas es posible extraer ideas que pueden transformarse en una hipótesis de trabajo comparativo. En este sentido, y aunque no hay espacio más que para enunciar una propuesta esquemática, parece interesante finalizar esta presentación con el planteo tentativo de una futura investigación.

Como se vio en este trabajo, las derechas han adoptado distintas modalidades de acción en diferentes situaciones geohistóricas. Sin embargo no está claro si la opción por una estrategia en desmedro de otra fue el producto de la dinámica interna del campo de la derecha, el fruto de los desafíos plantados desde la izquierda o alguna combinación específica de la interacción interna-externa. Por otra parte, también resulta interesante poner en la agenda la pregunta sobre la eficacia de cada tipo de modalidad (electoral y no electoral) en contextos similares: ¿la agenda de la derecha tiene más chances de avanzar buscando influir indirectamente sobre el Estado que intentando acceder a él por medio de los votos? Finalmente, y sobre todo a la luz de algunas recaídas hacia modalidades de acción claramente antidemocráticas, parece pertinente abrir un interrogante sobre



el impacto de las estrategias de las derechas en la continuidad y la calidad de los regímenes poliárquicos de la región. Este último punto tiene, por un lado, relevancia teórica, ya que no sólo apunta a volver a poner sobre el tapete discusiones clásicas sobre las derechas y la democracia, sino que también puede servir como insumo para ampliar las discusiones que muchos especialistas están realizando a propósito del avance de las derechas populistas europeas. Por otra parte, esta disusión tiene, evidentemente, una relevancia práctica ya que permitiría tener una mejor comprensión de los retos que podrían tener que enfrentar nuestras democracias en un futuro cercano.

### Referencias Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. y HORKHEIMER, Max (1994); *Dialéctica de la Ilustración: fragmentos filosóficos*, traducido por Juan José Sánchez Villalba, Trotta, Madrid.

ARMIJO, Leslie Elliott y FAUCHER, Philippe, (2002); “‘We Have a Consensus’: Explaining Political Support for Market Reforms in Latin America” en *Latin American Politics and Society*, Miami, American Studies at the University of Miami, vol. 44, nº 2, Miami, pp. 1-40.

BANCO MUNDIAL (1997); *The State in a changing World*, Oxford University Press - World Bank, Washington, D.C.

BARTOLINI, Stefano y MAIR, Peter (2007); *Identity, competition and electoral availability: the stabilisation of European electorates 1885-1985*, ECPR Press, Colchester.

BEASLEY-MURRAY, Jon, CAMERON, Maxwell A. y HERSHBERG, Eric, (2009); “Latin America's Left Turns: an introduction” en *Third World Quarterly*, vol. 30, nº 2, pp. 319-330.

BOBBIO, Norberto (1995); *Derecha e izquierda: razones y significados de una distinción política*, Taurus, Buenos Aires.

BORON, Atilio Alberto (2000); “Ruling without a Party. Argentine Dominant Classes in the twentieth Century” en Kevin J. Middlebrook (ed.), *Conservative Parties, the Right, and Democracy in Latin America*, p. 139-163, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

BORON, Atilio Alberto (2003); *Estado, Capitalismo y Democracia en América Latina*, CLACSO, Buenos Aires.

BORON, Atilio Alberto, GAMBINA, Julio C. y MINSBURG, Naúm (eds.) (1999); *-Tiempos violentos: neoliberalismo, globalización y desigualdad en América Latina*, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - EUDEBA, Buenos Aires.

BOURDIEU, Pierre y WACQUANT, Loïc (2005); *Una invitación a la sociología comprensiva*, Siglo XXI, Buenos Aires.

CAMERON, Maxwell A., (2009); “Latin America's Left Turns: beyond good and bad” en *Third World Quarterly*, vol. 30, nº 2, pp. 331-348.

CASTAÑEDA, Jorge G., (2006); “Latin America's Left Turn” en *Foreign Affairs*, Council on Foreign Relations, vol. 85, nº 3, pp. 28-43.

CASTAÑEDA, Jorge y MORALES, Marco (eds.) (2007); *Leftovers: tales of the two Latin Ameri-*

*can lefts*, Routledge, London.

CHERESKY, Idisodoro y ANUNZIATA, Rocío (eds.) (2013); *Sin Programa, Sin Promesa*, Prometeo, Buenos Aires.

COFRANCESCO, Dino (1984); *Destra e sinistra: per un uso critico di due termini-chiave*, Bertani, Verona.

COFRANCESCO, Dino (1986); “Fascismo: destra o sinistra” en K. D. Bracher y L. Valiani (eds.), *Fascismo e Nazionalsocialismo*, p. 55-140, Il Mulino, Bologna.

COLOMER, Josep Maria y ESCATEL, Luis E., (2005); “La dimensión izquierda-derecha en América Latina” en *Desarrollo Económico*, Instituto de Desarrollo Económico y Social, vol. 45, nº 177, pp. 123-136.

CONAGHAN, Catherine M., MALLOY, James M. y ABUGATTAS, Luis A., (1990); “Business and the 'Boys': The Politics of Neoliberalism in the Central Andes” en *Latin American Research Review*, pp. 3-30.

DOWNS, Anthony (1973); *Teoría económica de la democracia*, Luis Adolfo Martín Merino (ed.), Aguilar, Madrid.

EAGLETON, Terry (1997); *Ideología*, Paidós, Barcelona.

EATON, Kent (2014); “New Strategies of the Latin American Right. Beyond Parties and elections” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *The Resilience of the Latin American Right*, p. 75-93, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

EATWELL, Roger (1990); “The Right as a Variety of “Styles of Thought”” en Roger Eatwell y Noël O'Sullivan (eds.), *The Nature of the right: American and European politics and political thought since 1789*, p. 62-76, Twayne Publishers, Boston.

EATWELL, Roger (ed.) (1994); *Contemporary political ideologies*, Printer Publishers, London.

EATWELL, Roger y O'SULLIVAN, Noël (eds.) (1990); *The Nature of the right: American and European politics and political thought since 1789*, Twayne Publishers, Boston.

FISCHER, Karin y PLEHWE, Dieter, (2013); “Redes de think tanks e intelectuales de derecha en América Latina” en *Nueva Sociedad*, Caracas, nº 245, Caracas, pp. 70-86.

FRANZMANN, Simon y KAISER, André, (2006); “Locating Political Parties in Policy Space: A Reanalysis of Party Manifesto Data” en *Party Politics*, London, Sage Publications, vol. 12, nº 2, London, pp. 163-188.

FREEDEN, Michael (1996); *Ideologies and Political Theory*, Oxford University Press, Oxford.

GALAR, Santiago, (2009); “Movilización colectiva, acción política y percepción del delito: La justicia y la seguridad como objetos de disputa simbólica y política en la Argentina democrática” en *Cuestiones de sociología: Revista de estudios sociales*, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Sociología, nº 5, pp. 145-164.

GALLO, Adriana, (2008); “El discurso político de la centroderecha argentina o la anulación de la alteridad izquierda-derecha” en *Revista SAAP*, Buenos Aires, SAAP, vol. 3, nº 2, Buenos Aires, pp. 287-312.

GARRETÓN, Manuel Antonio (2000); “Atavism and Democratic Ambiguity in the Chilean

Right” en Kevin J. Middlebrook (ed.), *Conservative parties, the right, and democracy in Latin America*, p. 53-79, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

GARRETÓN, Manuel Antonio (2003); *Incomplete democracy political democratization in Chile and Latin America*, traducido por R. K. Washbourne & Gregory Horvath, The University of North Carolina Press, Chapel Hill.

GIBSON, Edward L., (1990); “Democracy and the New Electoral Right in Argentina” en *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, vol. 32, n° 3, pp. 177-228.

GIBSON, Edward L (1996a); *Class and conservative parties: Argentina in comparative perspective*, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

GIBSON, Edward L. (1996b); “Conservative Party Politics in Latin America: Patterns of Electoral Mobilization in the 1980s and 1990s” en Jorge I. Domínguez y Abraham F. Lowenthal (eds.), *Constructing Democratic Governance. Latin American and the Caribbean in the 1990s - Themes and Issues*, p. 26-41, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

HIRSCHMAN, Albert O. (1991); *The rhetoric of reaction: perversity, futility, jeopardy*, Belknap Press, Cambridge, Mass..

IGNAZI, Piero (2006); *Extreme right parties in Western Europe*, Oxford University Press, Oxford.

KAUFMAN, Robert R. (2011); “The Political Left, the Export Boom, and the Populist Temptation” en Steven Levitsky y Kenneth M. Roberts (eds.), *The resurgence of the Latin American Left*, p. 71-92, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

KESSLER, Gabriel (2014); *Controversias sobre la desigualdad. Argentina, 2003-2013*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.

KLINGEMANN, Hans-Dieter *et al* (2001); *Mapping policy preferences: estimates for parties, electors, and governments, 1945-1998*, Oxford University Press, Oxford & New York.

LACLAU, Ernesto (1996); *Emancipación y diferencia*, Ariel, Buenos Aires.

LAKOFF, George y JOHNSON, Mark (2003); *Metaphors we live by*, University of Chicago Press, Chicago.

LARRAÍN, Jorge (1983); *Marxism and ideology*, Macmillan, London.

LEIRAS, Marcelo, (2007); “Latin America's Electoral Turn: Left, Right, and Wrong” en *Constellations*, Wiley Online Library, vol. 14, n° 3, pp. 398-408.

LEVITSKY, Steven y MURILLO, María Victoria (eds.) (2005); *Argentine democracy: the politics of institutional weakness*, Pennsylvania State University Press, University Park, PA.

LEVITSKY, Steven y ROBERTS, Kenneth M. (2011a); “Latin America's "Left Turn". A Framework for Analysis” en Steven Levitsky y Kenneth M. Roberts (eds.), *The resurgence of the Latin American Left*, p. 1-28, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

LEVITSKY, Steven y ROBERTS, Kenneth M. (eds.) (2011b); *The resurgence of the Latin American Left*, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

LEWIS, Paul H (2006); *Authoritarian regimes in Latin America : dictators, despots, and tyrants*, Rowman & Littlefield, Lanham.

LUNA, Juan Pablo y FILGUEIRA, Fernando, (2009); “The Left Turns as Multiple Paradigmatic Crises” en *Third World Quarterly*, vol. 30, n° 2, pp. 371-395.

LUNA, Juan Pablo y ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal (2014a); “Right (and Left) in Contemporary Latin America” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *The Resilience of the Latin American Right*, p. 347-365, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

LUNA, Juan Pablo y ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal (2014b); “The Right in Contemporary Latin America. A Framework for Analysis” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *The Resilience of the Latin American Right*, p. 1-22, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

MACDONALD, Laura y RÜCKERT, Arne (eds.) (2009); *Post-neoliberalism in the Americas*, Palgrave Macmillan, .

MAINWARING, Scott, (1995); “Democracy in Brazil and the Southern Cone: Achievements and Problems” en *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, Center for Latin American Studies at the University of Miami, vol. 37, n° 1, pp. 113-179.

MAINWARING, Scott, BEJARANO, Ana María y PIZARRO LEONGÓMEZ, Eduardo (eds.) (2006); *The crisis of democratic representation in the Andes*, Stanford University Press, Stanford.

MAINWARING, Scott, MENEGUELLO, Rachel y POWER, Timothy J. (2000); “Conservative Parties, Democracy, and Economic Reform in Contemporary Brazil” en Kevin J. Middlebrook (ed.), *Conservative parties, the right, and democracy in Latin America*, p. 164-222, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

MAIR, Peter (1997); *Party system change: approaches and interpretations*, Clarendon Press, Oxford.

MARX, Karl (1955); “El 18 Brumario de Luis Bonaparte” en *Carlos Marx y Federico Engels, Obras Escogidas*, Editorial Progreso, Moscú.

MARX, Karl (2002); *Crítica de la Filosofía del Estado de Hegel*, Biblioteca Nueva, Madrid.

MARX, Karl y ENGELS, Friedrich (1955); “El manifiesto Comunista” en *Carlos Marx y Federico Engels, Obras Escogidas*, Editorial Progreso, Moscú.

MCGEE DEUTSCH, Sandra (2005); *Las derechas. La extrema derecha en la Argentina, Chile y Brasil 1890-1939*, traducido por Julio C. Cortés, Universidad Nacional de Quilmes, Bernal.

MELÉNDEZ, Carlos (2014); “The “Right” Track in Post Party System Collapse Scenarios. The cases of Peru, Bolivia, and Venezuela ” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *Bringing the Right Back In. The Politics of Conservative Strength amidst Latin America's Turn to the Left*, Johns Hopkins University Press, forthcoming, Baltimore.

MIDDLEBROOK, Kevin J. (2000); “Introduction: Conservative Parties, Elite Representation, and Democracy in Latin America” en Kevin J. Middlebrook (ed.), *Conservative parties, the right, and democracy in Latin America*, p. 1-50, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

MINKENBERG, Michael, (2000); “The Renewal of the Radical Right: Between Modernity and Anti-modernity” en *Government and Opposition*, Cambridge University Press, vol. 35, n° 02, pp. 170-188.

MINKENBERG, Michael y INGLEHART, Ronald (1989); “Neoconservatism and Value Change

in the USA: Tendencies in the Mass Public of a Postindustrial Society” en John R. Gibbins (ed.), *Contemporary Political Culture. Politics in a Postmodern Age*, p. 81-109, Sage, London.

MORRESI, Sergio Daniel (2008); *La nueva derecha argentina y la democracia sin política*, Biblioteca Nacional - UNGS, Buenos Aires.

MORRESI, Sergio Daniel (2012); "La protesta de la derecha argentina después de 2001", en *Panel: Morfologías de la acción colectiva después de 2001*, Instituto Gino Germani de la Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

MORRESI, Sergio Daniel y VOMMARO, Gabriel (2014); “Argentina. The Difficulties of the Partisan Right and the Case of *Propuesta Republicana*” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *The Resilience of the Latin American Right*, p. 319-345, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

OSTIGUY, Pierre (2009); “Argentina’s Double Political Spectrum: Party System, Political Identities, and Strategies, 1944-2007” en *Kellogg Institute Working Paper n°361*, .

POCOCK, J. G. A. (1972); “Languages and their implications: The Transformation of the Study of Political Thought” en *Politics, Language and Time*, Methuen, London.

RÉMOND, René (2007); *Les droites aujourd'hui*, Éd. L. Audibert, Paris.

ROBERTS, Kenneth M. (2014); “Democracy, Free Markets and the Right Dilemma in Latin America” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *The Resilience of the Latin American Right*, p. 25-47, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

ROKEACH, Milton (1973); *The nature of human values*, New York, Free Press.

ROMERO, José Luis (1970); *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*, Paidós, Buenos Aires.

SADER, Emir (2008); *Refundar el Estado: posneoliberalismo en América Latina*, CLACSO-Ediciones CTA, Buenos Aires.

SARTORI, Giovanni (2002); *Elementos de teoría política*, traducido por María Luz Morán, Alianza Editorial, Madrid.

STOKES, Susan Carol (2001); *Mandates and democracy: neoliberalism by surprise in Latin America*, Cambridge University Press, Cambridge & New York.

VON HAYEK, Friedrich August (1976); *Law, legislation and liberty: The mirage of social justice*, The University of Chicago Press, Chicago.

WALTON, Michael, (2004); “Neoliberalism in Latin America: Good, Bad, or Incomplete?” en *Latin American Research Review*, The Latin American Studies Association, vol. 39, n° 3, pp. 165-183.

WEYLAND, Kurt, (1998); “Swallowing the Bitter Pill: Sources of Popular Support for Neoliberal Reform in Latin America” en *Comparative Political Studies*, vol. 31, n° 5, p. 539.

WEYLAND, Kurt, (2004); “Neoliberalism and Democracy in Latin America: A Mixed Record” en *Latin American Politics and Society*, vol. 46, n° 1, pp. 135-157.

WEYLAND, Kurt (2011); “The Left: Destroyer or savior of the market model” en Steven Levitsky y Kenneth M. Roberts (eds.), *The resurgence of the Latin American Left*, p. 71-92, Johns

Hopkins University Press, Baltimore.

WEYLAND, Kurt, MADRID, Raúl L. y HUNTER, Wendy (eds.) (2010); *Leftist governments in Latin America: successes and shortcomings*, Cambridge University Press, Cambridge & New York.

WILLS-OTERO, Laura (2014); “Colombia. Analyzing the Strategies for Political Action of Álvaro Uribe's Government” en Juan Pablo Luna y Cristóbal Rovira Kaltwasser (eds.), *The Resilience of the Latin American Right*, p. 194-215, Johns Hopkins University Press, Baltimore.

ŽIŽEK, Slavoj (ed.) (1994); *Mapping ideology*, Verso, London & New York.